

CASAL PARTOU

NÔMADE DIGITAL

Trabalhe de qualquer lugar
e viaje o quanto quiser

Vinícius Teles



Fotos: Patricia Figueira

PARTICIPAÇÃO DE 44 NÔMADES DIGITAIS BRASILEIROS

Dedicatória

Esse livro é dedicado a Pati, minha companheira de aventuras pelo mundo.

Agradecimentos

Esse livro não existiria se Pati não tivesse a coragem de buscar novos rumos e mudar. Sem ela, não haveria Casal Partiu.

Foram dois anos de trabalho em tempo integral. O suporte e a ajuda de Pati foram essenciais para esse projeto chegar ao fim. A ela dedico o maior agradecimento.

Os nômades digitais que participam deste livro deram uma contribuição inestimável, como você verá nas próximas páginas. Agradeço a cada um deles pelo tempo que dedicaram e por tudo o que compartilharam.

Nos primeiros meses deste projeto, quando eu imaginava que seria possível concluí-lo em apenas seis meses, fizemos uma pré-venda. Mais de cem pessoas acreditaram no projeto em sua etapa inicial e compraram o livro muito antes de ele ficar pronto. São pessoas maravilhosas que esperaram pacientemente para recebê-lo dois anos depois.

Agradeço a cada um destes compradores por confiar em mim e acreditar em meu trabalho. Assim como agradeço a você pela leitura que fará a seguir.

Ao longo do caminho, diversas pessoas contribuíram com revisões do texto. Em especial, agradeço ao escritor Gabriel Torres. Ele é um dos nômades apresentados no livro. Sua ajuda fez toda a diferença na fase inicial da revisão. Além dele, agradeço também a Sonja Leser, Felipe Pavão, Marcelo Tacuchian, Guilherme Ribeiro e Oséas Santana.

Tina Zazyki, obrigado por seu apoio a todo momento e pelas inúmeras sugestões valiosas.

Família e amigos, muito obrigado pelo suporte, pela paciência e pelo carinho.

Casal Partiu

Acompanhe nosso trabalho em casalpartiu.com.br e nas redes sociais:

- Fotos: flickr.com/photos/casalpartiu/albums
- Instagram: instagram.com/casalpartiu
- YouTube: youtube.com/CasalPartiu
- Facebook: facebook.com/CasalPartiu
- Twitter: twitter.com/casalpartiu

Conecte-se também com cada um de nós dois.

- Patricia Figueira: patriciafigueira.com.br
- Vinícius Teles: viniusteles.com.br

Você tem o que é preciso para ser nômade digital?

Faça uma [autoavaliação gratuita](#) e descubra em: nomadedigital.com.br.

Sinta-se à vontade para entrar em contato com a gente. Adoramos fazer amigos. Nosso email é: contato@casalpartiu.com.br.

Sumário

Volume I - Nômades Digitais Brasileiros

Capítulo 1 - Carolina e Denny.

Capítulo 2 - Bruno Fraga

Capítulo 3 - Mirella e Romulo

Capítulo 4 - Babi e Vagner

Capítulo 5 - Thaisy e Roger

Capítulo 6 - Ana Paula e Cleivson

Capítulo 7 - Larissa e Carlos

Capítulo 8 - Dan Cortazio

Capítulo 9 - Debbie e Felipe

Capítulo 10 - Mariana Pimenta

Capítulo 11 - Natalie e Robson

Capítulo 12 - Paula e Renan

Capítulo 13 - Tamara e Rafael

Capítulo 14 - Mariana e Eduardo

Capítulo 15 - Helvio Gregorio

Capítulo 16 - Nini e Vinny.

Capítulo 17 - Bruna Caricati

Capítulo 18 - Ana e Rômolo

Capítulo 19 - Gabriel Torres

Capítulo 20 - Álvaro Justen

Capítulo 21 - Dani e Leo

Capítulo 22 - Marcus Lucas

Capítulo 23 - Rachel e Leo

Capítulo 24 - Diogo Kyrillos

Volume II - A História do Casal Partiu

[Capítulo 1 - Nossa vida não tão convencional](#)

[Capítulo 2 - Transição para a vida nômade - Fase 0 \(2010\)](#)

[Capítulo 3 - América do Sul e Europa - Fase 1 \(2011\)](#)

[Ficha técnica da fase 1](#)

[Capítulo 4 - Volta ao mundo - Fase 2 \(2012\)](#)

[Ficha técnica da fase 2](#)

[Capítulo 5 - Turquia e Argentina - Fase 3 \(2013\)](#)

[Ficha técnica da fase 3](#)

[Capítulo 6 - Leste Europeu - Fase 4 \(2014\)](#)

[Ficha técnica da fase 4](#)

[Capítulo 7 - Sudeste Asiático e Leste Europeu - Fase 5 \(2014, 2015 e 2016\)](#)

[Ficha técnica da fase 5](#)

[Capítulo 8 - América do Sul - Fase 6 \(2016\)](#)

[Ficha técnica da fase 6](#)

[Capítulo 9 - Leste Europeu - Fase 7 \(2017\)](#)

[Ficha técnica da fase 7](#)

[Volume III - Guia Completo do Nômade Digital](#)

[Parte 1 - Introdução](#)

[Capítulo 1 - Nômade Digital](#)

[Capítulo 2 - Cotidiano](#)

[Parte 2 - Trabalho](#)

[Capítulo 3 - Emprego remoto](#)

[Capítulo 4 - Empreendimento](#)

[Capítulo 5 - Freelancer](#)

[Capítulo 6 - Negócio digital](#)

[Parte 3 - Viagem](#)

[Capítulo 7 - Próximo destino](#)

[Capítulo 8 - Deslocamento](#)

[Capítulo 9 - Airbnb](#)

[Capítulo 10 - Outros tipos de acomodação](#)

[Capítulo 11 - Burocracia](#)

[Capítulo 12 - Bagagem](#)

[Capítulo 13 - Telefonia](#)

[Capítulo 14 - Mudança para o próximo destino](#)

[Parte 4 - Segurança](#)

[Capítulo 15 - Digital](#)

[Capítulo 16 - Física](#)

[Parte 5 - Dinheiro](#)

[Capítulo 17 - Conceitos básicos](#)

[Capítulo 18 - Dinheiro convencional](#)

[Capítulo 19 - Dinheiro digital](#)

[Capítulo 20 - Riqueza](#)

[Parte 6 - Final](#)

[Capítulo 21 - Relacionamentos](#)

[Capítulo 22 - Saúde](#)

[Capítulo 23 - Transição](#)

Vinícius Teles

NÔMADE DIGITAL

Trabalhe de qualquer lugar e viaje o quanto quiser

CASAL PARTOU 

NÔMADE DIGITAL

Vinícius Teles

2017

©2017, Vinícius Teles. Todos os direitos reservados. É proibido copiar ou reproduzir o conteúdo deste livro, seja qual for a sua finalidade.

O autor não se responsabiliza pelo uso das informações contidas neste livro nem por decisões que porventura sejam tomadas após a sua leitura.

VOLUME I
Nômades Digitais Brasileiros

Capítulo 1

Carolina e Denny

[Carolina Marques](#), 27, tradutora
[Denny Serejo](#), 26, desenvolvedor de software

Instagram: [Na Palma do Mundo](#)
Moravam em: São Paulo, SP
Tempo de transição: 9 meses
Início da vida nômade: maio/2015
Receita: trabalho *freelance*
Orçamento mensal médio: €1800
Entrevista: 16/02/2016
Revisão e atualização: 27/03/2017

História

Insatisfação profissional é uma realidade na vida de muita gente. Carol e Denny, embora fossem novos e só estivessem trabalhando há pouco mais de três anos, sentiam que não poderiam sustentar aquela vida por mais tempo. O que não imaginavam é que poderiam chegar tão longe, de forma tão rápida, quando decidiram mudar de vida.

Carol é de São Paulo. Formou-se em administração e foi trabalhar em um grande banco na área de financiamento para empresas de importação e exportação. Denny é de Campo Grande (MS). Mudou-se para São Paulo aos 18 anos para estudar engenharia. Depois foi trabalhar com desenvolvimento de software para o mercado financeiro.

Foram precisos poucos anos de trabalho para perceberem que aquela vida não fazia sentido. Estavam frustrados por ter de ficar a maior parte do dia trancados em um escritório fazendo algo de que não gostavam.

Começaram a discutir alternativas. Pensaram em fazer concurso público. Achavam que, nesse caso, provavelmente detestariam o trabalho da mesma forma, porém ganhariam melhor e teriam de trabalhar menos. Começaram a estudar para concurso, mas logo perceberam que aquilo não era para eles. Pensando melhor, Denny deu-se conta de que não conseguiria se ajustar a um emprego público. Ele não consegue se acomodar e acredita que teria dificuldade para lidar com o ritmo do serviço público.

Foram para o extremo oposto: empreender. Pensaram em criar um negócio próprio, contudo se assustaram quando começaram a estudar e descobriram os desafios que os empreendedores enfrentam no Brasil. Viram que a taxa de mortalidade das empresas é enorme. Até que descobriram o caminho das franquias. Pareciam oferecer perspectivas melhores. Mergulharam fundo nas pesquisas e ficaram indecisos entre duas franquias em Campo Grande, onde mora a família de Denny. Por fim, desistiram da ideia.

Em junho de 2014, conseguiram tirar férias juntos. Foram para a Índia e passaram 15 dias lá. Adoraram a viagem e ficaram frustrados por ter de encerrá-la tão cedo. Chegaram ao Brasil e viram que não dava mais para voltar àquela vida profissional que detestavam. Precisavam fazer algo a respeito.

Transição para a vida nômade

Tiveram a ideia de fazer uma volta ao mundo de um ano. Iriam juntar tanto dinheiro quanto possível e embarcar na aventura. Em agosto de 2014, pouco tempo depois de retornarem da Índia, começaram a se planejar para dar a partida a uma volta ao mundo sete meses depois, em março de 2015.

Havia um problema nessa ideia. Se já tinham ficado arrasados no regresso de uma viagem de 15 dias, como superariam o retorno de uma volta ao mundo? Começaram a pesquisar soluções e se depararam com o conceito de nômade digital no [blog de Fernanda Neute](#).

No princípio, não acreditaram que este estilo de vida pudesse funcionar para eles. Estavam enganados. Logo iriam se tornar referências para outros aspirantes a nômades digitais. Gostaram da ideia de fazer algum trabalho durante a viagem. Isso lhes ajudaria a equilibrar as despesas e passar mais tempo na estrada.

Juntariam dinheiro e partiriam com uma reserva financeira sólida. Ao mesmo tempo, buscariam trabalho *freelance* para fazer durante a jornada que gerasse receita suficiente para não tocarem no dinheiro guardado.

Trabalho *freelance*

Carol começou primeiro, em novembro de 2014. Criou um perfil no [Eance](#) e outro no [oDesk](#), dois sites populares para buscar trabalhos *freelance* que depois se fundiram e se transformaram no [Upwork](#). Ela pesquisou os tipos de trabalho para os quais havia maior demanda nas plataformas. Dentre os disponíveis, percebeu que só poderia escrever e fazer traduções. Além de falar inglês, Carol também fala espanhol. Durante a faculdade, fez um intercâmbio e estudou um semestre inteiro em Barcelona, na Espanha.

Denny podia continuar a trabalhar como programador, contudo teria de aprender a programar para a *web*. No banco, só trabalhava com programação para *desktop*. Algo que não tem muita demanda nas plataformas de trabalho *freelance*. Planejou passar alguns meses estudando [PHP](#) antes de buscar um trabalho como *freelancer*.

Carol teve dificuldade para conseguir o primeiro trabalho. Havia muita gente qualificada e com boa reputação nas plataformas. Por mais que tentasse, não conseguia conquistar clientes. Em parte por ainda não ter feito nenhum trabalho através dos sites que selecionou. Ela não tinha um histórico para mostrar. Também cometeu alguns erros na forma de se apresentar aos clientes. Se tivesse a experiência de hoje, começaria de forma diferente.

Incapaz de conseguir um trabalho de tradução, Carol voltou suas atenções para as oportunidades de criação de conteúdo. Como se tratam de plataformas americanas, não havia muita demanda de textos em português. Mesmo assim, apareceu um colombiano buscando alguém para escrever textos em nosso idioma. Ela se candidatou e conquistou a vaga. O pagamento era em dólar.

Fez um bom trabalho e finalmente começou a criar uma reputação online. Inicialmente escreveu textos em português e até mesmo em inglês. Eventualmente conseguiu atrair os primeiros clientes de tradução. É o tipo de trabalho que ela mais faz até hoje. Na opinião dela, é melhor remunerado e mais fácil de fazer.

Um mês foi o que bastou para Carol faturar seus primeiros US\$ 100 como *freelancer*. Não foi uma quantia alta, porém mostrou que havia potencial de ganhar dinheiro dessa forma. Isso fez ambos ficarem motivados.

Carol e Denny apostaram todas as fichas na mudança de vida. Definiram uma data de partida e começaram a fazer jornada dupla para viabilizar o projeto. Passaram a acordar algumas horas mais cedo. Começavam o dia trabalhando nos frilas antes de ir para seus respectivos empregos. Quando voltavam para casa, retomavam os frilas até que as forças terminassem. Não paravam nem mesmo nos fins de semana. Passavam sábados e domingos trabalhando para seus clientes. Queriam ganhar experiência e atingir um faturamento mais alto.

Denny estudou [PHP](#) por alguns meses. Quando começou a se candidatar para trabalhos *freelance*, logo conseguiu uma oportunidade. Fez um bom serviço e conquistou um segundo cliente logo depois. Deu tão certo com este, que passou a fazer parte da equipe de *freelancers* que atendem a empresa de forma permanente. Desde então, trabalha para ela. A remuneração é boa, especialmente levando-se em conta a pouca experiência com desenvolvimento *web*. Ele ganha US\$ 25 por hora.

O casal comprou uma passagem promocional para Bruxelas, para um voo que seria em maio de 2015. Ter um prazo bem definido foi crucial para eles. Foi um período em que trabalharam demais. Foi cansativo, mas produtivo. Labutaram com foco e dedicação, com uma intensidade que nunca haviam experimentado. Quando estavam exaustos, lembravam que teriam de suportar aquilo apenas por um curto período de tempo. Apesar do esforço, gostaram. Experimentaram um profundo crescimento pessoal e profissional.

Eles chamam atenção para um ponto importante. Desde o início, não se restringiram a pesquisar. Compreendem a importância de pesquisar e estudar bastante antes de embarcar em uma transformação como essa, contudo consideram fundamental agir. Foi o que fizeram desde o início. À medida que iam aprendendo, já iam colocando em prática.

Reação da família

A família tomou um susto com os planos do casal. Carol morava com os pais e eles sempre se preocuparam com a questão da segurança profissional.

Ficaram apreensivos em um primeiro momento. Ao mesmo tempo, se surpreenderam com a dedicação da filha nos meses que antecederam a viagem. Nunca a viram tão motivada e trabalhando tanto. À medida que avançava em sua carreira de *freelancer*, os pais iam se tranquilizando. Viram que ela estava levando a sério e estava se estruturando para partir com segurança.

Pertences pessoais

Quando chegou a hora de ir embora, Carol e Denny se desfizeram do que tinham. Para Carol, foi fácil. Ela apenas esvaziou seu quarto na casa dos pais. No caso de Denny, foi mais trabalhoso. Desde a época da faculdade, morou com diversos amigos. Quando precisavam comprar algo para o apartamento, todos se juntavam e pagavam. À medida que os amigos foram partindo, as coisas foram sendo deixadas no apartamento. Denny já não o dividia com ninguém, mas tinha cama, geladeira, fogão, máquina de lavar e outros itens de casa, além de seu carro e moto. Enviou tudo para Campo Grande. Seus pais venderam o carro e usaram os itens de casa para montar uma casinha que colocaram para alugar no [Airbnb](#).

Vida nômade

Denny e Carol foram para a Europa com o plano de ficar um mês em cada país. Passariam sempre três meses na área do [Acordo de Schengen](#) e outros três em países europeus que não fizessem parte deste acordo migratório. Chegaram em Bruxelas e passaram alguns dias na cidade. De lá, foram para Liepāja, na Letônia, um lugar pouco conhecido que eles adoraram. Era verão e havia muito verde por todos os lados. Eles podiam caminhar na praia, correr e curtir a natureza com tranquilidade.

De lá, foram para Berlim. Gostaram da cidade. Acharam uma excelente base para viver como nômades digitais. É uma cidade internacional. É fácil se comunicar em inglês. Há um ótimo custo/benefício e havia muita coisa legal para fazer, especialmente porque estava no verão e eles ficaram em um bairro afastado, porém agradável. Era uma área residencial, arborizada e com diversas oportunidade de atividades para fazer. De lá foram para Budapeste e assim terminaram a primeira etapa dentro do [Espaço Schengen](#).

Mantendo o ritmo de um mês em cada lugar, partiram então para cidades na Sérvia e Bósnia. Depois foram para Cracóvia e Praga. Na sequência, uma passada rápida em Munique, onde mora um casal de amigos. De lá retornaram para Budapeste onde passaram o Natal com a família que conheceram através do Airbnb quando se hospedaram na cidade anteriormente. O réveillon foi em Bled, na Eslovênia. Em seguida, foram para a Islândia, um dos lugares mais caros que já visitaram, porém também um dos que mais gostaram. Partiram então para Sófia, na Bulgária, onde nos conhecemos. Passamos bons momentos juntos no inverno de lá. Passeamos pelo país, esquiamos, conhecemos algumas cidades do interior e compartilhamos muitas cervejas.

Denny e Carol moraram em várias outras cidades desde então. Perto de fechar essa edição do livro, lhes perguntei quais foram as preferidas. Disseram que foram Reykjavik, na Islândia e Lofoten, Noruega. Depois dessas, em um distante segundo lugar, vieram Berlim, Barcelona e São Petersburgo.

Dinheiro

Carol e Denny ganham bem. Sempre em dólar ou em euro. Para receber os pagamentos, utilizam cartões [Payoneer](#). Assim evitam custos elevados que teriam se o dinheiro passasse pelo Brasil. Por onde andam, utilizam os cartões para fazer compras e saques.

Apesar de ganharem bem, são controlados com as despesas. O plano inicial era ter um gasto mensal de até mil euros. Com o tempo, foram se sentindo mais seguros com o trabalho e à vontade para gastar um pouco mais. Entendem que é importante buscar um equilíbrio. Desejam economizar para montar uma reserva financeira cada vez maior, porém também querem aproveitar o que os lugares têm a oferecer.

Atualmente adotam um orçamento maior, de 1200 e 1500 euros por mês. Porém houve casos especiais, onde os gastos deram um salto. O principal foi a Islândia, onde gastaram 3000 euros em um único mês. O custo de vida lá é elevado e eles viajaram de carro por todo o país.

Acomodação

Sempre usam o [Airbnb](#) para buscar acomodação. No início, procuravam apartamentos que coubessem no orçamento e não tentavam negociar. Contudo, isso gerou alguns inconvenientes. Nem sempre a economia funcionou. Em Berlim, por exemplo, ficaram em um local afastado do centro. Como o transporte é caro, economizaram na hospedagem, porém gastaram demais no transporte. Em Sófia, onde nos conhecemos, ficaram em uma localização ruim, o que contribuiu para não aproveitarem a cidade tão bem. Com o tempo, mudaram de estratégia e hoje estão mais abertos à negociação de valores para que possam ficar em apartamentos melhores e mais centrais, sem prejudicar o orçamento.

Rotina de trabalho

Carol e Denny trabalham uma média de 30 a 35 horas por semanas. No dia a dia, usam o fuso horário a favor deles. Carol costuma acordar mais cedo e adiantar os trabalhos enquanto o expediente não começa no Brasil. Prefere estar sempre em alguma parte da Europa onde haja uma maior diferença de fuso horário com o Brasil. Denny trabalha para uma empresa americana e desfruta de uma diferença ainda maior. É comum que só comece a trabalhar por volta das 16h ou 17h. Encerra o expediente no meio da madrugada. Isso lhe permite ter o dia livre para passear pela cidade, se assim desejar.

Saúde

Nenhum dos dois é fã de academia e exercícios físicos. Não costumam fazer mais que caminhar. Entretanto, gostam de cozinhar. Preparam pratos saudáveis, usando bons ingredientes. Nunca ficaram doentes viajando. Se isso ocorrer, estão cobertos pelo seguro do [World Nomads](#).

Amigos

Fazer novas amizades é um aspecto que admitem negligenciar. Fizeram poucos amigos pelo caminho. As pessoas que conheceram foram anfitriões do [Airbnb](#) e outras que apareceram por acaso.

Retorno ao Brasil

Depois do primeiro ano fora do Brasil, Denny e Carol retornaram ao país pela primeira vez. Pedi para eles comentarem sobre como foi essa experiência e reproduzo a resposta abaixo sem nenhuma alteração.

"Foi muito bom. Tínhamos passado 1 ano e 3 meses fora direto, e gostamos muito de voltar para 'casa' e rever a família e os amigos. Ficamos 4 meses por lá e foi um período ótimo, na hora certa.

Outro ponto interessante. A gente sempre fica pensando se um dia vai morar em algum lugar de forma permanente, e onde seria esse lugar. Quando estávamos viajando pensávamos que morar no Brasil seria impossível. Quando chegamos lá e começamos a encontrar todos os amigos e a família, pensamos que não tinha como não morar lá, já que ficaríamos longe de todos. E agora em janeiro [de 2017], quando viajamos de novo, no primeiro dia já voltamos a pensar que não dá pra morar no Brasil. Isso foi bem engraçado.

Durante o período no Brasil foi ótimo ter uma 'vida social' de novo com as pessoas de quem a gente gosta. No entanto, notamos que nos tornamos muito diferentes da maioria, com outros pensamentos e ideias em relação às prioridades da vida e ao futuro. Não que isso tenha atrapalhado a nossa convivência, mas foi algo notável.

Além disso, em muitos encontros notamos que as pessoas costumam buscar assuntos em comum, que na nossa idade atual envolvem planejar casamento, comprar apartamento, decorar apartamento, ser promovido no trabalho, reclamar do chefe, etc. São coisas que não fazem parte da nossa realidade, então em alguns momentos ficamos meio 'peixe fora d'água'. Acho que os detalhes do nosso estilo de vida e das viagens têm muito menos 'íbope' do que estes assuntos em comum da vida de todos.

Mas não foi nada traumático também. Tivemos muitos encontros legais e nos divertimos bastante."

Futuro

Quando os perguntei sobre o futuro, disseram que o maior medo deles é ter de voltar a viver no Brasil, especialmente trabalhando em uma grande empresa. Já não conseguem mais se ver fazendo algo assim. Eles se adaptaram bem à vida nômade e não têm planos de parar.

Quanto à aposentadoria, dizem que nada mudou. Quando viviam em São Paulo, já não contavam com a previdência pública. Sabiam que ela seria de pouca utilidade para eles. Em vez disso, acreditavam que teriam de juntar dinheiro e criar ativos para se aposentarem. Essa ideia permaneceu inalterada quando passaram a viver como nômades digitais. Como gostam de trabalhar, não se veem parados, sem trabalho, mesmo quando envelhecerem. Gostariam apenas de, em certo momento da vida, não ter mais a preocupação com o dinheiro.

O dilema que têm hoje é se devem continuar a trabalhar como *freelancers* ou criar algum tipo de produto que possa lhes gerar renda passiva. Sabem que o ideal seria ter algum produto, porém o trabalho *freelance* está dando certo e paga bem. Está lhes permitindo montar uma boa reserva financeira. Então por que mexer nisso? Por enquanto, seguem por esse caminho.

Conclusão

Ninguém gosta de sentir dor. Ela maltrata, mas ao menos nos dá a chance de refletir sobre o que não está funcionando bem. Carol e Denny prestaram atenção ao que estavam sentindo. Tiveram a coragem de mudar de rumo de forma cuidadosa. Jogar tudo para o alto e lançar-se em uma volta ao mundo teria aliviado a dor, mas só por um tempo. Seria como pedir um empréstimo a juros altos. Quando o dinheiro acabasse e tivessem de retornar com o rabo entre as pernas, o sofrimento seria ainda maior. Felizmente foram sensatos e seguraram as pontas. Aguentaram a agonia por um tempo. Fizeram jornada dupla até que pudessem cortar as amarras com a segurança de que não precisariam retornar à vida que escolheram deixar para trás.

Não ignore sua dor. Ela existe para te ensinar algo. Aprenda com ela e faça as mudanças que forem necessárias. Não espere que seja fácil, mas saiba que é possível, com muito esforço e paciência.

Recursos citados

- [Airbnb](#)
- [Payoneer](#)

- [Upwork](#)
- [World Nomads](#)

Cidades em que moraram

- Liepaja, Letônia
- Berlim, Alemanha
- Budapeste, Hungria
- Novi Sad, Sérvia
- Mostar, Bósnia
- Split, Croácia
- Praga, República Tcheca
- Reykjavik, Islândia
- Sófia, Bulgária
- Brasov, Romênia
- São Petersburgo, Rússia
- Barcelona, Espanha
- Valencia, Espanha
- Sevilha, Espanha
- Madri, Espanha
- Stamsund (Lofoten), Noruega
- Rovaniemi, Finlândia

Capítulo 2

Bruno Fraga

Bruno Fraga, 21, empreendedor

Site: [Treinamento em Técnicas de Invasão](#)

Morava em: Sapucaia do Sul, RS

Início da vida nômade: out/2014

Receita: curso online

Entrevista: 23/03/2017

História

Todo mundo sabe o quanto é importante estudar. Uma pessoa sem estudo tem poucas chances de conseguir um bom emprego. Mas o que poucos percebem é o quão perigoso é ter um bom emprego e uma boa formação escolar. Poucas coisas são tão perigosas quanto um bom emprego. Nada é capaz de limitar tanto um ser humano quanto um bom emprego.

O mundo teria mais milionários se houvesse menos "bons empregos." Qual o sentido de ter um bom emprego se você pode enriquecer aos 20 anos sem ter emprego algum? Bruno nunca teve um bom emprego. Sorte a dele. Assim não acabou como tantos outros que trabalham tanto, que nunca conseguem tempo para ganhar dinheiro. Sua história mostra que ganhar muito dinheiro dá trabalho, porém não requer um bom emprego nem uma boa formação nem uma vida inteira.

Infância e juventude

Bruno cresceu em Sapucaia do Sul, uma cidade de aproximadamente 150 mil habitantes, próxima de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Na

escola, os professores gostavam dele. Sua oratória era notável, porém insuficiente para lhe fazer passar de ano. Sua falta de interesse pelas matérias lhe garantia uma vaga permanente na lista de alunos em recuperação. Passar de ano era um desafio nem sempre alcançado.

Quando tinha 14 anos, começaram a montar laboratórios de informática em sua cidade. Ele ganhou um curso da Microsoft para ser aluno monitor, o que lhe deu acesso privilegiado aos computadores da escola. O interesse que faltava na sala de aula abundava no laboratório. Bruno aprendeu a usar diversos softwares rapidamente e logo começou a dar aulas de Word e Excel. Eventualmente começou a estudar Linux e *webdesign*. Em seguida, passou a criar sites e a oferecer seus serviços de *webmaster*.

Seu primeiro computador só foi conquistado aos dezesseis anos. Foi quando começou a trabalhar por conta própria. Bruno começou a oferecer seus serviços de *webdesign* e conquistou clientes em pouco tempo. Fez portais, sites para madeireiras, para empresas agropecuárias e para outras tantas da região. Aos dezessete montou um curso de *webdesign* e começou a treinar outros aspirantes da região.

Bruno é autodidata como tantos que se apaixonam pela informática. Desde que começou a trabalhar, passou a ganhar uma boa quantia mensal. Suficiente para cobrir suas despesas e pagar pelo que quisesse. Sua receita média girava entre R\$ 2 mil e R\$ 3 mil por mês. Um valor expressivo para um adolescente morando na casa dos pais em uma cidade do interior. Enquanto a escola lhe frustrava, o trabalho lhe preenchia e rendia bons frutos.

Quando tinha 17 anos, Bruno participou da [BrasilJS Conf](#), uma das maiores conferências de JavaScript do mundo, em Porto Alegre. Após o evento, houve um [hackathon](#), onde Bruno teve a oportunidade de assistir a apresentações de pessoas que trabalhavam para empresas estrangeiras ou até mesmo trabalhavam em outros países. Algumas das apresentações eram em inglês. Essa experiência despertou seu interesse por sair do Brasil e trabalhar em uma empresa de tecnologia no exterior. Começou a sonhar em trabalhar em empresas renomadas como o Google. Para isso, teria de aprender inglês. Assim surgiu a ideia de fazer um intercâmbio.

Bruno fez algumas pesquisas e descobriu que a Irlanda tinha um pólo de tecnologia no qual estavam instaladas empresas tais como Google, [PayPal](#), [Airbnb](#), entre outras. Em pouco tempo achou um curso, tomou a decisão de ir, comprou as passagens e foi para Dublin.

Bruno tinha muita curiosidade pela área de segurança da informação. De tanto pesquisar o assunto, aprendeu inúmeras técnicas e montou um treinamento sobre o tema. O dinheiro que ganhou com ele foi suficiente para pagar pelo intercâmbio.

Intercâmbio na Irlanda

Bruno chegou à Irlanda com apenas 18 anos, em outubro de 2014. Muitos jovens concluem o ensino médio antes dos 18. Bruno não foi um deles. Colocou os pés em Dublin sem ter finalizado a escola e sem saber quando a terminaria. Tampouco conseguia comunicar-se em inglês. Sabe-se lá como fez para se virar nos primeiros dias.

Contrariando seu histórico acadêmico, comportou-se como um aluno exemplar, ao menos por um tempo. Não faltava uma aula e tirava as maiores notas da turma. Tudo indicava que os ares europeus o haviam transformado no mais dedicado dos alunos. Nem mesmo os amigos brasileiros foram capazes de prejudicar seu avanço.

Ilude-se quem pensa que embarcar em um intercâmbio é suficiente para aprimorar o inglês. As aulas são importantes, no entanto praticar o idioma no dia a dia é o que mais ajuda. De nada adianta ir para a Irlanda e só conversar em português com brasileiros. Isso ocorre com frequência quando alunos brasileiros dividem quartos com outros brasileiros e, claro, conversam em português o tempo todo. Bruno também dividiu um quarto com brasileiros, entretanto seu interesse em aprender inglês foi mais forte e o interesse por uma certa pessoa o levaria a afastar-se dos conterrâneos.

O prazo de validade expirou. Aquele Bruno comportado, bom aluno, que não faltava a nenhuma aula e tirava boas notas foi como uma miragem. Sumiu em pouco tempo. Bastaram três meses para o bom e velho Bruno dar as caras. Veio para ficar. Ele não tinha paciência para as aulas. E daí? Quem disse que Bruno precisava das aulas para aprender inglês? Uma coisa é ir para a escola, outra é aprender. Qualquer um pode aprender o que quiser, mesmo sem ir para a escola, basta ter interesse. E isso ele tinha de sobra. Especialmente se o inglês fosse o caminho para aprender mais sobre tecnologia e se comunicar com a pessoa que mais lhe interessava

Ir para Dublin foi uma boa escolha. Suas pesquisas estavam corretas. A cidade contava com empresas importantes no cenário tecnológico. Elas promoviam encontros frequentes para discutir todo tipo de tecnologia. E

foram nesses encontros que Bruno começou a passar a maior parte do tempo. Interesse é e sempre será mais importante para o aprendizado que ir à escola. Ainda que a paixão de Bruno fosse tecnologia, o inglês era o instrumento necessário. Portanto o interesse por ambos era inseparável.

Paixão opera milagres. E não se trata apenas da paixão por bits e bytes. Bruno também se rendeu aos encantos de uma jovem coreana. Os dois se deram tão bem que bastaram alguns dias para tomarem a decisão de morar juntos. Bye bye, brasileiros. Bruno foi morar com a namorada coreana em outra parte da cidade em um apartamento onde só havia coreanos. Daí por diante, seu contato com brasileiros passou a ser mínimo e ele não teve outra escolha a não ser usar o inglês o tempo todo.

Essa experiência o fez compreender que a qualidade do aprendizado de inglês na Irlanda depende das escolhas que cada pessoa faz. Ir para lá e só ficar na companhia de brasileiros é confortável, mas prejudica o aprendizado do idioma. Ele passou muito tempo nos eventos de tecnologia onde não apenas escutava palestras, como também fazia apresentações. Quando não estava nestes eventos, estava em casa, na companhia da namorada e de outros coreanos. Bruno praticamente eliminou o português de sua vida, o que explica, em parte, seu progresso rápido no aprendizado do inglês.

Emprego em Dublin

Nos primeiros meses, Bruno deixou de lado seus projetos na internet e se concentrou apenas nos estudos de inglês. Foi tempo suficiente para ele gostar da Irlanda e decidir que queria construir sua vida lá. Não queria mais voltar para o Brasil. Para ele, isso seria uma derrota. Decidiu inclusive que não queria depender mais do Brasil para se sustentar. Achou que o certo seria ganhar dinheiro na própria Irlanda.

Ele tinha um visto de estudante válido por um ano que lhe dava o direito de trabalhar vinte horas por semana, além de frequentar a escola. Como ainda não tinha a qualificação necessária para trabalhar em uma empresa de tecnologia, seguiu o exemplo de outros estudantes brasileiros e foi buscar emprego em *pubs* e restaurantes. Fez um currículo e começou a distribuí-lo pela cidade. Por sorte, não houve um único estabelecimento que quisesse contratá-lo. Conseguir um emprego teria lhe custado uma fortuna, como você logo verá.

O dinheiro que usava na Irlanda vinha da reserva financeira que construiu no Brasil antes do intercâmbio. Era suficiente por um tempo, mas não para sempre. A reserva foi se esgotando até que lhe restou apenas um mês de sobrevivência. Incapaz de achar um emprego, percebeu que deveria retomar seus projetos na internet.

Cursos

Quando estava no Brasil, Bruno ganhava bem dando aulas e executando projetos de informática para seus clientes. Qual o sentido de buscar um subemprego em outro país? Ele podia continuar a tocar seus projetos de onde estivesse. Qual a necessidade de lavar banheiros vomitados e servir canecas de chopp para bêbados? São atividades válidas quando não há outra opção, mas esse estava longe de ser o caso dele. Felizmente deu-se conta disso antes que fosse tarde demais.

Sem conseguir um emprego e vendo que o dinheiro estava acabando, Bruno recorreu ao que já sabia fazer: dar aulas online. Estava na hora de retomar seus cursos, porém com uma diferença importante. Participar de encontros nas empresas de tecnologia o fez perceber que deveria tratar o curso menos como um serviço e mais como um produto. Ou seja, em vez de criar turmas pequenas, para algumas dezenas de pessoas, seria melhor formatar o curso como um produto que pudesse ser oferecido para centenas ou até milhares de pessoas.

A primeira turma do curso [Técnicas de Invasão](#) foi lançada em fevereiro de 2015. Usando estratégias que aprendeu nos encontros de tecnologia, Bruno ofereceu seu treinamento por R\$ 125 e fechou uma turma com 250 alunos em apenas dois dias de vendas. Assim conseguiu levantar pouco mais de R\$ 30 mil. Nada mal para um garoto de 19 anos que não conseguia se formar no ensino médio nem arrumar um subemprego em *pubs* e restaurantes locais. Pouco tempo depois, em maio de 2015, Bruno lançou uma segunda turma do curso. Ajustou o preço para R\$ 127 e fechou a turma com 500 alunos, totalizando um faturamento de pouco mais de R\$ 60 mil.

O drama da separação

Depois de sete meses na Irlanda, Bruno foi viajar pela Europa com a namorada. Passaram algumas semanas em Praga e adoraram a cidade. Em

seguida foram para Viena onde ficaram por mais algum tempo. Por onde passava, Bruno fazia passeios e trabalhava normalmente. Ele já conhecia o conceito de nômade digital desde que começou a pesquisar sobre marketing digital, no início de 2015.

Tudo caminhava bem até a família de sua namorada descobrir o relacionamento dos dois, em julho de 2015. Os pais dela não gostaram de saber que o namorado não era coreano. Ordenaram que ela retornasse para a Coreia e ameaçaram cortar os laços familiares se ela não retornasse de imediato.

Ao contrário de Bruno, sua namorada não tinha um trabalho que pudesse fazer de qualquer lugar. Antes de ir para a Irlanda, ela trabalhava com decoração de interiores. Seu trabalho e sua família estavam na Coreia. Ela decidiu visitar os pais e retornar algum tempo depois.

Embora triste, Bruno aceitou a decisão. Ele pensou: ela conversará com os pais, tudo se resolverá e ela retornará. Será uma separação temporária. Entretanto, quando a deixou no aeroporto, ela passou da imigração e ele a perdeu de vista, seu mundo desabou. Só então deu-se conta de que estava sozinho.

Eles viveram juntos por mais de seis meses a milhares de quilômetros de suas famílias. Desde que começaram a viver juntos, sua namorada era sua família e sua melhor amiga. Eles ficaram muito próximos. A perspectiva de não voltar a vê-la tão cedo era aterrorizante.

Bruno estava em Viena e passou dias desnorteado. Não conseguia trabalhar, não comia e não sabia o que fazer. Para piorar, os pais da namorada lhe tomaram o *smartphone* assim que ela chegou na Coreia para impedi-la de comunicar-se com Bruno. Desnecessário dizer o quanto isso aumentou seu desespero.

No auge do sofrimento, Bruno decidiu voltar para Dublin. Era a cidade que conhecia melhor e onde tinha amigos. Era seu porto seguro na Europa. Não dava mais para segurar a barra sozinho. De supetão, foi para o aeroporto e comprou uma passagem no primeiro voo partindo para Dublin. Pagou 800 euros por um trajeto que poderia ter sido feito por 50 euros se não estivesse com tanta pressa.

Voltar para Dublin foi bom, mas não resolveu seus problemas. Ele passou mais um mês lá, porém sofrendo muito. Ele e a namorada eventualmente restabeleceram contato, entretanto ficou claro que ela não

voltaria para a Europa. Além do conflito com os pais, ela não tinha condições financeiras de retornar. Precisava voltar a trabalhar na Coreia.

Retorno ao Brasil

Bruno percebeu que não dava mais para ficar na Irlanda sem a namorada. Decidiu voltar para o Brasil e a convidou para encontrar-se com ele lá. Ele pagaria a passagem dela e ela poderia ficar com ele na casa de seus pais. Ela concordou.

Bruno voltou para o Brasil e sua namorada juntou-se a ele pouco tempo depois. Ela contou para os pais que estava voltando para a Irlanda para terminar o intercâmbio. No dia da viagem, revelou que, na verdade, estava indo para o Brasil para encontrar-se com Bruno. Seus pais ficaram furiosos.

Às vésperas do embarque, ela ligou chorando para Bruno. Temendo que ela desistisse, ele só pedia que ela tivesse calma, se concentrasse e embarcasse no avião. Ela o fez. Chegou ao Brasil levando apenas as roupas e uma nota de 50 euros. Era todo o dinheiro que lhe restava.

Passaram o primeiro mês na casa da família de Bruno, no Rio Grande do Sul. Ao longo desse tempo, Bruno organizou o lançamento de uma nova turma de seu curso. Dessa vez, entretanto, subiu o valor para R\$ 220. Ele atraiu 500 alunos e, pela primeira vez, teve um faturamento superior a R\$ 100 mil. Ao longo de 2015, teve um faturamento total de aproximadamente R\$ 200 mil com seu treinamento. Um resultado impressionante, porém tímido perto do que alcançaria ao longo de 2016.

Devidamente capitalizado, depois do lançamento de sua terceira turma, Bruno e a namorada começaram a viajar pelo Brasil. Foram para Brasília, Florianópolis, São Paulo e Porto Alegre. Além de seu treinamento, ele também executou alguns outros projetos no Brasil e estruturou melhor seu próprio negócio. Aproveitou também para fazer uma prova e obter o diploma de conclusão do ensino médio.

A namorada mandava fotos para a família e contava tudo que estava acontecendo. Os pais eventualmente perceberam que ela estava sendo bem tratada e Bruno estava bem estruturado. Começaram a aceitar o namoro.

O casal ficou seis meses no Brasil. Ela ingressou com visto de turista que lhe dava direito a uma estadia de três meses. Depois solicitou uma extensão e ficou por mais três meses.

Tailândia

Como sua namorada não podia ficar no Brasil por mais de seis meses, foi preciso sair do país ao final deste período. Bruno escolheu ir para a Tailândia porque via muita gente indo morar lá e estruturando negócios digitais a partir de lá.

Eles foram para Bangkok, onde Bruno teve a oportunidade de conhecer outros nômades digitais, assim como outras técnicas que contribuíram para alavancar ainda mais seu negócio. E foi assim que, em abril de 2016, fez o quarto lançamento de seu treinamento. Dessa vez, com algumas mudanças significativas.

Foi a primeira vez que usou uma sequência de três vídeos para vender o treinamento, algo que se tornou habitual nos lançamentos de produtos digitais. Também foi a primeira vez que utilizou o [Hotmart](#) e envolveu afiliados. Contou com a ajuda de quatro afiliados. Além disso, subiu o valor do curso para R\$ 397 e aumentou o tamanho da turma para mil pessoas.

Bruno alcançou um faturamento de quase R\$ 400 mil. Em seu primeiro lançamento de 2016, ele dobrou o faturamento que havia conquistado ao longo de todo o ano de 2015, que já tinha sido expressivo.

O lançamento feito na Tailândia foi positivo, entretanto a experiência de morar lá não o agradou. Além de não gostar de Bangkok, Bruno achou que sua filosofia de negócio não se alinhava tão bem à das pessoas que conheceu lá. Segundo explica, ele gosta de trabalhar, quer construir negócios e trabalhar bastante neles. Por sua vez, sentiu que o pessoal que conheceu na Tailândia estava mais interessado em conquistar renda passiva, o que é bom, mas não era seu propósito principal.

Bruno engavetou o plano de passar três meses na Tailândia e preferiu deixar o país depois de apenas um mês. Como já estavam na Ásia, ele e sua namorada decidiram visitar os pais dela na Coreia.

Coreia

Bruno finalmente conheceu os pais de sua namorada e se entendeu bem com eles. Assim eliminou os conflitos familiares.

Pouco depois de chegarem lá, já em junho de 2016, Bruno organizou um novo lançamento de seu treinamento. Pela primeira vez, fez um investimento substancial em publicidade. Pagou em torno de R\$ 50 mil

reais para atrair potenciais clientes através de anúncios no Facebook e [remarketing](#). Também contratou uma pessoa para ajudá-lo. Até então, sempre tinha feito tudo sozinho.

Bruno manteve o valor de R\$ 397 e trabalhou com os mesmos afiliados. Conseguiu atrair 1500 alunos para sua nova turma. Aprimorou o curso e ofereceu condições especiais para alunos de turmas anteriores. Com isso, embora tivesse formado uma turma maior, o faturamento manteve-se em pouco mais de R\$ 400 mil, apenas um pouco superior ao lançamento anterior.

O ano estava apenas na metade e Bruno já havia faturado mais de R\$ 800 mil, portanto o equivalente a mais de R\$ 100 mil por mês, com apenas vinte anos. O que ele faturou por mês, enquanto viajava, apenas um pequeno número de brasileiros consegue faturar em um ano trabalhando mais de quarenta horas por semana em um escritório. Assim mesmo, o melhor ainda estava por vir. Bruno estava apenas começando.

Houve muito trabalho depois deste lançamento. Foi desafiador dar suporte a um número tão grande de alunos. Entretanto, com o passar do tempo, tudo ficou mais tranquilo e a vida começou a ficar boa até demais. Bruno começou a achar que estava faltando problema para resolver.

Quando moravam em Dublin, tinham de resolver problemas todos os dias. A começar pela acomodação, um dos grandes desafios da cidade. Bruno conta que há uma crise habitacional em Dublin. Está cada dia mais difícil achar acomodação e os preços vão subindo como consequência. Na Coreia, eles estavam tranquilos. Não havia esse tipo de problema para resolver.

Bruno e sua namorada passaram quase quatro meses na Coreia. A maior parte desse tempo na casa dos pais dela, em Suwon, próximo da capital, Seul. Também passaram um mês em Jeju Island, conhecida como a Ilha do Amor.

Na casa dos pais dela, tinham almoço, café da manhã, um Starbucks próximo, onde ele trabalhava, e todo tipo de conforto de que precisavam. O pai da namorada gosta de jogar *golf* e Bruno passou a acompanhá-lo. Tomou gosto pelo esporte. As coisas estavam tão tranquilas que eles começaram a ficar entediados, embora estivessem felizes por lá.

Havia também uma outra questão que o preocupava. Apesar do excelente resultado que teve com o lançamento da Coreia, Bruno tinha a expectativa de alcançar um resultado financeiro ainda maior. Ele conseguiu

colocar 1500 alunos na turma, mas foi um sufoco. Começou a achar que o mercado estava saturado e que ele não conseguiria sustentar estes ganhos por muito mais tempo. Achava que quem tinha de comprar já tinha comprado. Além disso, a [Síndrome do Impostor](#) o atacou.

Bruno parou de estudar sobre segurança da informação e programação enquanto passara os meses anteriores dedicando-se mais à parte comercial do negócio. Algumas pessoas também começavam a criticá-lo por não ter nenhum tipo de formação acadêmica. Começou a achar que estava perdido. Não tinha nenhuma formação, não tinha um emprego e não tinha experiência de nenhum emprego anterior.

Eventualmente decidiu que estava na hora de voltar para Dublin e enfrentar novos desafios. Bruno queria buscar um emprego lá. Ingressando em um novo intercâmbio, ele teria acesso a um novo visto de estudante. Dessa forma, poderia ficar lá por um ano e trabalhar uma parte do tempo. Se ele conseguisse um bom emprego, mais tarde poderia pleitear um visto de trabalho e ficar na Irlanda por mais tempo.

O que aconteceu daí por diante transformou seu negócio. O que era bom ficou ainda melhor. Porém antes de saber o que aconteceu na Irlanda, é útil compreender alguns detalhes adicionais sobre seu treinamento.

Técnicas de Invasão

Antes de ir para a Irlanda pela primeira vez, Bruno era apaixonado por tecnologia e pesquisava sobre os mais diversos assuntos. Um dia escreveu no Google: "como ser um hacker?" A resposta foi um conjunto de links para ferramentas, processos e grupos de discussão. Bruno começou a estudar sobre segurança com o propósito inicial de satisfazer sua curiosidade. Mal sabia que sua curiosidade se transformaria mais tarde no curso [Técnicas de Invasão](#).

Este treinamento não tem o objetivo de formar um profissional de segurança de informação. Ele não prepara alguém para fazer [testes de vulnerabilidade](#), por exemplo. O curso é todo baseado nas ideias de Bruno, que tenta mostrar a importância dos dados pessoais e corporativos, bem como a necessidade de protegê-los. Muitas empresas têm vulnerabilidades em seus sistemas, não sabem disso e não dão importância para o assunto. Às vezes uma empresa contrata um programador que não tem noção de segurança, por exemplo, e ele cria sistemas com brechas escandalosas. Em

outros casos, funcionários utilizam senhas fracas ou as anotam em pedaços de papel, que são descartados sem nenhum tipo de cuidado.

Bruno tenta mostrar como pessoas e empresas negligenciam essas questões. Além disso, as ensina a proteger seus dados de forma adequada. Depois de fazer o curso, se o aluno gostar do assunto, ele pode buscar uma formação mais especializada na área.

De um produto para um negócio

Quando estava na Coreia, preparando-se para uma nova temporada na Irlanda, Bruno teve a oportunidade de trocar mensagens e conversar com [Tiago Mascarenhas](#), o empreendedor brasileiro que fundou a escola de idiomas [SEDA College, avaliada como a melhor escola de idiomas da Irlanda](#). A história de Tiago é impressionante. Aos 32 anos, ele comanda a área comercial da SEDA College desde sua fundação em 2009. Mais de 10 mil alunos, de mais de 40 países, já passaram pela escola. Atualmente são aproximadamente dois mil alunos por ano.

Preocupado que seu treinamento não pudesse se sustentar por muito mais tempo, Bruno estava a caça de um emprego quando conversou com Tiago e lhe contou sua história. Tiago logo percebeu o óbvio. Bruno estava fazendo algo extraordinário e não tinha ideia disso. Os resultados que obteve com os lançamentos de seu treinamento são impressionantes.

Interessado em entender melhor o que Bruno estava fazendo e como obtinha aqueles resultados, Tiago o convidou para trabalhar na escola. Queria levá-la para o mundo digital. Fez uma proposta fora do comum para Bruno: "venha trabalhar na minha sala, ao meu lado, fazendo exatamente o que você já faz, ou seja, cuidando de seu negócio. Eu só quero ver você trabalhando e aprender o que você faz. Vou te pagar um salário para você fazer isso." Dessa forma, Bruno teria um primeiro emprego formal. Algo relevante para quem estava preocupado em não conseguir mais viver de seu treinamento.

Bruno aceitou a proposta e foi para a Irlanda trabalhar ao lado de Tiago, dentro da SEDA College. Essa parceria funcionou bem. Tiago aprendeu com Bruno, assim como Bruno aprendeu com Tiago e com toda a experiência de passar meses dentro da escola. Ela mudou sua concepção de negócios por completo.

Dentro da escola, Bruno começou a conviver com números maiores que aqueles aos quais estava acostumado. Ele estava indo bem com seu treinamento, mas seu faturamento era pequeno comparado ao da escola. Algo compreensível, afinal são negócios diferentes, a começar pelo fato de um ser físico e outro digital. A escola cobra um valor mais elevado por aluno. Entretanto, também tem custos maiores. Há uma estrutura física e inúmeros funcionários.

Novos aprendizados

Dentro da escola, Bruno teve contato com conceitos dos quais nunca tinha ouvido falar. Um dia, por exemplo, Bruno mostrou a Tiago uma tela do [Hotmart](#), o sistema através do qual fazia as vendas, indicando que havia mais de R\$ 200 mil em pagamentos não realizados. Esse número referia-se às pessoas que tinham interesse em fazer o curso, porém não fizeram o pagamento. Em alguns casos, as pessoas emitiram boleto, mas não pagaram. Em outros tentaram pagar com cartão de crédito, a compra foi negada pela operadora e a pessoa desistiu. Para Bruno, esses R\$ 200 mil não representavam nada, era apenas um número dentro da plataforma. Ele assumia que essas pessoas tinham desistido do curso e ponto final.

Tiago lhe mostrou que as coisas não funcionam bem assim. Na escola de idiomas, os alunos fazem um investimento elevado e o pagamento é parcelado. Quando alguém deixa de pagar, a equipe de Tiago entra em contato, verifica o que aconteceu e coloca-se à disposição para ajudar a solucionar a questão. Essa atenção ao cliente é importante. Muitas vezes as pessoas deixam de pagar por razões tão triviais quanto falta de organização, elas esquecem. Um simples lembrete pode fazer toda a diferença na hora de receber o pagamento.

Tiago ensinou a Bruno que ele precisava ter gente trabalhando na recuperação dessas vendas e o incentivou a criar uma equipe comercial para ligar para os interessados e ajudá-los a fazer a compra.

Bruno aprendeu sobre os demais processos da escola e começou a contratar gente para o comercial e o suporte. Também se dispôs a fazer investimentos mais altos em publicidade. Com a ajuda de Tiago, Bruno fez um lançamento em outubro de 2016, em sua segunda temporada na Irlanda. Contando com uma equipe de 11 pessoas, fechou a turma com 3 mil alunos e um faturamento que ultrapassou os R\$ 800 mil.

Mudanças no processo de lançamento

Várias coisas mudaram em relação aos lançamentos anteriores. A começar pelo investimento em equipe e publicidade, que alcançou R\$ 120 mil. Bruno queria fazer algo maior e colocar em prática tudo o que estava aprendendo. Aceitou fazer um investimento mais alto e perder algumas noites de sono.

Na equipe, havia duas pessoas contratadas para cuidar exclusivamente do WhatsApp. Ele tem um recurso útil chamado [Lista de Transmissão](#), através do qual é possível enviar uma mensagem para até 256 pessoas. A mensagem chega de forma individual para cada destinatário. É semelhante ao recurso de cópia oculta no caso de email. Isso é útil porque permite notificar diversas pessoas de uma vez só, sem que elas tenham conhecimento das demais. Entretanto, só é possível criar listas de transmissão de forma manual. É um processo trabalhoso e demorado, razão pela qual havia duas pessoas na equipe dedicadas a essa função.

Mais de 10 mil pessoas se cadastraram como interessadas durante o lançamento da turma. A equipe comercial, que contava com seis pessoas, entrou em contato com todos os interessados, seja pelo WhatsApp ou por telefone. Bruno gastou mais de R\$ 3 mil comprando créditos do Skype.

O valor do curso manteve-se em R\$ 397, entretanto a equipe comercial tinha autonomia para flexibilizar o valor e a forma de pagamento. Se houvesse interesse por parte do cliente e o problema fosse dinheiro, a equipe comercial achava um jeito. Dividia em um número maior de parcelas, aceitava outras formas de pagamento, esclarecia dúvidas e fazia o que mais fosse necessário para facilitar a vida do cliente e fechar a venda.

Durante o lançamento, fizeram duas mil vendas em um primeiro momento. Havia outras pessoas interessadas, mas que não podiam pagar porque não tinham saldo suficiente no cartão de crédito ou porque só tinham R\$ 100 e queriam pagar o resto depois ou outras dificuldades semelhantes. A equipe deu um jeito de matricular todo mundo que queria fazer o curso. Foi necessário montar diversos controles em planilhas e aguardar um pouco para receber parte dos pagamentos, no entanto essa ação viabilizou a entrada de outros mil alunos. Vale notar que quase todas as vendas foram feitas diretamente por Bruno e sua equipe, pois houve apenas um afiliado envolvido no lançamento.

Nas versões anteriores do treinamento, era o próprio Bruno quem dava as aulas. Isso mudou a partir deste lançamento. Bruno passou a fazer apenas a introdução de cada módulo, enquanto as aulas passaram a ser ministradas por Elton, um profissional com pós-graduação em [Segurança da Informação](#) que Bruno contratou para substituí-lo.

Parte da equipe estava na Irlanda e outra parte estava no Brasil. No dia do lançamento, havia 5 brasileiros trabalhando juntos em uma sala da SEDA College. Contratar estes profissionais não foi difícil.

Equipe

Bruno conta que existem muitos brasileiros inteligentes, com excelente formação e infelizes com a vida no Brasil, que vão para a Irlanda para fazer intercâmbio, passar um tempo longe do país e repensar a vida. Lá eles se submetem a subempregos em *pubs* e restaurantes para ganhar algo em torno de 750 euros por mês. Foi no meio dessas pessoas que Bruno encontrou gente qualificada e experiente para montar sua equipe.

Bruno e sua equipe utilizam algumas ferramentas importantes no dia a dia. A primeira delas é o [Slack](#), através do qual todos se comunicam na maior parte do tempo. Para vender o treinamento, ele usava o [PagSeguro](#) em um primeiro momento. Quando os lançamentos ficaram maiores e ele começou a trabalhar com afiliados, adotou o [Hotmart](#). As aulas são ministradas através do [Teachable](#). O suporte aos alunos é feito com o [ZenDesk](#) e há também um fórum baseado no [Discourse](#).

Suporte é algo que já lhe deu muito trabalho no passado. Ele costumava responder a mais de 100 emails por dia com dúvidas dos alunos. O pior momento foi após o lançamento que fez na Coreia. Eram 1500 alunos e ele fazia todo o atendimento praticamente sozinho. Foi cansativo e difícil de dar conta. A qualidade caiu. Os alunos começaram a reclamar. Eles assistiam às aulas, mandavam perguntas e Bruno demorava dias para responder.

Quando chegou à SEDA College, entendeu os processos de uma escola e a importância de ter gente para dar suporte aos alunos e resolver outras questões. Por exemplo, como pode um professor sair, entrar outro e a escola continuar funcionando? Entendeu a importância de criar uma base de conhecimento e ter documentação. Hoje, se Elton sair, por exemplo, Bruno tem o plano de aula, tem roteiros das aulas, tem um calendário, tem tudo

certinho sobre o que precisa fazer. Ele efetivamente transformou seu negócio em uma escola.

Um problema sério que ele tinha no passado é que algumas pessoas compravam o curso, porém não o assistiam por completo. Agora, usando o [Teachable](#), ele tem acesso a relatórios informando em que ponto cada aluno está. Se o aluno não assiste um módulo, por exemplo, o software envia um email perguntando como ele está, se está tudo bem, se ele precisa de alguma ajuda. Agora os alunos estão mais satisfeitos. O curso os está ajudando de verdade. Isso é ótimo já que, no passado, Bruno ficava se sentindo mal quando alguém comprava o curso e não o concluía.

Rotina de trabalho

Bruno trabalha muito. Sua rotina começa às 7h da manhã e frequentemente vai até 1h da manhã seguinte. Dorme pouco e passa a maior parte do tempo trabalhando. Quando o entrevistei, ele estava na Irlanda. Ia para um café na parte da manhã e para o escritório, na SEDA College, na parte da tarde.

Ele gosta de trabalhar em cafés. Sente-se mais produtivo e criativo variando os ambientes de trabalho. Por essa razão, apesar de ter acesso a uma sala na SEDA, prefere passar as manhãs em cafés. É quando estão mais vazios. Na parte da tarde, trabalha no escritório com as pessoas da equipe que também estão em Dublin.

Atualmente a maior parte de seu trabalho consiste na gestão de sua equipe, o que faz com a ajuda do [Slack](#), email e outras formas de comunicação. Ele também responde dezenas de emails de alunos todos os dias.

Novos projetos

Os lançamentos de 2016 ajudaram Bruno a acumular uma bela quantia. Ter acesso a tanto capital mudou sua forma de enxergar o mundo. Agora ele vê oportunidades em todas as partes porque tem o capital necessário para investir no que quiser. Por exemplo, ele tinha um desafio crônico quando chegava a hora de emitir certificados para seus alunos, idêntico ao de outros gestores de cursos. Decidiu que estava na hora de solucionar essa questão. Como tinha dinheiro suficiente, contratou um desenvolvedor e um designer

para desenvolver um sistema de emissão de certificados que possa servir não apenas para ele, como também para outros professores.

Através de iniciativas como essa, começou a diversificar seus negócios. Em Dublin, ele também se associou a outros empreendedores e começou a investir em seus projetos. Já no Brasil, está trabalhando com uma grande seguradora para ajudá-la a desenvolver um sistema de microseguros.

Resultados

Bruno fechou o ano de 2016 com um faturamento total de aproximadamente R\$ 1,6 milhão aos 20 anos de idade. Imagine que as despesas com os lançamentos tenham girado em torno de 25%. Isso significa um lucro líquido de R\$ 1,2 milhão no ano, o equivalente a R\$ 100 mil por mês. Para compreender o que isso significa, considere, por exemplo, que eu e Pati vivemos pelo mundo há anos com um orçamento anual de R\$ 72 mil (R\$ 6 mil por mês para o casal). Se Bruno adotar um orçamento semelhante e deixar o dinheiro parado, ele pode ficar 16 anos sem trabalhar, apenas consumindo esta reserva financeira. Na prática, entretanto, ninguém deixa o dinheiro parado. Se ele colocar esse valor na pior aplicação financeira que existe, a poupança, terá um rendimento garantido de pelo menos R\$ 6 mil (0,5%) ao mês. Portanto poderia viver o resto da vida sem trabalhar. Em outras palavras, se quiser, já pode se aposentar aos 20 anos. Porém não é isso que deseja, está só começando. Além disso, existe o problema dos impostos.

Quando retornou para a Irlanda, o pessoal da escola perguntou a Bruno como estava sua declaração de imposto de renda. Declaração de quê? Ele não sabia do que estavam falando. Vendeu durante todo o ano de 2015 e parte de 2016 sem ter uma empresa e sem pagar impostos. Ele tinha mais de meio milhão de reais parados no Hotmart. Não sabia que era ruim deixar o dinheiro parado, nem que precisava de uma empresa e muito menos que tinha de pagar impostos. Então o pessoal da escola lhe apresentou ao triste mundo dos impostos. Bruno contratou um escritório de contabilidade no Brasil e regularizou a situação. Criou uma empresa e parcelou a dívida com o governo.

Em março de 2017, com a situação em ordem, Bruno fez um novo lançamento de seu curso. A equipe diminuiu para oito pessoas porque ele conseguiu automatizar diversos processos. Conversamos pouco depois do

início do lançamento, quando sua equipe ainda estava trabalhando nas vendas. Eles já haviam superado o faturamento de R\$ 800 mil que alcançaram no lançamento de outubro de 2016. Após este lançamento, Bruno tinha planos de retornar ao Brasil onde pretendia estruturar melhor diversos aspectos de seu negócio. A Irlanda ficou pequena para ele.

Aprendizado

Bruno conta que seu maior aprendizado foi perceber que precisa de outras pessoas para construir um negócio sólido e fazê-lo crescer. É fundamental montar uma equipe e delegar responsabilidades. É preciso confiar em outras pessoas e compreender que elas frequentemente farão as coisas de maneira melhor. Ter uma equipe também lhe dá a oportunidade de aproveitar melhor as viagens já que a maior parte do trabalho não precisa ser feita por ele diretamente.

Bruno também aprendeu a importância de se capitalizar. Acumular dinheiro foi fundamental para ele poder fazer novos investimentos, ingressar em novos negócios e contratar bons profissionais.

Bruno teve um aprendizado extraordinário em pouco tempo, sem nunca ter feito um curso universitário. Seu desempenho e sua capacidade de realização superam a da maioria dos profissionais que se formam nas universidades. Ironicamente, sua mãe lhe pergunta com frequência quando ele fará uma faculdade. Sua família ainda não entende direito o que ele faz e a dimensão de tudo que criou e alcançou até o momento.

Conclusão

A história de Bruno é o exemplo perfeito do que explico no capítulo sobre dinheiro, incluindo minha sugestão para aqueles que ainda não ingressaram em uma faculdade. Em apenas dois anos, metade do tempo necessário para concluir um curso universitário, Bruno conseguiu acumular dinheiro suficiente para se aposentar ou investir em qualquer projeto que deseje.

Aos 20 anos, ele já tinha conquistado a liberdade de fazer o que bem entendesse da vida, incluindo, se desejar, cursar uma excelente universidade, em qualquer lugar do mundo, sem se preocupar mais com dinheiro. Ao longo dessa curta caminhada, ele já aprendeu mais sobre

ganhar dinheiro do que a maior parte das pessoas jamais aprenderá. O caminho foi o mesmo seguido pela maioria dos milionários: criar um sistema que trabalhe por ele, em vez de buscar um bom emprego.

O que ele fez é ainda mais notável quando lembramos que seu negócio foi criado e cresceu durante 2015 e 2016, os anos da pior crise econômica que o Brasil já enfrentou desde a década de 80. E tudo através da venda de um produto que atende a um nicho minúsculo. Isso reflete o talento de Bruno, assim como o tamanho da oportunidade que o mercado brasileiro oferece.

O Brasil conta com uma população de aproximadamente 200 milhões de pessoas, a quinta maior do mundo. Suponha que Bruno já tenha vendido seu curso para 10 mil pessoas no total. O número real talvez seja um pouco menor, porém usemos esse valor para arredondar e simplificar. Isso significa que ele precisou vender seu curso para apenas 0,005% da população brasileira. Para entender o que isso significa, se ele tivesse de alcançar esse percentual de pessoas na cidade do Rio de Janeiro, a segunda maior do país, ele teria de encontrar apenas 325 pessoas. Em outras palavras, se ele fosse de porta em porta oferecendo seu curso para cada morador da segunda cidade mais populosa do Brasil, ele só precisaria que pouco mais de trezentas pessoas o comprassem. Isso em uma população de 6,5 milhões de pessoas, que é maior do que a de muitos países ao redor do mundo. Isso é um reflexo do que se convencionou chamar de [Cauda Longa](#). É uma prova de que existe espaço para vender e ganhar dinheiro com qualquer tipo de produto, desde que a gente faça um bom trabalho, use as estratégias certas e aproveite as oportunidades oferecidas pelos meios digitais.

Bruno é um rapaz inteligente e trabalhador, não há dúvidas disso. Porém engana-se quem pensa que se trata de um gênio cujos resultados não podem ser replicados. Esse está longe de ser o caso. Existem outros jovens brasileiros alcançando resultados semelhantes. Há muita oportunidade para quem está disposto a aprender, empreender e trabalhar com afinco.

Bruno foi beneficiado por uma série de avanços tecnológicos e pelo uso de algumas ferramentas que só estão disponíveis há poucos anos. Felizmente estes mesmos recursos estão à disposição de qualquer pessoa. Dá trabalho, mas é possível alcançar resultados semelhantes, especialmente se você não estiver perdendo seu tempo com um bom emprego.

Recursos citados

- [Airbnb](#)
- [BrasilJS Conf](#)
- [Discourse](#)
- [Hotmart](#)
- [PagSeguro](#)
- [PayPal](#)
- [SEDA College](#)
- [Teachable](#)
- [Slack](#)
- [Técnicas de Invasão](#)
- [ZenDesk](#)

Capítulo 3

Mirella e Romulo

[Mirella Rabelo](#), 34, administradora
[Romulo Wolff Pereira](#), 37, administrador

Sites: [Travel and Share](#), [Travel and Share no YouTube](#)

Moravam em: São Paulo, SP

Tempo de transição: 1 ano

Início da vida nômade: dezembro/2014

Receita: prestação de serviços e YouTube

Orçamento mensal: € 1100

Entrevista: 28/03/2016

Revisão e atualização: 30/03/2017

História

Quando teve a ideia de fazer uma volta ao mundo, o gaúcho Romulo Wolff tinha acabado de retornar da Europa, onde morou por uma década. Seu último paradeiro havia sido a Suécia onde viveu por três anos. Cansado de morar na Europa, queria voltar ao Brasil e fechou um acordo com sua empregadora para ser transferido para São Paulo.

A empresa fabricava simuladores para equipamentos de construção, como tratores e escavadeiras da Volvo. Romulo era gerente de vendas para a América do Sul. Ele vendia, treinava e dava suporte aos clientes do continente. Convenceu a empresa a abrir um escritório em São Paulo para o qual trabalharia de casa.

Seu plano era montar a própria empresa e prestar serviços para a corporação sueca pois não queria mais trabalhar como empregado diretamente. A empresa, embora tivesse combinado isso com ele, mudou de

planos quando a Câmara de Comércio Brasil-Suécia a aconselhou a fazer a contratação nos moldes tradicionais da CLT. Romulo percebeu que o salário não compensaria e não aceitou o acordo.

Diante do impasse, começou a refletir sobre o que queria da vida. Ele não queria mais morar na Europa. Tampouco queria viver a realidade de um empregado convencional no Brasil. Começou a pensar em realizar um sonho antigo de viajar o mundo. No início de 2014, decidiu que sairia do Brasil em um ano. Começou a montar um plano e teria um ano para implementar a solução.

Mirella

Pouco tempo depois, conheceu a mineira Mirella, que morava em São Paulo há oito anos. Já no primeiro encontro, começaram a falar da viagem. Por coincidência, Mirella também trabalhava em uma empresa Sueca. Ela já tinha ido diversas vezes à Suécia e entendia a realidade de lá. Foi fácil compreender as insatisfações de Romulo e o motivo de ele não querer mais ser empregado daquela empresa.

Mirella tampouco estava satisfeita com seu próprio emprego. Ela vendia aço e não entendia como podia estar naquele trabalho já que sentia que aquilo não tinha nada a ver com ela. Tinha acabado de retornar da Espanha, onde havia passado um tempo estudando espanhol. Estava decidida a largar o emprego. Queria pegar o dinheiro que tivesse guardado, voltar para a Espanha, estudar mais espanhol, morar uns seis meses em Madrid e tentar achar uma forma de viver por lá.

Mirella achou interessante quando Romulo lhe contou seu projeto de dar a volta ao mundo. Ela nunca havia pensado em fazer algo assim. Ele lhe apresentou os detalhes do projeto e ela percebeu que poderia ajudar.

Na época, ela estava fazendo um MBA em marketing e teve a ideia de fundar uma empresa com o objetivo de criar conteúdo para pequenas empresas nas redes sociais. Achou que o projeto dele tinha tudo a ver e começou a apresentá-lo para algumas corporações.

O plano original de Romulo era fazer algo motivacional, com um enfoque em crescimento pessoal. Ela achou que isso não teria muito apelo para as empresas e quis direcionar o projeto para algo que fosse mais interessante do ponto de vista comercial. Aos poucos, foram refinando os detalhes em conjunto.

Quando faltavam seis meses para o início da viagem, era Dia dos Namorados. Ela estava na Suécia, a trabalho, e ele estava em São Paulo. Eles conversaram e ele contou a ela que estava convidando alguns amigos para fazer parte da viagem. Daí ela se irritou e lhe disse: "você convidou todos os seus amigos para viajar menos eu, né?" Ele se apressou para corrigir e esclareceu que ela também podia ir, naturalmente.

Mirella pensou: "esse cara não sabe o que está dizendo. Ele não sabe com quem está se metendo." Então lhe disse: "olha aqui, Romulo, amanhã estou indo embora da Suécia. Se você for me buscar no aeroporto, isso quer dizer que você quer que eu vá viajar com você. Se não for, a gente nunca mais precisa se ver." É claro que ele foi.

No fim de semana seguinte, eles se reuniram para reestruturar o projeto, cujos nomes e propósitos eram completamente diferentes do atual. Foi quando nasceu o [Travel and Share](#).

O projeto Travel and Share

Desde o início eles queriam fazer vídeos ao longo da viagem, embora nunca tivessem pego em uma câmera para gravar. Eles iam compartilhar as experiências que fossem vivendo. Também pretendiam criar conteúdos online para os clientes, porém não necessariamente tratando da viagem.

A ideia inicial era ter três negócios, cada um com um nome e propósito distintos. À medida que foram conversando com as empresas, foram entendendo o que dava certo e o que não funcionava. Uma coisa ficou clara: era muito confuso falar de três negócios diferentes. Ninguém entendia e eles próprios se confundiam na hora de explicar.

Também perceberam que a ideia de criar conteúdo funcionava melhor se fosse conectada à viagem. Criar conteúdo em paralelo à viagem não funcionaria tão bem quanto criar conteúdo que tivesse ligação direta com a viagem. A partir do momento que estabeleceram esta conexão, várias empresas começaram a se interessar. Tanto assim que, ao começar a viagem, eles já contavam com nove parceiros.

Prestação de serviços

A proposta deles consistia em criar fotos, fazer vídeos e posts para blogs das empresas parceiras. Um exemplo é o da [Cachaça 51](#), para a qual

entregam um conteúdo mensal, com fotos e vídeos. Este conteúdo, em particular, nem sempre tem uma ligação direta com a viagem.

Um dos apoios mais importantes que receberam foi o da [Nissan](#), que lhes forneceu o carro para a viagem, uma [Nissan Frontier](#), carinhosamente batizada de Gallega.

O plano inicial de Romulo era dar a volta ao mundo pegando carona ou usando transporte público barato. Entretanto, à medida que foram fechando as parcerias, ficou claro que não daria para carregar todos os equipamentos na mochila. Eles precisariam de um carro.

A empresa em que Mirella trabalhava vendia aço para a indústria automotiva. Ela acreditava que fabricantes de carro poderiam se interessar por esse tipo de projeto. Tinha tudo a ver.

O primeiro veículo em que pensou foi o [Suzuki Jimny](#), por ser um projeto de carro brasileiro e por ser fabricado no Brasil. Ele estava tendo uma divulgação forte na época.

Por coincidência, havia uma pessoa da área de marketing da Suzuki que fazia MBA com ela. Conversando sobre o projeto, essa pessoa lhe disse que não conseguiria apoio financeiro, porém conseguiria disponibilizar até dois carros para eles. Foi aí que Mirella teve uma revelação. Percebeu que o projeto estava suficientemente bom para ser apresentado a outras empresas.

Na época, eles já tinham uma [página do projeto no Facebook](#) e ela era pequena. Eles visitavam o perfil de todos que curtiam a página. Por acaso, descobriram que tinha uma pessoa do marketing da [Nissan](#) que havia curtido a página. Enviaram uma mensagem para ela, explicando a ideia do projeto. Ela se interessou e pediu que eles lhe enviassem o projeto completo, o que fizeram logo depois. No dia seguinte, a agência de publicidade que cuida da [Nissan](#) entrou em contato com eles e os convidou para uma conversa.

A agência estava fazendo uma campanha de lançamento do [Nissan Frontier](#) no [Instagram da Nissan](#) e achou que o projeto deles se conectava bem. As fotos do carro postadas no Instagram pareciam vir de bancos de imagem. Não eram naturais, não mostravam o uso real do carro no dia a dia. A agência queria fotos e outros conteúdos orgânicos que mostrassem o carro na vida real. Isso tornava o projeto atrativo. Até porque, como Mirella explica, disponibilizar um carro é um custo relativamente baixo para uma montadora.

As negociações com a [Nissan](#) começaram em agosto e se arrastaram por meses, como tudo que envolve grandes empresas. Finalmente, no dia 19 de janeiro de 2015, eles pegaram o carro e partiram. No dia 21, já estavam na fronteira.

Os dois maiores parceiros do projeto são a [Nissan](#) e a [Cachaça 51](#). No início, a contrapartida para a [Nissan](#) é que eles fizessem fotos, criassem conteúdo com o carro e enviassem para eles postarem. Depois, quando percebeu que o casal já tinha criado uma presença nas redes sociais, a [Nissan](#) preferiu que o casal fizesse o que quisesse com o carro, em vez de ficar se preocupando em produzir conteúdo para eles. A [Nissan](#) passou a se interessar mais pelo significado do carro durante a viagem. Ainda assim, criam conteúdos esporadicamente para a [Nissan](#). Já no caso da [Cachaça 51](#), existe um compromisso de entregar determinados conteúdos todo mês.

Além da [Nissan](#) e da [Cachaça 51](#), eles já trabalharam com muitos outros parceiros. Todos os meses eles fecham campanhas pontuais com diversas empresas.

Transição

Romulo não tinha muitas coisas no apartamento em que morava já que estava em São Paulo há apenas um ano. Mirella tampouco tinha grandes coisas. O que mais tinha eram roupas e sapatos. Nenhum dos dois tinha imóveis, carro nem dívidas. Tampouco tinham grande apego pelos itens que possuíam. Venderam tudo o que conseguiram com o objetivo de levantar o máximo de dinheiro para a viagem. Os itens que restaram foram divididos entre a casa da mãe de Mirella e a casa dos pais de Romulo.

Na estrada

Saindo do Brasil, foram até o Ushuaia, na Argentina. Depois, foram subindo todo o continente americano até alcançar o Alasca. Passaram muito tempo nos EUA e no Canadá, até que finalmente atravessaram o Atlântico rumo ao continente europeu.

Os gastos básicos da viagem são cobertos pela receita da prestação de serviços para os parceiros. E os extras saem de suas economias pessoais. Itens tais como o envio do carro em navio, manutenções inesperadas e coisas do gênero.

Eles sempre tentaram economizar evitando gastos com acomodação. Quando conversamos, tinham passado pouco mais de 400 noites na estrada. Não tiveram de pagar hospedagem em 363 dessas noites. Só de [Couchsurfing](#), foram 250 noites. E houve várias outras em que ganharam cortesias de hotéis, sobretudo na América Central.

Uma das estratégias que usaram em alguns lugares foi fazer uma apresentação do projeto em grupos locais de brasileiros, no Facebook, e ver se alguém se dispunha a hospedá-los. Funcionava com frequência. Entretanto, por maior que fosse a economia, a hospedagem não saía de graça.

Ficar na casa dos outros torna a viagem e os vídeos mais interessantes. Eles podem mostrar a casa de outras pessoas, assim como experiências compartilhadas. Os anfitriões se transformam em personagens da história que estão contando no [canal do YouTube](#), o que torna o conteúdo mais interessante.

Por outro lado, isso consome muita energia deles. Quando chegam, precisam socializar, conversar com os anfitriões, compartilhar suas experiências e seguir o ritmo dos donos da casa. O problema é que, além disso, também precisam trabalhar e produzir vídeos para o canal. Não é fácil conciliar.

Outra questão que afeta o trabalho é a velocidade da viagem. Eles não podem ficar tempo demais parados em uma mesma cidade, embora isso seja produtivo para o trabalho. Precisam se movimentar com frequência, para que tenham sempre material novo para mostrar nos vídeos. Se estacionam por mais de três semanas em uma mesma cidade, ficam sem material para mostrar.

Transformação do carro em um *motorhome*

Antes de partirem para a Europa, fizeram uma adaptação no carro que o transformou em uma verdadeira casa. Ficou mais fácil de dormir dentro dele. Já não têm a mesma necessidade de buscar hospedagem na casa de outras pessoas. Apesar de não ter banheiro, é uma casa completa. Além de dormir, podem tomar banho, cozinhar e trabalhar nela. Eles usam banheiros públicos ou os dos *campings* onde estacionam. A única dificuldade que encontram é a falta de internet. É o que mais os atrapalha. Eles comentam: "o aspecto mais desafiador é não ter a ferramenta mais básica para um

nômade digital, a internet. Todos os outros desafios são contornados, mas se não tivermos internet todo o trabalho é em vão." Assim mesmo, passar mais tempo na própria casa tem os ajudado na entrega dos trabalhos.

Crescimento do canal

O projeto está dando certo. O canal cresceu e continua a crescer a cada dia. No momento em que escrevo, o canal já conta com mais de 360 mil assinantes. Perguntei-lhes que ações acreditam que mais contribuíram para o crescimento do canal. A resposta foi: "sempre tivemos uma frequência boa de vídeos e a qualidade dos vídeos também melhorou. Conseguimos fazer alguns virais que ajudaram na divulgação do canal."

Também perguntei se a [network](#) que utilizam ajudou de alguma forma. Eles responderam que não: "a [network](#) nunca nos ajudou em nada". Aliás, conversamos informalmente com outros *youtubers* e essa é a resposta mais comum que recebemos. Quase todos se queixam de que as [networks](#) pouco ou nada fazem por eles.

Muitas pessoas viajam todos os dias através dos [vídeos do Travel and Share](#). À medida que o canal cresce, o faturamento com publicidade vai aumentando. Entretanto eles afirmam que não conseguem viver somente do YouTube. Perguntei-lhes o que opinam sobre a ideia de ser *youtuber* para poder viver como nômade digital. Eles responderam: "vemos muita gente querendo se tornar *youtuber* como solução para geração de renda para viver como nômade. Já fizemos vídeo sobre isso e até hoje não tivemos o retorno financeiro do que investimos no canal. Viver somente do YouTube é um risco grande pois até o canal engrenar, leva muito tempo e muitos canais nunca pegam audiência. Vemos muita gente desmotivada depois de fazer 30 vídeos e não conseguir audiência. Nós fizemos mais de 300 vídeos que pegaram quase nenhuma visualização. Mesmo assim tivemos o YouTube como atividade paralela, nossa renda vinha dos serviços prestados."

Futuro

Quanto ao futuro, não têm ideia de como será. Até porque, em suas próprias palavras, o maior aprendizado até o momento é "que nada é garantido e que trabalhando em seu próprio negócio e com redes sociais é necessário se reinventar todos os dias." Só sabem que não querem mais

viver no Brasil e ter uma vida tradicional, como a que tinham antes. Quando a volta ao mundo terminar, querem continuar viajando e trabalhando de onde estiverem no mundo.

Perguntei-lhes o que fariam diferente se estivessem começando hoje. Eles responderam: "faríamos tudo com mais calma. Devido a muitos dos trabalhos que pegamos, tivemos de viajar em uma velocidade diferente daquela que gostaríamos. Se pudéssemos voltaríamos a percorrer as Américas com mais calma."

Cidades em que mais teriam vontade de morar

- Cidade do Panamá, Panamá
- Austin, EUA
- Portland, EUA
- Granada, Espanha
- Amsterdam, Holanda

Capítulo 4

Babi e Vagner

[Babi Rocha](#), 36, jornalista e produtora
[Vagner Alcantelado](#), 48, publicitário e *designer* gráfico

Sites: [Melhores Momentos da Vida](#), [Alcantelado e Rocha](#)
Moravam em: Rio de Janeiro, RJ
Tempo de transição: 8 meses
Início da vida nômade: dezembro/2012
Receita: produção de séries para a TV e de vídeos para hotéis
Orçamento mensal: US\$ 2000
Entrevista: 17/03/2016
Revisão e atualização: 10/05/2017

História

Quem sonha e acredita chega mais longe do que imagina, como mostra o exemplo de Babi e Vagner. A ideia de conhecer uma cidade como Paris era um sonho distante para Vagner até poucos anos atrás. Hoje em dia, não só a conhece, como roda o mundo inteiro, se hospeda em hotéis de luxo e ainda é pago por eles. Há alguns anos, se alguém lhes contasse que isso aconteceria, eles achariam maluquice, uma fantasia tão impossível de realizar, que não valia a pena nem sonhar. Felizmente a realidade, às vezes, supera os sonhos mais ousados.

Vagner morava em um pequeno estúdio no Rio de Janeiro, onde fazia trabalhos *freelance* como *designer* gráfico. Suas posses se limitavam a uma moto, um computador e algumas mudas de roupa. Babi se dividia entre a casa da mãe e o estúdio de Vagner. Além das roupas, tinha o carro e um emprego, próximo à casa da mãe.

Viagem para a Europa

O que Vagner sabia de inglês era fruto de sua experiência com jogos de computador. Na prática, não falava a língua e não tinha base suficiente para sequer construir uma frase. Viajar para o exterior lhe parecia um sonho distante, até o dia em que Babi lhe fez a proposta de viajar para a Europa. Ela queria ir com ele para lugares como a França, Marrocos, Espanha, Portugal e Holanda. Vagner pensou que ela estivesse maluca. Como ele diz brincando: "será que essa menina usou alguma droga? Moça, a gente não tem dinheiro para viajar para a Europa, não."

Babi lhe mostrou que não era loucura. Ela tinha um plano: economizar no dia a dia, trabalhar bastante e juntar dinheiro. Levaria tempo, mas não a vida toda. Um ano depois, já estavam caminhando nas ruas de Paris. E Vagner descobriu, para seu espanto, que sonhos aparentemente ousados podem se transformar em realidade.

A proposta de uma websérie

Em 2012, um ano após a viagem, Babi saiu da empresa onde trabalhava como produtora e começou a fazer alguns trabalhos como *freelancer*. Entrou em uma fase de transição, em que não sabia muito bem que rumo daria para a vida. Pensou em fazer uma viagem mais longa e propôs a Vagner que fossem para a Austrália ou Nova Zelândia, onde poderiam gravar uma série para a web. Dessa vez Vagner levou a sério, apesar de também achar um sonho difícil de realizar. Ele sempre gostou de assistir séries de TV sobre viagem. Sonhava em, um dia, viajar e filmar sua própria série de TV, o que aconteceria mais cedo do que imaginava.

Mais uma vez, Babi montou um plano. "Vamos entrar em contato com hotéis, pousadas, operadores de *tours*, empresas de esportes radicais e tudo mais que estiver ligado ao turismo em um país. A gente pede acomodação, participação em *tours* e experiências de esportes radicais. Em troca ofereceremos divulgação através da série, do nosso site e de nossas redes sociais. Vamos torná-los conhecidos no Brasil."

Um dia receberam a visita de um amigo de Babi, que era gerente de marketing na Coca-Cola. Contaram a ideia para ele e pediram sua opinião.

Ele gostou e disse que tinha uma boa chance de funcionar. Inclusive sugeriu o nome que eles adotaram para o projeto: [Melhores Momentos da Vida](#).

Era difícil acreditar que alguém toparia o tipo de troca que queriam propor. Eles não tinham prática de fazer vídeos, não tinham bons equipamentos, não tinham sequer um microfone decente, não tinham nenhuma experiência de produzir uma série, tampouco eram conhecidos, mas não custava tentar.

Babi elaborou uma proposta contendo todos os detalhes do projeto e começou a pesquisar na internet por potenciais parceiros na Nova Zelândia. Enviou a proposta para uma infinidade de *hostels*, hotéis, pousadas, locadoras de automóveis e operadores de atrações turísticas. Pediam cinco a sete dias de estadia para *hostels*, hotéis e pousadas em troca de divulgação. Muitos não se deram ao trabalho de responder e outros não quiseram participar. Entretanto, para surpresa deles, houve quem aceitasse.

Com o tempo, Babi foi aperfeiçoando a proposta e fechando um número cada vez maior de parcerias. Em paralelo, Vagner fez o projeto gráfico do site, criou o site, criou as contas nas redes sociais e trabalhou em todos os demais aspectos que serviam para dar credibilidade visual ao projeto. Juntos, fizeram o projeto ficar conhecido nas redes sociais.

Visto de trabalho para a Nova Zelândia

Vagner e Babi usaram o projeto para solicitar um visto de trabalho para o consulado da Nova Zelândia. Era um visto que lhes daria a oportunidade de ficar seis meses no país, trabalhando legalmente como jornalistas. Eles poderiam fazer gravações, filmar, tirar fotos, entrevistar pessoas e exercer todas as demais atividades que lhes ajudassem a criar material promocional para o país. O consulado aprovou o visto e lhes deu todo o apoio necessário, incluindo acesso ao banco de imagens oficiais do departamento de Turismo da Nova Zelândia. Eles podiam renovar o visto a cada seis meses, uma vez que já tivessem chegado à Nova Zelândia.

Nova Zelândia

Juntaram dinheiro para a viagem ao longo de oito meses. Neste período, fecharam muitas parcerias. Quando chegassem à Nova Zelândia, já teriam uma programação bem definida para seguir. Visitariam acomodações que

tivessem fechado parcerias com eles. Sempre iriam diretamente de uma hospedagem parceira para outra, para que nunca tivessem de pagar por hospedagem. O que não imaginavam é que passariam quase dois anos na Nova Zelândia e nunca pagariam por acomodação. Só teriam de bancar combustível, comida e outras despesas gerais do dia a dia.

Chegando em Auckland, em dezembro de 2012, se hospedaram com o primeiro parceiro da viagem, o [Hostel Jucy](#). Eles foram levando todas as economias, que totalizavam US\$ 7 mil, após venderem os poucos bens que tinham e economizar muito durante os meses anteriores. Não era muito para o que pretendiam fazer, especialmente considerando-se que ainda teriam de comprar um carro, além de pagar por comida, combustível e outras despesas gerais.

Nos primeiros dez dias, compraram a *campervan*, carinhosamente batizada de Eleonora. Um dos compromissos que estava agendado era um passeio de barco com jantar incluído. No jantar, puderam degustar lagosta e outras iguarias, regadas a um bom vinho. Mal podiam acreditar que estavam vivendo aquela experiência única e não teriam de pagar por ela. Ao menos não em dinheiro. Só teriam de ajudar a promover aquele passeio através da presença que criaram na web.

Em troca da acomodação no [Hostel Jucy](#), combinaram que produziriam um vídeo promocional de um minuto sobre o local. Fizeram o vídeo, mas não perceberam que aquilo poderia se transformar em uma vertente do projeto, como aconteceria mais tarde.

Deixaram Auckland e foram visitar o próximo parceiro, um lindo casarão histórico onde funciona a pousada [Ownuwhao Harding House](#), em Russell, Bay of Islands. Lá passaram cinco dias. Continuaram visitando outros destinos até alcançar Tauranga, onde passariam um mês estudando inglês através da parceria que fecharam com a [Edenz Colleges](#).

No início, ficaram hospedados por dez dias no [Cameron Thermal Motel](#), uma parceria que lhes deu acesso a piscina aquecida e outros confortos. Apesar de não pagarem por acomodação, o dinheiro estava acabando rapidamente. Eles tinham de encontrar uma forma de fazer caixa. Uma tarefa bastante desafiadora, em um país onde tinham acabado de chegar. Especialmente considerando-se que não paravam quietos em nenhum lugar e Vagner ainda não dominava o inglês.

Busca por trabalho

Deixaram o conforto do hotel para passar a próxima semana acampados na *campervan* e usaram este período para buscar algum tipo de trabalho. Pesquisaram muito em sites como [Trademe](#) e [Seek](#). Eventualmente encontraram uma oportunidade no [Seek](#). Procurava-se gente para trabalhar na colheita de flores. Era obrigatório que os interessados se hospedassem no *hostel* [Bell Lodge](#), que anunciava as vagas e conectava os viajantes aos empregadores locais.

A colheita durou duas semanas e lhes deu um novo fôlego financeiro. Ainda assim, perceberam a necessidade de criar uma nova estratégia para ganhar dinheiro. Não dava para ficar apenas pulando de cidade em cidade e tentando sobreviver.

Criação de sites e vídeos para clientes

Tiveram a ideia de oferecer o serviço de criação de *websites* e vídeos promocionais. O primeiro cliente foi o próprio *hostel* [Bell Lodge](#) onde estavam hospedados. Ele tinha um site precário. Babi e Vagner ofereceram a criação de um site mais moderno em troca de um valor em dinheiro e um tempo adicional de hospedagem. Também se ofereceram para fazer um site para uma empresa de plotagem, a qual, em troca, adesivou toda a van com imagens do projeto.

Dessa forma, eles se reinventaram. A empresa passou a se chamar [Alcantelado e Rocha](#). Babi assumiu a responsabilidade de captar negócios, cuidar do relacionamento com os clientes, fazer o planejamento e controlar as finanças. Vagner assumiu a criação dos sites e a produção dos vídeos. Para divulgar a empresa, criaram um site em inglês, cartões de visita e outros materiais promocionais.

Conseguiram mais alguns clientes em Tauranga e o portfólio começou a crescer. Eventualmente decidiram expandir o negócio para outras regiões. Em todos os lugares, usaram a mesma estratégia. Babi pesquisava online e nas páginas amarelas para identificar potenciais clientes. Pegava os emails deles e enviava centenas de mensagens por dia. Pouca gente respondia. Com o tempo, foi ajustando o conteúdo do email e os trabalhos começaram a aparecer com mais frequência.

Logo perceberam a necessidade de criar [prova social](#). Começaram a buscar depoimentos e trabalharam melhor o portfólio. Eles ofereciam seus

serviços para empresas fortes da região, porém sem pagamento. Queriam apenas colocar essas marcas famosas no site. Isso ajudou bastante. Os potenciais clientes passaram a sentir mais confiança no trabalho deles quando viam que já tinham prestado serviço para empresas mais consolidadas e bem conhecidas. As propostas começaram a ser aceitas com mais frequência e os resultados melhoraram.

Seguiram viagem pelo país. Visitaram parceiros, gravaram vídeos para a série, criaram sites, produziram vídeos promocionais para empresas, colheram kiwi e venderam cerejas.

House sitting

Depois de rodar por vários lugares da Ilha Norte, retornaram para Tauranga. O casal que lhes empregou na colheita de flores tinha uma cadela. Vagner gosta muito de animais. Durante a colheita, a cadela o acompanhava para todos os lugares. Tornaram-se bons amigos.

Os donos dela tinham uma viagem marcada para a Turquia, onde ficariam por três meses. Convidaram Babi e Vagner para ficar na casa deles e cuidar da cadela enquanto estivessem ausentes. A casa ficava em Te Puna, nas proximidades de Tauranga. Foi assim, sem saberem do que se tratava, que tiveram a primeira e única experiência de fazer *house sitting*.

Série de TV

Passar um tempo parado lhes deu a oportunidade de reavaliar a questão da série. No fundo, Vagner sempre quis produzir uma série para a TV. Não queria que fosse apenas para a web. Aproveitou o tempo que ficaram parados, fazendo *house sitting*, para editar o material que já tinham filmado e produzir um episódio piloto para enviar às emissoras de TV.

Ele assistiu a uma infinidade de programas de viagem e deixou o vídeo o mais próximo possível do que via na TV. Quando o piloto estava pronto, começaram a enviá-lo para algumas emissoras e fecharam um contrato com uma das primeiras que contataram, a [Cine Brasil TV](#), para a qual produziram a série [Melhores Momentos da Vida - Expedição Nova Zelândia](#). Segundo o acordo, eles teriam de produzir todos os episódios, entregar para a emissora e, só então, receber o pagamento. Eles finalizaram a produção em 2016 e a série está sendo veiculada na TV, em 2017. Agora

eles estão produzindo a temporada da Ásia, cuja estreia está prevista para março de 2018.

Work exchange

De volta à estrada, visitaram diversos parceiros e fizeram mais alguns trabalhos até atravessarem para a Ilha Sul, onde o trabalho deles ganharia uma nova dimensão. Passaram por alguns lugares até alcançarem Christchurch. Lá, além de produzir alguns vídeos para clientes, trabalharam como gerentes noturnos no [Around the World Backpackers](#), onde ficaram hospedados por dois meses. Foi um período importante para eles editarem os vídeos e recuperar as energias. Foi um arranjo típico de *work exchange*.

Roubo de equipamentos

Em Christchurch, eles viveram um dos momentos mais dramáticos da viagem. Estavam fazendo um curso de inglês. Um dia, foram para a aula e quando retornaram para o carro, descobriram que ele havia sido arrombado. Levaram a mochila com roupas e vários equipamentos. Eles voltaram para dentro da escola e conversaram com os professores sobre o que aconteceu. Os professores sugeriram que eles fizessem um contato com o jornal local. Talvez eles pudessem ajudar de alguma forma.

Entraram em contato com o principal jornal de Christchurch, que se interessou em fazer uma matéria com eles. O jornal explicou aos leitores que Babi e Vagner estavam viajando pela Nova Zelândia para promover o país. Ainda assim, foram roubados e precisavam de ajuda. Muita gente se sensibilizou e ofereceu todo tipo de apoio possível. Até mesmo a faculdade de cinema de Christchurch se prontificou a lhes emprestar os equipamentos de que necessitassem para continuar a produzir a série.

O problema do carro ocorreu porque eles baixaram a guarda. Eles explicam que, de um modo geral, a Nova Zelândia é um lugar seguro. Entretanto, como em qualquer lugar do mundo, problemas acontecem. Especialmente quando pessoas mal intencionadas encontram uma oportunidade fácil. Depois de passar alguns meses no país, Babi e Vagner relaxaram. Habitaram-se à sensação de segurança e não tomaram as precauções necessárias. Deixaram algumas coisas à mostra no interior do carro e isso atraiu a atenção dos bandidos.

Imagens aéreas

Felizmente conseguiram voltar para a estrada. Aproveitaram para pedir um drone para uma fabricante famosa, como ajuda em forma de patrocínio para eles filmarem a série. Para surpresa deles, a empresa aceitou e lhes enviou o equipamento. Terminada a temporada em Christchurch, voltaram para a estrada com energia renovada. A partir daí, começaram a produzir seus trabalhos mais importantes.

Um caso que destacam foi o vídeo que produziram para o [The Old Slaughterhouse](#). A hospedagem fica localizada em um lugar paradisíaco, no topo de uma montanha cercada de vegetação nativa e de frente para o mar. Além das imagens no interior do hotel, também captaram cenas lindas com o drone. Quando o dono assistiu ao vídeo, chorou de emoção. Lembrou do quão difícil foi construir aquela casa, em um terreno tão acidentado, enfrentando todo tipo de desafio para subir com o material. No fim, declarou para Babi e Vagner que o vídeo tinha sido o melhor investimento que já tinha feito na vida.

De lá foram para o [Tripinn Hostel - YHA](#), em Westport, onde passaram quase um mês. Fizeram um site e um vídeo para eles. Ambos foram bem recebidos. O dono ficou tão feliz que enviou o vídeo para o escritório central da [YHA \(Youth Hostel Accommodation\)](#), que cuida de dezenas de albergues ao redor da Nova Zelândia. O pessoal do escritório gostou tanto que contratou Vagner e Babi para produzir vídeos para outros albergues da rede espalhados pelo país.

Em cada lugar, paravam por quatro ou cinco dias. O suficiente para Babi enviar propostas para empresas que ofereciam passeios e experiências diferentes. Eles fechavam parcerias e faziam gravações para a série. Assim tiveram a oportunidade de saltar de paraquedas, pular de *bungee jump*, descer corredeiras e experimentar diversas atrações do país. Tudo sem pagar em dinheiro.

Houve situações engraçadas. Eles chegavam em uma cidade e produziam um vídeo para um albergue. Logo outros descobriam, entravam em contato e contratavam o serviço. Ninguém queria ficar para trás. Eles criaram uma necessidade. Às vezes ficavam presos na cidade por mais tempo que o planejado porque havia um monte de gente querendo contratá-los.

Com o passar do tempo, começaram a priorizar as imagens aéreas, feitas com o drone. Isso lhes ajudou a atrair uma clientela mais luxuosa. Aos poucos, foram deixando de atender albergues e começando a trabalhar para hotéis de alto padrão. Um dos trabalhos foi para um hotel do [Grupo Accor](#), em Queenstown. Eles perceberam que, apesar de cobrarem diárias caras, a maioria dos hotéis de luxo não tinha vídeo algum. Em alguns casos, o máximo que tinham era um slideshow precário, mostrando algumas fotos.

Vídeos para hotéis

O trabalho na Nova Zelândia abriu espaço para eles se concentrarem na produção de vídeos para hotéis de luxo espalhados pela Ásia. Logo viriam os da Tailândia, Indonésia, Singapura, Malásia e Japão.

No total, passaram um ano e sete meses na Nova Zelândia. Renovaram o visto de trabalho duas vezes, porém os oficiais faziam mais perguntas e se mostravam mais exigentes a cada renovação. Não conseguiam entender a razão de a série não estar pronta ainda. Nos últimos meses, ficaram apenas com visto de turista.

A visita à Nova Zelândia foi importante para eles criarem um negócio internacional, único e rentável. Também contribuiu para Vagner aprender a falar inglês. As aulas lhe deram uma base e a necessidade de uso no dia a dia lhe fez aprender a construir as frases. Aos poucos foi se habituando a falar inglês e até mesmo fazer reuniões nesse idioma. Hoje em dia se comunica com naturalidade. Só lhe resta melhorar um pouco o uso do passado e ganhar mais vocabulário.

Ásia

Próximo ao fim da temporada na Nova Zelândia, pensaram em ir para a Austrália e fazer o mesmo por lá, porém perceberam que faria mais sentido mudar de ares. Ponderaram que a Austrália teria cenários semelhantes aos da Nova Zelândia, então preferiram ir para o Sudeste Asiático, onde pretendiam gravar uma nova temporada para a série.

Com toda a experiência adquirida na Nova Zelândia, Babi entrou em contato com diversos hotéis de luxo e eles fecharam as parcerias e trabalhos bem antes de chegar na região. O ritmo foi puxado. Passaram meses trabalhando muito. Depois se instalaram em Chiang Mai por alguns meses e

se concentraram apenas em entregar os trabalhos pendentes, assim como editar os vídeos da série.

Vagner diz que não trocaria essa vida por nada, mas esclarece que não é tão fácil quanto se imagina. Longe disso. Eles trabalham muito, inclusive aos sábados e domingos. Até mais que a maioria das pessoas. E posso confirmar que é verdade. Nós estávamos em Chiang Mai em uma das vezes em que eles se instalaram por lá. Era difícil arrancá-los do apartamento porque estavam sempre trabalhando muito. Até mesmo o almoço com eles era corrido. Só conseguíamos passar mais tempo juntos na academia. Foi um dos poucos momentos da jornada deles em que conseguiram se dedicar a manter a forma física. Babi ganhou dez quilos na Nova Zelândia e estava lutando para perdê-los.

Retorno ao Brasil

Desde que partiram, nunca pensaram em voltar a viver no Brasil. Entretanto, quando estavam nas Filipinas, o pai de Vagner faleceu e eles tiveram de ir ao Brasil. Vagner teve de assumir os negócios do pai e reestruturá-los. Precisou tornar os funcionários mais autosuficientes para que pudessem conduzir o negócio sem sua presença. Foram necessários alguns meses no Brasil para colocar tudo em ordem e voltar para a estrada. Felizmente ele conta com a ajuda de um ótimo gerente, com o qual se comunica várias vezes ao dia por WhatsApp e telefone. Até o momento, tudo está indo bem. Ele diz ter sorte de poder contar com uma ótima equipe, a mesma com a qual seu pai já trabalhava há anos.

Saúde

Babi e Vagner não tiveram de buscar atendimento médico durante quase todo o tempo que passaram viajando. Tampouco tiveram seguro de saúde ao longo desses anos.

Quando estavam na Tailândia, aproveitaram os preços baixos e a alta qualidade dos serviços para fazer um checkup geral e ir ao dentista por uma fração do valor que pagariam no Brasil.

Algum tempo depois, quando estavam em Krabi, no Sul da Tailândia, Vagner sentiu o coração acelerar e ficou preocupado. Buscaram assistência em um hospital de padrão internacional e tiveram um ótimo atendimento.

Vagner fez os exames de sangue, raio X, entre outros. A fatura foi de US\$ 100.

Bancos

Um problema que lhes preocupa na atualidade é o acesso ao internet banking. Quando foram visitar o Brasil, acessaram a conta bancária deles na Nova Zelândia. Pouco tempo depois, ela foi invadida e roubaram o dinheiro que estava lá.

Os bancos brasileiros, por sua vez, são excessivamente burocráticos. Um dos bancos que utilizam solicita o envio de mensagens SMS para efetivar algumas transações. Eles temem que não seja possível recebê-las quando estiverem em outros países.

Recomendações para futuros nômades

Para encerrar, perguntei-lhes se acreditam que seria interessante outras pessoas produzirem vídeos para hotéis com o propósito de virar nômades digitais. Eles disseram: "seria sim, contanto que a pessoa já tenha uma ligação com artes e uma paixão por esse tipo de trabalho. Não aconselhamos que seja apenas uma maneira pensada para ganhar dinheiro, pois, se for apenas pelo dinheiro, há outras formas mais fáceis de ser um nômade digital. Seria necessário estudar bastante sobre a profissão e o mercado, ter referências, conversar com outros profissionais, fazer um bom planejamento financeiro para não passar aperto, criar um bom portfólio, mesmo que sem cobrar para isso no início, e fazer bons contatos."

Recursos citados

- [Seek](#)
- [Trademe](#)

Cidades em que moraram

- Auckland, Nova Zelândia
- Tauranga, Nova Zelândia
- Christchurch, Nova Zelândia
- Westport, Nova Zelândia
- Franz Josef, Nova Zelândia
- Queenstown, Nova Zelândia
- Bangkok, Tailândia
- Chiang Mai, Tailândia
- Bali, Indonésia

Cidades em que mais gostaram de morar

- Tauranga, Nova Zelândia
- Christchurch, Nova Zelândia
- Queenstown, Nova Zelândia
- Chiang Mai, Tailândia
- Bali, Indonésia

Capítulo 5

Thaisy e Roger

[Thaisy Sluszz](#), 35, agrônoma
[Roger Cerqueira Leite](#), 33, desenvolvedor de software

Sites: [Diário Nômade](#), [Trails4Hiking](#), [Cronómídia](#) e [Conteúdo e Cia](#)

Moravam em: São Carlos, SP

Tempo de transição: 1,5 ano

Início da vida nômade: janeiro/2015

Receita: criação de sites e criação de conteúdo

Orçamento mensal: R\$ 6 mil

Entrevista: 16/02/2016

Revisão e atualização: 05/04/2017

História

Dizem que a gente só cresce na dor ou no amor. Quando a dor é insuportável, até as mudanças mais inconcebíveis são possíveis. Você largaria um emprego público para se tornar nômade digital? Thaisy largou. Ela e Roger se lançaram ao mundo em janeiro de 2015 depois de quebrarem a cabeça por um ano e meio e seguirem um planejamento para escapar de uma vida que não lhes fazia mais sentido.

Solteiros

Viajar sempre foi a paixão dos dois. Tanto assim que se conheceram fazendo mochilão na Bolívia em 2012. Na época, Thaisy morava em Concórdia (SC), onde trabalhava como pesquisadora da [Embrapa](#). Como

agrônoma, estava no lugar certo. Gostava do que fazia, tinha um bom salário e viajava a trabalho com frequência, o que fazia com prazer.

Roger morava em Bauru, onde conduzia sua empresa de desenvolvimento de software e viajava sempre que possível. Em 2011, viveu quase como um nômade digital, quando alugou um quarto em Florianópolis e se dividiu entre Bauru e a capital catarinense por um tempo.

A viagem para a Bolívia transformou a vida dos dois. De volta ao Brasil, já não podiam mais viver separados. Decidiram se casar, mas não estavam dispostos a fazer as coisas do jeito tradicional. Queriam fazer uma viagem juntos e economizar com o casamento. Foram para Las Vegas e se casaram lá.

O problema da distância foi resolvido com uma transferência. Thaisy deixou Concórdia e foi trabalhar na unidade de São Carlos (SP), que fica a cerca de 165 km de Bauru. Eles financiaram uma casa na cidade e Roger começou a se dividir entre Bauru e São Carlos.

Dois anos depois decidiram oficializar a união de modo menos tradicional. Queriam fazer uma viagem que fosse inesquecível. Então foram para os Estados Unidos fazer uma *road trip* pelos parques nacionais e se casaram em Las Vegas. Contudo engana-se quem pensa que foi em alguma capela urbana. A cerimônia foi à beira do Tule Spring Lake, na área rural. Essa viagem, repleta de experiências diferentes e lugares maravilhosos, acentuou a vontade de viajar ainda mais.

Vida em casal

A mudança de endereço os aproximou, porém os dias apazíveis tiveram curta duração. Thaisy não se adaptou à nova unidade porque o trabalho era mais burocrático, inflexível e com menos resultados visíveis. Roger cansou do deslocamento constante em rodovias movimentadas e perigosas. E, para completar a insatisfação, nenhum dos dois se encaixava nas atividades oferecidas pela cidade. Logo perceberam que lá não era o lugar deles.

A solução para amenizar o cotidiano cansativo e estressante foi começar a viajar quase todo fim de semana. Os gastos aumentaram com essas viagens e a vontade de seguir viajando só aumentou. Sonhavam em conhecer o mundo.

O dia a dia não ia bem. Perceberam que seria impossível seguir daquela maneira por muito tempo. Então decidiram juntar dinheiro para tirar um ano

sabático. Ficaram inspirados com histórias como a de Rachel e Leo, do [Projeto Viajo Logo Existo](#), que estavam saindo para uma volta ao mundo de carro. Também encontraram exemplos de pessoas que estavam viajando de kombi pelo Brasil e se empolgaram com a ideia. Tanto assim que até começaram a procurar um carro para a viagem e fizeram contato com quem já estava na estrada.

O problema é que não conseguiam imaginar uma forma de ganhar dinheiro enquanto viajassem. Como Roger administrava sua própria empresa, ele até tinha mais liberdade para viajar em qualquer dia da semana. Thaisy, entretanto, como funcionária pública, estava acorrentada ao escritório e era forçada a respeitar horários rígidos.

Pesquisando mais, perceberam que sair de carro pelo mundo era inviável financeiramente. Os custos de manter um veículo na estrada são altos. Não teriam receita suficiente, afinal Roger teria de abrir mão de vários clientes conquistados ao longo dos anos.

Para complicar, também não estavam conseguindo juntar dinheiro. As contas mensais eram altas, pois haviam financiado carro e casa, além de sempre gastarem demais nos fins de semana tentando compensar os dias de trabalho intenso. Começaram a buscar alternativas.

Trabalho remoto

A ida para São Carlos fez Roger mudar sua forma de trabalho. Com o objetivo de reduzir as idas ao escritório, em Bauru, começou a interagir com os clientes utilizando novas ferramentas. Foi eliminando as visitas e convencendo-os a fazer toda a comunicação online. Foi um processo gradual e irreversível. Depois de migrar os principais clientes, encerrou o relacionamento com os que não quiseram adotar o novo modelo de trabalho. Desta forma, conquistou a liberdade de fazer seu trabalho de qualquer lugar.

Thaisy e Roger não conheciam o termo "nômade digital". O assunto ainda não tinha se tornado popular no Brasil. Eles usavam o Google para pesquisar sobre formas alternativas de viagem, porém sem saber ao certo o que estavam procurando. Até que, em meados de 2013, encontraram um de nossos vídeos no YouTube, onde eu explicava o que fazíamos para morar em diferentes países como turista. Roger se identificou com meu caso porque também desenvolvia sites para clientes. Os dois assistiram a outros

vídeos nossos, acessaram nosso site e eventualmente tiveram contato com o termo "nômade digital". A partir daí um novo universo se abriu. Compreenderam que viver como nômade digital era justamente o que queriam fazer.

Transição para a vida nômade

Thaisy não sabia o que fazer para ganhar dinheiro online como agrônoma. Tampouco tinha conhecimento da área de tecnologia da informação. Por outro lado, escrevia bem e estava habituada ao mundo acadêmico. Já tinha orientado alunos, escrito e publicado diversos artigos científicos, dissertações, além de ajudar várias pessoas a escrever projetos técnicos. Lembrou-se que alguns colegas pagavam para que seus artigos e teses fossem revisados ou traduzidos por pessoas especializadas. Thaisy e Roger perceberam que havia aí uma oportunidade.

Alternativas para Thaisy

Criaram um site chamado "Trabalhos Acadêmicos" e começaram a anunciar para alunos. Conseguiram atrair muitos interessados, contudo os valores que os alunos podiam pagar eram irrisórios. Ganhar dinheiro daquela forma lhes pareceu inviável. Desistiram da ideia e identificaram outra oportunidade.

Roger tinha um cliente na área de construção civil, cujo site não ia para o ar porque a empresa nunca enviava os textos necessários. Eram informações simples, como o "quem somos", a descrição dos serviços e outras do gênero. Roger perguntou ao cliente se ele queria que Thaisy escrevesse os textos para o site e recebeu sinal verde. Além de ganhar um pouco de dinheiro, Thaisy ajudou o marido a finalizar um projeto. Depois fez o mesmo com outros clientes dele. Na época, metade dos sites que Roger fazia não iam para o ar por falta de alguém que escrevesse os textos.

Conteúdo e Cia

Percebendo a oportunidade, Thaisy começou a pesquisar no Google sobre "fazer conteúdos para sites". Assim chegou ao conceito de [marketing de conteúdo](#) que desconhecia até então. Ela já tinha feito um curso de

Relações Públicas (em 2002) e um MBA. Sentiu que a área de marketing digital era promissora como uma nova carreira. Estudou, fez cursos e se especializou no tema. Com esse novo foco, fundou a [Conteúdo e Cia](#) em uma época na qual poucas empresas brasileiras se dedicavam a esse tipo de atividade. Foi um bom momento, já que começou antes do boom desse mercado.

Encontrou a primeira cliente fixa no site [Comunica Geral](#), meses depois de escrever os textos do site de construção civil. Era uma pessoa procurando alguém para escrever textos com dicas de turismo pelo Brasil. Thaisy ofereceu seu trabalho, escreveu um artigo experimental e foi aceita. A contratante adorou e virou cliente fiel até hoje.

Resolução de ano novo

O fim do ano se aproximava. Como resolução de ano novo, estabeleceram a meta de ir embora até o fim do ano que começaria. Queriam começar a vida nômade já em janeiro de 2015, custe o que custasse. Thaisy teria o ano de 2014 para fazer seu negócio funcionar e gerar receita suficiente para pagar sua parte das contas.

Aos poucos a [Conteúdo e Cia](#) foi engrenando e novos trabalhos foram surgindo. Thaisy fazia jornada dupla. Durante a semana trabalhava na empresa pública até às 18h, depois ia para casa e escrevia textos para seus clientes até tarde da noite. Nos fins de semana continuava a produzir conteúdo e estudar. Aos poucos conseguiu gerar uma renda extra. Foi crescendo de forma lenta, mas consistente. Com o tempo, alcançou um patamar que era bem inferior a seu salário da época, porém suficiente para pagar suas contas básicas. Quando partissem, o plano era tentar viver sobretudo com a renda da empresa de Roger, que era mais garantida. Seus clientes pagavam mensalidades para que ele fizesse a manutenção e gestão de seus sites. Algum tempo depois, Thaisy também começou a cobrar mensalidades em troca de textos regulares, o que permitiu maior segurança para concretizarem os planos.

Venderam tudo

Eles trataram a resolução de ano novo com seriedade. Cada um tinha seu próprio carro, além da casa. Assim que o ano de 2014 começou, venderam

um dos carros e quitaram seu financiamento para começar a juntar uma reserva financeira. Em fevereiro, colocaram a casa à venda. Pouco tempo depois, receberam a visita de um interessado que ficou entusiasmado e queria comprá-la, mas sumiu do mapa. Outros interessados tampouco a compraram ao longo dos meses que se seguiram. Durante o ano, foram vendendo eletrodomésticos, equipamentos, alguns móveis, entre outros itens de casa. Até que o entusiasmado voltou em novembro. Explicou que tinha finalmente se mudado para a cidade e agora queria mesmo concretizar a compra. Thaisy e Roger já tinham dado o caso como perdido e mal puderam acreditar quando a venda foi realizada.

Venderam o restante dos móveis, eletrônicos e tudo mais que foi possível usando o [OLX](#) e grupos do Facebook, onde ocorreram a maioria das vendas. O irmão de Thaisy estava se mudando na mesma época e comprou algumas coisas também. Itens pessoais, documentos, lembranças, roupas e outros itens dos quais não quiseram se desfazer foram para a casa dos pais, em Curitiba e Bauru.

Em relação ao emprego público, o plano inicial de Thaisy era pedir um desligamento temporário não remunerado. Entretanto ninguém lhe deu crédito e o desligamento não foi aprovado. Assim, no dia 8 de dezembro, Thaisy entregou sua carta de demissão ao chefe, para espanto dele e dos colegas de trabalho. Isso ocorreu depois que ela vendeu a casa, quitou o financiamento correspondente, pagou outras dívidas pessoais e aplicou o restante do dinheiro da venda na reserva financeira do casal.

Reações de familiares e amigos

Durante o ano que antecedeu a partida, Thaisy foi preparando a mãe para o que estava por vir. Explicou o plano que tinham elaborado, mostrou que estavam fazendo uma reserva financeira e que teriam como voltar e recomeçar se fosse necessário. A mãe lhe apoiou. Thaisy conta que sua mãe, por mais que ficasse preocupada, sempre lhe apoiou, mesmo nas decisões pouco convencionais, porque não queria que Thaisy se arrependesse de perder oportunidades e não realizar seus sonhos.

Anos antes de Thaisy nascer, a família perdeu ótimas oportunidades de crescimento financeiro e pessoal por ter receio de mudar de cidade e deixar amigos e familiares. Os que foram no lugar tiveram sucesso e mais tranquilidade financeira durante toda a vida. Os pais de Thaisy se

arrependeram de não terem ido. Planos futuros também foram cortados com o falecimento repentino do pai de Thaisy, em 2004. Muitos sonhos tiveram que ser esquecidos e tudo isso mudou a forma de sua mãe pensar. Ela dizia que, se tudo desse errado, receberia Thaisy de volta em sua casa, de braços abertos.

Já a família de Roger não compartilhava o mesmo pensamento. Por conta de uma criação mais tradicional, os pais dele não gostaram quando optou por casar nos EUA e reprovaram ainda mais sua decisão de ser nômade digital. Acharam todas essas escolhas muito diferentes e em desacordo com o que projetavam para o futuro dos filhos. Contudo, com o passar do tempo, foram se acostumando com a ideia.

Os amigos mais distantes acharam a ideia legal e apoiaram. Os mais próximos se dividiram. Alguns se entusiasmaram ao ponto de curtir a mudança junto, enquanto outros os criticaram, principalmente pelo fato de deixar um trabalho público, algo impensável para muita gente. Segundo Roger, as pessoas associam o emprego público com segurança de uma maneira tão forte que é como se a pessoa se tornasse invencível e nada de errado fosse acontecer ao longo dos anos. Já para Thaisy, o poder psicológico que o emprego público exerce para muita gente é maior até que questões de saúde e felicidade pessoal.

Vida nômade

O ano de 2015 chegou trazendo a tão sonhada liberdade. Logo no início de janeiro, partiram para Buenos Aires, onde começaram a viver como nômades digitais. O início foi mais tortuoso que o esperado, especialmente por conta do câmbio.

O dólar começou a subir rapidamente. Durante o ano de 2015, a cotação saltou de R\$ 2,66, no início de janeiro, para R\$ 3,90, no último dia do ano. Como se isso não bastasse, foram para a Argentina sem levar dólares ou reais. Eles não sabiam que, naquela época, havia uma diferença expressiva entre o câmbio oficial e o paralelo. A deterioração do câmbio e a falha de planejamento lhes gerou um pequeno prejuízo. Aprenderam que é fundamental obter mais informações a respeito dos locais onde iriam morar. Depois de passar um tempo na América do Sul, foram para a Europa. Desde então, têm se dividido entre os dois continentes e tentam passar um mês em cada cidade que visitam.

Viajam com um orçamento de R\$ 6 mil reais por mês, dos quais destinam até R\$ 3 mil para pagar por apartamentos no [Airbnb](#). Utilizam o seguro de saúde do [World Nomads](#), além de manterem um plano de saúde no Brasil.

Thaisy e Roger sabem que precisam manter a forma enquanto viajam. Depois de algum tempo tentando conciliar a prática de exercícios com a rotina de trabalho e outras atividades do dia a dia, conseguiram se disciplinar. Não gostam de academias. Aprenderam que para eles o que funciona é sempre alugar um apartamento nas proximidades de um parque urbano ou local de lazer para manter o ritmo diário. Como são apaixonados por trilhas e estão investindo em um projeto sobre o tema, manter a saúde em dia é fundamental.

Ainda têm dificuldades para fazer amigos enquanto viajam. Devido ao fuso horário, frequentemente trabalham na parte da noite, pois ainda é horário comercial no Brasil. Isso os impede de frequentar alguns encontros do [Couchsurfing](#) ou de grupos do Facebook das cidades por onde passam. Thaisy também sente-se insegura para se comunicar em inglês. Ela se arrepende de não ter investido mais em conversação no inglês ao longo da vida. Entende bem, mas tem dificuldade para se expressar corretamente. Isso a atrapalha na hora de fazer amigos. Entretanto, quando há brasileiros e amigos nas cidades por onde passam, combinam um programa em conjunto nos horários mais tranquilos de trabalho, geralmente pela manhã ou no horário do almoço.

Além do câmbio, também já tiveram outros pequenos problemas pelo caminho. Foram enganados em Santiago, no Chile. O transporte do aeroporto para o apartamento tentou lhes cobrar o dobro do combinado. Decidiram que não iriam mais pegar táxis ou transporte privado, pois são superfaturados e a possibilidade de fraude é maior. Optam sempre por transporte público onde quer que estejam. Também tiveram dores de cabeça com os bancos brasileiros.

Bancos

Quando estavam na Romênia, o chip telefônico do Brasil parou de funcionar. Thaisy deixou de receber SMS com notificações das compras feitas em seu cartão de crédito. Nessa época, o número do cartão foi clonado e os bandidos fizeram várias compras em seu nome. Como não

recebeu as notificações, só descobriu mais tarde, quando a fatura chegou. Teve muito aborrecimento para solucionar o problema, pois o banco solicitava uma carta de próprio punho e assinada dizendo que não reconhecia as compras, mesmo que o banco pudesse identificar claramente que aquele não era seu perfil de gastos mensais.

Roger é cliente de outro banco e precisa receber códigos de autorização via SMS, em determinadas circunstâncias, para movimentar a conta ou habilitar o aplicativo que funciona como um *token* para acesso ao internet banking. Ele também se complicou quando seu chip brasileiro deixou de receber SMS na Romênia.

Conseguiram contornar o problema adotando o serviço [Vivo TU Go](#) que lhes permite receber SMS e ligações de emergência usando a conexão com a internet. Também passaram a optar por cartões de crédito totalmente online, como o [Nubank](#). Assim recebem as notificações sempre que estão conectados com a internet e conseguem acompanhar as compras com facilidade pelo aplicativo.

Saúde

Thaisy e Roger tiveram de buscar atendimento médico em algumas ocasiões enquanto estavam fora do Brasil, primeiro no Chile e depois em diferentes partes da Europa. Eles fizeram a gentileza de explicar como foram esses atendimentos. Os detalhes estão abaixo em suas próprias palavras.

Chile: "Em Viña del Mar, Roger teve uma irritação no olho e precisamos procurar um oftalmologista. Fomos em uma clínica particular e o preço da consulta foi o equivalente a R\$ 300,00, em agosto de 2015. Então não usamos o seguro. Fomos bem atendidos, a clínica era de ótima qualidade e o médico nos pareceu bem capacitado. Tudo ok no final."

Hungria: "Roger precisou ir ao gastroenterologista devido ao que parecia ser uma intoxicação alimentar. Fomos em uma clínica particular cuja recomendação encontramos em sites de expatriados. A clínica era boa, o médico e os atendentes falavam inglês, porém a consulta foi muito rápida, sem exames complementares e o diagnóstico foi impreciso. O preço da consulta foi cerca de 120 euros. Uma semana depois nos mudamos para a Sérvia."

Sérvia: "Na Sérvia, fomos a outro gastro para seguir o tratamento visto que não houve melhora no quadro. Encontramos o [MediGroup](#), uma rede de clínicas, laboratórios e hospitais muito recomendada. Nos impressionamos com a estrutura, atendimento e, principalmente, os preços. Há uma central que direciona os pacientes para um médico disponível rapidamente, no mesmo dia ou no máximo no dia seguinte. No entanto não é emergência ou pronto atendimento, é consulta normal. Roger passou inicialmente por um gastro que solicitou uma série de exames, inclusive alguns mais complexos. Todos os médicos e os atendentes, em sua maioria, falavam inglês. O que achamos interessante é que todos os funcionários de atendimento são médicos ou enfermeiros. Os exames laboratoriais e também de imagem foram rápidos de serem realizados e os resultados saíram em poucos dias.

Como gostamos do atendimento e estrutura, decidimos fazer um check-up geral semanas depois. Em uma das consultas de Roger, perguntamos sobre uma ginecologista. Quinze minutos depois tinha um horário para atendimento. Ficamos na clínica, Thaisy foi atendida e já fez ultrassom e exames ginecológicos básicos. Também foi encaminhada para um neurologista. O preço total da consulta e exames com a ginecologista foi o equivalente a 40 euros. O preço de cada consulta era em torno de 20 euros.

Thaisy retornou na manhã seguinte para se consultar com o neurologista. Ele solicitou vários exames, além de encaminhar a outras especialidades para garantir um diagnóstico mais preciso. Roger também passou por outros especialistas. Todos esses exames e consultas foram realizados dentro de duas semanas.

Um fato interessante é que todo o sistema de prontuário é integrado. Ou seja, um especialista encaminha para outro e nós, pacientes, não precisamos ficar contando a história diversas vezes para cada um. O próximo médico lê todo o prontuário, histórico e possível diagnóstico. Daí ele segue com sua pesquisa a partir daquele ponto. Isso deixa o processo mais rápido e eficiente, com informações realmente integradas sobre o paciente.

No final, gastamos um total de 800 euros, o que calculamos que no Brasil não sairia por menos de 2500 euros e demoraria muito mais tempo para fazer os exames. Acionamos o seguro do [World Nomads](#) e recebemos o reembolso depois de enviar toda a documentação. O pagamento ocorreu sem problemas, respeitando as regras da franquia, cerca de um mês depois."

República Tcheca: "Em Praga, Thaisy teve um problema no dedo da mão e teve de buscar auxílio médico. Solicitamos indicação por parte de

nossa anfitriã que nos recomendou o maior hospital público da região, que tem atendimento a estrangeiros.

O atendimento é no pronto socorro do hospital. Chegamos, tivemos de pagar uma taxa de consulta, cerca de 40 euros, e fomos encaminhados para o médico. Tivemos de aguardar em uma fila grande por quase uma hora. [Como Thaisy tem insegurança no inglês, Roger entrou junto.] Fomos atendimentos ríspidamente e rapidamente por uma médica e uma enfermeira (o que parecia), que falavam inglês. O diagnóstico foi ok, Thaisy saiu com um curativo e receita de remédios, que compramos na farmácia do próprio hospital. Ao final, fomos reembolsados em 20 euros pelo atendimento ter sido simples. Não foi a melhor experiência em atendimento e atenção ao paciente, mas o hospital tem ótima infraestrutura."

Transformações no mercado

Quando fiz a revisão e atualização da entrevista, perguntei a Thaisy e a Roger se eles consideravam que suas respectivas estratégias para ganhar dinheiro online poderiam ser usadas com sucesso por outros nômades digitais. Você encontra abaixo as respostas de cada um deles em suas respectivas palavras.

Thaisy: "Para dar um breve panorama, comecei em 2013, quando a área de marketing de conteúdo ainda não era tão expressiva na internet quanto é hoje. Empresas como a [Rock Content](#) e a [RD Station](#), com alto investimento, conseguiram transformar o mercado, popularizando o tema e ensinando muitos empreendedores a elaborarem seus próprios conteúdos e estratégias.

No início, eu era redatora, depois editora e revisora. Hoje atuo planejando e definindo as estratégias para cada cliente, mas já em outra metodologia, a de [inbound marketing](#). Ainda integro ações de *inbound* com o [marketing de relacionamento](#), *social media*, links patrocinados e vendas. Ou seja, precisei evoluir muito para acompanhar o mercado.

O que percebi ao longo desses 3 anos de atuação e estudo é que o mercado já teve seu *boom*. Com isso, mais profissionais entraram na área e a concorrência acirrou. Como em outras áreas do conhecimento, isso fez baixar o valor por hora pago para cada profissional, em especial aos iniciantes.

Porém há uma enorme diferença entre quem oferece um simples texto e quem produz um conteúdo realmente voltado para o marketing. O *webwriting* [redação para a web] é uma maneira diferente de escrever e abordar os assuntos, pois precisa informar o leitor, mas também contemplar algumas regras de [SEO](#) para posicionamento do conteúdo junto ao Google. Então não adianta mais o profissional apenas 'saber escrever' um texto bacana. É preciso ter técnica.

Ainda há espaço para bons profissionais, sejam eles redatores ou editores. A concorrência está bem mais complexa, por isso é preciso se diferenciar desde o início com um bom portfólio e apresentação ou ainda oferecendo serviços para nichos específicos, como medicina e engenharia, por exemplo.

Faça cursos, leia muito, ganhe certificações de empresas reconhecidas (como [Hubspot](#) e Google) e encare plataformas de *freelancers*, mas também se candidate a escrever para as agências de conteúdo. Podem ser portas de entrada para você mostrar seu trabalho e também evoluir no atendimento a clientes, os fidelizando no longo prazo.

Se ainda é uma boa área? Acredito que sim, porém quem pensa em ingressar hoje já se insere no mercado de uma maneira mais evoluída, trabalhando com *inbound marketing*, por exemplo. Conheça bem a metodologia, veja linguagens interessantes para cada cliente, cada área demanda uma forma de escrever, aprenda a publicar nos blogs (em [Wordpress](#), [Prestashop](#), [Magento](#)) e prepare-se para muito trabalho diário e contínuo, que é o mais desgastante na área."

Roger: "Desenvolvimento de sites é uma boa porta de entrada para quem deseja começar a trabalhar remotamente e já está minimamente familiarizado com a área de tecnologia da informação. O investimento inicial é baixo, há muito material para estudar na internet e o mercado é enorme, visto que toda empresa ou profissional autônomo é um cliente em potencial. Porém o lado negativo é justamente causado por esta facilidade de começar este tipo de negócio: uma alta concorrência que joga os preços lá embaixo, além de uma necessidade constante de estar se aprimorando e se reinventando, pois sempre terá alguém oferecendo uma novidade melhor que a sua. Até por conta disso, a fidelidade dos clientes que conseguir também será baixa. Um jeito de remediar este lado negativo é atacar nichos específicos, oferecendo algo mais de acordo com as necessidades de determinado grupo. Assim é possível conseguir clientes mais fiéis e que

estão dispostos a investir um valor maior, visto que sua solução terá um valor agregado maior que de seu concorrente genérico. Mas o que irá valer mesmo para seu negócio ter sucesso são as mesmas habilidades necessárias para qualquer outro tipo de negocio online: disciplina, capacidade de se organizar, vender e construir parcerias."

Aproveitei para perguntar o que fariam diferente se estivessem começando hoje. Eles disseram que teriam tentado juntar mais dinheiro na época em que ganhavam mais, para que pudessem se aposentar mais cedo, visto que agora a capacidade deles de guardar dinheiro está mais reduzida. Também teriam feito um esforço maior para conseguir clientes fora do Brasil para ter maior estabilidade financeira e driblar os efeitos da crise que pela qual o Brasil está passando. Agora que eles já têm uma demanda de trabalho maior no Brasil, eles têm mais dificuldade para separar um tempo para buscar clientes no exterior. Por fim, também disseram que teriam se dedicado a aprender russo por um ano pelo menos. É uma língua que pode ajudar bastante no Leste Europeu, o lugar do mundo em que eles mais gostam de morar. Eu e Pati também não vemos a hora de aprender russo pela mesma razão.

Futuro

Apesar destes atropelos e de trabalharem muito para manter o orçamento, adoram a vida nômade e não pensam em parar tão cedo. Mas vão, aos poucos, mudar o rumo dos trabalhos.

Atualmente estão se dedicando ao [Trails4Hiking](#), um site sobre trilhas e atividades ao ar livre. Hoje é uma forma de divulgarem o que amam fazer, mas esperam futuramente achar uma forma de monetizar o projeto. Acreditam que se conseguirem realizar o sonho de viajar e curtir a natureza de forma intensa, outros conseguirão fazer o mesmo. Basta conhecer os caminhos e se planejar de forma adequada.

A essa altura, Thaisy entende bem o que é sair da zona de conforto. Se tivesse ficado em Concórdia, se Roger tivesse se mudado para lá, se ainda trabalhasse em um lugar que gostasse, se continuasse viajando a trabalho com frequência, o mais provável é que nunca tivesse saído para conhecer o mundo como nômade digital. Sem a insatisfação com o dia a dia, eles estariam no Brasil até hoje esperando pelas férias ou finais de semana prolongados.

Recursos citados

- [Airbnb](#)
- [MediGroup](#)
- [Nubank](#)
- [OLX](#)
- [Vivo TU Go](#)
- [World Nomads](#)

Cidades em que moraram

- Buenos Aires, Argentina
- Mendoza, Argentina
- Lisboa, Portugal
- Barcelona, Espanha
- Santiago, Chile
- Viña del Mar, Chile
- Saronida, Grécia
- Plovdiv, Bulgária
- Sofia, Bulgária
- Varna, Bulgária
- Brasov, Romênia
- Budapeste, Hungria
- Belgrado, Sérvia
- Praga, República Tcheca
- Cracóvia, Polônia
- Poprad, Eslováquia
- Liubliana, Eslovênia
- Split, Croácia

Capítulo 6

Ana Paula e Cleivson

[Ana Paula Bezerra](#), 36, contadora

[Cleivson Bezerra](#), 39, consultor

Keenan Bezerra, 10

Kayan Bezerra, 9

Site: [De Passagem na Viagem](#)

Moravam em: Lauro de Freitas, BA

Início da vida nômade: outubro/2016

Receita: contabilidade e consultoria

Orçamento mensal: € 1000

Entrevista: 23/03/2017

História

Azymuth é uma palavra inglesa que deriva do árabe *as-sumūt*, ou seja, direção. É uma medida em graus usada com frequência em navegação, astronomia, engenharia e outras áreas do conhecimento. É também o nome de um catamarã à vela que mudou a vida da família Bezerra. As experiências vividas a bordo do Azymuth impulsionaram Ana Paula, Cleivson, Keenan e Kayan a deixar Lauro de Freiras, BA, e viver pelo mundo.

Navegar e conhecer o mundo são atividades que andam juntas há tempos. Muito antes de existirem nômades digitais, navegadores já usavam veleiros para visitar todos os cantos do globo terrestre. Isso vale inclusive para grandes navegadores brasileiros, como [Amyr Klink](#), [Família Schurmann](#) e tantos outros. Não é de admirar que o veleiro tenha servido de inspiração para a família Bezerra começar a viajar de forma permanente.

A história dela era semelhante a de tantas outras famílias brasileiras. Nas palavras de Cleivson, resumia-se a trabalho, escola e *shopping*. Os pais trabalhavam muito, as crianças passavam parte do tempo na escola e a família passeava no *shopping* nos fins de semana. Ana Paula e Cleivson trabalhavam o ano inteiro para conseguir tirar alguns dias de férias em um lugar legal. Nem sempre foi assim.

Cleivson trabalhava com planejamento em indústrias e grandes empresas que atuam em setores como mineração, petróleo e construção civil. Trabalhava muito e costumava levar meses em viagens a trabalho. Passou várias temporadas nas mais diversas cidades brasileiras. Também ficou alocado por quase um ano no Peru. O filho mais novo quase nasceu lá. O ritmo de viagens só foi reduzido quando os filhos atingiram a idade escolar. Foi quando se instalaram em Lauro de Freitas, na região metropolitana de Salvador.

Viagens a trabalho não eram as únicas que Cleivson fazia. Ele e Ana Paula sempre gostaram de viajar. Aproveitavam toda oportunidade que surgia para viajar com os filhos. Não importa se era para ficar em hotel ou em um simples acampamento. Queriam sempre viajar tanto tempo quanto possível. Até que conheceram Roque e Phillipe, pai e filho, velejadores experientes que lhes apresentaram ao mundo da vela.

O catamarã Azymuth entrou na vida da família e trouxe grandes transformações. A bordo dele, aprenderam a velejar, passaram muitos apertos no mar e conheceram diversas partes da Baía de Todos os Santos. Essa experiência lhes trouxe confiança, amizades e o desejo de ir mais longe. Queriam visitar o restante do mundo, navegar por outros mares, conhecer pessoas de culturas diferentes e viver em outros lugares.

Uma coisa é querer, outra é poder. À medida que os filhos foram crescendo, as viagens de avião foram se tornando mais escassas. A passagem das crianças começou a custar quase o mesmo que a dos pais. Dependendo do destino, era inviável bancar quatro passagens de ida e volta. Eles não tinham conhecimento das técnicas que ajudam a economizar na compra das passagens, então limitavam-se a destinos mais próximos.

O veleiro despertou o desejo de conhecer o mundo, mas isso não bastava. Era preciso aprender a viajar gastando menos. Além disso, se quisessem viajar por um período mais longo, seria necessário repensar a forma de educar as crianças. Ingressar no mundo da vela lhes ensinou que é possível educar os filhos sem interná-los em uma escola. Eles conheceram

velejadores que tinham filhos e viajavam por longos períodos de tempo. Isso era prova de que existe solução. O exemplo da [Família Schurmann](#) é emblemático.

Ela começou a velejar pelo mundo em 1984. Nessa época, a computação pessoal ainda estava começando a dar os primeiros passos, não havia notebooks, *smartphones* e nem mesmo acesso à internet. Portanto Facebook, YouTube, [Airbnb](#), Uber, WhatsApp, Skype e tantos outros serviços que facilitam a vida dos viajantes ainda não haviam sido concebidos. O mundo era mais difícil, mas isso não impediu a família de educar os três filhos no barco.

No dia 14 de abril de 1984, a [Família Schurmann](#) partiu de Florianópolis para a expedição [10 Anos no Mar](#). A bordo do veleiro Guapo, [Pierre](#), [David](#) e [Wilhelm](#), respectivamente com 15, 10 e 7 anos de idade, partiram com os pais, [Vilfredo](#) e [Heloisa](#). Eles estudaram por correspondência a bordo do veleiro. Ficar fora da escola não os condenou a uma vida de fracassos, longe disso.

Passados mais de 30 anos, a julgar pela realização de cada um, concluiu-se que transformaram-se em adultos capazes e bem sucedidos. Pierre desembarcou nos EUA, estudou administração e eventualmente tornou-se um empreendedor e investidor bem sucedido. David estudou cinema na Nova Zelândia e transformou-se em um cineasta premiado. Dirigiu longas-metragens, séries de TV e inúmeros filmes publicitários. Wilhelm, único a acompanhar os pais durante todos os 10 anos da expedição, aprendeu a se comunicar com fluência em três idiomas, visitou 42 países, aprendeu windsurf aos 10 anos e tornou-se atleta profissional. Ele compete em diversas categorias sob a matrícula BRA-999. Tornou-se campeão mundial, brasileiro, norte americano, sul americano, europeu e australiano. É um dos maiores atletas do windsurf nacional e internacional.

O mundo mudou desde a década de oitenta. Educar um filho sem enviá-lo para uma escola tornou-se mais fácil e mais comum. Ana Paula e Cleivson sabiam que havia caminhos. Eles só precisavam pesquisar e descobri-los. Passaram mais de um ano estudando, fazendo cursos, assistindo vídeos de outros viajantes e se preparando para sair pelo mundo. Em outubro de 2016, finalmente partiram em direção à Europa.

Usando o que aprenderam, conseguiram comprar passagens para o velho continente por um valor inferior ao que muitos pagam para viajar dentro do Brasil. O desafio maior, entretanto, era ajustar o trabalho à vida nômade.

Mudanças para os pais

Ana Paula é da área de contabilidade. Apesar de ser uma profissão bastante convencional, contadores raramente precisam ter contato presencial com seus clientes. De fato, o mais comum é que trabalhem em escritórios de contabilidade totalmente separados de seus clientes finais. Existem apenas algumas atividades que demandam a presença do contador ou de um despachante contratado por ele. São visitas a órgãos públicos e cartórios para emissão de certidões, arquivamento de contratos, entre outras.

Ana Paula conversou com seus clientes, explicou que viajaria e não poderia mais fazer os serviços de despacho, embora pudesse continuar a executar todas as demais atividades da contabilidade. Alguns clientes aceitaram fazer os serviços de despacho por conta própria em troca de uma redução no valor dos honorários, enquanto alguns preferiram migrar para outros serviços de contabilidade. Isso permitiu que Ana Paula continuasse a trabalhar em sua área enquanto viaja. O inconveniente é que os rendimentos caíram em um primeiro momento.

O caso de Cleivson foi mais complicado. Seu trabalho na área de planejamento demandava um maior envolvimento presencial. Seria difícil executá-lo de qualquer lugar do mundo. A solução foi se reinventar. Como também entende de computação, Cleivson começou a oferecer seus serviços como freelancer em sites como o [Workana](#). Está prestando consultoria na criação de sites e no desenvolvimento de presenças digitais para empresas que só estão presentes no mundo físico. Seus rendimentos caíram em um primeiro momento. É algo que já esperava que acontecesse e já tinha se planejado para enfrentar, portanto não foi nenhuma surpresa.

Quando saíram do Brasil, eles desfizeram-se de tudo: apartamento, carros, o veleiro, móveis e tudo o mais que possuíam. Isso lhes ajudou a montar uma reserva financeira que está sendo útil para enfrentar a queda nos rendimentos no início da vida nômade. Desfazer-se de tudo também serviu para eles se forçarem a encontrar soluções e não desistirem diante das primeiras dificuldades. Se tivessem a consciência de que ainda tinham tudo no Brasil, seria fácil pensar em voltar por conta dos desafios inevitáveis que teriam de enfrentar.

Mudanças para os filhos

Deixar o Brasil não agradou a todos. As crianças não aprovaram em um primeiro momento. Ficaram ressentidas por ter de deixar para trás a escola, os amigos e o restante da família. Para piorar, tiveram muitas dificuldades de comunicação nas primeiras semanas.

A jornada começou em Portugal, onde tudo correu bem. As crianças estavam acostumadas a assistir a vídeos de canais portugueses no YouTube, portanto não tiveram dificuldades com o sotaque lusitano. As complicações começaram quando chegaram à França, o destino seguinte. Franceses são notoriamente conhecidos pela pouca disposição de falar outro idioma que não seja o francês. Pior ainda quando se trata de crianças. Nem Keenan nem Kayan falavam outra língua além do português, assim como as crianças francesas tampouco falavam outra que não fosse o francês. Para complicar, a estadia na França não seria curta.

A família precisou instalar-se em Paris por alguns meses para Cleivson assessorar um dos primeiros clientes de seu novo segmento de negócio. Uma empresa de turismo estava indo bem no mercado francês, porém carecia de uma presença digital. Cleivson fez consultoria para essa empresa durante três meses. Criou site, colocou a empresa nas redes sociais, definiu estratégias e aprendeu muito sobre o mercado de turismo na França.

Perto de onde estavam acomodados, havia um centro esportivo que ficava aberto às quartas-feiras. Todas as crianças do bairro iam para lá para brincar e jogar bola. Keenan e Kayan não queriam ficar de fora, entretanto as crianças francesas não os compreendiam. Por mais que aprendessem algumas expressões básicas em francês, as demais crianças não conseguiam ou não queriam entendê-los. As primeiras semanas foram frustrantes. Com o tempo, aprenderam a se comunicar em francês, ao menos o suficiente para conseguir brincar e jogar com as demais crianças.

A igreja também ajudou. A família faz parte da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que está presente no mundo todo. Em Paris, os filhos tiveram a oportunidade de conhecer outras crianças de famílias locais que também participam da igreja. Elas lhes ajudaram a aprender francês e a se integrar na comunidade local. A maior mudança para os filhos, contudo, foi a adoção do *homeschooling*, também conhecido no Brasil como [ensino doméstico](#) ou domiciliar.

Homeschooling

Durante a semana, quando as crianças acordam, elas tomam café da manhã e estudam algumas lições da bíblia por uns trinta minutos. Em seguida, é hora da "escola".

As aulas são através da internet. O conteúdo vem de duas fontes principais: [Khan Academy](#) e canais educacionais do YouTube. Os pais assumem um papel semelhante ao de um professor particular. Eles complementam as aulas, tiram dúvidas, orientam os estudos e passam exercícios.

Existe um planejamento semanal das aulas. Duas matérias são definidas para cada dia, sempre combinando um assunto que as crianças curtem e outro de que não gostam tanto assim. Em uma determinada quarta-feira, por exemplo, as crianças estudam matemática e geografia. O expediente começa com as crianças assistindo aulas online. Em seguida, Ana Paula faz a monitoria de matemática durante uma hora. Depois Cleivson assume e passa outra hora discutindo a lição de geografia. Para finalizar, as crianças passam mais uma hora fazendo exercícios, pesquisando assuntos definidos pelos pais e estudando sozinhas. Essa é a rotina que Ana Paula e Cleivson adotaram para educar os filhos.

O expediente escolar é na parte da manhã para aproveitar a diferença de fuso horário com o Brasil. Quando é manhã na Europa, ainda é cedo no Brasil, as pessoas estão dormindo. É justamente o momento em que Keenan e Kayan estudam. Assim ficam livres na parte da tarde para brincar com os amigos no Brasil, onde o dia está começando. Com frequência, reúnem-se com eles pelo Skype e jogam videogame através da internet, algo que já faziam regularmente quando moravam no Brasil.

Os pais não precisam ir para o quadro negro para ensinar as lições. O [Khan Academy](#) oferece lições gratuitas de matemática, ciências, artes, programação, economia, finanças e muito mais. Para outros assuntos, tais como português, inglês e história do Brasil, as crianças usam canais do YouTube tais como: [Matemática Zup](#), [Biologia Total](#), [Se Liga Nessa História](#), [Física Total](#), [Química em Ação](#), entre outros. Essas aulas online costumam ser bem preparadas, os assuntos são explicados de forma didática e o aluno pode rever a lição quantas vezes quiser.

Não é só em casa que as crianças estudam. Há uma diversidade de formas de aprender. Quando a família sai para passear, os pais tentam fazer

programas que possam complementar o aprendizado das crianças. Quando estavam em Portugal, visitaram o Museu dos Descobrimentos. Em Paris, visitaram o Museu do Louvre e o Museu da Ciência e Tecnologia. No dia em que os entrevistei, estavam em Brasov, na Romênia. Horas antes de nossa conversa, visitaram a [Igreja Negra](#) e o [Castelo de Bran](#), também conhecido como o Castelo de Drácula. Antes dessas visitas, as crianças estudaram sobre vilas medievais, tipos de construções da era medieval, assim como a história de [Vlad, o Empalador](#).

Depois de um dia de aprendizado externo, os pais pedem que os meninos escrevam um resumo sobre o que viram. O exercício serve para fixar o aprendizado e treinar a escrita em português. Eles também estão envolvidos no projeto de um gibi onde contam a história da viagem de uma forma divertida. Criaram personagens, definiram os países e estão criando a história em quadrinhos por conta própria. É uma forma de exercitar o lado artístico, treinar português, história e geografia, além de tornar o estudo mais divertido. As crianças também estão gravando vídeos para um canal próprio do YouTube.

Lembre-se de seus tempos de escola, quando a professora ensinava algo sobre idade média, castelos e cidades medievais. Sentado em uma sala de aula no Brasil, o que você podia fazer era tentar imaginar o que tudo aquilo significava. Não teria sido mais interessante poder sair dessas lições e visitar uma cidade medieval e um castelo de verdade? Seria um aprendizado mais rico e duradouro. E esse é apenas um pequeno exemplo de como as viagens podem aprimorar o processo de aprendizagem.

Ana Paula cita um outro caso. Quando estudaram ciências, os meninos aprenderam sobre as estações do ano. Na maior parte do Brasil, não há grandes diferenças entre elas. Já na Europa, as estações são bem marcadas. Quando chegaram à França, era outono. As crianças tiveram a chance de ver as folhas mudando de cores e caindo das árvores. Depois passaram o inverno na Romênia, onde viram as árvores peladas e conviveram com a neve por vários meses. Em seguida passaram a primavera na Bulgária, onde viram as folhas e flores renascendo e as árvores ganhando vida novamente. Isso lhes ajudou a compreender as lições sobre os movimentos da Terra e a razão da existência das estações do ano. Por essas e outras razões, os pais percebem que as crianças já estão mais adiantadas nos estudos em comparação aos amigos que continuam na escola, no Brasil. Matemática,

por exemplo, é uma matéria em que já estão mais adiantados, porque as aulas da [Khan Academy](#) são mais avançadas.

Planejamento dos estudos

Para organizar os estudos, eles contam com a ajuda da [Clonlara School](#), uma escola estado-unidense com filiais em diversos países. Ela provê suporte pedagógico e legal para famílias que adotam o *homeschooling*.

Keenan e Kayan estão matriculados na Clonlara e recebem suporte em português através da [filial de Portugal](#). Dessa forma, são alunos regulares de um curso de ensino fundamental, apesar de não irem para uma escola para frequentar as aulas.

Na Clonlara, é possível adotar um modelo de ensino tradicional. Neste caso, a escola envia todos os livros didáticos que servem de guia para os alunos e os pais. Há uma agenda bem definida. Todas as lições e exercícios são baseados nos livros enviados. O custo é mais elevado em função desses livros. Ana Paula e Cleivson perceberam que esse modelo não funcionaria para eles porque seria inviável carregar os livros. Eles viajam com malas pequenas para usar companhias aéreas de baixo custo. Então optaram por um modelo menos estruturado.

Eles montaram uma agenda de estudos em conjunto com uma pedagoga da Clonlara. Ela é portuguesa e deu toda a orientação sobre como montar o plano de estudos, assim como detalhes sobre como conduzir o processo de ensino. Quando os pais têm alguma dúvida, eles marcam um horário e conversam com ela pela internet.

No dia a dia, seguem a agenda que montaram com base no plano de estudos acordado com a pedagoga da Clonlara, que também faz um acompanhamento regular. Os pais fazem um relatório semanal onde indicam o que as crianças estão estudando e como está sendo o desempenho delas. Por exemplo, quando estavam estudando ciências, aprenderam sobre decomposição. Em seguida fizeram um experimento. Pegaram as maçãs que comeram durante a semana e deixaram expostas ao tempo para avaliar o resultado da decomposição. Tiraram fotos e as anexaram ao relatório semanal. Ao final do semestre, os relatórios semanais são usados para produzir um relatório consolidado que é enviado para a Clonlara. No fim do ano, com base na avaliação dos relatórios, a Clonlara emite um certificado oficial de que as crianças terminaram de cursar aquele ano escolar

As crianças receberam carteirinhas de estudantes comprovando que estão regularmente matriculadas em uma escola internacional. O certificado da Clonlara e as carteirinhas de estudante são reconhecidos oficialmente em qualquer lugar do mundo. Portanto as crianças podem voltar para a escola tradicional, na série em que estiverem no momento, sem maiores problemas. Estar matriculado na Clonlara também evita a possibilidade de complicações legais no Brasil.

Impressões iniciais dos pais e das crianças

Keenan está no sexto ano e Kayan está no quarto. Quando os entrevistei, estavam fazendo *homeschooling* há seis meses. Eles me passaram suas impressões sobre o que lhes parece melhor na escola tradicional e o que é melhor nesta nova forma de estudar.

Explicaram que os estudos são mais livres no *homeschooling*, o que não significa que estudem menos. Apenas têm mais liberdade para escolher os assuntos que irão estudar e a forma de aprendê-los. Keenan cita o exemplo de química, um assunto que não é coberto com profundidade no sexto ano. Ele encontrou as aulas de química na Khan Academy, se interessou por elas e começou a estudá-las por conta própria. Tornou-se seu assunto preferido.

Essa liberdade é bem-vinda, mas os meninos enfrentam alguns desafios que não tinham na escola tradicional. Um dos principais é a barreira do idioma. Eles usam o Khan Academy com frequência, o qual não está completamente traduzido para o português. Frequentemente precisam usar o Google Translator para compreender as lições. Eles se queixam desse aspecto, porém isso pode revelar-se proveitoso com o passar do tempo por acelerar o aprendizado do inglês.

Na escola tradicional, o ensino não era individualizado. Eles comentam que muitas vezes ficavam com vergonha de perguntar algo que não tinham compreendido. Achavam que outros alunos iriam pensar que eram burros. Além disso não gostavam de algumas professoras, seja porque não eram legais ou porque não conseguiam compreendê-las. Por outro lado, queixam-se de que estudar através do Khan Academy às vezes é mais difícil porque as aulas são mais avançadas que na escola. Vale dizer que eles estudam alguns tópicos na Khan Academy que não estudavam na escola tradicional, como é o caso de programação.

Apesar de estarem gostando do *homeschooling*, Keenan e Kayan sentem saudade da escola tradicional. Eles sentem falta da rotina da escola, dos amigos e do aspecto presencial. Cleivson pondera que, no início, como já estavam acostumados a anos de escola tradicional, era natural que sentissem a diferença e a falta do convívio presencial com os amigos. Por isso custaram a se adaptar à nova rotina. Ana pondera que *homeschooling* não é para todo mundo. Os pais precisam assumir as rédeas do processo de formação dos filhos. Isso demanda tempo e dedicação. É preciso estudar os assuntos, lembrá-los e estar preparado. As crianças têm dúvidas e você precisa estar pronto para respondê-las.

Adeptos do *homeschooling* frequentemente [criticam a escola tradicional por romper o vínculo entre pais e filhos cedo demais](#). Fazendo *homeschooling*, os pais passam mais tempo com os filhos. Esse é um aspecto bastante positivo do *homeschooling*. Ana e Cleivson explicam que, durante os momentos de estudo, as crianças conversam, se abrem, perguntam coisas que não têm ligação apenas com a matéria, ficam animadas e se esforçam para mostrar que estão aprendendo. Elas se dedicam mais. Gostam de deixar os pais orgulhosos. Eles percebem que as crianças acham importante esses momentos que passam na companhia dos pais. É um grande bate-papo que ocorre diariamente e tem inúmeros desdobramentos positivos na formação psíquica da criança, algo que vai muito além do aprendizado das matérias.

Rotina semanal

As crianças estudam na parte da manhã de segunda a sexta, sempre com o apoio dos pais, sendo uma hora para cada um. Depois ficam livres para brincar e fazerem o que quiserem no restante do dia. Os meninos brincam de Lego, jogam videogame com os amigos do Brasil, desenham, brincam no parquinho e fazem o que mais der na telha. Já os pais trabalham o dia todo.

O sábado é o dia reservado para a igreja e a comunhão com Deus. É quando se envolvem mais com a comunidade e os amigos da igreja. Tanto quanto possível, eles têm tentado contribuir de alguma forma para as comunidades por onde passam. Na França, ajudaram a comunidade hispânica preparando a programação de Natal. Na Romênia fizeram uma palestra com a ajuda de um tradutor que falava português. Falaram sobre o

estilo de vida nômade e a palestra foi transmitida pela TV local. Tentam sempre fazer algum tipo de trabalho social nos sábados.

O domingo é o dia que a família tira para se desconectar da internet e do trabalho. Eles passeiam e frequentemente visitam museus ou outros locais que possam contribuir com a educação dos meninos. Tanto quanto possível, tentam fazer passeios que agreguem ao conhecimento do que as crianças aprenderam ao longo da semana que terminou.

Ana Paula e Cleivson consideram importante adotar uma rotina bem definida, porém explicam que ela não é rígida nem engessada. Eles se dão à liberdade de quebrá-la quando lhes parece fazer sentido.

Atividades físicas

Quando estavam na França, fizeram diversas atividades físicas. Saíam com frequência para passear, caminhar e correr, até porque os meninos precisam gastar energia. Cleivson conta que sempre praticou vários esportes. Ele apresentou aos meninos o [badminton](#). As crianças gostaram e passaram a jogá-lo com frequência.

Chegaram à Romênia no início do inverno e daí por diante a situação se complicou. Logo na primeira semana, pegaram temperaturas de -15 graus Celsius, além de uma nevasca que durou quase duas semanas e deixou montanhas de neve por todos os lados. Daí por diante, ficou mais difícil sair de casa e todos passaram a se exercitar menos.

Com o início da primavera, já na Bulgária, com o calor voltando aos poucos, a rotina de exercícios voltou. No litoral, em Nessebar, frequentaram os parques com aparelhos de ginástica e um circuito de [CrossFit](#) na areia da praia, disponível gratuitamente para os amantes de esportes alternativos. Como recompensa pelo esforço, podiam desfrutar do visual inspirador do Mar Negro.

Orçamento doméstico

Trabalhar com um orçamento reduzido tem sido um dos desafios de Ana Paula e Cleivson desde o início da viagem. Felizmente várias mudanças contribuíram para reduzir os gastos, incluindo a própria adoção do *homeschooling*. Quando estavam no Brasil, os filhos estudavam em uma escola onde a mensalidade era de R\$ 1000 para cada um. Eles conseguiram

bolsas de 50% de desconto, portanto pagavam R\$ 500 para cada filho. O custo total das mensalidades era de R\$ 12 mil por ano, para os dois filhos. Já a Clonlara cobra € 600 por ano para cada criança. No momento em que escrevo, isso equivale a R\$ 2 mil. Logo, o investimento anual com uma instituição de ensino para os filhos passou para R\$ 4 mil no total, uma economia de quase 70% em relação ao que pagavam no Brasil.

A família teve dificuldade para manter os gastos sob controle no período que esteve em Paris. Por falta de experiência, cometeu alguns erros e as despesas superaram o planejado. Felizmente conseguiram arrumar as contas quando foram para a Romênia. Apesar de terem ido inicialmente para a capital, Bucareste, escolheram passar a maior parte do tempo em Bacău, uma cidade do interior do país onde o custo de vida é semelhante ao do Sudeste Asiático. Por ser uma cidade com poucas atrações turísticas, eles poderiam se concentrar melhor em seus novos projetos de produtos digitais.

Encontraram um bom apartamento no [Airbnb](#) com um custo total de 200 euros por mês (todas as contas incluídas). O apartamento tinha um quarto grande, uma sala grande com sofá-cama e área de trabalho, uma cozinha bem equipada, TV a cabo e uma conexão à internet bastante rápida, além de ficar localizado no centro da cidade. Pela minha experiência pessoal, mesmo em Chiang Mai, na Tailândia, não se encontram apartamentos com essa infraestrutura por 200 euros ao mês.

Eles cozinham a própria comida no dia a dia, o que lhes permitiu ter um gasto de aproximadamente 250 euros por mês com alimentação para toda a família. Estimam que tenham gasto outros 100 euros com idas esporádicas a restaurantes.

Pela vivência que tiveram até o momento, concluíram que é possível a família de quatro pessoas viver e viajar pelo mundo com um orçamento médio de mil euros por mês. Eles gastaram mais em Paris, porém bem menos na Romênia, o que faz a média girar em torno deste valor, mesmo quando se inclui lugares caros em alguns momentos do ano.

Para ir da França para a Romênia, a família gastou um total de 140 euros com passagens voando em companhias aéreas *low cost*. Já a despesa para ir do Brasil para a Europa ficou em torno de 300 euros por pessoa. Apesar de alto, eles esperam diluir esse valor ao longo de um ano, que é o tempo que pretendem passar na Europa antes de tomar outro voo intercontinental.

Para economizar com o seguro de saúde, eles compraram a passagem aérea utilizando o cartão platinum. Desta forma, ganharam o seguro de

saúde da operadora do cartão de crédito. Eles consideram que isso é suficiente, portanto não investiram em outro seguro de saúde, tampouco tiveram necessidade de qualquer atendimento médico até o momento.

Cleivson conta que tinha um faturamento alto no Brasil. Ganhava bem mais, porém as despesas também eram mais altas. Ele não conseguiria manter a família no Brasil com uma média de mil euros mensais como faz na atualidade.

Bancos

Cleivson e Ana Paula já tiveram conta no Bradesco, Caixa e Itaú. Tiveram sérios problemas com os dois primeiros e estão satisfeitos com o Itaú, ao menos por enquanto. Lá eles fizeram um cartão Visa Travel Money com o propósito de protegê-los das variações cambiais.

Quando passaram por Portugal, aproveitaram para abrir uma conta no [Novo Banco](#). Segundo contam, o processo de abertura foi tranquilo. Cleivson levou cópia da declaração de imposto de renda, passaporte e o endereço brasileiro. Pagou 15 euros para abrir a conta e a taxa de manutenção anual é de 20 euros. A conta lhe dá acesso a um cartão de débito que pode ser usado para fazer saques e pagamentos em qualquer lugar do mundo.

A grande vantagem de fazer esta conta foi a possibilidade de fazer transferências do Brasil para a Europa usando o [TransferWise](#). Além desse mecanismo, ele conta que também já recorreu ao [Western Union](#) em algumas situações emergenciais.

Idiomas

Ana Paula e as crianças não dominam nenhum idioma estrangeiro. Por enquanto, comunicam-se apenas em português. Cleivson domina o espanhol por ter vivido no Peru, entretanto não tem um bom conhecimento de inglês. Consegue apenas se virar com o básico.

Muita gente acredita que é preciso ter domínio do inglês para viver como nômade digital. Eu mesmo sempre achei que esse fosse o caso. Entretanto a família Bezerra está provando que não é bem assim. Eles estão conseguindo se virar pelo mundo mesmo sem ter domínio do inglês. Dá mais trabalho, porém não é impossível.

Eles contam que cometem muitos erros e pagam muitos micos. Já se habituaram a isso e tentam levar na esportiva. Acreditam que o segredo é ter humildade e ser gentil com as pessoas. Elas sempre tentam lhes ajudar apesar das dificuldades de comunicação.

O fato de Cleivson dominar o espanhol ajudou várias vezes. Na França e na Romênia, por exemplo, tiveram contato com diversas pessoas que falavam espanhol. Isso facilitou algumas interações. Vale notar também que Cleivson não fala inglês fluentemente, porém tem um domínio básico do idioma, o que é diferente de não ter conhecimento algum. Se ninguém na família falasse um mínimo de inglês, a situação seria mais difícil.

Cleivson acredita que muita gente usa a falta de conhecimento do inglês como desculpa para não viajar ou não experimentar uma vida como nômade digital. Ele considera isso um erro. Avaliando sua própria experiência, percebeu que não é preciso deixar de viajar por essa razão. Basta estar disposto a enfrentar as situações com bom humor, usar muita mímica e apelar para o aplicativo de tradução sempre que for necessário.

Com apenas seis meses de estrada a família começou a sentir os benefícios de estar constantemente em contato com outros idiomas. A evolução no aprendizado do inglês e espanhol foi espantosa. Na Bulgária, a maioria das crianças da faixa etária dos meninos fala inglês normalmente e as interações com elas nos parques contribuíram muito. Keenan superou todas as expectativas dos pais, conseguindo se comunicar muito bem em inglês e ensinando para Kayan que está o tempo todo escutando as conversas e tirando dúvidas. Logo estará formulando frases e se comunicando também.

Família

Quando morava na Bahia, a família tinha um membro adicional que não embarcou na viagem. Scott é um cão da raça Spring Spaniel que ficou no Brasil em um primeiro momento. Ana Paula e Cleivson preferiram iniciar a vida nômade sem ele para simplificar e reduzir as despesas, porém planejam levá-lo quando fizerem a primeira visita ao Brasil.

Essa foi uma decisão difícil. Os meninos sentem muita falta do companheiro. Frequentemente dizem ter mais saudade do cachorro que do restante da família. Scott sempre esteve presente nas viagens, nos passeios

de barco e no dia a dia. Ele ficou na casa de um irmão de Cleivson e as crianças o veem com frequência pelo Skype.

A família de Cleivson é grande. Ele fez um hangout com os familiares e houve setenta pessoas acompanhando a conversa e enviando perguntas. Ele conta que a família ainda não entende direito o que estão fazendo e até hoje é difícil de explicar. Não entendem como fazem para ganhar dinheiro e viver em lugares onde não falam a língua, então ficam preocupados.

Tem os que os chamam de malucos, assim como os mais novos e antenados que acham o máximo e querem fazer o mesmo. Vários familiares já querem arrumar as malas e cair no mundo também.

As crianças sempre foram muito ligadas aos avós, então foi difícil em um primeiro momento. Eventualmente todos se entenderam, até porque já estavam acostumados com as constantes viagens de Cleivson a trabalho. Aos poucos a família vai se acostumando, embora sempre pergunte quando irão parar e voltar para o Brasil. O plano é visitar o país depois de um ano e fazer uma avaliação.

Recursos citados

- [Airbnb](#)
- [Clonlara School](#)
- [Novo Banco](#)

- [TransferWise](#)
- [Western Union](#)

Recursos de apoio ao *homeschooling*

Abaixo você encontra a lista de sites, canais do YouTube e aplicativos que a família utiliza para o processo de aprendizado das crianças.

Matemática

- [Khan Academy](#)
- [Matemática Zup](#)

- [Matemática Rio](#)
- [Make Me 10](#)

Português

- [O Bichinho do Saber](#)
- [Aula de](#)
- [Aulalivre](#)

Ciências, Biologia, Química e Física

- [O Bichinho do Saber](#)
- [Aula de](#)
- [Aprender Aulas](#)
- [Biologia Total](#)
- [Biologia com Samuel Cunha](#)
- [Khan Academy](#)
- [Química em Ação](#)
- [Manual do Mundo](#)
- [Física Total](#)
- [Toys from Trash](#)

História e Geografia

- [Se Liga Nessa História](#)
- [Aula de](#)

Línguas estrangeiras (inglês, espanhol e francês)

- [App Mosalingua](#)

- [App Duolingo](#)
- [Aula de](#)

Música

Utilizam conhecimentos próprios. Cleivson é responsável pelas aulas de música usando [Ukulele](#).

Artes

Utilizam conhecimentos próprios. Ana Paula é responsável pelas aulas de artes.

Programação e animação

- [Khan Academy](#)
- [App FlippaClip](#)

Capítulo 7

Larissa e Carlos

[Larissa Pereira](#), 29, fotógrafa
[Carlos Arruda](#), 31, arquiteto

Sites: [Vida Cigana](#), [Larissa Pereira](#)

Moravam em: Niterói, RJ

Tempo de transição: 1 ano

Início da vida nômade: setembro/2014

Receita: trabalho *freelance*, blog e fotografia de interiores

Orçamento mensal: US\$ 550 quando faziam *house sitting*

Entrevista: 10/03/2016

Revisão e atualização: 28/03/2017

História

Quando Larissa e Carlos tiveram a ideia de passar um tempo fora do Brasil, eles não sabiam que encontrariam e utilizariam uma das melhores formas de economizar com acomodação, *house sitting*. Tampouco imaginaram que pudessem estender a viagem por tanto tempo e que se tornariam referências no Brasil quando o assunto é *house sitting*.

Vida no Brasil

Carlos é de Petrópolis (RJ), mas estudou arquitetura na [UFF](#), em Niterói (RJ). Depois da graduação, mudou-se para o Rio e começou a trabalhar com cenografia. Ele projetava cenários para comerciais de TV e dava apoio a arquitetos que estavam assoberbados de trabalho. Houve momentos em que trabalhou de casa como *freelancer* e outros em que trabalhou em escritórios

de arquitetura. Larissa, por sua vez, trabalhava com fotografia de interiores e de espetáculos. Trabalhou no Teatro Municipal de Niterói e também por conta própria.

Carlos conta que achava incoerente a rotina de casa-trabalho-casa, tão comum na vida das pessoas. Não aceitava perder horas no trânsito todos os dias, além de ficar oito horas preso em um escritório. Pensava que deveria haver outra forma melhor de se viver.

Ele e Larissa começaram a pesquisar sobre uma maneira de morar por um tempo fora do Brasil e experimentar algo diferente. Se possível, queriam ir para um país onde pudessem trabalhar legalmente, fazendo o mesmo que já faziam no Brasil. Preferiam um país que falasse inglês porque ambos dominavam o idioma, portanto seria mais fácil encontrar trabalho. Até então, não conheciam o conceito de nômade digital. O plano era apenas ter empregos no exterior que lhes permitissem fazer o que já faziam no Brasil.

Working Holiday Visa

Em suas pesquisas, descobriram que a Nova Zelândia tem um acordo com o Brasil de [Working Holiday Visa](#). Ela concede 300 vistos para brasileiros por ano. Isso lhes dá o direito de viajar e trabalhar legalmente no país durante um ano inteiro.

Para conquistar uma das vagas, é preciso participar de um processo de seleção que ocorre uma vez ao ano em uma data especificada pelo governo da Nova Zelândia. Souberam da existência deste visto alguns meses antes da data e se organizaram para participar. Por coincidência, a data era a mesma do casamento deles, então pensaram que não conseguiriam fazer parte da seleção. Felizmente, na última hora, ela foi adiada. Eles conseguiram participar e foram aprovados.

Depois que o visto é aprovado, o viajante tem até um ano para iniciar a viagem pelo país. Chegando lá, pode trabalhar em qualquer empresa até o limite máximo de três meses por empresa.

Antes de ir para a Nova Zelândia, eles passaram um ano trabalhando e juntando o máximo de dinheiro para a viagem. Ao menos para que pudessem sobreviver nos primeiros meses. Nesse período, continuaram suas pesquisas na internet e aprenderam sobre *house sitting*. A ideia lhes pareceu

atrativa. Até então, tinham imaginado trabalhar, ganhar dinheiro e pagar aluguel como outros expatriados.

Sites de *house sitting*

Em um site de *house sitting*, pessoas que têm animais de estimação criam anúncios onde apresentam seus bichos, descrevem o imóvel em que moram e indicam o período em que ficarão ausentes. Também colocam fotos e outras informações que possam ajudar a atrair candidatos. Estes, por sua vez, criam um perfil no sistema e descrevem suas habilidades para cuidar de animais. Há também um sistema de avaliação. Quando voltam para casa, os proprietários escrevem uma avaliação sobre as pessoas que cuidaram de seus animais, os *house sitters*.

Existem inúmeros sites de *house sitting*. Alguns têm atuação apenas local, como os que são direcionados só para a Nova Zelândia. Nesses casos, é comum que apenas os candidatos paguem uma anuidade para usar o site. Há outros com abrangência global como o [TrustedHousesitters](#), que é um dos maiores do mundo. No caso deste, tanto anunciantes quanto candidatos pagam uma anuidade. Todavia o valor do investimento costuma ser recuperado facilmente já que todos economizam com o uso desse arranjo.

Quando um anúncio é criado, os interessados entram em contato com os anunciantes e se candidatam para a vaga. O anunciante escolhe os que lhe parecem mais apropriados e marca uma conversa por Skype com eles.

Experiências de *house sitting*

Larissa e Carlos se inscreveram em alguns sites de *house sitting* e começaram a avaliar os anúncios. Encontraram alguns que faziam sentido para o que estavam buscando, fizeram contato com os anunciantes e foram aprovados em diversos locais. Quatro meses antes da partida, já tinham fechado acordos de *house sitting* em diferentes cidades da Nova Zelândia.

A primeira experiência não poderia ter sido melhor. O casal que lhes contratou recorreu ao *house sitting* pela primeira vez para solucionar um problema sério. Eles tinham duas cadelas e precisavam viajar para a Alemanha para o casamento do filho. Teriam de passar um mês e meio lá. Para deixar as cadelas em um canil, precisariam desembolsar 50 dólares por

dia para cada uma. Gastariam com elas tanto ou mais que com a viagem em si e elas não ficariam tão bem no canil quanto se estivessem em casa.

Esse é um problema recorrente em países como Nova Zelândia e Austrália. Por serem muito distantes da maioria dos países, as pessoas fazem viagens mais longas quando vão para o exterior. Quando vão para a Europa, por exemplo, ficam alguns meses lá. Ao longo deste tempo, precisam de alguém para cuidar dos animais.

A primeira cidade em que Larissa e Carlos fizeram *house sitting* foi Napier. É uma cidade pequena que não faz parte do circuito turístico. O casal que os contratou ficou em êxtase quando se deu conta de que um casal de brasileiros viria do outro lado do mundo para lhes socorrer.

Larissa e Carlos chegaram quatro dias antes da partida do casal para as cadelas se ambientarem com eles e vice-versa. Foram recebidos com festa. Seus anfitriões fizeram um churrasco e chamaram os vizinhos para apresentá-los. Além disso, mostraram a cidade, o supermercado e tudo mais que fosse importante para eles terem uma boa estadia.

Eles ficaram com a casa e o carro. Em troca assumiram o compromisso de passear com as cadelas e alimentá-las na parte da manhã. Depois tinham de dar comida novamente no fim da tarde. Tirando estes momentos, estavam livres para fazer o que bem entendessem. Combinaram também que sempre dormiriam em casa e não deixariam as cadelas sozinhas durante a noite.

A experiência foi ótima. Eles ficaram bem acomodados, gastaram no máximo duas horas por dia cuidando dos animais e puderam usar o tempo livre para fazer os passeios que quisessem. Ficar com o carro ajudou bastante neste sentido. Visitaram cidades vizinhas, fizeram várias trilhas e foram até mesmo a um show em Wellington. Quando estavam em casa, Carlos podia continuar a fazer trabalhos como freelancer. E os dois podiam investir no blog deles, o [Vida Cigana](#).

Eles gostaram tanto de utilizar essa modalidade de acomodação que a viagem pela Nova Zelândia foi quase toda moldada em função dos acordos de *house sitting*. Foram raros os momentos em que não ficaram hospedados na casa de alguém cuidando de seus bichinhos.

Trabalho

Eventualmente perceberam que não seria necessário buscar trabalho presencial na Nova Zelândia como haviam planejado. Usando *house sitting*, as despesas eram mínimas. Muito inferiores às que costumavam ter morando no Brasil. Perceberam que o dinheiro que levaram poderia durar mais tempo que o esperado e não havia necessidade de buscar um emprego fixo que os prendesse a uma cidade específica. Além disso, o trabalho *freelance* e o blog eram suficientes para sustentá-los. Ficou claro que poderiam visitar várias cidades e até mesmo outros países se continuassem a fazer *house sitting*.

Por um tempo, Carlos continuou a receber trabalhos de alguns escritórios de arquitetura. O fato de estar longe do Brasil não mudou muita coisa nem para ele nem para os escritórios. Para estes, fazia sentido continuar a trabalhar com Carlos, ainda que estivesse longe, pois muitas vezes ele já estava habituado aos detalhes dos projetos. Alguns destes projetos levavam anos para serem realizados e Carlos já havia trabalhado neles quanto estava no Brasil.

Como avaliar as oportunidades de *house sitting*

Larissa e Carlos aprenderam que é fundamental marcar uma conversa pelo Skype com os anunciantes. É comum que as informações estejam incompletas nos anúncios. A conversa permite que eles tirem todas as dúvidas e se sintam mais seguros para assumir o compromisso de ficar em determinada casa e cuidar dos animais.

Assim mesmo, é preciso ter cuidado. Eles fizeram *house sitting* em diversos lugares, sem problemas. Porém se decepcionaram em um caso particular, em Madrid. O anúncio informava que a casa ficava em Madrid e que eles ficariam com o carro. Eles conversaram com a dona pelo Skype e não tiveram o cuidado de verificar a localização exata da casa.

Chegando lá, descobriram que ela ficava fora de Madrid, bem afastada do centro da cidade. Como a dona era britânica, seu carro era um modelo preparado para um país de mão inglesa. Era difícil dirigi-lo na Espanha. Para piorar, o cronograma de atividades com os animais deixava pouco tempo livre.

Eles ficaram bem limitados. Sequer chegaram a usar o carro para ir até o centro de Madrid. Nas poucas vezes que foram, preferiram estacionar o carro nas redondezas da estação de metrô mais próxima.

No fim das contas, essa experiência não valeu à pena. Eles economizaram na hospedagem, porém quase não tiveram a chance de conhecer a cidade. Esse exemplo demonstra a importância de ser criterioso na hora de conversar com os anunciantes e perguntar o máximo de informações antes de fechar um acordo. Até porque, os sites de *house sitting* só costumam permitir a avaliação dos *house sitters*. O [Nomador](#) é um dos únicos em que também se pode avaliar os proprietários.

O problema que tiveram em Madrid foi causado, em parte, por uma lição que já haviam aprendido antes. Não dá para perder tempo quando surge um anúncio em uma cidade muito turística. As pessoas começam a se candidatar tão logo o anúncio é publicado e o anunciante quase sempre escolhe uma das primeiras que entram em contato. É preciso agir com rapidez. Embalados pela correria e pela empolgação de ter achado um anúncio em Madrid, eles tiveram menos atenção na hora de conversar pelo Skype.

Avaliação do custo/benefício

Ao analisar uma proposta de *house sitting*, Larissa e Carlos perceberam que é necessário calcular o tempo do dia que terão livre para eles. Se for curto demais, não faz sentido fechar o acordo. Eles procuravam ficar em residências onde não tivessem de gastar mais de duas horas por dia com os animais e tarefas da casa. Desta forma, tinham o restante do dia livre para passear, trabalhar em frilas ou atualizar o blog.

Além de *house sitting*, também consideraram fazer um *work exchange* (trabalho voluntário) para economizar com acomodação. No entanto, optaram pelo *house sitting* porque a acomodação costuma ser melhor e a carga horária de trabalho tende a ser reduzida. Além disso, quando um casal faz *house sitting* não é necessário que as duas pessoas trabalhem nas tarefas de casa. Uma delas pode se dedicar exclusivamente a trabalhos *freelance*, por exemplo, enquanto a outra se responsabiliza por cuidar da casa e dos bichos. Em um arranjo de *work exchange*, o mais comum é que os dois tenham de trabalhar necessariamente.

Países onde *house sitting* é comum

Pelo que puderam observar, os países que mais utilizam *house sitting* são aqueles que tiveram colonização britânica, além do próprio Reino Unido. O caso deles ilustra bem esse ponto. Fizeram *house sitting* na Nova Zelândia, Austrália, Laos (onde a dona da casa era britânica e casada com um americano), Singapura (casal de britânicos), Portugal (dois americanos), Espanha (britânicos), além do Reino Unido. Há também uma boa aceitação entre os franceses.

Objetos de casa

Quando foram viajar, eles não sabiam quanto tempo passariam fora, mas acreditavam que voltariam. Não se programaram para ficar viajando de modo permanente. Por essa razão, entregaram o apartamento que alugavam em Niterói e armazenaram as coisas na casa dos pais de Larissa.

Analisando em retrospecto, perceberam que isso foi desnecessário. Naquele momento, entretanto, serviu como um plano de backup. Se retornassem não teriam de comprar as coisas de novo.

Trabalho

Com o passar do tempo, Carlos parou de fazer trabalhos *freelance* de arquitetura e começou a se dedicar à fotografia de interiores, como Larissa. Os dois também se dedicam bastante ao blog. Tentam fazê-lo crescer para que possam ganhar dinheiro com afiliação, publicidade e venda de seus próprios produtos. Até o momento, criaram dois *ebooks* que vendem pelo site: o [Guia de House Sitting](#) e o [Working Holiday Visa: seu caminho para a Nova Zelândia passo a passo](#).

Família

A ideia de partir gerou reações diferentes. Na família de Larissa, o pai lhe apoiou. Disse que faria o mesmo se tivesse tido esta oportunidade quando tinha sua idade. Sua mãe, entretanto, ficou ressentida. Depois da partida ficou mais tranquila, já que se falavam diariamente pelo WhatsApp.

Assim mesmo, Larissa se sente preocupada com os parentes. Ela sempre foi muito apegada à família, incluindo os avós. Infelizmente, um avô

faleceu durante a viagem. Foi o pior momento para ela e fez com que ficasse ainda mais preocupada com suas avós.

Saúde

Para manter a saúde, eles costumam cozinhar de forma mais saudável em casa. O único exercício que fazem é a caminhada com os cachorros.

Quando estavam na Nova Zelândia, tinham seguro de saúde. Era um requisito obrigatório para o visto que obtiveram. O seguro que utilizaram foi de uma empresa local e, em princípio, cobria apenas a Nova Zelândia. Entretanto, quando foram para a Austrália, conseguiram renovar o seguro e colocaram um adicional para que o mesmo também cobrisse a Austrália. Daí por diante, nunca mais contrataram nenhum seguro de saúde. Felizmente tampouco precisaram buscar atendimento médico.

Amizades

Fazer amigos na estrada é um aspecto que consideram necessário melhorar. Fizeram amizade com os donos dos imóveis e eventuais brasileiros que encontram pelo caminho. Entretanto, como os donos estão fora durante a estadia deles, acabam não tendo muito contato presencial com eles.

Em certos momentos, mudar de lugar com frequência também atrapalhou para fazer amigos. Quando fizeram turismo no Sudeste Asiático, por exemplo, trocaram de cidade com tanta frequência que se esgotaram e não conseguiram conhecer ninguém. Até mudaram de planos. Desistiram de Myanmar, alugaram um apartamento em Bangkok e passaram 15 dias lá, só descansando e trabalhando, o que foi bom para juntar mais dinheiro para o resto da viagem.

Retorno ao Brasil

Em abril de 2016, Larissa e Carlos retornaram ao Brasil depois de quase dois anos na estrada. Além de rever a família e os amigos, eles também queriam estruturar melhor o blog, estabelecer um contato mais próximo com outros blogueiros e empresas de turismo no Brasil, aproveitar as Olimpíadas e juntar dinheiro para partir novamente em um momento futuro.

Eles alugaram um apartamento no Rio e levaram para lá os itens que deixaram na casa dos pais de Larissa. Portanto foi útil não se desfazer deles. Assim mesmo, quando partirem da próxima vez, desejam vender tudo porque não querem voltar a passar longos períodos de tempo no Brasil.

Estão aproveitando esse período no Brasil para focar bastante no blog. Estão fazendo todo o possível para que ele dê certo e se transforme na principal fonte de renda deles. Além disso, continuam a fazer fotografias de interiores.

Rever pessoas queridas e participar de congressos de blogueiros pelo Brasil foi o aspecto que eles mais gostaram neste retorno. Também gostaram de ver que certas partes do Rio, antes abandonadas, foram revitalizadas. Os preços na cidade continuavam elevados, porém nem tanto quanto os que encaravam quando partiram do Brasil em 2014.

Infelizmente o retorno ao Brasil não está sendo uma experiência fácil. Eles afirmam que não veem a hora de sair viajando novamente. Dois meses depois de voltar, Larissa já queria ir embora. Suas crises de ansiedade retornaram e eles ficaram depressivos. Eles se queixam do calor, dos preços altos, do jeitinho brasileiro, da falta de educação e de ter de voltar a dar satisfação para as pessoas. Nas palavras de Larissa: "sempre rola aquela perguntinha, né? 'Quando vão arrumar um trabalho normal e comprar um imóvel? Quando vão ter filhos?' Essas coisas."

Também sentem-se tristes por não conseguir espaço para conversar com os amigos sobre as experiências que viveram no exterior. Larissa comenta: "acho que esse é um dos motivos que mais nos desanima em ter voltado. Ninguém quer saber sobre o que a gente fez. A gente não vê abertura, então não falamos a respeito. Outra coisa que nos desanima é ver que quando viajamos, todos dizem ter saudades, mas voltando pra cá, podemos contar nos dedos quantas vezes reencontramos as pessoas."

Com relação ao blog, perguntei-lhes se estão conseguindo viver dele. Larissa explica: "estamos trabalhando arduamente nisso. Trabalhamos no blog diariamente, sem horas fixas, sem finais de semana. Ainda não vivemos do blog, mas acreditamos que um dia ele vai dar certo."

Também perguntei se eles aconselham outras pessoas a tentar viver de blog. A resposta foi: "sim, se for esse o objetivo da pessoa. Tem que ter muita paciência, estudar muito sobre tendências, redes sociais, escrita, fotografia, informática. E ser regular nas postagens."

Recursos citados

- [Guia de House Sitting](#)
- [Nomador](#)
- [TrustedHousesitters](#)
- [Working Holiday Visa: seu caminho para a Nova Zelândia passo a passo](#)

Cidades em que moraram

- Napier, Nova Zelândia
- Wellington, Nova Zelândia
- Manapouri, Nova Zelândia
- Hector, Nova Zelândia
- Christchurch, Nova Zelândia
- Perth, Austrália
- Bangkok, Tailândia
- Glasgow, Reino Unido

Cidades em que mais gostaram de morar

- Wellington, Nova Zelândia
- Napier, Nova Zelândia
- Christchurch, Nova Zelândia

Capítulo 8

Dan Cortazio

[Dan Cortazio](#), 29, empreendedor

Sites: [Adireto](#), [Nomadan](#), [StoryV](#)

Morava em: Curitiba, PR

Início da vida nômade: fevereiro/2009

Receita: publicidade, mentoria, afiliação e infoprodutos

Entrevista: 12/03/2016

Revisão e atualização: 10/04/2017

História

Dan não tem nem trinta anos ainda, mas é um dos nômades digitais mais antigos do Brasil. Sua história é um exemplo do quão longe se pode chegar, em poucos anos, quando você não segue a manada.

Infância e adolescência

Quando era criança, Dan morava em [Curitiba](#), mas viajava sozinho todos os anos para visitar parentes em [Brasília](#). Ele se acostumou ao avião, ao ônibus e ao tempo na estrada. Tomou gosto pelas viagens.

Na adolescência, fez curso técnico de informática. Estudou linguagens como [Delphi](#) e [Visual Basic](#) até começar a mexer com [DreamWeaver](#) e fazer sites aos 16 anos.

Seu pai era durão e lhe ensinou a se virar para se sustentar. Ele começou a trabalhar cedo. Um dos primeiros trabalhos foi para seu cunhado.

Dan tinha um computador lento e velho. Sonhava em ter um *notebook*. Ele se ofereceu para fazer um site para o cunhado, desde que este

lhe pagasse com o *notebook* que tinha. O cunhado aceitou e deu o *notebook* de imediato para Dan desenvolver o site. Com esse site em seu portfólio, ele começou a buscar outros clientes e foi fechando novos trabalhos.

Dan gostava de música e pensava em estudá-la fora do Brasil. Seu irmão foi para os [EUA](#) viver o [sonho americano](#) e o inspirou. Quando se falavam, Dan ficava maravilhado com o que o irmão lhe contava. Ele também queria viver fora do Brasil, mas escolheu outra parte do mundo. A primeira opção era a [Austrália](#), mas eventualmente acabaria na [Nova Zelândia](#).

Primeiros trabalhos

Dan fechou um negócio com um cliente cujo site recebia um grande número de visitas por dia, mas era trabalhoso de atualizar. Ele lhe propôs fazer um site novo, em que o próprio cliente pudesse fazer as atualizações com facilidade. Para isso, fechou uma parceria com um amigo que sabia programar em [PHP](#). Juntos, criaram um pequeno [CMS](#) (sistema de gerenciamento de conteúdo) para o site do cliente, que adorou a facilidade para publicar novos conteúdos. Em troca do site, Dan pediu que o cliente pagasse sua passagem para a Nova Zelândia.

Depois fechou negócio com outro cliente para o qual fez uma proposta semelhante: faço seu site e você paga a minha inscrição na escola de inglês na Nova Zelândia. Aproveitou o CMS que construiu para o cliente anterior e fez o novo site rapidamente.

Dan e seu amigo enxergaram o potencial da ferramenta e começaram a aperfeiçoar o CMS. Aprenderam técnicas de otimização em mecanismos de busca ([SEO](#)), colocaram palavras-chaves nos links, passaram a mudar os títulos das páginas de forma dinâmica e introduziram outras mudanças que melhoraram a visibilidade dos sites nas buscas do Google.

Eventualmente percebeu que poderia criar um site para si próprio. Ele pensou: se esse cliente consegue tantas visitas escrevendo artigos sozinho, eu poderia conseguir um número ainda maior se criasse um site onde diversas pessoas pudessem escrever e colaborar. E foi assim que começou a investir em um portal próprio voltado para o público cristão, chamado [Gospel+](#).

O objetivo era atrair um grande número de acessos para ganhar dinheiro com o [Google AdSense](#). Ao longo do tempo, Dan fez outros sites, usando outros modelos de negócio (tais como o [Papel de Parede](#) e [Recados para](#)

[Facebook](#)), porém o [Gospel+](#) foi o que lhe deu maior retorno ao longo do tempo.

Na época da escola técnica, Dan tinha um estágio, onde trabalhava carregando cartuchos. Conseguiu juntar algum dinheiro, o suficiente para pagar por seu visto de estudante. Sobraram 300 dólares, com os quais pretendia ir para a Nova Zelândia. Ele não fazia ideia do quão pouco isso representava.

Quando disse ao pai que iria para a Nova Zelândia, este lhe deu apoio verbal e só. Se quisesse ir, Dan tinha de buscar uma forma de pagar pela viagem por conta própria. No dia que foi embarcar, em 2006, quando estavam no aeroporto, o pai lhe perguntou quanto Dan estava levando em dinheiro. Ao saber que eram apenas 300 dólares, o pai se compadeceu. Sacou mais mil dólares e deu a Dan para ajudar nas contas da viagem. Foi o que salvou.

Nova Zelândia

Quando chegou à Nova Zelândia, descobriu que o dono da agência de intercâmbio tinha omitido alguns custos que teria. Como estava prestes a tirar férias e iria viajar, o dono da agência lhe ofereceu a possibilidade de ficar hospedado em sua casa, em troca de um pagamento de 250 dólares por semana. Um valor alto, para quem tinha chegado ao país com tão pouco dinheiro. Sem ter uma alternativa melhor, Dan aceitou. Para piorar, a casa ficava longe da escola e o gasto com transporte era alto.

Para sobreviver àquela nova realidade, Dan começou a buscar qualquer trabalho que aparecesse pela frente. Eram apenas bicos que mal cobriam as contas. De tanto trabalhar, faltava-lhe tempo para frequentar a escola. Foi aprendendo inglês na marra, na base da necessidade.

Conheceu outros brasileiros que moravam em [Auckland](#). Eles lhe ajudaram a encontrar uma hospedagem mais barata e mais próxima do curso. Mudou-se para o centro da cidade e começou a dividir um apartamento com um brasileiro e um polonês. Dessa forma, reduziu seu custo semanal de 250 para 80 dólares.

Um de seus bicos era em um lava jato. Um dia, quando estava lavando um dos carros, viu um cartão de visita de um *webdesigner* no interior do carro. Percebeu que era do dono do carro. Perguntando a outro funcionário,

descobriu que o proprietário do veículo era o filho do dono do lava jato. Foi falar com ele.

Usando um inglês ainda rudimentar, Dan se apresentou ao *webdesigner*, disse-lhe que também fazia sites e que estava em busca de trabalho nessa área. Colocou-se à disposição para qualquer necessidade. O rapaz não lhe deu muita ideia em um primeiro momento. Entretanto, alguns dias depois, entrou em contato e perguntou a Dan se ele conseguiria recortar a imagem de um site, feita no [Photoshop](#), e transformá-la em código [HTML](#) com [CSS](#). Dan confirmou que sim e fez o trabalho como *freelancer*. O *webdesigner* gostou e o contratou para trabalhar em sua agência. A empresa solicitou um visto de trabalho para Dan, o que lhe permitiu morar e trabalhar na Nova Zelândia por dois anos.

Durante este período, o site que havia criado no Brasil foi crescendo. À medida que as visualizações aumentavam, os ganhos cresciam com o [Google AdSense](#).

Depois de algum tempo morando e trabalhando em Auckland, Dan foi para a [Ilha Sul](#), onde conheceu a comunidade do [Couchsurfing](#) e ficou maravilhado. Até então, não fazia ideia de que era possível viajar o mundo se hospedando gratuitamente na casa de outras pessoas.

Algum tempo depois, pediu férias de duas semanas para conhecer a Austrália. Os donos da agência fizeram drama e disseram que não poderiam ficar sem ele por tanto tempo. Ele começou a fazer as contas. Se quisesse visitar todos os países do mundo, de quanto tempo precisaria? Se só pudesse tirar algumas semanas por ano, mesmo que visitasse três países a cada viagem, na correria, precisaria de uma vida inteira de trabalho só para colocar os pés em cada um deles. Isso não lhe pareceu razoável.

Depois de alguns anos de trabalho e de uma desilusão amorosa, Dan tirou férias e foi para a [Tailândia](#). Foram apenas 16 dias, mas eles mudaram sua cabeça. Ele adorou a experiência e começou a sonhar em viajar pelo mundo inteiro. Em 2009, decidiu retornar ao Brasil, rever a família e começar uma vida nova.

Retorno ao Brasil

De volta ao Brasil, começou a participar ativamente do [Couchsurfing](#). Frequentava e organizava encontros, viajava para outros lugares e sempre se hospedava pelo [Couchsurfing](#). Dessa forma, passou um tempo em

[Florianópolis](#), [Brasília](#), [Rio](#), [São Paulo](#) e em outras cidades. Assim foi começando a viver de forma nômade.

A grande virada para esse estilo de vida ocorreu em 2009. Colocou a mochila nas costas e foi para [Salvador](#), onde ficou hospedado em cinco casas diferentes, sempre pelo [Couchsurfing](#). Depois foi para [Lençóis](#) e [Chapada Diamantina](#), antes de retornar para Salvador. Sentiu que aquela vida era para ele.

A essa altura, seu site para o público cristão já estava mais estruturado. Tinha um editor chefe, um *freelancer* e uma pessoa que ficava escrevendo os conteúdos. Ele não precisava adicionar conteúdo diretamente. Só precisava ajudar a gerir o negócio. Usava o *notebook* para responder os emails e resolver as pendências de onde estivesse.

Quando voltou a Salvador, seu [Macbook](#) foi roubado. Ele se abalou com a perda, até porque era seu bem de maior valor. Assim mesmo, se convenceu a continuar a viagem. De certa forma, sentiu-se mais livre e com menos apego a bens materiais.

Foi para [Aracajú](#), onde ficou na casa de uma pessoa que gostava de pedalar. O camarada lhe mostrou toda a cidade sobre duas rodas. Ele nunca tinha vivenciado aquela experiência de ir para os lugares sem ter de pagar por transporte público. Adorou a experiência. Seu anfitrião também lhe contou sobre outros viajantes que havia hospedado no passado e que estavam rodando o mundo de bicicleta. Dan nunca tinha pensado que houvesse pessoas viajando o mundo dessa forma. Ficou fascinado e teve a ideia de comprar uma bicicleta e ir pedalando até Fortaleza.

Viagem de bicicleta

Comprou a bicicleta e começou a equipá-la com a ajuda de seu anfitrião. Diante desse movimento, o anfitrião também se animou e decidiu lhe fazer companhia na jornada. Os dois começaram a subir toda a costa nordestina de bicicleta. Por sorte, pedalararam a favor do vento a maior parte do tempo, frequentemente pela beira da praia. De noite, paravam em alguma praia, montavam a barraca, amarravam as redes entre os coqueiros, cobriam as bicicletas com uma lona e iam dormir. Quando chegavam às grandes cidades, usavam o [Couchsurfing](#) para buscar acomodação.

Apenas nesses momentos Dan conseguia se conectar e responder os tantos emails que ficavam acumulados. Com o tempo, foi ficando difícil

manter a viagem e fazer o trabalho que o site demandava. Assim mesmo, conseguiram percorrer 1500 quilômetros juntos. Dan conta que essa foi uma das viagens mais legais que já fez. Nunca passou tanto tempo viajando diante de uma paisagem tão bonita.

Quando chegaram à [Fortaleza](#), Dan preferiu encerrar a viagem e se concentrar no trabalho. Foi para [Canoa Quebrada](#) e passou um tempo cuidando de seu site. Seu companheiro de pedal continuou a viagem. Foi até [Jericoacoara](#) e depois continuou pedalando e viajando até alcançar o [Monte Roraima](#).

Europa

Em Canoa Quebrada, Dan conheceu uma pessoa que já tinha morado na Europa. À medida que ela lhe falava dos lugares, Dan começava a imaginar como seria visitá-los. Foi ficando cada vez mais seduzido pela ideia de ir para a Europa até que arrumou as coisas e foi.

Começou por [Barcelona](#), depois foi à [Suíça](#) e eventualmente chegou à [Londres](#). Ele queria visitar diversas partes da Europa e participar de vários festivais de música. Achou que seria chato fazer essas viagens de ônibus e talvez até caro demais. Encontrou um Ford Escort à venda por 500 libras e o comprou. Assim pôde viajar com mais liberdade.

Pegou a estrada com o carro, atravessou o canal de *ferry* e chegou à [França](#), onde começou a visitar os amigos que já tinha lá. Ia ficando na casa deles e mudando de lugar com frequência, sempre cuidando de seu negócio em paralelo. Assim foi até chegar em [Amsterdam](#), onde deixou o carro com um amigo que havia lhe prometido voltar para Londres e vendê-lo, coisa que nunca fez.

Sudeste Asiático

Da Europa, foi para as [Filipinas](#). Hospedou-se em um lugar próximo à praia onde podia surfar todos os dias. Acordava cedo e ia para o mar com os demais surfistas. Voltava na hora do café da manhã, comia e se retirava para começar a trabalhar. Difícil foi conviver com a internet precária. Assim mesmo, adorou o país e as pessoas.

Depois das Filipinas, visitou [Malásia](#), [Singapura](#) e [Hong Kong](#). Ficou fascinado com Hong Kong e feliz em ter acesso rápido à internet. Ficou

particularmente impressionado com o potencial de negócios da cidade. Pouco tempo depois, vivenciou uma crise grave em seu negócio online.

Problemas nos negócios

Uma empresa contestou o uso do nome que estava em seu domínio e o mesmo parou de funcionar. Não dava mais para acessar o site quando alguém digitava o domínio e o Google também não conseguia mais indexá-lo. Por sorte, eles haviam registrado a marca no [INPI](#). Seis meses depois, conseguiram recuperar o direito de usar o domínio, mas o estrago estava feito. Os ganhos com [AdSense](#) minguaram. Só não foi pior porque eles tinham uma grande lista de emails e já tinham começado a fazer um trabalho forte no Facebook.

Esse episódio lhe fez perceber que não podia ficar tão dependente do Google. Começou a se voltar mais para o uso das redes sociais e a buscar formas de diversificar a receita. Voltou para o Brasil por um tempo, arrumou as coisas e caiu na estrada de novo, com uma passagem barata que havia encontrado para a [Rússia](#). Viajou mais pela Europa, ficou cinco meses na [Índia](#) e depois outras tantas semanas no [Nepal](#). E assim continuou, viajando por muitos lugares até alcançar a [Tailândia](#) e conhecer Hannah, que se tornaria sua companheira.

De lá ele foi para Hong Kong, onde abriu uma empresa. Estava cansado dos custos elevados para receber pagamentos de empresas estrangeiras no Brasil. Também estava preocupado com a economia brasileira e queria se estabelecer em outro lugar. O período de 2013 a 2014 foi complicado. Mudanças nos algoritmos do Google afetaram seu site de maneira severa. Ele costumava ter 3 milhões de visualizações por mês e esse número caiu para 300 mil. O rendimento despencou. O propósito da empresa de Hong Kong era fazer o agenciamento da compra e venda de publicidade de forma direta para empresas no exterior, para evitar a dependência excessiva do [AdSense](#).

Hannah

Dan começou a viajar com Hannah. Foram para o [Reino Unido](#), onde compraram uma *van*. Viajaram com ela durante três meses e meio. Eles moravam na *van* e mudavam de cidade praticamente todos os dias.

Levavam inclusive bicicletas, o que tornava mais fácil explorar os lugares que visitavam.

De lá, foram para Amsterdam e se despediram por um tempo. Hannah foi visitar a família na Austrália e ele decidiu voltar para o Brasil, onde queria estruturar melhor as operações de sua empresa. A essa altura, já havia entendido que poderia obter ganhos maiores caso se dedicasse à venda de produtos digitais.

Nova temporada no Brasil

Em 2014, Dan retornou ao Brasil, foi para Brasília e fundou a [Adireto Brasil](#) com alguns familiares, seu irmão Rafael Cortazio e seu cunhado Jonathan Oliveira. A equipe começou a trabalhar forte na compra de tráfego pago e na venda de produtos digitais como afiliado. Dan viveu como nômade dentro do Brasil, passando temporadas em Curitiba, Florianópolis, Brasília, Rio de Janeiro, entre outros lugares.

A Adireto tenta alcançar um grande número de pessoas através da internet. Especializou-se em comprar mídia (tráfego) em redes como [Taboola](#), [Outbrain](#), Facebook, Google, entre outras. Tem também um trabalho de produção de conteúdo, através do qual publica mais de 50 páginas por dia.

Hoje em dia, a Adireto também tem participação societária em algumas empresas de educação e desenvolve tecnologia para otimizar e automatizar os processos de aquisição de audiência. Existem sites do grupo que já ultrapassaram a marca de um bilhão de visualizações.

Voltar para o Brasil permitiu que Dan passasse mais tempo com a família, estruturasse melhor os negócios e viajasse por algumas cidades das quais gostou muito no Rio, Paraná, Santa Catarina e Minas Gerais. Também foi ótimo para fazer *networking* com outros empreendedores digitais.

Embora já conhecesse as possibilidades de ganhos com produtos digitais, Dan nunca tinha ido a uma conferência sobre o assunto até 2015. Já na primeira, sua cabeça explodiu com as possibilidades que vislumbrou. Logo começou a fazer mudanças nas campanhas que estava rodando e conseguiu quadruplicar o faturamento.

Um novo horizonte se abriu com tudo o que aprendeu e as oportunidades de conexões que passou a ter. No período que passou no Brasil, teve a chance de participar de 27 eventos. Ele conta que o Grupo de Alta

Performance (de [Erico Rocha](#)), [Fire](#) (do [Hotmart](#)) e [Segredos da Audiência](#) foram alguns dos mais proveitosos. Seus negócios deram um salto.

Faturamento

As operações da Adireto Brasil tiveram início no fim de 2014, quando a empresa começou a trabalhar com afiliação. Dan comenta: "entendi lá atrás que para ter sucesso nesse meio é preciso aprender a vender. Produzir um excelente produto é importante, porém vendê-lo é uma arte por si só. Por isso escolhemos tirar por completo grande parte do trabalho, que seria criar um bom produto, e focamos em aprender a vender primeiro.

Esse inclusive é um grande *insight*. Muita gente investe um tempo enorme para criar um excelente produto, coloca no ar e não consegue vender. A ideia é aprender a vender qualquer bom produto e depois, se vier a calhar, lançar seus próprios. A [Amazon](#) fez isso virtuosamente. Primeiro dominou a arte de vender, depois lançou seus próprios produtos de extremo sucesso, como foi o caso do [Kindle](#)."

Em 2014, sua empresa não chegou a faturar sequer R\$ 5 mil. Entretanto o faturamento deu um salto em 2015, quando passou para R\$ 700 mil. Já em 2016, esse número cresceu para quase R\$ 3 milhões. Para o ano de 2017, trabalham com a meta ousada de alcançar um faturamento de R\$ 20 milhões. A empresa deve investir pelo menos um milhão de reais por mês em compra de mídia no Brasil e outros 30 mil dólares por mês no mercado de língua espanhola, englobando Espanha e América Latina.

Dan explica que "faturamento é muito importante, pois traz credibilidade diante dos fornecedores. Ficamos entre os dez maiores anunciantes da [Outbrain](#), por exemplo. Isso ajuda a desenvolver muitos relacionamentos e trocar informações. Praticamente todo o dinheiro foi reinvestido em aumentar a base de pessoas alcançadas bem como na compra de participação em empresas."

Aumentar a equipe foi uma ação fundamental para o crescimento de seu negócio. Hoje a Adireto e empresas do grupo contam com o trabalho de mais de trinta pessoas. A maior parte delas está no escritório de Brasília, mas também existem equipes remotas no Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Nordeste.

Dan sabia que era possível ganhar muito dinheiro pela internet, porém as pessoas que foram trabalhar com ele ainda não tinham vivido essa

experiência. Foi importante estar presente com a equipe nesse momento inicial da empresa para passar sua visão, o que contribuiu para colocá-la no caminho certo. Ele também teve a oportunidade de ajudar a estruturar a operação da [Taboola](#) no Brasil, o que lhe rendeu outros frutos.

Voltar ao Brasil também teve seus aspectos negativos. Dan se queixa do elevado custo de vida em alguns lugares do Brasil, onde a qualidade de vida é bastante inferior ao de outros lugares do mundo por onde passou. Outra coisa que sempre o incomodou no Brasil, e continua a incomodar, é a enorme burocracia para se fazer coisas simples.

Compra de tráfego

Muita gente tenta se concentrar apenas na aquisição de tráfego orgânico. Dan e sua equipe, por outro lado, têm um foco elevado na compra de tráfego. Perguntei-lhe o porquê disso e ele respondeu: "porque tem muito tráfego para ser comprado e cada vez menos tráfego orgânico para ser dividido. Gigantes como Google e Facebook cada vez mais removem a possibilidade de gerar tráfego orgânico para substituir pelo pago. Pequenas ações constantes provam isso.

Não me leve a mal, eu amo tráfego orgânico e acredito que é uma excelente base de sustentação de um negócio digital para o longo prazo. Inclusive gera um valor de mercado incrível, mas não podemos deixar de lado o potencial de criar uma máquina que funciona com tráfego pago. Independente se é para vender um produto ou mesmo vender publicidade. O potencial de escala com o pago é muito maior. "

O foco em tráfego pago é tal que Dan e sua equipe até criaram um conceito chamado "tráfego holístico". Em suas palavras: "é um conceito que criamos para trabalhar as mídias com uma visão global de todos os seus elementos, estratégias e atividades, que resulta em uma representação única. Exemplo prático: uma campanha com [ROI](#) negativo direto em determinada fonte de tráfego não necessariamente deve ser desligada pois pode estar influenciando grandemente o todo. Aprendemos isso ao desligar campanhas em grandes sites do Grupo Abril que funcionam como [branding](#) e perceber a taxa de conversão cair."

Afiliação

A Adireto concentrou-se bastante em ganhar dinheiro com afiliação no início de suas operações e continua a faturar desta forma. Perguntei a Dan quais são os principais erros que os afiliados cometem. Na opinião dele, o maior equívoco é "atirar para todos os lados. Oitenta por cento de nossos resultados vieram apenas de 3 produtos. Testamos vários produtos uma vez que o faturamento estava passando de 6 dígitos por mês, mas antes disso, sem muito orçamento, focamos em melhorar a promoção de produtos que já estavam funcionando.

Muitos afiliados investem poucas horas e pouco dinheiro em um produto na esperança de obter ROI positivo instantaneamente. Quando isso não ocorre, desistem. Em contrapartida, quando já estão gerando resultado com um produto, alguns se limitam a fazer sempre as mesmas coisas, sem inovar. Só escalamos com força, quando começamos a testar novas técnicas e fontes de tráfego: email, Taboola, Outbrain, Youtube, Google, entre outros.

Outro erro que vejo é não buscar relacionamentos com gerentes de afiliados ou até mesmo produtores. Isso é fundamental no mercado. Fomos em mais de vinte eventos justamente por isso, além do aprendizado."

Mentoria

Além de trabalhar com afiliação e participar da produção de infoprodutos, a Adireto também organizou diversos eventos e [mentorias](#). Sobre isso, ele explica: "tenho certeza que a Adireto só cresceu porque passei a compartilhar todo o conhecimento que busquei. Alguns dizem que a melhor forma de aprender é ensinando, acredito nisso.

Se não tivesse gravado inúmeros vídeos de como estava fazendo as campanhas no Facebook lá no início, para meu irmão Rafael, meu cunhado Jonathan e também vários afiliados que passei a gerenciar, eles não teriam alcançado resultados. Logo, eu provavelmente também não.

Levo uma máxima comigo que aprendi com Sócrates: 'o grande segredo para plenitude é muito simples, compartilhar.'

Esses eventos nada mais são que uma grande oportunidade de compartilhar, de ensinar tudo que sabemos e testamos. É também uma forma de aprender o que outros estão fazendo para gerar resultados."

Sites e blogs

O Google fez inúmeras modificações nos algoritmos de indexação ao longo dos anos. Perguntei a Dan se ele considera que ainda é possível viver de publicidade em sites e blogs. Segundo ele, "é sim. Inclusive recentemente compramos um site de alto tráfego que não estava gerando muita receita, mas que vai passar de R\$ 10 mil de renda mensal nos próximos meses.

Além disso, existem técnicas de arbitragem de tráfego, onde você não depende apenas do orgânico e passa a comprar tráfego ativamente para suas páginas. A ideia é gerar mais com publicidade do que o montante que está pagando.

Recentemente compramos outro site que já está gerando em média 100 dólares por dia com ROI médio de 60%. Ou seja, para gerar esse total médio de 3 mil dólares por mês com publicidade do Google AdSense, investimos em média 1900 dólares em anúncios no Facebook. A meta é alcançar 6 dígitos mês em mais alguns meses e mantendo esse ROI estaremos satisfeitos."

Se estivesse começando hoje

Perguntei-lhe que tipo de negócio online tentaria criar se estivesse começando hoje e tivesse o propósito de se tornar um nômade digital. Ele disse: "Focaria em uma área específica dentro do mundo do marketing digital, como por exemplo, tráfego, para buscar se tornar o melhor nesta habilidade. Exemplo de outras áreas: [copywriting](#), [funil](#), produção de conteúdo, entre outras.

Ser muito bom em tudo é impossível. Eu escolheria algo pelo qual sou apaixonado e que, ao mesmo tempo, ativa o motor econômico, ou seja, gera bons resultados financeiros.

Neste exemplo de tráfego, a escola da afiliação é excelente assim como a escola do tráfego orgânico, que poderia ser a criação de sites para ganhar com publicidade.

Porém eu focaria no mercado de infoprodutos em vez dos ganhos com publicidade, principalmente para começar, pois os infoprodutos tem comissões altíssimas (geralmente mais de 50%) - o que permite investir mais para realizar venda, no caso de tráfego pago. Por exemplo, se um curso de inglês custa R\$1500 e ganho uma comissão de R\$650, eu poderia

investir até mais ou menos R\$400 para fazer uma venda e ter um bom lucro. E no caso de orgânico, com menos esforço geralmente consegue-se mais resultado, pelo fato de exigir menos visitas para gerar comissões quando comparado com os ganhos com publicidade.

O que quero dizer é que para gerar receita com publicidade, é preciso ter muito tráfego. E quem está começando geralmente não tem tempo para investir e busca resultados mais rápidos.

É um excelente modelo de negócios, o mesmo do Facebook, Google, Pinterest, Quora, entre outros, mas exige milhões de visitas para render um bom dinheiro.

Outro ponto essencial no começo são as parcerias. No caso do mundo de infoprodutos, elas são chamadas de co-produção, onde partes se complementam e geralmente conseguem realizar mais e mais rápido.

Uma parte cuida do suporte, outra da produção de conteúdo e do produto, outra do funil, outra do tráfego e por aí vai.

Hoje nosso negócio está completamente baseado em boas parcerias. Dificilmente temos um produto 100% nosso. Dividimos para multiplicar.

Certa vez ouvi de um grande investidor: o que vale mais? 100% de algo que vale 100 mil ou 10% de algo que vale 1 milhão?

Pra ele, do ponto de vista de diversificação e proteção de ativo, vale mais ter 10% de 1 milhão. E não só em uma empresa, mas em várias. Eu sigo essa linha.

Para fechar boas parcerias, basta estar nas comunidades fechadas dos treinamentos e também nos eventos."

Infoprodutos

A Adireto atua na coprodução de alguns infoprodutos. Perguntei a Dan quais os três erros mais críticos que os infoprodutores cometem. Ele respondeu:

"1) Querer fazer tudo sozinho. Há mais de 50 mil produtos no [Hotmart](#), mas tenho certeza que a [Lei de Pareto](#) impera por lá também, ou seja, menos de 20% disso geram 80% do faturamento deles. O que significa que existem milhares de produtos que não vendem, não geram nenhum resultado.

Geralmente isso acontece porque o infoprodutor não tem as pessoas certas do seu lado para ajudarem a fazer o produto deslançar.

2) Alguns, além de estarem sozinhos, investem a maior parte do tempo criando o produto ao invés de promovê-lo.

Bill Gates escreveu lá trás um artigo com o seguinte título: Conteúdo é Rei. Mas com o aumento exponencial do conteúdo disponível na internet, foi criada uma nova expressão: se conteúdo é rei, distribuição é a rainha. E nós sabemos que a rainha é mais poderosa, pelo menos no xadrez.

Não adianta produzir o melhor infoproduto do mundo se a distribuição não é poderosa. E quando digo distribuição, podemos entender o poder do tráfego. Seja ele orgânico ou pago, seja pelo Google, Facebook, Pinterest, ou direto, através de um bom trabalho de *branding*.

3) Ser perfeccionista. Querer que tudo esteja perfeito antes de publicar na internet é um erro que leva muitos à ruína antes mesmo de começar de verdade.

Como o infoproduto geralmente está ligado à imagem da pessoa, ela se preocupa demais em deixar tudo perfeito antes de lançar.

Digo isso por experiência própria e próxima. Quando decidi tratar isso e inclusive delegar mais, as coisas começaram a acontecer mais rápido e até melhores do que eu mesmo imaginaria.

Não é incomum eu ter discussões com novos parceiros perfeccionistas que querem uma página imaculada antes de disparar para a lista. Isso não é bom. Ainda mais no marketing digital onde [testes A/B](#) devem ser uma das principais atividades. Teste A/B do texto de email, teste A/B de página, teste A/B de anúncio, teste A/B de checkout etc.

O que vale no final do dia são as métricas e como podem ser melhoradas. Maior conversão é igual a maior resultado. Uma página extremamente bonita, visualmente falando, pode e muitas vezes é horrível, em termos de resultados. Já não nos surpreendemos vendo páginas simples e às vezes até feias, converterem melhor que qualquer outra.

Claro que isso não está ligado com o capricho em realizar um bom trabalho, mas o que digo é que infoprodutores muitas vezes deixam de transmitir uma mensagem que pode mudar a vida de centenas de pessoas, em um momento único que nunca mais poderá ser vivenciado novamente, pelo simples fato de não estar em um estúdio de alta produção com edição profissional."

Ações para aumentar as vendas

Perguntei a Dan quais são as ações mais importantes que afiliados e infoprodutores podem implementar para aumentar as vendas. Ele sugeriu:

"1) Colocar em prática instantaneamente tudo que aprender. As pessoas já entendem a importância de fazer cursos, mas poucos entendem o poder da velocidade de implementação. Sugiro, enquanto estiver fazendo o curso, já ir colocando em prática simultaneamente.

Vou além. Coloco em prática no mesmo dia e ainda crio um processo daquele aprendizado para que outras pessoas da minha equipe possam replicar sem eu estar por perto.

Quando vou em eventos e não estou me conectando com pessoas, ou seja, estou aprendendo algo novo com uma palestra, simultaneamente fico no bate-papo com minha equipe, transmitindo conhecimento e também no gerenciador de tarefas, criando demandas para eles do que precisamos fazer para testar o que acabo de aprender.

As pessoas não precisam apenas de mais cursos, mais aprendizado, mais conhecimento, precisam colocar mais em prática, fazer mais testes.

Não é incomum ver pessoas que já investiram milhares de reais sem ter nenhum resultado. Isso geralmente acontece porque começam um curso, um método, e não vão até o final, não implementam por completo.

E quando o fazem e não dá certo na primeira vez, desistem e partem para outra, quando bastava repetir, repetir, repetir para finalmente ver os resultados crescerem.

2) Na mesma linha do ponto anterior, eu diria que manter a consistência é uma ação extremamente importante.

Se vai criar um blog, tenha consistência nas postagens. A mesma coisa para um canal no Youtube, uma página no Facebook, uma lista de email.

Sei que muitas vezes é difícil manter a consistência, principalmente com o agito do dia a dia. Meu *insight* aqui é criar um compromisso social, ou seja, avisar às pessoas qual vai ser sua periodicidade e se comprometer com elas.

Se você preza por sua palavra, através desse compromisso firmado, será mais difícil falhar. Quantas vezes você viu a Globo deixar de transmitir o Jornal Nacional ou suas inúmeras novelas? A consistência é a chave. As pessoas ficarão literalmente viciadas em seu conteúdo e ansiosas para receber mais.

Temos um site de notícias e um dia, por diversos problemas, deixamos de publicá-las. A enxurrada de emails que recebemos foi surpreendente. Após esse evento nunca mais deixamos de publicar notícias, diariamente.

Quando você entende que seu conteúdo faz a diferença na vida das pessoas, isso também ajuda a manter a consistência. Uma dica é pedir para as pessoas comentarem justamente para reafirmar isso internamente em você. Você poderia dizer, ah isso tem mais a ver com produtor. E eu te digo que não necessariamente. Mesmo se você é um afiliado árbitro, ou seja, que não posiciona sua imagem e nome para vender, ser consistente faz a diferença. Para ter resultados expressivos como afiliados estamos a todo momento analisando métricas, subindo novos testes e inovando em técnicas."

Taboola

Em sua nova temporada no Brasil, Dan também trabalhou na [Taboola](#). Perguntei-lhe de que forma isso contribuiu com o crescimento de seu negócio. Ele respondeu: "quando meus sites começaram a despencar e não sabia o que fazer, comecei a estudar para voltar ao mercado de trabalho, encontrar uma boa empresa para trabalhar e voltar a ter uma vida mais normal.

Lá atrás, pensava que ter falhado foi pela falta de experiência de trabalho em uma empresa grande e de sucesso. Então já buscava uma oportunidade que tivesse a ver com o que fazia para justamente aprender melhor como empresas de sucesso funcionavam.

Nessa época, eu desconhecia grupos de mentoria, alta performance, que hoje entendo serem de extrema importância para evoluir nos negócios.

Quando a oportunidade da Taboola apareceu, eu já estava preparado pra isso. E a escola foi incrível.

Trabalhar em uma multinacional com israelenses, nova iorquinos, grandes agências, *publishers* e anunciantes trouxe uma experiência sem igual.

Desde controle financeiro até estratégias de negociação.

Além do mais, isso me permitiu delegar praticamente tudo dentro da Adireto. Trouxe mais responsabilidade para o time, mais liderança. Foi um divisor de águas."

Presencial x remoto

Voltar ao Brasil contribuiu bastante para o desenvolvimento de sua empresa. Perguntei-lhe a razão disso e o que mudou em relação ao que ele já fazia remotamente. Sua resposta foi: "apesar de acreditar no modelo

remoto e continuar com grande parte da equipe nesse formato, ter as pessoas juntas em um lugar faz diferença.

O contato olho no olho, as reuniões, a rápida comunicação, a proximidade e os abraços são pontos importantes no desenvolvimento de uma equipe forte. Mesmo tendo várias pessoas remotas, fazemos questão de reunir o time com frequência.

Além disso, conhecer e se aproximar dos parceiros, seguidores e potenciais clientes nos eventos geram resultados quase que instantâneos. Já saímos de evento onde geramos mais de 100 mil reais em venda.

Participar de grupos de alta performance também ajudou bastante em elevar nossos resultados. Tudo isso são coisas que só são possíveis estando presente."

Dan acredita que não teria alcançado os mesmos resultados se não tivesse retornado ao Brasil. Ele apresenta a seguir os cinco fatores que melhor explicam os resultados que a Adireto Brasil alcançou até o momento.

"Poderia citar os nossos valores: compromisso, paixão, liderança e unidade. Tê-los com certeza influenciou nossos resultados.

Em termos mais práticos:

- 1) Foco em uma área específica, no nosso caso, tráfego.
- 2) Compartilhar nosso conhecimento sem medo de ser copiado, o que cria um círculo positivo, recíproco e sincero.
- 3) Inovação. Por conta de sempre compartilhar o que funciona para nós, muitos acabam copiando e as técnicas tornam-se menos efetivas. Isso criou a necessidade de sempre estarmos inovando, o que ajuda na descoberta de novos [oceanos azuis](#).
- 4) Ter uma equipe muito unida, onde cada membro tem sua especialidade. Um é responsável por Taboola e Outbrain, junto com seus colaboradores, outro pelo Facebook, outro pelas páginas, outro pelo Youtube e por aí vai. Estamos em contato constantemente. Sempre puxando pra cima, elogiando ou criticando, sem filtro, buscando sempre a verdade, sinceridade e crescimento de todos. Nos preocupamos com os sonhos e objetivos individuais de cada um. Em nosso gerenciador de tarefas da empresa, temos também objetivos pessoais. Eu vejo o de todos, assim como todos veem os meus.
- 5) Velocidade de implementação. Buscamos ser uma equipe rápida, que coloca em prática tudo que achamos que faz sentido. Teve uma mentoria

que fui e ao final me convenci em testar televentas. A mentoria acabou às dez da noite. Comuniquei-me com o Jonathan no mesmo instante e no outro dia já estávamos com uma pessoa contratada pra testar a atividade."

Retorno à estrada

Dan diz acreditar que à medida que seu negócio vai ficando mais estruturado, será possível voltar a viajar e continuar a fazê-lo crescer trabalhando remotamente. E acrescenta outro propósito: "minha intenção é crescer o negócio globalmente também. Por isso minhas viagens não serão apenas para conhecer o mundo do ponto de vista turístico, mas também para identificar novos mercados, novas oportunidades e criar novas bases. O trabalho remoto funciona muito bem para mim. Consigo me adaptar bem. E estarei voltando ao Brasil constantemente para estar próximo da equipe."

Dan já deixou o Brasil e logo se tornará papai. Perguntei-lhe como encarava essa questão de viver como nômade tendo um filho. Ele respondeu: "estou super animado. Acredito que seremos uma família de nômades bastante ativa e globalizada. Vamos aprender novas línguas, viver novas experiências e realmente pensar fora da caixa.

Vamos optar em morar em alguns lugares, e isso vai ajudar a trazer novas perspectivas e amizades na nossa jornada."

No momento em que terminava de editar sua entrevista, Dan estava na Austrália, onde seu filho nasceria.

Faculdade

Dan não chegou a cursar nenhuma faculdade e diz: "não sinto falta. Hoje existem tantos cursos específicos sobre assuntos de interesse que não vejo necessidade de uma faculdade pelo ponto de vista de crescer em conhecimento.

Talvez um dia eu estude psicologia, pelo simples fato de curtir muito o assunto, mas nada que me impeça de realizar aquilo que desejo como empreendedor."

Saúde

Ao longo de todos os seus anos de viagem, Dan nunca contratou um seguro de saúde. Tampouco precisou ser hospitalizado, apesar de ter se ferido algumas vezes e de ter ficado doente em alguns momentos.

A pior situação que enfrentou foi quando estava na Tailândia. Ele estava se preparando para fazer o lançamento de um livro digital. Estava colocando muita pressão em si mesmo. Na época, participava de um grupo de alta performance e também queria apresentar bons resultados. O processo de lançamento lhe tomou muita energia e chegou a tal ponto que ele não conseguiu mais sustentar. Teve um ataque de estresse e ficou mal por vários dias. Quando estava melhorando, pegou dengue. Foi necessário muito tempo para se recuperar.

O que faria diferente

Perguntei-lhe o que faria diferente se estivesse começando hoje. Ele disse: "difícil falar pois a situação financeira é melhor e a família é maior. Logo, eu não começaria com o [Couchsurfing](#) ou mesmo andando de bicicleta por aí. Muito de minha vida nômade aconteceu pelas pessoas que conheci. Por exemplo, eu nunca teria feito o nordeste de bicicleta se não tivesse conhecido o Felipe Santana, na época ativista do uso da bicicleta como meio de transporte. Ele me mostrou esse caminho. E também não teria ido morar e depois viajar de van na Europa se não fosse por outro amigo que conheci durante a viagem do nordeste. E por aí vai. Se fosse começar hoje, com o conhecimento que tenho, tudo seria diferente. Mas com certeza não deixaria de experimentar lugares incríveis na Europa, Índia, Nepal, Filipinas, Tailândia, Hong Kong, Nova Zelândia, e com certeza, Brasil."

Cidades preferidas

Perguntei-lhe quais foram as cinco cidades em que mais gostou de morar ao redor do mundo. A resposta foi:

- [Pai](#), Tailândia
- [Pokhara](#), Nepal
- [Amsterdam](#), Holanda

- [Barcelona](#), Espanha
- [Hong Kong](#)

Recursos citados

- [Adireto Brasil](#)
- [Couchsurfing](#)
- [Erico Rocha](#)
- [Fire](#)
- [Google AdSense](#)
- [Hotmart](#)
- [Outbrain](#)
- [Segredos da Audiência](#)
- [Taboola](#)

Capítulo 9

Debbie e Felipe

[Debbie Corrano](#), 26, publicitária

[Felipe Pacheco](#), 26, publicitário

Lisa e Luca

Site: [Pequenos Monstros](#)

Moravam em: São Paulo, SP

Tempo de transição: 1 ano

Início da vida nômade: abril/2014

Receita: trabalho *freelance*

Orçamento mensal: € 1500 a € 2500

Entrevista: 15/02/2016

Revisão e atualização: 27/03/2017

História

Há quem diga que não dá para ser nômade digital com animal de estimação. Parece inviável viajar o mundo levando os amiguinhos peludos. A história de Debbie e Felipe prova que, ao contrário do que parece, é perfeitamente possível viajar com animais. Dá mais trabalho, porém não é nenhum bicho de sete cabeças.

Viagem pelos EUA

Debbie e Felipe moravam juntos em São Paulo e gostavam de viajar. Em 2012, pediram licença não remunerada no trabalho e foram viajar de férias para os EUA durante três meses. Depois de algum tempo na estrada, a grana

encurtou. Preocupados que ela se esgotasse antes do fim da viagem, começaram a fazer alguns trabalhos como *freelancers*.

Funcionou bem. Eles se recordam de um dia, quando estavam trabalhando em seus notebooks no apartamento que alugaram de frente para a praia, em New Jersey, e pensaram: "que legal seria se pudéssemos ficar a vida toda trabalhando assim". Não foi neste episódio que tiveram a ideia de virar nômades digitais, mas já puderam experimentar o gostinho da liberdade que este estilo de vida pode proporcionar.

Voltaram ao Brasil revigorados, porém carregando dívidas da viagem. Isso os traumatizou. Precisaram trabalhar muito para pagá-las e prometeram a si mesmos que nunca mais se endividariam. Assim que terminaram de pagar tudo, começaram a juntar dinheiro para a próxima aventura sem saber ainda qual seria.

Trabalho *freelance*

Trabalharam por mais um tempo na mesma agência onde estavam empregados antes da viagem, até que optaram por viver exclusivamente como *freelancers*. Eles trabalham com planejamento estratégico digital. Fazem conteúdo, tradução de aplicativos, *branding*, adaptação cultural e outras atividades na área de publicidade. Seus clientes são quase todos do Brasil e fruto dos relacionamentos que construíram no tempo em que moraram em São Paulo.

Eles moravam em Santana, Zona Norte de São Paulo, enquanto seus clientes se localizavam na Zona Sul da cidade. Não era fácil ir de um lugar para o outro, tomava tempo demais. Começaram a evitar as reuniões presenciais e passaram a realizá-las pelo Skype. Eventualmente perceberam que já não fazia diferença estar em Santana ou qualquer outro lugar do mundo. Dava no mesmo já que nunca conseguiam encontrar com os clientes de forma presencial.

A ideia de morar na Europa

Os dois têm cidadania portuguesa, o que lhes dá o direito de morar na Europa por tempo indeterminado. Eles tiveram a ideia de ir morar em Berlim por um tempo. Não pensaram em ser nômades digitais pois não conheciam o conceito. Só tiveram contato com ele um mês antes de

partirem. Pensaram apenas em morar em outro país e vivenciar outras experiências, embora soubessem que não seria fácil. Teriam de levar seus dois amiguinhos, Lisa e Luca, cachorros que Debbie adotou e dos quais não se separa.

Para viajar com os cães, sabiam que precisariam se preparar bastante. Tinham de aprender sobre os procedimentos envolvidos no transporte de animais para outros países. Além disso, precisavam criar uma boa reserva financeira. Se tudo desse errado no apartamento que alugassem, não poderiam simplesmente ir para um hotel ou albergue. Seria difícil achar um lugar que aceitasse os cachorros.

Outro desafio seria superar a resistência da família de Debbie. Enquanto os pais de Felipe deram apoio desde o início, os de Debbie não gostaram da ideia. Assim mesmo, o casal foi adiante. Tinham medo de que desse tudo errado, mas estavam dispostos a tentar.

Eles se planejaram para a mudança durante um ano. Ao longo deste período, juntaram dinheiro suficiente para viver na Europa por pelo menos seis meses. Até porque, trabalhando como *freelancers*, não tinham nenhuma garantia de que a receita continuaria a existir. Se tudo desse errado, eles teriam como sobreviver ao menos por alguns meses.

Vida nômade

Quando as pessoas dizem que eles foram corajosos de largar tudo e partir, eles explicam que não foi bem assim. Estavam com muito medo de que desse errado. Por isso foram construindo cada alicerce do projeto com cautela.

Foi providencial terem agido assim porque o começo foi pior que o esperado. Quando chegaram em Berlim, a fonte de trabalhos secou. Não apareceu trabalho durante os primeiros dois meses. Eles foram honestos com os clientes e avisaram que fariam a mudança para a Europa. Como os trabalhos sumiram, imaginaram que os clientes tinham desistido deles. Ficaram desesperados e acharam que o projeto de morar na Europa não daria certo. Para surpresa deles, os trabalhos voltaram a aparecer depois dos meses iniciais como se nada tivesse acontecido. Os clientes são quase todos do Brasil e são fruto dos relacionamentos que construíram quando moravam lá.

Viagens pela Europa

Quando viviam em São Paulo, Felipe foi morar com Debbie na casa em que ela cresceu e na qual passou praticamente a vida toda. Em Berlim, foi a primeira vez que moraram em um lugar que era só deles e que puderam arrumar como queriam. Gostaram tanto de lá que, em vez de seis meses, resolveram ficar nove.

A posição privilegiada da cidade, no centro da Europa, lhes permitiu fazer diversas viagens para locais próximos como o sul da Alemanha, Áustria, República Tcheca e Eslováquia. Ficavam alguns dias e depois voltavam para a base em Berlim. Ao final do período que passaram lá, voltaram para o Brasil para as festas de fim de ano. A essa altura, já estavam decididos a viver como nômades digitais pelo tempo que lhes parecesse melhor. Não sabiam se seria para sempre, mas estavam felizes com a liberdade que esse estilo de vida lhes proporcionava.

Quando voltaram para a Europa, foram direto para Barcelona onde passaram quatro meses. Neste período, também aproveitaram para viajar de carro pelo sul da Espanha por duas semanas. De Barcelona, seguiram para Córdoba, onde moraram por dois meses. Depois deixaram a Espanha e foram para Portugal. Moraram em Lisboa por pouco mais de um mês e finalmente voltaram para a base em Berlim.

Trabalho e passeios

Conciliar trabalho e passeios é um dos maiores desafios que enfrentam no dia a dia. Gostariam de passar mais tempo passeando e conhecendo as cidades que visitam, porém ficam limitados pelo trabalho. Quando querem dar um gás nos frilas, sentem-se culpados por não aproveitar tanto a cidade. É um equilíbrio difícil que precisa ser revisado a cada lugar que visitam.

Em Berlim, como já conhecem bem a cidade, sentem-se à vontade para passar mais tempo trabalhando em casa. Quando estavam na Espanha, optaram por passar dois meses em Córdoba porque a cidade é menor, mais barata e não tem tantas atrações para conhecer, o que lhes ajudou a ter mais foco no trabalho. Foi uma maneira que encontraram de economizar, reforçar o caixa e focar em suas entregas sem a preocupação de estar perdendo algo interessante na cidade.

Quando estão em uma cidade nova e com muito trabalho para fazer, tentam dividir o dia em momentos para o trabalho e outro para os passeios. Por exemplo, acordam cedo, resolvem todas as questões domésticas e começam logo a trabalhar até umas duas ou três da tarde. Saem para passear e retornam por volta das sete da noite. Enquanto estão fora, usam o *smartphone* para manter contato com os clientes. Na parte da noite, quando retornam ao apartamento, trabalham mais um pouco, até umas dez horas.

No dia a dia, gostam de trabalhar em cafés quando possível, mas nem sempre dá. Em Berlim, contam que é difícil achar um café onde se possa trabalhar em paz com o notebook. A Alemanha tem uma política infeliz no que diz respeito ao acesso à internet. Ela monitora os arquivos que são trafegados e aplica multas pesadas quando alguém transfere um arquivo que é considerado uma cópia pirata de um programa, música ou filme. Temendo ser multados, os cafés não facilitam o acesso ao WiFi. Em função desses problemas e do custo de frequentar os cafés, Debbie e Felipe montaram um bom ambiente de trabalho em casa e passam a maior parte do tempo trabalhando lá. Isso muda em outras cidades, naturalmente. Em Barcelona, por exemplo, o apartamento era frio, então preferiam trabalhar em cafés.

Em 2016 eles passaram uma temporada na Ásia pela primeira vez. Passaram alguns meses na Tailândia, sobre a qual Debbie comenta: "gostamos bastante da Tailândia, porém é bem mais desgastante viver por ali do que em outros lugares em que já vivemos. Foi uma experiência incrível, que nos marcou para sempre, mas bem cansativa."

Acomodação

Viajar com os cachorros limita as opções de acomodação. Ficar em hotel e hostel não é tão simples. Por isso buscam apartamentos no [Airbnb](#) na maioria das vezes. Nem todos aceitam animais de estimação. Assim mesmo, quando encontram quem aceite, tentam negociar o valor. Procuram não gastar mais de 1000 euros com acomodação por mês. A mais barata que já conseguiram foi 500 euros e a mais cara 1100 euros. Tentam manter o orçamento total na faixa de 1500 a 2000 euros.

Mudanças de cidade

O que lhes dá mais trabalho nessa vida é a mudança de cidade carregando os bichinhos. Quando saíram do Brasil, se desfizeram de tudo o que possuíam lá. Assim mesmo, começaram a viajar com uma bagagem grande. Além dos animais, carregaram malas que não são tão pequenas assim. Então cada troca de lugar se transforma em um suplício. Justamente por isso, preferem manter uma base em Berlim.

Isso lhes dá a chance de ficar estacionados em um lugar familiar por períodos de tempo mais longos. E a posição privilegiada permite que façam viagens mais curtas com maior facilidade. Se tivessem mais dinheiro, talvez comprassem um carro grande para viajar com os cães de forma mais tranquila.

Saúde

Debbie é vegetariana e eles fazem comida em casa com frequência. Assim mesmo, manter a forma física tem sido um desafio. Chegaram a fazer academia quando moraram em Córdoba, entretanto não fizeram nenhuma atividade física na maior parte do tempo. No último ano, Debbie aprendeu a se exercitar dentro de casa com exercícios que utilizam apenas o peso do corpo. Assim ela pode se fazê-los em qualquer lugar do mundo.

Felizmente nunca tiveram de buscar atendimento médico fora do Brasil. Quando precisam de alguma orientação, pedem ajuda a uma tia médica, através do WhatsApp. Eles saíram do Brasil com o seguro de saúde do [World Nomads](#), mas optaram por não renová-lo porque a grana encurtou e o dólar disparou. Têm consciência do risco e não recomendam que ninguém faça o mesmo. Hoje possuem o seguro de saúde internacional da [ALC](#), uma empresa britânica que disponibiliza o serviço para algumas nacionalidades européias.

Família e amigos

Para fazer amigos, já tentaram ir a um encontro do [CouchSurfing](#) em Berlim, mas não deu certo. Acharam o pessoal meio esquisito. Já foram a alguns encontros legais do [Meetup](#), porém o que melhor funciona para eles é fazer amigos em bares, cafés e grupos do Facebook. Já fizeram vários assim.

Em 2016, Debbie ganhou uma sobrinha, chamada Mel. Isso fez a saudade da família aumentar. Em suas palavras: "desde que a Mel nasceu, comecei a fazer rastreio de todas as passagens de Berlim para o Brasil ao longo do ano para tentar visitá-la pelo menos duas vezes por ano, nem que seja para passar só alguns dias e depois voltar. Eu amo o Brasil e adoro estar por lá, mas infelizmente as passagens são sempre caríssimas e é difícil conseguir colocar esse gasto nas nossas contas"

Bancos

A vida burocrática deles é quase toda no Brasil onde têm a empresa e suas contas bancárias. Felipe tem conta no Citibank e Debbie no Itaú, onde também possuem a conta jurídica. O Itaú já lhes deu algumas dores de cabeça. Especialmente a conta jurídica que exige o envio de códigos por SMS para aprovar determinadas operações. Já passaram por momentos de desespero em que ficaram impossibilitados de acessar a conta e tiveram muito aborrecimento para resolver a situação à distância. Quase tiveram de atrasar o pagamento do aluguel.

Eles criaram contas na Alemanha no banco [N26](#) e utilizam o [TransferWise](#) para fazer as transferências das contas brasileiras para as contas do [N26](#). Eles também têm receita a partir de produtos e serviços que oferecem diretamente na [lojinha do site](#). Um exemplo é o ebook [Viajando com Animais](#), cujas vendas são feitas através do [PayPal](#), o qual está atrelado à conta deles na Alemanha.

Futuro

Criar produtos e passar a receber renda passiva é o principal propósito deles para o futuro. Também gostariam de atender a clientes no exterior com maior frequência para diminuir a exposição às variações cambiais.

Sobre a vida nômade, não sabem se será para sempre.

Recursos citados

- [Airbnb](#)
- [ALC](#)

- [CouchSurfing](#)
- [Meetup](#)
- [N26](#)
- [Paypal](#)
- [TransferWise](#)

Cidades em que moraram

- Berlim, Alemanha
- Barcelona, Espanha
- Córdoba, Espanha
- Lisboa, Portugal
- Budapeste, Hungria
- Chiang Mai, Tailândia
- Bangkok, Tailândia
- Zagreb, Croácia

Cidades em que mais gostaram de morar

- Berlim, Alemanha
- Barcelona, Espanha
- Lisboa, Portugal
- Chiang Mai, Tailândia
- Bangkok, Tailândia

Capítulo 10

Mariana Pimenta

[Mariana Pimenta](#), 41, coach

Site: [MaxiCareerCoaching](#)

Morava em: São Paulo, SP

Início da vida nômade: junho/2013

Receita: aulas de inglês e *business coaching*

Entrevista: 14/05/2016

Revisão e atualização: 01/04/2017

História

Quem se torna nômade digital costuma seguir um plano para mudar de vida, mas no caso de Mariana foi diferente. É como se a vida já tivesse criado um plano para ela e ela o descobrisse pelo caminho. Quase nada em sua história foi fruto de um planejamento.

A influência do inglês em sua vida

Mariana foi morar nos EUA quando tinha apenas cinco anos e seu pai foi para Boston para fazer um curso de MBA. Levou com ele a esposa e as duas filhas. Como morou nos EUA dos 5 aos 10 anos, Mariana foi alfabetizada em inglês. Ainda que falasse português dentro de casa, o restante do tempo se comunicava apenas em inglês. Por consequência, inglês se tornou seu idioma nativo. A tal ponto que quando voltaram ao Brasil, ela precisou de alguns anos para se adaptar à escola. Conseguia falar português, mas tinha dificuldade de escrever nesse idioma.

Na volta ao Brasil, seus pais decidiram colocá-la no melhor colégio da cidade, que era frequentado pelos filhos dos ricos. Embora eles próprios não fossem ricos, acreditavam que Mariana teria a oportunidade de receber a melhor formação, desenvolver uma boa rede de relacionamentos e aprender a conviver e a se relacionar com pessoas de diferentes classes sociais. Estavam certos. Mariana fez grandes amigos que, quando adultos, se tornaram diretores e presidentes de grandes empresas.

O inglês sempre esteve presente em sua vida. Seu avô fundou o programa de intercâmbio do [Rotary Club do Brasil](#). Seus tios fizeram intercâmbio e as casas dos familiares estavam sempre repletas de estrangeiros fazendo intercâmbio no Brasil. Em função disso, todos na família falam inglês fluentemente. Ela própria foi fazer intercâmbio também. Quando voltou, já com 18 anos, foi dar aula de inglês no [Berlitz](#), uma escola de idiomas que atende a diversas corporações.

Início da vida profissional

Mariana, que é de Belo Horizonte, viajava para o interior de Minas Gerais para dar aulas a executivos de grandes empresas como a Vale do Rio Doce. Houve época em que saía de Belo Horizonte e ficava de segunda a quinta dando onze horas de aulas por dia para executivos da Vale. Ganhou um bom dinheiro neste período. Em apenas um ano de trabalho, já tinha comprado seu primeiro carro zero.

Mariana se destacou no [Berlitz](#) e foi bem aceita pelas empresas. Tanto assim que, a certa altura, a [Minasgás](#) quis lhe contratar para ser coordenadora de idiomas na empresa. Era cliente da [Berlitz](#), contudo ia encerrar o contrato e estava buscando uma alternativa. Mariana conversou com sua chefe na [Berlitz](#) e obteve sinal verde para partir. A chefe já sabia que a empresa encerraria o contrato, então achou bom que Mariana passasse a dar as aulas na empresa.

Must Idiomas

Mariana começou a prestar serviços para a empresa e, na hora de receber o pagamento, descobriu que tinha de dar nota fiscal. Isso a forçou a abrir sua própria empresa, a Must Idiomas. Como tantas outras vezes em sua

vida, a empresa surgiu por fruto da necessidade. Não foi algo que tivesse planejado.

Depois de ter a empresa aberta, deu-se conta de que podia vender seus serviços para outras corporações. Comprou um terninho e foi bater na porta delas. Adorou a experiência de vender. Conquistou vários contratos e cresceu rapidamente. Em apenas um ano, conseguiu atingir a marca de cem alunos. Quando completou 25 anos, sua escola já tinha 500 alunos e se expandiu para cinco unidades espalhadas por Minas Gerais. A certa altura, chegou a ter 50 professores trabalhando ao mesmo tempo.

Mariana descobriu que gostava de treinar os professores e de liderar. Conta que era uma chefe rigorosa e autoritária, talvez para compensar a pouca idade. Era o tipo de pessoa que demitia um professor se descobrisse que falou uma palavra em português durante a aula.

A empresa durou treze anos e passou por altos e baixos ao sabor das crises brasileiras. Ela diz que cometeu alguns erros na gestão do dinheiro. Em alguns momentos, ganhava bem e investia o dinheiro na compra de terrenos. Quando a crise chegava, perdia um terço dos contratos porque as corporações cortavam os treinamentos para economizar.

Ela precisava de dinheiro para pagar as despesas do negócio. Como ele estava imobilizado nos terrenos e ela não conseguia vendê-los rapidamente, tinha de pegar empréstimos bancários a juros elevados. Isso se transformava em uma bola de neve e ela precisava vender os terrenos a qualquer custo para pagar as dívidas com os bancos. Isso lhe cansou.

Seguros de vida

Seu pai era consultor e ganhava bem, porém quando faleceu, sua renda foi embora com ele. A mãe de Mariana dependia dessa renda e ficou em apuros. Seu irmão mais novo tinha apenas 15 anos e morava com sua mãe, enquanto sua irmã estava se formando na faculdade. Mãe e irmã trabalhavam com ela na escola, no entanto Mariana sentiu a necessidade de fazer algo mais para ajudar a cobrir as despesas.

Ela estava cansada da vida de empresária e dos altos e baixos da economia. Queria experimentar a vida de empregada de uma empresa e foi trabalhar na [Prudential](#). Foi contratada para vender seguros de vida. No início, pensou que seria um trabalho horrível, entretanto tomou gosto e se destacou rapidamente.

Quando conversava com potenciais clientes, bastava contar-lhes a história da morte de seu pai. Logo entendiam a importância de um seguro de vida e contratavam um. Mariana tornou-se uma das maiores vendedoras da empresa, que a convidou para fazer um treinamento de elite e, em seguida, ir gerenciar uma unidade no Rio de Janeiro. Assim surgiu a ideia de sair de Belo Horizonte.

Além da morte do pai, Mariana também se separou e teve vários outros problemas sérios, tudo ao mesmo tempo. Começou a ficar cansada do Brasil e a querer mudar para outro país. Talvez por influência do ambiente corporativo, achava que só era possível mudar para o exterior se fosse trabalhar em uma multinacional e depois pedisse transferência para outro país. Então imaginou que o melhor caminho era ir para São Paulo e achar um bom emprego lá.

Ida para São Paulo

Mariana ingressou no MBA da [Fundação Dom Cabral](#) e conseguiu um emprego para trabalhar com [wealth management](#) (gestão de fortunas) no [Royal Bank of Canada](#). Ela queria começar a trabalhar no mercado financeiro. Quando vendia seguros e conversava com seus amigos ricos, eles lhe diziam que ela estava vendendo o produto errado para o público certo. Todos tinham dinheiro, mas ninguém queria comprar seguro de vida. Eles queriam comprar investimentos. Se ela estivesse vendendo investimentos para o mesmo grupo, seria um sucesso.

Para viver bem em São Paulo, ela teve a ideia de alugar um apartamento de quatro quartos em uma boa área da cidade, no Item Bibi. Pegou a suíte principal para ela e sublocou os demais quartos para mulheres estrangeiras que estavam trabalhando para multinacionais no Brasil. Com a receita que obtinha, cobria todas as contas do apartamento, que acabava saindo de graça para ela. Quando viajava, alugava seu próprio quarto, o que lhe ajudava a cobrir as despesas de acomodação no destino que estivesse visitando.

Como a conta do MBA era elevada, em torno de R\$ 70 mil, ela começou a dar aulas de inglês em casa. Com a experiência de tantos anos à frente de uma escola de inglês, logo conseguiu os alunos.

Coaching

Quando foi para o banco, foi trabalhar diretamente com o presidente. Foi muito bom no início, porém, depois de seis meses, ela passou a ter um chefe que não suportava. Começou a ficar profundamente infeliz com o trabalho. Embora ganhasse bem, contava os minutos para ir embora.

Nessa época, descobriu o [coaching](#). Nunca tinha escutado falar disso em Belo Horizonte e eventualmente percebeu que um monte de gente fazia *coaching* em São Paulo, pagando valores elevados.

Mariana contratou um *coach* e ficou encantada com o processo. Na terceira seção já montou seu plano de ação. Decidiu que ela própria queria se transformar em *coach* de carreira. Além disso, definiu a meta de trabalhar para a empresa suíça [DBM LHH](#), uma das maiores empresas do mundo especializa em transição de carreira. Mariana sempre trabalhou com executivos e compreendia o quanto eles se preocupavam com suas carreiras. Ela entendia suas angústias e desafios. Ter vivido como executiva na [Prudential](#) e no [Royal Bank of Canada](#) também foi importante para lhe dar uma compreensão mais ampla sobre as necessidades de seus futuros clientes.

Para alcançar sua meta, decidiu que precisava conhecer o presidente da [DBM LHH](#) no Brasil. Usando sua ampla rede de contatos no mundo corporativo, conseguiu marcar uma reunião com o presidente. Ele gostou da conversa e do fato de Mariana ter uma excelente rede de relacionamentos. Recomendou que ela fizesse um curso de especialização em *coaching* em Vancouver, na [Erickson Coaching International](#). Se ela o fizesse, poderia retornar para mais uma conversa com ele.

O curso no Canadá custava caro, em torno de US\$ 10 mil. Para viabilizá-lo, Mariana precisava ser demitida de seu emprego no banco. Para isso, montou um plano e o executou com maestria. Quando o presidente do banco a chamou para conversar e comunicar sua demissão, ela precisou se segurar para disfarçar a alegria.

Curso de *coaching* no Canadá

Mariana alugou seu quarto e partiu para o Canadá. Adorou Vancouver, assim como o curso. Foi lá que descobriu que grande parte da força de trabalho canadense já trabalha remotamente, ao menos parte do tempo.

Inclusive, muitas empresas incentivam essa prática como forma de reduzir custos.

Seu curso era dividido em cinco módulos. O quinto só podia ser realizado online. Em princípio, Mariana não gostou disso. Foi discutir com a secretária do curso e pedir para fazer o módulo presencialmente. Afinal, já tinha pago uma pequena fortuna para estar no Canadá.

A secretária esclareceu que não havia opção. Era obrigatório fazer o último módulo online porque os alunos precisavam aprender a trabalhar e estudar usando a internet. Contrariada, Mariana fez o módulo online e teve uma revelação. Deu-se conta de quanto tempo e oportunidade havia perdido. No passado, achava que curso online era algo de baixa qualidade e barato, voltado para quem não tinha dinheiro. Logo descobriu que estava redondamente enganada.

Ficou fascinada com o conteúdo das aulas e com as ferramentas. Teve mais interação com seus colegas da turma online do que com os da turma presencial. Aquilo foi uma surpresa para ela e expandiu sua mente. Daí por diante, começou a enxergar inúmeras oportunidades e quis fazer tudo online. Tornou-se uma pessoa online.

Vida online

De volta ao Brasil, foi conversar novamente com o presidente da [DBM LHH](#) e começou a fazer uma série de entrevistas para ingressar na empresa. Em paralelo, convidou seus dez alunos de inglês para fazerem uma aula experimental, totalmente online. Sete alunos amaram a aula online e quiseram migrar para este formato imediatamente.

O processo com a [DBM LHH](#) deu certo. Ela passou em todas as entrevistas e a empresa queria contratá-la. Precisavam de alguém como ela no escritório de Belo Horizonte e achavam que ela seria a pessoa ideal. A oferta era boa e ela ganharia um salário alto, só que Mariana não queria voltar para lá de jeito nenhum. Aceitaria uma posição no Rio ou em São Paulo, mas não em Belo Horizonte.

Diante do impasse, Mariana fez as contas e descobriu que poderia cobrir suas despesas pessoais com tranquilidade se conseguisse mais cinco alunos. Isso era fácil para ela, devido aos contatos no meio corporativo. Conseguiu atrair mais cinco alunos online e se resolveu financeiramente. Eventualmente percebeu que não precisava mais se limitar a um emprego,

muito menos um que a levasse de volta para Belo Horizonte. Tomou a decisão mais difícil de sua vida e recusou a oferta de emprego da [DBM LHH](#).

Aulas de inglês pela internet

Mariana passou a dar aulas de inglês exclusivamente pela internet. Perguntei-lhe se ela acredita que essa mudança prejudica o aprendizado dos alunos. Ela disse: "acho que melhora. Tudo melhora. As pessoas ainda têm esse conceito antiquado de que o online vai perder em qualidade, porque vai perder o olho no olho. E eu te falo que acho que melhora tudo. A gente perde em termos de olho no olho, mas ganha na voz. Hoje eu tenho uma capacidade auditiva, que só de ouvir o cliente um minuto, pela voz dele, já sei identificar como está naquele dia. O que eu percebia antes, olhando para ele, eu percebo agora ouvindo-o. E fico impressionada como eu capto as coisas pelo ouvido. Eles têm a opção de usar o vídeo, claro. Mas, com frequência, começamos com o vídeo só para a gente se cumprimentar. Em seguida a gente desliga o vídeo. Eu lhe digo: 'vamos ficar no áudio porque quero que você olhe para dentro de você. Quero que você não olhe para a minha imagem no vídeo ou a sua imagem no vídeo.' Olhar para dentro de si mesmo é melhor que olhar o vídeo, eu acho.

Hoje temos ótimas ferramentas. Uso aplicativos como o [Line](#), o [WhatsApp](#) e o [Evernote](#). São todos muito simples. Posso compartilhar imagens da gramática, arquivos PDF e tudo mais que for necessário. Tenho clientes em São Paulo que fazem aula enquanto estão no trânsito. Demoram uma hora em um deslocamento, então otimizam o tempo fazendo a aula pelo viva voz do carro. E claro, aí não tem como ele ver nada. Então a aula fica só no áudio. Mas eu trabalho a gramática, coloco conversações para ele escutar e peço para me contar o que está ouvindo. Uso a mesma metodologia de mandar repetir três vezes tudo que errar. Além disso, tenho uma equipe de professores e fazemos revezamento. Então o aluno tem contato com professores estrangeiros com inglês britânico, com inglês americano, e a gente foca naquilo que ele necessita. Por exemplo, se um executivo precisa fazer uma *conference call*, a gente pega os assuntos da pauta e discute artigos relacionados durante a aula para ele treinar o vocabulário.

Percebo que a liberdade que os alunos passam a ter com a aula online aumenta a motivação deles. Aquela coisa de ter que dirigir para a escola, estacionar, descer do carro, dar um trocado para o guardador, correr o risco de ser assaltado, nada disso existe com a aula online. Quando é adolescente e criança então, nem se fala. A menina hoje em dia adora o digital. Então a gente monta aulas de 30, 45 ou 60 minutos, o que funcionar melhor para o perfil de cada aluno. E eles não precisam matar a aula quando viajam ou saem de férias. Eles fazem as aulas durante as férias, adoram, não perdem nada.

Acho que não se perde nada. Pelo contrário, acho que melhora. O envolvimento deles e a liberdade aumentam a motivação."

Aos poucos, Mariana foi contratando professores de inglês e atraindo mais alunos enquanto ela própria foi se afastando das aulas de inglês. O que está fazendo é trazer para o mundo virtual o mesmo conceito de escola de inglês que já tinha em sua escola física. Tem dado certo. Mariana tem um excelente faturamento. Ela monta o programa de cada aluno, o direciona para o professor mais apropriado e faz ele trocar de professor a cada dois meses.

Desafios de trabalhar pela internet

Perguntei a Mariana quais eram os principais desafios de fazer as aulas de inglês e as sessões de *coaching* pela internet. Segundo ela, "você tem que ter uma disciplina enorme. O meu cliente me respeita muito porque eu o respeito muito. Sou pontualíssima. Não é porque a aula é online que ela deixa de ser profissional. Pelo contrário. Ela tem de ser ainda mais profissional quando é online. Então, cinco minutos antes da reunião, da aula, ou da sessão de *coach* eu já mando uma mensagem: 'posso chegar daqui a cinco minutos?' Então a pessoa sabe que sou pontual. Se ela atrasa 15 minutos, eu não vou poder ficar 15 minutos a mais porque tenho outro cliente logo em seguida. Acho que essa disciplina é um desafio constante.

Se meu cliente tiver de cancelar uma aula, exijo que ele avise por escrito com pelo menos 24 horas de antecedência. Se eu tiver de cancelar com um prazo menor que 24 horas, eu pago uma multa também. Dou uma sessão de presente, mesmo que eu esteja doente. Da mesma forma que não posso me responsabilizar pela doença dele, ele também não pode se responsabilizar pela minha.

Com meus 25 anos de experiência dando aulas de inglês, criei regrinhas de disciplina e sobrevivência. A gente tem de estar sempre treinando o cliente da gente. No início, percebo que os clientes se sentem desconfortáveis, mas vou mostrando que aquilo é bom para eles, que percebem a seriedade do trabalho e valorizam.

Além disso, quando você é um empreendedor e tem sua própria empresa, tem também o desafio de ser tudo em um. Então eu sou o comercial, o financeiro, o operacional, o técnico, enfim, tudo. Eu tenho, claro, o desafio de encontrar pessoas boas para trabalhar comigo. Depois de 25 anos contratando e treinando pessoas, acho que eu sei fazer isso muito bem. Consigo um web developer bom, consigo um *podcast editor* excelente, a gente começa a atrair isso. Quando a gente é sério e profissional, a gente atrai os bons profissionais. Os que não são não duram nada na minha equipe. Tenho uma série de *freelancers* que trabalham comigo. E eu indico eles para a minha clientela toda. Então, se eu gosto de uma pessoa, de um *podcast editor*, eu indico ele agora para todos os meus clientes. E ele me indica como *coach* para os clientes dele. A gente conseguiu uma parceria de mão dupla. Algo que acho muito saudável."

Estratégias para atrair clientes

Durante os primeiros quatro anos de sua atuação online, Mariana conquistou clientes apenas com o boca a boca. Não fez nenhum tipo de publicidade. Só agora, em 2017, com a gravidade da crise econômica do Brasil, é que ela começou a sentir os efeitos no bolso.

Para superar esse momento, está adotando de novo uma técnica que já usou no passado. "Faço listas de pessoas que admiro profissionalmente ou com as quais já trabalhei no passado: companheiros de trabalho, ex-chefes ou professores que trabalharam comigo. Faço contato com essas pessoas, conto para elas sobre meu momento, o que estou oferecendo, e peço para elas indicarem três pessoas que estão precisando dos tipos de serviço que ofereço. Digo que vou oferecer uma sessão cortesia, mas só se a pessoa realmente tiver potencial de ser minha cliente ou indicar clientes. Faço esse exercício e essa estratégia para mim é matadora. Nunca precisei fazer um anúncio. Como sei que meu trabalho é muito bom e minha equipe é excelente, o difícil é conseguir que a pessoa participe da primeira seção. Se

o fizer, o mais provável é que me contrate. A taxa de conversão é muito alta, de 80%."

Mariana também gosta de trabalhar com permuta. Quando fiz a revisão da entrevista, ela estava na Espanha, onde diz que muitas pessoas não têm dinheiro para pagar por seus serviços. Assim mesmo ela tenta criar soluções. Ela diz: "se são pessoas que percebo que valorizam meu trabalho, que estão doidas para ser clientes, eu presto o serviço e lhes digo: vamos descobrir o que você pode fazer por mim. Porque estou sempre precisando de algum tipo de ajuda. É edição de vídeo, é edição de áudio, dos cursos que estou criando, é a área comercial, o que for. Eu não deixo de atender ao cliente que percebo que quer fazer uma sessão comigo porque eu acho que todo mundo tem alguma coisa para oferecer em troca. Por exemplo, minha depilação é permutada, minha terapia é permutada, o meu *reiki* e por aí vai. Tudo o que eu posso permutar eu permuta. Acho que evitar o dinheiro como moeda de troca não é ruim. "

Ida para os EUA

Há tempos que Mariana vem buscando um novo parceiro. Depois que começou a dominar o mundo online, decidiu experimentar um site de relacionamentos. Costumava torcer o nariz para esse tipo de sistema, porém, como sua vida começou a caminhar cada vez mais para o mundo virtual, por que não tentar? Conheceu uma pessoa interessante, que dava aula em uma universidade nos EUA. Conversaram muito pela internet e ele a convidou para ir visitá-lo.

Mariana foi para a Flórida para conhecer seu "namorado virtual", mas infelizmente não deu certo. Segundo ela, "não rolou química". Como seu irmão morava em Miami, ela foi passar um tempo com ele. No entanto detestou a cidade e achou que não tinha nada a ver com ela. Não gostou da ideia de ficar circulando de carro e da falta de cafés legais, de onde pudesse trabalhar.

Conheceu outro americano pelo site e gostou dele. O relacionamento deu certo e ela foi morar com ele em Fort Lauderdale. A essa altura, já tinha passagem comprada para Montreal, no Canadá. Tinha planos de emigrar para lá. Foi para Montreal, ficou alguns meses no Canadá, até que o americano a convenceu a voltar. Pouco tempo depois, ele teve alguns problemas pessoais que prejudicaram o relacionamento.

Ida para a Espanha

No meio da tristeza causada pelo fim do relacionamento, Mariana conversou com um amigo no Brasil que lhe convenceu a ir visitar Barcelona com ele. Ela foi e ficou encantada com a cidade. Descobriu que tinha tudo o que havia encontrado de bom no Canadá, só que com tempo bom. Eventualmente decidiu ficar pela Espanha. Desistiu do processo para conseguir um visto no Canadá e deu ingresso em um outro para obter um visto de residência na Espanha. Uma longa novela que ainda não foi concluída e sobre a qual comento mais adiante.

Bye bye, Brasil

Enquanto estava em Barcelona, o contrato de locação do apartamento, em São Paulo, se aproximava do fim. Ela não queria voltar para fechar o apartamento e fazer a rescisão do aluguel. Tampouco estava disposta a manter o apartamento por mais tempo. Enquanto estava fora, um dos inquilinos começou a dar festas e ela passou a receber reclamações em função do barulho.

Mariana conseguiu a proeza de encerrar tudo à distância. Usando o [OLX](#), o Facebook e a ajuda de amigos, vendeu a maior parte de suas coisas em apenas dez dias. O que sobrou, os amigos colocaram em algumas caixas e ela contratou um taxista para levá-las para a rodoviária de SP, onde foram despachadas para a casa da mãe, em Belo Horizonte. O que não lhe interessava ela doou. Contratou o porteiro para pintar o apartamento e pediu que a dona lhe enviasse o contrato de rescisão por SEDEX.

Atualmente, tem duas malas e três caixas de fotografias na casa da mãe, as quais vai mandar digitalizar. Tem também uma mala na casa do irmão, em Miami e uma em Barcelona, na casa de uma amiga, além das mochilas com as quais viaja. Com o tempo, suas coisas vão diminuindo cada vez mais e ela diz: "quanto menos tenho, mais feliz eu sou".

Nômade digital

Depois de passar três meses em Barcelona, Mariana foi visitar a Turquia com uma amiga. O plano era voltar para a Espanha alguns dias depois,

correndo o risco de ser barrada, porque tinha de ficar ao menos 90 dias fora antes de regressar. Ciente disso, tentou montar um plano B e pesquisou no Google: "*online entrepreneur where to go*". Traduzido para o português, significa algo como "para onde ir sendo um empreendedor online". Assim conheceu o [Nomad List](#). Ficou sem dormir, pesquisando e pensando a noite inteira sobre para onde deveria ir. Lá descobriu Chiang Mai e o conceito de nômade digital. Ficou fascinada em saber que existiam outras pessoas que estavam levando uma vida online e viajando como ela.

Mariana sonhava em encontrar um namorado que fizesse o mesmo que ela e também tivesse a mesma liberdade de viajar. Então pensou em ir para Chiang Mai. Se nômades digitais tinham essa liberdade e se Chiang Mai era o lugar dos nômades digitais, então era para lá que deveria ir.

Na volta para a Espanha, não teve problemas para passar pela imigração. Ficou lá por mais um tempo e finalmente foi conhecer Chiang Mai. No início, não gostou. Odiou a primeira semana, porém aos poucos foi se rendendo. Depois de um mês, já não conseguia mais sair de lá. Fez inúmeros amigos. Também aproveitou para viajar para outros lugares do Sudeste Asiático. Assim mesmo, Chiang Mai se tornou sua segunda casa. Tanto assim que, atualmente, divide seu tempo entre a Espanha e a Tailândia.

Coaching de transição de carreira

Além das aulas de inglês, Mariana começou a trabalhar online com transição de carreira. É o trabalho que ela mais gosta de fazer. Como ela mesmo explica, "85% das pessoas do planeta não gostam do que fazem no trabalho. Já eu amo o meu trabalho. Hoje é sábado, por exemplo, e está um dia lindo. Estou em casa trabalhando porque adoro trabalhar. É um prazer para mim, é um *hobby* trabalhar. Meu objetivo é aumentar o número de pessoas assim no planeta, que tem essa sorte de ter um trabalho que adora."

Seu trabalho de coaching, que inicialmente se concentrava em transição de carreira, evoluiu para *business coaching*. Como ela explica, "tem gente de todo tipo que eu atendo. Tem pessoas que não sabem o que querem fazer e eu as ajudo a identificar. Eu as ajudo a ter confiança e clareza de quais são os próximos passos. A cada quinzena a gente conversa e faz um plano de ação. Isso ajuda as pessoas a terem menos ansiedade e mais clareza sobre o que têm de fazer. É como um *personal trainer* que você tem de pagar para

ir à academia. O *coach* é aquele que você paga para ter clareza nos próximos passos. Para saber o que você tem de fazer naquela próxima quinzena.

Tem clientes que sabem o que querem, mas não sabem como chegar lá. Eles me contratam para ajudar. Principalmente aqueles que querem ganhar dinheiro online, como eu. Eles têm uma versão do trabalho deles no mundo físico e querem criar uma versão online.

Muitos clientes de *coaching* chegam tomando remédio de depressão porque já não conseguem mais trabalhar. Daí o meu trabalho é ajudá-los com ferramentas que vão contribuir para solucionar os problemas deles de maneira mais rápida e eficaz.

Muitas mulheres me procuram. Às vezes são ex-executivas, têm filhos e querem trabalhar de casa. Tem uma cliente americana, da indústria farmacêutica, que quer ser nômade. Ela me contratou para ajudá-la a criar o trabalho dela usando as conexões com a indústria farmacêutica e avaliar o que pode fazer *online*. O principal objetivo das pessoas que me contratam é ter a liberdade que eu tenho de trabalhar de qualquer lugar.

Desafios de quem deseja criar um negócio online

Para Mariana, um dos maiores desafios de quem cria um negócio online é manter a disciplina. Ela diz que, "no início, as pessoas acham que é muito fácil criar um curso online e vender. A gente escuta histórias de pessoas que fazem um curso online, vendem e já fazem 100 mil dólares. Tem casos assim? Tem. Mas normalmente, 99% das vezes, a pessoa rala muito para conseguir chegar a esse ponto. Acho que a pessoa tem que quebrar uma série de paradigmas para conseguir criar um negócio online.

Ela tem que, primeiro, perceber e aceitar o fato de que não vai poder fazer o trabalho dela como vem fazendo nos últimos 20 anos. Ela vai ter que abrir mão de algumas coisas que gostava de fazer e vai ter que passar a fazer outras porque ela não vai conseguir atender de maneira online 100% igual à maneira como atendia de forma física. Mas ela vai conseguir atender 70%. Quais são esses 70% que ela vai conseguir atender de maneira online? Essa é a grande dificuldade que as pessoas têm no início e que eu ajudo meus clientes a identificar.

E as pessoas têm muito medo. Essa é a maior dificuldade do ser humano: enfrentar o medo do risco. Enquanto o negócio online dela não

estiver gerando uma graninha que pague as contas básicas, não sou louca de mandá-la pedir demissão. Nunca vou mandá-la pedir demissão. Ela mesma entende e enxerga o momento em que vai ter de sair, em que vai ter de arriscar. Todo mundo tem uma hora em que vai ter de arriscar. Então, acho que essa é a maior dificuldade. Identificar o melhor momento. Na verdade, não existe um momento ideal para pedir demissão ou para ter um filho, por exemplo. Essas coisas, quando a gente quer, a gente tem que arriscar e fazer."

Rendimentos

Perguntei-lhe se acreditava que poderia estar ganhando mais se estivesse morando de forma permanente em uma cidade brasileira. Ela respondeu: "sem sombra de dúvida. Podia ganhar quatro ou cinco vezes mais se estivesse no mundo corporativo. Abri mão da receita para ter a liberdade que tenho hoje. Não estou dizendo que não seria possível ganhar quatro ou cinco vezes o que ganho se eu quisesse trabalhar mais. Poderia, claro. É que eu abri mão de trabalhar com o mundo corporativo em um primeiro momento porque estava de saco cheio dessa coisa de ter que registrar empresa, emitir nota e de toda a burocracia que existe no mundo corporativo. Quando a gente presta serviço para empresa tem uma série de burocracias que você tem que cumprir, que você não precisa quando está trabalhando com pessoa física."

Rotina e saúde

Ao longo do tempo, Mariana foi desenvolvendo uma série de hábitos que lhe ajudam a dar conta de todas as atividades em que se envolve. Quando acorda, toma um copo d'água com meio limão espremido, faz vinte minutos de meditação, escreve sobre o que quiser em seu diário e vai malhar. Volta, toma um banho e está pronta para começar o dia.

Mariana utiliza um seguro de saúde que contratou na Espanha ao custo de 60 euros por mês. Ele também é válido por três meses quando viaja para fora da Espanha. Ela teve dois acidentes na Tailândia, um de bicicleta e outro de moto. Em um dos casos, acionou este seguro para testar e recebeu o reembolso integral uma semana depois. Em momentos como este, diz que preferia estar no Brasil, perto da família.

Seu acidente de bicicleta ocorreu depois de ela ter bebido. Foi uma irresponsabilidade de sua parte. Perdeu o equilíbrio, caiu e se feriu no rosto. Na época, estava viajando com uma amiga americana. Ela lhe enviou uma mensagem no celular, para avisar do acidente, e recebeu a seguinte resposta: "*Good luck. If you need anything, let me know.*" Traduzindo para o português, isso significa: "Boa sorte. Se precisar de alguma coisa, me avisa." Mariana ficou chocada com a falta de solidariedade da amiga. Foi para o hospital sozinha, arrastando a bicicleta.

Acomodação

Durante as viagens, sua forma predileta de acomodação é alugar quartos. Ela tenta dividir apartamentos com outras mulheres. Afinal, como viaja sozinha, essa é uma forma de fazer amizades e estar sempre na companhia de outras pessoas. Quando vai para uma nova cidade, costuma reservar um *hostel* ou um hotel para as primeiras noites. Já no local, verifica os anúncios de quartos e apartamentos nas comunidades virtuais e nos classificados locais. Faz alguns contatos e vai visitar os lugares até encontrar algum de que goste. Isso lhe ajuda a economizar e lhe permite conhecer os imóveis antes de assumir compromissos mais longos.

Em alguns lugares do mundo, fica na casa de amigos ou familiares. Nesses casos, sempre combina de assumir os custos das compras de supermercado, bem como a responsabilidade de cozinhar para todos.

Bagagem

Perguntei à Mariana que itens não podem faltar em sua bagagem. O primeiro que ela apontou eu jamais teria imaginado e aposto que você também não. Ela tem uma vasilha plástica que usa para fazer pipoca no microondas. É um presente que ganhou da mãe, que conhece bem a filha e sabe que ela é viciada em pipoca. Mariana conta que, quando está ansiosa, adora comer pipoca com Coca Light. Ela se sente em casa quando está na companhia de sua pipoca e de sua Coca. Por isso a pipoqueira é um dos primeiros itens que entram na bagagem.

Ela também carrega uma balança, a menor que já encontrou. Sempre que chega em alguma acomodação, precisa tirar a balança e deixá-la à vista. Ela se pesa todas as manhãs depois de fazer ginástica. Diz ter facilidade para

engordar. O *feedback* da balança a mantém na linha. Ter a própria balança ajuda porque nem sempre é fácil achar alguma pelo caminho. Além disso, cada balança pode apresentar um valor diferente, ainda que o peso da pessoa seja sempre o mesmo, o que atrapalha. Eu e Pati também carregamos uma balança durante muitos anos e pesávamos todas as manhãs. Isso realmente ajudava a evitar que perdêssemos o controle.

Mariana também leva alguns remédios básicos. Entre eles estão as pílulas anticoncepcionais. Como não consegue comprá-las com facilidade em qualquer lugar do mundo e vai ao Brasil uma vez ao ano, aproveita as visitas ao país para comprar o suficiente para um ano de viagem. Também leva remédios para dor de cabeça, sinusite e outros do gênero.

Grande parte das roupas que leva é de *dry fit*. Tem short, calça, camisas e jaqueta de *dry fit*. Evita levar calça jeans, por exemplo, devido ao peso e por ser excessivamente quente para usar em lugares como o Sudeste Asiático. Ela também leva uma sacolinha que usa para proteger as roupas mais delicadas na hora de colocar na máquina de lavar.

De calçados, tem um par de tênis, uma botinha e um par de Havaianas. Para os cuidados com os cabelos, carrega um pequeno secador e uma chapinha.

Mariana também leva alguns quadrinhos com fotos da família. Ela os coloca em sua mesa de trabalho ou na acomodação em que estiver. Isso também a ajuda a sentir-se em casa.

Mulher sozinha na estrada

Muitos homens e mulheres teriam medo de embarcar em uma vida nômade sozinhos. A ideia de viajar pelo mundo sem uma companhia assusta. E não se pode negar que viajar sozinho tem diversos aspectos que são mais desafiadores. No caso das mulheres, a preocupação com segurança é ainda maior. Até porque, algumas partes do mundo oferecem riscos mais elevados para mulheres desacompanhadas, como a própria Mariana já teve a chance de descobrir.

Assim mesmo, quando conversamos sobre isso, ela disse: "na minha experiência, viajar sozinha é uma benção, na maioria dos aspectos. Óbvio que em outros, sinto falta de ter um companheiro. A liberdade de poder decidir para onde eu vou, quanto tempo vou ficar, a liberdade de não ter que compartilhar essas decisões com ninguém, sentir que sou dona do meu

tempo e de minhas decisões na integralidade é muito gostoso. Por outro lado é um constante desafio."

Para exemplificar o sentimento de liberdade, ela comenta que, quando foi para Bali, alugou uma *scooter* e resolveu visitar Padang-Padang e Uluwatu, dois pontos turísticos populares. Verificou no Google Maps e descobriu que o trajeto levava em torno de duas a três horas. Ela traçou a rota pelo aplicativo, ativou o modo de navegação, colocou o fone no ouvido e deixou que o aplicativo a guiasse pelo caminho. Ela não tinha noção da loucura que é o trânsito de Bali. Se soubesse o que ia encontrar pela frente, diz que jamais teria ido. Entretanto, quando chegou nos lugares, encarando tudo sozinha, com a cara e a coragem, sentiu uma profunda sensação de liberdade. Sentiu-se vencedora por ter feito tudo aquilo sozinha, só com a ajuda do Google Maps.

Por outro lado, tudo o que é desconhecido é desafiador. E nem sempre ela consegue descobrir certas coisas de forma antecipada, usando a internet. Isso às vezes a coloca em situações difíceis, como a que explico na próxima seção.

Outro aspecto do qual se queixa é a dificuldade para produzir certos conteúdos, como vídeos. As pessoas lhe pedem que faça vídeos e compartilhe um pouco do que encontra nos locais por onde anda. No entanto ela diz ter dificuldade para segurar uma câmera diante do rosto e falar para ela sem ter um companheiro por perto. Sente-se estranha falando apenas para a câmera. Acredita que seria mais fácil se tivesse um companheiro segurando a câmera, com o qual pudesse dialogar de forma mais natural. Ele também poderia ajudá-la na edição do vídeo e na criação de outros conteúdos. Ela diz: "é gostoso a gente saber que está sozinha, que a gente é vencedora, que não precisa de ninguém para vencer os desafios, mas também é muito legal ter um parceiro. Acho que dá para avançar mais na produção de conteúdos tendo um companheiro."

Situações de risco

A situação de maior risco que já enfrentou foi em Bali. Depois de apaixonar-se por Padang-Padang, Mariana decidiu conhecer também Nusa Dua. Como teria uma jornada de duas a três horas até lá, decidiu ir e passar a noite em um *hostel*. A ideia era voltar no dia seguinte e ir conhecendo as praias da região. Ela ficou trabalhando até às 23:00 no *hostel*, devido a

diferença de fuso horário com o Brasil. Quando terminou, estava com fome e decidiu sair para buscar um supermercado.

Ela não sabia que aquela região da ilha tinha uma forte presença islâmica. Encontrou um supermercado por volta das 23:30 e, quando entrou, só havia homens no lugar. Ela estava relaxada, vestida em trajes de verão. Estava de short, blusinha e havaianas. Ela comentou: "os homens olhavam para mim como se eu fosse um pedaço de carne. Fiquei apavorada." Mariana saiu rapidamente, subiu na *scooter* e foi embora.

No caminho, um homem começou a segui-la. Ela acredita que ele devia estar no supermercado, a viu sair e começou a segui-la desde lá. Ele emparelhou sua moto com a *scooter* dela e começou a tentar tocá-la. Ela estava sozinha, em um lugar ermo, esforçando-se para não perder o controle da *scooter*, enquanto um marmanjo tentava atacá-la. Foi um momento de terror. Ela conta que tremia e gritava sem parar. O delinquente eventualmente a deixou, possivelmente assustado com seus gritos e apelos.

Mariana ficou atordoada e sem saber o que fazer. Não achava que a polícia fosse ajudar em nada. Tampouco sabia a quem recorrer. Eventualmente ligou para uma brasileira que conheceu em Padang-Padang, contou-lhe o que aconteceu e lhe enviou sua localização pelo WhatsApp. Ela temia que o marginal ainda estivesse por perto e pudesse voltar a atacá-la mais à frente, no meio do caminho. Então pediu à amiga que ficasse com ela no telefone até que chegasse ao *hostel*. Felizmente não houve mais nenhum problema. Ela chegou bem ao *hostel* e no dia seguinte deixou a região.

Medidas de segurança

Todas as vezes que discutimos a questão da segurança, Mariana fez questão de enfatizar a importância de ter uma boa conexão com a internet em seu *smartphone*, desde o momento em que coloca os pés em um novo país. Tanto quanto possível, ela procura comprar um *SIM card* no próprio aeroporto, logo depois de pousar em um novo destino. Antes de ir, ela pesquisa e já tenta descobrir se é possível comprar o *SIM card* no aeroporto, qual a melhor operadora do lugar, qual a faixa de valor e quais os melhores planos de dados.

Ter acesso à internet lhe dá uma maior sensação de segurança porque lhe permite comunicar-se com outras pessoas e pedir ajuda se surgir algum

contratempo. Ela também conta que, à medida que vai conhecendo pessoas pelo caminho, nas acomodações, por exemplo, ela tenta pegar o número de telefone e se conectar pelos aplicativos de comunicação.

Quando vai fazer algum programa sozinha, comunica os planos a uma pessoa conhecida, de preferência que esteja na mesma acomodação. Dessa forma, se houver algum problema, se a pessoa não receber mais notícias dela, saberá qual foi seu último paradeiro. Tomando providências como essa, Mariana espera que, se acontecer algo com ela, haja alguém para avisar a sua família, procurá-la em hospitais, na polícia, ou tomar outras providências que façam sentido na situação.

Maiores medos na vida nômade

Viver como nômade é uma ideia que atrai algumas pessoas, ao mesmo tempo que assusta muita gente. Quando perguntei a Mariana qual era seu maior medo vivendo dessa forma, ela respondeu: "ser picada pelo mosquito nômade de uma tal maneira que eu não conseguiria parar nunca mais. Conheci vários nômades que estão nessa vida há mais de 10 anos. Percebo, conversando com eles e vendo o Facebook deles, que alguns são picados pelo mosquito de uma tal maneira, que não conseguem mais se readaptar em uma vida tradicional, de morar em um lugar só. E isso às vezes eu acho que pode gerar um eterno desconforto.

Eu tenho essa teoria que uma pessoa que é nômade está em um processo de autoconhecimento. Quando você se desfaz de tudo o que tem, quando diminui o contato com a família, com os amigos, quando se desfaz de tantas coisas, fica leve, livre, solto, vivendo com uma mala, você descobre muita coisa sobre si mesmo.

Por exemplo, como que eu ia adivinhar que o silêncio me faz tão bem? Só depois que experimentei meu retiro de silêncio de 10 dias, na Tailândia, e descobri que preciso fazer pelo menos um desses por ano, para ficar com a mente desconectada da internet e das palavras. O melhor lugar que já fui eu consigo chegar através da respiração somente. Não preciso de mais nada. Não preciso de passagem, não preciso de sexo, não preciso de drogas, não preciso de nada. Apenas respirar. O melhor lugar que eu já fui está dentro de mim mesma. Essas descobertas são facilitadas pelo estilo de vida nômade.

Por outro lado, se alguém quiser ter uma vida nômade para sempre, não sei qual seria o problema. Se a pessoa estiver feliz, tudo bem. Quando a pessoa tem facilidade de fazer amigos e de se adaptar, como eu tenho, tudo se resolve."

Mariana também cita a preocupação com as burocracias dos bancos. Isso lhe assusta porque tem a percepção de que, para resolver determinados tipos de problemas, teria de ir ao Brasil. Ela cita, por exemplo, problemas que já teve com o *token* de acesso ao internet banking, que só pode resolver quando vai ao Brasil. Isso a preocupa, com razão, porque sente que pode perder o acesso à conta corrente a qualquer momento.

O desafio de encontrar um companheiro

Perguntei a Mariana se ela achava que ser nômade tornava mais difícil encontrar um companheiro. Ela acredita que sim e comenta: "aquele sonho que eu tinha no início de minha vida nômade, quando descobri que Chiang Mai era o centro dos nômades digitais, vou lá e consigo um namorado nômade, é difícil na prática. Porque cada um tem um plano. Eu tenho o meu plano para os próximos meses, daí conheço um cara super legal, a gente tem uma relação, mas ele tem o seu plano. Eu tenho o meu e ele tem o dele. Quem vai abrir mão do plano para entrar no plano do outro? É uma primeira questão. Segundo, essa pessoa quer eventualmente voltar a morar no país dela. Se eu não tenho vontade de morar no país dela, aí a coisa já complica também. Além disso, cada um está em seu processo de autodescobrimento. Então, não sei se as pessoas quando estão na fase do nomadismo, se elas estão preparadas para um relacionamento. Porque elas estão nessa fase de descobertas.

Acho que pelo fato de eu ser uma mulher viajando sozinha, já dá um pouco de medo. Os homens já são um pouco inseguros com mulheres tão independentes quanto eu, que pagam suas próprias contas, que decidem seu próprio futuro. Eu já sinto que assusto os caras. Acho que eles se sentem mais à vontade, na maioria das vezes, com mulheres mais frágeis, de modo que possam ser o dominante, que possam tomar as decisões. O fato de ser nômade e ter essa personalidade forte, independente, atrapalha um pouco.

Tive relacionamentos ótimos na estrada. Lembro que uma vez conheci um cara maravilhoso na Espanha e lhe disse: daqui a três meses estou de volta. Eu precisava sair por causa do visto, não queria ficar ilegal. Ele não

podia sair por causa do trabalho dele. Fui para a Tailândia, fiz o retiro de meditação, aconteceram tantas coisas fascinantes lá, que me fizeram ficar mais tempo. Voltei nove meses depois. Entrei em contato e ele não quis nem me responder. Claro, eu teria feito o mesmo no lugar dele. Então esse tipo de coisa acontece e dificulta.

Acho que o ideal é fazer o que vocês fizeram. É conhecer primeiro um cara que topa e fazer essa viagem juntos. Isso eu acho uma coisa mágica, quando os dois topam ir nessa empreitada juntos."

Filhos na estrada

Mariana quer ser mãe e tem uma grande preocupação com essa questão por já ter passado dos quarenta. Por precaução, já fez congelamento de óvulos duas vezes. Na segunda, seu médico achava que só conseguiria obter metade dos óvulos da primeira vez devido à idade. Entretanto obtive o dobro. Mariana acredita que isso ocorreu por estar mais relaxada e vivendo uma vida mais feliz.

Perguntei se ela gostaria de continuar a ter uma vida nômade depois de ter filhos. Ela respondeu: "isso é uma coisa que venho pesquisando. Sempre que conheço uma família nômade, e já conheci várias, faço essas perguntas. Acho que se encontrar um pai que tope ter essa vida nômade comigo, com certeza vou querer continuar. Talvez viajando de forma mais lenta. Oito meses parada em um lugar e quatro meses viajando, por exemplo. Adoraria poder fazer isso com meu filho. E pelo que me respondem, as famílias que já o fazem, falam que até o filho ter uns 6 ou 7 anos, é ótimo para a educação da criança, para ela aprender a conviver e respeitar a diversidade cultural. E as crianças têm muita facilidade para aprender idiomas. Isso ajuda muito. Principalmente de 5 a 10, quando a criança está desenvolvendo o mecanismo da fala, mas acho que depois dos seis ou sete, é bom o filho começar a desenvolver raízes. Ter amigos de infância, como eu tive, isso é legal também. E, óbvio, se você vai fazer a viagem com filho, você vai ficar um tempo maior em cada lugar. Eu já fico três meses. Eu gosto de ficar um tempo maior. Mas tenho uns amigos nômades que ficam duas semanas em um lugar, daí vão para outro e para outro. Acho que aí ninguém aguenta. Fisicamente cansa e para a criança seria mais complicado."

Apartamento em Valência

Depois de tanto rodar pelo mundo, Mariana decidiu criar uma base em Valência, na Espanha. Além de ter adorado viver na cidade, como deseja ser mãe, acredita que é importante se estabelecer em um lugar por algum tempo. E Valência foi a cidade escolhida.

Ela alugou uma cobertura com quatro quartos. Um é o quarto dela, outro transformou em escritório e os outros dois subloca pelo [Airbnb](#) para estadias de curta temporada, a menos que esteja recebendo a visita de algum amigo ou familiar. É o mesmo arranjo que adotou quando morava em São Paulo. Além de pagar o aluguel do apartamento com a receita das sublocações, ela também tem a oportunidade de fazer novos amigos. Algumas das melhores amizades que fez na vida foram com pessoas com as quais dividiu apartamento.

Sobre o apartamento de Valência, ela diz: "depois de 4 anos, como uma borboleta por aí, viajando, pousando a cada três meses em um país diferente, comecei a sentir falta de decorar minha casinha. Agora estou em uma lua de mel com meu apartamento em Valência. Tem duas semanas que mudei para cá. Mobiliei tudo e tenho a maior curtição, maior *hobby* de ir para lojas de móveis usados e ficar buscando móveis e imaginando de quem foi esse móvel e mandando energia boa para essas pessoas e trazendo esses móveis para dentro de minha casa. É como se eu os estivesse adotando. Móveis que um dia fizeram alguém feliz e agora vão me fazer feliz. Eu gosto de ir decorando. E claro, aqui tem [Ikea](#), onde é tudo barato.

Consegui mobiliar a casa toda em duas semanas. Tô curtindo para caramba. Acho que as mulheres gostam disso. Mesmo quando estava decorando meu estúdio, onde ia ficar três meses na Tailândia, eu curti comprar minhas luzinhas, colocar na parede, colocar meus porta retratos, fazer meu cantinho. Eu tenho uns pequenos objetos que coloco em um cantinho. Quando acordo, olho para eles e sinto que estou em casa."

Mariana pretende passar oito meses por ano em Valência, outros dois em Chiang Mai, um no Brasil, visitando a família, e deixar outro livre para conhecer novas partes do mundo. Chiang Mai conquistou um lugar cativo em seu coração. Ela adora a cidade, as oportunidades de meditação, as massagens e todo o aprendizado que obtém com outros empreendedores digitais.

Visto de residência não lucrativa

Alguns países oferecem vistos de residência para indivíduos que não precisem buscar trabalho, por já terem algum tipo de receita ou reserva financeira suficiente para se sustentarem. A Espanha, por exemplo, oferece um visto chamado [visto de residência não lucrativa](#). Ele permite que brasileiros e cidadãos de outros países morem na Espanha, desde que não busquem trabalho no país.

Após encantar-se pela Espanha e saber da existência deste visto, Mariana decidiu solicitá-lo. Porém ainda não foi aprovada. O consulado da Espanha, no Rio de Janeiro, já negou sua requisição duas vezes ao longo dos últimos dois anos.

Existem diversos requisitos para aprovar o visto. Um dos principais é assegurar que o solicitante tenha rendimentos suficientes.

Quando fez a solicitação pela primeira vez, Mariana já dava aulas através da internet e tinha uma receita maior que a necessária para a aprovação do visto, conforme provou através de seus extratos bancários. Entretanto, como estava prestando serviços apenas para indivíduos, não tinha a necessidade de emitir notas fiscais. Todas as operações ocorriam diretamente em sua conta de pessoa física. O consulado informou que só aprovaria o visto se ela legalizasse sua empresa e comprovasse os rendimentos através dela.

Para resolver o problema, Mariana contratou um escritório de contabilidade, criou uma empresa novamente, emitiu as notas fiscais necessárias, pagou os impostos, enfim, tomou todas as providências solicitadas. Assim mesmo, o consulado lhe recusou o visto mais uma vez. Ela continua trabalhando com um advogado na Espanha para resolver a situação. De qualquer forma, preferiu alugar o apartamento na Espanha e pretende passar tanto tempo quanto possível nele.

Projetos atuais

Mariana gosta de fazer várias coisas ao mesmo tempo. Ela tem dificuldade em se concentrar em um único projeto. Além de dar aulas de inglês e conduzir sessões de *coaching*, ambos pela internet, Mariana também está envolvida em outras iniciativas.

Em Valência, Mariana criou o [Free English Classes Valencia](#), uma reunião quinzenal que utiliza para ensinar inglês de graça para a

comunidade local. O projeto deu tão certo que as pessoas pediram que ela passasse a fazer semanalmente. Como às vezes as pessoas não dão valor ao que é de graça, ela manteve a reunião quinzenal de graça, porém passou a fazer também a semanal ao custo simbólico de 5 euros por pessoa.

Como seu trabalho é todo feito através do computador, incluindo suas interações com clientes e equipe, os encontros semanais permitem que ela tenha um momento de interação presencial com outras pessoas. Dessa forma, ela faz diversos amigos, sai para beber com eles e consegue manter uma vida social ativa na cidade em que está vivendo.

Mariana acredita que todo mundo tem algo para compartilhar. Quanto mais a gente compartilha, mais oportunidades surgem em nossa vida. Por isso ela recomenda que outras pessoas criem iniciativas como essa por onde estiverem passando. Marcar os encontros é simples. Basta usar ferramentas como o [Couchsurfing](#) ou o [Meetup](#).

Recentemente ela lançou o programa *live intensive coaching*, onde permite que uma pessoa passe alguns dias com ela para ver como faz seu trabalho. Ela começou esse trabalho quando estava na Tailândia. Sua primeira cliente, chamada Lúcia, é uma psicóloga que atuava no Rio de Janeiro, mas queria aprender a fazer todo o seu trabalho online. Desde conquistar clientes a atendê-los, passando por toda a parte de emissão de faturas, agendamento e tudo mais que precisa para a realização de seu trabalho. Lúcia foi para a Tailândia e passou algum tempo trabalhando ao lado de Mariana e aprendendo suas técnicas.

Agora que sossegou em Valência, pretende voltar a atender o mercado corporativo. Como deseja ter filho, considera importante aumentar sua reserva financeira para ter mais segurança. Com o tempo, também pretende começar a oferecer seus serviços para empresas locais.

Mariana também criou o [Exciting Careers Podcast](#). Produzir este podcast tem lhe trazido grandes alegrias. Ela adora o processo de gravar as entrevistas. Diverte-se e aprende muito. Entretanto é trabalhoso. Ela tem muita dificuldade para produzir os episódios e manter a frequência de publicação. Além disso, há uma série de custos envolvidos e ainda não há nenhum tipo de receita. Com o tempo, ela espera conseguir atrair patrocinadores.

Além de tudo isso, aos poucos está começando a produzir alguns minicursos online. Por exemplo: um curso de estratégias para o [LinkedIn](#),

um curso de como dar aulas de inglês pela internet e outros mais através dos quais possa compartilhar seus conhecimentos.

Ela também sonha em organizar uma conferência no Brasil para mostrar as vantagens do trabalho remoto para os presidentes de grandes corporações.

Ferramentas que ajudam no dia a dia

Tocar um negócio online não é fácil, ainda mais quando existem diversas áreas de atuação. No caso de Mariana, além de gerir sua empresa, ela também precisa alocar tempo para atender aos clientes diretamente, seja dando aulas de inglês, seja conduzindo sessões de *coaching*, seja vendendo ou conduzindo outras atividades do negócio. Para dar conta de tudo, perguntei-lhe quais são as ferramentas mais importantes que utiliza no dia a dia.

Segundo ela, a mais importante é o [Evernote](#). Em suas próprias palavras, "se o [Evernote](#) acabar amanhã, eu morro. Tudo meu está no [Evernote](#). A princípio, ele parece uma bobagem, mas depois que você começa a usar, percebe o quanto é maravilhoso. Consigo colocar de tudo lá: áudio, vídeo e texto." Para cuidar de seus arquivos, ela também utiliza o plano pago do [Dropbox](#).

Ela também cita o [Canva](#), que utiliza para resolver suas necessidades de *design*. Para atividades que ela própria não consegue ou não tem tempo de executar, contrata *freelancers* com a ajuda do [Fiverr](#) e do [Upwork](#).

Para se comunicar, dá preferência ao [Line](#), que é um dos aplicativos de mensagem instantânea mais usado na Ásia. Ele tem algumas funcionalidades mais avançadas que o [WhatsApp](#), embora este último esteja se tornando melhor a cada dia. Também utiliza o [Skype](#).

No momento diz-se encantada com o banco digital [N26](#), para o qual faz transferências de dinheiro do Brasil usando o [TransferWise](#). E para relaxar, ela não dispensa o [Netflix](#) e o [Spotify](#).

Recursos citados

- [Canva](#)

- [Dropbox](#)
- [Erickson Coaching International](#)
- [Evernote](#)
- [Exciting Careers Podcast](#)
- [Fiverr](#)
- [Free English Classes Valencia](#)
- [Ikea](#)
- [Line](#)
- [Mindful Schools](#)
- [Netflix](#)
- [Nomad List](#)
- [Rotary Club do Brasil](#)
- [Spotify](#)
- [N26](#)
- [NomadList](#)
- [Skype](#)
- [TransferWise](#)
- [Upwork](#)
- [WhatsApp](#)

Cidades em que morou

- Fort Lauderdale, EUA

- Miami, EUA
- Orlando, EUA
- Montreal, Canadá
- North Vernon, EUA
- Vancouver, Canadá
- Barcelona, Espanha
- Valência, Espanha
- Chiang Mai, Tailândia
- Bali, Indonésia
- Sayulita, México
- Puerto Vallarta, México

Capítulo 11

Natalie e Robson

[Natalie Deduck](#), 33, jornalista
[Robson Cadore](#), 36, comércio exterior

Site: [Love and Road](#)

Moravam em: Itajaí, SC

Tempo de transição: oito meses

Início da vida nômade: abril/2014

Receita: blog

Orçamento mensal: US\$ 2.100

Entrevista: 18/02/2016

Revisão e atualização: 12/04/2017

História

Às vezes você já tem tudo o que deseja de bens materiais. Comprou sua casa com piscina, tem seu carro e viaja para o exterior algumas vezes por ano. Ainda assim, percebe que falta algo. E é uma ausência tão forte que te faz renunciar tudo o que construiu para buscar o que falta. Este foi justamente o caso de Natalie e Robson, um casal de Itajaí (SC) que está junto há mais de onze anos.

Natalie é jornalista e trabalhou um bom tempo na TV. Robson trabalhava com comércio exterior em companhias de navegação. Logo que começaram a namorar, descobriram que viajar era uma de suas maiores paixões. A primeira viagem em conjunto foi para Buenos Aires apenas seis meses depois do início do namoro. Quando completaram um ano, deram um passo maior. Foram para a Irlanda com o objetivo de fazer um intercâmbio.

O visto de estudante lhes dava direito a trabalhar também. Robson continuou trabalhando com comércio exterior, enquanto Natalie passou a trabalhar na loja dos estudantes, dentro da universidade. Gostaram tanto da experiência na Irlanda que ficaram lá por dois anos. Durante este período, aproveitaram para viajar bastante pela Europa. Foi ficando cada vez mais claro que viajar era um componente essencial da relação deles.

Vida de casal no Brasil

Finalizada a temporada europeia, voltaram para o Brasil e construíram uma vida em conjunto ao longo de cinco anos. Casaram e construíram uma casa com piscina e tudo mais de que gostavam. A mãe de Natalie era dona de um dos maiores salões de beleza da região. Empregava dezenas de funcionários e tinha muito movimento. Quando sua mãe faleceu, Natalie assumiu a administração do salão e passou a trabalhar catorze horas por dia. Nessa época, ganhou bem, mas teve a chance de compreender o tamanho da injustiça no Brasil.

Quando moraram na Irlanda, perceberam que a relação entre trabalho, empregador e Estado era mais equilibrada. O valor que lhes sobrava depois que o governo cobrava os impostos era mais razoável. Eles conseguiam ter um poder aquisitivo mais alto, comparado à realidade brasileira.

No Brasil, Natalie ficou horrorizada com o montante excessivo que o governo tirava dos empregados e empregador na forma de impostos e contribuições das mais estapafúrdias. A situação era tão absurda que, em várias ocasiões, ela deixou de contratar novos empregados, apesar da demanda, por perceber que os gastos com impostos superariam o valor que o negócio ganharia a mais se contratasse a pessoa. Aquilo não lhe parecia fazer qualquer sentido.

Depois do casamento, embarcaram em uma viagem de lua de mel que os levou para a Turquia, Ucrânia e Irlanda. Terminada a aventura, voltaram para o Brasil e tiveram de enfrentar o momento da verdade. Como diz Paulo Coelho, "se você pensa que a aventura é perigosa, sugiro que experimente a rotina... é mortal". De volta à casa que construíram com carinho, bastou um mês para os dois se reunirem para uma conversa séria. Ambos perceberam que não queriam mais ficar atados a uma rotina de trabalho convencional. Não aceitavam mais a limitação de só viajar uma vez por ano, por vinte ou trinta dias. Tampouco queriam estar presos em um único lugar.

Apesar de viverem em Itajaí, uma cidade relativamente pequena, de apenas duzentos mil habitantes, a questão da violência também lhes incomodava. Não era grave como nas grandes metrópoles brasileiras, porém não se sentiam seguros.

Robson conta que não tem coragem de andar à noite no centro de Itajaí, enquanto já caminhou diversas vezes com tranquilidade pelas ruas de Istambul e Bangkok às quatro da manhã. São cidades onde moram milhões de pessoas. Quem vive no Brasil se acostuma com a violência, mas quem já morou algum tempo fora não aceita mais conviver com esse clima de medo permanente.

A ideia de partir do Brasil

Pensaram em voltar para a Irlanda ou ir para um lugar novo como a Austrália. Porém ter um emprego em qualquer desses lugares significaria ter o mesmo problema que já estavam tendo no Brasil. Precisavam achar outra saída, algo que lhes desse mais liberdade.

Em agosto de 2013, começaram a pesquisar soluções na internet. Uma das primeiras referências que encontraram foi do casal canadense Dalene e Pete, do site [Hecktic Travels](#). Eles falavam bastante sobre *house sitting* e tinham publicado um livro sobre o assunto. Pouco tempo depois, descobriram a também canadense Nora Dunn, do site [The Professional Hobo](#). Através destes exemplos, perceberam que era possível viver viajando.

A primeira ideia que tiveram foi guardar bastante dinheiro para partir um ano e meio depois, no fim de 2014. Planejavam se sustentar inicialmente com a reserva financeira e fazer *house sitting* para economizar na acomodação. Também tiveram a ideia de criar o blog [Love and Road](#) com a expectativa de que gerasse receita e passasse a pagar as contas uma vez que a reserva tivesse se esgotado. A opção pelo blog foi natural para Natalie por ser jornalista, embora nunca tivesse trabalhado com nenhuma mídia online.

Eles são bastante atentos às finanças. Sempre foram muito responsáveis com dinheiro e preocupados com o futuro. Por isso se planejaram bastante. Para sair do Brasil, sabiam que precisariam seguir um plano e executar os passos com cautela.

Natalie vendeu a empresa da família, até porque não queria mais aquela vida para ela. Foi um bom aprendizado, contudo já não aguentava mais.

Como já tinham planos de partir, não quis arrumar um emprego na área de jornalismo para pedir demissão apenas alguns meses depois. Já tinha passado por esse tipo de experiência como empregadora e não queria fazer nenhuma empresa passar pelo mesmo. Preferiu pegar alguns trabalhos como *freelancer* e começou a trabalhar de casa.

No início de 2014, Robson passou por momentos de muito estresse no trabalho e se aborreceu demais. A ideia de aguardar até o fim do ano para partir começou a lhe parecer inviável. Queria sair logo, tanto assim que decidiram antecipar a partida de dezembro para abril.

Planejamento financeiro

Antes da partida, venderam tudo o que puderam. Montaram um grande bazar em casa e se livraram de roupas, móveis, eletrodomésticos e tudo mais que conseguiram. Alugaram a casa e deixaram com familiares apenas algumas caixas com documentos e fotos. Dali por diante, suas posses se resumiriam apenas ao que coubesse na mochila. Com o caixa reforçado, partiram para o mundo no final de abril de 2014.

Quanto ao orçamento, foram influenciados pelo livro "[Como viajar o mundo com US\\$ 50 por dia](#)", de Matt Kepnes, também conhecido como [Nomadic Matt](#). Adotaram esse valor, de US\$ 50 por dia, por pessoa, como meta orçamentária e saíram do Brasil com reserva suficiente para passar um ano viajando, desde que esse limite fosse respeitado. Esperavam economizar usando *house sitting* e outras estratégias. E, se tudo desse certo, em um ano conseguiriam fazer o blog decolar e gerar receita suficiente para cobrir seus gastos com a viagem.

Vida nômade

O plano inicial era ir para Chiang Mai, na Tailândia. Pelo que haviam pesquisado, seria o lugar ideal para montarem o blog e torná-lo um negócio rentável. Chiang Mai tem um custo de vida baixo e é frequentada por muitos nômades digitais. Eles imaginaram que poderiam conhecê-los e trocar experiências úteis. Na prática, as coisas aconteceram de forma diferente.

Voaram inicialmente para Madrid, onde reservaram apenas três noites de acomodação. De lá, começaram a viajar para diversos países na Europa.

Levaram meses assim, vagando ao sabor dos ventos sem um plano bem definido de onde ir.

Trocavam de lugar com rapidez e mal tinham tempo de trabalhar no blog. Às vezes paravam um dia e se dedicavam a ele, outros tantos o deixavam de lado, o que atrasou seu lançamento para julho.

Só alcançaram a Ásia no fim do ano, em novembro, quando finalmente conheceram Chiang Mai. Assim mesmo, foi por pouco tempo. Logo começaram a rodar pelo Sudeste Asiático, onde visitaram Camboja, Filipinas, Malásia e Indonésia. Eles gostaram muito da Tailândia. Tanto assim que é para lá que voltam sempre que precisam se concentrar no trabalho e passar mais tempo.

Natalie e Robson não carregam roupas de inverno. Estão sempre em busca do Sol. Vão para a Europa quando as temperaturas sobem por lá e voltam para a Ásia quando começa a esfriar. Costumam ficar em apartamento alugados, seja através do [Airbnb](#) ou locação direta com os donos. Quando ficam pouco tempo, optam por algum *hostel* ou hotel com boa conexão com a internet.

House sitting

Fizeram *house sitting* diversas vezes usando ferramentas tais como [MindMyHouse](#) e [TrustedHousesitters](#). Perceberam que essa modalidade de acomodação não apenas lhes faz economizar, como também lhes permite viver experiências únicas.

A primeira, por exemplo, foi com uma moça italiana que morava na Espanha e tinha uma gata. Ela ia viajar e pediu a Natalie e Robson que fossem para seu apartamento uma semana antes da viagem. Nessa semana que passaram juntos, a moça lhes apresentou a seus amigos e lhes mostrou toda a cidade. Foi então que eles entenderam que a economia na acomodação era apenas um dos benefícios do *house sitting*.

Os donos das casas costumam ser pessoas que também viajam muito. Têm a mente aberta e muitas histórias interessantes para compartilhar. De qualquer forma, a economia com acomodação é inegável. Eles estimam já ter poupado uns 12 meses de acomodação por terem usado *house sitting*.

Blog

O blog engrenou e se transformou na fonte de receita deles. A primeira vez que receberam algum pagamento por ele foi seis meses após o lançamento. Foram apenas US\$ 0,60. Eles estavam em um espaço de *coworking* quando anunciaram a conquista para seus amigos. Gastaram tudo em cerveja para celebrar.

Eles contam que a principal fonte de receita é a afiliação. Eles recomendam hotéis, *hostels*, voos, *tours*, além de livros e produtos da Amazon. O mais rentável são as comissões quando alguém faz uma reserva de hotel com um link de afiliado deles.

O blog também funciona como uma vitrine para o trabalho deles, o que lhes faz ganhar alguns produtos e serviços de graça. Suas mochilas, por exemplo, lhes foram enviadas por uma empresa em troca de um artigo e uma avaliação honesta sobre elas. O valor total delas foi de US\$ 650.

Também já ganharam diárias de hotéis e vagas em *tours*, sempre em troca de fotos, vídeos e artigos com avaliações. A receita com o [AdSense](#), embora tradicionalmente pequena, complementa a renda.

Eles tratam o blog com seriedade. Fizeram até um plano de negócio no qual constam projeções financeiras, metas mensais e planos alternativos para o caso de não alcançá-las. O propósito do blog nunca foi ganhar brindes ou apenas atrair produtos e serviços de graça. Eles sempre buscaram ser remunerados pelo trabalho que fazem para seus clientes e parceiros. Felizmente nunca passaram por nenhum aperto financeiro ao longo da viagem.

Eles querem registrar uma empresa para dar suporte ao blog, mas não desejam fazê-lo no Brasil. Estão mais propensos a registrá-la em Hong Kong ou Singapura.

Rotina diária

No dia a dia, eles costumam ser mais produtivos trabalhando fora de casa. Visitar cafés e espaços de *coworking* é o que melhor funciona para eles, especialmente em locais como Chiang Mai, onde os apartamentos servem apenas para dormir.

O [Baan Thai](#), por exemplo, onde ficaram acomodados várias vezes, é apenas um quarto com banheiro. Não tem cozinha, nem qualquer tipo de decoração, o que o torna pouco aconchegante e um tanto depressivo. Eles equiparam o apartamento com uma chaleira elétrica para esquentar água e

um liquidificador. Assim conseguiam preparar o café da manhã, que incluía pão, manteiga, geleia, frutas, cereais e vitamina. Almoço e janta, por sua vez, sempre eram na rua. Na última passagem por Chiang Mai, resolveram ficar no D Condo que oferecia apartamentos com cozinha, piscina e academia no condomínio.

Saúde

Os dois sempre foram ativos. Ambos gostam de correr e se exercitar. Robson já praticava *triathlon* quando morava no Brasil e passou a participar de provas ao redor do mundo que variaram de maratonas ao *Ironman*. Aos poucos, esse turismo esportivo está se tornando uma vertente importante do blog deles.

A saúde lhes rendeu alguns problemas ao longo do tempo. Logo no segundo mês de viagem, Robson torceu o tornozelo quando estavam no Marrocos. Para se recuperar completamente, precisava repousar. Contudo eles não estavam dispostos a ficar parados em nenhum lugar. Nos meses que se seguiram, trocaram de cidade com frequência, o que retardou sua recuperação.

Em 2015, foram para Bangkok, na Tailândia, depois de passarem alguns meses na Europa. Viajaram algum tempo na companhia dos pais de Robson e gastaram mais do que deviam. Nesse mesmo período, o inquilino encerrou a locação da casa deles no Brasil e eles ficaram sem receber aluguel do imóvel por cinco meses. De volta à Ásia, decidiram cortar algumas arestas para economizar.

Como tinham planos de ficar parados em Bangkok por três meses, optaram por não fazer o seguro de saúde, em caráter excepcional. Foi uma má ideia. Robson teve de ser hospitalizado às pressas em função de complicações renais. O tratamento lhe custou a bagatela de 50 mil bahts (quase US\$ 1500). Pagaram a conta e contrataram o seguro de saúde já no dia seguinte.

Algum tempo depois, foi a vez de Natalie dar um susto. Dessa vez, na ilha de Boracay, nas Filipinas. Ela sentiu uma dor de cabeça insuportável e começou a vomitar. Foi levada para o pronto socorro da ilha e foi medicada com morfina e um remédio para enjoo. A médica lhes informou que se isso não resolvesse, ela teria de ser levada da ilha, de helicóptero, pois não havia

estrutura para fornecer um tratamento melhor. Felizmente ela dormiu e acordou melhor.

Já no início de 2016, Natalie foi parar na emergência com pedra nos rins. Estavam em Chiang Mai, na Tailândia. Robson a levou para o [Chiangmai Ram Hospital](#). No caminho, ligou para o [World Nomads](#) e informou sobre a emergência médica. Chegando ao hospital, bastou informar que o seguro de saúde era o [World Nomads](#). Não foi preciso passar o cartão de crédito ou fazer qualquer pagamento adiantado. Natalie foi tratada normalmente e a conta, de aproximadamente US\$ 3 mil, foi paga diretamente pelo [World Nomads](#).

Os momentos em que ficaram doentes foram os únicos da viagem em que preferiam estar no Brasil porque conhecem os médicos e não existe a barreira da língua. Algo se perde na tradução quando lidamos com médicos em outros idiomas. Especialmente quando o domínio do inglês é insuficiente, como às vezes acontece em locais como a Tailândia. Natalie inclusive acredita que tomou um medicamento errado em função da confusão de idiomas. Ela conta que o tratamento que recebeu na Tailândia foi excelente e que os profissionais foram sempre muito simpáticos, porém a diferença de idioma atrapalhou.

Finanças

Eles são atentos às contas e anotam todos os gastos em uma planilha, dos menores aos maiores. Consideram esse controle financeiro um dos aspectos mais importantes para viabilizar essa vida nômade.

Para receber o dinheiro onde estiverem, além das contas no Brasil, também abriram uma conta em Portugal, logo no início da viagem e outra na Tailândia, algum tempo depois. As contas nestes países lhes ajudam a receber pagamentos de comissões sem que as mesmas tenham de passar pelo Brasil, o que geraria perdas cambiais e o pagamento de impostos como o IOF.

Família

Apesar de saberem que seria um caminho sem volta, começaram dizendo para a família que iam fazer um ano sabático. Passariam um tempo fora e um dia voltariam. Só não sabiam quando.

Tempos depois, ninguém se surpreendeu quando disseram que queriam viver como nômades. Natalie conta que sua avó e tios já esperavam por algo assim. Os pais de Robson é que sempre foram mais apegados a eles. Ainda assim, deram todo o apoio. Eles sabiam que ambos eram responsáveis e tinham se planejado bem. De qualquer forma, a distância do Brasil os preocupa por já terem parentes mais velhos. Temem que algum deles tenha um problema grave de saúde e eles não consigam voltar a tempo de se despedir.

Aprendizado sobre o processo de ganhar dinheiro online

Um ano após entrevistá-los, enviei-lhes algumas perguntas adicionais. Coloco abaixo as perguntas e respostas que dizem respeito ao aprendizado que tiveram com o processo de ganhar dinheiro online usando o blog.

O Google vive mudando os algoritmos de indexação e isso frequentemente prejudica o número de visitas nos blogs. Como o blog de vocês evoluiu ao longo deste último ano? A receita com ele está sendo suficiente para cobrir as despesas da viagem?

"Tanto o tráfego quanto o faturamento dispararam em 2016. O Google muda constantemente e nosso aprendizado segue com ele. Hoje o blog paga 100% das nossas despesas e ainda conseguimos guardar uma grana todo mês."

Comportamentos e tecnologias mudam rapidamente e isso tem consequências nos negócios. Imagine que um leitor queira começar a viver como nômade digital hoje e pense em fazê-lo através da criação e monetização de um blog de viagem. Com base na experiência de vocês e na realidade de hoje, vocês acreditam que este seria um bom caminho?

"Sim e não. Monetizar um blog de viagens leva tempo, pelo menos um ano e meio. Creio que existem outras formas de iniciar a vida nômade e trabalhar com retorno mais rápido."

Que conselhos vocês dariam para o leitor construir um blog sólido e aumentar as chances de sucesso?

"Trabalhando com um nicho específico você aumenta suas chances de se tornar uma autoridade no assunto. Seja profissional desde o primeiro dia. Os profissionais da área de turismo trocam figurinhas e descartam quem não é sério."

Se estivessem começando hoje nessa jornada nômade, o que fariam diferente?

"Não centralizaria tanto. No início tentamos fazer tudo por conta própria, desde o design até a parte técnica. Se fosse recomeçar eu contrataria um profissional para cuidar das áreas que não domino."

Para quem está começando hoje e pensando em adotar essa vida nômade, vocês aconselham a criação do blog como o melhor caminho para gerar receita durante a viagem?

"Não, sugiro investir em qualificação. Design gráfico, programador, tradutor, assistente virtual... Vejo muitas empresas procurando por profissionais e oferecendo vagas para trabalho remoto. Você começa a trabalhar logo e vê o retorno financeiro mais rápido. E o inglês é indispensável."

Retorno ao Brasil

Em março de 2017 eles retornaram ao Brasil pela primeira vez, três anos depois de começarem a viver como nômades digitais. Enviei-lhes algumas perguntas sobre suas impressões na volta ao país. As perguntas e respostas seguem abaixo nas palavras deles.

Vocês acabam de retornar ao Brasil depois de quase três anos fora. Qual o melhor aspecto de estar em casa até o momento?

"Nenhum. Hehehehe Sério, somente o fato de rever a família e amigos. Não vejo mais o Brasil como minha casa."

E quais os piores aspectos?

"A ineficiência do serviço público, a insegurança e o custo/benefício. Comparo que pagamos o preço da Europa e recebemos o serviço do Camboja."

O que mudou no Brasil e mais chamou a atenção de vocês?

"Algo que nos chamou a atenção, positivamente, foi a cordialidade das pessoas. Desde o atendimento das companhias aéreas até o motorista do Uber. Infelizmente isto não aconteceu no serviço público."

Como está sendo a oportunidade de rever amigos e familiares?

"Está é a nossa felicidade, rever amigos e familiares."

Aí no Brasil, vocês estão conseguindo espaço para conversar com os amigos sobre as experiências que vivenciaram no exterior?

"Sim, na verdade está faltando tempo para ver todo mundo e contar as histórias."

Futuro

Perguntados sobre o futuro, contam que mantêm um plano de previdência privada no Brasil e pensam em ter filhos. Quando estavam no Brasil, a última coisa que queriam era ter filhos, porém começaram a curtir a ideia ao longo da viagem. Talvez por terem encontrado outros viajantes que estão curtindo o mundo na companhia de seus filhos. Eles acreditam que seria incrível poder educar os filhos viajando pelo planeta e mostrando-lhes tudo o que o mundo tem para oferecer.

Apesar da preocupação com os familiares mais idosos, não querem parar. Açam que seria difícil viver em um único lugar do mundo depois de passar anos vivendo como nômades. Acreditam que irão viajar de forma mais lenta ao longo dos próximos anos e talvez montar bases em algumas partes do mundo, mas não querem parar em um único lugar.

Sobre o trabalho, o que mais lhes tira o sono são as constantes mudanças nos algoritmos do Google. Grande parte dos acessos ao blog se originam em buscas feitas no Google. Quando o mesmo altera as formas de indexação, isso gera impactos diretos na receita do casal.

Eles também se preocupam com as mudanças de hábitos das pessoas. Será que elas continuarão a ler artigos em blogs ao longo dos próximos anos? Até que ponto o modelo de negócio que escolheram poderá continuar a sustentá-los nos anos próximos anos?

Recursos citados

- [AdSense](#)
- [Airbnb](#)
- [Baan Thai](#)
- [Chiangmai Ram Hospital](#)
- [Como viajar o mundo com US\\$ 50 por dia](#)
- [Hecktic Travels](#)
- [MindMyHouse](#)
- [Nomadic Matt](#)

- [The Professional Hobo](#)
- [TrustedHousesitters](#)
- [World Nomads](#)

Cidades em que moraram

- Istambul, Turquia
- Bangkok e Chiang Mai, Tailândia
- Singapura
- Reggio Emilia, Itália
- Malok Izvor, Bulgária
- Canggu, Bali, Indonésia
- Budapeste, Hungria
- La Linea de la Concepcion, Espanha

Cidades em que mais gostaram de morar

1. Canggu, Bali, Indonésia
2. Bangkok, Tailândia
3. Istambul, Turquia
4. Chiang Mai, Tailândia
5. Budapeste, Hungria

Capítulo 12

Paula e Renan

[Paula Guimarães](#), 32, relações públicas
[Renan Baptista](#), 40, analista de sistemas

Site: [OutsidersBrazil](#)

Moravam em: São Paulo, SP

Tempo de transição: 4 meses

Início da vida nômade: outubro/2013

Receita: rendimento de aplicações financeiras

Orçamento mensal: US\$ 1350

Entrevista: 11/03/2016

Revisão e atualização: 10/04/2017

História

Paula e Renan eram dois executivos bem sucedidos, porém cansados da vida agitada de São Paulo. Paula é formada em relações públicas e trabalhava com eventos corporativos. Ela gostava do trabalho, mas não via muito propósito nele. Depois de alguns anos, percebeu que queria fazer algo diferente, embora não soubesse exatamente o quê. No fim de 2012, pediu demissão do trabalho com o propósito de dar um tempo e repensar a vida.

Renan é analista de sistemas e trabalhava na IBM, onde tinha uma rotina insana de mais de dez horas de trabalho por dia. Era um executivo bem remunerado, porém cansado dos excessos do trabalho e da rotina extenuante de São Paulo. Já vinha se preparando para mudar de vida. Seu plano era ir para o Vale do Silício e passar de seis meses a um ano por lá, com o objetivo de trazer algumas tecnologias inovadoras para o Brasil e montar um negócio próprio. Como parte desse plano, já tinha vendido seu

apartamento e mais uma série de coisas. Estava se capitalizando tanto quanto possível.

Início de namoro

No meio desse processo de preparação, conheceu Paula e eles começaram a namorar. Pouco tempo depois, em maio de 2013, Renan pediu dez dias de férias e eles foram viajar juntos para o litoral. O tempo não ajudou. Choveu muito durante a viagem. Assim mesmo, foram viajando pelo litoral e parando em diferentes partes, um tanto sem planejamento. Curtiram a experiência de sair sem um plano e ir conhecendo os lugares pelo caminho. Começaram a pensar em como seria se pudessem voltar, porém não parar em São Paulo. Como seria se continuassem a viagem? Começaram a sonhar com essa possibilidade e a ideia cresceu.

Chegou a segunda-feira e Renan voltou para o trabalho. Pesquisou na internet e voltou para casa cheio de ideias sobre como viajar por mais tempo. Viu que tinha várias pessoas fazendo isso e descobriu o custo médio de fazer uma viagem de carro.

Ele já tinha um sonho antigo de fazer algo assim porque gostava de acampar e do mundo 4x4. Sempre discutia o assunto com os irmãos e já tinha feito algumas expedições mais longas.

Preparação para o sabático

A ideia de viajar tomou corpo e decidiram fazer um sabático. Em um primeiro momento, o plano era apenas viajar por um tempo. Não tinham nenhuma intenção de trabalhar durante a viagem. Renan sempre achou que se o objetivo fosse trabalhar, era melhor não sair de São Paulo porque dificilmente conseguiria ganhar melhor enquanto estivesse viajando. A ideia era viajar, desacelerar e, quem sabe, descobrir uma nova forma de viver a vida. Talvez descobrir em que país gostariam de morar e o que gostariam de passar a fazer.

Durante a viagem, queriam poder curtir o momento com tranquilidade. Sem ficar pensando nos emails que tinham de responder ou em clientes ou em qualquer outro compromisso. Queriam poder se conectar com os lugares e com as pessoas, muito mais do que apenas fazer turismo.

Nessa época, Paula já não estava trabalhando, então pôde focar bastante no processo de planejamento. Eles escolheram viajar de carro e optaram pelo Troller. Renan já havia tido esse carro no passado e o conhecia bem.

Consideraram a possibilidade de fazer uma volta ao mundo de carro, porém se planejaram inicialmente para algo mais simples. Pensaram em visitar a América do Sul em um primeiro momento. Se tudo corresse bem, eles decidiriam, no caminho, continuar ou retornar ao Brasil.

Estabeleceram alguns marcos importantes. O primeiro foi o Ushuaia. Se chegassem bem até lá, começariam a seguir pelo Chile. Depois seria na Colômbia. Se embarcassem o carro lá, para atravessar para o Panamá, continuariam a jornada até o Alasca.

Fizeram um planejamento cuidadoso do roteiro, de tudo o que iriam levar e do quanto iriam gastar. A expectativa inicial era ter uma média de despesa diária de US\$ 100 para o casal. Para sustentar a viagem, iriam usar os rendimentos de aplicações financeiras. Também tentaram buscar patrocínio com o fabricante do Troller e com outras empresas, mas não conseguiram nada.

Os dois se desfizeram de tudo o que tinham em São Paulo, seja vendendo ou doando. Embora fossem controlados com o consumo, ficaram chocados quando começaram a esvaziar seus respectivos apartamentos e descobriram a quantidade de coisas que tinham acumulado ao longo da vida. Não faziam ideia de que era tanto. Não usavam grande parte daquelas coisas e não entendiam como tinham acumulado tanto.

Como parte do planejamento, também tentaram preparar a família e obter o apoio dela. No geral, conseguiram que as pessoas entendessem a opção deles, mas houve alguns familiares que criticaram e não deram o suporte que esperavam receber. O mesmo aconteceu entre os amigos.

Cenários da América do Sul

Paula e Renan ficaram fascinados com a América do Sul. Nunca imaginaram que os países vizinhos ao Brasil pudessem oferecer paisagens tão lindas e contatos tão interessantes com as culturas locais. Fizeram muitas amizades na Argentina e gostaram demais de ver a forma tranquila e amistosa como os argentinos viajavam. Ficaram encantados com os cenários do interior da Bolívia, os quais jamais pensaram que existisse. Também se surpreenderam com o Peru e o Equador. E ficaram

particularmente impressionados com a Colômbia, especialmente com Medellín, onde dizem que morariam fácil.

Primeiras dificuldades

Os primeiros dias foram difíceis, especialmente para Renan, que não conseguia se desligar. Sentia-se mal por não estar trabalhando. Era uma sensação estranha acordar e não ir para o trabalho ou estar em algum lugar, no meio do nada, fazendo um churrasco no meio da tarde. A experiência era gostosa, mas igualmente assustadora. Sentia-se como se fosse um vagabundo.

Ficava pensando no que estava fazendo e no impacto sobre sua carreira. Tinha chegado longe em sua trajetória profissional, com base em muito esforço. Será que estava arruinando sua carreira e pondo tudo a perder? O que aconteceria se tivesse de voltar? Essas questões tiraram seu sono durante os primeiros meses da viagem, até que conseguiu se acalmar e entrar no ritmo da jornada.

Quando partiram, Renan e Paula tinham pouco tempo de namoro. Apenas sete meses. Eles nunca tinham morado juntos ou passado tanto tempo juntos. Era difícil saber como reagiriam à nova realidade. De fato, sentiram um grande impacto nos primeiros meses. Foi fácil desapegar das coisas materiais. Não sentiam falta dos objetos que deixaram para trás. Lidar com eventuais desconfortos tampouco foi um problema. Ambos já tinham acampado no passado e conseguiram lidar bem com a vida na barraca.

O que pesou mais foi a questão da privacidade e do espaço pessoal. Como nunca tinham vivido juntos, foi uma novidade para cada um ter a vida tão exposta ao outro. Demorou para se acostumarem.

Durante a viagem, perceberam que não eram apenas os sentimentos deles que contavam. Também havia as reações do terceiro personagem da jornada: o carro. Nem sempre ele estava bem. Além de exigir cuidados, sua disposição para a viagem ia mudando a cada dia. O rendimento dele variava de acordo com as condições climáticas do lugar, a altitude e mais uma infinidade de fatores.

Mudanças de rumo

O plano inicial, assim como o roteiro, se revelaram de pouca utilidade. Tudo foi mudando ao longo do caminho. Tanto assim que hoje, quando lhes perguntam o que é preciso planejar, eles acham que não é preciso muito. Tem que se garantir financeiramente. No mais, é preferível começar com um plano simples, porque tudo muda de um jeito ou de outro.

Havia lugares em que chegavam e achavam que iam passar um ou dois dias, porém gostavam e ficavam uma semana ou dez dias ou vinte ou até um mês. Havia outros em que achavam que ficariam pelo menos uma semana e no entanto já partiam no dia seguinte. Tudo dependia das condições climáticas, das pessoas que iam conhecendo, do quanto as atrações do lugar os cativavam e de outros fatores impossíveis de prever.

A própria velocidade da viagem mudou. No início, pensavam em percorrer grandes distâncias a cada dia. Logo perceberam que não faria nenhum sentido e começaram a viajar mais devagar.

Amizades

Fizeram muitos amigos na estrada. Muitas vezes nos campings ou em situações completamente inesperadas. O carro, carinhosamente chamado de Brasileirinho, foi um grande aliado, pois despertava curiosidade por onde passava.

Com frequência, atraía comentários e perguntas das pessoas em postos de gasolina e outros lugares onde paravam. Receberam inúmeros convites para visitar e até se hospedar na casa de locais, como fizeram algumas vezes.

Em outros casos, ficavam amigos de viajantes que estavam vindo de países pelos quais ainda passariam. Quando alcançavam seus países, os reencontravam e, às vezes, ficavam hospedados em suas casas.

Acomodação

Na maior parte do tempo, dormiam na barraca que era armada sobre o carro. Às vezes paravam em campings, outras em áreas de descanso da estrada ou em qualquer lugar que lhes parecesse seguro.

A dinâmica de acampar toma tempo. Quando acordavam, tinham de preparar o café da manhã, lavar a louça, colocar tudo na caixa, desarmar a barraca, verificar o óleo, planejar quantos quilômetros percorreriam no dia,

verificar a necessidade de abastecer, assim como outras pequenas tarefas. Isso consumia a manhã inteira com frequência.

Em seguida, visitavam as atrações do lugar onde estavam ou seguiam viagem, até encontrar outro lugar para passar a noite. Sempre evitavam pegar a estrada de noite. Quando precisavam lavar roupa, ficavam em um camping com uma estrutura melhor ou usavam as lavanderias nas cidades por onde iam passando.

Desafio de trabalhar na estrada

Ao longo da viagem, criaram o [blog](#). O objetivo inicial era apenas contar o que estava acontecendo para amigos e parentes. Logo viram que era difícil manter o blog atualizado. Houve momentos em que ficaram até três meses sem fazer nenhuma publicação.

A certa altura, começaram a pensar em fazer algum tipo de trabalho durante a viagem. No início, isso estava fora de cogitação. Nos primeiros seis meses, nem se importavam se achariam acesso à internet ou não. O objetivo era só curtir a viagem. Foi bom ter essa liberdade e não ter a pressão de trabalhar no início. Diminuiu o estresse do começo da viagem e permitiu que eles se adaptassem com mais calma. Depois a história se complicou. Tiveram muitas perdas com a variação cambial. Não só pelo aumento na cotação do dólar, mas também por mudanças equivocadas nas estratégias de investimento.

O problema é que não dava para trabalhar e viajar de carro ao mesmo tempo. Eles não conseguiam conciliar as duas coisas. As vezes em que conseguiram escrever um pouco mais para o blog foram quando pararam em algum lugar e passaram um tempo dedicado a isso.

Quando estavam na Europa, decidiram parar para escrever o livro [Outsiders Américas: entre extremos](#), que relata a experiência deles no continente americano. Para escrevê-lo, eles alugaram um apartamento em Montenegro e passaram quatro meses dedicados exclusivamente ao livro. Como não sabiam nada sobre como produzir um livro, fizeram vários cursos online antes de começar a escrever.

Essa parada em Montenegro foi importante. Eles conseguiram produzir o livro, porém confirmaram o que já imaginavam. Não fazia tanto sentido, ao menos para eles, tentar misturar o trabalho com a viagem. O potencial de

retorno financeiro não justificava. Era melhor ganhar dinheiro com o que já faziam em São Paulo.

Trabalho voluntário

Ao longo do caminho, também fizeram alguns trabalhos voluntários como forma de viver uma experiência diferente. Primeiro foi em uma Ecovila, no Peru. Era um lugar lindo, de frente para o mar. Eles o encontraram fazendo pesquisas na internet. Entraram em contato e se ofereceram para trabalhar como voluntários por alguns dias. Em troca pediram apenas um local para armar a barraca. Adoraram a experiência. Depois tiveram outras duas experiências do gênero nos EUA. Uma na Califórnia e outra no Texas. Uma delas foi através do [WWOOF](#).

Finanças

Para montar o projeto, eles gastaram em torno de R\$ 100 mil. Foram R\$ 75 mil para comprar o carro e outros R\$ 5 mil para equipá-lo. Além disso, gastaram outros R\$ 20 mil com equipamentos de fotografia e acessórios de camping. Em dois anos e meio, gastaram outros US\$ 40 mil dólares com despesas da viagem. Felizmente, até o momento em que conversamos, o carro nunca tinha dado nenhum tipo de problema. Nem mesmo um pneu chegou a furar.

Os maiores custos da viagem foram sempre associados ao carro. O combustível foi um dos custos mais altos. Houve também as trocas de óleo, outras manutenções e as despesas com burocracias. Em alguns países era necessário pagar uma taxa para entrar com o carro. Em vários deles também era preciso pagar um seguro para o carro. E houve também o envio do carro, primeiro da Colômbia para o Panamá e depois dos EUA para a Alemanha. Cada envio em contêiner custou em torno de mil dólares.

Quando eles saíram do Brasil, em 2013, a cotação do dólar era de aproximadamente R\$ 2,00. Entretanto, não demorou para ele disparar. Quando conversamos, no início de 2016, o dólar tinha dobrado para R\$ 4,00. Isso mexeu com seus planos de viagem e os deixou preocupados.

Felizmente o plano inicial de gastar US\$ 100 por dia se mostrou excessivamente conservador. Eles foram aprendendo a economizar cortando os supérfluos. Diminuíram as idas a cafés e restaurantes, passaram a

cozinhar com mais frequência e comer a própria comida, até como forma de ter uma alimentação mais saudável. Eles têm uma geladeira no carro e podem manter a comida por vários dias. Só comem em restaurantes atualmente quanto querem experimentar a culinária local.

Também reduziram a velocidade na estrada. Costumavam dirigir a 100 km/h. Adotaram uma média de 70 a 80 km/h. Isso bastou para gerar uma economia de 20% de combustível. Com essas mudanças, conseguiram reduzir a média para US\$ 70 a US\$ 80 por dia.

Autoridades

O que mais lhes gerou aborrecimentos foi a polícia ao longo da América Latina. Houve inúmeras tentativas de extorsão. Só no México, foram parados 15 vezes. Em todas elas os policiais pediram propina. Eles nunca deram.

Tentavam desconversar. Quando a situação se tornava muito tensa, diziam que iriam procurar o consulado brasileiro e reportar o problema. Sempre que mencionaram o consulado, os policiais os liberavam para seguir. Eles acreditam que procurar o consulado não faria nenhuma diferença, mas os policiais ficavam intimidados com o argumento.

Eles também acumularam diversas multas ao longo do caminho, porém nunca pagaram nenhuma. Elas se transformaram em recordações da viagem.

Saúde

Paula e Renan fizeram *checkups* completos antes de sair do Brasil. Algum tempo depois, Renan também fez um *checkup* completo na Tailândia, em um hospital excelente, ao custo total de US\$ 500.

Nenhum dos dois precisou acionar o seguro de saúde durante a viagem. No início, viajaram com o [World Nomads](#). Depois mudaram para o [IMG](#).

Os únicos problemas de saúde que tiveram foram diarreias, especialmente no começo da viagem. Isso ocorria sempre que mudavam a água que estavam consumindo. Infelizmente não conseguiram malhar durante a viagem, porém fizeram trilhas e caminharam muito.

Amigos e familiares

A relação com os amigos no Brasil ficou um pouco diferente. Em janeiro de 2015, eles estavam nos EUA e pensaram em levar o carro para a Ásia. Eventualmente mudaram de ideia e decidiram deixar o carro nos EUA enquanto fariam uma pausa. Renan quis fazer uma visita à Austrália. Como Paula já conhecia o país, preferiu visitar a família. Ela chegou ao Brasil com expectativas que se mostraram irreais.

Durante a viagem, amigos e familiares diziam que queriam revê-la e escutar as histórias do que tinham feito pelo mundo. "Quero tanto saber como está sendo sua viagem," diziam. Entretanto, chegando em São Paulo, percebeu que não conseguia contar nada para ninguém. Quando começava a falar o que as pessoas diziam que queriam saber, não conseguia falar por dois minutos sem ser interrompida. Ou por um celular ou por alguém dizendo: "você ficou sabendo de tal coisa?" Eventualmente desistiu pois não conseguia contar nada. Aquilo mexeu com ela e a deixou triste. Ela ficou quatro semanas em São Paulo, das quais passou duas praticamente sozinha. Não era o que esperava. Percebeu que pouco mudou na vida das pessoas e ninguém demonstrava interesse em saber o que estava se passando em sua viagem.

Não ser escutada a fez refletir se isso teria ocorrido porque ela própria não escutava as outras pessoas. Pensando nisso, começou uma série de entrevistas no blog.

O que teriam feito diferente

Um ponto que eles mudariam se estivessem começando agora é o carro. Perceberam que seria muito melhor se pudessem viajar com um carro fechado. Isso lhes traria algumas economias. Dormir dentro do carro lhes traria mais segurança e permitiria que dormissem na rua com maior frequência. Com a barraca, acabavam ficando muito expostos. Além disso, seria mais confortável, porque a barraca não tem um bom isolamento. E ter um banheiro dentro também faria uma enorme diferença no conforto deles.

Perguntas complementares

Pouco mais de um ano após entrevistá-los, a volta ao mundo já tinha terminado e eles já tinham retornado ao Brasil. Fiz algumas perguntas

adicionais. Você as encontra a seguir, juntamente com as respectivas respostas escritas por Paula.

Quando conversamos, vocês estavam em Montenegro. Desde lá, por quais locais vocês passaram?

"Depois de Montenegro passamos por Albânia, Sérvia, Romênia, Hungria, Eslováquia, Polônia, Lituânia, Letônia, Estônia, Finlândia, Rússia, Cazaquistão, Mongólia e Índia."

O Brasileirinho deu alguns problemas depois que conversamos. O que ocorreu com ele e onde aconteceram os problemas?

"Quando entramos na Rússia conseguíamos perceber que o barulho do motor estava diferente, mas toda vez que parávamos em uma oficina, as dificuldades eram inúmeras: começava pela língua, depois o fato de o carro ser brasileiro e poucos entenderem do funcionamento. Aliado a isso os mecânicos alegavam que o barulho era por conta do diesel de qualidade. No fundo sabíamos que esse não era o problema. No Cazaquistão, no meio do deserto, tivemos o primeiro problema sério. A bomba d'água quebrou e se não tivéssemos parado minutos antes, com certeza o motor teria fundido. Por uma sorte grande, conseguimos pedir resgate via WhatsApp para um conhecido que estava a 3500 km de distancia. Dentro de alguns minutos ele montou um grupo no WhatsApp com o contato de alguns Jeep Clubes da região e fomos resgatados dentro de uma hora e meia. A bomba d'agua teve de vir do Brasil e foi um presente carinhoso de uma pessoa que não conhecemos, mas que acompanhava a viagem pelas mídias sociais. No fim, a oficina no Cazaquistão também não nos deixou pagar pela manutenção e o problema da quebra do carro acabou se tornando um dos maiores presentes que a estrada nos deu. Dois mil quilômetros depois, na fronteira do Cazaquistão com a Rússia, o carro quebrou mais um vez, novamente no meio do deserto. O problema dessa vez foi que não havia sinal de celular. Conseguimos a ajuda de um pai e filho que passavam ali em um Lada antigo e eles nos puxaram até a cidade mais próxima. Recebemos todo o tipo de atenção e carinho desses dois e, depois de muito insistir, seguimos com o carro em um caminhão cegonha para uma outra cidade a 400 km dali. Mais uma vez tivemos que importar as peças do Brasil, dessa vez paga

por nós. O que quebrou foi o balancim do motor e aproveitamos para trazer outras peças que poderiam quebrar. A convivência em Barnaul, na Sibéria, aguardando a vinda das peças e o conserto do carro, acabou se transformando em uma linda experiência. Ganhamos muitos presentes do mecânico e da sua família que quase não falavam inglês e fizeram de tudo para transformar a nossa estadia em dias divertidos."

Quais foram os maiores desafios que vocês enfrentaram desde Montenegro até o fim da viagem?

"Sem dúvida alguma foi em relação ao carro, mesmo depois dos consertos ainda tínhamos muito receio porque qualquer outro problema acabaria mexendo muito no nosso orçamento que já andava bastante apertado. Felizmente dos males foi o menor, um pouco por sorte, um pouco porque desenvolvemos bons relacionamentos na estrada."

O valor do envio do carro da Rússia para a América do Sul foi o mesmo que vocês pagaram nos demais envios?

"O valor do envio da Rússia foi o mais alto de todos. Tivemos um gasto total de U\$ 2.700,00 incluindo as taxas no Chile, onde desembarcamos."

De todos os destinos que visitaram durante a volta ao mundo, quais foram os cinco que mais marcaram vocês?

"Para mim [Paula] na verdade não vou dizer só país, mas sim algumas regiões: Patagônia, Alasca, Cazaquistão, Peru e Montenegro. O Renan gosta de dizer Belize, Patagônia, França, Alasca e o estado de Utah, nos Estados Unidos, onde tem um corredor de *canyons* encantadores."

Depois de passar alguns anos na estrada, vocês finalmente voltaram ao Brasil. Quais foram os melhores aspectos de voltar ao país?

"Faz seis meses que estamos de volta e viver em São Paulo tem sido incrivelmente bom para administrar nosso material da viagem e tudo que ainda planejamos fazer. Além disso é sempre bom matar saudade de tudo e de todos."

Quais foram os piores aspectos deste retorno?

"Politicamente e economicamente o país passa por uma forte turbulência e isso restringe bastante a nossa vida social e profissional. A burocracia do Brasil ainda é algo que exige muito da nossa paciência."

O que vocês acham que melhorou no país enquanto estavam ausentes?

"De um modo geral estamos percebendo as pessoas mais questionadoras de alguns padrões impostos. Isso é bom porque nos impulsiona também a mudar, a dialogar e a querer descobrir o que há por vir. Vemos uma galera mais fora da caixinha e isso é motivante."

O que piorou?

"A economia, as pessoas estão receosas com empregos, dinheiro e o futuro. Por conta disso, os negócios estão mais devagar."

Quando saíram do Brasil, vocês se desfizeram dos respectivos apartamentos e demais itens de casa. Agora que voltaram, o que fizeram? Onde estão morando?

"Vivendo em um Troller aprendemos o real significado da palavra minimalismo. Hoje tudo que temos cabe em um pequeno quarto e isso é libertador. Os pais do Renan compraram um apartamento como investimento três anos atrás, tentaram vender para efetuar o lucro, mas não conseguiram. Na verdade, o valor de imóvel em São Paulo recuou. Estamos morando no apartamento e pagando o aluguel para eles enquanto não surge um comprador."

Vocês voltaram a trabalhar depois que regressaram para São Paulo? O que estão fazendo atualmente?

"Atualmente trabalhamos com o conteúdo que geramos, escrevemos para revista, vendemos fotos impressas e digitais, pelo site vendemos o livro digital e as camisetas e hoje a nossa maior renda vem de palestras."

Comportamentos e tecnologias mudam rapidamente e isso tem consequências nos negócios. Imagine que um leitor queira começar a viver como nômade digital hoje e pense em fazê-lo através da criação e monetização de um blog de viagem. Com base na experiência de vocês com o blog e na realidade de hoje, vocês acreditam que este seria um bom caminho?

"Pode ser um bom caminho, mas é preciso ter ciência de que terá de ralar muito e carregar um diferencial forte consigo. Se com tudo isso persistir, saiba que o retorno financeiro virá no longo prazo e pode ser que não seja exatamente na quantia que gostaria. Outra coisa importante é que dificilmente conseguirá tirar sua aposentadoria disso."

Quando vocês regressaram ao Brasil, vocês já não eram mais as mesmas pessoas que partiram anos antes. Vocês mudaram bastante e passaram a enxergar a vida com outros olhos. Quais foram os maiores desafios para vocês se adaptarem novamente à vida no Brasil e em São Paulo em particular?

"A viagem acabou nos ensinando a ter mais compaixão e paciência frente às adversidades do dia a dia. Retornar a São Paulo se revelou não ser tão ruim quanto imaginávamos, mas isso porque de alguma forma conseguimos enxergar como uma estadia passageira. Afinal de contas, viajamos por três anos sempre com a sensação de que 'amanhã' vamos embora. Se hoje resolvermos fazer as malas, amanhã estaremos longe daqui. Portanto não vemos como desafios, vemos como coisas naturais de uma grande metrópole: o trânsito, o jeitinho brasileiro de querer ganhar vantagem, a falta de paciência das pessoas, a violência urbana no geral... Tudo isso é atordoante, mas faz parte do jogo."

Como foi a repercussão do livro? Vocês sentem que valeu à pena o empenho e a dedicação a ele?

"Tivemos muito retorno positivo de leitores e algumas críticas bastante construtivas, às quais estamos dando muito valor, já que estamos em fase de confecção do livro sobre os 3 anos da jornada. Quando finalizamos o livro

das Américas, antes de lançar, ficamos contentes com o trabalho e ali por si só já valeu à pena para nós dois. O nosso trabalho foi grande e pessoalmente sentimos uma realização grande. Financeiramente também foi muito bom, com o retorno que tivemos conseguimos manter uns dias extras na estrada."

Se vocês tivessem optado por viajar e trabalhar desde o início, que tipos de trabalho teriam maiores chances de conseguir fazer remotamente dentro de suas respectivas profissões?

"Honestamente, não tenho ideia. Tudo que desenvolvemos hoje foi porque conseguimos nos dedicar aos estudos durante a estrada. Não entendíamos de foto, de diagramação, de estrutura para montar um texto, nada. O Renan tem conhecimento de tecnologia, mas depois de tanto tempo trabalhando como executivo acabou se esquecendo de algumas coisas. Quando foi desenvolver o nosso site teve de iniciar os estudos do zero, como um verdadeiro leigo no assunto. Eu poderia ter pensado em uma consultoria de imagem corporativa ou desenvolver conteúdo para empresas, mas realmente não me sentia preparada como me sinto hoje. De uma maneira ou de outra, eu fico muito feliz que conseguimos curtir bastante a viagem no começo e nos desligamos de nossa vida profissional. Isso fez a gente se conectar com aquilo que realmente gostamos de fazer."

Do ponto de vista de trabalho e finanças, se vocês estivessem começando a volta ao mundo hoje, com toda a bagagem que adquiriram, o que fariam diferente?

"Quando começamos não sabíamos que este era um assunto que interessaria a tantas pessoas, portanto, se eu fosse começar hoje, eu focaria muito no conteúdo online e no passo a passo. Hoje o nosso site tem muitas dicas, muitas reflexões realistas sobre o assunto e alguns passo a passos. Percebo que conseguimos ajudar muitas pessoas e seria interessante tirar algum retorno disso."

Vocês pretendem ficar em São Paulo de forma permanente ou pensam em voltar para a estrada? Caso pensem em voltar, pretendem viajar da mesma forma ou fazê-lo de forma diferente?

"Definitivamente tudo nessa vida é impermanente. São Paulo está sendo muito bom mas queremos voltar para a estrada. Ainda não sabemos exatamente como será, mas temos sonhos e estamos estudando as melhores formas. Poderia ser só de mochila ou com outro carro, ou o mesmo, ou um veleiro... quem sabe?"

Quais foram as cinco lições mais importantes que vocês aprenderam nessa volta ao mundo?

"Tem algumas frases que aprendemos na estrada e que nos ajudaram muitas vezes. Uma lição poderosa que passamos a entender conforme os quilômetros avançavam é a empatia. Com isso paramos de julgar as pessoas, os costumes, as regras e as tradições e começamos a nos colocar melhor no lugar daqueles que conhecíamos. Dessa forma tínhamos uma visão muito mais ampla.

Aprendemos a viver completamente presentes no agora, 'o amanhã não existe' virou um mantra e diminui bastante a nossa ansiedade.

Sempre que surgia um problema, por mais grave que fosse, repetíamos a frase 'imagina se todo o problema do mundo fosse este'. Isso ajudava a ver o quanto o nosso problema era pequeno.

Outra frase que trazia calma era 'para tudo tem um jeito' e logo já conseguíamos ver uma luz no fim do túnel.

E, por fim, felizmente passamos a entender logo no começo que a viagem é feita de pessoas, que não tem sentido colecionar número de países, quilometragem ou quantos dias estamos longe de casa. As melhores memórias vêm daqueles momentos que compartilhamos refeições, histórias e momentos juntos com outras pessoas. Isso ninguém nunca vai tirar do nosso coração. É um bem intangível."

Recursos citados

- [Airbnb](#)
- [IMG](#)
- [WWOOF](#)
- [World Nomads](#)

Capítulo 13

Tamara e Rafael

[Tamara Machado](#), 25, redatora

[Rafael Zenato](#), 27, redator

Site: [Nós na gringa](#), [Congresso Nômade](#)

Moravam em: Caxias do Sul, RS e Porto Alegre, RS

Tempo de transição: 1 ano

Início da vida nômade: fevereiro/2016

Receita: trabalho *freelance*, afiliação e *ebook* no blog

Orçamento mensal: R\$ 4.600

Entrevista: 01/07/2016

Revisão e atualização: 31/03/2017

História

Tamara e Rafael são de Caxias do Sul, uma cidade no interior do Rio Grande do Sul não muito distante de Porto Alegre. Ambos caíram no mundo depois de se desiludirem com seus respectivos empregos.

Tamara estudou engenharia química. Ela morava com os pais em Caxias do Sul e trabalhava como desenhista de projetos em uma empresa multinacional que faz carroceria de ônibus. Rafael estudou publicidade em Porto Alegre, onde morava sozinho. Ele trabalhou em diversas agências de publicidade. Gostava do trabalho até ir para uma agência que detestou, o que o motivou a buscar algo diferente.

Intercâmbio na Austrália

Tamara e Rafael decidiram dar um tempo de seus respectivos empregos e partir para um intercâmbio na Austrália. O plano era ficar um ano lá, de março de 2014 a março de 2015, e depois voltar para o Brasil. Entretanto bastaram dois meses lá para perceberem que não queriam mais voltar e retomar a vida de antes. Queriam encontrar uma maneira de continuar viajando. Pensaram em fazer outros intercâmbios porque era a única forma que conheciam de ter acesso a um visto que lhes permitisse passar mais tempo em outro país.

Para se manterem na Austrália, os dois trabalharam em restaurantes. Eles sabiam que não poderiam viver dessa forma para sempre e que tampouco queriam apenas fazer mochilão em outros lugares. Começaram a buscar alguma forma sustentável de passar mais tempo no exterior, até que esbarraram no termo *nômade digital*. Encontraram as histórias de alguns *nômades* e descobriram que este poderia ser o melhor caminho para eles.

Trabalhar como *freelancer* seria uma boa opção. Rafael já tinha trabalhado como redator e gostava desse aspecto da publicidade. Começou a pesquisar nos sites de trabalho *freelance* e encontrou diversas oportunidades para redação de conteúdo. Ele poderia se adaptar a essa modalidade de escrita. Seria o caminho mais natural para aproveitar sua formação e ganhar dinheiro trabalhando de qualquer lugar em que estivesse.

Tamara e Rafael também tiveram a ideia de criar um blog sobre intercâmbio, o [Nós na gringa](#). A experiência de fazer intercâmbio os marcou profundamente. Queriam compartilhá-la com outras pessoas.

Trabalho *freelance*

Quando a jornada na Austrália chegou ao fim, voltaram para o Brasil com planos de fazer um novo intercâmbio. Pretendiam ir para a Nova Zelândia, no entanto mudaram de ideia. Colocaram o blog no ar, mas já sabiam que demoraria para obter algum retorno financeiro. Então cadastraram-se em diversos sites de trabalho *freelance* e começaram a buscar oportunidades. Conseguiram obter retorno mais rápido que o previsto.

Ambos começaram a escrever para alguns clientes fixos, para os quais trabalham até hoje. Como as coisas estavam funcionando bem, pensaram em ir para a Europa. Ambos tinham a possibilidade de conseguir a

cidadania italiana, então foram para San Gimignano, no interior da Itália, para fazer os trâmites burocráticos.

Cidadania Italiana

Assim como Tamara e Rafael, muitos brasileiros têm a possibilidade de obter a cidadania Italiana. Pensando nisso, perguntei-lhes quão difícil foi fazer o processo de cidadania na Itália. Abaixo você encontra a resposta deles, em suas próprias palavras.

"De 0 a 10, diríamos que a dificuldade foi 5. Os processos variam de um *comune* (prefeitura) para outro. Optamos por fazer em uma cidade pequena, pois as grandes cidades têm filas mais longas para o processo. A maior dificuldade é que ninguém nunca havia feito o processo de reconhecimento de cidadania italiana na cidade que escolhemos. Por causa disso, tivemos um trabalho de 'educar' os encarregados de cada órgão, já que muitos nunca tinham tido contato com esse tipo de prática.

A principal lição foi respeitar o tempo do processo em si e também o ritmo de vida da Itália (especialmente do interior). Estamos acostumados a um ritmo frenético nas médias e grandes cidades do Brasil, onde tudo tem que ser resolvido na hora. A impressão que tivemos é que os italianos, especialmente numa cidade pequena, fazem uma única coisa de cada vez e não abrem mão de viver sua vida no ritmo a que estão acostumados.

Por exemplo, das 14h às 16h é horário da sesta. Todos os estabelecimentos fecham e é preciso respeitar os costumes locais. Na ânsia de obter a cidadania, ficávamos bastante aflitos com o andamento lento do processo (no total levou 3 meses). De certa forma, isso nos ensinou a respeitar os ciclos e aproveitar um pouco mais o presente."

Congresso Nômade

Nessa mesma época, como fruto de suas pesquisas, perceberam que ninguém tinha organizado ainda um congresso online no Brasil sobre nomadismo digital. Eles achavam que era importante criar um evento assim para aprender mais e contribuir com o aprendizado de outras pessoas interessadas em embarcar nessa vida. Embora não tivessem experiência no assunto, criaram o congresso e convidaram vários nômades para apresentar

suas vivências pessoais. Lançaram o [Congresso Nômade](#) em abril de 2016, quando já estavam na Itália.

Organizar o congresso deu mais trabalho do que jamais poderiam imaginar, porém foi gratificante. Por terem uma personalidade mais introvertida, a parte mais desafiadora foi atrair e lidar com os palestrantes, que foram os parceiros nesse projeto.

Perguntei-lhes quais foram os maiores aprendizados que tiveram com a organização do congresso. Abaixo está a resposta completa.

"Antes de mais nada, percebemos que é possível aprender praticamente qualquer habilidade do zero (quando existe o real desejo de aprender). Falamos isso porque nós mesmos cuidamos do site, páginas, mecânicas de e-mails, filmagem, edição de vídeos, etc. Habilidades com as quais tínhamos pouca ou nenhuma experiência.

Também tínhamos receio em vender e percebemos que quando se vende com verdade (e com conteúdo de qualidade) as coisas fluem naturalmente.

Outro ponto é que começamos com um certo medo do que as pessoas iam pensar. Tínhamos medo que o evento desse errado ou que o público não gostasse, mas terminamos o congresso com um retorno muito positivo (muito melhor do que poderíamos esperar). Isso deixou claro pra gente que todo conhecimento merece ser transmitido para o maior número de pessoas possível."

Trabalho voluntário

Resolvida a questão da cidadania, começaram a viajar pela Europa. Um dos primeiros lugares que visitaram foi Bucareste, na Romênia. Eles queriam ter a experiência de fazer trabalho voluntário. Pesquisaram em alguns sites e eventualmente optaram pelo [Workaway](#), no qual se inscreveram utilizando um plano para casal. Foi o site onde encontraram o maior número de oportunidades para a Romênia.

Encontraram um trabalho bacana em um *hostel*, no centro de Bucareste. O trabalho era na recepção, na parte da noite, cinco dias por semana. Em troca ganhavam acomodação e café da manhã.

A experiência foi melhor que o imaginado. Eles se revezavam na recepção na parte da noite. Quem estivesse no turno ficava acordado até um certo horário. Em seguida, fechava a recepção e ia dormir. Se algum hóspede chegasse durante a noite, o que era raro, bastava acordar e fazer o

check in. De manhã, Tamara e Rafael acordavam mais cedo que os hóspedes e preparavam o café da manhã. O resto do dia era completamente livre e eles podiam comer o que não tivesse sido consumido no café da manhã.

O *hostel* ficava localizado em uma área central de Bucareste. Um bom ponto de partida para fazer os passeios que quisessem. Eles dormiam em um dormitório de seis camas que só costumava ser usado pela própria equipe do *hostel*. Tinham acesso a uma cozinha bem equipada e preparavam suas próprias refeições. Dessa forma, só iam a restaurantes quando queriam fazer um passeio. Tanto é que as despesas de restaurante eram categorizadas como "lazer" na planilha de gastos.

Durante o dia, ficavam trabalhando a maior parte do tempo em seus frilas, em um *lounge* com ar condicionado pouco frequentado pelos hóspedes. No *hostel*, o acesso à internet era muito rápido, como é usual na Romênia.

Usando essa modalidade de trabalho voluntário, eles puderam passar vários meses em Bucareste com poucas despesas. O gasto foi de apenas R\$ 1.200 por mês para o casal, incluindo viagens de finais de semana para outras cidades. Em paralelo, ganharam dinheiro, trabalhando como *freelancers*. A experiência funcionou bem para os dois.

Trabalhar no *hostel* também lhes deu a oportunidade de conhecer várias pessoas. Fizeram amizade com hóspedes e outros voluntários que, assim como eles, também passavam mais tempo no *hostel*. Agora eles têm amigos para visitar em várias partes do mundo.

Ainda na Romênia, tiveram outra experiência de trabalho voluntário, mas com resultados diferentes. Receberam um convite de outra rede de hospedagem através do site do [Workaway](#). Quando ainda estavam em Bucareste, conversaram pessoalmente com um funcionário da empresa e fecharam um acordo para trabalhar em uma pequena cidade do interior da Romênia chamada Câmpulung Moldovenesc.

Quando chegaram ao local, perceberam que a dona do estabelecimento não fazia ideia de como deveria funcionar um trabalho voluntário. Não havia controle de horários nem tarefas específicas para os voluntários. Tamara e Rafael acabaram trabalhando mais horas que o esperado. Depois de dois dias de muito trabalho, pediram para descansar no terceiro e decidiram ir embora no quarto.

Aprenderam que é preciso conferir as avaliações do empregador na plataforma, além de conversar diretamente com o responsável do estabelecimento para combinar em detalhes os dias e horários de trabalho e descanso.

Outros destinos na Europa

Depois da Romênia, começaram a se hospedar através do [Airbnb](#) e continuaram a trabalhar com redação de conteúdo. Desde então, moraram em Lviv (Ucrânia), Sofia (Bulgária) e Istambul (Turquia). Também passaram períodos de duas semanas na Cracóvia (Polônia), Praga (República Tcheca), Bratislava (Eslováquia) e Budapeste (Hungria).

Viajando dessa forma, o gasto mensal saltou para R\$ 4.600. Esse valor inclui custos não relacionados às viagens ou moradia, como cursos, ferramentas de trabalho, entre outros.

Perguntei-lhes se pretendiam fazer outros trabalhos voluntários no futuro. O que eles responderam é instrutivo, especialmente para quem pensa em fazer trabalho voluntário atraído apenas pela possibilidade de economizar com acomodação. Veja o que disseram abaixo.

"Em Bucareste conseguimos economizar bastante e ainda tocar nossos trabalhos ao mesmo tempo. Porém, quando voltamos a trabalhar de um apartamento alugado, nosso aumento de produtividade compensou o custo de vida mais elevado. Por isso gostaríamos de fazer outros tipos de trabalho voluntário que trouxessem novas experiências, e não que necessariamente nos fizessem economizar dinheiro. Nesse momento, temos curiosidade por voluntariados ligados a permacultura e trabalhos com crianças."

Família

A relação com a família sempre foi tranquila desde que tiveram a ideia de fazer o intercâmbio. As duas famílias deram apoio. E esse apoio foi até maior depois, quando decidiram virar nômades, porque estavam mais estruturados.

Saúde

Rafael ficou doente e precisou de atendimento quando estava na Austrália, no intercâmbio. Foi bem atendido lá. Algum tempo depois, quando fizeram uma viagem para a Tailândia, ainda durante o intercâmbio, Tamara passou mal e também precisou de atendimento. Como estavam às vésperas de voltar para a Austrália, preferiram aguardar para ter o atendimento lá.

Desde que se tornaram nômades digitais, nunca tiveram necessidade de recorrer a atendimentos médicos. Eles não têm seguro internacional de saúde porque, como cidadãos da Itália, têm uma carteirinha, chamada [Tessera Sanitaria](#), que lhes dá acesso ao sistema público de saúde na Europa.

Bancos

Tiveram alguns problemas de acesso a banco desde que começaram a vida nômade. Eles têm conta no Itaú e no Banco do Brasil. Esse último começou a dar problema quando estavam na Europa. Rafael só conseguia acessá-lo usando uma [VPN](#).

Algum tempo depois, o banco bloqueou a senha de acesso ao internet banking. Rafael conseguiu resolver assinando um documento e enviando a versão digitalizada para o banco.

Aliás, quando lhes perguntei o que fariam diferente se estivessem começando a jornada hoje, eles disseram que teriam mais cuidado com documentos e burocracias antes de sair do Brasil. Por exemplo, deixariam procurações para a família, algo que Rafael esqueceu de fazer.

Aprendizado sobre o processo de ganhar dinheiro online

Alguns meses depois de entrevistá-los, enviei-lhes algumas questões adicionais, algumas das quais se referem ao que aprenderam sobre o processo de ganhar dinheiro através da internet. Coloco abaixo as perguntas e suas respectivas respostas.

Suponham que um leitor queira ser nômade digital e começar a trabalhar com redação de conteúdo como vocês fazem. Para quem deseja começar agora, vocês acreditam que este é um bom caminho? Que conselhos vocês dariam para essa pessoa aumentar as chances de sucesso e construir uma carreira sólida?

"Sim, a gente inclusive acredita que esse pode ser um dos caminhos mais rápidos para gerar renda online no curto prazo. O principal conselho é simples: estudar [marketing de conteúdo](#) e [inbound marketing](#). Tem muito conteúdo gratuito na internet sobre esses temas."

Comportamentos e tecnologias mudam rapidamente e isso tem consequências nos negócios. Imagine que um leitor queira começar a viver como nômade digital hoje e pense em fazê-lo através da criação e monetização de um blog de viagem. Com base na realidade de hoje e na experiência de vocês com o blog, vocês acreditam que este seria um bom caminho?

"Acreditamos que blogs de viagem são um dos caminhos mais difíceis para quem deseja ser nômade digital. Na nossa opinião é muito mais válido oferecer um produto ou serviço e usar um blog, inicialmente, apenas como apoio para gerar tráfego, engajamento e conversão."

Vocês acreditam que estariam ganhando mais se estivessem morando de forma permanente no Brasil?

"Não. No nosso caso, acreditamos que a remuneração tem muito mais a ver com o quanto nos dedicamos ao trabalho e a buscar novos conhecimentos do que com a localização física. Nossa produtividade também não é afetada pelo local em que estamos."

Futuro

Sobre o futuro, eles não têm planos de parar. Estão satisfeitos com essa vida e curtindo o novo momento.

Recursos citados

- [Airbnb](#)
- [Workaway](#)

Capítulo 14

Mariana e Eduardo

[Mariana Zanini](#), 32, edição de livros
[Eduardo Gonçalves](#), 35, efeitos especiais

Moravam em: São Paulo, SP
Tempo de transição: 2 anos
Início da vida nômade: maio/2015
Receita: trabalho *freelance*
Orçamento mensal: US\$ 2000
Entrevista: 25/02/2016
Revisão e atualização: 30/03/2017

História

Às vezes a vida muda por acidente, no sentido literal da palavra, como no caso de Mariana e Eduardo. Se Mariana não tivesse se acidentado, talvez eles nunca tivessem se transformado em nômades digitais.

Os dois moravam em São Paulo e tinham se casado há pouco tempo. Mariana estava empregada e fazia edição de livros. Eduardo trabalhava em casa criando efeitos especiais para filmes e séries de TV. A maior parte de seus clientes eram da Inglaterra, EUA e Canadá.

Quando foram morar juntos, começaram a guardar dinheiro para comprar um imóvel próprio. Em um primeiro momento, escolheram morar em um apartamento alugado próximo ao metrô para que não precisassem comprar um carro. Gastavam pouco comprando itens para o lar e economizavam tanto quanto possível.

Ambos eram ativos e malhavam com frequência. Um dia, enquanto Mariana estava se exercitando, lesionou um ligamento do tornozelo. Para se

recuperar, precisou ficar em casa por uma semana com a perna para cima. Não podia andar e mal conseguia se mover da sala para a cozinha.

Navegando pela internet se deparou com um artigo sobre um casal que estava fazendo uma volta ao mundo. Eram [Carol](#) e [Alexis](#), do [Projeto Viravolta](#), que estavam documentando a viagem deles no site [Kiki Around the World](#).

Mariana teve a ideia de fazer algo semelhante e Eduardo topou. A proposta inicial era juntar dinheiro suficiente para viajar por dois anos. Não pensaram em trabalhar durante a viagem.

Transição para a vida nômade

Passaram os dois anos seguintes trabalhando e juntando dinheiro. Nesse meio-tempo, Mariana também passou a trabalhar em casa. Quando se sentiram prontos para partir, já tinham dinheiro suficiente para viajar nos próximos anos, ainda que não pegassem nenhum trabalho para fazer no caminho.

De um modo geral, os amigos e familiares reagiram bem, com exceção do pai de Mariana. A família dela mora em Maringá (PR). Quando chegou o dia de dar a notícia pelo Skype, o pai escutou e não disse nada. Apenas levantou da cadeira e se retirou. Passou uma semana sem falar com ela. Depois, já recuperado do susto, tentou convencê-la de que aquilo não estava certo. Ela devia juntar dinheiro para comprar um apartamento e ter filhos. Para desespero do pai, seus protestos foram ignorados. O casal decidiu partir e ainda não sabe se terá filhos. Em princípio, acredita que não.

Quando chegou a hora de ir embora, colocaram todos os móveis e eletrodomésticos à venda. Anunciaram os itens no Facebook e não tiveram dificuldade para vendê-los. Muita coisa era nova, pois mal tinham se passado três anos desde o casamento. Sobraram algumas roupas e livros que ficaram em caixas na casa dos pais. O contrato de locação do apartamento já estava no fim, então foi fácil devolvê-lo.

Vida nômade

Partiram em maio de 2015 rumo à África do Sul com o propósito de cruzar a África Oriental por terra até alcançar a Etiópia, de onde partiriam para a Ásia. Escolheram a África porque a passagem para a África do Sul

foi a mais barata que conseguiram para sair do Brasil. Além disso, o momento do ano era oportuno. Eles teriam a chance de evitar o verão e suas temperaturas escaldantes.

Começar pela África também era útil para eles encararem as situações mais difíceis logo no início da viagem. Dá trabalho viajar por lá. As distâncias são grandes e a infraestrutura é precária. Sobreviver a meses de viagem na África lhes prepararia para qualquer coisa que viesse depois. Tanto assim que nada lhes pareceu desafiador quando chegaram ao Sudeste Asiático.

Eles gostaram bastante da África e querem voltar. Em particular curtiram muito Etiópia, Namíbia e Zanzibar. Não é o lugar mais barato para viajar, tampouco é inseguro como se imagina. Foi preciso mais cuidado em Joanesburgo e em Nairóbi. Nos demais lugares, não se sentiram particularmente preocupados.

Trabalho

Ir para a África restringiu a possibilidade de trabalhar. Mariana preferiu deixar o trabalho por completo. Em parte devido a burocracias do segmento em que atuava, em parte devido à receita limitada que teria. Quando começaram a planejar a viagem o dólar valia R\$ 2,00. Quando partiram valia R\$ 3,00. Quando os entrevistei valia R\$ 4,00. Esta variação cambial significava que os rendimentos de Mariana não ajudariam tanto assim na viagem. Os de Eduardo eram mais promissores, já que ganhava em dólar. Entretanto, não pôde trabalhar muito devido à lentidão das conexões com a internet na maioria dos países da África. Na África do Sul, destino popular entre nômades digitais, a conexão é boa, mas como era o primeiro destino eles decidiram curtir o começo da viagem e não trabalhar por lá.

Na área em que Eduardo atua sempre há trabalho. Quando saiu do Brasil, conversou com os clientes para os quais prestava serviço e falou da viagem. Eles não se importaram e continuaram dispostos a lhe passar trabalhos.

Na prática, só conseguiu trabalhar quando chegaram em Nairóbi, no Quênia. Foi o único lugar em que encontraram uma conexão suficientemente rápida, que lhe permitisse trafegar os grandes arquivos de vídeo que precisa manipular. Além de lá, também produziu na Etiópia,

porém com dificuldade. De lá partiram para a Tailândia, onde ele pôde voltar a trabalhar normalmente.

Apesar de todo o tempo que não trabalhou na África, o que conseguiu ganhar durante a viagem foi suficiente para cobrir os custos. Praticamente não tiveram que recorrer à reserva financeira.

Problemas pelo caminho

No geral, se sentiram até mais seguros viajando pela África que em São Paulo, onde moravam. O único problema que enfrentaram foi em uma das vezes que pegaram uma van na África do Sul. O motorista não aceitou receber o valor combinado e os extorquiu cobrando um montante superior.

Já na Ásia, na Tailândia, tiveram o cartão de débito clonado. O HSBC lhes enviou um novo para Bangkok, o que resultou em uma espera de doze dias e a necessidade de se virar apenas com cartão de crédito e o [Paypal](#) ao longo deste período.

Orçamento

Mariana e Eduardo gostam de comer bem. Para eles, é um dos aspectos mais importantes da viagem. Tanto assim que, no geral, gastam mais com comida que com acomodação. O orçamento total é limitado a um valor máximo de US\$ 2000 por mês, embora costumem gastar bem menos que isso, sobretudo na Ásia.

Acomodação

Também gostam de fazer amigos pela estrada. Por isso preferem ficar em albergues, que lhes dão a chance de conhecer outros viajantes. São particularmente baratos na Ásia e eles conseguem ficar em quartos duplos com facilidade. Em alguns casos também usam [Airbnb](#) e [Couchsurfing](#).

Saúde

Uma das maiores dificuldades que tiveram foi manter a forma física. Saíram do Brasil levando elásticos para malhação e uma corda de pular. No início, até conseguiram malhar um pouco, depois degringolou. Em parte

porque trocavam de lugar com frequência e porque em alguns albergues não havia espaço para fazer nada. Com o tempo, perderam muito peso e massa muscular.

Quando estavam na Tailândia, Mariana teve um novo acidente enquanto se exercitava na praia. Torceu o joelho e rompeu um ligamento. Eles tiveram de voltar à Bangkok, onde visitaram um hospital. A recomendação do médico foi aguardar de três a quatro meses para fazer uma cirurgia. O seguro de saúde do [World Nomads](#) reembolsou todas as despesas do hospital.

Eles consultaram a seguradora sobre a possibilidade de fazer a cirurgia na Tailândia, pois chegaram a pensar em aguardar por lá até que Mariana estivesse pronta. O [World Nomads](#) esclareceu que não podia cobrir a cirurgia porque não se tratava de uma emergência. O que eles podiam fazer era pagar os custos do retorno ao Brasil, para que ela fosse operada lá, o que de fato fizeram. O [World Nomads](#) comprou a passagem diretamente e eles retornaram ao Brasil, onde passariam alguns meses até que Mariana tivesse se recuperado por completo.

Retornaram ao Brasil e passaram oito meses no país. Foi o tempo necessário para a fisioterapia pré-operação, operação e recuperação. Eles escolheram uma clínica especializada em recuperação de esportistas, assim, a reabilitação durou apenas quatro meses em vez de um ano.

Eles não tinham mais plano de saúde no Brasil, no entanto conseguiram reativar o plano de saúde da Amil que usavam antes de começar a viver como nômades. Tiveram de pagar um plano mais caro, porém foi mais barato que pagar a operação diretamente.

Volta à estrada

No período que passaram no Brasil, eles ficaram hospedados em Santo André (SP) e São Bernardo do Campo (SP), nas casas da mãe e do pai de Eduardo. Ele aproveitou a estadia para trabalhar bastante e juntar dinheiro para quando retomassem a viagem.

Do Brasil foram para os EUA, Singapura, Malásia, Mianmar, Índia e Nepal. Neste último, tinham o objetivo de fazer um trabalho voluntário de três semanas em uma vila a três horas de Catmandu, trabalhando na construção de uma escola.

Mariana continua sem trabalhar. Dedicar-se a planejar os próximos passos da viagem, registrá-la e desenvolver novos projetos. No caso de Eduardo, a possibilidade de trabalhar continua variando de acordo com o lugar em que está. Quando passaram por São Francisco, nos EUA, ficaram hospedados na casa de um amigo por quinze dias e Eduardo conseguiu trabalhar. Normalmente não precisa de mais que dez dias parado para poder fazer seu trabalho. Entretanto, no período em que passaram pela Índia, por exemplo, foi difícil trabalhar devido às conexões precárias com a internet.

Cidades preferidas

Para finalizar, pedi para eles indicarem quais foram as cinco cidades em que mais gostaram de morar. Abaixo estão as respostas em suas próprias palavras.

"Chiang Mai, na Tailândia. O mix perfeito da comodidade de cidade grande e a paz de cidade pequena. Custo de vida baixo, internet rápida, possibilidade de alugar apartamentos, vida cultural bem ativa, com uma moto é fácil e seguro se locomover.

São Francisco, EUA, tem toda a estrutura, mas é um lugar com custo de vida muito alto.

George Town, em Penang, Malásia, é um lugar muito bacana para parar. A cidade tem estrutura, internet rápida, custo de vida baixo e é um point cultural, com muitos eventos, arte de rua, feiras, etc.

Udaipur, na Índia, com certeza entra pra lista. Lugar lindo, com pessoas simpáticas, relativamente barato e com uma estrutura até que boa para trabalhar. Normalmente os *hostels* têm uma área comum ou um *rooftop* [terraço no último andar] com mesas para trabalho.

Bangkok, na Tailândia, é um ótimo lugar pra quem gosta de cidade grande. O custo de vida é baixo, a internet super rápida, tem vida cultural, vida noturna, enfim, tudo o que uma cidade grande proporciona."

Recursos citados

- [Airbnb](#)
- [Couchsurfing](#)
- [Paypal](#)

- [World Nomads](#)

Capítulo 15

Helvio Gregorio

[Helvio Prevalato Gregorio](#), 33, oceanógrafo

Morava em: São Paulo, SP

Tempo de transição: 6 meses

Início da vida nômade: início de 2014

Receita: consultoria em oceanografia

Orçamento mensal: US\$ 1800 a US\$ 2000

Entrevista: 28/03/2016

Revisão e atualização: 06/04/2017

História

Às vezes você não se planeja para ser nômade digital. Apenas segue o ritmo normal da vida e um dia descobre que já vive como tal. Foi o que aconteceu com Helvio. Ele seguiu um caminho tradicional, mas quando deu por si, estava trabalhando ao lado de outros nômades digitais em um espaço de *coworking*, no Sudeste Asiático.

Antes de ser nômade

Helvio nasceu no Paraná, porém também morou em Itu (SP) até ir para a faculdade, quando mudou-se para São Paulo para cursar Oceanografia. Ao fim da graduação, empregou-se em uma multinacional por alguns meses. Em seguida, foi trabalhar em uma empresa de Santos (SP), especializada em licenciamento de obras. Quando se constrói um porto, por exemplo, é preciso fazer um estudo amplo para compreender os impactos ambientais da

construção, o qual é enviado para órgãos ambientais que analisam e fornecem as devidas aprovações para a obra.

Helvio percebeu que ainda tinha uma visão muito generalista da profissão e decidiu se especializar ingressando no mestrado. A empresa aceitou que ele fizesse a pós-graduação em paralelo. Quando chegou ao fim desta etapa, preferiu seguir adiante e já ingressou no doutorado. Nesse período, Helvio teve a oportunidade de passar seis meses na Colômbia, a trabalho. Ele curtiu a experiência de morar um tempo no exterior. Sempre gostou de viajar, conhecer o mundo e surfar.

Quando voltou ao Brasil, sentiu que tinha chegado a hora de cuidar da vida pessoal. Demitiu-se da empresa de Santos e mudou-se para São Paulo onde passou a viver com sua namorada. Lá se estabeleceu em uma empresa de engenharia ambiental.

Ela contratava consultores das mais diversas áreas do conhecimento. Eles tinham suas próprias empresas e prestavam consultoria para diversas corporações diferentes. Helvio percebeu que era isso que queria. Se optasse por ter sua própria empresa, em vez de ser um empregado convencional, teria mais controle sobre seu próprio tempo. E poderia prestar serviço para diversas empresas, em vez de uma só.

A ideia teve de aguardar um pouco. Trabalhar e cursar o doutorado em paralelo foi um desafio e tanto. Ele estava sempre exausto e estressado. O relacionamento com a namorada com quem morava junto eventualmente terminou. Não queria ter mais um problema para lhe preocupar. Planejou terminar o doutorado, pedir demissão e dar um tempo para descansar.

Quando finalmente se demitiu, a empresa estava às vésperas de começar um projeto grande e precisava dele. Se ele planejava atuar como consultor independente, que assim fosse. Ela estava disposta a contratar seus serviços de consultoria no ato. Isso o surpreendeu. Nunca imaginou que sua carreira de consultor independente pudesse engrenar com tamanha rapidez.

Trabalho de casa

Helvio começou a trabalhar de casa. Na época, morando sozinho, ele tinha uma nova namorada que era argentina. Os pais dela iam voltar para Buenos Aires e ela iria junto. Como ele já estava trabalhando de casa, ela lhe propôs que passasse um tempo com ela na Argentina. Daí ele pensou: se consigo trabalhar de casa em São Paulo, provavelmente conseguirei fazê-lo

de Buenos Aires. Estava certo. Foi para lá e passou quase um mês trabalhando normalmente.

Ter maior controle sobre seu tempo foi a principal motivação para virar consultor e começar a trabalhar de casa. No entanto, a ida para Buenos Aires foi o que lhe fez compreender que também tinha conquistado a oportunidade de trabalhar de onde quisesse. Isto abriu seus olhos para novas possibilidades.

De volta a São Paulo, decidiu mudar tudo. Possuía um apartamento próprio com a antiga namorada, que tinha mobiliado com carinho e do qual não queria se desfazer. Eles alugaram o apartamento para um amigo, Helvio encerrou as contas que tinha no Brasil, vendeu algumas coisas, deixou outras na casa da mãe e começou a viajar. Essa transição levou aproximadamente seis meses. Foi o tempo necessário para alugar o apartamento, vender algumas coisas e resolver algumas burocracias.

A ideia original era que sua namorada, então morando na Argentina, fosse lhe encontrar em algum lugar no mundo. No entanto as coisas não saíram como planejado e eles acabaram encerrando o relacionamento. Já na estrada, Helvio começou a fazer contato com outros consultores e logo apareceram algumas propostas adicionais de trabalho. Quando conversamos, ele estava prestando serviços para quatro empresas diferentes.

Vida nômade

Helvio não conhecia o termo "nômade digital", porém conhecia espaços de *coworking* desde São Paulo. Outros consultores costumavam frequentá-los quando estavam cansados de trabalhar em casa. Foi justamente em um desses lugares, porém no Sudeste Asiático, que descobriu o conceito de nômade digital, meses depois de colocar o pé na estrada. Quando explicou a alguém o que estava fazendo ali, a pessoa lhe perguntou: "então você também é nômade digital?" E ele respondeu: "nômade o quê?" Foi então que pesquisou o assunto e descobriu que também havia outras pessoas fazendo o mesmo que ele.

Saiu do Brasil no início de 2014 e foi inicialmente para o sul da França. De lá seguiu para a Turquia, Irã, Índia, Nepal, Tailândia, Indonésia, Malásia, Laos e Vietnã, até visitar o Brasil no fim do ano e rever a família.

Satisfação com o trabalho

Viajar mudou sua relação com o trabalho. Quando estava no doutorado e trabalhando em um escritório, a carga era excessivamente pesada. Ele estava sempre estressado, a tal ponto que começou a se perguntar se aquela realmente era a profissão que queria para sua vida. Começou a achar que não. Entretanto, àquela altura, seria um desperdício largar tudo e seguir outro caminho. Ele já tinha investido muitos anos de sua vida especializando-se em oceanografia.

Terminar o doutorado, sair do escritório e começar a viajar mudou tudo. Embora ele continue realizando exatamente o mesmo trabalho de antes, sua satisfação é outra. Sente-se plenamente realizado com o trabalho, inclusive acredita que a vida nômade não seria tão interessante se não estivesse trabalhando e produzindo algo útil durante a viagem. Ele não está apenas satisfazendo sua vontade de ver o mundo, também está se realizando em sua profissão.

Rotina de trabalho

Helvio tenta manter uma rotina semelhante a que tinha em seu apartamento de São Paulo. A única diferença é que troca de casa com frequência. Ele gosta de cozinhar e preparar sua própria comida. Foi vegetariano por dez anos, incluindo os primeiros em que viveu como nômade. Voltou a comer carne quando estava nos Bálcãs em uma época fria, em que havia pouca disponibilidade de vegetais e sua alimentação ficou prejudicada. Por isso decidiu voltar a comer carne.

Ele trabalha nos dias úteis, visita alguns cafés para trocar de ambiente, vai ao cinema e sai com os amigos algumas vezes por semana. No início, ficava ansioso para visitar todos os pontos turísticos e fazer todas as atividades que a cidade tivesse para oferecer até perceber que isto não era sustentável. Com o tempo, adotou um ritmo mais tranquilo e passou a equilibrar melhor o trabalho e as experiências que as cidades podem oferecer.

Adaptações no trabalho

Os projetos em que trabalha frequentemente envolvem obras enormes, de grande visibilidade e impacto na sociedade. Tais projetos têm uma fase

de audiência pública em que os responsáveis se reúnem com a sociedade, órgãos ambientais, órgãos reguladores e demais interessados para discutir os pontos do projeto, tirar dúvidas e expressar preocupações. Tais audiências são presenciais e o coordenador do projeto precisa participar pessoalmente. Os consultores o auxiliam e também costumam estar presentes.

Na primeira vez que surgiu uma audiência em um de seus projetos, quando já estava vivendo como nômade, Helvio combinou com o coordenador que ficaria a postos para ajudá-lo à distância. Bastaria chamá-lo pelo WhatsApp. A reunião transcorreu bem e o fato de ele estar longe não causou nenhum problema. Tanto assim que, na audiência seguinte, a empresa adotou o mesmo arranjo com os demais consultores. Pediu a todos que ficassem à disposição pelo WhatsApp. Isso representou uma economia para o projeto pois eliminou despesas com passagens, hospedagens e diárias para os consultores participarem presencialmente.

Este episódio demonstra uma tendência que se intensificará nos próximos anos. À medida que mais empresas perceberem os benefícios do trabalho remoto, elas próprias irão incentivá-lo. Isto abrirá espaço para que um número cada vez maior de pessoas possam viajar e conhecer o mundo enquanto trabalham.

Perguntei a Helvio que conselhos ele daria para quem está começando na mesma área dele e deseja construir uma carreira sólida como consultor independente. A resposta dele está abaixo, em suas próprias palavras.

"Acho que no ramo de consultoria ambiental, para ser um consultor independente e trabalhar sozinho, é importante ser especialista em alguma área específica - não ser muito generalista e nem trabalhar com gerenciamento de pessoal. Tenho alguns amigos consultores que são coordenadores gerais de projetos e não possuem liberdade, pois precisam gerenciar pessoas e tratar de maneira pessoal com clientes grandes. Sendo especialista em um determinado tópico você consegue tocar o seu trabalho sozinho. Mas isso implica em você ter um bom currículo e experiência nesta área para ser interessante para as empresas te contratarem. Assim é importante trabalhar em empresas, ganhar bagagem, conhecer pessoas e estender sua rede de contatos antes de ser um consultor independente. Acho muito difícil iniciar uma carreira após sair da faculdade já como consultor - a probabilidade de ser contratado sem ter trabalhos de relevância anteriores é muito baixa."

Impacto financeiro

Deixar de trabalhar como empregado em um escritório e passar a prestar serviço enquanto viaja o mundo não prejudicou suas finanças, ao menos em um primeiro momento. Em 2014, o primeiro ano após a mudança, os rendimentos ficaram mais variáveis. Entretanto ele ganhou mais que no ano anterior. Já em 2015, os ganhos foram reduzidos no segundo semestre e ele sofreu com a disparada do dólar. De qualquer forma, manteve os mesmos ganhos de 2014.

Viajar contribuiu para ele ter acesso a um poder de compra mais elevado pois visitou lugares onde o custo de vida é menor que o de São Paulo. Houve meses em que pôde até guardar dinheiro.

Quando partiu, no início de 2014, Helvio adotou um orçamento mensal de US\$ 2000. Ele logo entendeu que não adiantava economizar demais e ficar mal instalado. Era preciso gastar um pouco mais para ter conforto e trabalhar bem. Em 2015, com a disparada do dólar, adotou um orçamento menor, na faixa de US\$ 1.500 a US\$ 1.700.

Neste período, ele estava no Leste Europeu onde o custo de vida é baixo. Este fato, aliado a uma maior experiência na estrada, permitiram que ele gastasse menos dólares, porém mantivesse o mesmo padrão de vida.

Quando lhe perguntei o que faria diferente em sua trajetória, Helvio disse que teria tentado proteger melhor suas reservas para não passar pelo sofrimento que teve durante o período de poucos projetos e alta do dólar, no segundo semestre de 2015. Ele conta que foi difícil ver o número de projetos caindo e as reservas derretendo com a alta do dólar.

Desafios de viajar sozinho

Ao contrário de outros nômades que viajam em casal, Helvio começou a viajar sozinho. A solidão bateu a sua porta em muitas ocasiões e não foi fácil conviver com ela, especialmente para quem sempre cultivou bons amigos. Helvio tinha amigos próximos em São Paulo e em Itu, de quando morou lá. Foi difícil ficar longe deles.

Claro que ele também fez amigos pelo caminho. Ele se hospeda quase sempre em apartamentos do [Airbnb](#), de preferência onde acredita ser possível conhecer os donos e estabelecer uma amizade. Por ser um

praticante assíduo de yoga, participa de sessões de yoga nas cidades pelas quais passa. Isso também lhe dá a oportunidade de fazer amigos locais.

Com frequência, trabalha em cafés e espaços de *coworking* para estar na companhia de outras pessoas e ter a chance de interagir com elas. No Sudeste Asiático, por exemplo, conheceu um pessoal que também estava trabalhando e viajando. Ele se juntou ao grupo e viajou junto por um tempo. Em outros momentos, ficou completamente sozinho.

Eventualmente percebeu que toda vez que trocava de lugar tinha de investir tempo e energia para conhecer gente nova, encontrar pessoas com as quais tivesse afinidade e construir relacionamentos. O pior era já saber que eles teriam um prazo de validade. Isso lhe cansava a tal ponto que, em certos lugares, nos quais sabia que passaria pouco tempo, ficava com preguiça de tentar conhecer alguém. Nestas horas, batia a dúvida se realmente era aquilo que queria para si.

A situação se agravou em 2015 quando foi para a Bulgária em outubro e encarou um outono particularmente frio. As pessoas pareciam estar tão emburradas quanto ele. Dias frios e de pouco Sol afetam o humor e com ele não foi diferente. Foi um momento em que a solidão chegou com força. Felizmente a situação melhorou no destino seguinte.

Foi para Bucareste, na Romênia, e alugou um quarto privado na casa de uma moça que tinha uma ótima reputação no Airbnb. Eles se entenderam bem e ela lhe apresentou a seus amigos. A partir daí, passou a ter uma vida social mais ativa. Ainda no leste europeu, em sua passagem por Belgrado, Sérvia, conheceu sua atual namorada, [Emma Fick](#), dos EUA. Isso revigorou sua energia para continuar viajando e vivendo como nômade digital. Ela é ilustradora de viagem e estava começando em sua carreira quando eles se conheceram. Desde então já se passaram dois anos e eles viajam juntos. Emma está lançando seu segundo livro, além de manejar remotamente um pequeno negócio que vende suas obras artísticas em sua cidade natal, New Orleans, nos EUA.

Reação da família e amigos

Helvio sempre foi bastante responsável e independente. Quando decidiu sair pelo mundo, a família achou estranho e ficou desconfiada porque nunca tinha visto ninguém fazer aquilo. Com o tempo, a mãe e as irmãs viram que estava dando certo, à medida que ele foi mostrando as fotos e contando o

que estava fazendo. A partir daí, deram força para que continuasse. Os amigos ficam querendo fazer o mesmo e não entendem como ele consegue. Achrom que não conseguiriam. Porém ninguém achou que ele fosse irresponsável ou maluco. Tem também aqueles mais distantes que o vêem com uma mochila nas costas e pensam que está morando em albergues e lavando pratos, o que está longe de ser o caso.

Burocracia

Para resolver as questões burocráticas no Brasil, Helvio conta com a ajuda de sua irmã que é sua sócia na empresa e sua procuradora. Ela cuida dos contratos e dos trâmites que se façam necessários no Brasil.

Para conversar com os clientes, Helvio usa o Skype ou a ferramenta que for mais conveniente no momento. Ele conta que os clientes até gostam de interagir desta forma pois evitam pagar passagens, acomodações e diárias para ter reuniões presenciais.

Bancos

Para acessar o dinheiro no Brasil, ele possui uma conta no Banco do Brasil e outra no Itaú. Por precaução, também leva cartões Visa Travel Money em dólar e euro. A única vez que teve problema foi com o Itaú.

Quando visitou o Brasil, notou que seu cartão venceria quando estivesse no meio da viagem. Pediu ao banco que emitisse um outro com validade maior, porém o banco se recusou a fazê-lo. Simulou a perda do cartão e pediu um novo. Não adiantou já que o novo veio com a mesma validade do anterior. O cartão perdeu a validade quando ele estava no meio da viagem. Foi um sufoco para receber o novo e a senha em Belgrado, na Sérvia.

Depois que começou a namorar com Emma, Helvio passou a transferir dinheiro para a conta dela nos EUA usando o [TransferWise](#). O banco dela não cobra taxa para transações internacionais e o custo da conversão cambial é baixo. Para aproveitar esses benefícios, eles usam a modalidade de débito tanto quanto possível. Também carregam dólares em espécie para eventuais emergências e para trocar por moeda local. Dessa forma tentam evitar fazer saques porque o banco cobra uma taxa pelas retiradas nos caixas eletrônicos. Quando é inevitável, fazem o saque do maior valor permitido para diluir a taxa.

Acidente de moto

Helvio conheceu um alemão quando estava trabalhando em um espaço de *coworking* no Laos. Ele tinha planos de ir para o Vietnã e cruzar o país de moto, algo que Helvio também já havia pensado em fazer. Os dois combinaram de fazer a viagem juntos. Pouco tempo depois, já no Vietnã, compraram as motos e começaram a cruzar o país. Duas semanas depois, quando estavam a 150 quilômetros de Hanói, um caminhão os surpreendeu entrando na contramão. Helvio não conseguiu desviar, bateu na lateral do veículo e se feriu em várias partes do corpo.

O motorista do caminhão o levou para o hospital mais próximo cuja precariedade assustou Helvio. Ficou ainda mais aflito quando percebeu que praticamente ninguém falava inglês. O médico responsável era um recém formado que falava um pouquinho de inglês e parecia não ter ideia do que fazer diante do caso. Convicto de que aquilo não acabaria bem, pediu ao amigo alemão que arrumasse um taxi na rua para levá-los para Hanói.

Assim que entrou no taxi, Helvio ligou para a seguradora, a [Assist Card](#). Informou sobre o acidente e solicitou instruções sobre o que fazer. Foi direcionado para o [Hospital Francês de Hanói](#), o melhor do país. Lá chegando, os enfermeiros já estavam de prontidão na entrada do hospital. Foram buscá-lo no taxi, o colocaram na maca e já deram início aos primeiros procedimentos.

Os exames apontaram fraturas no braço e antebraço, além de lesão no joelho. Ele foi para a sala de cirurgia algumas horas depois. Finalizada a operação, passou a noite em um quarto de ótima qualidade. Seu amigo alemão o acompanhou durante todo o processo e lhe deu toda a ajuda necessária nos dias que se seguiram.

A conta do hospital foi de aproximadamente US\$ 12 mil e foi paga diretamente pela seguradora. Helvio só teve de pagar pela prótese que foi colocada no braço pois a apólice não a cobria. O valor dela foi de aproximadamente R\$ 200,00.

Helvio já tinha marcado sua primeira viagem de retorno ao Brasil para um mês depois. Precisava decidir onde ficar até lá. Uma amiga lhe convidou para ficar em sua casa, na Tailândia. Lá ele se recuperou quase completamente.

Depois de consultar algumas pessoas, decidiu não contar nada para a família até que chegasse ao Brasil. Ficou preocupado que sua mãe reagisse mal e ficasse excessivamente preocupada, embora já estivesse tudo bem. Chegando ao Brasil, sua mãe ficou chocada ao vê-lo com as marcas no rosto e a contenção no joelho. Eventualmente concordou que foi melhor ele não ter lhe contado nada. Ela não teria ficado em paz até que o visse novamente.

Atualmente Helvio viaja com o seguro do [World Nomads](#). Uma de suas preocupações adicionais é ter de buscar atendimento médico em uma eventual visita ao Brasil. Para resolver essa questão, ele pretende reativar o plano de saúde que costumava usar no Brasil e voltar a pagá-lo de forma permanente, além de usar um seguro de saúde internacional quando estiver em outras partes do mundo.

Furto

Além deste infortúnio, Helvio também foi furtado em um *hostel*, em Istambul, no início de sua jornada nômade. Seus planos futuros envolviam uma visita à Capadócia e ao Irã, para onde é preciso levar dinheiro em espécie devido às limitações para utilizar cartões bancários. Ele estava carregando uma certa quantidade de dólares e euros para a viagem. Em seu último dia em Istambul, saiu para uma festa e deixou a mochila trancada no armário do *hostel*. No dia seguinte, quando chegou à Capadócia, descobriu que o dinheiro não estava mais nela. Alguém o furtou quando ele estava na festa.

Transiberiana

Muitos viajantes sonham em percorrer a [Transiberiana](#). Helvio e Emma fizeram essa viagem pouco antes da publicação deste livro. Pedi a ele que contasse suas impressões sobre essa experiência.

"Acabamos de fazer a [Transiberiana](#), que era um sonho antigo. Na verdade fizemos a Transmongoliana e parte da [Transiberiana](#) - o trajeto total da [Transiberiana](#) liga as cidades de Moscou a Vladivostok, na Rússia.

O nosso trajeto foi: começamos em Pequim e fomos até Ulaanbaatar, capital da Mongólia. Paramos por lá e ficamos uns 10 dias conhecendo a região central do país. De lá pegamos o trem cruzando o norte da Mongólia

até chegar ao Lago Baikal, na Rússia. A partir daí seguimos pela [Transiberiana](#) até Moscou (e estendemos até São Petesburgo).

Entre o Lago Baikal e Moscou paramos nas seguintes cidades: Irkutsk (parada do trem perto do Lago Baikal), Omsk, Yekaterinburg e Nizhny Novgorod.

As passagens de trem custaram no total, de Pequim a Moscou, aproximadamente US\$ 650. Fomos comprando nós mesmos, à medida que íamos parando nas cidades. Quando chegamos na Rússia, já tínhamos tudo planejado. Na primeira estação conseguimos comprar todos os tickets que queríamos. Curiosamente o ticket mais caro foi de Pequim a Ulaanbaatar, uns US\$ 160. Acho que pouca gente faz esse trajeto, o que torna a passagem cara. No nosso vagão tinha somente mais duas pessoas.

Os lugares que mais gostei foram a Mongólia, de modo geral, a região do Lago Baikal e Moscou. Na Mongólia passamos uns dias com umas famílias nômades e foi uma experiência incrível.

Uma das coisas mais legais foi poder identificar a alteração de relevo, vegetação e ocupação ao longo da viagem. Tínhamos um guia com informações ao longo do trajeto que nos ajudou muito. "

Recursos citados

- [Airbnb](#)
- [Assist Card](#)
- [Hospital Francês de Hanói](#)
- [TransferWise](#)
- [World Nomads](#)

Cidades em que mais gostou de morar

- Ubud, Indonésia
- Belgrado, Sérvia
- New Orleans, EUA
- Buenos Aires, Argentina
- Koh Tao, Tailândia

Capítulo 16

Nini e Vinny

[Nini Ferrari](#), 30, designer
[Vinny Campos](#), 32, designer e desenvolvedor

Sites: [Studio Lhama](#), [Nini Ferrari](#), [Projeto Curadoria](#)

Moravam em: São Paulo, SP

Tempo de transição: 4 meses

Início da vida nômade: fevereiro/2014

Receita: trabalho *freelance*

Entrevista: 18/02/2016

Revisão e atualização: 04/04/2017

História

Quem vira nômade quase sempre começa com um planejamento, mas há exceções. Às vezes, são as curvas da vida que lhe empurram para um modo de viver que nem imaginava existir, como é o caso de Nini e Vinny que nunca tinham ouvido falar de nômade digital. O máximo que conheciam era o conceito de sabático.

Emprego

Vinny já teve um emprego tradicional no Grupo Pão de Açúcar, onde era cercado de guloseimas por todos os lados. Carregava no bolso o maior vale refeição que já teve na vida. Uma combinação explosiva de fome com a vontade de comer que contribuiu para ele engordar rapidamente, a tal ponto que começou a perder o gosto pelo trabalho.

Decidiu sair, mas não quis prejudicar a equipe. Pediu ao chefe que acomodasse a transição de maneira suave. O tempo passou e nada foi feito. Cansado de esperar, marcou uma viagem para Ushuaia e deu um ultimato. Funcionou.

Ficou sabendo de Ushuaia em um programa de TV que o deixou intrigado com o *slogan* de "fim do mundo". Ele achava que não precisava viajar para o exterior porque tinha muito para ver no Brasil, contudo foi vencido pela curiosidade e pressão de Nini. Assim decidiu partir para sua primeira viagem internacional.

Freelancer

Além da viagem internacional com Nini, o ano de 2008 também marcou o início de sua atuação como *freelancer*. A viagem o fez apreciar o valor da liberdade. Quando voltou, não quis mais nenhum emprego e passou a trabalhar em casa com Nini.

Ela nunca teve emprego fixo. Fez faculdade de moda e *design* de joias. Sempre se concentrou em criar produtos para vendê-los. Também nunca teve muita raiz. Seu pai adorava viajar. Era o turista típico, segundo Vinny. Levava a filha a tiracolo para todos os cantos do mundo. Foi ele que despertou nela essa paixão pela estrada.

Vinny e Nini fundaram o [Stúdio Lhama](#) e passaram a trabalhar juntos em casa. Ele cuida do desenvolvimento de sites e do atendimento a clientes, enquanto ela se encarrega do *design* gráfico. Moravam em São Paulo, em um apartamento legal onde havia tudo o que queriam. Viajavam algumas vezes por ano naquele ritmo maluco de quem tenta visitar um monte de lugares em poucos dias.

Como ambos são descendentes de italianos, começaram a pensar em buscar a cidadania. Isso poderia lhes abrir algumas portas no futuro. Pensavam, por exemplo, em mudar para Londres e explorar algumas oportunidades profissionais por lá. A ideia ganhou força até que decidiram ir para a Itália. Previam que teriam de passar uns três meses lá para fazer o processo de cidadania.

Nessa época, já tinham uma viagem marcada para os EUA onde ficariam quase um mês. Da forma como organizaram os planos, haveria um curto espaço de tempo entre a visita aos EUA e a ida à Itália. Depois de obter a

cidadania, queriam ir para Londres e se fixar lá. Portanto acharam que não fazia sentido continuar a pagar aluguel e contas fixas no Brasil.

Fizeram uma festa de despedida em que quase enlouqueceram os vizinhos, entregaram o apartamento e foram para os EUA. Na volta ao Brasil, ficaram três meses na casa da mãe de Nini, em Campinas, até embarcarem para a Itália. O plano de ir para Londres não vingou devido a um convite mais tentador, porém a cidadania sim.

Vida nômade

Depois de passar três meses na Itália, voltaram ao Brasil com os passaportes italianos. A melhor amiga de Nini ia se casar nos EUA e pediu sua ajuda para organizar os detalhes do casamento. Ela se ofereceu para acomodar Nini e Vinny em sua casa e os dois aceitaram. Assim passaram outros três meses entre o interior de Nova York, na casa da amiga de Nini, e o Brooklyn, na casa de um amigo de Vinny.

Esse convite para os EUA foi o motivo pelo qual não foram para Londres. Inclusive, só voltaram ao Brasil porque já tinham as passagens e saía mais barato que ir direto para os EUA.

Durante todo esse tempo, os dois trabalharam de forma normal com seus clientes. Desde que tornou-se *freelancer*, Vinny estabeleceu regras claras com os clientes que atende. Não se propõe a encontrá-los pessoalmente. Como explica, seus clientes sabem que nunca terão a chance de apertar sua mão e tomar um café com ele. Isso é combinado no momento da contratação. Além disso, os clientes não são fixos. Vinny prefere trabalhar com projetos que têm início e fim bem definidos. Sua prioridade é ter liberdade, por isso não cria dependências de longo prazo com quem lhe contrata. Isso nunca lhe impediu de ter bons clientes, em parte porque costuma trabalhar com pessoas do meio musical e outros profissionais que estão habituados a esse tipo de arranjo. Para atrai-los, Vinny desenvolveu uma rede de relacionamentos para a qual oferece comissão quando um negócio é fechado.

Europa

Terminada a temporada em Nova York, voltaram para o Brasil onde passaram mais alguns meses na casa de parentes. O plano de ir para

Londres ainda não tinha morrido, todavia a expectativa era de conseguir um emprego lá, o que lhes impediria de continuar viajando com a mesma liberdade. Antes de voltar a ter um emprego, Vinny perguntou a Nini se existia algum lugar em que ela gostaria de morar por um mês antes de se fixarem definitivamente. Nini escolheu Paris. Seria uma cidade com acomodação mais em conta que Londres e com a vantagem de estar a poucas horas de distância da capital inglesa, caso surgisse alguma oportunidade de emprego. Além disso, já tinham visitado a cidade e gostaram muito dela. Pouco tempo depois, se mudaram para a cidade luz. Ficaram lá por dois meses. Depois passaram mais um mês em Lille, no norte da França, já que ainda estariam próximos de Londres.

A essa altura, já estavam gostando de viver viajando e trabalhando. Já tinham aprendido o conceito de nômades digitais e se viam bem adaptados a este estilo de vida. Seguiram de Lille para a Antuérpia, na Bélgica, onde moraram por mais um mês. Depois passaram outro mês em Bruxelas. Seguiram então para a Holanda, onde visitaram brevemente Roterdã e Amsterdã. E assim continuaram viajando e conhecendo outros lugares da Europa enquanto trabalhavam ativamente para seus clientes.

Não tinham muito planejamento no início. Iam se deixando levar ao sabor dos ventos. Nini brinca dizendo que embarcaram nessa vida como "nômades *gourmets*" pois só foram para lugares caros. Até mesmo quando trataram da cidadania, na Itália, ficaram em Florença, uma das cidades mais turísticas do país.

Vinny diz que Nini é viciada em viajar. Quando aprende o nome de uma cidade nova, quer ir lá e conhecer. Hoje em dia, é ela quem faz o planejamento da viagem e cuida da parte financeira. Isso lhe causa muito estresse, mas ela curte este estilo de vida.

Acomodação

Eles usam o [Airbnb](#) para buscar acomodação na maior parte do tempo. Os únicos problemas que tiveram foram com acesso à internet na Antuérpia e na Itália. Usam a internet de forma intensiva não só para o trabalho, como também para assistir filmes e séries do Netflix. Um dia, quando estavam na Antuérpia, a conexão ficou muito lenta. Reiniciaram o roteador e ela continuou a se arrastar. Fizeram de tudo e nada resolveu o problema. Por fim, recorreram ao dono.

Descobriram que tinham estourado o limite de dados do plano de internet. Eles nunca imaginaram que tais limites pudessem existir, muito menos em um país desenvolvido. E essa foi só a primeira vez, passaram por situação ainda pior em Torino, na Itália. Lá a conexão também ficou lenta e eles começaram a receber mensagens de advertência enquanto navegavam. Conversaram com a dona do apartamento e ela relatou que nunca tinha vivenciado esse tipo de problema. Visitaram a loja da operadora e se depararam com algumas surpresas.

O plano era "ilimitado", mas só no nome. Como explicou a funcionária, o termo "ilimitado" era apenas o nome do plano. Na prática, havia limite de dados. Não se pode acusar os italianos de falta de criatividade... O consumo ultrapassou a franquia de tal forma que rendeu à proprietária uma conta extra de 300 euros, que ela aceitou pagar. Para piorar, Vinny se queixa de que tampouco conseguia encontrar WiFi gratuito com facilidade na Itália.

No dia a dia, eles passam a maior parte do tempo trabalhando no apartamento em que estiverem, mas usam o fuso horário a favor deles. Escolhem o momento em que os clientes estão dormindo no Brasil para adiantar os trabalhos ou passear pela cidade.

Experiência na Ásia

Algum tempo depois de entrevistá-los, eles foram passar uma temporada na Ásia. Infelizmente a experiência não correspondeu ao que esperavam, o que os fez retornar mais cedo que o previsto. As razões, em suas próprias palavras, estão abaixo.

"Fomos para a Ásia pela curiosidade e pelas propagandas positivas feitas por outros nômades sobre as belezas do Sudeste Asiático e custo de vida extremamente baixo. Infelizmente nossa experiência não foi tão perfeita assim. Não nos adaptamos tão bem com a alimentação e com o estilo de vida asiático. Achamos as cidades meio caóticas demais, muito poluídas e ainda tinha a barreira da alimentação, sem contar que tivemos problemas com a internet em praticamente todos os lugares que passamos, o que atrapalhou muito nossa rotina de trabalho. No fim, para manter o estilo de vida que gostamos, não estava valendo a pena estar na Ásia. Queremos voltar para lá um dia, mas apenas de passagem, para conhecer lugares que ficaram de fora dessa vez."

Saúde

Eles cozinham em casa a maior parte do tempo, porém têm dificuldade para manter a forma física. Felizmente nunca ficaram doentes na estrada. O máximo que já tiveram foram alguns pequenos resfriados. Nunca tiveram de buscar atendimento médico, o que é ótimo já que optaram por não ter um seguro de saúde.

Família e amigos

Entre os amigos, existem aqueles que acham que Nini e Vinny são loucos e os que gostariam de fazer a mesma coisa. A família demorou a entender. Vinny conta que sua mãe só foi compreender o que estavam fazendo quando eu e Pati [aparecemos no programa da Ana Maria Braga](#), falando dessa vida nômade.

Ao contrário de outras pessoas que saem do Brasil, eles não partiram por estarem insatisfeitos. Apenas queriam conhecer outros lugares e viver com maior liberdade. Assim mesmo, Vinny confessa que se irrita bastante sempre que visita o Brasil. Especialmente com as filas que parecem estar por todos os lados.

Banco

Nini e Vinny têm conta corrente nos EUA, de onde vem grande parte da receita deles. Eles procuram usar o cartão da conta americana para saques e débitos, já que os custos são menores que os da conta brasileira.

Futuro

Falando sobre o futuro, afirmam que não pensam em ter filhos. Tampouco imaginam viver como nômades para sempre. Acreditam que essa vida tem data para acabar porque não lhes parece sustentável. As mudanças de cidade geram muito estresse e eles acham que o próprio corpo não vai aguentar viver assim para sempre.

Quando fiz a atualização da entrevista, eles complementaram com a visão que têm atualmente. "Sentimos que nossa vida como nômades precisa de alguns ajustes, talvez ter uma base ou passar um tempo mais longo em

cada lugar para que o estresse da mudança constante não seja algo tão presente em nossa rotina. Nini tem se dedicado muito à arte. Precisa de um espaço para criar e uma certa estabilidade para que as ideias fluam. Por isso, acreditamos que precisamos ter um motivo maior para essas mudanças constantes."

Perguntei também o que fariam diferente se estivessem começando essa jornada hoje. "Planejamento!!! Primeiro planejar melhor o que levar. Como não pensamos que ficaríamos trocando de lugar, levamos muitas malas e coisas inúteis. Planejaríamos melhor o roteiro e com mais antecedência, escolhendo os lugares por um propósito maior do que apenas a curiosidade ou facilidade em estar por perto, e com mais antecedência para ter mais opções de apartamentos disponíveis no Airbnb, não gerar tanta ansiedade por não saber como e onde vai ser o próximo mês e para conseguir preços melhores de passagens/deslocamentos."

Recursos citados

- [Airbnb](#)

Cidades em que moraram

- Florença, Toscana, Itália
- Montecatini Terme, Toscana, Itália
- Kingston, NY, EUA
- Brooklyn, NY, EUA
- Paris, França
- Lille, França
- Antuérpia, Bélgica
- Bruxelas, Bélgica
- Torino, Itália
- Bali, Indonésia
- Chiang Mai, Tailândia
- Bangkok, Tailândia
- Budapeste, Hungria

Cidades em que mais gostaram de morar

- Paris, França
- Florença, Toscana, Itália
- Nova York, EUA
- Torino, Itália
- Budapeste, Hungria

Capítulo 17

Bruna Caricati

[Bruna Caricati](#), 28, jornalista

Site: [Go to gate](#)

Morava em: São Paulo, SP

Receita: trabalho *freelance*

Orçamento mensal: 500 a 600 euros

Entrevista: 13/05/2016

Entrevista e atualização: 06/05/2017

História

Morar um tempo no exterior é uma realidade para Bruna Caricati desde os 13 anos de idade, quando foi para a Espanha com a família. Tempos depois, o interesse por estudar alguns idiomas a empurrou de vez para o mundo. Não demorou para ela eventualmente se tornar uma nômade digital.

Espanha com a família

Quando Bruna tinha apenas 13 anos, seu pai foi enviado para a Espanha, a trabalho, e levou toda a família. Foi a primeira viagem internacional dela. A família morou na Espanha por dois meses até retornar ao Brasil.

O apartamento de São Paulo era alugado e foi o mesmo em que Bruna morou durante os primeiros 21 anos de sua vida. Em 2010, seu pai precisou retornar à Espanha, por um período de um ano. Ele é farmacologista. Atua como professor universitário e pesquisador. Por isso, viaja a trabalho para desenvolver projetos em parceria com outras universidades ao redor do mundo e para participar de congressos internacionais da área.

Dessa vez, preferiu encerrar a locação do apartamento. A família se pôs a vender tudo que havia nele. Venderam todos os móveis, eletrodomésticos e roupas que conseguiram. Cada membro da família poderia manter apenas o que coubesse em duas malas. O resto deveria ser vendido ou doado, já que o apartamento seria devolvido ao dono.

Bruna já estava na faculdade de jornalismo. Trancou o curso e foi para a Espanha com os pais. Enquanto estava lá, aprendeu espanhol, fez alguns cursos e diversas viagens. Neste período, a família viajou pela Europa com frequência devido à facilidade e ao custo relativamente baixo.

Como tinha algum tempo livre, Bruna decidiu criar um blog para contar um pouco das viagens e treinar a escrita. Pensou em escrever sobre tópicos que pudessem inspirar outras pessoas a viajar. Assim nasceu o [Go to gate](#).

TCC na Guiana Francesa

Quando retornou ao Brasil, Bruna precisava decidir o que fazer sobre seu TCC (trabalho de conclusão de curso). Optou por fazer um livro-reportagem sobre a Guiana Francesa com alguns colegas de curso. É um lugar que poucos brasileiros conhecem. Ela e seus colegas passaram vários dias entrevistando pessoas e tentando compreender as histórias de brasileiros, tipicamente pobres, que vão para a ex-colônia francesa em busca de melhores condições de vida.

Trata-se de um país curioso. Foi colônia da França até 1947, quando tornou-se um departamento ultramarino francês. Como parte integral da República Francesa, a Guiana Francesa é representada no senado e na assembleia nacional da França. Seus cidadãos participam das eleições para presidente da República Francesa. Como parte do território francês, tanto quanto as partes da República Francesa localizadas no continente europeu, a Guiana Francesa é considerada parte da União Europeia, e a moeda local é o euro.

O custo de vida é relativamente baixo, a saúde é pública e de alta qualidade. Os profissionais são formados na França. Muitos funcionários públicos migram da França para a Guiana porque ganham bonificações e condições especiais para viver lá. As modestas condições de vida contrastam com carrões que vêm da França e são vendidos no país por preços mais acessíveis que no Brasil. Essa e muitas outras descobertas fizeram parte da experiência de Bruna na Guiana Francesa.

Estágio na Editora Globo

Nessa época do TCC, Bruna trabalhava como estagiária na Editora Globo. Ela curtiu o trabalho jornalístico, porém não gostava de ter de fazê-lo na redação. A editora ficava localizada em um prédio enorme e dotado de poucas janelas. Sentia-se sufocada lá dentro. Também não gostava de perder uma hora e meia para chegar e outras duas para voltar para casa. Aquilo não parecia fazer sentido. Começou a achar que tivesse algo errado com ela já que seus amigos adoravam aquele ritmo alucinado. Alguns ficavam na redação até a madrugada.

Curso de inglês em Londres

Quando terminou a faculdade, em 2013, decidiu dar um tempo para pensar sobre o que fazer. Durante o último ano do curso, já vinha juntando dinheiro para fazer um intercâmbio na Inglaterra. Partiu para Londres com uma amiga e foi aprimorar seu inglês. Conheceu gente do mundo inteiro no curso. Descobriu que algumas dessas pessoas tinham estilos de vida completamente diferentes do que ela estava habituada a ver. Sua cabeça começou a se abrir e ela percebeu que não precisava levar uma vida convencional. Não era preciso se encaixar em um padrão quando havia tantas possibilidades diferentes de viver a vida. Em particular, percebeu que não precisava começar a trabalhar em uma redação imediatamente após terminar a faculdade. Com a ajuda dos pais, pagou mais um mês de curso e ficou mais tempo em Londres.

Bruna tinha uma chefe legal na Editora Globo. Quando saiu do estágio, perguntou se ela poderia lhe enviar alguns trabalhos como *freelancer*. A chefe concordou e começou a lhe mandar trabalhos. Não era muito, mas ajudava a cobrir as despesas em Londres.

Seu curso era integral. Ela ficava na escola das 9h às 18h e chegava em casa exausta. Assim mesmo, tirava um tempo para executar os trabalhos que a ex-chefe lhe enviava. E foi assim que Bruna começou a trabalhar à distância.

Curso de italiano na Itália

Quando o curso de inglês chegou ao fim, uma amiga disse que estava indo para a Itália para estudar italiano. Perguntou à Bruna e a outra amiga, com quem Bruna dividia a acomodação, se queriam ir também. Elas toparam. Bruna é descendente de italianos e sempre foi apaixonada pela cultura italiana. Decidiu acompanhar a amiga e aproveitar a temporada para estudar italiano. As duas foram para Florença.

A ex-chefe continuou a lhe enviar trabalhos. Assim ela conseguiu ir pagando a maior parte das despesas. Quando necessário, o pai lhe ajudava a complementar.

Pai e mãe sempre lhe deram todo o apoio para ficar na Europa. Seu pai viajava muito a trabalho e dava força para ela viajar também. Desde que voltaram da Espanha, ele sempre dizia que ela deveria morar fora e que o Brasil não era o lugar dela. Seus pais sentiam-se mais tranquilos sabendo que ela estava no exterior.

Não viam problema se ela saísse à noite em Londres, por exemplo, mas ficavam aflitos quando ela fazia o mesmo em São Paulo. Por uma questão de segurança, preferiam que ela passasse mais tempo na Europa.

Eles matavam as saudades conversando todos os dias pelo Skype. Jantavam juntos, bebiam vinho juntos e iam tocando a vida à distância, com a tranquilidade de saber que a filha estava mais segura no velho continente.

Bruna passou três meses estudando na Itália, trabalhando nos frilas e fazendo diversas viagens de turismo, até que sua amiga teve a ideia de estudar francês também.

Curso de francês na Bélgica

Bruna curtiu a ideia e elas começaram a pesquisar as possibilidades. Logo descartaram Paris porque era caro demais. Pesquisando alternativas, descobriram que seria possível ir para a Bélgica. Como já tinham ficado quase três meses dentro do [Espaço Schengen](#), como turistas, tiveram de sair. Voltaram para Londres, onde ficaram por alguns dias. Em seguida, tentaram a sorte e foram para Bruxelas. Felizmente não tiveram problemas para entrar.

Passaram um tempo estudando francês enquanto Bruna trabalhava em paralelo. A essa altura, ela e a amiga estavam curtindo este estilo de vida. Quando o fim do curso se aproximava, a amiga disse que queria ir para o Uruguai para estudar espanhol. Bruna já falava espanhol em função do

tempo que morou na Espanha. Não havia necessidade de fazer outro curso do idioma. Porém ela não queria retornar ao Brasil. Então acompanhou a amiga uma vez mais. E lá foram as duas para Montevideu.

Blog

Durante todo esse tempo, Bruna também escreveu em seu blog e tentou desenvolvê-lo. Ela sempre leu muitos blogs estrangeiros. Até mesmo motivada pelo trabalho que fazia para a Editora Globo, onde escrevia uma seção sobre novidades pelo mundo. Isso fazia com que ela estivesse sempre pesquisando blogs de outros países.

Foi neles que descobriu o conceito de nômade digital, quando estava em Londres, e percebeu que era exatamente o estilo de vida que estava vivendo. Começou a se interessar pelo assunto e a escrever sobre ele em seu próprio blog. Isso atraiu a atenção de muita gente quando o tópico ainda não era amplamente divulgado no Brasil, em 2013.

Retorno a São Paulo

Depois de viver como nômade e passar por vários países, Bruna retornou a São Paulo no fim de 2013. Logo ingressou em um curso de pós-graduação em Marketing Digital. Tentou adotar no próprio blog os conceitos que aprendeu lá. Queria transformá-lo em uma fonte de renda que pudesse ajudar a custear suas futuras viagens.

Bruna passou alguns anos em São Paulo, juntando dinheiro e fazendo novos amigos. Trabalhou como coordenadora de uma agência de comunicação, fez novos contatos, continuou a fazer trabalhos como *freelancer* e aprimorou seu blog.

Parar de viajar por um tempo reduziu o número de assuntos que ela podia cobrir no blog. Assim mesmo, conseguiu avanços importantes, como a entrada do [blog na MTV](#), o que lhe ajudou a atrair muitos seguidores. Ela também começou a escrever para o [The Huffington Post BR](#).

Apesar dos resultados que conquistou com o blog, sua visão sobre ele foi mudando. Especialmente sobre a possibilidade de ganhar dinheiro com ele, que fosse suficiente para custear sua vida nômade. Quando fez a revisão e atualização da entrevista, em meados de 2017, ela comentou: "vendo todos os nômades digitais que conheço que ganham dinheiro com blog, hoje vejo

que isso não é pra mim. Tentei por muito tempo e não entendia porque nunca conseguia, hoje sei que é porque nunca me dediquei o tanto que eles se dedicam. Você meio que tem que viver pra isso, respirar isso, ter ideias novas o tempo todo para manter o blog atualizado, entender um pouco de programação, *design* e UX ([user experience design](#)). E essa dedicação não é pra mim. Não curto tanto expor minha imagem, não curto tanto falar em vídeos e não tenho paciência pra pensar no eu blog todos os dias, então desisti de ganhar dinheiro com ele. Eu admiro muito quem consegue e esse foi meu sonho por muito tempo, mas hoje aceito que não é pra mim. Prefiro atualizar meu blog quando tenho um conteúdo que acho realmente honesto e útil do que atualizar por atualizar porque preciso de visualizações. Sei que nem todos fazem isso, mas grande parte vive de fazer do blog um eterno repositório de conteúdos rasos."

Impactos de voltar a viver no Brasil

Voltar ao Brasil teve diversas consequências. Em suas próprias palavras: "sempre que saio do Brasil e vejo fotos dos meus amigos em praias de lá ou quando alguém de outro país fala sobre o Brasil, me vem uma saudade e uma vontade de fazer isso que faço, de ser nômade, só que no Brasil. Viver em praias e não me fixar em nenhum lugar. Porém sempre que volto para São Paulo, me bate uma agonia, meus problemas de saúde reaparecem, como rinite, gastrite, além de todo o medo da violência e o estresse. Os problemas voltam e então lembro que não consigo mais viver lá. Me faz mal e me deixa doente. E se eu quisesse viver em praias, sairia caro. Não é algo simples de se fazer e grande parte do Brasil ainda não está preparada para lidar com nômades digitais. Por outro lado, sinto falta das pessoas, da alegria e da espontaneidade dos brasileiros. O melhor do Brasil é o brasileiro!"

Quando lhe perguntei quais foram os maiores benefícios e os maiores desafios desse retorno ao país, ela disse: "voltar para o Brasil me deu a chance de juntar dinheiro, de me desenvolver como profissional e ter calma para traçar um plano para o futuro. De 2014 a 2016 tive tempo para fazer uma pós-graduação, para abrir uma poupança, para investir dinheiro, para fazer amigos, para me dedicar a outras viagens menores que tinha vontade de fazer, como o mochilão pela América do Sul, a travessia do Vale do Pati na Chapada Diamantina, etc. O lado ruim foi que me sentia, ao mesmo

tempo que fazia tudo isso, no lugar errado. Sentia que precisava agir logo, que estava perdendo tempo no Brasil, levando uma vida que não queria. Vivia constantemente com um pensamento de que minha vida ainda não tinha começado."

Consumo

Passar um tempo fora do Brasil fez Bruna repensar sua relação com o consumo. Antes de ir para a Espanha pela segunda vez, Bruna costumava comprar roupas e sapatos caros. Na Espanha, descobriu que esses itens tinham preços muito baixos. Percebeu que não fazia sentido gastar tanto com estes itens, como fazia no Brasil.

Voltou para São Paulo com as roupas e sapatos que comprou na Espanha e não comprou mais nada. Passou os três anos seguintes usando as mesmas peças trazidas da Europa.

Desde seu retorno da Espanha, Bruna não tem grandes posses. Quando a família voltou, foi morar inicialmente em um apartamento mobiliado. Em seu quarto, Bruna passou a ter apenas alguns livros e suas roupas. Apenas o suficiente, de modo que estivesse sempre pronta para a próxima viagem.

Bruna não teve carro. Quando voltou ao Brasil, no fim de 2013, passou a ter apenas uma bicicleta com a qual ia para o trabalho. Não tinha nenhum bem material que a prendesse. Estava sempre pronta para partir.

Para resumir as transformações que experimentou, ela disse: "depois das idas e vindas da Europa, fui amadurecendo e houve todo um processo de percepção do mundo. Aprendi a ter mais empatia com as pessoas e respeitar pontos de vistas de pessoas com culturas muito diferentes da minha e a ser flexível ao me relacionar ou morar com pessoas de culturas diferentes. Também prezo por uma vida mais simples, sem posses, sem almejar coisas materiais. Minha alimentação melhorou também! Para gastar pouco com comida, dou preferência a alimentos frescos e naturais e evito consumir produtos industrializados."

Acomodação

Em termos de acomodação, Bruna aprendeu a se virar das mais diversas formas. Quando foi para Londres com a amiga, elas encontraram acomodação através da [Casa Londres](#), que costuma alugar apartamentos

para estudantes com preços mais acessíveis. Quando elas foram para a Itália, começaram morando em um apartamento do [Airbnb](#). Porém o dono só permitiu que ficassem por um mês. Com a ajuda de amigos italianos, ela descobriu sites locais de locação e os usou para buscar o próximo apartamento.

Na Bélgica e no Uruguai, a situação foi mais complicada. Ela e sua amiga não conheciam ninguém nesses lugares. Fizeram muitas buscas no Google até encontrarem algo que coubesse no orçamento. Em Bruxelas, percebeu o problema que é ficar hospedada em uma área afastada da cidade. Optaram por ela para economizar, mas perdiam muito tempo para chegar ao centro da cidade e o transporte era caro.

De volta ao Brasil, fez algumas viagens pela América do Sul. Ficou em *hostels* em diversos lugares, com exceção do Chile, onde ficou em um apartamento do [Airbnb](#).

Retorno à Itália e reconhecimento da cidadania

Bruna ficou no Brasil entre o final de 2013, quando voltou do Uruguai, e outubro de 2016, quando foi para a Itália para fazer o processo de reconhecimento de sua cidadania italiana. Foi quando considera que se tornou uma nômade digital de fato, de maneira mais profissional e mais segura do trabalho que desenvolve como jornalista e profissional de marketing digital. Foi também quando se desfez de tudo e foi para a Europa sem planos de voltar para o Brasil.

Ela foi morar no sul da Itália, na região de Salerno. Durante os quatro meses em que viveu lá, ela trabalhou apenas como *freelancer* para clientes brasileiros e europeus. Ela produzia diversos tipos de conteúdos, tais como artigos para blogs, conteúdo para sites, e-commerces e afins.

O processo de reconhecimento da cidadania não foi fácil. Ela conta que: "a maior dificuldade foi estar na posição de estrangeira e ter que lidar com uma lei que é totalmente interpretativa. Cada prefeitura e cada funcionário interpreta a lei do jeito que quer e minha palavra, como estrangeira, não vale nada, mesmo que eu fale cada parágrafo da lei, de tanto ter lido e saber de tudo, minha palavra não tinha valor. O tempo todo eu tinha que me impor e mostrar segurança, mostrar que eu sabia o que estava acontecendo, que eu sabia dos meus direitos e que eu não abriria mão deles. Tinha que mostrar que era mais esperta que eles e que ninguém ia me enrolar, mas é

muito difícil e exaustivo fazer isso todos os dias, de uma forma que eu ganhasse respeito e confiança e não parecesse impertinente.

A maior lição com certeza foi aprender a me impor, mas sempre respeitando o outro. Ou seja, de correr atrás do que eu sei que é certo, mas ensinar as pessoas o porquê de aquilo que digo ser o certo e não bater de frente ou fazer birra e dar uma de 'brasileira folgada'."

Mudança para Portugal

Em fevereiro de 2017, Bruna mudou-se para Lisboa e seus custos de vida aumentaram. Os frilas ficaram mais escassos em função da crise no Brasil. Ao mesmo tempo, passaram a pagar menos. Com o objetivo de juntar dinheiro e depois mudar para o próximo destino, decidiu pegar um trabalho temporário. Em março, começou a trabalhar com suporte de TI atendendo ao mercado latino-americano, em português e espanhol. Em paralelo, continua fazendo os frilas para o Brasil.

Quando Bruna estava fazendo cursos pelo mundo, ela viajava com uma amiga. Entretanto, desde que mudou-se para a Itália, no fim de 2016, passou a viajar com seu namorado, Renan Cammarosano, de 29 anos. Ele também trabalha como *freelancer* na área de [UX](#) e [UI](#) design. Assim como ela, presta serviços para clientes no Brasil e na Europa.

Perguntei a Bruna sobre as diferenças entre o modo como viajava com sua amiga e a maneira como viaja atualmente com seu namorado. Ela disse: "acho que hoje levamos uma vida com mais qualidade, mais barata e mais tranquila. Temos muitos amigos em Lisboa e sempre saímos, mas antes, quando estava com minha amiga, eu era mais nova e vivia uma vida louca, gastava mais com bebida e refeições fora. As duas pessoas eu amo muito, meu namorado e essa minha amiga. O passado com ela foi a melhor época da minha vida e a de agora está sendo a melhor época da minha vida no presente."

Saúde

Para manter a saúde, Bruna e sua amiga caminhavam bastante. Às vezes faziam algum exercício em casa também, acompanhando vídeos do YouTube. Porém Bruna sempre teve muitos problemas de saúde. É comum ter amigdalite e precisar tomar antibióticos.

Ela conta que acionou o seguro de saúde em praticamente todos os lugares por onde passou. Felizmente sempre teve um bom atendimento. Ela já usou diversos seguros em suas viagens, tais como [Isis](#), [Mondial](#), [Porto Seguro](#), Coris, além do próprio [seguro de viagem do Cartão MasterCard Platinum](#). Em praticamente todos os casos, os médicos foram visitá-la em casa. Ela não precisou ir até um hospital.

Agora que está em Portugal, em um trabalho temporário, ela pôde fazer um número de segurança social por lá. Assim passou a ter acesso ao sistema público de saúde para emergências. Por essa razão, não está utilizando nenhum seguro adicional.

Oportunidades para jornalistas

Perguntei à Bruna se o trabalho remoto está se tornando algo mais comum na área de jornalismo. Segundo ela, sim. "Hoje é um pouco mais comum e mais fácil, mas você precisa se dedicar mais também, porque muitas vezes vai ter que trabalhar nos feriados ou passar até mais horas trabalhando do que se trabalhasse em uma redação, porém vale a pena se você deseja ter controle sobre sua vida. Hoje muitas agências e redações entendem que o jornalista não precisa e nem deve ficar preso em um escritório. Tem que estar lá fora, consumindo tendências, vendo o mundo, tendo experiências para poder ter histórias novas.

Hoje o jornalista tem um campo bem amplo de atuação, então pode ser correspondente de um jornal online, pode ter blog, pode vender seus textos para sites de diversos nichos, pode fazer como eu e também trabalhar com marketing de conteúdo, pode se arriscar nas traduções, enfim, basta ser flexível. Eu me joga em todas as áreas, o que é bom porque nunca enjoa de um projeto. Sempre estou lidando com assuntos diferentes e tipos de trabalhos diferentes."

Para jornalistas que desejam se tornar nômades digitais, ela recomenda: "se dedicar somente a isso por um tempo, cultivando contatos, mandando CV e propostas de trabalho como *freelancer* para agências, redações ou a área que ela deseja, montar um portfólio virtual e fazer o [curso de Seth Godin](#) sobre como ser *freelancer*. Também ir atrás de referências estrangeiras para se inspirar. É um processo exaustivo, mas que vale a pena."

Quando lhe perguntei o que teria feito diferente em sua jornada, ela disse: "teria me dedicado ainda mais no Brasil para juntar mais dinheiro. Acho que também não teria dispensado alguns trabalhos por preguiça ou porque eram 'chatos', pois me fariam ter mais contatos hoje em dia. Mas de resto, acho que agora sinto que estou fazendo exatamente o que queria fazer."

Recursos citados

- [Airbnb](#)
- [Casa Londres](#)
- [Curso de como ser freelancer de Seth Godin](#)
- [Isis](#)
- [Mondial](#)
- [Porto Seguro](#)
- [Seguro de viagem do Cartão MasterCard Platinum](#)

Cidades em que morou

- Madri, Espanha
- Londres, Reino Unido
- Florença, Itália
- Bruxelas, Bélgica
- Montevideú, Uruguai
- Castellabate, Itália
- Sapri, Itália
- Lisboa, Portugal

Cidades em que mais gostou de morar

- Londres, Reino Unido
- Madri, Espanha
- Florença, Itália

- Montevidéu, Uruguai
- Lisboa, Portugal

Capítulo 18

Ana e Rômolo

[Ana Matsusaki](#), 30, ilustradora
[Rômolo D'Hipólito](#), 33, ilustrador

Sites: [Portfólio de Ana](#), [Portfólio de Rômolo](#)

Moravam em: São Paulo, SP

Tempo de transição: 5 meses

Início da vida nômade: abril de 2015

Receita: trabalho *freelance*

Orçamento mensal: US\$ 1000

Entrevista: 18/05/2016

Revisão e atualização: 30/03/2017

História

Às vezes você já tem tudo que precisa para ser nômade digital. Falta apenas uma dor que te force a mudar algo. Este foi o caso de Ana e Rômolo. Bastaram cinco meses para colocarem o pé na estrada depois de toparem com uma pedra pelo caminho.

Rômulo nasceu em Foz do Iguaçu (PR), mas se graduou em *design* gráfico em Curitiba. Mudou-se para São Paulo em 2008 e começou a estruturar sua carreira fazendo ilustrações para livros, revistas, jornais, peças publicitárias e projetos de arte comissionados. Um exemplo de seu trabalho é a capa deste livro. Em 2013, começou a trabalhar como *freelancer*.

Ana é de São Paulo. Também estudou *design* gráfico e se tornou ilustradora. Ao longo de sua carreira, teve momentos em que trabalhou como contratada de empresas e outros em que atuou como *freelancer*.

Vida em São Paulo

Ana e Rômolo moravam juntos em São Paulo e gostavam da vida que tinham lá. Saíam bastante e frequentavam eventos onde estavam presentes diretores de arte, *designers*, ilustradores e outros profissionais que atuam na área de comunicação. Isso lhes ajudou a criar uma boa rede de relacionamentos. As pessoas lhes convidavam para fazer algum tipo de trabalho, gostavam do resultado e passavam a recomendar. Assim foram construindo uma reputação sólida que contribuiu para atrair um número cada vez maior de clientes.

Férias na Ásia

Em 2012 fizeram uma viagem para a Ásia onde visitaram diversos países ao longo de quatro meses e meio. Embora tenham adorado, não se queixaram de voltar à rotina de trabalho em São Paulo, já que curtem o que fazem.

Ana começou a trabalhar em uma editora enquanto Rômolo continuou a atuar como *freelancer*. Dois anos depois, já em 2014, chegou a hora de Ana tirar férias da editora e partir para o México com Rômolo. Mal sabia que esta viagem mudaria o rumo de suas vidas.

Férias no México

No *hostel*, conheceram pessoas que estavam fazendo viagens longas, como a que eles próprios fizeram anos antes. Era gente que ia passar meses na estrada ou até anos. Foi aí que Ana percebeu o fardo de ter um emprego tradicional.

Quando se deu conta de que teria apenas trinta dias e não tinha liberdade de estender a viagem, ficou aflita. Precisava tomar uma decisão e aí surgiu a ideia de fazerem uma volta ao mundo. Começaram a fazer planos enquanto continuavam viajando pelo México até que conheceram a jornalista brasileira [Lívia Aguiar](#). Ela estava morando no México há alguns meses e trabalhando remotamente para o Brasil. Perceberam que ela estava vivendo como nômade digital. Foi a primeira vez que tiveram contato com alguém fazendo isso.

Já tinham ouvido falar no conceito, contudo lhes parecia algo distante da realidade. Quando conheceram Lívia constataram que era possível. Havia gente vivendo assim. Lívia tratava o assunto com naturalidade, como se estivesse fazendo a coisa mais normal do mundo. Imaginaram que eles próprios também pudessem viver como nômades.

Transição para a vida nômade

Rômolo já trabalhava de casa, ainda que muitos de seus clientes estivessem em São Paulo, era raro encontrá-los pessoalmente. As agências, editoras e demais empresas que atuam na área de comunicação estão habituadas a contratar ilustradores como *freelancers* e não se preocupam em saber onde estão.

Ana voltou para São Paulo em outubro de 2014 com a ideia de montar um blog e faturar com ele. Viu outros nômades ganhando dinheiro dessa forma e interpretou que este era o caminho a seguir, porém logo percebeu que isso não fazia sentido. Conseguiria ganhar dinheiro do mesmo jeito se continuasse na área em que já trabalhava. Bastava sair do emprego e se dedicar apenas aos trabalhos *freelance*.

Venderam tudo o que tinham no apartamento e Ana pediu demissão do trabalho mesmo sem ter perspectivas de frilas em vista. Em abril de 2015, apenas cinco meses depois de voltarem do México, já estavam na estrada.

Vida nômade

Começaram pelo Brasil. Alugaram um apartamento da mãe de Rômolo em Itapema (SC) e se instalaram lá. Para surpresa de Ana, os trabalhos não demoraram para aparecer. O primeiro frila veio de uma cliente com a qual não trabalhava há um ano e que apareceu de repente. Até hoje não entende como surgiram tantos frilas de forma tão rápida. A ideia começou a dar certo. Tanto ela quanto Rômolo começaram a trabalhar normalmente para clientes que estavam a quilômetros de distância. Depois de Itapema, visitaram outros lugares no Paraná e em Santa Catarina.

Retorno à Ásia

Saíram do Brasil em fevereiro de 2016 e partiram para o outro lado do mundo. Foram mais uma vez para a Ásia e começaram a viagem por Hong Kong. De lá foram para o Japão para suas primeiras férias como nômades. Adoraram o país e, se pudessem, voltariam todo ano.

Do Japão foram para a Tailândia e se instalaram em Koh Samui, uma ilha no Golfo da Tailândia que atrai muitos nômades e turistas. Por falha de planejamento, escolheram uma acomodação em uma área isolada. Como nenhum dos dois dirige moto, a mobilidade ficou comprometida. Saíram de casa poucas vezes e se dedicaram mais ao trabalho. As coisas melhoraram quando chegaram em Chiang Mai. Lá puderam retomar a vida social.

Antes mesmo de ir para a cidade, entraram em contato com artistas de lá e combinaram visitas. Foram para encontros do CouchSurfing, buscaram grupos no [Meetup](#) e, em pouco tempo, já tinham uma vida social tão agitada quanto a de São Paulo. Inclusive conheceram diversos brasileiros. Foi difícil manter a produtividade.

Para equilibrar o trabalho com a viagem, perceberam a necessidade de passar mais tempo em cada lugar. Cada troca de cidade quebra o ritmo de trabalho. Leva tempo para estabelecer uma nova rotina. Ficar um mês, por exemplo, é pouco. Precisam ficar mais tempo para se sentirem produtivos. Outra coisa que perceberam é que na época em que moraram em cidades menos agitadas e com vida social menos intensa, podiam se concentrar mais no trabalho e nos seus projetos pessoais.

Forma de atrair clientes

Eles criam ilustrações com diferentes estilos. Alguns seguem uma veia mais artística enquanto outros são mais comerciais. Nem sempre gostam de trabalhar com os que são muito comerciais, mas esses trabalhos colaboram para reforçar o caixa.

Para atender à necessidades distintas criaram portfólios diferentes. Para cada cliente potencial, enviam o link de um portfólio cujo estilo de ilustração esteja mais próximo do que está buscando. Desta forma, conseguem aproveitar um número maior de oportunidades.

Ter morado em São Paulo e estabelecido uma rede de contatos foi fundamental para eles. Para não serem esquecidos, também publicam suas ilustrações com frequência nas redes sociais. Eu mesmo não me canso de admirar o trabalho deles e adoro receber as atualizações. Não foi por acaso

que contratei Rômolo para criar a capa do livro. E o resultado não poderia ter ficado melhor.

Ferramentas de trabalho

Para criar as ilustrações, às vezes usam as [mesas digitalizadoras da Wacom](#). Porém, em grande parte do tempo, fazem tudo no papel. Depois utilizam o scanner portátil [IRIScan Anywhere 3](#) para digitalizar. Recentemente adotaram também a [mesa de luz Huion L4S](#) que transformou-se no xodó do casal.

Orçamento

Adotaram um orçamento de US\$ 35 por dia quando estavam em Koh Samui. Já em Chiang Mai o valor baixou para US\$ 30 por dia. Eles tentam manter os gastos em um valor abaixo de US\$ 1000 por mês, sem contar passagens. Desse valor reservam um máximo de US\$ 500 para acomodação.

Saúde

Nunca tiveram de buscar atendimento médico, desde que começaram a viver como nômades. Entretanto, possuem seguro de saúde internacional da Intercare contratado através da [Central de Intercâmbio](#). Não mantêm plano de saúde ativo no Brasil.

Conclusão

A natureza do trabalho de ilustração é bastante apropriada para quem deseja viver como nômade digital. Muitos ilustradores podem trabalhar de casa e seus clientes estão habituados a contratar *freelancers*. Isso facilitou a transição de Ana e Rômolo para a vida nômade. Também contribuiu o fato de terem construído uma rede de relacionamentos.

Existem muitos profissionais que já trabalham de casa na atualidade ou fazem trabalhos em um escritório que poderiam ser feitos de qualquer lugar. Nesses casos, transformar-se em nômade pode ser mais rápido e fácil do que se imagina. Não é preciso mudar muita coisa nem é necessário criar um

negócio mirabolante. Basta continuar a realizar o mesmo trabalho, ajustar os detalhes com os clientes, arrumar coragem e colocar o pé na estrada.

Recursos citados

- [Airbnb](#)
- [CouchSurfing](#)
- [Meetup](#)

Cidades em que moraram

- Itapema, Brasil
- Koh Samui, Tailândia
- Chiang Mai, Tailândia
- Kuala Lumpur, Malásia
- Budapeste, Hungria
- Rovinj, Croácia
- Barcelona, Espanha
- Oaxaca, México

Capítulo 19

Gabriel Torres

[Gabriel Torres](#), 42, escritor e empreendedor

Sites: [Terremoto](#), [Clube do Hardware](#)

Morava em: EUA

Tempo de transição: 2,5 anos

Início da vida nômade: 2015

Receita: direitos autorais e venda de publicidade

Entrevista: 17/02/2016

Revisão e atualização: 03/05/2017

História

Quando Gabriel se tornou nômade digital, ele já tinha conquistado sua independência financeira e já era milionário. Portanto já possuía mais de um milhão de dólares em ativos de alta liquidez. Um estágio da vida que alcançou com apenas 34 anos. Porém não se engane. Suas origens são humildes e ele construiu sua fortuna com muito trabalho.

Gabriel não teve pais ricos, longe disso. Sua mãe morou com os pais nos EUA quando era criança. Foi alfabetizada lá e o inglês é seu idioma nativo. Quando voltou para o Brasil, começou a trabalhar como professora de inglês aos 17 anos. Atualmente é professora universitária e está prestes a se aposentar.

Seu pai nasceu em um ambiente rural no interior da Bahia. Foi para Salvador e começou a trabalhar como jornalista também aos 17 anos. Trabalhou em jornais e agências de publicidade, até começar a escrever. Eventualmente tornou-se um escritor renomado e um dos membros da [Academia Brasileira de Letras](#).

Formação

Pai e mãe sempre foram bastante educados, porém nunca ganharam muito dinheiro ou souberam juntá-lo. Por outro lado, foram exigentes com a educação de Gabriel. Ele estudou no [Colégio Anglo-americano](#) e conta que era o "pobretão da sala". Sentia inveja dos coleguinhos de escola que ganhavam tudo de primeira linha dos pais, de video games a bicicletas. Gabriel, quando muito, ganhava itens de segunda linha.

Ele canalizou a inveja dos colegas em atividades empreendedoras. Ainda novo, começou a vender gibis na escola. Quando pedia dinheiro, a mãe sempre dizia que não tinha. Então ele pediu uma caixa de engraxate e ganhou. Ato contínuo, começou a ganhar dinheiro lustrando sapatos.

Gabriel sempre gostou de eletrônica e sua mãe ajudava como podia. Se ele quisesse um ferro de solda, por exemplo, ela lhe dava. Vivia cercado de placas de circuito eletrônicos. Optou por fazer o curso técnico de eletrônica no [Instituto de Tecnologia ORT](#). O curso tinha uma abordagem construtivista e um foco em aprender fazendo. Havia muitas aulas em laboratório, além de um foco grande em matérias da área de humanas.

Primeiros trabalhos

Gabriel começou a trabalhar no próprio [ORT](#) em 1993. Primeiro consertando computadores. Em seguida, passou a ensinar a consertá-los em um curso que criou. Na mesma época, em paralelo, começou a escrever seu primeiro livro, publicado em 1996.

O livro foi bem recebido e preencheu uma lacuna que existia no mercado. Havia muito interesse em aprender sobre manutenção de hardware. Naquele tempo, as pessoas ainda não tinham acesso à internet e compravam mais livros.

O livro lhe trouxe um ótimo resultado financeiro e um convite para trabalhar como colunista do caderno de informática do [Jornal O Dia](#), que era um dos jornais de maior circulação do estado do Rio. Ele trabalharia no jornal por dez anos.

Ao longo dos anos, Gabriel publicou um total de 25 livros. O último ele começou a escrever em 2010, mas deixou engavetado por alguns anos. Pela primeira vez, trata-se de um livro que não tem nada a ver com informática.

Chama-se [Os Mitos do Dinheiro](#) e foi publicado no início de 2016. O livro é excelente e vale a pena a leitura.

Além de escrever livros, Gabriel criou um site chamado [Clube do Hardware](#), também em 1996. No início, ele servia para publicar os artigos do jornal, além de divulgar seus cursos e livros.

Finanças

Desde que começou a ganhar dinheiro, Gabriel sempre teve diversas fontes de receitas. Os livros fizeram sucesso. Estiveram entre os livros de informática mais vendidos do Brasil durante anos. Ele começou a ganhar muito dinheiro quando tinha apenas 21 anos, mas não soube geri-lo no início.

Comprou um apartamento financiado em um época em que os juros anuais giravam na casa dos 45%. Apesar de ganhar bem, estava sempre apertado porque gastava mais do que ganhava.

Em 2001, quando preparou a declaração do imposto de renda, deu-se conta de que havia faturado muito naquele ano, embora sentisse que nunca tinha dinheiro suficiente. Não conseguia compreender o porquê disso, então decidiu aprender sobre finanças.

Ele e sua família sempre foram céticos em relação a livros de autoajuda, assim mesmo ele comprou diversos livros e começou a devorá-los. Logo descobriu suas falhas. Ele não tinha nenhum controle sobre o quanto gastava. Por isso não conseguia detectar seu maior problema: gastava mais do que ganhava. Quando começou a acompanhar as despesas em uma planilha, o que faz até hoje, compreendeu a disfunção e começou a corrigi-la.

Nessa mesma época, por volta de 2002, fez o [Empretec](#), um curso para formação de empreendedores desenvolvido pelas [Organização das Nações Unidas](#) e ministrado pelo [SEBRAE](#). Segundo Gabriel, foi o melhor curso que fez na vida. O aluno passa por um processo de imersão que dura aproximadamente uma semana. Neste período, ele exercita inúmeras características que um empreendedor precisa ter para ser bem sucedido. O ponto fraco dele era planejamento e o curso lhe ajudou a corrigir essa falha.

Nesse período de sua vida, a dificuldade de receber os pagamentos da editora agravava suas dificuldades financeiras. Ela não lhe pagava tudo o que devia. O editor alegava estar sempre com dificuldades financeiras e

Gabriel desconfiava de que ele o estivesse enganando. Quando o [Clube do Hardware](#) começou a lhe render o suficiente para pagar as contas e não depender apenas dos pagamentos da editora, Gabriel a processou.

Eventualmente descobriu que o editor realmente o estava enganando. Inclusive estava imprimindo mais livros e não lhe repassava o pagamento dos direitos autorais. A briga na justiça durou anos e o editor fugiu do Brasil. Durante esse período, Gabriel ficou impedido de publicar novos livros, até que a justiça anulasse seu contrato com a editora. Ele só pôde voltar a publicar em 2009, quando o mercado já era completamente diferente e já não se vendiam tantos livros quanto antes.

Clube do Hardware

Enquanto brigava com a editora na justiça, Gabriel se dedicou a fazer o [Clube do Hardware](#) crescer e se tornar amplamente conhecido no Brasil. Deu certo e o site se tornou um negócio sólido. Com o tempo, foram criados milhões de artigos e tópicos de discussão no fórum, o qual é frequentado por meio milhão de pessoas.

Apesar de sua educação financeira, Gabriel cometeu alguns erros. Quem conviveu com ele entre 2005 e 2007 teve a oportunidade de vê-lo à bordo de seu BMW 528, apelidado de Passivão. Ele comprou o carro usado (modelo 1997) achando que estava fazendo um bom negócio. No entanto o carro só lhe dava dor de cabeça. Tinha problemas crônicos de manutenção e ela era caríssima. Além de todos os custos diretos que teve com o carro, também amargou o custo de oportunidade. Teria feito mais sentido comprar um carro nacional e colocar a diferença para lhe render juros no banco.

Nessa mesma época, conheceu um empreendedor americano que lhe convidou para mudar-se para os EUA e fazer um site equivalente ao [Clube do Hardware](#), porém em inglês. Gabriel aceitou a proposta, o empreendedor o contratou e lhe conseguiu um visto de trabalho. Gabriel casou-se com sua namorada e ambos foram morar inicialmente em Reno, Nevada. Foi onde começou a história do [Hardware Secrets](#).

Estados Unidos

Ir para os EUA lhe permitiu ver de perto como negócios são criados e geridos por lá. Ele também passou a ter uma receita em dólar, o que o

protege dos efeitos da variação cambial no Brasil.

Quando estava prestes a completar seis anos vivendo nos EUA, seu visto de trabalho ia vencer e ele começou a buscar alternativas. Com o dinheiro que já tinha acumulado e com a possibilidade de fazer seu trabalho de qualquer lugar do mundo, começou a estudar formas de morar em outros países, até porque já estava cansado dos EUA. Foi muito bom no início, mas depois ele começou a sentir falta de vários aspectos aos quais estava habituado no Brasil, como as amizades.

Suas pesquisas o levaram a ter contato com livros, tais como [Emergency](#), de [Neil Strauss](#) e [The Passport Book](#), de [Robert E. Bauman](#), da [The Sovereign Society](#). Esses livros lhe abriram a cabeça sobre a possibilidade de viver legalmente em outros países. Em um primeiro momento, pensou em alguns locais da América Central e do Caribe, porém imaginou que ficaria entediado. Eventualmente percebeu que, devido a sua formação e experiência como empreendedor, seria relativamente fácil pleitear um visto de residência permanente no Canadá, Nova Zelândia ou Austrália. Excluiu o Canadá porque não queria mais passar frio. O tempo que morou em Reno já tinha sido suficiente. Achou que a Nova Zelândia era pequena demais e não tardaria para se entediar, então escolheu a Austrália.

Austrália e oceania

Depois de seis anos nos EUA, Gabriel e sua esposa retornaram ao Brasil e passaram seis meses em Curitiba onde morava a família dela. Foi o tempo necessário para fazer o processo de imigração para a Austrália e receber o visto de residência permanente.

A volta ao Brasil lhe deu a oportunidade de rever amigos e desfrutar da afetividade que é natural dos brasileiros. Sentiu muita falta disso no tempo que ficou nos EUA. Por outro lado, os problemas do Brasil lhe incomodaram demais e o fizeram ter certeza de sua decisão de morar fora do país.

Quando seu visto foi aprovado, ele e sua esposa se mudaram para Sydney, em 2014. Entretanto as coisas não saíram exatamente como ele esperava. Começaram a ter uma vida semelhante à que tinham nos EUA, o que era precisamente o que ele não queria. Além disso começou a ficar

claro que ele e sua esposa tinham objetivos diferentes. A situação não evoluiu bem e eles acabaram se separando.

Gabriel vendeu tudo o que tinha em casa. As roupas que sobraram, colocou dentro do carro, o estacionou em um local apropriado e foi viajar. Ficou seis meses viajando pela Oceania. Foi para a Polinésia Francesa e ficou dois meses pulando entre as ilhas: Tahiti, Moorea, Huahine, Raiatea e Bora Bora. Depois seguiu para Ilhas Cook, Niue (segundo menor país do mundo) e Nova Zelândia. Ele relatou sua viagem através de vídeos em seu [Diário de um Nômade](#).

Durante a viagem, ficou hospedado a maior parte do tempo em acomodações do [Airbnb](#). Em alguns casos, as únicas opções disponíveis eram pousadas e hotéis. Ele conseguiu trabalhar normalmente a maior parte do tempo, exceto em locais onde a conexão com a internet era excessivamente lenta. Não chegou a negociar o valor da acomodação em nenhum dos lugares, mas deu preferência aos proprietários que ofereciam descontos semanais ou mensais. Para manter a forma, fez academia em quase todos os lugares que visitou. Quando estava na Polinésia Francesa, se deu conta de que sairia caro demais comer sempre na rua. Isso o motivou a aprender a cozinhar, o que contribuiu para ele manter a saúde ao longo da viagem.

Quando retornou à Austrália, pegou o carro e começou a viajar pelo país. Foi conhecendo várias cidades na costa leste até alcançar Mooloolaba, em Sunshine Coast. Gostou tanto de lá que decidiu ficar por mais tempo. Em especial, gostou do contato com as pessoas e da facilidade de fazer amigos.

Enquanto viajou pela Oceania, Gabriel começou a se sentir excessivamente sozinho. A dificuldade de fazer amigos é um problema que já lhe acompanhava desde os EUA. Ele diz que fez mais amigos nos seis meses que passou em Sydney do que nos seis anos que passou nos EUA. E fez mais amigos em uma semana, em Mooloolaba do que nos seis meses que passou em Sydney. Esse foi um dos principais motivos pelos quais preferiu parar por um tempo.

Ele pretende ficar na Austrália até completar os quatro anos necessários para solicitar a cidadania. Assim que tiver acesso ao passaporte australiano voltará para a estrada. Até porque, enquanto espera pela cidadania, ele não pode ficar muito tempo fora da Austrália. É uma regra do visto de residência que está utilizando.

No dia a dia, Gabriel prefere trabalhar em casa. Ele precisa de silêncio para se concentrar. Embora se considere centralizador, foi contratando pessoas com o tempo e lhes passando grande parte das atribuições de seu negócio. Atualmente procura ter um papel de supervisão e dedica poucas horas por dia ao [Clube do Hardware](#).

Transição para a vida nômade

Quando fiz a revisão e atualização da entrevista, pedi a Gabriel que falasse um pouco mais sobre o processo de transição para a vida nômade e os elementos que foram importantes para viabilizá-la. A explicação está a seguir, em suas próprias palavras.

"Cerca de nove meses antes de sair dos EUA (2013), quando a decisão de não continuar nos EUA já havia sido tomada, comecei a preparar meu negócio para não depender tanto de mim. Eu tinha um perfil muito concentrador, e com tantas incógnitas naquele momento (mudança de volta ao Brasil e sem 100% de certeza de quais seriam os próximos passos de minha vida), vi que precisava delegar muitas das tarefas que eu executava para outras pessoas.

O ponto chave era que eu escrevia pessoalmente a maioria dos artigos do meu site, e muitos deles eram análises de equipamento de informática, que demandavam um grande espaço físico para a coleta de dados, fotos, etc. e isso realmente não daria para eu continuar fazendo sem ter um espaço físico adequado, e o equipamento necessário não é algo fácil de transportar. Essa coisa de 'com um notebook você consegue trabalhar a partir de qualquer lugar do mundo', pelo menos para mim, até aquele momento, era uma lenda. Poder trabalhar do meu notebook a partir de qualquer local do mundo só se tornou possível depois que consegui passar para outra pessoa a produção de artigos que dependem de componentes externos.

Passei a ganhar menos dinheiro (pois passei a pagar outras pessoas para fazer o que eu fazia), mas ganhei tempo livre. Então, apesar de oficialmente ter experimentado a vida de nômade em 2015, foi uma preparação que começou dois anos e meio antes para tornar isso realmente possível."

Fortuna

Quando aprendeu a controlar seus gastos, Gabriel passou a aplicar de 10% a 20% do que ganhava. Ao longo do tempo, fez aplicações em fundos multimercado, metais preciosos, imóveis e, sobretudo, investiu em seu próprio negócio, o [Clube do Hardware](#). Com a ajuda dos juros compostos, seu patrimônio cresceu. Hoje em dia, poderia viver apenas dos juros das aplicações financeiras. Entretanto prefere continuar a trabalhar em seu negócio. Ele paga suas contas e permite que Gabriel não toque no dinheiro que está aplicado, o qual continua crescendo a cada dia.

Embora a maior parte de sua fortuna esteja aplicada no Brasil, onde os rendimentos são maiores, 80% de sua receita atual vem de sua empresa americana. O dinheiro que recebe em dólar, nos EUA, ele transfere com facilidade para a Austrália e o utiliza para pagar as contas do dia a dia. Dessa forma, evita os impactos das variações cambiais no Brasil.

O fato de não morar mais nos EUA, nem no Brasil, lhe dá a oportunidade de não pagar imposto de renda como pessoa física. No Brasil, sua empresa paga impostos, porém ele não paga na pessoa física, já que a distribuição de lucros não é tributada. Nos EUA, a empresa limitada, como é a dele, não paga imposto diretamente. Cabe ao sócio pagar o imposto como pessoa física. Porém, isso só ocorre quando ele reside nos EUA ou é cidadão americano. Como Gabriel não vive mais nos EUA e é brasileiro, não precisa mais pagar impostos nos EUA. Essa é uma vantagem adicional de ganhar dinheiro em um país e viver em outro completamente diferente.

Gabriel levou 18 anos para tornar-se milionário. Não foi fácil. Ele poderia viver apenas de seus investimentos e gastar bastante. Entretanto, prefere viver uma vida frugal, como é o caso de tantos outros milionários. Ele ainda anota todos os gastos em uma planilha e procura respeitar um orçamento mensal. No entanto, às vezes faz algumas "loucuras".

Em 2016, por exemplo, estava em casa assistindo a abertura dos Jogos Olímpicos no Rio e bateu uma saudade imensa do Brasil. Ele queria estar lá curtindo aquele momento com os amigos. Não perdeu tempo, abriu o computador e comprou uma passagem para o Rio no próximo voo disponível. Felizmente pode se dar a este luxo atualmente, porém só faz esse tipo de coisa em situações especiais, como foi o caso.

Gabriel conquistou sua fortuna sem nunca ter concluído um curso universitário. Ele cursou um semestre de engenharia na PUC Rio, porém não deu continuidade ao curso. Muito tempo depois, em 2015, cursou um semestre em um mestrado de economia em Sydney. Fora do Brasil,

dependendo do curso, não é necessário ter feito faculdade para cursar o mestrado. Basta ter experiência profissional que seja equivalente a ter cursado uma faculdade, como era o caso dele.

A decisão de fazer o mestrado foi fruto de um novo problema em sua vida, excesso de tempo livre. Ele delegou tanto suas tarefas que passou a sentir-se ocioso. Achou que o mestrado poderia ajudá-lo a ocupar o tempo, entretanto um semestre foi o suficiente para se convencer de que a carreira acadêmica não é para ele.

Perguntei-lhe o que faria se estivesse começando hoje e quisesse se tornar um nômade digital milionário. Ele respondeu: "a gente vive na era da informação. Então, na minha opinião, você deve vender informação. É o que eu sempre fiz: livros e site são isso, informação. Obviamente a roupagem pode mudar de acordo com a demanda do mercado. Livros não vendem quase nada hoje em dia e criar site baseado em receita publicitária hoje em dia já não dá mais certo. Eu investiria em cursos online, como estou fazendo no momento. Mas com conteúdo sério, de qualidade."

Também perguntei que tipos de negócios ele evitaria a todo custo, ao que ele respondeu: "existe algo que eu sempre falo que é o seguinte. Só porque eu ganhei ou ganho dinheiro com uma coisa não é garantia de que outra pessoa fazendo exatamente a mesma coisa ganhará. Pois há o fator pessoal, que conta muito para o empreendedorismo. Muita gente investe na bolsa de valores, mas quantos Warren Buffet e George Soros existem? Então o mesmo vale para coisas que eu não investiria. Não significa que outra pessoa não conseguirá ganhar dinheiro com aquilo."

Dito isto, eu não criaria site ou qualquer sistema online baseado em anúncios (este modelo está esgotado), nem me envolveria em qualquer negócio que tenha um aspecto físico (presencial) onde eu não tenha uma pessoa-chave de confiança para tocá-lo no dia a dia e ser 'os olhos do dono'. Também não me envolveria em qualquer negócio onde haja muitas variáveis fora do meu controle. E, obviamente, para cada ideia de negócio você tem de fazer o dever de casa, conversar com o maior número de pessoas possíveis naquele ramo, ser cético, criar planilhas de análise de viabilidade, etc.

Ah, e claro: qualquer modismo. Você tem de fazer algo que o menor número possível de pessoas esteja fazendo, e não ser apenas mais um em um mar cheio de gente fazendo a mesma coisa."

Recursos citados

- [Airbnb](#)
- [Emergency](#)
- [Empretec](#)
- [Os Mitos do Dinheiro](#)
- [The Passport Book](#)
- [The Sovereign Society](#)

Capítulo 20

Álvaro Justen

[Álvaro Justen](#), 30, desenvolvedor de software

Sites: [Blog do @Turicas](#), [Curso de Arduino](#)

Morava em: Niterói, RJ

Início da vida nômade: abril/2013

Receita: desenvolvimento de software

Orçamento mensal: R\$ 10 mil

Entrevista: 18/02/2016

Revisão e atualização: 12/04/2017

História

Álvaro é um amigo de longa data, dos tempos que morávamos em Niterói. Assim como eu, também saiu do interior do estado do Rio para fazer faculdade. Foi estudar computação na [UFF](#). Durante o curso, dividiu um apartamento alugado com outros universitários.

Ele teve contato com o conceito de nômade digital através de nós, quando começamos a escrever em nosso blog, em 2011. Quando terminou a faculdade, Álvaro começou a trabalhar de casa. A primeira experiência de trabalho remoto foi para a [FGV](#) enquanto ainda morava em Niterói. Em 2013, ele e os amigos decidiram que estava na hora de encerrar a locação, entregar o apartamento e seguir cada um com sua vida.

O único problema é que ele não sabia para onde ir. Já estava cansado de morar em Niterói. Várias questões o incomodavam, tais como o alto custo de vida, a insegurança e o calor excessivo. Tinha vontade de conhecer diversos lugares e achou que estava na hora de partir para outra cidade, só não sabia qual.

Seus pais sugeriram que ele levasse suas coisas para a casa deles, em Três Rios (RJ). Ele teria um porto seguro lá, sempre que quisesse voltar. Dessa forma, poderia viajar com tranquilidade, até decidir mudar-se para uma nova cidade em definitivo. Assim teve início sua jornada nômade, em abril de 2013.

Começou a viajar para diversos lugares do Brasil enquanto trabalhava remotamente para a [FGV](#). Lá ele podia fazer a maior parte do trabalho de forma assíncrona. Não precisava estar online e em contato com a equipe em nenhum horário específico. Isso possibilitou que ele mudasse de lugar com frequência sem prejudicar o trabalho. Mesmo se ficasse sem conexão com a internet, ele conseguia executar a maior parte de suas tarefas.

Equipe de desenvolvimento remota

A situação mudou no fim de 2014 quando foi trabalhar na [Onyo](#), uma *startup* na área de *food service*, localizada em São Paulo. Álvaro foi o primeiro programador que a empresa contratou. Desde o início, combinou que só trabalharia para a empresa se fosse de forma remota.

Álvaro introduziu a cultura do trabalho remoto na [Onyo](#). Toda a equipe de desenvolvimento, que conta com mais de dez pessoas, trabalha de forma remota. Ao contrário da [FGV](#), Álvaro teve de começar a trabalhar de maneira mais síncrona. Existe uma reunião diária, em que todos os desenvolvedores participam. Eles precisam estar online ao mesmo tempo. De fato, há um período do dia em que se espera que todos estejam sempre online.

Muitos gestores de empresas ainda rejeitam a ideia do trabalho remoto por acreditarem que a produtividade seria menor. Perguntei a Álvaro se ele acredita que seria mais produtivo se a equipe trabalhasse de forma presencial. Ele respondeu: "quando trabalhei na [Onyo](#) e na [FGV](#), os dias em que eu menos produzia eram aqueles nos quais eu me juntava presencialmente com o pessoal (quando eu estava visitando o Rio, por exemplo). Algumas poucas exceções (como [brainstorms](#)) podem ser mais produtivos pessoalmente. De qualquer forma são tarefas que nem sempre preciso executar."

Também lhe questionei sobre eventuais perdas que podem ocorrer quando todos trabalham de forma remota. A resposta foi: "acredito que todos têm de cuidar bastante da comunicação no trabalho remoto. Quando

você está no mesmo lugar físico com alguém, é natural você passar conhecimento sobre o projeto de maneira não-estruturada: durante o almoço, ou quando você encontra alguém no café, por exemplo. Porém esses encontros não acontecem de forma remota. Nesses casos, as metodologias de trabalho podem ajudar a sistematizar os processos para que isso não se torne um problema."

Embora desenvolvimento de software seja um trabalho perfeito para ser feito de forma remota, não é tão comum encontrar desenvolvedores de software que sejam nômades digitais, especialmente no Brasil. Sobre isso, Álvaro comentou: "vejo uma cultura ainda muito conservadora no Brasil, que impede que a maior parte dos trabalhadores que poderiam trabalhar remotamente o façam. Além disso, sinto falta de coragem nas pessoas para fazer algo diferente."

Assim mesmo, Álvaro conseguiu convencer a [Onyo](#) a contratar ele e o restante dos desenvolvedores de forma remota. Trata-se de um feito notável, sobre o qual comentou: "eles estavam bastante dispostos a me contratar e eu consegui mostrar, com exemplos de minha própria experiência, que todas as tarefas que envolviam meu trabalho poderiam ser feitas de forma remota. Além disso, mostrei que financeiramente compensava para eles, pois não precisariam manter um escritório e estrategicamente também, pois poderíamos contratar pessoas incríveis de qualquer lugar do planeta - o que seria muito difícil se o trabalho não fosse remoto."

Álvaro acha que a postura das empresas está melhorando, embora ainda esteja longe do ideal. Elas estão cada vez mais dispostas a contratar pessoas remotamente. Isso é importante porque, segundo ele, "no futuro, as que não estiverem preparadas para um trabalho mais assíncrono reduzirão bastante a possibilidade de contratar bons profissionais."

Para quem deseja buscar um trabalho remoto, ele recomenda que invista no aprendizado do inglês, aprenda a trabalhar de maneira assíncrona e contribua com projetos de software livre. Além de buscar oportunidades em sites genéricos, como [remote OK](#), [Upwork](#) e [Freelancer](#), também sugere buscar em sites especializados em determinadas tecnologias. Quem trabalha com Python, por exemplo, pode buscar no [Python Job Board](#) e no [Django Gigs](#). Nos dois casos é possível filtrar as oportunidades para que apareçam apenas as que permitem trabalho remoto. No caso dele, como é muito experiente e gosta de ensinar, ele também oferece mentorias através do

[hack.hands\(\)](#), uma plataforma onde desenvolvedores podem tirar dúvidas com especialistas em tempo real.

Talvez ainda mais importante seja desenvolver uma boa rede de amigos. Foi através de sua rede que Álvaro conquistou a maioria das oportunidades de trabalho. Foram seus amigos que os indicaram ou o convidaram para os trabalhos. E para que a empresa tenha confiança no trabalho, ele comenta que é essencial demonstrar transparência no que está sendo feito, comunicar-se constantemente com a equipe e adotar uma metodologia de trabalho.

Ferramentas de apoio ao trabalho remoto

Para realizar seu trabalho, Álvaro usa as seguintes ferramentas no dia a dia:

- E-mail: [G Suite](#) (antigo Google Apps for Work)
- Comunicação instantânea: [Slack](#)
- Hospedagem e revisão de código: [Gitlab](#) e [GitHub](#)
- Deployment e hospedagem de aplicações: [Heroku](#)
- Gestão de tarefas: [Trello](#) e [Asana](#)
- Gestão do tempo: [Toggl](#) e [Harvest](#)

Contratação pela CLT

A [Onyo](#) optou por contratar os desenvolvedores dentro do regime [CLT](#). A empresa recebe aporte de capital de investidores externos, os quais exigem que todas as contratações sejam feitas de forma convencional, através da [CLT](#). Isso impôs algumas limitações na mobilidade de Álvaro. Segundo explica, a [CLT](#) não foi projetada para lidar com trabalho à distância. Assim mesmo, várias empresas brasileiras o adotam. Até mesmo algumas empresas públicas têm permitido que seus funcionários trabalhem de casa, ao menos parte da semana. É o caso do [Serpro](#), por exemplo.

Os gestores da [Onyo](#) se comprometeram a buscar uma assessoria jurídica para avaliar possíveis problemas legais causados pela contratação de pessoas de forma remota. Em especial, temiam problemas no caso de

essas pessoas estarem trabalhando fora do Brasil. Combinaram com Álvaro que ele poderia trabalhar remoto, mas o faria apenas dentro do Brasil em seu primeiro ano de empresa, 2015.

Trabalho síncrono

Assim que começou a trabalhar na [Onyo](#), Álvaro sentiu o impacto do modelo de trabalho mais síncrono. Mudar de lugar com frequência se tornou mais desafiador. Ele já não podia mais se dar ao luxo de ter problemas de conexão com a internet. A necessidade de estar online em determinados momentos do dia também o impossibilitou de mudar de lugar a hora que bem entendesse. Teria de reservar as mudanças para os fins de semana e ter atenção com eventuais diferenças de fuso horário.

Álvaro passou a ficar mais tempo em cada destino. Um dos primeiros foi Porto Alegre, onde alugou um apartamento por quase três meses. Depois passou outros tantos meses em outras capitais, tais como Curitiba e Belo Horizonte.

A [Onyo](#) cumpriu o combinado. Buscou uma consultoria jurídica e formulou uma estratégia para permitir que seus funcionários, ainda que submetidos à [CLT](#), trabalhassem de qualquer lugar do mundo. Álvaro estava liberado para trabalhar de onde quisesse, ainda que fosse fora do Brasil.

Equador

Álvaro tem alguns amigos no Equador, tinha certa curiosidade de conhecer o país e vontade de aprender espanhol. Para lá ele foi e viajou por diversos lugares do país, até estacionar em Quito. É onde estava quando o entrevistei para o livro. É um destino pouco citado por nômades digitais, porém com aspectos atrativos, como me relatou.

Álvaro contou que o Equador possui uma grande diversidade de cenários em um território relativamente pequeno. Tem serra, praia, floresta amazônica, vulcões, grandes elevações e muitas belezas naturais. Em pouco tempo, teve a chance de conhecer lugares bem distintos, todos no mesmo país.

O custo de vida é relativamente baixo. Comida e transporte são baratos, por exemplo. Ele paga US\$ 3,75 em um almoço executivo que inclui sopa,

prato principal, suco de fruta natural e sobremesa (em um restaurante vegetariano). Há uma grande variedade de frutas lá. É algo que ele, como vegetariano, aprecia bastante. A passagem de ônibus em Quito custa US\$ 0,25 e as passagens que pagou para se locomover entre as cidades foram igualmente baratas, cerca de quatro vezes menos do que pagaria no Brasil para percorrer distâncias equivalentes.

Embora esteja bem na linha do Equador, Quito não é uma cidade quente. Está localizada a 2800 metros acima do nível do mar, sendo que algumas partes da cidade podem passar dos 4000 metros. Conta com temperaturas amenas, que variam, em média, de 10 °C a 20 °C durante todo o ano, com baixa umidade. Álvaro se sentiu seguro por lá, embora tenha mantido as precauções habituais, afinal viveu tempo suficiente no Rio para aprender a estar sempre alerta. Ele conta que a boa qualidade de vida e o baixo custo atraem muitos estrangeiros, especialmente americanos e alemães que frequentemente se mudam para lá, principalmente para uma cidade mais ao sul, chamada Cuenca.

O desafio para ele foi a conexão com a internet. Não é das melhores em grande parte dos lugares por onde passou. Houve alguns em que conseguiu trabalhar, mas a conexão era excessivamente lenta e com perdas de pacotes que impossibilitavam um trabalho fluido e sem estresse.

Para buscar acomodação, Álvaro utiliza o [Airbnb](#) na maior parte dos lugares. Já no Equador, teve dificuldade, pois havia menos oferta de imóveis no site. Até por isso os valores eram relativamente altos. Ele explica que ainda não há muita cultura de uso do [Airbnb](#) no país. Nem mesmo imobiliárias são usuais. O mais comum é o pessoal andar pela cidade, procurar as placas de "aluga-se" e fazer contato com os proprietários diretamente. Eles costumam fazer as locações com menos burocracia que no Brasil.

Como os imóveis são grandes, ele optou por alugar um quarto para pagar um valor mais acessível. Assim mesmo, como estava um pouco inseguro, preferiu fazer uma locação inicial de apenas cinco dias através do [Airbnb](#). Chegando lá, gostou do local e negociou diretamente com a dona uma estadia mais longa por um valor menor. Também fez o pagamento diretamente a ela. Dessa forma, evitou as taxas do [Airbnb](#). É uma estratégia que eu mesmo uso com frequência.

Saúde

Álvaro já teve alguns eventos médicos em sua vida nômade. Ele tinha desvio de septo e sempre quis fazer uma cirurgia. Gostou muito dos médicos em Curitiba e fez a operação lá. Ficou satisfeito.

Infelizmente o mesmo não pôde dizer de uma situação que vivenciou em Praga, na República Tcheca, onde se acidentou tomando banho. Escorregou na banheira e fraturou uma vértebra. O atendimento médico foi um tanto traumático. A médica não falava inglês e ele teve de resolver tudo através de mímica. Ficou bastante preocupado sobre a medicação que lhe foi receitada, temendo que a médica não tivesse compreendido seus sintomas.

Já no Equador, Álvaro teve uma infecção intestinal séria. Ele conta que as condições de higiene não são das melhores. Isso provavelmente foi o que causou a infecção e o levou a uma internação. Precisou passar uma noite internado no hospital.

Desvantagens da contratação pela CLT

A questão médica nos remete de volta a um dos aspectos delicados da [CLT](#). A empresa em que trabalhava pagava um plano de saúde para ele, cuja cobertura é nacional. Felizmente também cobre emergências em viagens de até três meses até um certo valor. Foi o que o salvou no Equador. Em todo caso, se fosse possível, ele preferiria receber o pagamento como prestador de serviço. Isso lhe permitiria escolher livremente um plano de saúde nacional ou seguro de saúde internacional.

Outra desvantagem para ele é o tíquete alimentação que ele só podia gastar no Brasil. Se recebesse o valor em dinheiro, poderia gastá-lo em qualquer lugar do mundo. Como não era o caso, teve de deixá-lo com os pais enquanto estava no Equador.

Rotina de trabalho

Criar uma rotina de trabalho é uma dificuldade que enfrenta desde que começou a viver como nômade digital. Acha difícil equilibrar o trabalho com o desejo de conhecer a cidade em que está morando. Com o tempo, foi melhorando. Começou a praticar meditação e isso o ajudou a ter mais foco.

Passar mais tempo em cada cidade também contribuiu para diminuir sua ansiedade de sair para explorar os lugares. Inclusive comentou que se

tivesse começando a vida nômade hoje, a principal mudança seria justamente passar mais tempo em cada cidade (idealmente de dois a três meses) e se aprofundar mais na cultura local.

Quando começou a trabalhar na [Onyo](#), viu-se forçado a criar uma rotina mais rígida. Passou a planejar com cuidado as tarefas de cada dia. Toda noite ele define o que fará no dia seguinte e estabelece as metas do dia. Além disso, adotou um horário fixo para começar e terminar o trabalho.

Ter um horário de término e metas claras está lhe ajudando bastante. Como quer ter a chance de conhecer o lugar em que está, ele corre para fazer tudo o que planejou até o horário de término. Assim consegue trabalhar com mais foco.

Forma física

Um ponto que negligenciava é o cuidado com a forma física. Praticamente não malha. Gosta de pedalar, porém não encontrou muitas oportunidades de fazê-lo durante as viagens, principalmente em cidades com muitas ladeiras, como Belo Horizonte e Quito. Quando estava em Porto Alegre, caminhava bastante pela cidade, porém não manteve a prática em outros destinos. Assim mesmo, procura ao menos alongar-se e meditar todos os dias. Isso lhe ajuda a manter o bom funcionamento do corpo. Um ponto que o incomodou muito em algumas acomodações foi a cama: não consegue se adaptar a certos tipos de colchão.

Atualmente traçou algumas metas e caminha em torno de 8000 passos por dia, com o auxílio de uma pulseira/relógio que o alerta quando está muito tempo parado, além de ajudá-lo a despertar mais fácil (durante os períodos mais leves do sono).

Integração com outras culturas

Quando perguntei-lhe sobre os principais desafios de sua vida nômade, ele disse que tem uma grande preocupação com sua integração em outros países devido à barreira do idioma e às diferenças culturais. Ele achou as pessoas de Quito um pouco mais fechadas que no Brasil, por exemplo. Assim mesmo, entrou em contato com comunidades de desenvolvimento de software de lá e foi bem acolhido. Inclusive organizou alguns eventos sobre a linguagem Python quando estava lá! Nos demais lugares por onde passou,

usou eventos do [Couchsurfing](#) e espaços de *coworking* para entrar em contato com os locais. Como a maioria dos casos foi no Brasil, não houve problemas com o idioma.

Câmbio

A moeda oficial do Equador é o dólar americano, o que facilita questões de câmbio: se você já tiver dólares em mãos, não precisa se preocupar com variações de câmbio locais. Álvaro contou que conseguiu, inclusive, comprar dólares em Quito usando reais com uma cotação melhor do que teria conseguido no Brasil.

A má notícia é que a temporada no Equador coincidiu com um dos momentos de pior desempenho do real. Foi então que percebeu o quanto ficava vulnerável tendo seu salário na moeda brasileira.

Bancos

Bancos também lhe preocupam. Ele teve um problema sério quando seu acesso à conta do Banco do Brasil foi bloqueado. Por sorte estava em Curitiba. Foi a uma agência do banco e conseguiu resolver tudo. Eventualmente descobriu que o problema foi causado pelo uso de uma versão antiga do Java em sua máquina.

Ficou preocupado com a possibilidade de passar por problema semelhante fora do Brasil. No mais, está satisfeito com o banco. Especialmente com o aplicativo do *smartphone*, com o qual consegue fazer tudo. Ele optou por transformar sua conta em digital, o que lhe garante o uso dela sem pagamento de tarifas mensais e acesso a transações eletrônicas (como TED) gratuitas. Para cartão de crédito, adotou o [Nubank](#), pois não cobra anuidade. Está bastante satisfeito.

Comida

Álvaro é vegetariano e, por isso, explica que nem sempre consegue comer bem. Em alguns lugares, como no nordeste brasileiro ou em Montevideú, existe uma forte cultura de colocar carne em diversos pratos e as opções sem carne nem sempre são saudáveis ou saborosas. Há cidades em que os garçons oferecem peixe, frango ou algo contendo queijo e

presunto quando ele diz que não come carne. É uma questão cultural. Ele consegue ver a quantidade de vegetarianos nos lugares a partir desses detalhes. Por outro lado, há cidades, como Porto Alegre e Curitiba, que são paraísos para vegetarianos e veganos. Possuem diversos restaurantes especializados nesse tipo de comida e, mesmo nos que não são, é possível comer bem pagando um bom preço.

Outra dificuldade, principalmente fora do Brasil, foi se adaptar às diversas comidas locais. Sempre sente saudades do arroz com feijão, da forma como os brasileiros temperam as comidas e de outras comidas típicas.

Vida seminômade, projetos atuais e futuros

Logo depois de sua estadia no Equador, no começo de 2016, decidiu sair da [Onyo](#) para ficar alguns meses sem trabalho. Álvaro sempre trabalhou com um planejamento financeiro, o que o ajudou a montar uma reserva. Ela foi fundamental quando ele decidiu tirar um ano sabático para aprender coisas diferentes e rever sua forma de trabalho.

Nessa época, surgiu seu interesse pela hipnose. Como tinha todo o seu tempo livre, mergulhou a fundo nessa área. Foi a diversos cursos e congressos, conheceu bastante gente do mercado e ganhou experiência hipnotizando centenas de desconhecidos. Uma experiência que até mesmo pessoas que estão na área há mais tempo não possuem, por não terem tanta disponibilidade de tempo para se dedicarem ao assunto.

Atualmente trabalha também com sessões terapêuticas usando hipnose, além de continuar hipnotizando desconhecidos nas praças por onde passa, a fim de desmitificar a hipnose e mostrar como ela pode ser útil para mudanças de hábitos, resolução de traumas, fobias e outras coisas.

Depois da imersão na hipnose, voltou a trabalhar com software, agora de maneira quase totalmente assíncrona: é desenvolvedor em projetos web da [SimpleFractal](#) (empresa estadunidense), instrutor de programação e técnicas de análise de dados para jornalistas na [Escola de Dados](#), analista de dados no [Gênero e Número](#) e mentor de programação em um novo projeto próprio, o [Pythonic Café](#).

Após alguns anos sem residência fixa, Álvaro decidiu, no fim de 2016, adotar um lugar onde pudesse passar mais tempo, para que pudesse focar menos em conhecer lugares e mais em relações de longo prazo e em

projetos pessoais. Apaixonou-se por Curitiba e está vivendo lá desde o começo de 2017. Porém as as viagens não param. Continua viajando bastante para visitar amigos e ir a congressos.

Para o futuro, pensa em aumentar a atuação com desenvolvimento de software no exterior, montar um programa mais amplo de ensino de programação para quem não é da área (incluindo cursos online) e finalizar a montagem de seu consultório de hipnose em Curitiba.

Enquanto estava viajando, ele teve dificuldade para gravar cursos online. Além do trabalho no dia a dia, ele gastava muito tempo conhecendo as cidades e era um desafio encontrar bons lugares para fazer as gravações. O fato de estar sozinho também tornava mais difícil operar os equipamentos necessários para as gravações. Ele cita a dificuldade que tinha de configurar o foco manual da câmera, por exemplo. Como agora pretende passar mais tempo parado no mesmo lugar, já comprou equipamentos melhores e mais fáceis de operar. Está escrevendo os roteiros de alguns cursos.

No futuro, Álvaro pensa em tirar um tempo sem trabalhar e talvez fazer trabalho voluntário em fazendas orgânicas através do [WOOOF](#). Ele gosta de plantar e ter um contato mais próximo com a natureza. Pensa em ter uma casinha no futuro, talvez uma chácara, onde possa plantar e montar coisas. Ele gosta muito de tudo que é relacionado ao DIY (*do it yourself*) ou "faça você mesmo".

Recursos citados

- [Airbnb](#)
- [Asana](#)
- [Couchsurfing](#)
- [G Suite](#)
- [GitHub](#)
- [Gitlab](#)
- [hack.hands\(\)](#)
- [Harvest](#)
- [Heroku](#)
- [Nubank](#)
- [Slack](#)
- [Trello](#)

- [Toggl](#)
- [WOOF](#)

Capítulo 21

Dani e Leo

[Daniele Evaristo Pinna](#), 36, arquiteta
Leonardo Dantas Pinheiro, 36, arquiteto
Artur Pinna Pinheiro, 3

Site: [Infinita Highway](#)

Moravam em: Niterói, RJ

Tempo de transição: 1 ano

Início da vida nômade: fevereiro/2011

Receita: venda de fotos online e prestação de serviços

Entrevista: 26/02/2016

Revisão e atualização: 17/04/2017

História

Tem hora que é melhor não parar para fazer conta. Quem tem um emprego e sonha em conhecer o mundo se desespera quando faz os cálculos e descobre que, viajando apenas trinta dias por ano, precisa de muitas vidas para experimentar tudo que o planeta tem para oferecer. Dani e Leo fizeram esse cálculo. Além disso, em 2009, receberam uma valiosa lição sobre a fragilidade da vida.

Dani e Leo estudaram arquitetura na [UFE](#) e tinham seus respectivos empregos. Como tantas outras pessoas, perdiam horas no trânsito todos os dias no vai e vem entre casa e escritório. Para o fim daquele ano (2009), planejaram tirar férias e embarcar em uma excursão para o Egito. O que não imaginavam é que a mãe de Leo seria diagnosticada com câncer.

Nessa época, eles moravam no Rio, na Barra da Tijuca. A mãe dele morava em Niterói. Para facilitar o tratamento, ela foi morar com o casal

por um tempo. Dani e Leo tiveram a oportunidade de presenciar pela primeira vez o sofrimento de uma pessoa querida, enfrentando um tratamento doloroso e lutando para manter a vida. Isso lhes fez refletir sobre a vida que levavam e a falta de sentido de muito do que se faz.

A ideia de viajar pelo mundo

Começaram a pensar na possibilidade de mudar de rumo. Talvez fazer uma viagem longa, que lhes desse a oportunidade de apreciar o mundo um pouco melhor. Ainda não conheciam nenhum outro país da América do Sul. Será que poderiam fazer uma viagem de carro pelo continente? Pesquisaram e descobriram que era perfeitamente possível. Outros já fizeram e contaram suas histórias. Mas se dá para viajar pela América do Sul, por que não esticar um pouco e incluir também a América Central? Pensando bem, quem faz América do Sul e Central pode muito bem ir até o Alasca, assim ponderaram.

A ideia ficou no ar, mas nada fizeram de imediato. Além das preocupações do dia a dia, precisavam planejar os detalhes da iminente viagem ao Egito. Fizeram a viagem para lá e voltaram mais decididos.

Deram início ao planejamento em março de 2010. Começaram a pesquisar, a ler, a montar o roteiro e a juntar dinheiro. Queriam poupar o quanto fosse possível, com o firme propósito de partir de carro um ano depois.

Mudaram-se para Piratininga, em Niterói. Foram morar em uma casa ótima, em um lugar tranquilo, onde podiam ouvir os grilos cantando durante a noite. No entanto, quando o Sol raiava, precisavam enfrentar uma jornada épica para alcançar o centro do Rio. Entre ônibus e barcas, o percurso lhes consumia de duas a três horas em cada trecho. Uma insanidade que é parte da rotina diária de milhares de pessoas em Niterói.

Precisavam definir uma data. Não queriam suportar aquele martírio por tempo maior que o estritamente necessário. Decidiram que partiriam um ano depois, no dia 13 de fevereiro de 2011, a qualquer custo. Acharam que tendo uma data exata, não iriam adiar a partida por desculpas e problemas que fossem surgindo ao longo do caminho. Estavam certos, a estratégia funcionou.

Prepararam-se ao longo dos meses seguintes e deixaram o trabalho uma semana antes do prazo estabelecido. No dia 12 de fevereiro de 2011,

reuniram familiares e amigos para a despedida. Saíram no dia seguinte a bordo de um Troller e seguiram rumo à Curitiba, o primeiro destino. De lá continuariam seguindo para o sul até alcançar o Ushuaia. Em seguida, planejavam subir por todo o continente americano até alcançar o longínquo povoado de Prudoe Bay, no extremo norte do Alasca. Entre um e outro, esperavam passar por vinte países ao longo de 15 meses.

É irônico pensar que Niterói exportou dois casais de nômades na mesma época. Eu e Pati também começamos a planejar nossa saída em 2009. Também partimos inicialmente para a Argentina, apenas um mês e meio antes de Dani e Leo, em dezembro de 2010. Ao trânsito de Niterói, dedicamos nosso mais profundo agradecimento. Se não fosse tão infernal, talvez ainda estivéssemos todos morando lá.

Viagem pelo continente americano

A viagem até o Ushuaia correu bem. Eles respeitaram o roteiro e o cronograma. Isso lhes poupou de enfrentar as temperaturas extremas do inverno. De lá em diante, o plano se transformou em uma vaga recordação. Tudo mudou. Iam conhecendo outros viajantes e recebendo sugestões de lugares para visitar que ainda não estavam no roteiro. Assim foram se afastando do plano e da meta financeira.

Assim mesmo, o custo de vida se manteve em uma média de R\$ 2700. Na época, o dólar não tinha uma cotação tão desfavorável. Além disso estiveram em países onde o custo de vida era baixo.

Quando chegaram à Colômbia, precisavam embarcar o carro em um contêiner pois não há estrada fazendo a ligação com o Panamá. Em vez de mandá-lo para a América Central, preferiram enviá-lo diretamente para os EUA. A intenção era conhecer a América Central na volta. Rodaram por seis meses nos EUA e depois foram para o México onde passaram outros cinco meses.

Dinheiro

Dani e Leo juntaram dinheiro suficiente para ir e voltar sem precisar trabalhar. Também tinham a ilusão de que a fabricante do Troller pudesse lhes dar algum tipo de apoio. Afinal iriam desfilar com o carro pelo continente americano e passar por cenários lindos. Poucas pessoas

embarcavam em uma aventura dessas com um Troller. Infelizmente, nunca conseguiram nenhum tipo de patrocínio, seja da fabricante do Troller ou de qualquer outra empresa.

Durante a viagem, Leo começou a ganhar dinheiro vendendo fotos pela internet. Inicialmente ele publicava as fotos no [Flickr](#) para mostrar à família, até que recebeu um convite do [Getty Images](#) para enviar as fotos para o banco de imagem. A empresa percebeu que as fotografias de Leo tinham potencial de venda e ele se interessou. Com o tempo, foi enviando diversas fotos. Todo mês ele vendia algumas fotos e faturava algum dinheiro. Não era muito, mas ajudava. Dani, por sua vez, escreveu para diversas revistas de viagem [off road \(fora de estrada\)](#) enquanto estavam na estrada. Algumas delas (as estrangeiras) lhe pagaram pelas matérias.

Um dos lugares de que mais gostaram no México foi Isla Mujeres, localizada nas proximidades de Cancún. O lugar é lindo e o custo de vida era muito baixo. Conseguiram alugar um pequeno apartamento por apenas R\$ 20 a diária. Isso foi oportuno, visto que o dinheiro estava acabando àquela altura da viagem. Depois de tantas mudanças de planos, perceberam que o montante que haviam juntado não seria suficiente para concluir a jornada.

A perspectiva de seguir para a América Central lhes preocupava porque significava chegar à última etapa da viagem. Eles não queriam que a viagem acabasse e tampouco desejavam retornar ao Brasil. Felizmente, enquanto ainda estavam no México, conheceram um brasileiro que era gerente de um restaurante mexicano nos EUA. Ele convidou Dani e Leo para trabalharem lá.

O casal aceitou o convite e retornou aos EUA, onde foram trabalhar no restaurante para reforçar o caixa. Trabalharam quatro meses lá. Leo tinha praticamente três empregos no mesmo restaurante. Chegava cedo, limpava o salão e ia para a cozinha para trabalhar como auxiliar de cozinheiro. Lá pelas duas da tarde, ia para o banheiro, trocava de roupa e virava garçom. Assim permanecia até às onze da noite.

Era uma rotina pesada, mas gratificante. Eles gostaram de trabalhar com o público e o retorno financeiro foi recompensador. Leo ganhou mais como garçom nos EUA que como arquiteto no Brasil.

Sobre a venda de fotos, perguntei-lhes se seria possível viver apenas dela. Dani respondeu: "pode ser que seja, mas para nós não. Talvez seja necessário mais dedicação, ou melhor, muita dedicação." Se uma pessoa

quisesse viver apenas disso, Dani acredita que ela "precisaria de um bom plano, já que existem muitas pessoas viajando e vendendo fotos. Seria preciso um grande diferencial e muitos contatos. Talvez seja interessante filiar-se a alguma empresa e fazer fotos exclusivas para ela."

Europa

Depois dessa experiência, já com a reserva financeira reforçada, a viagem ganhou novos rumos. Ir para a América Central significava retornar ao Brasil, o que eles não queriam fazer tão cedo. Escolheram ir para a Europa. Enviaram o carro de Baltimore para Barcelona e a viagem recomeçou no continente europeu em novembro de 2012.

Rodaram por diversos lugares na Catalunha, foram para Andorra e depois seguiram para a França, onde Dani começou a sentir-se mal e ter muita indisposição. Não tinha ânimo para andar e fazer os passeios. Fizeram um exame de sangue e descobriram que ela estava grávida.

Aquilo foi inesperado para eles, mas ficaram felizes com a novidade. Quando deu a notícia para a mãe, Leo até brincou, dizendo que não sabia qual seria a nacionalidade do filho. Podia ser francês, alemão ou italiano, dependendo de onde nascesse na Europa. Entretanto, depois da euforia inicial, Dani refletiu e concluiu que seria melhor retornar ao Brasil para ter o filho. Achava que seria egoísmo da parte deles ter o filho longe da família. Leo não esperava por isso. Em um primeiro momento, ficou inconformado. Ela conta que ele chorou a noite inteira diante da perspectiva de interromper a viagem tão cedo e retornar ao Brasil, porém depois percebeu que era o melhor a fazer.

Por um lado, já não fazia mais sentido continuar a viagem. Dani teve uma gravidez complicada. Nos primeiros meses, vomitava todos os dias. Não conseguia reter os alimentos e foi ficando cada vez mais fraca. Quando chegavam a um novo destino, ela não tinha forças para fazer os passeios. Começou a pedir que Leo fosse rodar sozinho e a deixasse no carro descansando.

Eles gastaram muito dinheiro e esforço para enviar o carro para a Europa. Era uma pena que a viagem tivesse de terminar tão cedo. Contudo perceberam que era o melhor a fazer. No Brasil, a situação também estava difícil no âmbito familiar. A mãe de Leo estava lutando contra o câncer,

assim como um tio. A chegada de uma criança poderia causar uma reviravolta positiva e trazer alegria para a família.

Retorno ao Brasil

Enviaram o carro para a Argentina, onde o retiraram depois, e retornaram para o Brasil com uma mão na frente e outra atrás. Chegaram com pouco dinheiro, sem uma casa para ir e sem trabalho. Como não queriam ficar na casa dos pais, Leo logo se movimentou para conseguir um emprego. Foi visitar os colegas na empresa em que trabalhava. Todos ficaram surpresos. Sua antiga chefe lhe disse: "sua mesa e seu computador continuam aí. Se quiser voltar, já pode sentar e começar a trabalhar." Ele mal pôde acreditar. Aceitou no ato.

Foi doloroso retornar para a mesma rotina de antes. Se ele a achava ruim antes de partir, imagine o que sentiu depois de experimentar a liberdade da estrada. Ao menos uma coisa melhorou. Em vez de Piratininga, foram morar no centro de Niterói, próximo às barcas. Ir para o trabalho deixou de ser um sufoco. Ele caminhava alguns minutos até as barcas, atravessava a Baía de Guanabara e caminhava mais alguns minutos até o escritório.

Artur

Artur nasceu e trouxe alegria para o casal e a mãe de Leo que pôde curtir o bebê por alguns meses até falecer. Viajar nunca saiu da cabeça do casal. Enquanto estavam no Brasil, começaram a juntar dinheiro novamente. Esperaram Artur crescer um pouco e logo começaram a planejar a próxima viagem.

Nesse tempo que passaram em Niterói, fizeram muitas viagens de carro para visitar os parentes já que a família de Dani é de Minas Gerais. Por sorte, Artur sempre se comportou no carro. Se adaptou bem as viagens e ficava em paz durante os trajetos. Assim mesmo, o casal não sabia como seria fazer uma viagem mais longa com ele.

Viagem de *motorhome* pela Europa

Pouco depois de Artur completar dois anos, os três foram para a Europa. Dani e Leo queriam viajar pelo continente em um [*motorhome*](#) ([motocasa](#)).

Pensaram em comprar um, porém ficaram preocupados de não conseguir vendê-lo rapidamente no fim da viagem. Além disso, nunca tinham dirigido um *motorhome*, então ficaram inseguros de assumir um compromisso tão grande. Por fim, conseguiram alugar um em Portugal, por 4 mil euros, para um período de três meses. Era um veículo grande, porque tratava-se de um pequeno caminhão 4x4 convertido em *motorhome*. Dani e Leo adoram fazer passeios [*off road*](#) ([*fora de estrada*](#)), então o veículo era ideal para o que estavam buscando.

Ele tinha uma cama para o casal, um cantinho para Artur, cozinha e banheiro. Contava com uma caixa d'água grande, bateria extra e placas solares para gerar energia. Isso lhes dava muita independência e lhes permitia parar para dormir onde bem entendessem. Quando viajaram no Troller, foi bem diferente. Eles podiam dormir na barraca, montada sobre o carro, porém precisavam ficar em campings para ter acesso a banheiro e outras comodidades importantes. Com o *motorhome* passaram a ter total liberdade. A tal ponto que, nesses três meses, dormiram nele quase todas as noites e economizaram bastante com acomodação. Dessa forma conseguiram ter um custo médio de mil euros por mês.

Artur se adaptou bem à vida na estrada. Ele gosta de viajar com os pais, embora lhes dê muito trabalho. Não gosta de ficar preso em um ambiente e tampouco se interessa por ficar diante de uma TV assistindo desenhos. Quer sempre ir para a rua e brincar. Como não tem uma casa fixa, a única constante na vida dele é a presença dos pais. Por isso exige muita atenção do casal. Dani e Leo confessam que não é fácil. Artur parece ter energia ilimitada. É difícil acompanhar o ritmo dele.

Durante a viagem, perceberam a necessidade de criar uma rotina para Artur. Paravam umas duas horas antes do almoço em algum lugar onde Artur pudesse brincar. Foi fácil na Europa porque havia muitos parquinhos. Enquanto Dani preparava o almoço, Leo brincava com Artur. Depois passeavam pela cidade ou seguiam viagem até pararem novamente na parte da noite.

Apesar de todas as vantagens do *motorhome*, ele tinha um grave defeito: não tinha ar-condicionado. Eles começaram a viagem no auge do verão europeu e seguiram pelo sul da Europa onde as temperaturas são particularmente elevadas. Sofreram com o Sol escaldante durante o dia e, à noite, o calor se recusava a abandonar o veículo. Dormiam mal. Dani começou a querer passear em *shopping centers* para poder se refrescar no ar

condicionado. Para tristeza dela, não os encontrava no interior da Europa. Quando chegaram ao sul da Itália, o calor e o estresse eram tão grandes que quase deu separação. Dani conta que queria largar Leo e sair correndo para qualquer lugar onde pudesse se livrar daquele calor.

O ritmo também foi excessivamente puxado. Eventualmente perceberam que era preciso ter um momento para Leo sair e fotografar, um outro para conhecerem o lugar com calma e mais outro para procurar atividades para crianças. O ideal seria passar pelo menos quatro dias em cada cidade maior, o que não aconteceu.

Retorno ao México e EUA

Eventualmente decidiram encerrar a viagem de *motorhome* e a etapa na Europa. Foram mais uma vez para o México, para Isla Mujeres, com o objetivo de parar por um tempo. A essa altura, Artur precisava desfraldar e era importante que eles ficassem parados por mais tempo em um único lugar. Eles também queriam aprimorar o [site](#), para que pudessem começar a oferecer a venda de fotos através dele.

O dinheiro que guardaram no Brasil foi importante para eles saírem com uma reserva financeira que lhes desse um mínimo de segurança. Além disso, os rendimentos das aplicações financeiras colaboram para a receita mensal deles.

No retorno ao México, Leo também conseguiu alguns trabalhos para fazer por lá. Ele fechou um acordo com um bar para fazer todo o projeto de arquitetura dele. O lugar é temático, sobre luta livre. O dono queria que o projeto fosse feito por um estrangeiro, que não estivesse habituado à cultura de luta livre, tão presente no México. Ele queria dar ao projeto um certo frescor, que lhe afastasse dos clichês que estão associados à luta livre. Contratou Leo para o projeto e adorou o resultado. Daí apareceram outros trabalhos locais, como sessões de foto para a banda que toca no bar, *redesign* dos cardápios e cartões de visita, entre outros.

Trabalhar com arquitetura à distância seria possível, em teoria. Ele poderia continuar a fazer projetos 3D, como já fazia quando trabalhava no Brasil, usando o [3DS MAX](#). O problema, segundo ele, é que este tipo de software demanda o uso de um computador bastante poderoso. Ele acredita que o notebook não seria suficiente.

Depois do México eles retornaram aos EUA. Foram para Orlando e ficaram hospedados na casa de um grande amigo. O mesmo que os empregou em Wisconsin quando estavam viajando no Troller. Foi quando finalmente conseguiram desfraldar Artur, já que não deu certo no México.

Caminho de Santiago de Compostela

Depois de um tempo em Orlando, eles foram para Portugal com o propósito de percorrer o [Caminho de Santiago](#). Escolheram percorrê-lo usando uma [bicicleta tandem](#) e um reboque. Tomando o Caminho Português Central, do Porto, em Portugal, até Finisterra, na Espanha, percorreram uma distância de 347 quilômetros. Artur não ficou de fora. Em alguns momentos ele ia na cadeirinha, na bicicleta, em outros ia no reboque.

Perguntei-lhes quais foram os melhores aspectos dessa viagem e Dani respondeu: "tudo foi mágico, para mim foi a melhor de todas as viagens, foi a única onde senti que tinha me esvaziado. Pode parecer estranho, mas pedalar sem pensar em nada, em nada mesmo, nem mesmo em chegar a Santiago, todo o esforço e dores fizeram com que eu somente estivesse ali de um modo livre e leve como nunca tinha experimentado na vida. Claro que chegar a Santiago foi bom, mas tivemos outra sensação além de objetivo alcançado, era a de que no Caminho a única coisa que importa é o próprio caminho e não o destino. O interessante disso foi conversar com outros peregrinos e descobrir que esta sensação era comum entre eles. Um outro momento que nos marcou mais que ver a Catedral de Santiago, foi rever o mar do alto do morro na chegada à Finisterra. Ah o mar!"

Por outro lado, sobre os desafios, ela comenta: "o primeiro dia é uma alegria, uma emoção, e mesmo com as muitas subidas e o peso, chegamos sorrindo na primeira parada. O segundo dia eu diria que é a fase da negação. Você deseja ficar na cama e quando voltamos a pedalar pensamos em silêncio que loucura era aquela. Do terceiro dia em diante é a fase da aceitação e dali para a frente sentimos dores todos os dias, mas aceitamos que era por nossa escolha e ficamos de certa forma anestesiados com as lições do Caminho, com as palavras de incentivo, com cada etapa cumprida."

Ao longo da jornada, eles se hospedaram nos albergues de peregrinos sempre que havia vaga ou em outros albergues que estivessem disponíveis.

Houve apenas duas ocasiões em que tiveram de dormir em pousadas porque chegaram tarde e as demais opções estavam lotadas.

Dani conta que "Artur ficou encantado com sua cadeirinha e seu atrelado nos primeiros dias. Mais para o meio e final da jornada demonstrava cansaço e dores do sacolejar. No mais ele caminhava comigo quando se entediava, dormia alguns trechos, cantávamos em outros, e brincava sempre nas paradas."

Um dos aspectos mais interessantes dessa jornada foi o aprendizado que tiveram. Dani diz: "sempre achei, e depois do Caminho estou convicta, que deveríamos viver em movimento, trocar e renovar energias, abraçar o novo, sorrir e ajudar estranhos, ser mais gratos, mais abertos e acolhedores. Entender que o destino final pode ser o mesmo, mas que a caminhada é individual e que é importante tornar a caminhada dos outros também melhor. Estar em silêncio também é uma boa resposta, até para nós mesmos."

Durante a jornada, Dani e Leo filmaram inúmeros momentos, com os quais produziram esse [vídeo maravilhoso](#). É difícil assisti-lo e não querer embarcar em uma jornada como essa.

De volta às origens

Depois do Caminho de Santiago, a família voltou para o Brasil, em agosto de 2016, e se instalou em Santos Dumont (MG), onde Dani nasceu. Desde então, Leo segue trabalhando com fotografia, fazendo projetos de arquitetura e de decoração. Não voltou a trabalhar em nenhuma empresa dessa vez. O casal também está abrindo uma loja online para vender roupas infantis, atendendo a um pedido das mães que gostam das roupas de Artur.

Impressões sobre os destinos que visitaram

Perguntei-lhes quais foram os destinos que mais lhes marcaram ao longo das viagens. Dani respondeu: "o México em geral, por sua diversidade, tanto cultural quanto em relação às paisagens. O Alasca por seu caráter selvagem e pelas auroras boreais. A Patagônia e a sensação de voltar a tempos remotos em um lugar também remoto com clima duro, mas com noites estreladas. As Dolomitas no norte da Itália, com os picos nevados e

os campos verdes no verão. Paisagens de tirar o fôlego. Dirigir margeando a Cordilheira dos Andes."

Viagem com filho

Muita gente achou que viajar seria ruim para Artur. No entanto os pais percebem que é exatamente o oposto. Enquanto viaja, Artur vive novas aventuras e experiências todos os dias. É uma criança sociável. Se entrosa rapidamente com as demais crianças, ainda que não compreenda o que elas falam em seus idiomas nativos. Até pouco tempo, desenvolvia sua linguagem própria, que tinha traços de português, espanhol, inglês e qualquer outro idioma do lugar em que estivesse.

Quando alguém critica a decisão de levar Artur na viagem, Dani questiona: "se pudesse voltar no tempo e viver sua infância novamente, você teria preferido ficar preso em uma sala de aula ou viajar pelo mundo?" Invariavelmente, a pessoa se coloca pensativa e percebe que também teria preferido viajar.

Aos poucos, eles acham que as pessoas estão ficando mais receptivas a essa ideia. Muita gente assistiu aos episódios de [Nalu pelo mundo](#) e começou a compreender que é possível criar uma criança enquanto se viaja. Não se trata de nenhuma loucura.

Quando ainda não tinham Artur, escutavam muita gente dizendo que eles só conseguiam viajar porque não tinham filhos. Dani e Leo não diziam nada, mas achavam que aquilo era só uma desculpa. Hoje têm certeza. Segundo eles, as pessoas que levam vidas convencionais frequentemente embarcam em uma rotina de conformismo e consumismo que as impede de realizar seus sonhos. Elas só acumulam. Quando sobra algum dinheiro, compram um *smartphone* novo ou uma TV maior enquanto poderiam canalizá-lo para realizar seus sonhos. Quando têm filhos, os inundam de brinquedos como se isso fosse necessário ou como se fosse o melhor que se pode fazer por uma criança.

Eles queriam fugir dessa vida de acúmulos. Antes de embarcar na viagem pelo continente americano, ficaram apreensivos com o pouco espaço no carro. Acharam que seria difícil carregar todas as coisas que imaginaram ser necessárias. Anos depois, quando o carro voltou para o Brasil, descobriram que vários itens nunca chegaram a ser usadas.

Quando estavam no México, Artur tinha poucos brinquedos. Possuía umas massinhas de modelar, um caderno de colorir e uns carrinhos pequenos. Até por isso, preferia sempre brincar do lado de fora. Não tinha muito com que se distrair dentro de casa. Nos voos noturnos, dorme a maior parte do tempo. Nos diurnos os pais assistem filmes com ele, desenham juntos e dão voltas pelos corredores. Artur fica bem e sem choro.

Uma coisa que eles sentem falta quando estão na estrada é do contato com outras famílias que também viajem com crianças de forma permanente. Existem alguns exemplos espalhados pela web, como é o caso do [WorldSchoolFamily](#), uma família com sete crianças que vive de forma nômade desde 2007. Porém não conseguem trocar ideia com muita gente que viva assim.

Reações à presença de Artur em cada país

Um desafio que não previam é o convívio com os pais de outras crianças. Eles notaram que o comportamento das crianças é bastante diferente em países como Inglaterra e França, por exemplo. Contam que durante a viagem de *motorhome*, costumavam parar no McDonald's para ter acesso à internet. Nessas ocasiões, deixavam Artur brincando nos brinquedos da lanchonete. Às vezes achavam que não havia mais nenhuma criança, porque só escutavam a voz de Artur. Ele gritava, pulava, trepava em tudo e fazia a maior algazarra. As outras crianças, ao contrário, estavam sempre caladas e comportadas. Os pais delas olhavam feio para Dani e Leo, como se não ensinassem bons modos ao filho.

Outra situação inusitada aconteceu na França. Passando diante de uma linda loja de brinquedos, Artur colou o rosto na vitrine e ficou de boca aberta olhando para os brinquedos multicoloridos. Segundos depois, a dona da loja saiu com um paninho e álcool para limpar o vidro, no lugar onde Artur tinha colado o rosto. E, claro, fuzilou os pais com o olhar. Dani e Leo só se sentiram aliviados quando chegaram à Itália, onde as crianças faziam tanta algazarra quanto Artur e se comportavam como... crianças.

Saúde

Uma grande preocupação das pessoas é com a saúde da criança. Artur praticamente não tinha ficado doente até eles retornarem para Isla Mujeres.

Lá ele começou a interagir com mais pessoas, de todas as partes do mundo. Eventualmente começou a ter febre. Dani e Leo o levaram ao médico. Ele examinou, viu que não havia nenhum problema grave, passou uma medicação para baixar a febre, recomendou repouso e pediu que os pais o observassem. O problema passou.

Os três sofreram com problemas de saúde nessa segunda temporada na ilha. Artur teve duas viroses com tosse forte, febre alta e diarreia; Leo teve crise asmática e Dani desidratou duas vezes. Ela explica que, em determinadas épocas do ano, a ilha recebe ventos de vários lugares que levam pólen, os quais causam reações alérgicas. Além disso, havia muita gente de todas as partes do mundo, o que contribuiu para espalhar as viroses.

Tirando estes episódios em Isla Mujeres, que foram resolvidos com repouso e antitérmico, Artur nunca apresentou nada grave, nem mesmo ao ingressar na escola, como acontece com muitas crianças. A maior dificuldade que enfrentam no momento é fazer Artur voltar a comer bem. Dani diz que ele ficou seletivo e com pouco apetite, mas está dentro do peso e acima da altura para a idade.

Dani e Leo já viajaram com seguro de saúde do [World Nomads](#), mas não gostaram da experiência devido à franquia. Nas vezes em que precisaram de atendimento médico, foi mais barato pagar a consulta diretamente que acionar o seguro.

Educação

Uma cobrança recorrente dos familiares é sobre a educação de Artur. Dani e Leo não têm grande apreço pelo modelo escolar tradicional e não acreditam que ele seja a única forma de educar Artur. De fato, acreditam que ele já está aprendendo mais viajando do que aprenderia se estivesse na escola. Ele aprendeu as cores e os números, por exemplo, não porque estivesse em uma sala de aula, mas porque teve curiosidade natural. Eles gostariam de tardar ao máximo o ingresso dele em uma instituição de ensino. Por enquanto, preferem ser os responsáveis diretos por sua educação e fazê-lo interagir diretamente com o mundo.

Na época em que conversamos, Artur ia para a praia todos os dias, no México. Ele nadou com golfinhos, conheceu diversos animais, viu um monte de peixes e brincou com outras crianças. Ele não estava em uma sala

de aula onde a tia fazia um desenho no quadro e dizia: "isso é um peixe". Ele estava dentro d'água, vendo os peixes.

Na idade em que estava, Dani não via necessidade de colocá-lo em uma escola. Acreditava que ele precisava simplesmente brincar e curtir a infância na companhia dos coleguinhos que ia fazendo pelo caminho.

Quando retornaram ao Brasil, em agosto de 2016, perceberam que Artur sentia falta de estar com outras crianças. Encontraram uma escola que segue a [Pedagogia Waldorf](#). Matricularam Artur na escola e percebem que ele se sente feliz nela. Tem tudo para poder fazer o que Dani e Leo acreditam ser o mais importante nessa fase da vida dele: brincar.

Artur demorou para se soltar e falar em comparação com as crianças da mesma idade. Agora já fala sem problemas. Sua parte motora, por outro lado, é mais avançada que a de outras crianças na mesma idade.

Família e amigos

A ideia de viajar dividiu familiares e amigos quando planejavam partir para conhecer o continente americano. Leo temeu que sua mãe reagisse mal, porém ela os apoiou e sempre acompanhou o que estavam fazendo pelas fotos. Também comentava nos artigos que Dani escrevia no blog. Entre os amigos, teve gente que achou a ideia absurda, assim como outros que acharam legal e gostariam de fazer o mesmo, porém não tinham coragem ou dinheiro. A família ficou apreensiva, mas apoiou.

A história mudou quando partiram pela segunda vez, carregando Artur. Foram severamente criticados. "Como vocês vão levar Artur em uma viagem assim? Como vão tirar a criança do ambiente dela? Como vão levá-la para longe da família? O que vão fazer se ele ficar doente longe do Brasil? O que vai ser da educação dele?" Tiveram de superar estes e outros tantos questionamentos.

Lições aprendidas

Pedi para eles comentarem sobre as principais lições que aprenderam na estrada. Dani respondeu: "ansiedade atrapalha, ter sempre um plano B e C, estar aberto a mudanças e saber renunciar, respeitar a lista de prioridades, entender que o mundo é grande e vai continuar grande mesmo depois de você dar cinco voltas nele, então aceitar que não conhece tudo e manter a

humildade, sobretudo sabendo entrar e sair dos locais que visita mantendo amigos."

Ela também conta que, se estivessem começando uma longa viagem de carro hoje, tentariam utilizar um carro com maior autonomia, onde pudessem dormir, cozinhar, usar banheiro e tomar banho. Além disso, escolheriam os roteiros levando em conta não apenas seus interesses, mas também o custo de cada país.

Planos para o futuro

Quando fiz a revisão e atualização da entrevista, perguntei-lhes quais eram os planos para o futuro. Dani respondeu: "diríamos que o plano não é mais dar a volta pelas Américas, ou pela Ásia ou pelo mundo, o plano é viver, e viver em movimento tendo um lugar que possa nos dar conforto e segurança. Foi esta a razão pela qual estamos agora no Brasil. Para planejar e estudar como lidar com o Artur durante essas andanças. A pedagogia tem ensinado coisas que serão super úteis. Não queremos ser viajantes, queremos viver viajando, como nosso estilo de vida, ir seguindo os instintos e respeitando nossos limites."

Recursos citados

- [Flickr](#)
- [Getty Images](#)
- [World Nomads](#)
- [WorldSchoolFamily](#)

Capítulo 22

Marcus Lucas

[Marcus Lucas](#), 33, empreendedor

Sites: [Libertação Digital](#), [Clube Libertação Digital](#), [Graduate in Japan](#)

Morava em: Cruz Alta, RS

Tempo de transição: 2 anos

Início da vida nômade: fim de 2011

Receita: empreendimentos digitais

Entrevista: 13/03/2016

Revisão e atualização: 27/03/2017

História

Criar um negócio online e viver de renda passiva é um sonho de muita gente que deseja ser nômade digital. Não é para menos. Quem não gostaria de ganhar dinheiro enquanto tem liberdade para viver onde quiser e usar o próprio tempo como bem entender? Trilhar este caminho pode ser recompensador, mas está longe de ser fácil. Assim mesmo, foi o que Marcus Lucas decidiu fazer.

Ele nasceu e foi criado em Cruz Alta, uma pequena cidade no interior do Rio Grande do Sul. Quando morava lá, não havia *shopping center*, cinema, nem outros estabelecimentos encontrados em cidades maiores. A vontade de sair do Brasil se manifestou pouco depois de ingressar nas aulas de inglês.

Vida acadêmica

Marcus deixou a cidade quando ingressou no curso de ciência da computação da [Universidade Federal de Santa Maria](#). Foi um aluno aplicado. Quando estava no terceiro ano, surgiu a oportunidade de apresentar um artigo científico em Las Vegas, onde passou uma semana. Foi a primeira vez que saiu do Brasil.

Quando estava para se graduar, Marcus tentou encontrar uma vaga de estágio em outro país com a ajuda da [AIESEC](#). Fundada por estudantes de várias nações, a [AIESEC](#) ajuda pessoas a encontrar oportunidades de estágio profissional (remunerado) e trabalho voluntário (não remunerado) ao redor do mundo.

Em paralelo, Marcus também buscou uma forma de continuar seus estudos fazendo uma pós-graduação no exterior. O governo japonês oferece uma bolsa de estudos para estudantes estrangeiros conhecida como [Monbukagakusho Research Scholarship](#), para a qual ele se inscreveu.

Para sua felicidade, passou na seleção da [AIESEC](#) e conquistou uma vaga de estágio nas Filipinas. Pouco tempo depois, recebeu também a aprovação para fazer um mestrado no Japão com a bolsa de estudo do governo japonês.

Estágio nas Filipinas

Marcus fez um estágio profissional em uma empresa de TV a cabo de Cagayan de Oro, nas Filipinas. A remuneração era reduzida. Para complementá-la, Marcus trabalhava como *bartender*. Foram cinco meses de labuta. Ao final do estágio, ele e uma amiga começaram a viajar de mochilão pelo país. Foi a primeira vez que se sentiu completamente livre. Adorou a experiência e teve a chance de visitar locações paradisíacas gastando uma mixaria. Lugares como Palawan e tantos outros, nunca saíram de sua memória.

Passou um mês pulando de um lugar para outro e experimentando a hospitalidade do povo filipino. Adorou a simpatia e o calor humano da população local. O tempo que passou nas Filipinas foi sua primeira experiência de viver fora do Brasil e também a que despertou seu interesse em passar mais tempo na Ásia.

Mestrado no Japão

Voltou ao Brasil por um mês, o suficiente para rever a família e se preparar para o Japão, onde ingressou na [Waseda University](#), em um campus localizado na cidade de Honjo, na província de Saitama. Todos os custos da viagem foram cobertos pelo governo japonês. Chegando lá, ele passou a receber uma bolsa mensal no valor de US\$ 1400.

Os primeiros seis meses foram a fase de adaptação. Serve para a universidade verificar se o aluno está apto a cursar a pós-graduação. Marcus foi aprovado e passou os dois anos seguintes fazendo o mestrado na área de telecomunicações. Durante este período, escreveu diversas publicações científicas e teve a oportunidade de fazer algumas viagens acadêmicas. Apresentou artigos em Hong Kong e na Grécia, além de passar dois meses como *guest researcher* (pesquisador convidado) na [University of Bath](#), no Reino Unido.

Emprego no Japão

Quando terminou o mestrado, Marcus mudou-se para Tóquio e foi trabalhar na startup [Become Japan](#), que se dedica à comparação de preços de produtos de consumo. Um serviço semelhante ao que o [Buscapé](#) oferece no Brasil.

A crise financeira de 2008 abalou o Japão e as pessoas começaram a temer por seus empregos. Em algumas empresas, vários empregados foram demitidos. No escritório em que trabalhava, Marcus começou a ver seus colegas cada vez mais apreensivos. Muitos tinham famílias para sustentar e não sabiam o que fariam se perdessem o emprego. Ele começou a temer por seu próprio posto de trabalho.

Este momento foi importante para ele compreender a fragilidade de um emprego. Há tempos já estava incomodado com algumas questões. Por exemplo, qual o sentido de ficar no escritório até o horário estipulado de saída mesmo quando já tinha terminado todas as tarefas do dia? Por que não podia ir embora mais cedo? Essas e outras indagações já lhe faziam pensar sobre a possibilidade de criar um negócio próprio e assumir o controle de seu próprio tempo.

Nessa época, conheceu o empreendedor britânico [Chris Kirkland](#), fundador do serviço [Art Web](#), que ajuda artistas a venderem suas obras de arte pela internet. [Chris](#) lhe sugeriu a leitura do famoso [The 4-Hour Workweek](#), de [Tim Ferriss](#). Marcus seguiu o conselho, leu o livro e se

convenceu de que deveria criar um negócio online para viabilizar seu desejo de viajar o mundo e viver com mais liberdade. Chris lhe deu apoio emocional e lhe serviu de exemplo do que era possível conquistar se optasse pelo caminho do empreendedorismo.

Marcus tinha um amigo na empresa que considerava um mentor. Prevendo que as demissões logo começariam, seu amigo se antecipou. Demitiu-se e foi trabalhar na [Osaka University](#). Diante desse movimento, Marcus concluiu que também era hora de partir. Estava decidido a voltar para o Brasil, rever a família e começar a construir seu negócio digital.

Depois de ler o livro de [Tim Ferriss](#), Marcus começou a pensar em algumas ideias de negócios. Percebeu que muita gente tinha interesse em estudar no Japão usando a mesma bolsa que lhe serviu tão bem. Pensou em criar um guia para ajudar outros alunos a passar na seleção.

Antes de embarcar para o Brasil, ele visitou seu amigo na [Osaka University](#), o qual tinha uma proposta de emprego para Marcus. Àquela altura, por mais que tivesse adorado o Japão, Marcus já não queria mais ficar dependente de uma universidade ou de uma empresa. Buscava independência. Seu amigo insistiu que ele conversasse com o chefe do departamento e lhe expusesse suas condições para aceitar o emprego.

Ainda que estivesse decidido a voltar para o Brasil e já tivesse até as passagens, Marcus aceitou conversar. Explicou ao chefe do departamento que poderia aceitar o emprego se pudesse começar dentro de um a dois meses. Ele se comprometeu com uma carga horária de apenas quatro horas por dia, sendo que trabalharia de casa pelo menos um dia da semana. Além disso, pediu um salário líquido de US\$ 3 mil. Ele queria gastar apenas meio período na universidade para que pudesse dedicar o restante do dia a criar seu primeiro negócio online. Para sua surpresa, o chefe do departamento aceitou as condições. Assim mesmo, Marcus combinou que iria para o Brasil e lhe daria a resposta algum tempo depois.

Transição para a vida nômade

Marcus voltou para o Brasil e preferiu ficar. Recusou a oferta de emprego no Japão e começou a trabalhar em seu primeiro negócio digital. Saiu do Japão com pouco mais de US\$ 2 mil dólares. Sabia que era pouco e que precisaria se virar para sobreviver enquanto seu negócio não decolasse. Sua família tem um apartamento em Tramandaí, no litoral do Rio Grande

do Sul. Marcus foi para lá, onde começou a trabalhar na fase de validação de sua ideia.

Graduate in Japan

Será que alguém teria interesse em comprar seu guia? Seguindo o que aprendeu no livro de Tim Ferriss, Marcus registrou o domínio graduateinjapan.com no fim de 2009. Criou uma página de venda com todas as informações sobre o guia, incluindo o preço e um botão de "Comprar". Tudo isso antes que a obra sequer fosse criada.

Quando alguém clicava no botão, ele apresentava uma mensagem agradecendo o interesse e explicando que o guia estava sendo reformulado. Pedia que a pessoa cadastrasse seu nome, email e motivo do interesse. Prometia avisar assim que o guia estivesse disponível para venda.

Atraiu visitantes para o site e observou o comportamento deles. Muita gente clicou no botão de comprar e se cadastrou ao longo de dois meses. Isso demonstrou que havia interesse no produto e as pessoas estavam dispostas a pagar o valor que ele estava cobrando. Fazia sentido investir na criação do guia.

Pouco depois de chegar ao Brasil, Marcus recebeu a visita de sua namorada japonesa. Antes de sua chegada, preocupado que o dinheiro não fosse suficiente para sustentá-los, Marcus saía para pescar de manhã. Voltava para casa com alguns peixes e os congelava. Se tudo desse errado, ao menos teriam o que comer.

Sua namorada passou três meses com ele. Nesse período, além de concluir a fase de validação, Marcus escreveu o guia. Para acelerar os trabalhos, terceirizou a confecção de algumas partes. Quando lançou o produto, 30% das pessoas que se cadastraram o compraram imediatamente. Finalmente o dinheiro começou a aparecer.

A namorada voltou para o Japão. Marcus ficou sozinho no apartamento perto da praia. Ele conta que nessa parte do Rio Grande do Sul, ficar morando na praia não foi uma experiência tão agradável. Fazia frio, ventava demais e não havia muitas pessoas, a ponto de dar medo. Ele começou a se sentir profundamente solitário e entrou em depressão. Não conseguiu mais ficar lá e mudou-se para a casa dos pais.

Não foi fácil voltar a morar com os pais aos 27, depois de ter vivido quatro anos sozinho no exterior. Tampouco foi simples retornar para o

interior do Rio Grande do Sul depois de morar em uma metrópole como Tóquio. Foi doloroso, sua autoestima foi aniquilada. Assim mesmo, encontrou forças para dar início a seu segundo empreendimento. Com base no sucesso de seu guia, Marcus percebeu que podia ensinar outras pessoas a criar produtos digitais. Além disso, usando suas habilidades de programação, também podia criar um conjunto de ferramentas para auxiliar seus futuros alunos.

Búfalos Geradores de Dinheiro

Seguindo a fórmula que deu certo, fez um novo processo de validação que convergiu na criação de seu produto de maior sucesso, o [Búfalos Geradores de Dinheiro](#). Foi um dos primeiros cursos no Brasil a ensinar o processo de criação de produtos digitais. Começou a desenvolvê-lo em meados de 2010.

Além de treinamento, o Búfalos oferecia diversas ferramentas. Marcus e sua equipe desenvolveram do zero uma área de membros e uma integração com o [Hotmart](#). Foi o primeiro produto do Brasil a oferecer funcionalidades como estas. Também permitia a criação de páginas para captura de emails, geração de manchetes, geração de banners, além de outras funcionalidades valiosas para quem queria lançar um produto digital.

Para implementar o Búfalos, Marcus terceirizou parte do desenvolvimento para um programador no Vietnã. Para os vídeos de treinamento, contratou um locutor profissional que narrava as informações que apresentava através de *screencasts* (videoaulas mostrando ações na tela do computador). Terceirizou o atendimento a clientes para uma empresa de São Paulo, que respondia às dúvidas usando uma base de conhecimento que Marcus criou.

Seguindo os conselhos do [The 4-Hour Workweek](#), Marcus tentou automatizar tudo o que foi possível no Búfalos. Queria que o negócio andasse sozinho, lhe gerasse renda passiva e lhe desse a liberdade de viajar e fazer o que bem entendesse com seu tempo. Ele também fez campanhas expressivas envolvendo uma grande rede de afiliados, em uma época em que isso era novidade no Brasil.

O Búfalos Geradores de Dinheiro foi um sucesso. Marcus teve um ótimo faturamento e conquistou a liberdade que tanto desejava. Entretanto a jornada foi árdua. Seus pais não compreendiam o que ele estava fazendo.

Ninguém a sua volta entendia o que ele tanto fazia trancado no quarto, na frente do computador. Achavam que deveria buscar um emprego, em vez de ficar perdendo tempo tentando criar algo que não levaria a lugar algum.

Busca de um emprego

De tanto insistirem, Marcus sucumbiu e tentou conseguir um emprego. Enviou o currículo para diversas empresas de São Paulo. Como no fundo não queria ser contratado por nenhuma delas, nem se deu ao trabalho de traduzir o currículo do inglês para o português. Recebeu respostas de três empresas e marcou duas entrevistas. Em ambos os casos o processo foi um fiasco.

Para as empresas, era difícil encaixar Marcus em seus quadros. Ele tinha vivido quatro anos no Japão. Fez mestrado e publicou diversos artigos científicos. Era considerado excessivamente qualificado para as posições que estavam disponíveis. Por outro lado, ele próprio não achava razoável trabalhar com tópicos que lhe pareciam pouco interessantes, em posições que pagavam pouco em comparação ao que recebia quando trabalhava no Japão. Por fim confirmou o que já sabia. Não valia à pena abandonar seu projeto em troca de um emprego.

Não é fácil lidar com a resistência da família. Só quem passa por isso sabe o quão duro é criar um produto e assumir riscos, enquanto todos te jogam para baixo e tentam tirar a ideia de sua cabeça. É um esforço heróico que demanda doses hercúleas de disciplina, dedicação e paciência. Felizmente deu certo e compensou.

Com o sucesso do Búfalos, Marcus se sentiu confiante para começar a viver como nômade digital. Sempre teve vontade de conhecer a Tailândia, inspirado por filmes e documentários. Contudo não queria ir para lá sem ter algum tipo de apoio e sem conhecer ninguém. Mais uma vez, recorreu à [AIESEC](#). Através dela, conseguiu encontrar um trabalho voluntário na Tailândia. Já não precisava mais que fosse remunerado, pois estava ganhando bem com o Búfalos. Foi para a Tailândia trabalhar em uma empresa cujo propósito era plantar árvores.

Vida nômade

A ajuda da [AIESEC](#) foi importante não apenas para ele encontrar trabalho. Ela também promove eventos de integração cultural que o ajudaram a conhecer outras pessoas e fazer algumas amizades. Isso lhe ajudou a chegar ao Sudeste Asiático com maior tranquilidade. Ter a companhia de outras pessoas com visão de mundo mais abrangente também foi essencial. No tempo que passou no Brasil, apesar de morar na casa da família, sentiu-se sozinho porque ninguém o compreendia.

Marcus trabalhou como voluntário por três meses. À medida que o tempo foi passando, os gestores da organização se deram conta de suas habilidades com sites. Começaram a lhe pedir para desenvolver inúmeras ferramentas, algo que fugia do que tinha se proposto a fazer. Marcus pediu demissão antes do fim do contrato e começou a viajar para outros países do Sudeste Asiático.

Desde então, fez apenas duas visitas ao Brasil e passa a maior parte do tempo na Tailândia, onde muda de cidade de tempos em tempos. Gostou do país e se habituou a viver lá.

O Búfalos lhe rendeu bons resultados durante aproximadamente dois anos, até que Marcus percebeu um potencial problema com a expressão "geradores de dinheiro". Quando falava sobre ganhar dinheiro com amigos de fora, o assunto era tratado com naturalidade. Entretanto começou a perceber que "ganhar dinheiro" muitas vezes era tratado como um tabu no Brasil. Isso começou a incomodá-lo ao ponto de decidir reformular a plataforma por completo. Encerrou as atividades do Búfalos em outubro de 2013. Seu guia, por outro lado, continua à venda até hoje.

Libertação digital

Em 2014 lançou uma nova marca, a [Libertação Digital](#). Criou o blog e começou a escrever artigos de forma regular, como parte de uma estratégia de marketing de conteúdo para turbinar as vendas de seus produtos. Em seguida, dedicou-se à criação do [Clube Libertação Digital](#), uma versão aprimorada do Búfalos. Com o tempo, o clube se transformou em um dos melhores treinamentos do Brasil para quem deseja montar negócios digitais. Foi todo construído na Tailândia, tempos depois de Marcus ter se tornado nômade digital.

Em toda essa jornada, Marcus se arrepende apenas de não ter aceito o emprego na Universidade de Osaka. Acredita que teria conseguido criar

seus empreendimentos digitais em paralelo ao emprego, especialmente devido às condições que impôs para sua contratação. Ele não teria interrompido seus rendimentos por alguns anos, tampouco teria tido a necessidade de voltar a morar com os pais. É provável que já tivesse alcançado voos maiores se não tivesse saído do Japão.

Marcus adotou a Tailândia como sua base e se reveza entre Bangkok, Chiang Mai e as ilhas ao sul da Tailândia. Para ficar mais tempo no país, ele fazia *visa runs* a cada três meses. Depois de fazê-lo seguidas vezes, a imigração começou a lhe dificultar a entrada. Para solucionar a questão, Marcus ingressou em um curso de tailandês e solicitou um visto de estudante que lhe dá direito a permanecer no país por períodos de tempo mais longos.

Na Tailândia, ele se hospeda em apartamentos alugados ou até mesmo hotéis, já que muitos operam com tarifas acessíveis e aceitam negociar o valor para estadias mais longas. Para encontrar acomodação, usa o [Agoda](#), que é popular no Sudeste Asiático. Às vezes opta pelo [Airbnb](#) ou por sites de classificados locais.

Ainda que goste de viajar, admite que mudar com frequência prejudica o trabalho. Gasta-se tempo demais estudando destinos e pesquisando hospedagens. Também demora para estabelecer uma rotina na nova cidade. Equilibrar viagem e trabalho não é fácil. Ele conhece diversas pessoas que começaram a viajar, tentaram criar um negócio online enquanto estavam na estrada e fracassaram. Algumas gastaram toda a reserva financeira e não alcançaram nenhum resultado. Ele acredita que é preciso parar por longos períodos de tempo, especialmente quando se está construindo algum empreendimento.

Ele próprio passou a viajar mais lentamente. Troca de lugar poucas vezes ao ano. Já visitou outros países do Sudeste Asiático, mas prefere passar a maior parte do tempo em apenas um país.

Saúde

Para manter a saúde, Marcus frequenta academia. Entretanto já ficou doente algumas vezes. Teve seguro de saúde do [World Nomads](#), porém atualmente prefere ficar sem. Em parte porque o atendimento médico é bom e relativamente barato na Tailândia.

Amizades

Quando lhe perguntei sobre amizades, disse que foi mudando ao longo do tempo. Sente que era mais aberto a conhecer pessoas e fazer amigos quando era mais novo. Hoje filtra mais. Prefere conhecer pessoas que estejam relacionadas a alguma de suas áreas de interesse. Faz amizades sobretudo com empreendedores, nômades e aventureiros, além de pessoas que se destaquem em algum tipo de habilidade que ele considere relevante.

Conhecemos Marcus em Chiang Mai quando moramos lá em 2015. Passamos bons momentos juntos, compartilhamos algumas cervejas e demos boas risadas. Ele é muito divertido, mas não era fácil tirá-lo do apartamento, já que passava a maior parte do tempo trabalhando em seus negócios e produzindo aulas para seus alunos.

Marcus já está há tantos anos fora do Brasil, que não se identifica mais com alguns dos valores do país. Tampouco se identifica 100% com qualquer outro país em particular. Sem saber exatamente a que lugar pertence, se considera um cidadão do mundo, apesar de algumas vezes também se sentir solitário. Prefere ficar em um lugar por mais tempo porque lhe dá a oportunidade de conhecer mais pessoas e focar no trabalho, especialmente em suas estratégias de longo prazo. Entretanto, quando permanece tempo demais e começa a entrar na zona de conforto, fica deprimido, o que pode explicar a necessidade de mudar com certa frequência.

Bancos

Marcus já teve problemas com bancos no Brasil. Ele é cliente do Itaú. O banco bloqueou seu cartão sem nenhum aviso prévio. Isso lhe gerou um tremendo aborrecimento. Na época, era o único cartão que tinha. Sequer conseguiu ligar para o banco de fora do Brasil. Precisou da ajuda de parentes para contornar a situação. Foi bastante trabalhoso e ele ficou particularmente preocupado com o acesso ao internet banking. Se também tivesse sido bloqueado, ele não seria capaz de pagar pelos serviços que mantêm seus empreendimentos funcionando. As consequências teriam sido graves.

Esse episódio mostrou que ele precisava ter outros cartões de backup. Desde então, providenciou alguns outros, incluindo o cartão [Nubank](#).

Também usa o [Payoneer](#) para receber pagamentos em moeda estrangeira, além de possuir uma conta corrente na Tailândia, para a qual pode fazer transferências usando o [TransferWise](#).

Planos futuros

Os últimos anos foram difíceis. A crise no Brasil prejudicou os negócios e o preocupou bastante. Para o futuro, Marcus quer direcionar suas energias para outros mercados. Ele é um dos raros nômades digitais brasileiros que vive apenas de seus empreendimentos digitais. Sua história mostra que não foi fácil criá-los, tampouco rápido. Mas valeu à pena. Seu esforço foi recompensado com a liberdade de usar seu tempo como bem entende. Tem dias que trabalha por longas horas, às vezes até envereda pela madrugada. Em outros não faz nada porque não está a fim.

Aos poucos, seu portfólio de produtos está se ampliando e sua marca se fortalecendo. Seus ativos se tornam cada vez mais sólidos através de ações bem pensadas. Ele é um dos poucos que conseguem investir todo o seu tempo apenas em si mesmo e em seus diversos negócios. E todos contam com um elevado nível de automação.

Recursos citados

- [Agoda](#)
- [AIESEC](#)
- [Airbnb](#)
- [Clube Libertação Digital](#)
- [Graduate in Japan](#)
- [Hotmart](#)
- [Monbukagakusho Research Scholarship](#)
- [Nubank](#)
- [Payoneer](#)
- [The 4-Hour Workweek](#)
- [TransferWise](#)
- [World Nomads](#)

Cidades em que morou

- Porto Alegre, Brasil
- São Paulo, Brasil
- Maceió, Brasil
- Manila, Filipinas
- Vilnius, Lituânia
- Bangkok, Tailândia
- Chiang Mai, Tailândia
- Koh Samui, Tailândia
- Catmandu, Nepal

Capítulo 23

Rachel e Leo

[Rachel Paganotto Spencer](#), 31, economista
[Leonardo Spencer](#), 33, administrador

Site: [Viajo logo Existo](#)

Moravam em: São Paulo, SP

Tempo de transição: 9 meses

Início da vida nômade: maio/2013

Receita: aluguel de apartamento, venda de livros, venda de fotos, parcerias com empresas, palestras

Orçamento: US\$ 100 por dia

Entrevista: 07/05/2017

História

Rachel é gaúcha, de Santa Maria, mas cresceu no Mato Grosso do Sul. Mora em São Paulo desde 2004, onde estudou economia. Leo é de São Paulo, onde viveu a maior parte da vida e estudou administração. Também morou por mais de dois anos na Austrália, onde cursou um MBA. Quando retornou ao Brasil, foi trabalhar no Citibank. Lá conheceu Rachel e os dois começaram a namorar.

Quando conversavam sobre o futuro, sempre discutiam a ideia de morar fora do Brasil, de preferência na Austrália, que Leo considerava ideal para viver uma vida mais tranquila, segura e próxima da natureza, como explica [neste artigo](#).

Leo tinha a ideia de começar a planejar essa nova etapa quando chegasse aos 35 anos. Até lá, pensava em trabalhar bastante, juntar dinheiro e viajar

pelo mundo durante as férias. Era o que já vinha fazendo.

Em abril de 2012, viajou com os amigos e passou quinze dias surfando e viajando na Costa Rica. Voltar ao trabalho foi mais difícil que nas vezes anteriores. Leo e Rachel gostavam do trabalho no banco e ganhavam bem. Já acumulavam dez anos de carreira na instituição, tinham uma ótima qualidade de vida em São Paulo e conseguiam viajar com conforto. Entretanto começaram a se questionar sobre o futuro.

Se as coisas continuassem como estavam, não haveria grandes mudanças na vida deles. Provavelmente ganhariam cada vez mais e poderiam juntar mais dinheiro. Talvez trocassem de carro, de computador ou de *smartphone* e fizessem algumas viagens legais nas férias. Porém, no geral, os desafios seriam limitados e tudo seria mais do mesmo.

Um dia, Leo estava conversando com um amigo sobre a ideia de fazer algumas mudanças de vida e seu amigo comentou sobre [Grace e Robert](#). Eles deram uma volta ao mundo de carro e escreveram o livro [Challenging your Dreams - Uma aventura pelo mundo](#). Leo ficou interessado em saber mais e adquiriu o livro de imediato.

Logo percebeu que era possível embarcar em uma aventura semelhante. Restava saber o que Rachel achava da ideia. Para sua felicidade, ela gostou. Em princípio, pensaram em fazer a viagem alguns anos depois, mas Leo percebeu que não deveriam esperar. Aquele era o melhor momento para partir. Ele sentia que se não fossem logo, o mais provável é que nunca fizessem a viagem. Percebeu que com o passar dos anos, iam ficando cada vez mais presos à rotina. Naquele momento ainda eram novos, ainda não tinham filhos e tinham algum dinheiro guardado. Além disso, ele também acreditava que a viagem poderia lhes trazer outras oportunidades profissionais no futuro.

Preparação para a viagem

Passaram-se nove meses entre o momento que tiveram a ideia e a partida para a viagem de volta ao mundo. Durante este período, eles se prepararam da melhor forma que conseguiram e fizeram inúmeros investimentos. Leram livros de casais e pessoas que fizeram viagens semelhantes, entraram em contato com algumas dessas pessoas, começaram a pesquisar preços de diversos itens e montaram um estudo de viabilidade.

Com base no que foram aprendendo, criaram um roteiro usando o Google Maps, o que lhes ajudou a ter uma ideia das distâncias que teriam de percorrer. Daí por diante reuniram-se com inúmeras pessoas, colheram opiniões, críticas e histórias. Assim foram montando o projeto.

Além de pesquisar e ler tanto quanto possível, também fizeram cursos de diversos tipos. Leo já fotografava nesta época, então aproveitou para fazer curso de edição de fotos, [Photoshop](#), [Premiere](#), [Lightroom](#) e tudo mais que pudesse ser útil na estrada, além de investir em uma câmera nova.

O carro escolhido foi um [Land Rover Defender 110 2005/05](#), pelo qual pagaram pouco mais de R\$ 82 mil. Eles o equiparam com armário, geladeira, fogão, barraca (que é instalada sobre o teto), rack, tanque de água, tanque de combustível extra e outros itens úteis. Eles documentaram todas as despesas [neste artigo](#). Você pode ver como o carro ficou, já como os armários, [neste vídeo](#).

Para estimar os gastos que teriam durante a viagem, Rachel e Leo montaram diversas planilhas. Após definirem o roteiro, calcularam quantos quilômetros iriam percorrer, pesquisaram o preço do diesel em cada um dos países, consideraram a autonomia do carro e fizeram uma estimativa do quanto teriam de gastar com combustível na viagem como um todo. Pesquisando em diversas fontes, levantaram também os custos de alimentação e hospedagem pelos lugares onde passariam.

O plano era gastar US\$ 100 por dia. Se tivessem alguma sobra, ela seria usada para cobrir passeios turísticos, envios do carro em navio e outras despesas gerais.

No processo de planejamento, também levaram em conta as épocas do ano. Por exemplo, sabiam que deveriam evitar o Caribe na época dos furacões. Se quisessem fazer turismo na África, teriam de evitar os períodos mais quentes. Da mesma forma, precisariam evitar as monções na Índia. O desafio era encaixar tudo no roteiro, de modo que visitassem os lugares que queriam nas épocas mais apropriadas.

Também criaram uma planilha para as manutenções do carro. Eles colocavam a quilometragem e a planilha informava se estava na hora de trocar o óleo ou fazer algum outro tipo de manutenção.

No fim das contas, conseguiram fazer a viagem com um custo médio de US\$ 107,13 por dia, portanto bastante próximo ao objetivo inicial de US\$ 100 por dia.

Acampamento

Rachel e Leo planejavam acampar com frequência ao longo da jornada, contudo nunca tinham acampado na vida. Então decidiram fazer alguns experimentos. Compraram uma barraca convencional, dessas que são armadas no chão, e [foram passar um fim de semana no PETAR](#), em São Paulo, onde há uma grande concentração de cavernas. Em outro fim de semana, [acamparam em Parati](#), no estado do Rio. Usando essas pequenas viagens, tiveram a chance de fazer um *test drive*.

A barraca oficial, que seria instalada sobre o carro, só pôde ser colocada sobre ele alguns dias antes da partida porque, mesmo desarmada, fazia o carro ficar tão alto que ele não entrava na garagem do prédio onde moravam. No dia em que foi instalada, eles [foram para Campos do Jordão](#), uma cidade serrana em São Paulo, para ter uma experiência de passar uma noite fria na barraca, cozinhar, testar o fogão e verificar os demais itens de acampamento. Felizmente deu tudo certo, caso contrário estariam em apuros. Já tinham pedido demissão do banco e já estava quase tudo pronto para a partida. Esta [série de artigos](#) apresenta mais detalhes sobre a preparação.

A viagem começou alguns dias depois. O primeiro destino era o Ushuaia, na Argentina. Até lá, teriam de fazer inúmeras paradas pelo caminho. A primeira noite que passaram foi em Londrina, no Paraná. Foi também uma das piores da viagem. Leo conta que um primo distante se prontificou a ajudá-los e lhes ofereceu a possibilidade de acampar em sua fazenda. Entretanto [a experiência foi conturbada](#) e lhes mostrou o quanto acampar pode ser desconfortável em certas ocasiões. Partiram de lá com alguns aprendizados valiosos e uma boa história para contar.

Aluguel do apartamento

Para financiar a viagem, eles buscaram parceiros e patrocinadores desde o início. No entanto o plano principal era alugar o apartamento que tinham em São Paulo. Em 2012, a economia brasileira estava em um bom momento e a cotação do dólar era relativamente baixa. Eles mantiveram o apartamento mobiliado e o colocaram para alugar. Assim conseguiram fechar o negócio por um valor um pouco mais elevado. O inquilino era um

inglês que se dispôs a pagar US\$ 3 mil por mês. Era o valor exato que precisavam para financiar a viagem.

O plano era usar essa quantia e não tocar no dinheiro que estava guardado. Queriam manter a reserva financeira intacta para se restabelecerem quando voltassem ao Brasil.

O plano deu certo por um tempo. Pouco depois de um ano o inquilino saiu e os sinais da crise começaram a surgir. Tornou-se impossível alugar o apartamento pelo mesmo valor. Ele ficou fechado por alguns meses até finalmente encontrarem um novo inquilino que fechou o acordo por um valor 30% menor.

Como o real começou a se desvalorizar, o valor que eles passaram a receber no auge da crise passou a corresponder a apenas US\$ 800. Isso os forçou a repensar a viagem e a começar a buscar formas alternativas de financiá-la.

Trabalhos sociais

Rachel conta que sempre quis colaborar com projetos sociais. Durante a viagem, ela tinha a esperança de poder fazer alguns trabalhos voluntários. No entanto, sempre que achava alguma ONG pelo caminho, esbarrava com o mesmo problema. Havia um tempo mínimo que ela precisaria ficar no local para poder contribuir. Contudo eles estavam viajando rapidamente e ficando uma média de apenas um ou dois dias em cada lugar. Nunca dava tempo para Rachel se envolver nos projetos sociais que queria.

Leo sugeriu que eles produzissem *posters*, tentassem vender nas redes sociais e doassem o dinheiro para as organizações sociais. Essa iniciativa começou meses antes de eles terem problemas com a locação do apartamento e foi importante para aprenderem a vender online. Foi o que os motivou, por exemplo, a instalar um [plugin de e-commerce](#) no site quando estavam na Nicarágua, com apenas sete meses de viagem.

Naquele momento, eles já tinham uma presença forte nas redes sociais, especialmente no Facebook. Desde o início da viagem, eles investiram bastante em divulgar a viagem pelas redes sociais. Eles tinham milhares de seguidores, para os quais ofereceram os [posters](#). Conseguiram fazer diversas vendas, porém tiveram a percepção de que as pessoas não se sensibilizavam tanto com a ideia de reverter os lucros para as causas sociais. Normalmente elas compravam porque gostavam das fotos de Leo.

Novas fontes de receitas

Quando perderam o inquilino e perceberam que o aluguel do apartamento já não seria suficiente para cobrir as despesas da viagem, começaram a pensar em formas alternativas de ganhar dinheiro. Criaram uma pesquisa e pediram para seus seguidores responderem. Perguntaram o que as pessoas queriam e receberam em torno de 15 mil respostas.

Algumas pessoas sugeriram vender lembrancinhas dos lugares por onde estavam passando, outras propuseram vender imãs de geladeira, outras recomendaram produtos baseados nas fotos. Havia um pouco de tudo. No entanto muitas das sugestões, por melhor intencionadas que fossem, mostravam-se inviáveis. O custo de produção e envio de certos itens os tornavam proibitivos.

A resposta que mais os chamou a atenção foi: livro de até R\$ 100. Eles não tinham a menor ideia de como fazer um livro, porém a relação custo/preço final parecia mais viável. Era um item que poderia funcionar. Só que há uma grande diferença entre a intenção demonstrada em uma pesquisa e a ação de comprar. Afinal, o que melhor caracteriza a natureza humana que o hábito de dizer uma coisa e fazer outra?

Eles sabiam que buscar uma editora e produzir um livro de forma convencional dificilmente geraria a receita necessária para cobrir as despesas da viagem. A editora lhes pagaria direitos autorais correspondentes a apenas 10% do valor do livro. Por outro lado, não tinham ideia de como produzir um livro por conta própria e havia um risco elevado em fazê-lo. Precisariam investir algumas dezenas de milhares de reais sem saber se venderiam o suficiente para cobrir os custos. Se desse tudo errado, eles gastariam um montante que poderia ser usado na viagem e os livros ficariam parados em algum lugar, sendo comidos pelas traças.

Para solucionar a questão, tiveram a ideia de fazer uma [campanha de financiamento coletivo](#). Era uma excelente maneira de validar se as pessoas realmente estavam dispostas a pagar por um livro deles, como haviam informado na pesquisa. A parte boa é que elas fariam o pagamento antes de o livro ser produzido. Inclusive eles só investiriam em fazer o livro se atingissem a meta da campanha. Caso contrário, não teriam nem os gastos nem o esforço.

O desafio é que, nessa época, as pessoas ainda não conheciam bem o conceito de financiamento coletivo. Muitas achavam que a campanha era para financiar a viagem deles. Ela certamente contribuiria neste sentido, porém o processo de financiamento coletivo era apenas uma forma diferente de vender um produto que as pessoas receberiam tempos depois. Rachel e Leo tiveram de educar seus seguidores através de vídeos explicativos e outras iniciativas que ajudassem a explicar o que era um financiamento coletivo.

Eles fizeram uma [campanha pelo Catarse](#) e a meta era de R\$ 20 mil. Felizmente ela foi alcançada em apenas 5 dias. Quando a campanha chegou ao fim, eles tinham arrecadado R\$ 50 mil para produzir o primeiro livro, o [Viajo logo Existo – um ano na estrada](#).

Como fazer um livro

Com o sucesso da campanha, só faltava um último detalhe: fazer o livro. Mas como? Eles não tinham a menor ideia, porém tinham um compromisso e precisavam descobrir o jeito. Então fizeram o que fazem com frequência, acessaram o Google e começaram a pesquisar. Começaram com a simples pergunta: "como fazer um livro".

Leo tinha a noção de que precisaria usar um software como o [Adobe InDesign](#) para fazer a diagramação. Ele já tinha uma boa noção de como usar o [Photoshop](#), o que ajudava um pouco, porém dominar a parte técnica era apenas uma pequena parte da equação.

Eles também precisavam pesquisar as gráficas e achar uma que pudesse atendê-los. Quando as gráficas perguntavam as especificações do livro, eles não sabiam bem o que responder. No início, enviavam uma foto de um livro semelhante ao que tinham em mente. Daí a gráfica traduzia para termos técnicos que descreviam questões relacionadas ao tipo de capa, [sangria](#), tipo de papel, entre outras tantas que eles não conheciam. Com muito esforço, escolheram a gráfica, selecionaram as fotos, escreveram os textos e prepararam o arquivo final para impressão. Não acertaram de primeira. A gráfica devolveu o trabalho algumas vezes até eles ajustarem os últimos detalhes e enviarem tudo no formato certo.

O livro eventualmente foi impresso e a mãe de Leo foi contratada para fazer a expedição. Rachel fazia as planilhas com as etiquetas, enquanto a mãe de Leo empacotava os livros e os enviava para os compradores. Como

estava aposentada, ela ganhou um novo trabalho, pelo qual é paga regularmente.

Nos anos seguintes, à medida que foram avançando pelo mundo, produziram outros três livros impressos: [Viajo logo Existo no velho continente](#), [Viajo logo Existo na África Selvagem](#), [Viajo logo Existo 1 ano na Ásia e Oceania](#), além de [diversos e-books](#).

Parcerias e venda de fotos

Em 2015, a crise chegou com força e muita gente perdeu o emprego. Rachel e Leo perceberam a necessidade de buscar outras fontes de receitas. Afinal, para quem estava enfrentando os efeitos da crise, talvez fosse difícil separar algum dinheiro para comprar livros de viagem.

Tiveram a ideia de oferecer parcerias para empresas do exterior. Para isso, montaram um plano de negócio em inglês e uma estratégia para abordar as empresas. A desvalorização do real favorecia esta ideia. Quanto mais a moeda brasileira se desvalorizava, mais os dólares investidos em publicidade rendiam.

Além das parcerias, Leo também percebeu a oportunidade de vender suas fotos em bancos de imagens. Seria uma forma de obter uma receita adicional em moeda forte.

Enviar fotos para bancos de imagens é uma atividade trabalhosa. É preciso escolher as melhores imagens, tratá-las de forma cuidadosa, selecionar as palavras-chave, criar uma descrição, exportar a imagem em alta resolução e enviar. Essa última etapa frequentemente era desafiadora, já que nem sempre tinham acesso a uma boa conexão com a internet.

Ao longo dos quase quatro anos de viagem, Leo enviou em torno de oito mil fotos para os bancos de imagens. É um número impressionante, especialmente levando-se em conta o trabalho que dá para preparar cada foto. Vale lembrar que todo o esforço feito para publicar uma foto pode ser em vão, já que não existem garantias de que ela será aceita. Mesmo que seja, é possível que nunca seja vendida e, portanto, nunca dê qualquer retorno.

Leo decidiu investir pesado nessa área. Ele conta que às vezes deitava na barraca, colocava o computador no peito e editava 100 fotos de uma vez até acabar a bateria do equipamento. O esforço valeu à pena. Com o tempo,

eles passaram a ganhar uma receita adicional em moeda forte, o que ajudava a protegê-los das oscilações cambiais.

O desafio de trabalhar na estrada

Conciliar trabalho e viagem é mais difícil do que parece, especialmente quando se viaja de carro. Mover-se de um lugar para outro dá trabalho, consome tempo e quando chegamos a um novo destino, somos atraídos pelas novidades. Queremos conhecer tudo, visitar os pontos turísticos, conhecer novas pessoas, experimentar a culinária local, tirar fotos e apreciar tudo de interessante que o lugar tem para oferecer. Trabalhar é a última coisa que passa por nossa cabeça. A situação melhora depois de alguns dias, à medida que vamos saciando a curiosidade.

No caso de Rachel e Leo, como eles viajavam rapidamente e passavam poucos dias em cada destino, não havia tanto tempo para matar a vontade de conhecer os lugares. Apesar disso e de estarem viajando de carro, eles deram um jeito de produzir muito durante a viagem. Conseguiram se reinventar e criar um negócio saudável durante os anos que passaram na estrada. Fizeram isso com muito esforço, disciplina e inteligência. Quando lhes perguntei sobre essa questão, eles explicaram que tiveram de aprender a viajar e trabalhar da forma mais produtiva possível. Do ponto de vista de trabalho, o foco era produzir com eficiência e entregar continuamente.

No começo, foi difícil encontrar um equilíbrio entre os dois. Leo conta que, às vezes, Rachel queria escrever um texto legal no Facebook, bem pensado, bem escrito, bem revisado e com uma mensagem de impacto, mas que consumia muito tempo. Então ele lhe dizia: "escreve o que dá e publica logo". Ele acredita que mais vale publicar o trabalho rapidamente que esperar até que fique perfeito. É melhor ir polindo o produto com o passar do tempo.

Para compreender o que isso significa, Leo explica que eles fizeram publicações no Facebook praticamente todos os dias da viagem. Ele lembra de um único dia sem publicação, por um problema que tiveram quando estavam no Congo. Isso é uma prova da capacidade que tiveram de produzir e entregar conteúdo com disciplina e responsabilidade.

Para atingir esse nível de regularidade, eles empregavam algumas estratégias. Às vezes chegavam a um novo destino e passavam o dia fazendo turismo. Enquanto passeavam, tiravam fotos, gravavam vídeos e

aprendiam tudo o que fosse possível sobre o lugar. Isso rendia conteúdo para dois ou três dias nas redes sociais. Daí eles passavam os dois dias seguintes parados, trabalhando, produzindo o conteúdo que seria publicado nas redes sociais alguns dias depois. Ou trabalhavam na elaboração dos livros, que era algo ainda mais desafiador.

Para dar conta de tudo, eles criavam metas e as levavam a sério. Como exemplo, Leo cita o período em que trabalharam na elaboração do segundo livro, o [Viajo logo Existo no velho continente](#). Eles escreveram 42 textos de aproximadamente duas páginas (já que grande parte do livro era preenchida com fotos). Eles sabiam que tinham de escrever uma certa quantidade de textos a cada dia. Em um dado dia, por exemplo, haviam definido que teriam de escrever sobre a Bósnia. Eles definiam os tópicos que seriam cobertos e sabiam que o texto tinha de sair, estivessem eles inspirados ou não, porque o dia seguinte já estava reservado para outro lugar.

Eles tinham de parar para produzir porque tinham o compromisso de entregar. E era melhor entregar algo que não estivesse perfeito do que levar um tempo enorme ou não entregar coisa alguma. Essa visão realista e pragmática foi importante para avançarem e alcançarem os objetivos que desejavam, porém havia mais que isso.

Eles trabalharam de forma inteligente. Eles não tinham acesso à internet o tempo todo. Houve vários momentos em que tiveram de ficar desconectados, contudo isso não os impedia de avançar no trabalho. Nestas situações, escreviam os textos para o Facebook e o blog, definiam os títulos dos artigos, selecionavam as fotos a serem usadas, faziam o tratamento delas, exportavam nos tamanhos certos e deixavam tudo pronto. Quando voltavam a se conectar à internet, tudo o que tinham de fazer era programar as publicações. Eles entravam no Facebook, enviavam as imagens, colocavam os textos e definiam a data e o horário em que seriam publicados. Já deixavam a programação feita para vários dias. Dessa forma, quando estivessem na estrada, se ficassem sem acesso à internet por algum tempo, as postagens continuariam a aparecer na [página do Facebook](#). Usaram a mesma estratégia para o [perfil do Instagram](#) e o [canal do YouTube](#). Isso é trabalhar de forma inteligente.

Há um detalhe que eles mencionam de forma brincalhona, mas que também contribuiu: eles não bebem. Às vezes, chegavam ao camping no início da noite e não tinham conexão à internet. Em vez de tomar um cervejinha e relaxar, eles pegavam os notebooks e trabalhavam até a hora de

dormir. Claro que isso ocorria não apenas porque não bebem, mas sobretudo porque gostam de trabalhar.

Ambos gostam de sentar diante do computador e passar horas trabalhando. São apaixonados por tecnologia e têm curiosidade de aprender sobre todo tipo de técnica e inovação, especialmente quando acreditam que o investimento no aprendizado pode torná-los mais produtivos. Eles acham fascinante todas as inovações que aparecem a cada dia, assim como as descobertas de aplicativos que os ajudaram das mais diversas formas ao longo da viagem.

Esse prazer de trabalhar, produzir e inovar os impulsionou ao longo de toda a viagem. É o grande motor por trás do sucesso de suas diversas iniciativas. E isso ajuda a compreender a importância de trabalhar com o que se gosta, assim como a de gostar do trabalho que se faz.

Crescimento nas redes sociais

O empenho no trabalho e a disciplina nas publicações foi um dos fatores que contribuíram para o Viajo logo Existo atingir um grande número de pessoas nas redes sociais, porém não foi o único. No momento em que escrevo, a [página do Facebook do VLE](#) tem 650 mil seguidores. É uma grande quantidade de pessoas interessada em seguir um casal que estava dando a volta ao mundo.

Perguntei-lhes quais acreditavam ser os fatores que contribuíram para atingirem estes números. Eles fizeram algumas pesquisas para tentar compreender. A primeira coisa que descobriram é que 70% do público é feminino. Segundo explicam, as mulheres apreciam o fato de ser um casal feliz, unido, fazendo uma série de coisas juntos, vivendo uma aventura pelo mundo.

Também parece ter contribuído o fato de eles terem assumido um posicionamento mais turístico. Apesar de viajarem em um veículo [off road \(fora de estrada\)](#), eles foram para locais famosos, tais como Paris, Londres, Miami e Dubai. Eles não se posicionam como um casal *off road*, que só gosta de ficar no meio do mato. Tampouco como um casal de surfistas, que só gosta de ir para praias e buscar ondas. Eles gostam de todas essas coisas, porém não se posicionaram de forma exclusiva em nenhum formato. Posicionaram-se de uma forma menos segmentada, o que permitiu que conversassem com um número maior de pessoas. Na prática, eles se

posicionaram como um casal normal que gosta de viajar. Não foi algo intencional. Apenas refletiu aquilo que realmente são.

Algumas pessoas seguem o projeto em função das dicas de viagem, outras porque a viagem é de carro, outras porque gostam deles. Eles acreditam que essa diversidade de assuntos contribuiu para o crescimento deles.

Na parte técnica, um dos fatores que mais ajudou foi a consistência e constância nas publicações. Como mencionei antes, houve publicações diárias no Facebook durante quase quatro anos. Além disso, eles têm uma boa aceitação junto ao público mais maduro. Embora o público alvo seja de pessoas de 24 a 44 anos, há muita gente na faixa dos 50 e 60 que também os acompanha nas redes sociais.

Relacionamento

Leo e Rachel namoravam há tempo, entretanto casaram-se apenas um mês antes do início da viagem. No meio de tantos preparativos, ainda deram um jeito de [fazer uma festa de casamento](#). Em seguida, Rachel finalmente mudou-se para a casa de Leo. Portanto a vida de casados só estava começando quando foram para a estrada.

Muita gente lhes pergunta como fazem para manter o relacionamento sadio vivendo juntos 24 horas por dia. Qual o segredo? Eles explicam que, de certa forma, já estavam habituados. Trabalhavam juntos no banco, portanto estavam acostumados a passar muito tempo juntos. Eles não brigavam e continuaram a não brigar depois de casados. Disseram que não tiveram nenhuma briga durante a viagem, nunca dormiram brigados.

Em suas próprias palavras: "acho que a viagem é uma continuidade do que você é aqui. Se você briga no dia a dia, provavelmente vai brigar mais ainda na viagem porque tudo se intensifica. É como querer ter filho para salvar um casamento. Achar que uma viagem vai salvar a relação não faz sentido. A gente conheceu um casal de mexicanos que se divorciou com apenas dois meses de viagem."

Segundo eles, é importante ter companheirismo e compreensão. É preciso ter uma amizade profunda e valorizar a pessoa que está a seu lado. Não se pode brigar por coisas bobas. É preciso ter paciência, aceitar os erros do outro e tratar a pessoa sempre da melhor forma possível. Não é

porque ela está a seu lado o tempo todo que você vai tratá-la de qualquer jeito. Pelo contrário, é fundamental tratá-la bem.

Roteiro da viagem

Quem sai do Brasil e viaja pelas Américas frequentemente escolhe ir de um extremo a outro, portanto do Ushuaia ao Alasca. Leo e Rachel perceberam que esse plano não funcionaria no caso deles. Para fazer tudo o que queriam e estar nos lugares nas épocas certas do ano, [tiveram de tomar algumas decisões difíceis](#). Deixar Alasca e Canadá de fora foi apenas uma delas.

Primeiro eles foram do Ushuaia aos EUA. Em seguida enviaram o carro para a Europa a tempo de curtir o verão por lá. No velho continente, só poderiam passar três meses na [Área do Schengen](#), que abrange grande parte da Europa. Como precisavam de mais tempo para cobrir tudo o que queriam, depois de pesquisarem muito e contarem com a ajuda de algumas pessoas, [conseguiram obter uma extensão do visto na Alemanha](#). Dessa forma, puderam ficar outros três meses no [Espaço Schengen](#).

Depois da Europa, enviaram o carro de navio para a África do Sul. De lá percorreram a parte oriental da África até alcançarem o Quênia, onde embarcaram o carro para a Índia. Visitaram diversos países da Ásia e até mesmo alguns inesperados, como foi o caso da [Coreia do Norte](#). Terminaram a viagem na Oceania, onde visitaram a Austrália e a Nova Zelândia.

Eles planejaram passar 42 meses na estrada e eventualmente ficaram 43 meses, portanto 3 anos e 7 meses. Embora tenham saído do Brasil equipados para acampar, a barraca não foi a acomodação mais usada na viagem. A quantidade de vezes que dormiram na barraca é equivalente a um ano. Além da barraca, passaram 450 noites hospedados na casa de outras pessoas. Quase sempre, eram pessoas que não conheciam, porém os seguiam nas redes sociais e os convidavam. O restante do tempo, ou o equivalente a aproximadamente um ano, eles ficaram acomodados em apartamentos do [Airbnb](#), hotéis e *hostels*. Só de [Airbnb](#), foram quase 4 meses.

Ficar em um apartamento de tempos em tempos era importante para balancear. Assim podiam ter um pouco mais de privacidade, cozinhar bem,

ter acesso a uma boa conexão com a internet, colocar o trabalho em dia e publicar tudo o que estava pendente.

Assim como não acamparam o tempo todo, tampouco visitaram todos os lugares usando o carro deles, apelidado de Coyote. Houve diversos casos em que fez mais sentido não levá-lo. Vale lembrar que o envio do veículo por navio é um processo caro, demorado e burocrático. Eles escreveram diversos [artigos sobre os envios de navio](#). A África foi um continente onde o carro foi particularmente útil. Não só em função das locomoções, mas também devido às oportunidades de acampar. Ele foi um pouco menos usado na Ásia e nem chegou a ser enviado para a Oceania.

Turismo na África

A África é um dos continentes mais negligenciados pelos turistas. No entanto, aqueles que se aventuram por lá frequentemente gostam e demonstram um forte desejo de retornar. Os desafios são muitos, assim como as recompensas.

Para a surpresa de alguns, Rachel e Leo explicam que o turismo é bastante desenvolvido em diversas partes da África. Acampar é uma atividade particularmente usual no continente. Como exemplo, citam o caso da África do Sul, onde relatam que as pessoas acampam o tempo todo. Nos fins de semana, os campings ficam cheios. Não são estrangeiros visitando o país. Na maior parte do tempo, são os próprios sul-africanos que vão para os campings para fazer churrasco, pescar, praticar esportes, tomar banho de piscina e passar os dias com os amigos.

Os campings são bem estruturados. Além de piscina, têm quadras de esporte, supermercado, churrasqueiras e todo tipo de comodidade. É como se fossem clubes. Eles se surpreenderam com a infraestrutura de camping que encontraram na África do Sul e nos demais países africanos.

A África é um destino pouco visitado pelos brasileiros, porém muito frequentado pelos europeus. É comum eles voarem para a África do Sul, por exemplo, alugarem um carro, rodarem por alguns países durante alguns meses e acamparem por onde vão passando.

Leo e Rachel adoraram a experiência que tiveram na África. Não sofreram nenhum tipo de violência, tampouco se sentiram intimidados. De fato, em se tratando de violência e situações de risco, os maiores desafios foram na boa e velha América Latina.

Violência

Rachel e Leo, como bons brasileiros que são, estão sempre atentos e tentam se precaver contra roubos, assaltos e todo tipo de violência. Inclusive adotavam algumas regras na viagem, como nunca dirigir à noite.

Apesar de todas as precauções, infelizmente passaram por alguns apertos durante a viagem. O primeiro ocorreu apenas dois meses após a partida, no Chile. Eles estavam viajando na região que fica entre Valparaíso e Viña del Mar quando pararam em uma praia para fotografar alguns surfistas. Quando manobravam o carro para ir embora, o pneu furou. O que eles não sabiam é que tratava-se de um golpe.

Enquanto estavam ocupados fazendo a troca do pneu, alguém entrou no carro sem que eles percebessem e levou a mala de fotografia de Leo. Dentro dela havia um conjunto de câmeras e lentes orçados, na época, em aproximadamente R\$ 20 mil. O episódio, que eles [relataram em detalhes no blog](#), foi um golpe doloroso. Especialmente porque fazer fotos e publicá-las era uma parte essencial do projeto.

Mais tarde, quando eles relataram o roubo nas redes sociais, diversas pessoas lhes contaram que trata-se de um golpe frequente na área em que estavam. Existem alguns *outlets* na região e muitas vezes as pessoas estão com os carros cheios de compras. Os bandidos furam os pneus para as pessoas se distraírem fazendo a troca e não perceberem que os itens do interior do carro estão sendo furtados.

A boa notícia é que não houve nenhum confronto, portanto eles não sofreram nenhum tipo de violência física. Além disso, [eles tinham feito o seguro dos equipamentos fotográficos](#). Foi trabalhoso conseguir um [Boletim de Ocorrência](#) para que pudessem acionar o seguro. Os policiais não se mostraram dispostos a ajudar em um primeiro momento, porém Rachel e Leo receberam a ajuda de alguns locais e eventualmente conseguiram o documento. Fizeram os trâmites junto à seguradora e felizmente conseguiram receber a indenização algum tempo depois.

A situação mais tensa da viagem ocorreu meses depois, no México. Eles estavam em uma parte do país que é uma das mais afetadas pela ação dos cartéis de droga. Estavam na estrada quando, após uma curva, viram uma faixa sobre a pista na qual se lia: *policía comunitaria - alto*. Era um aviso

de que deveriam parar. Perto da faixa, havia um grupo de aproximadamente dez pessoas.

Leo reduziu a velocidade, mas ficou com medo de que se tratasse de um golpe. Então, quando se aproximou deles, já quase parando, decidiu voltar a acelerar lentamente. Uma pessoa começou a gritar, ordenando que parasse imediatamente. Leo a ignorou e avançou um pouco mais até olhar pelo retrovisor e dar-se conta de que ela estava apontando uma arma para o carro, possivelmente para o pneu. A pessoa gritou mais uma vez e mandou parar senão iria atirar. Leo parou.

Felizmente foi apenas um mal entendido. A pessoa que os parou pediu para eles se identificarem, dizerem de onde vinham e explicarem o que estavam fazendo ali. Então esclareceu que eles faziam o controle dos veículos em busca de drogas. Era algo comum na região e eles sempre deveriam parar quando fossem abordados. Eles foram liberados e seguiram viagem tremendo de nervosismo. Mais adiante, encontraram uma base militar, pararam, relataram o episódio e foram informados de que este tipo de fiscalização era normal, portanto deveriam realmente parar sempre que fossem abordados. Eles [escreveram sobre o que aconteceu](#) e me informaram que esse foi o episódio mais tenso da viagem. Felizmente não houve nenhum outro dali por diante.

Na verdade, o que mais lhes causou aborrecimentos na estrada não foram os bandidos, mas sim a polícia. Eles foram parados por policiais diversas vezes na América Latina e na África. Foram inúmeros pedidos de suborno. Quase todos em vão, já que Rachel e Leo têm o princípio de não pagar suborno a ninguém. Assim mesmo, por mais que tentassem evitar, se viram obrigados a dar dinheiro a policiais em duas ocasiões, das noventa vezes em que foram parados.

Sempre que os policiais lhes criavam dificuldades, eles tentavam argumentar, explicavam o propósito da viagem, diziam que estavam escrevendo um livro, faziam cara de choro e usavam a criatividade ao máximo até serem liberados. Os problemas com a polícia foram apenas na América Latina e na África. Praticamente não foram parados na América do Norte, Europa e Ásia.

Antes de viajarem, muitas pessoas lhes disseram que teriam de pagar propina para policiais inúmeras vezes ao longo da viagem. Rachel e Leo eventualmente descobriram que isso não é exatamente verdade. É preciso aprender as regras do lugar e respeitá-las. Algumas pessoas não fazem esse

exercício e se colocam em situações complicadas ou, às vezes, tentam economizar onde não devem. Eles citam o exemplo do Peru, onde a legislação não diz explicitamente que é obrigatório o seguro, porém os policiais o cobram com frequência. O seguro custa 15 dólares. O que é melhor? Pagar esse valor ou correr o risco de ser parado e o policial usar essa questão como um pretexto para a extorsão?

Sempre que chegavam a uma nova fronteira, eles tentavam descobrir quais eram as particularidades do local. Isso evitava a maioria dos problemas.

Problemas com o carro

O carro apresentou alguns pequenos problemas durante a viagem. Quebrou um alternador na Alemanha, quebrou uma bomba d'água no Marrocos e outros pequenos detalhes tiveram de ser resolvidos aqui e ali. Nada que não pudesse ser solucionado no mesmo dia. Assim foi, até que chegaram à Índia, onde tiveram o maior de todos os problemas.

O carro quebrou e foi difícil achar uma concessionária da Land Rover. Eventualmente encontraram em uma cidade chamada Lucknow, a 400 km de Varanasi, onde estavam. Os funcionários foram prestativos e fizeram de tudo para ajudar, porém não havia a peça disponível e eles precisaram encomendá-la na Inglaterra. Por consequência, Rachel e Leo tiveram de ficar parados por dez dias, em uma cidade que nunca visitariam, não fosse a necessidade de resolver a questão. O episódio, que eles contam [nesse artigo](#), ainda lhes rendeu algumas complicações para a visita que haviam programado no próximo destino, Myanmar.

Para evitar problemas com o carro, eles faziam todos os preventivos necessários. Tentavam manter o carro sempre em boas condições, o que evitava que maiores problemas ocorressem. Houve inclusive casos nos quais fizeram grandes investimentos, como aconteceu na Namíbia. O modelo deles é bastante usado lá, por isso há bons mecânicos e uma boa infraestrutura para fazer a manutenção de veículos Land Rover. Leo e Rachel se aproveitaram desse fato para fazer tudo o que fosse possível em termos de manutenção. Gastaram uma boa quantia, porém evitaram que outros problemas mais graves ocorressem ao longo do caminho.

Saúde

Rachel e Leo não tiveram nenhum problema grave de saúde ao longo da jornada, apenas pequenos tropeços que não tiveram maiores consequências. Leo teve intoxicação alimentar na Índia e teve de buscar atendimento médico. Fez diversos exames, comprou remédios e a conta fechou em US\$ 98. Portanto nem acionou o seguro de saúde do [World Nomads](#), porque o valor ficava abaixo da franquia de US\$ 100.

Além da Índia, também precisou buscar atendimento na Inglaterra. Neste caso, usou o seguro, fez a solicitação de reembolso e recebeu o pagamento sem problemas.

Eles ficaram cobertos pelo seguro de saúde na maior parte da viagem. A exceção foi apenas no período em que estiveram nos EUA.

Banco

Eles tinham conta no HSBC Premier. O banco lhes ofereceu a possibilidade de abrir uma conta no exterior, na Inglaterra. Dessa forma, eles poderiam fazer transferências da conta brasileira para a europeia com facilidade, desde que respeitassem o limite de US\$ 3 mil por mês. O procedimento era todo online e funcionava bem.

Fazendo isso, eles conseguiam evitar o IOF escandaloso de 6,38% e pagavam apenas 0,38%. Isso lhes ajudou a economizar bastante nas operações de câmbio. Além disso, ficavam atentos ao mercado. Quando a cotação do dólar caía e sentiam que era um bom momento, eles mandavam algum dinheiro para a conta inglesa.

Retorno ao Brasil

A viagem acabou em dezembro de 2016, quando o casal retornou ao Brasil, depois de 3 anos e 7 meses na estrada. A decisão de voltar não foi fácil. Quando lhes perguntei quais estão sendo os aspectos mais positivos deste retorno, Rachel respondeu: "para mim só a família e os amigos. Por mim, eu não teria nem voltado. Foi muito difícil a volta para mim. Especialmente pela questão da segurança. É difícil colocar na minha cabeça que eu estava no Vietnã, que é um país que as pessoas acham que estava em guerra até ontem, e eu me sentia muito mais segura do que aqui. O Leo já foi assaltado com arma na cabeça duas vezes. Eu falo: 'vou ficar

esperando a terceira?' Para mim foi muito difícil. Eu queria ver as pessoas, mas não queria estar aqui para vê-las. Mas eu entendia que era importante para a gente terminar o projeto, que estando aqui eu ia me sentir feliz de estar com as pessoas e isso ia compensar um pouco. Mas para mim foi difícil."

Por sua vez, Leo comentou: "acho que voltar para o Brasil era fundamental para reconectar com os amigos e a família. Afinal você fica muito tempo longe e perde a intimidade com os amigos. Era importante vir aqui para conhecer os filhos deles, ir na casa deles, falar umas besteiras, enfim, para reconectar. E acho que do ponto de vista de negócio, também era muito importante a gente voltar.

O projeto acabou crescendo muito no Brasil. A gente não tinha noção, apesar de ver os números. Foi bom poder chegar aqui e entender um pouco mais do significado disso para as pessoas. Foi bom poder ir às mídias e às agências, conhecer possíveis parceiros e fazer as palestras.

A gente já fez trinta e poucas palestras em mais de 14 cidades do Brasil, então isso não só financeiramente foi interessante, mas também é um contato legal com as pessoas. A gente ouve melhor o feedback e entrega uma mensagem que é a que a gente queria entregar. Como negócio, como Viajo logo Existo, foi fundamental. Fizemos parcerias que não teriam surgido à distância.

Acho que também tem um simbolismo de terminar a primeira parte do VLE. Acho que é importante você saber por começo, meio e fim. Porque pode ter certeza que a gente se questionou se queria voltar ou continuar viajando direto. E até daria para continuar. Daria porque você viajando aprende a gastar menos, a gente aprendeu a ganhar algum dinheiro com o projeto, a gente tinha amigos no mundo todo, então por que não continuar viajando se tem um monte de lugar que a gente quer conhecer? Mas, ao mesmo tempo, eu também planejei um projeto que tinha começo, meio e fim. Então também acho importante você mostrar que sabe começar e terminar. Depois você cria outro projeto."

Palestras pelo Brasil

Ao longo da viagem, Leo e Rachel fecharam parcerias com algumas empresas. Uma delas foi a [Comparex](#), uma empresa alemã que faz consultoria na área de tecnologia. Em troca do apoio da empresa, o casal

prometeu uma palestra, entre outras contrapartidas. Quando estavam próximos do final da viagem, chegou a hora de montar a palestra. Como teriam de fazê-la para a empresa, por que não expandir e oferecê-la também para outras empresas e pessoas?

Já pensando nisso, no último financiamento coletivo, eles ofereceram um vale palestra para quem comprasse o livro. Foi uma oferta ousada, considerando-se que tiveram em torno de mil compradores. Como dariam palestra para tanta gente?

Quando chegaram ao Brasil, contrataram uma empresa para ajudar a montar um roteiro e estruturar a apresentação. Eles viveram uma infinidade de experiências ao longo da viagem, contudo não sabiam quais delas teriam maior valor para o público. Sentiram a necessidade de envolver alguém de fora.

Contrataram uma [empresa especializada](#) cujo propósito era ajudá-los a organizar as ideias. Como eles próprios explicam, "é uma terceira pessoa que não te conhece, não sabe nada sobre você, não viveu suas experiências e não enxerga as coisas como você. É alguém que chega para te ajudar a identificar os elementos de maior valor em sua história."

Rachel e Leo compartilharam diversas histórias com o roteirista, que os ajudou a identificar quais eram as mais interessantes e os colocou em uma linha mestra. Assim puderam montar uma apresentação de uma hora que passa uma mensagem consistente e clara.

Isso era particularmente importante para que eles pudessem oferecer as palestras para o ambiente corporativo. Era fundamental ter um produto bom e bem acabado. Uma empresa não pode se dar ao luxo de contratar alguém para ficar lá na frente falando um monte de coisas sem nexos no meio do expediente de trabalho.

Criar o roteiro da palestra com a ajuda do roteirista demandou duas semanas de trabalho e um bom investimento financeiro, porém deu retorno. Eles já fizeram algumas palestras no ambiente corporativo e dezenas de [palestras independentes](#), que eles mesmos produziram e ofereceram para o público que os acompanha.

Mais uma vez, tiveram de aprender e se reinventaram. Fizeram algumas [pesquisas](#) e identificaram as cidades do Brasil onde havia mais gente interessada. Daí entraram em contato com hotéis, negociaram valores, fecharam parcerias, definiram as datas, anunciaram as palestras e [venderam os ingressos diretamente usando o Eventbrite](#).

A iniciativa vem dando certo. Inclusive houve vários casos em que tiveram de contatar os hotéis e solicitar espaços maiores porque havia mais gente interessada do que previram. E houve outros em que decidiram retornar à cidade porque muita gente não conseguiu assistir e solicitou uma nova data.

Sobre esse desempenho, eles comentam que é importante estar sempre perto do público, conversando com as pessoas e tentando entendê-las. São elas que frequentemente lhes trazem as respostas de que precisam. Leo diz: "quando você estiver fazendo negócio, você tem que fazer o que as pessoas querem e não o que você quer. Falo isso de negócio. Viagem e projeto pessoal você pode fazer o que quiser. Se quiser andar pelado, o problema é seu. Mas se quiser fazer negócio, você tem que fazer o que as pessoas querem, na minha opinião, não o que você quer. Porque é muito fácil a gente ficar apaixonado pelas nossas ideias e só fazer o que queremos. Porém se as pessoas não quiserem, pode ser muito bonito, mas vai ser um trabalho autoral e não um trabalho comercial. Se você conseguir achar um equilíbrio entre fazer um trabalho um pouco autoral e um pouco comercial, acho que é o melhor dos mundos porque você tem um pouco de personalidade, mas também tem um produto que as pessoas querem. E a empresa só existe quando esse ciclo funciona."

Retorno a uma vida convencional

Depois de passar tanto tempo na estrada, nem todos conseguem voltar a viver uma vida convencional. Perguntei-lhes se acreditam que conseguiriam voltar a ter a vida de antes. No caso deles, acreditam que sim, desde que possam fazer um trabalho de que gostem e estejam cercados de pessoas legais. Nessas condições, eles afirmam que voltariam a ter um trabalho convencional sem problemas.

Leo comenta: "durante muito tempo, acreditava que a viagem era uma coisa que eu queria fazer na minha vida, mas minha carreira era no mundo corporativo. Eu ia voltar para o banco e minha vida ia seguir. O que mudou foi que, quando a gente chegou ao Brasil, a gente viu o tamanho do projeto e as proporções que ele tinha tomado. Percebemos que tínhamos uma empresa com um monte de oportunidades, que estava no nosso colo e só a gente podia tocar, porque é a nossa história. Não tem como eu voltar para o banco e contratar alguém para tocar o Viajo logo Existo. Aí a gente

conversou e concluiu que tinha de tocar isso com a mesma dedicação que teria com o banco. Então esse transformou-se em nosso trabalho na atualidade."

O que fariam diferente

Rachel e Leo viveram muitas experiências e acumularam um vasto aprendizado ao longo da viagem. Com base nele, perguntei-lhes o que fariam diferente se estivessem começando a viagem hoje. Eles disseram que talvez não saíssem com o carro do Brasil.

Hoje eles percebem que poderiam ir para a Europa, comprar um carro lá, rodar toda a Europa e a Ásia, voltar e vender o carro na Europa. Da mesma forma, poderiam ir para os EUA, comprar um carro melhor, mais estruturado, por um preço inferior, e rodar o continente americano com ele. Da mesma forma, poderiam comprar um carro na África do Sul, rodar a África, voltar e vender o carro. Isso teria permitido que eles utilizassem carros melhores e teria evitado a necessidade de fazer o envio do carro por navio, um procedimento que é trabalhoso, custoso e demorado.

A maioria das pessoas não se dá conta de que é perfeitamente possível comprar um carro em outro país, ainda que você não seja nem residente e nem cidadão do lugar. No caso de viagens longas, essa pode ser uma ótima opção.

Futuro

Rachel e Leo pretendem voltar para a estrada em breve, porém sem o carro, que foi [colocado à venda](#). O novo projeto chama-se [Viajo logo Existo Rumo aos 100 países](#).

Existem diversas partes do mundo que eles não conseguiram visitar na volta ao mundo. O plano agora é viajar para essas regiões e passar algum tempo nelas visitando os lugares que ficaram de fora. Se necessário, eles alugarão carros nos locais. A essa altura, já não faz mais sentido sair com um carro do Brasil. Afinal, eles já passaram em grande parte dos lugares que encontrariam pelo caminho. Além disso, levar o carro seria mais custoso e demorado.

Recursos citados

- [Adobe InDesign](#)
- [Adobe Lightroom](#)
- [Adobe Photoshop](#)
- [Adobe Premiere](#)
- [Catarse](#)
- [Challenging your Dreams - Uma aventura pelo mundo](#)
- [E-books do Viajo logo Existo](#)
- [Viajo logo Existo – um ano na estrada](#)
- [Viajo logo Existo no velho continente](#)
- [Viajo logo Existo na África Selvagem](#)
- [Viajo logo Existo 1 ano na Ásia e Oceania](#)
- [WooCommerce](#)
- [World Nomads](#)

Capítulo 24

Diogo Kyrillos

[Diogo Kyrillos](#), 35, Chief Concierge

Projetos: [Mochilando com Diogo Kyrillos](#), [Diário do Tripulante](#),
[Empreendedor Viajante](#), [Saindo do Brasil](#)

Morava em: Recife, PE

Receita: trabalho de concierge em navio de cruzeiro

Renda mensal: US\$ 3000

Entrevista: 15/03/2016

Revisão e atualização: 14/07/2017

História

Aos 17 anos, Diogo começou a trabalhar em uma locadora na cidade de [Chuí](#), no extremo sul do Brasil. Ainda se alugavam filmes em fitas de [VHS](#). Começou a assistir a documentários mostrando lugares fascinantes ao redor do planeta, o que despertou seu desejo de sair do Brasil e viajar pelo mundo. Um sonho distante para quem ganhava um salário mínimo.

Com o pouco dinheiro que juntou em seus anos de trabalho, o máximo que conseguiu fazer foi tirar o passaporte e mudar-se para [Recife](#), onde tinha família. Lá ele teve a oportunidade de fazer alguns trabalhos melhores e ganhar mais. Começou a desenvolver-se profissionalmente.

Diogo falava de sua vontade de viajar para fora do Brasil e todos o chamavam de maluco, já que ele não tinha condição financeira para ir a lugar algum. Tampouco falava inglês ou qualquer outro idioma estrangeiro. Aos vinte e três anos, conversando com uma vizinha, descobriu que a filha dela morava em [Edimburgo](#), na [Escócia](#). Ela lhe disse que talvez sua filha

pudesse lhe conseguir um curso barato por lá e algum emprego. Deu certo. Diogo tinha algumas economias e as usou para chegar ao Reino Unido.

Intercâmbio na Escócia

Diogo tirou o visto de estudante, comprou a passagem e foi para Edimburgo com dinheiro suficiente para passar apenas as primeiras semanas. Naquele tempo, o visto de estudante também permitia que ele trabalhasse meio período. Chegando lá, começou a estudar e a buscar trabalho. Não conseguiu nada no início porque não falava inglês.

O dinheiro foi acabando rapidamente. Depois de duas ou três semanas, percebeu que errou na conta do quanto precisaria para sobreviver. Os dias passavam e ele não conseguia trabalho. Voltar nunca lhe passou pela cabeça, nunca foi uma opção. Quando saiu de Recife, muita gente lhe avisou que daria errado, que ele perderia dinheiro com aquela ilusão, que ia quebrar a cara e se arrepender. Rever essas pessoas e ter que admitir que fracassou o apavorava. Pensar nisso servia de motivação para continuar tentando.

Foi conversando com um número cada vez maior de pessoas e fazendo amizade com brasileiros que já estavam por lá, até arrumar um trabalho de dez horas por semana para lavar pratos em um Pizza Hut. Era o melhor que podia conseguir sem falar inglês. Semanas depois, conseguiu outro trabalho: lavar banheiros de uma escola pública. Com muito empenho, foi se mantendo e pagando a escola de inglês por um ano e meio. O domínio do inglês melhorou e ele passou a ter acesso a novas oportunidades.

Hotelaria

Voltou ao Brasil, resolveu algumas questões e aplicou para um novo visto de estudante com o objetivo de fazer um curso mais avançado. De volta à Escócia, foi trabalhar na recepção do [Thrums Hotel](#), onde começou a desenvolver-se profissionalmente na área de hotelaria.

Enquanto morou lá, aproveitou para viajar por diversos países da Europa. Foi para lugares como [Holanda](#), [Itália](#), [Alemanha](#) e [Portugal](#), além de viajar pelo próprio [Reino Unido](#).

Diogo tomou gosto pela hotelaria. Tanto assim que, ao final de sua temporada na Escócia, solicitou um visto de estudante para ingressar no

curso de turismo do [Groups College Australia](#), em [Sydney](#). O curso que fez é o equivalente a um curso de tecnólogo. É mais curto que um curso universitário, durou apenas um ano. Neste período, trabalhou em um hotel maior, o [Amora Hotel Jamison Sydney](#). No tempo que morou na [Austrália](#), aproveitou as folgas para visitar lugares como [Nova Zelândia](#), [Tailândia](#), [Vietnã](#) e [Camboja](#).

Tripulante de navio de cruzeiro

Diogo conta que não consegue ficar muito tempo em um mesmo lugar. Quando estava próximo de completar um ano em Sydney, deu vontade de partir para outra. Fazendo algumas pesquisas, teve a ideia de trabalhar em navio de cruzeiro, cujo funcionamento é semelhante ao de um hotel cinco estrelas. Ele poderia usar seus conhecimentos, ser bem pago e viajar pelo mundo.

Não renovou seu visto e voltou para o Brasil, onde fez o curso básico de segurança marítima, conhecido como [STCW](#). Em seguida, ingressou no processo seletivo de algumas empresas. Fez diversas entrevistas e passou em uma delas.

Os contratos de trabalho costumam durar cinco meses. Nesse período, Diogo fica embarcado no navio e trabalha de oito a nove horas todos os dias. Os horários variam de acordo com uma escala que vai sendo montada com o tempo. Durante as folgas, ele fica livre para fazer o que quiser, incluindo visitar as cidades onde o navio atraca.

Empreendedorismo

Depois de trabalhar em navios de cruzeiro por alguns anos, Diogo quis ficar um tempo em terra. Foi para Portugal em 2014 e começou a morar em [Cascais](#), onde começou a desenvolver sua veia empreendedora. Quando morava em Sydney, criou uma série de vídeos chamada [Brasileiro na Austrália](#), onde compartilhou suas experiências morando lá. Esses vídeos fizeram sucesso e ele sentia que poderia se desenvolver mais no YouTube e abrir outros caminhos no universo online.

Foi para Portugal porque tinha alguns amigos que já moravam lá e o chamaram. Eles se associaram e começaram a prestar alguns serviços. Fazia sites e dava palestras. Os pagamentos eram incertos. Alguns clientes

pagavam bem, outros nem tanto. Percebeu que tinha potencial para criar algo para si próprio.

Seus vídeos faziam sucesso e seu [canal do YouTube](#) já tinha quase vinte mil inscritos. Começou a desenvolver seus próprios projetos nas redes sociais, tais como: [Saindo do Brasil](#), [Empreendedor Viajante](#), [Diário de Tripulante](#) e [Mochilando com Diogo Kyrillos](#).

No [Diário de Tripulante](#), ele compartilha sua experiência de trabalhar nos navios. Fala sobre seus erros e acertos, bem como vantagens e desvantagens desse tipo de trabalho. É uma publicação que motiva muita gente a experimentar a vida a bordo.

Trabalho voluntário

Depois de ficar pouco mais de um ano em Portugal, sua vontade de mover-se pelo mundo voltou. Descobriu o conceito de "[volunturismo](#)" e decidiu experimentá-lo. Ele tinha vontade de visitar a África e conhecer um país com cultura árabe. Através do [WorldPackers](#), descobriu uma vaga de trabalho voluntário em um *hostel* em [Marrakech](#), no [Marrocos](#). Foi para lá e gostou da experiência.

Ele trabalhava algumas horas por dia ajudando na recepção, no bar ou onde mais fosse preciso. Em troca, ganhava acomodação e comida. Tinha muitas horas livres, as quais aproveitou fazendo passeios e desenvolvendo seus projetos online.

Um dos aspectos de que mais gostou foi a maior interação com os locais, algo difícil quando se é apenas um turista passando pouco tempo no lugar. Ficou dois meses no Marrocos. Começou a aprender árabe, conheceu muita gente e expandiu a mente em novas direções. Queria ter ficado mais, porém um amigo lhe deu a dica de uma grande oportunidade que ele não poderia perder.

Diogo voltou ao Brasil e fez o processo de seleção para a [Crystal Cruises](#), que ele considera a melhor empresa do ramo. As entrevistas foram quase todas pelo Skype e ele passou na seleção. Isso significou um salto em sua carreira e a oportunidade de viajar para um número ainda maior de lugares. Esteve até mesmo na [Antártida](#), um continente que dificilmente conseguiria visitar se não estivesse trabalhando no navio. Foi uma das experiências mais marcantes de sua vida.

Benefícios e desafios de trabalhar em navio

Trabalhar em um navio de cruzeiro pode ser bastante rentável e uma boa forma de guardar dinheiro. Diogo é [conciERGE](#) e dedica-se à recepção dos passageiros. Está sempre em contato com eles. Ganha US\$ 3000 por mês e não gasta com acomodação, transporte, alimentação nem assistência médica. Pode optar por pagar imposto em seu país de origem ou até mesmo não pagar, se não estiver mais residindo nele. Seu gasto no dia a dia é mínimo, o que lhe dá a chance de juntar dinheiro com facilidade.

Existem outros profissionais a bordo que ganham ainda melhor. Segundo ele, camareiras, por exemplo, ganham de US\$ 3 mil a US\$ 4 mil dólares. Outras profissões recebem ainda mais, entretanto esse tipo de vida não é para todos. Se a pessoa não tiver prazer no que faz, não funciona. Muita gente desiste por não fazer uma boa pesquisa e não ter uma ideia clara do que encontrará. São pessoas que se decepcionam e interrompem o contrato no meio.

As pessoas vêm fotos de lugares lindos e acham que vão ficar só curtindo, como os passageiros. Não é assim que funciona. Trabalha-se bastante e passa-se longos períodos longe da família. É difícil para quem não está habituado a viajar e ficar mais tempo no exterior. Também é preciso uma certa vocação para servir, afinal o principal objetivo do navio é proporcionar uma excelente experiência para seus hóspedes.

Diogo conta que as empresas estão sempre contratando. Ainda que em alguns momentos elas intensifiquem as contratações, como no início da temporada europeia, na prática contratam o ano inteiro. Muitas tentam contatar brasileiros e às vezes não conseguem completar todas as vagas, especialmente devido à falta de proficiência em inglês da maioria dos candidatos.

Para quem deseja ser nômade digital e também trabalhar em navios, um desafio é o acesso à internet. O navio utiliza um sistema de acesso à internet por satélite que é caro. Diogo paga US\$ 0,11 por minuto. Dependendo de onde o navio esteja e das condições climáticas, o acesso é muito lento. Isso lhe traz dificuldades para manter seus projetos online. Muitas vezes, só consegue impulsioná-los quando está de férias e não está mais embarcado.

Renda passiva

Diogo já comprou um apartamento no Brasil, que mantém alugado. Está trabalhando para comprar outro e alugar também. Com essa renda passiva, espera poder passar menos tempo a bordo e dedicar-se mais a seus projetos online. Quer criar produtos digitais, porém ainda tem dificuldade para focar em uma coisa só. Além disso, precisa de acesso à internet com boa velocidade para avançar.

Perguntas adicionais

Quando fizemos a revisão da entrevista, pedi a Diogo que respondesse algumas questões adicionais. Elas podem te ajudar, caso você tenha interesse de seguir pelo caminho que ele trilhou.

Que empresas costumam contratar no Brasil?

"[Royal Caribbean](#), [Pullmantur](#), [MSC](#), [Costa](#), além de todas as empresas que não costumam levar seus navios para o Brasil com frequência, mas também contratam brasileiros."

Que sites são os mais indicados para quem busca uma oportunidade em um navio de cruzeiro?

"Os sites das próprias armadoras (empresas donas dos navios, como as citadas acima), pois normalmente oferecem uma sessão em suas páginas com informações sobre o que esperam dos candidatos e como é o trabalho a bordo."

Que cursos/certificações são necessárias para se trabalhar em um navio?

"O curso de segurança marítima conhecido como [STCW](#) é essencial. Ele pode ser feito no Brasil, dura apenas alguns dias e o futuro tripulante recebe um certificado internacional exigido pelas empresas. De acordo com a função a bordo, pode haver documentos/certificados adicionais, como para enfermeiros e engenheiros, por exemplo, mas o [STCW](#) é o básico."

Quais as habilidades mais requisitadas nos navios?

"Experiência na área (que pode ser adquirida em terra em hotéis, restaurantes, bares, spa, lojas, etc) e fluência no inglês. Se o candidato não tiver algum desses requisitos ele pode conseguir uma vaga, mas as funções disponíveis e as empresas dispostas a contratá-lo são mais reduzidas. Como em qualquer emprego em terra, várias outras habilidades podem ser requisitadas de acordo com a função, mas quem tem experiência e inglês já tem meio caminho andado."

Que recomendações você daria para quem deseja construir uma carreira sólida trabalhando em navio?

"Tem que ser muito esforçado, disciplinado e positivo. Pratique o [intraempreendedorismo](#), que são iniciativas e modos de pensar típicos de um empreendedor, porém aplicados dentro de uma empresa que não pertence a você. Isso inclui habilidades de liderança, disposição, energia, *teampayer* e muito mais. Na maioria das indústrias hoje em dia, existem poucos intraempreendedores, e esses acabam se destacando."

Você consegue ganhar dinheiro com seus projetos online? Qual deles lhe gera maior retorno?

"Desde que voltei a trabalhar a bordo ganho muito pouco, já que não cheguei a desenvolver algo que gere renda passiva e meus rendimentos (que nunca foram altos) vinham da minha atuação constante online, algo que agora fica restrito. Neste momento estou trabalhando nesse aspecto para o longo prazo."

Quais as cinco cidade que você mais gostou de visitar pelo mundo?

"Difícil escolher, são tantas que adorei ter conhecido! Algumas me encantaram pela beleza ([Praga](#), [Cracóvia](#)), outros lugares pela cultura e natureza ([Nepal](#), [Peru](#)), enquanto que em alguns desenvolvi uma conexão emocional ([Austrália](#), [Escócia](#))."

Se estivesse começando essa jornada hoje, o que faria diferente?

"Teria entrado em ação mais cedo. Passei muito tempo estudando e analisando as opções, o que na verdade acaba virando procrastinação se não tiver cuidado."

Imagine que você pudesse voltar no tempo e conversar com aquele rapaz que estava trabalhando lá na locadora, em Chuí, ganhando um salário mínimo. Imagine que ele te contasse seu desejo de conhecer o mundo. O que você lhe diria levando em conta o que sabe hoje?

"Eu já o avisaria de antemão que pessoas em sua volta iriam desestimulá-lo e que ele precisaria filtrar certas opiniões. Eu o alertaria para ter cuidado com os ladrões de sonhos."

Quais são seus planos para o futuro? Pretende continuar a trabalhar nos cruzeiros?

"Pelo menos por esse ano continuo trabalhando a bordo, mas quero investir mais tempo nos meus projetos pois vejo isso como meu futuro próximo, na minha vida pós-navios. Grandes mudanças devem acontecer em 2018."

Recursos citados

- [Costa](#)
- [Crystal Cruises](#)
- [Diário do Tripulante](#)
- [Empreendedor Viajante](#)
- [Mochilando com Diogo Kyrillos](#)
- [MSC](#)
- [Pullmantur](#)
- [Royal Caribbean](#)
- [Saindo do Brasil](#)
- [WorldPackers](#)

VOLUME II
A História do Casal Partiu

Capítulo 1

Nossa vida não tão convencional

E se a gente se mudasse para [Buenos Aires](#)? Essa foi a pergunta que deu início a nossa vida nômade. Uma questão que levantei quando estávamos em Buenos Aires, mais precisamente em [Puerto Madero](#), no fim de maio de 2009. Um ano e meio depois, no fim de 2010, voltamos à capital Argentina com o propósito de fixar residência após vender tudo no Brasil. Algo que nunca chegou a acontecer, por uma dessas ironias do destino. Em vez disso, começamos a viajar pelo mundo.

Quando levantei a hipótese de mudar para Buenos Aires, o mais provável é que eu estivesse sob o efeito das *medialunas* (*croissants*), das taças de vinho [Malbec](#), dos *helados de dulce de leche* (sorvetes de doce de leite), das cafeterias descoladas, da temperatura amena e dos preços baixos. Era a primeira vez que voltava à cidade depois de uma década, bem como a primeira vez que a visitava com Pati. Os programas turísticos não chamaram nossa atenção, mas o estilo de vida que a cidade prometia nos atraiu de imediato.

Nessa época, vivíamos em [Niterói](#). Trabalhávamos em casa, tínhamos nossos próprios negócios, ganhávamos bem, tínhamos muitos amigos e uma vida confortável. Não havia motivo para mudar as coisas. No entanto, visitar Buenos Aires me fez perceber que estávamos com tudo certo, na cidade errada.

Cada pessoa se conecta melhor com determinadas cidades, com as quais tem maior afinidade, mas a maioria não chega a saber disso por viver a vida toda no mesmo lugar. Quando tive a ideia de mudar para Buenos Aires, eu já vivia em Niterói há treze anos. Foi uma ótima experiência e um dos melhores períodos de minha vida, porém a viagem à Argentina me fez perceber que eu havia mudado. Niterói já não me atraía tanto assim. Pelo contrário, me irritava cada vez mais. Sentia que era hora de partir para outra e viver em um lugar que combinasse mais com a gente.

Pati curtiu a ideia. Achou que seria divertido mudar de ares, ainda que tivesse de deixar para trás parte do que havia construído até ali, o que não era pouco. Ela não tinha tantas insatisfações com Niterói quanto eu, contudo percebeu que também tinha mais afinidade com Buenos Aires. Como sempre gostou de mudar, aceitou a proposta.

Reações

Como vocês vão deixar tudo para trás? Vocês são loucos? Essas eram as perguntas que nos faziam quando explicávamos aos amigos e familiares que partiríamos para Buenos Aires.

Estamos longe de ser malucos. Estudamos, pensamos, ponderamos prós e contras, debatemos e levamos mais tempo do que gostaríamos para fazer as coisas.

Parte do que explica nossa decisão de partir é nossa história pessoal. Não dá para entender o que a gente fez sem saber de onde viemos e como chegamos onde estávamos quando decidimos mudar para Buenos Aires.

Uma breve história de Pati

Pati nasceu em [Belém](#), no [Pará](#), onde passou a infância. Seu pai era militar e precisava mudar de cidade de tempos em tempos, sempre levando a família. De Belém, foi para [Natal](#), onde passou parte da infância. Depois foi para o [Rio](#), onde morou na adolescência. Por fim, a família se estabeleceu em Niterói, onde vive até hoje.

Mudar de cidade, de escola e de amiguinhos é um problema para algumas crianças, mas não foi para Pati. Ela gostava de mudar, de conhecer um novo lugar e fazer novos amigos. Achava divertido.

Ela é geminiana. Quem acredita em signos parece concordar que os geminianos são um tanto indecisos e gostam de mudanças. Talvez isso explique a facilidade que tinha para ir de um lugar para outro.

Essas experiências foram úteis para ela se habituar a mudar e ter mais consciência sobre sua natureza. Aprendeu que mudanças eram divertidas e traziam felicidade. Isso não é comum. A maioria das pessoas prefere evitar mudanças e se estressa quando elas ocorrem. Não é o caso de Pati.

Carreira em TI

Pati fez sua graduação e pós em Computação, em Niterói, na [UFF](#). Teve diversos empregos nessa área ao longo de seus quinze anos de carreira. Seu último trabalho foi um dos que mais curtiu, na Intelig Telecom.

Ela fazia a gestão de projetos e gostava da equipe em que trabalhava. Era um bom emprego. Estava satisfeita, ganhava bem e tinha todas as razões para manter as coisas como estavam, contudo preferiu mudar.

Começou a se interessar por fotografia. Tinha uma câmera simples, de filme, mas sempre foi exigente na hora de tirar fotos. Queria aprender a fazer fotos melhores, então comprou uma câmera semiprofissional. Era uma Nikon e ainda usava filme. Começou a aprender mais sobre fotografia e as fotos foram melhorando com o passar do tempo. O avanço foi lento porque o tempo entre tirar a foto e pegar a revelação atrapalhava sua evolução.

O aprendizado deu um salto quando ela adotou uma câmera digital em 2003. Logo aprendeu o que precisava fazer para tirar fotos lindas e começou a gostar daquilo cada vez mais. A fotografia foi se transformando em uma paixão. Ela se divertia tirando fotos das festas da empresa. Depois fazia a impressão e dava para os colegas de trabalho, que adoravam. Logo surgiram convites para fotografar as festas dos filhos dos colegas. Pati aceitava todos e se divertia. Os amigos gostavam das fotos e da forma divertida de fazê-las.

Ela fazia tudo de graça e aproveitava essas oportunidades para se aperfeiçoar. No início, não tinha planos de mudar de carreira. Queria apenas se divertir e tirar boas fotos. Aos poucos foi tomando gosto pela fotografia de eventos, até que decidiu tentar fotografar casamentos. Mas como?

Começou a procurar fotógrafos profissionais em Niterói e se ofereceu para trabalhar como assistente não remunerada nos casamentos. Um casal de fotógrafos gostou da ideia e eles estabeleceram um acordo que seria benéfico para todos. O casal estava habituado a fotografar em filme e tinha pouco conhecimento do mundo digital. Os tempos eram de transição. A fotografia em filme estava começando a dar lugar à fotografia digital.

Pati se ofereceu para lhes ensinar a usar o computador e ferramentas de edição de fotos como o [Photoshop](#). Em contrapartida, o casal a levaria como assistente de fotografia em alguns casamentos para ela começar a conhecer esse novo mundo. Foi uma troca que funcionou bem e deu à Pati a chance de encontrar sua nova paixão: a fotografia de casamento.

Durante a semana, ia para a Intelig e atuava como gestora de projetos. Nos fins de semana, vestia um terninho e passava as madrugadas fotografando casamentos. Isso durou alguns meses até ela perceber que aquilo era o que realmente queria fazer dali por diante. Deixar o trabalho, entretanto, não era uma opção. Ela estava encarcerada na mesma prisão habitada por tantas outras pessoas.

A prisão mais popular do mundo

Pati tinha uma dívida. Pouco depois de começar a trabalhar, entrou no financiamento de um apartamento. Todo mês tinha de comprometer grande parte do salário com o pagamento das prestações.

Ela queria começar seu próprio negócio de fotografia, mas como? Não podia ficar sem salário e correr o risco de não ganhar o suficiente com a fotografia para cobrir o valor das prestações. Se começasse seu próprio negócio, será que daria certo? Quanto tempo levaria até começar a ganhar dinheiro? Impossível saber.

Independente da vontade de ser fotógrafa, ela já queria se livrar da dívida e havia começado um processo dentro da Caixa Econômica Federal que permitiria usar seu FGTS para quitar o imóvel. Depois de trabalhar com o casal de fotógrafos por pouco mais de dois meses e se encantar pela fotografia de casamento, conseguiu quitar o apartamento e saiu da prisão. Ficou livre para tentar algo novo.

Era uma sexta-feira, no fim de agosto de 2005, quando saiu da Caixa com a confirmação de que o apartamento estava pago. De lá, foi direto conversar com seu chefe. Ele, incrédulo, descobriu que ela deixaria o emprego para tornar-se fotógrafa de casamento.

Abandonar um bom emprego é mais difícil do que parece. Quem trabalha em uma grande empresa acostuma-se à regularidade do salário, ao convívio dos colegas e a um certo tipo de *status*. É difícil abrir mão dessas coisas. Os colegas de de Pati achavam que a carreira de fotógrafa de casamento trazia menos prestígio. Era como ser rebaixada a um trabalho "inferior". Eles não se conformavam. Por que ela faria algo assim de escolha própria? Por que assumiria o risco de ganhar menos do que ganhava em seu emprego corporativo?

Carreira de fotógrafa

Pati passou um ano trabalhando com o casal de fotógrafos. Nesse período, foi a vários casamentos com a fotógrafa do casal, até a mesma perceber que Pati fazia um bom trabalho. Então começou a lhe repassar os casamentos que não podia fotografar por já estar com a agenda cheia.

Pati começou a fotografar os primeiros casamentos por conta própria e a ganhar dinheiro. No início, os valores eram modestos, assim como o número de eventos, porém ambos aumentaram rapidamente. Em pouco tempo passou a ganhar mais que na Intelig.

O caso dela foi excepcional. Quando alguém começa um negócio próprio, costuma demorar para ganhar dinheiro, mas com ela foi rápido. Isso comprovou o que eu já esperava. A paixão pela fotografia fazia ela se esforçar e aprender de forma rápida. Esse empenho se transformou em trabalhos de ótima qualidade que logo foram reconhecidos. Além disso, ela introduziu algumas inovações que agradaram as noivas. É interessante falar sobre elas. Talvez você pense em criar um negócio próprio para viabilizar uma vida nômade. Neste caso, é importante pensar em que tipos de inovações pode trazer ao mercado para destacar-se.

Inovações na fotografia de casamento

Na época da fotografia em filme, o cliente pagava um valor pela cobertura fotográfica. Depois visitava o fotógrafo, escolhia as fotos que queria e pagava uma quantia adicional pela [revelação](#) delas. O fotógrafo ficava com os [negativos das fotos](#), portanto se o cliente quisesse cópias adicionais, tinha de lhe pedir e pagar por elas. A revelação de fotos era uma fonte de receita importante.

Esse modelo de negócio funcionava para a fotografia em filme, mas era inviável para a digital. Eu e Pati estávamos habituados ao mundo digital e sabíamos que ele não se sustentaria. As pessoas passariam a imprimir fotos com menos frequência e exigiriam os arquivos para fazer as impressões por conta própria.

Pati propôs algo diferente. Oferecia um pacote que incluía a cobertura fotográfica, a impressão de um número generoso de fotos e o álbum diagramado. Além disso, tratava todas as fotos e as entregava para o cliente em alta qualidade para ele imprimir quantas quisesse a hora que quisesse. Isso é prática habitual atualmente, mas impensável quando ela começou.

Esse modelo agradou as noivas e foi um diferencial para Pati no início. Muitos fotógrafos ficaram escandalizados, porém se renderam às mesmas práticas tempos depois. Não foi Pati que causou essa transformação. Ela era inevitável, fruto das mudanças de comportamento de um mundo que se tornava mais digital. Pati apenas entendeu isso mais cedo que outros colegas.

Site inicial

Quando Pati começou, logo sentiu a necessidade de ter um site. Precisava de um lugar para expor suas fotos. Ela me pediu para fazer, porém recusei. Havia uma empresa que fazia sites para fotógrafos em troca de uma mensalidade acessível. Sugeri que a contratasse. Assim teria acesso imediato a um tipo de site que já vinha funcionando para outros fotógrafos. Se eu fizesse, levaria algum tempo. Não havia razão para esperar quando já existia uma solução pronta.

Poucos fotógrafos de casamento tinham um site profissional e os que tinham o utilizavam de forma ruim. Publicavam poucas fotos porque cobravam pela impressão. Temiam que os clientes baixassem as fotos do site e deixassem de pagar pela impressão. Também tinham medo de serem copiados pelos concorrentes.

Pati fazia o contrário. Quando terminava de tratar as fotos de um casamento, entregava tudo para os noivos e lhes pedia autorização para colocá-las no site. Eles permitiam quase sempre, em parte porque podiam enviar o link das fotos para amigos e familiares. Era uma forma conveniente de compartilhá-las em uma época em que o Facebook ainda não havia chegado ao Brasil e o Instagram nem existia ainda.

Como ela não vendia a impressão de fotos individuais, não havia problema em colocá-las no site. O fato de os noivos compartilharem as fotografias com amigos e familiares era ótimo para Pati porque outras pessoas passavam a conhecer seu trabalho. Claro que os concorrentes também poderiam ver suas fotos, mas e daí? Era melhor que seu trabalho estivesse exposto a um grande número de potenciais clientes. Isso era mais proveitoso que escondê-lo da concorrência.

Esse primeiro site ajudou, porém era limitado. O tempo foi passando e Pati começou a insistir para eu construir algo melhor. Ela esperou dois anos até que, no fim de 2007, começamos a trabalhar juntos na criação de um

site novo, cujos resultados transformariam sua carreira. Para entender como chegamos a ele, preciso lhe contar um pouco sobre minha própria história.

Uma breve história de Vinícius

Partir de minha cidade natal foi meu maior sonho durante a adolescência. Não era um lugar ruim, tampouco era o lugar para mim. Nasci em [Campos dos Goytacazes](#), no norte do estado do Rio. Lá ganhei meu primeiro computador aos seis anos de idade, em 1982, quando a computação pessoal estava começando a dar os primeiros passos. Logo tomei gosto por tudo que é digital.

Quando terminei o ensino fundamental, ingressei em um curso técnico de informática. Pouco tempo depois, aos 15 anos, fundei o primeiro [BBS](#) ([Bulletin Board Systems](#)) da cidade, o Atarip, com um amigo, o Francisco. [BBS](#) era o que a gente usava para se comunicar com outras pessoas através do computador quando ainda não havia a internet. Sim, esse mundo pré-histórico existiu e fiz parte dele. Não era divertido, especialmente para quem vivia em uma cidade pequena. O [BBS](#) aliviava nosso isolamento. Ele foi meu primeiro empreendimento e não seria o último.

Meu sonho se realizou aos 18 anos, quando mudei-me para o Rio, onde ingressei no curso de [Ciência da Computação](#) da [UFRJ](#). Passar no vestibular foi difícil, mas concluir o curso faria o vestibular parecer trivial.

Nos primeiros dias de aula, ingressei na [EjCM](#), a [empresa júnior](#) do curso de computação. Foi lá que aprendi quase tudo sobre gestão de empresas. Eu a presidi por dois anos. Tive a chance de cometer muitos erros e não pagar um preço excessivo por eles. A empresa sobreviveu a minha gestão, sabe-se lá como.

Morei em diversos lugares durante a graduação. Primeiro no Rio, depois em Niterói. Dividi apartamento com muita gente. Sinto pena de quem teve de me aturar. Espero que tenham superado essa fase sem sequelas permanentes.

O dinheiro foi escasso durante a faculdade. No início, eu almoçava cachorro quente no Vermelhinho, nome do *trailer* onde eu conseguia o rango mais barato. À noite, eu comia pão com requeijão, um luxo. A situação melhorou um pouco quando ingressei em um estágio, lá pelo meio do curso. O ápice foi durante um período de férias da faculdade, quando fui enviado para São Paulo e ganhei uma grana extra por alguns meses. Foi o

suficiente para comprar minha primeira passagem para a Europa e embarcar em um intercâmbio.

Comecei a estudar inglês na quinta série e o fiz por oito anos, porém nunca tinha saído do Brasil para colocar esse conhecimento em prática. Fui para [Londres](#), onde aperfeiçoei o idioma por algumas semanas e morei na casa de uma família de origem ucraniana.

Em seguida, embarquei no [Eurostar](#) e alcancei a [Gare du Nord](#), em Paris. Estava sozinho e me apavorei diante da imensidão daquela cidade e de minha ignorância. Chorei de medo, mas segui em frente. As duas semanas seguintes trouxeram algumas das experiências mais memoráveis de minha vida, além de bons amigos.

Voltei ao Brasil transformado. As experiências me enriqueceram, ao mesmo tempo que os custos europeus me empobreceram. Pisei no Rio quebrado e endividado, mas com a certeza de que faria tudo de novo.

Quando a faculdade terminou, fui empregado pela empresa onde estagiava. Foi meu primeiro e único emprego. Durou apenas dois anos. Quando a bolha da internet estourou, por volta de 2001, as demissões começaram. Eu e um amigo fomos demitidos, nos associamos a um ex-professor e montamos uma empresa, a Improve It.

O primeiro ano foi difícil e cometemos muitos erros. Foi também quando ingressei no mestrado e tive contato com um método de desenvolvimento de software chamado [Extreme Programming](#). Passamos a usá-lo e começamos a acertar nos projetos. Eu me especializei no assunto e publiquei o livro [Extreme Programming: aprenda como encantar seus usuários desenvolvendo software com agilidade e alta qualidade](#) em 2004.

A sociedade na empresa durou pouco. Quando o primeiro projeto bem sucedido terminou, no terceiro ano do negócio, meus sócios acharam melhor fechar as portas. Passamos alguns meses sem conseguir novos projetos. Eles acharam melhor encerrar as atividades, embolsar o dinheiro que ainda havia em caixa e viver de seus empregos paralelos. Eu, que era o único sem um emprego em paralelo, recusei-se a encerrar a empresa, mas aceitei a partida deles.

Fechamos o escritório, demitimos toda a equipe, distribuimos o lucro e fui para casa, de onde passei a trabalhar, em 2004. Poucos meses depois eu já estava prestando consultoria para diversas empresas e treinando equipes de desenvolvimento a usar Extreme Programming ao redor do país. Ter publicado o primeiro livro do Brasil sobre o assunto contribuiu para isso.

Eu gostava do trabalho de consultoria, mas sonhava em criar um produto. Queria obter minha independência financeira. Ganhar dinheiro em função de horas trabalhadas não era o melhor caminho. Ter um produto era a forma de quebrar esse vínculo.

Conheci uma tecnologia chamada [Ruby on Rails](#) em 2006. Percebi que era a ferramenta perfeita para criar um produto na web. Comecei a introduzi-la em meus trabalhos de consultoria e foi um sucesso. No ano seguinte, em 2007, decidi que estava na hora que criar meu produto.

Depois de uma viagem particularmente exaustiva, para treinar uma equipe no interior do Paraná, decidi "me demitir" da consultoria. Daquele momento em diante, eu não aceitaria nenhum trabalho novo e me dedicaria à criação de um produto.

Foi uma das decisões mais difíceis de minha vida. Extreme Programming, e [métodos ágeis](#) em geral, sugerem práticas que são quase o oposto do que os desenvolvedores de software costumavam fazer. Tive de batalhar durante anos para divulgar e defender tais práticas. Viajei todo o Brasil fazendo palestras de graça e pagando os custos de viagem do meu próprio bolso. Dei aula na UFRJ durante seis semestres de forma voluntária, portanto sem ganhar um centavo. Promovi inúmeros debates e encontros no [XP Rio](#), um grupo de discussão que fundei com amigos em 2002. Participei de inúmeras conferências no Brasil e no exterior. Escrevi um livro sobre o assunto, assim como uma dissertação de mestrado.

Esse investimento deu resultado. Com o passar do tempo, cada vez mais pessoas e empresas se convenceram a experimentar Extreme Programming e outros métodos ágeis. Quase sempre chegavam a mim em função do boca a boca. O fato de ter escrito o único livro brasileiro sobre o assunto (na época) ajudava ainda mais. Decidi largar tudo isso justamente quando chegou a hora de colher os frutos. Maluco? Nem tanto. Eu acreditava que era possível conseguir algo melhor. O tempo provaria que eu não estava enganado.

Site de Pati

Quando retornei à Niterói, depois da viagem ao Paraná, reuni-me com a equipe e conversamos sobre o que fazer. Queríamos começar a criar um produto, mas qual? Precisávamos de um cliente real e de uma necessidade real.

Por sorte, tínhamos a solução dentro de casa. Era hora de atender os pedidos de Pati e fazer um site novo para ela. O que vinha usando era suficiente para apresentar seu trabalho de forma razoável, mas com deficiências graves. Foi construído com [Flash](#), uma tecnologia que o prejudicava em aspectos importantes, como o posicionamento nos mecanismos de busca.

Criar um novo site para Pati seria bom para todos nós. Sabíamos que havia a necessidade de uma solução melhor para sites de fotógrafos. Se conseguíssemos fazer um que funcionasse bem para ela, talvez outras pessoas se interessassem em usá-lo.

Minha experiência com Extreme Programming mostrava que seria melhor fazermos um projeto com escopo e prazo reduzidos. Separamos apenas três semanas para fazer o site. Debates sobre os objetivos e chegamos à seguinte lista:

- Ter um layout bonito;
- Ter um excelente posicionamento nas buscas do Google;
- Ser rápido;
- Ser fácil de usar;
- Mostrar fotos grandes;
- Mostrar tantas fotos quanto Pati quisesse publicar;
- Apresentar palavras-chave nas fotos;
- Permitir buscas por palavras-chave;
- Mostrar uma ficha técnica de cada evento;
- Ter um formulário de contato;
- Permitir que os clientes escolhessem as fotos para o álbum diagramado no próprio site;

- Utilizar apenas tecnologias abertas, tais como [HTML](#), [CSS](#) e [Javascript](#); e
- Integrar com o [Flickr](#), um sistema para armazenamento de fotos que Pati já usava.

Na época, o conceito de [MVP](#) (*minimum viable product*), ou seja, [produto mínimo viável](#), ainda não havia ganhado o mundo através do livro

[The Lean Startup](#), que o popularizou anos depois. Porém foi a filosofia que seguimos. Trabalhamos durante três semanas e criamos um software que continha o mínimo necessário para ser colocado na rua.

Éramos uma equipe pequena, apenas três pessoas no desenvolvimento e Pati atuando como cliente. Éramos todos bons no que fazíamos. Sabíamos o que queríamos e nos empenhamos ao máximo nessas três semanas. Foi um projeto divertido de fazer e adoramos o resultado final.

Criamos o site do zero usando [Ruby on Rails](#), uma tecnologia pouco conhecida na época, mas que funcionava. Nos anos seguintes, inúmeros serviços importantes adotaram o Rails, como é o caso do [Airbnb](#) e tantos outros.

Lançamos o site (mais completo do que você encontra hoje em [patriciafigueira.com.br](#)) no fim de janeiro de 2008. Era só um site mesmo. Não era um produto que tivesse funcionalidades para ser oferecidas a outros fotógrafos. Não criamos tais funcionalidades em um primeiro momento porque não sabíamos se o site daria certo. Antes de investir tempo e esforço para criá-las, precisávamos ter certeza de que o site seria bem recebido.

Após a conclusão dele, percebemos que seria importante Pati ter um blog também. O site serviria como uma vitrine para seu trabalho, enquanto o blog seria um local para ela dialogar com as noivas. Ainda não havia Facebook (ao menos no Brasil) nem Instagram. As pessoas dialogavam mais através dos comentários dos blogs.

Desenvolver o blog tomou outras três semanas de trabalho. No final, Pati passou a contar com um dos melhores sites de fotografia de casamento do Brasil. Ela mesma podia adicionar novos álbuns de fotos e publicou uma imensa quantidade delas. No auge, chegou a ter mais de trezentas mil fotos no site.

Poucos meses após entrar em operação, o site atingiu a primeira posição nas buscas do Google para quem procurava por fotos de casamento ou fotógrafos de casamento. Lá ficou durante praticamente toda a carreira de Pati. A noiva clicava no link do Google para entrar no site e ele carregava de forma instantânea. Era muito rápido.

O site apresentava muitos álbuns de fotos de casamento. Cada um continha todas as fotos do evento. Ele encantava as noivas com fotos lindas, navegação fácil, riqueza de informações e a busca por palavras-chave. As noivas podiam pesquisar por fotos específicas e tirar ideias para montar o casamento, em uma época em que ainda não existia [Pinterest](#). Além disso, a

ficha técnica de cada casamento trazia a lista de todos os fornecedores, o que era de extrema utilidade para as noivas.

As estatísticas de acesso mostravam que as noivas passavam muito tempo no site. Navegavam por uma infinidade de fotos e quase sempre entravam em contato com Pati para tentar contratá-la. Ela passou a ter uma procura muito superior a sua capacidade de atender. Sua agenda passou a ser preenchida rapidamente e ela logo teve de começar a recusar eventos por falta de disponibilidade.

Fotógrafos de casamento também começaram a encontrar seu site. Muitos ainda não tinham o próprio site. Outros tinham, mas não estavam satisfeitos. Eles começaram a entrar em contato com Pati e a perguntar quem fez seu site. Ela explicava que nós o havíamos feito e que tínhamos a intenção de transformá-lo em um produto para outros fotógrafos terem um site semelhante ao dela. Eles sempre pediam para ser informados quando isso ocorresse.

Os primeiros meses após o lançamento do site serviram como um período de incubação. Não implementamos mais nada no site dela nesse período. Apenas aguardamos e observamos como estava sendo recebido pelo mercado.

Quando Pati nos contou que fotógrafos estavam entrando em contato, demos o próximo passo em direção ao produto. Adicionamos um link ao site com o texto: *interessado em ter um site como esse?* Quem clicava ia para uma página onde explicávamos que tínhamos planos de criar um produto. Se a pessoa quisesse ter um site semelhante, deveria preencher o formulário e nos informar nome, telefone e email. Entraríamos em contato quando o produto estivesse pronto. Esse formulário nos permitiu medir o interesse pelo produto. Era a última peça que faltava em nossa fase de validação.

Mudança de apartamento

Quando fizemos o site de Pati, morávamos e trabalhávamos em um apartamento pequeno, de dois quartos. Outras pessoas trabalhavam lá com a gente e o espaço limitado começou a incomodar. Durante o ano de 2008, enquanto o site de Pati era indexado pelo Google e avaliávamos a reação das noivas, nos concentramos em outras atividades.

Mudamos para um apartamento maior, de quatro quartos, que ganhou o apelido carinhoso de CEC (Centro Empresarial Casinha). Um quarto virou o escritório de Pati, outro se transformou no meu e a sala de estar tornou-se um ambiente lindo para receber os casais de noivos. Todos nós passamos a trabalhar com mais conforto e Pati passou a vender seu trabalho com mais facilidade ainda. Os noivos se encantavam com suas fotos, com os álbuns diagramados, com sua simpatia e com a sala bonita. Fechavam negócio quase sempre.

A criação do Be on the Net

Quando terminamos a mudança e concluimos as reformas no apartamento, descobrimos que mais de duzentos fotografos haviam se cadastrado no formulário de interesse que colocamos no site de Pati. Era um número suficiente para justificar o esforço de transformá-lo em um produto, o que começamos a fazer em setembro de 2008. Investimos três meses, o suficiente para criar algo pelo qual as pessoas estivessem dispostas a pagar. Foi o melhor investimento que já fizemos na vida. Mal sabíamos que ele nos daria retorno por quase uma década.

Ao longo de 2008, todas as pessoas que nos procuravam perguntavam quanto custaria a mensalidade do produto. Nós não dizíamos. Só revelamos no dia do lançamento, na véspera do Natal de 2008. Adotamos o valor de R\$ 99 por mês, o mesmo que Pati já pagava pelo serviço de site que usava antes. Definir o preço de um produto é difícil. Sabíamos que havia fotografos investindo R\$ 99 por mês, então aproveitamos esse conhecimento.

O produto foi lançado com o nome de [Be on the Net](#). Entramos em contato com os fotografos que haviam se cadastrado, informamos o preço e como funcionava. Pelo menos 1 de cada 10 interessados contratou no ato. Outros mais o fizeram nas semanas seguintes. É difícil descrever a emoção que senti quando recebi o primeiro pagamento pelo [Be on the Net](#). Foi uma das maiores alegrias que já tive em minha vida profissional.

Depois de alguns meses, alcançamos o objetivo de fazer a empresa se sustentar exclusivamente de seu produto e não mais de consultoria. O [Be on the Net](#) custou pouco para ser desenvolvido e logo tornou-se lucrativo. Apesar de ter superado nossas expectativas, o resultado teria sido melhor se

tivéssemos aplicado as técnicas de lançamento que são usadas hoje em dia, explicadas no livro [Launch](#), de [Jeff Walker](#).

Passamos os primeiros meses de 2009 corrigindo alguns detalhes que não funcionaram bem. Depois voltamos nossas atenções para o suporte. Usuários de software têm dúvidas e enviam perguntas para os desenvolvedores com frequência. Com o [Be on the Net](#) não foi diferente. Para cada dúvida que recebíamos, criávamos um vídeo que a respondia e o enviávamos para o cliente. Ao longo de seis meses, criamos vídeos que ensinavam todos os detalhes de uso do sistema. Eles permitiram que uma única pessoa cuidasse do suporte aos clientes ao longo de toda a existência do [Be on the Net](#).

Em abril de 2009, pouco tempo depois do lançamento do produto, participamos de uma feira de fotografia em São Paulo. Fomos como visitantes, porém fizemos uma campanha de marketing de guerrilha durante o evento e conquistamos vários clientes. No entanto, a principal fonte de clientes sempre foi o site de Pati.

Quando lançamos o [Be on the Net](#), alteramos o link que havia no site dela para os interessados em ter um site semelhante. Em vez de enviá-los para um formulário, ele passou a enviá-los diretamente para o [Be on the Net](#). Com o passar do tempo, à medida que o site dela foi alcançando um bom posicionamento no Google, um número cada vez maior de fotógrafos passou a conhecer o [Be on the Net](#). Não apenas fotógrafos. Eventualmente começamos a vendê-lo também para cinegrafistas, cerimonialistas, floristas, decoradores, maquiadores e outros profissionais que atuam em eventos sociais.

No mês seguinte, em maio de 2009, fizemos aquela viagem para Buenos Aires que mencionei no início do capítulo. As vendas do [Be on the Net](#) cresciam a cada mês, Pati tinha uma infinidade de trabalhos agendados e ganhava mais a cada dia. Estávamos confiantes em nossos negócios quando decidimos nos mudar para a Argentina.

Com o sucesso do [Be on the Net](#), sabíamos que poderíamos contar com uma boa receita mensal e não precisávamos estar nem em Niterói nem no Brasil para manter o sistema funcionando. Nossa reserva financeira foi preservada durante o desenvolvimento do [Be on the Net](#) e só crescia, portanto o movimento de saída do Brasil parecia seguro.

Plano inicial

Diminuir o número de casamentos, visitar o Rio uma vez por mês e trabalhar remotamente com nossa equipe. Esse era o plano inicial quando tivemos a ideia de mudar para Buenos Aires. Eu já trabalhava em casa o tempo todo e podia manter o Be on the Net funcionando de qualquer lugar. Conquistei essa mobilidade porque aceitei o risco de abandonar a consultoria (o que pareceu maluco na época) e concentrei-me em criar um produto. Pati também trabalhava em casa a maior parte do tempo. Só precisava sair na hora de fotografar os casamentos, o que fazia todo fim de semana.

Para viabilizar a mudança para a Argentina, ela podia diminuir o ritmo e passar a fotografar menos casamentos. Em vez de todo fim de semana, poderia reservar um fim de semana por mês e agendar dois ou três casamentos para ele. Como Buenos Aires é perto, são apenas três horas de voo, ela poderia ir ao Rio uma vez por mês, fazer as fotos e voltar.

Ela ganharia menos, porém teria um ritmo mais sustentável, o que era necessário. Ela estava fazendo mais de sessenta casamentos por ano e demorava cada vez mais para entregar os álbuns. Em sua sala, havia um [kanban](#), na forma de um quadro magnético grande, com cartões que representavam cada casamento que ela havia fotografado e cujo álbum ainda precisava ser entregue. Havia várias colunas nesse quadro, uma para cada fase de produção dos álbuns. Cada vez que eu olhava para esse quadro, ficava mais preocupado.

Os cartões iam se empilhando do lado esquerdo, no início do processo, e poucos apareciam do lado direito, onde estavam as últimas etapas da produção de um álbum. Ela estava fotografando muitos eventos e não conseguia entregar os trabalhos no mesmo ritmo. Logo começaria a atrasar tanto ao ponto de queimar seu nome no mercado. Ela precisava fotografar menos eventos ou contratar uma equipe para fazer parte de seu trabalho. Como não abria mão de fazer algumas das etapas mais demoradas, como o tratamento das fotos, a única saída era reduzir o número de eventos.

Os casamentos também exigiam muito de seu corpo. Ela carregava três câmeras grandes com lentes pesadas por muitas horas. Saía de casa antes das 14h para fotografar o *making of* da noiva e ficava na festa até às quatro da manhã seguinte ou mais. Os domingos eram os únicos dias em que conseguia descansar um pouco quando não tinha de atender noivos para

vender seu trabalho. Era óbvio que isso não se sustentaria por muito tempo, por maior que fosse seu entusiasmo com a fotografia.

Naquela época, o custo de vida em Buenos Aires era menor que o do Brasil. Tanto eu quanto ela continuaríamos a ganhar dinheiro no Brasil, porém teríamos gastos mensais menores. Não só pelo custo de vida reduzido, mas também porque não teríamos mais o custo de manter um apartamento grande. Pagávamos um aluguel caro, condomínio alto, contas de luz elevadas e ainda tínhamos uma cozinheira que preparava as refeições para todos nós. Todo esse custo seria eliminado e substituído por um valor menor em Buenos Aires. No fim das contas, reduzir o número de eventos e a receita não teria um impacto significativo em nosso poder de compra. Continuaríamos tendo dinheiro de sobra para viver bem na Argentina. Pati teria um ritmo menos intenso e teríamos tempo para curtir uma cidade com a qual tínhamos mais afinidade.

O desafio seria mudar a forma de trabalho com nossas respectivas equipes. Pati tinha duas funcionárias e eu tinha dois. Todos trabalhávamos juntos em nosso apartamento. Teríamos de mudar essa dinâmica e nos adaptar ao trabalho remoto. Os funcionários passariam a trabalhar de suas próprias casas e nós na Argentina. Para fazer essa mudança, precisaríamos mudar equipamentos, introduzir novas ferramentas e alterar processos. Havia muito trabalho pela frente.

Capítulo 2

Transição para a vida nômade - Fase 0 (2010)

Quando tivemos a ideia de mudar para a Argentina, em meados de 2009, Pati já tinha dezenas de casamentos agendados até o fim de 2010. Teríamos um ano e meio para cuidar da mudança. Havia um período de dois meses, no início de 2010, em que Pati não tinha casamentos. Era o período de verão no Rio, em que não valia à pena fotografar eventos devido ao calor excessivo.

Pouco depois de retornarmos da Argentina, sugeri a Pati que fizéssemos um experimento nos dois meses que ela teria livre no verão. Compramos passagens para os EUA e embarcamos para lá no fim de janeiro de 2010. Passamos dois meses rodando o país de carro. Foi a primeira oportunidade que tivemos de passar um tempo prolongado trabalhando remotamente com nossa equipe. Os funcionários continuaram a ir para nosso apartamento e trabalhamos com eles de onde estivéssemos. Foi nossa primeira experiência como nômades digitais, no começo de 2010, quando ainda nem sabíamos o que era isso.

Esse experimento nos forçou a introduzir algumas mudanças na forma de trabalho, nos fez adotar novas ferramentas, nos ajudou a identificar os principais problemas de trabalhar remotamente e nos permitiu avaliar se daria certo. Tivemos alguns atropelos no início, porém conseguimos trabalhar com nossas equipes à distância. Ficamos mais seguros de que a ida para a Argentina não comprometeria os negócios.

De volta ao Brasil, contratamos uma professora de espanhol para dar aulas a nós e nossos funcionários. [Bianca](#) vinha ao apartamento algumas vezes por semana e fazia um trabalho excelente. Achávamos importante aprender o idioma para curtir melhor a experiência na Argentina. Além disso, tínhamos planos de expandir o [Be on the Net](#) para o mercado latino-americano. [Bianca](#) nos ajudou a ter um bom domínio do idioma em pouco tempo.

Em junho de 2010, convidamos toda a equipe para fazer uma visita a Buenos Aires. Eu precisava ir a uma conferência e seria uma boa oportunidade para apresentar a cidade ao pessoal. Se alguém mais quisesse se mudar para lá, seria ainda melhor.

Depois dessa visita, Karol, que trabalhava com Pati, se empolgaria e se mudaria para Buenos Aires após nossa partida. Foi a única. Os demais permaneceriam no Brasil. Por ironia do destino, nós mesmos nunca chegaríamos a fixar residência em Buenos Aires, como explicarei no próximo capítulo.

O que fazer com as tralhas

Quando voltamos de Buenos Aires, compramos nossa passagem para a ida definitiva no fim do ano, mais precisamente no dia 29 de dezembro de 2010. Mal sabíamos que surpresa essa passagem nos reservaria. Comprar uma passagem é uma estratégia que uso desde que fiz aquela primeira viagem para a Europa. Ela impõe um prazo e nos força a resolver tudo o que é preciso sem enrolação.

Passagem comprada, era hora de cuidar da mudança. Pensamos em fazer uma mudança convencional. Não planejávamos ser nômades digitais porque ainda não sabíamos o que era isso. Queríamos apenas morar em Buenos Aires e levar nossas coisas para lá.

Mudar para uma cidade de outro país não é tão simples quanto mudar para outra cidade no Brasil. A gente precisa de permissão para morar no país de destino. Felizmente, no caso da Argentina, isso é simples. Brasil e Argentina fazem parte do [Mercosul](#), cujas [regras imigratórias](#) permitem que cidadãos dos países membros residam e trabalhem em qualquer país do bloco. É preciso fazer um trâmite para pedir a residência, mas ela é concedida sem maiores problemas.

Nosso plano era alugar um apartamento permanente em Buenos Aires. Inclusive, durante a viagem que fizemos com os demais membros da equipe, procuramos apartamentos em diversas imobiliárias. Não chegamos a fechar nada, mas identificamos a área da cidade em que queríamos morar, [Palermo](#).

Comecei a pesquisar a forma de levar nossas coisas para lá. Eu e Pati nunca fomos consumistas. Sempre compramos apenas o estritamente necessário. Fazer compras é um dos programas que a gente menos curte.

Apesar disso, tínhamos muita tralha. O problema de morar em um lugar grande é que a gente perde a noção do quanto já tem. As coisas se escondem pelos cantos da casa e a gente esquece de se desfazer do que não usa mais.

Pelo que vi na época, a melhor forma de transportar a mudança seria colocar tudo em um *container* e enviá-lo de navio para Buenos Aires. Seria trabalhoso, mas estávamos dispostos a fazê-lo, ao menos até descobrirmos os custos. Era caro demais. Fiz uma cotação com a [Speedy Moving](#) e recebi uma proposta de US\$ 138 (R\$ 255) por cada 100 libras de massa, o que totalizaria US\$ 4.789 (R\$ 8.820) no nosso caso. Não fazia sentido pagar tanto só para transportar as coisas de uma cidade para outra.

Pati sugeriu vender tudo e comprar em Buenos Aires apenas o que se mostrasse necessário. Essa ideia foi essencial para podermos mudar o rumo de nossa vida. Foi uma das decisões mais importantes no processo de mudança porque viabilizou grande parte do que aconteceu em seguida.

Em Buenos Aires, seríamos só nós dois. Não teríamos mais o restante da equipe trabalhando no apartamento, portanto não precisávamos de um lugar tão grande. Se seguissemos o plano original e levássemos nossas coisas, seríamos forçados a alugar um apartamento maior e mais caro só para acomodar tudo o que tínhamos. Teria sido uma péssima ideia. Não seria apenas custoso, também seria uma imensa dor de cabeça.

Vender tudo simplificaria as coisas e geraria uma receita extra. Ainda que planejássemos mobiliar um apartamento em Buenos Aires, precisaríamos de menos itens do que tínhamos no Brasil e os preços eram mais baixos lá. No longo prazo, alugar um apartamento menor também implicaria em outras reduções de custo.

O mais importante, no entanto, era algo que só perceberíamos depois. A decisão de vender tudo nos tornaria livres. Poucos se dão conta de que aquilo que temos nos possui. Quanto mais temos, mais aprisionados ficamos. Só percebemos isso depois que vendemos tudo e experimentamos o que é ser livre pela primeira vez, como descreverei adiante.

Depois que decidimos deixar nossas coisas para trás, "só" tínhamos de achar uma forma de vendê-las. Antes, porém, precisaríamos contornar um dos maiores obstáculos que já enfrentamos desde que estamos juntos e que quase colocou tudo a perder.

Crise no Be on the Net

Em agosto de 2010, faltando poucos meses para a mudança, fomos atropelados pela maior adversidade que já enfrentamos na história do [Be on the Net](#). Ele tinha um ano e meio de vida e ia bem. Contávamos com ele para viabilizar a mudança. Da noite para o dia, foi como se tudo tivesse sido perdido. Acordei com uma notícia que poderia significar a extinção imediata do [Be on the Net](#), o que arruinaria nossos planos de mudar para a Argentina.

Quando fizemos o [Be on the Net](#), tomamos alguns atalhos. Em especial, fizemos todo o possível para não reinventar a roda. Desenvolvedores de software adoram reinventar a roda, a bicicleta, o carro e tudo mais que puderem. Eu não. Por isso preferi criar uma solução que trabalhasse em conjunto com outras já existentes.

Os sites do [Be on the Net](#) foram projetados para mostrar fotos e vídeos da melhor forma possível. Nosso objetivo era que os próprios donos publicassem o conteúdo sem precisar de nenhum conhecimento técnico. Isso é comum hoje, mas não era tanto assim na época. Para isso, tínhamos que desenvolver uma infraestrutura de armazenamento de fotos e vídeos fácil de usar.

Isso seria reinventar a roda porque já existiam bons sistemas para armazenamento de imagens e vídeos. Criar nosso próprio não me parecia razoável. Além disso, seria um esforço técnico gigantesco, cujo custo tornaria o projeto inviável. A solução era integrar o [Be on the Net](#) a sistemas de armazenamento que já existiam. Alguns deles ofereciam essa possibilidade.

Escolhemos o [Flickr](#) para as fotos. Era o site de armazenamento de fotos mais popular na época. Em 2008, o Facebook ainda não era um site expressivo, ao menos no Brasil, e o Picasa Web era pouco usado. O que as pessoas mais usavam para fotos, sobretudo os fotógrafos, era o [Flickr](#).

A ideia de integrar as coisas funcionou bem, tanto do ponto de vista de negócio, quanto técnico. Não tivemos de investir uma fortuna para criar um sistema de armazenamento de fotos, não perdemos tempo com isso nem tivemos de criar uma interface amigável para nossos clientes usarem. Tudo o que precisavam fazer era usar o [Flickr](#). Como muitos eram fotógrafos, vários já usavam o Flickr e não tinham de aprender nada novo. O fotógrafo colocava suas fotos no Flickr e elas apareciam de forma automática no site que ele criava com o Be on the Net. Todo mundo saía ganhando.

Tudo ia bem até a manhã do dia 28 de julho de 2010, quando recebemos um email do Flickr nos informando que estávamos infringindo as regras de integração com o sistema deles. Sendo assim, eles tinham bloqueado nosso acesso de forma permanente. Nunca mais poderíamos integrar o Be on the Net com eles. O email continha a acusação e a sentença, sem espaço para defesa. Fomos julgados e condenados antes mesmo de saber que estávamos fazendo algo errado. Foi uma bomba, como se o Flickr tivesse decretado o fim de nosso negócio.

Desde o início, sabíamos que estávamos expostos a este tipo de risco. Era o outro lado da moeda. Integrar com o Flickr tinha vantagens, mas também nos colocava em uma posição vulnerável. Se ele mudasse de ideia ou fizesse qualquer coisa que interrompesse a integração, nosso negócio estaria arruinado. Foi o que aconteceu. O problema não era o Flickr, e sim o fato de termos confiado uma parte importante do negócio a uma integração com outra empresa. Neste caso, era o Flickr, porém qualquer outra poderia ter rompido com a gente da mesma forma.

O risco de isso acontecer existia e sabíamos dele. Seguimos por esse caminho porque o potencial destrutivo de uma interrupção na integração era alto, porém a probabilidade de ocorrer nos parecia baixa. Estávamos enganados.

O Flickr tinha algumas regras para a integração. Nós as estudamos e as respeitávamos, ao menos era o que achávamos. Alguns pontos eram ambíguos. Entramos em contato com o Flickr no início do desenvolvimento do Be on the Net para entendê-los melhor, porém a empresa jamais respondeu. O Flickr era uma empresa grande e não dava conta de responder aos contatos de seus usuários. Decidimos assumir o risco e seguir adiante na esperança de que tivéssemos interpretado as regras de forma certa. Até porque, como a empresa era excessivamente ocupada, se estivéssemos interpretando algo errado de forma involuntária, isso dificilmente chamaria a atenção dela.

A mensagem que recebemos do Flickr mostrou que estávamos errados. Havia dois itens importantes que havíamos interpretado de forma errada. Além disso, as regras de integração mudaram ao longo do tempo e não percebemos. Da noite para o dia, estávamos diante da possibilidade de perder todo o negócio que havíamos construído. Ainda pior era a perspectiva de tantos clientes ficarem sem site e terem prejuízo em seus negócios.

As duas semanas que se seguiram foram o período mais difícil de minha vida. Daria para escrever um livro só sobre o que aconteceu nesses dias. As lições desse episódio foram muitas e eu jamais as esquecerei.

No início, tentamos dialogar com a empresa. Eu tinha um grande amigo que trabalhava na filial brasileira do [Yahoo!](#), a empresa que era dona do Flickr. Ele conversou com um monte de gente dentro da empresa e fez todo o possível para nos ajudar a sair dessa situação. Tudo em vão. Nada fez o Flickr reconsiderar sua posição. Isso foi instrutivo e serve de alerta para outros desenvolvedores. Cada vez mais, os softwares são construídos para serem integrados com outros sistemas já existentes. Faz sentido do ponto de vista técnico, mas dá margem a situações como a que vivemos.

Para contornar esse obstáculo, alteramos o Be on the Net e o integramos com o Picasa Web, do Google. Foi um esforço grande, mas contamos com a ajuda de alguns amigos queridos, aos quais seremos eternamente gratos. Deixamos o Flickr para trás e isso salvou o Be on the Net.

Ao longo dessas duas semanas, a forma como me comuniquei com os clientes fez toda a diferença. Acertei nas palavras e no tom, em grande parte devido ao aprendizado que tive quando presidi a empresa júnior. Assumi a responsabilidade pelo que aconteceu, pedi desculpas e atualizei os clientes diariamente com todos os detalhes sobre as ações que estávamos tomando para corrigir o problema. Perdemos alguns clientes, mas foram poucos diante do tamanho do problema. A maioria esperou a resolução e continuou com a gente.

Passamos os meses seguintes ajudando os clientes a migrar suas fotos do Flickr para o Picasa Web. Deu um trabalhão. Sofremos muito com o que aconteceu, porém o apoio dos amigos nos ajudou a superar o problema com rapidez. Mesmo durante o susto, jamais pensei em desistir da mudança para Buenos Aires. Acreditava que acharíamos uma solução e que aquilo apenas nos atrasaria. Foi o que aconteceu. O Be on the Net não apenas sobreviveu, como ficou melhor com o Picasa Web, em vez do Flickr.

Em histórias de mudanças de vida, sempre aparecem grandes obstáculos. É como se fossem necessários para testar nossa vontade. Nessas horas, o jeito é colocar a cabeça para funcionar, pedir ajuda, buscar soluções e ajustar o rumo. A maioria das pessoas desiste nos primeiros obstáculos. Quem quer chegar mais longe não pode desistir. Precisa acreditar que há uma forma de contornar, o que a quase sempre é verdade.

Lojinha

Superamos o incidente com o Flickr e a vida voltou aos trilhos. A data de nossa partida se aproximava. Adiar a ida não era uma opção. Já tínhamos as passagens compradas. Além disso, nosso contrato de aluguel vencia no fim de dezembro e não tínhamos nenhuma intenção de renová-lo. Aquela era nossa oportunidade de sair do imóvel sem pagar multa e de receber de volta o depósito calção que havíamos feito e que não era pequeno.

Para vender as coisas, dei uma olhada no [Mercado Livre](#), o qual nunca tinha usado. Notei que para qualquer coisa que quisesse fazer no site, teria de preencher um cadastro enorme. Aquilo não era razoável. O site me pareceu tão burocrático e complicado que descartei a ideia. Acredito que o [OLX](#) também já existia, porém não era tão conhecido. A gente precisava de outra solução.

Pouco antes dessa época, um amigo meu, o Elomar, havia feito um site simples para vender seus livros. Ele ia se mudar e queria passá-los para outras pessoas. Vi o site e gostei, sobretudo pela simplicidade. Achei que poderíamos adotar algo semelhante. Entrei em contato com Elomar e ele me ajudou a montar um site parecido para vendermos nossas coisas. Ele era igualmente simples e respeitava os seguintes princípios:

- Permitir colocar tantos artigos quanto desejássemos;
- Colocar tantas fotos quanto quiséssemos em cada artigo;
- Colocar descrições longas e detalhadas;
- Ser fácil de navegar;
- Ser rápido; e
- Permitir que os visitantes indicassem o quanto estavam dispostos a pagar por cada item.

O site era uma espécie de leilão simplificado. Se você tivesse interesse em um item, tudo o que precisava fazer era informar o valor que estava disposto a pagar e seu email. Se a gente gostasse do valor oferecido, a gente entrava em contato por email e fechava o negócio. Era só isso. O interessado não precisava criar um *login*, nem preencher nenhum tipo de cadastro.

Nosso foco voltou-se para o processo de vender as coisas. Começamos pelos itens mais valiosos, como os móveis. Pati tirava inúmeras fotos de cada artigo, selecionava as melhores e tratava. Eu as colocava no site e escrevia descrições detalhadas. Foram muitas e muitas horas dedicadas exclusivamente a catalogar tudo o que tínhamos e cadastrar no site. Foi um esforço hercúleo, mas valeu a pena.

Quando ficou pronto, demos início a uma enorme campanha nas redes sociais. O Facebook já tinha chegado ao Brasil. Tanto eu, quanto Pati tínhamos muitos seguidores no Twitter e no Facebook. Naquela época, era fácil alcançar um grande número de pessoas nesses sistemas. Anunciamos a lojinha para nossos seguidores e pedimos que avisassem a seus amigos. Todo mundo ajudou e muita gente ficou sabendo dela.

Com muito trabalho, vendemos a maior parte do que tínhamos e conseguimos esvaziar o apartamento. Ao menos era o que pensávamos. Havia itens que não fazia sentido vender. O valor era pequeno ou não havia qualquer chance de venda. Outros foram colocados à venda, porém ninguém se interessou em comprar.

A solução era doar o que sobrou, mas para quem? Começamos outra jornada para doar tudo o que faltava. Foi quase tão difícil quanto fazer as vendas. Precisávamos conversar com um monte de gente e coordenar as visitas para buscar os itens.

O pior é que aquilo parecia não ter fim. Quanto mais coisas iam embora, mais tralhas descobríamos. É como se fossem camadas de uma cebola. A gente ia se livrando das mais externas e descobria que havia outras e mais outras.

A gente só se dá conta da quantidade de tralha que acumula quando precisa se livrar delas. No nosso caso, foi um processo mais longo e trabalhoso do que jamais imaginaríamos. Isso nos ensinou muito sobre a situação em que as coisas estão. Se nós, que sempre compramos o mínimo possível e nunca gostamos de fazer compras, tivemos tanta dificuldade, imagine o caso de pessoas que adoram comprar. Dá medo de pensar.

Esse trabalho de vender e doar as coisas consumiu todo o tempo que restava até nossa viagem para a Argentina. Foram meses nesse processo e não sobrou tempo para mais nada. Até o último minuto, estávamos tentando nos livrar das coisas. Até mesmo quando fechamos o apartamento e entregamos as chaves para o dono, ainda tivemos que deixar os últimos itens na portaria para serem recolhidos algumas horas depois.

Mudança de planos

Ao longo desse processo, não deu tempo para buscar um apartamento em Buenos Aires. Encerramos o que tínhamos em Niterói, mas ainda não tínhamos um lugar para onde ir em Buenos Aires. Já estávamos em dezembro. O calor excessivo do verão já começava a incomodar. Eu sabia que em Buenos Aires seria tão quente quanto.

Foi quando percebi que estávamos indo para a Argentina levando apenas nossas malas, portanto não tínhamos de ir necessariamente para Buenos Aires. Poderíamos ir para outra parte do país. Tive a ideia de ir mais para o sul, para [Bariloche](#), na [Patagônia](#), onde a temperatura seria mais amena. Mesmo no verão, costuma ficar abaixo dos vinte graus. Perfeito para quem queria distância de calor, como era nosso caso.

Verifiquei os voos e descobri que os preços eram inviáveis. Chegaríamos à Argentina às vésperas do *réveillon*, uma época péssima para viajar, quando todos os lugares ficam cheios e caros. Comecei a buscar alternativas. Tive a ideia de alugar um carro em Buenos Aires e fazer o trajeto pela estrada. Isso também nos daria a chance de viajar para outras partes da Argentina que não conhecíamos.

Pesquisei preços de locação na internet e eles também não eram bons. Uma semana antes da partida, comecei a ligar para as locadoras de veículos em Buenos Aires, até que encontrei a [Solución Rent a Car](#), que nos ofereceu uma tarifa razoável depois de muita negociação: 138 pesos (US\$ 35 / R\$ 58) por dia para um período de dois meses. Alugamos um Gol básico, sem ar condicionado, para os dois meses seguintes. Além disso, reservamos duas noites em um hotel simpático que já conhecíamos em Buenos Aires. Foi tudo o que conseguimos fazer antes da partida. A preparação para sair do Brasil, incluindo todas as atividades necessárias para esvaziar o apartamento, tomou mais tempo do que poderíamos prever.

Burocracias e trocas de equipamentos

No processo de preparação, também executamos outras tarefas importantes, além de esvaziar o apartamento. Do ponto de vista burocrático, tentamos deixar as coisas tão organizadas quanto possível. Fiz uma carteira de identidade nova, porque a minha era da época de adolescente, renovei a

carteira de motorista, fizemos a vacinação da febre amarela (para ter o certificado, caso ele fosse necessário em algum lugar), emitimos procurações, renovamos os cartões de crédito (para estender a validade), autorizamos o uso de nossos cartões no exterior e encerramos as assinaturas dos serviços que usávamos no Brasil. Mantivemos apenas o plano de saúde porque planejávamos ir ao Brasil uma vez por mês para Pati fotografar casamentos.

Duas pessoas continuariam a trabalhar conosco. Uma comigo e outra com Pati. Depois que vendemos tudo, inclusive os computadores de mesa, compramos *notebooks* para todos nós.

Partida

Entregamos o apartamento no dia 29 de dezembro de 2010 e fomos para o Aeroporto do Galeão. Diante de nós, apenas incertezas. Tínhamos as duas noites reservadas em Buenos Aires, além de um carro reservado para os próximos dois meses. Era tudo. Para piorar, era véspera de *réveillon*, portanto um dos piores momentos do ano para buscar acomodação. Torcíamos para ter algum lugar vago quando chegássemos em Bariloche.

Chegamos cedo ao aeroporto como sempre fazemos. Comecei a buscar nosso voo nos monitores, e não consegui achá-lo, talvez porque ainda fosse cedo, pensei. Fomos tomar um café e descansar um pouco. A trajetória até ali tinha sido exaustiva. Continuei buscando o voo nos monitores e nada. Talvez fosse um erro no sistema.

Fomos até a máquina da Gol e tentamos fazer o check-in. Ela também não encontrou nosso voo. Fomos ao balcão da empresa e descobrimos que o voo tinha sido cancelado há meses e ninguém nos avisou. Compramos a passagem com quase cinco meses de antecedência. A Gol fez algumas mudanças operacionais e uma delas foi cancelar nosso voo.

Depois de tanto esforço para chegar àquele momento e ir para a Argentina, descobrimos que não poderíamos fazê-lo porque não tínhamos mais o voo. Foi surreal, porém, como em tantas outras adversidades, o saldo foi positivo.

A Gol se ofereceu para nos colocar em um voo da Aerolíneas Argentinas algumas horas depois ou pegar outro voo da própria Gol na manhã seguinte. A ideia de voar pela Aerolíneas não me agradava, então pedi que nos colocassem no voo do dia seguinte. Só havia um detalhe: onde passaríamos

a noite? Já não tínhamos mais uma casa. Para onde ir? Expliquei isso para a atendente da Gol e, como foram eles que cancelaram o voo, era a responsabilidade deles encontrar uma solução. Eles nos enviaram para um hotel no centro do Rio e pagaram a estadia.

Essa mudança foi excelente. O hotel era bom e, como estávamos esgotados, tivemos a oportunidade de descansar pela primeira vez em dias. Dormimos profundamente, nos recuperamos e viajamos mais tranquilos no dia seguinte.

Agora vai, foi o que pensamos, mas ainda teríamos outra surpresa. Chegamos ao aeroporto e o número do voo aparecia nos monitores. Que alívio. Fomos para o balcão da Gol e começamos a fazer o processo de *check in*.

Cada um de nós estava levando duas malas. Uma para ser despachada e outra para levar na cabine. A atendente etiquetou as malas que seriam despachadas e estava nos entregando os cartões de embarque quando lembrou de conferir a bagagem de mão.

Ela achou uma delas um pouco gordinha e perguntou: tem muita coisa aí nessa mala? Tentei desconversar: "não, ela não tem quase nada, tá levinha." A funcionária não se convenceu. Pedi para pesar a mala de mão. Insisti que não precisava, estava leve. Ela engrossou e exigiu que eu pusesse a mala na balança. Estávamos perdidos. A balança entregou o jogo. A mala pesava o triplo do que era permitido levar dentro do avião. Tínhamos acabado de deixar para trás quase todas as tralhas que acumulamos durante anos e as poucas que restaram ainda eram um problema.

A atendente disse que não permitiria nosso embarque com aquela mala. A casa caiu. Hora de pedir clemência. Começamos aquela ladainha típica de quem foi pego fazendo algo errado. Tentamos explicar o inexplicável. Insistimos, suplicamos, quase choramos. Os argumentos eram tão variados quanto inúteis. Nada parecia arrancar um pouco de compaixão daquele ser irredutível.

No final, não sei o que a convenceu. Talvez tenha sido o atraso que estávamos causando na fila, afinal havia um impasse. Nem ela deixava a gente embarcar, nem a gente deixava ela atender outras pessoas. Ganhamos no cansaço. Ela deixou a gente ir, mas adiantou que provavelmente seríamos barrados no portão de embarque. Não fomos. Conseguimos embarcar com as malas carregadas e a promessa de nunca mais levar tanta coisa, a qual cumprimos rigorosamente desde então.

Esvaziar preciso é

Diz a lenda que um mestre zen tentava explicar algo para um aluno. Não era qualquer aluno, mas sim um experiente, que já havia aprendido muitas coisas. Tinha conhecimento e experiência de sobra. Sempre que o mestre tentava explicar algo novo, o estudante confrontava a novidade com a forma como entendia o mundo e achava que devia funcionar. Ele não conseguia enxergar as lições que o mestre tentava lhe ensinar.

Eventualmente o mestre serviu chá para si mesmo e para o aluno. Encheu as xícaras até a borda. Então disse ao aluno que queria lhe dar um pouco do chá que estava em sua xícara. Ele começou a transferir o chá de sua xícara para a do aluno. Como ela já estava quase cheia, todo o chá da xícara do mestre começou a escorrer ao redor da xícara do aluno e molhou a superfície em que estava.

O estudante o advertiu: "mestre, você não pode colocar nada na minha xícara até eu esvaziá-la para dar lugar ao que está tentando me passar." O mestre respondeu: "sim, eu sei. E eu não posso lhe passar nenhum pensamento, ideia, perspectiva ou lição de vida enquanto você não se desapegar de alguns pensamentos que carrega em sua mente para dar lugar ao que desejo lhe ensinar." Então o mestre olhou nos olhos do aluno e lhe disse: "se você realmente busca o entendimento, comece esvaziando a xícara."

Não sei quando escutei essa história pela primeira vez, mas ela marcou minha vida. Eu e Pati sempre recordamos que **para experimentar novos chás, é preciso esvaziar a xícara**. Ela só é útil quando está vazia. Não apenas acreditamos nisso, como agimos de acordo com esse princípio. Ele se aplica a tudo na vida, não apenas a pensamentos.

Quando larguei a consultoria, eu estava "esvaziando a xícara" para dar lugar à criação de um produto. Quando Pati largou o emprego na Intelig, ela "esvaziou a xícara" para dar lugar a uma nova carreira na fotografia de casamento. Quando vendemos nossas coisas, deixamos para trás uma vida repleta de itens dos quais não precisávamos. A disposição de esvaziar a xícara inúmeras vezes é o que nos trouxe até aqui.

Temos a tendência de adicionar o tempo todo. Queremos mais dinheiro, mais coisas, mais amigos, mais compromissos, mais festas, mais reconhecimento, mais conhecimento e por aí vai. Estamos sempre tentando

colocar mais chá em uma xícara que já está cheia. Não funciona. Um dos exercícios mais importantes que a gente precisa praticar é esvaziar. Ao mesmo tempo é um dos mais difíceis. Não é à toa que é tão negligenciado.

A gente se apega a coisas, a pessoas, a pensamentos, a pontos de vista, a lugares, a tudo. Para esvaziar, a gente precisa aceitar a dor da perda. Quando a gente desapega de algo, a gente sente uma perda e ela sempre é dolorosa. Aceitar que a gente não ganha sempre e que tem perdas é fundamental. A gente não cresce se não tiver disposição para conviver com a dor da perda. Se não houver coragem para perder, para desapegar, para esvaziar, para subtrair, não conseguimos avançar e trazer para nossa vida aquilo que buscamos. É preciso abrir espaço e aceitar a dor. Ela passa. Por maior que seja, uma hora ela passa e é substituída pela alegria de uma nova realização.

Capítulo 3

América do Sul e Europa - Fase 1 (2011)

Chegada à Argentina

Chegamos em Buenos Aires no dia 30 de dezembro de 2010. Fomos para o hotel, conversamos um pouco com as donas, que já conhecíamos, e fui buscar o carro na locadora. Buenos Aires fervia de calor e eu celebrava a decisão de não ficar lá nos meses de verão. Passamos a noite, acordamos cedo e partimos para [Bariloche](#) na manhã do último dia de 2010. Com sorte e um pouco de irresponsabilidade, chegaríamos lá antes da meia-noite. A distância era de 1600 quilômetros.

As estradas eram boas, melhores que o esperado. Também eram vazias e havia muitas retas. A maior parte do trajeto era deserta. Teria sido uma delícia fazer esse percurso se não fosse pela pressa e o calor. Estava muito quente e o carro não tinha ar condicionado. Eu precisava pisar no acelerador e manter as janelas abertas. Não é a boa combinação, mas era o que tínhamos à disposição. Corri o quanto pude e tentei manter o carro em segurança.

Não sabia se conseguiríamos chegar a tempo do *réveillon* e nem se encontraríamos algum lugar para passar a noite depois de viajar o dia inteiro. No fim das contas, deu certo. Entramos em Bariloche pouco depois das 23:30 sem saber para onde ir. Segui para o centro na esperança de encontrar algum hotel onde houvesse vaga. Parei diante do primeiro hotel que vi e pedi para Pati perguntar na recepção se havia vaga. Ela voltou contrariada. Estava lotado.

Ela estava morta de cansaço e não sabia se teria onde passar a noite. Comecei a ficar preocupado. Achamos outro hotel. Ela foi perguntar por vaga e levou outra negativa. Voltou para o carro com cara de poucos amigos. As coisas não iam bem. Paramos diante do terceiro hotel e já

comecei a rezar para ter lugar. Ela voltou com boas notícias, achamos um lugar para passar a noite. Ufa, que alívio. Fomos salvos pelo [Hotel Cristal](#).

Entramos no quarto, tomamos um banho rápido e saímos para jantar. Com sorte ainda veríamos os fogos de artifício. Só que não havia fogos algum, apenas o movimento de gente nos restaurantes. Que decepção...Estávamos habituados a muitos fogos de artifício no *réveillon* de Niterói. Esperávamos que fosse assim em todo lugar. Dias depois, descobrimos que eram proibidos em Bariloche devido ao risco de incêndio nas florestas.

Bariloche

No primeiro dia de 2011, circulamos por Bariloche pela primeira vez. A paisagem era mais linda do que imaginávamos. Era um cenário novo para nós. Um lago azul, lindo, rodeado por montanhas magníficas. O centro da cidade era compacto, tinha um ótimo comércio, vários cafés bonitinhos, bons restaurantes e inúmeras chocolateiras. Que perigo.

Ficamos dois dias no hotel. Era bom e o preço era razoável (R\$ 97 por noite), apesar do *réveillon*. Já começávamos a aproveitar os efeitos positivos de estar em um país com custo de vida mais baixo. Claro que não queríamos ficar muito tempo lá. Hotel é bom para uma ou duas noites. Para ficar mais tempo, a gente prefere um apartamento. Começamos a buscar um.

Para nossa surpresa, não encontramos nada. Buscamos em diversos sites, entramos em contato com vários proprietários, pedimos indicação a algumas pessoas e não achamos nada. Não entendíamos o que estava acontecendo. Conhecíamos a fama de Bariloche no inverno, quando fica lotada de brasileiros que aproveitam a chance de ver neve e esquiar, porém esperávamos que a cidade ficasse vazia no verão. Estávamos enganados. Ela também lota na estação mais quente do ano. A diferença é que os maiores frequentadores são os próprios argentinos. A cidade estava lotada, por isso não conseguíamos achar um único apartamento disponível. Foi preciso muito empenho para achar algo.

Apartamento por temporada

Tínhamos planos de ficar em Bariloche até meados de fevereiro, portanto buscávamos um apartamento para todo esse período. Não achamos nenhum. Hernán, do [Departamentos Bariloche](#), tinha um apartamento para uma semana (veja as [fotos](#)). Era um pouco afastado do centro, porém tinha cozinha e outras comodidades que buscávamos, exceto a principal delas: acesso à internet.

Ele tinha outro apartamento, mais central e com conexão WiFi, que seria liberado em alguns dias. Ofereceu-nos um *modem 3G* para usarmos no primeiro apartamento. Sabíamos que não seria suficiente, mas aceitamos por falta de opção. Aguardaríamos para ter uma conexão melhor no apartamento seguinte.

Hernán cobrou uma diária de 150 pesos (US\$ 37 / R\$ 63) pelos apartamentos, o que traduziu-se em um custo mensal de 4.500 pesos (US\$ 1.110 / R\$ 1.890) por mês para acomodação. Esse valor incluía todas as despesas: aluguel, condomínio, imposto predial, água, luz e TV a cabo. Era uma oferta atrativa para nós.

Quando morávamos em Niterói, só o aluguel custava R\$ 2 mil. Condomínio e IPTU custavam outros mil reais. E ainda tínhamos as contas de luz, gás, telefone fixo, telefones celulares, acesso à internet, TV a cabo e seguro contra incêndio. Isso tudo contribuía para os gastos fixos passarem dos R\$ 4 mil por mês. E ainda havia as despesas com Francisca, nossa cozinheira, e com Maria, que fazia a faxina uma vez por semana, fora eventuais manutenções. Era muito gasto, em parte porque tínhamos nossos respectivos escritórios no apartamento e outras pessoas trabalhavam com a gente. Era mais barato que pagar por um apartamento menor e por dois escritórios em salas comerciais.

Em Bariloche, pagaríamos R\$ 1.890 por mês para todas as contas em um apartamento temporário na alta temporada. Aluguéis temporários são mais caros que permanentes em qualquer lugar do mundo, especialmente em cidades turísticas na alta temporada. Uma pessoa alugando um apartamento de forma permanente em Bariloche, portanto, pagaria bem menos que esse valor. Nós pagaríamos um valor alto para a realidade de lá, porém baixo para a nossa.

O valor de R\$ 1.890 por mês, que já cobria todas as contas, não chegava sequer aos R\$ 2 mil que pagávamos em Niterói só pelo aluguel, que era permanente. É claro que tratavam-se de apartamentos diferentes, o de Niterói era maior. O que importa é que ambos atendiam as nossas

necessidades, porém o de Bariloche oferecia um custo muito inferior. Em vez de gastar R\$ 4 mil por mês para todas as contas (fora despesas com as funcionárias), gastaríamos R\$ 1.890. Menos da metade. A economia não parava por aí. As despesas variáveis também caíam. Restaurantes, supermercados, cafés e outros itens eram mais baratos na Argentina.

Os tempos eram outros. A cotação do dólar era de R\$ 1,67 em janeiro de 2011. O real valia o dobro do que vale hoje, em 2017, quando escrevo esse trecho. O valor de R\$ 1.890 reais que Hernán cobrava correspondia a US\$ 1.110, um valor caríssimo em dólar. Como o real valia mais, a conta saía barata para a gente. Nos anos seguintes, com a desvalorização do real, aprendemos a alugar apartamentos iguais ou melhores pagando valores muito inferiores em dólar, o que manteve nosso gasto em reais sob controle.

Pausa para falar de dinheiro

Dinheiro é uma das maiores preocupações de quem deseja viver como nômade digital. Quem tem uma vida convencional e mora em um endereço fixo costuma ter seus gastos divididos em dois grandes grupos: contas fixas de casa e demais despesas. As contas fixas de casa envolvem aluguel, IPTU, condomínio, telefone, eletricidade, água, gás, acesso à internet, TV a cabo, faxina, entre outras. As demais despesas referem-se a alimentação (supermercado, restaurantes etc), farmácia, transporte, vestuário, lazer e tudo mais que não seja relacionado à casa. São despesas mais variáveis.

É comum as **contas fixas de casa** consumirem mais da metade do orçamento familiar. Além disso, são contas mais difíceis de reduzir. Aluguel, condomínio e IPTU, por exemplo, raramente caem de valor, a menos que você se mude para outro lugar. As outras despesas, que não têm ligação direta com a moradia fixa, são mais fáceis de reduzir. Elas dependem de nossas escolhas diárias. Tá gastando muito com alimentação? Dá um tempo dos restaurantes e passa a cozinhar em casa. Tá gastando muito combustível, taxi ou Uber? Usa o transporte público.

Quando a gente vive como nômade digital, a gente deixa de ter as contas fixas de casa e passa a ter o que chamarei de **despesas de viagem**. Elas cobrem o básico para você chegar a um destino e passar algum tempo nele. Isso inclui: **deslocamento, hospedagem e seguro de saúde**.

Os custos de deslocamento envolvem passagens aéreas, de trem, de ônibus, de ferry ou de qualquer meio de transporte que faça a ligação entre

uma cidade e outra, assim como a locação de veículos. Não incluo nesse valor o transporte urbano. Meu foco aqui é apenas o custo para chegar até um determinado destino. Hospedagem refere-se às diárias que você paga em hotel, *hostel*, pensão, quarto privado ou apartamento por temporada. Seguro de saúde é uma despesa adicional que lhe permite receber atendimento médico em seu destino, seja qual for no mundo, em casos de doença ou emergências.

Essas despesas representam o mínimo que você precisa gastar para chegar e passar algum tempo em qualquer lugar do mundo. No caso do nômade digital, as demais despesas são as mesmas que você teria vivendo uma vida convencional, portanto alimentação, transporte urbano, farmácia, lazer, entre outras.

As **despesas de viagem** costumam consumir a maior parte do orçamento de um nômade digital, assim como as **contas fixas de casa** consomem a maior parte do orçamento de uma família convencional, que vive em um endereço fixo. A diferença é que as despesas de viagem não são fixas. Elas podem variar de acordo com as escolhas de cada nômade.

A mobilidade dá ao nômade digital a chance de reduzir suas despesas de viagem desde que ele faça escolhas acertadas. Ele pode até gastar menos do que gastava morando em um endereço fixo.

As despesas de viagem que um nômade tem a cada ano variam de acordo com o número de destinos que ele visita (quanto mais lugares, mais passagens), a escolha dos destinos (existem lugares com custo de vida mais alto que outros), o tipo de transporte usado, o tipo de acomodação, a antecedência das reservas e mais uma infinidade de fatores. Seja como for, a maior oportunidade de economia gira em torno dos custos de viagem, já que eles costumam consumir a maior parte do orçamento.

Nós guardamos quase todas as despesas de viagem que tivemos ao longo dos últimos sete anos. Comentarei sobre tais despesas em cada um dos destinos que mencionarei daqui por diante. Sempre que isso acontecer, sempre que eu usar a expressão **despesas de viagem**, compreenda que estou me referindo apenas a passagens, locação de veículos, hospedagem e seguro de saúde. Não estou incluindo as despesas de dia a dia, tais como alimentação, transporte, lazer e outras.

Essas outras despesas dependem mais do estilo de vida de cada um. Tem pessoas que só comem em restaurante, enquanto outras fazem a própria comida em casa. Tem gente que não bebe e gente que bebe demais. Tem

gente que frequenta bares quase toda noite e gente que prefere assistir séries. Portanto faz pouco sentido apresentar nossos gastos do dia a dia. Eles refletiriam nossas escolhas, as quais provavelmente são diferentes das suas. Por essa razão, e também porque não guardamos as informações sobre esses gastos, comentarei apenas sobre as despesas de viagem.

Quando deixamos o Brasil, eu e Pati adotamos um orçamento mensal total de R\$ 6 mil por mês para o casal. Isso correspondia a R\$ 200 por dia. Esperávamos alocar 2/3 desse valor em despesas de viagem e o 1/3 restante em despesas do dia a dia. Portanto, imaginávamos gastar em torno de R\$ 4 mil por mês (R\$ 134 por dia) com despesas de viagem e R\$ 2 mil (R\$ 66 por dia) com o restante.

O valor de R\$ 6 mil por mês representava um gasto total inferior ao que tínhamos em Niterói. Cada um de nós teria de contribuir com apenas R\$ 3 mil por mês para as contas fecharem. Nossos negócios geravam bem mais que isso, o que nos deu a confiança de mudar para a Argentina com tranquilidade.

Em Bariloche, quando fechamos a locação com Hernán, assumimos um custo mensal de R\$ 1.890 com o apartamento e outros R\$ 1.740 com a locação do carro, portanto, R\$ 3.630 no total. Sobravam outros R\$ 2.370 para as despesas variáveis, respeitando o orçamento de R\$ 6 mil por mês. Tudo o que ganhássemos além desse valor poderia ser guardado em nossa reserva financeira. Quando fôssemos para Buenos Aires, não teríamos mais a locação do carro, portanto o mais provável é que fôssemos gastar ainda menos.

Será que tem de tudo?

Assim que mudamos para o apartamento, Pati começou a manifestar algumas preocupações. Como tratava-se de uma cidade pequena, ela temia não encontrar alguns serviços que achava importante, tais como loja de produtos naturais, lavanderia, salão de beleza, academia e outros que facilitavam nosso dia a dia em Niterói. Começou a arrepender-se da decisão de ir para Bariloche e a achar que devíamos ter ficado em Buenos Aires, onde acharíamos de tudo.

Sua preocupação me pareceu excessiva. Por menor que fosse a cidade (e nem era tão pequena assim), certamente haveria salões de beleza, academias e o que mais fosse necessário. Só precisávamos de um tempinho

para descobrir. Tínhamos acabado de chegar. Era natural que ainda não soubéssemos onde as coisas estavam. Dito e feito. Assim que começamos a caminhar pela cidade, no mesmo dia, encontramos salões, academias e tudo mais que teríamos achado em Buenos Aires.

Não foi a única vez que Pati teve esse tipo de preocupação. Até hoje, depois de passar por muitas cidades, ela levanta questões semelhantes quando visitamos lugares onde as coisas não são tão óbvias em um primeiro momento. No fim das contas, a gente sempre encontra o que ela imaginava que não existiria na cidade. Só precisamos de um pouco de paciência. A cidade vai se revelando à medida que os dias vão passando. Comento isso porque você possivelmente terá a mesma preocupação. Ela é normal e compreensível, porém não tenha medo. Saiba que você encontrará tudo o que procura. Basta pesquisar e ter um pouco de paciência.

Aproveitando as descobertas, nos matriculamos na academia. Os valores eram convidativos:

- 90 pesos (US\$ 23 / R\$ 38) para fazer musculação 3 vezes por semana por um mês; ou
- 105 pesos (US\$ 27 / R\$ 44) para fazer musculação quantas vezes quisesse por um mês; ou
- 165 pesos (US\$ 42 / R\$ 69) para fazer musculação e as aulas, tudo liberado, por um mês.

Escolhemos a opção mais cara, cujo valor era a metade do que pagávamos na academia em Niterói. Mais uma economia por estarmos na Argentina. Precisávamos de um atestado de aptidão física, porém convencemos a recepcionista a nos liberar desse requisito porque éramos turistas. Não tínhamos seguro de saúde nem sabíamos onde buscar um médico.

Não lembro ao certo o que me fez não contratar um seguro de saúde. Não sei se esqueci devido à correria para sair do Brasil ou se julguei desnecessário. É possível que tenha sido a última opção. Como a Argentina fica ao lado do Brasil, onde mantivemos o plano de saúde ativo, tínhamos a ideia de que poderíamos voltar ao Brasil rapidamente para fazer qualquer tratamento se houvesse necessidade. Além disso, como os custos eram

menores na Argentina, achávamos que poderíamos pagar eventuais consultas diretamente.

Essa era uma visão equivocada. De fato, pagar eventuais consultas não seria um problema. No entanto, ter um seguro de saúde seria importante caso tivéssemos algum tipo de acidente, o que nunca ocorreu, felizmente.

O apartamento não tinha máquina de lavar, então fomos à lavanderia no dia seguinte. A senhora que nos atendeu foi uma simpatia. Viu que tínhamos muita roupa suja, mas as agrupou de modo que só fossem necessárias duas máquinas. Lavar e secar custava 18 pesos (US\$ 5 / R\$ 8) no total. Bem menos do que era cobrado em Niterói. Fizemos mais uma economia.

O desafio de trabalhar

Os primeiros dias de trabalho foram difíceis. Demorou para a gente entrar no ritmo. A conexão 3G do apartamento não dava conta de nossas necessidades e isso tirava nosso humor. Aliás, essa é uma das poucas coisas que nos irrita profundamente: ficar sem acesso à internet ou com acesso precário.

Pati tinha de tratar as fotos e fazer os álbuns de dezenas de casamentos. Também precisava trocar arquivos grandes com Karol, algo impossível de ser feito naquela conexão. Eu precisava criar um sistema de faturamento para o Be on the Net. Quando começamos, optamos por gerar boletos de forma manual, usando o aplicativo fornecido pelo banco. Funcionava para um pequeno número de clientes, porém estava cada vez mais trabalhoso usá-lo com a quantidade de clientes que já tínhamos.

Trabalhar no apartamento mostrou-se inviável. Começamos a buscar cafés pela cidade e achamos algumas opções legais. Passamos a trabalhar neles nos primeiros dias até que encontramos nosso ritmo. Daí por diante não seria diferente. Toda vez que chegássemos a uma nova cidade, levaríamos alguns dias até conseguirmos trabalhar com normalidade.

Bloqueio do acesso ao internet banking

Um de meus maiores medos nas viagens ao exterior é ficar sem acesso as nossas contas bancárias. É o tipo de pesadelo que pode arruinar uma

viagem, seja quando o cartão da conta ou o acesso ao *internet banking* é bloqueado.

A senha de Pati foi bloqueada no primeiro acesso ao *internet banking* a partir de Bariloche. Deixamos o Brasil, mas alguns problemas de lá não nos abandonaram. Não foi a primeira vez que esse tipo de coisa aconteceu. Somos paranóicos com segurança e tomamos todas as providências para proteger nossos notebooks e seus dados, porém o monitoramento do banco tem falhas. Volta e meia bloqueia acessos legítimos. O que salvou foi a preparação que fizemos nos meses anteriores.

Minha conta do Banco do Brasil era dos tempos da escola técnica. A agência ficava dentro da escola, lá em Campos. Pati tinha uma conta convencional no Banco Real. Antes da partida, transferi minha conta para uma agência Estilo, em Niterói, e Pati transferiu sua reserva financeira para lá. Fizemos isso para ter acesso mais fácil ao banco caso surgisse uma emergência no exterior.

Caímos nas mãos de uma gerente simpática que gostou de nossa história. Encontramos com ela algumas vezes antes da partida. A vantagem dessa agência é que a gente tem o email e o número de celular da gerente da conta. E, o que é mais importante, quando surge um problema, ela faz o que pode para nos ajudar à distância.

Mandei-lhe um email e ela respondeu de acordo com o protocolo do banco. Informou que era preciso ir à agência para resolver e nos enviou um link com as precauções de segurança que deveríamos tomar, as quais eu estava cansado de saber. Como estávamos longe, a mãe de Pati podia ir à agência e fazer o desbloqueio.

Não gostamos da solução. Insisti para ela encontrar uma alternativa. Ela dizia que não tinha autonomia para resolver. Pedi-lhe que entrasse em contato com quem tivesse. Ela ligou para a Diretoria de Segurança do banco, em Brasília, explicou nossa situação e pediu para liberarem o acesso de Pati. Deu certo.

Ficamos aliviados e felizes por termos feito as mudanças em nossas contas antes da partida. Sem a ajuda de nossa gerente, estaríamos perdidos. Achamos que o problema estava resolvido. Que nada, no mês seguinte, quando fomos para [Mendoza](#), o acesso foi bloqueado de novo. Dessa vez foi pior. Pati precisava pagar a encadernadora que fazia a impressão dos álbuns de casamento e não conseguiu. Ficamos indignados. Por sorte, ela

ainda tinha a conta no Real, a qual usou para fazer o pagamento. Dias depois o Banco do Brasil desbloqueou seu acesso mais uma vez.

Não bastasse os problemas na conta pessoal de Pati, o banco da pessoa jurídica bloqueou os valores pagos por meus clientes através de boletos. Apareceu um problema do qual eu nunca tinha ouvido falar. É claro que isso tinha de acontecer justamente quando estávamos longe do Brasil. Felizmente também consegui resolver por email.

É quase garantido que você terá problemas com o banco quando estiver na estrada. O mais provável é que aconteça quando você mais precisar dele. É importante se preparar antes de sair do Brasil, de preferência fazendo uma procuração dando poderes a uma pessoa de confiança para ir ao banco e resolver os problemas para você. O ideal é ter duas contas, cada uma em um banco diferente.

Livre pela primeira vez

Depois de quase quinze dias em Bariloche, a vida entrou nos eixos. A gente mudou para um apartamento melhor, onde havia WiFi. Não era rápido, mas atendia. Pudemos finalmente relaxar. Fizemos vários passeios de carro nesses primeiro dias. Descansamos, comemos bem, bebemos muito vinho e comemos todo tipo de chocolate. Começamos a engordar.

Foi nesse período que tive a sensação de ser livre pela primeira vez na vida. O apartamento em que morávamos, em Niterói, era uma fonte de preocupações. Sem ele, não havia mais tantas contas para pagar, coisas para consertar nem problemas domésticos para resolver. Senti uma leveza que não sabia que existia. Foi como tirar um elefante dos ombros. Até então, eu não tinha consciência do quanto era escravo das coisas. Tinha noção disso de um ponto de vista teórico, mas só compreendi mesmo quando finalmente me vi livre de todas as amarras.

Essa sensação de liberdade me marcou. Foi uma das maiores recompensas de todo o esforço que fizemos nos meses anteriores. Fui tomado por um alívio indescritível. Nunca imaginei que não possuir quase nada pudesse ser tão bom. Fiquei aterrorizado com a vida que deixamos para trás. Como chegamos àquele ponto? Como permitimos que tantas coisas nos possuíssem? Como fomos parar naquele apartamento, com tantas tralhas, contas e problemas? Olhando para trás, já consciente daquela nova

sensação de liberdade, nada daquilo parecia fazer sentido. A última coisa que queria era voltar a possuir muitas coisas e ser possuído por elas.

Mudança de rumos

No novo apartamento, ficou mais fácil trabalhar e descansar. Pude voltar a ler, uma de minhas atividades prediletas. Vários livros estavam em minha lista de pendências. Como estávamos fora do Brasil, quis ler alguns de viagem. Comecei por um que me recomendaram diversas vezes e que chamava-se [Vagabonding](#). Foi nesse livro que aprendi sobre viajar por longos períodos de tempo, tipicamente trabalhando em paralelo.

O livro falava, entre outras coisas, sobre a distinção entre turista e viajante, a pessoa que viaja por longos períodos de tempo. O turista viaja com rapidez, passa pouco tempo em cada lugar, vai aos locais turísticos, tira fotos e vai embora. O viajante é diferente, passa mais tempo em cada lugar, cria conexões com as comunidades por onde passa e adota um estilo de viagem conhecido como [slow travel](#). Em vez de atrações turísticas, está mais interessado em viver experiências locais e se conectar com as pessoas do lugar. Ele quer ver como elas vivem e viver como elas.

O livro explicava que algumas pessoas viajavam assim a vida toda. Elas não tinham casa fixa em nenhum lugar. Estavam sempre vagando pelo mundo. Algumas usavam a tecnologia para ganhar a vida online.

Achei esse conceito fascinante. Alguns anos antes, em 2008, li o famoso livro de [Tim Ferriss](#), [The 4-Hour Workweek](#), que me ensinou diversos conceitos úteis. Os que mais aproveitei foram os de [muse](#) e [mini-aposentadorias](#). Tim viveu como nômade digital por um tempo e conduziu seu negócio de onde estivesse pelo mundo. O livro já dava margem para apreciar essa possibilidade, embora não citasse o termo "nômade digital" propriamente. O que mais me marcou foi o conceito de [muse](#), que consegui implementar no mesmo ano que o li, através da criação do Be on the Net. A ideia de poder viver em diferentes partes do mundo não me chamou a atenção na época.

O livro [Vagabonding](#) me ajudou a enxergar essa possibilidade com clareza. Ele trazia uma citação, atribuída a [Santo Agostinho](#), que dizia: "o mundo é um livro. Quem não viaja só lê uma página." Essa frase me marcou. Fiquei aterrorizado com a ideia de ler apenas uma página desse livro maravilhoso chamado Terra.

Em seguida, li [The Art of Nonconformity](#). Ele contava a história de [Chris Guillebaud](#), que estava em uma jornada para visitar todos os países do mundo. Estava no sétimo ano e faltavam poucos países para completar sua missão. Chris explicava tudo o que o havia motivado a começar essa aventura e questionava muito do que consideramos parte de uma vida "normal". Também explicava como fazia para acumular uma enorme quantidade de milhas, o que lhe permitia viajar para todos os lugares e até mesmo ficar em hotéis caros sem gastar quase nada. Foi lá que encontrei o termo "nômade digital" pela primeira vez.

Percebi que já tínhamos vivenciado uma experiência nômade um ano antes, quando viajamos de carro pelos EUA e trabalhamos em nossos negócios à distância. Pesquisei mais e comecei a descobrir tudo o que existia sobre o assunto. Na época, só havia sites e artigos em inglês. Não havia nada sobre isso no Brasil.

Pensei: o que é necessário para viver viajando pelo mundo para o resto da vida? Preciso ganhar dinheiro de alguma forma que não me obrigue a ficar parado em um único lugar. Preciso ser capaz de trabalhar remotamente com minha equipe. Seria conveniente não ter uma casa para evitar os custos dela.

Viajar de férias costuma ser caro porque a pessoa tem todos os custos da viagem e continua pagando as despesas de casa durante o tempo em que está fora. Ter uma moradia fixa consome muito dinheiro. Se a pessoa não tiver uma, ela pode canalizar esse dinheiro para a viagem. Essa era uma das ideias que [Chris Guillebaud](#) defendia em seu livro.

Percebi que já tínhamos todos os pré-requisitos necessários. Eu tinha um trabalho que era 100% online e já trabalhava com minha equipe de forma remota. A maior parte do trabalho de Pati também era feita de onde ela estivesse. Ela precisava estar presente nos casamentos, mas como já tinha decidido reduzir o ritmo, isso representava apenas alguns dias por ano. Poderíamos ficar viajando nos demais.

Naquele momento, por termos escolhido passar o verão em Bariloche, ainda não tínhamos fixado residência em Buenos Aires, portanto não tínhamos despesas fixas com um apartamento. Como vendemos nossas coisas no Brasil, não precisávamos nos preocupar com as tralhas. Já havíamos "esvaziado essa xícara". Tínhamos uma boa reserva financeira. Se quiséssemos, poderíamos até ficar sem trabalhar pelos próximos anos.

Gostávamos de Buenos Aires e queríamos ir para lá, porém conhecer o mundo e ficar viajando por tempo indeterminado me parecia uma alternativa ainda melhor. Poderíamos ir a Buenos Aires a hora que quiséssemos. Só não precisávamos ficar lá de forma permanente.

Esses pensamentos foram se formando em minha cabeça. Junto com a empolgação veio uma preocupação: o que Pati pensaria disso? Quando saímos do Brasil, o plano era ir para Buenos Aires. Será que ela gostaria da ideia de ficar viajando pelo planeta?

Com muito cuidado, organizei as ideias na cabeça e comecei a conversar sobre elas com Pati. Para minha surpresa e alívio, ela gostou e topou partir pelo mundo. Aquilo que deveria ter sido apenas uma mudança para outra cidade estava prestes a se transformar em uma aventura ao redor do mundo, algo com o qual nunca havíamos sonhado. E a gente, sem saber, estava se tornando o primeiro casal de nômades digitais do Brasil, o [Casal Partiu](#). Anos depois, outros embarcariam na mesma jornada, alguns até inspirados em nossa história.

O mais difícil estava feito. Tínhamos todas as condições. Inclusive, estávamos melhor posicionados que a maioria das pessoas que se planeja para sair pelo mundo. Teria sido terrível desperdiçar essa oportunidade.

Claro que havia a preocupação de que essa aventura não desse certo e que servisse apenas para queimar nosso dinheiro. Assim mesmo, ponderamos que conseguimos construir muitas coisas legais e superar inúmeros obstáculos no passado, quando tínhamos menos conhecimento, menos habilidades, menos relacionamentos e menos visão de mundo. Se tudo desse errado, se perdêssemos tudo, se tivéssemos de voltar ao Brasil e começar do zero, não seria tão grave. Se conseguimos fazer antes, conseguiríamos fazer de novo. E seria melhor, porque teríamos mais conhecimento, experiência e relacionamentos. Não havia tanto o que temer.

Patagônia

Quando fomos para Bariloche, sabíamos pouco sobre o lugar. A gente só sabia que era menos quente que Buenos Aires e que dava para esqui no inverno. Não nos tocamos de que seríamos apresentados a um dos lugares mais lindos do mundo, a [Patagônia](#). Conhecemos apenas uma pequena parte, mas foi suficiente para a gente se impressionar seguidas vezes.

Fizemos diversos passeios nas redondezas de Bariloche. Fomos para Cerro Campanario, Cerro Otto, Circuito Chico, Llao Llao, Colonia Suiza, entre outros. Também nos aventuramos por outras áreas da região, tais como [Villa la Angostura](#), [San Martín de los Andes](#) e o [Caminho dos Sete Lagos](#). Não dá para expressar em palavras a beleza desses lugares. Veja as [fotos](#). Ficamos encantados. Pena que deixamos para visitá-los mais próximo ao final de nossa estadia.

Uma temporada em Bariloche nos ajuda a compreender um dos maiores desafios de um nômade digital: equilibrar o trabalho e a vivência no lugar em que estamos. Tentamos priorizar o trabalho e deixamos os passeios para o final. Hoje me arrependo. A Patagônia é um lugar tão especial, com tanta beleza, que não fazia sentido desperdiçar nosso tempo com horas de trabalho. Ele era importante, sem dúvida, mas poderia esperar. O período que passamos lá foi especial. Talvez a gente nunca volte para lá. Teria sido melhor fazer apenas o essencial no trabalho e deixar o máximo de tempo livre para explorar a região. Estávamos de carro, teria sido fácil fazer isso.

Bariloche é uma cidade que atende às necessidades de um nômade digital. Tem uma grande oferta de acomodações, conta com ótimos cafés e restaurantes, não é assim tão pequena, tem uma boa infraestrutura e é linda. Existe WiFi liberado em todos os lugares, assim como no restante da Argentina. As pessoas são simpáticas e o ritmo é mais calmo que em uma metrópole como Buenos Aires. A gente se comunicou em espanhol o tempo todo, contudo acredito que não teríamos problemas se tivéssemos de recorrer ao inglês ou português. Era um lugar barato quando o visitamos no início de 2011. Depois tornou-se mais caro. Como em outras cidades turísticas, as acomodações ficam mais caras na alta temporada.

É um lugar ideal para quem não precisa trabalhar muito e pode dedicar mais tempo aos passeios. Nesse caso, é bom estar de carro, o qual pode ser alugado lá mesmo. Não é preciso levar um carro para lá, como nós fizemos. Aliás, o carro rendeu o único episódio de roubo que já tivemos desde que começamos a viver como nômades digitais.

Cadê o pneu reserva?

Nossa estadia em Bariloche terminou no dia 15 de fevereiro, quando partimos para Mendoza. Dois dias antes, fiz uma revisão no carro para verificar se estava tudo em ordem antes de embarcar em uma viagem longa.

Quando abri o porta-malas, estranhei a falta do pneu reserva. Não lembrava se ele estava lá quando alugamos o carro, mas imaginava que sim. Liguei para a locadora e eles confirmaram que o reserva estava no carro, naturalmente.

Nessa hora tudo começou a fazer sentido. Poucos dias depois de chegarmos à cidade, notei que estava mais difícil abrir a porta do carona com a chave. Isso ocorreu de um dia para o outro. Pensamos que talvez alguém tivesse tentado entrar no carro, porém não sentimos falta de nada, até porque nunca deixávamos nada dentro dele. O que eu não imaginava é que tivessem levado o pneu reserva, como foi o caso.

Ficamos sem ele praticamente todo o período que passamos em Bariloche, inclusive nas ocasiões em que saímos para passear por outras cidades próximas. Teríamos ficado à pé se um pneu furasse. E não faltaram oportunidades. Em um dos últimos dias, fomos de [San Martín de los Andes](#) à Bariloche por uma estrada que estava em reforma. Começamos o trajeto no início da noite e pegamos uma chuva torrencial. A estrada estava péssima. Foi o pior trecho que pegamos em todo o período que passamos na Argentina. Foi um milagre nenhum pneu furar naquela noite. No dia seguinte descobri o furto e dei graças aos céus por nenhum pneu ter furado.

Por sorte, o preço de um pneu novo foi um terço do valor cobrado no Brasil. Menos mal. Compramos o dito cujo, demos um bom banho no carro e nos preparamos para partir para [Mendoza](#) no dia seguinte.

Complicações na hora de ir embora

O furto do pneu reserva não foi a única surpresa antes da partida. O segundo apartamento em que ficamos em Bariloche, onde passamos a maior parte do tempo, ficava no terceiro andar de um pequeno prédio. Ele tinha uma porta de serviço que dava para as escadas e uma porta social que dava para um *hall* minúsculo, no qual encontrava-se o elevador.

São 1.200 quilômetros de Bariloche a Mendoza. Queríamos sair cedo para percorrê-los em um único dia. No dia anterior, combinamos os detalhes da partida com o pessoal da imobiliária. Deixamos lá a chave da porta de serviço e ficamos apenas com a da porta social. Ela não tinha maçaneta externa e só abria por fora com a chave. A gente ia deixar a chave dentro do apartamento, sair e fechar a porta atrás de nós. Assim poderíamos partir às seis da manhã, bem antes de a imobiliária abrir. Não precisaríamos visitá-la

para deixar as chaves. Quando o expediente começasse, algum funcionário podia ir ao apartamento, entrar com a chave da porta dos fundos e recolher a chave da porta da frente.

Acordamos às cinco da manhã, arrumamos tudo, abrimos a porta para o *hall* e chamamos o elevador. Ele não veio. Insistimos e nada. O pior aconteceu. O elevador tinha ficado preso. Na Argentina, é comum o uso de elevadores que dependem da boa vontade de seus usuários. Neles, a porta de correr não é automática. É preciso abri-la e fechá-la com as próprias mãos. Quando a gente sai do elevador, a gente precisa lembrar de fechar a porta de correr. Caso contrário, ele não se move. Durante a noite, alguém deve ter chegado no prédio, após umas boas doses de vinho, e esquecido de fechar a porta. O elevador não se movia e nós não podíamos sair pela outra porta que dava acesso à escada. Ficamos presos.

Bateu o maior desespero. Teríamos de sair atrasados e corríamos o risco de acontecer coisa pior. Se houvesse um incêndio no prédio, não conseguiríamos sair dele. Tentamos contato com o pessoal da imobiliária, mas foi em vão. Tivemos de esperar algumas horas até que alguém nos atendesse. Só saímos do apartamento lá pelas dez da manhã.

Corremos na estrada para tirar o atraso. Na altura de San Rafael, já de noite, uma tempestade se formou. Não era um simples temporal, era um dos maiores que já vimos na vida e com uma quantidade de raios assustadora. Fiquei com medo de a gente se acidentar, mas precisava seguir em frente. Pati ficou com medo dos raios, até eu lhe garantir que ela estava segura dentro do carro, graças à [Gaiola de Faraday](#). Chegamos a salvos, mas pouco preparados para experimentar o que Mendoza tinha para oferecer.

Mendoza

[Mendoza](#) oferece um contraste peculiar. Fica localizada no meio de uma região desértica, na vizinhança da [Cordilheira dos Antes](#). No entanto, é onde se concentra a maior produção de vinhos da Argentina. Isso é possível graças a um extenso sistema de irrigação artificial.

Alugamos um apartamento (veja as [fotos](#)) e passamos cinco dias lá. Adoramos a cidade e os vinhos, um mais delicioso que o outro. O plano principal era visitar algumas das vinícolas. Podíamos contratar um dos muitos passeios que eram oferecidos para os turistas ou pegar o carro e dirigir até elas. Escolhi a segunda opção, o que revelou-se um desastre. Tive

dificuldade para encontrar os lugares. Não era tão simples quanto eu imaginava e o GPS não ajudava tanto assim. Houve casos em que achamos o lugar, mas chegamos tarde demais, quando a visitação já estava encerrada. Ainda que tivéssemos achado tudo e tivéssemos feito as visitas, não teria sido uma boa ideia voltar dirigindo depois das degustações de vinho.

Minha falha de planejamento e pouca disposição para pagar pelos passeios nos fez perder tempo e a oportunidade de conhecer lugares maravilhosos. Só contribuiu para perdermos tempo na estrada e gastarmos combustível à toa. Foi uma boa lição, que juntou-se à longa lista de trapalhadas que fizemos em nossos primeiros anos de vida nômade.

Assim como Bariloche, Mendoza também adota a [sesta](#). O comércio fecha no início da tarde e só abre novamente às 17h. É uma prática que nos parece estranha e que atrapalha quem está visitando a cidade. A boa notícia é que ela fica mais viva na parte da noite.

Gostamos de lá. Assim como Bariloche, nos pareceu uma cidade com ótima infraestrutura para quem deseja viver como nômade digital, especialmente para quem gosta de vinho, como a gente. Pareceu-me um lugar mais fácil para encontrar acomodações mais baratas, cujos preços sofrem menos com os efeitos da alta temporada. É uma cidade para onde desejamos voltar no futuro para uma temporada mais longa.

Primeiro retorno ao Brasil

Pati agendou diversos casamentos no Rio ao longo de 2011. O primeiro seria no dia 26 de fevereiro, o que nos forçava a retornar da Patagonia mais cedo do que gostaríamos. Não podíamos chegar ao Rio exatamente no dia 26. Seria arriscado demais. Se desse algo errado no voo, Pati não conseguiria fotografar o casamento, o que seria inconcebível. Marcamos o voo de volta para o dia 23, o que nos dava margem de manobra. Na improvável hipótese de não conseguir voar neste dia, ainda haveria tempo suficiente para chegar ao Rio usando um plano B, mesmo que tivéssemos de pegar um ônibus. Pode parecer um cuidado exagerado, mas ele logo se revelaria providencial.

Antes de ir para o Rio, queríamos passar pelo menos algumas noites em Buenos Aires. Para isso, alugamos um apartamento temporário através do [Airbnb](#), um sistema vital na vida dos nômades digitais. Nosso relacionamento com o [Airbnb](#) começou um ano antes, em [Nova York](#). Ao

final de nossa viagem pelos EUA, no início de 2010, ficamos 12 dias na cidade. Apavorei-me quando vi os preços dos hotéis, até que um amigo me recomendou o [Airbnb](#). Foi a salvação. Desde então, fizemos 85 locações utilizando a plataforma em todo o planeta.

Existem muitos sites úteis para alugar apartamentos, porém o [Airbnb](#) tem algumas características que o tornam especial. Em minha opinião, a principal delas é o sistema de avaliação de mão dupla. Os hóspedes avaliam os donos dos imóveis, assim como os proprietários avaliam os hóspedes. Isso é importante porque faz todos darem o melhor de si.

Os proprietários cuidam bem dos apartamentos para receberem boas avaliações e serem procurados por outros viajantes. Os hóspedes cuidam bem dos imóveis para serem bem avaliados e serem aprovados em hospedagens futuras. O modelo é implacável. Se o dono de um apartamento fizer besteira e receber uma má avaliação, é possível que nunca mais receba um pedido de reserva. Da mesma forma, se um hóspede trata mal um imóvel e recebe uma avaliação negativa, é provável que nenhum outro proprietário queira alugar para ele.

Todos tentam preservar seus próprios interesses, o que os leva a cuidar bem das propriedades. É o que faz com que o [Airbnb](#) tenha uma grande quantidade de imóveis de alta qualidade. Eles costumam custar mais que a média, porém raramente dão dor de cabeça. A questão do valor pode ser melhorada, como veremos mais adiante.

Alugamos um apartamento lindo em [Belgrano](#), uma parte da cidade que ainda não conhecíamos. A diária saiu por R\$ 138, portanto mais caro do que pagamos em Bariloche. Aceitamos porque seriam apenas três noites e já havíamos economizado nas diárias de Bariloche e de Mendoza. Ter um orçamento é importante e respeitá-lo é fundamental. No entanto, é preciso olhar o todo, em vez de preocupar-se excessivamente com situações particulares. O que importa é respeitar o orçamento mensal, que no nosso caso era de R\$ 6 mil. A forma como a gente aloca esse valor é o de menos.

Em um dado mês, a gente pode gastar R\$ 2 mil com acomodação e R\$ 4 mil com outras despesas. Em outro pode ser que paguemos R\$ 5 mil em acomodação e mil reais nos outros gastos. Isso não é um problema. É válido pagar R\$ 138 em algumas diárias e R\$ 63 em outras.

Acomodação é um item fundamental. Ficar mal hospedado quase sempre arruína a experiência em uma cidade, portanto seja flexível e fique em lugares que te atendam bem. Se precisar comer algumas *medialunas* a

menos e cortar algumas taças de vinho para poder pagar por uma acomodação melhor, faça-o. Só não fique no lugar mais barato da cidade com o propósito de economizar e respeitar o orçamento a qualquer custo, especialmente quando a estadia for longa. O barato pode sair bem caro, especialmente quando o assunto é acomodação. Tentamos burlar essa regra algumas vezes e sempre nos demos mal, como você verá mais adiante.

Outro ponto importante sobre o [Airbnb](#) é a ausência de burocracia no processo de locação. Quando você faz a reserva, você faz o pagamento pelo cartão de crédito e o [Airbnb](#) recebe o valor inteiro de uma vez (com algumas exceções que explicarei mais tarde). Esse valor não é repassado de imediato para o proprietário. Isso só ocorre 24 horas depois de você chegar ao imóvel. Se você faz o *check in* no apartamento e descobre que ele não corresponde ao que foi combinado, você pode e deve notificar o [Airbnb](#). Nesses casos, o [Airbnb](#) bloqueia o pagamento ao proprietário e te ajuda a buscar uma alternativa.

Esse mecanismo cria um incentivo adicional para os proprietários não tentarem enganar os hóspedes. Se o fizerem, não apenas receberão uma avaliação negativa, o que pode comprometer locações futuras, como correm o risco de não receber um único centavo. O proprietário que faz tudo certo, por sua vez, sabe que receberá o pagamento, porque o dinheiro já foi recebido pelo [Airbnb](#) no momento da reserva.

Isso tudo cria um ambiente seguro, o que simplifica as coisas e elimina burocracias. Os proprietários dos imóveis não pedem que os hóspedes assinem contratos de locação na maioria dos casos. E quem gosta de lidar com burocracias no meio de uma viagem?

Nosso voo para o Brasil correu bem. Como já não tínhamos mais um apartamento em Niterói, nos hospedamos na casa da mãe de Pati, no quarto que era dela antes de morarmos juntos. Nossa cama de casal estava lá. Foi um dos poucos artigos que não vendemos quando fechamos o apartamento em que morávamos. Foi ótimo tê-la mantido, pois pudemos matar as saudades na breve visita que fizemos a Niterói. Pati fotografou o casamento na noite de sábado e partimos para Madrid na noite seguinte.

Saldo da Argentina

Passamos 56 dias na Argentina e tivemos um **custo de viagem** de R\$ 8.720 (US\$ 5.167). Só lembrando, esse é o custo referente a **deslocamento**,

acomodação e seguro de saúde. Além desses, houve outros que referem-se às despesas do dia a dia, os quais não contabilizamos.

Os custos de viagem corresponderam a uma média de R\$ 156 (US\$ 92) por dia. Sobravam R\$ 44 por dia (R\$ 1.320 por mês) para as demais despesas, se quiséssemos respeitar o orçamento de R\$ 6 mil por mês. Não acredito que tenhamos conseguido cumprir esse orçamento, ainda que a diferença cambial e os preços nos favorecessem.

A maior despesa foi com acomodação, como costuma acontecer na maioria dos destinos. Foram R\$ 3.600 (US\$ 2.159) no total, o que equivale a R\$ 1920 (US\$ 1.170) por mês ou R\$ 64 (US\$ 39) por dia. São valores modestos em reais e um tanto elevados em dólares. O gasto com deslocamento foi alto, especialmente por termos alugado um carro por tanto tempo. Gastamos com ele quase o mesmo que com hospedagem. Foram R\$ 3.178 no total (US\$ 1.908), o que equivale a R\$ 1.710 (US\$ 1.020) por mês ou R\$ 57 (US\$ 34) por dia.

Alugar o carro foi uma má ideia. Passamos a maior parte do tempo em casa, portanto ele ficava parado, estacionado na rua. Assim mesmo, gerava despesa. Além do alto custo de locação, ainda tivemos de pagar uma conta alta de combustível. Teria feito mais sentido pegar um ônibus até Bariloche e alugar um carro por lá, por períodos menores, sempre que a gente quisesse fazer algum passeio pela região.

Você encontra abaixo os números de forma resumida. Daqui por diante, sempre que eu tratar de um destino, haverá uma parte final, chamada "saldo", onde mostrarei estes números.

Número de dias: 56

Custo de viagem: R\$ 8.720 (US\$ 5.167)

Média/mês: R\$ 4.671 (R\$ 2.768)

Média/dia: R\$ 156 (US\$ 92)

Custo de acomodação: R\$ 3.600 (US\$ 2.159)

Média/mês: R\$ 1.929 (US\$ 1.157)

Média/dia: R\$ 64 (US\$ 39)

Custo de deslocamento: R\$ 5.120 (US\$ 3.008)

Média/dia: R\$ 91 (US\$ 54)

Custo de voos: R\$ 1.942 (US\$ 1.100)
Média/dia: R\$ 35 (US\$ 20)

Custo de locação de carro: R\$ 3.178 (US\$ 1.908)
Média/dia: R\$ 58 (US\$ 35)

Viagem de carro pelo sul da Europa

Notei um problema pouco depois de chegarmos a Bariloche. O que faríamos depois da visita ao Rio? Iríamos para Buenos Aires para fixar residência? Se chegássemos lá no início de março, ainda pegaríamos temperaturas elevadas por mais de um mês. Isso era tudo o que eu não queria. Preferia chegar na cidade depois, quando o outono já tivesse se instalado.

Inspirados na viagem de carro para os EUA do ano anterior, decidimos fazer uma viagem de carro pelo sul da Europa. O plano era voar até Madrid, alugar um carro, descer para o sul da [Espanha](#) e seguir viagem pela costa do [Mediterrâneo](#), passando pelo sul da [França](#), até a [Itália](#). Teríamos um mês para fazer esse percurso. Não era muito, mas era suficiente para conhecer alguns lugares interessantes, ao menos como turistas. O mais importante é que pegaríamos o final do inverno europeu, o que é perfeito para quem prefere frio, como a gente.

Compramos a passagem para a Europa no dia 5 de janeiro, portanto antes de decidirmos viver como nômades digitais. Assim mesmo, com base na experiência do ano anterior, sabíamos que seria possível continuar a trabalhar com nossa equipe de onde estivéssemos.

Espanha

Quando busquei um apartamento em [Madrid](#), descobri que os valores superavam nosso orçamento diário. Como também gastaríamos um valor adicional com a locação de um carro, precisávamos de uma alternativa. Optamos por alugar um quarto privado, em vez de um apartamento inteiro. Isso é outra característica interessante do [Airbnb](#).

Existem pessoas que têm um quarto vago em casa e o alugam, em vez de colocar a casa inteira para locação. Nesses casos, é comum que o hóspede

possa usar alguns espaços comuns da casa, tais como a sala e a cozinha, além do banheiro. Cada proprietário define o que é permitido ou não.

Alugar um quarto privado é um caminho que a gente usa quando viaja para cidades onde a acomodação é muito cara. A experiência muitas vezes é melhor que a de um hotel. Os quartos costumam ser bons e a gente tem a chance de conhecer pessoas locais. Fazemos bons amigos dessa forma. Além disso, o acesso à cozinha nos permite preparar refeições e lanches, algo mais difícil de se fazer em quartos de hotel.

Ficamos em um quarto no apartamento de Patricia e Bruno, um casal simpático que conversou bastante com a gente. É comum os anfitriões serem pessoas que também gostam de viajar, como era o caso deles. Trocamos experiências de viagem e tivemos uma estadia agradável.

O apartamento ficava em uma área afastada. Esse foi um aspecto ruim, porque nos fez perder tempo. O lado bom é que conseguíamos alcançar o centro de trem com facilidade.

Usamos o transporte público o tempo todo. Não fazia sentido visitar os pontos turísticos de carro. Usar o carro dentro de cidades europeias costuma ser uma furada. Ruas estreitas, áreas exclusivas para pedestres, trânsito pesado, dificuldade de achar vagas e estacionamentos caros servem como um incentivo e tanto para o uso do transporte público. Por isso deixamos para alugar um carro apenas ao final de nossa estadia, quando seguimos rumo ao sul.

Enquanto estávamos em Madrid, também aproveitamos para comprar *chips* pré-pagos para os telefones. Usando a conexão 3G, conseguiríamos manter contato com nossas equipes mesmo quando estivéssemos na estrada.

Madrid é uma cidade bonita (veja as [fotos de Pati](#)). Possui uma excelente infraestrutura, porém os preços são elevados. A acomodação não é tão cara quanto em outras capitais da Europa Ocidental, tampouco é barata. É uma boa cidade para nômades digitais que tenham um faturamento sólido. Nós nos comunicamos em espanhol o tempo todo. Para quem não fala o idioma e precisa recorrer ao inglês, pode ser que haja alguma dificuldade. Como em outras cidades grandes da Europa, é preciso atenção constante contra furtos, especialmente no transporte público, nos horários de maior movimento.

Granada

A arquitetura árabe sempre me fascinou. Nunca tinha visitado um país árabe, mas teria a chance de conhecer um belo exemplar da arquitetura islâmica em [Granada](#), na [Andaluzia](#). A cidade foi dominada pelos árabes durante alguns séculos e ainda conserva algumas obras espetaculares, como é o caso da [Alambra](#), um complexo de palácios com obras magníficas em seu interior. Visitá-la foi o nosso propósito na cidade. Não nos arrependemos. Cada minuto que passamos lá dentro valeu a pena. A beleza da arquitetura e das obras é indiscutível, como você pode ver pelas [fotos de Pati](#).

Passamos a noite no [Ibis Granada](#). A tarifa era boa, R\$ 104. O Ibis é o McDonald's dos hotéis. Em qualquer lugar do mundo, onde quer que ele exista, você sabe como vai ser o quarto e o que esperar dele. É uma opção simples e razoável quando precisamos passar apenas uma noite.

Usar o [Airbnb](#) nesses casos faz pouco sentido. Para estadias curtas, de uma ou duas noites, a gente prefere um hotel ou um *hostel*. Assim mesmo, usamos sites como o [TripAdvisor](#) para verificar as avaliações dos estabelecimentos. Também fizemos isso no caso de Granada e só fomos para o Ibis porque as avaliações eram positivas. Nos dias de hoje, é impensável reservar um hotel sem ler as avaliações. Nem sempre os hotéis com mais estrelas ou maiores preços são os melhores avaliados.

Barcelona

Seguimos para [Barcelona](#) no dia seguinte. No caminho, paramos em [Valência](#) para almoçar. Foi uma pena não termos mais tempo para visitar a cidade com calma. Muitos nômades digitais amam [Valência](#), como é o caso da brasileira [Mariana Pimenta](#), cuja história é contada aqui no livro. A cidade oferece excelente infraestrutura e o tipo de custo/benefício que todo nômade digital procura.

Em [Barcelona](#), alugamos um apartamento, mas a diária foi salgada, R\$ 152. A gente se instalou, achou um lugar para o carro passar a noite e já o devolveu no dia seguinte. Assim como no caso de Madrid, não faria sentido rodar de carro pela cidade. Em vez disso, alugamos bicicletas e alcançamos todos os lugares com facilidade.

Eu já havia visitado [Barcelona](#) em 1998, no primeiro mochilão que fiz pela Europa. A cidade é fantástica, como você pode ver pelas [fotos de Pati](#). Transformou-se em reduto de nômades digitais mais abastados nos últimos

anos. Não é à toa. Combina um jeitão de Rio de Janeiro com uma infraestrutura excelente, dias lindos, lugares interessantes, uma vida noturna agitada e belíssimas obras de [Guadí](#), um de meus arquitetos favoritos.

Como eu já conhecia a [Sagrada Família](#) e o [Parque Güell](#), sugeri a Pati que visitássemos a [Casa Batlló](#). Que lugar fascinante! O mundo melhora a cada dia, porém algumas coisas parecem retroceder. Uma delas é o estilo arquitetônico que encontramos na maior parte dos edifícios modernos. Parecem caixas sem vida. A [Casa Batlló](#), assim como as demais obras de [Guadí](#), são o oposto. Parecem seres vivos. A riqueza de detalhes e as ideias por trás de cada um deles são fontes infinitas de inspiração. Visitar as obras de [Guadí](#) nos traz um alento em meio a tantos prédios feios da atualidade.

Barcelona é uma cidade sensacional, uma de minhas preferidas no mundo. No entanto, é preciso ter alguns cuidados. É extremamente quente no verão. Passei sufoco quando estive lá a primeira vez, no auge da estação. Tentei fazer alguns passeios, mas logo percebi que a única atividade aceitável era ficar o dia inteiro na praia. Se você não pode fazer o mesmo e não curte calor, evite visitá-la no verão. Aliás, a cidade é cara e as acomodações ficam ainda mais caras na alta temporada, o que é uma razão adicional para evitá-la no verão.

Também é preciso cuidado no inverno. O frio não é tão intenso quanto no norte da Europa, mas ele dá as caras. Assim como acontece no sul do Brasil e em grande parte do sul da Europa, muitas moradias não contam com calefação nem janelas apropriadas para o tempo frio. Nesses casos, você passa mais frio durante a estadia do que em lugares com inverno glacial, como Moscou. Nesta última, todas as moradias têm aquecedor. Ninguém passa frio dentro de casa. Em Barcelona, por outro lado, você pode passar muito frio dentro de casa. Portanto, para estadias mais longas, dê preferência ao outono ou à primavera.

Barcelona também tem seus riscos. Furtos são comuns e estrangeiros são alvos preferidos. Temos amigos que já foram roubados lá e perderam bens valiosos. Não deixe de visitar a cidade em função disso. Apenas mantenha a atenção o tempo todo. Aliás, isso vale para qualquer cidade, ainda que seja na Europa. Assaltos são raros no velho continente, porém furtos são comuns. Atenção redobrada é tudo o que você precisa para evitá-los.

Barcelona tem uma infraestrutura ótima. É uma das melhores cidades do mundo para nômades digitais que curtem cidade grande, gostam de dias ensolarados e da proximidade do mar. É especialmente recomendável para

aqueles que possuem um faturamento sólido e podem pagar por acomodações mais caras. Esses terão a oportunidade de se conectar com outros nômades digitais bem sucedidos, como alguns milionários que conhecemos e agora passam temporadas mais longas por lá.

Saldo da Espanha

Passamos 7 dias na Espanha, onde a maior despesa foi a passagem aérea. Para visitar os destinos que escolhemos na Europa, utilizamos um voo do Rio para Madrid, outro de Roma para Paris e um último de Paris para o Rio. Esses voos tiveram um custo total de R\$ 4.386 (US\$ 2.626) e nos permitiram visitar três países diferentes.

Para simplificar os cálculos de quanto gastamos com despesas de viagem em cada país, dividi o total gasto com passagens aéreas pelo número de dias que passamos na Europa. Gastamos o equivalente a R\$ 167 (US\$ 91) por dia com passagens aéreas. Em seguida, multipliquei esse valor pelo número de dias que passamos em cada país. Dessa forma, pude alocar uma parcela da despesa de passagens à estadia em cada país. No caso da Espanha, portanto, o gasto com passagens aéreas foi de 7 dias x R\$ 167 (US\$ 91) = R\$ 1.169 (US\$ 693).

Usei o mesmo raciocínio para o seguro de saúde. Ele custou R\$ 418 (US\$ 252) no total, o que equivale a R\$ 14 (US\$ 9) por dia. Sendo assim, o gasto com ele na Espanha foi de 7 dias x R\$ 14 (US\$ 9) = R\$ 101 (US\$ 61).

Daqui por diante, sempre que eu mencionar o custo de deslocamento e seguro de saúde, tenha em mente que usarei este mesmo raciocínio. Se pago uma passagem do Brasil para outra parte do mundo e visito vários países, eu divido a passagem pelo número total de dias. Em seguida, multiplico esse número pela quantidade de dias que passamos em cada país, o que nos dá o custo de deslocamento para alcançar aquele país. Faço o mesmo com o seguro de saúde. Isso é uma aproximação, mas nos ajuda a ter uma boa ideia dos custos de deslocamento e seguro de saúde.

Número de dias: 7

Custo de viagem: R\$ 2.171 (US\$ 1.255)

Média/mês: R\$ 9.305 (US\$ 5.380)

Média/dia: R\$ 310 (US\$ 179)

Custo de acomodação: R\$ 900 (US\$ 494)

Média/mês: R\$ 3.857 (US\$ 2.117)

Média/dia: R\$ 129 (US\$ 71)

Custo de deslocamento: R\$ 1.170 (US\$ 700)

Média/dia: R\$ 167 (US\$ 100)

Custo de voos: R\$ 983 (US\$ 588)

Média/dia: R\$ 140 (US\$ 84)

Custo de locação de carro: R\$ 187 (US\$ 112)

Média/dia: R\$ 62 (US\$ 37)

Seguro de saúde: R\$ 101 (US\$ 61)

Média/dia: R\$ 14 (US\$ 9)

Carro alugado para viajar pela Europa

Nosso plano era alugar um carro em Madrid e devolvê-lo em uma filial da mesma locadora em Roma, no fim da viagem. Descobrimos que isso não seria possível. Nenhuma locadora que consultamos permitia que o carro saísse do país. Achávamos que seria possível, já que todos os países que visitaríamos faziam parte da União Europeia. Infelizmente não era o caso. A existência da União Europeia faz diversos países se comportarem juntos como se fossem um só, porém apenas em alguns aspectos. No caso da locação de veículos, isso não parecia funcionar.

O jeito seria alugar um carro em Madrid, devolvê-lo em Barcelona e pegar um trem para atravessar a fronteira com a França. Chegando lá, alugaríamos outro para visitar a [Riviera Francesa](#) e ir até a fronteira com a Itália, a qual também atravessaríamos de trem. Por fim, alugaríamos outro veículo na Itália. Foi o jeito que encontramos.

Para alugar o carro, utilizamos uma agência online que se chamava [Auto Hire Online](#). Quando estávamos nos EUA, descobrimos que saía sempre mais barato utilizar sites como esse que alugar diretamente através dos sites das locadoras. Essas agências online, além de cobrarem diárias mais baixas,

também incluem os seguros básicos no valor da locação. Esse ponto é crucial.

Os anúncios das locadoras muitas vezes apresentam valores atrativos, mas quando chegamos ao local para buscar o carro, descobrimos que o valor do seguro é alto, às vezes até superior ao da tarifa cobrada pelo veículo. É um ponto que você deve observar com atenção sempre que for alugar um carro.

Ao fim de nossa estadia em Barcelona, tomamos um trem que nos levou a Perpignan, a primeira cidade que visitaríamos na França.

França

[Perpignan](#) é uma pequena cidade no sul da [França](#) que está ausente dos roteiros da maioria dos turistas que visitam o país. Começamos por ela porque conseguimos uma passagem de trem de Barcelona para lá e porque encontramos uma locadora de veículos. A cidade nos pareceu mais bonita do que imaginávamos (veja as [fotos de Pati](#)).

Esse é um aspecto notável na França. Que país bonito! Não é à toa que é tão visitado. Praticamente todos os lugares em que já estivemos na França eram bonitos, Perpignan não foi exceção. O país recompensa seus visitantes com cenários lindos, excelente infraestrutura e culinária deliciosa.

Visitamos o centro à pé, passamos a noite em um hotel, pegamos o carro no dia seguinte e partimos para visitar a bela cidade murada de [Carcassonne](#), essa, sim, uma atração turística famosa no país. Pegamos um dia de Sol e Pati teve a oportunidade de registrar um pouco do castelo em [belas fotos](#).

Não chegamos a dormir na cidade. Em vez disso, seguimos viagem e passamos a noite em um hotel de beira de estrada próximo a [Montpellier](#). No dia seguinte alcançaríamos [Nice](#), na [Riviera Francesa](#) (veja as [fotos](#)), de onde visitaríamos os locais que mais nos interessavam. No caminho, passamos por [Nîmes](#) ([fotos](#)) e [Arles](#).

Quando buscamos apartamentos em [Nice](#), ficamos assustados com os preços até que encontramos o [apartamento de Phoebe](#) (veja as [fotos de Pati](#)) em [Roquefort-les-Pins](#), uma pequena cidade localizada a 40 quilômetros de [Nice](#). Como estávamos de carro, a distância não era um problema. Na época, a diária saía por R\$ 127, um ótimo preço para um apartamento tão bom em uma das regiões mais caras da França.

Passamos quatro noites no apartamento e o usamos como base para visitar [Nice](#), [Cannes](#), [Antibes](#), [Valbonne](#) ([fotos](#)), [Villefranche-sur-mer](#) ([fotos](#)), [Saint-Jean-Cap-Ferrat](#), [Menton](#) e [Mônaco](#). Foi a parte da viagem em que o carro foi mais útil porque pudemos nos mover de um lugar para outro com facilidade. Todas essas cidades são lindas. Essa é uma das regiões mais bonitas que já visitamos no planeta. Foi o ponto alto de nossa viagem.

Um dos lugares mais intrigantes foi [Mônaco](#) (veja as [fotos](#)), o segundo menor país do mundo, que mais parece uma cidade montanhosa na costa da França. Não há fronteira nem vimos qualquer tipo de demarcação que sinalizasse a saída da França e a entrada em Mônaco.

A cidade-estado impressiona pela beleza, pela riqueza e pelos altos e baixos. Está construída sobre um rochedo, por isso existem inúmeros elevadores espalhados pela cidade com o propósito de ligar ruas que se encontram em "andares" diferentes. Também existem túneis enormes. A infraestrutura da cidade é uma prova do que o ser humano é capaz de fazer para tornar um local habitável.

Em frente ao [Casino de Monte Carlo](#), pudemos ver um desfile de pessoas fantasiadas em grande estilo para um Carnaval luxuoso (veja nas [fotos](#)) e apreciar a maior concentração de carros de luxo que já vi na vida. Ferrari, Lamborghini, Maserati, Porsche, Mercedes, Rolls-Royce e outros fabricantes estavam todos representados. Será que se tentássemos jogar ganharíamos o suficiente para comprar um carro daqueles? Não entramos para descobrir, estávamos sem tempo...

Duas semanas haviam se passado desde o início da viagem. Como estávamos nos movendo com rapidez, como bons turistas, não tínhamos tempo para conhecer as pessoas nos locais por onde passávamos. Phoebe, a dona do apartamento de Roquefort-les-Pins, morava com o marido e os filhos em um apartamento acima do nosso. O casal investiu bastante no apartamento em que estávamos e quis causar uma boa impressão para que fôssemos generosos na hora de avaliar o lugar. Eles nos convidaram para uma pizza na casa deles na última noite.

A gente já não conversava com outras pessoas desde Madrid. Estávamos ansiosos pela oportunidade de um bate papo. Aceitamos o convite no ato. O casal nos recebeu com gentileza, mas sentimos algo estranho no ar. Conversamos de forma casual e a conversa foi se estendendo. Como bons brasileiros que somos, adoramos conversar e esquecemos da hora. O tempo foi passando e percebemos que o casal estava cada vez mais angustiado, até

que mencionamos que seria uma boa hora para partir, já que teríamos de pegar a estrada cedo no dia seguinte. A expressão deles foi de alívio imediato. Eles se animaram, levantaram e já começaram a se despedir de nós.

Foi um episódio engraçado sobre o qual comento não para criticar o casal de anfitriões, mas para chamar a atenção sobre diferenças culturais. Phoebe era britânica e seu marido francês. Eles tinham dois filhos e trabalhavam muito. Estavam cansados naquela noite, mas separaram alguns minutos para nos agradecer. Ficamos tão empolgados com a oportunidade de contar nossa história que demoramos a perceber que eles queriam descansar. No Brasil, as pessoas disfarçam mais e insistem para você ficar, mesmo quando já não estão mais aguentando de cansaço. Na França e na Inglaterra não é assim. Não é que um hábito seja certo e outro errado. Eles são apenas diferentes e a gente precisa estar atento quando viaja. Falar menos, escutar o próximo e prestar atenção aos sinais não verbais é importante para evitar gafes, como a que nós cometemos.

A França é um dos melhores destinos turísticos do mundo. No entanto, para viver no país algum tempo, é preciso ter disposição financeira. Mesmo no interior, os preços são altos. Os franceses têm má fama na prestação de serviços. Há quem pense que são ranzinzas e mal educados. Porém não foi a impressão que tivemos na parte da França por onde passamos. As pessoas foram educadas e nos trataram bem em todos os lugares. O fato de eu falar francês ajudou. Muita gente na França não fala inglês ou evita usá-lo.

A diferença de idioma é um aspecto que nos leva a julgar os outros de forma equivocada com frequência. Já presenciei situações em que um nativo estava tentando ajudar e atender um turista, porém não compreendia o que estava sendo pedido e acabava passando por mal educado. Na França, percebi que as pessoas são sempre educadas quando as tratamos de forma cordial e nos comunicamos em francês, o que elimina a dificuldade de comunicação.

Quando a gente está em um país cujo idioma não fala, a gente precisa se lembrar que nós é que somos os estranhos ali. É importante dar crédito aos nativos e assumir que estão fazendo o melhor para nos ajudar. Se não fazem o que pedimos, é porque não compreendem o que desejamos e não necessariamente porque são frios, rabugentos ou mal educados. Quando há diferença de idioma e dificuldade na comunicação, a gente deve dar ao

nativo o benefício da dúvida. Não podemos assumir nada sobre suas reais intenções. Na maior parte do tempo, elas são boas.

Itália

Assim como a França, a Itália é um dos países mais visitados do mundo. No entanto, as semelhanças param por aí. Apesar de vizinhos, os dois países têm características bem diferentes. Isso já era evidente quando eu estudava francês na [Maison de France](#) e italiano no [Istituto Italiano di Cultura](#), no edifício ao lado.

Enquanto tudo era organizado e funcionava no prédio francês, o oposto podia ser observado no italiano. Era uma bagunça, mas a diversão era garantida. Os professores italianos me faziam rir com o jeito explosivo, pouca disposição para levar desaforo para casa e uma capacidade quase ilimitada de proferir palavras.

A bagunça e a burocracia excessiva cobram um preço e não é barato. O país é muito caro, mas a gente sempre acaba voltando pelos lugares lindos e pela simpatia dos italianos. Como tem lugar bonito na Itália!

Começamos a viagem por [Gênova \(fotos\)](#), onde chegamos de trem, vindos de [Nice](#). Reservamos um quarto em um hotel simples e ficamos intrigados quando chegamos ao prédio. O hotel não ocupava todo o edifício, mas apenas um dos andares dele. Hoje em dia estamos habituados a encontrar este tipo de alojamento na Itália, mas foi um susto naquele momento.

Passamos a noite no "hotel" e alugamos um carro no dia seguinte. Foi a diária de locação mais cara que pagamos em toda a viagem. Custou mais que o dobro do que pagamos na Espanha. *Benvenuti in Italia, ragazzi!*

Seguimos para [Verona \(fotos\)](#), a cidade italiana em que [Shakespeare](#) ambientou sua peça mais famosa, [Romeu e Julieta](#). A cidade nos surpreendeu por sua beleza e tranquilidade. Adoramos o lugar e passamos a noite lá mesmo.

Seguimos para [Veneza](#) (veja as [fotos](#)) no dia seguinte, com a expectativa nas alturas. A cidade é um dos destinos turísticos mais visitados do mundo e reserva muitos presentes para seus visitantes. O problema é que carro é inútil lá, já que a cidade é quase toda fechada para pedestres. O jeito foi deixar o carro no [Venezia Parking Tronchetto](#), um estacionamento enorme, localizado sobre uma ilha artificial que se encontra pouco antes da entrada

da cidade. O preço é alto, mas era uma das melhores alternativas na situação em que estávamos. De lá, alcançamos a cidade usando um [vaporetto](#), um tipo de barco que funciona como transporte público.

São Pedro estava de pá virada e decidiu que choveria naquele dia. Não seria uma garoa ou aquela chuvinha chata que faz a gente ter dúvidas se abre o guarda-chuvas ou não. Seria a modalidade tempestade, daquelas do tipo "salve-se quem puder". Viajar tem dessas coisas. Ninguém pode acusar a chuva de ser a melhor amiga dos viajantes, especialmente quando decide cair sobre os destinos que a gente mais quer visitar.

Encontramos algum lugar para ficar abrigados durante a chuva e passamos a maior parte do tempo lá. Não havia o que fazer. Quando o dilúvio parou, pegamos o [vaporetto](#) e voltamos derrotados para o estacionamento. Ficar hospedado em Veneza estava fora de cogitação. Seria caro demais. Optamos por um hotel em [Pádua](#), que ficava a 40 quilômetros de lá. Usamos a mesma estratégia que adotamos em Nice, o que nos permitiu pagar apenas R\$ 103 pela diária.

No dia seguinte, o plano era partir para o sul, porém o dia estava lindo e o Sol brilhava com força. Pati fez cara de choro e pediu para voltarmos para Veneza. Fazia sentido. Não tinha razão para a gente sair correndo quando podia se dar mais um dia para conhecer [La Serenissima](#), como a cidade também é conhecida.

Que diferença! É como se estivéssemos visitando outra cidade. As condições do tempo mudam por completo a experiência que a gente tem em cada lugar. Passamos um dia ótimo em Veneza, passeamos de gôndola e curtimos a cidade com mais calma do que conseguiríamos no verão. Eu já havia estado lá no verão e jurei que nunca mais voltaria nessa estação do ano. O calor e a quantidade de gente estragam a experiência.

Satisfeitos com a visita, partimos triunfantes para algumas horas de estrada que nos levaram a [Florença](#), onde passamos a noite. Visitamos a cidade no dia seguinte, mas confesso que ela não nos cativou. Depois seguimos para [Siena](#) através de pequenas estradas da [Toscana](#), onde pudemos apreciar a paisagem bucólica dessa região que atrai tantos visitantes (veja as [fotos](#)). [Siena](#) nos surpreendeu e lamentamos que não tivéssemos reservado uma noite na cidade (veja as [fotos](#)). Seguimos viagem até [Roma](#) (veja as [fotos](#)), onde quase tive um ataque de nervos.

Um dos desafios de dirigir em lugares desconhecidos é saber o que fazer diante das faixas de pedestres. Cada cidade tem uma prática. Houve lugares

da Itália onde os carros só paravam diante da faixa se houvesse um sinal vermelho e outros em que eles paravam sempre que algum pedestre fazia menção de atravessar a rua. Esse era o caso de [Roma](#). A cidade é grande, o trânsito é caótico, mas é preciso parar a cada poucos metros para os pedestres atravessarem. Ótimo para eles, mas um desafio e tanto para quem dirige. Fiquei paranóico olhando para todos os lados, preocupado que alguém se jogasse na frente do carro sem eu perceber. Felizmente isso durou apenas o tempo necessário para eu encontrar a locadora e devolver o carro. Que alívio!

Assim como em Madrid, optamos por um quarto privado. Ficamos no apartamento da Giò, uma italiana gente fina com a qual conversamos bastante. O apartamento dela era lindo (veja as [fotos](#)) e tivemos uma ótima estadia. Apesar de ser apenas um quarto privado, estávamos em [Roma](#), portanto a conta não saiu barata. Foram R\$ 158 por noite, em um tempo em que o real valia bastante.

Visitamos os lugares mais turísticos de Roma e curtimos a experiência. Lá encerramos a viagem pelo sul da Europa e embarcamos em um voo da *low cost* [easyJet](#) que nos levou à Paris, nosso último destino antes de retornar ao Brasil.

Não ficamos em nenhuma cidade tempo suficiente para avaliar o quanto seriam adequadas para nômades digitais. No entanto, a Itália é um país caro, onde a infraestrutura pode ser boa ou precária dependendo da cidade. É difícil achar acomodação com preços razoáveis nas grandes cidades, o que dificulta a vida de quem deseja passar mais tempo.

O acesso à internet também não é dos melhores em alguns lugares. Velocidade baixa, limites de dados e escassez de WiFi gratuito são possíveis problemas. A comunicação também pode ser um desafio. Como falei italiano durante toda a estadia, não posso relatar o quão difícil seria usar o inglês, porém já recebi relatos de pessoas que tiveram dificuldade de usá-lo na Itália. De um modo geral, o país me parece um excelente destino turístico, porém um tanto complicado para se viver por períodos de tempo mais longos como nômade digital.

Saldo da Itália

Número de dias: 8

Custo de viagem: R\$ 2.784 (US\$ 1.748)

Média/mês: R\$ 10.441 (US\$ 6.555)

Média/dia: R\$ 348 (US\$ 219)

Custo de acomodação: R\$ 1.042 (US\$ 704)

Média/mês: R\$ 3.908 (US\$ 2.640)

Média/dia: R\$ 130 (US\$ 88)

Custo de deslocamento: R\$ 1.627 (US\$ 975)

Média/dia: R\$ 203 (US\$ 122)

Custo de voos: R\$ 1.124 (US\$ 673)

Custo de locação de carro: R\$ 393 (US\$ 236)

Seguro de saúde: R\$ 115 (US\$ 70)

Média/dia: R\$ 14 (US\$ 9)

Valeu à pena viajar de carro?

Houve dois momentos em que o carro foi mais útil: quando estávamos na região de Nice e quando viajamos pelo interior da Toscana. No resto do tempo, teria sido mais econômico e teria feito mais sentido viajar sem o carro.

A gente se inspirou na viagem de carro pelos EUA e o adotou para a viagem pelo sul da Europa. Contudo existem diferenças entre EUA e Europa que não levamos em conta. Ao contrário dos EUA, a Europa conta com um excelente sistema de transporte. O transporte público costuma ser bom e eficiente nas cidades. Além disso, há muitos meios de transporte disponíveis para ir de uma cidade para outra.

Como já mencionei, não é conveniente andar de carro na maioria das cidades europeias. Ele mais atrapalha do que ajuda. Entre as cidades, as estradas são ótimas, porém é caro circular por elas, pois há muitos pedágios. O combustível está entre os mais caros do mundo, sendo mais que o dobro do valor cobrado nos EUA, como você pode conferir no site [GlobalPetrolPrices](http://GlobalPetrolPrices.com). A própria locação de automóveis é mais cara na Europa. Portanto é raro que o uso do carro seja economicamente vantajoso.

Pode até ser mais divertido em algumas situações, porém quase sempre é mais caro e inconveniente que usar outros meios de transporte.

O uso do carro também torna a viagem mais arriscada. Além do potencial de acidentes, carros atraem bandidos. Nós mesmos só passamos por um caso de roubo desde que começamos a viver como nômades digitais e o que atraiu o bandido foi justamente o carro. O mesmo ocorreu com outros nômades cujas histórias relatei aqui no livro.

O carro é mais útil quando queremos visitar localidades no interior, na área rural ou em locais remotos. Lugares onde o transporte público é escasso, onde é fácil circular de carro, onde faz sentido ter um carro para apreciar a beleza do lugar, onde é gostoso poder mudar de rumo à qualquer momento e onde a gente consegue estacionar com facilidade. Por outro lado, quando o destino é uma cidade europeia, é preciso refletir bastante antes de optar pelo carro.

Se fôssemos fazer essa mesma viagem novamente, com o conhecimento que temos hoje, faríamos tudo usando outros meios de transporte. Alugaríamos um carro apenas em Nice, para explorar a região da [Côte d'Azur](#), e outro em Florença para passear pelo interior da Toscana.

Paris e um fim de viagem doloroso

[Paris](#) (veja as [fotos de Pati](#)) é uma das cidades mais visitadas do mundo, portanto existe uma enorme demanda por acomodação. O preço da hospedagem na cidade é elevado, o que nos fez recorrer a um quarto privado do [Airbnb](#) mais uma vez. Ele ficava em um pequeno apartamento em [Montmartre](#), a poucos metros da [Sacré Cœur](#).

Para variar, a gente caiu de boca no [croissant](#) e no [pain au chocolat](#). Voltamos a lugares que curtimos na visita anterior, conhecemos outros novos e passamos dias agradáveis na bela cidade. Apesar de receber tantos visitantes, [Paris](#) é uma cidade fantástica para viver como nômade digital, desde que você tenha dinheiro suficiente para viver lá.

A cidade tem muito a oferecer e possui uma infraestrutura excepcional. Há uma grande oferta de acomodações, cafés e restaurantes. O transporte público é um dos mais desenvolvidos do mundo, prédios e ruas são bem mantidos, há muitas áreas verdes, programas culturais, atividades e possibilidades. É uma cidade que inspira. Por mais badalada que seja, a verdade é que Paris é uma cidade especial, que merece ser visitada e

apreciada com calma. Ainda não tivemos a oportunidade de passar uma temporada mais longa na cidade, porém planejamos fazê-lo. Há muito o que aprender e viver em um lugar como Paris.

Apesar da curta estadia, de apenas cinco dias, tudo ia bem até o penúltimo dia, quando minha irmã me chamou no Skype. Enquanto tentava controlar o choro, contou que nosso pai tinha acabado de morrer. Ela ainda não tinha todos os detalhes, mas ligaria de volta assim que tivesse informações precisas sobre o que aconteceu. Não é preciso dizer o quanto fiquei triste, apesar do pouco contato que tinha com meu pai.

Ele viveu a vida toda em Campos, onde nasci. Quando deixei a cidade para ingressar na universidade, no Rio, ele e minha mãe estavam no meio de um processo de separação. As coisas não se encaminharam bem e nós acabamos nos afastando. Os anos passaram e a distância só aumentou. De qualquer forma, era meu pai e eu queria seu bem.

Minha irmã voltou a ligar e explicou o que aconteceu. Ela chorava ainda mais e eu não consegui segurar o choro quando ela explicou as circunstâncias trágicas que envolveram a morte dele. Foi um choque para todos nós e causou-me profunda tristeza.

A história de meu pai foi um exemplo do quanto a vida é frágil e do quão importante é aproveitá-la. Ele veio de uma família pobre e trabalhou muito para sustentar a família e construir um patrimônio. Seu esforço foi recompensado. No entanto, enquanto trilhava seu caminho, ele negligenciou alguns aspectos importantes da vida. Apesar de ter alcançado uma situação financeira confortável, não sabia usar o dinheiro para aproveitar a vida e ampliar seus horizontes. Sempre viveu na mesma cidade, nunca chegou a viajar para muito longe, não fazia nada de significativo com o dinheiro a não ser guardar. Tampouco deu atenção aos relacionamentos. Tinha pouco contato comigo, com minha irmã e com outros familiares.

Um dia, quando tinha pouco mais de 50 anos, sofreu um [AVC](#). Sobreviveu, mas teve sequelas sérias. Sua mobilidade ficou comprometida, ele perdeu as forças e desistiu de seus projetos. Com o passar do tempo, entrou em depressão e não quis mais sair da cama. Os anos passaram e a situação não melhorou, até que o pior aconteceu.

A gente nunca sabe quando o pior vai acontecer. Não sabemos se estaremos aqui no dia de amanhã, mas agimos como se fôssemos eternos. A gente adia a realização de nossos sonhos achando que falta alguma coisa para a gente poder se dedicar a eles. Criamos desculpas, apesar de já termos

todas as condições. Enrolamos, nos convencemos de que precisamos esperar só mais um pouquinho, prometemos começar na semana que vem e nunca fazemos nada. Passamos meses, anos, décadas fazendo isso, até o dia em que a vida cansa de esperar e manda a conta.

Para alguns ela vem na forma de uma doença, para outros é um acidente. Muitas são as situações, porém o resultado é um só. Quando o pior acontece, a gente olha para trás e finalmente percebe que sempre teve todas as condições. Só precisávamos acreditar um pouquinho, dar atenção a nossos sonhos e agir para realizá-los. Até ser tarde demais.

Não sei exatamente que sonhos meu pai tinha, porém imagino que tenha desistido deles quando teve o AVC. O momento em que desistiu e entregou a toalha foi o que marcou o fim de sua vida. O que veio depois já não lhe importava mais.

Meu maior medo sempre foi olhar para trás e concluir que não tentei realizar meus sonhos, que não tentei viver a vida da maneira mais plena que poderia. Meu maior medo sempre foi arrepende-me de não ter tentado. Sempre soube que cada dia contava e a morte de meu pai só serviu para reforçar essa crença. Cada dia conta.

Horas depois de falar com minha irmã, ela voltou a ligar e me deu os detalhes sobre o enterro. Ele ocorreria no dia seguinte. Em função do horário, ainda que eu pegasse o primeiro voo para o Rio, não conseguiria chegar a tempo do enterro em Campos. Por ironia do destino, nós já estávamos programados para chegar ao Brasil um dia depois do enterro. Infelizmente não pude despedir-me dele, mas espero que descanse em paz.

Esse não é um assunto sobre o qual costumo falar, contudo decidi mencioná-lo para termos em mente a fragilidade da vida e para você ter consciência do risco que perder um ente querido enquanto estiver viajando. É possível que você esteja longe do Brasil e de seus familiares quando um deles tiver um problema grave ou falecer. Quando você decide viver como nômade digital, as chances de isso ocorrer aumentam e você precisa estar preparado para essa possibilidade. Não sei exatamente o que a gente pode fazer para se preparar para uma tragédia familiar. Acho que a gente nunca está preparado. Então talvez o que nos resta seja o exercício de não se culpar se o pior acontecer e a gente não estiver por perto. É um exercício difícil, porém necessário.

Saldo da França

Número de dias: 14

Custo de viagem: R\$ 4.651 (US\$ 2.793)

Média/mês: R\$ 9.965 (US\$ 5.984)

Média/dia: R\$ 332 (US\$ 199)

Custo de acomodação: R\$ 1.479 (US\$ 890)

Média/mês: R\$ 3.169 (US\$ 1.907)

Média/dia: R\$ 106 (US\$ 64)

Custo de deslocamento: R\$ 2.970 (US\$ 1.781)

Média/dia: R\$ 212 (US\$ 127)

Custo de voos: R\$ 1.967 (US\$ 1.177)

Média/dia: R\$ 140 (US\$ 84)

Custo de locação de carro: R\$ 525 (US\$ 316)

Média/dia: R\$ 87 (US\$ 52)

Seguro de saúde: R\$ 202 (US\$ 122)

Média/dia: R\$ 14 (US\$ 9)

Trabalho e finanças

A viagem pela Europa foi um período em que passeamos muito e trabalhamos pouco. Foi praticamente uma viagem de férias. Em todos os países onde estivemos, compramos *chips* telefônicos e mantivemos contato com nossas respectivas equipes e clientes através da conexão 3G ou do WiFi das acomodações. Graças ao empenho das pessoas que trabalhavam com a gente, isso não prejudicou os negócios nem nos impediu de respeitar os compromissos com nossos clientes. Ficamos mais confiantes de que poderíamos viver pelo mundo sem maiores problemas.

Mantivemos os negócios sob controle enquanto passeávamos, porém não conseguimos manter as despesas dentro do orçamento de R\$ 6 mil por mês. Longe disso. Os gastos com acomodação somaram R\$ 3.421 (US\$ 2.088). Um valor bastante razoável considerando-se os lugares que visitamos.

As passagens aéreas, entretanto, geraram um custo total de R\$ 4.386 (US\$ 2.626). É um valor muito elevado para uma viagem de apenas um mês. Para completar, a locação de veículos adicionou outros R\$ 1.105 (US\$ 664) e o seguro de saúde outros R\$ 418 (US\$ 252). Tudo isso fez o custo de viagem total chegar a R\$ 9.606 (US\$ 5.796), ou o equivalente a R\$ 331 (US\$ 200) por dia. Tivemos um gasto total que foi mais de duas vezes superior ao orçamento de R\$ 6 mil por mês.

O maior problema dessa viagem foi visitar um destino distante de forma excessivamente rápida. Pagamos passagens aéreas caras e não pudemos diluir esse custo por um período de tempo longo. Não gastamos tanto assim para com acomodação e transporte quando chegamos à Europa, porém gastamos demais para chegar lá.

A boa notícia é que, ao contrário da viagem aos EUA (que também foi cara), não tivemos de gastar com as contas fixas de casa, pois elas já não existiam mais. Foi um avanço em relação ao ano anterior, porém, se quiséssemos viver como nômades digitais de forma sustentável, teríamos de fazer as coisas de modo diferente. Viajar como turista, movendo-se com rapidez, custa caro.

Quando decidimos viver como nômades digitais, tivemos de ajustar os planos. Havíamos pensado em encontrar um apartamento em Buenos Aires depois dos meses de verão em Bariloche e da viagem à Europa. Isso perdeu o sentido.

Tínhamos muitas milhas aéreas na Gol e na TAM, em parte porque nossos cartões de crédito sempre foram vinculados aos programas de milhagem dessas companhias. Como Pati tinha pelo menos um casamento agendado por mês no Rio, decidimos usar as milhas para viajar pela América do Sul. Seria uma forma de conhecer melhor o nosso continente sem gastar tanto.

Finalmente Buenos Aires

Depois de tanto adiar, chegamos a [Buenos Aires](#) no início do outono para uma temporada de duas semanas até o próximo casamento de Pati, no fim de abril. Usando o [Airbnb](#), alugamos um apartamento em [San Telmo](#) ao custo de R\$ 95 por dia. O bairro é boêmio e peculiar. Possui inúmeros antiquários e uma feira de antiguidades que fica lotada aos domingos. É um lugar simpático, porém considerado perigoso pelos portenhos. A

acomodação ficava em uma localização estratégica porque também era perto de [Puerto Madero](#), uma área bonita e moderna, onde tínhamos a oportunidade de caminhar e relaxar.

O apartamento que escolhemos era perfeito para nômades digitais. Ele trazia comodidades que sempre buscamos. As três mais importantes são: WiFi, mesa e cadeiras confortáveis. Como passamos a maior parte do tempo trabalhando em casa, é fundamental ter uma mesa para apoiar os *notebooks* e cadeiras que não destruam nossas costas. O próximo item relevante é a cama, naturalmente. O colchão era confortável e o quarto tinha uma persiana que o deixava completamente escuro durante a noite. Perfeito para dormir no friozinho do início de outono. Veja as [fotos do apartamento](#).

Máquina de lavar roupas é o próximo item que a gente busca e que também estava presente. Para completar, havia uma cozinha bem equipada, com fogão, forno, geladeira grande e todos os utensílios de que poderíamos precisar para cozinhar. A conexão com a internet funcionava bem e nos permitia trabalhar com tranquilidade.

Depois de tanto passear pela Europa, voltamos a trabalhar e tiramos o atraso. Ao mesmo tempo, começamos a desfrutar da cidade. Nessa época, eu era vegetariano. É um tanto irônico ser vegetariano e ir para a Argentina, o paraíso das carnes. No entanto, havia esperança. A dona do apartamento nos recomendou um restaurante recém inaugurado chamado [Hierbabuena](#), que ficava nas proximidades. Continua a funcionar até hoje e a ser um dos melhores restaurantes de Buenos Aires.

Começamos a frequentá-lo quase diariamente. De segunda a sexta, ele servia um almoço executivo delicioso que incluía pãezinhos divinos, entrada, prato principal, bebida, sobremesa e cafezinho. O prato principal mudava todos os dias. Nunca vimos eles repetirem um único prato. As criações eram do dono do restaurante, um renomado *chef* portenho. O valor era de 45 pesos, que correspondiam a R\$ 17. Um excelente custo/benefício, que nos dava a chance de experimentar pratos saborosos e saudáveis em um ambiente inspirador.

Passamos muitos momentos felizes no [Hierbabuena](#). Já em Puerto Madero, a gente se derretia pelo *helado de dulce de leche* (sorvete de doce de leite) da [La Veneciana](#) e pelas delícias do [i Central Market](#). Também podíamos ser vistos com frequência no [Cinemark de Puerto Madero](#), onde nos divertíamos com os filmes argentinos, que estão entre os melhores do mundo. Tudo isso em um período em que nossa moeda valia mais e todos

os lugares nos pareciam baratos. Pudemos viver como reis, embora gastássemos menos do que quando morávamos em Niterói. Esse é um dos maiores benefícios de ter mobilidade.

A gente não precisa ser rico para viver bem e desfrutar do que o mundo têm a oferecer de melhor. Se tivermos liberdade para passar períodos de tempo maiores em qualquer lugar, podemos nos mover por aqueles que ofereçam uma boa relação custo/benefício e viver como reis.

O curto período de quinze dias que passamos em San Telmo nos deu ainda mais convicção de que estávamos certos quando decidimos morar em Buenos Aires. Acredito que não fizemos nenhum programa turístico naqueles quinze dias, apenas vivenciamos a cidade como se fôssemos locais. Era exatamente o que queríamos e funcionou melhor que o esperado. Por outro lado, o potencial de economizar com a ida para a Argentina não estava se realizando.

O apartamento nos custava R\$ 95 por dia, portanto estava dentro de nosso orçamento diário de até R\$ 100 por dia para acomodação. Havia outros R\$ 100 por dia para despesas de alimentação e outras mais. Por mais que fôssemos a restaurantes e cafés, o custo diário não superava esse valor. Tudo parecia em ordem, no entanto precisávamos contabilizar também as passagens aéreas. Para chegar a Buenos Aires, tivemos de desembolsar R\$ 1.402 em passagens aéreas, apenas para passar 15 dias. Portanto as despesas básicas da viagem (acomodação + passagens aéreas) elevavam a média diária para R\$ 188, o que deixava apenas R\$ 12 para as demais despesas, caso quiséssemos respeitar o orçamento de R\$ 200 por dia para todas as despesas. Impossível. A conta não fechava.

O valor que Pati recebia para fotografar cada casamento cobria as despesas de viagem com folga. Entretanto, essa ida e volta ao Brasil todos os meses saíria cara demais. Era muito gasto com passagem aérea. Precisávamos pensar em um novo plano.

Saldo de Buenos Aires

Número de dias: 15

Custo de viagem: R\$ 2.827 (US\$ 1.612)

Média/mês: R\$ 5.654 (US\$ 3.224)

Média/dia: R\$ 188 (US\$ 107)

Custo de acomodação: R\$ 1.425 (US\$ 771)
Média/mês: R\$ 2.850 (US\$ 1.542)
Média/dia: R\$ 95 (US\$ 51)

Custo de deslocamento: R\$ 1.402 (US\$ 841)
Média/dia: R\$ 93 (US\$ 56)

Mais uma vez, tivemos um gasto total superior ao que deveríamos por termos feito uma viagem curta. O gasto com acomodação ficou em um bom patamar. Entretanto, gastamos demais com a passagem aérea.

Não quero te aborrecer apresentando todos esses valores. Quero apenas que você veja os números e compreenda o que eles têm a ensinar. Você logo perceberá que a velocidade da viagem é um dos fatores mais críticos para definir o quanto a gente gasta. O próximo "saldo" deixará isso mais claro.

Casamento no Rio e viagem para o interior de São Paulo

Pati tinha dois casamentos agendados no Brasil, um no Rio e outro em Ribeirão Preto (SP). Assim como na primeira ida ao Brasil, nos hospedamos no apartamento da mãe dela, onde passamos pouco mais de dez dias.

Pati adora viajar, mesmo quando é a trabalho, porém sempre exige que eu vá junto. No caso de Ribeirão Preto não foi diferente. Ela levou um fotógrafo assistente, mas também fui para fazer companhia. Os noivos pagaram todas as despesas de viagem.

O casamento coincidiu com o meu aniversário, o que me deu a oportunidade de passá-lo sozinho em um quarto de hotel de uma cidade que não conhecia. Foi o pior aniversário que já tive. Nos anos seguintes, eu e Pati passamos aniversários, Natal, *réveillon* e outras datas especiais em diversos lugares do mundo. Nem todos foram bons. Alguns foram tão ruins quanto aquele que passei sozinho em Ribeirão Preto. Quem disse que viver como nômade digital só teria alegrias?

Economia na acomodação

O [Airbnb](#) é um sistema fantástico para buscar acomodações de alta qualidade. No entanto, cobra um preço alto. Quando você faz uma busca no site, o valor da diária que você vê no anúncio de um apartamento não é exatamente o que você paga. O valor real é maior. Por exemplo, no apartamento em que ficamos em San Telmo, a diária cobrada pela proprietária era de R\$ 87, no entanto tivemos de pagar R\$ 95. Como ficamos 15 dias, em vez de gastar R\$ 1.305 no total, tivemos de desembolsar R\$ 1.425. Esses R\$ 120 adicionais são as taxas do [Airbnb](#).

Existem apartamentos em que o proprietário cobra uma taxa de limpeza. Ela é computada na fatura final e não está incluída na diária que aparece no anúncio. Existem cidades, como Paris, onde cobra-se um imposto por hóspede, o qual é adicionado ao valor da estadia. Essas taxas são eventuais. Dependem do apartamento e da cidade que você visita. Além destas, existe a [taxa do Airbnb](#), que é cobrada em todas as reservas.

O [Airbnb](#) cobra dos proprietários uma taxa de 3% a 5% sobre cada reserva. O valor exato depende da política de cancelamento escolhida pelo anfitrião. Por sua vez, cobra dos hóspedes uma taxa de 5% a 15%. O valor exato depende de alguns fatores, sendo os mais importantes o valor total e a duração da estadia. Em nossa experiência, percebemos que quanto mais longa a hospedagem, menor o percentual cobrado. No caso do apartamento de San Telmo, em que ficamos 15 dias, o [Airbnb](#) cobrou 9%. Já no que ficamos em Belgrano, em fevereiro, cuja estadia foi de apenas 3 dias, o [Airbnb](#) cobrou 11%.

É natural que o [Airbnb](#) deva ser compensado pelo excelente trabalho que faz, porém não dá para negar o impacto que essa taxa produz sobre o orçamento de quem viaja, especialmente de quem o faz por muito tempo. A boa notícia é que passar mais tempo em um mesmo lugar nos permite reduzir ou até mesmo eliminar esse custo.

Quando estávamos no apartamento de San Telmo, sabíamos que retornaríamos a Buenos Aires em maio e passaríamos mais tempo na cidade. Como adoramos o apartamento, perguntamos à proprietária se o imóvel estaria disponível quando a gente retornasse para passar um mês e meio. Ela disse que sim, com exceção de uma semana no meio de nossa estadia. Nós podíamos ir para outro lugar nessa semana, sem problemas.

Por ser uma estadia mais longa, perguntei à Mariana, a dona do apartamento, se poderia nos fazer um desconto. Além disso, sugeri que lhe pagássemos diretamente em dinheiro. Dessa forma, nem ela nem nós

teríamos despesas com as taxas do [Airbnb](#). Ela concordou e fez a diária por R\$ 55. Nossa despesa diária com o apartamento caiu em 42%. Em vez de R\$ 95 por dia, passamos a pagar R\$ 55. Como ficamos 36 noites no apartamento, gastamos R\$ 2.006 e não R\$ 3.420. Foram R\$ 1.414 de economia, mais que suficiente para cobrir o gasto com as passagens aéreas.

Nessa segunda estadia em Buenos Aires, a média diária das despesas de viagem (acomodação + passagens aéreas) ficou em R\$ 108, bem mais próximo de nossa meta de R\$ 100 por dia. Assim sobravam R\$ 92 por dia para cafés, restaurantes, passeios e o que mais fosse necessário.

Esse exemplo ilustra o potencial de economia que existe em viver como nômade digital, em vez de viajar como turista. É mais fácil negociar descontos em estadias longas e podemos reduzir as despesas pedindo aos donos dos apartamentos para receber o pagamento em dinheiro, ao menos para a maior parte da estadia.

Às vezes, a gente pede para fechar apenas as primeiras noites pelo [Airbnb](#) e pagar as demais em dinheiro, no momento do *check in*, além de pedirmos desconto, naturalmente. Esse último ponto é fundamental. Tem que pedir desconto. Muitos proprietários estão dispostos a concendê-los, mas quase nunca o oferecem desde o início. É preciso pedir.

Nos primeiros anos, não sentíamos tanta necessidade disso porque o real era mais valorizado. Então deixamos de pedir descontos muitas vezes. Depois, com a desvalorização de nossa moeda, fomos forçados a corrigir essa postura. Atualmente, só não pedimos desconto se a estadia for curta e o valor já for baixo.

Uma estadia que acabou mal

Para o período de uma semana em que o apartamento de Mariana já estava ocupado, alugamos outro apartamento em Boedo, um bairro pouco badalado de Buenos Aires, mas que já conhecíamos. O imóvel era simples, porém atendia. Tinha o básico que a gente precisava.

Não chegamos a conhecer a dona. Ela estava viajando na Europa e enviou uma amiga para nos receber. Tudo correu bem até o segundo ou terceiro dia, quando começamos a ter problemas com os vizinhos. Eu estava lavando as louças quando o vizinho começou a socar a parede como forma de protesto pelo barulho. Aquilo foi uma novidade para nós. Até então, ninguém nunca havia nos chamado a atenção por fazer barulho.

O prédio era novo e logo percebemos que foi construído com materiais de baixa qualidade. A parede que separava os apartamentos era como um pedaço de papel. Ela deixava todo o barulho passar de um lado para o outro. Os vizinhos podiam ouvir tudo o que falássemos e vice-versa. Daí por diante, começamos a nos policiar para falar baixo e fazer o mínimo de ruído possível. Assim mesmo, o vizinho esmurrou a parede diversas vezes durante o restante da estadia. A gente já quase não podia mais se comunicar dentro de casa sem receber uma advertência.

Aturamos a situação porque eram apenas alguns dias. Logo voltaríamos para o apartamento de Mariana e ficaríamos em paz. Quando a estadia terminou, a amiga da dona foi buscar as chaves, perguntou se foi tudo bem e dissemos que sim. Como ela não era a dona, não quisemos discutir o que aconteceu.

Quando chegou o momento de escrever a avaliação do apartamento, descrevi a nossa experiência da forma mais objetiva possível, como sempre faço. Elogiei o apartamento e expliquei que ele atendeu as nossas expectativas, entretanto apontei também o problema que tivemos com os vizinhos e o quanto aquilo nos aborreceu. Acrescentei que, devido a esse problema específico, e não às características do apartamento, não voltaríamos a alugá-lo no futuro. Foi a primeira vez que escrevi uma avaliação negativa no [Airbnb](#). Achei que estava fazendo a minha parte para proteger os interesses de futuros hóspedes.

A proprietária leu a avaliação e me enviou uma mensagem indignada. Ela ficou arrasada por eu ter feito uma crítica pública sem jamais tê-la escrito antes, de maneira privada, para tentar solucionar a questão. Ela não entendia por que não tentamos conversar com ela antes, para que ela tentasse conversar com os vizinhos. Sua frustração era compreensível. Ela comprou diversos apartamentos no mesmo edifício e montou cada um deles de forma cuidadosa com o propósito de alugá-los no [Airbnb](#). Minha avaliação provavelmente afastaria outros viajantes e ela teria de amargar um prejuízo por um problema que não causou. Ela fez a parte dela e seria punida pela atitude exagerada e rabugenta dos vizinhos. Para piorar, eu não lhe dei a chance de fazer algo a respeito.

Percebi que ela estava coberta de razão. Naquele momento eu aprendi que nós devemos conversar com os donos dos imóveis e tentar solucionar eventuais problemas assim que eles surgem. Só faz sentido escrever uma avaliação negativa depois de tentarmos solucionar a questão com os

proprietários e não termos sucesso. Triste por ter agido de forma incorreta, entrei em contato com o suporte do [Airbnb](#), expliquei o que aconteceu e pedi que eles removessem minha avaliação. Eles leram as mensagens que troquei com a anfitriã, concordaram que errei e apagaram a avaliação.

Saldo de Buenos Aires

Número de dias: 43

Custo de viagem: R\$ 4.204 (US\$ 2.641)

Média/mês: R\$ 2.933 (US\$ 1.843)

Média/dia: R\$ 98 (US\$ 61)

Custo de acomodação: R\$ 2.590 (US\$ 1.624)

Média/mês: R\$ 1.807 (US\$ 1.133)

Média/dia: R\$ 60 (US\$ 38)

Custo de deslocamento: R\$ 1.614 (US\$ 1.017)

Média/dia: R\$ 38 (US\$ 24)

Nessa estadia maior em Buenos Aires, passamos três vezes mais tempo que na visita anterior. A média diária do custo de viagem caiu quase pela metade. Foi de R\$ 188 para R\$ 98. O valor diário de acomodação foi de R\$ 95 para R\$ 60, um valor excelente.

A passagem aérea continuou a ser um componente caro, porém seu custo foi diluído por um número maior de dias. A média diária baixou de R\$ 93 para R\$ 32. Ainda foi um valor alto, porém mais aceitável.

De qualquer forma, o principal avanço dessa viagem foi ter negociado o valor da acomodação. Isso também foi possível por termos passado mais tempo em Buenos Aires. Isso demonstra algo que ficará cada vez mais claro ao longo dos próximos exemplos. **Se você quiser viajar de forma barata, viaje devagar.** Passe mais tempo em cada destino e seus custos de viagem cairão.

Reflexos iniciais sobre a carreira de Pati

Como ficaria a carreira de Pati? Essa era uma das grandes dúvidas antes de partirmos do Brasil. Como nosso plano original envolvia apenas a mudança para Buenos Aires, assumimos que duas coisas aconteceriam. No início, acreditávamos que Pati faria fotos apenas no Brasil, portanto teríamos de ir ao Rio uma vez ao mês. Com o passar do tempo, esperávamos que surgissem casamentos para ela fotografar na Argentina mesmo. Se tudo corresse bem, a necessidade de ir ao Rio seria reduzida ou eliminada com o passar do tempo.

Isso demandaria um trabalho de reposicionamento. Pati precisaria divulgar seus serviços na Argentina, o que levaria tempo. Entretanto tivemos uma surpresa. Quando estávamos em Bariloche, Pati recebeu o contato de uma noiva americana. Ela pretendia casar-se alguns meses depois em San Isidro, ao norte de Buenos Aires, com seu noivo argentino. Pati não acreditou na sorte. Ela tinha a expectativa de começar a fotografar casamentos na Argentina, mas não imaginava que isso ocorreria tão cedo.

Ela marcou uma reunião com a noiva por Skype e a conversa foi ótima. A noiva estava morando no Brasil e ficou sabendo de Pati através de uma amiga em comum. A amiga, por sua vez, soube que Pati ia para a Argentina em função de toda a movimentação que fizemos nas redes sociais para vender nossas coisas. A lojinha também ajudou a comunicar que estávamos partindo para a Argentina.

Esse processo de comunicação foi importante. Tivemos que deixar claro nossos planos para que as noivas soubessem que ainda podiam contar com Pati no Brasil. Ao mesmo tempo, como esse caso da noiva americana demonstrou, também era importante informar que Pati podia, a partir de então, fotografar casamentos na Argentina.

Antes da viagem, havia muita preocupação sobre o que ocorreria com a carreira de Pati. Havia o risco de ela ser esquecida e as noivas pararem de procurá-la. Esse foi um receio que Pati carregou durante muito tempo. Seus amigos também acreditavam que isso aconteceria.

Eu acreditava o contrário. Achava que ela seria tão ou mais conhecida que antes porque estava fazendo algo único, fora do usual. Talvez algumas noivas não entrassem em contato por achar que teriam maior dificuldade de contratá-la, porém eu achava que o saldo final seria positivo.

Até aquele momento, as coisas estavam indo melhor que o esperado. As noivas continuavam a procurar Pati, ela tinha diversos casamentos para fotografar no Rio e ainda teve um casamento na Argentina.

O drama de Foz do Iguaçu

Pati fotografou o tal casamento na Argentina em maio de 2011, quando estávamos hospedados por uma semana naquele apartamento de Boedo, onde escrevi uma avaliação inadequada. Ela levou consigo todo o seu equipamento fotográfico. Era uma mala grande que continha diversas câmeras profissionais, muitas lentes e inúmeros acessórios de fotografia. Havia uma pequena fortuna na mala. Era fácil sair do Brasil com ela, porém arriscado retornar devido à alfândega brasileira.

Ingressar no Brasil com eletrônicos sempre foi um problema devido à taxa abusiva imposta pelo governo brasileiro. Pati e todos os demais fotógrafos sempre sofreram para comprar seus equipamentos de trabalho. Câmeras e lentes são produtos caros mesmo quando comprados em países com preços mais competitivos como os EUA. Chegam ao Brasil com preços ainda mais elevados devido aos impostos, sem contar a diferença cambial que sempre trabalha contra nós.

Fotógrafos fazem o que podem para contornar o problema. Compram equipamentos usados, compram de pessoas que não fornecem nota fiscal, compram quando viajam e por aí vai. Pati não era diferente. Cada câmera e lente tinha uma história diferente. Poucos equipamentos tinham nota fiscal, mas todos eram muito usados.

No passado, sair do Brasil com tais equipamentos não era um problema. Havia um registro que podia ser feito no aeroporto quando saíamos do Brasil. Bastava levar os equipamentos, preencher os formulários e receber o carimbo da aduana. Na volta, bastava mostrar o formulário e entrar sem nenhum problema. Eles comprovavam que os equipamentos não haviam sido comprados no exterior e estavam apenas regressando ao país.

Infelizmente esse sistema foi extinto, o que criou um problema em situações como essa. Embora Pati não fosse voltar da Argentina com nenhum equipamento novo, ela não tinha como provar que tinha saído do Brasil com eles. A boa notícia é que a alfândega do Galeão era pouco rigorosa, especialmente com os voos que vinham da Argentina. Nós costumávamos regressar no meio da semana e voávamos de madrugada. Chegávamos ao Rio em um horário em que só havia um fiscal e ele não se importava muito com os passageiros que vinham da Argentina. Assim

mesmo, se o pior acontecesse, estávamos preparados para pagar uma multa. Era parte do risco do negócio.

No dia 4 de junho, alguns dias antes de nosso retorno ao Brasil, [o vulcão Puyehue entrou em erupção ao sul do Chile](#) e gerou uma nuvem de cinzas que levou ao fechamento de aeroportos no Chile e na Argentina por algumas semanas. Não pudemos tomar o voo de volta ao Brasil porque os aeroportos estavam fechados em Buenos Aires. Como Pati tinha de fotografar um casamento no Rio, tivemos de tomar um ônibus para Foz do Iguaçu, de onde poderíamos tomar um voo para o Rio. Foi o caminho mais rápido que nos restou, mas um dos menos inteligentes, como eu logo descobriria.

Foz do Iguaçu faz fronteira com Argentina e Paraguai, que é um destino tradicional de quem quer comprar eletrônicos e outros artigos sem os impostos abusivos cobrados no Brasil. Por isso a Receita Federal faz uma fiscalização mais rigorosa. Não tivemos problemas para ingressar no Brasil de ônibus. Entretanto logo teríamos problemas no aeroporto.

O aeroporto de Foz tem algumas particularidades. Quando você entra nele, é obrigado a colocar sua bagagem em um aparelho de raio X da Receita Federal, ainda que seu propósito seja tomar um voo doméstico. Se houver equipamentos eletrônicos, é preciso mostrar as notas fiscais deles. Para piorar a situação, se o passageiro não puder apresentar as notas, o equipamento é apreendido. Não é possível pagar uma multa e levar o equipamento. O pagamento de multa só é possível na fronteira, quando a pessoa ingressa no Brasil. Se ela ingressar sem pagar o imposto devido e eventual multa, daí por diante ela não pode regularizar a situação. Portanto, se for pega, o equipamento é apreendido. Não sabíamos disso, mas aprendemos da pior forma possível.

Chegamos ao aeroporto e passamos as malas pelo raio X. A funcionária da receita pediu para colocarmos a mala de equipamentos sobre o balcão e abrir. Começamos a suar frio. O pavor tomou conta de nós dois. Abrimos a mala e colocamos todos os equipamentos sobre o balcão, conforme instruídos pela funcionária.

Ela pediu as notas fiscais e tentamos explicar que não tínhamos, que Pati era fotógrafa, que tinha fotografado um casamento na Argentina e estava retornando com os equipamentos para o Brasil. A funcionária nos interrompeu e informou que a explicação não lhe interessava. Ela só queria

ver as notas fiscais. Se elas não existissem, tudo seria apreendido, incluindo nossos notebooks.

Voltamos a explicar, mostramos o contrato do casamento de Buenos Aires, mostramos o cartão de visita de Pati, demos mais uma série de justificativas e a funcionária não parecia se sensibilizar. Daí Pati perguntou o que precisaria fazer para legalizar os equipamentos e qual seria o valor da multa. Foi então que a funcionária nos explicou que não existia essa alternativa. A única coisa que ela podia fazer era apreender nosso equipamento porque só podemos regularizar a situação quando entramos no país. Já não era possível fazê-lo ali no aeroporto.

São momentos como esses que te fazem refletir sobre o absurdo do mundo em que vivemos. Votamos em bandidos e lhes pagamos salários elevados para criarem leis que legitimam o roubo, desde que seja cometido pelo Estado através de seus funcionários. Uma inversão de valores completa, onde nós, as vítimas do Estado, somos tratados como bandidos e não o contrário.

Se nossos equipamentos fossem confiscados, sobreviveríamos, apesar do enorme prejuízo que amargaríamos. Não só teríamos de comprar tudo de novo, como teríamos um enorme trabalho para recuperar backups e configurar novos notebooks para voltamos a trabalhar normalmente. Porém havia algo mais grave.

Pati tinha de fotografar um casamento no Rio dois dias depois. Ela precisava do equipamento para fazer as fotos. Deixar de fotografar o casamento não era uma opção, por pior que fosse seu prejuízo. Ainda que pudéssemos comprar novos equipamentos, seria difícil fazê-lo em tão pouco tempo. Talvez Pati conseguisse alguns itens emprestados de outros fotógrafos, mas eles também tinham casamentos para fotografar. Todos estavam sempre ocupados nos sábados.

Os minutos que passamos naquela alfândega foram alguns dos momentos de maior terror que já enfrentamos na vida. Definitivamente o maior desde que começamos essa jornada nômade. Quando as pessoas me dizem que têm medo de viajar pelo mundo, dou risada e penso comigo mesmo: meu maior medo é o Brasil.

Depois de muito argumentar com a funcionária da alfândega e usar todos os argumentos imagináveis, estávamos prestes a chorar de desespero quando ela nos disse: "olha, quando a gente apreende um equipamento, existem dois destinos possíveis. A gente coloca à venda ou utiliza em nosso

dia a dia. Tudo isso que está aqui é muito usado. Não dá para vender nada disso e também não vamos usar. Então, coloquem tudo de volta na mala, saiam da minha frente e nunca mais passem aqui sem as notas fiscais."

Esse é um daqueles momentos que faz até mesmo os mais incrédulos acreditarem que existe um Deus. A fiscal simplesmente desistiu de nos aterrorizar e nos deixou passar. Não perdemos tempo, colocamos tudo na mala, de qualquer jeito, e sumimos da frente dela antes que pudesse mudar de ideia.

Mesmo antes desse episódio, enfrentar a alfândega brasileira sempre foi meu maior temor. Toda vez que voltávamos ao Brasil, eu suava frio quando pousávamos, com medo de ter os equipamentos apreendidos. Esse pavor tornou-se ainda mais intenso depois desse episódio e eu o trago até os dias de hoje. Como todo brasileiro, sempre tive medo da violência no Brasil, especialmente da violência do Estado brasileiro.

O conto do holandês

Antes de partir do Brasil, morávamos em Niterói, mas quase todos os casamentos de Pati eram no Rio. Ela nunca tinha eventos para fotografar em Niterói. Apenas uma ponte separa uma cidade da outra, no entanto perde-se bastante tempo no trânsito para ir e vir. Voltar ao Brasil e ficar na casa de uma das mães nos permitia economizar com a acomodação, porém era pouco conveniente porque Pati tinha de passar mais tempo no trânsito e gastar mais com taxis para ir até os casamentos que fotografava.

Percebemos que faria sentido buscar acomodação no Rio para Pati ficar mais próxima dos casamentos. O desafio era encontrar algum lugar que coubesse no orçamento. Ao contrário de Buenos Aires, os valores de locação temporária no Rio eram escandalosos. Os apartamentos no [Airbnb](#), em particular, eram caros demais. Depois de muitas buscas no Google, encontrei uma agência de um holandês que tinha alguns apartamentos no Rio. Achei um que tinha boa aparência pelas fotos e fiz a reserva para os cinco dias que teríamos no Rio.

O preço de R\$ 109 era alto considerando-se o pouco que o apartamento oferecia, contudo foi o mais próximo de nosso orçamento que conseguimos. Como o dono da agência morava na Holanda, ele enviaria um encarregado para nos receber no apartamento.

O retorno através de Foz do Iguaçu atrasou nossa chegada ao Rio. Com isso perdemos a primeira noite no apartamento. Menos mal. Quando chegamos ao lugar, descobrimos que era bem ruim. A localização era excelente, mas o apartamento era uma porcaria e sujo. A primeira providência foi fazer uma faxina. Descobrimos uma camisinha usada embaixo da cama. O lençol, além de velho e bastante surrado, estava sujo. Sem chance de usarmos. Fomos à casa da mãe de Pati para buscar roupas de cama limpas.

Insistimos e chegamos a ficar no apartamento duas noites, até que chegou o sábado e Pati saiu para fotografar um casamento. Eu fiquei no apartamento e o chuveiro queimou quando fui tomar banho. Foi a gota d'água. Decidi que iríamos embora no dia seguinte, antes do fim da estadia.

Perdemos mais de R\$ 500 pagando cinco diárias em um apartamento onde não gostaríamos de passar nem mesmo alguns minutos. E ainda fomos parar nele depois de todo o susto que tivemos em Foz do Iguaçu. Foi muita derrota.

O maior erro nesse episódio foi prestar atenção apenas ao preço e reservar um apartamento sem avaliações. Isso não se faz, é arriscado demais. Mesmo no [Airbnb](#), existem apartamentos sem avaliações. São aqueles que entraram no sistema, porém nunca foram alugados. Em função do aprendizado que tivemos nessa ocasião, nunca alugamos apartamentos no [Airbnb](#) que não tenham avaliações, por melhores que pareçam ser. A menos que a gente esteja na cidade e faça uma visita ao lugar antes de fazer a reserva.

Como já mencionei, quando o assunto é hospedagem, o barato pode sair caro. Aprender isso e respeitar esse fato, entretanto, não é fácil. Meses depois, ainda enfrentaríamos outras dificuldades por cometer o mesmo erro. Parece que para algumas coisas a gente precisa quebrar a cara mais de uma vez para incorporar a lição.

Saldo do Rio

Como o Rio é o nosso ponto de partida, o custo de viagem restringe-se apenas à acomodação. Não envolve nenhuma passagem aérea.

Número de dias: 5

Custo de acomodação: R\$ 545 (US\$ 345)

Média/mês: R\$ 3.270 (US\$ 2.070)

Média/dia: R\$ 109 (US\$ 69)

A necessidade de ficar mais tempo fora do Brasil

Voltar ao Brasil uma vez por mês nos pareceu uma boa estratégia quando decidimos morar na Argentina. As frequentes idas ao Brasil, no entanto, nos mostraram que essa ideia não funcionava tão bem assim. A gente desperdiçava muito tempo e dinheiro.

Cada ida ao Brasil exigia a compra de passagens aéreas caras. Perdíamos tempo buscando acomodação e fazendo os preparativos de viagem. As idas e vindas também quebravam nosso ritmo de trabalho em casa e nos limitavam a destinos mais próximos. A gente decidiu viver como nômade digital, em vez de se fixar em Buenos Aires, porém descobriu que não poderia viajar para lugares distantes como Ásia e Oceania porque não faria sentido investir em viagens para locais tão remotos para ficar apenas alguns dias. Precisávamos mudar de estratégia.

Antes que Pati começasse a agendar casamentos para o ano seguinte, sugeri uma mudança. Em vez de ir ao Brasil uma vez por mês, poderíamos ir apenas uma vez por ano e passar um período de três a quatro meses no país. Pati agendaria todos os casamentos nesse período, o que lhe daria a chance de fotografar em torno de 12 casamentos por ano. Era o mesmo que ela conseguiria fazer indo ao Rio uma vez por mês.

Essa mudança nos permitiria passar diversos meses seguidos fora do Brasil e viajar para destinos remotos. Nas visitas ao Brasil, poderíamos alugar um apartamento por um período mais longo, o que nos ajudaria a pagar valores mais razoáveis. Isso também evitaria interrupções frequentes no ritmo de trabalho em casa, o que nos tornaria mais produtivos. Teríamos de pagar uma única passagem aérea para o Brasil, o que reduziria nossos custos ainda mais.

Pati gostou da ideia. Para o ano seguinte, combinamos que ela só aceitaria fotografar casamentos que ocorressem entre agosto e dezembro. Pela nossa experiência, o segundo semestre também costumava ser o menos quente no Rio. Sabíamos que poderíamos contar com temperaturas mais amenas, ao menos até o fim de outubro. Como o último casamento de 2011

era em novembro, poderíamos passar mais de oito meses viajando no ano seguinte antes de retornar ao Brasil em agosto.

Restava saber o que faríamos no segundo semestre de 2011 quando teríamos de voltar ao Rio algumas vezes para os casamentos que Pati já tinha agendado. Decidimos fazer mais viagens dentro do Brasil e na América do Sul. Pati tinha alguns casamentos para fazer em outras localidades do Brasil, queríamos visitar algumas pessoas em outras cidades do país e participar de algumas conferências. Também, tínhamos muitas milhas que poderíamos usar para pagar pelos voos que fossem mais caros na América do Sul.

Viagens pelo Brasil

O interior de São Paulo não é o local mais turístico do Brasil, mas é onde estavam algumas pessoas que queríamos visitar. Nosso advogado, que era responsável pela elaboração dos contratos da empresa, morava em São José do Rio Preto, assim como alguns fotógrafos de casamento com os quais Pati interagia. Fizemos uma breve visita à cidade, o que nos deu a oportunidade de conhecer algumas pessoas e rever outras. Em seguida partimos para Fortaleza.

Fui convidado para dar uma palestra no [Agile Brazil 2011](#). Os organizadores do evento se ofereceram para pagar as passagens (minha e da Pati) e a hospedagem no hotel do evento. Pensei em aproveitar a oportunidade para visitar outros lugares no Ceará, então pedi para os organizadores marcarem a passagem de retorno para dez dias após o encerramento do evento.

Viajar com tudo pago é gostoso, especialmente quando se trata de um local distante para o qual teríamos de pagar passagens caras. Temos amigos que investiram muito esforço na criação de blogs, canais do YouTube, contas do Instagram e outras presenças virtuais até que se tornassem populares. Daí começaram a oferecer parcerias a hotéis e outras empresas. Eles divulgam as marcas parceiras e, em troca, ganham estadias, passagens aéreas, passeios, roupas, acessórios ou o que quer que as marcas ofereçam. Isso funciona bem para algumas pessoas, porém engana-se quem pensa que é só molezinha.

Chegamos em Fortaleza no domingo e minha palestra era na sexta-feira seguinte. Adoraria poder dizer o que o hotel tinha a oferecer, mas a verdade

é que só conheci o quarto em que ficamos e o auditório. Do momento em que chegamos à cidade até a minha apresentação, eu mal saí do quarto do hotel. Passei todo o tempo preparando a melhor palestra possível. Estavam me pagando para estar ali, eu não estava a passeio, havia um trabalho a fazer. Não paguei as passagens nem a estadia, porém trabalhei muitas horas para compensar esse fato. É preciso ter isso em mente. Quando uma empresa parceira paga as custas de um influenciador digital, ela espera um retorno, espera que a pessoa trabalhe para divulgar a marca e não apenas que desfrute do que está ganhando.

Tenho alguns amigos na área de tecnologia que organizam um evento anual chamado Empreendaframps. Como a maioria vai sempre ao Agile Brazil, a gente faz os encontros logo após a conferência. Fomos todos para Taiba, onde nos hospedamos em um pequeno hotel e nos divertimos bastante. Esse encontro não tem nenhuma pauta ou propósito específico além de bate-papo, comer e beber. Foi um momento muito especial. Veja as [fotos](#).

Jericoacoara

Terminado o encontro em Taiba, eu e Pati fomos passar uma semana em [Jericoacoara](#). Aproveitamos a economia que fizemos com passagem aérea e acomodação (graças à organização do Agile Brazil) e investimos em uma acomodação legal e um pouco mais cara em Jericoacoara. Muita gente já tinha nos recomendado uma visita ao lugar e finalmente compreendemos a razão. Visitamos praias e lagoas lindas, fizemos passeios de bugre e quadriciclos, passeamos de barco, conhecemos gente nova, comemos muita tapioca e outras guloseimas, enfim, curtimos demais. Veja as [fotos de Pati](#). Amamos a visita à Jericoacoara e lamentamos profundamente quando tivemos de partir. É um dos locais que mais gostamos de conhecer no Brasil. Não vemos a hora de fazer uma nova visita.

Saldo do Ceará

Número de dias: 15

Custo de acomodação: R\$ 1.380 (US\$ 874)

Média/mês: R\$ 2.760 (US\$ 1.748)

Média/dia: R\$ 92 (US\$ 58)

Colômbia

Terminada a visita ao nordeste, voltamos a Niterói, passamos uma noite e partimos para a [Colômbia](#) no dia seguinte. Eu queria fazer o melhor proveito possível das milhas que tínhamos. Fiz uma pesquisa e descobri que o voo do Rio para Bogotá era um dos mais caros que poderíamos fazer na América do Sul. Apesar disso, era possível percorrer esse trecho gastando apenas 10 mil milhas. Portanto usar as milhas nesse trecho fazia todo sentido.

Tínhamos apenas onze dias até o próximo casamento de Pati no Rio, então escolhemos visitar só três cidades: [Bototá](#), [Medellín](#) e [Cartagena](#). O tempo curto não nos permitiria ter uma experiência completa. Só conseguiríamos fazer um pouco de turismo. Assim mesmo, achamos válido fazer a visita como uma espécie de reconhecimento. Se gostássemos do lugar, poderíamos voltar com mais calma em outro momento do futuro. Esse pensamento também serviria para justificar as visitas seguintes à Venezuela, ao Uruguai e ao Chile.

Começamos por [Bogotá \(fotos\)](#), onde encontramos pessoas simpáticas, preços acessíveis e café delicioso. Em um dos passeios, vimos algo inédito. Subimos o [Cerro de Monteserrate](#) e pudemos ver toda a cidade de cima. Havia uma igreja no topo e dois cinegrafistas a estavam filmando usando um aparelho especial que nunca tínhamos visto ao vivo, um [drone](#). O aparelho era enorme, comparando-se aos drones que vemos hoje em dia, alguns dos quais cabem na palma da mão. O que vimos lá era um monstinho com seis hélices que carregava uma [câmera DSLR](#) grande. Duas pessoas operavam o equipamento. Uma pilotava o drone, enquanto a outra cuidava da captura de imagens. Ficamos fascinados com aquilo.

É difícil acreditar que passaram-se apenas seis anos desde que vimos um drone pela primeira vez. Agora eles estão por toda parte. É como se todos os viajantes tivessem um. Esse exemplo ilustra a velocidade da evolução tecnológica e o quão rápido novas tecnologias se popularizam. Hoje em dia, é muito fácil viajar pelo mundo carregando um drone, porém, naquela época, há apenas seis anos, quase ninguém tinha um e os poucos profissionais que tinham eram obrigados a pagar caro demais e a carregar um trambolhão.

Nas proximidades de Bogotá, visitamos também a [Catedral de Zipaquirá](#) ([fotos](#)). Foi a primeira vez que entramos em uma mina de sal, algo que nem sabíamos que existia. Até então, imaginávamos que o sal fosse extraído apenas do mar. Estávamos enganados. Sob a montanha de sal, encontramos um labirinto de túneis e uma imensa catedral esculpida nas paredes de sal. Foi uma visita instrutiva e fascinante.

Medellín

A cidade de Medellín é conhecida no mundo inteiro devido ao [Cartel de Medellín](#), que operou com força na década de 70 e 80 sob o comando do traficante [Pablo Escobar](#). Hoje em dia a cidade já não sofre mais com a violência de outrora. Tornou-se um lugar agradável e é um destino bastante procurado por nômades digitais do mundo inteiro. É fácil compreender a razão. Veja as [fotos](#).

Ficamos em um hotel de um ótimo bairro, chamado *El Poblado*. No quarto, fomos surpreendidos pela conexão com a internet mais rápida que já havíamos encontrado na vida. Até hoje, continua sendo uma das mais rápidas que já utilizamos. Foi amor ao primeiro acesso. Como não gostar de um lugar com WiFi rápido?

A área era montanhosa, portanto todos os caminhos levavam para baixo ou para cima. Caminhar pelo bairro exigia disposição. Felizmente, havia taxis em abundância e eles eram baratos. Esse é o outro ponto que atrai tantos nômades à cidade: a relação custo/benefício. Encontramos ótimos preços em Medellín e uma infraestrutura acima da média. Lembro que visitamos um shopping no bairro, chamado [Centro Comercial Santafé](#), que parecia uma versão maior e melhorada do [Shopping Leblon](#), um dos mais modernos e bonitos do Rio. Ficamos surpresos.

Medellín e Bogotá passaram por grandes processos de transformação urbana nas últimas décadas, as quais podem ser conhecidas brevemente através desta [apresentação de Enrique Peñalosa](#), sobre Bogotá, e [esta de David Escobar](#), sobre Medellín. No período em que visitamos Bogotá, ela passava por grandes obras. Algo semelhante ao [Rio Cidade](#) na época do prefeito César Maia. Parte dessas obras tinha relação com o [TransMilenio](#), um sistema de [BRT](#) que estava em processo de desenvolvimento. As obras ajudaram a transformar a cidade para melhor nos anos seguintes.

[Medellín](#), por sua vez, nos pareceu um lugar ainda melhor estruturado e com pessoas muito simpáticas. As duas cidades tinham problemas tão graves ou piores que as grandes cidades brasileiras. No entanto, foram transformadas para melhor através de um enorme esforço que envolveu setores públicos e privados. Elas nos deram uma nova perspectiva sobre as possibilidades para o futuro e nos provaram que é possível transformar as cidades para melhor, muito melhor, desde que haja vontade suficiente e gestores empenhados em corrigir os problemas. Foi uma lição valiosa que nos encheu de esperança.

Medellín foi a cidade de que mais gostamos em nossa visita à Colômbia. É um dos melhores destinos para nômades digitais na América do Sul e uma cidade para a qual planejamos voltar no futuro para passar uma temporada. Além da ótima relação custo/benefício, o povo é hospitaleiro e as temperaturas são amenas o ano inteiro. A cidade, localizada nas montanhas, é conhecida como "a cidade da primavera eterna". Na parte cultural, adoramos conhecer as pinturas e esculturas de [Fernando Botero](#). O artista, que é nascido em Medellín, é conhecido por suas obras que mostram pessoas e figuras com volumes exagerados, ou seja, gordinhas. São obras lindas e muito divertidas. Algumas de suas esculturas ficam expostas de forma permanente na [Plaza Botero](#), em Medellín. Adoramos conhecê-las. É uma visita que vale a pena fazer.

Cartagena

[Cartagena](#) é a cidade mais visitada da Colômbia. Veja as [fotos](#). Voamos para lá em um avião [turbo-hélice](#) que insistia em balançar demais durante todo o voo. A gente se sentia como se estivesse em um avião de papel.

A cidade tem uma área murada que é o principal ponto turístico. É onde ficam os melhores hotéis e restaurantes. Pensei que seria uma boa ideia ficar nessa área para visitarmos a cidade com mais facilidade. Isso funcionou, mas pagamos um preço alto demais. A diária do hotel foi o triplo do que costumamos pagar em qualquer acomodação e o hotel, que se dizia "hotel botique", nem era tão bom assim.

A cidade é muito quente, porém simpática. É perfeita para o turismo. Tem um monte de lojas bonitas, restaurantes descolados e lugares legais para fotografar. O que mata são os vendedores ambulantes oferecendo quinquilharias a todo instante. Fizemos um passeio de lancha até uma ilha

próxima de Cartagena. O lugar, banhado pelo Mar do Caribe, era lindo e agradável, porém os vendedores não nos deixavam em paz um minuto. Eles conseguiram transformaram a experiência em um desastre.

O pior é que ficavam ainda mais empolgados quando descobriam que éramos do Brasil. Segundo explicaram, o brasileiro gasta bastante, enquanto o europeus é pão-duro. Imagino que estivessem certos, porém estavam diante dos brasileiros errados. De nós eles não tiraram um centavo.

Na parte gastronômica, o que mais nos marcou foi a [limonada de coco](#), uma receita típica de Cartagena que não poderia ser mais deliciosa e refrescante. Só de pensar já dá água na boca.

Visitar a cidade foi uma experiência cara, porém não tão interessante assim. Curtimos mais os dias que passamos em Bogotá e Medellín. Fazer turismo e ser tratado como turista nos pareceu menos recompensador.

Saldo da Colômbia

Número de dias: 11

Custo de viagem: R\$ 4.284 (US\$ 2.721)

Média/mês: R\$ 11.684 (US\$ 7.421)

Média/dia: R\$ 389 (US\$ 247)

Custo de acomodação: R\$ 2.119 (US\$ 1.349)

Média/mês: R\$ 5.779 (US\$ 3.679)

Média/dia: R\$ 193 (US\$ 123)

Custo de deslocamento: R\$ 2.165 (US\$ 1.372) + 40 mil milhas

Média/dia: R\$ 197 (US\$ 125)

Apesar de termos usado as milhas aéreas, a viagem para a Colômbia foi muito cara. Pesou bastante o custo dos voos internos, assim como o hotel caríssimo de Cartagena. No fim das contas, pagamos um preço elevado por fazer uma viagem no melhor estilo "turistão".

Venezuela

Depois de Bogotá, [Caracas \(fotos\)](#), a capital da [Venezuela](#), era o destino mais caro para o qual poderíamos voar na América do Sul. Portanto uma ótima opção para usar milhas. Assim como no caso de Bogotá, conseguimos gastar apenas 10 mil milhas para cada trecho por pessoa. Um ótimo custo/benefício.

Como estávamos em um ritmo de viagem intenso, tive dificuldade para planejar os próximos passos. No caso de Caracas, eu só tinha as passagens e não tinha planejado mais nada até o sábado, véspera da viagem. Ainda não tinha reservado hotel ou feito qualquer tipo de pesquisa. Pati saiu para fotografar o casamento do sábado e eu finalmente parei para planejar os detalhes da viagem.

Comecei a pesquisar sobre Caracas e a encontrar relatos de pessoas que haviam visitado a cidade há pouco tempo e tinham sofrido algum tipo de violência. Algo tão simples quanto sair do aeroporto e chegar até o hotel parecia arriscado demais. Muita gente era assaltada no taxi, a caminho do centro. A questão era grave.

Quando adquiri as passagens, eu não tinha ideia do quanto o país já ia mal e quão arriscada seria aquela visita. Quanto mais lia os relatos, mais preocupado ficava. Sabemos que episódios de violência acontecem no mundo inteiro. Não nos apavoramos com essa questão. Estamos habituados à vida no Rio, que é considerada uma cidade violenta. Nunca tivemos nenhum problema grave nela, em parte por sorte e pelas medidas de segurança que adotamos. Se podemos sobreviver ao Rio, assumimos que ficaremos bem em outras cidades. No entanto, o caso de Caracas parecia especial. A cidade tinha fama de ser tão violenta quanto o Rio. A situação se agravou nos anos que antecederam nossa ida. As políticas desastrosas de Hugo Chaves estavam destruindo o país.

Diante dos relatos, comecei a temer por nossa segurança e a pensar em cancelar a viagem. O que faríamos em um lugar tão violento? Qual o sentido de correr aquele risco? Estava quase desistindo quando encontrei [essa discussão no Mochileiros.com](#). Um brasileiro relatou que viajou para lá e fez um passeio do [Caracas City Tour](#), comandado por [Reynaldo Betancourt](#). Ele gostou da experiência e recomendou. Outros brasileiros foram em seguida e relataram a mesma experiência boa com Reynaldo.

Enviei-lhe um email perguntando se poderia nos receber na cidade no dia seguinte. Ele respondeu rapidamente, disse que estava disponível e que seria uma satisfação nos receber em Caracas. Que alívio! Combinei com ele

para nos buscar no aeroporto, assim eliminávamos o risco de assalto até o centro.

Além de contratar Reynaldo, escolhi o [Eurobuilding](#) para ficarmos hospedados. Ele também foi recomendado pelos brasileiros na discussão do Mochileiros.com. Apesar de ser um hotel de luxo, o valor da diária era aceitável. Não queria correr nenhum risco desnecessário. Achei melhor ficar em um hotel que outras pessoas já haviam citado como confiável.

Deu tudo certo. Desembarcamos no aeroporto e Reynaldo estava lá nos esperando. Ele nos pareceu uma ótima pessoa e conquistou nossa confiança nos primeiros minutos. Com a ajuda dele, visitamos alguns lugares da cidade, sendo o mais interessante o [Teleférico de Caracas](#), que nos levou ao topo do [Ávila](#), a montanha verde que está ao lado da cidade e a separa do [Mar do Caribe](#). Foi uma experiência que valeu cada minuto.

Visitar Caracas também nos deu a chance de compreender as consequências das políticas de [Hugo Chávez](#). O então presidente venezuelano dividia opiniões. Conversamos com pessoas que defendiam suas ações e contavam histórias sobre seus feitos em prol dos mais pobres. Já outras julgavam que ele estava destruindo o país. Avaliando os dois lados da conversa e o que vimos diante de nossos olhos, não tivemos dúvidas: ele estava arruinando a Venezuela. Os sinais estavam por todos os lados e o processo estava apenas no início. Como acontece no mundo inteiro, políticas assistencialistas e populistas funcionam no curto prazo, porém pioram as coisas no médio e longo prazo.

Um exemplo disso era o câmbio. O presidente congelou a cotação oficial do dólar. Ato contínuo, criou-se um enorme mercado paralelo, como sempre acontece quando uma política tão descabida é adotada. Na época, o dólar oficial valia 4 bolívares fortes. No entanto, para comprar um dólar no mercado paralelo, já era necessário o dobro desse valor. A situação do câmbio só piorou com o passar dos anos. Hoje, enquanto escrevo esse trecho, em 2017, são necessários em torno de 13.000 bolívares fortes para comprar um dólar, tamanha é a desvalorização da moeda venezuelana.

É triste observar o que aconteceu com a Venezuela em tão pouco tempo, porém não é nenhuma surpresa. Uma simples visita, como a que fizemos, já dava todas as pistas de que as coisas acabariam mal. Para azar do povo venezuelano, a história ainda não acabou. O sucessor de Chávez está fazendo um trabalho ainda pior.

Tínhamos planos de passar 15 dias na Venezuela. Pensamos em visitar outras partes do país, além de Caracas. Desistimos depois de fazer algumas pesquisas. Era possível alcançar outros destinos, porém tudo era complicado demais. Já naquela época, devido à imensa intromissão do governo em todos os setores da economia, nada funcionava direito. Comprar passagens aéreas era uma novela. Viajar de ônibus, por outro lado, nos parecia arriscado demais.

Pensamos em encerrar a viagem mais cedo, porém descobri que poderíamos viajar para [Curaçao](#) com facilidade. Um voo de apenas meia hora nos separava da ilha caribenha. Conseguimos comprar a passagem na agência de turismo que havia dentro do hotel. Custou apenas R\$ 136 para nós dois, ida e volta. Encerramos nossa estadia em Caracas e fomos passar 11 dias deliciosos no Caribe.

Saldo da Venezuela

Número de dias: 4

Custo de viagem: R\$ 454 (US\$ 300)

Média/mês: R\$ 3.409 (US\$ 2.247)

Média/dia: R\$ 114 (US\$ 75)

Custo de acomodação: R\$ 363 (US\$ 242)

Média/mês: R\$ 2.723 (US\$ 1.815)

Média/dia: R\$ 91 (US\$ 61)

Custo de deslocamento: R\$ 91 (US\$ 58) + 40 mil milhas

Média/dia: R\$ 23 (US\$ 14)

Curaçao

Como pode ser tão cristalina? Essa era a pergunta que eu me fazia o tempo todo em Curaçao (veja as [fotos](#)). Como é possível que a água do mar do Caribe seja tão transparente e cristalina? É diferente de tudo o que já havíamos visto. Conhecemos muitas praias brasileiras. Algumas são maravilhosas, porém nunca imaginei que existisse água tão limpa, cristalina e quentinha quanto a que vimos em Curaçao.

A ilha conta com inúmeros hotéis de redes conhecidas, porém optamos por um menor, chamado [Floris](#). Escolhemos o quarto mais simples e tivemos um problema na chegada. O WiFi não funcionava no quarto. Reclamamos na recepção e, como não havia outro quarto disponível da mesma categoria, ganhamos um *upgrade*. Fomos para um apartamento com quarto, sala, cozinha e WiFi funcionando.

Curaçao tem várias praias e a única forma razoável de mover-se entre elas é alugando um carro ou uma *scooter*. O transporte público nos pareceu precário ou inexistente. Nos primeiros dias, aproveitamos só a praia que ficava próxima do hotel. Depois estendemos a estadia, alugamos um carro e começamos a explorar o restante da ilha, onde ficamos por onze dias.

Nossa rotina era acordar, trabalhar na parte da manhã e início da tarde, sair para almoçar e pegar uma praia em seguida. Eu adoro praia, a Pati nem tanto. Mesmo no meu caso, acho suficiente ficar apenas umas duas horas. Mais que isso enche o saco, especialmente se for todos os dias. O ritmo de trabalhar a maior parte do dia e reservar apenas algumas horas para praia funcionou bem. Foi uma delícia, ainda mais com aquela água maravilhosa do Caribe.

Concluí que Curaçao é um lugar bom para o nômade digital que quer estar perto de praias lindas e ter acesso a uma boa infraestrutura de acesso à internet. A ilha não é barata. Gastamos uma média de US\$ 150 por dia com as despesas básicas de viagem (acomodação, voo e locação de carro). Isso porque chegamos até a Venezuela com milhas. É preciso ter uma boa disponibilidade financeira para ficar na ilha, além de gostar de calor, já que é muito quente.

A boa notícia é que Curaçao é um lugar tranquilo. Apesar das praias maravilhosas, a ilha não nos pareceu cheia em nenhum momento. Os nativos são simpáticos e hospitaleiros. A comunicação com eles é fácil. Enquanto no Brasil a maioria das pessoas fala apenas um idioma, em Curaçao costumam falar pelo menos três: inglês, espanhol e [papiamento](#), uma língua local que mais parece português falado de forma errada. É bem engraçada.

Na volta para o Brasil, tivemos de passar uma noite em Caracas. Para evitar o uso de taxis, escolhi um hotel próximo ao aeroporto que oferecia traslado gratuito para o aeroporto. O lugar era simples, porém suficiente. O traslado funcionou. Deixamos a Venezuela sem sofrer nenhuma violência.

Saldo de Curaçao

Número de dias: 11

Custo de viagem: R\$ 2.898 (US\$ 1.822)

Média/mês: R\$ 7.902 (US\$ 4.970)

Média/dia: R\$ 263 (US\$ 166)

Custo de acomodação: R\$ 2.090 (US\$ 1.320)

Média/mês: R\$ 5.700 (US\$ 3.600)

Média/dia: R\$ 190 (US\$ 120)

Custo de deslocamento: R\$ 808 (US\$ 502)

Média/dia: R\$ 73 (US\$ 46)

Custo de voos: R\$ 479 (US\$ 303)

Média/dia: R\$ 32 (US\$ 20)

Custo de locação de carro: R\$ 420 (US\$ 257)

Média/dia: R\$ 70 (US\$ 43)

Uruguai

Uma coisa é saber que a escolha da acomodação é importante. Outra é respeitar esse fato. Quando procurei por apartamentos no [Airbnb](#) para nossa estadia em [Montevidéu](#), deparei-me com lugares que não pareciam assim tão bons, mas eram caros. Até que encontrei uma casa simples, com boas avaliações e preço acessível. Pelas fotos, parecia que o lugar era aceitável. O valor era muito abaixo do que era cobrado nas demais acomodações. Parecia bom demais para ser verdade... e era. Só descobriríamos isso mais tarde, pois fiz a reserva e fomos para lá.

O voo para Montevidéu não era dos mais caros. Preferimos pagar por ele e deixar as milhas para explorar destinos mais remotos. Chegamos à casa e conhecemos Eduardo, o dono. Era um rapaz simpático e preocupado em fazer de tudo para termos uma boa estadia. Ele ficaria na casa de parentes durante o período em que ficaríamos em sua casa. Eduardo trabalhava

fazendo massagem e tinha vários diplomas de cursos pendurados nas paredes. Percebemos que era uma pessoa esforçada, empenhada em ganhar a vida, que complementava a renda alugando a própria casa em que morava.

O lugar era pior do que havíamos imaginado. Era bem mais velho. As paredes amareladas destoavam do que vimos nas fotos. Chovia naquela semana e fazia muito frio. Era o auge do inverno. Lençóis e fronhas tinham o cheiro de roupa que secou na sombra. O apartamento tinha um odor de mofo difícil de suportar. O aquecedor não dava conta do frio e a água não esquentava direito na hora do banho. A água "quente" acabava rápido, algo que descobri da pior forma possível. Pati tomou banho na primeira noite e eu fui em seguida. A água quente terminou quando eu estava todo ensaboado e começando a me enxaguar. Foi uma experiência inesquecível.

Percebi que fiz uma má escolha, porém ficamos sensibilizados pela cordialidade de Eduardo e pela precariedade da situação em que vivia. Decidimos tentar ficar até o fim, mas não conseguimos. Pati ficou gripada e o ambiente só contribuía para ela piorar. Faltando dois dias para ir embora da cidade, saímos da casa e fomos para o [Ibis Montevideú](#), que ficava nas proximidades.

Esse episódio nos fez lembrar da primeira vez em que usamos o [Airbnb](#), em março de 2010, em Nova York. Também estávamos apavorados com os preços e escolhemos um apartamento cujo valor era muito abaixo dos demais. Era um quarto privado em uma cobertura no Brooklyn. Tudo ia bem até começar a chover. Descobrimos que havia goteiras por todos os lados, incluindo uma bem em cima do vaso sanitário. Imagine sentar-se no trono e abrir um guarda-chuva enquanto faz um número dois. Nós passamos por isso. Não foi uma experiência legal, portanto guarde esse risinho aí.

A lição mais importante que aprendemos destes episódios é que se parecer bom demais para ser verdade, certamente é. Nesses casos, a gente precisa redobrar os cuidados antes de fechar a reserva. Também aprendemos que não dá para confiar cegamente nas fotos do [Airbnb](#).

Existe uma diferença entre fotos tiradas pelos donos dos imóveis e fotografias feitas por fotógrafos profissionais contratados pelo [Airbnb](#). Essas últimas são fáceis de identificar porque têm uma legenda abaixo da foto onde aparece escrito: "foto verificada". Tenha muita atenção com elas.

Pela nossa experiência, essas fotos mostram a realidade, porém de uma forma excessivamente favorável. Além de escolher os melhores ângulos, os fotógrafos do [Airbnb](#) parecem tratar as fotos para que estejam sempre mais

claras. Dessa forma, as paredes parecem mais brancas e limpas. O ambiente parece mais luminoso do que é. O lugar fica parecendo mais novo e conservado do que é. A casa de Montevideu ilustrava isso com perfeição. Era muito velha e acabada, porém parecia ok nas fotos, graças às melhorias que foram feitas no tratamento das imagens. Veja as [fotos](#). Repare que também há várias fotos de detalhes de decoração. Essa também é uma estratégia usada com frequência nas fotos oficiais do [Airbnb](#).

Eu me senti enganado pelas fotos. Enviei uma mensagem para o [Airbnb](#) com uma reclamação formal e um pedido para eles pegarem mais leve no tratamento das imagens. Adoro o [Airbnb](#) e o serviço que a empresa presta, no entanto fiquei decepcionado com a resposta que recebi. A empresa informou que os fotógrafos geralmente não editavam as fotos para melhorá-las. Isso não é verdade. Nós alugamos dezenas de apartamentos ao longo dos anos e pudemos comprovar que as fotos oficiais são tratadas quase sempre. Além disso, conhecemos pessoas que já fotografaram para o [Airbnb](#) e nos confirmaram que era necessário clarear as fotos. Sempre eram tratadas.

Para piorar, a pessoa que me respondeu explicou que o certo a fazer, em casos como esse, é indicar na avaliação do apartamento que o lugar não é tão conservado quanto as fotos fazem parecer. Em outras palavras, a empresa sugeriu que a gente desse uma avaliação pior devido à incompatibilidade das fotos com a realidade. Isso ajuda os próximos hóspedes, contudo prejudica o dono do imóvel, quando a culpa pela foto boa demais não é dele, mas sim do próprio [Airbnb](#). Percebemos que Eduardo tentou fazer o melhor possível para termos uma boa estadia. Não queríamos prejudicá-lo em função de um erro que não era dele.

Ficamos em um impasse. Concluímos que o [Airbnb](#) não estava disposto a fazer nada para resolver a situação das fotos, porém não queríamos dar uma avaliação negativa para Eduardo. Por fim, preferimos não avaliá-lo. E aqui entra um outro aspecto delicado no [Airbnb](#) que são as avaliações.

O tempo e as dezenas de locações no [Airbnb](#) nos mostraram que as pessoas costumam ser generosas demais na hora de avaliar os imóveis. Nós não somos exceções. Também demos avaliações boas demais em alguns momentos. Acho que isso ocorre porque hóspedes e proprietários costumam ter um contato mais próximo quando usam o [Airbnb](#). Muitas vezes tornam-se amigos. Isso contribui para todos oferecerem avaliações mais positivas do que negativas. É o que explica o fato de a casa de Eduardo ter avaliações

positivas, apesar de não ser boa. O lado ruim é que lemos as avaliações boas, acreditamos e acabamos indo parar em uma furada.

A bem da verdade, os imóveis correspondem às avaliações boas que recebem na maior parte dos casos. Assim mesmo, comento esse episódio para você ter atenção sempre que fizer uma reserva. Se possível, escolha lugares que tenham muitas avaliações, pois no meio de várias, sempre aparece alguém que diz todas as verdades, se algo não for tão bom no imóvel.

Tirando esse problema da hospedagem, o restante da estadia foi legal no [Uruguai](#). [Montevideú](#) ([fotos](#)) é uma capital calma, que parece ter parado no tempo. É gostoso andar pela beira do rio, apreciar o lindo pôr do Sol e degustar um bom vinho. A cidade tem ótimos restaurantes. Comemos bem e tivemos a oportunidade de conhecer algumas pessoas que, assim como eu, também trabalhavam com computação. Fora da cidade, também visitamos [Colônia del Sacramento](#) ([fotos](#)) e [Punta del Este](#), cidades diferentes e bastante visitadas.

Curtimos os passeios e a experiência de passar alguns dias no [Uruguai](#). É um destino interessante para nômades digitais brasileiros, especialmente devido à proximidade com o Brasil. Contudo o país não é barato. Apesar de ser a maior cidade, o ritmo de vida em [Montevideú](#) pode parecer um tanto calmo demais para quem está acostumado ao agito das grandes cidades.

Saldo do Uruguai

Número de dias: 9

Custo de viagem: R\$ 1.550 (US\$ 968)

Média/mês: R\$ 5.167 (US\$ 3.227)

Média/dia: R\$ 172 (US\$ 108)

Custo de acomodação: R\$ 843 (US\$ 523)

Média/mês: R\$ 2.810 (US\$ 1.743)

Média/dia: R\$ 94 (US\$ 58)

Custo de deslocamento: R\$ 707 (US\$ 445)

Média/dia: R\$ 79 (US\$ 49)

Brasília

Pouco tempo depois de voltar do Uruguai, tivemos a oportunidade de visitar Brasília. Confesso que a capital do Brasil nunca foi uma prioridade em nossos planos de viagem, porém nos surpreendemos com a cidade. Fomos para lá porque eu e dois amigos daríamos um curso de empreendedorismo. Foi uma boa desculpa para revermos amigos da capital e conhecer um pouco da cidade.

Ficamos hospedados na casa de um amigo, onde fomos muito bem recebidos e passamos momentos maravilhosos. É gostoso ficar na casa de amigos quando a gente viaja. A gente adora. Porém é preciso ter alguns cuidados. A gente não pode abusar da hospitalidade de quem nos recebe. No caso dessa viagem, ficamos uma semana na casa de nossos amigos. É um tempo um tanto longo. No geral, a gente procura ficar um máximo de três ou quatro noites.

O legal de ficar na casa de amigos é que a gente tem mais tempo para conversar, colocar o papo em dia e se integrar com a família. Nossos amigos nos levaram para conhecer alguns locais emblemáticos da cidade ([fotos](#)), como a [Esplanada dos Ministérios](#), o [Palácio do Planalto](#), o [Congresso Nacional](#) e o [Itamaraty](#). Locais que aparecem com frequência na televisão, quase sempre atrelados a más notícias. Foi interessante conhecê-los de perto e entender melhor como funcionam.

Apesar de viajarmos bastante ao redor do mundo, a gente adora viajar também pelo Brasil e compreender melhor nosso próprio país. Brasília é uma cidade particularmente importante, por isso ficamos ainda mais animados com a oportunidade que tivemos de conhecê-la.

A cidade me pareceu mais agradável do que imaginava. O tempo não foi suficiente para a gente compreender a forma de endereçamento maluca que é usada lá, porém nos deu várias chances de conhecer a culinária local, as quais aproveitei com entusiasmo além do necessário. Pareceu-me um bom lugar para morar. Confesso que não esperava por isso.

Chile

O [Chile](#) foi o último destino do ano que visitamos usando milhas. Assim como no caso da Colômbia e da Venezuela, fazia sentido viajar para lá com

milhas porque o custo era de apenas dez mil milhas por trecho, enquanto o custo das passagens seria elevado, caso pagássemos por elas.

Alugamos um apartamento em [Santiago](#), em Providência, um bairro considerado bom. Assim como no caso do Uruguai, nos decepcionamos quando comparamos o lugar às fotos do [Airbnb](#). O apartamento era ok, porém nos pareceu mais velho e acabado que nas fotos. O frio em seu interior também incomodou bastante, já que não havia aquecedor ou ele era insuficiente.

A área em que ficamos revelou-se boa e conveniente. Santiago ([fotos](#)) nos pareceu uma cidade moderna, organizada e desenvolvida. Ficamos apenas dez dias, porém tivemos a impressão de que pode ser uma boa base para nômades digitais. O custo de vida não é dos mais baratos. Pareceu-nos semelhante ao de cidades como Rio e São Paulo. Um nômade digital brasileiro habituado ao custo de vida de grandes capitais brasileiras provavelmente não teria problemas em Santiago. Além da cidade, também visitamos brevemente [Valparaíso](#) ([fotos](#)) e [Viña del Mar](#) ([fotos](#)).

Nossa estadia em Santiago foi interessante, porém a cidade não nos cativou. Não sei explicar a razão. O mais provável é que a gente não tenha ficado tempo suficiente para curtir o lugar. A gente tende a gostar de qualquer lugar em que tenha a oportunidade de passar mais tempo.

Saldo do Chile

Número de dias: 11

Custo de viagem: R\$ 1.542 (US\$ 892)

Média/mês: R\$ 4.205 (US\$ 2.433)

Média/dia: R\$ 140 (US\$ 81)

Custo de acomodação: R\$ 1.158 (US\$ 656)

Média/mês: R\$ 3.158 (US\$ 1.789)

Média/dia: R\$ 105 (US\$ 60)

Custo de deslocamento: R\$ 384 (US\$ 236) + 40 mil milhas

Média/dia: R\$ 35 (US\$ 21)

Viagens pelo Brasil e para conferências

Ao fim da viagem pelo Chile, voamos diretamente para Porto Alegre, onde alugamos um carro e fomos para Caxias do Sul para o casamento de um amigo ([fotos](#)). Depois disso, passamos algum tempo em Niterói e fizemos diversas viagens menores para participar de conferências técnicas que ocorreram em São Paulo, Buenos Aires ([belíssimas fotos](#)) e Montevideú. Também usamos milhas em diversas dessas viagens. Foi um período divertido, em que passamos bons momentos com os amigos que visitaram as conferências com a gente.

Os retornos ao Brasil

Voltamos ao Brasil diversas vezes ao longo de 2011. Como já não tínhamos mais uma moradia em Niterói, ficamos hospedados nos apartamentos de nossas mães na maioria das vezes. Queríamos alugar apartamentos em Niterói ou no Rio, porém era complicado.

Descobrimos que os retornos ao Brasil seriam difíceis. Era fácil encontrar apartamentos por temporada bem equipados e com valores razoáveis em Buenos Aires e em outras cidades da América do Sul, contudo muito difícil no Rio e em Niterói. Os aluguéis eram caros e não paravam de subir. A oferta de apartamentos por temporada era limitada em Niterói. O Rio tinha mais opções, no entanto eram caríssimas. O fato de ser uma cidade turística complicava tudo e encarecia a hospedagem. A baixa qualidade dos imóveis e dos serviços prestados tornava o problema ainda pior.

Conclusões sobre a fase 1

Excesso é a palavra que melhor define a primeira fase de nossa vida nômade. Cometemos muitos ao longo de 335 dias (11 meses), em um período que começou em 30/dez/2010 e terminou em 30/nov/2011. Encerro a contagem no fim de novembro porque iniciamos uma fase distinta no mês seguinte, que descrevo em detalhes no próximo capítulo.

Os principais excessos, além dos gastronômicos, referem-se ao número de viagens que fizemos. Se usarmos o Rio de Janeiro como referência, fizemos 14 viagens ao longo do ano para um total 43 cidades, distribuídas

por 10 países. E ainda houve países que visitamos mais de uma vez, como foi o caso da Argentina (4 vezes) e do Uruguai (2 vezes).

É muita coisa para um período de apenas 11 meses. Faz sentido quando a gente está de férias fazendo um mochilão, porém não é ideal para quem está vivendo como nômade digital e tentando conciliar as viagens com o trabalho. Trabalhamos nesse período, mas nosso rendimento ficou comprometido.

Além de prejudicar o trabalho, esse ritmo excessivo também custou caro. Fizemos muitos voos. Apesar de usarmos milhas em alguns deles, o custo foi alto. As milhas não cobrem as taxas, que são caras em voos internacionais, especialmente na América do Sul. Passar pouco tempo em alguns lugares também nos fez optar por hotéis, o que aumentou a conta ainda mais. Sem saber, fizemos o oposto do que seria recomendável para um nômade digital que quer ter produtividade no trabalho e gastar pouco. Quem tem esse objetivo deve passar o maior tempo possível em cada destino.

Quanto mais tempo a gente passa em um lugar, mais a gente consegue se concentrar no trabalho. Mudar de cidade tira nosso tempo e atrapalha nosso foco. É comum a gente precisar de alguns dias para se ajustar a um novo lugar e entrar no ritmo novamente. Fazer várias trocas de lugar em um único ano, como nós fizemos, atrapalha demais.

Quando a gente passa mais tempo em cada lugar, a quantidade de deslocamentos e voos é menor, o que gera economia. Também é possível escolher acomodações mais baratas e pedir descontos. Portanto, se você quer adotar esse estilo de vida, ser produtivo e gastar pouco, viaje devagar. Não saia por aí feito um louco como nós fizemos.

Em nossa defesa, devo dizer que não sabíamos bem o que estávamos fazendo. Não conhecíamos ninguém que tivesse feito algo assim, estávamos experimentando um monte de ideias novas, estávamos deslumbrados e tínhamos reserva financeira para segurar as pontas se desse tudo errado. Como você está lendo esse livro, não poderá usar a desculpa de que não sabe o que está fazendo.

Apesar das extravagâncias que fizemos, nossas despesas de viagens foram baixas frente a nossos rendimentos. Gastamos R\$ 43.496 (US\$ 26.550), em 11 meses, portanto uma média de R\$ 3.904 (US\$ 2.378) por mês ou R\$ 130 (US\$ 79) por dia. Sobravam R\$ 70 por dia para despesas

variáveis, de modo que a gente respeitasse o orçamento diário de R\$ 200 por dia (R\$ 6 mil por mês) para todas as despesas do casal.

A despesa de viagem média mensal, de R\$ 3.904, foi menor que a despesa fixa que tínhamos para morar em Niterói, que era superior a R\$ 4 mil por mês (sem contar os custos com funcionários). Portanto não tivemos de ganhar mais ou gastar mais para viver como nômades digitais, mesmo fazendo um monte de trapalhadas. Apenas deixamos de pagar as contas fixas no Brasil e usamos esse dinheiro para pagar pelas despesas de viagem.

No entanto, é preciso lembrar que usamos milhas aéreas em diversos trechos. Gastamos 144 mil milhas no total. Ainda mais importante, recebemos uma colaboração valiosa de nossas mães. Elas nos alojaram em seus respectivos apartamentos em nossas vindas ao Brasil, em um total de 103 noites, o que equivale a pouco mais de 3 meses desses 11 que foram descritos nessa primeira fase. Sem essa ajudinha da família, nossa média de gastos diários seria maior. Ela compensou um pouco dos excessos que cometemos.

Vale notar também que contratamos seguro de saúde internacional apenas para o período de um mês em que estivemos na Europa. Isso reduziu nossos custos, mas foi uma economia burra. Demos sorte e não tivemos nenhuma necessidade de acionar um seguro de saúde, porém hoje percebo que foi uma economia desnecessária e excessivamente arriscada. Pelo menos mantivemos o plano de saúde no Brasil. No pior dos casos, podíamos voltar para o país e fazer o tratamento que fosse necessário.

Saldo da Fase 1

Número de dias: 335 (11,2 meses)

Custo de viagem: R\$ 43.596 (US\$ 26.550)

Média/mês: R\$ 3.904 (US\$ 2.378)

Média/dia: R\$ 130 (US\$ 79)

Custo de acomodação: R\$ 22.132 (US\$ 13.519)

Média/mês: R\$ 1.982 (US\$ 1.211)

Média/dia: R\$ 66 (US\$ 40)

Custo de deslocamento: R\$ 19.665 (US\$ 11.949)

Média/mês: R\$ 1.761 (US\$ 1.070)

Média/dia: R\$ 59 (US\$ 36)

Custo de voos: R\$ 15.652 (US\$ 9.547)

Média/dia: R\$ 47 (US\$ 28)

Milhas: 144 mil

Custo de locação de carro: R\$ 4.013 (US\$ 2.402)

Média/dia: R\$ 12 (US\$ 7)

Seguro de saúde: R\$ 418 (US\$ 252)

Dias cobertos: 30

Média/mês coberto: R\$ 418 (US\$ 252)

Média/dia coberto: R\$ 14 (US\$ 8)

Ficha técnica da fase 1

Você encontrará a seguir o que eu chamo de "ficha técnica" dessa primeira fase. É onde estão todos os gastos de viagem que tivemos nesse período, portanto voos, locações de veículos, hospedagens e seguro de saúde internacional. Os valores encontram-se em dólares e reais. Em alguns casos, também aparecem na moeda do país em que a despesa foi feita.

Dentre os valores apresentados, sugiro que você olhe com atenção aqueles que referem-se às hospedagens pelo [Airbnb](#). Deixei explícito o valor de diária que aparecia no anúncio, a taxa cobrada pelo [Airbnb](#) e o quanto tivemos de pagar efetivamente. É uma informação interessante para você ficar atento ao impacto que a taxa do [Airbnb](#) tem sobre seus gastos com hospedagem.

Há também links para todos os apartamentos e hotéis onde estivemos. Assim você pode ter uma ideia do tipo de lugar que a gente considera conveniente para se hospedar vivendo como nômade digital.

A ficha técnica é uma referência que serve para você fazer cálculos e pesquisas mais aprofundadas. Você não precisa ler essas informações, a menos que esteja se preparando para sua viagem e precise analisar os números para tomar algumas decisões. Portanto, sinta-se à vontade para pular para o próximo capítulo e consultar a ficha técnica apenas quando lhe parecer necessário. Você encontrará uma ficha técnica como essa ao final de cada um dos próximos capítulos.

Além da ficha técnica, você também pode acessar essa [planilha online com nosso custo básico de viagem](#). Ela contém todas as despesas que são apresentadas nas fichas técnicas do livro.

Voo Rio - Buenos Aires - Rio

Companhia aérea: [Gol](#)

Método de reserva: [site da Gol](#)

Período: 56 dias (30/dez/2010 a 23/fev/2011)

Antecedência da compra: 169 dias (4,6 meses)

Por pessoa: R\$ 971 (US\$ 550)

Total: R\$ 1.942 (US\$ 1.100)

Locação de carro em Buenos Aires

Locadora: [Solución Rent a Car](#)

Método de reserva: contato direto por email e telefone

Carro: Gol, sem ar condicionado, 100 km livres por dia

Seguro: incluído, franquia de 2.000 pesos (US\$ 503 / R\$ 837)

Período: 55 dias (30/dez/2010 a 23/fev/2011)

Antecedência da reserva: 9 dias

Diária: 138 pesos (US\$ 35 / R\$ 58)

Total: 7.590 pesos (US\$ 1.908 / R\$ 3.178)

Pagamento antecipado em dinheiro.

Hotel nas primeiras noites em Bariloche

[Hotel Cristal](#)

Método de reserva: diretamente no hotel

Estadia: 2 noites (31/dez/2010 a 2/jan/2011)

Antecedência da reserva: zero

Diária: 231 pesos (US\$ 58 / R\$ 97)

Total: 462 pesos (US\$ 116 / R\$ 194)

Acomodação em dois apartamentos diferentes em Bariloche

[Departamentos Bariloche \(fotos\)](#)

Método de reserva: contato por telefone

Estadia: 43 noites (3/jan/2011 a 15/fev/2011)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 150 pesos (US\$ 37 / R\$ 63)

Total: 6.450 pesos (US\$ 1.621 / R\$ 2701)

Apartamento em Mendoza

[Ana Departamentos \(fotos\)](#)

Método de reserva: contato por telefone

Estadia: 5 noites (15/fev/2010 a 20/fev/2011)

Antecedência da reserva: 7 dias

Diária: 140 pesos (US\$ 35 / R\$ 58)

Total: 700 pesos (US\$ 173 / R\$ 290)

Apartamento em Buenos Aires (Belgrano)

[Apartamento de Alejandro](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 3 noites (20 a 23/fev/2011)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: US\$ 75 (R\$ 125)
Taxa do [Airbnb](#): US\$ 23 (R\$ 38)
Diária real: US\$ 83 (R\$ 138)
Total: US\$ 249 (R\$ 415)

Voo Rio - Madrid / Paris - Rio

Companhia aérea: [Iberia](#)
Método de reserva: [site da Iberia](#)
Período: 29 dias (27/fev a 27/mar/2011)
Antecedência da compra: 53 dias
Por pessoa: R\$ 2.037 (US\$ 1.219)
Total: 4.074 (US\$ 2.438)

Seguro de saúde internacional

Seguradora: [MIC Europa by Coris April Assistance](#)
Método de reserva: [Real Seguro Viagem](#)
Período: 30 dias (27/fev a 28/mar/2011)
Por pessoa: R\$ 209 (US\$ 126)
Total: R\$ 418 (US\$ 252)

Quarto privado em Madrid

[Quarto privado de Patricia \(fotos\)](#)
Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 3 noites (28/fev a 3/mar/2011)
Antecedência da reserva: 7 dias
Diária: US\$ 62 (R\$ 103)
Taxa do [Airbnb](#): US\$ 19 (R\$ 32)
Diária real: US\$ 68 (R\$ 113)
Total: US\$ 204 (R\$ 340)

Locação de carro em Madrid

Locadora: [Europcar](#)
Método de reserva: [Auto Hire Online](#)
Carro: econômico, com ar condicionado, quilometragem livre
Seguro: incluído, franquia de 600 euros (US\$ 825 / R\$ 1.370)

Retirada: Madrid / Entrega: Barcelona
Período: 3 dias (3 a 6/mar/2011)
Antecedência da reserva: 5 dias
Diária: 27 euros (US\$ 37 / R\$ 62)
Total: 82 euros (US\$ 112 / R\$ 187)

Hotel em Granada

[Ibis Granada](#)

Método de reserva: diretamente no hotel
Estadia: 1 noite (4/mar/2011)
Antecedência da reserva: zero
Diária: 45 euros (US\$ 63 / R\$ 104)

Apartamento em Barcelona

[Apartamento de Laura](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 3 noites (5 a 8/mar/2011)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: US\$ 84 (R\$ 138)
Taxa do [Airbnb](#): US\$ 25 (R\$ 41)
Diária real: US\$ 92 (R\$ 152)
Total: US\$ 277 (R\$ 456)

Trem de Barcelona para Perpignan

Operadora: [Renfe](#)
Método de reserva: balcão da estação de trem
Data: 8/mar/2011
Antecedência da compra: 1 dia
Por pessoa: 36 euros (US\$ 50 / R\$ 83)
Total: 72 euros (US\$ 100 / R\$ 166)

Locação de carro em Perpignan

Locadora: [Alamo](#)
Método de reserva: [Auto Hire Online](#)
Carro: econômico, com ar condicionado, quilometragem livre
Seguro: incluído, franquia de 750 euros (US\$ 1.031 / R\$ 1.713)
Retirada: Perpignan / Entrega: Nice

Período: 6 dias (8 a 14/mar/2011)
Antecedência da reserva: 9 dias
Diária: 38 euros (US\$ 52 / R\$ 87)
Total: 230 euros (US\$ 316 / R\$ 525)

Hotel em Perpignan

[Hotel de France](#)

Método de reserva: direto no hotel
Estadia: 1 noite (8/mar/2011)
Antecedência da reserva: zero
Diária: 50 euros (US\$ 70 / R\$ 115)

Hotel em Montpellier

Balladins

Método de reserva: direto no hotel
Estadia: 1 noite (9/mar/2011)
Antecedência da reserva: zero
Diária: 45 euros (US\$ 63 / R\$ 104)

Apartamento em Roquefort-les-Pins

[Apartamento de Phoebe](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 4 noites (10 a 14/mar/2011)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: US\$ 70 (R\$ 116)
Taxa do [Airbnb](#): US\$ 28 (R\$ 46)
Diária real: US\$ 77 (R\$ 127)
Total: US\$ 306 (R\$ 506)

Trem de Nice para Gênova

Operadora: [SNCF](#)

Método de reserva: [voyages-sncf.com](#)

Data: 14/mar/2011

Antecedência da compra: 1 dia
Por pessoa: 24 euros (US\$ 33 / R\$ 55)
Total: 47 euros (US\$ 66 / R\$110)

Hotel em Gênova

[Albergo Caffaro](#)

Método de reserva: [Hotels.com](#)

Estadia: 1 noite (14/mar/2011)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 60 euros (US\$ 84 / R\$ 114)

Locação de Carro em Gênova

Locadora: [Europcar](#)

Método de reserva: [Auto Hire Online](#)

Carro: econômico, com ar condicionado, quilometragem livre

Seguro: incluído, franquia de 900 euros (US\$ 1.237/ R\$ 2.055)

Retirada: Gênova / Entrega: Roma

Período: 3 dias (15 a 18/mar/2011)

Antecedência da reserva: 17 dias

Diária: 57 euros (US\$ 78 / R\$ 130)

Total: 172 euros (US\$ 236 / R\$ 393)

Hotel em Verona

[Hotel Stadio](#)

Método de reserva: [Hotels.com](#)

Estadia: 1 noite (15/mar/2011)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 55 euros (US\$ 77 / R\$ 103)

Hotel em Padova

[Small Hotel Royal](#)

Método de reserva: [Venere.com](#)

Estadia: 1 noite (16/mar/2011)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 55 euros (US\$ 77 / R\$ 103)

Hotel em Florença

[Ibis Florence Prato East Hotel](#)

Método de reserva: [site da Accor](#)

Estadia: 2 noites (17 a 19/mar/2011)

Antecedência: 1 dia

Diária: 65 euros (US\$ 91 / R\$ 124)
Total: 130 euros (US\$ 182 / R\$ 248)

Quarto privado em Roma

[Quarto privado de Giò \(fotos\)](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 3 noites (19 a 22/mar/2011)

Antecedência da reserva: 4 dias

Diária: US\$ 82 (R\$ 137 / 59 euros)

Taxa de limpeza: US\$ 11 (R\$ 18 / 8 euros)

Taxa do [Airbnb](#): US\$ 26 (R\$ 46 / 19 euros)

Diária real: US\$ 95 (R\$ 158 / 68 euros)

Total: US\$ 284 (R\$ 474 / 203 euros)

Voo Roma - Paris

Companhia aérea: [easyJet](#)

Método de reserva: [site da easyJet](#)

Data: 22/mar/2011

Antecedência da compra: 32 dias

Por pessoa: 66 euros (US\$ 94 / R\$ 156)

Total: 132 euros (US\$ 188 / R\$ 312)

Quarto privado em Paris

[Quarto privado de Sandie](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 5 noites (22 a 27/mar/2011)

Antecedência da reserva: 27 dias

Diária: US\$ 82 (R\$ 137 / 59 euros)

Taxa do [Airbnb](#): US\$ 41 (R\$ 69 / 30 euros)

Diária real: US\$ 90 (R\$ 151 / 66 euros)

Total: US\$ 451 (R\$ 754 / 328 euros)

Voo Rio - Buenos Aires - Rio

Companhia aérea: [Gol](#)

Método de reserva: [site da Gol](#)

Período: 15 dias (4 a 19/abr/2011)

Antecedência da compra: 45 dias

Por pessoa: R\$ 701 (US\$ 420)

Total: R\$ 1.402 (US\$ 841)

Apartamento em Buenos Aires (San Telmo)

[Apartamento de Mariana \(fotos\)](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 15 noites (4 a 19/abr/2011)

Antecedência da reserva: 5 dias

Diária: US\$ 47 (R\$ 87)

Taxa do [Airbnb](#): US\$ 64 (R\$ 118)

Diária real: US\$ 51 (R\$ 95)

Total: US\$ 771 (R\$ 1.425)

Voo Rio - Buenos Aires - Rio

Companhia aérea: [Gol](#)

Método de reserva: [site da Gol](#)

Período: 43 dias (03/mai/2011 a 15/jun/2011)

Antecedência da compra: 21 dias

Por pessoa: R\$ 684 (US\$ 431)

Total: R\$ 1.368 (US\$ 862)

Apartamento em Buenos Aires (San Telmo)

[Apartamento de Mariana \(fotos\)](#)

Método de reserva: diretamente com a proprietária, pagamento em dólares

Estadia: 36 noites (03 a 14/mai/2011 e 21/mai a 15/jun/2011)

Antecedência da reserva: 26 dias

Diária: US\$ 35 (R\$ 55)

Total: US\$ 1.260 (R\$ 2.006)

Apartamento em Buenos Aires (Boedo)

[Apartamento de Egle](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 8 noites (13 a 21/mai/2011)

Antecedência da reserva: 3 dias

Diária: US\$ 36 (R\$ 58)

Taxa do [Airbnb](#): US\$ 29 (R\$ 47)

Diária real: US\$ 40 (R\$ 64)

Total: US\$ 317 (R\$ 509)

Ônibus de Buenos Aires a Foz do Iguaçu

Operadora: [Crucero del Norte](#)

Método de reserva: balcão do terminal rodoviário de Retiro

Antecedência da compra: 2 dias

Não recorro os valores

Hotel em Foz do Iguaçu

[Pousada Caroline](#)

Método de reserva: [Booking](#)

Estadia: 1 noite (15/jun/2011)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: R\$ 75 (US\$ 47)

Voo Foz do Iguaçu - Rio

Companhia aérea: [TAM](#)

Método de reserva: [site da TAM](#)

Data: 16/jun/2011

Antecedência da compra: 5 dias

Por pessoa: R\$ 123 (US\$ 77)

Total: R\$ 246 (US\$ 155)

Apartamento no Rio (Copacabana)

Apartamento de Frenk

Método de reserva: [Rio Local Apartments](#)

Estadia: 5 noites (15 a 20/jun/2011)

Antecedência da reserva: 7 dias

Diária: R\$ 95 (US\$ 60)

Taxa de limpeza: R\$ 70 (US\$ 44)

Diária real: R\$ 109 (US\$ 69)

Total: R\$ 545 (US\$ 345)

Voo Rio - São José do Rio Preto - Rio

Companhia aérea: [Passaredo](#)

Método de reserva: [site da Passaredo](#)

Período: 4 dias (20 a 24/jun/2011)

Antecedência da compra: 16 dias
Por pessoa: R\$ 385 (US\$ 245)
Total: R\$ 770 (US\$ 490)

Hotel de São José do Rio Preto

[Ibis São José do Rio Preto](#)

Método de reserva: [site da Accor](#)
Estadia: 4 noites (20 a 24/jun/2011)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: R\$ 105 (US\$ 66)
Total: R\$ 420 (US\$ 263)

Voo Rio - Fortaleza - Rio

Companhia aérea: [TAM](#)
Método de reserva: organização do [Agile Brazil 2011](#)
Período: 15 dias (26/jun a 11/jul/2011)
Antecedência da compra: 15 dias
Por pessoa: R\$ 986 (US\$ 610)
Total: R\$ 1.972 (US\$ 1.220)
Passagens pagas pela organização do [Agile Brazil 2011](#)

Hotel de Fortaleza

[Praia Centro Hotel](#)

Método de reserva: organização do [Agile Brazil 2011](#)
Estadia: 6 noites (26/jun a 02/jul/2011)
Valores desconhecidos (foram pagos pelo evento)

Hotel em Taiba (Empreendaframps)

[Vila Marola](#)

Estadia: 2 noites (2 a 4/jul/2011)
Diária: R\$ 150 (US\$ 96)
Total: R\$ 300 (US\$ 192)

Pousada em Jericoacoara

[Agapanthus Pousada](#)

Método de reserva: contato por telefone
Estadia: 6 noites (4 a 11/jul/2011)

Antecedência da reserva: 6 dias
Diária: R\$ 180 (US\$ 114)
Total: R\$ 1.080 (US\$ 682)

Voo Rio - Bogota

Companhia aérea: [TAM](#)
Método de reserva: [site da TAM](#)
Data: 12/jul/2011
Antecedência da compra: 90 dias
Por pessoa: 10.000 pontos Fidelidade + R\$ 102 (US\$ 64) de taxas
Total: 20.000 pontos Fidelidade + R\$ 204 (US\$ 128) de taxas

Hotel em Bogotá

[Ibis Bogotá Museo Hotel](#)
Método de reserva: [site da Accor](#)
Estadia: 3 noites (12 a 15/jul/2011)
Antecedência da reserva: 3 dias
Diária: 139 mil pesos (US\$ 79 / R\$ 123)
Total: 417 mil pesos (US\$ 237 / R\$ 369)

Voo Bogota - Medellín

Companhia aérea: [Avianca](#)
Método de reserva: [site da Avianca](#)
Data: 15/jul/2011
Antecedência da compra: 1 dia
Por pessoa: R\$ 298 (US\$ 189)
Total: R\$ 596 (US\$ 378)

Hotel em Medellín

[Hotel Poblado Alejandria](#)
Método de reserva: [Hotels.com](#)
Estadia: 4 noites (15 a 19/jul/2011)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: R\$ 128 (US\$ 81)
Total: R\$ 511 (US\$ 325)

Voo Medellín - Cartagena

Companhia aérea: [Avianca](#)
Método de reserva: [site da Avianca](#)
Data: 19/jul/2011
Antecedência da reserva: 4 dias
Por pessoa: R\$ 337 (US\$ 214)
Total: R\$ 675 (US\$ 429)

Hotel em Cartagena

[Bantu Hotel Boutique](#)
Método de reserva: [Hotels.com](#)
Estadia: 4 noites (19 a 23/jul/2011)
Antecedência da reserva: 4 dias
Diária: R\$ 310 (US\$ 197)
Total: R\$ 1.239 (US\$ 787)

Voo Cartagena - Bogotá

Companhia aérea: [Avianca](#)
Método de reserva: [site da Avianca](#)
Data: 23/jul/2011
Antecedência da reserva: 8 dias
Por pessoa: R\$ 213 (US\$ 135)
Total: R\$ 426 (US\$ 271)

Voo Bogota - Rio

Companhia aérea: [TAM](#)
Método de reserva: [site da TAM](#)
Data: 23/jul/2011
Antecedência da compra: 42 dias
Por pessoa: 10.000 pontos Fidelidade + R\$ 132 (US\$ 83) de taxas
Total: 20.000 pontos Fidelidade + R\$ 264 (US\$ 166) de taxas

Voo Rio - Caracas - Rio

Companhia aérea: [TAM](#)
Método de reserva: [site da TAM](#)
Período: 15 dias (1 a 16/ago/2011)
Antecedência da compra: 53 dias
Por pessoa: 20.000 pontos + R\$ 171 (US\$ 108) de taxas

Total: 40.000 pontos + R\$ 343 (US\$ 216) de taxas

Hotel em Caracas

[Eurobuilding Hotel and Suites](#)

Método de reserva: [Hotels.com](#)

Estadia: 3 noites (1 a 4/ago/2011)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: R\$ 188 (US\$ 121)

Total: R\$ 363 (US\$ 242)

Voo Caracas - Curaçao - Caracas

Companhia aérea: [InselAir](#)

Método de reserva: agência de viagem do [Eurobuilding Hotel and Suites](#) em Caracas, pagamento em dinheiro

Período: 11 dias (4 a 15/ago/2011)

Antecedência da reserva: 1 dia

Por pessoa: 343 bolívares (US\$ 44 / R\$ 68)

Total: 646 bolívares (US\$ 87 / R\$ 136)

Hotel em Curaçao

[Floris Suite Hotel](#)

Método de reserva: [Hotels.com](#)

Estadia: 4 noites (4 a 8/ago/2011)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: R\$ 217 (US\$ 138)

Total: R\$ 867 (US\$ 550)

Hotel em Curaçao

[Floris Suite Hotel](#)

Método de reserva: balcão do hotel, negociação e pagamento em dinheiro

Estadia: 7 noites (8 a 15/ago/2011)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: US\$ 110 (R\$ 175)

Total: US\$ 770 (R\$ 1.223)

Locação de carro em Curaçao

Locadora: [Prins Car Rental](#)

Método de reserva: [site da Prins Car Rental](#)

Carro: econômico, com ar condicionado, quilometragem livre

Seguro: não incluído (usamos o do cartão de crédito)

Período: 6 dias (9 a 15/ago/2011)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: US\$ 43 (R\$ 70)

Total: US\$ 257 (R\$ 420)

Hotel em Maiquetía

[Hotel Catimar Puerto Viajero](#)

Método de reserva: contato por email com o hotel

Estadia: 1 noite (15/ago/2011)

Antecedência da reserva: 10 dias

Diária: não lembro

Voo Rio - Montevideú - Rio

Companhia aérea: [Gol](#)

Método de reserva: [site da Gol](#)

Período: 9 dias (22 a 31/ago/2011)

Antecedência da compra: 16 dias

Por pessoa: R\$ 354 (US\$ 223)

Total: R\$ 707 (US\$ 445)

Casa em Montevideú

[Apartamento de Eduardo \(fotos\)](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 9 noites (22 a 31/ago/2011)

Antecedência da reserva: 9 dias

Diária: US\$ 42 (R\$ 68)

Taxa do [Airbnb](#): US\$ 38 (R\$ 61)

Diária real: US\$ 46 (R\$ 74)

Total: US\$ 413 (R\$ 667)

Hotel em Montevideú

[Ibis Montevideú](#)

Método de reserva: balcão do hotel

Estadia: 2 noites (29 a 31/ago/2011)

Antecedência da reserva: zero
Diária: US\$ 55 (R\$ 88)
Total: US\$ 110 (R\$ 176)

Voo Rio - Brasília - Rio

Companhia aérea: [Gol](#)
Método de reserva: [site da Gol](#)
Período: 7 dias (11 a 18/set/2011)
Antecedência da compra: 29 dias
Por pessoa: R\$ 179 (US\$ 111)
Total: R\$ 358 (US\$ 222)

Voo Rio - Santiago

Companhia aérea: [Gol](#)
Método de reserva: [site da Gol](#)
Data: 10/out/2011
Antecedência da compra: 65 dias
Por pessoa: 10.000 milhas + R\$ 87 (US\$ 55) de taxas
Total: 20.000 milhas + R\$ 173 (US\$ 109) de taxas

Apartamento em Santiago (Providência)

[Apartamento de Leonardo](#)
Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 10 noites (10 a 20/out/2011)
Antecedência da reserva: 3 dias
Diária: US\$ 60 (R\$ 106)
Taxa do [Airbnb](#): US\$ 54 (R\$ 95)
Diária real: US\$ 66 (R\$ 116)
Total: US\$ 656 (R\$ 1.158)

Locação de carro em Santiago

Locadora: [Alamo Chile](#)
Método de reserva: [site da Alamo Chile](#)
Carro: econômico
Período: 1 dia (16 a 17/out/2011)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: 33.609 pesos (US\$ 67 / R\$ 116,82)

Voo Santiago - Porto Alegre

Companhia aérea: [Gol](#)

Método de reserva: [site da Gol](#)

Data: 21/out/2011

Antecedência da compra: 76 dias

Por pessoa: 10.000 milhas + R\$ 48 (US\$ 30)

Total: 20.000 milhas + R\$ 95 (US\$ 60)

Hotel em Caxias do Sul

[Swan Tower Caxias do Sul](#)

Método de reserva: contato por email com o hotel

Estadia: 3 noites (21 a 24/out/2011)

Antecedência da reserva: 11 dias

Diária: R\$ 121 (US\$ 69)

Total: R\$ 363 (US\$ 208)

Locação de carro em Porto Alegre

Locadora: [BM Autolocadora](#)

Método de reserva: [Rentcars.com](#)

Carro: econômico, sem ar condicionado, quilometragem livre

Seguro: incluído, franquia de R\$ 1.300 (US\$ 738)

Período: 3 dias (21 a 24/out/2011)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: R\$ 100 (US\$ 57)

Total: R\$ 299 (US\$ 170)

Hotel em Porto Alegre

[Eko Residence Hotel](#)

Método de reserva: contato por telefone

Estadia: 2 noites (24 a 26/out/2011)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: R\$ 150 (US\$ 84)

Total: R\$ 300 (US\$ 169)

Voo Porto Alegre - Rio

Companhia aérea: [TAM](#)

Método de reserva: [site da TAM](#)

Data: 26/out/2011

Antecedência da compra: 81 dias

Por pessoa: 4.000 pontos + R\$ 21 (US\$ 13) de taxas

Total: 8.000 pontos + R\$ 41 de taxas (US\$ 26) de taxas

Voo Rio - São Paulo

Companhia aérea: [TAM](#)

Método de reserva: [site da TAM](#)

Data: 3/nov/2011

Antecedência da compra: 89 dias

Por pessoa: 4.000 pontos + R\$ 21 (US\$ 13) de taxas

Hotel em São Paulo

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (3/11/2011)

Antecedência da reserva: 3 dias

Valor por pessoa: R\$ 80 (US\$ 47)

Total: R\$ 161 (US\$ 95)

Voo São Paulo - Rio

Companhia aérea: [TAM](#)

Método de reserva: [site da TAM](#)

Data: 4/nov/2011

Antecedência da compra: 90 dias

Por pessoa: 4.000 pontos + R\$ 21 (US\$ 13) de taxas

Voo Rio - Buenos Aires

Companhia aérea: [TAM](#)

Método de reserva: [site da TAM](#)

Data: 07/nov/2011

Antecedência da compra: 92 dias

Por pessoa: 4.000 pontos + R\$ 67 (US\$ 42) de taxas

Total: 8.000 pontos + R\$ 134 (US\$ 84) de taxas

Apartamento em Buenos Aires (San Telmo)

[Apartamento de Angela](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 9 noites (7 a 16/nov/2011)
Antecedência da reserva: 91 dias
Diária: US\$ 65 (R\$ 103)
Taxa do [Airbnb](#): US\$ 53 (R\$ 84)
Diária real: US\$ 71 (R\$ 113)
Total: US\$ 638 (R\$ 1.013)

Voo Buenos Aires - Montevideú - Buenos Aires

Companhia aérea: [Pluna](#)
Método de reserva: [site da Pluna](#)
Período: 3 dias (10 a 13/nov/2011)
Antecedência da compra: 25 dias
Por pessoa: US\$ 66 (R\$ 115)
Total: US\$ 132 (R\$ 229)

Hotel em Montevideú

[Hotel Ibis Montevideo](#)
Método de reserva: [site da Accor](#)
Estadia: 3 noites (10 a 13/nov/2011)
Antecedência da reserva: 24 dias
Diária: US\$ 65 (R\$ 114)
Total: US\$ 195 (R\$ 341)

Voo Buenos Aires - Rio

Companhia aérea: [Gol](#)
Método de reserva: [site da Gol](#)
Data: 16/nov/2011
Antecedência da compra: 90 dias
Por pessoa: R\$ 570 (US\$ 355)
Total: R\$ 1.115 (US\$ 694)

Capítulo 4

Volta ao mundo - Fase 2 (2012)

Viagem de volta ao mundo

O último casamento de Pati em 2011 era no fim de novembro. O primeiro de 2012 foi agendado para meados de agosto. Poderíamos ficar quase nove meses fora do Brasil. Para onde deveríamos ir?

Conhecíamos apenas os EUA, parte da América do Sul e parte da Europa Ocidental. Nunca havíamos pisado na Ásia, África ou Oceania. Tampouco conhecíamos o Leste Europeu, que se transformaria em nossa parte preferida do mundo anos depois.

Nosso conhecimento de mundo era limitado. Eu sentia que devíamos visitar alguns lugares novos, ainda que rapidamente, para termos noção de onde passar mais tempo no futuro. Decidi fazer uma volta ao mundo e começar pelos destinos mais distantes.

Existem diversas maneiras de fazer uma viagem de volta ao mundo. Tem gente que viaja de carro, por exemplo. Essa opção não era viável em nosso caso porque demandaria alguns anos. Pati precisaria voltar ao Brasil por alguns meses a cada ano, o que tornava inviável uma viagem tão longa.

No caso do avião, poderíamos comprar passagens avulsas para os trechos que quiséssemos percorrer. No entanto, às vezes é complicado comprar passagens aéreas internacionais que sejam só de ida. Elas costumam ser mais caras que as de ida e volta. Não há sentido em ter uma passagem de ida e volta se o propósito for dar uma volta ao mundo.

Nesse caso, uma das maneiras mais simples de comprar apenas passagens de ida é optar por uma passagem de volta ao mundo. Aprendi sobre isso no livro [The Art of Nonconformity](#) e escolhi comprar uma para nós. Existem três alianças de companhias aéreas que operam em nível global: [Oneworld](#), [Skyteam](#) e [Star Alliance](#). Todas vendem passagens de volta ao mundo.

O funcionamento da passagem e as regras de uso variam de uma aliança para outra. No geral, você inicia o processo de compra usando uma ferramenta de planejamento fornecida pela aliança. Abaixo estão os links para estas ferramentas:

- [OneWorld](#)
- [Skyteam](#)
- [Star Alliance](#)

Usando essas ferramentas, você indica os trechos que deseja percorrer, as datas e os voos específicos. É preciso definir todas essas informações antes de efetuar a compra. O preço final vai depender de suas escolhas. Quanto mais trechos, maior tende a ser o valor a pagar. É possível fazer mudanças depois que a viagem começar, mas elas têm um custo adicional.

Planejar a passagem de volta ao mundo foi um desafio porque não conhecíamos a maioria dos lugares por onde passaríamos. Qual o melhor momento para ir para determinado país? Quantos dias ficar lá? Que cidades visitar? Que países precisam de visto prévio? Precisávamos responder essas e muitas outras questões. O jeito era pesquisar.

O Japão era um dos países que estava em nossa lista e exigia visto. Era um dos vistos mais inconvenientes porque tinha de ser solicitado no Brasil e só permitia que chegássemos ao Japão até três meses após a emissão. Logo, o Japão não poderia ficar para o final da volta ao mundo. Teria de ser um dos primeiros países. Isso determinou o sentido da viagem: oeste. Viajaríamos no sentido oposto ao da rotação da Terra. Começaríamos pela Oceania e pela Ásia.

Na época, a aliança que oferecia os voos mais convenientes para nosso itinerário era a [Oneworld](#). A [Quantas](#), que fazia parte da aliança, oferecia um voo de Buenos Aires para Sydney sem escala. Era um dos trechos mais complicados de percorrer. As outras alianças só ofereciam voos que passavam pelos EUA, o que encarecia o trajeto e consumia mais tempo. Esse foi um dos fatores que nos fez optar pela [Oneworld](#). Se o itinerário fosse diferente, é possível que outra aliança tivesse os voos mais convenientes.

Nossa passagem de volta ao mundo começava e terminava em [Buenos Aires](#). Ela incluía:

- [Sydney, Austrália](#)
- [Auckland, Nova Zelândia](#)
- [Tóquio, Japão](#)
- [Delhi, Índia](#)
- [Bangkok, Tailândia](#)
- [Hong Kong](#)
- [Dubai, Emirados Árabes Unidos](#)
- [Amã, Jordânia](#)
- [Istambul, Turquia](#)
- [Madrid, Espanha](#)

A passagem abrangia um período de quase nove meses e incluía 12 voos internacionais. Custou US\$ 5.067 por pessoa, que correspondiam a R\$ 8.867 na cotação da época. Um valor razoável para a quantidade de voos que faríamos.

Buenos Aires

Voamos para Buenos Aires usando milhas. Por isso optamos por não incluir esse trecho na passagem de volta ao mundo.

Alugamos um apartamento pelo [Airbnb](#) por quatro noites. Foi a primeira vez que usamos um cupom de desconto da plataforma. Quando a gente recomenda o [Airbnb](#) para outra pessoa e ela faz sua primeira reserva, ela ganha US\$ 25 de desconto e a gente ganha um crédito do mesmo valor para nossa próxima reserva.

Se você ainda não usa o [Airbnb](#), inscreva-se com [nosso link](#) para ganhar um crédito em sua primeira reserva e nos dar um crédito também. Daí por diante, distribua para seus amigos o link que o [Airbnb](#) criará para você. Assim você ganha mais créditos para suas próximas viagens.

Aconteceram algumas coisas estranhas nessa estadia em Buenos Aires. Estávamos empolgados com o início da volta ao mundo. Falávamos sobre ela sem parar nas redes sociais. Afinal, tão importante quanto viajar é

contar para os amigos e deixá-los com vontade de fazer o mesmo, não é? Quem nunca tirou onda sobre suas viagens? Nós também já fizemos isso e não foi legal.

Não sei se você é do tipo de pessoa que acredita em maus fluídos e energias negativas, mas o fato é que começaram a acontecer coisas esquisitas. Um dia escutamos um estalo vindo da pia da cozinha. Fomos olhar e descobrimos que a base de um copo de vidro partiu-se, do nada. O copo estava no escorredor com a boca voltada para baixo. A base do copo, que estava voltada para cima, descolou-se dele como em um passe de mágica. Nunca tínhamos presenciado algo semelhante.

No dia seguinte, busquei um copo d'água e estava segurando-o na mão quando sua base destacou-se da mesma forma que o copo do dia anterior. Ela caiu no chão, assim como toda a água que estava no copo. Que coisa mais bizarra! O pior é que os copos eram de ótima qualidade. A impressão que a gente tinha é que a casa estava carregada de energia negativa ou éramos nós que estávamos assim. Levando em conta nosso comportamento nas redes sociais, não duvidávamos que esse fosse o caso.

Refletimos sobre esses acontecimentos e começamos a ficar preocupados com o voo que tínhamos a seguir. A última coisa que a gente queria era ter um monte de gente mandando vibrações negativas para nós. Precisávamos mudar nosso comportamento.

Além de parar de tirar onda com as viagens e de agir como babacas deslumbrados, decidimos falar menos sobre o que vinha pela frente. Daí por diante passamos a falar mais sobre o que já tinha passado ou tinha acabado de passar, por via das dúvidas...

Saldo da Argentina

Número de dias: 4

Custo de viagem: R\$ 478 (US\$ 273)

Média/mês: R\$ 3.585 (US\$ 2.048)

Média/dia: R\$ 120 (US\$ 68)

Custo de acomodação: R\$ 341 (US\$ 195)

Média/mês: R\$ 2.558 (US\$ 1.463)

Média/dia: R\$ 85 (US\$ 49)

Custo de deslocamento: R\$ 137 (US\$ 78) + 16 mil milhas
Média/dia: R\$ 34 (US\$ 20)

Austrália

O voo de Buenos Aires para [Sydney](#) durou 15 horas e cruzou o extremo sul do planeta. Sobrevoou a [Antártica](#) por um bom tempo. Ver aquela imensidão branca foi lindo e único. Uma paisagem que nunca tínhamos visto na vida.

Passamos um mês em Sydney. A cidade é bonita e cara, caríssima. Achar acomodação que coubesse em nosso orçamento foi um desafio. O melhor que conseguimos foi um quarto privado em uma casa enorme que ficava ao norte da cidade ([fotos](#)).

O quarto era fantástico. Era como estar em um hotel cinco estrelas. Contudo a casa era longe do centro. Precisávamos andar por vinte minutos até a estação de trem mais próxima e tomar a condução até o centro da cidade, o que consumia mais de uma hora. Não havia nenhum comércio perto da casa, que ficava em uma área residencial. O comércio mais próximo ficava na estação de trem e as lojas fechavam cedo. Logo descobriríamos que tudo fecha cedo demais na Austrália.

Essa experiência nos ensinou a importância de avaliar com cuidado a localização da acomodação e fazer todo o possível para ficar em locais mais centrais. Apesar do conforto que a casa oferecia, a distância prejudicou nossa experiência e nossa percepção sobre a cidade.

As limitações no acesso à internet também incomodaram. Nessa época, Pati trabalhava com Karol, que havia se mudado para Buenos Aires, e frequentemente precisava lhe enviar arquivos grandes, das fotos dos casamentos nos quais estavam trabalhando. Em pouco tempo, Pati consumiu toda a franquia de dados da conexão que era oferecida na casa.

Descobrimos que a maioria das conexões eram limitadas na Austrália, o que nos decepcionou. Em função dos limites de dados, os cafés não ofereciam WiFi, portanto não podíamos trabalhar em nenhum deles. Ainda que pudéssemos, não seria uma alternativa razoável, já que todos eram muito caros. O custo benefício não fazia sentido.

Por exemplo, assim que chegamos à cidade, fomos tomar um café da manhã na primeira cafeteria que encontramos. Ele incluía uma torrada, uma

fruta, um suco de laranja e café. Custou 15 dólares australianos por pessoa, em uma época em que eles valiam quase o mesmo que os dólares americanos. Gastamos 30 dólares, no total, para tomar um café medíocre em um lugar que nem sequer oferecia acesso à internet. Bem diferente das experiências que tivemos em Buenos Aires gastando uma fração desse valor, onde havia WiFi em qualquer lugar que imaginássemos. Não só em cafeterias, mas em todo tipo de estabelecimento, de salões de beleza a postos de gasolina.

A experiência em Sydney foi frustrante. A cidade tinha potencial, mas só poderíamos aproveitá-la bem se estivéssemos dispostos a gastar muito. Não estávamos. Havia outros destinos caros na volta ao mundo e não podíamos gastar tudo na primeira etapa da viagem.

O que salvou foram os amigos brasileiros que moravam lá. Foi ótimo reencontrá-los. Passamos o Natal juntos, o que nos ajudou a superar a distância da família.

Quando a estadia terminou, alugamos um carro e fomos para o sul. Tomamos a estrada que seguia mais próxima à costa e viajamos lentamente por alguns dias até alcançar [Melbourne](#). Foi a primeira vez que dirigi um carro na mão inglesa. Cometi alguns deslizes nas primeiras horas. Quase bati algumas vezes até me acostumar, porém peguei o jeito.

Paramos em alguns lugares pelo caminho: [Batemans Bay](#) e [Lakes Entrance](#). Vimos cangurus, cisnes negros e outros animais que não conhecíamos. A pior parte foi aturar as refeições na estrada, que variavam entre [fish and chips](#) e McDonald's. De alguma forma, sobrevivemos.

Eventualmente chegamos a Melbourne, onde ficamos apenas uma semana. Uma pena, já que adoramos a cidade. Dizem que chove muito lá. Por sorte, pegamos dias ensolarados. Embora estivesse no verão, a temperatura era amena. A cidade tinha um jeitão mais europeu e isso nos agradou.

Melbourne tem uma forte cultura de cafés. Havia cafeterias lindas por todos os lados e o café era bom, muito bom. Foi lá que experimentei o café mais delicioso da vida e descobri que, até então, eu não sabia o que era café bom. O que bebia no Brasil era ruim, em comparação, e o que se oferecia na Argentina era ainda pior.

Voltamos para Sydney para tomar o voo para a Nova Zelândia e vivemos uma situação surreal. O voo partia de manhã cedo. Consultando os horários do transporte público, descobri que o primeiro ônibus para o aeroporto, de

manhã, nos deixaria lá em cima da hora do voo. Tomar um taxi, por outro lado, custaria uma fortuna.

Poderíamos simplificar as coisas e economizar uma noite de acomodação se fôssemos para o aeroporto na noite anterior e dormíssemos lá. Eu já havia feito esse tipo de coisa no passado, em Londres, e funcionou.

O ônibus nos deixou no aeroporto pouco depois das 22h. Caminhamos para a porta de entrada e descobrimos que estava fechada. Do lado de dentro, as luzes estavam acesas, só que não havia ninguém. Achamos estranho e começamos a caminhar para buscar outra entrada. Não encontramos nenhuma. Percebemos que o aeroporto estava fechado! Foi a primeira vez que vi um aeroporto grande fechado, algo que nunca imaginei que pudesse acontecer.

Um carro parou perto de nós e o passageiro nos perguntou sobre a entrada do aeroporto. Ele também pretendia passar a noite lá. Nós lhe informamos que estava fechado e ele ficou tão surpreso quanto a gente. Motorista e passageiro eram paquistaneses. Eles nos convidaram a entrar no carro para circularmos o terminal e procurarmos outra entrada. Aceitamos. Eventualmente encontramos uma porta aberta. Nós e nosso novo amigo paquistanês descemos do carro e entramos em uma sala onde várias pessoas se amontoavam pelo chão. Todas tiveram a mesma ideia brilhante de passar a noite no aeroporto. Todas descobriram que até mesmo o principal aeroporto de um país pode fechar de noite, às 22h, se o país for a Austrália, onde tudo fecha cedo demais.

A Austrália é um país bonito e enorme, do qual conhecemos apenas uma pequena parte. Não há dúvida que Sydney e Melbourne são bons lugares para se morar. São cidades bonitas, organizadas, seguras e com excelente infraestrutura. Contudo nos pareceram pouco atrativas para nômades digitais. A limitação de dados no acesso à internet é o problema mais grave, especialmente em um país tão remoto.

No nosso caso particular, também ficamos incomodados com o fato de tudo fechar cedo demais. Era difícil achar algum tipo de comércio aberto depois das seis da tarde. Até mesmo os *shopping centers* fechavam cedo. A quinta-feira era o dia menos ruim, quando eles fechavam mais tarde, às sete da noite. Por fim, percebemos que os preços eram altos demais. A relação custo/benefício não era boa. É caro chegar à Austrália e mais caro ainda estar lá.

As despesas de viagem foram altas e as demais também, especialmente a alimentação. Isso tornava tudo mais difícil. Comemos mal durante toda a estadia, o que nos frustrou bastante. É um lugar que pode funcionar para nômades que tenham alto rendimento e não precisem movimentar uma grande quantidade de dados pela internet. Não era nosso caso.

Saldo da Austrália

Número de dias: 23

Custo de viagem: R\$ 5.264 (US\$ 2.909)

Média/mês: R\$ 6.867 (US\$ 3.795)

Média/dia: R\$ 229 (US\$ 126)

Custo de acomodação: R\$ 3.170 (US\$ 1.738)

Média/mês: R\$ 4.135 (US\$ 2.267)

Média/dia: R\$ 138 (US\$ 76)

Custo de deslocamento: R\$ 2.094 (US\$ 1.171)

Média/dia: R\$ 91 (US\$ 51)

Nova Zelândia

Muita gente sonha em ir para a [Nova Zelândia](#), alugar uma [campervan](#) e viajar pelo país. Foi o que fizemos. Voamos de Sydney para [Auckland](#), onde o piloto fez milagre para pousar com tanto vento. Passamos os primeiros dias na cidade, que era bonita e quase tão cara quanto os lugares que visitamos na Austrália.

Ficamos em um apartamento mais central para não cometer o mesmo erro de Sydney. Chegamos perto do *réveillon*, o que gerou algumas dificuldades. Não havia *campervans* disponíveis. Teríamos de aguardar até o quinto dia de janeiro. Além disso, a tarifa da noite de *réveillon* era o dobro das demais, que já não eram baratas.

Alugamos a *campervan* mais simples que era oferecida pela [Jucy](#), um modelo semelhante a [este](#), que custava 100 dólares da Nova Zelândia (NZD) por dia. A locação foi de 22 dias e a fatura total foi de NZD 2.878,

já incluindo taxas e passagens do *ferry* entre a Ilha Norte e a Sul (NZD 260 para nós e NZD 358 para o veículo).

Viajar de carro pela Nova Zelândia faz sentido, já que o país é lindo. As paisagens são mais diversificadas que na Austrália. Além de praias bonitas, também há lagos azuis rodeados de montanhas, semelhantes aos que vimos na Patagônia, e outros cenários belíssimos. Entretanto a opção por uma *campervan* foi ruim.

Não era possível pará-la em qualquer lugar e passar a noite. Ela não tinha banheiro nem energia elétrica, o que atrapalhava. Um dos aspectos mais graves é que víamos placas por todos os lados, em todo o país, informando que era proibido estacionar e passar a noite em uma *campervan*. Isso nos surpreendeu. Esperávamos que fosse fácil parar onde quiséssemos. Não era. Tínhamos de ficar sempre em algum *camping* e eles tampouco eram baratos.

Passar a noite na *campervan*, em um *camping*, era possível e o nível de conforto era razoável. Era melhor que dormir em uma barraca. Porém a falta de eletricidade atrapalhava porque nos impedia de usar os *notebooks*.

Quando optamos por viajar de *campervan*, encaramos esse período como férias. Sabíamos que não conseguiríamos trabalhar muito. O que não esperávamos é ficar praticamente impossibilitados de fazê-lo. Sabíamos que não encontraríamos WiFi com facilidade porque as conexões tinham os mesmos limites que na Austrália.

Uma vez paramos para tomar um café em um lugar que oferecia WiFi. Pedimos o café e ganhamos um pedacinho de papel com uma senha, a qual nos dava acesso a incríveis 20 MB de dados. Baixamos a lista de emails e isso já consumiu os 20 MB. Se levar em conta o tipo de câmera que Pati usa hoje em dia, não daria para transferir nem sequer uma foto.

Para lidar com essas limitações, compramos *chips* telefônicos (caríssimos), habilitamos o maior plano de dados possível (1 GB) e compartilhamos a conexão com os notebooks. Era possível manter a comunicação com nossa equipe e resolver eventuais pendências desde que pudéssemos carregar as baterias dos notebooks, o que revelou-se um desafio.

Os campings ofereciam tomadas para *motorhome* onde estacionávamos a *campervan*, mas não tínhamos o cabo apropriado. O jeito era tentar usar a tomada da cantina do *camping*, sala de jogos ou qualquer outra área

comum. Quando tais locais existiam, costumavam estar fechados à noite e não podíamos usá-los.

Apesar de tudo, tentamos ficar em *campings* no início e passamos alguns apertos. A pior parte era ir ao banheiro no meio da noite, seja porque chovia, fazia muito frio ou ambos. Descobrimos que *camping* não é a nossa cara. Será que somos viajantes *gourmet*? Talvez. Começamos a buscar hotéis de beira de estrada. Eles existiam em toda parte. Custavam mais que os *campings*, porém não tanto assim.

Se estacionar a *campervan* para passar a noite era proibido em muitos lugares e ficar no *camping* tampouco nos atendia bem, então não fazia sentido viajar de *campervan*. Teria sido melhor alugar um carro comum. A locação da *campervan* foi mais cara e gastamos mais com combustível, que também era caro. Se tivéssemos optado por um carro comum, os gastos com locação e combustível teriam sido menores. Sobraria mais dinheiro para pagar pelos hotéis de beira de estrada.

Se voltássemos a fazer a mesma viagem pela Nova Zelândia, alugaríamos um carro comum ou investiríamos em um *motorhome* bem equipado, que nos permitisse passar a noite com maior conforto nos *campings*. A opção pelo *motorhome* serviria para termos mais autonomia e podermos ir para áreas mais isoladas. Ela não traria nenhuma economia.

A Nova Zelândia também é conhecida pelos esportes radicais, no entanto eles são caríssimos. É preciso muita grana para aproveitá-los. Aliás, assim como na Austrália, tudo custava caro. Visitar cafés e restaurantes era difícil. A comida raramente agradava. O que salvava, às vezes, eram os restaurantes de comida oriental. Como adoramos comer, ficamos frustrados tanto na Austrália quanto na Nova Zelândia. Para comer bem nesses países, especialmente fora de casa, é preciso estar disposto a gastar muito.

Apesar dos preços altos e da decisão pouco acertada de usar uma *campervan*, adoramos viajar pelo país. Dentre os lugares que visitamos, encontram-se [Rotorua](#), [Napier](#), [Wellington](#), [Akaroa](#), [Wanaka](#), [Queenstown](#), [Milford Sound](#), [Franz Josef](#) e [Nelson](#).

Gostamos muito de [Queenstown](#), onde decidimos parar por mais tempo e ficar hospedados em um bom hotel. Tem muita coisa legal para fazer na cidade e o cenário é de uma beleza indescritível. Em [Wellington](#), a gente se hospedou em um quarto privado, na casa de Rachel ([fotos](#)). Foi a única oportunidade que tivemos de conhecer uma pessoa nativa e conversar com ela. Foi uma ótima experiência.

A Nova Zelândia, especialmente a Ilha Sul, é um dos lugares mais bonitos que já visitamos. Espero que possamos voltar um dia com mais dinheiro e menos preocupação com o trabalho.

Sobre a viabilidade de passar uma temporada no país como nômade digital, os problemas são idênticos aos da Austrália. A limitação no acesso à internet e os altos preços transformam o país em um destino pouco conveniente para nômades digitais.

Saldo da Nova Zelândia

Número de dias: 29

Custo de viagem: R\$ 9.135 (US\$ 5.000)

Média/mês: R\$ 9.450 (US\$ 5.173)

Média/dia: R\$ 315 (US\$ 172)

Custo de acomodação: R\$ 2.856 (US\$ 1.569)

Média/mês: R\$ 2.954 (US\$ 1.623)

Média/dia: R\$ 98 (US\$ 54)

Custo de deslocamento: R\$ 6.279 (US\$ 3.431)

Média/dia: R\$ 217 (US\$ 118)

Japão

Alguns meses antes da viagem ao [Japão](#), Pati recebeu o contato de uma noiva que morava em [Tóquio](#) e tinha um noivo japonês. Ela faria o casamento em Tóquio e no Rio, onde queria que Pati fotografasse a cerimônia. Pati não tinha a data disponível, mas manteve contato com a noiva. Antes de irmos para o Japão, Pati lhe escreveu para tirar algumas dúvidas sobre o país.

Francine, como a noiva se chamava, deu-lhe inúmeras dicas valiosas. Sugeri que comprássemos o [Japan Rail Pass](#), o passe de trem que permite viajar pelo país usando boa parte da rede ferroviária. Como ele só podia ser comprado fora do Japão, nós o adquirimos em Auckland, quando ainda estávamos na Nova Zelândia.

Nosso primeiro destino foi Tóquio, onde alugamos um quarto privado pelo [Airbnb](#). Custou caro, US\$ 100 por noite. Quando chegamos, uma surpresa. Nossas anfitriãs falavam português. Maria era brasileira e Joana era portuguesa. Elas eram estudantes de doutorado e dividiam o pequeno apartamento ([fotos](#)). Alugavam um dos quartos para ajudar a cobrir as despesas.

As duas eram simpáticas e nos convidaram para ir a uma festa com outros estudantes brasileiros. O convite não poderia ter chegado em melhor hora. A Nova Zelândia foi um dos países em que menos interagimos com outras pessoas. Os lugares eram pouco habitados, em sua maioria. Ovelha tinha de sobra, mas gente era uma raridade. Só conhecemos a Rachel, em Wellington. Quando chegamos ao Japão, estávamos ansiosos por interagir com outras pessoas e fazer novos amigos.

Durante a festinha, lembro de ter bebido uma cerveja quente que era servida a partir de um bule. Acredito que ela tenha sido a culpada e o susto tenha apenas agravado o problema. Refiro-me à dor de cabeça que interrompeu meu sono horas depois. Já o susto foi causado pelo terremoto. Pelo que soube na manhã seguinte, não foi forte, mas fiquei apavorado. Foi a primeira vez que passamos por um terremoto e a sensação foi horrível. O que mais me chamou a atenção foi o barulho.

Tudo que havia no apartamento tremeu e fez barulho por alguns instantes. Então parou. Lembro que levantei e fiquei paralisado, sem saber o que fazer. Estava no meio da madrugada e fazia muito frio, já que estávamos no inverno. Antes que eu pudesse tomar uma decisão, se ficava ou se fugia, o tremor recomeçou e foi ainda mais aterrorizante. Felizmente parou por aí. Achei que minha cabeça explodiria. Descobri que não é bom misturar cerveja quente, terremoto e [jet lag](#).

Dias depois, conhecemos Francine pessoalmente. Ela morava em Tóquio há mais de dez anos e nos levou para conhecer diversos lugares. A ela devemos uma das experiências mais legais que tivemos na volta ao mundo. Em particular, adoramos as oportunidades que tivemos de comer juntos. Depois de comer tão mal na Austrália e na Nova Zelândia, fomos presenteados com uma das melhores culinárias do mundo.

A acomodação é cara em Tóquio, mas o restante nem tanto. A comida, em particular, não nos pareceu cara. Especialmente se considerarmos a qualidade. Ao contrário do que alguns imaginam, não existe apenas comida japonesa no Japão. Não come-se apenas *sushi*. Longe disso. É fácil

encontrar todo tipo de restaurante que se possa imaginar, com todo tipo de comida. Percebemos que o japonês adora comer bem, além de beber muito.

Em Tóquio, encontramos diversos edifícios onde só havia restaurantes. Um melhor que o outro. O que mais me chamou a atenção é que a comida era maravilhosa em todo o país, de norte a sul. Além disso, o atendimento era impecável. Descobri que não sabia o que significava bom atendimento até visitar o Japão. Até hoje, nunca vi nada igual. Foi uma aula de atendimento ao cliente que jamais esquecerei.

Decidimos visitar outras partes do Japão, além de Tóquio. Francine nos ajudou a reservar os hotéis ao redor do país. Isso fez toda a diferença. Alguns só tinham informações em japonês. Eles tinham preços mais acessíveis e raramente eram usados por estrangeiros devido à barreira do idioma.

De Tóquio, fomos para [Hokkaido](#), a ilha que fica ao norte do Japão. Acredito que tenha sido sugestão de Francine. Ficamos em [Sapporo](#), a capital, onde estava acontecendo o [Sapporo Snow Festival](#). Havia inúmeras esculturas de neve espalhadas pela cidade. Muitas delas enormes, do tamanho de edifícios, representando construções famosas, como o [Taj Mahal](#). Outra coisa que nos chamou a atenção foi o [shopping subterrâneo](#) gigantesco. Parecia uma cidade paralela à superfície, para onde todos iam para se refugiar do frio e da neve.

Enquanto estávamos em [Hokkaido](#), também aproveitamos para visitar o [Otaru Snow Light Path Festival](#). Foi uma das atrações mais lindas de nossa viagem ao Japão.

Nossa estadia no país durou três semanas. Foi pouco para o tanto que queríamos conhecer. Também fomos para o sul, onde visitamos [Miyajima](#) e [Hiroshima](#). Nesta última, compreendemos melhor os horrores da bomba atômica. Foi a parte mais triste da viagem.

Encerramos a jornada em [Kyoto](#). A cidade é linda. A estação de trem parece ter saído de um filme de ficção científica. Contraste perfeito com tradições antigas que ainda são preservadas na cidade, como a presença das [gueixas](#). Fizemos novos amigos por lá. Conhecemos Ronny e Stephanie, um casal de brasileiros, descendentes de japoneses, que moravam nas proximidades e foram à cidade para encontrar com a gente. Passamos um dia maravilhoso juntos e aprendemos muito com eles. Encerramos a visita ao país com chave de ouro.

O Japão é conhecido pela modernidade e tecnologia de ponta. Até mesmo o vaso sanitário de alguns hotéis parece ter saído de um filme de ficção científica. São tantos botões e funções que a gente fica em dúvida na hora de dar descarga. A internet é muito rápida. Um bálsamo depois de passar dois meses sofrendo com as conexões da Austrália e da Nova Zelândia. No entanto, é difícil conseguir um *chip* pré-pago que nos dê acesso à internet pelo celular.

Independente da modernidade, o que mais me intrigou foram as pessoas e os costumes. Parece haver protocolos para tudo e eles são seguidos meticulosamente. Tivemos encontros com pessoas da área de tecnologia que trabalhavam com a mesma tecnologia que eu, [Ruby on Rails](#). Isso ocorreu em Tóquio e em Sapporo. A cultura de dar presentinhos é muito forte no Japão. Quando conhecem uma pessoa nova, é comum os japoneses darem um presentinho. Imagine a nossa surpresa nos encontros com outros *nerds*, quando todos nos deram presentinhos. Parece besteira, mas nos sentimos acolhidos com esses gestos. O pessoal era muito legal.

As pessoas andam muito bem vestidas no Japão. Design e moda são tratados com seriedade. Os japoneses parecem ser bem consumistas. Por outro lado, há um imenso respeito pelos demais, especialmente pelos mais velhos. A comida é divina e o atendimento insuperável. As pessoas são educadas e bem formadas, porém raras são as que falam inglês. Por sorte, os cardápios dos restaurantes costumam mostrar as fotos dos pratos. Em outros casos, existem vitrines com os pratos. Eles parecem de verdade, mas são apenas maquetes sofisticadas. Dá vontade de comê-las.

O Japão concentra muita gente em um território pequeno. O número de pessoas equivale a mais da metade da população brasileira, porém o território é 22 vezes menor que o do Brasil. Para compensar, o sistema de transporte é incrível. Tóquio tem a maior rede de trens e metrô do mundo. As cidades japonesas são ligadas por trens de alta velocidade que saem sempre no horário marcado. Entre as cidades, praticamente não se vê espaço vazio. É como se elas fossem coladas umas às outras e o país inteiro fosse uma imensa metrópole.

A impressão que tive é que estávamos em um planeta diferente, onde tudo era limpo e funcionava bem. O lugar mais seguro em que já pisei, onde ninguém temia qualquer tipo de violência. Um mundo distante da realidade a que estava acostumado no Brasil. É como se tivéssemos tido contato com a civilização pela primeira vez.

O Japão tem um aspecto excelente para nômades digitais, que é o acesso rápido à internet. No entanto, é inconveniente para nômades digitais brasileiros devido à necessidade de visto. Também é um lugar caro, portanto mais viável para aqueles que possuem uma receita elevada.

Saldo do Japão

Número de dias: 22

Custo de viagem: R\$ 7.545 (US\$ 4.323)

Média/mês: R\$ 10.288 (US\$ 5.895)

Média/dia: R\$ 343 (US\$ 196)

Custo de acomodação: R\$ 4.079 (US\$ 2.342)

Média/mês: R\$ 5.562 (US\$ 3.194)

Média/dia: R\$ 185 (US\$ 106)

Custo de deslocamento: R\$ 3.466 (US\$ 1.981)

Média/dia: R\$ 158 (US\$ 90)

Índia

Doze dias. Foi o quanto separamos para conhecer os lugares mais turísticos do norte da [Índia](#). É pouco, mas foram dias longos. Parecia que nunca terminavam. Visitar a Índia foi um dos grandes desafios de nossa jornada nômade.

Voamos de Tóquio para [Delhi](#). Trocamos a organização japonesa pelo caos indiano. Não poderia haver contraste maior. Antes de ir, lemos relatos de viajantes para saber o que esperar. Descobrimos que muita gente não suporta a experiência e antecipa os voos de retorno. Achei que era exagero, coisa de "turista fresco", até me ver querendo fazer o mesmo. Não antecipamos a saída do país, mas foi por pouco.

Reservamos um quarto em um hotel que parecia bom, em uma área considerada boa em Delhi. Tomamos um taxi no aeroporto e fomos para lá. Quando chegamos, ficamos perplexos. O local onde o hotel se encontrava era horrível. Uma favela brasileira seria considerada área de luxo em comparação, sem exagero. A rua estava lotada de gente e ninguém se

incomodava com a imundície que imperava por todos os lados. Entramos no hotel, fizemos o *check in* correndo e fomos nos refugiar no quarto. Ele não era tão bom quanto nas fotos, porém era aceitável. Só não tinha papel higiênico. Este seria um item sempre escasso ao longo da viagem.

Da janela do apartamento podíamos apreciar melhor a extensão do estrago. Em nossas cabeças, um pensamento insistia em questionar: o que estávamos fazendo ali? Precisávamos jantar. Levamos algumas horas até juntar coragem e sair do hotel. A boa notícia é que o lugar não parecia violento, era apenas horrível, imundo e caótico. As pessoas caminhavam pela rua com tranquilidade, como se estivessem passeando pelos corredores de um *shopping center*, alheias ao lixo, aos ratos, às baratas e ao cenário apocalíptico.

Pedimos sugestão de restaurante na recepção do hotel e caminhamos até o lugar. Andar pela rua não era tão assustador quanto pareceu no início. Logo descobriríamos que elas não eram inseguras, apenas feias e sujas. O restaurante até que não era dos piores.

No dia seguinte, tomamos o café da manhã no topo do edifício. Pudemos ver uma parte de Delhi à luz do dia pela primeira vez. Era uma grande favela até onde nossos olhos alcançavam. Parecia haver uma nuvem espessa de poeira no ar. A pobreza era gritante e a sujeira estava em todas as partes.

Fomos fazer alguns passeios turísticos por conta própria porque os guiados eram caros demais. No metrô, descobrimos que nenhuma fila era respeitada. Constatamos que a expressão "fila indiana" deve ter se originado nos costumes de tribos indígenas do Continente Americano. Da Índia é que não foi.

Para ingressar, todos tinham de passar por detector de metal. As bolsas passavam pelo raio X. Havia uma grande preocupação com atentados terroristas. Como havia sempre muita gente, entrar no metrô era uma odisséia. Logo começamos a apelar para o [rickshaw](#). Era mais divertido, embora sempre tivéssemos de negociar as tarifas antes das viagens.

Eu e Pati tentamos visitar os locais turísticos em Delhi, mas nada nos pareceu interessante. Nada parecia justificar o desconforto de estar lá. Poderia ter sido pior. Visitamos a Índia no inverno. Não fazia frio nem era tão quente. Teria sido inviável visitar a cidade em outra época do ano com temperaturas elevadas.

Apesar de Pati estar sempre coberta da cabeça aos pés, sua presença despertava a curiosidade dos indianos. Muitos olhavam para ela sem parar,

como se nunca tivessem visto uma pessoa de pele branca na vida. Isso a incomodou muito. Aparentemente, encarar outras pessoas não é um problema na cultura indiana. Os homens olhavam para ela, para o fundo de seus olhos, com uma intensidade desconcertante. Mesmo que ela lhes encarasse de volta, eles continuavam a encará-la. Algo estranho e distante de nossa cultura. Ela irritou-se profundamente, tanto que essa é sua lembrança mais marcante da Índia.

Um dia, quando entramos no metrô, nos deparamos com cinco turistas de traços orientais. Pati pensou que fossem japoneses. Puxou papo e tentou conhecê-los. Eles eram de Hong Kong e responderam suas perguntas com simpatia. Pati perguntou o que estavam achando da experiência em Delhi e eles responderam que estava sendo "ok". Percebemos que estavam tão incomodados quanto a gente. Desceram logo depois e imaginamos que nunca mais os veríamos. Estávamos enganados.

Quando fomos comprar a passagem de trem para visitar o [Taj Mahal](#), conseguimos nos livrar de todos os pilantras que tentavam nos enganar mandando-nos para o lugar errado. Muita gente nos abordava em Delhi, especialmente nas proximidades de lugares turísticos e da estação de trem. Parecia que todo mundo queria nos passar a perna. Só não deu certo porque estudei os relatos de outros viajantes e conhecia os golpes. Assim mesmo, lidar com os pilantras era chato. Vivíamos em um estado permanente de desconfiança.

Enquanto esperávamos na fila para comprar a passagem, conhecemos um senhor britânico. Ele devia ter pouco mais de sessenta anos e se dizia apaixonado pela Índia. Ia para lá todo ano e passava pelo menos seis meses no país. Ficamos curiosos para entender suas razões, então conversamos bastante com ele.

Sáimos da estação juntos e começamos a caminhar pelas ruas caóticas. Ele queria nos mostrar alguns lugares. Percebemos que sua atitude era diferente da nossa. Ele caminhava com tranquilidade e confiança, sem nenhum medo de ser atingido por um carro ou um *rickshaw*. Nós, ao contrário, olhávamos para todos os lados, com medo de sermos atropelados.

Os lugares que ele mostrou não nos pareceram interessantes. Entretanto, ele recomendou que fôssemos almoçar no [Hotel Imperial](#). É um hotel de luxo com uma arquitetura magnífica, comparável ao [Copacabana Palace](#) no Rio de Janeiro. Hospedar-se no hotel era caríssimo e fora de nosso alcance, porém comer no restaurante era viável. Os preços eram elevados para os

padrões indianos, mas não para os ocidentais. Ele garantiu que gostaríamos. Estava certo.

No [Hotel Imperial](#) tivemos contato pela primeira vez com uma outra Índia: luxuosa, limpa e bonita. O hotel era lindo por dentro e o restaurante mais ainda. Parecia que tínhamos entrado em um oásis. A comida foi deliciosa, os preços não assustaram e o atendimento foi simpático. Podíamos ficar ali pelo resto de nossos dias na Índia, felizes da vida.

Quando estávamos indo embora, um grupo chegou. Eram os cinco turistas de Hong Kong que conhecemos dias antes no metrô. Ficamos todos tão surpresos com aquela coincidência que logo trocamos abraços e começamos a conversar como se fôssemos amigos de longa data. Trocamos contatos e prometemos visitá-los quando passássemos por Hong Kong.

Aos poucos, a Índia foi se revelando um lugar de contrastes. Durante o dia, meu humor variava entre o ódio e o amor. Muita gente tentava nos passar a perna, enquanto outras nos tratavam com tremenda amabilidade.

Ficamos em Delhi por mais alguns dias, porém optamos por um quarto privado, em um apartamento do [Airbnb](#) ([fotos](#)). Queríamos ver como era uma casa indiana. Há muito o que falar sobre essa experiência e não há espaço suficiente neste livro, no entanto um episódio nos chamou a atenção. O apartamento era de um casal que tinha dois filhos adultos.

A filha casou-se e foi morar com o marido em [Mumbai](#). O filho também casou-se e morava com a esposa neste apartamento. O casamento da filha foi arranjado, o do filho não. Conversamos com a dona da casa sobre a tradição dos casamentos arranjados, que abrange 70% dos matrimônios na Índia. Escutamos suas explicações sobre como o sistema funciona e qual a justificativa dele.

Casamento arranjado é uma ideia inadmissível na maior parte do ocidente. Eu e Pati também achávamos que tal prática era impensável, porém escutamos a explicação. Para nossa surpresa, fomos obrigados a concordar que havia sentido em muito do que ela descreveu. Não é que um modelo fosse certo e o outro fosse errado. Apenas percebemos que os dois podem funcionar. Eles se baseiam em premissas diferentes, mas igualmente válidas.

Foi uma conversa instrutiva. Pela primeira vez aprendemos conceitos antigos com alguém de uma cultura diferente da nossa, cujas práticas e tradições são opostas àquelas às quais estamos acostumados, mas que

também podem fazer sentido. Foi uma lição para nos tornarmos mais tolerantes e julgarmos menos aquilo que não compreendemos.

Além de Delhi, visitamos [Udaipur](#), [Jaipur](#) e [Agra](#), onde fica o [Taj Mahal](#). Optamos por voar para todos esses lugares, com exceção de Agra, que alcançamos de trem. As distâncias eram grandes e o valor das passagens aéreas era razoável.

Em todos os lugares tivemos a mesma sensação: o que estamos fazendo aqui? Até mesmo em Agra tivemos esse sentimento. Assim que desembarcamos do trem, uma pessoa começou a nos oferecer transporte para ir ao [Taj Mahal](#). Recusamos, como sempre fazemos nesses casos.

A gente nunca deve aceitar as ofertas de transporte que recebe em aeroportos, rodoviárias e estações de trem. Quase sempre são furadas. O cara insistiu e não largou a gente um único instante. Foi nos seguindo e insistindo até sairmos da estação e alcançarmos a rua. Começamos a achar que nunca conseguiríamos nos livrar dele. Encontrei um [rickshaw](#) estacionado com o motorista sentado de forma distraída. Perguntei o preço, negociei o valor e entramos no veículo. O cara que nos seguia desde a estação de trem ficou furioso. Azar o dele. Devia aprender a não ser tão chato.

Na entrada do Taj Mahal, descobrimos que turistas pagavam valores superiores aos dos indianos. Além disso, se Pati quisesse tirar fotos com sua câmera, teria de pagar um valor adicional. Confesso que a gente não curte esse tipo de tratamento diferenciado, que é um tanto comum na Ásia.

Enquanto nos preparávamos para entrar, vimos uma senhora ocidental conversando com algumas pessoas e fazendo perguntas em inglês. Ela estava sozinha e parecia um tanto perdida. Começamos a ficar preocupados com ela. Não demoraria para alguém lhe passar a perna de alguma forma.

Puxamos papo, descobrimos que chamava-se Silvia e era da Romênia. Passamos o dia com ela e fizemos o possível para evitar que caísse em roubadas. Deu certo. No entanto, como descobrimos depois, ela passou sufoco nos dias seguintes, quando contava apenas com a companhia de sua inocência.

O Taj Mahal é bonito e merece uma visita. Contudo é rodeado por uma favela de um lado e um rio negro, imundo, do outro. Foi uma visita interessante, porém decepcionante por conta das redondezas e da grande quantidade de turistas. Na volta para Delhi, conhecemos Gabriel no trem. Era um Argentino que estava tão pouco encantado com a Índia quanto a

gente. Uma maneira simpática de dizer que ele estava detestando o lugar. Conversamos bastante e demos boas risadas das histórias que tínhamos vivido até ali. A viagem passou em um piscar de olhos.

[Udaipur](#) foi a cidade que mais gostamos de visitar. É cercada por lagos imundos, como qualquer concentração de água que tenhamos visto na Índia. Existem diversos fortes, palácios e templos que criam um contraste interessante com os lagos. Há também bares e restaurantes que ficam nos terraços dos prédios. São ambientes agradáveis para passar a noite e se recuperar dos passeios feitos durante o dia.

Em uma de nossas saídas, encontramos um casamento pelo caminho. Desistimos do passeio e nos aproximamos do evento para ver como era. Descobrimos que o noivo era um garoto de dezesseis anos que estava se casando pela segunda vez. Que bizarro! Algumas crianças nos viram e nos convidaram para entrar no recinto. Pati estava com a câmera profissional e as crianças faziam tudo o que podiam para chamar a atenção e serem fotografadas. Foi um momento divertido. O casamento era simples, entretanto pudemos apreciar a beleza das roupas que as mulheres usavam.

As roupas indianas são um capítulo à parte. Estão entre os itens mais lindos que encontramos no país. Fazem as ocidentais parecerem trapos de mal gosto. A beleza dos tecidos, das cores, dos detalhes e dos acessórios é impressionante. Nada melhor que um casamento para concentrar tantos exemplares de roupas bonitas em um único lugar.

Depois de algum tempo circulando pelo local, Pati já tinha se transformado no centro das atenções. As crianças não queriam largá-la de jeito nenhum. Havia uma menina, em particular, que devia ter uns doze anos de idade. Ela falava inglês com perfeição e era muito esperta. Tinha resposta para tudo e não parava de pedir para Pati tirar fotos.

Depois de algum tempo, um senhor aproximou-se de nós e pediu gentilmente que fôssemos embora. Logo entendemos a razão. A noiva estava chegando. Ela precisava ser o centro das atenções, portanto Pati precisava sair de cena para as crianças sossegarem.

Além das roupas, também foi interessante ver os clipes musicais indianos que passavam na TV o tempo todo. Produzidos em [Bollywood](#), eles dão um banho nos clipes musicais do ocidente. Embora as músicas nem sempre sejam boas, tudo é visualmente mais bonito nesses clipes: as danças, as roupas, os movimentos, as coreografias e até mesmo os cenários.

Falando em roupas, não lavamos as nossas no período que passamos na Índia. Havia lavanderias, mas não tivemos coragem de usá-las. Víamos as pessoas lavando suas roupas nos rios imundos. Começamos a suspeitar que as nossas teriam o mesmo destino se as colocássemos em uma lavanderia. Preferimos não arriscar.

Ao contrário de muita gente que visita a Índia, não tivemos nenhum problema de saúde. Não fomos agraciados com a [delhi belly](#), aquela diarreia que costuma atacar quem visita o país. Provavelmente porque tomamos muito cuidado, especialmente com a água. A gente encontrava garrafas d'água lacradas por todos os lados. Eram as únicas que usávamos. Inclusive, essa era a água que usávamos para escovar os dentes e lavar o rosto. Quando tomávamos banho, tínhamos cuidado para não deixar a água escorrer para a boca. Não bebíamos sucos e não aceitávamos gelo em nenhuma bebida. Esses cuidados funcionaram.

Acho que a Índia não é um lugar razoável para se fazer turismo. A menos que sua ideia de turismo seja visitar favelas, como alguns turistas estrangeiros fazem no Rio de Janeiro. Fico imaginando uma pessoa que só tem alguns dias de férias por ano e decide ir para a Índia. É possível que volte mais estressada do que foi.

Quem faz turismo, de férias, costuma buscar lugares recompensadores. Espera ver cenários bonitos, comer bem, ver coisas diferentes, receber um bom atendimento e descansar. A parte da Índia que conhecemos não é o melhor lugar para satisfazer estes desejos. Talvez seja interessante para visitar com outros propósitos, como estudar uma cultura milenar, fazer trabalho voluntário ou aprender yoga. Uma alternativa válida para alguns turistas é ir com muito dinheiro, ficar em hotéis luxuosos, fazer passeios caros e desfrutar do que passamos a chamar de "Índia Disney".

Dizem que o sul da Índia é mais desenvolvido. Talvez seja um lugar mais aceitável para se fazer turismo. Visitaremos um dia, mas sem pressa. Confesso que a Índia não entrou para a lista de destinos preferidos.

Para um nômade digital, a Índia pode ser interessante, dependendo do lugar para onde você vá e de sua disposição para conviver com a sujeira, a miséria, os trambiqueiros, a bagunça e a burocracia do país. Não tivemos dificuldade para acessar a internet, porém não me lembro de ser particularmente rápida. O país é barato, o que é um atrativo para quem tem pouca receita. É necessário visto, porém é fácil obter um [e-visa](#), o que elimina a necessidade de visitar um consulado indiano. Só tome cuidado

com a época do ano. Além do calor excessivo em certas partes do país, é preciso atenção com as [monções](#).

Apesar de ser um país barato, nosso gasto na Índia foi alto. Viajamos para muitas cidades em pouco tempo, o que gerou gastos elevados com passagens e hotéis. Uma situação semelhante à que vivemos no ano anterior, na Colômbia.

Saldo da Índia

Número de dias: 12

Custo de viagem: R\$ 2.755 (US\$ 1.591)

Média/mês: R\$ 6.888 (US\$ 3.976)

Média/dia: R\$ 230 (US\$ 133)

Custo de acomodação: R\$ 956 (US\$ 556)

Média/mês: R\$ 2.390 (US\$ 1.390)

Média/dia: R\$ 80 (US\$ 46)

Custo de deslocamento: R\$ 1.799 (US\$ 1.035)

Média/dia: R\$ 150 (US\$ 86)

Tailândia

Foi difícil trabalhar nos destinos anteriores da volta ao mundo. Viajamos rápido demais em alguns lugares e tivemos problemas de conexão em outros. O trabalho não chegou a parar, mas avançou devagar. A [Tailândia](#) era onde esperávamos colocar a vida em ordem.

Fomos para [Bangkok](#) e alugamos um ótimo apartamento por algumas semanas. A cidade tem uma boa infraestrutura. Há inúmeros apartamentos e hotéis com preços acessíveis. A Índia também tinha bons preços, porém a parte que conhecemos tinha uma infraestrutura ruim. Bangkok oferecia um bom equilíbrio.

O [apartamento que alugamos](#) era um *apart hotel*. Além de ser um apartamento completo, também tinha as conveniências de um hotel, como limpeza diária. Lá, encontramos um dos itens mais desejados àquela altura da viagem: máquina de lavar roupa.

Visitamos alguns pontos turísticos nos primeiros dias. Fomos aos templos e passamos ilesos pelos pilantras que rondavam os pontos turísticos. Admiramos os lugares e o dourado onipresente. Ficamos intrigados com os pequenos templos que povoam as frentes de casas e edifícios. Ardemos no calor da cidade e nos refrescamos nos modernos *shopping centers*. Nunca fui fã deles, mas confesso que na Índia, diante de tanto caos e desconforto, sonhei com um *shopping center*. O sonho realizou-se em Bangkok.

A comida tailandesa é um desafio para algumas pessoas. Além de ser diferente da ocidental, costuma ser muito apimentada. O modo de comer também é distinto. Usa-se colher e garfo, em vez de garfo e faca. Quem não gosta de experimentar comidas locais pode ficar tranquilo, pois é possível achar todo tipo de comida na cidade, incluindo as ocidentais.

A Tailândia é um dos países que mais atraem nômades digitais. Quem viaja com passaporte brasileiro não precisa pedir visto e pode ficar no país por até noventa dias. Existe a promessa de infraestrutura boa, preços baixos e cidades seguras. Para europeus, americanos, canadenses e outros povos habituados a lugares frios, há também a possibilidade de curtir um pouco de calor. Um pouco não, muito. Descobrimos que todas essas promessas são cumpridas. Bangkok é uma boa cidade para quem busca estes atributos. No entanto, há alguns problemas.

A cidade é lotada de gente, tem um trânsito infernal, é feia e poluída. É uma selva de pedra onde faz muito calor. Não sei se cheguei a mencionar isso antes, mas é bom dizer que o lugar é muito quente. Não, sério, é quente mesmo. Entendo que isso seja um atrativo para quem sai de lugares frios, porém esse não é o caso dos brasileiros, que estão para lá de habituados ao calor, em sua maioria. O pior é que tampouco é fácil refrescar-se tomando uma cerveja, como muita gente faz no Brasil. Na Tailândia, apesar de a comida ser barata, as bebidas alcólicas são muito caras.

O país não é rico. Longe disso. Não vimos miséria, como na Índia, mas a pobreza se nota por todos os lugares. Assim como o Brasil, a Tailândia é um país tropical em processo de desenvolvimento.

Um nômade digital brasileiro pode ir para a Tailândia e desfrutar do custo/benefício que tornou o país mundialmente conhecido. Contudo terá de fazer uma viagem excessivamente longa (o que significa pagar uma passagem mais cara) e encontrará cenários que não são tão diferentes daqueles aos que está habituado no Brasil. Inclusive vivenciará problemas

semelhantes, como o calor excessivo, cidades lotadas e trânsito pesado. Em minha opinião, existem lugares mais interessantes, mais próximos e com custo/benefício igualmente competitivo ou até melhor. Logo chegaremos a eles. Aguarde e confie.

Como você já deve ter notado, Bangkok não nos encantou. Já que a Tailândia se mostrava tão quente, decidimos pegar praia e fomos para [Phuket](#). Não é o lugar que oferece as melhores praias da Tailândia, porém foi o mais conveniente naquele momento. A experiência foi legal. Bem mais agradável que Bangkok. O calor beirava o insuportável, mas pelo menos a gente podia se refrescar nas praias.

Gabriel, o argentino que conhecemos no trem, na Índia, morava em Phuket. Encontramos com ele por lá, conhecemos seu irmão e batemos muito papo. Ele nos salvou quando decidimos alugar uma *scooter*.

O transporte público é precário em boa parte da Tailândia. Era o caso de Phuket. As pessoas se movem de carro ou de *scooter*. A gente se hospedou em um apartamento que não ficava no meio da bagunça, assim como não ficava muito distante. Dava para ir andando para a praia. No entanto, se alugássemos uma *scooter*, poderíamos explorar outros lugares da ilha, o que tornaria a estadia mais interessante.

O aluguel é barato, porém as locadoras costumam exigir que a gente deixe o passaporte como garantia da devolução da *scooter*. Não há a menor chance de isso acontecer em nosso caso. A gente nunca deixa nosso passaporte com ninguém. Gabriel estava com a gente e se ofereceu para deixar o passaporte dele. E ainda tem quem pense que argentino é tudo *mala onda*. Aceitamos sua oferta e passamos alguns dias com a *scooter*.

Nossa experiência na ilha deu um salto. Passamos a correr mais riscos, porém nos divertimos bastante. Descobrimos que em certos lugares da Ásia, infelizmente, ter uma *scooter* é o diferencial entre uma estadia ok e uma bem legal.

Fizemos um passeio de barco que nos levou a [Ko Phi Phi](#), a ilha que ganhou fama mundial depois do filme [A Praia](#). Não chegamos a descer na ilha. Apenas paramos nas proximidades e mergulhamos na água. O que encontramos no mar nos decepcionou. Havia muita sujeira, fruto do excesso de turistas e da falta de educação de alguns deles. Bem diferente do que vimos em [Fernando de Noronha](#), por exemplo, onde tudo é mais preservado e a água é limpa.

Não chegamos a conhecer outras partes do litoral da Tailândia, que é enorme. Estou certo de que existem lugares excelentes, praias limpas e com ótima relação custo/benefício. Desejamos retornar no futuro para conhecer tais lugares.

Saldo da Tailândia

Número de dias: 25

Custo de viagem: R\$ 5.264 (US\$ 3.001)

Média/mês: R\$ 6.317 (US\$ 3.601)

Média/dia: R\$ 211 (US\$ 120)

Custo de acomodação: R\$ 2.760 (US\$ 1.573)

Média/mês: R\$ 3.312 (US\$ 1.888)

Média/dia: R\$ 110 (US\$ 63)

Custo de deslocamento: R\$ 2.504 (US\$ 1.428)

Média/dia: R\$ 100 (US\$ 57)

Malásia

Quando planejamos a volta ao mundo, estudamos a possibilidade de visitar inúmeros países, porém não incluímos todos na passagem de volta ao mundo. Preferimos deixar alguns de fora porque não tínhamos certeza se os visitaríamos e porque poderíamos alcançá-los com custo razoável a partir de locais que estavam incluídos na passagem de volta ao mundo.

Existem cidades na Ásia que funcionam como [airline hubs](#). São centros de conexões para a aviação, cidades de onde saem voos convenientes para muitos destinos da região e do mundo. Entre elas, destacam-se [Bangkok](#), [Hong Kong](#), [Kuala Lumpur](#) e [Singapura](#).

Bangkok e Hong Kong estavam incluídas em nossa passagem de volta ao mundo. Nós as usamos como base para alcançar outros destinos na Ásia. O primeiro caso ocorreu em Bangkok, de onde voamos para [Kuala Lumpur](#), a capital da [Malásia](#).

Decidimos ir para a Malásia com apenas três dias de antecedência. As passagens já estavam caras. Curiosamente, a que encontramos com melhor

preço foi da [EgyptAir](#). A companhia operava voos de longa distância que saíam do Egito e alcançam diversos destinos na Ásia usando Bangkok como centro de conexão. Havia um voo, por exemplo, que partia do Cairo e ia até Kuala Lumpur, fazendo conexão em Bangkok. Nem todos os passageiros iam até Kuala Lumpur. Alguns desciam em Bangkok. Então a [EgyptAir](#) vendia passagens mais baratas para ocupar os assentos vagos no voo final de Bangkok para Kuala Lumpur.

Esse tipo de coisa não acontece só na Ásia, ocorre no mundo todo, até mesmo no Brasil. Por exemplo, a [Emirates](#) tem um voo de Dubai para Buenos Aires com conexão no Rio de Janeiro. Algumas pessoas descem no Rio, o que deixa assentos vagos. A companhia vende esses assentos para quem deseja ir apenas do Rio para Buenos Aires, muitas vezes com preços inferiores aos de outras companhias que operam nesse trajeto, como a Gol e a Latam. Esse fenômeno é comum em voos que ligam grandes *hubs*. No caso, Rio de Janeiro e Buenos Aires também são centros de conexões para a aviação, assim como Bangkok e Kuala Lumpur.

Quando tentei comprar a passagem, tive uma surpresa. O cartão de crédito não passava. Temos vários cartões de crédito e nenhum deles funcionou. O problema não foi falta de saldo, mas sim excesso de zelo por parte das operadoras de cartões de crédito. Elas costumam ser particularmente cuidadosas na hora de autorizar compras de passagens aéreas, especialmente de companhias localizadas em alguns países em desenvolvimento. Isso ocorre porque o índice de fraudes online é alto nestes países, o que leva a um cuidado excessivo por parte da Visa e da Mastercard.

Depois de muitas tentativas, todas frustradas, desisti de comprar a passagem pelo site da [EgyptAir](#), porém não desisti da passagem em si. Em casos como este, há algumas alternativas. A gente pode buscar uma agência de viagem e fazer a compra através dela, seja pagando com cartão de crédito ou até mesmo em dinheiro. Ou podemos tentar fazer a compra usando outros sites que também vendam a mesma passagem. Foi o caminho que usamos.

A melhor opção que encontrei foi a [Orbitz](#). Como a empresa é americana e considerada confiável pelas operadoras de cartão de crédito, a compra da passagem foi aprovada sem dificuldade. O valor que pagamos foi ligeiramente superior ao que pagaríamos se comprássemos pelo site da EgyptAir, contudo esse nem sempre é o caso. Às vezes sai até mais barato

comprar por outros sites, em vez de diretamente pelo site da companhia aérea. Considere essa possibilidade sempre que reservar seus voos.

Essa ida para Kuala Lumpur ainda nos reservaria outros desafios. Quando busquei hospedagem, tive dificuldade de encontrar algo que coubesse no orçamento. Achei estranho, pois sabia que a cidade tinha uma grande oferta de acomodações baratas. Logo descobri a causa do problema. Chegaríamos na véspera do [Grande Prêmio de F1 da Malásia](#). A cidade estava cheia de visitantes, então havia poucos lugares vagos.

Alta temporada, período de férias, feriados regionais, festivais e grandes eventos são um tormento para quem vive como nômade digital, como o caso da Malásia ilustra. Se tivéssemos nos planejado melhor e com mais antecedência, teríamos escolhido outras datas para visitar o país. Apesar deste inconveniente, tivemos a sorte de achar um hotel simples na parte indiana da cidade.

Que bom seria se todos os problemas dessa viagem ficassem restritos apenas ao voo e à acomodação. O pior ainda estava por vir. Pati foi picada pelo mosquito da dengue em Phuket e começou a sentir os sintomas quando estávamos voando para Kuala Lumpur. Teve febre e uma dor de cabeça horrível durante todo o voo.

Planejamos passar apenas alguns dias na cidade e ir para Singapura em seguida. Tivemos de mudar de planos. Cancelamos a ida para Singapura e passamos pouco mais de uma semana em Kuala Lumpur para Pati se tratar. Assim que passou o evento da F1, mudamos de hotel. Fomos para um lugar mais caro, porém melhor.

A boa notícia é que pudemos conhecer o atendimento médico no país. Visitamos uma clínica e um hospital privados. Ambos se mostraram rápidos, eficientes e baratos. Depois descobrimos que a Malásia é um dos melhores destinos do mundo para quem deseja fazer tratamento médico. Oferece um serviço de alta qualidade com preços baixos. Pudemos constatar que isso é verdade.

A Malásia revelou-se um destino conveniente para nômades digitais. Brasileiros podem ficar no país por até 90 dias sem necessidade de visto. Kuala Lumpur tem uma infraestrutura excelente. Há uma ampla oferta de acomodações com preços bons. É um lugar conveniente para usar como base para visitas a outros destinos no Sudeste Asiático.

O país tem uma grande diversidade étnica. Sua população divide-se em três grandes grupos: malaios, chineses e indianos. O inglês é usado como

[língua franca](#), o que torna a vida mais fácil para visitantes estrangeiros. Sinais de trânsito, cardápios e até mesmo formulários dos hospitais são escritos em inglês. E todo mundo fala o idioma. Portanto a comunicação é mais fácil que na Tailândia.

A diversidade étnica também contribui para uma culinária mais variada. É possível comer todo tipo de comida na Malásia e os preços são bons.

As desvantagens de Kuala Lumpur, entretanto, são as mesmas que identificamos em Bangkok. A cidade é uma selva de pedra um tanto feia e muito quente. Como fica próxima à [linha do equador](#), é tão ou mais quente que Bangkok. Também chove quase todos os dias. São aquelas tempestades de verão que chegam, fazem um estrago e vão embora pouco tempo depois. Não é o tipo de lugar que a gente curte, mas é uma cidade importante para quem é nômade digital.

Saldo da Malásia

Número de dias: 8

Custo de viagem: R\$ 2.825 (US\$ 1.561)

Média/mês: R\$ 10.595 (US\$ 5.854)

Média/dia: R\$ 353 (US\$ 195)

Custo de acomodação: R\$ 1.425 (US\$ 784)

Média/mês: R\$ 5.344 (US\$ 2.940)

Média/dia: R\$ 178 (US\$ 98)

Custo de deslocamento: R\$ 1.400 (US\$ 777)

Média/dia: R\$ 175 (US\$ 97)

Hong Kong

[Hong Kong](#) é uma [cidade-estado](#) com excelente infraestrutura e preços para lá de elevados. A acomodação é cara e os espaços são minúsculos. A topologia lembra a do Rio de Janeiro. Há diversas montanhas e as áreas construídas se espremem entre elas.

Assim que chegamos, fomos a uma agência, no próprio aeroporto, onde demos entrada no pedido de visto para a China. O procedimento foi mais

simples e rápido do que teria sido em um consulado chinês. A agência prometeu devolver nossos passaportes no dia seguinte, já com os vistos, e cumpriu.

Alugar apartamento em Hong Kong me lembrou a dificuldade de fazê-lo no Rio. Os preços eram altos e os imóveis ruins. Com muito custo, achei um lugar bom ([fotos](#)), em uma área central, por um valor que podíamos pagar.

Chegamos ao apartamento exaustos, conversamos com a dona por alguns minutos e fomos dormir logo depois. No meio da madrugada, um maluco começou a bater na porta e nos acordou. Sem abri-la, dialogamos com ele. A conversa que se desenrolou daria um filme, de tão alucinada.

O pior é que ele dizia que chamaria a polícia e eu só ficava pensando no que seria discutir com ela sem nem ao menos ter os passaportes com a gente. Felizmente não chegamos a esse ponto. Por via das dúvidas, conversamos com a dona do apartamento no dia seguinte e nos mudamos para outro lugar.

Esse episódio ocorreu em nossa primeira visita. Fomos quatro vezes para a cidade ao longo de algumas semanas porque a usamos como base para voar para a China, a Coreia do Sul e Taiwan. Também obtivemos o visto para Taiwan em Hong Kong. O procedimento foi simples e o documento foi entregue rapidamente.

Em uma de nossas visitas, fomos jantar com as pessoas que conhecemos em Delhi. Elas nos levaram a um restaurante de frutos do mar. Em Hong Kong, assim como em outras partes da Ásia, as pessoas dão muito valor a comer frutos do mar que estejam tão frescos quanto possível. Nesse restaurante, por exemplo, havia diversos tanques de água, cada um contendo um tipo de animal. Todos os bichos estavam vivos. Tínhamos de ir até os tanques e escolher que animais queríamos comer. O funcionário "pescava" aqueles que a gente apontava e os levava imediatamente para a cozinha. Foi uma experiência nova para nós. Achamos um tanto "exótica" em um primeiro momento, mas o jantar foi delicioso.

Hong Kong é uma [Região Administrativa Especial da China](#). No entanto, ao contrário do que dá a entender, Hong Kong não é a China. É um território autônomo que segue regras próprias, diferentes das que a China adota. Por exemplo, brasileiros precisam de visto para a China, porém não para Hong Kong. Podem permanecer por um período de até 90 dias.

Ao contrário da China, Hong Kong opera como um país que possui grande liberdade econômica. É um dos melhores lugares do mundo para se abrir uma empresa. É particularmente útil para empreendedores digitais, razão pela qual diversos nômades digitais escolhem abrir suas empresas lá.

Hong Kong é um destino importante para nômades digitais, especialmente para os que têm rendimentos elevados. O acesso à internet é um dos mais rápidos do mundo. A infraestrutura é excelente, o transporte público é eficiente e a proximidade com a China é útil para quem tem certos tipos de negócios.

Saldo de Hong Kong

Número de dias: 8 (em 4 visitas distintas)

Custo de viagem: R\$ 1.769 (US\$ 973)

Média/mês: R\$ 6.635 (US\$ 3.649)

Média/dia: R\$ 221 (US\$ 122)

Custo de acomodação: R\$ 1.180 (US\$ 640)

Média/mês: R\$ 4.425 (US\$ 2.400)

Média/dia: R\$ 148 (US\$ 80)

Custo de deslocamento: R\$ 589 (US\$ 333)

Média/dia: R\$ 74 (US\$ 42)

China

Viajamos pela [China](#) durante três semanas e visitamos as três cidades mais turísticas: [Xangai](#), [Pequim](#) e [Xi'an](#). Utilizamos voos da *low cost* [China Eastern](#) para chegar a cada uma delas. Ficamos preocupados com a barreira do idioma. Esperávamos que pouca gente falasse inglês, como no caso do Japão. Foi uma das razões que nos fez buscar hotéis, em vez de apartamentos do [Airbnb](#). A recepção do hotel, onde os funcionários falam inglês, torna-se um local conveniente para a gente pedir ajuda, tirar dúvidas e traduzir o que for preciso. Além disso os preços dos hotéis eram acessíveis.

[Xangai](#) foi a cidade de que mais gostei. Assim como Hong Kong, tem um jeitão futurista que nunca vimos em nenhuma outra parte do mundo. Ambas nos fazem pensar que estamos em uma cena do filme [Blade Runner](#). Quando anoitecia, íamos para a beira do rio no [Bund](#) (o lado mais tradicional) para ver os arranha-céus em [Pudong](#) (o lado mais moderno). Cada um deles se transformava em um monitor gigantesco, que mostrava mensagens, desenhos e anúncios. Uma paisagem surreal e futurista que raramente encontramos em outros lugares.

Quando estávamos na cidade, nossos amigos da Austrália se juntaram a nós. Isso tornou a visita ainda mais especial. Foi uma das primeiras vezes que experimentamos a sensação de reencontrar amigos ao longo da jornada, algo que aconteceu outras vezes depois. Todas as ocasiões foram sempre especiais.

Um aspecto que nos chamou a atenção em Shanghai foi a riqueza que parecia estar presente por todos os lados, algo que também percebemos em Hong Kong. As marcas mais luxuosas do mundo tinham diversas lojas pela cidade, Ferraris e Lamborghinis eram vistos com facilidade pelas ruas, restaurantes luxuosos estavam sempre repletos de clientes. A cidade nos transmitia a sensação de riqueza e crescimento. Ao mesmo tempo, tinha áreas mais tradicionais, onde víamos pessoas simples nas praças passeando, dançando, praticando esportes e jogando com os amigos. A pobreza também existia, contudo a riqueza era o que mais chamava a atenção.

Pequim revelou-se uma cidade igualmente interessante, porém com aspectos menos modernos que Xangai. O ritmo nos pareceu mais tranquilo e as pessoas mais simpáticas. Quando estávamos perdidos ou precisando de algo, sempre vinha alguém e oferecia ajuda. Fizemos uma amiga na cidade, conversamos muito com ela e aprendemos bastante.

Ela morava em um [hutong](#), em uma casa simples onde não havia banheiro. Não imaginávamos que alguém pudesse morar em uma casa sem banheiro. Ela nos contou que muita gente morava nessas condições. Havia banheiros públicos nas proximidades que atendiam aos moradores do bairro.

Em Pequim surgiu a necessidade de lavar as roupas. O hotel cobrava um valor alto por cada peça e já havia muitas para lavar. Perguntei sobre lavanderias e descobri que praticamente não existiam. Os chineses não consideram higiênico misturar suas roupas com as de outras pessoas, então quase todos os apartamentos têm máquina de lavar roupas. Aparentemente,

a única exceção era a universidade, onde havia lavanderias para atender aos alunos que moravam nos alojamentos.

Um dia eu peguei as roupas sujas e fui para a [Universidade de Pequim](#) com o firme propósito de encontrar a tal lavanderia. Andei muito pelo *campus* até encontrá-la. Chegando lá, havia duas funcionárias que não falavam uma única palavra em inglês. Usei tanta mímica quanto minha criatividade foi capaz de expressar, porém não consegui me comunicar com elas. Nessa época eu ainda não tinha um aplicativo de tradução no *smartphone*. Saí de lá frustrado e sem lavar as roupas. De volta ao hotel, lavamos algumas mudas na banheira.

Pequim também foi o lugar onde Pati teve de usar um "banheiro oriental" pela primeira vez. É aquele tipo que não tem vaso sanitário. No lugar dele, existe apenas um buraco no chão. É preciso se agachar para atender ao chamado da natureza. Pelo seu relato, pude constatar que não foi uma experiência agradável. Até mesmo nos *shopping centers* tais banheiros eram instalados. Felizmente ela descobriu que o banheiro dos deficientes físicos, quando existia, tinha vaso sanitário.

[Xi'an](#) é onde estão os famosos [Guerreiros de Terracotta](#). Preferimos não visitá-los depois de passar por algumas furadas e decepções turísticas em Pequim. Gostamos da cidade. Foi a que nos mostrou o lado mais tradicional da China, dentre as três que visitamos. Ela conta com uma muralha enorme, em formato retangular, com 14 quilômetros de extensão. É a maior do mundo cercando uma área urbana. Boa parte do centro da cidade encontra-se em seu interior. Subimos a muralha, alugamos uma bicicleta e percorremos todo o perímetro dela. Foi um programa divertido que recordaremos com carinho.

A China nos surpreendeu de forma positiva. É um lugar onde poderíamos passar mais tempo com facilidade. Os preços são acessíveis, a infraestrutura é boa (ao menos nas cidades que visitamos), as pessoas são amigáveis e há muita coisa interessante para ver e aprender. A internet, por outro lado, é censurada. Alguns sites não funcionam. Contornamos o problema usando uma [VPN](#).

Come-se bem na China. Ao contrário do que alguns pensam, as pessoas não comem insetos, ratos e outros seres pouco nobres. Ao menos não no dia a dia das cidades que visitamos. Nós até vimos espetinho de escorpião, carne de cobra e coisas do gênero, porém nossa amiga chinesa explicou que, com frequência, tais itens são destinados aos turistas, mais que aos

próprios chineses. Os turistas são os maiores interessados em comidas exóticas, então os vendedores lhes oferecem o que estão buscando.

No cotidiano, os chineses comem muita verdura fresca, arroz, carne de porco e de franco, com os mais diversos tipos de preparação. A culinária é diversificada e tem grandes diferenças ao redor do país. Usa-se o gengibre como tempero em muitos pratos, o que eu adoro. Os restaurantes oferecem uma grande variedade de pratos. Os menus têm muitas páginas e, com frequência, fotos dos pratos.

Os chineses não têm o costume de beber água gelada. Ela é servida quente ou morna, até mesmo em bebedouros. Isso nos pareceu estranho em um primeiro momento. Nas refeições, as pessoas bebem chá, em vez de bebidas geladas. É um hábito que nos pareceu estranho em um primeiro momento, porém apreciamos depois. Passei a gostar de beber chá de jasmim nas refeições.

O modo de servir e comer também é diferente. O mais comum é que os pratos sejam divididos, em vez de individuais. Quando as pessoas sentam-se para comer, elas escolhem diversos pratos para o grupo como um todo. Eles são colocados no centro da mesa e todos servem-se de um pouco de cada item. A refeição é uma experiência compartilhada.

Foi na China que deixei de ser vegetariano depois de quase seis anos sem comer carne. Eu vinha sentindo que essa opção não estava sendo boa para mim. Quando começamos a viajar com frequência, tornou-se mais difícil continuar como vegetariano. Nem sempre achávamos opções de pratos que não tivessem carne. Tampouco cozinhávamos em casa. Com frequência, para evitar a carne, eu apelava para massas e outros alimentos ricos em carboidratos. Isso, aliado ao deslumbre inicial da vida nômade e aos excessos gastronômicos, me fez engordar demais.

Se eu passasse a comer carne, teria mais facilidade de encontrar refeições que não me engordassem, que fossem mais baseadas em proteínas e vegetais. Além disso, Pati não teria mais de aturar minhas limitações, que sempre criavam inconvenientes na hora de comer. Eu também sentia que estava desperdiçando diversas oportunidades. Estava viajando o mundo e deixando de experimentar tudo o que ele tinha para oferecer do ponto de vista gastronômico.

Não é impossível viajar pelo mundo e ser vegetariano, tanto que muita gente o faz. No entanto, confesso que fiquei mais feliz com o que comia

depois que voltei a comer carne. A viagem tornou-se ainda melhor para nós dois e logo comecei a perder peso.

Apesar de ter tanta gente quanto a Índia, os lugares não nos pareceram tumultuados nem caóticos na China, em comparação. Tudo era mais organizado por lá. Tampouco encontramos a pobreza aguda que vimos na Índia por todos os lados. É curioso que esses países, que têm as maiores populações do planeta, tenham se desenvolvido de formas tão distintas. Saímos da China com vontade de voltar e passar mais tempo.

A China é um destino interessante para nômades digitais por oferecer um bom equilíbrio entre infraestrutura e custo. O acesso à internet foi bom em todos os lugares que visitamos. Só tivemos de tomar o cuidado de usar uma [VPN](#) para contornar a censura. Outro inconveniente é a necessidade de visto que aplica-se não apenas a brasileiros, mas também a quase todas as demais nacionalidades.

Apesar de ter uma cultura milenar, a China serve como uma espécie de janela para o futuro. Ele chega mais cedo por lá. O país desenvolve-se em ritmo acelerado. É um lugar que nos oferece muitas lições, bem como a possibilidade de eliminar diversos estereótipos.

Saldo da China

Número de dias: 19

Custo de viagem: R\$ 5.907 \$3.253

Média/mês: R\$ 9.326 \$5.136

Média/dia: R\$ 311 \$171

Custo de acomodação: R\$ 1.837 \$1.004

Média/mês: R\$ 2.901 \$1.585

Média/dia: R\$ 97 \$53

Custo de deslocamento: R\$ 4.070 \$2.249

Média/dia: R\$ 214 \$118

Taiwan

O WiFi do taxi foi a primeira coisa que me marcou em [Taipei](#), no caminho do aeroporto ao apartamento. Foi a primeira vez que andei em um taxi com WiFi e a conexão era bem rápida. A segunda foi a imagem do [Taipei 101](#), que aparecia distante no horizonte. As luzes do edifício, que já foi o mais alto do mundo, podiam ser vistas desde muito longe. Os outros prédios pareciam minúsculos em comparação.

Passamos menos de uma semana em [Taiwan](#). O objetivo era apenas fazer um reconhecimento para decidirmos se e quando retornaríamos no futuro. Gostamos dos preços e da infraestrutura.

Encontramos um ótimo apartamento pelo [Airbnb](#) ([fotos](#)), cuja cama era uma das mais confortáveis em que já dormimos. A tarifa era bem acessível. Era o tipo de lugar onde poderíamos passar alguns meses com facilidade. Um excelente custo/benefício.

As pessoas são muito simpáticas e sorridentes em [Taiwan](#). Muita gente fala inglês. Apesar disso, o país é um excelente destino para quem deseja estudar [mandarim](#), o que pode servir, inclusive, para superar uma limitação. Nômades digitais brasileiros precisam de visto para fazer uma visita e a duração é curta, de apenas um mês. Se você deseja estudar mandarim, talvez faça mais sentido solicitar um visto de estudante que lhe dê o direito de passar mais tempo lá.

Taipei oferece excelente infraestrutura, internet rápida, ótima culinária e preços bons. A cidade é quente, porém não tanto quanto outras da Ásia. Também não é tão barata quanto as cidades do Sudeste Asiático. Porém os preços são semelhantes aos praticados no Brasil.

Seria um destino perfeito para nômades digitais brasileiros que passam mais tempo na Ásia, não fosse pela limitação do visto. A menos que você também tenha passaporte de um país europeu, já que, neste caso, é possível visitar o país sem necessidade de visto por até 90 dias.

Saldo de Taiwan

Número de dias: 6

Custo de viagem: R\$ 1.844 (US\$ 1.015)

Média/mês: R\$ 9.220 (US\$ 5.074)

Média/dia: R\$ 307 (US\$ 169)

Custo de acomodação: R\$ 485 (US\$ 264)

Média/mês: R\$ 2.425 (US\$ 1.320)

Média/dia: R\$ 81 (US\$ 44)

Custo de deslocamento: R\$ 1.359 (US\$ 751)

Média/dia: R\$ 227 (US\$ 125)

Coréia do Sul

A [Coréia do Sul](#) foi o último país que visitamos usando Hong Kong como ponto de partida dos voos, bem como o último destino oriental em nossa volta ao mundo. Alugamos um apartamento minúsculo em [Seul](#) ([fotos](#)), cujo valor foi elevado, mas tinha dois aspectos excelentes: a conexão com a internet era muito rápida e a área era uma das mais legais da cidade. Ficamos nas proximidades de [Garosu-gil](#), onde há muitas galerias, lojas bonitas, gente bonita, restaurantes e cafés descolados.

O banheiro do apartamento era do tipo que não tem separação para o chuveiro. Quando você toma banho, molha o piso do banheiro todo. Molhado ele fica daí por diante e sempre que você vai lá, precisa pisar naquela poça d'água. Foi a primeira vez que encontramos um banheiro daqueles. Confesso que não foi amor à primeira vista. Infelizmente não foi a única vez. Esse tipo de banheiro insiste em aparecer pelo caminho de tempos em tempos.

Durante nossa estadia, comemos bem nos restaurantes do bairro e visitamos diversos cafés. Em um deles escutamos música brasileira. Foi lá que comecei a reparar que sempre escutamos música brasileira, praticamente em todos os países que visitamos. É o artigo de exportação brasileiro que mais faz sucesso o redor do mundo.

O país nos lembrou o Japão em muitos aspectos. A cultura é milenar, a tecnologia é muito avançada e se nota por todos os lados, as pessoas são bem educadas e trabalhadoras, a infraestrutura é fantástica e é muito seguro. Por outro lado, Seul não é tão cheia quanto Tóquio. A cidade é cara, porém não mais que as grandes cidades brasileiras.

A Coréia revelou-se o melhor país do extremo oriente para nômades digitais brasileiros. Não há necessidade de visto para nós e podemos ficar lá por até 90 dias. O acesso à internet está entre os mais rápidos do mundo. É fácil achar pessoas que falem inglês. A comida é excelente e há uma

enorme oferta de restaurantes e cafés. A gente não vê a hora de voltar e passar mais tempo por lá.

Saldo da Coréia do Sul

Número de dias: 9

Custo de viagem: R\$ 3.084 (US\$ 1.696)

Média/mês: R\$ 10.280 (US\$ 5.652)

Média/dia: R\$ 343 (US\$ 188)

Custo de acomodação: R\$ 1.210 (US\$ 659)

Média/mês: R\$ 4.033 (US\$ 2.197)

Média/dia: R\$ 134 (US\$ 73)

Custo de deslocamento: R\$ 1.874 (US\$ 1.037)

Média/dia: R\$ 208 (US\$ 115)

Emirados Árabes Unidos

Depois de visitar a China, Taiwan e Coréia do Sul usando Hong Kong como base, retornamos à cidade uma última vez para tomar o voo para [Dubai](#) usando nossa passagem de volta ao mundo. Solicitamos o visto através de uma das agências de turismo que oferecem esse serviço na internet. Ele veio por email em um arquivo PDF que imprimimos e mostramos no momento do *check in*. Tivemos de reservar um hotel usando essa mesma agência e optamos por um na área antiga da cidade, longe dos arranha-céus. Foi uma boa decisão.

Chegamos no auge da primavera quando o calor já beirava o insuportável. Ficar na parte antiga nos permitiu ter contato com a cultura local sem as influências das modernidades ocidentais. Visitamos os [souks](#) e frustramos os vendedores com nossa insistência em não comprar nada. Ficamos impressionados com o mercado de ouro. Nunca vimos tanto ouro quanto naquele lugar.

A parte moderna da cidade nos pareceu uma [Barra da Tijuca](#) com edifícios mais altos, *shoppings* maiores e carros mais caros. Bacana, mas pouco interessante para nós. A melhor parte da visita foi conhecer a

Gláucia, uma brasileira que mora em Dubai há algum tempo. Ela nos levou a alguns lugares e nos ensinou muito sobre os costumes de lá.

Assim como na Índia, um dos aspectos mais peculiares eram as roupas. Os locais vestem-se de forma bastante distinta dos ocidentais. Os homens usam uma [túnica](#) branca que cobre o corpo da cabeça aos pés. As mulheres usam uma [abaya](#) negra que também as cobre da cabeça aos pés. As mãos costumam estar cobertas de joias, os pés apoiam-se sobre sapatos caros e os ombros carregam bolsas de grifes famosas.

Em função do calor, não dá para ficar na rua durante o dia. As pessoas se refugiam no ar condicionado dos *shopping centers* e tivemos de fazer o mesmo. Os *shoppings* são bons e há uma boa oferta de restaurantes servindo comida deliciosa, farta e com bons preços. Eletrônicos também são baratos. Dubai revelou-se um bom lugar para comprá-los, assim como Hong Kong.

A visita à cidade foi interessante. Entretanto não nos pareceu um destino conveniente para nômades digitais brasileiros. A infraestrutura é boa, contudo a acomodação é cara, o calor é excessivo e a necessidade de visto atrapalha. Ele custou caro (US\$ 150 por pessoa) e só nos deu o direito de ficar por até um mês. O acesso à internet era bom, porém vários sites eram censurados. Antes de ir para lá, é preciso estar preparado para usar uma [VPN](#).

Saldo dos Emirados Árabes Unidos

Número de dias: 6

Custo de viagem: R\$ 2.260 (US\$ 1.174)

Média/mês: R\$ 11.300 (US\$ 5.869)

Média/dia: R\$ 377 R\$ 377

Custo de acomodação: R\$ 1.244 (US\$ 624)

Média/mês: R\$ 6.220 (US\$ 3.120)

Média/dia: R\$ 207 (US\$ 104)

Custo de deslocamento: R\$ 1.016 (US\$ 550)

Média/dia: R\$ 169 (US\$ 92)

Jordânia

Engana-se quem pensa que o mundo árabe é homogêneo e que os países árabes compartilham a mesma cultura. Esse está longe de ser o caso. Chegamos à capital da [Jordânia](#) e encontramos um cenário distinto do que vimos em Dubai. A realidade da região onde a Jordânia está é diferente do [Golfo Pérsico](#), onde estão os grandes produtores de petróleo.

Pousamos em [Amã](#) e providenciamos um [visa on arrival](#) antes de passar pela imigração. Compramos *chips* para os telefones no próprio aeroporto e pegamos um ônibus para o centro. Tivemos dificuldade para achar acomodação. Havia hotéis cinco estrelas ou hotéis de quase nenhuma estrela. Era difícil achar algo razoável entre o mais caro e o mais barato. Depois de muita procura, encontramos uma acomodação básica em uma área central. Ela atendeu.

As ruas eram empoeiradas e um tanto sujas, mas não pareciam inseguras. As pessoas eram simpáticas e abriam um sorriso largo quando dizíamos que éramos brasileiros. Logo começavam a falar os nomes dos jogadores de futebol, como se conhecêssemos algum deles.

O que mais me marcou foi o aroma do lugar. O cheiro de café estava sempre presente. Vários estabelecimentos moíam o café e o misturavam com [cardamomo](#) para preparar o "café árabe". O aroma é delicioso, assim como a bebida.

Nos bares e cafés, os frequentadores bebiam chá e fumavam [narguilé](#). Havia grupos de homens, assim como de mulheres. Algumas cobriam a cabeça com o véu islâmico, outras não. Todos reuniam-se em paz e conversavam de forma animada.

Um dia subimos um morro com muito custo e alcançamos a entrada da [cidadela](#) no fim da tarde. O guarda nos disse que estava fechada e não podíamos entrar. Porém havia gente lá dentro visitando e tirando fotos. Percebemos que talvez não estivesse tão fechada assim. Pati insistiu, disse que tinha vindo do Brasil só para visitar aquele lugar, que não teria outros dias e assim por diante. O guarda se sensibilizou e nos deixou entrar. Começamos a gostar do lugar.

Na saída, um motorista de taxi nos abordou e se ofereceu para levar-nos em um passeio pela cidade. Fujo de taxistas como o diabo foge da cruz. Tentei ignorá-lo, mas ele insistiu. O cara era bom de papo. Depois de muita

conversa e negociação, aceitamos a oferta e fomos passear. Verdade seja dita, não tínhamos nada melhor para fazer naquele momento.

Shouk, nosso motorista, levou-nos a lugares interessantes. Durante o passeio, conversamos e aprendemos muito com ele. Um ponto que não sabíamos e que nos chamou a atenção é que a Jordânia abrigava uma população gigantesca de refugiados, que logo cresceria ainda mais devido aos conflitos na Síria, os quais estavam apenas começando.

Apesar de ser um país pobre, [a Jordânia se dispôs a abrigar um número imenso de refugiados](#) há muito tempo. Antes do início dos conflitos na Síria, ela já recebia refugiados do Iraque e da Palestina. Curiosamente, [a maioria dos refugiados da atualidade é recebida por países que não são ricos](#), tais como Jordânia, Turquia, Irã, entre outros. É algo que nos faz refletir.

Shouk fez um bom trabalho. Gostamos dele. Nos dias seguintes, nos levou para [Petra](#) e para o [Mar Morto](#), dois passeios de que gostamos muito. No caminho, conversamos ainda mais. Descobrimos que ele tinha oito filhos. Como ele conseguia sustentá-los permanece um mistério para nós.

No mundo árabe, assim como na Índia e em outros países do oriente, as famílias procuram ter muitos filhos. É uma questão cultural, baseada em diversos costumes. Por exemplo, os pais têm a expectativa de que os filhos os suportem quando estiverem mais velhos, já que não existe previdência social em muitos destes lugares. Quando a família tem algum tipo de empreendimento comercial, o que é comum, os filhos também começam a trabalhar cedo no negócio e transformam-se em bons comerciantes. De fato, os comerciantes árabes estão entre os melhores do mundo. Há muito o que aprender com eles.

Ao fim de nossa estadia, *Shouk* nos levou até a [Ponte Rei Hussein](#), através da qual ingressaríamos em Israel. Gostamos da Jordânia. Vale a pena visitar como turista, especialmente para conhecer [Petra](#) e para ter contato com as pessoas. Contudo o país não é conveniente para nômades digitais. A infraestrutura não é das melhores, a acomodação é cara ou ruim, e a região sofre com o impacto dos conflitos armados que ocorrem nas vizinhanças.

Saldo da Jordânia

Número de dias: 7

Custo de viagem: R\$ 1.032 (US\$ 547)

Média/mês: R\$ 4.422 (US\$ 2.346)

Média/dia: R\$ 147 (US\$ 78)

Custo de acomodação: R\$ 516 (US\$ 256)

Média/mês: R\$ 2.211 (US\$ 1.097)

Média/dia: R\$ 74 (US\$ 37)

Custo de deslocamento: R\$ 516 (US\$ 291)

Média/dia: R\$ 74 (US\$ 42)

Israel

Grande parte dos países islâmicos impede a entrada de estrangeiros que tenham um carimbo de [Israel](#) no passaporte. Tínhamos a intenção de visitar alguns deles, então precisávamos de uma alternativa. Em 2012, utilizar a [Ponte Rei Hussein](#) era uma das melhores formas de tentar entrar em Israel sem receber um carimbo comprometedor no passaporte. A imigração jordaniana não carimbava a saída por essa fronteira e a imigração israelense talvez não carimbasse seu passaporte, se você pedisse.

A travessia foi estressante, porém sem incidentes. A agente de imigração aceitou carimbar um papel separado quando expliquei que iríamos para o Líbano em seguida. Nosso passaporte passou ileso. Pouco tempo depois, já estávamos em [Jerusalém](#), onde passaríamos os próximos dias.

A cidade é fascinante. Pouco depois de nossa chegada, conhecemos uma brasileira que morava na Suíça, mas ia a [Jerusalém](#) todos os anos. Era muito católica e estava hospedada em uma acomodação para peregrinos. Ela nos ensinou muito sobre a cidade e as histórias bíblicas. Como boa mineira, era uma simpatia. Ela tornou nossa estadia para lá de especial.

Visitamos [Jerusalém](#) e [Tel Aviv](#). Aprendemos muito sobre o país. Israel foi o lugar que mais mexeu com a gente durante a volta ao mundo. Ficamos sensibilizados com e a energia especial de Jerusalém e com os conflitos que existem no país. Daria para escrever um livro inteiro sobre nossa estadia, as situações que vivemos lá e as conclusões a que chegamos. No entanto, o lugar é complexo. É complicado julgar estando longe e não estando

envolvido no problema. A chance de errarmos é enorme, por isso preferimos manter nossas conclusões privadas.

Algumas pessoas deixam de visitar Israel por medo de atentados terroristas. A preocupação é compreensível, porém não nos sentimos inseguros no país e adoraríamos voltar em outros momentos. Como não há necessidade de vistos para brasileiros (para estadias de até 90 dias) e o país está próximo da Europa, é um destino atraente para nômades digitais brasileiros.

A infraestrutura é boa. Os preços são altos, porém não muito mais que os praticados em grandes cidades brasileiras. A comida é deliciosa, como em todo o Oriente Médio. Desde 2013, os agentes de imigração já não carimbam mais os passaportes daqueles que ingressam no país. Eles fornecem um pedaço de papel que precisa ser devolvido no momento da partida. Portanto o carimbo no passaporte já não é mais um problema.

Saldo de Israel

Número de dias: 8

Custo de viagem: R\$ 1.944 (US\$ 1.000)

Média/mês: R\$ 7.291 (US\$ 3.750)

Média/dia: R\$ 243 (US\$ 125)

Custo de acomodação: R\$ 1.355 (US\$ 667)

Média/mês: R\$ 5.081 (US\$ 2.501)

Média/dia: R\$ 169 (US\$ 83)

Custo de deslocamento: R\$ 589 (US\$ 333)

Média/dia: R\$ 74 (US\$ 42)

Egito

Voltamos para a Jordânia pela mesma [Ponte Rei Hussein](#) e tomamos um voo para o [Egito](#) em um momento delicado, quando a maioria dos turistas preferiu cancelar as viagens ao país. A [Primavera Árabe](#) começou na [Tunísia](#) e chegou ao Egito onde, no início de 2011, uma revolução derrubou o presidente [Hosni Mubarak](#), no poder há trinta anos. A situação ficou

caótica por algum tempo, até que as primeiras eleições presidenciais foram marcadas para a primavera de 2012. Nós visitamos o país algumas semanas antes do segundo turno, um momento tenso, mas não tanto assim.

O Egito sempre recebeu uma enxurrada de turistas. A ideia de visitar o país e encontrar os pontos turísticos mais vazios me agradava. Pesquisei os relatos de pessoas que estavam lá e todas afirmavam que a situação estava tranquila, apesar dos noticiários alarmantes. Foi o que bastou para irmos.

A parte mais difícil foi aguentar o calor. Não sofremos nenhum tipo de violência durante nossa estadia. Tivemos apenas um pequeno susto no Cairo quando um grupo de pessoas se apavorou com algum incidente e começou a correr. Como parte do efeito manada, também corremos em busca de abrigo. Não chegamos a saber do que as pessoas estavam fugindo. Durou apenas alguns instantes, foi apenas um susto, sem nenhuma consequência.

As pirâmides do Egito estão entre as maiores atrações turísticas do país e do mundo. Visitá-las, entretanto, dá trabalho e exige disposição. Foi lá que vivi uma das situações mais embaraçosas de todos os tempos.

Antes de ir, fiz pesquisas em vários sites de viagem. Descobri que as pirâmides ficam em uma área fechada e você paga um ingresso para entrar nela. Lá dentro, em vez de ficar em paz para circular entre as pirâmides, você precisa enfrentar o assédio de uma legião de vendedores. Tem gente vendendo de tudo, de lembrancinhas a passeios de camelo. Engana-se quem pensa que se tratam de vendedores comuns. Estes são especiais, são verdadeiras pragas. Não desgrudam de você nem por um minuto, especialmente se você lhes der alguma atenção. Um olhar de relance é o que basta para eles interpretarem que você quer fazer negócio. É um inferno.

Gostei de uma ideia que vi em um fórum de viagem. Ir de óculos escuros e fone de ouvido, mesmo que você não esteja escutando música nenhum. Daí os vendedores tentam chamar sua atenção, você os ignora e eles ficam sem saber se você os viu ou não. Adotamos essa ideia e deu certo, se bem que teve vários que xingaram a gente, nossa família e nossos antepassados. Estou certo de que alguns até rogaram pragas. Uma delas me pegou.

Nos sites que pesquisei, os autores alertavam para o potencial de desidratação durante a visita. A área era grande, além disso o deserto e o calor demandam cuidados. Era importante a gente levar uma garrafa d'água

e se hidratar com frequência. Eu, exagerado, preferi levar duas de 1,5 litro. Funcionou. Até demais.

No meio do passeio, quando estávamos em uma área remota, caminhando para visitar uma pirâmide mais distante, senti o chamado da natureza. Eu precisava parar para fazer xixi. Pouco tempo depois, compreendi que havia urgência. A situação foi escalando e a urgência tornou-se urgentíssima. A essa altura, já estávamos voltando para a área menos remota da forma mais rápida possível.

Como você pode imaginar, não havia nenhum banheiro por perto, porém havia vendedores. Eles estavam sempre lá, sempre por perto, rondando a gente. É por isso que, embora estivéssemos no deserto, em uma área enorme, que não se queixaria de ser regada, não dava para urinar ali. Com certeza algum vendedor tentaria nos extorquir sob a alegação de que eu estava fazendo xixi em solo sagrado dos faraós. Isso não podia acabar bem.

Minha inocência e meu otimismo infinito me levaram a crer que alcançaríamos a entrada do parque, onde havia banheiro, antes que o pior acontecesse. Na prática, era mais fácil uma múmia ressuscitar que nós chegarmos a tempo.

Quando já estávamos próximos à [Pirâmide de Quéfren](#), anunciei a derrota. O dique rompeu-se e a represa começou a esvaziar. Com trinta e seis anos na cara, sob o Sol escaldante do Egito, sob o olhar enfurecido do espírito de Quéfren, me mijeí todo. Em seu benefício, leitor ou leitora, que talvez esteja aí querendo mijar-se de rir de meu infortúnio, pouparei os detalhes sórdidos. No entanto, devo dizer que, pelo menos, a viagem ao Egito foi inesquecível.

Havia poucos turistas no Cairo e em outras cidades. [Luxor](#), em particular, estava vazia, embora estivesse distante de qualquer problema político. A situação era tão drástica que os hotéis de luxo jogaram os preços no chão. Aproveitamos a oportunidade e fomos para um deles. Passamos alguns dias descansando e tomando banho de piscina. Além de nós, apenas mais um punhado de hóspedes "corajosos".

O Egito tem muito a oferecer para os turistas, mas é preciso disposição e paciência para lidar com as pessoas que pedem dinheiro de forma insistente nas proximidades e dentro das atrações turísticas. Qualquer coisa é pretexto para pedir dinheiro.

Cairo e Luxor não nos pareceram bons lugares para viver como nômade digital. A infraestrutura não é boa, o calor é excessivo em boa parte do ano

e é desagradável ser tratado como um turista endinheirado o tempo todo.

Saldo do Egito

Número de dias: 9

Custo de viagem: R\$ 3.102 (US\$ 1.577)

Média/mês: R\$ 10.340 (US\$ 5.255)

Média/dia: R\$ 345 (US\$ 175)

Custo de acomodação: R\$ 1.064 (US\$ 525)

Média/mês: R\$ 3.547 (US\$ 1.750)

Média/dia: R\$ 118 (US\$ 58)

Custo de deslocamento: R\$ 2.038 (US\$ 1.052)

Média/dia: R\$ 226 (US\$ 117)

Líbano

[Beirute](#) conserva as cicatrizes da [guerra civil que assolou o país por 15 anos](#). As marcas de balas e bombas ainda são fáceis de achar. A cidade lembra o Rio em alguns aspectos. A começar pelos preços altos das acomodações e pela precariedade do que se obtém em troca, além da proximidade com o mar. Os primeiros dias foram esquisitos. O lugar nos pareceu caótico, caro e acelerado, porém a experiência logo melhorou.

Pati perguntou no Facebook se havia algum brasileiro na cidade. Uma outra Patricia, cujo sobrenome também era Figueira, respondeu que chegaria no dia seguinte e podíamos encontrá-la. A outra Patricia casou-se no ano anterior e tentou contratar Pati para fotografar seu casamento, o que não foi possível por falta de disponibilidade. Quando elas finalmente se conheceram, no [Líbano](#), descobriram que faziam aniversário quase no mesmo dia. Passaram seus aniversários juntas em Beirute.

A outra Patricia conheceu um brasileiro no voo, descendente de libaneses, que estava indo para o casamento de uma sobrinha. Depois de conhecer Pati pessoalmente, ela ofereceu seus serviços de fotografia para a família da noiva, que aceitou de bom grado. Dias depois, Pati fotografou

seu segundo casamento fora do Brasil. Dessa vez, em [Zahlé](#), no interior do Líbano.

Enquanto estávamos em Beirute, também conhecemos a prima de uma noiva cujo casamento Pati havia fotografado no ano anterior. Ela morava com os pais em uma casa linda, na montanha, em um cenário que parecia de filme. Passamos bons momentos com sua família. Em sua companhia, conhecemos lugares badalados e descobrimos um lado de Beirute que não sabíamos que existia. Em nosso último dia, passeamos com toda a família no barco deles e por pouco não perdemos nosso voo para o [Chipre](#).

O Líbano foi o lugar em que melhor pudemos compreender o quanto nossas percepções podem mudar depois de conhecermos e interagirmos com locais. Beirute nos pareceu uma cidade estranha no início, mas isso mudou à medida que fomos conhecendo e interagindo com mais gente. Aos poucos fomos tendo contado com uma face da cidade que jamais teríamos visto se outras pessoas não tivessem nos apresentado o que estava além da superfície.

Os libaneses são muito simpáticos. Sabem celebrar a vida como ninguém. Nos restaurantes, além de aproveitarem a culinária local, que é divina, dançam e se divertem como se não houvesse amanhã. São muito divertidos.

Eles têm uma relação especial com o Brasil, já que a [quantidade de libaneses morando no Brasil é mais que o dobro dos que vivem no próprio Líbano](#). Muitas famílias têm um ou mais parentes no Brasil.

Os dias no Líbano foram intensos e surpreendentes. Fizemos muitos amigos e partimos com a sensação de que poderíamos passar mais tempo. Apesar disso, o país não nos pareceu conveniente para uma temporada como nômade digital

Brasileiros podem visitar o país por até 90 dias sem necessidade de visto. No entanto, a acomodação é cara. A bem da verdade, tudo nos pareceu meio caro. Na época, o acesso à internet também era precário. A velocidade era baixa e o custo era alto. Atualmente, o país convive com o desafio de acomodar uma grande quantidade de refugiados sírios em uma área pequena, que já era fortemente povoada antes da chegada deles.

Saldo do Líbano

Número de dias: 10

Custo de viagem: R\$ 2.919 (US\$ 1.492)

Média/mês: R\$ 8.756 (US\$ 4.477)

Média/dia: R\$ 292 (US\$ 149)

Custo de acomodação: R\$ 1.298 (US\$ 638)

Média/mês: R\$ 3.894 (US\$ 1.914)

Média/dia: R\$ 130 (US\$ 64)

Custo de deslocamento: R\$ 1.621 (US\$ 854)

Média/dia: R\$ 162 (US\$ 85)

Chipre

O [Chipre](#) é uma ilha no extremo oriente do Mar Mediterrâneo da qual nunca tínhamos ouvido falar. No entanto, é um destino turístico bastante frequentado pelos europeus. Voar para lá era a maneira mais simples e barata de sair do Líbano.

Fomos para [Lárnaca](#), onde alugamos um bom apartamento. Descobrimos que a cidade, embora pequena, tinha uma boa infraestrutura, semelhante à de outros destinos europeus. Os preços eram altos, mas não tanto considerando-se que chegamos bem no início do verão europeu. Havia bastante gente, porém o movimento nas praias era tranquilo.

Foi um bom lugar para a gente descansar e se recuperar das visitas aos países do Oriente Médio. Por mais que tenhamos gostado deles, foi cansativo visitá-los, especialmente no ritmo acelerado em que estávamos. Em Lárnaca, pudemos respirar e colocar o trabalho em dia.

O Chipre é um país peculiar. Uma parte da população é de origem grega e outra de origem turca. Ele é dividido em duas partes. A maior, ao sul, é controlada pelo governo oficial, de etnia grega. A menor, ao norte, é controlada pelos turcos e se autodeclarou [República Turca de Chipre do Norte](#). Embora não seja reconhecida pelos demais países, com exceção da Turquia, na prática, funciona como outro país.

[Nicósia](#), a capital do Chipre, é uma cidade "dividida por dois países". Ela é cortada ao meio por muros, grades e outros elementos que servem para separar um país do outro. Nós caminhamos por uma rua de lojas, na parte grega, até alcançar um posto de fronteira, onde fizemos os

procedimentos de imigração para ingressar na [República Turca de Chipre do Norte](#). Caminhamos mais alguns metros e foi o suficiente para vermos um cenário diferente.

Nas lojas, as informações não apareciam mais em grego. Tudo estava escrito em turco. Os preços já não eram mais em euros, mas sim em liras. Várias mensagens de SMS começaram a pipocar no celular. Eram as boas vindas da empresa de telefonia do "país vizinho". Como esses, outros tantos detalhes indicavam que estávamos mesmo em outro país, aos menos em termos práticos. Foi a primeira vez que entramos em um país caminhando. Fomos a um café, experimentamos algumas iguarias locais e voltamos para o lado grego meia hora depois.

O Chipre é um lugar conveniente para nômades digitais brasileiros. Embora faça parte da [União Europeia](#), o país não faz parte do [Acordo de Schengen](#). Brasileiros podem ficar por até 90 dias, dentro de períodos de 180 dias. Em seguida podem ingressar em outros países europeus, inclusive que façam parte do [Acordo de Schengen](#), sem problemas.

A infraestrutura é boa. O acesso à internet funciona bem. As pessoas estão habituadas a estrangeiros e falam inglês, sem problemas. Os preços são altos, mas não tanto quanto em países da Europa Ocidental. O custo de vida é semelhante ao das grandes cidades brasileiras. O tempo é bom a maior parte do ano. Faz muito Sol e há lindas praias para quem quer se bronzear. É uma boa alternativa para fugir do frio no inverno Europeu. Queremos voltar para uma estadia mais longa e experimentar [Limassol](#), que não chegamos a conhecer.

Saldo do Chipre

Número de dias: 4

Custo de viagem: R\$ 1.329 (US\$ 670)

Média/mês: R\$ 9.965 (US\$ 5.021)

Média/dia: R\$ 332 (US\$ 167)

Custo de acomodação: R\$ 567 (US\$ 276)

Média/mês: R\$ 4.253 (US\$ 2.070)

Média/dia: R\$ 142 (US\$ 69)

Custo de deslocamento: R\$ 762 (US\$ 394)

Média/dia: R\$ 190 (US\$ 98)

Grécia

Quais as chances de não alterarmos a passagem de volta ao mundo até o fim da viagem? Desde o início, eu imaginava que eram baixas. [Helmuth Karl Bernhard](#), um importante oficial do exército da [Prússia](#), parece ter cunhado a frase "nenhum plano de batalha sobrevive ao contato com o inimigo". Em outras palavras, "nenhum plano sobrevive ao contato com a realidade". Tudo muda quando o jogo começa e a gente precisa se adaptar.

Quando estávamos em Dubai, Pati recebeu o contato de uma noiva brasileira que era bailarina e morava em Londres. Ela queria que Pati fotografasse seu casamento na capital inglesa e no Rio. Para tornar isso viável, alteramos a passagem de volta ao mundo. Substituímos a [Turquia](#) pela [Grécia](#), porque a logística funcionaria melhor, e Madrid por Londres. A mudança na passagem custou US\$ 160 por pessoa.

A [Grécia](#) faz parte do [Acordo de Schengen](#), que estabelece algumas regras para as visitas aos países membros. Brasileiros podem ficar no país por até 90 dias em um período de 180. Assim como os demais visitantes, estão obrigados a contratar um seguro de saúde internacional. Até então, estávamos viajando sem nenhum seguro. Uma tremenda burrada, que não recomendamos que ninguém faça.

Antes de embarcar para a Grécia, contratamos uma cobertura do [World Nomads](#). Uma das vantagens desse seguro era a possibilidade de contratá-lo depois de ter saído do Brasil. Algumas seguradoras só permitem a contratação do seguro antes do início da viagem. O [World Nomads](#) não tinha essa restrição, o que nos favorecia.

A viagem à Grécia, embora não fizesse parte do plano original, seria agitada. Francine, que tanto nos ajudou no Japão, tiraria férias e a dividiria entre Turquia e Grécia. Portanto, passaríamos alguns dias em Atenas fazendo companhia a ela e ao marido.

Tínhamos um amigo grego no Rio, o Vassilis, mais conhecido como El Grego, que nos apresentou a um casal de amigos em [Atenas](#). Esse casal, que já tinha morado no Brasil, queria fazer um ensaio fotográfico em [Mykonos](#) e Pati topou a ideia.

Tínhamos um outro amigo que era dono de uma das maiores revistas de casamento do Brasil. Ele estava preparando um editorial para promover [Santorini](#) nas páginas da revista. Era um trabalho que já estava programado com uma agência de turismo de [Atenas](#) e para o qual já havia fotógrafos escalados. Assim mesmo, colocou Pati em contato com o pessoal e ela também foi envolvida no trabalho.

Antes de chegar, já sabíamos que os dias seriam corridos, que passaríamos um fim de semana em [Mykonos](#) e outro em [Santorini](#), além de alguns dias dedicados a nossos amigos do Japão. Concluimos que não fazia sentido alugar um apartamento desde o início, já que a estadia ficaria fragmentada.

Reservei um hotel que oferecia um excelente custo/benefício, embora ficasse localizado na parte "perigosa" de Atenas, ou seja, onde havia uma grande população de imigrantes. Logo descobriríamos que na Grécia, tudo "é culpa dos imigrantes".

De fato, o que mais havia nas ruas do lugar eram imigrantes. Era gente da Índia, Filipinas, Paquistão, Albânia e tantas outras nações. As pessoas vestiam-se com suas roupas tradicionais e criavam um contraste interessante com o modo de vestir-se dos gregos, tão semelhante ao nosso.

Nos dias que se seguiram, sempre que contávamos onde estávamos hospedados, os gregos ficavam horrorizados. Acho que nenhum deles jamais colocou os pés nesta área da cidade. Se o tivessem feito, teriam descoberto o mesmo que a gente. Não havia nada demais. Passamos várias semanas nessa área e nunca tivemos nenhum problema. Mais um exemplo da distância entre o que passa nos noticiários e a realidade.

No primeiro fim de semana, fomos para [Mykonos](#), onde Pati fotografou o casal ao qual nosso amigo grego nos apresentou. O lugar é lindo. O casal era divertido e as sessões de fotos foram muito legais. Como Pati não estava cobrando pelo trabalho, não tivemos de pagar pelo *ferry* e nem pela acomodação. Ficamos em um apartamento de amigos do casal, o que foi ótimo, já que a ilha é muito cara, especialmente no verão.

No segundo fim de semana, fomos para [Santorini](#), onde Pati passou alguns dias fazendo um ensaio fotográfico com um casal de modelos. As fotos de Santorini estampam todos os anúncios turísticos que promovem a Grécia. Não é para menos. O lugar é lindo e único. Merece ser visitado e apreciado. Muitas noivas escolhem a ilha para fazer *destination weddings*, celebrar bodas ou renovar votos.

Assim como em Mykonos, não tivemos de pagar nem pelo *ferry* nem pelo hotel. A dona da agência de viagem era uma simpatia, bem como os modelos. Foram muitas sessões fotográficas. Até eu fui me envolvi no processo e assumi o papel de assistente de luz de Pati. Ficava segurando o rebatedor, o [LED](#) ou o *flash*, dependendo da necessidade do momento. Foram dias divertidos, apesar do trabalho intenso.

De volta à Atenas, nos encontramos com Francine e Hideaki. Ficamos no mesmo hotel que eles para facilitar. Matamos as saudades, fizemos vários passeios juntos e comemos muita comida boa.

Depois de todas essas atividades, pudemos sossegar. Alugamos um apartamento em Atenas ([fotos](#)), próximo ao hotel em que ficamos no início, na área considerada ruim, para desespero de nossos amigos.

O apartamento era ótimo. No entanto, Atenas fervia de calor e o ar condicionado da sala não dava vazão. Pedimos ajuda da proprietária e ela enviou um técnico para consertá-lo. Mal ele chegou, seu celular tocou e preencheu o ambiente a voz de [Michel Teló](#), cantando [Ai, seu eu te pego](#). Eu ri.

O técnico bem que tentou, mas o ar condicionado continuou quase tão ruim quanto no início. Era velho e já não funcionava bem. Tivemos de buscar refugio no quarto, onde o outro aparelho funcionava melhor. Passamos muitos dias trancados lá para tirar o atraso do trabalho.

Os pés das cadeiras que usávamos eram de ferro. Havia borrachinhas que serviam de proteção para eles não entrarem em contato com o piso. Elas foram se deteriorando com o passar dos dias, já que ficávamos nessas cadeiras dia e noite. No final, o chão estava com algumas marcas.

Alguns dias depois de nossa partida, a proprietária entrou em contato e queixou-se das marcas no chão. Em um primeiro momento, achamos que elas eram pouco perceptíveis. Porém, depois, quando ela enviou as fotos, me dei conta de que o problema era pior do que havíamos imaginado.

Ela pediu ajuda para pagar pelo reparo e concordamos, naturalmente. A bem da verdade, nós mesmos deveríamos ter oferecido isso antes de deixarmos o apartamento. O conserto ficou em 150 euros. Fizemos a transferência pelo [Paypal](#). Daí por diante, passei a ficar mais atento para não danificar os pisos de outros apartamentos.

Apesar desse incidente, a estadia na Grécia foi muito legal. Adoramos o país. As pessoas são simpáticas, a comida é boa, a infraestrutura é boa, os preços são razoáveis, encontramos acomodação com preços bons e o lugar é

lindo. Mykonos e Santorini são ilhas caras, porém há muitas outras espalhadas pelo país, as quais desejamos conhecer em um futuro próximo. A Grécia é um bom país para nômades digitais brasileiros.

Saldo da Grécia

Número de dias: 36

Custo de viagem: R\$ 6.611 (US\$ 3.427)

Média/mês: R\$ 5.509 (US\$ 2.856)

Média/dia: R\$ 184 (US\$ 95)

Custo de acomodação: R\$ 2.856 (US\$ 1.400)

Média/mês: R\$ 2.380 (US\$ 1.167)

Média/dia: R\$ 79 (US\$ 39)

Custo de deslocamento: R\$ 3.211 (US\$ 1.768)

Média/dia: R\$ 89 (US\$ 49)

Seguro de saúde: R\$ 544 (US\$ 260)

Média/dia coberto: R\$ 15 (US\$ 7)

Reino Unido

[Londres](#) foi a única cidade na volta ao mundo que já conhecíamos previamente. A noiva que contratou Pati se ofereceu para nos hospedar em sua casa, onde ficamos por uma semana. Durante esse tempo, Pati fez inúmeros ensaios fotográficos com ela e o noivo cubano. Eu mantive minha função de assistente de iluminação e adicionei a de motorista em alguns momentos.

Os dias foram intensos e divertidos. Acho que Pati nunca tinha encontrado uma noiva tão a fim de fotos quanto a Robertinha, que tinha as ideias mais mirabolantes. Um dia ela botou na cabeça que queria tirar fotos com um [Porsche](#). Insistiu muito até que seu noivo conseguiu dois. Um do vizinho e outro de um amigo. Fomos para [Windsor](#), onde Pati fez todo tipo de foto imaginável, com Porsche, sem Porsche, com castelo, com castelo e Porsche, entre outras.

O dia foi uma comédia, mas terminou com uma notícia chata. Os três carros (havia também o Mercedes do noivo) foram multados enquanto paramos para fazer algumas fotos. Apesar disso, todos concordaram que valeu a pena.

Passamos poucos dias em Londres, mas eles foram intensos e divertidos. Encerramos a volta ao mundo com chave de ouro.

O [Reino Unido](#) é um ótimo destino para nômades digitais brasileiros, desde que ganhem bem. O país, que está em processo de saída da União Europeia, nunca fez parte do [Acordo de Schengen](#) e permite que brasileiros fiquem lá por até seis meses consecutivos. Portanto é possível ficar na Europa por tempo indeterminado, legalmente, ficando três meses na Área do Schengen e outros três em Londres, por exemplo. A cidade é fantástica e tem uma infraestrutura excelente. Para quem pode pagar o preço, é uma boa opção. Para quem não pode, há alternativas igualmente boas, dentro da Europa e com precinhos camaradas, como mencionarei nos próximos capítulos.

Saldo do Reino Unido

Número de dias: 7

Custo de viagem: R\$ 621 (US\$ 342)

Média/mês: R\$ 2.663 (US\$ 1.465)

Média/dia: R\$ 89 (US\$ 49)

Custo de acomodação: 0

Custo de deslocamento: R\$ 516 \$291

Média/dia: R\$ 74 \$42

Seguro de saúde: R\$ 106 (US\$ 51)

Média/dia coberto: R\$ 15 (US\$ 7)

Argentina

De Londres fomos para Buenos Aires, onde passamos alguns dias descansando. Escolhemos um apartamento em [Villa Crespo](#), um bairro onde

ainda não havíamos ficado. Assim pudemos conhecer mais um pedacinho dessa cidade tão querida.

Saldo da Argentina

Número de dias: 5

Custo de viagem: R\$ 766 (US\$ 371)

Média/mês: R\$ 4.596 (US\$ 2.226)

Média/dia: R\$ 153 (US\$ 74)

Custo de acomodação: R\$ 574 (US\$ 281)

Média/mês: R\$ 3.444 (US\$ 1.686)

Média/dia: R\$ 115 (US\$ 56)

Custo de deslocamento: R\$ 192 (US\$ 90) + 16 mil milhas

Média/dia: R\$ 38 (US\$ 18)

Brasil

Voltamos para o Brasil e alugamos um apartamento no mesmo prédio em que minha irmã morava, em [Camboinhas](#), na Região Oceânica de [Niterói](#). O lugar é lindo, porém um tanto afastado do centro. A mãe de Pati emprestou o carro, então pudemos ficar lá sem problemas.

O bairro é bonito e próximo da praia. A opção pela vida nômade nos deu a oportunidade de viver em outra área de nossa própria cidade. É um detalhe interessante, que não previmos quando adotamos esse estilo de vida. Gostamos demais da experiência e ficamos curiosos em conhecer outras áreas de Niterói e do Rio nas visitas dos anos seguintes.

Além dos casamentos no Rio, Pati também fotografou eventos no Rio Grande do Sul e em Belém, sua cidade natal. Eu viajei para alguns eventos ao redor do Brasil. Um deles ocorreu em [Campo Grande](#), no [Mato Grosso do Sul](#). Após o evento, eu e Rafael Lima, um grande amigo de Niterói, alugamos um carro e fomos visitar [Bonito](#). A visita foi breve, porém adoramos o lugar. Não vejo a hora de levar Pati para conhecer. Apesar de passar muito tempo no exterior, a gente adora viajar pelo Brasil.

Saldo do Brasil

Número de dias: 135 (4,5 meses)

Custo de viagem: R\$ 8.809 (US\$ 4.300)

Média/mês: R\$ 1.950 (US\$ 960)

Média/dia: R\$ 65 (US\$ 32)

Custo de acomodação: R\$ 6.940 (US\$ 3.389)

Média/mês: R\$ 1.530 (US\$ 750)

Média/dia: R\$ 51 (US\$ 25)

Custo de deslocamento: R\$ 1.869 (US\$ 911)

Média/mês: R\$ 420 (US\$ 210)

Média/dia: R\$ 14 (US\$ 7)

A volta ao mundo e os negócios

Durante a volta ao mundo, viajamos rápido demais, passamos por muitas cidades e ficamos pouco tempo na maioria delas. Apesar disso, aprendemos o que esperar de cada parte do mundo. Esse conhecimento foi importante para decidirmos onde passar mais tempo nos anos seguintes.

Conseguimos trabalhar durante a viagem, porém pouco. Trocar de lugares com tanta rapidez atrapalhou bastante. O [Be on the Net](#) funcionou bem a maior parte do tempo. Leandro fez o atendimento aos clientes e eu pude me concentrar apenas em resolver eventuais problemas técnicos, que eram raros, e o controle dos pagamentos, que eram frequentes, porém fáceis de resolver.

Pati teve dificuldade para tratar as fotos de todos os casamentos que estavam pendentes e ainda trabalhar na confecção dos álbuns. Foi bastante desafiador para ela. Da minha parte, apesar de o trabalho demandar menos, eu cuidava de todos os aspectos do planejamento das viagens, o que consumia muito tempo.

A viagem nos ajudou a conhecer o mundo, mas prejudicou nossos negócios. O [Be on the Net](#) era um bom produto e tinha potencial para crescer. Ele precisava de minha atenção e de investimento em divulgação. Como eu estava envolvido na viagem, não lhe dei a atenção necessária.

Leandro, que trabalhava comigo, percebeu que meu desempenho ficou a desejar. Desde que saímos do Brasil, ele começou a trabalhar de casa e isso lhe trouxe inúmeros desafios. Acredito que seu entusiasmo com o [Be on the Net](#) diminuiu.

Pati também começou a se sentir afastada demais do mercado de casamento. Enquanto a sua empolgação com as viagens ia crescendo, o interesse pelos casamentos ia diminuindo, assim como o envolvimento com o mercado.

Analisando em retrospecto, percebo que a volta ao mundo, da maneira como fizemos, foi bastante prejudicial aos negócios. Dali por diante, eles entraram em declínio. Foi uma mudança de rumos brusca demais. Tornou-se uma espécie de férias estendidas.

Teria sido melhor ir mais devagar no início, visitar poucos países, passar mais tempo em cada um, manter o foco no trabalho e consolidar os negócios. Para não dizer que o momento foi de todo inoportuno, a situação do câmbio foi favorável. Teria sido mais custoso fazer uma viagem como essa nos anos seguintes.

A volta o mundo não foi a única decisão questionável do ponto de vista de negócios. Houve outra da qual me arrependo profundamente.

Quando saímos do Brasil, em 2010, praticamente ninguém sabia o que era nômade digital ou tinha interesse em se tornar um. Mesmo depois de começarmos a viajar para diversos destinos, eu achava que estávamos fazendo algo "maluco" demais. Acreditava que pouca gente teria interesse em viver dessa forma. Viajar é algo que sempre despertaria o interesse das pessoas, mas viver viajando me parecia demais. Eu achava que não era possível criar um negócio em torno do assunto nômade digital. Achava que haveria pouco interesse e, portanto, pouca chance de criarmos um negócio lucrativo.

Ao mesmo tempo, logo ficou claro que nossos respectivos negócios demandavam bastante tempo e a viagem também. Relatar o que estava acontecendo na viagem nos tomaria ainda mais tempo. Faria sentido investir esse tempo se acreditássemos que o estilo de vida nômade poderia se tornar popular entre os brasileiros. Caso contrário, seria melhor dedicar nosso tempo às experiências que encontrássemos pelo caminho, ao planejamento das viagens e aos nossos negócios. Como achamos que esse estilo de vida despertaria interesse em pouca gente, não tentamos relatar o que estávamos vivendo.

Até chegamos a criar um blog, postamos algumas vezes, mas logo desistimos e preferimos nos concentrar em viver as experiências com a maior intensidade possível. Escrever sobre o que acontece em uma viagem, postar fotos, postar vídeos, enfim, relatar o que está acontecendo dá muito trabalho. Ele teria de valer à pena e julgamos que não valia.

Esse foi um dos maiores erros que já cometemos na vida e um dos maiores arrependimentos que carrego na atualidade. O que eu descobriria mais tarde é que dá para ganhar dinheiro com qualquer assunto que seja, por menor que seja o nicho de mercado. Ainda mais importante, o tempo mostrou que o interesse dos brasileiros por viver como nômades digitais é maior do que imaginávamos.

Se tivéssemos investido em contar nossa história desde o início, partiríamos de uma base mais robusta quando decidimos investir nesse nicho de mercado. Como não o fizemos, desperdiçamos uma grande oportunidade por falha de avaliação e falta de confiança em nós mesmos. No meu caso, eu sempre gostei de escrever. Eu poderia ter escrito vários livros sobre as experiências que vivenciamos. Não o fiz porque achava que escrever não dava dinheiro. Outro erro grave.

As narrativas que criamos em nossas mentes são poderosas, para o bem e para o mal. Eu, que sempre fui otimista e sempre acreditei que tudo era possível, de repente passei a me comportar de forma covarde. Passei a duvidar das coisas e, conseqüentemente, logo comecei a colecionar infortúnios.

Saldo da Fase 2

Número de dias: 395 (13,2 meses)

Custo de viagem: R\$ 76.989 (US\$ 41.396)

Média/mês: R\$ 5.847 (US\$ 3.144)

Média/dia: R\$ 195 (US\$ 105)

Custo de acomodação: R\$ 36.713 (US\$ 19.380)

Média/mês: R\$ 2.788 (US\$ 1.472)

Média/dia: R\$ 93 (US\$ 49)

Custo de deslocamento: R\$ 38.138 (US\$ 20.961)

Média/mês: R\$ 2.897 (US\$ 1.592)
Média/dia: R\$ 97 (US\$ 53)

Custo de voos: R\$ 32.990 (US\$ 18.234)
Média/dia: R\$ 84 (US\$ 46)
Milhas: 44 mil

Custo de locação de carro: R\$ 5.148 (US\$ 2.727)
Média/dia: R\$ 13 (US\$ 7)

Seguro de saúde: R\$ 619 (US\$ 296)
Dias cobertos: 41
Média/mês coberto: R\$ 453 (US\$ 217)
Média/dia coberto: R\$ 15 (US\$ 7)

Essa foi a fase mais custosa de nossa vida nômade. Mais uma vez, a velocidade da viagem e o número elevado de destinos encareceram nossa vida. Nas fases seguintes, começamos a desacelerar e a viajar de forma mais econômica.

Ficha técnica da fase 2

Voo Rio - Buenos Aires

Companhia aérea: [TAM](#)

Método de reserva: [site da TAM](#)

Data: 1/dez/2011

Antecedência da compra: 30 dias

Por pessoa: 8.000 milhas + R\$ 69 (US\$ 39)

Total: 16.000 milhas + R\$ 137 (US\$ 78)

Apartamento em Buenos Aires (Nuñez)

Apartamento de Flavio

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 4 noites (1 a 5/dez/2011)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: US\$ 50 (R\$ 88)

Taxa do [Airbnb](#): US\$ 20 (R\$ 35)

Cupom de desconto: -US\$ 25 (R\$ 44)

Diária real: US\$ 49 (R\$ 85)

Total: US\$ 195 (R\$ 341)

Passagem de Volta ao Mundo

Aliança: [OneWorld](#)

Companhia aérea emissora: [Quantas](#)

Local de partida e retorno: Buenos Aires

Período: 259 dias - quase 9 meses (5/dez/2011 a 20/ago/2012)

Antecedência da compra: 24 dias

Por pessoa: US\$ 5.067 (R\$ 8.887)

Total: US\$ 10.134 (R\$ 17.775)

Voo Buenos Aires - Sydney

Companhia aérea: [Quantas](#)

Data: 5/dez/2011

Trecho incluído na passagem de volta ao mundo.

Quarto privado em Sydney

[Quarto privado de Linda \(fotos\)](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 6 noites (6 a 12/dez/2011)
Antecedência da reserva: 6 dias
Diária: US\$ 72 (R\$ 130)
Taxa do [Airbnb](#): US\$ 43 (R\$ 78)
Diária real: US\$ 79 (R\$ 142)
Total: US\$ 472 (R\$ 854)

Quarto privado em Sydney (extensão)

[Quarto privado de Linda \(fotos\)](#)

Método de reserva: diretamente com os donos
Estadia: 11 noites (12 a 17 e 23 a 29/dez/2011)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: US\$ 72 (R\$ 131)
Total: US\$ 792 (R\$ 1.442)

Locação de carro em Sydney

Locadora: [Avis](#)

Método de reserva: [Auto Hire Online](#)

Carro: econômico, com ar condicionado, quilometragem livre
Seguro: incluído, franquia de 2.915 AUD (US\$ 2.895 / R\$ 5.421)
Período: 6 dias (17 a 23/dez/2011)
Antecedência da reserva: 3 dias
Diária: 36 AUD (US\$ 36 / R\$ 67)
Total: 215 AUD (US\$ 214 / R\$ 400)

Hotel em Batemans Bay

[Mariners on the Waterfront](#)

Método de reserva: [LastMinute.com](#)
Estadia: 1 noite (17/dez/2011)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: 76 AUD (US\$ 76 / R\$ 140)

Hotel em Lakes Entrance

[Bamboo Motor Inn](#)

Método de reserva: [LastMinute.com](#)
Estadia: 1 noite (18/dez/2011)

Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: 80 AUD (US\$ 80 / R\$ 147)

Quarto privado em Melbourne

[Quarto privado de Scott \(fotos\)](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 4 noites (19 a 23/dez/2011)
Antecedência da reserva: 2 dias
Diária: US\$ 72 (R\$ 133)
Taxa do [Airbnb](#): US\$ 29 (R\$ 54)
Diária real: US\$ 80 (R\$ 147)
Total: US\$ 318 (R\$ 587)

Voo Sydney - Auckland

Companhia aérea: [Quantas](#)
Data: 29/12/2011
Trecho incluído na passagem de volta ao mundo.

Apartamento em Auckland

[Waldorf St Martins Apartments Hotel](#)

Método de reserva: contato por email com o hotel
Estadia: 7 noites (29/dez/2011 a 5/jan/2012)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: 124 NZD (US\$ 96 / R\$ 178)
Total: 870 NZD (US\$ 672 / R\$ 1.252)

Locação de campervan em Auckland

Locadora: [Jucy](#)
Método de reserva: [site da Jucy](#)
Carro: *campervan* simples, com ar condicionado, quilometragem livre
Seguro: incluído, franquia de 3.000 NZD (US\$ 2.318 / R\$ 4.318)
Período: 22 dias (5 a 26/jan/2012)
Antecedência da reserva: 8 dias
Diária: 103 NZD (US\$ 80 / R\$ 148)
Ferry entre as ilhas: 618 NZD (US\$ 478 / R\$ 890)
Total: 2878 NZD (US\$ 2.224 / R\$ 4.143)

Hotel em Queenstown

[Oaks Shores Apartments](#)

Método de reserva: [Expedia.co.nz](#)

Estadia: 7 noites (11 a 17/jan/2012)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 97 NZD (US\$ 77 / R\$ 139)

Total: 681 NZD (US\$ 542 / R\$ 977)

Quarto privado em Wellington

[Quarto privado de Rachel](#) (fotos)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 5 noites (20 a 25/jan/2012)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: US\$ 55 (R\$ 97)

Taxa de serviço: US\$ 28 (R\$ 49)

Diária real: US\$ 61 (R\$ 107)

Total: US\$ 303 (R\$ 535)

Hotel em Auckland

[Airport Garden Inn](#)

Método de reserva: [LastMinute.com](#)

Estadia: 1 noite (25/jan/2012)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 62 NZD (US\$ 52 / R\$ 92)

Voo Auckland - Tokyo

Companhia aérea: [Quantas](#)

Data: 26/jan/2012

Trecho incluído na passagem de volta ao mundo.

Quarto privado em Tóquio

[Quarto privado de Maria e Joana](#) (fotos)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 5 noites (27/jan a 1/fev/2012)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: US\$ 87 (R\$ 153)

Taxa do [Airbnb](#): US\$ 44 (R\$ 78)

Diária real: US\$ 96 (R\$ 170)
Total: US\$ 481 (R\$ 848)

Hotel em Tokyo

[Hotel Mets Komagome](#)

Método de reserva: contato direto feito por nossa amiga Francine
Estadia: 2 noites (1 a 3/fev/2012)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: 11.800 ienes (US\$ 153 / R\$ 268)
Total: 23.600 ienes (US\$ 307 / R\$ 537)

Voo Tokyo - Sapporo

Companhia aérea: [Airdo](#)

Método de reserva: [site da Airdo](#) com a ajuda de Francine
Período: 3 dias (3 a 6/fev/2012)
Antecedência da compra: 1 dia
Por pessoa: 40.540 ienes (US\$ 533 / R\$ 922)
Total: 81.080 ienes (US\$ 1.065 / R\$ 1.845)

Hotel em Sapporo

[Hotel Sunroute New Sapporo](#)

Método de reserva: [Hotels.com](#)
Estadia: 3 noites (3 a 6/fev/2012)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: 6.346 ienes (US\$ 83 / R\$ 144)
Total: 19.039 ienes (US\$ 248 / R\$ 433)

Hotel em Tokyo

[Hotel Mets Komagome](#)

Método de reserva: contato direto feito por nossa amiga Francine
Estadia: 2 noites (6 a 8/fev/2012)
Antecedência da reserva: 3 dias
Diária: 11.800 ienes (US\$ 153 / R\$ 268)
Total: 23.600 ienes (US\$ 307 / R\$ 537)

Hotel em Hiroshima

[Hotel Sunroute Hiroshima](#)

Método de reserva: Booking.com
Estadia: 3 noites (8 a 11/fev/2012)
Antecedência da reserva: 5 dias
Diária: 5.280 ienes (US\$ 69 / R\$ 118)
Total: 15.840 ienes (US\$ 206 / R\$ 354)

Hotel em Kyoto

[APA Villa Hotel Kyoto Ekimae](#)

Método de reserva: contato direto feito por nossa amiga Francine
Estadia: 4 noites (11 a 15/fev/2012)
Antecedência da reserva: 2 dias
Diária: 9.500 ienes (US\$ 121 / R\$ 208)
Total: 38.000 ienes (US\$ 486 / R\$ 833)

Hotel em Tokyo

[Hotel Mets Komagome](#)

Método de reserva: contato direto feito por nossa amiga Francine
Estadia: 2 noites (15 a 17/fev/2012)
Antecedência da reserva: 12 dias
Diária: 11.800 ienes (US\$ 153 / R\$ 268)
Total: 23.600 ienes (US\$ 307 / R\$ 537)

Voo Tokyo - Nova Delhi

Companhia aérea: [JAL](#)

Data: 17/fev/2012

Trecho incluído na passagem de volta ao mundo.

Hotel em Nova Delhi

[Hotel Krishna](#)

Método de reserva: [Agoda](#)
Estadia: 3 noites (17 a 20/fev/2012)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: US\$ 52 (R\$ 90)
Total: US\$ 157 (R\$ 272)

Quarto privado em Nova Delhi

[Quarto privado de Nimish e Nikhaar \(fotos\)](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 2 noites (20 a 22/dev/2012)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: US\$ 57 (R\$ 98)
Taxa do [Airbnb](#): US\$ 14 (R\$ 24)
Diária real: US\$ 64 (R\$ 110)
Total: US\$ 128 (R\$ 220)

Voo New Delhi - Udaipur - Jaipur - New Delhi

Companhia aérea: [Fly Kingfisher](#)
Método de reserva: site da [Fly Kingfisher](#)
Período: 5 dias (22 a 27/fev/2012)
Antecedência da compra: 1 dia
Por pessoa: 13.173 rupias (US\$ 267 / R\$ 458)
Total: 26.346 rupias (US\$ 535 / R\$ 915)

Hotel em Udaipur

[Hotel Aashiya Haveli](#)
Método de reserva: [Hotels.com](#)
Estadia: 3 noites (22 a 25/fev/2012)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: 1.945 rúpias (US\$ 39 / R\$ 68)
Total: 5.836 rúpias (US\$ 118 / R\$ 203)

Hotel em Jaipur

[Anuraag Villa](#)
Método de reserva: [Hotels.com](#)
Estadia: 2 noites (25 a 27/fev/2012)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: US\$ 40 (R\$ 68)
Total: US\$ 79 (R\$ 135)

Hotel em Nova Delhi

[Hotel Delhi Aerocity](#)
Método de reserva: [Booking.com](#)
Estadia: 2 dias (27 a 29/fev/2012)
Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: 1.800 rúpias (US\$ 37 / R\$ 63)

Total: 3.600 rúpias (US\$ 74 / R\$ 126)

Voo Nova Delhi - Bangkok

Companhia aérea: [Cathay Pacific](#)

Data: 29/fev/2012

Trecho incluído na passagem de volta ao mundo.

Hotel em Bangkok

[Viva Garden Serviced Residence](#)

Método de reserva: [Hotels.com](#)

Estadia: 12 noites (29/fev a 12/mar/2012)

Antecedência da reserva: 3 dias

Diária: R\$ 118 (US\$ 69)

Total: R\$ 1.421 (US\$ 831)

Apartamento em Bangkok

[Apartamento de Piam](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 4 noites (12 a 16/mar/2012)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: US\$ 39 (R\$ 69)

Taxa do [Airbnb](#): US\$ 16 (R\$ 28)

Diária real: US\$ 43 (R\$ 76)

Total: US\$ 172 (R\$ 305)

Voo de Bangkok - Phuket - Bangkok

Companhia aérea: [Bangkok Airways](#)

Método de reserva: [site da Bangkok Airways](#)

Período: 8 dias (16 a 24/mar/2012)

Antecedência da compra: 2 dias

Por pessoa: 5.880 baht (US\$ 194 / R\$ 331)

Total: 11.760 baht (US\$ 387 / R\$ 662)

Apartamento em Phuket

[Apartamento de Bjoern](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 8 noites (16 a 24/mar/2012)
Antecedência da reserva: 2 dias
Diária: US\$ 59 (R\$ 107)
Taxa de limpeza: US\$ 16 (R\$ 29)
Taxa do [Airbnb](#): US\$ 49 (R\$ 89)
Diária real: US\$ 67 (R\$ 122)
Total: US\$ 538 (R\$ 976)

Voo Bangkok - Kuala Lumpur - Bangkok

Companhia aérea: [EgyptAir](#)
Método de reserva: [Orbitz](#)
Período: 8 dias (24/mar a 1/abr/2012)
Antecedência da reserva: 3 dias
Por pessoa: US\$ 222 (R\$ 405)
Total: US\$ 444 (R\$ 811)

Hotel em Kuala Lumpur

[Lotus Hotel Masjid India](#)
Método de reserva: [Booking.com](#)
Estadia: 3 noites (24 a 27/mar/2012)
Antecedência da reserva: 3 dias
Diária: 143 MYR (US\$ 46 / R\$ 85)
Total: 429 MYR (US\$ 139 / R\$ 255)

Hotel em Kuala Lumpur

[Somerset Ampang Kuala Lumpur](#)
Método de reserva: [Agoda.com](#)
Estadia: 5 noites (27/mar a 1/abr/2012)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: US\$ 112 (R\$ 203)
Total: US\$ 560 (R\$ 1.015)

Quarto privado em Singapura (cancelado)

Quarto privado de Utkarsh
Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 5 noites (27/mar a 1/abr/2012)
Antecedência da reserva: 5 dias

Diária: US\$ 70 (R\$ 128)
Taxa do [Airbnb](#): US\$ 35 (R\$ 64)
Diária real: US\$ 77 (R\$ 140)
Total: US\$ 385 (R\$ 702)
Reembolso pelo cancelamento: US\$ 300 (R\$ 547)
Despesa efetiva: US\$ 85 (R\$ 155)

Hotel em Bangkok próximo ao aeroporto

[Regent Suvarnabhumi Hotel](#)

Método de reserva: [Hotels.com](#)

Estadia: 1 noite (1/abr/2012)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: R\$ 58 (US\$ 32)

Voo Bangkok - Hong Kong

Companhia aérea: [Cathay Pacific](#)

Data: 02/abr/2012

Trecho incluído na passagem de volta ao mundo.

Apartamento em Hong Kong

[Apartamento de Alice](#) ([fotos](#))

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 3 noites (2 a 5/abr/2012)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: US\$ 58 (R\$ 106)

Taxa do [Airbnb](#): US\$ 17 (R\$ 31)

Diária real: US\$ 64 (R\$ 116)

Total: US\$ 191 (R\$ 348)

Voo Hong Kong - Xangai - Beijing - Xi'An - Hong Kong

Companhia aérea: [China Eastern](#)

Método de reserva: [Orbitz](#)

Período: 19 dias (5 a 24/abr/2012)

Antecedência da compra: 1 dia

Por pessoa: US\$ 729 (R\$ 1.335)

Total: US\$ 1.458 (R\$ 2.670)

Hotel em Xangai

[Jinjiang Inn Shanghai Huaihai East Road](#)

Método de reserva: [Agoda.com](#)

Estadia: 7 noites (5 a 12/abr/2012)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: US\$ 49 (R\$ 89)

Total: US\$ 340 (R\$ 623)

Hotel em Beijing

[Beijing Hubei Hotel](#)

Método de reserva: [Agoda.com](#)

Estadia: 7 noites (12 a 19/abr/2012)

Antecedência da reserva: 7 dias

Diária: US\$ 72 (R\$ 132)

Total: US\$ 506 (R\$ 925)

Hotel em Xi'an

[Jinjiang Inn Xi'an Jiefang Road Wanda Square](#)

Método de reserva: [Agoda.com](#)

Estadia: 5 noites (19 a 24/abr/2012)

Antecedência da reserva: 9 dias

Diária: US\$ 32 (R\$ 59)

Total: US\$ 158 (R\$ 289)

Hotel em Hong Kong

[Hotel de Edge](#)

Método de reserva: [Hotels.com](#)

Estadia: 3 noites (24 a 27/abr/2012)

Antecedência da reserva: 13 dias

Diária: R\$ 207 (US\$ 95)

Cupom de desconto: -R\$ 101 (US\$ 55) [Hotels.com](#) dá desconto a cada dez reservas.

Total: R\$ 522 (US\$ 285)

Voo Hong Kong - Taipei - Hong Kong

Companhia aérea: [Hong Kong Airlines](#)

Método de reserva: [site da Hong Kong Airlines](#)

Período: 6 dias (27/abr a 3/mai/2012)
Antecedência da compra: 16 dias
Por pessoa: 1.946 HKD (US\$ 251 / R\$ 458)
Total: 3.892 HKD (US\$ 501 / R\$ 917)

Apartamento em Taipei

[Apartamento de Wesley](#) ([fotos](#))

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 6 noites (27/abr a 3/mai/2012)

Antecedência da reserva: 12 dias

Diária: US\$ 40 (R\$ 73,43)

Taxa do [Airbnb](#): US\$ 24 (R\$ 44)

Diária real: US\$ 44 (R\$ 81)

Total: US\$ 264 (R\$ 485)

Hotel em Hong Kong

[Evergreen Hotel](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (3/mai/2012)

Antecedência da reserva: 13 dias

Diária: 640 HKD (US\$ 82 / R\$ 155)

Voo Hong Kong - Seul - Hong Kong

Companhia aérea: [China Eastern](#)

Método de reserva: [Orbitz](#)

Período: 9 dias (4 a 13/mai/2012)

Antecedência da compra: 23 dias

Por pessoa: US\$ 331 (R\$ 606)

Total: US\$ 662 (R\$ 1.211)

Apartamento em Seul

[Apartamento de Jag](#) ([fotos](#))

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 9 noites (4 a 13/mai/2012)

Antecedência da reserva: 18 dias

Diária: US\$ 65 (R\$ 119)

Taxa de limpeza: US\$ 20 (R\$ 37)

Taxa do [Airbnb](#): US\$ 54 (R\$ 99)
Diária real: US\$ 73 (R\$ 134)
Total: US\$ 659 (R\$ 1.210)

Hotel em Hong Kong

[Evergreen Hotel](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (13/mai/2012)

Antecedência da reserva: 23 dias

Diária: 640 HKD (US\$ 82 / R\$ 155)

Voo Hong Kong - Dubai

Companhia aérea: [Cathay Pacific](#)

Data: 15/mai/2012

Trecho incluído na passagem de volta ao mundo.

Visto para Dubai

Método: agência [SouthTravels.com](#)

Data: 02/mai/2012

Por pessoa: US\$ 150 (R\$ 288)

Total: US\$ 300 (R\$ 574)

Hotel em Dubai

[Savoy Crest Hotel Apartments](#)

Método de reserva: contato por email com [SouthTravels.com](#)

Estadia: 6 noites (15 a 21/mai/2012)

Antecedência da reserva: 13 dias

Diária: US\$ 104 (R\$ 207)

Total: US\$ 624 (R\$ 1.244)

Voo Dubai - Amã

Companhia aérea: [Royal Jordanian](#)

Data: 21/mai/2012

Trecho incluído na passagem de volta ao mundo.

Hotel em Amã

[Arab Tower Hotel](#)

Método de reserva: Booking.com
Estadia: 2 noites (21 a 23/mai/2012)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: 25 JOD (US\$ 35 / R\$ 71)
Total: 50 JOD (US\$ 70 / R\$ 142)

Hotel em Jerusalém

[Capitol Hotel Jerusalem](#)

Método de reserva: Hotels.com
Estadia: 5 noites (23 a 28/mai/2012)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: R\$ 174 (US\$ 85)
Total: R\$ 870 (US\$ 425)

Apartamento em Tel Aviv

[Apartamento de Asaf](#)

Método de reserva: Airbnb
Estadia: 3 noites (28 a 31/mai/2012)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: US\$ 73 (R\$ 146)
Taxa do Airbnb: US\$ 22 (R\$ 44)
Diária real: US\$ 81 (R\$ 162)
Total: US\$ 242 (R\$ 485)

Hotel em Amã

[Arab Tower Hotel](#)

Método de reserva: AsiaRooms.com
Estadia: 4 noites (31/mai a 04/jun/2012)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: US\$ 36 (R\$ 72)
Total: US\$ 144 (R\$ 288)

Hotel em Petra

[Hidab Hotel](#)

Método de reserva: Hotels.com
Estadia: 1 noite (4/jun/2012)
Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 30 JOD (US\$ 42 / R\$ 86)

Voo Amã - Cairo

Companhia aérea: [EgyptAir](#)

Método de reserva: [Orbitz](#)

Data: 5/jun/2012

Antecedência da compra: 1 dia

Por pessoa: US\$ 208 (R\$ 424)

Total: US\$ 416 (R\$ 849)

Hotel em Cairo

[Luna & Bella Luna Hotel](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 4 noites (5 a 9/jun/2012)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: US\$ 50 (R\$ 102)

Total: US\$ 200 (R\$ 408)

Voo Cairo - Luxor - Cairo

Companhia aérea: [EgyptAir](#)

Método de reserva: [site da EgyptAir](#)

Período: 5 dias (9 a 14/jun/2012)

Antecedência da compra: 2 dias

Por pessoa: 787 EGP (US\$ 130 / R\$ 263)

Total: 1.574 EGP (US\$ 261 / R\$ 526)

Hotel em Luxor

[Maritim Jolie Ville Kings Island Luxor](#)

Método de reserva: [Agoda.com](#)

Estadia: 5 noites (9 a 14/jun/2012)

Antecedência da reserva: 3 dias

Diária: US\$ 65 (R\$ 131)

Total: US\$ 325 (R\$ 656)

Voo de Cairo para Beirute

Companhia aérea: [MEA](#)

Método de reserva: [site da MEA](#)

Data: 14/jun/2012
Antecedência da compra: 8 dias
Por pessoa: US\$ 219 (R\$ 442)
Total: US\$ 438 (R\$ 884)

Hotel em Beirute

[Diana Tower Hotel](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 1 noite (14/jun/2012)
Antecedência da reserva: 6 dias
Diária: US\$ 63 (R\$ 128)
Taxa do [Airbnb](#): US\$ 8 (R\$ 16)
Diária real: US\$ 71 (R\$ 144)
Total: US\$ 71 (R\$ 144)

Hotel em Beirute

[Diana Tower Hotel](#)

Método de reserva: diretamente com o hotel
Estadia: 9 noites (15 a 24/jun/2012)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: US\$ 63 (R\$ 128)
Total: US\$ 567 (R\$ 1.154)

Voo de Beirute - Larnaca

Companhia aérea: [Cyprus Airways](#)
Método de reserva: site da [Cyprus Airways](#)
Data: 24/jun/2012
Antecedência da compra: 1 dia
Por pessoa: 91 euros (US\$ 114 / R\$ 233)
Total: 181 euros (US\$ 227 / R\$ 467)

Apartamento em Larnaca

[Eleonora Hotel Apartments](#)

Método de reserva: [Agoda.com](#)
Estadia: 4 noites (24 a 28/jun/2012)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: 55 euros (US\$ 69 / R\$ 142)

Total: 220 euros (US\$ 276 / R\$ 567)

Seguro de saúde internacional

Seguradora: [Bupa](#)

Método de reserva: [World Nomads](#)

Período: 41 dias (28/jun a 8/ago/2012)

Cobertura: mundial, exceto Brasil e EUA

Por pessoa: US\$ 148 (R\$ 309)

Total: US\$ 296 (R\$ 619)

Voo de Larnaca - Atenas

Companhia aérea: [Aegean](#)

Método de reserva: [site da Aegean](#)

Data: 28/jun/2012

Antecedência da compra: 2 dias

Por pessoa: 108 euros (US\$ 135 / R\$ 279)

Total: 216 euros (US\$ 269 / R\$ 559)

Hotel em Atenas

[Centrotel](#)

Método de reserva: [Hotels.com](#)

Estadia: 1 noites (28/jun/2012)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: R\$ 104 (US\$ 50)

Apartamento em Mykonos

Apartamento emprestado

Estadia: 2 noites (29/jun a 1/jul/2012)

Total: zero

Hotel em Atenas

[Centrotel](#)

Método de reserva: [Hotels.com](#)

Estadia: 4 noites (1 a 5/jul/2012)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: R\$ 102 (US\$ 50)

Total: R\$ 408 (US\$ 200)

Alteração na passagem de volta ao mundo

Companhia aérea emissora: [Quantas](#)

Data da alteração: 4/jul/2012

Por pessoa: US\$ 324 (R\$ 654)

Total: US\$ 647 (R\$ 1.306)

Hotel em Santorini

Método de reserva: agência [Travel Zone](#)

Estadia: 3 noites (5 a 8/jul/2012)

Total: zero

Hotel em Atenas

[Eridanus Art Luxury Hotel](#)

Método de reserva: [Hotels.com](#)

Estadia: 3 noites (8 a 11/jul/2012)

Antecedência da reserva: 7 dias

Diária: R\$ 172 (US\$ 85)

Total: R\$ 515 (US\$ 255)

Hotel em Atenas

[Centrotel](#)

Método de reserva: [Hotels.com](#)

Estadia: 3 noites (11 a 14/jul/2012)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: R\$ 100 (US\$ 49)

Total: R\$ 299 (US\$ 147)

Apartamento em Atenas

[Apartamento de Artemis \(fotos\)](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 19 noites (14/jul a 2/ago/2012)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: 29 euros (US\$ 35 / R\$ 72)

Taxa do [Airbnb](#): 63 euros (US\$ 77 / R\$ 157)

Diária real: 32 euros (US\$ 39 / R\$ 80)

Total: 613 euros (US\$ 748 / R\$ 1.530)

Voo Atenas - Londres

Companhia aérea: [British Airways](#)

Data: 2/ago/2012

Trecho incluído na passagem de volta ao mundo.

Quarto privado em Londres

Quarto na casa de amigos

Estadia: 7 noites (2 a 9/ago/2012)

Voo Londres - Buenos Aires

Companhia aérea: [British Airways](#)

Data: 9/ago/2012

Trecho incluído na passagem de volta ao mundo.

Apartamento em Buenos Aires (Villa Crespo)

[Apartamento de Kicca](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 5 noites (10 a 15/ago/2012)

Antecedência da reserva: 29 dias

Diária: 33 euros (US\$ 40 / R\$ 82)

Taxa de limpeza: 41 euros (US\$ 50 / R\$ 102)

Taxa do [Airbnb](#): 25 euros (US\$ 30 / R\$ 62)

Diária real: 46 euros (US\$ 56 / R\$ 115)

Total: 230 euros (US\$ 281 / R\$ 574)

Voo Buenos Aires - Rio

Companhia aérea: [TAM](#)

Método de reserva: [site da TAM](#)

Data: 15/ago/2012

Antecedência da compra: 42 dias

Por pessoa: 8.000 milhas + R\$ 91 (US\$ 45) de taxas

Total: 16.000 milhas + R\$ 182 (US\$ 90) de taxas

Apartamento em Niterói

Apartamento em Cambinhas

Método de reserva: imobiliária em Niterói

Estadia: 95 dias (17/ago a 20/nov/2012)
Diária: R\$ 69 (US\$ 34)
Parcela de 20/set/2012: R\$ 2.200 (US\$ 1.086)
Parcela de 22/out/2012: R\$ 2.004 (US\$ 989)
Parcela de 20/nov/2012: R\$ 2.004 (US\$ 962)
Parcela de 24/dez/2012: R\$ 388 (US\$ 187)
Total: R\$ 6.596 (US\$ 3.224)

Voo Rio - São Paulo

Companhia aérea: [Webjet](#)
Método de reserva: site da [Webjet](#)
Data: 29/ago/2012
Antecedência da compra: 6 dias
Por pessoa: R\$ 131 (US\$ 65)
Apenas eu viajei nesse voo.

Voo São Paulo - Rio - São Paulo

Companhia aérea: [Webjet](#)
Método de reserva: site da [Webjet](#)
Período: 3 dias (3 a 6/set/2012)
Antecedência da compra: 1 dia
Por pessoa: R\$ 300 (US\$ 147)
Apenas eu viajei nesse voo.

Hotel do Empreendaframps

[El Shadai Park Hotel](#)

Método de reserva: organização do evento
Estadia: 3 noites (7 a 10/set/2012)
Diária por participante do evento: R\$ 150 (US\$ 74)
Total pago: R\$ 450 (US\$ 221)

Voo São Paulo - Rio

Companhia aérea: [Avianca](#)
Método de reserva: [site da Avianca](#)
Data: 10/set/2012
Antecedência da compra: 20 dias
Diária: R\$ 131 (US\$ 65)

Apenas eu viajei nesse voo.

Voo Rio - Campo Grande - Rio

Companhia aérea: [Azul](#)

Método de reserva: organização do evento StartupDojoMS

Período: 3 dias (26 a 29/out/2012)

Antecedência da compra: 8 dias

Por pessoa: R\$ 719 (US\$ 354)

A passagem foi paga pelos organizadores do evento.

Apenas eu viajei nesse voo.

Hotel em Campo Grande

[Hotel Harbor Self Buriti Suítes](#)

Método de reserva: organização do evento StartupDojoMS

Período: 2 noites (26 a 28/out/2012)

Antecedência da reserva: 2 dias

Total: desconhecido. Pago diretamente pelos organizadores do evento.

Pousada em Bonito

[Pousada Galeria Artes](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (28/out/2012)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: R\$ 145 (US\$ 72)

Voo Rio - Belém - Rio

Companhia aérea: [TAM](#)

Método de reserva: cliente de Pati

Período: 3 dias (13 a 15/nov/2012)

Total: desconhecido. Pago pela cliente de Pati.

Hotel em Belém

[Radisson Hotel Belém](#)

Método de reserva: cliente de Pati

Período: 3 dias (13 a 15/nov/2012)

Total: desconhecido. Pago pela cliente de Pati.

Voo Rio - Porto Alegre

Companhia aérea: [Gol](#)

Método de reserva: [site da Gol](#)

Data: 21/nov/2012

Antecedência da compra: 16 dias

Por pessoa: R\$ 147 (US\$ 72)

Total: R\$ 295 (US\$ 145)

Hotel em Porto Alegre

[Collins Trade Hotel](#)

Método de reserva: [Booking](#)

Estadia: 1 noite (21/nov/2012)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: R\$ 200 (US\$ 96)

Locação de carro em Porto Alegre

Locadora: [Movida](#)

Método de reserva: [Rentcars.com](#)

Carro: econômico com ar condicionado e quilometragem livre

Seguro: incluído, franquia de R\$ 1.500

Período: 4 dias (22 a 26/nov/2012)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: R\$ 151 (US\$ 72)

Total: R\$ 605 (US\$ 289)

Hotel em Porto Alegre

[Eko Residence Hotel](#)

Método de reserva: [Booking](#)

Estadia: 1 noite (25/nov/2012)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: R\$ 144 (US\$ 69)

Voo Porto Alegre - Rio

Companhia aérea: [TAM](#)

Método de reserva: [site da TAM](#)

Data: 26/nov/2012

Antecedência da compra: 21 dias

Por pessoa: R\$ 184 (US\$ 90)

Total: R\$ 368 (US\$ 181)

Voo Rio - João Pessoa - Rio

Companhia aérea: [TAM](#)

Método de reserva: [site da TAM](#)

Antecedência da compra: 12 dias

Período: 5 dias (28/nov a 3/dez/2012)

Por pessoa: 12.000 pontos + R\$ 39 (US\$ 19)

Só eu fui nessa viagem.

Pousada em João Pessoa

[Pousada Bela Praia](#)

Método de reserva: nossos amigos fizeram a reserva

Estadia: 5 noites (28/nov a 3/dez/2012)

Antecedência da reserva: 5 dias

Diária: R\$ 70 (US\$ 33)

Total: R\$ 350 (US\$ 166)

Capítulo 5

Turquia e Argentina - Fase 3 (2013)

Diante dos excessos que cometemos na volta ao mundo, planejamos visitar poucos lugares no ano seguinte e passar mais tempo em cada um. Embora nossa jornada tenha começado em 2010, apenas em 2013 adotamos um ritmo mais sustentável e compatível com a vida de um nômade digital.

Alemanha

Uma das grandes dúvidas de quem deseja viver como nômade digital é como gastar menos com passagens aéreas. É uma questão importante, porém enganosa. Às vezes, o mais barato sai mais caro do que a gente imagina.

Ir para a [Turquia](#) era o nosso objetivo inicial nesta nova fase. Partiríamos no fim do ano (de 2012). Um período complicado, por ser véspera de *réveillon*. Os preços tendem a aumentar.

Achei que era melhor, em princípio, buscar o voo mais barato possível para alcançar a Europa. Uma vez lá, eu sabia que poderíamos pegar outro voo barato para chegar até a [Turquia](#). A melhor alternativa que consegui foi um voo direto até [Frankfurt](#), na [Alemanha](#), o qual reservei quase um mês antes da viagem. Dez dias depois, faltando apenas 15 dias para a viagem, fiz a reserva do voo que nos levaria de [Frankfurt](#) para [Istambul](#).

A voo do Rio para Frankfurt é longo e cansativo. Chegaria bem no dia 31 de dezembro. Achei melhor a gente passar duas noites na cidade, descansar, deixar o *réveillon* passar e continuar para Istambul em seguida.

Como você já pode imaginar, não foi o *réveillon* mais divertido do mundo. Estávamos cansados da viagem, então não nos animamos a sair. Só vimos alguns fogos de artifício pela janela do quarto do hotel. Fazia muito frio do lado de fora, já que era inverno. Da janela, víamos as pessoas na rua e nenhuma delas estava de branco, como no Brasil. Todas portavam seus casacos negros. Que diferente!

Embarcamos para Istambul no dia 2 de janeiro, depois de gastar uma bela quantia em Frankfurt. Esse é o ponto que desejo expor a sua análise. O voo Rio - Frankfurt - Rio custou US\$ 2.588 para nós dois. As duas noites que passamos no hotel de Frankfurt custaram US\$ 171. O voo Frankfurt - Istambul - Frankfurt custou US\$ 500. O custo total de ir do Rio para Istambul, portanto, foi de $2.588 + 171 + 500 = \text{US\$ } 3.259$.

O custo é ainda maior. Enquanto estávamos em Frankfurt, a gente precisava comer e se locomover. A passagem de metrô do aeroporto para o centro da cidade custava 4,25 euros por pessoa. O café da manhã do hotel custava 15 euros por pessoa. Um almoço ruim não saia por menos de 10 euros. Está percebendo o problema?

O que eu não entendia na época é que a pergunta certa não é como a gente faz para comprar passagens aéreas baratas, e sim como a gente faz para gastar o mínimo possível para ir de um ponto a outro. Às vezes, a melhor solução é pagar uma passagem aérea mais cara.

No caso de nossa jornada até Istambul, talvez não conseguíssemos uma passagem por US\$ 2.588, o valor que pagamos até Frankfurt. Mas talvez houvesse alguma por até US\$ 3000, por exemplo, que nos levasse diretamente à Istambul. Isso já seria menos do que nós gastamos. Além disso, consumiria menos tempo e daria menos trabalho. Em Frankfurt, a gente teve de pegar as malas, levar até o hotel, fazer *check in*, passar dois dias, preparar as malas de novo, fazer *check out*, ir até o aeroporto, fazer *check in*, passar pela imigração e por aí vai. Tremenda burrada.

É verdade que um voo Rio - Istambul - Rio não nos atenderia. A volta não poderia partir de Istambul. Passaríamos 100 dias na Europa e apenas uma parte desse período na Turquia. Era mais conveniente que o voo de retorno partisse de alguma cidade mais central na Europa, como Frankfurt. Porém isso não justificava a trapalhada que fizemos.

Poderíamos comprar um voo cuja ida fosse para Istambul, mas que a volta partisse de Frankfurt. Passagens deste tipo são chamadas de [open-jaw](#). O pior é que eu as conhecia. Tanto que usei uma quando viajamos para a Europa no início de 2011. Chegamos em Madrid, e retornamos de Paris. Fiquei tão concentrado em economizar no voo que não calculei o custo total da jornada entre o Rio e Istambul. Grande erro. Não caia nessa armadilha.

Frankfurt é um excelente *hub* (centro de conexões). É um local conveniente para ir e vir da Europa. Nós utilizamos o aeroporto de lá diversas vezes. A cidade nunca nos encantou, porém tem algumas

conveniências, além dos voos de/para todas as partes do mundo. Para quem curte os produtos da Apple, por exemplo, há uma Apple Store.

Saldo da Alemanha

Número de dias: 2

Custo de viagem: R\$ 497 (US\$ 238)

Média/mês: R\$ 7.461 (US\$ 3.565)

Média/dia: R\$ 249 (US\$ 119)

Custo de acomodação: R\$ 358 (US\$ 171)

Média/mês: R\$ 5.370 (US\$ 2.565)

Média/dia: R\$ 179 (US\$ 86)

Custo de deslocamento: R\$ 109 (US\$ 52)

Média/dia: R\$ 54 (US\$ 26)

Seguro de saúde: R\$ 30 (US\$ 15)

Média/dia coberto: R\$ 15 (US\$ 7)

Turquia

Quando fizemos a volta ao mundo, tivemos de remover a [Turquia](#) do roteiro e substituí-la pela [Grécia](#). Isso nos deixou ainda mais curiosos para conhecer o país. Como seria inverno na Europa, imaginamos que a [Turquia](#) poderia ser um destino oportuno. Não faz tanto frio em [Istambul](#) quanto em outras cidades européias. Menos turistas visitam a cidade, o que nos daria a chance de conhecê-la com mais tranquilidade. Também encontraríamos hospedagem com preços mais acessíveis.

[Istambul](#) está entre as [dez cidades mais visitadas do mundo](#). Ao mesmo tempo, é o lar de uma imensa quantidade de pessoas. É a [quarta cidade mais populosa do planeta](#). Há uma grande oferta de acomodações, porém elas nem sempre são baratas, já que há demanda o ano todo.

O desafio era encontrar um apartamento que fosse bom, bem localizado, conveniente para trabalharmos e cujo preço coubesse em nosso orçamento.

Na época, em função da cotação do dólar, o ideal era pagar até US\$ 50 por dia.

Encontrei um apartamento promissor em uma área central, próximo à [Praça Taksim](#). Ele parecia respeitar todos os requisitos ([fotos](#)), mas o preço era um pouco acima do que queríamos pagar. Entrei em contato com Murat, o proprietário, expliquei-lhe que desejávamos ficar dois meses, perguntei-lhe se aceitaria nos alugar por um período tão longo e qual a melhor tarifa que poderia oferecer.

Murat disse que até preferia fazer locações mais longas. Ele cobrou US\$ 1.800 por mês, o que daria US\$ 60 por dia. A locação de dois meses custaria US\$ 3.600 e ainda teríamos de acrescentar a taxa do [Airbnb](#).

Expliquei-lhe que nosso orçamento era de até US\$ 1.500 por mês, portanto de US\$ 3.000 no total. Perguntei-lhe se poderia nos fazer um desconto para viabilizarmos a estadia. Também lhe expus uma preocupação. O apartamento não tinha máquina de lavar roupas. Questionei-lhe se teríamos dificuldade para encontrar lavanderias em Istambul. Sugeri que continuássemos a conversa trocando emails de forma direta porque tínhamos interesse de pagá-lo em dinheiro, se fosse possível.

Murat descobriu meu email buscando no Google e enviou-me uma contraproposta. Ofereceu US\$ 3.250 pelo período de 57 dias. Isso significaria US\$ 57 dólares por dia e estaria acima de nosso orçamento. No entanto, como bom negociador que os turcos são, acrescentou três bônus: faxina uma vez por semana, troca da roupa de cama e toalhas uma vez por semana e lavanderia para nossas roupas. Ele se encarregaria de buscá-las toda semana e enviá-las para a lavanderia, de onde voltariam lavadas e passadas.

Traduzindo sua oferta, ele estava propondo que a gente pagasse US\$ 7 a mais que o nosso orçamento por dia. Isso dava US\$ 49 por semana, algo como R\$ 102 na cotação da época. Valia a pena pagar mais R\$ 102 por semana para ter faxina, toalhas e roupas de cama trocadas e as roupas lavadas, sem nem mesmo ter que levá-las à lavanderia? Claro que sim.

Murat também aceitava receber a maior parte do pagamento em dinheiro. Ele sugeriu que a gente reservasse apenas as três primeiras noites pelo [Airbnb](#) e pagasse o restante em dinheiro no momento do *checkin*. Isso nos geraria uma economia substancial.

A taxa do [Airbnb](#) seria de aproximadamente 10%, o que nos custaria US\$ 325 dólares, quase R\$ 700. A possibilidade de fazer o pagamento em

dinheiro já geraria uma economia quase suficiente para pagar os US\$ 7 dólares adicionais no valor da diária. Era uma ótima proposta. Nós a aceitamos com um sorriso de orelha a orelha.

Comento isso para reforçar um ponto: é importante negociar com os proprietários dos apartamentos. O potencial de economia é grande. Neste caso, por exemplo, se não tivéssemos negociado, gastaríamos US\$ 3.600 + 10% = US\$ 3.960 (R\$ 8.237). Em vez disso, pagamos um total de US\$ 3.268 (R\$ 6.829), já considerando a reserva inicial de três dias, via [Airbnb](#), e o restante do período, que pagamos diretamente em dinheiro. A economia total foi de US\$ 692 (R\$ 1.408), um bom valor para um período de apenas dois meses. E ainda recebemos um serviço melhor.

Estadias mais longas, em particular, merecem ser negociadas. Elas significam mais dinheiro para os proprietários. Mesmo que ofereçam um desconto, eles ganharão mais do que se o imóvel ficasse vago por muitos dias. Eles sabem disso, portanto não tenha medo de pedir desconto. Ao mesmo tempo, se você também for proprietário de um imóvel, pense em algum bônus que você possa oferecer a seus hóspedes para convencê-los a alugar com você, mesmo que você não lhes dê todo o desconto que pedirem.

Descobertas iniciais

Nós nos apaixonamos por Istambul logo nos primeiros dias. A cidade tem tanto a oferecer que é difícil decidir por onde começar. Um dos primeiros aspectos que chamou nossa atenção é a beleza, tanto natural, quanto arquitetônica. Veja as [fotos de Pati](#).

A cidade é cortada pelo [Estreito de Bósforo](#), que a divide entre o continente europeu e o asiático. A área banhada pelo [Bósforo](#) é enorme e lindíssima. Dezenas de *ferries* o atravessam dia e noite, levando gente de um lado para o outro. A travessia é uma experiência imperdível.

A parte mais antiga da cidade, chamada de [Sultanahmet](#), é uma península coberta de prédios lindos. No passado, era [Constantinopla](#), que foi uma das capitais do [Império Romano](#), antes de tornar-se capital do [Império Bizantino](#). Séculos depois, Istambul virou capital do [Império Otomano](#).

A área em que a cidade se encontra vem sendo habitada há mais de oito mil anos. É um museu a céu aberto. A história está por todos os lados. Suas

manifestações podem ser vistas na arquitetura, divina, nas tradições, nas artes, nas comidas e nas bebidas. Come-se muito bem na Turquia. Dá água na boca só de lembrar.

Há muito o que fazer em Istambul. A mistura de mundo ocidental com oriental torna o lugar muito interessante. As mesquitas impressionam pela grandiosidade e pela beleza, tanto por fora quanto por dentro. São algumas das construções mais lindas que já encontramos ao redor do mundo.

O trânsito é infernal, porém conseguíamos evitá-lo porque a localização do apartamento nos permitia fazer tudo à pé ou usando transportes públicos que não sofriam com engarrafamentos, tais como *tram*, funicular, *ferry* e metrô. A cidade é bem cuidada e o transporte público funciona bem. Para pagar por ele, utiliza-se um cartão chamado [Istanbulkart](#), que a gente consegue recarregar de maneira fácil e prática.

O momento do ano foi oportuno. A temperatura variava entre zero e dez graus, o que era apazível para nossos gostos. Raramente nevava. A casa tinha um bom aquecedor e não era frio demais quando íamos para a rua.

Estratégia para fazer amigos

Como ficaríamos dois meses na cidade, queríamos uma forma de fazer amigos. Eu tinha ouvido falar do [Couchsurfing](#) há algum tempo, porém não tinha paciência de criar um perfil no sistema. O site era uma bagunça. Eu desanimava sempre que tentava usá-lo. Em função do trabalho, eu não achava que ficar hospedado na casa de outras pessoas fosse conveniente para nós. Por outro lado, a ideia de participar de eventos e conhecer pessoas fazia sentido.

Fiz o cadastro e verifiquei os eventos que existiam em Istambul. Havia uma infinidade deles, pelo menos um para cada dia da semana. Fomos ao primeiro que encontramos e foi proveitoso. Conhecemos diversas pessoas, algumas locais e outras que estavam de passagem. Anna era uma delas. Uma alemã simpática que conversou com a gente por um bom tempo.

Esse evento foi um divisor de águas para nós. Até então, não tínhamos uma estratégia para conhecer pessoas pelo caminho. As que conhecemos foram por acaso. Como estávamos viajando de forma rápida, isso não era um problema grave, porém agora que ficaríamos mais tempo em uma única cidade, era importante fazer amigos.

Fomos a outro evento do [Couchsurfing](#) na semana seguinte. Anna estava lá novamente, porém acompanhada de seu namorado turco, Cenk. Começamos a conversar e não paramos mais. Cenk nos convidou para tomar um café da manhã tradicional no dia seguinte. Fomos e nos deliciamos com as iguarias. A partir desse dia, viramos "amigos de infância" do casal. Passamos a sair com eles todos os finais de semana.

Istambul tornou-se nossa casa. Criamos uma rotina que nos permitia trabalhar e conhecer a cidade com calma. Foi a primeira vez que alcançamos um bom equilíbrio entre trabalho e passeios. À medida que as semanas foram passando, conhecemos mais gente nos encontros do Couchsurfing e ficamos ainda mais próximos de Cenk e Anna.

Essa temporada nos ensinou que é possível chegar em uma cidade nova, de um país em que nunca estivemos, e estabelecer relacionamentos fortes com rapidez. Conseguimos ter uma vida social tão intensa quanto a que tínhamos em Niterói.

Amigos sírios

Uma noite, fomos a um evento de tecnologia e conhecemos quatro estudantes de computação da [Síria](#), dois de [Alepo](#) e dois de [Damasco](#). Se você os visse nas ruas do Brasil, pensaria que eram brasileiros. Eles se pareciam com a gente e se comportavam de forma semelhante, porém conviviam com uma realidade difícil.

Um deles, Mawaheb, tornou-se um grande amigo. Sua história é triste, mas merece ser contada, pois tem muito a ensinar. Quando o conhecemos, ele tinha 25 anos. Era de [Alepo](#), onde estudava Engenharia de Computação. Estava no quarto ano e faltava apenas um para se formar. Seus pais eram dentistas. A família tinha uma vida de classe média semelhante a de tantas outras ao redor do Brasil.

Em Alepo, ele escutava o barulho de bombas explodindo, mísseis sendo lançados, helicópteros passando de um lado para o outro, tiroteios e caças lançando bombas sobre diversas partes da cidade. Todos os dias. Cada explosão significava que algumas pessoas tinham perdido a vida ou sido feridas. Dentre elas, crianças, mulheres, idosos e pais de família. Uma realidade dolorosa, contra a qual ele não conseguia fazer nada.

Em casa, faltava eletricidade a maior parte do tempo. Telefone e acesso à internet raramente funcionavam. Assim mesmo, a vida continuava. Só que

o estresse era permanente. No verão de 2012, oito meses antes de nos conhecermos, ele aproveitou as férias da faculdade e embarcou em uma viagem de duas semanas para a Turquia. Estava cansado da guerra que começou no ano anterior, 2011. Queria passar uns dias em algum lugar, em paz, para recarregar as energias.

[Ancara](#), capital da Turquia, foi seu primeiro destino. Ele tinha ouvido falar do [Couchsurfing](#) e queria experimentá-lo. Um rapaz turco aceitou hospedá-lo. Foi uma experiência excelente. Na sequência, foi para Istambul e tentou o [Couchsurfing](#) mais uma vez.

Ele ainda não tinha colocado muitos detalhes em seu perfil, então ninguém lhe ofereceu estadia, a não ser um rapaz sérvio chamado Lazar Pascanovic. Ele era um dos fundadores do [The Travel Club](#), que tinha acabado de estreitar uma [Travel House em Istambul](#).

A [Travel House](#) era um um apartamento alugado no centro de Istambul que oferecia acomodação gratuita para viajantes por um prazo máximo de cinco dias. A ideia era permitir que visitantes conhecessem a cidade com o menor custo possível. Bastava chegar com um saco de dormir e respeitar as regras da casa, que ficaria em operação por dois meses, durante o período de verão. Em seguida, fecharia e reabriria apenas no verão seguinte, em outra parte do mundo.

Mawaheb foi passar alguns dias na casa e adorou a experiência. Foi bem acolhido pelos demais viajantes e fez grande amigos. A maioria vinha da [Sérvia](#), onde surgiu o [The Travel Club](#). Enquanto estava lá, recebeu a notícia de que a fronteira da Turquia com a Síria havia sido fechada devido ao agravamento dos conflitos.

Ele ficou sem saber o que fazer. Não podia voltar para casa e não conseguia comunicar-se com a família. Não sabia nem se ela ainda estava viva. Para complicar, estava levando pouco dinheiro, afinal, saíra de casa para passar apenas duas semanas na Turquia. Não havia planejado ficar lá por muito tempo.

Ele passou a acompanhar os noticiários dia e noite com a esperança de que a situação melhorasse, as fronteiras fossem reabertas e ele pudesse voltar para casa. Entretanto, as notícias só pioravam. Cinco dias se passaram desde sua chegada. Estava na hora de ele ir embora, já que a casa só permitia que os hóspedes ficassem até cinco dias. Conscientes da situação em que ele estava, os organizadores da casa permitiram que ele

ficasse tanto tempo quanto necessário. Foi uma tremenda ajuda, em um dos momentos mais dramáticos de sua vida.

A acomodação ajudou, mas o dinheiro logo acabou. Para fazê-lo durar um pouco mais, ele começou a pular refeições e a comer apenas o mínimo necessário para forrar o estômago. Às vezes, só conseguia pagar por um pedaço de pão e um copo de [ayran](#), uma espécie de iogurte salgado, muito consumido na Turquia. Perdeu 15 quilos nos primeiros três meses.

Ironicamente, só voltou a comer bem quando começou o [ramadã](#), o período do ano em que os muçulmanos praticam o jejum durante o dia e só comem quando o Sol se põe. Ao fim do dia, acontece o [iftar](#). É a primeira refeição, aquela que quebra o jejum. Ela costuma ser comunitária. O governo turco fornecia comida e bebida gratuita durante o [iftar](#) em algumas partes da cidade.

Mawaheb caminhava 11 quilômetros por dia, em cada sentido, para alcançar uma dessas áreas da cidade, onde ele fingia fazer parte da equipe de limpeza e recolhia as sobras. Foi com elas que se alimentou durante o mês do [ramadã](#). Ele sentia-se envergonhado por recolher as sobras, porém era melhor que pedir dinheiro na rua, algo que ele não tinha intenção de fazer.

Depois de algumas semanas, perdeu as esperanças de voltar para casa e aceitou sua realidade. Ele precisava arrumar uma forma de ganhar dinheiro. Na Síria, ele já tinha feito vários trabalhos na área de computação. Trabalhou com manutenção de equipamentos, foi consultor e gerente de TI, entre outras coisas.

Começou a buscar emprego nas áreas em que já tinha atuado. Ofereceu seus serviços para administradoras de *shopping centers*, grandes lojas de equipamentos de informática e outros locais. Suas tentativas foram em vão. Sem falar turco, sem um documento de identidade turco e sem uma permissão de trabalho ninguém estava disposto a lhe empregar.

Consciente de que não conseguiria trabalhar com o mesmo que fazia na Síria, passou a buscar outros tipos de emprego. Estava disposto a fazer qualquer coisa. Bateu em muitas portas e não conseguiu nada.

Sua situação era desesperadora e logo ficaria pior. O período de funcionamento da [Travel House](#) chegou ao fim, a casa fechou e ele teve de ir embora. Mas, para onde? Os amigos sérvios bem que tentaram lhe ajudar. Fizeram um esforço junto ao Consulado Sérvio para ele obter um visto para

visitar o país, onde seus amigos poderiam lhe acomodar, sem problemas. Nada feito.

O que já era ruim ficou pior. Mawaheb estava sozinho em um país estrangeiro em que não falava o idioma. Além disso, não tinha para onde ir, não tinha dinheiro, não conseguia emprego, não tinha documentos que lhe permitissem trabalhar legalmente e mal sabia se a família estava viva na Síria.

De alguma forma ele sobreviveu e foi saindo do buraco, até que nos conhecemos. É difícil escrever essa história e segurar as lágrimas. Não apenas por ser triste, mas sobretudo por referir-se a um amigo que tanto admiro. Mawaheb é o tipo de pessoa doce e generosa que não merece passar pelo tipo de infortúnios que enfrentou. Sempre foi um rapaz trabalhador e dedicado. Nunca buscou esmola ou quis encostar-se em ninguém. A única coisa que queria era uma oportunidade de trabalhar e sobreviver. Ele me pediu conselhos sobre o que fazer para melhorar sua situação.

Percebi que não fazia sentido ele buscar trabalho na Turquia. Seria melhor se ele usasse suas competências na área de computação para buscar um trabalho remoto.

Ele me disse que trabalhava com [.NET](#), uma tecnologia de desenvolvimento de software da Microsoft. Eu acreditava que ele teria mais chances de conseguir um emprego remoto se aprendesse [Ruby on Rails](#), a mesma tecnologia que usei para criar o [Be on the Net](#). Havia muitas empresas usando Rails e buscando profissionais para trabalhar de forma remota. Mawaheb levou minha sugestão a sério e começou a estudar Rails. Pouco tempo depois, conquistou um emprego remoto e começou a trabalhar para uma empresa japonesa. A partir daí, sua vida começou a melhorar.

Também sugeri que ele criasse um blog e escrevesse sobre tudo o que estava passando. Sua história era poderosa e poderia ajudar outras pessoas que estavam passando pela mesma situação. Havia cada vez mais sírios na Turquia e todos enfrentavam o desafio de sobreviver em um ambiente estranho, onde enfrentavam todo tipo de dificuldade, especialmente para trabalhar.

Ele também implementou essa ideia. Criou [esse blog](#), onde compartilhou um pouco de suas desventuras. Infelizmente não deu continuidade, talvez porque tivesse ficado concentrado demais no trabalho.

O emprego não foi importante apenas para ele ganhar dinheiro. Também contribuiu para o Consulado da Sérvia aprovar seu visto. Depois de mais de uma ano na Turquia, finalmente conseguiu visitar a Sérvia, onde reencontrou seus amigos.

Ele fixou residência em [Belgrado](#), onde continuou trabalhando para a empresa japonesa. Com a ajuda de um advogado, entrou com um pedido de residência permanente, muito antes da onda de refugiados que atingiu a Sérvia. Sua permanência foi aprovada e ele ganhou a permissão de trabalhar legalmente no país. Apesar de todos os infortúnios, teve sorte. Deixou a Síria cedo e chegou à Sérvia antes que o governo de lá tornasse mais difícil a entrada e permanência de sírios no país.

Hoje em dia ele mora em [Novi Sad](#), uma bela cidade no norte da Sérvia, onde trabalha em uma empresa local. Está bem adaptado à vida no país, tem inúmeros amigos, ganha bem e leva uma vida normal. Ainda sofre por não poder visitar a família, que continua a sobreviver em Aleppo. Ele luta para conquistar o direito de levá-la para a Sérvia.

Decidi contar a história de Mawaheb porque ela nos reserva diversas lições. Para começar, nos ajuda a perceber o quanto somos privilegiados. Com frequência, acreditamos que o Brasil só tem problemas e que tudo está perdido. Não é bem assim. Mesmo com todo o problema da violência, que tanto assusta os brasileiros, ela não se compara ao que é viver em uma zona de guerra. O Brasil não se envolve em uma guerra há mais de um século.

Mesmo antes da guerra, os sírios sempre tiveram dificuldade para viajar para o exterior. Eles precisavam de visto para quase todos os países que quisessem visitar. A Turquia era uma das poucas exceções, razão pela qual Mawaheb a visitava com frequência. Brasileiros, ao contrário, são bem-vindos, sem necessidade de visto, na maioria dos países. Podem mover-se pelo mundo com invejável liberdade. É um imenso privilégio do qual a gente se esquece com facilidade.

O mais importante, entretanto, é algo que já mencionei antes e vale a pena ser dito à exaustão. A gente não sabe o que o futuro nos reserva. Ninguém sabe se estará vivo no dia de amanhã ou se o país continuará em paz. Hoje está tudo bem, porém tudo pode mudar em um piscar de olhos.

Mawaheb e outros amigos sírios são unânimes em dizer que não esperavam que uma guerra pudesse acontecer na Síria. O país tinha lá os seus problemas, como qualquer outro, mas funcionava bem. Era um ótimo lugar para viver. Um dos lugares com maior tolerância religiosa do Oriente

Médio, com uma cultura milenar e onde se praticava imenso respeito pelas opções individuais.

A Síria era uma exemplo de país pacífico entre seus vizinhos. É verdade que seu governo não era democrático, porém nada indicava a possibilidade de uma guerra iminente. Diga-se de passagem, o que não falta no mundo é governo que não é democrático. Até mesmo os que se dizem democráticos, na prática, quase nunca são.

Bastaram alguns eventos aparentemente insignificantes para criar uma bola de neve que culminou na guerra que conhecemos hoje. Foi tudo muito rápido e inesperado. A gente nunca sabe quando esse tipo de coisa vai acontecer na nossa casa ou quando um evento igualmente sinistro nos afetará. Pode nunca acontecer, como pode ocorrer amanhã. Por isso é tão perigoso adiar sonhos e agir como se nosso tempo fosse infinito. A hora de agir é agora.

Pode parecer exagero, pode parecer impossível que o Brasil siga pelo mesmo caminho e se deteriore de maneira tão rápida. Contudo devemos lembrar que isso aconteceu e continua a acontecer bem ao nosso lado. A Venezuela foi lançada em uma crise de proporções absurdas por um governo incompetente, comandado por Hugo Chávez, seguido de outro ainda pior, comandado por Nicolás Maduro. Dois indivíduos insanos foi o que bastou para colocar o país em um buraco que não parece ter fundo. Não foi na Europa, não foi na Ásia, não foi no Oriente Médio. É ao lado do Brasil, cujos líderes queriam seguir a mesma cartilha. Por pouco não fomos para o mesmo buraco.

Ao contrário dos Sírios, os venezuelanos ainda podem viajar, ao menos em teoria. Na prática, como a economia foi destruída e a moeda não vale mais nada, todos tornaram-se "prisioneiros econômicos". A maioria não consegue sair, ainda que queira, porque não tem como pagar o preço de partir. Como comprar dólares se a moeda local não vale nada?

Infelizmente a história se repete e mostra que certos governantes são capazes de destruir nações. De tempos em tempos, aparece um maluco que faz um enorme estrago. Exemplos não faltam: Hitler, Stalin, Mussolini, Khmer Vermelho, Fidel Castro e tantos outros foram responsáveis pelo empobrecimento e a morte de milhões de pessoas em todo o planeta. Conscientes disso, eu e Pati acreditamos que é importante aprender a mover-se pelo mundo.

Quanto mais a gente consegue sentir-se confortável com mudanças, quanto mais a gente se habitua a viver em diferentes partes do globo, mais preparado a gente se torna para pular para outro lugar se tudo der errado. Hoje, se o Brasil mergulhar em uma crise absurda, se tornar-se uma zona de guerra ou passar por situações igualmente drásticas, sabemos de inúmeros lugares do mundo para onde podemos ir. Temos amigos em todas as partes. Sabemos que eles nos receberiam de braços abertos e nos dariam abrigo, ainda que não tivéssemos um único centavo para lhes retribuir em um primeiro momento.

Ao mesmo tempo, estudamos, trabalhamos e nos aperfeiçoamos diariamente. Procuramos nos manter úteis, sempre. Se um dia o governo ou qualquer pessoa nos roubar tudo, sabemos que seremos capazes de construir tudo de novo com base em nossa capacidade de realização e com a ajuda dos amigos espalhados pelo planeta. Para nós, essa é a maneira mais segura de conduzir a vida.

Não tememos catástrofes, não tememos guerras, não tememos roubos, nem aflições de qualquer tipo. Porque fazemos tudo para estarmos preparados e porque nos habituamos a passar por mudanças drásticas. Aprendemos todos os dias a ser cada vez mais adaptáveis. Quanto mais flexíveis pudermos ser, menos sofreremos se o pior acontecer.

A história de Mawaheb também traz outro ensinamento importante. Ela mostra o quanto podemos fazer a diferença com pequenas ações. As vezes, tudo o que precisamos fazer é escutar com atenção e compartilhar um pouco de nossa experiência de vida.

Quando Mawaheb me pediu sugestão de que assunto estudar, eu tinha experiência suficiente para acreditar que Ruby on Rails era o caminho mais promissor para ele. Sabendo disso, articulei minha opinião da melhor forma possível para que ele a levasse a sério. Eu tinha certeza de que ele teria sucesso se me escutasse, investisse o tempo e o esforço necessário, e aprendesse a trabalhar com a tecnologia. Fiz o melhor que pude para convencê-lo disso. Deu certo.

Eu não fiz mais que plantar uma semente. Ele fez todo o resto. O mérito é todo dele e ele merece tudo o que conquistou com seu esforço. Só o ajudei a enxergar o caminho mais promissor. Foi um pequeno ato da minha parte, porém de grande importância. Ajudou a transformar sua vida.

Nunca subestime o poder de sua mensagem. Compartilhe o que você sabe e pensa ser correto. Acredite no poder de suas palavras. Não pense que

você sabe pouco ou que tem pouco para contribuir. Às vezes, uma simples pergunta é o que basta.

Para citar outro exemplo, tenho um amigo chamado Vitor. Ele trabalhava na Petrobras e vivia queixando-se de lá. Um dia, cansado de escutar sua ladainha e sabendo que ele tinha tudo para transformar sua realidade, lhe fiz a seguinte pergunta: "o que está te prendendo lá? O que te impede de sair? Alguém te acorrentou lá?" Sua expressão se transformou. Parecia que tinha levado um soco.

Imagino que não tenha sido fácil digerir a pergunta, mas a verdade é que ele deixou a empresa algum tempo depois. Começou a trabalhar em empresas privadas e ficou mais feliz com o trabalho. Parou de reclamar. Tempos depois, foi morar em Berlim, na Alemanha, onde trabalha e vive até hoje. Ele não se arrepende de ter deixado a Petrobras. Longe disso. Sempre que a gente se encontra ele faz questão de lembrar que tudo começou com aquela simples pergunta: "o que está te prendendo lá?"

E você? Vai esperar o pior acontecer para entrar em ação? Quando o medo te visitar, lembre-se da história de Mawaheb. Se você está lendo este livro, é provável que esteja em uma posição mais privilegiada que a dele. É provável que já tenha tudo ou quase tudo o que é necessário para buscar seu sonho. Não espere até que o pior aconteça. Entre em ação já.

Visita de amigos

Enquanto estávamos na Turquia, recebemos a visita de alguns amigos, que hospedamos em nosso apartamento. Havia um sofá na sala que transformava-se em uma ótima cama de casal. Perguntamos ao proprietário se ele aceitava que recebêssemos hóspedes e se deveríamos pagar algum valor adicional. Ele aprovou a vinda de nossos amigos sem cobrar nada a mais. Além disso, nos forneceu toalhas e roupas de camas adicionais. Tem como não amar os turcos?

Robertinha e Arionel, os noivos que Pati fotografou em Londres, passaram um fim de semana com a gente em Istambul. Nós os levamos para conhecer os lugares mais legais da cidade, o que rendeu até mesmo uma ida a um [hamam](#) (banho turco).

Um dia, caminhando por Istambul, Arionel entrou em uma loja de vinhos e comprou um [semi-sweet da Geórgia](#). Ele já havia visitado o país e adorava os vinhos de lá. Fiquei impressionado quando experimentei a

bebida. Não entendo de vinho, porém sei quando é delicioso, como era o caso. Fiquei curioso sobre o país. Como a [Geórgia](#) é vizinha à Turquia, decidimos visitá-la em seguida.

Em outra ocasião, recebemos Vitor e Monique. Vitor é aquele amigo que trabalhava na Petrobras, deixou a empresa e foi morar na Alemanha. Ele e sua esposa adoraram a cidade. Para nós, foi maravilhoso receber amigos em casa e poder mostrar-lhes uma cidade tão linda, da qual passamos a gostar tanto.

Viagem pelo interior da Turquia

Próximo ao fim de nossa temporada em Istambul, decidimos fazer uma viagem de duas semanas para outros destinos do país. Evitaríamos as cidades mais turísticas, à beira mar, porque era inverno e fazia pouco sentido visitá-las. Montamos um planejamento com a ajuda de Cenk. Voaríamos para a maioria dos lugares. Em alguns casos, pegaríamos ônibus ou *ferry*.

Descobrimos que é fácil voar dentro da Turquia. Há muitos aeroportos espalhados pelo país e as passagens não são caras. A [Pegasus Airlines](#), em particular, oferece ótimos voos com preços atrativos. No entanto, tivemos problemas com os cartões de crédito mais uma vez. Não consegui comprar algumas passagens nos sites das companhias aéreas locais porque a operadora do cartão não aprovava a compra. Verifiquei em outros sites, porém os valores ficavam bem mais altos.

Apelamos para uma agência de turismo próxima de casa. Fomos lá, apresentamos o roteiro para o funcionário, ele fez os pedidos das passagens e fizemos o pagamento sem dificuldade. Problema resolvido.

Fomos para [Bursa \(fotos\)](#), [Izmir \(fotos\)](#), [Ephesus \(fotos\)](#), [Pamukkale \(fotos\)](#), [Cappadocia](#), [Konya \(fotos\)](#), [Antakya](#), [Gaziantep \(fotos\)](#), [Mardin](#), [Trabzon](#) e [Edirne \(fotos\)](#). Cenk e Anna aproveitaram os fins de semana e encontraram-se com a gente em [Bursa](#), [Pamukkale](#) e [Mardin](#).

Essa viagem foi fantástica. Visitamos áreas muito distintas do país e não houve um único lugar do qual a gente não gostasse. Foi o tipo de viagem que merecia um livro só para ela. Foram tantos momentos legais que seria impossível descrevê-los aqui. Em todo caso, destaco o passeio de balão pela [Cappadocia](#). Jamais iremos esquecer-lo.

A Turquia é um dos países mais interessantes que existem. Há muito para se fazer como turista e é possível viver bem como um nômade digital que precisa equilibrar trabalho e passeios. A conexão com a internet atende, embora não seja das mais rápidas. Existem alguns sites bloqueados, mas é possível contornar usando uma [VPN](#). O custo/benefício é bom em Istambul e ainda melhor em outras cidades.

Dentre as outras que visitamos, [Izmir](#) e [Bursa](#) são as melhores para nômades digitais. Oferecem boa infraestrutura, grande oferta de acomodações e muita coisa interessante para fazer. Também há outras cidades convenientes, mas que não chegamos a conhecer. O país é relativamente grande e conta com diversas cidades bem estruturadas.

A Turquia é um dos países que mais gostamos de conhecer no mundo e um dos que mais amamos. As razões são muitas. Se quiser conhecê-las, assista este vídeo em que descrevo as [10 coisas que mais amei na Turquia](#). Cuidado, você vai querer embarcar no próximo voo para lá.

Saldo da Turquia

Número de dias: 75

Custo de viagem: R\$ 17.756 (US\$ 8.654)

Média/mês: R\$ 7.102 (US\$ 3.461)

Média/dia: R\$ 237 (US\$ 115)

Custo de acomodação: R\$ 9.580 (US\$ 4.660)

Média/mês: R\$ 3.832 (US\$ 1.864)

Média/dia: R\$ 128 (US\$ 62)

Custo de deslocamento: R\$ 7.033 (US\$ 3.434)

Média/dia: R\$ 94 (US\$ 46)

Seguro de saúde: R\$ 1.143 (US\$ 560)

Média/dia coberto: R\$ 15 (US\$ 7)

Geórgia

A [Geórgia](#) é um pequeno país que fica ao lado da Turquia e possui uma história milenar. Como ficaríamos apenas uma semana, decidimos conhecer apenas sua capital, [Tbilisi](#).

Quando buscamos acomodação no [Airbnb](#), o apartamento que mais chamou nossa atenção foi o [Apartamento de Guri](#). Não era o que tinha as melhores fotos, porém era o que parecia oferecer a experiência mais enriquecedora. Ele ficava em um prédio bem antigo, na cidade velha, acima do apartamento de uma grande família.

Lendo os comentários, descobri que a família fazia uma festinha para todos os hóspedes do apartamento. Era a forma de mostrar hospitalidade e gratidão por escolherem seu apartamento. Achei que seria legal a gente ir para lá e conhecer essa família.

O apartamento não era dos melhores. Tinha alguns probleminhas que nos incomodaram um pouco. Entretanto, a família realmente fez uma festa para nós. Havia um casal de senhores (os donos do lugar), uma amiga do casal, chamada Ketí, uma filha e seu marido. Eles nos receberam com quitutes típicos, além de vinho e [chacha](#), também conhecida como "vodka da Geórgia".

O chefe da família era o mais animado de todos. Nem ele nem a esposa falavam inglês. Ketí, a simpática amiga, atuou como intérprete e fez um excelente trabalho. Assim tivemos a oportunidade de aprender um pouco sobre a cultura e os costumes locais, além de contar um pouco de nossa história.

A comunicação nas ruas foi um pouco mais difícil que o usual. Nem sempre achávamos quem falasse inglês. Teria sido mais fácil se falássemos russo, já que muitas pessoas, especialmente as mais velhas, falavam russo fluentemente.

A Geórgia foi uma das repúblicas que faziam parte da União Soviética, portanto todos tinham de aprender russo. Isso mudou com o colapso soviético. Daí por diante, os jovens passaram a aprender inglês como segunda língua.

A língua nativa da Geórgia, o [georgiano](#), parece coisa de alienígena, assim como o [alfabeto](#). A frase "quero vinho, por favor", em georgiano, fica assim: "მინდა გარკვეული ღვინო, გთხოვთ". É claro que a gente não entendia uma única palavra da língua, muito menos do alfabeto.

Enquanto algumas pessoas não falavam inglês, teve gente que nos surpreendeu pela capacidade de falar idiomas muito diferentes. Em um

restaurante, conhecemos uma garçonete que falava georgiano e russo, como boa parte dos locais. Ela também tinha morado no Chipre, onde aprendeu a falar grego. Além disso, falava inglês muito bem.

Falar quatro idiomas é um feito e tanto, porém é ainda maior quando levamos em conta os que ela dominava, cada um dos quais utiliza um alfabeto diferente. Portanto, além de falar várias línguas, ela conseguia ler e escrever no alfabeto latino, grego, georgiano e no [cirílico](#). Difícil era compreender o que uma pessoa capacitada em tantos idiomas estava fazendo ali, servindo mesas.

Esse é um padrão que notamos muitas vezes em países do Leste Europeu e da antiga União Soviética. As pessoas são muito bem educadas. Assim mesmo, nem sempre conseguem bons empregos, compatíveis com o grau de educação que possuem. O caso da garçonete exemplificava isso com perfeição.

Come-se muito bem na Geórgia. Até demais. A comida típica é variada, barata, deliciosa e de alta qualidade. É o tipo de lugar onde a gente sempre come mais do que deveria. Nem precisa dizer que adoramos. Como se isso não fosse suficiente, o vinho é divino. A Geórgia é um dos produtores de vinho mais antigos do mundo. Começou há mais de oito mil anos. Muitas famílias produzem o próprio vinho.

Tbilisi é uma cidade peculiar. Existem algumas construções modernas e futuristas, outras muito antigas, como as inúmeras igrejas, e muitas simplesmente velhas. Várias das quais pareciam estar caindo aos pedaços.

Assim como a vizinha [Armênia](#), a Geórgia foi um dos primeiros países do mundo a adotar o cristianismo. As igrejas são bonitas. Seguindo o padrão das igrejas ortodoxas, elas contam com lindas pinturas em seus interiores.

O metrô é idêntico ao que encontraríamos depois em outras repúblicas que faziam parte da União Soviética, como a Rússia, Ucrânia e Bielorrússia. É fundo e usa composições velhas, com jeitão tipicamente soviético.

A cidade é muito segura e as pessoas são simpáticas. Tivemos a impressão de que poderíamos ter feito bons amigos se tivéssemos passado mais tempo lá. Há uma boa variedade de cafés pelas ruas. O único inconveniente é que todo mundo fuma. As pessoas fumam demais em todos os lugares, inclusive no interior de cafés e restaurantes. Praticamente não

encontramos lugares onde houvesse uma área separada para os não-fumantes. Esse foi o aspecto que mais nos incomodou na visita.

Apesar disso, consideramos a Geórgia um ótimo destino para nômades digitais brasileiros. O acesso à internet não é dos mais rápidos, entretanto a política imigratória é uma das mais liberais do mundo. É o único país que conheço que [oferece aos portadores de passaporte brasileiro o direito de permanecer como turistas por um ano](#). O custo de vida é baixo e o país está ao lado da Europa, portanto é fácil alcançá-lo. É um ótimo lugar para usar como base por um tempo, especialmente se você estiver construindo algum tipo de negócio digital. Pode ser uma alternativa melhor que os países do Sudeste Asiático, tanto é que tem se tornado popular entre nômades digitais do mundo inteiro.

Saldo da Georgia

Número de dias: 8

Custo de viagem: R\$ 2.615 (US\$ 1.317)

Média/mês: R\$ 9.804 (US\$ 4.938)

Média/dia: R\$ 327 (US\$ 165)

Custo de acomodação: R\$ 903 (US\$ 461)

Média/mês: R\$ 3.386 (US\$ 1.729)

Média/dia: R\$ 113 (US\$ 58)

Custo de deslocamento: R\$ 1.590 (US\$ 796)

Média/dia: R\$ 199 (US\$ 100)

Seguro de saúde: R\$ 122 (US\$ 60)

Média/dia coberto: R\$ 15 (US\$ 7)

Alemanha

Pati aceitou fotografar um casamento no primeiro semestre, o que nos forçou a visitar o Brasil mais cedo. Como nosso voo partiria de Frankfurt, passamos alguns dias na [Alemanha](#), mais precisamente em [Berlim](#), onde retribuímos a visita de Vitor e Monique, amigos brasileiros que hospedamos

em Istambul. Alugamos um apartamento legal ([fotos](#)) e tivemos uma ótima estadia.

É fácil entender porque tantos nômades digitais gostam de [Berlim](#). A cidade tem uma infraestrutura excelente e os preços são razoáveis, especialmente para uma capital europeia de um dos países mais ricos do mundo. Há uma boa oferta de cafés e restaurantes legais com preços acessíveis. A maioria das pessoas fala inglês e a cidade abriga diversas empresas de tecnologia.

Passamos pouco tempo lá, mas foi suficiente para perceber que pode ser um bom lugar para nômades digitais. A cidade oferece um bom custo/benefício para os padrões da Europa Ocidental. Pretendemos voltar no futuro para uma estadia mais longa.

Saldo da Alemanha

Número de dias: 8

Custo de viagem: R\$ 2.351 (US\$ 1.180)

Média/mês: R\$ 8.814 (US\$ 4.424)

Média/dia: R\$ 294 (US\$ 147)

Custo de acomodação: R\$ 1.083 (US\$ 552)

Média/mês: R\$ 4.061 (US\$ 2.070)

Média/dia: R\$ 135 (US\$ 69)

Custo de deslocamento: R\$ 1.146 (US\$ 568)

Média/dia: R\$ 143 (US\$ 71)

Seguro de saúde: R\$ 122 (US\$ 60)

Média/dia coberto: R\$ 15 (US\$ 7)

Rio de Janeiro

Voltamos ao Brasil em abril para Pati fotografar o primeiro casamento do ano. Além desse, haveria outro no início de julho e outros tantos durante um período de quatro meses que começaria em agosto.

Como todos os casamentos eram no Rio, percebemos que não fazia mais sentido buscar apartamento em Niterói. Era melhor ficar em Copacabana, que era onde grande parte de seus trabalhos começavam. Muitas noivas se arrumavam no Copacabana Palace, portanto ficar em Copacabana simplificaria a vida. O problema eram os preços.

Na visita de abril, tivemos de passar 17 dias. Não foram os mais felizes de nossa vida. Com muito esforço, achamos um apartamento em Copacabana que coubesse no orçamento. No entanto, ele era ruim. Parecia bom nas [fotos](#), só que a realidade era outra. O lugar não merecia nem a metade do que pagamos. Fiquei chateado por ter escolhido um apartamento tão inconveniente e por ter de pagar tanto por ele.

Comecei a ficar preocupado com o segundo semestre. Já era ruim passar duas semanas em um apartamento que não nos atendia. Seria péssimo passar quatro meses em situação semelhante. Decidi antecipar o problema e já começar a buscar um apartamento para a estadia que começaria em agosto.

Naquela época, o Brasil ainda estava em alta. A economia estava em um bom momento. As tarifas cobradas nas locações eram astronômicas. Estava ficando difícil achar um apartamento em Copacabana, por pior e menor que fosse, com preço inferior a US\$ 100 por dia em agosto. Faltam-me palavras para descrever o tamanho do absurdo, considerando-se a má qualidade e o tamanho reduzido de grande parte dos imóveis.

Depois de passar o início do ano na Turquia e aprender um pouco mais sobre negociação, cheguei disposto a conseguir um apartamento que coubesse em nosso orçamento, por maior que fosse o preço cobrado originalmente.

Entrei em contato com todos os proprietários que tivessem apartamentos disponíveis por quatro meses a partir de agosto, independente dos valores que estivessem pedindo. Havia gente cobrando de R\$ 6 mil a R\$ 15 mil por mês. Sim, havia gente cobrando R\$ 15 mil de aluguel em um apartamento que não tinha nada demais.

Ignorei os valores e entrei em contato com todo mundo. Perguntei se as pessoas estavam dispostas a nos alugar por quatro meses e qual o melhor valor que poderiam oferecer. Muitas não reduziram um centavo em suas ofertas iniciais.

Eu me dispunha a pagar até R\$ 3 mil (R\$ 100 por dia), no máximo. Disse isso para todos os proprietários que me responderam. A maioria nem

retornou o contato. Pouca gente queria conversa. Alguns poucos aceitaram reduzir até R\$ 4500. Felizmente houve uma pessoa que concordou em reduzir de US\$ 100 por dia, que correspondiam a R\$ 260 na época, para R\$ 100 por dia, já que ficaríamos por mais tempo.

Visitamos o apartamento ainda em abril. Ele não era ideal, mas atenderia nossas necessidades. Era óbvio que não valia nem mesmo os R\$ 100 por dia, porém foi o melhor que conseguimos. Um desconto de 62% já era um feito e tanto. Firmamos um contrato com a dona e ficamos mais tranquilos quanto a nosso destino.

Também aproveitamos a ocasião para reservar o [apartamento em que passaríamos uma semana em julho](#). Não sou fã de reservar acomodação com muita antecedência porque nossos planos mudam com frequência. Além disso, em determinadas circunstâncias, também é preferível deixar para fechar em cima da hora. Os donos ficam com medo de não conseguir alugar para ninguém e cedem com mais facilidade na hora da negociação.

O caso do Rio, no entanto, demandava providências urgentes. É o mesmo que acontece em outras cidades turísticas onde a procura é muito grande. Nestes casos, é melhor resolver a acomodação com antecedência.

Saldo do Rio de Janeiro

Número de dias: 17

Custo de acomodação: R\$ 1.800 (US\$ 885)

Média/mês: R\$ 3.176 (US\$ 1.562)

Média/dia: R\$ 106 (US\$ 52)

Argentina

Depois de dias não tão divertidos no Rio, partimos para Buenos Aires, onde nos estabelecemos pelos três meses seguintes. Encontramos um [ótimo apartamento em Palermo Soho](#), o bairro de que mais gostamos. Negociamos o valor e tivemos uma experiência inesquecível.

É comum encontrar na Argentina um tipo de apartamento que é conhecido por lá como *monoambiente*. Como o nome diz, é um apartamento que tem apenas um ambiente e um banheiro. É conhecido também como estúdio. Esse tipo de apartamento costuma ser uma boa

opção para nômades digitais. O tamanho é suficiente para quem viaja com pouca bagagem. É fácil de limpar e manter organizado no dia a dia. O preço costuma ser melhor que o de apartamentos maiores.

O apartamento em que ficamos, cujas fotos você pode ver no [anúncio do Airbnb](#), era um *monoambiente* que tinha uma cama grande e confortável, uma bancada de cozinha em uma parede e uma bancada de escritório na outra. Tinha uma mesa para as refeições, ou para trabalhar, duas poltroninhas, um banheiro grande e uma varanda. Ele não tinha máquina de lavar, mas o prédio tinha uma lavanderia que podíamos usar pagando pouco.

Para quem está acostumado a viver em apartamentos ou casas maiores, um *monoambiente* pode parecer pouco. Especialmente porque a maioria das pessoas acumula um monte de tralhas e precisa de lugar para guardá-las. No entanto, descobrimos que esses apartamentos, por menores que pareçam, podem ser mais que suficientes desde que você esteja viajando com pouco e o lugar seja bem equipado com utensílios de cozinha.

O edifício era uma torre moderna de quase trinta andares. Ele contava com piscina e uma boa academia na cobertura, a qual usávamos quase todos os dias. Ter uma academia no prédio é uma benção para quem é nômade. Evita que a gente tenha de buscar academia na cidade e diminui os custos. Poucas vezes tivemos esse tipo de privilégio. No caso desse edifício, a academia era legal e oferecia uma vista espetacular. De lá de cima, a visão alcançava o Uruguai, na outra margem do Rio da Prata.

Fizemos bons amigos na academia. Um deles era um rapaz chinês que fazia faculdade na cidade e abriria um restaurante anos depois. Outro, chamado Martin, tinha uma *startup* que ia bem. Mudou-se para o Vale do Silício tempos depois. Em uma de nossas conversas, ele comentou que havia conhecido [Doug Casey](#), um indivíduo cuja obra transformaria minha visão de mundo.

[Doug](#) já morou em várias partes do mundo. É um empreendedor bem sucedido e uma pessoa que possui uma visão de mundo extraordinária. Ele escreveu vários livros e havia recém-publicado [Totally Incorrect](#), cuja leitura Martin me recomendou. Eu o comprei logo depois de voltar da academia e comecei a leitura na mesma noite.

O livro contradizia quase todas as visões políticas que eu carregava desde a adolescência. Era difícil continuar na leitura. No entanto, os

argumentos eram racionais e baseados em pontos de vistas que ninguém jamais havia expressado para mim.

Assim como a maioria dos estudantes brasileiros (e de grande parte do mundo), também fui doutrinado por professores que, com frequência, defendiam a necessidade de um Estado "protetor", responsável por criar políticas sociais destinadas a erradicar a pobreza e diminuir as desigualdades sociais. Parece bom, até você analisar a questão sob outros pontos de vista e perceber que a história é um pouco mais complicada. Foi o que consegui fazer pela primeira vez com a ajuda do livro.

Ele me fez recordar o que aprendi na Índia sobre casamentos arranjados. Até mesmo para questões que parecem tabu, existem pontos de vista que merecem ser analisados. O encontro com Martin foi casual, porém me colocou no caminho de um aprendizado cujo valor é inestimável. Os anos seguintes ofereceriam amplas evidências de que [Doug](#) está certo em sua análise de como o mundo funciona.

A própria situação em que a Argentina se encontrava era um exemplo da capacidade que os governos têm de empobrecer as pessoas e destruir as nações, sobre as quais ele falava no [livro](#). A presidente da Argentina, seguindo o exemplo do companheiro Venezuelano, teve a brilhante ideia de "congelar" a cotação do dólar. Afinal, se a moeda do país está se desvalorizando devido às políticas equivocadas do governo, a solução não é corrigir o problema, mas sim proibir o dólar de flutuar livremente.

É o tipo de "solução" que já foi tentada inúmeras vezes ao redor do mundo e que sempre gerou o mesmo resultado: empobrecimento da população. Na Argentina, assim que a nova medida entrou em vigor, o dólar disparou no mercado paralelo. É o mesmo que aconteceu na Venezuela e que acontece em todos os lugares onde se faz esse experimento.

O governo impõe um monte de restrições à compra do dólar oficial. A população só consegue comprar dólar no paralelo. Como o valor dele dispara, as pessoas obtêm menos dólares pela mesma quantidade de pesos, portanto elas empobrecem em dólar. A inflação dispara, a moeda local passa a perder valor com mais rapidez e as pessoas empobrecem ainda mais. Uma canetada de um governante incompetente é o que basta para destruir a riqueza de uma nação.

Isso foi péssimo para a população local, mas representou uma oportunidade para nômades digitais. Ter mobilidade permite que a gente se beneficie das crises que acontecem em outros países.

Com a nova situação do câmbio, o dólar passou a valer mais no mercado paralelo. Nós levamos dólares do Brasil e pudemos trocá-los por uma quantidade muito maior de pesos. Os preços na Argentina, que já eram baixos para nós, ficaram ainda menores.

A proprietária do apartamento tinha um parente que possuía uma empresa de importação. Ele sempre precisava de dólares. Passamos a vender os nossos para ele. Em troca, ele nos dava ainda mais pesos do que conseguiríamos em uma casa de câmbio.

Não foram apenas os produtos que ficaram mais baratos para nós. Os serviços também, incluindo alguns dos quais tínhamos necessidade. Nessa época, precisávamos de alguns trabalhos de *design*. Coisas como logotipo, design de templates para sites e outras do gênero. Daí tivemos uma ideia. Já que estávamos na Argentina, podíamos tentar contratar *designers* de lá. Talvez tivessem um trabalho tão bom quanto os que encontraríamos no Brasil e provavelmente custariam menos.

Fizemos diversas cotações no Brasil e na Argentina. O que descobrimos foi um divisor de águas. Pelo valor que pagaríamos um *designer* no Brasil, podíamos contratar cinco na Argentina. Como tínhamos orçamento para contratar um no Brasil, preferimos contratar cinco na Argentina e tocar diversas iniciativas em paralelo.

Se você sente a necessidade de contratar pessoas para te ajudar em algum tipo de iniciativa, lembre-se dessa possibilidade. A diferença de custo de vida de um país para outro não nos beneficia apenas quando compramos produtos em um país mais barato. Também podemos contratar serviços gastando menos.

Nessa temporada que passamos em Buenos Aires, também visitamos a imensa [Feria del Libro](#), onde comprei um volume chamado [El Palestino](#), de [Antonio Salas](#). Este é o pseudônimo de um jornalista investigativo espanhol que se infiltrou em organizações terroristas, viveu ao lado de terroristas por seis anos e relatou o que descobriu.

As revelações desse livro são fascinantes e assustadoras. Elas me ajudaram a entender o que contribui para a disseminação do terrorismo na atualidade, bem como o modo de atuação das organizações. Também mostrou a forte presença de terroristas na Venezuela, bem ao lado do Brasil. Você pode conhecer um resumo de sua história [neste documentário](#).

Parte do que me faz querer viajar é o desejo de entender o mundo em que vivo. Se você quer ser nômade digital, imagino que tenha aspirações

semelhantes. Por essa razão comentei aqui sobre as obras de [Doug Casey](#) e [Antonio Salas](#). Seus livros me levaram a rever inúmeros pontos de vista.

Essa temporada que passamos na Argentina foi uma das melhores que já tivemos por lá. Fomos bastante produtivos no trabalho e pudemos curtir a cidade ainda mais que nas visitas anteriores. O apartamento era ótimo e passamos três meses com muito conforto. Para completar, gastamos pouco no dia a dia, embora almoçássemos em restaurantes excelentes todos os dias.

Saldo da Argentina

Número de dias: 90

Custo de viagem: R\$ 11.183 (US\$ 5.355)

Média/mês: R\$ 3.728 (US\$ 1.785)

Média/dia: R\$ 124 (US\$ 60)

Custo de acomodação: R\$ 10.427 (US\$ 4.973)

Média/mês: R\$ 3.476 (US\$ 1.658)

Média/dia: R\$ 116 (US\$ 55)

Custo de deslocamento: R\$ 756 (US\$ 382) + 80 mil milhas

Média/dia: R\$ 8 (US\$ 4)

Rio de Janeiro

O [apartamento em que passamos quatro meses](#) era um conjugado de 24 metros quadrados. Era a metade do tamanho do apartamento de Buenos Aires. Foi o melhor que conseguimos. A cama era desconfortável, as cadeiras maltratavam as costas, a cozinha era minúscula e difícil de usar, o banheiro não era uma maravilha e a conexão com a internet era precária. Parava de funcionar várias vezes por dia, todo santo dia.

O apartamento ficava no famoso Edifício Barata Ribeiro 200, um prédio que já apareceu até em filme. Não foi por uma boa causa. É uma aberração que abriga quase 50 apartamentos por andar. É relativamente civilizado na atualidade, mas ainda assusta. Um dia a polícia estava na porta do edifício porque tinham esfaqueado alguém no sexto andar, que era conhecido como

"Faixa de Gaza". Por sorte, morávamos no nono. Não tivemos nenhum problema no período que passamos lá, porém vivíamos com medo.

Hoje, no segundo semestre de 2017, enquanto termino de escrever o livro, estamos hospedados no Leme, a algumas quadras do tal prédio. Alegro-me de ver que a situação melhorou para nós. Aquele apartamento, que custava R\$ 260 por dia, baixou para R\$ 122. Ainda é um absurdo para o que oferece, porém já é mais razoável. O valor mensal baixou para pouco mais de R\$ 2 mil. Quem diria que os preços dos imóveis alcançariam valores aceitáveis no Rio de Janeiro! A crise também tem um lado bom.

Ainda em 2013, enquanto estávamos no Rio, recebemos algumas visitas para lá de especiais. Nosso amigo chinês, que morava no mesmo prédio que a gente, em Buenos Aires, visitou o Rio com a namorada. Foi divertido reencontrá-los na cidade. Além dele, teve uma amiga alemã, que também morava no prédio de Buenos Aires.

Teve gente que viajou de mais longe. Foi o caso de nossos amigos de Hong Kong. Dos cinco que conhecemos na Índia, três visitaram o Rio. Fizemos vários passeios com eles. Depois fomos todos para Belém e eles adoraram. Foi a parte da visita ao Brasil que mais curtiram. Em seguida, voltamos para o Rio e eles foram para Foz do Iguaçu, Buenos Aires e Bariloche.

É sempre especial rever os amigos que fazemos pelo mundo. Foi a primeira vez que isso aconteceu quando estávamos em nossa própria casa. Independente dos problemas do Rio e do Brasil, o país tem muito a oferecer para seus visitantes. Ficamos felizes quando alguém decide visitar o país em função de nosso incentivo.

Saldo do Rio de Janeiro

Número de dias: 128

Custo de acomodação: R\$ 13.283 (US\$ 5.921)

Média/mês: R\$ 3.113 (US\$ 1.388)

Média/dia: R\$ 104 (US\$ 46)

Saldo da Fase 3

Número de dias: 335 (11,2 meses)

Custo de viagem: R\$ 50.255 (US\$ 23.909)

Média/mês: R\$ 4.500 (US\$ 2.141)

Média/dia: R\$ 150 (US\$ 71)

Custo de acomodação: R\$ 37.674 (US\$ 17.732)

Média/mês: R\$ 3.374 (US\$ 1.588)

Média/dia: R\$ 112 (US\$ 53)

Custo de deslocamento: R\$ 11.057 (US\$ 5.431)

Média/mês: R\$ 990 (US\$ 486)

Média/dia: R\$ 33 (US\$ 16)

Custo de voos: R\$ 10.994 (US\$ 5.399)

Média/dia: R\$ 33 (US\$ 16)

Milhas: 116 mil

Custo de locação de carro: 0

Seguro de saúde: R\$ 1.524 (US\$ 746)

Dias cobertos: 100

Média/mês coberto: R\$ 457 (US\$ 224)

Média/dia coberto: R\$ 15 (US\$ 7)

Ficha técnica da fase 3

Seguro de saúde internacional

Seguradora: [Bupa](#)

Método de reserva: [World Nomads](#)

Período: 59 dias (31/dez/2012 a 28/fev/2013)

Cobertura: mundial, exceto Brasil e EUA

Por pessoa: US\$ 187 (R\$ 382)

Total: US\$ 373 (R\$ 762)

Voo Rio - Frankfurt - Rio

Companhia aérea: [Lufthansa](#)

Método de reserva: [Orbitz](#)

Período: 100 dias (30/dez/2012 a 9/abr/2013)

Antecedência da compra: 25 dias

Por pessoa: US\$ 1.294 (R\$ 2.723)

Total: US\$ 2.588 (R\$ 5.445)

Hotel em Frankfurt

[NH Frankfurt Messe](#)

Método de reserva: [Orbitz](#)

Estadia: 2 noites (31/dez/2012 a 2/jan/2013)

Antecedência da reserva: 13 dias

Diária: US\$ 86 (R\$ 180)

Total: US\$ 171 (R\$ 358)

Voo Frankfurt - Istambul - Frankfurt

Companhia aérea: [Turkish Airlines](#)

Método de reserva: [Orbitz](#)

Período: 57 (2/jan a 28/fev/2013)

Antecedência da reserva: 15

Por pessoa: US\$ 250 (R\$ 522)

Total: US\$ 500 (R\$ 1.045)

Apartamento em Istambul

[Apartamento de Murat](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 3 noites (2 a 5/jan/2013)
Antecedência da reserva: 16 dias
Diária: US\$ 50 (R\$ 104)
Taxa do [Airbnb](#): US\$ 18 (R\$ 38)
Diária real: US\$ 56 (R\$ 117)
Total: US\$ 168 (R\$ 351)

Apartamento em Istambul

[Apartamento de Murat](#)

Método de reserva: diretamente com o proprietário
Estadia: 54 noites (5/jan a 28/fev/2013)
Antecedência da reserva: 19 dias
Diária: US\$ 57 (R\$ 119)
Total: US\$ 3.100 (R\$ 6.478)

Voo Istambul - Izmir

Companhia aérea: [Pegasus Airlines](#)
Método de reserva: [site da Pegasus Airlines](#)
Data: 28/fev/2013
Antecedência da compra: 10 dias
Por pessoa: 64 liras (US\$ 36 / R\$ 71)
Total: 128 liras (US\$ 72 / R\$ 142)

Hotel em Izmir

[Oglakcioglu Park Hotel Boutique Class](#)

Método de reserva: [Hotels.com](#)
Estadia: 1 noite (28/fev/2013)
Antecedência da reserva: 3 dias
Diária: R\$ 144 (US\$ 73)

Seguro de saúde internacional

Seguradora: [Bupa](#)
Método de reserva: [World Nomads](#)
Período: 41 dias (01/mar a 11/abr/2013)
Cobertura: mundial (incluindo EUA), exceto Brasil
Por pessoa: US\$ 187 (R\$ 382)
Total: US\$ 373 (R\$ 762)

Hotel em Selcuk

[Hotel Bella](#)

Método de reserva: [Hotels.com](#)

Estadia: 1 noite (1/mar/2013)

Antecedência da reserva: 4 dias

Diária: 55 euros (US\$ 73 / R\$ 143)

Hotel em Pamukkale

[Melrose House Hotel](#)

Método de reserva: contato com hotel feito por nosso amigo, Cenk

Estadia: 1 noite (2/mar/2013)

Antecedência da reserva: 5 dias

Diária: 75 liras (US\$ 42 / R\$ 82)

Voo Denizli - Kayseri

Companhia aérea: [Turkish Airlines](#)

Método de reserva: site da [Turkish Airlines](#)

Data: 3/mar/2013

Antecedência da compra: 13 dias

Por pessoa: 284 liras (US\$ 161 / R\$ 316)

Total: 568 liras (US\$ 322 / R\$ 632)

Hotel em Göreme (Capadócia)

[Caravanserai Cave Hotel](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 4 noites (3 a 7/mar/2013)

Antecedência da reserva: 5 dias

Diária: 40 euros (US\$ 52 / US\$ 104)

Total: 160 euros (US\$ 210 / R\$ 415)

Hotel em Konia

[Rumi Hotel](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (7/mar/2013)

Antecedência da reserva: 6 dias

Diária: 65 euros (US\$ 85 / R\$ 169)

Voo Konya - Istambul

Companhia aérea: [Pegasus Airlines](#)

Método de reserva: agência de viagem em Istambul

Data: 8/mar/2013

Antecedência da compra: 17 dias

Por pessoa: 70 liras (US\$ 39 / R\$ 77)

Total: 140 liras (US\$ 79 / R\$ 155)

Ferry Istambul - Bursa

Companhia: [IDO](#)

Método de reserva: site da [IDO](#)

Período: 3 dias (8 a 10/mar/2013)

Antecedência da compra: 10 dias

Por pessoa: 29 liras (US\$ 16 / R\$ 32)

Total: 57 liras (US\$ 32 / R\$ 63)

Hotel em Bursa

[Kervansaray Termal Hotel](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 2 noites (8 a 10/mar/2013)

Antecedência da reserva: 8 dias

Diária: 85 euros (US\$ 111 / R\$ 220)

Total: 170 euros (US\$ 222 / R\$ 439)

Hotel em Istambul (lado asiático)

[My Home Apart](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (10/mar/2013)

Antecedência da reserva: 4 dias

Diária: 65 euros (US\$ 84 / R\$ 166)

Voo Istambul - Trabzon

Companhia aérea: [Pegasus Airlines](#)

Método de reserva: agência de viagem em Istambul

Data: 11/mar/2013

Antecedência da compra: 20 dias

Por pessoa: 86 liras (US\$ 48 / R\$ 95)
Total: 172 liras (US\$ 97 / R\$ 190)

Voo Trabzon - Hatay

Companhia aérea: [Turkish Airlines](#)

Método de reserva: agência de viagem em Istambul

Data: 13/mar/2013

Antecedência da compra: 22 dias

Por pessoa: 173 liras (US\$ 97 / R\$ 191)

Total: 346 liras (US\$ 217 / R\$ 382)

Hotel em Trabzon

[Ts Gold Hotel](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 2 noites (11 a 13/mar/2013)

Antecedência da reserva: 12 dias

Diária: 72 euros (US\$ 94 / R\$ 187)

Total: 144 euros (US\$ 189 / R\$ 374)

Hotel em Hatay

[Antik Grand Hotel](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (13/mar/2013)

Antecedência da reserva: 9 dias

Diária: 72 euros (US\$ 94 / R\$ 186)

Hotel em Gaziantep

[Ali Bey Konagi](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (14/mar/2013)

Antecedência da reserva: 9 dias

Diária: 57 euros (US\$ 74 / R\$ 146)

Hotel em Mardin

[Reyhani Kasri Hotel](#)

Método de reserva: contato direto feito por nosso amigo, Cenk

Estadia: 2 noites (15 a 17/mar/2013)

Antecedência da reserva: 2 dias
Diária: 140 liras (US\$ 78 / R\$ 153)
Total: 280 liras (US\$ 156 / R\$ 306)

Voo Mardin - Istambul

Companhia aérea: [Turkish Airlines](#)
Método de reserva: agência de viagem em Istambul
Data: 17/mar/2013
Antecedência da compra: 26 dias
Por pessoa: 154 liras (US\$ 87 / R\$ 170)
Total: 308 liras (US\$ 174 / R\$ 340)

Voo Istambul - Tbilisi - Istambul

Companhia aérea: [Pegasus Airlines](#)
Método de reserva: agência de viagem em Istambul
Período: 9 dias (17 a 26/mar/2013)
Antecedência da compra: 26 dias
Por pessoa: 523 liras (US\$ 295 / R\$ 577)
Total: 1.046 liras (US\$ 589 / R\$ 1.154)

Apartamento em Tbilisi

[Apartamento de Guri](#)
Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 8 noites (18 a 26/mar/2013)
Antecedência da reserva: 27 dias
Diária: US\$ 49 (R\$ 96)
Taxa de limpeza: US\$ 20 (R\$ 39)
Taxa do [Airbnb](#): US\$ 49 (R\$ 96)
Diária real: US\$ 58 (R\$ 113)
Total: US\$ 461 (R\$ 903)

Hotel em Istambul

[Apartof Hotel](#)
Método de reserva: [Booking.com](#)
Estadia: 1 noite (26/mar/2013)
Antecedência da reserva: 20 dias
Diária: 70 euros (US\$ 90 / R\$ 181)

Voo Istambul - Berlim

Companhia aérea: [Turkish Airlines](#)

Método de reserva: [Orbitz](#)

Data: 27/mar/2013

Antecedência da reserva: 42 dias

Por pessoa: US\$ 105 (R\$ 206)

Total: US\$ 210 (R\$ 413)

Apartamento em Berlim

[Apartamento de Antje \(fotos\)](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 7 noites (27/mar a 3/abr/2013)

Antecedência da reserva: 36 dias

Diária: US\$ 61 (R\$ 120)

Taxa de limpeza: US\$ 40 (R\$ 78)

Taxa do [Airbnb](#): US\$ 56 (R\$ 110)

Cupom de desconto: -US\$ 25 (R\$ 49)

Diária real: US\$ 71 (R\$ 140)

Total: US\$ 499 (R\$ 978)

Voo Berlim - Frankfurt

Companhia aérea: [Airberlin](#)

Método de reserva: [site da Airberlin](#)

Data: 3/abr/2013

Antecedência da compra: 17 dias

Por pessoa: US\$ 76 (R\$ 149)

Total: US\$ 151 (R\$ 297)

Hotel em Frankfurt

[NH Frankfurt Messe](#)

Método de reserva: [Hotels.com](#)

Estadia: 1 noite (3/abr/2013)

Antecedência da reserva: 28 dias

Diária: R\$ 215 (US\$ 109)

Cupom de desconto do [Hotels.com](#): -R\$ 110 / US\$ 56

Total: R\$ 105 (US\$ 53)

Apartamento no Rio (Copacabana)

[Apartamento de Felipe \(fotos\)](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 17 noites (5 a 22/abr/2013)

Antecedência da reserva: 84 dias

Diária: US\$ 47 (R\$ 96)

Taxa do [Airbnb](#): US\$ 85 (R\$ 173)

Diária real: US\$ 52 (R\$ 106)

Total: US\$ 885 (R\$ 1800)

Voo Rio - Buenos Aires

Companhia aérea: [TAM](#)

Método de reserva: [site da TAM](#)

Data: 25/abr/2013

Antecedência da compra: 12 dias

Por pessoa: 10.000 pontos + R\$ 75 (US\$ 38)

Total: 20.000 pontos + R\$ 149 (US\$ 76)

Voo Buenos Aires - Rio

Companhia aérea: [Gol](#)

Método de reserva: [site da Gol](#)

Data: 2/jul/2013

Antecedência da compra: 80 dias

Por pessoa: 10.000 pontos + R\$ 116 (US\$ 59)

Total: 20.000 pontos + R\$ 231 (US\$ 117)

Voo Rio - Buenos Aires - Rio

Companhia aérea: [Gol](#)

Método de reserva: [site da Gol](#)

Período: 22 dias (9 a 31/jul/2013)

Antecedência da compra: 84 dias

Por pessoa: 20.000 milhas + R\$ 188 (US\$ 94)

Total: 40.000 milhas + R\$ 376 (US\$ 189)

Apartamento em Buenos Aires (Palermo Soho)

[Apartamento de Yamila](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 97 noites (25/abr a 31/jul/2013)

Antecedência da reserva: 8 dias

Diária: 37 euros (US\$ 48 / R\$ 96)

Taxa do [Airbnb](#): 216 euros (US\$ 282 / R\$ 562)

Diária real: 39 euros (US\$ 51 / R\$ 107)

Parcela de 17/abr/2013: 1200 euros (US\$ 1.566 / R\$ 3.121)

Parcela de 25/mai/2013: 1200 euros (US\$ 1.550 / R\$ 3.176)

Parcela de 25/jun/2013: 1200 euros (US\$ 1.569 / R\$ 3.481)

Parcela de 25/jul/2013: 218 euros (US\$ 288 / R\$ 649)

Total: 3818 euros (US\$ 4.973 / R\$ 10.427)

Apartamento no Rio de Janeiro (Copacabana)

[Apartamento de Malu](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 7 noites (2 a 9/jul/2013)

Antecedência da reserva: 75 dias

Diária: US\$ 79 (R\$ 159)

Taxa do [Airbnb](#): US\$ 66 (R\$ 133)

Diária real: US\$ 88 (R\$ 177)

Total: US\$ 619 (R\$ 1.247)

Apartamento no Rio de Janeiro (Copacabana)

[Apartamento de Graziela](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 3 noites (1 a 4/ago/2013)

Antecedência da reserva: 110 dias

Diária: US\$ 51 (R\$ 101)

Taxa do [Airbnb](#): 18 (R\$ 36)

Diária real: US\$ 57 (R\$ 113)

Total: US\$ 170 (R\$ 336)

Apartamento no Rio de Janeiro (Copacabana)

[Apartamento de Graziela](#)

Método de reserva: diretamente com a proprietária

Estadia: 118 dias (4/ago a 30/nov/2013)

Antecedência da reserva: 113 dias

Diária: R\$ 100 (US\$ 44)
Parcela de 4/ago/2013: R\$ 2.700 (US\$ 1.177)
Parcela de 1/set/2013: R\$ 3.000 (US\$ 1.264)
Parcela de 1/out/2013: R\$ 3.000 (US\$ 1.356)
Parcela de 1/nov/2013: R\$ 3.000 (US\$ 1.335)
Total: R\$ 12.000 (US\$ 5.132)

Voo Rio - Belém - Rio

Companhia aérea: [TAM](#)
Método de reserva: cliente de Pati
Período: 5 dias (20 a 25/ago/2013)
Antecedência da compra: 31 dias
Por pessoa: milhas + R\$ 21 (US\$ 9) de taxas
Total: milhas + R\$ 43 (US\$ 18) de taxas

Voo Rio - Belém - Rio

Companhia aérea: [Gol](#)
Método de reserva: [site da Gol](#)
Período: 4 dias (28/set a 2/out/2013)
Antecedência da compra: 32 dias
Por pessoa: 18.000 milhas + R\$ 21 (US\$ 9) de taxas
Total: 36.000 milhas + R\$ 43 (US\$ 18) de taxas

Hotel em Belém

[Hotel Portas da Amazônia](#)
Método de reserva: [Hotels.com](#)
Estadia: 2 noites (29/set a 1/out/2013)
Antecedência da reserva: 10 dias
Diária: R\$ 120 (US\$ 54)
Total: R\$ 240 (US\$ 109)

Capítulo 6

Leste Europeu - Fase 4 (2014)

Quarto ano

Nosso terceiro ano (2013) contou com um pequeno número de destinos e um foco maior no trabalho. No quarto ano (2014), nos concentramos no trabalho, mas também separamos um tempo para conhecer uma nova parte do mundo, o Leste Europeu.

Turquia

Cenk e Anna, nossos amigos da primeira temporada em Istambul, decidiram se casar. Além de nos convidar para a celebração, pediram que Pati fotografasse o casamento. Começamos o ano em Istambul, onde passaríamos mais um inverno. Foi ótimo rever os amigos e passar mais uma temporada em uma cidade tão querida.

Dessa vez, tivemos mais dificuldade com a acomodação. Planejamos ficar apenas duas semanas. O suficiente para rever os amigos e Pati fotografar o casamento. Porém gostamos tanto de voltar à cidade que preferimos ficar por dois meses.

Mudamos de planos em meados de dezembro, uma época complicada. Teríamos de conseguir hospedagem que cobrisse os períodos de Natal e *réveillon*, que são mais concorridos. Demos um jeito, porém tivemos de ficar em três apartamentos diferentes durante a estadia na cidade.

O primeiro era bem central e próximo à [Praça Taksim](#). Um dos quartos tinha diversas mesas e cadeiras de escritório ([fotos](#)). Era bastante conveniente. O segundo, foi logo após o *réveillon*, apelamos para um quarto privado porque os apartamentos estavam caros demais. O apartamento ([fotos](#)) também era bem localizado. Funcionou bem e foi apenas para os cinco primeiros dias do ano. O último era mais afastado, mas não tanto. Ficava apenas a uma estação de metrô da [Praça Taksim](#). Era espaçoso

([fotos](#)) e tinha uma cama enorme, em um quarto que não tinha janela. Ficava completamente escuro durante a noite e sem nenhum barulho. Dormimos bem demais nesse lugar.

Depois de Istambul, tínhamos o plano de ir para [Budapeste](#), na [Hungria](#). Pensamos em pegar um voo e ir direto para lá, onde esperávamos passar dois meses. Um dia, estávamos jantando com Emre e Nihal, um casal de amigos de Cenk e Anna, que também se tornaram nossos amigos. No meio da conversa, Emre comentou sobre uma viagem de trem até Saraivo, na Bósnia. Disse que passava por inúmeras montanhas cobertas de neve e que o cenário era muito bonito. Quando ele falou isso, percebi que ainda não conhecíamos nada entre a Turquia e a Hungria.

Por mais que seja necessário a gente se concentrar no trabalho, acho que também é importante a gente tentar conhecer uma parte nova do mundo a cada ano. No momento daquela conversa, percebi que poderíamos mudar a forma de chegar à Budapeste. Em vez de tomar um voo, podíamos fazer a viagem por terra, de forma mais lenta. No caminho, poderíamos conhecer lugares novos. Mesmo que não ficássemos muito tempo em cada um, ao menos teríamos uma impressão inicial e saberíamos quais eram os melhores para retornar e passar mais tempo no futuro.

Depois dessa noite, fiz uma série de pesquisas e descobri que era fácil a gente se locomover pelos Bálcãs. Além disso, era barato e seguro. Estava decidido. Fariamos a viagem por terra.

Saldo da Turquia

Número de dias: 58

Custo de viagem: R\$ 10.886 (US\$ 4.574)

Média/mês: R\$ 5.631 (US\$ 2.366)

Média/dia: R\$ 188 (US\$ 79)

Custo de acomodação: R\$ 7.205 (US\$ 3.084)

Média/mês: R\$ 3.727 (US\$ 1.595)

Média/dia: R\$ 124 (US\$ 53)

Custo de deslocamento: R\$ 2.863 (US\$ 1.138)

Média/dia: R\$ 49 (US\$ 20)

Seguro de saúde: R\$ 818 (US\$ 352)

Média/dia coberto: R\$ 14 (US\$ 6)

Bulgária

Quando terminou a estadia em Istambul, tomamos um ônibus para [Plovdiv](#), a segunda maior cidade da [Bulgária](#). A viagem foi confortável e durou apenas cinco horas. Na época, fizemos um [vídeo mostrando a jornada](#). Alugamos um [bom apartamento](#) na cidade, onde tivemos o primeiro contato com o país.

O primeiro item que nos chamou a atenção foi o alfabeto. O [cirílico](#) é um alfabeto que mistura letras do [alfabeto latino](#) e do [grego](#). É um pouco estranho para nós porque conseguimos reconhecer algumas das letras. Entretanto, nem sempre elas têm o significado que esperamos. E há outras que são totalmente desconhecidas.

A cidade tinha um centro histórico com prédios bonitinhos e uma área maior com prédios feios, construídos nos tempos comunistas. Isso criava um contraste que era novo para nós.

Descobrimos que a cidade era mais barata que Istambul, a comida era melhor e mais variada, a conexão com a internet era excelente e as pessoas também eram simpáticas. Participamos do [Free Plovdiv Tour](#) e fizemos alguns amigos. Também fizemos um [vídeo mostrando o passeio](#). Tivemos uma experiência agradável na cidade e descobrimos que ela também é uma ótima opção para nômades digitais.

De Plovdiv fomos para [Sófia](#), a capital. Ficamos impressionados com a velocidade da conexão do [apartamento de Teodora](#). Gostamos do lugar e da anfitriã, que era uma querida. Em Sófia, ficamos encantados com a proximidade da montanha, a [Vitosha](#). É sempre bonito ver uma montanha nevada ao lado de uma cidade.

Fizemos o [Free Sofia Tour](#) e descobrimos que havia poucas atrações turísticas. No entanto, havia uma ótima variedade de restaurantes e cafés. Assim como em Plovdiv, a comida era boa, farta e barata. Como o cirílico dificultava, comecei a aprendê-lo, ao menos para ter uma ideia do que estava nos menus.

Os preços em Sófia eram ligeiramente mais altos que em Plovdiv, porém havia maior oferta de apartamentos e a cidade era mais interessante. Assim

como Plovdiv, percebemos que era uma ótima cidade para viver como nômade digital. Inclusive melhor que Plovdiv. Combinamos que voltaríamos no futuro, com mais calma, para passar uma temporada de três meses.

De Sófia fomos para [Veliko Tarnovo](#), uma cidade mais próxima da fronteira com a Romênia, o país que queríamos visitar na sequência. É uma cidade bonita e interessante do ponto de vista turístico, porém pouco apropriada para viver como nômade digital. É muito pequena e não conta com uma oferta de apartamentos tão boa quanto em Sófia, ou até mesmo Plovdiv. De lá tomamos uma *van* até [Ruse](#), nas margens do Rio Danúbio, onde embarcamos em um trem para [Bucareste](#), na [Romênia](#).

A Bulgária faz parte da União Europeia, porém ainda não faz parte do [Acordo de Schengen](#). Isso é ótimo para nós porque podemos ficar três meses no país e visitar outros destinos na [Área do Schengen](#) na sequência, sem qualquer problema. A Bulgária oferece uma das melhores culinárias do Leste Europeu. A Ucrânia é o único país que compete com ela Bulgária nesse sentido. A diferença é que a Bulgária se destaca pelos pratos locais, enquanto a Ucrânia pelos internacionais. Se você quer comer muito bem e pagar pouco (inclusive pela bebida), a Bulgária é o lugar.

Saldo da Bulgária

Número de dias: 12

Custo de viagem: R\$ 1.985 (US\$ 812)

Média/mês: R\$ 4.961 (US\$ 2.030)

Média/dia: R\$ 165 (US\$ 68)

Custo de acomodação: R\$ 1.466 (US\$ 608)

Média/mês: R\$ 3.665 (US\$ 1.520)

Média/dia: R\$ 122 (US\$ 51)

Custo de deslocamento: R\$ 349 (US\$ 131)

Média/dia: R\$ 29 (US\$ 11)

Seguro de saúde: R\$ 169 (US\$ 73)

Média/dia coberto: R\$ 14 (US\$ 6)

Romênia

Chegar à [Romênia](#) foi como voltar para casa depois de visitar um país cujo idioma não falamos. Dá aquela sensação gostosa de voltar a entender o que a gente vê escrito nos lugares. Não conhecíamos o idioma, mas ao menos entendíamos o alfabeto, nosso bom e velho alfabeto latino. Para nossa surpresa, entendíamos grande parte do que estava escrito nas placas, informativos, cardápios e tudo mais que encontrávamos escrito pelo caminho. O romeno é uma língua de origem latina que tem muitas palavras semelhantes ao português e outras línguas latinas. Nem sempre é fácil de entender o que é falado, contudo tende a ser fácil entender o que está escrito.

À primeira vista, Bucareste revelou-se um pouco opressiva. A cidade tinha avenidas largas e era maior. Havia muitos carros nas ruas. Caminhar por elas era um pouco estressante, comparado à tranquilidade de Sófia. Ao contrário de lá, a Bucareste era toda plana e não se via nenhuma montanha por perto.

Alugamos um apartamento lindo ([fotos](#)) em um dos grandes bulevares da cidade. A conexão com a internet era ainda mais rápida que a da Bulgária, portanto adoramos. Percebemos que, assim como Sófia, a cidade não tinha tantas atrações turísticas para oferecer, porém era uma boa base para viver como nômade digital.

Os preços eram igualmente acessíveis, havia uma boa oferta de apartamentos e a infraestrutura era ótima. Assim como Sófia, Bucareste também oferece uma grande variedade de parques espalhados pela cidade. O [Parcul Herăstrău](#), em particular, tornou-se nosso favorito.

Ficamos pouco tempo. Não mais que uma semana. Apenas o suficiente para circular e avaliar o potencial da cidade como base para retornarmos no futuro. Aprovamos a cidade e combinamos que voltaríamos no ano seguinte para uma temporada. O único aspecto que nos decepcionou foi a comida. Achamos que havia pouca variedade de restaurantes, os pratos eram relativamente caros e a comida não era lá essas coisas. Não nos pareceu que valesse à pena comer fora, mas a cidade poderia funcionar bem se preparássemos as refeições em casa.

Em Bucareste aconteceu uma das coincidências mais incríveis que já vivenciamos. Quando estávamos em [Veliko Tarnovo](#), na Bulgária, comecei

a pesquisar como atravessar para a Romênia e me deparei seguidas vezes com artigos do blog [WanderingEarl](#). Seu autor, Derek, fez o trajeto que queríamos fazer, porém em sentido oposto, da Romênia para a Bulgária. Ele dava todos os detalhes, os quais foram valiosos para nos prepararmos. Acabei lendo outros artigos do blog dele e descobri que ele vivia como nômade digital há quinze anos. Derek é particularmente apaixonado pela Romênia e estava no país.

Quando chegamos em Bucareste, falei dele para Pati e lhe disse que havia usado suas instruções para chegarmos até lá. Um dia, entramos no metrô afobados. Estávamos indo visitar Silvia, aquela senhora que conhecemos na entrada do Taj Mahal, na Índia, dois anos antes. Silvia morava em Bucareste e teríamos um jantar com ela. Como estávamos atrasados, entramos correndo no metrô e eu estava recuperando o fôlego quando levantei a cabeça e vi Derek no vagão, a alguns metros de nós.

Não pude acreditar no que estava acontecendo. Não havia dúvidas de que era ele. Quais as chances de algo assim acontecer? Conte para Pati e ela sugeriu que eu falasse com ele. Como sou tímido, resisti. Pati insistiu e eu me apresentei. Expliquei que havia lido seu blog e que suas dicas tinham sido fundamentais para chegarmos até ali. Ele ficou tão chocado quanto a gente. Como já ia descer, combinamos de jantar juntos um outro dia. Quando ele saiu do vagão, eu me dei conta de que havíamos pego o metrô no sentido errado. Se tivéssemos acertado, nunca o teríamos conhecido. Dias depois, jantamos juntos e fizemos mais um amigo. Depois gravamos [essa entrevista](#) com ele.

A Romênia é um país onde pode-se viajar para qualquer lugar de trem. Ele é lento, mas chega a praticamente todos os lugares. Quando nossa estadia terminou, embarcamos em um trem e fomos visitar o belíssimo [Castelo de Peleş](#), em [Sinaia](#). De lá fomos para [Braşov](#), onde ficamos por alguns dias.

A cidade é uma gracinha, tem uma boa infraestrutura e também serve como uma boa base para nômades digitais, especialmente os que curtem cidades pequenas. Os preços são menores que em Bucareste, o que serve como um atrativo adicional.

Em seguida, fomos para [Sibiu](#), onde também passamos alguns dias. A cidade me pareceu ainda mais bonita que [Braşov](#) e também poderia ser um ótimo lugar para viver como nômade digital.

[Braşov](#) e [Sibiu](#) perdem de Bucareste apenas na oferta de acomodação. Entretanto, para quem não gosta de cidade grande, ambas podem funcionar bem. Gostamos das duas e poderíamos passar mais tempo nelas com facilidade.

[Timișoara](#) foi nosso último destino na Romênia. Além de ser o fim da linha de trem que estávamos usando desde Bucareste, era também a última cidade antes de alcançarmos a [Sérvia](#), o destino seguinte. Ficamos pouco tempo. A cidade não parecia oferecer atrações turísticas interessantes, como as outras duas. Porém parecia igualmente promissora para nômades.

Ao fim de nossa viagem pela Romênia, percebemos que o país é um tanto grande para a região e tem diversas cidades com boa infraestrutura para abrigar nômades digitais. Bucareste é a mais importante para quem gosta de cidade grande, enquanto [Braşov](#) costuma ser a preferida de quem gosta de cidades pequenas. Em todo caso, outras como [Sibiu](#) e [Timișoara](#) são igualmente válidas. O interior da Romênia é lindo. O país tem muito a oferecer e, felizmente, também não faz parte do [Acordo de Schengen](#) ainda. Brasileiros podem visitar como turistas sem necessidade de visto por até 90 dias.

Saldo da Romênia

Número de dias: 12

Custo de viagem: R\$ 1.906 (US\$ 782)

Média/mês: R\$ 4.764 (US\$ 1.955)

Média/dia: R\$ 159 (US\$ 65)

Custo de acomodação: R\$ 1.387 (US\$ 578)

Média/mês: R\$ 3.468 (US\$ 1.445)

Média/dia: R\$ 116 (US\$ 48)

Custo de deslocamento: R\$ 349 (US\$ 131)

Média/dia: R\$ 29 (US\$ 11)

Seguro de saúde: R\$ 169 (US\$ 73)

Média/dia coberto: R\$ 14 (US\$ 6)

Sérvia

Durante a maior parte do século XX, existiu um país nos [Balcãs](#) chamado [Iugoslávia](#). Quando o comunismo caiu, o país começou a se fragmentar e mergulhou em uma guerra. A [Iugoslávia](#) eventualmente se dividiu em vários países menores: [Sérvia](#), [Eslovênia](#), [Croácia](#), [Bósnia e Herzegovina](#), [Montenegro](#), [Macedônia](#) e [Kosovo](#).

A [Sérvia](#) foi o país que ficou com a pior reputação e levou a fama de vilã. Por isso, fomos para lá um pouco assustados. No entanto, logo descobriríamos que seu povo está entre os mais amistosos que já conhecemos.

Pegamos um trem de [Timișoara](#) para [Vršac](#), na Sérvia, onde trocamos por outro para [Belgrado](#). O plano era ficar apenas uma semana na cidade, mas não resistimos e adiamos nossa partida algumas vezes. Tudo por conta das pessoas maravilhosas que encontramos por lá.

A primeira foi Mawaheb, aquele amigo sírio, que conhecemos em Istambul e que havia se mudado para Belgrado. Finalmente pudemos revê-lo. Além dele, conhecemos outras pessoas através dos eventos do [Couchsurfing](#). Quando descobriam que éramos brasileiros, as pessoas sempre comentavam que precisávamos conhecer Thiago. Que Thiago? Havia um brasileiro na cidade, que já morava no país há alguns anos e falava sérvio perfeitamente. Ele sabia de todas as festas e eventos que aconteciam por lá. Ficamos curiosos para conhecê-lo.

[Thiago Ferreira](#), do blog [Bem-vindo à Sérvia](#), é um carioca apaixonado pela Sérvia. Nós o conhecemos e ele se tornou um grande amigo. Ele faz tudo o que pode para promover o turismo na Sérvia entre os próprios sérvios e os estrangeiros. Enquanto estávamos lá, gravamos [essa entrevista](#) com ele.

Belgrado é uma cidade que tem partes bonitas, como a fortaleza, chamada [Kalemegdan](#). É um lugar lindo, do qual pode-se apreciar os dois rios que banham a cidade, o [Sava](#) e o [Danúbio](#). É especialmente bonita no fim da tarde. Outras partes não são belas, ou são simplesmente tristes de ver, como as marcas do [bombardeio da OTAN](#), que durou quase três meses durante a primavera de 1999. Belgrado era a capital da Iugoslávia, a qual estava em [guerra com os separatistas do Kosovo](#).

Conhecemos diversas pessoas que passaram pela experiência dos bombardeios e nos contaram detalhes sobre o que aconteceu. Foi a segunda

vez que conversamos com pessoas que foram pegas de surpresa por uma guerra. A primeira foi com nossos amigos sírios. Os relatos nos entristeceram pela violência e pela total falta de sentido de tudo o que aconteceu. Apesar do que passou, o povo sérvio é alegre e festivo.

O que mais nos marcou no país foram as pessoas. Foi um dos lugares do mundo onde mais tivemos facilidade de fazer amigos. Fomos a vários encontros, escutamos diversas histórias, aprendemos muita coisa nova e descobrimos que os sérvios são bem parecidos com os brasileiros, apesar de estarem tão distantes do Brasil.

Belgrado é uma cidade que oferece uma boa infraestrutura e ótimos preços. Há uma boa oferta de acomodação e os valores são acessíveis. A conexão com a internet é suficiente. Não é tão boa quanto na Bulgária e na Romênia, mas isso é normal. Esses dois países são excepcionais em termos de velocidade de acesso à internet.

Come-se bem na Sérvia e paga-se pouco. O único incômodo é que fuma-se demais e em todos os lugares, inclusive fechados. É particularmente frustrante no inverno, quando portas e janelas ficam fechadas e somos obrigados a conviver com a fumaça. Foi o mesmo inconveniente que encontramos em Tbilisi, na Geórgia. Tirando isso, a experiência foi excelente.

Enquanto estávamos na Sérvia, visitamos rapidamente [Novi Sad](#) e [Niš](#). Percebemos que [Novi Sad](#) pode ser uma ótima opção para quem não deseja ficar em uma cidade maior, como Belgrado. Concluimos que as duas cidades são ótimas para quem deseja passar uma temporada na Sérvia como nômade digital. Vale dizer que o país não faz parte da [União Europeia](#) nem do [Acordo de Schengen](#). Brasileiros podem visitar como turistas sem necessidade de visto por até 90 dias.

Saldo da Sérvia

Número de dias: 12

Custo de viagem: R\$ 1.457 \$605

Média/mês: R\$ 3.641 \$1.512

Média/dia: R\$ 121 \$50

Custo de acomodação: R\$ 938 \$401

Média/mês: R\$ 2.345 \$1.003

Média/dia: R\$ 78 \$33

Custo de deslocamento: R\$ 349 \$131

Média/dia: R\$ 29 \$11

Seguro de saúde: R\$ 169 (US\$ 73)

Média/dia coberto: R\$ 14 (US\$ 6)

Macedônia

[Niš](#) foi a última cidade que visitamos na Sérvia. Localizada no sul, foi um ponto de partida conveniente para alcançarmos [Skopje](#), capital da vizinha [Macedônia](#). Pegamos um ônibus e percorremos o trajeto rapidamente.

A [República da Macedônia](#) tem uma [disputa com a Grécia](#) em torno do nome do país, já que Macedônia é o nome de uma [região geográfica e histórica](#), relacionada ao [antigo Império da Macedônia](#), de cultura grega. A [Grécia](#) se queixa de que o país se apropria do nome de forma indevida, bem como de símbolos e personagens que fazem parte da história grega, como é o caso de [Alexandre, o Grande](#). Em função dessa disputa, o país é conhecido na ONU pelo nome oficial de FYROM, ou *Former Yugoslav Republic of Macedonia* (antiga República iugoslava da Macedônia).

A capital, [Skopje](#), é uma cidade esquisita. É fortemente marcada pelos tempos comunistas, o que se traduz em uma grande quantidade de prédios feios e pouco interessantes. O centro, por sua vez, é pontuado de prédios, monumentos e estátuas recentes que fazem o lugar parecer uma espécie de Las Vegas em versão reduzida. É um contraste estranho com o restante da cidade. Para desespero dos gregos, uma imensa estátua de [Alexandre, o Grande](#) é o ponto alto do centro.

A cidade oferece preços baixos e uma boa infraestrutura, o que a torna interessante para nômades digitais. Conseguimos ficar em um [bom apartamento](#) e pagar pouco. Nós a achamos pouco atrativa, então optamos por explorar outra cidade que parecia mais promissora, chamada [Ohrid](#). Pegamos uma *van* na rodoviária e fomos para lá.

[Ohrid](#) fica à beira de um lago que tem o mesmo nome. É uma cidade pequena e bonita. O cenário nos fez lembrar Bariloche. A diferença é que

[Ohrid](#) é mais velha. Possui igrejas e monastérios muito antigos, além de uma bela fortaleza.

A cidade é o principal balneário da Macedônia, portanto recebe muitos visitantes no verão. Há uma grande oferta de apartamentos e hotéis para os turistas, os quais ficam desocupados nas demais estações. Isso cria uma ótima oportunidade para nômades digitais. O custo de vida já é naturalmente baixo em [Ohrid](#), porém a existência de muitos imóveis vazios na maior parte do ano faz o lugar ficar ainda mais barato. Dá para negociar bons descontos. Pegamos um [apartamento próximo ao lago](#) por um bom valor.

Visitamos a cidade no final do inverno. Fazia frio, mas não muito. Já não havia neve, a não ser no topo das montanhas. Os dias eram ensolarados e a beleza do lago era indescritível. Foi lá que Pati fez algumas das fotos mais lindas de nossa jornada.

Fora do verão, a cidade não chega a ficar vazia. Muita gente estuda nas faculdades de [Ohrid](#), incluindo diversos estrangeiros. Fizemos amizade com um estudante egípcio com o qual saímos várias vezes. Ele era de [Alexandria](#) e estudava computação na cidade.

[Ohrid](#) é uma cidade pouco conhecida fora da Macedônia, porém diria que é um ponto estratégico para nômades digitais. É um bom refúgio para quem deseja gastar pouco, comer bem e passar um tempo em um lugar bonito. Como a cidade é pequena, não há muito o que fazer, além de passear à beira do lago, visitar restaurantes e conversar com os amigos. Para quem precisa se concentrar no trabalho, pode ser uma boa opção. O oposto de Belgrado, por exemplo, onde é difícil trabalhar por ser uma cidade tão festiva. A conexão com a internet não era rápida no apartamento em que ficamos, porém era suficiente.

A Macedônia também não faz parte da [União Europeia](#) nem do [Acordo de Schengen](#). Brasileiros podem visitar como turistas sem necessidade de visto por até 90 dias.

Saldo da Macedônia

Número de dias: 9

Custo de viagem: R\$ 1.075 (US\$ 447)

Média/mês: R\$ 3.583 (US\$ 1.490)

Média/dia: R\$ 119 (US\$ 50)

Custo de acomodação: R\$ 686 (US\$ 294)

Média/mês: R\$ 2.287 (US\$ 980)

Média/dia: R\$ 76 (US\$ 33)

Custo de deslocamento: R\$ 262 (US\$ 98)

Média/dia: R\$ 29 (US\$ 11)

Seguro de saúde: R\$ 127 \$55

Média/dia coberto: R\$ 14 (US\$ 6)

Albânia

[Ohrid](#) fica próxima à fronteira com a [Albânia](#), onde está a margem oposta do lago. Para chegar à capital, [Tirana](#), pegamos um ônibus para [Struga](#) nas proximidades de [Ohrid](#). De lá partia uma *van* para [Tirana](#). A viagem foi desconfortável. Tivemos de lutar por um lugar na *van*, que partiu lotada. Nossa bagagem só coube porque viajamos com pouco. Se levássemos uma mala um pouquinho maior, não poderíamos ir. O cenário compensou o desconforto. A parte da [Albânia](#) que cruzamos até alcançar [Tirana](#) é montanhosa e oferece paisagens lindas.

O povo albanês viveu uma das histórias mais tristes da Europa durante o século XX, sob o regime do ditador [Enver Hoxha](#), que comandou o país por quarenta anos. Ele criou um dos regimes comunistas mais fechados do planeta, superado apenas pelo da [Coreia do Norte](#). Visitar a [Albânia](#), ou qualquer outro país que tenha passado pelos horrores do comunismo, é instrutivo, especialmente para quem pensa que o capitalismo é o mal do mundo e que o Estado deve ter um papel mais forte para diminuir a desigualdade social. A história mostra que pouca coisa empobrece mais e destrói as nações que o comunismo.

Tirana é uma cidade esquisita e com uma infraestrutura precária. Ela cresceu de forma desordenada. Ficamos em um bom apartamento ([fotos](#)), em uma área central. Assim mesmo, não pudemos deixar de notar a forma desordenada como os edifícios foram construídos. Em alguns aspectos, a cidade nos fez lembrar a Índia.

Embora estivéssemos em um dos países mais pobres da Europa, nos espantamos com a concentração de carros de luxo. O povo albanês parece ter um fascínio especial por eles.

Tirana não tem grandes atrações turísticas, mas é um lugar barato. A conexão com a internet não era rápida no apartamento. Assim mesmo, a cidade nos pareceu aceitável para passar um tempo como nômade digital. Os preços são baixos e as pessoas são simpáticas e hospitaleiras. Fizemos alguns amigos por lá. São pessoas inteligentes e bem articuladas.

Além de Tirana, visitamos [Berat](#), uma das cidades mais turísticas do país. É uma cidade interessante, porém estava passando por grandes obras que atrapalharam nossa experiência. O caminho até lá nos mostrou a precariedade das rodovias albanesas e dos meios de transporte locais.

Uma parte que não visitamos, por ser inverno, foi o litoral. Vimos apenas algumas partes dele em nosso trajeto de ônibus. Assim mesmo, ficamos impressionados. A Albânia tem praias bonitas à beira do [Mar Adriático](#) com um custo inferior ao de países próximos como Grécia, Montenegro e Croácia. Seria interessante retornar no verão para conferir.

Os europeus costumam achar que a Albânia é um país perigoso. De fato, houve um período em que passou por maus momentos e ganhou muita publicidade negativa. Atualmente está longe de ser um país perigoso. Nós nos sentimos seguros o tempo todo e não tivemos nenhum tipo de problema.

A Albânia também não faz parte da [União Europeia](#) nem do [Acordo de Schengen](#). Brasileiros podem visitar como turistas sem necessidade de visto por até 90 dias.

Saldo da Albânia

Número de dias: 5

Custo de viagem: R\$ 714 (US\$ 297)

Média/mês: R\$ 4.284 (US\$ 1.782)

Média/dia: R\$ 143 (US\$ 59)

Custo de acomodação: R\$ 498 (US\$ 212)

Média/mês: R\$ 2.988 (US\$ 1.272)

Média/dia: R\$ 100 (US\$ 42)

Custo de deslocamento: R\$ 146 (US\$ 55)
Média/dia: R\$ 29 (US\$ 11)

Seguro de saúde: R\$ 71 (US\$ 30)
Média/dia coberto: R\$ 14 (US\$ 6)

Kosovo

[Kosovo](#) era um território autônomo da [Sérvia](#) até declarar independência no final da década de 90. Depois de uma guerra, o território passou a ser governado como um país *de facto*. Porém [não é reconhecido](#) por grande parte dos países que compõem a [ONU](#), incluindo o Brasil. A população é de origem albanesa, já que a maior parte dos sérvios deixou o território após a guerra.

Pegamos um ônibus em Tirana e fomos inicialmente para [Prizren](#). A pequena cidade tem um centro bonitinho, que lembra a Turquia. Tivemos uma estadia agradável, porém não nos pareceu um bom lugar para passar uma temporada mais longa. A cidade é muito pequena e a infraestrutura não é das melhores.

De lá, pegamos outro ônibus até [Pristina](#), a capital. O caminho foi bonito e a viagem curta. O território do [Kosovo](#) é minúsculo.

Ficamos surpresos com os preços altos das acomodações. São bem mais altos que em outras cidades dos Balcãs. Isso provavelmente tem a ver com a presença de funcionários de diversos organismos internacionais, como a [ONU](#) e outros. Essas instituições contam com orçamentos generosos, o que lhes permite pagar valores altos na hospedagem dos funcionários. Isso encarece os valores dos apartamentos e hotéis, o que nos levou a ficar por apenas três dias.

Apesar do pouco tempo, conhecemos algumas pessoas. Elas se mostraram simpáticas e hospitaleiras. Certamente se tornariam bons amigos se passássemos mais tempo.

A cidade é um tanto feia e nos fez lembrar Skopje, na Macedônia, porém sem as estátuas e monumentos espalhafatosos. Visitar a cidade foi interessante. Aprendemos sobre a história do lugar, os conflitos que vivenciaram e os dramas da guerra. No entanto, não consideramos um bom lugar para passar uma temporada como nômade digital. As pessoas são

simpáticas e o lugar é seguro, porém a cidade não é atrativa, a acomodação é cara e a infraestrutura não é das melhores. Kosovo não faz parte da [União Europeia](#) nem do [Acordo de Schengen](#). Brasileiros podem visitar como turistas sem necessidade de visto por até 90 dias.

Saldo de Kosovo

Número de dias: 5

Custo de viagem: R\$ 956 (US\$ 403)

Média/mês: R\$ 5.736 (US\$ 2.418)

Média/dia: R\$ 191 (US\$ 81)

Custo de acomodação: R\$ 740 (US\$ 318)

Média/mês: R\$ 4.440 (US\$ 1.908)

Média/dia: R\$ 148 (US\$ 64)

Custo de deslocamento: R\$ 146 (US\$ 55)

Média/dia: R\$ 29 (US\$ 11)

Seguro de saúde: R\$ 71 (US\$ 30)

Média/dia coberto: R\$ 14 (US\$ 6)

Montenegro

Pegamos um ônibus de [Pristina](#) para [Ulcinj](#), em [Montenegro](#). Como a cidade é muito frequentada por albaneses, foi mais fácil achar um ônibus diretamente para lá. Nessa parte dos Balcãs o transporte é precário e costuma ser feito através de vans. As rotas são limitadas e é preciso seguir as mais tradicionais, como a que escolhemos.

[Montenegro](#) é um país lindo. Nós o percorremos do sul ao norte pelo litoral. Quase todos os lugares eram bonitos. Existe uma cadeia de montanhas vulcânicas que percorre grande parte do país e que se estende ao longo do litoral. Ela termina abruptamente antes de alcançar o mar e é separada dele por uma estreita faixa de terra, sobre a qual passa a estrada que liga o país de norte a sul. É nela que algumas cidades se

desenvolveram, como é o caso das que visitamos: [Ulcinj](#), [Bar](#), [Budva](#), [Kotor](#) e [Herceg Novi](#).

[Ulcinj](#) é uma cidade bonita que foi quase toda construída ao longo de uma elevação, portanto há muitas ladeiras. Ficamos em um apartamento cujo vista era linda. Pena que chegamos em um dia que estava chovendo demais.

[Budva](#) é uma cidade de veraneio clássica e bonita. Tem muitas casas e apartamentos por temporada. A área plana é maior, portanto não é preciso ficar subindo e descendo como em [Ulcinj](#). Existe uma área medieval cheia de lojinhas e restaurantes bonitinhos.

[Kotor](#) é a cidade mais linda do litoral de [Montenegro](#). A baía é lindíssima, assim como a cidade medieval, que é menor que a de [Budva](#). É uma cidade que vale à pena visitar em qualquer época do ano, nem que seja apenas para fazer turismo.

[Herceg Novi](#) é a última cidade ao norte e fica próxima da fronteira com a Croácia. Assim como [Ulcinj](#), parte da cidade é construída sobre uma elevação, o que significa muitas ladeiras. Também é bonita, como as anteriores.

Todas essas cidades são atrativas para nômades digitais, embora sejam pequenas. [Budva](#) e [Kotor](#) são as mais bonitas e convenientes. A área plana é maior e há uma boa oferta de hospedagens. Os valores de acomodação são razoáveis para cidades litorâneas, especialmente fora do verão. Já no verão, uma preocupação seria a quantidade de pessoas, além do aumento nos preços. É provável que a estrada que segue pelo litoral fique sempre lotada de carros, o que não deve propiciar uma experiência agradável.

A velocidade da internet era baixa nos lugares em que ficamos, se não me falha a memória. Porém rápida o suficiente para o básico.

Não conhecemos o interior do país, porém imagino que os preços sejam ainda menores, já que há menos visitantes. É provável que seja igualmente bonito, o que deve criar algumas oportunidades interessantes para nômades digitais, especialmente os que apreciam cidades menores.

Montenegro é um país que vale muito à pena conhecer. É um lugar para onde desejamos voltar no futuro para passar uma temporada. Embora utilize o euro, ele não faz parte [União Europeia](#) nem do [Acordo de Schengen](#). Brasileiros podem visitar como turistas sem necessidade de visto por até 90 dias.

Saldo de Montenegro

Número de dias: 4

Custo de viagem: R\$ 563 (US\$ 239)

Média/mês: R\$ 4.221 (US\$ 1.792)

Média/dia: R\$ 141 (US\$ 60)

Custo de acomodação: R\$ 390 (US\$ 171)

Média/mês: R\$ 2.925 (US\$ 1.283)

Média/dia: R\$ 98 (US\$ 43)

Custo de deslocamento: R\$ 116 (US\$ 44)

Média/dia: R\$ 29 (US\$ 11)

Seguro de saúde: R\$ 56 (US\$ 24)

Média/dia coberto: R\$ 14 (US\$ 6)

Croácia (parte 1)

[Herceg Novi](#), a última cidade que visitamos em [Montenegro](#), fica próxima de [Dubrovnik](#), na [Croácia](#). A distância é de apenas 50 quilômetros. Nosso plano original era pegar um ônibus, mas um taxista se ofereceu para nos levar por um valor razoável. Além disso, havia outro viajante que também queria ir e dividiu a corrida com a gente.

[Dubrovnik](#) é uma cidade linda e única. Não é um destino turístico badalado por acaso. Essa beleza tem seu preço. Tivemos de pagar pela acomodação o dobro do que vínhamos pagando em [Montenegro](#). O preço da comida também deu um salto. Assim mesmo, é o tipo de cidade onde poderíamos passar mais tempo se conseguíssemos achar uma acomodação mais em conta, ou não tivéssemos restrições orçamentárias. Embora a infraestrutura seja boa, o custo alto torna difícil passar uma temporada na cidade. Também imagino que seja um tanto desconfortável no verão, quando os preços ficam ainda mais altos.

Bósnia e Herzegovina

O litoral da [Croácia](#) tem uma peculiaridade. Quando você segue de [Dubrovnik](#) para [Zagreb](#), a capital, o território da [Croácia](#) termina de forma abrupta. Na estrada, surge a fronteira com a [Bósnia e Herzegovina](#), cujo território cobre um pedacinho de litoral e se estende por nove quilômetros. Quem viaja pela estrada faz o processo de imigração para entrar na [Bósnia](#). Depois de alguns minutos, faz a imigração de novo para entrar de volta na [Croácia](#).

Seria natural que seguíssemos até [Zagreb](#) e visitássemos outras cidades litorâneas pelo caminho, porém percebi que seria interessante já entrar na [Bósnia](#), visitar as cidades que queríamos e depois retornar para a [Croácia](#), começando diretamente por [Zagreb](#), no norte do país. Parte disso deve-se ao interesse em visitar [Mostar](#), um dos destinos turísticos mais conhecidos da [Bósnia](#), que ficava a apenas duas horas de [Dubrovnik](#) e para o qual havia transporte fácil.

[Mostar](#) revelou-se uma cidade interessante. A área em que está a famosa ponte é bonita e pitoresca. Infelizmente a cidade tem uma história triste. Foi bastante castigada na [Guerra Civil Iugoslava](#), na década de 90. Ainda pode-se ver buracos de bala e de fragmentos de explosivos em diversos lugares.

Apesar de ser um destino turístico bastante visitado, a cidade oferece bons preços. Para quem gosta de cidades pequenas e deseja passar uma temporada na [Bósnia](#), é uma boa opção. Na hora de ir para [Sarajevo](#), podíamos optar entre o trem e o ônibus. Descobrimos que era permitido fumar no interior do trem e proibido no ônibus, razão pela qual o escolhemos.

A viagem revelou cenários lindos. O interior da [Bósnia](#) é repleto de montanhas e pequenos rios que correm entre elas. Uma paisagem bonita e diferente do que vínhamos encontrando.

Alugamos um [bom apartamento](#) em [Sarajevo](#) e ficamos por alguns dias na cidade. Gostamos dos preços, da comida, da simpatia e da hospitalidade das pessoas. Fizemos alguns amigos por lá e nos divertimos com eles.

Fizemos o [waking tour do Neno](#) e aprendemos muito com ele. Foi instrutivo conhecer detalhes do evento que desencadeou a [Primeira Guerra Mundial](#) (o [Atentado de Sarajevo](#)) e escutar seu relato pessoal do período em que a cidade foi sitiada pelos sérvios na [Guerra Civil](#). Ele era criança e conviveu com os horrores da guerra.

A parte histórica de [Sarajevo](#) é bonita e possui algumas mesquitas lindas. Faz lembrar a [Turquia](#). A [Bósnia](#), assim como a [Albânia](#) e o [Kosovo](#),

tem uma população predominantemente muçulmana. Assim como nos países árabes que visitamos, pudemos notar que a hospitalidade é levada a sério. As pessoas eram muito simpáticas com a gente e faziam todo o possível para nos agradar.

[Sarajevo](#) nos pareceu uma boa cidade para passar uma temporada como nômade digital. O custo/benefício é ótimo, a infraestrutura é boa o suficiente e é muito fácil fazer amigos.

Quando estávamos em [Sarajevo](#) descobrimos que a [Bósnia](#) é um país dividido. Existe um "outro país" dentro dela chamado [Republika Srpska](#) ([República Sérvia](#)). É um território habitado por pessoas de etnia sérvia. Nessa área, encontram-se cristãos-ortodoxos, em vez de muçulmanos. A cultura é diferente, embora todos estejam no mesmo país. Fiquei curioso em conhecer esse outro lado da [Bósnia](#).

Pegamos um ônibus para [Jajce](#), uma cidade pequena, porém pitoresca na [Republika Srpska](#). Passamos uma noite lá. O suficiente para perceber que vale como destino turístico, mas não para passar uma temporada como nômade. O lugar é pequeno demais. Não há uma boa oferta de acomodação e a infraestrutura é limitada.

Seguimos viagem para [Banja Luka](#), capital da [Republika Srpska](#). Todo o trajeto, de [Sarajevo](#) até lá é bonito. O interior da [Bósnia](#) é muito bonito e vale à pena ser visitado. É o tipo de trajeto interessante de fazer lentamente, de carro, parando pelo caminho para apreciar e tirar fotos.

[Banja Luka](#) é uma cidade de médio porte. Ao contrário de [Sarajevo](#), é plana, portanto mais fácil de navegar. O lugar é bonito e oferece uma boa infraestrutura. Embora tenhamos passado apenas uma noite, percebemos que poderia ser uma boa base para passar uma temporada como nômade digital.

É o tipo de lugar que pouca gente conhece ou visita. No entanto, apresenta uma ótima relação custo/benefício. Como a população é de origem sérvia, suspeito que também teríamos facilidade para fazer amigos na cidade, caso ficássemos mais tempo. É um lugar para o qual eu adoraria retornar e passar mais tempo. A cidade me surpreendeu.

A [Bósnia](#) nos pareceu um bom destino para nômades digitais, especialmente aqueles que precisam de sossego e querem economizar. O país não faz parte [União Europeia](#) nem do [Acordo de Schengen](#). Brasileiros podem visitar como turistas sem necessidade de visto por até 90 dias.

Saldo da Bósnia

Número de dias: 8

Custo de viagem: R\$ 1.123 (US\$ 481)
Média/mês: R\$ 4.210 (US\$ 1.803)
Média/dia: R\$ 140 (US\$ 60)

Custo de acomodação: R\$ 777 (US\$ 345)
Média/mês: R\$ 2.914 (US\$ 1.294)
Média/dia: R\$ 97 (US\$ 43)

Custo de deslocamento: R\$ 233 (US\$ 87)
Média/dia: R\$ 29 (US\$ 11)

Seguro de saúde: R\$ 113 (US\$ 49)
Média/dia coberto: R\$ 14 (US\$ 6)

Croácia (parte 2)

Voltar à [Croácia](#) e chegar à [Zagreb](#) foi fácil. Bastou pegar um ônibus direto de [Banja Luka](#). Alugamos um [ótimo apartamento](#) e passamos alguns dias na cidade.

A parte central é bonita e moderna. A cidade oferece uma boa infraestrutura e há uma boa oferta de apartamentos para locação por temporada. O único inconveniente é que os preços são um pouco mais altos que nas demais capitais dos [Balcãs](#). Assim mesmo, é uma cidade que pode funcionar bem como base para uma temporada nômade. Isso é especialmente verdade fora da alta temporada, quando torna-se mais fácil negociar os valores das acomodações.

Voltamos ao litoral para visitar alguns destinos populares. O primeiro foi [Split](#), onde passamos alguns dias. A cidade é bonita, porém logo tivemos a sensação de que não havia muito o que fazer. Como não era verão, curtir as praias estava fora de cogitação.

Nessa época, Pati andava angustiada com sua carreira. Ela sentia que ficar fora do Brasil por tantos meses estava tornando-a menos conectada ao mercado de casamento do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, sentia-se cada

vez mais interessada em ficar viajando. Já não se animava tanto em voltar ao Brasil para fazer fotos de casamento por alguns meses. Além disso, seu corpo estava cada dia mais cansado do esforço físico que os casamentos exigiam. Ela terminou a temporada de casamentos de 2013 exausta e com o corpo bem machucado. As dores começavam a incomodar cada vez mais.

Uma noite, caminhando pela orla, conversamos horas sobre isso até que ela concluiu que seria melhor deixar a fotografia de casamento. Dessa forma, não teríamos mais de retornar ao Brasil todos os anos e poderíamos nos dedicar a novos projetos. Foi uma decisão difícil, radical e possivelmente precipitada. Ela teve diversas consequências adversas nos anos seguintes. Porém, como sempre, lembrávamos do ditado chinês: "é preciso esvaziar a xícara para experimentar novos chás". Tinha chegado a hora de ela esvaziar essa xícara. É curioso que essa decisão tenha sido tomada exatamente em [Split](#), uma palavra que, em inglês, significa rachar, partir.

De [Split](#), tomamos um *ferry* e fomos visitar [Hvar](#), uma ilha linda que fica nas proximidades. É um destino badalado no verão. Logo descobrimos a razão. O lugar é sensacional e deve ser muito legal passar as férias lá.

A última cidade que visitamos foi [Zadar](#), que é tão bonita quanto as anteriores. É o tipo de cidade onde poderíamos passar um bom tempo.

Todas as cidades que visitamos no litoral da [Croácia](#) são bonitas e merecem ser visitadas, nem que seja apenas para fazer turismo por alguns dias. Como são muito turísticas, os preços não são favoráveis. Todas têm uma boa infraestrutura e poderiam funcionar bem para uma temporada nômade, desde que não houvesse grandes restrições financeiras. Se você quiser passar uma temporada e a grana estiver curta, a solução é visitar fora do verão, ficar hospedado em cidades menos conhecidas e negociar o valor da acomodação.

A [Croácia](#) faz parte da [União Europeia](#), porém não está no [Acordo de Schengen](#). Brasileiros podem visitar como turistas sem necessidade de visto por até 90 dias.

Saldo da Croácia

Número de dias: 9

Custo de viagem: R\$ 1.522 (US\$ 666)

Média/mês: R\$ 5.073 (US\$ 2.220)
Média/dia: R\$ 169 (US\$ 74)

Custo de acomodação: R\$ 1.133 (US\$ 513)
Média/mês: R\$ 3.777 (US\$ 1.710)
Média/dia: R\$ 126 (US\$ 57)

Custo de deslocamento: R\$ 262 (US\$ 98)
Média/dia: R\$ 29 (US\$ 11)

Seguro de saúde: R\$ 127 (US\$ 55)
Média/dia coberto: R\$ 14 (US\$ 6)

Eslovênia

Depois de conhecer [Zadar](#), tomamos um ônibus de volta para [Zagreb](#). Pensamos em visitar o famoso [Plitvice National Park](#), porém chovia no dia. Em [Zagreb](#) tomamos um trem para [Ljubljana](#), a capital da [Eslovênia](#).

A pequena cidade nos surpreendeu com sua beleza. O centro é lindo demais. Lamentamos passar tão pouco tempo na cidade. Infelizmente toda essa beleza tem um preço. [Ljubljana](#) é uma cidade bem mais cara que as demais que visitamos até então. Ainda assim, é um lugar para o qual adoraríamos retornar para passar uma temporada de três meses.

Pensamos em visitar [Bled](#), um dos pontos altos do país. No entanto precisávamos apertar o passo. Então seguimos para o nordeste do país. Pegamos um trem e fomos para [Maribor](#). A cidade é simpática e também tem potencial para uma temporada nômade.

A [Eslovênia](#) é um dos países onde passamos menos tempo nessa viagem, porém foi um dos que mais ficamos interessados em voltar para passar mais tempo. Adoramos tudo o que vimos por lá e só lamentamos não ficar mais tempo.

O país faz parte da [União Europeia](#) e do [Acordo de Schengen](#). Foi o primeiro país que alcançamos que fazia parte do Espaço Schengen desde que deixamos a Turquia. É importante compreender as implicações disso.

Estivemos em dez países na Europa que não fazem parte da Área do Schengen. Em cada um deles é possível ficar por até 90 dias (três meses) sem visto como turista brasileiro. Em todos eles, com exceção do Kosovo,

encontramos cidades com ótimo potencial para passar uma temporada como nômade digital. A maioria tem custo de vida baixo e oferece uma excelente relação custo/benefício. Alguns, como a Bulgária e a Romênia, também oferecem conexões com a internet bastante rápidas. É fácil e barato viajar entre esses países usando transportes mais em conta, como ônibus e trem. As viagens são curtas, já que as distâncias são pequenas.

Por ter tantos países próximos que não fazem parte do [Acordo de Schengen](#), essa parte da Europa tem importância estratégica para nômades digitais brasileiros. Quem deseja ficar na Europa por tempo indeterminado pode ficar pulando entre esses países com tranquilidade. Eles não são tão visitados pelos brasileiros quanto os países da Europa Ocidental, porém são igualmente interessantes. Eles têm muito a oferecer para os viajantes e são até mais seguros que os países da Europa Ocidental.

Para quem deseja passar mais tempo na Europa Ocidental, eles oferecem uma válvula de escape. Sempre que o tempo máximo de permanência for alcançado no Espaço Schengen, é possível visitar um desses países dos Balcãs. É claro que você também poderia visitar a Irlanda ou o Reino Unido, porém o custo destes é muito maior.

Muitos nômades digitais seguem para o [Sudeste Asiático](#) em busca de preços baixos, porém ignoram que não é preciso ir tão longe. É verdade que países como [Tailândia](#) e [Vietnã](#), por exemplo, oferecem excelentes preços. Entretanto a infraestrutura não se compara à da Europa. Além disso, é mais complicado e potencialmente mais caro locomover-se entre esses países. A política de vistos também não é das melhores.

Cambodia, Laos, Myanmar e Vietnã, por exemplo, exigem visto. Ainda que seja possível obtê-los online, há um custo e uma burocracia envolvida. Além disso, o tempo de permanência é menor que 90 dias na maioria deles, como é o caso do Cambodia, Laos, Myanmar, Filipinas, Indonésia e Singapura. Apenas Tailândia e Malásia oferecem estadias de até 90 dias para brasileiros, sem visto, como os países dos Balcãs.

Outro aspecto indesejável é o calor infernal que faz na região e a enorme quantidade de pessoas nas cidades mais relevantes. Sim, é possível gastar pouco no Sudeste Asiático, mas vive-se mal em comparação ao que se pode conseguir por valores semelhantes nos países dos Balcãs.

Esse foi um dos aprendizados mais importantes que essa viagem nos proporcionou. Ela nos mostrou que o Leste Europeu, especialmente os Balcãs, abrigam o maior tesouro disponível para nômades digitais,

especialmente aqueles que viajam com o passaporte brasileiro. Isso sem contar outros países próximos que oferecem benefícios semelhantes, além de estadias de até 90 dias, como é o caso do Chipre, Turquia, Ucrânia, Bielorrússia, Rússia e Armênia. Fora a Geórgia, onde podemos ficar por até um ano como turistas.

Saldo da Eslovênia

Número de dias: 3

Custo de viagem: R\$ 612 (US\$ 267)

Média/mês: R\$ 6.116 (US\$ 2.670)

Média/dia: R\$ 204 (US\$ 89)

Custo de acomodação: R\$ 482 (US\$ 216)

Média/mês: R\$ 4.820 (US\$ 2.160)

Média/dia: R\$ 161 (US\$ 72)

Custo de deslocamento: R\$ 87 (US\$ 33)

Média/dia: R\$ 29 (US\$ 11)

Seguro de saúde: R\$ 42 (US\$ 18)

Média/dia coberto: R\$ 14 (US\$ 6)

Hungria

Quando iniciamos essa jornada na Turquia, nosso objetivo principal era chegar à [Budapeste](#), capital da [Hungria](#). Depois de dois meses viajando pelos [Balcãs](#), alcançamos nosso destino e fomos presenteados com uma das cidades mais lindas que já conhecemos.

Logo percebemos que [Budapeste](#) oferece um raro equilíbrio, ideal para temporadas mais longas. Há uma grande oferta de apartamentos com preços bons. Eles sobem no verão, porém consegue-se boas acomodações com preços baixos no restante do ano e sempre pode-se negociar os valores.

A infraestrutura da cidade é excepcional. Há muitas opções de bares, cafés e restaurantes. O tamanho da cidade é ideal. Não é nem tão grande,

nem tão pequena. Há muitos lugares bonitos para visitar e atrações turísticas interessantes.

A cidade é bem conectada com o restante da Europa. Como ela é a base de operações da [Wizzair](#), é possível voar para vários lugares da Europa pagando valores baixos nas passagens. Foi justamente o que nos fez encurtar a estadia e pegar um voo barato para um destino que não havíamos planejado, a Rússia.

Saldo da Hungria

Número de dias: 4

Custo de viagem: R\$ 686 (US\$ 296)

Média/mês: R\$ 5.144 (US\$ 2.220)

Média/dia: R\$ 171 (US\$ 74)

Custo de acomodação: R\$ 513 (US\$ 228)

Média/mês: R\$ 3.848 (US\$ 1.710)

Média/dia: R\$ 128 (US\$ 57)

Custo de deslocamento: R\$ 116 (US\$ 44)

Média/dia: R\$ 29 (US\$ 11)

Seguro de saúde: R\$ 56 (US\$ 24)

Média/dia coberto: R\$ 14 (US\$ 6)

Rússia

Ainda em [Ljubljana](#), quando estávamos na estação aguardando pelo trem, entramos no McDonalds para usar a conexão com a internet. Depois de [Maribor](#), alcançaríamos [Budapeste](#), base da [Wizzair](#), uma das companhias aéreas *low cost* mais relevantes da Europa. Como já estávamos no meio da primavera e as temperaturas começavam a subir, perguntei-me se conseguiríamos uma passagem barata de [Budapeste](#) para [Moscou](#), o que nos permitiria ter um primeiro contato com a [Rússia](#). Encontramos uma opção barata e compramos a passagem ali mesmo, no McDonalds. Para

viabilizar a viagem para a Rússia, teríamos apenas de sacrificar alguns dias de [Budapeste](#).

Como estávamos fazendo uma viagem de reconhecimento pelo Leste Europeu, o ritmo estava bem puxado. Gastávamos muita energia mudando de um lugar para outro e conhecendo as cidades. Com frequência dormíamos pouco. Pagamos o preço em [Budapeste](#). Pati ficou um pouco doente nos últimos dias. Teve febre e começou a ficar resfriada. Esse episódio foi um dos primeiros que serviriam para me ensinar a importância de descansar e dormir bem para não comprometer o sistema imunológico.

Os dias se passaram em Budapeste e demorei para buscar acomodação em [Moscou](#). Quando o fiz, me apavorei com os preços. Estavam bem acima de nosso orçamento. Apesar disso, preferi pegar um apartamento que tivesse uma grande quantidade de avaliações positivas e que parecesse ter um bom proprietário. Foi uma sábia decisão.

O apartamento era um estúdio simples ([fotos](#)), porém honesto e com boa localização. A dona era uma simpatia. Apesar do inglês limitado, nos tratou bem desde o início e fez todo o possível para ficarmos confortáveis.

Passamos bem a primeira noite, porém notamos que a descarga do banheiro estava um pouco estranha. No dia seguinte, saímos para passear e tivemos uma surpresa quando voltamos. O piso do banheiro estava coberto de detritos. Peço desculpas, sei que é nojento. Foi um show dos horrores. Havia algum problema com o vaso sanitário e ele vazou enquanto estávamos na rua.

Entramos em contato com a dona e pedimos ajuda, mas, como já era tarde, achamos melhor passar a noite ali mesmo e resolver a questão no dia seguinte. Foi um dia nojento, daqueles em que a gente tem de dormir sem banho e aturar um cheiro desagradável.

Seguindo as orientações da dona, arrumamos nossa bagagem e encontramos com ela no dia seguinte, bem cedo. Ela viu o que aconteceu no banheiro, assumiu a responsabilidade, pediu mil desculpas e nos tirou do apartamento. Levou-nos para tomar café da manhã em uma cafeteria próxima e pagou por ele. Em seguida, nos levou para outro apartamento, de um amigo, onde passaríamos a próxima noite.

Durante o dia, saímos novamente para passear, enquanto a dona do apartamento levou uma equipe para consertar o banheiro. Na manhã do dia seguinte, ela foi nos buscar e nos levou de volta para seu apartamento. Estava tudo na mais perfeita ordem. Ela contou que os pedreiros passaram o

dia todo trabalhando no banheiro. Aparentemente, houve uma obra em outro apartamento e os pedreiros deixaram entrar muita sujeira pelos canos. Isso os entupiu e causou o problema que tivemos.

Mais uma vez, a proprietária assumiu a responsabilidade e pediu mil desculpas. Como forma de compensação, ele se ofereceu para fazer um passeio de carro com a gente e nos mostrar a cidade no fim do dia. Nós aceitamos felizes da vida.

Esse episódio comprovou algo em que sempre acreditei. Mais importante que escolher os melhores apartamentos é identificar os melhores proprietários. Elena, a proprietária, teve um comportamento exemplar em um momento de crise. Puxou a responsabilidade para si, buscou uma alternativa para nós, corrigiu o problema e ainda fez questão de nos dar algo a mais para compensar pelo estresse. Um atendimento impecável, que nunca iremos esquecer. Se tivéssemos escolhido um proprietário ruim, um episódio como esse poderia ter comprometido toda a estadia e deixaríamos de aproveitar a cidade.

Moscou é uma cidade enorme. É cansativo andar por ela. As avenidas são gigantescas e as distâncias são grandes. O metrô é ótimo e as estações são uma atração em si. É uma mais linda que a outra. O único problema é que toda a sinalização é escrita usando o cirílico. Por sorte, aprendi o básico na Bulgária, o que me permitiu ler as placas. Para navegar pela cidade, os aplicativos [Maps.me](#) e [Yandex.Metro](#) revelaram-se essenciais.

Quando estávamos na [Praça Vermelha](#), fomos abordados por algumas pessoas que julgamos ser golpistas. Gente com inglês perfeito, papo manso e conversa um pouco atravessada. Eu havia estudado os golpes típicos e sabia que se alguém nos abordasse com inglês perfeito havia uma chance alta de ser golpe. Encontramos pessoas que falavam inglês na Rússia, naturalmente, porém poucas o faziam com perfeição. Os golpistas pertenciam a esse grupo.

Assim como fazemos em outras cidades, procuramos por encontros do [Couchsurfing](#). Achamos um destinado à prática do espanhol. Fomos até lá e conhecemos um monte de gente legal. Pessoas com as quais nos comunicamos até hoje. Entre elas, havia até um búlgaro que falava português. Polina, a menina que organizava o evento, e seu namorado espanhol também tornaram-se nômades algum tempo depois.

Nosso plano original era apenas visitar [Moscou](#) e pegar o voo de volta para [Budapeste](#). No entanto, descobri que seria fácil ir para [São Petersburgo](#)

de trem. Depois poderíamos usar o trem para chegar a [Tallinn](#), na [Estônia](#). De lá poderíamos ir descendo até a [Eslováquia](#) e visitar os países que faltavam no [Leste Europeu](#).

Os trens russos, que também encontraríamos depois na Bielorrússia e na Ucrânia, são um tanto diferentes daqueles usados tipicamente na Europa, o que nos propiciou uma experiência interessante. A viagem foi confortável e tranquila.

Em [São Petersburgo](#) tivemos a chance de rever Ksenia, uma amiga que fizemos quando estávamos em Belgrado. Além disso, fomos a um encontro do [Couchsurfing](#) e conhecemos muita gente legal. Havia um russo que falava português e conversou muito com a gente.

Apesar do pouco tempo que passamos na [Rússia](#), pudemos notar que os russos não correspondem ao estereótipo que imaginamos. As pessoas não andam sorrindo pelas ruas, é verdade, porém são muito simpáticas depois que as conhecemos. Como eles próprios nos disseram, o russo é como um ovo. Por fora, a casca é dura, mas por dentro é mole. A comparação não poderia ser mais adequada.

[São Petersburgo](#) é uma cidade muito bonita. Há muito o que fazer por lá. Gostaríamos de voltar com mais tempo no futuro e passar uma temporada de três meses. Talvez até estudar russo enquanto estivermos lá. A infraestrutura é ótima e o acesso à internet é rápido. A acomodação é um pouco cara, porém os demais preços são bons.

Poder ingressar na [Rússia](#) sem precisar de visto é um dos privilégios que o passaporte brasileiro nos dá. Europeus, americanos, canadenses, australianos e muitos outros povos precisam pedir visto. O procedimento é caro e trabalhoso. Nômades digitais brasileiros, por outro lado, podem entrar e sair com tranquilidade. Temos o direito de passar até 90 dias como turista sem necessidade de visto.

Saldo da Rússia

Número de dias: 7

Custo de viagem: R\$ 2.135 (US\$ 935)

Média/mês: R\$ 9.152 (US\$ 4.007)

Média/dia: R\$ 305 (US\$ 134)

Custo de acomodação: R\$ 1.214 (US\$ 541)
Média/mês: R\$ 5.203 (US\$ 2.319)
Média/dia: R\$ 173 (US\$ 77)

Custo de deslocamento: R\$ 823 (US\$ 351)
Média/dia: R\$ 118 (US\$ 50)

Seguro de saúde: R\$ 99 (US\$ 42)
Média/dia coberto: R\$ 14 (US\$ 6)

Estônia

Abandonamos o voo de retorno para [Budapeste](#) e tomamos um trem para [Tallinn](#), na [Estônia](#). Reservamos um hotel e o valor foi caríssimo, o mais alto que pagamos desde que começamos a jornada pelo [Leste Europeu](#). Isso não nos impediu de ter uma péssima experiência.

O hotel parecia bom e era central, entretanto não honrou nossa reserva. Apesar de nossos insistentes protestos, a gerência nos enviou para outro hotel. Um lugar horrível e distante do centro. Isso estragou nossa estadia e nos aborreceu demais.

A administração do hotel fez exatamente o oposto de nossa anfitriã em [Moscou](#). Além de não assumir a responsabilidade pelo erro, não o reparou de forma apropriada e prestou um péssimo atendimento. São momentos como esses que nos fazem reavaliar os estereótipos, já que a [Estônia](#) é vista como moderna e eficiente, enquanto a [Rússia](#) é tratada como velha e decadente.

Apesar do contratempo, visitamos o centro histórico e gostamos. É bonitinho e pitoresco. A infraestrutura da cidade é excelente, porém os preços são proibitivos. Não pareceu-nos um destino favorável para nômades digitais, a menos que tenham uma receita elevada. Além disso, a cidade é pequena demais para nosso gosto. Porém é possível que tenhamos ficado com uma má impressão devido ao problema com o hotel. Gostaríamos de voltar com mais tempo e dinheiro para conhecer melhor.

Saldo da Estônia

Número de dias: 2

Custo de viagem: R\$ 733 (US\$ 325)
Média/mês: R\$ 11.001 (US\$ 4.875)
Média/dia: R\$ 367 (US\$ 162)

Custo de acomodação: R\$ 647 (US\$ 291)
Média/mês: R\$ 9.705 (US\$ 4.365)
Média/dia: R\$ 324 (US\$ 146)

Custo de deslocamento: R\$ 58 (US\$ 22)
Média/dia: R\$ 29 (US\$ 11)

Seguro de saúde: R\$ 28 (US\$ 12)
Média/dia coberto: R\$ 14 (US\$ 6)

Letônia

Pegamos um ônibus confortável e fomos para [Riga](#), capital da [Letônia](#). Reservamos um bom hotel em uma área central. Foi caro, mas dessa vez tudo correu bem. A estadia foi excelente.

Fizemos um *free walking tour* e foi uma ótima experiência. O guia era divertido e a cidade era legal. [Riga](#) é maior que [Tallinn](#) e tem praticamente o dobro de pessoas. O tamanho da cidade e da população nos agrada mais.

A cidade nos pareceu muito bonita. Apesar de ser um pouco cara, é o tipo de lugar onde poderíamos passar mais tempo com facilidade. A infraestrutura é ótima e o acesso à internet era rápido.

[Riga](#) é a cidade de que mais gostamos nos [Países Bálticos](#). É um lugar para onde desejamos voltar no futuro e passar uma temporada.

Ao contrário de [Tallinn](#), nossa boa impressão pode estar associada ao fato de termos tido uma ótima hospedagem. É por isso que sempre digo que a hospedagem é fundamental. Quando ela é boa, a gente sai com uma boa impressão da cidade. Quando é ruim, estraga toda a estadia.

Saldo da Letônia

Número de dias: 2

Custo de viagem: R\$ 597 (US\$ 264)
Média/mês: R\$ 8.961 (US\$ 3.960)
Média/dia: R\$ 299 (US\$ 132)

Custo de acomodação: R\$ 511 (US\$ 230)
Média/mês: R\$ 7.665 (US\$ 3.450)
Média/dia: R\$ 256 (US\$ 115)

Custo de deslocamento: R\$ 58 (US\$ 22)
Média/dia: R\$ 29 (US\$ 11)

Seguro de saúde: R\$ 28 (US\$ 12)
Média/dia coberto: R\$ 14 (US\$ 6)

Lituânia

Existe uma empresa de ônibus chamada [Lux Express](#) que oferece passagens baratas para viajar entre os [Países Bálticos](#). Os ônibus são confortáveis e as estradas são boas. Por isso a escolhemos mais uma vez para nos levar de [Riga](#) a [Vilnius](#), na [Lituânia](#).

A acomodação foi cara, assim como nas cidades anteriores. Por essa razão, optamos por passar apenas uma noite na cidade. Ela nos pareceu bonitinha, mas pequena e não muito interessante. O fato de termos ficado pouco tempo pode ser o responsável por essa impressão. Quanto mais tempo a gente fica em um lugar, maiores as chances de gostarmos dele.

De um modo geral, as cidades que visitamos nos [Países Bálticos](#) tinham uma ótima infraestrutura, porém pareciam caras para passar uma temporada como nômade digital. Entretanto, se tivéssemos planejado estadias maiores, ou se tivéssemos reservado acomodação com mais antecedência, é possível que encontrássemos valores mais acessíveis. É uma área do mundo que precisamos voltar com mais calma para avaliar melhor.

Saldo da Lituânia

Número de dias: 1

Custo de viagem: R\$ 228 (US\$ 100)

Média/mês: R\$ 6.846 (US\$ 3.000)
Média/dia: R\$ 228 (US\$ 100)

Custo de acomodação: R\$ 185 (US\$ 83)
Média/mês: R\$ 5.550 (US\$ 2.490)
Média/dia: R\$ 185 (US\$ 83)

Custo de deslocamento: R\$ 29 (US\$ 11)
Média/dia: R\$ 29 (US\$ 11)

Seguro de saúde: R\$ 14 (US\$ 6)
Média/dia coberto: R\$ 14 (US\$ 6)

Polônia

Ao longo da viagem, conhecemos pessoas que sempre nos diziam que havia uma cidade ótima na [Polônia](#) para nômades digitais, a [Cracóvia](#). Pegamos outro ônibus da [Lux Express](#) que nos levou de [Vilnius](#) para [Varsóvia](#). Passamos a noite na capital polonesa, onde fiz uma breve visita ao centro histórico. Pati estava tão cansada que não quis nem sair do apartamento. Já eu participei do *free walking tour* e aprendi um pouco sobre a história do lugar. Apesar do pouco tempo, [Varsóvia](#) me pareceu uma cidade interessante, com ótima infraestrutura e preços atrativos.

Fomos para a [Cracóvia](#) de trem e logo nos impressionamos com a estação de trem da cidade. Além de moderna, bonita e funcional, ela está conectada a um grande *shopping center*. É um conceito que vimos bastante em Tóquio, onde muitas estações de metrô também são *shopping centers*. Isso cria ótimas oportunidades para os lojistas, devido ao movimento intenso, e traz praticidade para as pessoas.

Assim que saímos da estação, avistamos a cidade velha e o jardim que a contorna. Achamos o lugar bonito desde o primeiro instante. O apartamento tinha uma localização fantástica, embora não tivesse custado muito e tivéssemos feito a reserva em cima da hora.

Passeamos bastante pela cidade, fizemos o *free walking tour*, fomos ao encontro do [Couchsurfing](#), conhecemos algumas pessoas e nos encantamos com o lugar. A cidade oferece uma infraestrutura ótima, é bonita, os preços são bons, as pessoas são simpáticas, há muitos cafés bonitinhos, os bares

são bons, as bebidas são baratas e a conexão com a internet era boa o suficiente. Não havia dúvidas de que a [Cracóvia](#) era um excelente destino para uma temporada como nômade digital. Decidimos que voltaríamos depois e passaríamos mais tempo.

Saldo da Polônia

Número de dias: 5

Custo de viagem: R\$ 892 (US\$ 388)

Média/mês: R\$ 5.352 (US\$ 2.328)

Média/dia: R\$ 178 (US\$ 78)

Custo de acomodação: R\$ 676 (US\$ 303)

Média/mês: R\$ 4.056 (US\$ 1.818)

Média/dia: R\$ 135 (US\$ 61)

Custo de deslocamento: R\$ 146 (US\$ 55)

Média/dia: R\$ 29 (US\$ 11)

Seguro de saúde: R\$ 71 (US\$ 30)

Média/dia coberto: R\$ 14 (US\$ 6)

Eslováquia

[Bratislava](#), capital da [Eslováquia](#), foi a última cidade que visitamos nessa viagem pelo [Leste Europeu](#). Pegamos um trem na [Cracóvia](#), o qual passou pela [República Tcheca](#) no caminho. Como já tínhamos visitado [Praga](#) no passado, pulamos o país.

Reservei duas noites em um ótimo hotel que ficava no centro histórico. Estávamos no fim de uma longa viagem de reconhecimento e Pati estava bem cansada. Preferi pagar mais e lhe dar todo o conforto possível para descansar. Ela gostou tanto do hotel que não quis nem sair dele. Fui passear sozinho e precisei de pouco tempo para conhecer o minúsculo centro histórico. Particpei do *free walking tour* no dia seguinte e aprendi um pouco mais sobre a cidade.

Assim como aconteceu em [Vilnius](#), a visita foi muito curta, o que torna difícil chegar a uma conclusão sobre o lugar. Em princípio, me pareceu ter uma boa infraestrutura e preços razoáveis. É um destino pouco procurado pelos viajantes, o que pode ser uma vantagem.

[Bratislava](#) tem uma posição geográfica excelente no centro da Europa. A partir dela, é fácil alcançar outras cidades relevantes da região, tais como [Viena](#) (apenas uma hora), [Budapeste](#), [Zagreb](#), [Praga](#) e [Munique](#).

Saldo da Eslováquia

Número de dias: 2

Custo de viagem: R\$ 526 (US\$ 232)

Média/mês: R\$ 7.896 (US\$ 3.480)

Média/dia: R\$ 263 (US\$ 116)

Custo de acomodação: R\$ 440 (US\$ 198)

Média/mês: R\$ 6.600 (US\$ 2.970)

Média/dia: R\$ 220 (US\$ 99)

Custo de deslocamento: R\$ 58 (US\$ 22)

Média/dia: R\$ 29 (US\$ 11)

Seguro de saúde: R\$ 28 (US\$ 12)

Média/dia coberto: R\$ 14 (US\$ 6)

Alemanha

Um problema que sempre enfrentamos é a questão da passagem aérea para ir do Brasil para a Europa. Raramente conseguimos comprar só de ida porque o valor é superior à ida e volta. Naquela ano de 2014, tínhamos uma volta programada para meados de maio. O voo saia de [Frankfurt](#), mas Pati queria comprar um equipamento fotográfico em um fornecedor de [Munique](#).

A [Alemanha](#) tem uma infraestrutura fantástica para viajar de trem, porém cara. Ir a Munique criava um desafio, já que a acomodação é caríssima na cidade. Depois de quebrar a cabeça criando um plano, decidi

que usaríamos trens regionais. Viajaríamos mais devagar e pagaríamos menos nas passagens. Em vez de passar a noite em Munique, somente visitaríamos o fornecedor que Pati queria e seguiríamos viagem até [Nuremberg](#), onde passaríamos a noite. Achei um hotel com preço bom lá. No dia seguinte, poderíamos seguir viagem até Frankfurt e ir diretamente para o aeroporto.

Frankfurt é uma cidade que usamos com frequência para entrar ou sair da Europa. É bastante conveniente para os voos, porém muito cara. Usando essa estratégia, evitamos pagar por acomodação em Munique e Frankfurt, além de pagarmos menos pelas passagens de trem.

Não conhecíamos [Nuremberg](#), mas pareceu uma cidade legal. Ficamos pouco tempo para avaliar. Talvez seja um lugar interessante para nômades digitais na Alemanha, especialmente para quem não gosta de cidades tão grandes quanto Berlim.

Saldo da Alemanha

Número de dias: 1

Custo de viagem: R\$ 223 (US\$ 98)

Média/mês: R\$ 6.696 (US\$ 2.940)

Média/dia: R\$ 223 (US\$ 98)

Custo de acomodação: R\$ 180 (US\$ 81)

Média/mês: R\$ 5.400 (US\$ 2.430)

Média/dia: R\$ 180 (US\$ 81)

Custo de deslocamento: R\$ 29 (US\$ 11)

Média/dia: R\$ 29 (US\$ 11)

Seguro de saúde: R\$ 14 (US\$ 6)

Média/dia coberto: R\$ 14 (US\$ 6)

Argentina

Passamos um fim de semana no Brasil, matamos a saudade da família e fomos para Buenos Aires em seguida. Ficamos os dois meses seguintes na

cidade, no mesmo apartamento que usamos no ano anterior, em Palermo Soho.

Naquela época, os preços ainda eram bastante favoráveis na Argentina. A presidente mantinha uma política cambial desastrosa para a Argentina e nós nos aproveitávamos dela para comprar pesos pagando pouco. Podíamos frequentar ótimos restaurantes, saborear a deliciosa carne argentina e pagar pouco.

Tínhamos dois restaurantes preferidos no bairro e nos revezávamos entre eles. Os garçons já nos conheciam e sabiam até o que íamos pedir. A Copa do Mundo começou no Rio. Como nunca gostei de futebol, não dei a mínima. Pati se empolgava mais e acompanhava os jogos, especialmente os da Argentina, porque gostava do Messi.

Estávamos em casa no dia do 7x1 da Alemanha. Pati quis ver o jogo, apesar de meus protestos em contrário. Lembro que a Alemanha fez um gol e eu fui ao banheiro para fazer xixi. Quando saí de lá, ela já tinha feito outro. Não entendi nada. Daí por diante, foi o show dos horrores.

No dia seguinte, fomos a um dos restaurantes como de costume e escolhemos a mesa de sempre. Um garçom que nunca tínhamos visto veio avisar que a mesa estava reservada. Achamos estranhos, mas levantamos e fomos para outra. Antes que pudéssemos alcançá-la, a gerente saiu correndo de trás do balcão e veio nos socorrer. Olhou brava para o garçom e lhe disse que aquela mesa era nossa, especialmente naquele dia.

Tínhamos a sensação de que todos queriam cair na gargalhada ao nos ver, mas estavam contendo a risada. A garçonete que sempre nos atendia veio ao nosso encontro e quebrou o gelo. Segurando o riso nos perguntou: *chicos, que pasó ayer* (gente, o que foi aquilo ontem)? Lamentamos o ocorrido e a vida seguiu em frente. Dissemos que continuaríamos torcendo pela Argentina e tudo ficou bem.

Chegamos ao Brasil dias antes da final e ficamos tristes em ver a imprensa brasileira fazendo a caveira dos argentinos e torcendo pelos alemães. Futebol é um negócio muito esquisito mesmo. Para quem não gosta, como eu, foi difícil entender o que faria alguém torcer para a Alemanha, depois de perder tão feio dela, em vez de torcer para a nação vizinha.

Se o Rio já era caro antes, ficou ainda pior logo após a copa. Não era viável buscar um apartamento na cidade para a temporada de casamentos de Pati, então nos hospedamos no apartamento de minha mãe.

Como aconteceu nos anos anteriores, minha capacidade produtiva foi reduzida ao mínimo. Isso sempre acontece quando a gente fica na casa de outras pessoas, por mais que a gente goste delas.

Nessa época o [Be on the Net](#) começou a perder vários clientes e a receita começou a cair de forma notável. Alguns de nossos clientes quebraram com a crise que ia começando. Outros trocaram de plataforma para pagar menos.

Leandro, que trabalhava comigo, sempre foi um excelente ilustrador. Ele encontrou uma oportunidade de trabalho em uma produtora e passou a dedicar-se menos ao [Be on the Net](#). Ele já não estava mais tão empolgado com o sistema, o que é compreensível. Eu também já não estava feliz com ele. Eventualmente concluímos que seria melhor ele sair e dedicar-se apenas ao trabalho de ilustração. Eu assumiria o atendimento aos clientes. Como havia cada vez menos pessoas, não seria um problema.

Pati também concluiu que já não havia mais necessidade do trabalho de Karol. Ela já não tinha mais tantos álbuns para fazer e aquele ano seria o último em que fotografaria casamentos. Apesar de gostarmos de trabalhar com os dois, a saída deles foi importante. Eles se desenvolveram em outras áreas e nós passamos a ter uma despesa menor. Como teríamos apenas a receita do [Be on the Net](#) dali por diante e ela estava caindo, essas mudanças foram essenciais.

Além da Copa do Mundo, 2014 também trouxe a eleição presidencial. O governo da época já ia de mal a pior. Para mim, estava claro que a economia iria para o buraco se o próximo mantivesse as mesmas políticas. Não dava para continuar da forma como estava. Para meu desespero, o resultado da eleição manteve a presidente. Na mesma noite, dei um jeito de comprar uma passagem sem volta pela primeira vez. Queria estar longe quando o desastre acontecesse.

Comprar uma passagem de ida mostrou-se inviável, porém consegui comprar uma passagem do Rio para Lisboa, cuja volta era para Nova York. O valor era o mesmo de uma volta para o Rio. É claro que não faria sentido ir para Nova York para passar uma temporada nômade, devido aos preços proibitivos. No entanto, poderíamos voar de lá para o México ou algum outro país conveniente na América Central.

Antes de sair do Brasil, comprei o máximo possível de dólares e euros para levar. Além disso, comprei uma grande quantidade dessas moedas no Visa Travel Money. Eu acreditava que o dólar fosse disparar e isso realmente aconteceu.

Ainda no Brasil, fui com um amigo para Fortaleza, onde participamos do [Afiliados Brasil](#). Foi lá que tive um primeiro contato com conceitos de marketing digital, os quais pretendia usar em nossos próximos projetos.

Saldo da Argentina

Número de dias: 52

Custo de viagem: R\$ 5.760 (US\$ 2.576)

Média/mês: R\$ 3.323 (US\$ 1.486)

Média/dia: R\$ 111 (US\$ 50)

Custo de acomodação: R\$ 4.606 (US\$ 2.080)

Média/mês: R\$ 2.657 (US\$ 1.200)

Média/dia: R\$ 89 (US\$ 40)

Custo de deslocamento: R\$ 420 (US\$ 180) + 32 mil milhas

Média/dia: R\$ 8 (US\$ 3)

Seguro de saúde: R\$ 734 (US\$ 316)

Média/dia coberto: R\$ 14 (US\$ 6)

Niterói

Durante a estadia em Niterói, no apartamento de minha mãe, fizemos questão de ajudá-la com o aluguel, condomínio e outras despesas do apartamento.

Saldo de Niterói

Número de dias: 154

Custo de acomodação: R\$ 9.120 (US\$ 3.724)

Média/mês: R\$ 1.777 (US\$ 725)

Média/dia: R\$ 59 (US\$ 24)

Saldo da Fase 4

Número de dias: 373 (12,4 meses)

Custo de viagem: R\$ 46.136 (US\$ 19.483)

Média/mês: R\$ 3.711 (US\$ 1.567)

Média/dia: R\$ 124 (US\$ 52)

Custo de acomodação: R\$ 35.234 (US\$ 15.053)

Média/mês: R\$ 2.834 (US\$ 1.211)

Média/dia: R\$ 94 (US\$ 40)

Custo de deslocamento: R\$ 7.817 (US\$ 3.082)

Média/mês: R\$ 629 (US\$ 248)

Média/dia: R\$ 21 (US\$ 8)

Custo de voos: R\$ 7.505 (US\$ 2.952)

Média/dia: R\$ 20 (US\$ 8)

Milhas: 176 mil

Custo de locação de carro: R\$ 312 (US\$ 130)

Média/dia: R\$ 1 (US\$ 0,35)

Seguro de saúde: R\$ 2.991 (US\$ 1.287)

Dias cobertos: 212

Média/mês coberto: R\$ 423 (US\$ 182)

Média/dia coberto: R\$ 14 (US\$ 6)

Ficha técnica da fase 4

Voo Rio - Frankfurt - Rio

Companhia aérea: [TAM](#)

Método de reserva: [site da TAM](#)

Período: 163 dias (2/dez/2013 a 14/mai/2014)

Antecedência da compra: 44 dias

Por pessoa: R\$ 2.372 (US\$ 890)

Total: R\$ 4.744 (US\$ 1.780)

Hotel em Frankfurt

[B&B Hotel Frankfurt City-Ost](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (3/dez/2013)

Antecedência da reserva: 6 dias

Diária: 80 euros (US\$ 108 / R\$ 256)

Seguro de saúde internacional

Seguradora: [Bupa](#)

Método de reserva: [World Nomads](#)

Período: 212 dias (2/dez/2013 a 2/jul/2014)

Cobertura: mundial, exceto Brasil e EUA

Por pessoa: US\$ 644 (R\$ 1.497)

Total: US\$ 1.287 (R\$ 2.991)

Voo Frankfurt - Istambul - Frankfurt

Companhia aérea: [Turkish Airlines](#)

Método de reserva: site da [Turkish Airlines](#)

Período: 17 dias (4 a 21/dez/2013)

Antecedência da compra: 19 dias

Por pessoa: 188 euros (US\$ 252 / R\$ 587)

Total: 375 euros (US\$ 505 / R\$ 1.175)

Apartamento em Istambul

[Apartamento de Jesus](#) ([fotos](#))

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 17 noites (4/dez a 21/dez/2013)

Antecedência da reserva: 19 dias
Diária: 41 euros (US\$ 55 / R\$ 128)
Taxa do [Airbnb](#): 69 euros (US\$ 93 / R\$ 216)
Cupom de desconto: -37 euros (US\$ 50 / R\$ 116)
Diária real: 43 euros (US\$ 56 / R\$ 135)
Total: 732 euros (US\$ 985 / R\$ 2.293)

Apartamento em Istambul (extensão)

[Apartamento de Jesus](#) ([fotos](#))

Método de reserva: diretamente com o proprietário
Estadia: 11 noites (21/dez/2013 a 1/jan/2014)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: 40 euros (US\$ 55 / R\$ 130)
Total: 440 euros (US\$602 / R\$ 1.433)

Quarto privado em Istambul

[Quarto privado em Goksen](#) ([fotos](#))

Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 5 noites (1 a 6/jan/2014)
Antecedência da reserva: 15 dias
Diária: 31 euros (US\$ 43 / R\$ 99)
Taxa do [Airbnb](#): 19 euros (US\$ 26 / R\$ 61)
Diária real: 35 euros (US\$ 48 / R\$ 112)
Total: 174 euros (US\$ 239 / R\$ 555)

Apartamento em Istambul

[Apartamento de Sara](#) ([fotos](#))

Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 25 noites (6 a 31/jan/2014)
Antecedência da reserva: 21 dias
Diária: 34 euros (US\$ 47 / R\$ 109)
Taxa do [Airbnb](#): 76 euros (US\$ 105 / R\$ 243)
Diária real: 37 euros (US\$ 51 / R\$ 118)
Total: 914 euros (US\$ 1.258 / R\$ 2.924)

Apartamento em Plovdiv

[Apartamento de Anastas](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 4 noites (31/jan a 4/fev/2014)
Antecedência da reserva: 3 dias
Diária: 30 euros (US\$ 41 / R\$ 99)
Taxa do [Airbnb](#): 15 euros (US\$ 21 / R\$ 50)
Diária real: 34 euros (US\$ 46 / R\$ 112)
Total: 135 euros (US\$ 185 / R\$ 446)

Apartamento em Sófia

[Apartamento de Teodora](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 6 noites (4 a 10/fev/2014)
Antecedência da reserva: 2 dias
Diária: 33 euros (US\$ 45 / R\$ 108)
Taxa do [Airbnb](#): 24 euros (US\$ 32 / R\$ 79)
Diária real: 37 euros (US\$ 50 / R\$ 121)
Total: 219 euros (US\$ 295 / R\$ 716)

Hotel em Veliko Turnovo

[Meridian Hotel Bolyarski](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)
Estadia: 2 noites (10 a 12/fev/2014)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: 47 euros (US\$ 64 / R\$ 152)
Total: 94 euros (US\$ 128 / R\$ 304)

Apartamento em Bucareste

[Apartamento de Amy \(fotos\)](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 5 noites (12 a 17/fev/2014)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: 39 euros (US\$ 53 / R\$ 128)
Taxa do [Airbnb](#): 23 euros (US\$ 31 / R\$ 76)
Diária real: 43 euros (US\$ 59 / R\$ 141)
Total: 217 euros (US\$ 296 / R\$ 713)

Apartamento em Bucareste

[Apartamento de Laurentiu](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 3 noites (17 a 20/fev/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 30 euros (US\$ 41 / R\$ 98)

Taxa do [Airbnb](#): 11 euros (US\$ 15 / R\$ 36)

Diária real: 34 euros (US\$ 47 / R\$ 111)

Total: 101 euros (US\$ 138 / R\$ 331)

Pensão em Brasov

[Pension Old City](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 2 noites (20 a 22/fev/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 20 euros (US\$ 28 / R\$ 66)

Total: 40 euros (US\$ 55 / R\$ 132)

Pensão em Sibiu

[Pensiunea Transilvania](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (22/fev/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 25 euros (US\$ 34 / R\$ 81)

Hotel em Timisoara

[Hotel Central](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (23/fev/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 40 euros (US\$ 55 / R\$ 130)

Apartamento em Belgrado

[Apartamento de Lena](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 5 noites (24/fev a 1/mar/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 25 euros (US\$ 35 / R\$ 81)

Taxa do [Airbnb](#): 15 euros (US\$ 21 / R\$ 68)
Diária real: 28 euros (US\$ 39 / R\$ 91)
Total: 140 euros (US\$ 193 / R\$ 454)

Apartamento em Belgrado

[Apartamento de Lena](#)

Método de reserva: direto com a proprietária
Estadia: 6 noites (1 a 7/mar/2014)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: 20 euros (US\$ 28 / R\$ 64)
Total: 120 euros (US\$ 166 / R\$ 387)

Hotel em Niš

[Garni Hotel Lotos](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)
Estadia: 1 noite (7/mar/2014)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: 30 euros (US\$ 42 / R\$ 97)

Apartamento em Skopje

[Apartamento de Vesna](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 2 noites (8 a 10/mar/2014)
Antecedência da reserva: 2 dias
Diária: 29 euros (US\$ 40 / R\$ 93)
Taxa do [Airbnb](#): 7 euros (US\$ 10 / R\$ 22)
Diária real: 33 euros (US\$ 46 / R\$ 105)
Total: 65 euros (US\$ 90 / R\$ 208)

Apartamento em Skopje (extensão)

[Apartamento de Vesna](#)

Método de reserva: direto com a proprietária
Estadia: 2 noites (10 a 12/mar/2014)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: 29 euros (US\$ 40 / R\$ 94)
Total: 58 euros (US\$ 80 / R\$ 188)

Apartamento em Ohrid

[Apartamento de Dimitar](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 2 noites (12 a 14/mar/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 17 euros (US\$ 24 / R\$ 55)

Taxa do [Airbnb](#): 4 euros (US\$ 6 / R\$ 13)

Diária real: 19 euros (US\$ 26 / R\$ 62)

Total: 38 euros (US\$ 53 / R\$ 124)

Apartamento em Ohrid (extensão)

[Apartamento de Dimitar](#)

Método de reserva: direto com o proprietário

Estadia: 3 noites (14 a 17/mar/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 17 euros (US\$ 24 / R\$ 55)

Total: 51 euros (US\$ 71 / R\$ 166)

Apartamento em Tirana

[Apartamento de Edmond \(fotos\)](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 3 noites (17 a 20/mar/2014)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: 29 euros (US\$ 40 / R\$ 95)

Taxa do [Airbnb](#): 11 euros (US\$ 15 / R\$ 36)

Cupom de desconto: -18 euros (US\$ 25 / R\$ 59)

Diária real: 27 euros (US\$ 38 / R\$ 89)

Total: 81 euros (US\$ 113 / R\$ 266)

Apartamento em Berat

[Apartamento de Kristi](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 2 noites (20 a 22/mar/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 32 euros (US\$ 44 / R\$ 103)

Taxa do [Airbnb](#): 8 euros (US\$ 11 / R\$ 26)

Diária real: 36 euros (US\$ 50 / R\$ 116)

Total: 72 euros (US\$ 99 / R\$ 232)

Hotel em Prizren

[Hotel Prizreni](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 2 noites (22 a 24/mar/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 40 euros (US\$ 55 / R\$ 128)

Total: 80 euros (US\$ 110 / R\$ 256)

Apartamento em Pristina

[Apartamento de Edona](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 3 noites (24 a 27/mar/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 45 euros (US\$ 62 / R\$ 144)

Taxa do [Airbnb](#): 16 euros (US\$ 22 / R\$ 51)

Diária real: 50 euros (US\$ 69 / R\$ 160)

Total: 151 euros (US\$ 208 / R\$ 484)

Apartamento em Ulcinj

[Apartments Tati](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (27/mar/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 31 euros (US\$ 43 / R\$ 99)

Apartamento em Budva

[Captain's Apartments](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (28/mar/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 30 euros (US\$ 42 / R\$ 96)

Apartamento em Kotor

[Guesthouse Tianis](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (29/mar/2014)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: 32 euros (US\$ 44 / R\$ 99)

Apartamento em Herceg Novi

[Guest House Tomanovic](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (30/mar/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 31 euros (US\$ 42 / R\$ 96)

Apartamento em Dubrovnik

[Scalini Studios](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (31/mar/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 50 euros (US\$ 69 / R\$ 155)

Hotel em Mostar

[Pansion Villa Nur](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 3 noites (1 a 3/abr/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 30 euros (US\$ 41 / R\$ 93)

Total: 60 euros (US\$ 83 / R\$ 187)

Apartamento em Sarajevo

[Apartamento de Amra](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 4 noites (3 a 7/abr/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 25 euros (US\$ 34 / R\$ 78)

Taxa do [Airbnb](#): 12 euros (US\$ 17 / R\$ 37)

Diária real: 29 euros (US\$ 40 / R\$ 91)

Total: 114 euros (US\$ 157 / R\$ 356)

Quarto privado em Jajce

[Jajce Youth Hostel](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (7/abr/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 23 euros (US\$ 32 / R\$ 71)

Hotel em Banja Luka

[B&B Alas](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (8/abr/2014)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: 53 euros (US\$ 73 / R\$ 163)

Apartamento em Zagreb

[Apartamento de Maja](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 4 noites (9 a 13/abr/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 40 euros (US\$ 55 / R\$ 121)

Taxa do [Airbnb](#): 19 euros (US\$ 26 / R\$ 58)

Diária real: 45 euros (US\$ 62 / R\$ 136)

Total: 179 euros (US\$ 247 / R\$ 543)

Apartamento em Split

[Apartamento de Rina](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 3 noites (13 a 16/abr/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 32 euros (US\$ 44 / R\$ 98)

Taxa do [Airbnb](#): 12 euros (US\$ 17 / R\$ 37)

Diária real: 36 euros (US\$ 50 / R\$ 110)

Total: 108 euros (US\$ 150 / R\$ 331)

Apartamento em Zadar

[Apartments Mila](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (16/abr/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: 34 euros (US\$ 47 / R\$ 104)

Apartamento em Ljubljana

[Viva Rooms](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)
Estadia: 2 noites (17 a 19/abr/2014)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: 58 euros (US\$ 80 / R\$ 177)
Total: 115 euros (US\$ 159 / R\$ 355)

Hotel em Maribor

[Youth Hostel Uni Hotel](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)
Estadia: 1 noite (19/abr/2014)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: 41 euros (US\$ 57 / R\$ 127)

Apartamento em Budapeste

[Apartamento de Beatrix \(fotos\)](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 4 noites (20 a 24/abr/2014)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: 37 euros (US\$ 51 / R\$ 115)
Taxa do [Airbnb](#): 17 euros (US\$ 37 / R\$ 84)
Diária real: 41 euros (US\$ 57 / R\$ 127)
Total: 165 euros (US\$ 228 / R\$ 513)

Voo Budapeste - Moscou - Budapeste

Companhia aérea: [Wizz Air](#)
Método de reserva: site da [Wizz Air](#)
Período: 12 dias (24/abr a 6/mai/2014)
Antecedência da compra: 5 dias
Por pessoa: 21.580 HUF (US\$ 98 / R\$ 221)
Por mala: 9.000 HUF (US\$ 41 / R\$ 91)
Total (2 pessoas + 2 malas): 61.160 HUF (US\$ 275 / R\$ 619)

Apartamento em Moscou

[Apartamento de Elena](#) ([fotos](#))

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 4 noites (24 a 28/abr/2014)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: 61 euros (US\$ 84 / R\$ 189)

Taxa do [Airbnb](#): 29 euros (US\$ 40 / R\$ 90)

Diária real: 68 euros (US\$ 94 / R\$ 211)

Total: 272 euros (US\$ 375 / R\$ 843)

Apartamento em São Petersburgo

[Apartamento de Anatoly](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 3 noites (28/abr a 1/mai/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 36 euros (US\$ 50 / R\$ 111)

Taxa do [Airbnb](#): 13 euros (US\$ 18 / R\$ 40)

Diária real: 40 euros (US\$ 55 / R\$ 124)

Total: 120 euros (US\$ 166 / R\$ 371)

Hotel em Tallinn

[Tallink Express Hotel](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 2 noites (2 a 4/mai/2014)

Antecedência da reserva: 3 dias

Diária: 105 euros (US\$ 146 / R\$ 323)

Total: 210 euros (US\$ 291 / R\$ 647)

Hotel em Riga

[Radi Un Draugi](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 2 noites (3 a 5/mai/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 83 euros (US\$ 115 / R\$ 256)

Total: 166 euros (US\$ 230 / R\$ 511)

Apartamento em Vilnius

[Aušros Vartų Apartment](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (5/mai/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 60 euros (US\$ 83 / R\$ 185)

Apartamento em Varsóvia

[Apartament Centrum](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (6/mai/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 198 złoty (US\$ 65 / R\$ 146)

Apartamento na Cracóvia

[Vera Guest Rooms](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 4 noites (7 a 11/mai/2014)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: 180 złoty (US\$ 60 / R\$ 133)

Total: 720 złoty (US\$ 238 / R\$ 530)

Hotel em Bratislava

[Skaritz Hotel & Residence](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 2 noites (11 a 13/mai/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 72 euros (US\$ 99 / R\$ 219)

Total: 144 euros (US\$ 198 / R\$ 440)

Hotel em Nurembergue

[B&B Hotel Nürnberg-Hbf](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (13/mai/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 59 euros (US\$ 81 / R\$ 180)

Voo Rio - Buenos Aires

Companhia aérea: [TAM](#)

Método de reserva: [site da TAM](#)

Data: 19/mai/2014

Antecedência da compra: 244 dias

Por pessoa: 8.000 pontos + R\$ 75 (US\$ 32) de taxas

Total: 16.000 pontos + R\$ 150 (US\$ 64) de taxas

Apartamento em Buenos Aires (Palermo Soho)

[Apartamento de Yamila](#)

Método de reserva: diretamente com a proprietária

Data: 52 noites (19/mai a 10/jul/2014)

Diária: US\$ 40 (R\$ 89)

Total: US\$ 2.080 (R\$ 4.606)

Voo Buenos Aires - Rio

Companhia aérea: [Gol](#)

Método de reserva: [site da Gol](#)

Data: 10/jul/2014

Antecedência da compra: 297 dias

Por pessoa: 8.000 + R\$ 135 (US\$ 58) de taxas

Total: 16.000 + R\$ 270 (US\$ 116) taxas

Apartamento em Niterói

Apartamento de minha mãe em Icaraí

Período: 154 dias (10/jul a 11/dez/2014)

Diária: R\$ 59 (US\$ 24)

Parcela de 13/ago/2014: R\$ 2.000 (US\$ 881)

Parcela de 22/set/2014: R\$ 2.000 (US\$ 838)

Parcela de 22/out/2014: R\$ 1.120 (US\$ 469)

Parcela de 18/nov/2014: R\$ 1.000 (US\$ 385)

Parcela de 19/nov/2014: R\$ 2.000 (US\$ 774)

Parcela de 22/dez/2014: R\$ 1.000 (US\$ 377)

Total: R\$ 9.120 (US\$ 3.720)

Locação de carro em Niterói

Locadora: [Hertz](#)

Método de reserva: [Rentcars.com](#)

Carro: econômico com ar condicionado e quilometragem livre
Seguro: incluído, franquia de R\$ 2.000
Período: 3 dias (26 a 29/set/2014)
Antecedência da reserva: 2 dias
Diária: R\$ 104 (US\$ 43)
Total: R\$ 312 (US\$ 130)

Hotel em Campos do Jordão

[Satélite Esporte Clube](#)

Método de reserva: organização do [Epicentro](#)

Período: 2 noites (26 a 28/set/2014)

Diária: desconhecido (paga diretamente pela organização do [Epicentro](#))

Voo Rio - Florianópolis - Rio

Companhia aérea: [Gol](#)

Método de reserva: [site da Gol](#)

Período: 5 dias (5 a 10/nov/2014)

Antecedência da compra: 9 dias

Por pessoa: 16.000 pontos + R\$ 43 (US\$ 17) de taxas

Só eu fiz essa viagem.

Pousada em Florianópolis

[Pousada Lagoa do Sol](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Período: 2 noites (5 a 7/nov/2014)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: R\$ 109 (US\$ 44)

Total: R\$ 218 (US\$ 87)

Pousada em Florianópolis (para o Empreendaframps)

[Pousada Oceanomare](#)

Método de reserva: organização do evento

Período: 3 noites (7 a 10/nov/2014)

Diária (por participante): R\$ 100 (US\$ 41)

Total (por participante): R\$ 300 (US\$ 123)

Voo Rio - Fortaleza - Rio

Companhia aérea: [Gol](#)

Método de reserva: [site da Gol](#)

Período: 4 dias (20 a 24/nov/2014)

Antecedência da compra: 28 dias

Por pessoa: 24.000 milhas + R\$ 45 (US\$ 18) de taxas

Apenas eu fui nessa viagem.

Apartamento em Fortaleza

[Apartamento Ruy Castelo Branco](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Período: 4 noites (20 a 24/nov/2014)

Antecedência da reserva: 11 dias

Diária por participante: R\$ 80 (US\$ 31)

Total por participante: R\$ 320 (US\$ 120)

Paguei metade do valor, pois dividi com outro amigo.

Voo Rio - Santarém

Companhia aérea: [TAM](#)

Método de reserva: [site da TAM](#)

Data: 25/11/2014

Antecedência da compra: 12 dias

Por pessoa: 18.000 pontos + R\$ 23 (US\$ 9) de taxas

Total: 36.000 pontos + R\$ 47 (US\$ 18) de taxas

Pousada em Alter do Chão

[Pousada Chalé das Praias](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 3 noites (25 a 28/nov/2014)

Antecedência da reserva: 9 dias

Diária: R\$ 170 (US\$ 65)

Total: R\$ 510 (US\$ 196)

Voo Santarém - Belém

Companhia aérea: [Gol](#)

Método de reserva: [site da Gol](#)

Data: 28/nov/2014

Antecedência da compra: 15 dias

Por pessoa: 6.000 milhas + R\$ 17 (US\$ 7) de taxas
Total: 12.000 milhas + R\$ 34 (US\$ 13) de taxas

Pousada em Belém

[Residência Karimbó Amazonia](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 3 noites (28/nov a 1/dez/2014)

Antecedência da reserva: 12 dias

Diária: R\$ 185 (US\$ 71)

Total: R\$ 555 (US\$ 213)

Voo Belém - Rio

Companhia aérea: [Gol](#)

Método de reserva: [site da Gol](#)

Data: 1/dez/2014

Antecedência da compra: 17 dias

Por pessoa: 13.000 milhas + R\$ 17 (US\$ 7) de taxas

Total: 26.000 milhas + R\$ 34 (US\$ 13) de taxas

Voo Rio - São Paulo

Companhia aérea: [TAM](#)

Método de reserva: [site da TAM](#)

Data: 3/dez/2014

Antecedência da compra: 19 dias

Por pessoa: 6.000 pontos + R\$ 22 (US\$ 9) de taxas

Total: 12.pontos + R\$ 45 (US\$ 18) de taxas

Apartamento em São Paulo

[Apartamento de Leonardo](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 3 noites (5 a 8/dez/2014)

Antecedência de reserva: 16 dias

Diária: US\$ 63 (R\$ 163)

Taxa do [Airbnb](#): US\$ 24 (R\$ 62)

Taxa de limpeza: US\$ 6 (R\$ 16)

Cupom de desconto: -US\$ 75 (R\$ 194)

Diária real: US\$ 48 (R\$ 125)

Total: US\$ 145 (R\$ 375)

Voo São Paulo - Rio

Companhia aérea: [TAM](#)

Método de reserva: [site da TAM](#)

Data: 8/dez/2014

Antecedência da compra: 24 dias

Por pessoa: 6.000 pontos + R\$ 22 (US\$ 9) de taxas

Passagem de Vinícius

Voo São Paulo - Rio

Companhia aérea: [TAM](#)

Método de reserva: [site da TAM](#)

Data: 8/dez/2014

Antecedência da compra: 24 dias

Por pessoa: R\$ 234 (US\$ 90)

Passagem de Pati

Capítulo 7

Sudeste Asiático e Leste Europeu - Fase 5 (2014, 2015 e 2016)

Quinto ano

O ano de 2015 foi o mais difícil de nossa jornada nômade. Tudo pareceu dar errado. Até por isso, foi um dos períodos mais instrutivos.

Portugal

Estivemos em [Portugal](#) por alguns dias uma década antes e estávamos felizes em poder voltar ao país com mais calma. Fomos inicialmente para [Lisboa](#), onde passamos uma semana. Gostamos da cidade e passamos bons momentos lá. Porém não nos encantamos ao ponto de querer passar uma temporada mais longa.

Fomos visitar o [Porto](#), que ainda não conhecíamos. Até então, o plano era visitar algumas partes do país e depois seguir para a [Espanha](#). Fomos em um período ruim, que envolvia Natal e Ano Novo. Aquela época em que as acomodações sempre ficam mais caras. Assim mesmo, conseguimos alugar um bom apartamento em uma área não tão distante do centro.

Ao contrário de [Lisboa](#), o [Porto](#) nos cativou rapidamente. Apesar de ser inverno, pegamos dias bonitos quase o tempo todo. Dizem que chove muito no inverno. Não foi o caso. Achamos a infraestrutura excelente e os preços não eram ruins. O [apartamento](#) tinha uma ótima conexão com a internet, portanto conseguíamos trabalhar em paz.

Após o *réveillon*, encontramos um [apartamento fantástico](#) bem no centro. Negociamos com o dono e conseguimos uma boa redução para ficar um total de quase dois meses. Valeu à pena. Foi um dos melhores apartamentos em que já ficamos na vida. Poucas vezes tivemos tanta paz e inspiração como neste lugar.

Pati dedicou-se a entregar as fotos dos casamentos que tinha acabado de fotografar no Brasil, os últimos de sua carreira, e eu comecei a trabalhar em

um novo projeto. No ano anterior, quando estávamos na Cracóvia, acordei um dia com uma ideia. Ela chegou tão pronta e bem acabada que era como se alguém a tivesse contado para mim em vez de uma criação da minha cabeça.

O envolvimento de Pati no mercado de casamento nos ensinou muitas coisas e nos apresentou a diversas oportunidades. Uma área que ia muito bem, naquela época, era a de publicações para noivas. Revistas e blogs de casamento tinham um bom faturamento com publicidade. Notei que havia uma infinidade de blogs de casamento, mas não havia um único podcast no Brasil voltado para noivas. Como sempre gostei de escutar [podcasts](#), pensei que seria interessante criar uma nova mídia para noivas que explorasse esse meio.

Minha ideia era entrevistar profissionais de casamento e lhes perguntar as dúvidas mais comuns das noivas. A noiva que escutasse os episódios poderia aprender tudo o que precisava para organizar seu casamento diretamente com os melhores profissionais do mercado. Ela poderia fazer isso a qualquer momento, onde quer que estivesse. Poderia aproveitar o tempo no trânsito ou na academia, por exemplo, para aprender tudo o que precisava saber para não errar na hora de encomendar o bolo de casamento, por exemplo.

Esse [podcast](#) nasceu com o nome de Rádio Bastidores e depois foi renomeado para [Noiva Inteligente](#). Nosso objetivo inicial era transformá-lo em uma mídia conhecida. Com o tempo, esperávamos vender publicidade no podcast, como vemos acontecer em outros podcasts mais conhecidos.

Durante o período em que estivemos no Porto, dediquei-me quase exclusivamente ao podcast. Entrei em contato com diversos fornecedores de casamento, preparei pautas de gravação, entrevistei os profissionais por Skype, contratei um editor de áudio, publiquei os episódio e fiz a divulgação. Criei vários processos para tocar esse negócio. Como Pati estava trabalhando nas fotos dos casamentos, ela se envolvia menos. Concentrava-se em fazer o contato inicial com os profissionais, muitos dos quais eram amigos seus.

Podcast não era uma mídia tão conhecida no Brasil e quem escutava, na maioria dos casos, era homem. Investimos em publicidade e fizemos todo o possível para as noivas conhecerem o programa e se interessarem por ele.

Depois dos dois meses no [Porto](#), queríamos viajar pelo interior de Portugal e conhecer melhor o país, o que nunca se concretizou em função

de uma oportunidade que surgiu no oriente.

Um encontro de milionários

Sempre gostei de escutar *podcasts* e até tive outro no passado, voltado para a área de computação, chamado Improvecast. Na mesma época em que criei a Rádio Bastidores, eu também estava criando um outro podcast sobre empreendedorismo com um amigo, do qual preferi abrir mão para me concentrar no das noivas. Eu estava sempre escutando *podcasts* e um dos favoritos era o [Tropical MBA](#), que escutava desde os tempos em que moramos pela primeira vez em Palermo Soho, em Buenos Aires. Lembro de correr na esteira da academia, no topo do edifício, vendo as luzes acesas do Uruguai à distância e escutando [Dan e Ian](#) no fone de ouvido.

Eles são nômades digitais americanos que construíram alguns negócios lucrativos e tinham acabado de vendê-los. Estavam com muito dinheiro no banco e não sabiam o que fazer com ele. Daí tiveram a ideia de criar uma conferência apenas para milionários, cujo propósito seria discutir o que fazer com tanto dinheiro, que tipos de investimento utilizar, como reduzir a tributação e assim por diante.

O evento seria em um hotel de luxo em Singapura e o número de participantes não poderia chegar a trinta. Quem tivesse interesse em participar precisaria ter algumas qualificações mínimas, como ter um negócio próprio e ser milionário. Além disso, precisaria estar disposto a pagar uma inscrição de US\$ 1500 e ir para Singapura para passar alguns dias reunido com outros milionários.

Nessa época, havia uma frase que eu escutava com frequência nos podcasts: você é a média das cinco pessoas com as quais passa mais tempo. Em outras palavras, é importante escolher bem suas companhias. Quanto mais você se envolver com milionários, por exemplo, maiores as chances de você próprio se tornar um. Porque você tem a oportunidade de aprender como essas pessoas pensam, o que fazem diferente, que hábitos cultivam e assim por diante.

Estávamos começando um novo negócio e queríamos aprender com quem tinha alcançado sucesso, especialmente no mundo digital. Além disso, queríamos que esse negócio fosse estruturado fora do Brasil, em um jurisdição mais favorável, que poderia ser [Hong Kong](#) ou [Singapura](#). Minha

esperança é que esses empreendedores fossem discutir, entre outras coisas, como abrir uma empresa em um desses países.

Já tínhamos planos de ir para a Ásia naquele ano de 2015. Poderíamos adiantar a ida para participar da conferência e já ficar pelo Sudeste Asiático em seguida. O único problema é que não éramos milionários, portanto não qualificávamos para participar do evento, teoricamente. Tampouco estávamos confortáveis em pagar US\$ 1500 pela inscrição, além dos custos de ir até [Singapura](#) e passar uns dias lá.

Escrevi para os organizadores, expliquei que éramos nômades digitais há alguns anos, tínhamos nossos próprios negócios há bastante tempo, tínhamos algum capital guardado, mas não chegávamos a ser milionários. Assim mesmo, estávamos interessados em participar do evento. Perguntei se eles nos aceitariam e eles disseram que sim.

Não bastando ser aceito sem as qualificações necessárias, expliquei aos organizadores que o valor da inscrição era alto para nós e perguntei se poderiam fazer um desconto. Também mencionei que Pati era fotógrafa profissional e lhes perguntei se precisavam de um fotógrafo para o evento. Eles responderam que tinham interesse em contratar seu serviço e estavam dispostos a pagar US\$ 500 por ele. Não era muito, mas já ajudava a reduzir as despesas.

A prática de negociar e pedir descontos nas acomodações me ensinou que podemos sempre ignorar os preços e chamar o proprietário para conversar. Basta entender o valor que ele pede como um convite ao diálogo, em vez de algo final que não pode ser alterado. Em outras palavras, aprendemos que um "não" pode ser um "talvez", o qual pode transformar-se em um "sim" depois de uma boa conversa. Desde que aceitei esse fato, deixei de levar a sério as restrições e passei a chamar as pessoas para o diálogo, como fiz nesse caso do encontro de milionários. Funcionou.

A ida para Singapura ocorreria duas semanas depois do fim de nossa estadia no Porto. Além de conhecer o interior de Portugal, também já tínhamos discutido a possibilidade de visitar o Marrocos, devido à proximidade. Como teríamos apenas duas semanas antes de ir para a Ásia, preferimos deixar de lado o passeio pelo interior de Portugal e investir esse tempo no Marrocos.

Saldo de Portugal

Número de dias: 55

Custo de viagem: R\$ 7.712 (US\$ 2.815)

Média/mês: R\$ 4.207 (US\$ 1.536)

Média/dia: R\$ 140 (US\$ 51)

Custo de acomodação: R\$ 5.696 (US\$ 2.150)

Média/mês: R\$ 3.107 (US\$ 1.173)

Média/dia: R\$ 104 (US\$ 39)

Custo de deslocamento: R\$ 879 (US\$ 308)

Média/dia: R\$ 16 (US\$ 6)

Seguro de saúde: R\$ 1.137 (US\$ 357)

Média/dia coberto: R\$ 21 (US\$ 6)

Marrocos

Para chegar ao [Marrocos](#), a forma mais barata que encontramos foi pegar um voo da [Ryanair](#) do [Porto](#) para [Bruxelas](#) e de lá pegar outro para [Rabat](#), capital do Marrocos, também pela [Ryanair](#). Foi uma escolha arriscada.

O voo que partia do [Porto](#) chegava em [Bruxelas](#) ao meio-dia. O voo seguinte, sairia às 16:05h. Portanto só havia quatro horas de intervalo para chegarmos, fazermos a imigração na [Bélgica](#), pegar a bagagem, fazer o *check in* para o voo do Marrocos e embarcar. Parece tempo suficiente e normalmente é. O problema é que não poderia haver nenhum atraso. Os voos eram separados, já que a [Ryanair](#) só faz voos diretos, sem conexões. Se houvesse um atraso no primeiro voo, nós não conseguiríamos embarcar no segundo. A [Ryanair](#) não poderia ser responsabilizada, porque os voos eram separados um do outro.

Costumo evitar situações como essa que dependem de tudo dar certo para funcionar, porém tínhamos pouco tempo e não conseguimos uma solução melhor. Felizmente deu tudo certo.

Chegamos em [Rabat](#) à noite e por lá ficamos. No dia seguinte, tomamos um trem para [Mèknes](#). Viajar de trem pelo [Marrocos](#) é fácil, prático e barato. Ele chega às principais cidades do país.

Em [Mèknes](#), ficamos hospedados em um [riad](#). Era uma casa marroquina tradicional que possuía um jardim interno e foi transformada em uma espécie de pousada. A maioria das acomodações que encontramos no [Marrocos](#) segue esse estilo.

Um aspecto interessante do *riad* é que não há nenhuma janela para a rua. Costuma existir apenas uma porta simples que não dá pistas da grandiosidade do interior. Quando a gente passa dessa porta, costuma se impressionar com a beleza, o tamanho e os detalhes do interior.

Ficamos hospedados na [medina](#), onde praticamente não existem ruas para carros. As casas são separadas por longos corredores, através dos quais as pessoas só conseguem se mover caminhando ou de bicicleta. O lugar é um verdadeiro labirinto. Toda vez que saíamos temíamos não conseguir achar o caminho de volta. É um lugar fascinante.

Visitamos o [Marrocos](#) no inverno, o que foi uma sábia decisão. Evitamos o calor insuportável do verão e desfrutamos de temperaturas agradáveis durante toda a estadia. Fazia frio, mas não muito como na maior parte da Europa. Isso nos deu a oportunidade de ver os marroquinos vestidos com sua túnica tradicional, a [djellaba](#). Ela tem um capuz pontudo. Quem a veste fica parecendo um mago. Ver as pessoas caminhando pelas "ruas" labirínticas de [Mèknes](#) usando esses trajes foi um dos aspectos mais legais.

Terminada a visita, tomamos o trem e fomos para [Fès](#), onde também nos hospedamos em um [riad](#), no interior da [medina](#). [Fès](#) era a capital do [Marrocos](#) em tempos medievais. A medina é enorme e fica no interior de uma área murada. É considerada a maior área urbana do mundo onde não há fluxo de carros.

Ao contrário de [Mèknes](#), onde a [medina](#) era plana, em [Fès](#) ela se formou ao longo de uma elevação, portanto tínhamos de subir e descer pelas ruelas na companhia de burros de carga que passavam de um lado para o outro carregando as mercadorias dos comerciantes. Visitamos um [curtume](#), onde vimos os poços coloridos que são usados para tingir o couro. Fomos a alguns cafés interessantes, nos perdemos pelo labirinto da medina e sobrevivemos ao assédio dos comerciantes. A cidade é bonita e a [medina](#) é um lugar intrigante.

Depois de [Fès](#), nosso próximo destino foi [Chefchaouen](#), cidade que ilustra muitos cartões postais do Marrocos. A medina tem um aspecto medieval. As casas são pintadas de branco e azul. O lugar é lindo e tranquilo. Vale muito à pena visitar. Infelizmente não é possível alcançar a

cidade de trem, então pegamos um ônibus de [Fès](#) para lá. Passamos apenas uma noite, já que um dia foi suficiente para conhecer o lugar.

Nosso último destino era [Marrakech](#), na outra ponta do país. Para chegar lá, tomamos um ônibus até [Casablanca](#), onde embarcamos em um trem. Ao contrário de [Fès](#) e [Chefchaouen](#), a cidade é plana e fácil de navegar. Foi o lugar onde passamos mais tempo, um total de quatro noites, e o que nos ofereceu algumas das experiências mais interessantes.

Demos uma volta pela [medina](#) no primeiro dia e passamos os demais envolvidos em nosso projeto para as noivas. No processo de gravar entrevistas com fornecedores de casamento para a [Noiva Inteligente](#), entrevistei alguns profissionais de Portugal, além de outros tantos do Brasil. Sabíamos que algumas noivas brasileiras tinham interesse em fazer *destination wedding* no Marrocos. Descobrimos uma profissional em [Marrakech](#) que era especializada em organizar estes tipos de eventos na cidade. Fizemos contato e ela topou nos dar uma entrevista. Além disso, se prontificou a levar-nos para alguns dos hotéis onde ela organizava os eventos.

A experiência com ela foi proveitosa. Além de responder a todas as nossas perguntas e tirar inúmeras dúvidas, ela nos levou para conhecer lugares lindos nos arredores da cidade. Isso nos ajudou a ter uma visão mais completa do potencial de [Marrakech](#), não apenas como uma cidade para fazer turismo, mas também como um lugar para se passar uma temporada como nômade digital.

As acomodações no Marrocos não costumam ser tão práticas e funcionais quanto as que encontramos na Europa. No entanto, [Marrakech](#) nos pareceu promissor. Existe uma infraestrutura boa fora da [medina](#), onde talvez seja possível encontrar apartamentos interessantes e com bons preços para passar uma temporada. O custo de vida é baixo na cidade, assim como no restante do país. Comida e transporte são bem baratos. A única queixa é que a comida é um tanto repetitiva. Depois de uns dias, a gente começa a se cansar de comer [cuscuz](#) e [tajine](#).

O [Marrocos](#) pareceu-me sobretudo um destino turístico. Não é dos melhores lugares para uma temporada como nômade digital porque os apartamentos não estão entre os mais funcionais. Entretanto, com algum esforço, talvez seja possível encontrar acomodações adequadas para um período maior em [Marrakech](#) e [Rabat](#). Não sei ao certo como é a questão do idioma para quem tenta se comunicar em inglês. No nosso caso, usei o

francês em todas as cidades, já que todos o falam no país. A única exceção foi [Chefchaouen](#), onde usamos o espanhol, que era mais falado por lá. Não chegamos a usar o inglês em nenhum lugar. Brasileiros podem visitar o Marrocos sem necessidade de visto por até 90 dias.

Saldo do Marrocos

Número de dias: 12

Custo de viagem: R\$ 3.036 (US\$ 1.097)

Média/mês: R\$ 7.590 (US\$ 2.743)

Média/dia: R\$ 253 (US\$ 91)

Custo de acomodação: R\$ 1.765 (US\$ 629)

Média/mês: R\$ 4.413 (US\$ 1.573)

Média/dia: R\$ 147 (US\$ 52)

Custo de deslocamento: R\$ 1.023 (US\$ 390)

Média/dia: R\$ 85 (US\$ 33)

Seguro de saúde: R\$ 248 (US\$ 78)

Média/dia coberto: R\$ 21 (US\$ 6)

Bruxelas

Depois de visitar [Marrakech](#), retornamos para [Rabat](#) de trem, passamos a noite e tomamos o voo de volta para [Bruxelas](#) no dia seguinte. De lá partiria nosso voo para a Ásia. Vivemos uma experiência cujos detalhes são importantes para você compreender as pegadinhas de viajar em uma companhia aérea de baixo custo.

Existem capitais europeias, tais como Lisboa, Budapeste, entre outras, nas quais há um único aeroporto que concentra todos os voos comerciais, sejam eles de companhias aéreas *low cost* ou convencionais. Isso é ótimo, porque é fácil e barato chegar e sair do aeroporto usando o transporte público. Existem outras onde há mais de um aeroporto e as companhias aéreas *low cost* operam em aeroportos pequenos e distantes do centro.

A bem da verdade, nem podemos dizer que tais aeroportos encontram-se nas capitais, pois costumam ficar em cidades próximas. Isso acontece, por exemplo, em Paris onde [Ryanair](#) e [Wizzair](#) utilizam o aeroporto de [Beauvais](#), uma cidade que fica a quase cem quilômetros de Paris. O nome do aeroporto é [Paris-Beauvaies](#), porém isso é apenas um eufemismo, já que ele fica bem longe de Paris. O mesmo acontece em Frankfurt, na Alemanha. As companhias aéreas *low cost* operam a partir do [Aeroporto Frankfurt-Hahn](#), localizado na cidade de [Hahn](#), que fica a 126 km de Frankfurt. No caso de [Bruxelas](#) não é diferente. As *low cost* usam o [Aeroporto Brussels Charleroi](#), localizado em [Charleroi](#), distante 70 km de [Bruxelas](#).

Em casos como esse, chegar e sair do aeroporto costuma ser um problema e surpreende muitos passageiros devido ao alto custo. É comum que o voo seja mais barato que o transporte para chegar ou sair desses aeroportos. Eles não costumam ser acessíveis de trem ou metrô. Normalmente, só é possível ir de carro, taxi ou usando o "ônibus oficial", que custa caro porque não tem concorrentes.

Para ir do centro de Paris para o aeroporto [Paris-Beauvaies](#), por exemplo, o jeito menos ruim é pegar o [ônibus oficial do aeroporto](#), que custa 16 euros por trecho. Em Frankfurt é igual, o [ônibus oficial](#) também custa 16 euros. Como você já deve imaginar, a situação não é muito diferente em Bruxelas. Pode-se chegar ao aeroporto de Charleroi pagando-se 14 euros pelo [ônibus oficial](#) ou 16 euros em uma [combinação de ônibus e trem](#). Para piorar, nosso voo de Rabat para o aeroporto de Charleroi chegava tarde da noite, quando os ônibus não estariam mais disponíveis.

Comento tudo isso para você lembrar de analisar essas questões quando decidir utilizar uma companhia aérea *low cost*. No nosso caso, como tínhamos o voo para a Ásia no dia seguinte, saindo do aeroporto principal de Bruxelas, precisávamos alcançar a cidade e achar algum lugar para passar a noite. Fez mais sentido buscar um hotel em Charleroi mesmo. Encontrei um que ficava em frente à estação de trem da cidade. Para chegar lá, dividimos um taxi com outros viajantes que desembarcaram com a gente no aeroporto de Charleroi. Passamos a noite no hotel, que foi caro, porém não tanto quanto teria sido em Bruxelas, e pegamos o trem no dia seguinte para chegar a Bruxelas.

Nosso voo para a Ásia sairia do aeroporto principal de Bruxelas no início da noite, portanto teríamos algum tempo para visitar o centro da cidade. Como Pati ainda não o conhecia e fazia tempo que eu o havia

visitado, deixamos nossas malinhas no guarda-volumes da estação de trem e fomos passear.

Deixamos as malinhas na estação, mas carregamos as mochilas com a gente. Elas é que levam os notebooks, câmeras e tudo mais que temos de valor. Esse é um ponto importante. Por questão de segurança, nunca nos separamos de nossas mochilas. É como se elas fossem uma extensão de nosso corpo. Ainda que a gente tivesse que passar o dia inteiro caminhando pela cidade, elas estariam nas nossas costas o tempo todo. A gente só deixa no guarda volumes aquilo que tem pouco valor e pode ser perdido. Recomendo que você faça o mesmo.

Passeamos pelo centro, vimos a [estátua do garotinho fazendo xixi](#), almoçamos um *kebab* superfaturado, provamos um *waffle* igualmente superfaturado e seguimos para o aeroporto. Ali viveríamos um dos maiores dramas do ano. E olha que ele ainda nos reservaria muitos outros.

Drama no aeroporto de Bruxelas

Devido ao evento de milionários em Singapura, tivemos de programar a viagem para a Ásia com pouca antecedência. Foi difícil achar uma passagem com preço razoável. O melhor que conseguimos foi um voo de Bruxelas para Kuala Lumpur, na Malásia, pela Turkish Airways. De lá pegaríamos outro voo para Singapura usando uma *low cost* regional. O voo para Kuala Lumpur faria uma conexão em Istambul, o que deu origem ao nosso drama.

Como de costume, chegamos cedo ao aeroporto e fomos para o balcão da Turkish para despachar nossa bagagem. Para nossa surpresa, havia uma fila enorme. Estranhamos o fato, mas não nos abalamos. Tínhamos tempo de sobra para superar aquela fila. Ficamos lá por alguns minutos até que um cidadão atrás de nós perguntou se sabíamos a razão da fila. Dissemos que era para fazer o *check in*. Daí ele respondeu: "vocês não estão sabendo?" "Sabendo o quê?", respondi preocupado. "Todos os voos foram cancelados". Como assim?

Era final de inverno. Ele nos explicou que houve houve uma nevasca forte em Istambul. O aeroporto de lá fechou e todos os voos que iam para lá tiveram de ser cancelados. Nós passamos dois invernos em Istambul e sabíamos que nevava uma vez a cada inverno, se chegasse a tanto. Portanto

aquilo era o cúmulo do azar. Não pude acreditar no que ele falou e fiquei em desespero. O que estava em jogo era muito sério.

Pagamos US\$ 1500 pela inscrição no evento dos milionários, reservamos o hotel do evento, que era caríssimo, pagamos uma passagem cara para chegar lá e não tínhamos margem de manobra. Nosso voo chegaria em Kuala Lumpur na quinta e o evento começaria na sexta, quando também chegaríamos em Singapura. Se atrasássemos a ida, perderíamos a chance de participar do evento. Além de perder o dinheiro investido, perderíamos todo o aprendizado que o evento prometia trazer.

Em todos os anos que passamos viajando como nômades, pegamos inúmeros voos e nunca tínhamos sido surpreendidos por um cancelamento. Era a primeira vez que aquilo estava acontecendo e justamente em um dos voos mais importantes de nossas vidas. A [Lei de Murphy](#) é implacável.

No fim das contas, aquela fila não era para o *check in*, mas para alocar os passageiros em outros voos. No auge do desespero, pedi a Pati que ficasse na fila enquanto eu tentaria fazer algumas ligações. Usando o WiFi do aeroporto, liguei para nossa seguradora para saber se a apólice tinha alguma cobertura para uma situação como aquela. Nada feito. Tentei ligar para o atendimento da Turkish na esperança de achar uma solução de forma mais rápida. As linhas estavam ocupadas e não consegui falar com ninguém. Voltei para a fila desiludido, onde encontrei Pati concentrada. Ela rezava sem parar para acharmos uma solução.

Estávamos na fila, passando em frente ao balcão da [Lufthansa](#), onde um senhor estava sentado olhando para a fila sem ter o que fazer. De repente, ele se levantou, caminhou em nossa direção e iniciou o seguinte diálogo:

- Para onde vocês estão indo?

- Kuala Lumpur.

- Vocês poderiam voar pela Lufthansa. - disse o senhor, que era funcionário da empresa.

- Adoraríamos fazer isso, mas como? - perguntei.

- Vem comigo aqui no balcão. Talvez eu possa lhes ajudar.

Ficamos intrigados, mas obedecemos. Se havia uma solução para o problema, aquela era uma excelente hora para ela aparecer. Chegando ao balcão, um novo diálogo se iniciou:

- Deixa eu ver as passagens de vocês.

- Aqui estão.

Ele volta-se para o computador e começa a digitar por algum tempo. Daí ele diz:

- O voo de vocês sairia às 18:10. Nós temos um voo da Lufthansa saindo às 18:00. Ele faz conexão em Frankfurt, em vez de Istambul. De lá segue para Kuala Lumpur e chega inclusive um pouco mais cedo que o voo original de vocês. Querem ir neste voo?

- Claro. Isso é possível?

- Sim. Só tem um probleminha...

- Qual?

- Só tem uma vaga. A moça bonita tem que ficar aqui comigo. - disse o senhorzinho fazendo cara de graça.

- Estou brincando. Aqui estão as novas passagens de vocês. Corram, porque o embarque já está começando.

Essa história é tão surreal que até hoje tenho dificuldade de acreditar que aconteceu. Como é possível que, no meio de uma fila enorme, aquele senhor tenha decidido ajudar justamente a gente? São momentos como esse que nos fazem acreditar na providência divina. Seja qual for a explicação, o fato é que chegamos em Kuala Lumpur antes até do que esperávamos. Passamos a noite lá e embarcamos para [Singapura](#) na manhã seguinte usando uma companhia aérea *low cost*.

Singapura

A participação em congressos me ensinou que as discussões mais interessantes costumam acontecer nos corredores, no bar ou no restaurante do hotel do evento. Hospedar-se nele é uma boa ideia. Além de ganhar tempo, a gente tem a chance de conversar com outros participantes durante o café da manhã ou em outras situações casuais. Pensando nisso, decidi pagar um preço alto e ficar hospedado no hotel do evento. [Singapura](#) é um lugar caro. É difícil achar uma acomodação que caiba em nosso orçamento. As menos caras ficam distantes demais.

O encontro com os milionários foi interessante. Havia gente que morava nos EUA, Inglaterra, Austrália, Nova Zelândia, Hong Kong, Singapura e Filipinas. Quase todos eram cidadãos dos EUA. A maioria tinha algum tipo de negócio online, mas também tinha gente que ganhava dinheiro com imóveis e outros artigos físicos.

Muito se discutiu sobre tributação e como reduzi-la, sobretudo no caso dos americanos. Eles vivem uma realidade diferente de praticamente todos os outros povos. São tributados por cidadania, em vez de por residência. Isso faz com que tenham de pagar impostos nos EUA, mesmo que não vivam lá. É uma imensa dor de cabeça, especialmente para aquele grupo, já que a maioria não vivia mais nos EUA. Para quem não tinha esse problema, como a gente, as discussões tributárias eram de pouca utilidade.

Cada um dos participantes falou também sobre seus negócios, estratégias e desafios. Isso foi bastante útil e alguns casos me impressionaram. Houve alguns encontros nos bares de alguns hotéis da cidade. Um dos mais memoráveis foi o da primeira noite, que ocorreu em um dos hotéis da marina, em frente ao [Marina Bay Sands](#). De lá era possível ver o show de luzes que produzia um cenário lindo e futurista. Pati registrou tudo. [Veja as fotos](#).

As discussões que ocorreram no evento foram interessantes, porém de pouco proveito para nosso caso e nossa realidade. Em nenhum momento se falou sobre o assunto pelo qual tínhamos mais interesse: como abrir uma empresa em [Singapura](#) ou [Hong Kong](#). A razão é simples. Todos que estavam ali, com exceção de nós, já tinham empresa em uma dessas duas cidades, portanto não havia necessidade de discutir esse assunto.

A última apresentação do evento foi a mais interessante. Chris, um empreendedor americano, tinha 48 anos e a aparência de trinta e poucos. Oito anos antes, ele era obeso, bebia mais do que devia e se drogava. Foi abandonado pela mulher e os filhos. Vivia em um carro e não tinha dinheiro.

Ele foi aceito para participar de um desses programas de TV que prometem mudar a vida das pessoas. Funcionou. Ele recebeu a mentoria de pessoas bem sucedidas, seguiu os passos e transformou sua vida para melhor. Deixou as drogas e a bebida, emagreceu, recuperou a mulher e os filhos e criou um negócio online bem sucedido. Não foi rápido, tomou alguns anos.

Ele falou sobre o negócio que construiu, o qual era quase tão impressionante quanto sua história pessoal. Ele tinha uma empresa em Hong Kong, mas toda a sua operação era online e conduzida por uma equipe de 34 pessoas. Quase todas trabalhavam de casa, nas Filipinas. A empresa faturava dez milhões de dólares por ano e ele embolsava um lucro

anual de seis milhões de dólares. Além disso, conseguia não pagar um único centavo de impostos em Hong Kong, de maneira legal.

Aquela apresentação encerrou o evento e valeu a ida, porém o melhor ainda estava por vir. Fui ao banheiro e quando voltei algumas pessoas ainda estavam na sala batendo papo. Chris estava conversando com meu vizinho de cadeira e eu escutei quando ele disse que iria para Hong Kong com um grupo de empreendedores uma semana depois. Iria ajudá-los a abrir suas empresas lá.

Entrei na conversa e perguntei a Chris se eu tinha entendido direito o que ele havia dito. Expliquei que eu também tinha interesse em abrir uma empresa lá. Chris confirmou e disse que ainda dava tempo para eu participar. Só precisaríamos correr, porque a empresa de contabilidade em Hong Kong precisava de um tempo para fazer os trâmites. Eu tinha que dar uma resposta naquela mesma noite.

Para participar, eu teria de lhe enviar cópias dos nossos passaportes e pagar um valor de pouco mais de mil euros pela abertura da empresa. Além disso, teríamos de encontrar com ele em Hong Kong uma semana depois. Era possível abrir a empresa mesmo sem visitar a cidade, porém precisaríamos ir lá para abrir uma conta bancária. Essa era a parte mais complicada da história e a razão pela qual todo o grupo se encontraria lá.

Apesar do interesse, pedi-lhe um tempo para pensar. Ele me disse que eu tinha de decidir naquela noite, porque ele já iria embora no dia seguinte. Fui para o quarto, conversei com Pati e lhe contei sobre a proposta de Chris, que envolvia alguns investimentos altos. Além do valor para a abertura da empresa, teríamos um gasto grande com passagens e acomodação em Hong Kong. A época do ano não poderia ser pior devido ao [Ano Novo Chinês](#).

O [calendário chinês tradicional](#) é baseado nas fases da lua. O [Ano Novo Chinês](#) é celebrado entre janeiro e fevereiro. A data exata muda a cada ano. Em 2015, ele ocorreu pouco depois do evento com os milionários. É um dos feriados mais importantes na China e em diversos países do Sudeste Asiático. Muita gente viaja, o que encarece passagens e hospedagens. Eu precisava pesquisar os valores e avaliar quanto teríamos de gastar para ir a Hong Kong.

Depois de muito procurar, achei uma passagem de Singapura para Hong Kong com um valor pagável. Teria custado quatro vezes menos um dia depois, porém perderíamos o compromisso com Chris e o restante do grupo. Achamos um apartamento em Hong Kong cujo valor também era alto,

porém viável. Teríamos de ficar alguns dias esperando em Singapura. Achamos um quarto privado em um apartamento distante, mas com um valor aceitável. Faltava decidir se devia confiar em Chris, uma pessoa que eu não conhecia até então.

O cenário era delicado. Eu teria de dar mais de mil euros para um desconhecido naquela noite. Ao mesmo tempo deveria comprar passagens e fazer reservas caras com base em algumas promessas de Chris. Não havia nenhuma garantia de que conseguiríamos atingir nosso objetivo no fim das contas. Incorporar a empresa parecia fácil, mas abrir uma conta para ela não.

Há alguns anos, o governo americano criou a [FATCA](#), uma lei que obriga bancos estrangeiros a fornecerem informações sobre correntistas americanos para o [IRS](#), o serviço de receita do governo dos EUA. Isso causou um reboiço nos bancos do mundo todo. Eles passaram a ficar mais reticentes em abrir contas para americanos e outros estrangeiros. Abrir contas de empresas também se tornou mais complicado em algumas jurisdições, como foi o caso de Hong Kong. Costumava ser fácil abrir empresa e conta bancária no país, porém isso mudou e vem se tornando mais difícil a cada ano. Não havia garantia de que conseguiríamos, independente dos gastos que tivéssemos para tentar.

Refleti muito naquela noite. Depois de algumas horas, recebi uma mensagem de Chris cobrando uma resposta. Aquilo me deixou ainda mais angustiado. Decidi apostar, mesmo sabendo que todo o investimento poderia ser em vão.

Um dos grandes desafios que todo empreendedor enfrenta é fazer apostas como essa. É investir dinheiro, tempo ou ambos em iniciativas incertas como essa. Não seria minha primeira vez, nem a última. Acertei os detalhes com Chris, fiz o pagamento e me despedi dele. No dia seguinte, nos despedimos do hotel do evento e fomos para um quarto privado do outro lado da cidade.

Singapura não é o tipo de cidade que a gente mais curte. É limpa, organizada e segura. No entanto é quente e cara demais. As pessoas se refugiam em *shoppings*, restaurantes, hotéis e escritórios. Ficar na rua não é uma opção agradável. Foi uma cidade interessante de conhecer, mas não é um lugar que nos cativou. Tampouco nos pareceu uma boa cidade para viver como nômade digital. A infraestrutura é excelente, porém brasileiros

só podem ficar até trinta dias por visita, sem necessidade de visto, e o custo de vida é muito alto.

Saldo de Singapura

Número de dias: 10

Custo de viagem: R\$ 4.556 (US\$ 1.494)

Média/mês: R\$ 13.667 (US\$ 4.483)

Média/dia: R\$ 456 (US\$ 149)

Custo de acomodação: R\$ 3.598 (US\$ 1.155)

Média/mês: R\$ 10.794 (US\$ 3.465)

Média/dia: R\$ 360 (US\$ 116)

Custo de deslocamento: R\$ 751 (US\$ 274)

Média/dia: R\$ 75 (US\$ 27)

Seguro de saúde: R\$ 207 (US\$ 65)

Média/dia coberto: R\$ 21 (US\$ 6)

Hong Kong

Acomodação em Hong Kong é sempre um problema. Dessa vez não foi diferente. Pagamos caro pelo que revelou-se o [menor apartamento em que já ficamos](#). Era um quarto pequeno, onde supostamente havia uma cama de casal. Na prática, era uma cama de solteiro um pouco mais larga que o usual. Praticamente não cabia mais nada no quarto além dela. Havia também um banheiro minúsculo, de estilo oriental, daqueles em que a gente toma banho e inunda todo o piso. Já vi banheiros por aí que eram maiores que o apartamento inteiro. A única parte boa é que ele ficava bem localizado, na parte mais central de Hong Kong.

Encontramos com o Chris e o grupo de empreendedores em um escritório que ele alugou para o evento. Conhecemos o responsável pela empresa de contabilidade que estava abrindo as empresas para os participantes. Laurent era um rapaz belga que havia morado no Brasil e até

falava português. Os empreendedores eram americanos e britânicos em sua maioria.

Chris e Laurent fizeram apresentações explicando o funcionamento de uma empresa em Hong Kong e o modelo de tributação. A facilidade de abrir e gerir uma empresa em Hong Kong é o oposto da complexidade e da burocracia de fazê-lo no Brasil. De posse das cópias de nossos passaportes e de nosso endereço, a empresa de contabilidade abriu nossa empresa praticamente no mesmo dia, quando ainda estávamos em Singapura. Não tivemos nem que assinar qualquer papel. A empresa de contabilidade fez todas as assinaturas de forma digital.

Quando encontramos com Laurent, ele nos entregou um envelope com os artigos de nossa empresa: contrato social, alvará de funcionamento, comprovante de registro e carimbos. Nossa empresa estava aberta antes mesmo de chegarmos à Hong Kong.

Chris e Laurent fizeram uma apresentação sobre os detalhes do processo de abertura de uma conta corrente para a empresa. O banco exigia que os responsáveis da empresa fossem pessoalmente abrir a conta. Era preciso levar os documentos da empresa, passaportes, um plano de negócios e comprovante de residência.

Nosso plano era usar a empresa para receber eventuais pagamentos relacionados ao projeto da Noiva Inteligente. Não achávamos que ela pudesse ser útil para o caso do Be on the Net porque já tínhamos uma relação de longa data com nossos clientes. Dificilmente eles teriam interesse de mudar a forma de pagamento. Além disso, planejávamos descontinuar o produto. De qualquer forma, julguei que o negócio do Be on the Net teria maior apelo para o gerente do banco. Eu diria que o negócio já existia, que planejávamos expandi-lo para a Ásia e queríamos que a empresa de Hong Kong fosse a base dessa operação.

Laurent nos deu um modelo de plano de negócios para usarmos como base. Como foram dias muito corridos, tive pouco tempo para escrever o plano. Como a maioria dos planos de negócio, ele não passaria de ficção e teria pouca ou nenhuma utilidade prática. Isso não importava. A única coisa que interessava era convencer o gerente do banco.

Chegamos à Hong Kong em uma segunda-feira com planos de ficar lá até o domingo. Teríamos apenas uma semana útil para resolver todos os detalhes da empresa, abrir a conta, pegar cartões e sair de lá com tudo em ordem. Chris agendou as reuniões no banco já para o dia seguinte, a terça.

Entramos no banco e a primeira coisa que recebemos foi um formulário de três folhas com inúmeras questões que tinham um único propósito: verificar se éramos cidadãos americanos, se tínhamos residência no país ou qualquer outro tipo de relação com os EUA. Tudo por conta das normas impostas pela [FATCA](#), a legislação criada pelos americanos. Como não somos americanos, foi fácil responder.

Henry, nome ocidental do funcionário do banco, nos buscou na recepção e o acompanhamos até seu escritório. Começou a conversa de forma amigável, porém um pouco desconfiado de nossas intenções. Como viu que éramos do Brasil e a Copa do Mundo tinha sido no ano anterior, fez alguns comentários relacionados a ela. Pati, que acompanhou a Copa melhor que eu, entrou na conversa. Os dois logo se empolgaram e começaram a dialogar de forma animada. Pati falou sobre Messi e o rapaz disse que o havia conhecido ali mesmo, algum tempo antes. O craque Argentino também tinha uma conta lá. Daí o funcionário se lamentou por não ter sido autorizado a receber uma camisa autografada que Messi queria lhe dar. A política do banco não lhe permitia receber presentes, pois poderiam ser interpretados de forma equivocada.

A certa altura, já mais à vontade com a gente, o funcionário perguntou sobre nossa empresa, nossos planos para Hong Kong e outras formalidades. Abriu o plano de negócios, leu as duas primeiras páginas e o colocou de lado. Foi um alívio, já que eu só tinha conseguido escrever as primeiras páginas mesmo. As demais eu deixei exatamente como estava no modelo que recebi, portanto não faziam nenhum sentido. Levei assim mesmo porque imaginei que nenhum funcionário perderia tempo lendo aquilo. Sei que organizações grandes e burocráticas (uma coisa é quase sinônima da outra) pedem muitos papéis, porém costumam arquivá-los e raramente fazem algo útil com eles. Poucas vezes os funcionários se dão ao trabalho de lê-los. Ali não foi diferente.

Passamos para a etapa seguinte, o comprovante de residência. Aqui a história se complicaria. Precisávamos apresentar uma correspondência de um banco ou algum tipo de conta onde aparecesse nosso nome completo e o endereço que informamos. Ela deveria ser original e recente, portanto não poderia ter mais de três meses. Estávamos fora do Brasil há mais tempo que isso. Não tínhamos nenhum comprovante de residência original. Fui para Hong Kong assim mesmo, sabendo que isso nos traria problemas. Minha

esperança era conseguir convencer os funcionários a aceitar uma alternativa.

Antes de chegar lá, conversei com a mãe de Pati que recebe nossas correspondências no Brasil. Pedi para ela digitalizar algumas faturas de cartões de crédito e nos enviar. Imprimi em Hong Kong e levei para o banco. Quando o funcionário pediu o comprovante de residência, me fiz de desentendido e lhe dei as cópias. Ele olhou para elas, viu que não eram originais e disse que aquelas não serviriam. Expliquei que estávamos viajando, que era uma viagem longa e que já estávamos há meses fora do Brasil. Ele disse que não podia aceitar as cópias. Eu insisti, pedi para ele tentar achar uma forma e ele decidiu ajudar. Talvez tenha gostado da gente devido ao papo sobre futebol. Valeu, Pati.

Ele pediu licença, saiu da sala e foi conversar com seu superior, para quem pediu autorização para aceitar nosso comprovante de residência. Vale dizer que eu levei várias cópias de comprovantes, de diferentes bancos e contas. Minha esperança é que a quantidade o convencesse. Deu certo, o rapaz voltou e nos informou que a abertura da conta havia sido aprovada. Ali mesmo, configurou o acesso ao *internet banking*. Cadastramos as senhas e ele nos deu os *tokens* de acesso. Pediu que retornássemos na sexta-feira pela manhã, quando nos daria os cartões e faríamos o depósito inicial na conta, que deveria ser de pelo menos mil euros.

Sáimos do banco triunfantes. O que fizemos foi arriscado. A falta do comprovante de residência e outros pequenos detalhes poderiam ter nos impedido de abrir a conta. Quando se trata de organizações burocráticas, as coisas mais triviais podem travar o andamento das coisas. Que bom que conversamos sobre futebol. Talvez tenha sido a primeira vez na vida em que eu tenha gostado de tratar do assunto. Foi uma forma de trazer o funcionário para o nosso lado. Ele se lamentava porque queria ter ido para o Rio para assistir os jogos e seu pai o proibiu com medo da violência.

Quase todos os empreendedores conseguiram abrir conta no banco, porém só alguns saíram da primeira visita com a conta aberta, como foi nosso caso. Teve gente que precisou esperar alguns dias para receber a confirmação. E houve um australiano que foi recusado. Ele queria abrir um negócio de *crowdfunding* e o banco achou suspeito.

Nos dias que se seguiram, encontramos com os outros empreendedores algumas vezes, fizemos alguns passeios e encontramos com nossos amigos de Hong Kong (aqueles que conhecemos na Índia). Assim como aconteceu

no evento de Singapura, as conversas com os demais empreendedores eram interessantes, mas de pouca utilidade prática para nós. Seus negócios tinham pouco a ver com o que estávamos tentando fazer e a aplicação do que eles comentavam era limitada, com raras exceções.

Hong Kong é um dos locais mais baratos do mundo para comprar equipamentos eletrônicos. Não existe imposto sobre venda, nem de importação. Aproveitamos para comprar alguns equipamentos de fotografia para Pati. Nossos amigos de lá nos ajudaram.

Na sexta-feira de manhã, voltamos ao banco conforme combinado. Henry nos entregou os cartões, deu algumas explicações adicionais e foi com a gente até o caixa para fazermos o depósito inicial. Quando tudo terminou, perguntei-lhe se também poderíamos abrir contas pessoais para nós. Em algum momento do futuro, esperávamos que a empresa nos pagasse salários ou dividendos. Precisaríamos de contas correntes pessoais para recebê-los. Ele disse que não havia nenhum problema. Bastava irmos a um outro andar, que era o responsável pelas contas pessoais. Lá faríamos tudo sem maiores problemas. Quem dera...

Fomos para o andar indicado. Havia uma mocinha na recepção que encaminhava os clientes aos funcionários certos. Dissemos que queríamos abrir uma conta conjunta. Ela pediu para ver os documentos. Tudo certo. Pediu os comprovantes de residência. Nada feito. Mostrei-lhe todas as cópias que havia levado. Ela recusou todas elas. Fazia questão de que fossem originais. Além disso, precisariam ser traduzidas para o inglês. Tive a ideia de lhe mostrar nossa apólice de seguros do World Nomads, que era em inglês e tinha nosso endereço. Ela ficou satisfeita. No entanto, conferiu o passaporte e descobriu que o nome estava diferente na apólice. Só havíamos colocado o primeiro e último nome na apólice. Não havia o nome do meio, como no passaporte. Era um detalhe bobo, mas foi o suficiente para ela no expulsar de lá.

Abrir uma conta pessoal revelou-se mais difícil do que imaginávamos. Quando estávamos em Singapura, aproveitamos para tentar abrir contas pessoais lá. Como já estávamos abrindo uma empresa em Hong Kong, não havia porque tentar abrir uma empresa em Singapura. Porém teria feito sentido abrir contas pessoais. Elas poderiam ser usadas para depositarmos dinheiro fora do Brasil e ficarmos menos expostos às flutuações do câmbio. Fomos a três bancos diferentes em Singapura e não conseguimos abrir conta em nenhum deles. Alguns só aceitavam estrangeiros se fossem residentes

lá. Outros aceitavam abrir a conta, mas exigiam depósitos de quantias absurdas. Independente disso, nenhum deles aceitava as cópias de nossos comprovantes de residência.

Nunca imaginei que um comprovante de residência pudesse ser tão importante. E a ironia era saber que qualquer comprovante de residência não comprovaria nada, porque não residíamos em nenhum lugar de forma fixa. O mundo moderno não foi projetado para nômades digitais.

O episódio no banco de Hong Kong foi um bom exemplo de como organizações grandes são esquizofrênicas. O mesmo banco que aceitou nosso comprovante de residência para a conta comercial o recusou para a conta pessoal. Por mais que eu explicasse para a funcionário que a gente já tinha uma conta comercial no banco, que ela podia verificar, que o banco tinha aceito nosso comprovante de residência, de nada adiantou. Segundo ela, eram áreas separadas do banco. Uma não se comunicava com a outra. Os processos eram diferentes. Vai entender.

Deixamos o banco tristes e fomos para um café nas proximidades. Pedimos o almoço e nos colocamos a pensar. Lembrei de ter visto outros bancos no caminho. Apoiei-me em minha persistência incurável e sugeri a Pati que tentássemos abrir a conta pessoal em outro banco. Ela disse que não adiantaria, pois cairíamos no mesmo problema em todos os lugares. Ponderei que isso provavelmente era verdade, mas não custava tentar. O fim de semana estava chegando, portanto só tínhamos aquela tarde para tentar.

Terminamos de almoçar e entramos no primeiro banco que encontramos. Esperamos um pouco na fila e alcançamos a mesa de uma mocinha, para a qual anunciamos que queríamos abrir uma conta conjunta. Ela perguntou os motivos e dissemos que era para receber o salário da empresa que havíamos acabado de abrir. Ela olhou os papéis da empresa, deu-se por satisfeita e pediu nossos documentos pessoais. Em seguida pediu o comprovante de residência. Mostrei todas as cópias que tínhamos e ela não gostou de nenhuma delas.

Insistimos, explicamos que estávamos viajando, argumentamos todo tipo de bobagem e tentamos gastar o tempo dela tanto quanto possível. Ela manteve-se irredutível. Havia uma norma e ela não tinha a menor intenção de desrespeitá-la. Além disso, explicou-nos que o pessoal do *back office* rejeitaria a conta devido à falha na documentação, ainda que ela nos aceitasse inicialmente.

Mais uma vez, saímos tristes, porém não nos demos por vencidos. Havia outro banco ao lado. Era outra agência do banco em que abrimos a conta comercial. Seria de esperar que ela também nos recusasse, porém o único jeito de saber era tentando. Nem todos os funcionários seguem as regras ao pé da letra.

Jeffrey era o nome ocidental do funcionário que nos atendeu. Explicamos toda a história para ele, que não se mostrou nem um pouco receptivo. Pareceu desconfiado desde o momento em que pisamos lá. Ele contestava tudo o que dizíamos e não via razões para querermos abrir uma conta pessoal naquela agência. Quando mostrei as cópias dos comprovantes de residência, aí mesmo é que a situação foi de mal a pior. Não havia a menor chance de abrir a conta usando aquelas cópias. Aí eu perdi a paciência e comecei a desabafar.

Disse-lhe que tínhamos viajado milhares de quilômetros para abrir nossa empresa em Hong Kong porque todos diziam que era um bom lugar para fazer negócios, com pouca burocracia e muita eficiência. No entanto, o que estávamos encontrando era o oposto. Não conseguíamos fazer as pessoas compreenderem uma necessidade tão óbvia quanto a nossa. Se tínhamos uma empresa, precisávamos ter uma conta pessoal para receber os pagamentos. O que há de estranho nisso?

Não sei se isso mexeu com seu orgulho ou se ele também se cansou da gente. O fato é que mudou de atitude e decidiu ajudar. "Você disse que a empresa é de vocês, né?", ele perguntou. "Sim, é de nós dois", respondi. O que veio em seguida foi um diálogo bem maroto:

- Hum, entendi. Achei que a empresa fosse apenas sua. - disse ele para mim.

- Não. A empresa é nossa. Ambos somos sócios.

- Entendi. Nesse caso, existe uma possível solução, mas infelizmente não posso falar sobre ela.

- Certo. Qual é a solução? - perguntei ignorando o fato de ele não poder falar sobre ela.

- Veja, é uma questão delicada. Existe uma saída, mas eu nem poderia estar mencionando isso.

- Sem problemas. Qual é a saída? - perguntei de novo fazendo-me de desentendido.

- Como você é diretor, você pode escrever uma carta para o banco pedindo a abertura de uma conta para ela receber salário. Nessa carta, você

informa ao banco qual é o endereço dela. Isso valerá como comprovante de residência dela. - disse Jeffrey.

Meu cérebro processou a informação fazendo um esforço para ignorar o tamanho do absurdo que eu tinha acabado de escutar. Uma carta minha para o banco, contendo o endereço de Pati, tinha mais valor como comprovante de residência que uma cópia de um comprovante de residência verdadeiro. Em uma hora dessas, como não pensar que você está no meio de um quadrinho do [Dilbert](#). Coisas que só a estupidez do mundo corporativo é capaz de fazer por você.

- Hum, entendi. Então eu vou escrever uma carta para o banco informando o endereço dela. E ela vai escrever uma carta contendo o meu endereço. Assim o banco fica feliz e a gente pode abrir a conta. - perguntei a Jeffrey.

- Sim, é por aí... Contudo eu não poderia nem estar conversando sobre isso.

- Entendi, Jeffrey. E o que é mesmo que precisa aparecer nessa carta? Que informações exatas precisam estar lá?

- Veja, eu não posso mesmo falar sobre isso.

Como se eu desse a mínima, pensei comigo.

- Perfeito. Precisa do número do passaporte, Jeffrey?

- Sim.

- Precisa do carimbo da empresa?

- Sim.

Perguntei mais uma meia dúzia de informações e lhe informei que voltaríamos em instantes trazendo as tais correspondências. Eram 15:30 de uma sexta-feira. O banco fecharia às 17:00. Só tínhamos 90 minutos para solucionar a questão. Já tínhamos um voo no domingo. Não poderíamos aguardar até a segunda-feira.

Sáímos do banco correndo e voltamos para o café onde almoçamos. Abri o notebook, busquei um modelo de correspondência formal no Google e me pus a trabalhar. Pati olhava para aquilo tudo com espanto. Minutos antes, ela achava que não fôssemos conseguir. Agora percebia que ainda havia uma chance, embora remota.

Escrevi as duas cartas correndo, tomando o cuidado de incluir todas as informações que Jeffrey queria ver no papel. Não foi tão rápido quanto eu gostaria. Por fim, revisamos tudo, colocamos no *pendrive* e saímos correndo do café. Já tínhamos visto um lugar que fazia impressões nas

proximidades. Fomos lá, imprimimos as cartas e corremos de volta para o banco. Cruzamos a linha de chegada, ou melhor, a porta do banco, às 16:50. Jeffrey nos viu e pediu que aguardássemos enquanto terminava de atender uma cliente. Seu olhos não conseguiram esconder a decepção. Ele achava e esperava que não retornássemos. Nossa presença no fim do expediente era a última coisa que ele queria naquela sexta-feira.

O banco fechou com a gente lá dentro. Jeffrey nos chamou, leu as cartas, olhou para nós com expressão resignada e levantou da cadeira. Pediu licença para conversar com o chefe e lhe pedir autorização para aceitar as cartas como comprovantes de residência. Voltou minutos depois com um envelope que continha um talão de cheques e nossos cartões. A conta estava aberta e já sairíamos dali com tudo o que era necessário para movimentá-la. Cadastrou as senhas de acesso ao internet banking e explicou-nos como usá-lo. Finalmente, levou-nos até o caixa onde fizemos o depósito mínimo exigido pelo banco. Também era algo superior a mil euros.

Sáímos do banco triunfantes. Foi uma sexta-feira estressante e difícil, porém recompensadora. Mais do que nunca, confirmamos que um "não" precisa ser visto como um "talvez", o qual, com um pouco de empenho, pode tornar-se um "sim". Tudo depende das pessoas envolvidas, do jogo de cintura, da persistência e de uma boa dose de sorte (ou providência divina).

O mundo e as organizações estão cheios de regras e normas idiotas. A escola nos ensina a cumpri-las e a respeitar as autoridades. Trata-se de uma escolha. A gente pode aceitar as coisas como são, sem discutir nem contestar, ou perceber que não faz sentido e enfrentar. Nem sempre a gente sai triunfante, porém se não tentarmos, nunca saberemos. Esse foi um dos muitos exemplos em nossa vida nômade que nos ensinou que vale à pena tentar.

Saldo de Hong Kong

Número de dias: 6

Custo de viagem: R\$ 3.086 (US\$ 1.073)

Média/mês: R\$ 15.429 (US\$ 5.367)

Média/dia: R\$ 514 (US\$ 179)

Custo de acomodação: R\$ 1.332 (US\$ 463)

Média/mês: R\$ 6.660 (US\$ 2.315)

Média/dia: R\$ 222 (US\$ 77)

Custo de deslocamento: R\$ 1.630 (US\$ 571)

Média/dia: R\$ 272 (US\$ 95)

Seguro de saúde: R\$ 124 (US\$ 39)

Média/dia coberto: R\$ 21 (US\$ 6)

Tailândia

Sáimos de Hong Kong felizes, mas com um rombo nas contas. Passagens, hospedagem, incorporação da empresa e abertura das contas consumiram muito dinheiro. Naquele momento, o que eu mais queria era ir para um lugar barato e passar um bom tempo lá. Essa foi uma das razões para o plano de passar os sete meses seguintes no Sudeste Asiático, começando por [Chiang Mai](#), a cidade mais famosa entre os nômades digitais, considerada uma das mais baratas do mundo.

Voamos direto para lá com a [AirAsia](#), uma *low cost* bastante usada na Ásia. Quando o avião se aproximava do destino, notei que havia uma espécie de neblina. Não era tão forte. Parecia com algo que já tínhamos visto antes na China e em Hong Kong, onde a causa era poluição.

Desembarcamos no calor de [Chiang Mai](#) e fomos para o apartamento. Alguns amigos haviam recomendado o [Baan Thai](#), bastante popular entre nômades digitais, porém ficar em um apartamento sem cozinha por um longo período de tempo nos pareceu inviável. Preferimos alugar uma semana no [The Mirror](#). O valor era mais alto, a localização não era tão boa quanto a do [Baan Thai](#), mas o apartamento era melhor.

Gostamos e decidimos passar toda a temporada de três meses lá. Negociamos com a proprietária, conseguimos um belo desconto e o valor ficou bom. Comparado ao que gastamos de acomodação em Singapura e em Hong Kong, era uma pechincha.

Começamos a explorar as redondezas e descobrimos diversos cafés legais. Acho que nunca tínhamos visto tamanha concentração de cafés, um melhor que o outro. Eles eram bonitos, ofereciam um ambiente agradável e refrigerado, tinham preços bons e acesso à internet. Havia um a poucos metros de nosso prédio com muitas mesas. Elas contavam com tomadas e

abajur. Havia água de graça. Café e chá eram de boa qualidade. Não eram baratos, nem tão caros. O lugar funcionava 24h e sempre havia inúmeros locais e estrangeiros.

Muitos estudantes tailandeses vão para os cafés e passam o dia estudando, fazendo deveres e preparando trabalhos. Também havia diversos espaços de *coworking* nas proximidades. Eles eram bons e baratos. Tanto os cafés quanto os *coworkings* ofereciam uma conexão com a internet que era suficiente. Quase nunca era rápida, mas era suficiente para o que precisávamos.

Comer fora era mais barato que fazer compras e preparar em casa. Talvez por isso as pessoas não se importassem de viver em apartamentos sem cozinha. Também havia lojas de conveniências em toda esquina, sempre funcionando 24h por dia, o que tornava fácil comprar comida e outros itens a qualquer momento.

Havia dois encontros do [Couchsurfing](#) por semana, o que nos permitiu conhecer pessoas rapidamente. Havia outros brasileiros na cidade e tivemos contato com vários deles. Alguns eram nômades digitais e têm suas histórias contadas aqui no livro, como é o caso de Marcus Lucas, Vagner e Babi. Foi a primeira vez que encontramos com outros nômades brasileiros pelo caminho. Fizemos vários amigos entre brasileiros e estrangeiros. Ficamos particularmente próximos de um casal ucraniano que era nosso vizinho.

Apesar dos aspectos positivos, as primeiras semanas foram complicadas e a adaptação difícil. Não pudemos deixar de notar a "neblina". Os dias passavam e ela não ia embora. Descobrimos que era a tal da *burning season*. Nos primeiros meses do ano, fazendeiros de alguns países do Sudeste Asiático fazem queimadas para "limpar" o solo e prepará-lo para a plantação do ano que está começando. É uma prática infeliz, que cria uma nuvem de fumaça permanente, a qual afeta vários países. O norte da Tailândia, onde está Chiang Mai, é uma das áreas castigadas.

A *burning season* dura vários meses. Chegamos quando estava no auge. Por melhores que fossem os cafés e espaços de *coworking*, era difícil aturar aquele ar imundo. Não dava para ver o Sol. Era deprimente. Existe uma montanha ao lado da cidade que podia ser avistada do edifício onde morávamos. Só a vimos pela primeira vez alguns dias depois da chegada à cidade, depois de uma chuva forte. A chuva limpava o ar e removia a fumaça, ao menos por um tempo.

A comida também não ajudava. Ela era barata, mas não agradava ao paladar e era de baixa qualidade. Para desfrutar dos preços baixos, tínhamos de comer em locais que não poderiam ser chamados de restaurantes. Eram instalações básicos, simples, quentes e pouco higiênicas. Não era uma experiência confortável nem agradável. Era possível comer pratos ocidentais em restaurantes bons, contudo o custo era relativamente alto.

O bairro em que estávamos era o melhor de Chiang Mai, porém caminhar por ele era ruim. Praticamente não havia calçada nas ruas, o que nos forçava a andar na beirada delas, próximo demais dos carros que passavam. Em certas partes, havia carros estacionados, o que nos empurrava ainda mais para o meio da rua. Aquilo não fazia o sentido.

Depois de lutar com essa questão nas primeiras semanas, desistimos e optamos por alugar uma *scooter*. Nossa satisfação com a cidade deu um salto. Achamos um café mais afastado, chamado Coffee Monster, que tinha cadeiras confortáveis, conexão rápida e um ambiente agradável. Passamos a frequentá-lo todos os dias.

Chiang Mai atrai nômades digitais com a promessa de um custo de vida baixo e a oportunidade de conhecer outros nômades digitais. Comprovamos que as duas possibilidades existem, mas há diversos inconvenientes que precisam ser considerados.

No nosso caso, optamos por um apartamento com cozinha e, portanto, mais caro. Ainda que a comida fosse boa na rua, o que não era o caso, comer fora todo dia cansa. Tem hora que a gente quer comer nossa própria comida ou preparar algo mais saudável. Por isso, a ideia de ficar sem cozinha nos parecia inconcebível. Outros viajantes conseguem lidar melhor com isso.

O valor do aluguel do apartamento não incluía o custo da energia elétrica. Essa é uma prática comum por lá. É preciso usar o ar condicionado o tempo todo e a energia não é barata. Portanto os proprietários a cobram à parte. É fácil se iludir com os valores oferecidos nos anúncios dos apartamentos, até a conta de luz chegar e a gente perceber que o total é barato, porém não tanto assim.

Apesar de nosso apartamento ser melhor que a média, ele estava longe de ser um lugar aconchegante. Era básico e estéril. Não dava para passar um dia trabalhando nele sem sentir-se deprimido. O que nos forçava a ir para cafés ou espaços de *coworking*. Ainda que eles não fossem caros, o custo mensal não era desprezível.

Como não dava para caminhar pelo lugar e o transporte público beirava o inexistente, sentimos a necessidade de alugar uma *scooter*. Além do custo que isso gerou, passamos a correr mais riscos. Andar de moto em Chiang Mai é mais tranquilo e seguro que em uma cidade grande brasileira. As pessoas andam mais devagar. Entretanto, nós e outros estrangeiros pilotamos as motos sem ter tanta prática assim. É fácil se acidentar. Felizmente, não tivemos nenhum problema.

Não havia máquina de lavar no apartamento, o que nos forçava a gastar com lavanderia toda semana e a perder algum tempo com ela. Tampouco era possível beber a água da torneira. Tínhamos de comprar água a cada dois ou três dias. Existem lugares em que você pode encher suas garrafas d'água gastando pouco, porém é preciso gastar tempo e fazer o esforço de levar e trazer as garrafas d'água.

No nosso caso particular, quando colocamos todos os gastos [nesta planilha](#), percebemos que o valor era igual ou superior ao que gastaríamos em uma cidade do Leste Europeu, por exemplo. De fato, depois de Chiang Mai, tivemos várias estadias no Leste Europeu nas quais gastamos menos. A diferença é que a infraestrutura das cidades do Leste Europeu é muito superior à de Chiang Mai e à da maioria das cidades do Sudeste Asiático. Os apartamentos são melhores. Têm cozinha, máquina de lavar e todas as demais comodidades de uma boa casa. A conexão com a internet é mais rápida. O transporte público das cidades é fantástico e não é preciso aturar o calor insuportável de Chiang Mai.

Acredito que a maioria das pessoas que vai para Chiang Mai não teve a experiência de visitar o Leste Europeu ou outras partes do mundo com custo de vida semelhante (ou inferior) e infraestrutura superior. Além disso, americanos e europeus, que formam o maior grupo de nômades digitais, fogem do frio e são atraídos pelo calor do Sudeste Asiático. Nós, brasileiros, estamos habituados ao calor. Aliás, não só ao calor. Também estamos acostumados com pobreza, infraestrutura precária, lugares feios e outros aspetos infelizes. O Sudeste Asiático tem todas essas coisas e a Tailândia não é exceção. O que vimos lá não é muito diferente do que estamos habituados a ver no Brasil. Inclusive, várias cidades brasileiras dão um banho em certos aspectos.

Acredito que muitos brasileiros preferem visitar lugares mais arrumados, razão pela qual viajam com frequência para EUA e Europa. Para essas pessoas, e nos incluímos nesse grupo, não faz tanto sentido ir para o

Sudeste Asiático para encarar uma realidade semelhante à brasileira só porque o custo é baixo. É possível ter acesso a custo semelhante, ou até inferior, na Europa. É mais perto e os lugares são mais aprazíveis.

Não comento isso para você deixar de conhecer Chiang Mai. Sinta-se à vontade para ir. Tem um monte de gente que adora o lugar. Porém vá sabendo o que esperar. Se o objetivo for apenas economizar, saiba que há outros locais igualmente bons e menos distantes.

Quanto à oportunidade de conhecer e interagir com outros nômades digitais, ela é real, contudo sua utilidade pode ser limitada. Os nômades digitais de outras nacionalidades são, em sua maioria, de países anglo-saxões. Quando têm algum tipo de negócio, com frequência são de e-commerce, especialmente [drop shipping](#). É o tipo de coisa que funciona para a realidade de um americano, por exemplo, mas tem utilidade limitada para o mercado brasileiro e para nômades digitais do Brasil.

No nosso caso particular, percebemos que as interações com outros nômades digitais em Chiang Mai foram legais no nível pessoal, porém pouco frutíferas para o tipo de trabalho que estávamos fazendo. É claro que isso muda de uma pessoa para outra. Outros nômades digitais brasileiros foram para lá e tiveram interações mais produtivas.

Durante o tempo que passamos lá, tentamos nos concentrar no trabalho tanto quanto possível. Eu tentava desenvolver a Noiva Inteligente e Pati tratava de entregar as fotos de sua última temporada de casamentos.

Um mês depois de chegarmos, ocorreu o [Songkran](#), o festival que celebra o ano novo tailandês. São três dias de feriados que colocam a cidade (assim como o resto da Tailândia) em um clima de festa que lembra um pouco o carnaval. É um período em que as pessoas vão para as ruas festejar e a grande diversão é ficar jogando água nos outros. É muito legal para quem entra no clima da festa e um saco para quem não quer participar.

Nessa época, estávamos pouco felizes de estar ali e não estávamos em clima de festa. Ficamos trancados no apartamento e foi deprimente. Ainda conhecíamos pouca gente. Nossos amigos ucranianos ainda não tinham nem chegado. Se já estivessem lá, talvez tivéssemos saído às ruas com eles e nos divertido bastante.

Durante o [Songkran](#) pensei muito se deveria dar continuidade à Noiva Inteligente ou parar com o projeto. Estávamos avançando, mas não tanto assim. Tínhamos dúvidas se chegaríamos a algum lugar. Eventualmente concluí que aquele era um mau momento para desistir. Estávamos

deprimidos e essa talvez fosse a causa de nosso desânimo com o projeto. Não devíamos tomar uma decisão precipitada em um momento como aquele. Optamos por seguir em frente.

Algumas semanas depois, quando já estávamos mais animados. Decidimos contratar uma pessoa para nos ajudar. Eu e Pati nunca tivemos interesse por casamento, tanto assim que não nos casamos. A Pati gostava de tirar fotos de casamento, mas não tinha interesse em casamento propriamente. Eu tinha menos interesse ainda. A ideia da Noiva Inteligente surgiu por identificarmos que trabalhar com casamento tinha um bom potencial de retorno financeiro.

Julgamos que seria bom trazer uma pessoa que realmente gostasse de casamento. Até então, eu fazia as entrevistas e fazia o possível para demonstrar interesse nos assuntos durante as gravações. Apesar do esforço, acredito que as ouvintes percebiam que eu não tinha grande entusiasmo com os tópicos discutidos. Acharmos que o programa seria melhor sucedido se houvesse uma entrevistadora que curtisse casamentos de verdade.

Conversamos com algumas pessoas via Skype e contratamos Alessandra para trabalhar de casa, do Rio de Janeiro. Nos meses seguintes eu a treinei em todos os processos do *podcast*. Ela aprendeu a montar as pautas das entrevistas, fazer as gravações, enviar para o editor de som e assim por diante. Em termos de conteúdo, eu só precisava revisar as pautas. Foi um alívio para mim.

Passei a trabalhar na construção de um site melhor e Pati ajudava com todos os elementos gráficos. Como ela ainda tinha muitas fotos para entregar, seu envolvimento no projeto era mais limitado. Até porque, a bem da verdade, como ela não curtia o assunto, não se sentia tão interessada em participar do projeto.

No meio de nossa estadia em Chiang Mai, quando a *burning season* terminou e o céu começou a ficar limpo, Pati começou a se queixar de cansaço. Frequentávamos uma academia e um dia ela disse que não ia malhar porque não tinha forças. Ao mesmo tempo, começou a sentir que seu coração estava acelerado, especialmente à noite, quando ia dormir. Aquilo lhe pareceu estranho e preocupante. Ela começou a achar que deveria ver um médico. Eu pensava que não era nada demais. E como detesto a experiência de ir a médicos, tentei evitar uma eventual ida, o que só contribuiu para ela ficar mais preocupada, até que não teve mais jeito. Tive de achar uma clínica e levá-la até lá.

A médica tirou sua pressão e estava alta. Então pediu uma bateria de exames de sangue, os quais foram feitos lá mesmo. O resultado saiu rapidamente, alguns minutos depois. Todas as taxas estavam normais, com exceção de uma. A médica não conseguia explicar a razão, porém julgou que não era grave. Ela mediu a pressão outras vezes e continuava um pouco alta. Foi o suficiente para a médica receitar um remédio de pressão.

Eu não sou médico e não tenho formação para julgar, porém achei aquilo bizarro. Não me parecia razoável que alguém tivesse de tomar remédio de pressão com base em duas ou três medições. Esperava que fosse feito pelo menos um mapa, que medisse a pressão ao longo de 24h, para se ter uma ideia de seu comportamento com base em inúmeras medições, em diferentes momentos do dia. Infelizmente não foi o que aconteceu. Apesar de me parecer precipitado, Pati começou a tomar o remédio.

A situação melhorou um pouco no dia seguinte, porém não se resolveu. Ela continuou sentindo o coração acelerar durante a noite. Aquilo a atormentava. Houve uma noite em que ela sentiu o coração de forma particularmente intensa. Fomos para um hospital.

Os médicos parecem ser bons na Tailândia e as instalações médicas são excelentes, porém a comunicação é complicada. No caso desse hospital, o médico falava inglês, mas não tão bem. Pati tinha dúvidas se ele a entendia e também não conseguia compreendê-lo bem. Esse médico concluiu que o remédio de pressão que ela estava tomando não era suficiente, então receitou outro, mais forte. Pati melhorou um pouco, porém ficou cada vez mais preocupada.

No fim de 2014, quando planejamos a etapa de 2015, decidimos passar o ano inteiro fora. Pati já tinha decidido parar de fotografar casamentos. E eu queria ficar longe do país, por temor de que a situação econômica e social se agravasse com a reeleição da presidente e a manutenção de políticas desastrosas. Com esse objetivo em mente, compramos uma passagem aérea sem retorno ao Brasil e cancelamos nossos planos de saúde na véspera de nossa partida.

Pati começou a ficar com medo porque não sabia quando voltaria ao Brasil e poderia conversar com médicos de sua confiança. Tampouco teria plano de saúde quando retornasse, o que a deixava ainda mais apreensiva. Essas questões, adicionadas à pouca simpatia que sentia por Chiang Mai, a deixaram cada vez mais triste e angustiada, o que provavelmente agravava o problema que já vinha sentindo no coração.

O restante da estadia teve muitos altos e baixos, incluindo mais visitas aos médicos. Eles nunca encontravam nada de errado nos exames de Pati, mas ela não estava bem. Eu, como bom otimista que sou, continuava acreditando que tudo se resolveria. Mantive o plano de viajar para outros destinos do Sudeste Asiático, usar a passagem de volta para a Europa em setembro e seguir para os EUA com a passagem que também tínhamos para lá. Foi o que me faz cair na besteira de ir para Myanmar em seguida. Eu não podia imaginar a quantidade de problemas e perdas que enfrentaríamos a seguir.

Saldo da Tailândia

Número de dias: 81

Custo de viagem: R\$ 12.145 (US\$ 4.094)

Média/mês: R\$ 4.498 (US\$ 1.516)

Média/dia: R\$ 150 (US\$ 51)

Custo de acomodação: R\$ 4.653 (US\$ 1.526)

Média/mês: R\$ 1.723 (US\$ 565)

Média/dia: R\$ 57 (US\$ 19)

Custo de deslocamento: R\$ 5.818 (US\$ 2.042)

Média/dia: R\$ 72 (US\$ 25)

Seguro de saúde: R\$ 1.674 (US\$ 526)

Média/dia coberto: R\$ 21 (US\$ 6)

Myanmar

O modo de vestir dos homens foi a primeira coisa que nos chamou a atenção quando desembarcamos em [Yangon](#), no [Myanmar](#). Em vez de calças ou bermudas, eles usavam saias longas que iam até os pés. Pareciam lençóis enrolando as pernas e amarrados na cintura. As mulheres também usavam saias semelhantes, porém de diversas cores e melhor acabamento.

Outro fato nos pareceu igualmente peculiar. Os motoristas dirigem do lado direito, assim como nós estamos acostumados a fazer no ocidente. Em

muitos países asiáticos, adota-se à mão inglesa, portanto dirige-se do lado esquerdo. É o caso da Tailândia, Índia, Japão, Malásia, Singapura e tantos outros. Esse também era o caso de Myanmar, até o dia em que o general que comandava o país decidiu trocar a mão da noite para o dia. Do nada, todos tiveram de aprender a dirigir do lado direito. O mais bizarro é que os carros eram projetados para a mão inglesa. Quem se importa com detalhes? O general disse que eles tinham de trafegar pelo lado direito e fim de papo. É surreal andar pela cidade na mão direita usando carros que seguem o padrão inglês. Não sei como os motoristas conseguem.

Myanmar tem uma história rica e conturbada. Porém é um dos lugares mais interessantes de se visitar na atualidade. Esteve fechado por muito tempo e só recentemente começou a abrir-se para o turismo. Assim mesmo, visitar o país tem suas complicações. É preciso solicitar um visto eletrônico cuja duração é de apenas 28 dias.

A infraestrutura em Yangon não é das melhores. As hospedagens eram semelhantes às de Amã, na Jordânia. Havia hotéis caros ou acomodações simples, mais baratas, porém não muito boas. Optamos pelo último caso e fomos para um quarto privado de um albergue. O lugar era bom, mas as redondezas não tanto. Fez-nos lembrar de Nova Delhi. Era uma versão melhorada do que vimos por lá.

Caminhamos pelas redondezas, onde encontramos muita sujeira, poeira e pobreza. A área não era bonita, porém também não pareceu-nos insegura. Fizemos alguns passeios pegando taxis e conhecemos alguns dos muitos templos da cidade. O mais importante dele, o [Pagode Shwedagon](#), é impressionante. É um lugar enorme e bonito.

Fazia muito calor na cidade. Apesar dos templos bonitos e de um ou outro lugar interessante, no geral era bem feio. As pessoas eram simpáticas e tentavam conversar com a gente. Muitas falavam inglês bem e demonstravam interesse em saber mais sobre a gente.

[Bagan](#) é o destino que as pessoas mais procuram quando vão ao Myanmar. Não é para menos. Trata-se de um enorme sítio arqueológico contendo milhares de templos budistas, alguns dos quais têm em torno de mil anos. É para lá que queríamos ir, porém a jornada não seria fácil. Tínhamos a opção de pagar caro por um voo, levar muito tempo em um ônibus ou uma eternidade em um trem. Sem problemas, estamos acostumados e temos disposição para enfrentar qualquer viagem demorada. Contudo não estávamos com ânimo naquele momento.

Pati continuava a sentir-se mal. Ela não estava feliz ali. Eu também não estava tranquilo. Se ela precisasse ir ao médico lá, seria complicado. Eu também estava preocupado com o trabalho. Vinha fazendo o possível para desenvolver a Noiva Inteligente e senti que não era um bom momento para estar em Myanmar. A conexão com a internet era lenta no albergue e poderia ser ainda pior em Bagan. Tínhamos contratado Alessandra há pouco tempo e eu temia deixá-la abandonada enquanto estivéssemos fazendo turismo. Isso tudo, aliado a outras considerações e ao calor extremo, me fizeram perceber que o momento não era adequado para estarmos ali. Precisávamos ir embora o quanto antes e tentar colocar a vida em ordem. Para surpresa de Pati, anunciei a intenção de ir embora no dia seguinte. Ela topou sem hesitar.

Chegamos ao aeroporto pouco menos de 48h depois de colocar os pés no país. Um recorde. Tive de aceitar o prejuízo de comprar mais uma passagem, abandonar a passagem de volta que já tínhamos e buscar acomodação no último minuto em Kuala Lumpur, para onde fomos. Minha esperança é que pudéssemos passar os próximos meses por lá.

Deixar Myanmar foi triste e um alívio ao mesmo tempo. Uma pena que não estivéssemos dispostos a ficar mais e que tivéssemos perdido dinheiro. Foi uma decisão chata, porém correta naquele momento. O que eu não imaginava é que teria de tomar outra decisão ainda mais drástica nos dias seguintes.

Em função da necessidade de visto, da curta duração dele e da infraestrutura precária, Myanmar não nos pareceu um destino conveniente para uma temporada como nômade digital. É um lugar interessante para fazer turismo, porém não é dos melhores para se trabalhar de lá.

Saldo de Myanmar

Número de dias: 2

Custo de viagem: R\$ 1.284 (US\$ 419)

Média/mês: R\$ 19.259 (US\$ 6.292)

Média/dia: R\$ 642 (US\$ 210)

Custo de acomodação: R\$ 310 (US\$ 98)

Média/mês: R\$ 4.650 (US\$ 1.470)

Média/dia: R\$ 155 (US\$ 49)

Custo de deslocamento: R\$ 933 (US\$ 308)

Média/dia: R\$ 466 (US\$ 154)

Seguro de saúde: R\$ 41 (US\$ 13)

Média/dia coberto: R\$ 21 (US\$ 6)

Malásia

[Kuala Lumpur](#) é um destino estratégico porque existe uma boa oferta de acomodações com preços bons e é uma boa base para voar para qualquer lugar da Ásia. O aeroporto de Kuala Lumpur é excelente e muito bem conectado com o resto do continente.

Achamos um hotel legal, com preço camarada e boa localização. Reservamos alguns dias, com a esperança de achar um apartamento enquanto estivéssemos lá. Chegamos à cidade e fizemos alguns passeios que não foram possíveis na visita anterior, quando Pati precisou se tratar da dengue. Tentamos gostar da cidade, mas a verdade é que não gostamos nem um pouco. Além do calor infernal, chovia torrencialmente com frequência. A cidade parecia uma selva de pedra, cujas únicas atrações viáveis eram os *shopping centers*, devido ao ar condicionado. Kuala Lumpur, Bangkok e Singapura são semelhantes nesse sentido.

Concluimos que nenhum dos dois estava feliz ali. De fato, não estávamos felizes de estar no Sudeste Asiático. Não víamos a hora de voltar para a Europa. Em princípio, teríamos de esperar outros quatro meses até nosso voo de retorno, o que nos parecia uma eternidade. Eu não conseguia me ver em Kuala Lumpur por mais uma semana, que dirá alguns meses. Pati então, nem se fala.

Com muito pesar, decidimos abandonar a passagem de retorno para a Europa. Compramos com uma tarifa promocional que não permitia mudanças. Teríamos de comprar outra passagem, só de ida, para a data mais próxima que conseguíssemos. Achamos um voo promocional da [Vietnam Airlines](#) para Frankfurt e tentamos comprar. Não deu certo. Mais uma vez, nenhum de nossos cartões de crédito funcionou. Todos tinham saldo mais que suficiente, porém os mecanismos de proteção das companhias de cartão

de crédito ([Mastercard SecureCode](#) e [Verified by Visa](#)) insistiam em barrar a compra.

A solução era comprar a passagem através de uma agência de viagem ou através de uma loja física da companhia aérea. Localizamos um escritório da Vietnan Airlines, fomos lá com o dinheiro na mão e compramos a bendita passagem.

Resolvemos a questão do cartão de crédito no ano seguinte adotando outros cartões, como o [Nubank](#) e o [Advcash](#), os quais funcionam melhor com as companhias aéreas.

Comprada a passagem, faltava definir para onde ir na Europa. Com base no que aprendemos de nossa viagem pelo Leste Europeu, decidimos ir para [Sófia](#), na [Bulgária](#). Minha maior preocupação é que estávamos indo para Europa no verão, quando o calor é excessivo em boa parte do continente. Nós já não aguentávamos mais passar tanto calor no Sudeste Asiático. A última coisa que queríamos era enfrentar o mesmo problema na Europa. Seria até pior, porque muitos lugares não estão preparados para o calor, ao contrário do Sudeste Asiático, onde todos estão.

Escolhi Sófia porque parecia oferecer a melhor relação custo/benefício. Havia ótimos apartamentos com preços que cabiam em nosso orçamento e a cidade não ficava tão quente no verão. Ela é um tanto elevada e possui uma montanha bem ao lado, onde é possível refugiar-se e pegar temperaturas mais amenas em dias mais quentes.

Saldo da Malásia

Número de dias: 7

Custo de viagem: R\$ 2.092 (US\$ 679)

Média/mês: R\$ 8.967 (US\$ 2.911)

Média/dia: R\$ 299 (US\$ 97)

Custo de acomodação: R\$ 561 (US\$ 180)

Média/mês: R\$ 2.404 (US\$ 771)

Média/dia: R\$ 80 (US\$ 26)

Custo de deslocamento: R\$ 1.387 (US\$ 454)

Média/dia: R\$ 198 (US\$ 65)

Seguro de saúde: R\$ 145 (US\$ 45)

Média/dia coberto: R\$ 21 (US\$ 6)

Alemanha

Para chegar à Sófia, compramos uma passagem de [Frankfurt-Hahn](#) para Sófia pela *low cost* [Wizzair](#). Por sorte, chegaríamos à Frankfurt de manhã cedo e sairíamos de lá no início da noite, portanto não precisaríamos pernoitar na cidade. Como mencionei antes, o [aeroporto de Frankfurt-Hahn](#) fica a mais de cem quilômetros de Frankfurt. Para chegar lá, o jeito é usar o ônibus superfaturado que leva ao aeroporto.

Chegamos em Frankfurt, pegamos o metrô e fomos para o centro comprar alguns itens de que necessitaríamos em Sófia. Almoçamos por lá e retornamos ao aeroporto principal, de onde pegaríamos o ônibus para o aeroporto de Frankfurt-Hahn. Enquanto esperávamos por este ônibus, que passava com baixíssima frequência, conversamos com outros passageiros que o estavam aguardando. Havia um garoto grego simpático com o qual conversamos bastante.

O ônibus chegou e já estava quase lotado. Nós não podíamos perdê-lo de forma alguma, senão não chegaríamos a tempo do voo para Sófia. Não havia lugar para todo mundo. No fim das contas, tivemos que insistir com o motorista para tirar o tal rapaz grego que passou na nossa frente. Nós já estávamos no ponto há mais tempo, tínhamos comprado o bilhete para aquele horário específico e não estávamos com a menor disposição de deixar o ônibus partir sem a gente.

Depois de tudo o que havíamos passado para chegar até ali, a gente ia chegar a Sófia, custe o que custasse. O garoto saiu do ônibus desolado. Seu voo era antes do nosso e ele provavelmente o perderia. Paciência. Os europeus são especialistas em não fazer fila e não respeitar a ordem de chegada. A gente deixa para lá quase sempre. Aquele dia, não.

Bulgária

Ir para Sófia não poderia ter sido uma decisão mais acertada. A primavera estava no final e a temperatura estava ótima. Foi um alívio deixar para trás as temperaturas escaldantes do Sudeste Asiático.

Alugamos um [apartamento excelente](#) em uma área da cidade que já conhecíamos. O proprietário era uma simpatia e nos fez um bom preço quando lhe pedimos para ficar mais tempo. Como o verão estava para começar, ele não tinha o apartamento disponível por três meses. Então nos mudamos para outro apartamento ([fotos](#)) que ficava ao lado de um parque. Ali passamos alguns dos dias mais felizes de nossas vidas.

Trabalhávamos durante o dia e saíamos para passear no parque no fim da tarde, horário em que ele estava cheio de gente. Dezenas de famílias iam para lá com as crianças e os cachorros. As crianças brincavam, andavam de bicicleta, de patinete, de patins e de *skate*. Os pais sentavam-se nos bancos com suas latinhas de cerveja e batiam papo de forma despreocupada. O Sol não tinha pressa de partir. Descia lentamente, até se por lá pelas dez da noite.

Pati continuava com a pressão um pouco elevada. Compramos um medidor quando estávamos na Tailândia e fazíamos a medição com frequência. O tal remédio não parecia suficiente para baixar sua pressão. Preocupada, Pati pediu que eu a levasse a um médico.

Ela pesquisou na internet e descobriu o [Tokuda Hospital](#). Perguntou a respeito dele para alguns amigos e descobriu que era um dos melhores da cidade. Fomos para lá, onde Pati fez mais alguns exames para o coração. O médico não identificou nenhum problema físico e sugeriu que ela buscasse um psiquiatra. Aí Pati se tocou de que talvez estivesse passando por um problema emocional.

Em todo caso, decidimos tentar uma alimentação mais saudável. Comecei a ler livros de saúde, comprei vários produtos naturais, comecei a preparar umas vitaminas super nutritivas e refeições saudáveis. Passei a dedicar horas do dia a aprender a cozinhar comida de boa qualidade com o propósito de ajudá-la a se curar. Teve muita coisa que a gente tentou nesse período.

Fizemos muitos amigos nessa época, incluindo um casal de búlgaros que tornou-se bastante próximo. Os encontros do [Couchsurfing](#) não eram tão populares. Em compensação, os organizadores do [grupo Foreigners in Sofia & Friends](#) marcavam encontros com frequência. Conhecemos diversos brasileiros, entre os quais estavam alguns nômades digitais, como a Natalie e o Robson, cujas histórias também estão aqui no livro. Fui percebendo que um número cada vez maior de brasileiros estava se interessando por virar nômade digital, o que me surpreendeu. Surpresa maior veio no meio de

nossa estadia, quando fomos procurados pela produção da Ana Maria Braga, para gravar [essa matéria sobre nossa vida nômade](#).

Aos poucos as coisas foram melhorando. Voltar para a Europa ajudou muito. Não havia mesmo condições de continuarmos no Sudeste Asiático. Depois de um mês em Sófia, o verão estava no auge e os dias estavam lindos. Alugamos um carro e fomos viajar pelo interior do país. Visitamos inúmeras cidades e adoramos alguns lugares, tais como [Rhodope Mountains](#), [Burgas](#), [Sozopol](#), [Nesebar](#) e [Varna](#). A Bulgária revelou-se um país lindo e com ótimos preços, mesmo no verão. Durante a viagem, todos os sintomas de Pati foram embora. Ela estava feliz da vida e não sentia mais nada.

Voltamos para Sófia e continuamos a investir em preparar comida saudável. Pati também decidiu tentar parar com o café. Ela sempre bebeu muito café e achou que aquilo poderia estar contribuindo para aumentar a pressão. Decidi lhe acompanhar e parar de tomar café também. Tive muita dor de cabeça por uns três dias. Ela teve os mesmos sintomas por uma semana, talvez porque tomasse muito mais café do que eu. Foi difícil largar o café e conviver com as dores de cabeça nos dias subsequentes, porém valeu à pena.

Não houve nenhuma mudança notável em sua pressão, porém o sono se transformou. Nós dois começamos a dormir melhor. O sono era tão profundo que tínhamos dificuldade para acordar no meio da noite para ir ao banheiro. Além disso, nosso nível de energia passou a ser mais constante ao longo do dia. Deixamos de ter momentos em que ficávamos sonolentos. No lugar do café, passamos a tomar todo tipo de chá de ervas que não tivesse cafeína.

Tirar o café não aliviou o problema da pressão alta e Pati continuou preocupada. Ela pesquisava tudo o que estava a seu alcance na internet. Eventualmente começou a desconfiar da pílula anticoncepcional. Pati tinha endometriose há anos. Teve até que fazer uma cirurgia pouco depois de nos conhecermos. Para manter o problema sob controle, a recomendação médica era usar a pílula anticoncepcional sem interrupção. Ela já o fazia há mais de uma década e desconfiava que a mesma estivesse contribuindo para o aumento da pressão. Ela conseguiu falar com seu médico por telefone, explicou tudo que estava acontecendo e lhe perguntou se poderia parar com a pílula. Ele disse não acreditar que a pílula tivesse relação com a pressão, porém lhe autorizou a retirá-la para fazer um teste.

O resultado apareceu já no dia seguinte. A pressão se regularizou. A pílula estava mesmo contribuindo para ela ficar alta. Dias depois, Pati parou de tomar o remédio de pressão. A pressão diastólica subiu um pouco, mas manteve-se em um patamar controlado. Achemos que o problema já estivesse resolvido. Estávamos enganados. Ainda tínhamos outras dificuldades pelo caminho. Pati continuou preocupada com a pressão e com a possibilidade de a endometriose retornar.

Na parte da Noiva Inteligente, começamos a criar alguns e-books sobre os assuntos discutidos nas entrevistas e fizemos campanhas pagas no Facebook para atrair as noivas. Investimos uma quantia substancial e tivemos um aprendizado valioso. Ao contrário do *podcast*, os *e-books* fizeram sucesso entre as noivas desde o primeiro minuto. Eles logo se transformariam em outra vertente do negócio, a mais promissora.

A estadia em Sófia confirmou o que já prevíamos com base em nossa visita anterior. Há uma boa oferta de hospedagens com bons preços, comida e bebida são baratas, a comida é excelente (uma das melhores do Leste Europeu), há boas opções de cafés, as pessoas são amigáveis, há muito verde por todos os lados, seja em parques ou na montanha, o transporte público é bom, a cidade é segura e a conexão com a internet é muito rápida. Dá para viver muito bem lá. É um lugar perfeito para nômades digitais.

Deixar o Sudeste Asiático antes do tempo custou caro, porém ficar lá teria custado ainda mais. Pati e eu ficamos bem melhor na Bulgária. Curtimos todos os momentos que passamos lá e nos sentimos verdadeiramente em casa.

Ao final da estadia, tivemos de tomar outra decisão importante. Tínhamos uma passagem para Nova York. Era a segunda perna da passagem aérea que usamos para sair do Brasil no fim de 2014. Seria melhor usar essa passagem e voltar para o continente americano ou abandoná-la e permanecer no Leste Europeu? Preferimos ficar e aproveitar que estávamos nos sentindo bem por lá. Iríamos para Bucareste e passaríamos o outono lá. Mais uma vez, tivemos de aceitar a perda de uma passagem aérea cara. Perdemos as passagens porque todas elas tinham tarifas promocionais. Os valores eram mais baixos, porém não era permitida nenhuma alteração nas datas dos voos.

O ano de 2015 foi o ano das perdas financeiras. Fiquei triste em perder as passagens e preocupado com o tanto que gastamos em Singapura e Hong Kong. O que eu não imaginava é que tudo isso era insignificante perto do

que viria a seguir. Estávamos no meio do ano e a situação política no Brasil ia de mal a pior. A situação econômica se deteriorava rapidamente, como eu já imaginava que fosse acontecer. Havia imensa pressão pelo *impeachment* da presidente, mas era difícil acreditar que ele sairia. O dólar não parava de subir e víamos nossas economias perdendo valor rapidamente quando a convertíamos em dólar.

Quando estávamos em Chiang Mai, estava conversando com Marcus Lucas um dia e ele mencionou a questão do fundo cambial. Era um instrumento que eu conhecia, porém não lembrei de usar. Poderia e deveria tê-lo adotado desde que começamos a viver como nômades digitais. Seria uma forma de manter nosso poder de compra estável frente ao dólar. Concluí que era hora de fazê-lo. Transferi boa parte de nossa reserva para um fundo cambial. Teria sido uma boa decisão se eu não tivesse dado bobeira um pouco depois.

Saldo da Bulgária

Número de dias: 87

Custo de viagem: R\$ 12.755 (US\$ 4.012)

Média/mês: R\$ 4.398 (US\$ 1.383)

Média/dia: R\$ 147 (US\$ 46)

Custo de acomodação: R\$ 8.307 (US\$ 2.561)

Média/mês: R\$ 2.864 (US\$ 883)

Média/dia: R\$ 95 (US\$ 29)

Custo de deslocamento: R\$ 2.650 (US\$ 886)

Média/dia: R\$ 30 (US\$ 10)

Seguro de saúde: R\$ 1.798 (US\$ 565)

Média/dia coberto: R\$ 21 (US\$ 6)

Romênia

Pegamos um trem diretamente de Sófia para [Bucareste](#). Quando compramos as passagens, a atendente foi simpática e nos alertou que não

havia restaurante no trem nem WiFi. A viagem duraria dez horas. Deveríamos levar comida, água e algo para passar o tempo.

A distância entre as duas cidades não é grande, mas o trem é lento. O bom é que o caminho é lindo. Preparamos almoço, chá, frutas e outros lanches. Fomos para o trem preparados para um verdadeiro piquenique. A viagem foi ótima. Apesar de ter parecido exagerado quando chegamos, nossos farnel foi completamente devorado.

Achamos um ótimo apartamento em *Stefan cel Mare*, um bairro de Bucareste que conhecemos na viagem anterior e do qual gostamos. Combinei com a dona que ficaríamos por dois meses. Ela aceitou fazer um bom desconto e receber a maior parte do pagamento em dinheiro. Assim evitamos as taxas do [Airbnb](#).

O [apartamento](#) revelou-se melhor que o esperado. As janelas eram voltadas para uma área arborizada que ficava entre vários prédios. O silêncio era absoluto. O quarto tinha um item valioso que raramente encontramos: uma persiana que bloqueava a luz por completo. Dessa forma, podíamos dormir no escuro e silêncio absolutos. Além disso, a cama era muito confortável. Como tínhamos parado o café na Bulgária, tivemos algumas das melhores noites de sono da vida.

Ao contrário da Bulgária, a [Romênia](#) não nos pareceu um bom lugar para comer fora. Por sorte, havia dois supermercados enormes perto do apartamento. Então nos dedicamos ainda mais a cozinhar em casa e a preparar comida saudável. Eventualmente conhecemos o [Mercato di Obor](#), um mercado enorme que existe em Bucareste. É um dos melhores e maiores mercados que já vimos na Europa. Passamos a visitá-lo toda semana. Havia uma enorme variedade de frutas, legumes, vegetais, queijos, carnes e tudo mais de que pudéssemos precisar.

Assim como em Sófia, havia ótimos parques na cidade. Nós os visitávamos com frequência para caminhar, fazer exercícios, pegar Sol e conversar sobre a vida. Existe um parque em particular, chamado [Herastrau](#), que é enorme. Como era outono, as folhas estavam mudando de cores. As árvores já não eram apenas verdes. Havia também uma infinidade de tons de amarelo e vermelho. O lago refletia as árvores e criava uma efeito lindo. Íamos lá com frequência e sempre saíamos revigorados.

Bucareste é maior e mais bonita que Sófia. Há prédios lindos, as pessoas estão sempre bem arrumadas, são educadas, falam inglês bem e são mais sérias com o trabalho. Ao contrário do que se pensa na Europa Ocidental, a

cidade é uma das mais seguras do continente. O transporte público é excelente, há uma boa oferta de acomodações, os preços são bons (com exceção de comer fora), há bons cafés e a conexão com a internet é excelente. Assim como Sófia, é uma maravilha para nômades digitais.

Enquanto estivemos lá, trabalhamos na criação de outros e-books sobre diferentes assuntos do mundo do casamento. Isso atraiu ainda mais gente para conhecer a Noiva Inteligente. As noivas demonstravam muito interesse nos *e-books* e pouco nas entrevistas. Elas gostavam dos *e-books* porque eram visuais, enquanto as entrevistas, por mais educativas que fossem, só tinham áudio.

Decidimos fazer um *e-book* mais completo sobre vestidos de noiva. Contratamos a Thaisy, da Conteúdo e Cia para fazer o conteúdo dos *e-books*. Ela também é nômade digital e sua história é contada aqui no livro. Pati fazia a diagramação. Já tínhamos uma boa lista de emails e iríamos distribuir o *e-book* de forma gratuita para as noivas. Daí tivemos a ideia de oferecer publicidade dentro desses *e-books*. Fornecedores de casamento poderiam pagar para aparecer nele, seja na forma de anúncio ou matérias pagas.

Para viabilizar essa ideia, precisávamos fazer um esforço comercial. Tínhamos de ligar para os profissionais de casamento, falar do *e-book*, explicar o modelo de publicidade, expor nossos diferenciais, apresentar os preços e tentar convencer as pessoas a embarcar. Adotei o [Pipedrive](#) para fazer a gestão do relacionamento com os potenciais clientes, ensinei Alessandra a usá-lo e montamos uma estratégia. Ela ligava para os fornecedores, fazia o contato inicial, falava sobre o *e-book* e marcava uma *conference call* na qual eu entrava e fazia a venda do anúncio.

Assim como acontece em todo processo de venda, a maioria das pessoas não queria comprar, porém não demorou para duas fornecedoras embarcarem no projeto e aceitarem pagar bons valores. Começamos a Noiva Inteligente achando que ganharíamos dinheiro de um jeito, porém terminamos ganhando de outro que não havia passado por nossa cabeça no início.

Para receber os pagamentos, tentei usar a empresa de Hong Kong, como era o plano. Criamos uma conta do [Paypal](#) e a conectamos à conta bancária da empresa. Era a forma mais simples de receber pagamentos através de cartão de crédito. Enviamos as instruções para uma das clientes e ela não

conseguiu pagar. Foi um desastre. É fácil configurar o [Paypal](#) para receber dinheiro, mas nem sempre é fácil usá-lo para pagar.

A cliente tentava de tudo e não conseguia. Seu cartão nunca era aceito. Eventualmente descobrimos que o mesmo não fazia pagamentos internacionais. Ela tentou com outros. Foi uma novela. Por fim, apesar de todos os esforços, tivemos de usar a empresa brasileira para receber das duas clientes. Isso demonstrou algumas limitações de ter uma empresa no exterior, sobre as quais comentarei mais adiante.

A boa notícia é que ganhamos algum dinheiro com o projeto e confirmamos seu potencial. Isso era bom porque eu tinha planos de aposentar o [Be on the Net](#) no fim do ano seguinte. A plataforma era boa, porém estava cada vez mais obsoleta. Por uma série de razões técnicas e de mercado, eu julgava que não valia à pena fazer mais investimentos nela. Era melhor encerrá-la e concentrar esforços em algo novo, como a Noiva Inteligente.

Durante a estadia em Bucareste, a saúde de Pati continuou sendo um tema conturbado. Investimos ainda mais em comer bem e de forma saudável. Além de eliminar todo tipo de alimento industrializado e outros que pudessem ser nocivos à saúde, começamos a fazer [jejum intermitente](#). Pati continuou a verificar a pressão quase diariamente. A diastólica insistia em ficar um acima do que deveria. Ela começou a ter dúvidas se devia mesmo ter tirado o remédio de pressão.

Houve uma noite em que tirou a pressão e estava alta. Ficou alarmada e com medo de ter um problema mais grave. Entrei em contato com a dona do apartamento e ela nos indicou uma boa clínica nas proximidades, onde todos falavam inglês bem, tanto os funcionários, quanto os médicos.

O médico que a atendeu nos pareceu muito bom. Ele pediu uma enorme bateria de exames de sangue e de urina, além de um mapa. Foi a primeira vez que Pati foi para casa com um aparelho que media a pressão várias vezes por dia e tinha como dar ao médico uma noção mais clara de seu comportamento. Os exames não deram nada. Todas as taxas estavam excelentes. No mapa, o médico identificou alguns momentos em que a pressão esteve um pouco mais alta, porém nada que fosse fora do usual. Ele recomendou que ela não tomasse remédio de pressão. Não havia necessidade dele.

Pati ficou mais calma e continuamos a tocar a vida. Algum tempo depois, ela começou a sentir uma tontura forte. Ficou apavorada achando

que fosse algum problema de pressão alta. Voltamos a visitar a clínica e conversamos com outro médico. Ele passou uma hora e meia examinando Pati, conversando com ela e tentando compreender o que estava acontecendo. Sua pressão estava ótima e não poderia ter causado a tontura. No fim da consulta, ele admitiu que não fazia ideia do que estava acontecendo com ela. Não receitou nenhum remédio e lhe mandou de volta para casa. Daí por diante Pati ficou bem até quase o final da estadia na cidade. Ela esqueceu um pouco da pressão, se tranquilizou e tivemos alguns dias de paz.

O apartamento em que estávamos já tinha sido reservado por outra pessoa e não podíamos ficar nele durante nosso terceiro mês. Buscamos outros lugares e achei um [apartamento próximo](#), com excelente localização, ao lado do metrô. Parecia promissor, contudo ainda não tinha nenhuma avaliação. Entrei em contato com a dona, disse que estava na cidade e perguntei se podíamos fazer uma visita, já que o apartamento ainda não tinha avaliações. Ela aceitou e comprovamos que o lugar era realmente bom.

O preço que ela cobrava era de 30 euros por dia, o que equivalia a 900 euros por mês, porém ela oferecia um desconto para locação mensal, que fazia o valor baixar para 600 euros. Já era bom, mas achei que podia ficar melhor. Depois da visita, ofereci para pagar 400 euros por mês, pagando em dinheiro. Ela aceitou, porém pediu que ficássemos um dia pelo [Airbnb](#), para que pudéssemos escrever uma avaliação. No fim das contas, pagamos um total de 430 euros por um apartamento grande, que tinha cozinha, banheiro, um quarto espaçoso e uma sala grande. A conexão com a internet era muito rápida, a localização era ótima, havia supermercado e todo tipo de comércio na porta do edifício e estávamos em uma cidade segura, com um custo de vida baixo.

Esse valor era semelhante ao que pagamos pela acomodação em Chiang Mai, onde o apartamento era pior, assim como a cidade. Tínhamos de gastar com *scooter*, o que era desnecessário em Bucareste, e gastávamos mais com cafés e restaurantes, o que também não era necessário em Bucareste. Ficamos na capital da Romênia, uma cidade europeia excelente e gastamos menos do que em Chiang Mai. Isso comprovou o que eu já imaginava sobre o mérito de ir para o Sudeste Asiático com o propósito de economizar. Faz mais sentido optar pelo Leste Europeu, especialmente para quem não curte calor.

Nos últimos dias em Bucareste, recebemos a visita de Dimo e Lazi, um casal de amigos búlgaros. Nós os hospedamos por alguns dias e fizemos alguns passeios com eles, que ficaram positivamente surpresos com a cidade.

Pati começou a sentir os sintomas de uma infecção urinária, algo que ela já tinha tido em outros momentos do passado. Voltamos para a clínica, onde ela conheceu uma médica ótima. Pati tomou um antibiótico, a infecção melhorou, porém não foi embora por completo. Ela continuou a sentir um incômodo na bexiga. Achamos que iria embora depois de alguns dias, porém não foi o que aconteceu.

O outono estava acabando e precisávamos decidir para onde ir quando o inverno começasse. Ainda não tínhamos passado um inverno rigoroso na Europa e temíamos que fosse frio demais. Tivemos a ideia de visitar locais do sul da Europa que não tivessem um inverno tão rigoroso. Consegui achar uma passagem barata de Bucareste para a Sicília e outra ainda mais em conta de Roma para Barcelona. Para completar, comprei outra passagem barata de Barcelona para Skopje, na Macedônia. O plano era passar o inverno entre Itália e Espanha. Em seguida retornaríamos para o Leste Europeu.

Deixamos Bucareste depois de 89 dias na cidade. Foi a primeira vez que chegamos tão próximos do limite de 90 dias. Quando passamos pela imigração, tivemos de ir para cabines separadas. O oficial que me atendeu era um senhor que olhou o passaporte e carimbou a saída sem maiores problemas. Pati foi atendida por um oficial mais novo, com cara de aluno aplicado. Ele olhou o passaporte com cara de assustado, virou-se para Pati e começou o seguinte diálogo:

- O que você estava fazendo aqui na Romênia?
- Turismo. - Pati respondeu.
- Oitenta e nove dias?
- Sim.
- Você tem muitos amigos aqui?
- Alguns.
- Entendi...

O oficial carimbou o passaporte desconfiado e a deixou passar. Ela não estava fazendo nada errado, portanto não havia com que se preocupar. Por via das dúvidas, a gente evita abusar. Na maioria das vezes, a gente não

chega tão perto do limite de 90 dias. Foi a primeira vez que nossa permanência mais longa chamou a atenção dos oficiais de imigração de um país.

Saldo da Romênia

Número de dias: 88

Custo de viagem: R\$ 10.283 \$2.919

Média/mês: R\$ 3.505 \$995

Média/dia: R\$ 117 \$33

Custo de acomodação: R\$ 7.057 \$1.854

Média/mês: R\$ 2.406 \$632

Média/dia: R\$ 80 \$21

Custo de deslocamento: R\$ 1.407 \$494

Média/dia: R\$ 16 \$6

Seguro de saúde: R\$ 1.819 (US\$ 571)

Média/dia coberto: R\$ 21 (US\$ 6)

Itália

Compramos uma passagem diretamente de Bucareste para [Catânia](#), a segunda maior cidade da [Sicília](#). A [Itália](#) é cara. Foi difícil achar uma acomodação com preço razoável em Catânia. Inspirado no sucesso que tive com a negociação de Bucareste, tentei pedir descontos agressivos nos apartamentos mais promissores. Como de costume, escrevi mensagens longas, cheias de argumentos e lamentos. Não funcionou. As pessoas explicavam que o custo lá era muito alto e elas não podiam dar descontos tão grandes. Houve um apartamento cuja dona nem se deu ao trabalho de responder. Talvez porque eu tenha pedido um desconto de mais de 50%.

O problema é que esse apartamento foi o último que sobrou, até porque a hospedagem se estenderia pelo período de Natal e Ano Novo, que é sempre mais complicado. Percebendo que não havia outro jeito, tentei um novo contato com a dona. Dessa vez, disse-lhe que tinha acabado de fechar

um projeto, tinha recebido um dinheiro inesperado e poderia pagar um valor maior. Ainda era mais baixo do que ela pedia, porém não tanto assim. Ela respondeu, explicou que tinha custos altos e ofereceu um desconto menor do que eu havia pedido. Considerando-se que era a Itália e haveria as festas de fim de ano, não ficou mal. Ela baixou de 850 euros para 690 euros por mês. Fizemos a reserva e fomos.

No meio do voo o comandante anunciou que não poderíamos pousar em Catânia porque o aeroporto havia sido fechado. A cidade fica próxima ao vulcão [Etna](#), que estava mais ativo por aqueles dias. Havia muita fumaça do vulcão, o que tornava perigoso a operação de voos na cidade. O voo foi desviado para [Bari](#), do outro lado da Itália. Chegando lá, a companhia aérea providenciaria alguns ônibus para nos levar até a Catânia.

Pousamos no pequeno aeroporto de Bari e fomos para a imigração, onde uma agente com cara de estagiária conferia os cartões de identidade dos passageiros. Como quase todos eram europeus, levou um tempo até ela encontrar os primeiros passaportes, os nossos. Ela olhou para os passaportes e perguntou se precisávamos de visto. Respondemos que não e ela nos mandou passar, como estava fazendo com os passageiros europeus. Pati não entendeu nada e fez um sinal com a mão perguntando sobre o carimbo. Foi aí que a menina se deu conta de que precisava pegar nosso passaporte, passar no *scanner*, registrar nossa entrada e carimbar. Uma boa amostra da segurança de fronteira no sul da Itália. Levamos horas viajando pelo país até chegar à Catânia. Até que não foi mal, foi um passeio legal.

O apartamento era bom e tinha uma cama confortável. A conexão com a internet pareceu-nos lenta, mas a verdade é que sentiríamos o mesmo em qualquer outro lugar. Depois de passar pela Romênia e a Bulgária, onde as conexões são muito rápidas, qualquer lugar teria nos decepcionado.

Fomos dormir cansados, acordamos tarde no dia seguinte e saímos para fazer as primeiras compras. Nada feito. Era domingo e estava tudo fechado. Coisas de Europa Ocidental. Na Bulgária e na Romênia, assim como na maior parte do Leste Europeu, supermercados, *shoppings* e muitas lojas abrem aos domingos. Estávamos desacostumados. A gente se virou como pôde e aguardou até a segunda-feira.

Acordamos tarde de novo. Só fui fazer as compras no início da tarde. Voltei de mãos vazias uma vez mais e pela mesma razão. O comércio estava todo fechado. Esqueci que na Itália existe a [sesta](#). Tudo fecha entre meio dia e 16h, é um saco. Depois o comércio abre e funciona até umas 20h.

Levamos alguns dias para nos adaptarmos ao ritmo da cidade. O lugar não era lá muito bonito. Confesso que não morremos de amores. Em todo caso, a temperatura era agradável. Às vezes, chegava a quase 20 graus durante o dia, apesar da proximidade do inverno. Por outro lado, fazia quase zero à noite e o apartamento não tinha aquecedor. Mais uma vez, havíamos esquecido desse problema. Assim como em Portugal, as casas no Sul da Itália não costumam ter aquecedor, nem têm um isolamento térmico adequado.

A cidade tinha um mercado de peixes excelente que ficava próximo de nosso apartamento. Passei a acordar cedo e a visitá-lo quase todos os dias. Aprendi a limpar peixe vendo vídeos no YouTube e passei a prepará-los com frequência. Ao lado do mercado de peixes também havia outro com frutas, verduras, queijos e tudo mais que precisássemos. Os produtos eram de ótima qualidade e os preços até que não eram altos. Comemos muito bem no período em que ficamos na Catânia. Sempre em casa, já que os preços dos restaurantes eram proibitivos.

Quando saímos de Bucareste, Pati havia terminado de tratar a infecção urinária, mas ainda restava uma certa ardência na bexiga. Ela piorou depois de chegamos à Catânia. Pati tomou o antibiótico de novo com a esperança de solucionar o problema de uma vez por todas. Ele não fez nenhuma diferença. A dor começou a incomodá-la cada vez mais. Ela sentia-se cada vez mais angustiada por estar longe do Brasil e dos médicos que já conhecia. Mais uma vez, estávamos em um lugar novo, onde não conhecíamos ninguém. Na Bulgária e na Romênia, quando ela começou a se familiarizar um pouco mais com os médicos, a gente foi embora.

Pati queria voltar ao Brasil e eu não. Além disso, não tínhamos uma passagem para ir e já tínhamos gasto demais naquele ano. Quando o desconforto na bexiga ficou excessivo, ela desistiu do antibiótico que estava tomando e pediu para eu levá-la a um médico. Conversei com a dona do apartamento e ela marcou uma consulta no mesmo dia com sua médica.

Chegamos ao local indicado e ficamos decepcionados com as instalações e a bagunça. A Itália pode ser acusada de qualquer coisa, menos de excesso de organização. O lugar era um caos, mas as pessoas eram simpáticas. A secretária já estava nos aguardando e fez o possível para que não esperássemos demais na fila.

Entramos na sala da médica e ela era tão ou mais bagunçada que a recepção. A doutora não falava uma única palavra em inglês. Se eu não

tivesse estudado italiano, teria sido difícil avançarmos na conversa. A médica não examinou Pati nem a tocou. Apenas escutou nosso relato, tirou suas conclusões, escreveu uma receita e nos despachou de lá. Atravessamos a rua, entramos na primeira farmácia que encontramos e compramos os remédios, os quais não fizeram nenhum efeito.

Pati entrou em desespero e exigiu que eu a levasse para o Brasil. Ela cansou de todos os problemas médicos que havia tido até ali, da falta de familiaridade com os médicos locais, da dificuldade de comunicação e da falta de autonomia. Uma vantagem de estar no Brasil é que ela podia ir aos médicos sozinha sem depender de mim. Já no exterior, ela não se sentia à vontade de sair sozinha. Sentia-se mal por me arrastar para os médicos sabendo que eu não gostava de visitá-los.

Cometi muitos erros em nossa jornada nômade. Dois deles foram particularmente graves e suas consequências estavam se manifestando naquele momento. Desde que começamos a viajar, sempre me dediquei ao planejamento da viagem. Fui eu que atraí Pati para este estilo de vida, portanto acreditava que deveria ser o responsável pelos detalhes da viagem, de modo que ela pudesse se dedicar a seu trabalho de fotografia. Ela era sempre muito ocupada e tinha muitas fotos para entregar. Eu não queria sobrecarregá-la com mais uma atribuição. Ao mesmo tempo, eu tinha mais experiência de viagem e uma noção de mundo melhor. Pati nunca gostou muito de geografia e era mais perdida em relação ao que fazer e para onde ir. Quando o assunto era foto e vídeo da viagem, por outro lado, ela assumia toda a responsabilidade. Eu nunca me envolvia, porque essa era a área em que ela se sentia confortável e mandava bem.

Essa divisão era eficiente e funcionava a maior parte do tempo, porém criou uma dependência ruim. Como eu fazia tudo relacionado à viagem, Pati não tinha ideia de nada. Ela não sabia como ir até a esquina sozinha. Como estávamos sempre juntos, isso não chegava a ser um problema, porém era um risco elevado. Se algo acontecesse comigo, ela teria de se virar sozinha e não seria fácil. Com o passar do tempo, ela começou a sentir-se aprisionada. É algo bizarro para uma pessoa que estava desfrutando da liberdade de conhecer o mundo, mas compreensível. De que adiantava essa liberdade se ela não se sentisse em condições de fazer as coisas sozinhas por onde estivesse passando?

No geral, isso não a incomodava. Entretanto, quando se tratava de ir a médicos, isso a perturbava. Especialmente devido a meu segundo erro

grave: não gostar de ir a médicos e deixar isso claro. Eu ficava irritado todas as vezes que ela pedia para ir ao médico. Tentava convencê-la de que não era necessário, enrolava, fechava a cara, mas acabava indo no final. Isso cansa.

Para ela, que já se sentia sem autonomia para fazer as coisas, ter de enfrentar uma batalha toda vez que quisesse ir ao médico não era divertido. O tempo foi passando, os episódios médicos foram surgindo e ela foi ficando cada vez mais cansada de minha atitude, o que é para lá de compreensível. Até um dia em que ela não aguentou mais, começou a chorar compulsivamente, a se queixar de meu comportamento e a suplicar para ir embora e voltar para o Brasil imediatamente.

Só então aprendi. Tivemos de chegar a esse ponto para eu entender que estava errando feio. No fundo, eu achava que alguns dos sintomas que ela tinha, especialmente os relacionados ao coração, eram apenas reflexos físicos de medos e preocupações que ela vinha cultivando em sua cabeça. Não havia nenhum problema com seu coração. Eu queria que ela percebesse isso, porém a minha atitude só colaborava para o efeito oposto. Ela ia ficando mais angustiada e os reflexos físicos só se agravavam.

Esses momentos que passamos em Catânia foram muito difíceis. Lembrar deles é doloroso, mas é importante comentar tudo isso para você ter consciência dos possíveis dramas que pode encontrar pelo caminho. Em particular, acho importante você compreender meus erros para não repeti-los. Quando finalmente compreendi o mal que estava causando a Pati, mudei de atitude. Conversei com ela e prometi que lhe daria todo o apoio para ir aos médicos sempre que quisesse. E assim foi daí por diante. Ainda veríamos muitos médicos antes de voltar ao Brasil.

Atendendo aos apelos de Pati, busquei uma passagem de volta para o Brasil. O melhor que consegui foi um voo de ida saindo de Zagreb em abril. Estávamos em dezembro. Ela ainda teria de aguentar por mais quatro meses. Perguntei-lhe se estava de acordo e ela disse que sim. Para ela, o mais importante era ter uma perspectiva concreta de quando poderia voltar e visitar os médicos que já conhecia.

Comprei a passagem e ela ficou feliz da vida. No dia seguinte, contudo, ela acordou desesperada novamente. Disse que não conseguia aguentar mais e que não queria mais ficar ali. Suplicou para eu comprar uma passagem para ir embora no ato, no mesmo dia. O custo disso é astronômico, mas ela disse que não queria saber. Se fosse o caso, ela

deixaria todo o patrimônio dela ali. O que importava era ir embora o mais rápido possível.

Eu já estava conformado. Foram tantas perdas ao longo do ano que eu já estava anestesiado. Comecei a buscar as passagens e, como pode-se imaginar, os valores eram altíssimos. Passagens de última hora custam uma fortuna, ainda mais às vésperas do Natal, como era o caso. Enquanto pesquisava, tive uma ideia.

Se o problema era familiaridade com médicos e hospitais, poderíamos voltar para Sófia. Já conhecíamos o Tokuda e ela teve uma boa experiência lá. Talvez conseguisse receber um tratamento igual ou melhor do que teria no Brasil. Além disso, nosso seguro de saúde internacional cobriria os gastos, ao passo que no Brasil não tínhamos mais plano de saúde.

Fiz essa proposta para ela e prometi que lhe levaria ao hospital quantas vezes fossem necessárias, sempre de bom humor. Ela aceitou a ideia. Achei uma passagem de Nápoles para Sófia cuja saída seria uma semana depois. O valor não foi barato, porém foi melhor que pagar uma passagem de última hora para o Rio.

Ir para Sófia significava deixar o apartamento em que estávamos antes do tempo e amargar o prejuízo dos dias adicionais que pagamos e não usaríamos. Também implicava em perder a passagem para Barcelona e a outra de Barcelona para Skopje. A boa notícia é que voltar para Sófia também se traduziria em gastos menores nos meses seguintes.

Resolvida essa questão, voltamos nossa atenção para a Noiva Inteligente. Ainda estávamos produzindo o e-book sobre vestidos de noiva, o qual contaria com publicidade paga pela primeira vez. Era algo promissor, porém algumas questões me incomodavam cada vez mais. O maior problema era nossa falta de interesse e paciência com o assunto casamento.

Sempre acreditei na importância de gostar do que se faz. Quando somos apaixonados por alguma coisa, é como se tivéssemos um repositório de energia que nunca termina. Sempre estamos motivados e empolgados para trabalhar no projeto. Por outro lado, quando não gostamos do que fazemos, tudo é difícil demais. A gente se arrasta para fazer as coisas mais triviais. Era assim que eu me sentia em relação à Noiva Inteligente. Por mais que eu já não tivesse de gravar as entrevistas, já não tinha mais paciência para ler e revisar textos ligados ao mundo do casamento. Tenho profundo respeito pela área, pelas pessoas que gostam dela, pelas noivas e noivos, porém devo admitir que não curto o assunto. Foi um erro ter embarcado no projeto

pensando apenas no potencial econômico e ignorando minha falta de interesse no tema.

Outro ponto que me incomodava era o trabalho com a Alessandra. Ela gostava do assunto e se esforçava para fazer um bom trabalho. Entretanto, naquele mês de dezembro, seu desempenho estava deixando a desejar, ao menos sob nosso ponto de vista. Ela trabalhava de casa e tinha total flexibilidade de horários. Compromissos começaram a aparecer e começou a ficar difícil encontrá-la em casa. Como estávamos fazendo um esforço comercial para vender a publicidade nos e-books, essas faltas começaram a atrapalhar.

Por sua vez, ela sentia que estava investindo horas demais no projeto e via a necessidade de sair para resolver outros aspectos de sua vida. O valor que a gente lhe pagava era reduzido e ela tinha outros compromissos. Como não combinamos um número de horas semanas e ela tinha flexibilidade, ela saía e ia resolver suas coisas quando precisava.

É claro que o erro foi meu. Trabalhar de forma remota pode funcionar muito bem, porém é preciso estabelecer parâmetros claros. No caso dela, era importante que nós tivéssemos combinado uma carga horária semanal, assim como horários de trabalho bem definidos. Eu só poderia ter a expectativa de encontrá-la em casa em certos horários se tivesse combinado isso com ela desde o início, o que eu não fiz. Esse episódio foi importante para eu aprender algumas lições sobre a contratação de profissionais para trabalhar de forma remota.

Como estávamos no fim do ano, aquele momento em que todos refletem um pouco sobre o ano que passou, eu e Pati tivemos uma conversa séria sobre a Noiva Inteligente. Já havíamos investido algumas dezenas de milhares de reais no projeto. Ele tinha potencial de dar retorno, especialmente através dos *e-books*. Nossa audiência estava aumentando e o interesse pelos *e-books* era notório. Por outro lado, sentíamos que não teríamos energia para tocar o projeto por muito mais tempo. A bem da verdade, era eu quem tentava mais. Pati não demonstrava interesse no projeto desde o início. Apenas ajudava fazendo o que eu lhe pedia.

Aquele momento era importante. Já havíamos recebido pagamentos de dois clientes, portanto tínhamos um compromisso com essas pessoas. Se conquistássemos mais clientes, o compromisso só aumentaria. Se quiséssemos desistir da Noiva Inteligente e partir para outra, aquele era o momento. A partir dali, as coisas só se complicariam.

Conversamos com Alessandra sobre essa questão e lhe alertamos sobre a possibilidade de encerrar o projeto. Faríamos uma pausa para as festas de fim de ano e voltaríamos a conversar no início de janeiro.

Nosso voo para SÓfia seria pouco depois do Natal. Algum tempo antes, havíamos conhecido um brasileiro no encontro do [Couchsurfing](#). Edi tinha uns 21 anos e havia trabalhado em navio de cruzeiro. Estava de férias e pegou um trabalho voluntário para fazer em um albergue da cidade. Ele nos disse que ele e os demais voluntários estavam organizando uma ceia de Natal e nos convidou para participar. Nós aceitamos e fomos levando bacalhau, outro peixe, farofa e mais algumas coisinhas. Foi uma noite bem legal, que ajudou a encerrar nossa estadia na cidade de uma forma positiva.

Catânia é uma cidade viável para nômades digitais, porém tem algumas limitações. A acomodação não é barata, embora seja possível melhorar os valores com um pouco de negociação. Acesso à internet é um tanto lento. Restaurantes são caros, como em toda a Itália. Comprar comida na feira, por outro lado, é relativamente barato. Portanto é um lugar viável para quem cozinha em casa. Existem cafés, porém raros são aqueles que oferecem WiFi liberado. Não é o melhor lugar para quem precisa de conexão rápida e estável.

Saldo da Itália

Número de dias: 23

Custo de viagem: R\$ 4.528 (US\$ 1.243)

Média/mês: R\$ 5.906 (US\$ 1.622)

Média/dia: R\$ 197 (US\$ 54)

Custo de acomodação: R\$ 3.084 (US\$ 808)

Média/mês: R\$ 4.023 (US\$ 1.054)

Média/dia: R\$ 134 (US\$ 35)

Custo de deslocamento: R\$ 969 (US\$ 286)

Média/dia: R\$ 42 (US\$ 12)

Seguro de saúde: R\$ 475 (US\$ 149)

Média/dia coberto: R\$ 21 (US\$ 6)

Bulgária

Dimo e Lazi, nossos amigos búlgaros, foram nos buscar no aeroporto de Sófia. Ficaram felizes por termos voltado para a cidade. Conversamos bastante e contamos tudo o que aconteceu na Catânia. Retornamos para um dos apartamentos onde havíamos nos hospedado no verão.

Pousamos em Sófia na noite do dia 27 de dezembro de 2015. Eu cumpro o prometido e fiquei à disposição de Pati para levá-la ao hospital quantas vezes quisesse. A maratona começou logo no dia seguinte, quando ela fez uma bateria de exames e marcou algumas consultas. Fomos ao hospital nos dias 28, 29, 30 e 31. Depois que o ano começou, fomos de novo para outras consultas. Foram doze visitas ao longo de um mês.

Pati se consultou com clínico geral, urologista, ginecologista e neurologista. As tonturas tinham voltado e se juntaram à ardência na bexiga. Uma ressonância revelou que ela tinha uma hérnia na cervical. A neurologista disse que Pati precisava operar, o que contribuiu para ela ficar ainda mais preocupada. Dimo e Lazi nos levaram a um especialista alguns dias depois e ele avaliou que não havia urgência para Pati operar. Ainda bem.

Vencer a tal ardência na bexiga foi uma batalha difícil. A ginecologista passou outro antibiótico e a situação melhorou, mas não se resolveu por completo. Só iria embora meses depois, quando Pati já estava no Rio.

O frio não se revelou um problema tão sério quanto imaginávamos. Passamos menos frio em Sófia, onde nevava, do que na Catânia, onde dava até para ficar sem casaco durante o dia. Diferente de lá, o apartamento tinha isolamento térmico e aquecedor. Podíamos ficar de short e camiseta dentro de casa enquanto a neve caía lá fora. Dimo e Lazi nos emprestaram algumas roupas de frio, o que nos ajudou a enfrentar as temperaturas negativas quando íamos para a rua.

Thaisy e Roger, cujas histórias estão aqui no livro, estavam passando uma temporada em Plovdiv. Eles foram nos visitar, ficaram hospedados com a gente e nos fizeram companhia no *réveillon*. Foi uma alegria conhecê-los pessoalmente e trocar histórias de nossas vidas nômades. Thaisy trabalhava com a gente há meses na Noiva Inteligente, mas foi a primeira vez que nos encontramos pessoalmente.

Passadas as festas, decidimos assumir o prejuízo e encerrar a Noiva Inteligente. Conversamos com Alessandra, demos a má notícia e vimos que ela ficou bastante triste. Entramos em contato com as duas clientes que já haviam pago por anúncios, explicamos a situação, pedimos desculpas e devolvemos os valores que haviam pago. Foi uma situação dolorosa e desconfortável, porém teria sido pior se o fizéssemos depois, quando já tivéssemos compromissos com um número maior de clientes.

Sem a Noiva Inteligente, precisávamos pensar em outro projeto. Percebi que estava na hora de nos dedicarmos de corpo e alma a criar produtos para nômades digitais. Já tínhamos muita experiência acumulada e era um assunto que adorávamos. Para minha surpresa, havia um interesse cada vez maior em torno do tema e outros brasileiros também estavam vivendo como nômades. Decidi escrever esse livro.

Eu queria que Pati tivesse mais autonomia e começasse a se sentir mais à vontade sem a minha companhia fora do Brasil. Ela já vinha estudando búlgaro por conta própria e precisava esquecer um pouco dessas questões médicas. Pensamos que seria uma boa ideia ela entrar em um curso intensivo de búlgaro.

Encontramos um curso legal por recomendação do pessoal do [grupo Foreigners in Sofia & Friends](#). O curso era de cinco semanas e ocupava todas as manhãs. Pareceu-me excelente. Minha ideia inicial é que Pati aprendesse a ir para o curso sozinha e eu ficasse em casa escrevendo o livro. Contudo ela insistiu para eu ir junto e acabei cedendo. Enquanto ela ficava no curso eu ficava em um café e escrevia o livro. Em seguida almoçávamos pela rua ou voltávamos para almoçar em casa.

Fazer o curso foi ótimo para ela. Além de aprender algo novo e ficar mais à vontade para comunicar-se na rua, Pati fez novos amigos e passou a ter uma companhia diferente durante parte do dia. Nós nos matriculamos em uma ótima academia e começamos a malhar com frequência. Aos poucos os problemas médicos foram ficando para trás e a vida foi voltando ao normal. A gente ainda fez algumas visitas ao hospital durante o mês de fevereiro, mas não foi nada demais.

Passar o inverno em Sófia foi mais fácil do que imaginamos. Os locais disseram que demos sorte, porque não foi rigoroso. Nevou bastante no fim de dezembro e início de janeiro, depois nem tanto. A temperatura variava entre -5C e 5C a maior parte do tempo, o que não é desconfortável se você estiver usando roupas apropriadas.

A neve é o que atrapalha um pouco. Tratores e caminhões limpavam as principais avenidas e o trânsito podia fluir com normalidade. Funcionários da prefeitura abriam caminhos para as pessoas andarem nas calçadas. Elas estavam sempre cobertas de neve, porém havia uma trilha por onde as pessoas caminhavam. A neve atrapalha o fluxo de pessoas porque elas precisam se espremer nessas trilhas, mas dá para levar.

As árvores perdem as folhas e o verde desaparece. Isso dá um tom mais cinzento à cidade, o que a torna um pouco depressiva. A boa notícia, no caso de Sófia, é que os dias não costumam ficar nublados. Faz muito Sol, mesmo no inverno. O contraste com a neve é bonito, especialmente lá, onde existe a montanha ao lado. Vitosha, como chama-se a montanha, fica linda e imponente coberta de neve. Ela pode ser vista de qualquer lugar e é um colírio para os olhos. Existe uma estação de esqui e é fácil chegar lá. Basta pegar um ônibus até a base da montanha, onde um *lift* nos leva até a estação em poucos minutos. Lá em cima o ar é mais puro, o visual é sensacional e podemos visitar alguns restaurantes excelentes. Eles oferecem comida boa, quentinha e com ótimos preços. Subimos a montanha várias vezes enquanto estivemos lá.

Nossa estadia na cidade coincidiu com a de Carol e Denny, cujas histórias também se encontram aqui no livro. Tivemos a chance de conhecê-los pessoalmente e fazer vários passeios juntos. Além disso, alugamos um carro e viajamos pelo interior da Bulgária. Inclusive paramos para esqui em [Pamporovo](#) e [Bansko](#), duas estações de esqui ótimas e com preços excelentes.

Depois de quase um ano, os problemas que começaram na Tailândia foram ficando para trás. Pati ainda tinha uma pequena sensibilidade na bexiga, porém não sentia mais o coração acelerado e decidiu deixar a questão da hérnia para resolver quando chegasse ao Brasil. Ela ia ficando cada vez mais tranquila à medida que se aproximava o retorno ao país.

No meio de nossa estadia, a situação política no Brasil estava mais estranha do que nunca. Apesar da pressão pelo *impeachment* da presidente, parecia que ele nunca aconteceria. O mercado estava cada vez mais nervoso e o dólar já tinha passado dos R\$ 4. A parte de nossa reserva que transferi para o fundo cambial alguns meses antes foi preservada com a alta do dólar. A outra parte se desvalorizava rapidamente. Havia a perspectiva de que o dólar alcançasse R\$ 5 em pouco tempo. Tendo visto de perto a desgraça que aconteceu com o câmbio argentino e venezuelano, eu temia que o mesmo

ocorresse no Brasil. O governo seguia o mesmo caminho adotado naqueles países. Se ele não mudasse, os resultados seriam desastrosos.

No fim de fevereiro, o dólar baixou um pouco e desceu abaixo de R\$ 4. Ele vinha se mantendo acima desse patamar desde o início do ano. Com medo de que o pior acontecesse, peguei o restante de nossa reserva e transferi para o fundo cambial. Se o dólar chegasse a R\$ 5 ou fosse além, isso aliviaria as perdas. Dois dias depois, a Câmara dos Deputados deu o tão esperado aval para o processo de *impeachment* avançar. Não poderia haver notícia melhor para o Brasil e pior para mim.

O dólar caiu rapidamente nos dias seguintes. Como todo mundo que faz uma aposta financeira errada, tive a esperança de que ele voltasse a subir alguns dias depois. Claro que isso não aconteceu. Ele foi caindo ainda mais. Aprendizados anteriores me diziam que eu precisava assumir o prejuízo e tirar o dinheiro do fundo cambial o mais rápido possível. Foi o que fiz depois de alguns dias, porém o estrago estava feito.

Tivemos um imenso prejuízo financeiro. Ao longo de doze meses, se juntar os investimentos que fizemos na Noiva Inteligente, as mudanças de planos, as passagens perdidas e a aposta equivocada no fundo cambial, nossas perdas chegaram a aproximadamente 20% de nossa reserva financeira. Foi um golpe duro, depois de um ano difícil e carregado de momentos dolorosos. Fiquei desolado por alguns dias. O dinheiro que perdemos daria para comprar um carro de luxo novo ou bancar nossa vida nômade por uns dois anos.

A boa notícia é que o Brasil escapou de virar a próxima Venezuela, por enquanto. Eu não tinha a esperança de que o eventual substituto da presidente fizesse um bom governo. Só torcia para não manter a mesma linha de pensamento que levaria o Brasil à ruína mais cedo do que as pessoas imaginavam. A essa altura eu já tinha passado tempo demais no Leste Europeu para compreender a desgraça que foi socialismo. E já tinha visitado a Argentina e a Venezuela, onde vi de perto os estragos impostos pelos governos populistas destas nações.

Em relação a nossa perda, cá entre nós, sempre fui contido demais com os gastos. Talvez não seja um exagero dizer que sou pão-duro, ao menos com algumas coisas. Isso não é exatamente bom. Dizem que a gente só aprende na dor e no amor. Pois bem, dor eu tive e a lição eu aprendi. O remédio não poderia ter sido mais amargo, porém certamente necessário. O efeito foi positivo.

Depois de todas as perdas que tivemos, minha atitude mudou. O exercício de aceitá-las me trouxe mais tranquilidade. Desde então, passei a encarar perdas financeiras de forma diferente. Já não ligo mais para elas como antes. Elas já não me abalam mais, ao menos não tanto quanto antes. Isso é bom.

Viver como nômade nos expôs a muitas perdas. Essas, de 2015 e 2016, não foram as primeiras e nem as últimas. Todos nós temos perdas na vida. Por maior que seja uma perda, o que nos faz mal é o sofrimento que ela nos trás. A nossa reação negativa é o que machuca, porém não precisa ser assim. A gente pode escolher qualquer reação. Normalmente a gente escolhe sofrer e se lamentar. É compreensível, é natural, mas nos consome por dentro. É muito útil aprender a perder e deixar para lá o mais rápido possível. É uma daquelas coisas fáceis de falar, porém difíceis de fazer, eu sei. Talvez por isso eu tenha tido de passar por essa perda financeira. Depois dela, todas as outras se tornaram menores. Ganhei uma nova perspectiva e passei a me importar menos com dinheiro. Agora posso sempre pensar que se sobrevivi àquele prejuízo, posso sobreviver a outros.

Nossa estadia em Sófia chegou ao fim e ainda havia pouco mais de um mês para voltarmos ao Brasil. Escolhemos ir para Budapeste. Ficamos pouco tempo quando a visitamos em 2014. Queríamos voltar e conhecer a cidade de forma mais apropriada. Dimo e Lazi se animaram para ir com a gente e passar alguns dias na cidade. Isso era ótimo porque poderíamos ir de carro com eles. Escolhemos o caminho que passava pela Sérvia, o que nos daria a oportunidade de apresentar Belgrado para eles, uma das cidades que mais gostamos de visitar em 2014.

Saldo da Bulgária

Número de dias: 85

Custo de viagem: R\$ 11.298 (US\$ 3.081)

Média/mês: R\$ 3.987 (US\$ 1.088)

Média/dia: R\$ 133 (US\$ 36)

Custo de acomodação: R\$ 7.397 (US\$ 1.856)

Média/mês: R\$ 2.611 (US\$ 655)

Média/dia: R\$ 87 (US\$ 22)

Custo de deslocamento: R\$ 2.144 (US\$ 674)
Média/dia: R\$ 25 (US\$ 8)

Seguro de saúde: R\$ 1.757 (US\$ 552)
Média/dia coberto: R\$ 21 (US\$ 6)

Sérvia

Saímos de Sófia em um dia lindo, o último do inverno. Já não havia tanta neve e o Sol parecia brilhar com mais intensidade. Chegamos à fronteira em pouco tempo. A agente de imigração se espantou quando descobriu que ficamos 85 dias no país. Disse que aquilo era irregular e começou a criar caso. Chamou um superior e ele lhe explicou que não havia nada errado, pois podíamos ficar até 90 dias. Fomos liberados. Chegamos no lado Sérvio e o agente de imigração foi uma simpatia. Fez amizade com nossos amigos búlgaros, curtiu a página deles no Facebook e passou a acompanhá-los nos dias que se seguiram.

Fomos recebidos em Belgrado pelo proprietário de nosso apartamento, super gente boa. O apartamento era ótimo e bem localizado. O plano era passar apenas uma noite e seguir para Budapeste no dia seguinte. Após o *check in*, levamos nossos amigos para conhecer a fortaleza, chamada de [Kalemegdan](#). Eles ficaram encantados. Não imaginavam que o lugar pudesse ser tão bonito. Em seguida, fomos jantar no restaurante mais tradicional da cidade. [Thiago](#), nosso amigo brasileiro que é conhecido por todo mundo na Sérvia, juntou-se a nós. Foi uma noite ótima.

Na volta para o apartamento, precisávamos achar um lugar para estacionar o carro. Nossos amigos quiseram economizar. Como estávamos bem no centro, os estacionamentos fechados eram caros. Havia um perto do prédio, onde deixamos o carro quando chegamos à cidade e fomos fazer o *check in* no apartamento. Custaria 15 euros para deixar o carro durante a noite, o que pareceu demais para nossos amigos. Eles preferiram deixar o carro na rua, em uma vaga que parecia regular. Havia uma placa de "permitido estacionar" ao lado da vaga. Não era necessário pagar nada até às sete da manhã seguinte. Perfeito.

Fomos buscar o carro no dia seguinte e ele não estava lá. Que merda. Não sabíamos se ele havia sido roubado ou rebocado. Torcíamos para que

fosse o segundo caso. Sem saber a quem recorrer, ligamos para o dono do apartamento. Ele apareceu em poucos minutos e assumiu a questão depois de explicarmos o que aconteceu. Pegou o número da placa, a descrição do carro, e começou a fazer algumas ligações. Logo descobriu que o mesmo havia sido rebocado. Pegou o endereço do depósito e fomos para lá.

Fomos informados que o carro estava estacionado sobre uma vaga reservada. O fato de haver uma placa indicando que era permitido estacionar era irrelevante. Vai entender... Tirar o carro de lá custou 260 euros, bem mais que o valor do estacionamento fechado. Eu me ofereci para pagar a metade da multa, afinal estávamos juntos naquela viagem e não era razoável que meus amigos assumissem todo o prejuízo. Inclusive, já que estávamos de carona, a gente devia ter se oferecido para pagar o estacionamento fechado.

O engraçado é que a gente tem a mania de achar que a iniciativa privada cobra caro demais e nos rouba em alguns momentos. O que a gente esquece é que o Estado sempre pode nos extorquir exigindo valores muito maiores, como foi o caso.

A visita à cidade, que começou tão bem, nos deixou um gosto amargo. Depois de pegar o carro, fizemos o *check out* do apartamento, agradecemos a ajuda do proprietário e seguimos para Budapeste, onde chegamos sem passar por mais nenhum problema.

Saldo da Sérvia

Número de dias: 1

Custo de viagem: R\$ 221 (US\$ 63)

Média/mês: R\$ 6.620 (US\$ 1.893)

Média/dia: R\$ 221 (US\$ 63)

Custo de acomodação: R\$ 184 (US\$ 51)

Média/mês: R\$ 5.520 (US\$ 1.530)

Média/dia: R\$ 184 (US\$ 51)

Custo de deslocamento: R\$ 16 (US\$ 6)

Média/dia: R\$ 16 (US\$ 6)

Seguro de saúde: R\$ 21 (US\$ 6)
Média/dia coberto: R\$ 21 (US\$ 6)

Hungria

Ficamos hospedados em uma parte de [Budapeste](#) que não conhecemos na visita anterior. Mais uma vez, a cidade nos pareceu magnífica. Ficamos todos no mesmo [apartamento](#) e fizemos diversos passeios juntos. Dima e Lazi adoraram a cidade. Quando partiram, nos mudamos para um [apartamento ótimo](#), em uma localização ainda melhor. Pedimos 50% de desconto para ficar por um mês e os donos aceitaram.

Continuei a trabalhar no livro e Pati nos álbuns de casamento que ainda precisava entregar. Apesar de o apartamento ser ótimo, a cadeira não era confortável. A gente trabalhava em casa alguns dias e ia para um café em outros. Assim como em Sófia, acabávamos indo sempre para o Costa Coffee, onde encontrávamos as cadeiras mais confortáveis.

Tivemos a ideia de fazer encontros semanais com nômades digitais, os quais chamamos de [Papo Nômade](#). Começamos na última semana em que passamos na Bulgária e demos continuidade enquanto estávamos em Budapeste. Foi uma experiência legal, a partir da qual tive a ideia de convidar outros nômades digitais para contar suas histórias aqui no livro.

Pouco tempo depois, comecei um processo de pré-venda do livro. Quando a gente cria um produto, há o risco de investir tempo e dinheiro em algo que ninguém quer. Essa é uma das justificativas para as ideias do livro [Lean Startup](#) e de práticas como a criação de um [MVP](#) (produto mínimo viável). É o que faz muita gente tentar vender algo antes mesmo de construir o produto. No geral, essa é uma boa prática e é o que me inspirou a começar o processo de pré-venda.

Utilizei os bate-papos semanais para promover o livro. Como ele ainda não estava pronto, ofereci um valor reduzido para quem já quisesse comprá-lo. Criei uma loja virtual em nosso site, fiz a integração com o [Paypal](#) de nossa empresa de Hong Kong e comecei a fazer as vendas. Tudo funcionou. Vendi diversos exemplares e consegui receber o dinheiro na conta da empresa, em Hong Kong.

Eu temia que o uso do [Paypal](#) nos atrapalhasse. Grande parte dos brasileiros prefere pagar as compras online com boleto bancário em vez de cartão de crédito, por medo de que as informações do cartão sejam roubadas

ou mal utilizadas. Além disso, o [Paypal](#) é conhecido por ter uma política antifraude agressiva, que bloqueia muitas transações de forma incorreta. Felizmente não tivemos grandes problemas.

Fazer a pré-venda foi um bom exercício. Forçou-me a preparar o site, aprender a montar uma loja virtual, fazer a integração com o método de pagamento e resolver outras questões. Contudo houve algumas consequências negativas, cujos efeitos senti por muito tempo e sobre os quais comentarei adiante.

Para nossa surpresa, a estadia de apenas um mês foi repleta de amigos. Conhecemos pessoas novas no encontro do Couchsurfing, algumas das quais faziam coisas incríveis. Uma menina de Taiwan adorava *skydiving* e estava na [Hungria](#) para trabalhar em uma escola de *skydiving* fazendo a gravação dos vídeos dos saltos.

Uma outra, da Coreia do Sul, estava viajando pelo mundo sozinha, de bicicleta, desde 2011. Ela já tinha atravessado todo o Continente Americano, a África e parte do Oriente Médio. Fez uma pausa em Dubai e foi para Budapeste para descansar. Ela conta sua história no site [Cycling Around the World](#). Encontramos alguns amigos brasileiros que estavam visitando a cidade e conhecemos pessoalmente a Debbie e o Felipe, cuja história está aqui no livro também.

A estadia em Budapeste foi espetacular. Pudemos confirmar que a cidade é um ótimo destino para nômades digitais. Pati curtiu toda a estadia e não teve mais problemas de saúde. Lamentamos quando fomos embora e só o fizemos porque já tínhamos o voo para o Brasil. Partimos para Zagreb para pegá-lo.

Saldo da Hungria

Número de dias: 30

Custo de viagem: R\$ 3.333 (US\$ 954)

Média/mês: R\$ 3.333 (US\$ 954)

Média/dia: R\$ 111 (US\$ 32)

Custo de acomodação: R\$ 2.585 (US\$ 701)

Média/mês: R\$ 2.585 (US\$ 701)

Média/dia: R\$ 86 (US\$ 23)

Custo de deslocamento: R\$ 480 (US\$ 168)
Média/dia: R\$ 16 (US\$ 6)

Seguro de saúde: R\$ 269 (US\$ 84)
Média/dia coberto: R\$ 21 (US\$ 6)

Croácia

Alugamos um apartamento próximo à estação de trem de Zagreb. A dona se disponibilizou a nos buscar de carro e estava nos aguardando quando chegamos à estação. Deixamos as coisas no apartamento, saímos para dar uma volta, matamos as saudades da cidade e voltamos para dormir. No dia seguinte, caminhamos até a rodoviária, que ficava próxima, e tomamos um ônibus para o aeroporto.

Voamos para o Rio de Janeiro sem maiores problemas. Depois de quase um ano e meio fora do Brasil, Pati conseguiu o que tanto queria.

Saldo da Croácia

Número de dias: 1

Custo de viagem: R\$ 162 (US\$ 48)
Média/mês: R\$ 4.850 (US\$ 1.443)
Média/dia: R\$ 162 (US\$ 48)

Custo de acomodação: R\$ 125 (US\$ 36)
Média/mês: R\$ 3.750 (US\$ 1.080)
Média/dia: R\$ 125 (US\$ 36)

Custo de deslocamento: R\$ 16 (US\$ 6)
Média/dia: R\$ 16 (US\$ 6)

Seguro de saúde: R\$ 21 (US\$ 6)
Média/dia coberto: R\$ 21 (US\$ 6)

Saldo da Fase 5

Número de dias: 498 (16,6 meses)

Custo de viagem: R\$ 77.601 (US\$ 24.425)

Média/mês: R\$ 4.675 (US\$ 1.471)

Média/dia: R\$ 156 (US\$ 49)

Custo de acomodação: R\$ 46.740 (US\$ 14.101)

Média/mês: R\$ 2.816 (US\$ 849)

Média/dia: R\$ 94 (US\$ 28)

Custo de deslocamento: R\$ 20.563 (US\$ 7.033)

Média/mês: R\$ 1.239 (US\$ 424)

Média/dia: R\$ 41 (US\$ 14)

Custo de voos: R\$ 19.094 (US\$ 6.592)

Média/dia: R\$ 38 (US\$ 13)

Milhas: 0

Custo de locação de carro: R\$ 1.225 (US\$ 380)

Média/dia: R\$ 2 (US\$ 1)

Seguro de saúde: R\$ 9.384 (US\$ 2.947)

Dias cobertos: 451

Média/mês coberto: R\$ 624 (US\$ 196)

Média/dia coberto: R\$ 21 (US\$ 7)

Ficha técnica da fase 5

Voo Rio - Lisboa - Nova York

Companhia aérea: [Iberia](#)

Método de reserva: [site da Iberia](#)

Período: 285 dias (11/dez/2014 a 22/set/2015)

Antecedência da compra: 45 dias

Por pessoa: R\$ 2.693 (US\$ 1.062)

Total: R\$ 5.385 (US\$ 2.124)

Seguro de saúde internacional

Seguradora: [Bupa](#)

Método de reserva: [World Nomads](#)

Período: 181 dias (11/dez/2014 a 10/jun/2015)

Cobertura: mundial, exceto Brasil e EUA

Por pessoa: US\$ 576 (R\$ 1.512)

Total: US\$ 1.151 (R\$ 3.023)

Apartamento em Lisboa

[Apartamento de Susana](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 6 noites (12 a 18/dez/2014)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: US\$ 41 (R\$ 106)

Taxa do [Airbnb](#): US\$ 30 (R\$ 78)

Diária real: US\$ 46 (R\$ 119)

Total: US\$ 278 (R\$ 721)

Apartamento em Lisboa (extensão)

[Apartamento de Susana](#)

Método de reserva: diretamente com a proprietária

Período: 5 noites (18 a 23/dez/2014)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: 30 euros (US\$ 37 / R\$ 98)

Total: 150 euros (US\$ 183 / R\$ 489)

Apartamento em Porto (Combatentes)

[Apartamento de João](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 11 noites (23/dez/2014 a 3/1/2015)

Antecedência da reserva: 7 dias

Diária: US\$ 39 (R\$ 104)

Taxa do [Airbnb](#): US\$ 52 (R\$ 139)

Diária real: US\$ 44 (R\$ 118)

Total: US\$ 483 (R\$ 1.293)

Apartamento em Porto (Centro)

[Apartamento de Raul](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 15 noites (3 a 18/jan/2015)

Antecedência da reserva: 3 dias

Diária: US\$ 39 (R\$ 104)

Taxa do Airbnb: US\$ 70 (R\$ 187)

Diária real: US\$ 39 (R\$ 104)

Total: US\$ 583 (R\$ 1.561)

Apartamento em Porto (extensão)

[Apartamento de Raul](#)

Método de reserva: diretamente com o proprietário

Estadia: 18 noites (18/jan a 5/fev/2015)

Antecedência da reserva: 9 dias

Diária: 30 euros (US\$ 35 / R\$ 91)

Total: 540 euros (US\$ 623 / R\$ 1.632)

Voo Porto - Bruxelas (Charleroi)

Companhia aérea: [Ryanair](#)

Método de reserva: [site da Ryanair](#)

Data: 5/fev/2015

Antecedência da compra: 8 dias

Por pessoa: 20 euros (US\$ 23 / R\$ 58)

Por mala: 15 euros (US\$ 17 / R\$ 44)

Total (2 pessoas + 2 malas): 71 euros (US\$ 81 / R\$ 208)

Voo Bruxelas (Charleroi) - Rabat - Bruxelas (Charleroi)

Companhia aérea: [Ryanair](#)

Método de reserva: [site da Ryanair](#)

Período: 12 dias (5 a 17/fev/2015)

Antecedência da reserva: 8 dias

Por pessoa: 103 euros (US\$ 116 / R\$ 300)

Por mala: 30 euros (US\$ 34 / R\$ 87)

Total (2 pessoas + 2 malas): 265 euros (US\$ 300 / R\$ 773)

Hotel em Rabat

[B&B Hotel Rabat Médina](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (5/fev/2015)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: 65 euros (US\$ 74 / R\$ 201)

Hotel em Meknès

[Ryad Bab Berdaine](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 2 noites (6 a 8/fev/2015)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 33 euros (US\$ 37 / R\$ 103)

Total: 66 euros (US\$ 75 / R\$ 207)

Hotel em Fes

[Dar Houdou](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 2 noites (8 a 10/fev/2015)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: 45 euros (US\$ 51 / R\$ 141)

Total: 90 euros (US\$ 102 / R\$ 282)

Hotel em Chefchaouen

[Dar Dalia](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (10/fev/2015)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 25 euros (US\$ 28 / R\$ 79)

Hotel em Marrakech

[Riad El Youssefi](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 2 noites (12 a 14/fev/2015)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 47 euros (US\$ 53 / R\$ 152)

Total: 94 euros (US\$ 106 / R\$ 303)

Hotel em Marrakech

[Riad Casa Sophia](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 2 noites (14 a 16/fev/2015)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 40 euros (US\$ 46 / R\$ 130)

Total: 80 euros (US\$ 91 / R\$ 259)

Hotel em Rabat

[B&B Hotel Rabat Médina](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (16/fev/2015)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: 65 euros (US\$ 74 / R\$ 211)

Hotel em Charleroi

[Ibis Charleroi Gare](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (17/fev/2015)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 69 euros (US\$ 79 / R\$ 223)

Voo Bruxelas - Kuala Lumpur - Bruxelas

Companhia aérea: [Turkish Airlines](#)

Método de reserva: [LastMinute.com](#)

Período: 208 dias (18/fev a 14/set/2015)

Antecedência da compra: 21 dias

Por pessoa: 440 euros (US\$ 497 / R\$ 1.282)

Total: 879 euros (US\$ 994 / R\$ 2.563)

Hotel em Kuala Lumpur

[Hotel Summer View](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (19/fev/2015)

Antecedência da reserva: 21 dias

Diária: 121 MYR (US\$ 33 / R\$ 86)

Voo Kuala Lumpur - Singapura

Companhia aérea: [Jetstar](#)

Método de reserva: [site da Jetstar](#)

Data: 20/fev/2015

Antecedência da compra: 22 dias

Por pessoa: 109 MYR (US\$ 30 / R\$ 78)

Por mala: 80 MYR (US\$ 22 / R\$ 57)

Total (2 pessoas + 2 malas): 298 MYR (US\$ 82 / R\$ 213)

Hotel em Singapura

[Conrad Centennial Hotel](#)

Método de reserva: organização do evento do [TMBA](#)

Estadia: 3 noites (20 a 23/fev/2015)

Antecedência da reserva: 53 dias

Diária: US\$ 255 (R\$ 827)

Total: US\$ 765 (R\$ 2.481)

Quarto privado em Singapura

[Quarto privado de Kelly](#)

Método de reserva: contato direto com a proprietária

Estadia: 5 noites (23 a 28/fev/2015)

Antecedência da reserva: poucas horas

Diária: 75 SGD (US\$ 55 / R\$ 159)

Total: 375 SGD (US\$ 275 / R\$ 795)

Quarto privado em Singapura

[Quarto privado de Tommy \(fotos\)](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 2 noites (28/fev a 2/mar/2015)
Antecedência da reserva: poucas horas
Diária: US\$ 59 (R\$ 169)
Taxa do [Airbnb](#): US\$ 14 (R\$ 40)
Cupom de desconto: -US\$ 50 (R\$ 144)
Diária real: US\$ 41 (R\$ 118)
Total: US\$ 82 (R\$ 236)

Voo Singapura - Hong Kong

Companhia aérea: [Jetstar](#)
Método de reserva: [site da Jetstar](#)
Data: 2/mar/2015
Antecedência da compra: 6 dias
Por pessoa: 287 SGD (US\$ 211 / R\$ 605)
Por mala: 23 SGD (US\$ 17 / R\$ 48)
Total (2 pessoas + 2 malas): 620 SGD (US\$ 456 / R\$ 1.307)

Apartamento em Hong Kong

[Apartamento de Wendy](#)
Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 6 noites (2 a 8/mar/2015)
Antecedência de reserva: 2 dias
Diária: US\$ 65 (R\$ 187)
Taxa do [Airbnb](#): US\$ 50 (R\$ 144)
Taxa de limpeza: US\$ 26 (R\$ 75)
Diária real: US\$ 77 (R\$ 222)
Total: US\$ 463 (R\$ 1.332)

Voo Hong Kong - Chiang Mai

Companhia aérea: [AirAsia](#)
Método de reserva: site da [AirAsia](#)
Data: 8/mar/2015
Antecedência da compra: 6 dias
Por pessoa: 1.164 HKD (US\$ 150 / R\$ 432)
Total: 2.328 HKD (US\$ 300 / R\$ 864)

Apartamento em Chiang Mai

[Apartamento de Piti](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 7 noites (8 a 15/mar/2015)

Antecedência de reserva: 2 dias

Diária: US\$ 29 (R\$ 88)

Taxa do [Airbnb](#): US\$ 24 (R\$ 73)

Diária real: US\$ 32 (R\$ 97)

Total: US\$ 225 (R\$ 683)

Apartamento em Chiang Mai (extensão)

[Apartamento de Piti](#)

Método de reserva: diretamente com a proprietária

Estadia: 81 dias (15/mar a 4/jun/2015)

Antecedência da reserva: 7 dias

Diária: 540 baht (US\$ 16 / R\$ 49)

Parcela de 15/abr/2015: 16.150 baht (US\$ 498 / R\$ 1.527)

Parcela de 15/mai/2015: 16.150 baht (US\$ 482 / R\$ 1.442)

Parcela de 4/jun/2015: 10.800 baht (US\$ 321 / R\$ 1.001)

Total: 35.540 baht (US\$ 1.301 / R\$ 3.970)

Locação de scooter em Chiang Mai

Locadora: [Bikky Chiang Mai](#)

Método de reserva: diretamente no balcão da locadora

Período: 60 dias (4/abr a 4/jun/2015)

Diária: 100 baht (US\$ 3 / R\$ 10)

Total: 6.000 baht (US\$ 184 / R\$ 596)

Voo Chiang Mai - Bangkok

Companhia aérea: [Thai Lion Air](#)

Método de reserva: site da [Thai Lion Air](#)

Data: 4/jun/2015

Antecedência da reserva: 15 dias

Por pessoa: 795 baht (US\$ 24 / R\$ 72)

Total: 1.590 baht (US\$ 47 / R\$ 143)

Seguro de saúde internacional (extensão)

Seguradora: [Bupa](#)

Método de reserva: [World Nomads](#)
Período: 90 dias (11/jun/2015 a 9/set/2015)
Cobertura: mundial, exceto Brasil e EUA
Por pessoa: US\$ 304 (R\$ 942)
Total: US\$ 608 (R\$ 1.884)

Voo Bangkok - Yangon - Bangkok

Companhia aérea: [AirAsia](#)
Método de reserva: site da [AirAsia](#)
Período: 11 dias (4 a 15/jun/2015)
Antecedência da compra: 15 dias
Por pessoa: 3.780 baht (US\$ 112 / R\$ 341)
Total: 7.560 baht (US\$ 223 / R\$ 682)

Hostel em Yangon

[The Willow Inn](#)
Método de reserva: [Booking.com](#)
Estadia: 2 noites (4 a 6/jun/2015)
Antecedência da reserva: 13 dias
Diária: US\$ 49 (R\$ 155)
Total: US\$ 98 (R\$ 310)

Voo Yangon - Kuala Lumpur

Companhia aérea: [AirAsia](#)
Método de reserva: loja da AirAsia em Yangon
Data: 6/jun/2015
Antecedência da compra: 1 dia
Por pessoa: R\$ 505 (US\$ 160)
Total: R\$ 1.010 (US\$ 319)

Hotel em Kuala Lumpur

[The Reeds Boutique Hotel](#)
Método de reserva: [Booking.com](#)
Estadia: 6 noites (6 a 12/jun/2015)
Antecedência da reserva: algumas horas
Diária: 113 MYR (US\$ 30 / R\$ 94)
Total: 678 MYR (US\$ 180 / R\$ 561)

Voo Kuala Lumpur - Frankfurt

Companhia aérea: [Vietnan Airlines](#)

Método de reserva: loja da companhia aérea em Kuala Lumpur

Data: 12/jun/2015

Antecedência da compra: 4 dias

Por pessoa: 1.056 MYR (US\$ 280 / R\$ 874)

Total: 2.112 MYR (US\$ 560 / R\$ 1.748)

Voo Frankfurt - Sófia

Companhia aérea: [Wizz Air](#)

Método de reserva: site da [Wizz Air](#)

Data: 13/jun/2015

Antecedência da compra: 5 dias

Por pessoa: 60 euros (US\$ 67 / R\$ 210)

Por mala: 30 euros (US\$ 34 / R\$ 105)

Total (2 pessoas + 2 malas): 180 euros (US\$ 202 / R\$ 630)

Apartamento em Sófia

[Apartamento de Dimko](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 2 noites (13 a 15/jun/2015)

Antecedência da reserva: 3 dias

Diária: R\$ 110 (US\$ 36)

Taxa do [Airbnb](#): R\$ 28 (US\$ 9)

Diária real: R\$ 125 (US\$ 41)

Total: R\$ 249 (US\$ 81)

Apartamento em Sófia (extensão)

[Apartamento de Dimko](#)

Método de reserva: diretamente com o proprietário

Estadia: 8 noites (15 a 23/jun/2015)

Antecedência da reserva: 5 dias

Diária: 30 euros (US\$ 34 / R\$ 105)

Total: 240 euros (US\$ 270 / R\$ 839)

Apartamento em Sófia

[Apartamento de Ani \(fotos\)](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 2 noites (23 a 25/jun/2015)

Antecedência da reserva: 6 dias

Diária: R\$ 123 (US\$ 40)

Taxa do [Airbnb](#): R\$ 28 (US\$ 9)

Cupom de desconto: -R\$ 78 (US\$ 25)

Diária real: R\$ 98 (US\$ 32)

Total: R\$ 196 (US\$ 63)

Apartamento em Sófia

[Apartamento de Ani \(fotos\)](#)

Método de reserva: diretamente com a proprietária

Estadia: 4 noites (25 a 29/jun/2015)

Antecedência da reserva: 8 dias

Diária: 25 euros (US\$ 28 / R\$ 87)

Total: 100 euros (US\$ 112 / R\$ 347)

Apartamento em Sófia (extensão)

[Apartamento de Dimko](#)

Método de reserva: diretamente com o proprietário

Estadia: 4 noites (29/jun a 3/jul/2015)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: 27 euros (US\$ 31 / R\$ 95)

Total: 108 euros (US\$ 122 / R\$ 379)

Apartamento em Sófia

[Apartamento de Ani \(fotos\)](#)

Método de reserva: diretamente com a proprietária

Estadia: 15 noites (3 a 18/jul/2015)

Antecedência da reserva: 16 dias

Diária: 25 euros (US\$ 28 / R\$ 87)

Total: 375 euros (US\$ 416 / R\$ 1.301)

Apartamento em Sófia

[Apartamento de Dimo \(fotos\)](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 5 noites (18 a 23/jul/2015)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: R\$ 84 (US\$ 27)

Taxa do [Airbnb](#): R\$ 53 (US\$ 17)

Taxa de limpeza: R\$ 22 (US\$ 7)

Diária real: R\$ 99 (US\$ 32)

Total: R\$ 496 (US\$ 158)

Locação de carro em Sófia

Locadora: [Top Rent-a-car](#)

Método de reserva: [Auto Europe](#)

Carro: econômico, com ar condicionado, quilometragem livre

Seguro: incluído, franquia de 200 euros

Período: 7 dias (23 a 30/jul/2015)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 26 euros (US\$ 28 / R\$ 91)

Total: 180 euros (US\$ 196 / R\$ 629)

Hotel em Melnik

[Mario Hotel & Complex](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (23/jul/2015)

Antecedência da reserva: algumas horas

Diária: 20 euros (US\$ 22 / R\$ 70)

Hotel em Smolyan

[Hotel Ribkata](#)

Método de reserva: balcão do hotel

Estadia: 1 noite (24/jul/2015)

Antecedência da reserva: zero

Diária: 20 euros (US\$ 22 / R\$ 70)

Hotel em Haskovo

[Rodopi Hotel](#)

Método de reserva: balcão do hotel

Estadia: 1 noite (25/jul/2015)

Antecedência da reserva: zero

Diária: 35 euros (US\$ 38 / R\$ 128)

Hotel em Burgas

[Hotel Chiplakoff](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (26/jul/2015)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 25 euros (US\$ 27 / R\$ 91)

Hotel em Varna

[Hotel Hanat](#)

Método de reserva: balcão do hotel

Estadia: 1 noite (27/jul/2015)

Antecedência da reserva: zero

Diária: 35 euros (US\$ 38 / R\$ 128)

Hotel em Ruse

[Family Hotel](#)

Método de reserva: contato por telefone

Estadia: 1 noite (28/jul/2015)

Antecedência da reserva: algumas horas

Diária: 30 euros (US\$ 33 / R\$ 112)

Hotel em Lovech

[Guest House The Old Lovech](#)

Método de reserva: contato por telefone

Estadia: 1 noite (29/jul/2015)

Antecedência da reserva: algumas horas

Diária: 20 euros (US\$ 22 / R\$ 74)

Apartamento em Sófia

[Apartamento de Ani \(fotos\)](#)

Método de reserva: diretamente com a proprietária

Estadia: 38 noites (30/jul a 6/set/2015)

Antecedência da reserva: 43 dias

Diária: 25 euros (US\$ 27 / R\$ 92)

Total: 950 euros (US\$ 1.037 / R\$ 3.488)

Hotel em Burgas

[Hotel Chiplakoff](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (31/jul/2015)

Antecedência da reserva: 2 dia

Diária: 36 euros (US\$ 40 / R\$ 135)

Hotel em Nesebar

[Lilia Guest House](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (1/ago/2015)

Antecedência da reserva: 3 dias

Diária: 22 euros (US\$ 24 / R\$ 82)

Hotel em Stara Zagora

[Hotel La Roka](#)

Método de reserva: contato por telefone

Estadia: 1 noite (2/ago/2015)

Antecedência da reserva: algumas horas

Diária: US\$ 36 (R\$ 122)

Apartamento em Bucareste

[Apartamento de Claudia](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 2 noites (7 a 9/set/2015)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: R\$ 151 (US\$ 40)

Taxa do [Airbnb](#): R\$ 45 (US\$ 12)

Taxa de limpeza: R\$ 64 (US\$ 17)

Diária real: R\$ 205 (US\$ 54)

Total: R\$ 410 (US\$ 108)

Seguro de saúde internacional (extensão)

Seguradora: [Bupa](#)

Método de reserva: [World Nomads](#)

Período: 90 dias (10/set/2015 a 9/dez/2015)

Cobertura: mundial, exceto Brasil e EUA
Por pessoa: US\$ 304 (R\$ 1.155)
Total: US\$ 608 (R\$ 2.309)

Apartamento em Bucareste (extensão)

[Apartamento de Claudia](#)

Método de reserva: diretamente com a proprietária
Estadia: 53 noites (9/set a 1/nov/2015)
Antecedência da reserva: 4 dias
Diária: 21 euros (US\$ 23 / R\$ 89)
Total: 1.135 euros (US\$ 1.267 / R\$ 4.797)

Apartamento em Bucareste

[Apartamento de Alexandra](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 1 noite (1/nov/2015)
Diária: R\$ 128 (US\$ 33)
Taxa do [Airbnb](#): R\$ 16 (US\$ 4)
Diária real: R\$ 144 (US\$ 37)

Apartamento em Bucareste (extensão)

[Apartamento de Alexandra](#)

Método de reserva: diretamente com a proprietária
Estadia: 32 dias (2/nov a 4/dez/2015)
Diária: 13 euros (US\$ 14 / R\$ 53)
Total: 400 euros (US\$ 442 / R\$ 1.706)

Voo Bucareste - Catânia

Companhia aérea: [Wizz Air](#)
Método de reserva: site da [Wizz Air](#)
Data: 4/dez/2015
Antecedência da compra: 29 dias
Por pessoa: 99 RON (US\$ 24 / R\$ 88)
Por mala: 102 RON (US\$ 24 / R\$ 91)
Total: 402 RON (US\$ 96 / R\$ 357)

Apartamento em Catânia

[Apartamento de Patri](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 29 noites (4/dez/2015 a 2/jan/2016)

Antecedência da reserva: 28 dias

Diária: R\$ 98 (US\$ 26)

Taxa do [Airbnb](#): R\$ 310 (US\$ 81)

Cupom de desconto: -R\$ 284 (US\$ 75)

Diária real: R\$ 99 (US\$ 26)

Total: R\$ 2.877 (US\$ 756)

Seguro de saúde internacional (extensão)

Seguradora: [Bupa](#)

Método de reserva: [World Nomads](#)

Período: 90 dias (10/dez/2015 a 9/mar/2016)

Cobertura: mundial, exceto Brasil e EUA

Por pessoa: US\$ 290 (R\$ 1.084)

Total: US\$ 580 (R\$ 2.168)

Voo Roma - Barcelona

Companhia aérea: [Ryanair](#)

Método de reserva: [site da Ryanair](#)

Data: 19/jan/2016

Antecedência da compra: 70 dias

Por pessoa: 10 euros (US\$ 11 / R\$ 41)

Total: 20 euros (US\$ 21 / R\$ 81)

Voo Barcelona - Skopje

Companhia aérea: [Wizz Air](#)

Método de reserva: site da [Wizz Air](#)

Data: 23/fev/2016

Antecedência da compra: 88 dias

Por pessoa: 20 euros (US\$ 21 / R\$ 79)

Total: 40 euros (US\$ 42 / R\$ 158)

Trem Catânia - Nápoles

Operadora: [Trenitalia](#)

Método de reserva: balcão da estação de trem

Data: 26/dez/2015
Antecedência da compra: 4 dias
Por pessoa: 28 euros (US\$ 32 / R\$ 122)
Total: 56 euros (US\$ 61 / R\$ 244)

Hotel em Nápoles

[B&B Garibaldi Deluxe](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)
Estadia: 1 noite (26/dez/2015)
Antecedência da reserva: 3 dias
Diária: 48 euros (US\$ 52 / R\$ 207)

Voo Nápoles - Sófia

Companhia aérea: [Wizz Air](#)
Método de reserva: site da [Wizz Air](#)
Data: 27/dez/2015
Antecedência da compra: 5 dias
Por pessoa: 60 euros (US\$ 66 / R\$ 262)
Por mala: 30 euros (US\$ 33 / R\$ 131)
Total: 180 euros (US\$ 197 / R\$ 785)

Apartamento em Sófia

[Apartamento de Dimko](#)

Método de reserva: diretamente com o proprietário
Estadia: 85 noites (27/dez/2015 a 21/mar/2016)
Antecedência da reserva: 5 dias
Parcela de 27/dez/2015: 600 euros (US\$ 657 / R\$ 2.594)
Parcela de 27/jan/2016: 600 euros (US\$ 653 / R\$ 2.641)
Parcela de 27/fev/2016: 500 euros (US\$ 546 / R\$ 2.162)
Diária: 20 euros (US\$ 22 / R\$ 87)
Total: 1.700 euros (US\$ 1.856 / R\$ 7.397)

Apartamento em Belgrado (4 pessoas)

[Luxury Apartments B303](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)
Estadia: 1 noite (21/mar/2016)
Antecedência da reserva: 3 dias

Diária: 45 euros (US\$ 51 / R\$ 184)

Apartamento em Budapeste (4 pessoas)

[Apartamento de Anita](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 4 noites (22 a 26/mar/2016)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: R\$ 138 (US\$ 38)

Taxa do [Airbnb](#): R\$ 65 (US\$ 18)

Cupom de desconto: -R\$ 265 (US\$ 73)

Diária real: R\$ 88 (US\$ 24)

Total: R\$ 352 (US\$ 97)

Apartamento em Budapeste

[Apartamento de Magdi](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 23 noites (26/mar a 18/abr/2016)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: R\$ 87 (US\$ 24)

Taxa do [Airbnb](#): R\$ 240 (US\$ 65)

Diária real: R\$ 97 (US\$ 26)

Total: R\$ 2.233 (US\$ 604)

Apartamento em Zagreb

[Art Rooms](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (21/abr/2016)

Antecedência da reserva: 5 dias

Diária: 32 euros (US\$ 36 / R\$ 125)

Voo Zagreb - Rio

Companhia aérea: [Condor](#)

Método de reserva: site da [Condor](#)

Data: 22/abr/2016

Antecedência da compra: 132 dias

Por pessoa: 276 euros (US\$ 303 / R\$ 1.169)

Total: 551 euros (US\$ 606 / R\$ 2.337)

Capítulo 8

América do Sul - Fase 6 (2016)

Sexto ano

Passamos o início e o fim do sexto ano na Europa, momentos sobre os quais comento no capítulo anterior e no seguinte. Este aqui refere-se apenas à estadia de aproximadamente seis meses na América do Sul. Foi um período tranquilo, especialmente em comparação ao anterior, que foi longo e conturbado.

Brasil

Voltamos ao Brasil depois de quase um ano e meio. Deixamos o país no fim de 2014, passamos 2015 inteiro fora e retornamos em abril de 2016. Tivemos muitos problemas durante esse período e quase antecipamos a volta algumas vezes. Felizmente conseguimos superar todas as questões durante a viagem, inclusive os problemas médicos de Pati.

Fomos para Niterói e nos hospedamos no apartamento de um casal de amigos nômades que estava fora do Brasil. Continuei a trabalhar no livro sem problemas e Pati continuou a trabalhar nos álbuns de casamento que ainda restavam. Em paralelo, continuamos a fazer as entrevistas com nômades digitais em nosso [canal do YouTube](#).

Pati sentia a necessidade de voltar ao Brasil para recarregar as energias, ou seja, rever a família, comer comida brasileira e consultar médicos de sua confiança. Ela já chegou bem e ficou ainda melhor depois dos primeiros dias. Então fez apenas uma visita à médica que lhe acompanha desde pequena, até porque não tínhamos mais plano de saúde no Brasil.

Aproveitamos a estadia para fazer um novo plano. O mais barato que conseguimos, com uma cobertura minimamente aceitável, era quase o dobro do valor que a gente pagava por um seguro de saúde internacional. É incrível como algumas coisas conseguem ser tão caras no Brasil.

Próximo ao fim da estadia, fizemos uma breve visita a São Paulo, onde ficamos hospedados na casa de nosso querido amigo Caio, que conhecemos em Chiang Mai, um ano antes. Além de matar as saudades, fomos ao [Afiliados Brasil](#) para rever alguns amigos, conhecer gente nova e aprender novas técnicas. Foi uma viagem ótima.

Argentina

Minha irmã estava grávida e o bebê nasceria no fim de julho. Eu estava empolgado com a expectativa de ser tio, algo que sempre quis. Até o nascimento do bebê, poderíamos ficar em um destino mais próximo ao Brasil.

Tínhamos milhas suficientes para ir para a [Argentina](#). A situação econômica tinha se alterado por lá. A presidente foi derrotada nas eleições e o novo presidente mudou os rumos da economia, porém já era tarde demais. A inflação já tinha feito os preços subirem muito. Além disso, o novo presidente eliminou a política cambial estapafúrdia do governo anterior. Ótimo para os Argentinos, ruim para nós.

Apesar de saber que o país estaria mais caro, decidimos ir. Porém optamos por [Rosário](#), onde esperávamos que os preços fossem melhores que em [Buenos Aires](#). Como ainda não conhecíamos a cidade, tínhamos a chance de conhecê-la. Achamos um bom estúdio ([fotos](#)) e o reservamos por um mês.

O lugar revelou-se melhor que o esperado. Pude trabalhar em paz e curtimos bons momentos na cidade. Também conhecemos algumas pessoas pelo [Couchsurfing](#) e recebemos a visita de um casal de amigos brasileiros. Pati decidiu dedicar-se cada vez mais a melhorar suas aptidões culinárias. A carne argentina já não era tão barata, porém continuava sendo deliciosa. Pati fez bom uso dela em suas receitas.

Encontramos alguns cafés nas proximidades de nosso apartamento, mas não nos pareceu viável trabalhar neles. Não nos sentimos seguros para fazê-lo. Por sorte, o apartamento era bom, as cadeiras eram confortáveis e não tivemos tanta necessidade de trabalhar em cafés.

[Rosário](#) tem algumas das sorveterias mais fantásticas da Argentina, o país que tem um dos melhores sorvetes do mundo. A gente se acabou de tanto tomar sorvete. O vinho já não era mais tão barato, mas continuou marcando presença. Para compensar os excessos gastronômicos,

caminhávamos com frequência na beira do rio, em uma área bonita, que lembrava Puerto Madero, em Buenos Aires.

Como gostamos muito do apartamento, estendemos a estadia tanto quanto possível e ficamos até o final da primeira semana de julho. Pati terminou de preparar o último álbum de casamento e finalmente ficou livre para dedicar-se a outras atividades.

Quando anunciei a pré-venda do livro, imaginei que poderia terminá-lo até 30 de junho, quando prometi entregá-lo aos compradores. É óbvio que subestimei o tamanho do projeto e não consegui terminar no prazo. Não foi por falta de empenho. É que havia muito trabalho a ser feito e o tempo não foi suficiente.

Empacotei o que consegui produzir, enviei para os compradores, pedi desculpas pelo atraso e prometi finalizar até o fim de setembro. Naquele mês de junho, fiquei gripado pela primeira vez desde que começamos a viajar. É raro que eu fique doente, porém essa não seria a única vez.

Atrasar a entrega foi doloroso. Eu não me importava de levar mais tempo escrevendo o livro. Estava disposto a investir o tempo e o esforço que fossem necessários. O problema foi quebrar o compromisso que eu havia assumido com as pessoas. Elas já tinham pago pelo livro e esperavam recebê-lo naquela data. Isso me entristeceu profundamente e me ensinou algumas lições.

Escrever é difícil. É uma atividade delicada e complexa por sua própria natureza, ainda mais quando o assunto é extenso, como é o caso do estilo de vida nômade. Separar o tempo para escrever é igualmente desafiador, por mais focada que a pessoa seja. Há muitas distrações ao nosso redor. Mudar de cidade com frequência agrava esse problema porque cada mudança de ambiente exige um novo recomeço. É preciso se adaptar à cadeira, à mesa, à sala, ao café ou seja lá qual for o ambiente em que estejamos trabalhando. Nem sempre o ambiente colabora. Isso cria ainda mais distrações.

Ter um prazo ajuda a manter o foco, porém cria um estresse muitas vezes desnecessário, o qual torna o trabalho ainda mais difícil. A partir do momento em que atrasei, passei a ficar em dívida com inúmeras pessoas. Ninguém gosta de dever aos outros e eu sempre fugi de dívidas. Sinto o peso dessa dívida enquanto escrevo. O livro acumula mais de um ano de atraso.

É claro que o resultado final não é o que eu havia planejado. É maior, melhor e mais útil. Passei os últimos doze meses sofrendo com a sensação

de estar atrasado e em dívida com os outros. Todos os dias recebo mensagem de alguém perguntando quando o livro será lançado. Cada uma delas me corta o coração. Elas não existiriam se eu tivesse ficado quieto, tivesse apenas me concentrado em escrever e não tivesse feito nenhuma pré-venda.

Comento isso para ilustrar a necessidade de avaliar tudo com senso crítico. A ideia de fazer a pré-venda de um produto é excelente e pode trazer bons resultados em muitos casos. Contudo não funcionou para mim neste projeto em particular. Talvez porque eu tenha feito a pré-venda cedo demais. Seria melhor tê-la introduzido quando o livro já estivesse mais próximo do final. Ou talvez esse conceito não se aplique tão bem a livros de um modo geral.

Nem sempre podemos assumir que as técnicas que funcionam bem para um tipo de trabalho serão igualmente úteis para outro. Se eu pudesse voltar no tempo, jamais teria feito a pré-venda. Ela criou um estresse e uma dívida que eu não precisava carregar. Pelo menos foi uma lição útil.

O apartamento em que ficamos já estava reservado por outras pessoas durante a maior parte do mês de julho, senão teríamos ficado nele até o final do mês. Tivemos de partir, então fomos para [Córdoba](#). Além de conhecer a cidade, também pensávamos em visitar outros lugares no interior da província, que é um dos destinos turísticos mais frequentados pelos argentinos.

Foi difícil achar apartamento que atendesse as nossas necessidades. A oferta era limitada porque era um período de férias. Havia muita gente viajando e buscando acomodação. Os imóveis que restavam eram caros e não eram dos melhores. Ficamos em três apartamentos diferentes e nos decepcionamos com todos eles. Consegui errar na escolha de todos os apartamentos da cidade. Foi um verdadeiro desastre.

O trabalho ficou prejudicado. Tive bastante dificuldade de escrever, o que só aumentou minha angústia por ter atrasado a entrega do livro. A situação melhorou nos últimos dias, quando descobrimos um Starbucks perto de casa, o qual oferecia um ambiente bom para trabalhar.

Um dia, enquanto estávamos lá, Pati recebeu um email de uma promoção de passagem aérea. A TAM estava oferecendo voos só de ida para Paris em meados de outubro por R\$ 600 (US\$ 184), já com as taxas incluídas. O preço era muito abaixo do usual. Pati me mostrou e fiz a

compra no ato. Foi a melhor tarifa que já conseguimos para uma passagem intercontinental.

As pessoas são muito legais em [Córdoba](#). Conhecemos algumas nos encontros do [Couchsurfing](#) e elas se mostraram mais amigáveis que em Buenos Aires e em Rosário. Entretanto não gostamos muito da cidade. Provavelmente porque não acertamos na acomodação. Sempre que a gente erra na acomodação a gente sai com uma má impressão do lugar.

A Argentina de hoje, 2017, quando termino de escrever o livro, é bem diferente daquela que visitamos em 2009, quando decidimos mudar para lá. Voltou a ser cara para os brasileiros. É mais fácil e barato passar uma temporada na Europa, especialmente no Leste Europeu, do que na Argentina, apesar da passagem aérea mais cara.

Assim mesmo, a Argentina continua sendo uma opção interessante para nômades brasileiros, especialmente aqueles que não desejam afastar-se demais do Brasil. Tem gente que está começando a jornada nômade, por exemplo, e prefere ficar mais perto do Brasil para o caso de algo dar errado. Nesses casos, Rosário e Córdoba podem funcionar, assim como Buenos Aires, especialmente para quem prefere cidades de médio porte. Em nossa opinião, Buenos Aires é a cidade que tem mais a oferecer. É a que possui a melhor infraestrutura e onde pode-se achar mais lugares para morar e de onde trabalhar. Há muitos cafés e dá para trabalhar bem neles.

Rosário é um bom meio termo, especialmente para quem deseja concentrar-se no trabalho. A cidade tem áreas bonitas, é um pouco mais barata que Buenos Aires, tem uma oferta de apartamentos interessante e existem voos diretos partindo do Brasil. Córdoba não é tão bonita quanto Rosário. A cidade tem uma grande população universitária. As pessoas são mais simpáticas e amigáveis. Existe um bairro, chamado Güemes, onde concentra-se uma grande quantidade de restaurantes, bares e cafés bem legais. Para quem gosta de sair à noite, é uma excelente pedida. Teríamos aproveitado melhor se eu não estivesse tão preocupado com o livro.

Saldo da Argentina

Número de dias: 69

Custo de viagem: R\$ 7.652 (US\$ 2.232)

Média/mês: R\$ 3.327 (US\$ 970)

Média/dia: R\$ 111 (US\$ 32)

Custo de acomodação: R\$ 6.466 (US\$ 1.894)

Média/mês: R\$ 2.811 (US\$ 823)

Média/dia: R\$ 94 (US\$ 27)

Custo de deslocamento: R\$ 742 (US\$ 213) + 32 mil milhas

Média/dia: R\$ 11 (US\$ 3)

Seguro de saúde: R\$ 444 (US\$ 125)

Média/dia coberto: R\$ 6 (US\$ 2)

Brasil

Voltamos para Niterói para passar os dois meses seguintes, antes de embarcar para a temporada seguinte na Europa. Trabalhar ficou ainda mais complicado.

O início foi ótimo. Conheci meu sobrinho e adorei a experiência. Ele trouxe muita felicidade para toda a família. Pati foi para a casa da mãe dela e eu fui para a de minha mãe. Cada um de nós queria agradar suas respectivas mães. Além disso, eu sabia que seria difícil trabalhar na casa da mãe de Pati. Infelizmente não deu certo. Fiquei com saudade de Pati e não consegui trabalhar direito. Depois de alguns dias, desisti e fui para a casa da mãe dela para ficar com ela.

Como já previa, não consegui produzir quase nada. Passei a ir para o apartamento de minha mãe durante as tardes e tentei trabalhar de lá. Avancei um pouco, mas não tanto quanto gostaria. Foi o período em que menos fui produtivo com o livro e que mais me angustiou.

Pati, por sua vez, aproveitou para fazer um *coaching* com nosso amigo Caio, de São Paulo. O processo começou em Córdoba e seguiu durante toda a estadia em Niterói. Os resultados foram impressionantes.

Pati aprendeu muitos conceitos durante o *coaching* e começou a compreender o que aconteceu com ela no ano anterior. Até então, não acreditava que sintomas físicos pudessem aparecer em função de problemas emocionais. Ali ela compreendeu que sim, doenças e sintomas físicos podem se manifestar em função de nosso estado emocional.

No caso da Tailândia, ela acredita que possa ter iniciado um processo de ansiedade por não ter gostado do lugar e saber que teria de ficar lá por alguns meses. Quando se tem maior conhecimento sobre a ansiedade e seus sintomas físicos, é possível bloqueá-los de algumas formas. Pati não tinha conhecimento disso, não imaginava que fosse uma questão emocional, portanto deu corda. Ficou com medo de estar com um problema sério no coração, o que só aumentou a ansiedade e foi tornando o problema pior.

Caio lhe ensinou diversas ferramentas para ela se observar melhor e combater a ansiedade. Pati começou a sentir-se cada vez melhor e a interessar-se pelo tema. Ela estudou muito nessa época. Em paralelo, fez um esforço grande para vender todos os seus equipamentos de fotografia de casamento. O plano era comprar câmeras novas e microfones quando retornássemos à Europa. Equipamentos que fossem mais leves e melhores para fazer vídeos. Ela estava interessada em aprender a fazer vídeos para documentar melhor nossas viagens.

Apesar de eu não ter conseguido avançar muito com o livro, a estadia na casa da mãe de Pati foi proveitosa, especialmente para o relacionamento de mãe e filha. Pati sempre teve um relacionamento delicado com a mãe. Ter ficado distante ao longo dos anos parece ter contribuído para elas se aproximarem. Pati mudou sua atitude em alguns aspectos, sua mão mudou em outros e as duas começaram a se entender melhor. Elas se deram bem durante toda a estadia e isso trouxe alegria para as duas.

Como já mencionei antes, a gente também adora viajar pelo Brasil. Sempre que visitamos o país, tentamos conhecer algum lugar novo. Dessa vez, tiramos alguns dias e fomos conhecer [Ilha Bela](#), no litoral de São Paulo. Gostamos muito de lá. É um lugar especial. Precisamos retornar outras vezes.

Nosso voo para Paris partia de São Paulo. Fomos para lá alguns dias antes e tivemos a oportunidade de encontrar com vários amigos, incluindo o próprio Caio, que nos hospedou por alguns dias. De lá voltamos para a Europa.

Saldo da Fase 6

Número de dias: 167 (5,6 meses)

Custo de viagem: R\$ 10.859 (US\$ 3.131)

Média/mês: R\$ 1.951 (US\$ 562)
Média/dia: R\$ 65 (US\$ 19)

Custo de acomodação: R\$ 9.563 (US\$ 2.761)
Média/mês: R\$ 1.718 (US\$ 496)
Média/dia: R\$ 57 (US\$ 17)

Custo de deslocamento: R\$ 852 (US\$ 245)
Média/mês: R\$ 153 (US\$ 44)
Média/dia: R\$ 5 (US\$ 1)

Custo de voos: R\$ 852 (US\$ 245)
Média/dia: R\$ 5 (US\$ 1)
Milhas: 48 mil

Custo de locação de carro: 0

Seguro de saúde: R\$ 444 (US\$ 125)
Dias cobertos: 70
Média/mês coberto: R\$ 190 (US\$ 54)
Média/dia coberto: R\$ 6 (US\$ 2)

Ficha técnica da fase 6

Apartamento em Niterói

Apartamento em São Francisco

Método de reserva: direto com nosso amigo

Estadia: 30 noites (23/abr a 23/mai/2016)

Antecedência da reserva: 60 dias

Diária: R\$ 100 (US\$ 28)

Total: R\$ 3.000 (US\$ 837)

Voo Rio - São Paulo

Companhia aérea: [Gol](#)

Método de reserva: [site da Gol](#)

Data: 19/mai/2016

Antecedência da compra: 17 dias

Por pessoa: 4.000 milhas + R\$ 28 (US\$ 8) de taxas

Total: 8.000 milhas + R\$ 55 (US\$ 16) de taxas

Voo São Paulo - Rio

Companhia aérea: [Gol](#)

Método de reserva: [site da Gol](#)

Data: 21/mai/2016

Antecedência da compra: 18 dias

Por pessoa: 4.000 milhas + R\$ 28 (US\$ 8) de taxas

Total: 8.000 milhas + R\$ 55 (US\$ 16) de taxas

Voo Rio - Rosário - Rio

Companhia aérea: [Gol](#)

Método de reserva: [site da Gol](#)

Período: 69 dias (23/mai a 31/jul/2016)

Antecedência da compra: 21 dias

Por pessoa: 26.000 milhas + R\$ 371 (US\$ 107) de taxas

Total: 32.000 milhas + R\$ 742 (US\$ 213) de taxas

Seguro de saúde internacional

Método de reserva: [ViagemIdeal](#)

Período: 70 dias (23/mai a 31/jul/2016)

Cobertura: América do Sul
Por pessoa: R\$ 222 (US\$ 64)
Total: R\$ 444 (US\$ 125)

Apartamento em Rosário

[Apartamento de Elena \(fotos\)](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 30 noites (23/mai a 22/jun/2016)
Antecedência da reserva: 18 dias
Diária: R\$ 85 (US\$ 24)
Taxa do [Airbnb](#): R\$ 289 (US\$ 82)
Diária real: R\$ 95 (US\$ 27)
Total: R\$ 2.853 (US\$ 808)

Apartamento em Rosário (extensão)

[Apartamento de Elena \(fotos\)](#)

Método de reserva: contato direto com a proprietária
Estadia: (22/jun a 12/jul/2016)
Antecedência da reserva: 15 dias
Diária: US\$ 23 (R\$ 78)
Total: US\$ 467 (R\$ 1.582)

Apartamento em Córdoba

[Apartamento de Viajeros](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 3 noites (9 a 12/jul/2016)
Antecedência da reserva: 3 dias
Diária: R\$ 102 (US\$ 31)
Taxa do [Airbnb](#): R\$ 44 (US\$ 13)
Taxa de limpeza: R\$ 41 (US\$ 12)
Cupom de desconto: -R\$ 237 (US\$ 71)
Diária real: R\$ 51 (US\$ 15)
Total: R\$ 153 (US\$ 46)

Apartamento em Córdoba

[Apartamento de Milagros](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 2 noites (12 a 14/jul/2016)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: R\$ 102 (US\$ 31)
Taxa do [Airbnb](#): R\$ 34 (US\$ 10)
Taxa de limpeza: R\$ 51 (US\$ 16)
Total: R\$ 288 (US\$ 88)

Apartamento em Córdoba (extensão)

[Apartamento de Milagros](#)

Método de reserva: direto com a proprietária
Estadia: 4 noites (14 a 18/jul/2016)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: R\$ 102 (US\$ 31)
Total: R\$ 408 (US\$ 126)

Apartamento em Córdoba

[Apartamento de Facu \(fotos\)](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 12 noites (18 a 30/jul/2016)
Antecedência da reserva: 5 dias
Diária: R\$ 93 (US\$ 28)
Taxa do [Airbnb](#): R\$ 136 (US\$ 41)
Cupom de desconto: -R\$ 65 (US\$ 20)
Diária real: R\$ 99 (US\$ 30)
Total: R\$ 1.182 (US\$ 359)

Pousada em Ilha Bela

[Pousada de Igor](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)
Estadia: 3 noites (6 a 9/ago/2016)
Antecedência da reserva: 1 dia
Diária: R\$ 96 (US\$ 30)
Taxa do [Airbnb](#): R\$ 36 (R\$ 11)
Cupom de desconto: -R\$ 226 (US\$ 71)
Diária real: R\$ 32 (US\$ 10)
Total: R\$ 97 (US\$ 30)

Capítulo 9

Leste Europeu - Fase 7 (2017)

França

Sempre quis passar uma temporada em [Paris](#), mas a cidade é cara. Eu até estava disposto a pagar mais para passar ao menos um mês na cidade, porém preferi adiar. Estávamos indo no outono, quando costuma chover demais. Faria mais sentido passar uma temporada na primavera, quando os dias costumam ser mais bonitos.

Eu também precisava continuar a escrever o livro. De que adiantava ir para Paris e ficar trancado no apartamento? Seria melhor voltar quando o livro já estivesse publicado. Decidimos ficar apenas uma semana na cidade e ir para a [Cracóvia](#) em seguida, onde passaríamos o restante do outono.

Achamos um [apartamento](#) com preço melhor que o esperado e fomos para lá. Era pequeno, mas funcional. Tinha tudo o que precisávamos. Durante os dias que passamos na cidade, fizemos alguns passeios e tivemos a sorte de contar com vários dias ensolarados. A temperatura estava ótima e os dias estavam lindos. Também conseguimos comprar os novos equipamentos de foto e vídeo que Pati queria. Achamos uma [boa loja](#) perto da [Bastille](#) e fizemos as compras por lá.

Custa caro comer em Paris. Os produtos nos supermercados são mais caros que em outras partes da Europa e comer fora é quase proibitivo para quem tem um orçamento limitado. Cozinhar em casa fez toda a diferença. Gastamos menos e comemos bem. A cozinha do apartamento era minúscula, porém suficiente para prepararmos tudo o que precisávamos.

Muito se fala do problema dos refugiados na Europa. Chegamos a ver algumas famílias em alguns pontos da cidade, mas nada alarmante. Paris continua sendo uma cidade bonita e interessante. Embarcamos em alguns passeios que não fizemos nas visitas anteriores e ignoramos outros. Não estivemos na Torre Eiffel, porém passeamos pelo Rio Sena sob a lua cheia e fomos ao [Palácio de Versailles](#). Pati teve a chance de usar seus

equipamentos novos e nos divertimos bastante fazendo [estes vídeos de Paris](#). Nada de livro durante esses dias.

Ao final da estadia, pegamos um voo da [Ryanair](#) para a [Cracóvia](#), através do distante [aeroporto Paris-Beauvais](#).

Saldo da França

Número de dias: 6

Custo de viagem: R\$ 1.321 (US\$ 402)

Média/mês: R\$ 6.604 (US\$ 2.009)

Média/dia: R\$ 220 (US\$ 67)

Custo de acomodação: R\$ 1.155 (US\$ 350)

Média/mês: R\$ 5.775 (US\$ 1.750)

Média/dia: R\$ 193 (US\$ 58)

Custo de deslocamento: R\$ 107 (US\$ 33)

Média/dia: R\$ 18 (US\$ 6)

Seguro de saúde: R\$ 59 (US\$ 18)

Média/dia coberto: R\$ 10 (US\$ 3)

Polônia

[Cracóvia](#), a segunda maior cidade da [Polônia](#), foi um dos lugares de que mais gostamos em nossa viagem pelo Leste Europeu em 2014. Sabíamos que voltaríamos para lá um dia e passaríamos uma temporada. A hora chegou. Achamos um [ótimo apartamento](#), em uma localização estratégica, com preço bom e um excelente ambiente de trabalho.

Voltei a trabalhar no livro e consegui produzir bastante. A gente se aventurou algumas vezes pelos restaurantes das proximidades e cometeu alguns erros com o cardápio em polonês. A maior parte do tempo, entretanto, preparamos comida em casa. Havia bons mercados por perto.

Começamos a frequentar os encontros do [Couchsurfing](#) e a fazer amigos. Os organizadores dos encontros de lá fazem algo sensacional. A cada semana eles fazem o evento em um bar diferente. Isso é excelente,

especialmente para quem passa mais tempo na cidade. Tivemos a oportunidade de conhecer inúmeros lugares legais em que jamais iríamos se não fosse pelos encontros.

A Cracóvia oferece uma ótima variedade de cafés, restaurantes e bares. A cerveja é muito boa e barata, assim como a comida. Depois de algum tempo, uma amiga polonesa nos apresentou ao [Gospoda Koko](#), um restaurante que virou nosso favorito. O lugar oferecia um menu que incluía sopa, salada e um prato principal delicioso por um valor que equivalia a R\$ 11 (US\$ 3,90). A gente mal podia acreditar. Nem na Tailândia a gente conseguia pagar tão pouco por uma refeição tão farta, de alta qualidade e em um ambiente bonito.

O tempo foi passando e começamos a encontrar com diversos brasileiros. Rafael e Tamara, cujas histórias estão aqui no livro, estiveram na cidade e fizeram alguns passeios com a gente. Conhecemos Rafael Procópio, do canal [Matemática Rio](#) e Paulo Valim, do [Química em Ação](#). Passamos o Natal e réveillon na casa dele, onde encontrei com seu irmão e colega de profissão de longa data, José Valim. Também conhecemos Rafael e Janaina, do [Nomadicats](#). Por fim, encontramos com Diego Ferraraso, jogador de futebol que conhecemos em Sófia, quando ele jogava no time de lá.

À medida que o tempo foi passando e o fim do ano foi se aproximando, foi ficando cada vez mais difícil trabalhar. Havia muitos compromissos sociais e gente para encontrar. A cidade estava em festa. A gente se divertiu demais na Cracóvia e a Pati produziu [diversos vídeos](#) de lá.

Em um dos encontros do Couchsurfing, conhecemos uma menina da [Bielorrússia](#). Ela comentou com a gente que seu país deixaria de exigir visto de turistas brasileiros e isso começaria a valer no fim de novembro. Fiz uma pesquisa em seguida e descobri que era verdade. Nosso plano era ir para [Lviv](#), na [Ucrânia](#), após a Cracóvia. Entretanto, diante daquela novidade, achei que poderia ser proveitoso passar primeiro pela Bielorrússia.

Confirmamos que a Cracóvia é um destino excelente para nômades digitais e oferece um equilíbrio quase perfeito. Tem uma ótima infraestrutura, grande oferta de acomodação com preços bons, comida e bebida barata, muita coisa para fazer, muita gente legal para conhecer, muitos cafés e facilidade de acesso a muitas partes da Europa.

Saldo da Polônia

Número de dias: 79

Custo de viagem: R\$ 8.544 (US\$ 2.595)

Média/mês: R\$ 3.245 (US\$ 986)

Média/dia: R\$ 108 (US\$ 33)

Custo de acomodação: R\$ 6.247 (US\$ 1.876)

Média/mês: R\$ 2.372 (US\$ 712)

Média/dia: R\$ 79 (US\$ 24)

Custo de deslocamento: R\$ 1.519 (US\$ 477)

Média/dia: R\$ 19 (US\$ 6)

Seguro de saúde: R\$ 778 (US\$ 242)

Média/dia coberto: R\$ 10 (US\$ 3)

Bielorrússia

Para chegar à [Bielorrússia](#), seria possível pegar um trem internacional diretamente de [Varsóvia](#) para [Minsk](#), porém o preço era elevado. Descobri que havia uma forma mais barata. Pegamos um trem da Cracóvia até [Terespól](#), uma cidade que fica na fronteira com a Bielorrússia. A passagem foi barata. De lá pegamos outro trem local, que apenas faz a travessia entre Terespól e [Brest](#), a cidade do outro lado da fronteira, já na Bielorrússia. É um trajeto que dura pouco mais de dez minutos e é igualmente barato.

Alugamos um apartamento em [Brest](#) onde pretendíamos passar quatro noites. Isso nos permitiria descansar e conhecer um pouco a cidade. A dona foi nos buscar na estação de trem e teve de esperar um bocado. A imigração demorou mais que o previsto. Ficamos em último lugar da fila. Quando chegou a nossa vez, tivemos de preencher um cartão de imigração cheio de detalhes.

Pati foi para um oficial de imigração e eu para outro. A mulher que conferiu meu passaporte resolveu ficar grilada com ele. Talvez nunca tivesse visto um passaporte brasileiro antes. Poucos brasileiros visitam a Bielorrússia e um número ainda menor passa por aquele posto de fronteira. Depois de muito vasculhar o passaporte, ela se convenceu de que estava

tudo bem e me liberou. Daí tivemos que passar mais um tempo com as mocinhas da alfândega. Elas foram mais simpáticas e logo nos liberaram.

O frio era intenso e nevava bastante na cidade. Ela estava toda coberta de neve. O apartamento era ótimo e bem aquecido. Saímos para trocar dinheiro e fomos surpreendidos por um frio que ainda não tínhamos experimentado. Fazia -16 graus. No dia seguinte, passeamos um pouco pela cidade, achamos um lugar para almoçar, porém não dava para ficar muito tempo na rua. O frio era demais.

Nesse dia, tive febre. Fiquei com sintomas de gripe por dois dias. Foi a primeira vez que dei um susto na Pati durante as viagens. Ela achou que fosse precisar me levar a um médico. Felizmente acordei bem no terceiro dia. Acredito que minha imunidade tenha caído nos últimos dias da Cracóvia, quando estávamos metidos em várias festas, dormindo pouco e bebendo algumas cervejas.

Decidimos ficar alguns dias a mais na cidade e estendemos a locação do apartamento, o que gerou a necessidade de resolver uma burocracia. A Bielorrússia é um país que ainda tem muitas heranças dos tempos soviéticos. Uma delas é a necessidade de registro para os visitantes estrangeiros.

Quando você fica mais de cinco dias em uma cidade, você precisa se registrar junto às autoridades. Li sobre isso em outros lugares por onde passamos no passado, com a Sérvia e a Bósnia. Em teoria, eles também têm exigências semelhantes, porém ninguém leva a sério. Na Bielorrússia é diferente. O registro é levado bem a sério. Quando a gente entra no país, a gente recebe um papelzinho que precisa ser devolvido na saída. Os eventuais registros precisam constar no verso do papel. Caso contrário, a gente pode ter que pagar multa e enfrentar outras dificuldades para sair do país.

O processo de registro é simples quando você fica em um hotel, já que ele próprio faz o procedimento para você no momento do *check in*. Como tratava-se de um apartamento, a questão era mais complicada. A proprietária nunca tinha feito um registro. Ela pesquisou e tentou descobrir o que fazer. Buscou-nos de carro e nos levou a um banco, onde pagamos uma taxa pelo registro.

Em seguida fomos a um prédio onde havia uma repartição pública. Ela descobriu que não era o lugar certo. Fomos para outro que era o certo. Na frente dele havia uma espécie de quiosque, dentro do qual havia uma pessoa

com um computador cujo trabalho era preencher o formulário de registro e imprimi-lo. Bizarro. Daí pegamos esse papel impresso e levamos para a repartição. Esperamos um tempo e um senhor chegou com a escritura do apartamento. Talvez fosse o marido dela. Eles conversaram com a funcionária, entregaram a escritura, nossos passaportes e o formulário.

A funcionária fez os procedimentos e nos mandou procurar uma outra sala. Chegando lá um funcionário olhou a papelada e carimbou o papel que ficava junto ao nosso passaporte. Registro feito. Essa novela tomou pouco mais de uma hora porque praticamente não havia fila nos locais em que fomos.

Perto do nosso prédio havia um rio. Um dia fomos até ele. Para nossa surpresa, estava congelado. O rio era enorme. A outra margem ficava muito distante de onde estávamos. Ainda assim, toda a extensão do rio estava congelada. Havia algumas pessoas sobre o gelo. Estavam pescando, caminhando e até mesmo andando de bicicleta. Era um dia de Sol lindo e aquela cena era algo que nunca tínhamos visto na vida.

Tomamos coragem e fomos andar sobre o gelo. Começamos na beirinha, preocupados que ele pudesse se partir com nosso peso. Logo percebemos que isso seria quase impossível. O bloco de gelo era maciço e parecia tão duro quanto uma laje de concreto. A gente se divertiu passeando sobre o gelo.

Um dia, visitamos um café bonitinho e estávamos conversando, quando alguém falou com a gente em português com um sotaque carregado. Era um senhor de lá mesmo que nos escutou e veio perguntar se éramos do Brasil. Ele nos contou que trabalhava em navios e havia aprendido português. Ficamos surpresos por encontrar um nativo que falava nosso idioma e passamos um tempo conversando com ele.

No último dia que passamos na cidade, fomos conhecer a [Fortaleza de Brest](#), o ponto turístico mais visitado da cidade. O lugar nos surpreendeu. Era maior e mais bonito do que podíamos imaginar, embora fosse um memorial e um museu militar. Passeamos bastante por lá e fizemos vários fotos e vídeos. Fazia muito frio nesse dia e logo anoiteceria. Chegamos lá pouco antes do pôr do Sol. Chegou um momento em que não conseguíamos mais aguentar o frio. Nossos pés estavam congelando. Corremos para a saída e não encontramos nenhum taxi nas proximidades.

Havia uma loja de lembrancinhas por perto. Corremos para lá para verificar se estava aberta. Queríamos entrar e aquecer o corpo por alguns

instantes. Primeiro achamos que estava fechada, até que vimos uma pessoa dentro e entramos. Começamos a examinar os itens como se estivéssemos interessados em comprar algo. Só queríamos ficar ali por alguns minutos. O tempo passava e nossos pés continuavam congelados. De repente apareceu um taxi na porta. Comentei com Pati, a vendedora percebeu nosso interesse no veículo e nos alertou que aquele taxi tinha vindo buscá-la. Porém, se quiséssemos, poderíamos dividi-lo com ela para retornar ao centro da cidade. Aceitamos a oferta sem pensar duas vezes.

A vendedora fechou a loja e entramos todos no taxi. No caminho fomos conversando, ela perguntou o que fazíamos ali, falamos um pouco de nossa vida nômade e ela ficou de olhos arregalados. Achou fantástico e fez mais algumas perguntas. Chegando ao centro, expliquei onde o taxista podia nos deixar, já que estávamos indo jantar. Ela perguntou se poderia ir com a gente. Não queria que a conversa terminasse tão cedo. Ficamos felizes em aceitar sua companhia. Ela fez questão de pagar o taxi, apesar de nossos protestos. Fomos jantar juntos e fizemos mais uma amiga. É incrível a variedade de situações que nos levam a conhecer outras pessoas ao longo de nossa jornada.

Pegamos um trem para [Minsk](#) no dia seguinte. O bilhete foi barato e fácil de comprar pelo [site da Belarusian Railway](#). O trem era simples e tinha um jeitão bem soviético. A neve cobria tudo ao longo do caminho. Chegamos em Minsk e encontramos uma estação de trem moderna. Era central e bem conectada ao resto da cidade. Ao contrário de outras cidades, as redondezas da estação eram bonitas. Havia alguns prédios lindos bem em frente a ela.

Alugamos um apartamento central, cujo custo era um pouco elevado, usando créditos que tínhamos no [Airbnb](#). Achamos o prédio com facilidade, mas não conseguimos decifrar onde era a entrada dele. Nos países que faziam parte da União Soviética, é comum encontrar prédios enormes que possuem diversas portarias, em vez de uma única. Havia o número da portaria no endereço, porém eu não sabia o que fazer com aquela informação. Ainda não compreendia como esses prédios funcionavam.

A dona nos esperava no apartamento. Liguei para ela, que desceu para nos buscar. Estávamos tentando achar a portaria na rua onde o motorista do Uber nos deixou, porém a entrada estava no lado oposto do prédio, na rua paralela. Enquanto caminhamos até lá, percebi a existência de algumas portarias e finalmente compreendi o sistema de portarias deles.

Lá, assim como na maior parte da Europa, não existe porteiro. A gente recebe um chaveiro com um chip, o qual devemos aproximar da porta para fazê-la abrir. O [apartamento](#) revelou-se melhor que o esperado. Cama confortável, cadeiras boas, cozinha pequena e funcional, internet rápida com fibra ótica e aquecedor eficaz.

Nevou demais nos dias anteriores. Pela janela víamos caminhões passando com frequência para remover a neve e jogar sal na rua. Eles trabalhavam dia e noite para reduzir a quantidade de neve nas ruas e calçadas. Logo percebemos que a cidade era bem organizada para lidar com as nevascas.

A cidade nos pareceu bonita e bem iluminada. A neve caindo lhe dava um charme todo especial. As ruas eram largas, assim como as calçadas, porém não era fácil caminhar sobre elas. Por maiores que fossem os esforços para remover a neve, ela não parava de cair. A sensação de caminhar sobre ela é parecida com a de andar na areia, sendo que precisamos ter mais atenção. Alguns pontos acumulam gelo. A chance de escorregar é grande.

No site do [Couchsurfing](#), existe uma página para cada cidade ao redor do mundo, especialmente para as maiores. Nela, é possível ver a lista de eventos que estão programados, pessoas que moram no lugar e talvez possam oferecer acomodação, assim como viajantes que têm viagem programada para lá. Quando vamos para uma cidade, podemos entrar na página dela, no [Couchsurfing](#) e compartilhar nossos planos de viagem. Dessa forma, outras pessoas podem saber que estamos indo, consultar nosso perfil e se oferecer para nos acomodar ou para fazer um passeio com a gente.

Antes de irmos para Minsk, compartilhei nossos planos de viagem no [Couchsurfing](#) e recebi a mensagem de uma nativa. Ela se ofereceu para encontrar com a gente e mostrar um pouco da cidade. Chegamos no início da noite e fomos encontrar com ela logo em seguida. Como já estávamos no centro, foi fácil e rápido achar o ponto de encontro.

Ekaterina era professora de inglês. Ela se interessou pela história que leu em nosso perfil e quis nos conhecer. Como tínhamos acabado de chegar à cidade, precisávamos jantar. Ela nos levou a um bom restaurante, onde conversamos bastante. Nossa anfitriã era simpática e falante.

Apesar do frio, deixamos o restaurante após o jantar e fomos passear pelos principais lugares do centro. Já era tarde, mas ela nos explicou que

não havia nenhum perigo. A cidade era muito segura. Ela costumava andar sozinha a qualquer hora da noite e nunca houve nenhum problema. Nos dias seguintes, receberíamos a mesma informação das mais variadas pessoas. Minsk é uma das cidades mais seguras da Europa.

Adoramos o passeio. Nevou muito naquele dia. A cidade estava linda, coberta por um manto branco, realçado pelas luzes fortes do centro. Ficamos positivamente impressionados e voltamos para o apartamento agradecidos pelo passeio. Ekaterine foi para o metrô que, além de barato, funciona até uma da manhã. Ele nos seria bastante conveniente nos meses seguintes.

Compartilhar os planos de viagem no Couchsurfing foi uma ótima ideia. Além de Ekaterine, outras duas pessoas entraram em contato e fizeram passeios com a gente. Fiquei triste por não ter adotado essa ideia em outros lugares.

Chegamos em Minsk sem saber quanto tempo ficaríamos. Gostei da cidade desde o início, enquanto Pati ficou com algumas ressalvas. Ela tinha achado os supermercados ruins em Brest e estava achando o mesmo dos que já tínhamos encontrado em Minsk. Além da pouca variedade de produtos, ela pensou que não fosse conseguir encontrar alguns produtos naturais que sempre gosta de ter por perto.

Às vezes a gente chega em uma cidade e ela começa a achar que o lugar não tem tudo de que precisa. Isso ocorre desde que fomos para Bariloche. Eu sempre a explico que o lugar provavelmente tem tudo o que ela quer, a gente só precisa de alguns dias para descobrir. No caso de Minsk não foi diferente. Ela logo descobriria que a cidade tinha tudo de que precisava.

Sugeri que ficássemos lá caso encontrássemos um bom apartamento. Ela não gostou da ideia de início. Encontrei um [apartamento mais afastado](#), porém ao lado de um grande supermercado. Perguntei ao dono se poderíamos fazer uma visita. Ele não morava na cidade, mas pediu que uma amiga fosse lá e nos mostrasse o lugar.

O apartamento ficava na última estação da linha que liga a cidade de leste a oeste, portanto ficava a vinte minutos do centro. A saída do metrô era em frente ao prédio. Havia um hipermercado ao lado, assim como dois outros supermercados menores nas proximidades. Um deles no térreo do prédio. O apartamento era novo, bem equipado, silencioso e tinha uma cadeira confortável, além de conexão rápida com a internet.

Depois da visita, fomos ao hipermercado, onde Pati achou praticamente tudo o que buscava. O prédio do hipermercado também abrigava lojas, academia, cafés e restaurantes. Tudo ao lado do prédio onde ficaríamos hospedados. Pati gostou do lugar, tranquilizou-se em relação aos produtos que procurava e aceitou ficar lá por dois meses.

O apartamento custava 600 euros por mês. Depois da visita, entrei em contato com o dono e lhe fiz uma proposta de pagar 400 euros por mês e ficar dois meses. Se ele aceitasse, pagaríamos os 800 euros adiantados. Ele percebeu que não conseguiria alcançar esse valor alugando o apartamento esporadicamente durante o inverno e aceitou a proposta.

A temporada em Minsk foi produtiva. A nevasca que castigava a cidade quando chegamos teve vida curta. Durou apenas mais alguns dias e nunca mais voltou até o fim do inverno. A temperatura manteve-se acima de -10 graus a maior parte do tempo. Não foi dos invernos mais rigorosos.

Logo começamos a frequentar os encontros semanais do Couchsurfing. Assim como na Cracóvia, eles marcavam em um bar diferente a cada semana, o que nos fez conhecer diversos lugares legais.

Ficamos surpresos com a atenção e a simpatia das pessoas que frequentavam os encontros. Elas vinham conversar com a gente e demonstravam imensa curiosidade com nossa história. A Bielorrússia é um país que costuma receber poucos turistas por ter uma política antiquada de concessão de vistos. Uma das heranças malditas dos tempos soviéticos. O lado bom é que as pessoas têm menos contato com estrangeiros e mais curiosidade em conhecê-los.

Gostamos demais de todos os encontros e fizemos diversos amigos. Algumas pessoas começaram a nos procurar fora dos encontros e foram se tornando amigas próximas. Em um dos encontros, conhecemos uma nativa que falava português muito bem e morava na Índia uma parte do ano. Um dia ela nos levou para conhecer o curso de português onde aprendeu nosso idioma. Fizemos uma apresentação para a turma, que devia ter umas 15 pessoas. Em outro encontro, conhecemos outra nativa que também nos levou a outro curso de português. Nunca imaginamos que houvesse tanta gente interessada em falar português na capital da Bielorrússia.

Essa segunda nativa, que se chamava Alyona, acho que nossa história poderia interessar um portal de notícias locais. Ela entrou em contato e a publicação quis fazer uma entrevista com a gente. Fomos até a redação e conversamos com a repórter que não falava uma palavra em inglês. Alyona

serviu de intérprete ao longo da conversa. Depois o portal enviou uma fotografia para nosso apartamento, que tirou várias fotos para a matéria. Poucos dias depois, entramos na página inicial do portal e encontramos [nossa história](#). Como estava tudo em Russo, usamos o Google Translate para tentar entender a matéria. Por sorte, algum tempo depois, outro portal publicou uma [versão traduzida para o inglês](#).

Percebemos que havia alguns pontos controversos. A imprensa sofre restrições severas na Bielorrússia, que é governada pelo mesmo presidente há algumas décadas. Durante a entrevista, a repórter insistia em perguntas que tinham o claro objetivo de nos levar a criticar o país. Ela se frustrou porque não tínhamos praticamente nenhuma crítica até aquele ponto. Estávamos gostando de nossa experiência.

Depois descobrimos que é comum os repórteres usarem essa estratégia para que os entrevistados critiquem o governo e poupem a imprensa de fazê-lo. De qualquer modo, no nosso caso, a matéria acabou tendo um tom positivo, que fez muita gente criticá-la, afirmando que havia sido comprada pelo presidente.

Daí por diante, fomos reconhecidos algumas vezes na rua por pessoas que leram a matéria. No início, ficamos um pouco preocupados, porque havia comentários bastante críticos, os quais nos foram traduzidos por nossos amigos. Felizmente a maior parte era positiva.

Trabalhei muito no livro, enquanto Pati dedicou-se a gravar vídeos e aprender a editá-los cada vez melhor. Ela investiu bastante tempo em estudar edição e criar vídeos bonitos com o que já havíamos gravado. Foi um esforço que começou na Cracóvia e se intensificou na Bielorrússia. Ela não sabia ao certo o que faria com essa habilidade no futuro, mas tomou gosto pela parte de vídeo e aproveitou para se aprofundar. Produziu uns [vídeos muito legais](#) por lá.

Durante a estadia em Minsk, atingimos um raro equilíbrio entre trabalho e lazer na companhia dos amigos. Não apenas conhecemos muita gente, como estabelecemos algumas amizades fortes. Tivemos muitos encontros com os amigos, sempre priorizando momentos que não atrapalhassem o ritmo do trabalho.

Minsk é uma cidade barata. Pagamos o menor valor que já conseguimos para um ótimo apartamento em uma capital europeia. O transporte era um dos mais baratos que já vimos, quase de graça. Os preços eram bons no

supermercado. Comer fora era o único aspecto um pouco caro, que contrastava com o restante dos preços. Assim mesmo, não era tão mal.

Nos últimos dias, Pati já estava entediada e queria mudar de lugar. A área em que estávamos era boa, mas não era a mais bonita da cidade. O inverno também deixava os dias mais feios. Depois de dois meses, a gente fica cansado e querendo mudar de lugar.

Na minha avaliação, Minsk é um ótimo destino para nômades digitais brasileiros. Podemos ficar no país por até 90 dias a cada ano. Não é uma política tão boa quanto a dos demais países da Europa, porém é suficiente. Especialmente porque o país não faz parte da União Europeia nem do Schengen. É uma das muitas opções que estão disponíveis para o nômade digital brasileiro depois de ele passar uma temporada de três meses na Área do Schengen. A infraestrutura é excelente, as pessoas são muito amigáveis, o lugar é seguro, a conexão com a internet é rápida e os preços são baixos.

O maior inconveniente de lá é a necessidade de fazer o registro. Inclusive tivemos de fazê-lo também quando chegamos em Minsk. É uma burocracia chatinha, mas não é difícil de resolver se o dono do apartamento estiver disposto a ajudar.

Minsk pode ser uma ótima opção especialmente para quem foge do calor, mas deseja passar o verão na Europa. A temperatura é amena mesmo durante os meses de verão. A cidade tem muitos parques e muita área verde. Elas devem ficar lindas no verão. A combinação com temperaturas agradáveis deve criar um ambiente bastante agradável. Além disso as pessoas devem ficar ainda mais legais.

Ao fim de nossa estadia, pegamos um ônibus diretamente de Minsk para Kyiv. Era a opção mais barata e pareceu-nos confortável. Ela também nos deu a chance de passar por uma situação inesperada na fronteira.

Saldo da Bielorrússia

Número de dias: 70

Custo de viagem: R\$ 5.643 (US\$ 1.757)

Média/mês: R\$ 2.418 (US\$ 753)

Média/dia: R\$ 81 (US\$ 25)

Custo de acomodação: R\$ 3.545 (US\$ 1.101)

Média/mês: R\$ 1.519 (US\$ 472)

Média/dia: R\$ 51 (US\$ 16)

Custo de deslocamento: R\$ 1.408 (US\$ 442)

Média/dia: R\$ 20 (US\$ 6)

Seguro de saúde: R\$ 689 (US\$ 215)

Média/dia coberto: R\$ 10 (US\$ 3)

Ucrânia

Quando fomos para a [Ucrânia](#), sabíamos que o país tinha potencial para ser um ótimo destino para nômades digitais. Já tínhamos escutado alguns relatos que indicavam isso. Entretanto, não sabíamos que estávamos prestes a descobrir o melhor destino para nômades que já conhecemos. Ingressar no país, entretanto, não seria fácil.

Sáimos de Minsk por volta das 20h. A viagem foi suave e a estrada era boa na maior parte do tempo. Só piorou um pouco quando já estávamos próximos de deixar o país. Alcançamos a fronteira por voltas de uma da madrugada. O ônibus parou no lado bielorusso e todos desceram para fazer os procedimentos de imigração. Havia apenas um oficial, cuja aparência lembrava a de um policial dos tempos soviéticos. Era a imagem exata do que vemos nos filmes. Um senhor corpulento, vestindo uniforme militar, com um chapéu de pele e cara de poucos amigos.

Ele pegava o passaporte, conferia o cartão de imigração, onde devia constar o registro, carimbava a saída no passaporte e chamava o próximo. Eu estava apreensivo. Nosso registro era até o dia 15 de março. Como já tinha passado da meia-noite, já era dia 16. Temia que isso pudesse se tornar um problema. Felizmente não foi o caso. Ele carimbou nosso passaporte sem dizer uma palavra e fomos embora aliviados, certos de que entraríamos na Ucrânia sem problemas. Estávamos enganados.

O ônibus avançou para o lado ucraniano, parou e todos desceram para fazer a imigração. Duas agentes conferiam e carimbavam os passaportes. Tudo ia bem até chegar nossa vez. A agente olhou nosso passaporte com espanto, deteve-se por um tempo, ficou intrigada e começou a nos perguntar alguma coisa em russo. Usamos o inglês para dizer que não compreendíamos. Ela fez cara de desgosto, não falava inglês. Fez sinal com

as mãos para a gente se afastar e esperar. Chamou o próximo da fila e tratou dos demais passageiros antes de voltar a nosso caso.

Em princípio, ela parecia não saber se podíamos ingressar no país sem visto. Consultou um caderninho e chamou a outra colega para discutir a questão, a qual também parecia não saber ao certo. As duas discutiram entre elas e tentaram se comunicar com a gente novamente, sempre em russo ou ucraniano. Tudo menos inglês.

Um passageiro bielorusso voltou para ver o que estava acontecendo, já que o ônibus estava atrasado. Conversou com a agente, percebeu que havia um problema de comunicação e se ofereceu para ajudar como intérprete. As agentes queriam saber para onde íamos e quanto tempo queríamos ficar. Dissemos que íamos para [Kyiv](#) para ficar 15 dias. Perguntaram se tínhamos dinheiro e alguma reserva de acomodação. Respondemos que sim e peguei o iPad para mostrar a reserva no [Airbnb](#). Ela pediu para ver o papel. Eu não tinha. Sempre imprimo as reservas, porém não consegui fazê-lo antes da viagem. Ela não gostou de ver a reserva no iPad e ficou ainda menos feliz quando viu o [Airbnb](#). Nunca tinha ouvido falar daquilo. Tampouco ajudou o fato de a reserva estar em português.

Elas discutiram um pouco mais entre si enquanto o rapaz escutava e tentava nos tranquilizar dizendo que ficaria tudo bem. Ele explicou que elas estavam preocupadas porque ficamos quase três meses na Bielorrússia. Talvez elas nunca tivessem visto brasileiros passando por aquele posto de fronteira, muito menos que tivessem passado tanto tempo no país vizinho. Fugimos do padrão e isso causou preocupação. Contrariadas, elas nos deixaram passar. Antes disso, fotografaram nossos passaportes e a reserva do [Airbnb](#).

Aliviados, voltamos para o ônibus e seguimos viagem, porém com mais emoção. O veículo começou a chacoalhar sem parar. A estrada no lado ucraniano tinha mais buracos que um queijo suíço. Foi uma das piores estradas que já encaramos na vida. Ainda não sei como o ônibus sobreviveu a ela sem quebrar. Chegamos em [Kyiv](#) no início da manhã e caminhamos preocupados pelas proximidades da rodoviária até acharmos um caixa eletrônico.

Antes de ir para a Ucrânia, todos nos alertavam que deveríamos ficar atentos porque o país era perigoso. Havia um risco alto de furtos, portanto precisaríamos ficar atentos a nossos pertences, como se já não ficassemos

sempre. Logo descobriríamos que o lugar estava longe de ser tão perigoso quanto nos alertavam.

Pegamos o metrô para o apartamento. O jeitão era idêntico ao de Minsk, Tbilisi, Moscou e São Petersburgo. Pudera, afinal todas essas cidades pertenceram a um único país por quase um século, a [União Soviética](#). O preço era ainda mais barato que o de Minsk, que já era baratíssimo. Em Kyiv, custava 4 *hryvnia*, o que equivalia a R\$ 0,49 (US\$ 0,15) ou quase dez vezes menos que uma passagem do metrô do Rio. A diferença é que o metrô de Kyiv era mais lento e chacoalhava bastante.

Reservamos um bom apartamento ([fotos](#)) por 15 dias em uma área pouco central, porém com acesso fácil através do metrô. Como eu precisava trabalhar no livro, queria passar a maior parte do tempo em casa. A distância do centro não seria um problema.

No edifício em que ficamos, havia um supermercado grande no térreo. Também havia outros nas proximidades. Ao lado do prédio havia uma academia gigantesca, bem como algumas lojas e um restaurante de comida japonesa, chamado [Eurasia](#). Foi o primeiro restaurante que visitamos na cidade. Serviu para termos uma ideia do que estava por vir.

Ele era lindo por dentro. Projeto moderno, porém aconchegante. No menu, havia um [business-lunch](#) que incluía sopa, salada, prato principal, guarnição e bebida. Tudo isso por 99 *hryvnia*, que correspondiam a R\$ 12 (US\$ 3,67). Pedi uma sopa semelhante às que tomávamos no Japão, uma salada de algas e uma espécie de [yakisoba](#) como prato principal. Entre as bebidas, podíamos escolher entre café, chá ou vinho. Pedi uma taça de vinho tinto e Pati ficou com o chá verde.

Para minha surpresa, a sopa era grande e tão gostosa quanto as que comemos no Japão. A salada de algas era ótima e vinha com um molhinho à base de amendoim, exatamente igual às que comemos no Japão. O [yakisoba](#) também era grande e estava gostoso. O vinho era melhor que o esperado. O chá verde vinha em um bule grande, que daria para servir três pessoas. O sabor era o mesmo do que havíamos provado no Japão. Foi difícil acreditar que comemos tanta comida boa, em um ambiente tão legal e pagando tão pouco. Mal sabíamos que aquilo era só o começo.

Nosso bairro tinha muitos prédios com estilo soviético. Ninguém poderia acusá-lo de ser o mais bonito da cidade. O apartamento revelou-se melhor que o esperado. Cama confortável, cadeiras confortáveis, cozinha bem equipada, tamanho ideal e conexão rápida com a internet. Além disso

era silencioso e tinha uma boa cortina, que deixava o ambiente todo escuro durante a noite. Dormimos bem demais por lá.

Como gostamos do lugar, conversamos com a dona e estendemos a estadia para um total de um mês e meio. O valor foi equivalente a 500 euros por mês, todas as contas incluídas. Como era bastante razoável e abaixo de nosso orçamento, não quis arriscar uma resposta negativa, portanto nem cheguei a pedir desconto.

Tivemos dias muito produtivos nesse apartamento. Pati dedicou-se ainda mais a aprender a editar vídeos. Ela produziu alguns [vídeos bem legais](#) em Kyiv e suas habilidades de edição melhoraram ainda mais.

Algumas coisas nos chamaram a atenção na cidade. Há mais comércio que na Bielorrússia. Além das lojas, há uma grande quantidade de barraquinhas e ambulantes. A cidade é movida a café. A cultura de café é muito forte, a mais forte que já encontramos na Europa. Além das cafeterias, há muitas barraquinhas vendendo café por todos os lados. Sempre há uma por perto.

Kyiv tem uma grande quantidade de cafés, restaurantes e bares. Os lugares são bonitos e bem projetados. A comida é boa e costuma ser barata. A bebida também é muito barata. É uma cidade excelente para quem gosta de sair e curtir lugares legais.

Chegamos no fim do inverno. O verde foi retornando com o passar dos dias. Logo descobrimos que a cidade conta com muitas áreas verdes. Muito além do que estamos acostumados em outras cidades europeias.

Grande parte disso nós só descobrimos ao final de nossa estadia. Passamos o primeiro mês trabalhando muito e saindo pouco do apartamento. Raras foram as vezes que saímos do bairro. Isso me ajudou a avançar no livro, porém deixou Pati entediada. Daí começamos a sair com os *notebooks* e fomos visitar alguns cafés da cidade, até que descobrimos aqueles nos quais conseguíamos trabalhar de forma mais produtiva. Em todos eles, os preços eram bons e a conexão com a internet era rápida.

Concluimos que Kyiv é a capital europeia com o melhor custo/benefício para nômades digitais. Os preços são semelhantes ao do Sudeste Asiático, mas a infraestrutura é de Europa. Em particular, há uma boa oferta de apartamentos que seguem os padrões europeus. São simples, possuem poucos ambientes, porém são funcionais. É fácil achar um apartamento com tudo o que a gente precisa. E a conexão com a internet é sempre rápida.

Para quem não quer trabalhar em um casa, há uma grande oferta de cafés e restaurantes. Como também são baratos, são boas alternativas.

Conhecemos diversas pessoas na cidade e elas foram sempre muito simpáticas e amigáveis. Kyiv recebe muitos visitantes, portanto as pessoas estão acostumadas com estrangeiros. Ao contrário do que nos alertaram, a cidade nos pareceu segura. Caminhamos com tranquilidade durante o dia e até tarde da noite. Nunca vimos nada esquisito ou nos sentimos amedrontados. No metrô, onde supostamente operam batedores de carteira, não tivemos nenhum problema.

Um detalhe interessante é a atitude geral dos ucranianos, que nos pareceu sempre bastante relaxada no que diz respeito ao cumprimento das regras. Na Bielorrússia, Pati sentiu-se incomodada com a dificuldade de tirar fotos e fazer vídeos. Havia proibições em muitos lugares, sejam eles públicos ou privados. Chamaram a atenção dela diversas vezes. O país ainda não se livrou completamente dos tempos soviéticos, o que talvez explique o excesso de cuidado que as pessoas têm com fotos e vídeos. Na Ucrânia é exatamente o oposto. Pati logo percebeu que podia fotografar e filmar o que bem entendesse. Ninguém dava a mínima. Inclusive as pessoas, especialmente as mulheres, são loucas por fotos. A todo momento fazem poses para os intermináveis *selfies*.

Pegamos um trem para [Odessa](#) quando nossa estadia chegou ao fim. Optamos pela primeira classe do trem mais rápido, que fazia o percurso em sete horas. A passagem foi barata. Havia tomadas, WiFi rápido e serviço de bordo oferecendo comida e bebida por valores baixos. Esse trem é bem diferente da maior parte dos trens ucranianos, os quais costumam ser antigos e menos confortáveis. Ele opera apenas em algumas linhas que ligam as principais cidades. Saiu e chegou nos horários marcados. Não houve atrasos nessa viagem nem em nenhuma outra que tenhamos feito dentro da Ucrânia. Assim como no caso da Bielorrússia, foi fácil comprar a passagem pela internet e bastava mostrar o *e-ticket* diretamente no smartphone.

Odessa

Quando pensei em ir para a Ucrânia, a cidade que tinha em mente era [Lviv](#), no oeste do país. De fato, antes de saber que podíamos ir para a Bielorrússia sem visto, o plano era ir diretamente da Cracóvia para Lviv,

onde passaríamos três meses. Felizmente mudamos os planos, o que nos fez conhecer Kyiv e, em especial, Odessa. É uma cidade para a qual quis ir só para matar a curiosidade de como seria essa parte do país e eventualmente tornou-se uma de nossas cidades favoritas no mundo.

Achei um apartamento no centro histórico da cidade. Ficava a apenas alguns metros da belíssima *opera house*. Ele era bom, com exceção do banheiro que seguia o padrão oriental, onde todo o chão fica molhado após um banho. Como detesto esse tipo de banheiro, fiquei frustrado com essa questão. Tirando isso, ele atendia bem.

O centro é compacto e fácil de navegar a pé. Assim como em Kyiv, há uma imensa quantidade de restaurantes, cafés e bares, um melhor que o outro. Porém, como a área é menor, há uma maior concentração desses lugares, o que faz a gente ficar perdido com tantas possibilidades boas. Mesmo sendo uma área turística, os preços se mostraram ótimos.

Fomos a um encontro do Couchsurfing e conhecemos muita gente legal. Em Kyiv, os encontros eram bons, mas havia muitos estrangeiros, o que os tornavam um pouco menos interessantes. Já em Odessa, a maior parte dos frequentadores eram ucranianos ou estrangeiros que residiam na cidade, sobretudo estudantes. As pessoas nos pareceram ainda mais relaxadas, simpáticas e interessadas em nos conhecer. Elas nos convidaram para outros eventos e logo ficamos com a agenda cheia de atividades sociais.

Uma das meninas que conhecemos nesse encontro nos falou sobre o [4City](#), um restaurante que estava abrindo e trazia alguns conceitos inovadores. Era um lugar grande onde havia um restaurante, um café, um *coworking* gratuito e um *coworking* pago. Fomos conhecer e ficamos encantados. Decidimos passar mais tempo na cidade e alugamos outro apartamento, mais próximo desse lugar, onde passamos a trabalhar quase todos os dias. Quase sempre tínhamos a companhia de André, um nômade digital português que também estava por lá.

Odessa é uma cidade onde vive-se muito bem. Os preços são ainda menores que em Kyiv. Perdi a conta da quantidade de vezes que pegamos o Uber e o valor final da corrida não passou do mínimo, 20 UAH (US\$ 0,75), que equivaliam a R\$ 3,00.

Assim como em Kyiv, há muito verde na cidade. Existe um parque enorme, do qual conhecemos apenas uma pequena parte, que se estende ao longo de grande parte da orla. Existem muitas praias, restaurantes e cafés ao

longo de toda a orla. O lugar é agradável e bonito, especialmente nos meses mais quentes, entre a primavera e o outono.

Odessa conquistou nosso coração e tornou-se um dos destinos nômades que mais amamos até hoje. Foi um enorme pesar quando partimos de lá. É uma cidade para a qual desejamos voltar muitas outras vezes. E não fomos os únicos a pensar assim. André, nosso amigo português, ficou lá depois que saímos e só foi embora quando seu tempo de visto estava para terminar.

Como estava viajando sozinho, ficou hospedado em um albergue. Depois de negociar um pouco, conseguiu pagar o equivalente a R\$ 10 por noite e nos contou que o lugar era excelente. Para almoçar, ele raramente chegava a gastar R\$ 8. Pagava a metade na janta, porque o lugar onde gostava de comer oferecia 50% de desconto depois das 22:00. Sua estadia só não foi mais econômica porque ele bebia várias cervejas todas as noites. Pudera, elas eram baratas e deliciosas. Ele trabalhava como *freelancer* apenas duas vezes por semana e isso era mais do que suficiente para ele viver bem na cidade.

Depois de adiar a partida umas três vezes e ficar quase um mês em Odessa, fomos para Lviv para passar os últimos dias no país. O tipo de trem que pegamos para Odessa também existia para Lviv, porém saía de Kyiv. Podíamos voltar para lá e pegá-lo, no entanto os horários eram inconvenientes. Optamos por pegar um trem noturno direto que levava doze horas. Reservamos os assentos em um compartimento de quatro pessoas. No dia da partida, fazia muito calor. O Sol brilhava forte e o trem saía no meio da tarde, quando o calor parecia estar no auge. André e Irina foram até a estação para despedirem-se de nós. André tinha chegado em Odessa em um trem daqueles e já sabia o que nos esperava. Nós logo descobriríamos.

Entramos no trem e fazia muito calor no vagão. Tudo era preparado para o frio. Não havia quase nenhuma ventilação, muito menos ar condicionado. Não seria fácil viajar naquelas condições. Em cada parede do compartimento havia duas camas, uma embaixo e a outra em cima. Sem saber, reservei as duas camas de cima, onde o calor parecia se acumular com mais intensidade.

Quando chegamos ao compartimento, já havia um casal simpático, que viajaria nas camas de baixo. Eles nos ajudaram a arrumar os lençóis e travesseiros das camas de cima. Estavam acostumados e relaxados naquela situação. Assim que o trem saiu, eles mudaram de roupa. Vestiram roupas

leve e sandálias. Demos bobeira e fizemos todo o percurso de calça jeans, a qual já tinha ficado ensopada de suor quando chegamos ao trem.

O percurso foi longo e o trem parou diversas vezes pelo caminho. Quando a noite caiu, a temperatura melhorou e conseguimos descansar com mais facilidade. A viagem não foi tão ruim quanto pareceu que seria em um primeiro momento. O detalhe é que viajar de ônibus não seria melhor. As estradas são péssimas em todo o país, o que torna as viagens desconfortáveis e perigosas.

Lviv

Chegamos no início da manhã na imponente estação de Lviv - grande e majestosa, como as de Odessa e Kyiv. Caminhamos para fora da estação, nos afastamos do burburinho de taxis e paramos diante de um pequeno café. Havia diversos cafés e restaurantes abertas, embora ainda estivesse de madrugada. Peguei o *smartphone* para solicitar um Uber e fiquei chocado com o valor da corrida. Havia muita demanda naquele momento e a tarifa tinha saltado para escandalosos 80 UAH (menos de R\$ 10). Muita gente chegou no mesmo trem e solicitou o Uber ao mesmo tempo, pensei comigo. Sugeri a Pati que esperássemos alguns minutos. A tarifa provavelmente baixaria depois que todos fossem embora dali. Conferi novamente algum tempo depois e os valores continuavam "altos". Desisti de esperar.

Solicitei o Uber e demorou para algum motorista aceitar a corrida. Finalmente apareceu o nome e a placa do condutor. Ele estava longe de lá e demoraria mais de dez minutos para chegar. Instantes depois, ele cancelou a corrida. Droga. Solicitei de novo. Outra pessoa aceitou e também cancelou a corrida minutos depois. O fato se repetiu algumas vezes e me deixou transtornado. Por alguma razão, ninguém queria buscar a gente perto da estação de trem.

Confesso que tenho implicância com taxistas. Fujo deles como se fossem a peste bubônica. É algo tão forte que às vezes me leva a atitudes pouco racionais. Sugeri que caminhássemos em direção à acomodação e tentássemos o Uber quando estivéssemos mais afastados da estação. Pati aceitou resignada e caminhou a meu lado com sua mochila pesada por aproximadamente um quilômetro. Tentei o Uber novamente e obtive os mesmos resultados. Taxis passavam e eu fingia que não os via. Quando

estávamos mais próximos da acomodação, sugeri que fizemos o restante do trajeto a pé.

Na Ucrânia, os serviços privados funcionam bem, enquanto os públicos muito mal. Ruas não são bem mantidas e calçadas tampouco. Estávamos arrastando uma malinha de rodinhas. Embora fosse pequena, pesava mais de dez quilos. Com frequência eu precisava suspendê-la, porque era inviável arrastá-la sobre um pavimento tão esburacado.

Chegamos ao *hostel* exaustos depois de 12 horas de trem e uma hora caminhando pela cidade sem necessidade. Independente do valor e do risco de ser extorquido por um taxista, não fazia sentido gastar tempo e esforço depois de tantas horas de viagem. Especialmente em um lugar tão barato quanto a Ucrânia. Há momentos em que a gente precisa flexibilizar as regras que segue porque as circunstâncias pedem. Uma pena que eu não tenha lembrado disso naquele momento.

Alugamos um quarto privado em um albergue para passar as primeiras duas noites. Não quis pegar um apartamento no [Airbnb](#) porque chegaríamos cedo demais, o que tornaria inconveniente o processo de *check in*. Fazia tempo que não optávamos por um albergue. André nos falou bem dos albergues de Lviv, então decidimos tentar. Até porque, sempre há a chance de conhecer outras pessoas em *hostels*, o que nos pareceu uma boa desculpa para experimentar o lugar. De fato, ele era bom, mas ficar em um apartamento é ainda melhor.

Tomamos um banho, dormimos e acordamos no início da tarde. Pedimos à recepcionista alguma recomendação de lugar para comer. Ela nos enviou para o [Baczewski](#). Mal sabíamos que estávamos indo para um dos melhores restaurantes da cidade. Que lugar maravilhoso. É enorme e contém diversos ambientes diferentes. Nessa primeira visita, conhecemos apenas os fundos, que parece uma estufa, cheia de plantas e uma decoração linda.

Fiquei feliz ao encontrar uma [zurek](#) no menu, uma sopa polonesa maravilhosa. Pedimos uma e os pratos principais. A sopa foi uma das melhores que já provamos e os outros pratos não deixavam nada a desejar. Tivemos um almoço delicioso, em um dos melhores e mais lindos restaurantes da cidade, por um valor que não chegou nem a R\$ 40 para nós dois. Caro para a Ucrânia, mas perfeitamente aceitável para o nível do lugar, da comida e do atendimento. Adoramos a experiência.

Os amigos que já tinham visitado a cidade nos disseram que ela parecia uma versão reduzida da Cracóvia, com preços ainda melhores. A descrição

nos pareceu correta. A cidade tem uma concentração ainda maior de restaurantes e cafés. A quantidade de opções é impressionante para um lugar tão pequeno.

Apesar disso, a cidade não nos encantou de imediato, talvez porque ainda estivéssemos saudosos depois de dias tão bons em Odessa. A comparação era inevitável. Odessa era mais bonita e tranquila. Talvez por ser tão pequena, Lviv era mais tumultuada. Havia muita gente nas ruas e pouco espaço para acomodar todo mundo. As pessoas andavam mais apressadas e estressadas, diferente do que esperávamos que seria.

Depois da primeira impressão, decidimos passar mais tempo na cidade. Havia um feriado no meio do caminho, o que atrapalhou a busca por acomodações. Pegamos um apartamento simples durante o feriado e planejávamos mudar para outro em seguida. O lugar era pior que o imaginado, mas deu para o gasto. Como havia muitos cafés na cidade, aproveitamos para conhecê-los. Voltávamos para o apartamento apenas para dormir.

Experimentamos vários cafés nos dias que passamos por lá até descobrirmos aqueles onde trabalhávamos com maior conforto. Mesmo depois que mudamos para um apartamento bom, preferimos continuar a ir para os cafés. Os ambientes eram muito bonitos. A gente se sentia mais energizado e com vontade de trabalhar. Além disso, os preços eram baixos, então a gente não se importava com o quanto estivesse gastando neles. Isso é um aspecto muito bom da cidade. É possível ir para lá e ficar em uma acomodação que não tenha mesa nem cadeiras boas, pois sempre é possível ir para algum café para trabalhar com conforto. A diferença em relação a Kyiv e Odessa era a velocidade da internet, que era mais lenta em Lviv, mas nada que comprometesse nosso trabalho.

À medida que os dias foram passando, conhecemos algumas pessoas nos encontros do Couchsurfing. Elas se mostraram simpáticas como nas cidades que já havíamos visitado antes. Precisávamos ir a um dentista. Já fazia algum tempo desde a última limpeza. Pedimos recomendações às pessoas que conhecemos nos encontros e fomos visitar um consultório em uma parte mais afastada da cidade. O lugar não era sofisticado, mas o dentista nos impressionou. Fez um trabalho cuidadoso e executou alguns procedimentos que nunca havíamos visto. Ele identificou problemas que não sabíamos que tínhamos, falou sobre cada um deles de forma detalhada e nos pareceu competente, além de muito gente boa. A limpeza custou 500

UAH (US\$ 18,83), o que equivalia a R\$ 60. Uma fração do que costumávamos pagar no Brasil.

Lviv oferece uma infraestrutura invejável para um nômade digital, a um custo muito baixo. É um lugar perfeito para quem adota esse estilo de vida. Entretanto foi difícil manter o foco no trabalho. Sentíamos como se a cidade estivesse sempre em clima de festa. Havia muitas coisas legais para fazer e todo mundo parecia estar se divertindo o tempo todo. Talvez porque houvesse uma grande quantidade de turistas em um espaço tão pequeno. Sentíamos como se estivéssemos em uma cidade turística no meio do Carnaval. É o tipo de cidade que exige mais autocontrole.

Não pudemos ficar muito tempo em Lviv porque estávamos próximos de alcançar o limite de 90 dias na Ucrânia. Queríamos seguir por terra para o sul e cruzar para a Romênia. Antes disso, ainda passaríamos por duas cidades pequenas no oeste da Ucrânia. A primeira seria [Ivano-Frankivsk](#), que podia ser alcançada de trem desde Lviv. Eram apenas duas horas de viagem.

Ivano-Frankivsk

Reservamos duas noites em um [apartamento próximo à estação de trem](#). Bastava atravessar a rua e já estávamos no prédio. De lá conseguíamos andar com facilidade até o centro. A cidade não é nem tão pitoresca nem tão turística quanto Lviv, portanto recebe poucos visitantes. Fiquei curioso para conhecê-la quando escutei a história do [4City](#), de Odessa, e descobri que a inspiração tinha vindo do [Urban Space](#), de Ivano-Frankivsk. Daí quis conhecer a cidade e entender o que ela tinha a oferecer.

Para nossa surpresa, encontramos diversos cafés e restaurantes excelentes, com projetos tão legais quanto os que vimos em Lviv, Odessa e Kyiv. Nunca imaginei que uma cidade pequena, do interior da Ucrânia, pudesse concentrar tantos lugares legais e bem projetados. Infelizmente não pudemos desfrutar deles na primeira noite.

Chegamos na cidade por volta das 21h. Depois de fazer o *check in* no apartamento, caminhamos até o centro e chegamos quando as cozinhas dos restaurantes já estavam fechando. Não achamos nenhum lugar legal onde ainda estivessem servindo comida. Desistimos e voltamos para o nosso prédio, onde existia uma restaurante *fast food*, de uma cadeia conhecida na

cidade, chamada [Chicken HUT](#). Não é o nosso tipo de lugar porque não curtimos *fast food*, mas era o que havia disponível.

O interior era mais legal do que imaginávamos. Olhamos para o menu acima do caixa e vimos uma pizza *margherita* grande por 42 UAH (US\$ 1,59), o que correspondia a R\$ 5,00. Como assim? Uma pizza grande por R\$ 5,00? Pedimos para conferir, apostando que não seria tão grande assim. Perdemos a aposta. A pizza era grande mesmo e estava deliciosa. Por R\$ 5, nos vimos obrigados a pedir outra. Imagine a nossa decepção, dias depois, ao voltar para o Rio de descobrir que uma pizza do mesmo tamanho custaria dez vezes mais. A Ucrânia nos acostumou mal.

Antes de sair de Lviv, registramos nossa passagem por Ivano-Frankivsk e Chernivitsi (a cidade seguinte) no site do Couchsurfing. Uma pessoa de cada uma dessas cidades entrou em contato com interesse de encontrar com a gente. Foi assim que conhecemos Ana e Viktor em Ivano-Frankivsk. Passamos uma tarde agradável com eles no lindo parque da cidade e nos encantamos pelo lugar.

Antes de encontrar com eles, vivemos uma experiência surreal. Fomos ao restaurante que nos foi recomendado pelo dono do apartamento, chamado [Desiatka](#). É o restaurante número um da cidade no [Tripadvisor](#). Fiquei assustado quando abri o menu. Na parte dos pratos principais, os preços eram de R\$ 3 a R\$ 6. Como é possível que um prato principal custe tão pouco? Achamos estranho e imaginamos que fossem porções pequenas, então exageramos na dose. Pedimos sopa, salada, três pratos principais, batatas rústicas, suco e cerveja (que custava R\$ 3,00 para 500 ml). O garçom fez uma cara esquisita, mas aceitou, talvez porque não quisesse gastar seu inglês limitado.

Alguns minutos se passaram e uma pessoa veio da cozinha para avisar que aquele pedido não fazia sentido. Pedimos comida demais e não havia a menor chance de conseguirmos comer tudo. Sugeri que cortássemos um dos pratos principais, o mais caro. Ficamos surpresos, mas aceitamos a sugestão. Ele estava certo. Foi trabalhoso comer tudo o que veio. A comida estava deliciosa, assim como a cerveja e o suco. Quando a conta chegou, desvendamos o mistério. O preço de cada prato principal indicava o valor para cada 100g de carne. Na prática, cada prato vinha com aproximadamente 300g de carne, portanto o valor a pagar era três vezes maior do que aparecia no menu. Assim mesmo, a conta do banquete deu R\$

26. Teria sido a metade se tivéssemos pedido apenas os pratos principais. E seria suficiente.

Visitamos o [Urban Space](#) e gostamos do lugar. É menor que o 4City de Odessa e não tem tantas cadeiras confortáveis para se trabalhar, porém a cidade é menor. Suspeito que o lugar não fique cheio.

Apesar de ser uma cidade pequena, ela oferece uma infraestrutura boa para quem vive como nômade digital. Os preços são ainda menores que nas demais cidades que visitamos antes. Ivano-Frankivsk é mais calma que Lviv e não há esse clima permanente de festa. É um bom lugar para quem quer trabalhar sossegado e sem maiores distrações. Assim como em Lviv, a velocidade da conexão com a internet não é tão alta quanto em Odessa e Kyiv.

Chernivtsi

A última cidade que visitamos na Ucrânia chama-se Chernivtsi. Fica próxima à fronteira com a Romênia e serve de base para visitar outros lugares mais populares, como as [carpatian mountains](#) e [Kamianets-Podilskyi](#). Não tivemos tempo para ir a nenhum desses lugares. Passamos apenas um dia na cidade.

Conhecemos Sacha e Zhana por conta do Couchsurfing. Eram dois estudantes do curso de letras, que estavam se especializando em inglês. Eles nos levaram para conhecer o prédio principal da universidade, um lugar lindo. Não sabíamos que tratava-se de um ponto turístico importante da cidade. Não teríamos conhecido o lugar se não fosse por eles. Como era domingo, não havia aulas, porém era possível visitar o prédio pagando uma entrada.

Sacha e Zhana, como bons estudantes, estavam acostumados a gastar o mínimo possível. Não queriam pagar a entrada. Negociaram com o guarda, mostraram a carteirinha de estudante e conseguiram entrar. Eu e Pati pagamos 30 UAH cada um, em torno de R\$ 7 no total. Eles também discutiram com o guarda sobre o passeio guiado que levava até as salas mais bonitas do prédio. Desistiram quando souberam o preço.

Caminhamos pelo pátio, tiramos fotos, fizemos vídeos e os dois identificaram uma oportunidade. Havia um grupo de turistas diante de uma guia que não parava de falar, em ucraniano. Nossos amigos foram se aproximando do grupo e nos chamando para perto. O grupo se moveu e

fomos juntos. Passamos a fazer parte dele. O grupo entrou no prédio e nós juntos. A guia continuava explicando em ucraniano. Sacha me confidenciou suas intenções. Fingir que havia pago pelo passeio e continuar com o grupo até as salas mais bonitas. Em tom brincalhão, disse-lhe que torcia pelo êxito do plano, mas temia que minha cor de pele pudesse comprometê-lo. Não é possível que a guia acreditasse que um moreno sul-americano estivesse compreendendo o que ela dizia. Dito e feito.

Chegamos à sala majestosa. Enquanto eu e Pati ficávamos de boca aberta com a beleza do lugar, a guia pediu licença, chamou nossos amigos no canto e pediu para ver os tíquetes deles. Eles não tinham. Ela os desmascarou e ficou furiosa. Ordenou que nós quatro saíssemos. Tarde demais, já tínhamos alcançado o objetivo. Nossos amigos saíram um pouco constrangidos, porém se justificaram com a gente dizendo que não queriam que tivéssemos mais gastos. Já bastava o tanto que tínhamos pago na entrada. Perguntei quanto custaria para a gente se juntar ao grupo da guia. Seriam mais 30 UAH para cada um, portanto R\$ 13 para os quatro. Puxa vida, se eu soubesse teria pago desde o início. A boa notícia é que ficamos com a memória de uma situação engraçada.

Chernivtsi é uma cidade cheia de altos e baixos com ruas de paralelepípedos. Lembra um pouco as cidades históricas do interior de Minas Gerais, como Ouro Preto. É um lugar mais desafiador para quem anda à pé. Também encontramos bons cafés e restaurantes por lá, porém a cidade não nos atraiu como um bom destino para nômades digitais.

Chegamos ao fim da viagem pela Ucrânia e concluimos que o país é o melhor destino para nômades digitais que estão em busca do equilíbrio ideal entre custo e benefício. Odessa foi a cidade de que mais gostamos, porém Kyiv, Lviv e Ivano-Frankivsk são igualmente excelentes. Quem está viajando com pouco dinheiro e precisa passar uma temporada quieto em um lugar barato, porém legal, a Ucrânia é imbatível.

Vale dizer que nos sentimos seguros em todas as cidades que visitamos e fomos bem tratados em todos os lugares. Isso surpreende quem vê os noticiários e escuta falar sobre os conflitos no leste do país. Eles existem, mas não afetam o restante da Ucrânia. Ao menos não afetavam enquanto estávamos lá. Essa é mais uma demonstração de que há uma grande diferença entre o mundo real e aquele que vemos na TV.

Assim como a Bielorrússia, a Ucrânia não faz parte da União Europeia nem do Acordo de Schengen. Brasileiros podem visitar o país como

turistas, sem visto, por um período de até 90 dias a cada 180.

Saldo da Ucrânia

Número de dias: 82

Custo de viagem: R\$ 8.022 (US\$ 2.509)

Média/mês: R\$ 2.935 (US\$ 918)

Média/dia: R\$ 98 (US\$ 31)

Custo de acomodação: R\$ 5.706 (US\$ 1.785)

Média/mês: R\$ 2.088 (US\$ 653)

Média/dia: R\$ 70 (US\$ 22)

Custo de deslocamento: R\$ 1.509 (US\$ 473)

Média/dia: R\$ 18 (US\$ 6)

Seguro de saúde: R\$ 808 (US\$ 251)

Média/dia coberto: R\$ 10 (US\$ 3)

Romênia

Nosso próximo destino era [Cluj Napoca](#), na [Romênia](#). Chegar lá demandaria paciência. Era preciso pegar um ônibus de Chernivtsi para [Suceava](#), na Romênia. Depois um trem de lá para Cluj. Seriam mais de 12 horas de viagem.

Nosso ônibus saía às 7:00 da manhã. Chegamos à rodoviária mais cedo que o esperado, por volta das 6:00. Buscamos um banco, onde deixei Pati sentada e saí para procurar de onde saía nosso ônibus. Fui rodando a rodoviária e lendo as placas em cirílico. Nenhuma delas indicava o que buscava. Quando estava terminando a busca, vi um ônibus bem feio, daqueles em que você espera encontrar pessoas carregando galinhas e todo tipo de esquisitice. Achei que fosse um desses ônibus que levavam para algum vilarejo nas proximidades. Por via das dúvidas, me aproximei para conferir e descobri que aquele era nosso ônibus. Tive de rir para não chorar. Ao menos seria um trajeto curto até Suceava. Isso se os guardas não detivessem o ônibus por muito tempo na fronteira.

Encontramos com um alemão que havíamos conhecido em um encontro do Couchsurfing em Lviv. Trocamos uma ideia e nos instalamos nas poltronas precárias do ônibus. O assento de Pati estava com o encosto quebrado. Dei-lhe o meu e fui para o de trás, torcendo para o ônibus não encher. Bogodan, um romeno simpático, chegou e puxou papo com a gente. Fui conversando com ele durante o caminho.

Passar pela fronteira foi rápido. Carimbaram nossos passaportes sem problemas. Todos tiveram de descer com suas bagagens para o controle alfandegário. Os passageiros enfileiraram suas coisas sobre a pista e o fiscal da alfândega foi fazer a verificação. Passou o olhou, achou que não havia com que se preocupar e liberou o ônibus.

Chegamos em Suceava e ficamos surpresos com o movimento da cidade. Havia muita gente nas ruas. Era sábado de manhã, quando as pessoas saem para fazer compras e resolver problemas de casa. Chegamos à rodoviária e Bogodan se ofereceu para nos levar a um local que conhecia, onde podíamos trocar dinheiro com taxas mais favoráveis. Pati ficou esperando na rodoviária, tomando conta de nossa malinha e das mochilas de Bogodan e do alemão. Não gosto de deixá-la nessa situação, mas o lugar pareceu-me seguro e não queria que ela andasse com peso sem necessidade.

Trocamos dinheiro e fomos à loja de uma empresa de operadora de telefonia local para comprar um *chip* pré-pago. Custou-me 27 RON (US\$ 6,65), em torno de R\$ 22, portanto o equivalente a quatro pizzas grandes em Ivano-Frankivsk. Já deu saudade da Ucrânia, onde pagávamos 60 UAH, uns R\$ 7, por um chip equivalente. Era só o começo. Sentiríamos saudade da Ucrânia muitas vezes dali por diante.

Nós quatro pegamos um taxi e fomos para a estação de trem. Ficamos surpresos com a beleza dela. Comprei nossas passagens sem maiores dificuldades. O alemão não achou a passagem que queria e o romeno tampouco. Seu trem havia sido cancelado. No fim das contas, os dois tiveram de mudar de planos e embarcar no mesmo trem que nos levaria a Cluj.

Tínhamos algum tempo para esperar e era hora do almoço. Achamos um restaurante em frente que oferecia um prato executivo promissor. O romeno achou que não valia à pena e preferiu comer na lanchonete da estação. Deu mole. Eu, Pati e o alemão fomos para o restaurante. Subimos para o segundo pavimento onde encontramos mesas bem arrumadas e um salão

refrigerado. O prato executivo custava 15 RON (R\$ 12) e vinha com sopa, salada, prato principal e sobremesa.

O alemão achou bom demais para ser verdade. Não levou fé que o valor estivesse certo, apesar de a garçonete confirmar que era isso mesmo. Reticente, pediu o prato, assim como a gente. Veio mais comida do que podíamos imaginar. Ela estava boa e vinha acompanhada de uma cesta de pães fresquinhos. Voltamos para a estação, reencontramos nosso amigo romeno e lamentamos por ele não ter se juntado a nós.

Era fim de primavera e o dia já era praticamente de verão. Fazia um pouco de calor. Entramos em nosso compartimento e nos deparamos com mais calor ainda. Já não estávamos mais acostumados. Havia uma menina com cara de antipática sentada próxima à porta e a mantinha fechada apesar do calor. Pati foi ficando irritada com aquilo até que levantou, pediu licença à menina, abriu a porta e pediu para ela mantê-la aberta. Como a porta não firmava e se mexia de acordo com as freadas e aceleradas do trem, Pati levantava a todo momento para abrir a porta, até que a menina também começou a sentir calor e manteve o raio da porta aberta.

Até hoje não entendo por que fazem esses trens com compartimento. Só atrapalham, especialmente quando faz calor. Fora do trem, o cenário compensava o sufoco. Foram sete horas de viagem com paisagens bucólicas de tirar o fôlego. O interior da Romênia é lindo demais. A gente não vê a hora de voltar e passar um bom tempo viajando pelo interior do país.

Cluj é conhecida por ter uma ótima infraestrutura e ampla oferta de apartamentos com preços bons, o que torna a cidade atrativa para nômades digitais. No entanto, tive dificuldade para achar apartamentos disponíveis e com bons preços. Chegando lá, descobri a razão. Fomos justamente na semana em que estava acontecendo o [TIFF](#), o Festival de Cinema da Transilvânia. A cidade estava cheia. Assim mesmo, consegui um [apartamento legal](#), com bom preço, em uma área um pouco afastada do centro. Temia que fosse muito longe, porém era tranquilo. A cidade é pequena e eram apenas quatro pontos de ônibus até o centro.

A dona do apartamento nos esperava com sua filha diante do prédio quando chegamos de Uber. Para nossa surpresa, ela falava português. Embora seja romena de origem húngara, ela morou alguns anos em Portugal e falava nosso idioma com o sotaque lusitano. O apartamento era melhor que o esperado e ficava em uma área excelente. Havia um supermercado ao lado, inúmeros feirantes nas redondezas, farmácias,

padarias e dois hipermercados a quinhentos metros do prédio. Tipo de posição que a gente gosta.

Pedimos sugestão de um lugar próximo para jantar. Chegamos lá e nos decepcionamos. Começávamos a sofrer dos efeitos de sair da Ucrânia. O restaurante era feio, comparado ao que nos acostumamos a encontrar na Ucrânia. Os pratos não eram dos mais animadores, assim como os preços. Seria difícil a readaptação à realidade.

Para complicar, Pati se perdeu na tradução e pediu fígado de frango, que ela detesta. Troquei de prato com ela, o que adiantou pouco, já que meu prato também não estava tão bom. Deixamos o restaurante insatisfeitos e nostálgicos. Pelo menos já sabíamos que a Romênia não era dos melhores lugares para se comer fora.

Nos dias seguintes, passeamos pela cidade, visitamos alguns cafés e tentamos descobrir se seria um bom lugar para passar uma temporada como nômade digital. Descobrimos que é sim. Há bons cafés, com o mesmo nível de qualidade que a Ucrânia, porém com preços mais altos. Não chegam a ser tão caros quanto no Brasil. Estão no meio do caminho entre a Ucrânia e o Brasil. A conexão com a internet é excelente em todos os lugares, assim como nas demais cidades que visitamos na Romênia.

Antes de ir para lá, recebi uma mensagem de Oana. Ela encontrou nosso plano de viagem no Couchsurfing e quis marcar um café para nos conhecer. Tivemos a felicidade de encontrar com ela e Tassos, seu marido grego. Os dois foram uma simpatia. Conversaram com a gente por horas e nos levaram a um café escondido que nunca encontraríamos. Ficamos imaginando quantos outros lugares só conseguiríamos conhecer na companhia dos locais. Na última noite, eles nos convidaram para jantar na casa deles. Foi um momento especial, que encerrou nossa estadia com chave de ouro.

Antes de ir para o jantar, fui a um *shopping* para resolver um problema que aparece de vez em quando. Eu precisava renovar meu "guarda roupa". Minhas camisas já estavam pela hora da morte e eu não queria enfrentar os preços do Brasil. Cluj tem dois *shoppings* grandes. Um chama-se Vivo e tem um jeitão de *outlet*. Fui lá sozinho, rodei pelas lojas, pesquisei os preços e vi que a C&A tinha umas camisas legais com preços bons, variando de 20 a 30 RON (R\$ 16 a R\$ 24). Ironicamente, várias delas tinham estampas de praia, mais precisamente do Rio de Janeiro. Foi engraçado comprar camisas do Rio em uma cidade da Transilvânia.

Comprei umas sete camisas com estampas descoladas. Fui na [Decathlon](#) e encontrei camisas básicas, dessas de usar em casa, por 10 RON (R\$ 8,00). Comprei três delas. Saí do shopping com dez camisas novas sem gastar nem R\$ 200. Guarda roupa devidamente renovado. Acomodei as camisas antigas em um saco plástico e as deixei próximas ao latão de lixo. Alguém deve estar fazendo bom uso delas nesse momento.

Saldo da Romênia

Número de dias: 5

Custo de viagem: R\$ 712 (US\$ 218)

Média/mês: R\$ 4.273 (US\$ 1.309)

Média/dia: R\$ 142 (US\$ 44)

Custo de acomodação: R\$ 453 (US\$ 138)

Média/mês: R\$ 2.718 (US\$ 828)

Média/dia: R\$ 91 (US\$ 28)

Custo de deslocamento: R\$ 210 (US\$ 65)

Média/dia: R\$ 42 (US\$ 13)

Seguro de saúde: R\$ 49 (US\$ 15)

Média/dia coberto: R\$ 10 (US\$ 3)

França

Voamos de Cluj para Paris-Beauvais pela Wizzair. Teríamos que passar uma única noite na cidade e resolver um monte de coisas no dia seguinte, antes de embarcar no voo que nos levaria para o Rio. Chegava ao fim mais uma temporada na Europa.

Reservamos um hotel na Rue des Pyrénées, no [20ème arrondissement](#), uma área da cidade que ainda não conhecíamos. O hotel foi caro, como todos os hotéis de Paris, mas razoável para os padrões da cidade. A área me surpreendeu. Tem um monte de lojas, cafés e restaurantes de diferentes etnias. Tive a impressão de que muitos imigrantes foram para lá ao longo do tempo e criaram seus negócios na área. Eles trouxeram uma diversidade que

faz bem à cidade. Ela não seria tão interessante sem eles. Providenciei o jantar em um restaurante libanês, um [shawarma](#) delicioso. Não foi barato, mas ficamos satisfeitos. Eu temia que essa área fosse muito distante do centro da cidade, porém não foi o caso. É lá que pretendemos nos acomodar daqui por diante todas as vezes que fomos à cidade.

Na manhã seguinte, Pati queria comprar uma lente nova e teríamos de buscar um estabilizador que compramos pela internet e mandamos entregar na loja. Se desse tempo, ainda tentaria achar um presente para o aniversário de um ano de meu sobrinho. Planejei tudo cuidadosamente, enviei as instruções para o smartphone e começamos o dia cedo.

Chegamos à [Objectif Bastille](#) pouco antes de ela abrir. Encontramos com o vendedor que já nos conhecia, pedimos a lente e conversamos um pouco sobre nossas viagens. Falamos da Ucrânia e ele falou sobre o [Vietnã](#), de onde tinha acabado de voltar de férias. Dali seguimos para o outro lado da cidade onde o estabilizador [Zhiyum](#) nos esperava. Em seguida fomos para o [Forum Des Halles](#).

Estávamos cheios de bolsas. Precisávamos achar uma malinha adicional para o voo até o Brasil. Achei uma bolsa de malhação em uma loja de artigos esportivos. Era barata e pequena, com tamanho suficiente para o que precisávamos. Entrei na [FNAC](#) e achei os brinquedos para meu sobrinho. Missão cumprida. Partimos para o [Charles de Gaulle](#), onde fizemos o procedimento para o reembolso das taxas.

Voamos pela [Air Maroc](#) e fizemos conexão em Casa Blanca. Depois esperamos algumas horas em São Paulo.

Brasil

Ficamos na casa da mãe de Pati, em Niterói, por três semanas. Foi o suficiente para Pati se convencer que precisávamos de nosso próprio canto. Ela me avisou isso em um dia e consegui um ótimo apartamento no Leme no dia seguinte. Para minha surpresa, os preços dos apartamentos baixaram. Conseguimos alugar um ótimo lugar por um valor compatível à média que costumamos pagar no Leste Europeu.

Produtos e serviços continuam caríssimos no Rio. Comer fora me parece um assalto, porém sentimos uma melhora. O fato de ter acesso a uma acomodação mais em conta torna a cidade maravilhosa um destino mais

convidativo para nômades digitais. Pela primeira vez desde que saímos, ficamos felizes de retornar ao Rio.

Saldo do Brasil

Número de dias: 71

Custo de acomodação: R\$ 5.500 (US\$ 1.715)

Média/mês: R\$ 2.324 (US\$ 725)

Média/dia: R\$ 77 (US\$ 24)

Saldo da Fase 7

Número de dias: 340 (11,3 meses)

Custo de viagem: R\$ 30.284 (US\$ 9.365)

Média/mês: R\$ 2.672 (US\$ 826)

Média/dia: R\$ 89 (US\$ 28)

Custo de acomodação: R\$ 22.825 (US\$ 7.032)

Média/mês: R\$ 2.014 (US\$ 620)

Média/dia: R\$ 67 (US\$ 21)

Custo de deslocamento: R\$ 4.948 (US\$ 1.550)

Média/mês: R\$ 437 (US\$ 137)

Média/dia: R\$ 15 (US\$ 5)

Custo de voos: R\$ 4.337 (US\$ 1.362)

Média/dia: R\$ 13 (US\$ 4)

Milhas: 12 mil

Custo de locação de carro: 0

Seguro de saúde: R\$ 2.216 (US\$ 690)

Dias cobertos: 225

Média/mês coberto: R\$ 295 (US\$ 92)

Média/dia coberto: R\$ 10 (US\$ 3)

Saldo geral dos sete anos

Número de dias: 2443 (81,4 meses ou 6,7 anos)

Custo de viagem: R\$ 332.720 (US\$ 147.422)

Média/mês: R\$ 4.086 (US\$ 1.810)

Média/dia: R\$ 136 (US\$ 60)

Custo de acomodação: R\$ 207.881 (US\$ 88.741)

Média/mês: R\$ 2.553 (US\$ 1.090)

Média/dia: R\$ 85 (US\$ 36)

Custo de deslocamento: R\$ 103.040 (US\$ 50.251)

Média/mês: R\$ 1.265 (US\$ 617)

Média/dia: R\$ 42 (US\$ 21)

Custo de voos: R\$ 91.424 (US\$ 44.331)

Média/mês: R\$ 1.123 (US\$ 544)

Média/dia: R\$ 37 (US\$ 18)

Milhas: 540 mil

Milhas/ano: 80 mil

Custo de locação de carro: R\$ 6.685 (US\$ 3.237)

Média/mês: R\$ 82 (US\$ 40)

Média/dia: R\$ 3 (US\$ 1)

Seguro de saúde: R\$ 17.596 (US\$ 6.343)

Dias cobertos: 1129 (37,6 meses)

Média/mês coberto: R\$ 468 (US\$ 169)

Média/dia coberto: R\$ 16 (US\$ 6)

Ficha técnica da fase 7

Voo Rio - São Paulo

Companhia aérea: [TAM](#)

Método de reserva: [site da TAM](#)

Data: 8/out/2016

Antecedência da reserva: 25 dias

Por pessoa: 6.000 milhas + R\$ 28 (US\$ 9) de taxas

Total: 12.000 milhas + R\$ 55 (US\$ 17) de taxas

Voo São Paulo - Paris

Companhia aérea: [TAM](#)

Método de reserva: [site da TAM](#)

Data: 11/out/2016

Antecedência da compra: 80 dias

Por pessoa: R\$ 604 (US\$ 184)

Total: R\$ 1.207 (US\$ 367)

Seguro de saúde internacional

Seguradora: [Zurich Seguros](#)

Método de reserva: [World Nomads](#)

Período: 179 dias (11/out/2016 a 8/abr/2017)

Cobertura: mundial, exceto Brasil e EUA

Por pessoa: R\$ 785 (US\$ 244)

Total: R\$ 1.570 (US\$ 488)

Apartamento em Paris

[Apartamento de Julien](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 6 noites (12 a 18/out/2016)

Antecedência da reserva: 29 dias

Diária: R\$ 152 (US\$ 46)

Taxa do [Airbnb](#): R\$ 135 (US\$ 41)

Taxa de limpeza: R\$ 74 (US\$ 22)

Imposto de ocupação: R\$ 36 (US\$ 11)

Diária real: R\$ 193 (US\$ 59)

Total: R\$ 1.155 (US\$ 350)

Voo Paris - Dublin

Companhia aérea: [Ryanair](#)

Método de reserva: [site da Ryanair](#)

Data: 30/nov/2016

Antecedência da compra: 126 dias

Por pessoa: US\$ 19 (R\$ 62)

Total: US\$ 37 (R\$ 121)

Ônibus Paris - Beauvais

Operadora: [Aéroport Paris-Beauvais](#)

Método de reserva: site do [Aéroport Paris-Beauvais](#)

Data: 18/out/2016

Antecedência da compra: 13 dias

Por pessoa: 16 euros (US\$ 18 / R\$ 57)

Total: 32 euros (US\$ 36 / R\$ 115)

Voo Paris - Cracóvia

Companhia aérea: [Ryanair](#)

Método de reserva: [site da Ryanair](#)

Data: 18/out/2016

Antecedência da compra: 37 dias

Por pessoa: 24 euros (US\$ 27 / R\$ 88)

Por mala: 18 euros (US\$ 20 / R\$ 66)

Total: (2 pessoas + 1 mala): 65 euros (US\$ 73 / R\$ 238)

Apartamento na Cracóvia

[Apartamento de Ewa](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 30 noites (18/out a 17/nov/2016)

Diária: R\$ 97 (US\$ 30)

Taxa do [Airbnb](#): R\$ 340 (US\$ 103)

Taxa de limpeza: R\$ 67 (US\$ 20)

Diária real: R\$ 110 (US\$ 33)

Total: R\$ 3309 (US\$ 1.007)

Apartamento na Cracóvia (extensão)

[Apartamento de Ewa](#)

Método de reserva: contato direto com a proprietária

Estadia: 36 noites (17/nov/2016 a 23/dez/2016)

Diária: 19 euros (US\$ 20 / R\$ 68)

Total: 670 euros (US\$ 716 / R\$ 2.438)

Apartamento na Cracóvia (de nosso amigo)

Apartamento de Diego

Método de reserva: contato direto com o proprietário

Estadia: 13 noites (23/dez/2016 a 5/jan/2017)

Diária: R\$ 38 (US\$ 12)

Total: R\$ 500 (US\$ 153)

Trem Cracóvia - Terespol

Operador: [PKP Intercity](#)

Método de reserva: balcão da estação de trem

Data: 5/jan/2017

Antecedência da compra: 2 dias

Por pessoa: 67 złoty (US\$ 16 / R\$ 52)

Total: 133 złoty (US\$ 31 / R\$ 103)

Trem Terespol - Brest

Operador: [Belarusian Railway](#)

Método de reserva: balcão da estação de trem

Data: 5/jan/2017

Antecedência da compra: zero

Por pessoa: 16 złoty (US\$ 4 / R\$ 13)

Total: 32 złoty (US\$ 8 / R\$ 25)

Apartamento em Brest

[Apartment Shevchenko Boulevard](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 4 noites (5 a 9/jan/2017)

Antecedência da reserva: 10 dias

Diária: US\$ 40 (R\$ 128)

Total: US\$ 160 (R\$ 514)

Apartamento em Brest (extensão)

[Apartment Shevchenko Boulevard](#)

Método de reserva: diretamente com a proprietária

Estadia: 3 noites (9 a 12/jan/2017)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: US\$ 25 (R\$ 80)

Total: US\$ 75 (R\$ 241)

Trem Brest - Minsk

Operador: [Belarusian Railway](#)

Método de reserva: site da [Belarusian Railway](#)

Data: 12/jan/2017

Antecedência da compra: 2 dias

Por pessoa: 11 BYN (US\$ 6 / R\$ 18)

Total: 22 BYN (US\$ 12 / R\$ 36)

Apartamento em Minsk

[Apartamento de Anastacia](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 4 noites (12 a 16/jan/2017)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: R\$ 99 (US\$ 31)

Taxa do [Airbnb](#): R\$ 50 (US\$ 16)

Cupom de desconto: -R\$ 391 (US\$ 123)

Diária real: R\$ 14 (US\$ 4)

Total: R\$ 56 (US\$ 18)

Apartamento em Minsk

[Apartamento de Andrey](#)

Método de reserva: diretamente com o proprietário

Estadia: 58 dias (16/jan a 15/mar/2017)

Diária: 14 euros (US\$ 15 / R\$ 47)

Total: 800 euros (US\$ 848 / R\$ 2.734)

Ônibus de Minsk para Kiev

Operadora: [Ecolines](#)

Método de reserva: site da [Ecolines](#)

Data: 15/mar/2017
Antecedência da compra: 5 dias
Por pessoa: 38 BYN (US\$ 20 / R\$ 63)
Total: 76 BYN (US\$ 40 / R\$ 125)

Apartamento em Kiev

[Apartamento de Maria \(fotos\)](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 15 noites (16 a 31/mar/2017)

Antecedência da reserva: 6 dias

Diária: R\$ 59 (US\$ 19)

Taxa do [Airbnb](#): R\$ 108 (R\$ 34)

Taxa de limpeza: R\$ 49 (US\$ 16)

Diária real: R\$ 69 (US\$ 22)

Total: R\$ 1.039 (US\$ 329)

Apartamento em Kiev (extensão)

[Apartamento de Maria](#)

Método de reserva: diretamente com a proprietária

Estadia: 29 dias (31/mar a 29/abr/2017)

Diária: 17 euros (US\$ 18 / R\$ 58)

Total: 500 euros (US\$ 535 / R\$ 1.694)

Hotel em Kiev

[Adria Hotel](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (29/abr/2017)

Antecedência da reserva: 3 dias

Diária: 783 UAH (US\$ 29 / R\$ 95)

Seguro de saúde internacional

Seguradora: [IMG Global](#)

Método de reserva: site da [IMG Global](#)

Período: 46 dias (29/abr a 14/jun/2017)

Cobertura: mundial, exceto Brasil e EUA

Por pessoa: R\$ 343 (US\$ 101)

Total: R\$ 646 (US\$ 202)

Trem Kiev - Odessa

Operadora: [Ukrainian Railways](#)

Método de reserva: site da [Ukrainian Railways](#)

Data: 30/abr/2017

Antecedência da compra: 4 dias

Por pessoa: 530 UAH (US\$ 20 / R\$ 64)

Total: 1.060 UAH (US\$ 40 / R\$ 127)

Apartamento em Odessa

[Apartamento de Anatoly](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 3 noites (30/abr a 3/mai/2017)

Antecedência da reserva: 4 dias

Diária: R\$ 78 (US\$ 24)

Taxa do [Airbnb](#): R\$ 32 (US\$ 10)

Taxa de limpeza: R\$ 32 (US\$ 10)

Diária real: R\$ 99 (US\$ 31)

Total: R\$ 297 (US\$ 93)

Apartamento em Odessa

[Apartamento de Irina](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 4 noites (3 a 7/mai/2017)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: R\$ 80 (US\$ 25)

Taxa do [Airbnb](#): R\$ 43 (US\$ 14)

Taxa de limpeza: R\$ 29 (US\$ 9)

Diária real: R\$ 98 (US\$ 31)

Total: R\$ 392 (US\$ 124)

Apartamento em Odessa

[Apartamento de Marianna](#)

Método de reserva: [Airbnb](#)

Estadia: 1 noite (7/mai/2017)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: US\$ 21 (R\$ 66)

Taxa do [Airbnb](#): US\$ 3 (US\$ 10)
Diária real: US\$ 24 (R\$ 76)

Apartamento em Odessa (extensão)

[Apartamento de Marianna](#)

Método de reserva: contato direto com a proprietária

Estadia: 13 noites (8 a 21/mai/2017)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: US\$ 20 (R\$ 64)

Total: US\$ 260 (R\$ 830)

Trem Odessa - Lviv

Operadora: [Ukrainian Railways](#)

Método de reserva: site da [Ukrainian Railways](#)

Data: 21/mai/2017

Antecedência da compra: 2 dias

Por pessoa: 280 UAH (US\$ 11 / R\$ 35)

Total: 560 UAH (US\$ 21 / R\$ 70)

Quarto privado em hostel em Lviv

[Post House Hostel](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 2 noites (21 a 23/mai/2017)

Antecedência da reserva: 2 dias

Diária: 520 UAH (US\$ 19 / R\$ 65)

Total: 1.040 UAH (US\$ 39 / R\$ 130)

Apartamento em Lviv

[Mansarda Apartments](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 3 noites (23 a 26/mai/2017)

Antecedência da reserva: 1 dia

Diária: 540 UAH (US\$ 20 / R\$ 67)

Total: 1.620 UAH (US\$ 61 / R\$ 202)

Apartamento em Lviv

[Apartment Viatores](#)

Método de reserva: Booking.com
Estadia: 7 noites (26/mai a 2/jun/2017)
Antecedência da reserva: 3 dias
Diária: 710 UAH (US\$ 27 / R\$ 88)
Total: 4.971 UAH (US\$ 189 / R\$ 617)

Trem Lviv - Ivano-Frankivsk

Operadora: Ukrainian Railways
Método de reserva: site da Ukrainian Railways
Data: 2/jun/2017
Antecedência da compra: 3 dias
Por pessoa: 138 UAH
Total: 276 UAH (US\$ 10 / R\$ 34)

Apartamento em Ivano-Frankivsk

[Apartamento de Rostislav](#)
Método de reserva: Airbnb
Estadia: 2 noites (2 a 4/jun/2017)
Antecedência da reserva: 8 dias
Diária: R\$ 49 (US\$ 15)
Taxa do Airbnb: R\$ 13 (US\$ 4)
Diária real: R\$ 56 (US\$ 17)
Total: R\$ 111 (US\$ 34)

Trem Ivano-Frankivsk - Chernivtsi

Operadora: Ukrainian Railways
Método de reserva: site da Ukrainian Railways
Data: 4/jun/2017
Antecedência da compra: 6 dias
Por pessoa: 132 UAH (US\$ 5 / R\$ 16)
Total: 264 UAH (US\$ 10 / R\$ 33)

Hotel em Chernivtsi

[Magnat Lux Hotel](#)
Método de reserva: Booking.com
Estadia: 2 noites (4 a 6/jun/2017)
Antecedência da reserva: 6 dias

Diária: 900 UAH (US\$ 34 / R\$ 112)
Total: 1.800 UAH (US\$ 68 / R\$ 223)

Ônibus Chernivtsi - Suceava

Método de reserva: Bilet-ua.com

Data: 6/jun/2017

Antecedência da compra: 8 dias

Por pessoa: 220 UAH (US\$ 8 / R\$ 27)

Total: 441 UAH (US\$ 17 / R\$ 55)

Trem Suceava - Cluj Napoca

Operadora: CFR Calatori

Método de reserva: balcão da estação de trem

Data: 6/jun/2017

Antecedência da compra: zero

Por pessoa: 41 RON (US\$ 10 / R\$ 33)

Total: 82 RON (US\$ 20 / R\$ 66)

Apartamento em Cluj Napoca

[Apartamento de Erika](#)

Método de reserva: Airbnb

Estadia: 5 noites (6 a 11/jun/2017)

Antecedência da reserva: 8 dias

Diária: R\$ 74 (US\$ 23)

Taxa do Airbnb: R\$ 50 (US\$ 15)

Taxa de limpeza: R\$ 34 (US\$ 10)

Diária real: R\$ 91 (US\$ 28)

Total: R\$ 453 (US\$ 138)

Voo Cluj Napoca - Paris

Companhia aérea: Wizz Air

Método de reserva: site da Wizz Air

Data: 11/jun/2017

Antecedência da reserva: 65 dias

Por pessoa: 289 RON (US\$ 68 / R\$ 212)

Por mala: 145 RON (US\$ 34 / R\$ 107)

Total (2 pessoas + 1 mala): 723 RON (US\$ 170 / R\$ 531)

Hotel em Paris

[Hotel des Pyrénées](#)

Método de reserva: [Booking.com](#)

Estadia: 1 noite (11/jun/2017)

Antecedência da reserva: 19 dias

Diária: 60 euros (US\$ 67 / R\$ 219)

Ônibus Beauvais - Paris

Operadora: [Aéroport Paris-Beauvais](#)

Método de reserva: site do [Aéroport Paris-Beauvais](#)

Data: 11/jun/2017

Antecedência da compra: 11 dias

Por pessoa: 16 euros (US\$ 18 / R\$ 58)

Total: 32 euros (US\$ 36 / R\$ 117)

Voo Paris - Rio

Companhia aérea: [Royal Air Maroc](#)

Método de reserva: site da [Royal Air Maroc](#)

Data: 12/jun/2017

Antecedência da compra: 66 dias

Por pessoa: 329 euros (US\$ 349 / R\$ 1.092)

Total: 658 euros (US\$ 698 / R\$ 2.185)

Apartamento no Rio (Leme)

Apartamento de Hugo ([fotos](#))

Método de reserva: contato direto com o proprietário

Estadia: 71 dias (4/jul a 13/set/2017)

Diária: R\$ 77 (US\$ 24)

Parcela de 4/jul/2017: R\$ 2.750 (US\$ 832)

Parcela de 1/ago/2017: R\$ 2.750 (US\$ 883)

Total: R\$ 5.500 (US\$ 1.715)

VOLUME III
Guia Completo do Nômade Digital

Parte 1
Introdução

Capítulo 1

Nômade Digital

Por que alguém se tornaria um nômade digital?

Por que as pessoas moram em um endereço fixo? Por que compram uma casa? Por que passam a vida no mesmo país, muitas vezes na mesma cidade? Porque faz sentido.

Evoluímos desde o tempo do homem das cavernas. Já não precisamos nos mover de um lado para outro em busca de comida e abrigo. Podemos ter tudo o que precisamos em um único lugar.

Sua família, amigos, trabalho, escola, restaurante favorito e lugares que gosta de frequentar estão na cidade em que você mora. Todos falam sua língua e compartilham hábitos semelhantes.

Você conhece a cidade. Sabe como ir de um lado para outro. Sabe que lugares pode frequentar e quais deve evitar. Sabe qual é a área da balada e qual a melhor para fazer compras. Você tem seus médicos e seu dentista. Tudo é familiar.

Você equipa sua casa com tudo o que deseja ter. Organiza e decora de acordo com seu gosto pessoal. Coloca sua TV, seu sofá, sua cama e suas coisas. É dela que você sente falta quando está cansado e precisa de um lugar para recarregar as energias. Sua casa é seu porto seguro.

Fixar-se em uma cidade é o que lhe dá a chance de ter uma casa e organizá-la do jeito que quiser. Faz sentido ter um endereço permanente. As vantagens são muitas. É algo tão natural que quase ninguém se dá conta de que, por maiores que sejam as vantagens, **é apenas uma de muitas formas de viver a vida**. Há outras.

Apesar de todas as conveniências de morar sempre na mesma cidade, a desvantagem é a **falta de variedade**. Tudo é mais do mesmo.

Você frequenta os mesmos lugares, faz compras no mesmo supermercado, vai para o mesmo escritório, convive com as mesmas

peçoas, faz as mesmas coisas, fala a mesma língua, está inserido na mesma cultura, come as mesmas coisas e navega pelos mesmos problemas de sempre. Existe alguma variedade, mas é limitada.

Isso não é um problema para a maioria das pessoas, porém é para nós. Sabemos que o mundo tem mais a oferecer do que uma única cidade é capaz de prover.

Vivemos em um planeta diversificado. Adoro a comida brasileira, mas por que deveria me contentar só com ela? Há outros tipos de comidas igualmente deliciosas pelo mundo, muitas das quais ainda nem conheço. Por que deveria passar a vida sem experimentá-las?

Tenho muitos amigos em Niterói e no Rio. Tenho imensa afinidade com eles, entretanto será que não existem pessoas interessantes em outras partes do mundo? O que será que elas pensam? Como serão seus hábitos?

Eu e a Pati somos mal acostumados. Vivemos a maior parte da vida em Niterói e no Rio. São lugares lindos. Mas não são os únicos assim. Há outros igualmente bonitos espalhados pelo mundo e pelo próprio Brasil. Por que não conhecê-los também?

É possível ter uma vida bacana morando sempre na mesma cidade, porém queremos mais que isso. Queremos viver a vida da forma mais plena possível. Queremos conhecer tudo o que o mundo tem para oferecer. Queremos passar pelas mais diversas experiências. Queremos interagir com pessoas que pensam diferente e têm outros pontos de vista. E, claro, queremos experimentar tantos sabores quanto possível.

Não queremos apenas **sobreviver**. Queremos **viver**.

Pessoas são diferentes. Cada um sabe o que lhe faz pulsar. Há várias formas de viver plenamente. Conhecer o mundo é uma delas. É a que se alinha com a nossa personalidade. Talvez o seu caso seja diferente.

Não assuma que a nossa forma de viver a vida é a certa. Cada um sabe o que é melhor para si, ou deveria saber. Para viver plenamente, você precisa saber ou descobrir o que te faz feliz. Se for conhecer o mundo, como a gente, nosso exemplo poderá lhe ajudar.

A construção de sua própria prisão

Todo mundo nasce livre, mas pouca gente preserva a liberdade. O pássaro tem asas e pode ir para onde quiser. Só fica parado no mesmo lugar se estiver preso em uma gaiola. O ser humano não tem asas, porém é dotado

de instrumentos ainda mais poderosos, tais como raciocínio, inteligência, criatividade e consciência. Isso lhe permite construir e usar asas ainda mais poderosas. Ele pode ir para onde quiser, porém prefere ficar engaiolado a maior parte do tempo.

Nenhum pássaro se tranca em uma gaiola voluntariamente. Humanos, por outro lado, não apenas entram na gaiola por vontade própria, como constroem a própria prisão e a ela se agarram com todas as forças. Para piorar, raramente dão-se conta.

A prisão é construída devagar, um tijolinho a cada dia. É um processo gradual e imperceptível. Quando a pessoa se dá conta, já é tarde demais.

Se você é como a maioria, há uma boa chance de que tenha construído uma prisão para chamar de sua. Se quiser sair dela, o primeiro passo é reconhecê-la. Até mesmo para que saiba onde está a porta.

Para isso, lhe apresento Magno, um personagem fictício, cuja história poderia ser a sua própria ou a de muitas pessoas que você conhece.

Magno nasceu em uma família de classe média. Nunca lhe faltou nada durante a infância. Embora seus pais não fossem ricos, conseguiam prover o que fosse necessário. Eles trabalhavam muito.

Magno foi para o jardim de infância cedo. Era importante para que pudesse começar a conviver com outras crianças e seus pais pudessem ficar mais livres para trabalhar.

No jardim, desenvolveu algumas habilidades e se acostumou à companhia dos coleguinhas. Como toda criança que se preze, começou a imitá-los. Foi lá que seu espírito de grupo começou a se desenvolver.

Os anos se passaram e chegou a hora da alfabetização. Magno foi colocado em uma boa escola particular. Um tanto rígida, é verdade, mas por uma boa causa. Seus pais já estavam pensando lá na frente, na universidade.

Queriam que ele chegasse bem preparado para tirar boas notas nas provas e poder ingressar em qualquer faculdade que quisesse. Quanto melhor fosse o curso universitário, maiores as chances de conseguir um bom emprego.

Magno aprendeu muita coisa na escola. A maior parte delas ele não fazia ideia da utilidade. Até por isso, muitas vezes se questionava sobre o propósito de estar ali. Por que ele tinha que estudar sobre mitocôndria e outros aspectos da biologia celular? Para que estudar biologia, se ele não tinha o menor interesse no assunto?

Essas eram algumas das perguntas que se fazia lá pela quinta série. Porém não tardou para que fossem abandonadas. Seus pais e professores explicavam que tudo aquilo era importante. Ele ainda não sabia, mas aqueles assuntos, aparentemente chatos, seriam de grande utilidade para o resto de sua vida. Assim diziam. Era fundamental que Magno os dominasse para passar nas provas e ingressar nas melhores universidades.

Com o tempo, Magno aprendeu a não questionar. Sim, é verdade que tinha uma ou outra matéria de que gostava. Contudo, verdade seja dita, só estudava para a maioria delas porque se convenceu de que não havia nada melhor a fazer. No futuro, seria recompensado com um bom emprego.

A adolescência chegou e com ela um maior interesse pelas meninas. Foi mais ou menos nessa época que começou a sonhar com um carro. Achava que teria mais chances com elas se tivesse um carrão.

Enquanto não tinha idade para dirigir nem dinheiro para comprar um veículo, se contentava em imitar os amigos. Ainda que inconscientemente, imaginava que as meninas lhe dariam mais atenção se pudesse ter um tênis descolado, como aquele do Beto. E uma calça daquela marca famosa, como a do Sandro. E, sobretudo, um *smartphone* de última geração.

Seus pais não davam conta de comprar tudo o que pedia. E isso contribuiu para que ele desenvolvesse um certo sentimento de inferioridade, que só poderia ser superado o dia que tivesse um bom emprego e pudesse comprar todos os bens que lhe trariam status, felicidade e aprovação.

Por um lado isso foi bom. Fez ele estudar com empenho redobrado. O que contribuiu para ele passar em uma boa universidade federal na primeira tentativa. Seus pais sempre sonharam que ele fizesse engenharia. Ele, sem saber muito bem do que gostava, seguiu por esse caminho.

Como estudava em uma boa universidade, não tardou para conseguir um estágio e começar a ganhar seu próprio dinheiro. Não era muito, mas foi o suficiente para começar a comprar alguns dos artigos que lhe dariam mais trânsito entre as meninas. O mais importante foi o carro, claro.

Não chegou tão rápido quanto queria. Foram dois anos de universidade e um ano de estágio até conseguir juntar a grana suficiente para dar entrada no carro. Tampouco era um carrão. Ainda assim, pensava ele, melhor um carro mais ou menos que ficar a pé.

As prestações eram pesadas. No início, consumiam quase todo o valor da bolsa de estágio. A sorte é que ainda morava com os pais. Cama, comida e roupa lavada estavam garantidos. Assim mesmo, surpreendeu-se com

alguns gastos inesperados. Não sabia que o seguro do carro custaria tanto nem lembrou que teria de pagar IPVA todo ano. Tampouco imaginava que fosse gastar uma fortuna com combustível.

Não era raro que pedisse ajuda financeira aos pais, como se já não fosse suficiente ser bancado em casa quando já tinha seus vinte e poucos anos. Como sempre foi bom aluno e estava em uma boa universidade, os pais acreditavam que essa fase era passageira. Ele logo encontraria um bom emprego e conseguiria se sustentar.

O encontro aconteceu no penúltimo ano da faculdade. Melissa era o nome dela. Uma menina linda, que Magno conheceu em uma festa, na casa de Johnny. Se você ainda tem dúvidas sobre a existência do amor à primeira vista, não duvide mais. Ele existe.

Magno e Melissa nunca mais se separaram. Ela estudava em outra universidade e também tinha uma carreira promissora pela frente. Morava um pouco longe, mas o amor supera todas as distâncias.

Durante os anos de namoro, eles se encontravam várias vezes por semana. Não havia distância, nem trânsito, que impedisse Magno de pegar o possante e encontrar com Melissa. A essa altura, o estágio já era melhor e a bolsa mais generosa. Assim mesmo, continuava não sobrando nada no fim do mês. O carro estava sendo mais usado e os gastos com restaurante e outros programas, com Melissa, consumiam toda a grana.

Ambos formaram-se pouco tempo depois. Não tardaram para conseguir bons empregos. Os salários eram altos e o dinheiro começou a sobrar. Essa história de morarem separados começou a incomodar mais do que nunca. Melissa sempre sonhou em casar. Queria ter um casamento de princesa, como os de algumas de suas amigas.

Magno nunca deu muita bola para essa história de casamento. Na opinião dele, podiam ir morar juntos e já estaria de bom tamanho. Entretanto, tinha consciência do sonho de Melissa. Sabia o quanto ela queria se casar e decidiu fazer a sua parte.

Começaram a pesquisar os detalhes do casamento e logo ficou claro que os gastos seriam grandes. Por outro lado, seria um momento único, que iria marcá-los para a vida toda. Não podiam ignorar esse fato.

Marcaram a data do casamento e começaram a juntar dinheiro. Não foi fácil. Poupar nunca foi o forte deles. Inclusive porque, até pouco tempo, não tinham sobra alguma que pudessem guardar.

As famílias, ainda que não fossem abastadas, se alegraram com a notícia do casamento. Logo perceberam que teriam de contribuir financeiramente. Assim fizeram, com prazer e muito esforço. Acreditavam no casal e tinham certeza de que os noivos seriam felizes.

O casamento foi lindo. Melissa teve a noite de princesa com que tanto sonhou. Tirando alguns pequenos incidentes aqui e ali, tudo correu dentro do planejado. Melissa nunca se sentiu tão feliz em sua vida.

Foram meses de preparação e um esforço que ela nunca imaginou ser capaz de suportar, porém valeu a pena. Ela jamais esqueceria daquela noite. As contas se encarregariam de lembrá-la. Muita coisa foi parcelada e o que não faltava era prestação para pagar. Inclusive foi necessário fazer um empréstimo emergencial na reta final, o qual ainda teria de ser pago.

Realizar sonhos demanda alguns sacrifícios. Eles sabiam disso e estavam dispostos a fazê-los.

Magno e Melissa foram morar em um pequeno apartamento que alugaram em uma parte da cidade que não era ideal, mas dava para pagar. Foi um pouco complicado no início.

Os dois moraram na casa dos pais até o casamento. Não estavam habituados a arcar com as despesas de um apartamento. Talvez isso explique por que subestimaram os gastos que teriam dali por diante.

Como ambos já tinham bons empregos e ganhavam bem, imaginaram que seria fácil pagar as dívidas do casamento e as despesas mensais do apartamento. A realidade, no entanto, foi diferente. Passaram três anos com a corda no pescoço. Não era incomum que brigassem por dinheiro, ou a falta dele, para ser mais exato. Os pais tiveram de dar dinheiro nos momentos de maior aperto.

Sempre que isso acontecia, faziam questão de lembrar ao casal que o maior problema era o fato de estarem vivendo de aluguel. Seria melhor se comprassem uma casa própria. Além disso, poderiam ganhar melhor se passassem em um concurso público.

Dos dois lados, as famílias sempre davam a mesma sugestão: façam um concurso público. Vocês vão ganhar melhor, terão estabilidade e não terão dificuldades para conseguir um financiamento para a casa própria.

Essa recomendação sempre vinha acompanhada de alguns exemplos de filhos de amigos que já haviam ingressado na carreira pública e estavam bem de vida. Nem era necessário citá-los, já que diversos amigos da

faculdade seguiram por esse caminho. Todos estavam ganhando bem e alguns já tinham até realizado o sonho da casa própria.

Magno se convenceu e decidiu tentar. Como sempre foi bom aluno, não teve dificuldades para estudar e passar em um bom concurso. Claro que o trabalho não teria qualquer relação com o que ele aprendeu na universidade ou com algo de que gostasse, mas pagaria melhor. Isso que importava.

Assim que começou a ganhar o novo salário, a situação financeira do casal deu um salto. As dívidas que ainda tinham foram pagas. Sobrou dinheiro para começar a resolver algumas questões urgentes, como trocar de carro. O que tinham já estava velho demais, ia começar a exigir manutenção frequente e não era mais condizente com o novo *status* do casal. O passo seguinte era sair do aluguel, porém não seria fácil, mesmo fazendo um financiamento.

Como já pensavam em ter filhos, queriam comprar uma casa grande, que pudesse comportar toda a família de forma confortável. Isso implicava em um financiamento com prestações altas e a necessidade de pagar uma entrada igualmente elevada.

Felizmente, com o novo salário, já dava para guardar um bom valor no fim do mês. As contas do casamento também já estavam pagas e eles estavam mais controlados com os gastos.

Depois de muita procura, encontraram uma casa perfeita, em um condomínio maravilhoso. Tinha tudo o que queriam. O ambiente era ideal para criar os filhos. Ficava um pouco afastado, é verdade. Teriam que encarar muito trânsito para chegar ao trabalho, mas valeria a pena.

O problema é que já tinha outro casal interessado, como explicou o corretor. Se eles não corressem com a papelada, perderiam a casa. Melissa ficou agoniada. Já estava vendo seus futuros filhos brincando no parquinho do condomínio. Não podia perder a chance de morar ali.

O dinheiro que já haviam guardado ainda não era suficiente para pagar a entrada, contudo Melissa sabia que seus pais tinham uma pequena reserva financeira. Se ajudassem, seria possível pagar a entrada e o casal devolveria o valor pouco tempo depois. Como os próprios pais sempre insistiram para o casal ter uma casa própria, havia uma chance de aceitarem a proposta.

Ela estava certa, seus pais injetaram o dinheiro necessário e o casal conseguiu realizar o sonho da casa própria. Claro que isso envolvia alguns sacrifícios. Apesar de ter uma renda mensal elevada, o valor da prestação consumia a maior parte das receitas. Dava para cobrir as demais despesas,

porém não sobrava muito. Para piorar, o financiamento era de trinta anos e o valor das prestações era reajustado mensalmente.

A pressão dos pais para terem um filho ganhou novas proporções depois que o casal mudou-se para a casa nova. Passaram a dizer que era grande demais para apenas duas pessoas. Era preciso preenchê-la com a alegria das crianças. Eles não viam a hora de curtir os netinhos.

O casal não sucumbiu às súplicas dos pais. Já estavam juntos há tempo suficiente para compreender a necessidade de ter maior controle sobre os gastos. Sabiam que as crianças trariam despesas adicionais e queriam estar preparados.

Depois de muitas conversas, Melissa concluiu que também precisava passar em um concurso público. Aí sim, teriam condições de sustentar toda a família e viver naquela casa linda, com uma boa qualidade de vida.

Melissa também era estudiosa. Só não fez um concurso antes porque não queria largar a profissão de que tanto gostava. Quando finalmente fez a primeira prova, passou sem dificuldades.

Ingressou no emprego público mais rápido que Magno e com um salário ainda maior. Agora sim. Os problemas do casal estavam resolvidos. Eles poderiam viver felizes para sempre, na casa dos sonhos, e construir uma linda família.

O tempo passou. Tiveram três filhos. Todos foram muito bem criados.

Apesar dos empregos públicos e dos altos salários, nunca sobrou dinheiro. A família vivia uma vida de alto padrão. As crianças estudavam em boas escolas e as mensalidades eram caríssimas. Isso era apenas uma pequena parcela das despesas mensais. Sempre que achavam que ia sobrar um pouco de dinheiro, surpreendiam-se com alguma despesa inesperada. Os anos iam passando e nunca conseguiam acumular uma boa reserva financeira.

Magno suportou bem os primeiros dois anos de emprego público. Estava feliz com o salário e não se importava em trabalhar com algo que não lhe interessava. Com o tempo, passou a sentir-se vazio. Sua indiferença pelo trabalho se transformou em raiva. Ele passou a odiar aquele monte de atividades sem propósito e a burocracia ridícula que lhe cercava.

Tampouco ajudava o fato de perder horas no trânsito todos os dias. Morava em uma casa magnífica, digna de seu nome, porém saía angustiado todas as manhãs. Quando cruzava o portão do condomínio, tinha de enfrentar a perspectiva de chegar ao escritório e aturar aquele trabalho que

não fazia sentido algum, depois de cruzar a cidade a passos de tartaruga. Sentia como se sua energia vital fosse drenada um pouquinho a cada dia.

Com o tempo, a raiva se transformou em desejo. Sonhava em fugir dessa vida. Queria viajar, ser livre e não ter mais tantos compromissos. Queria poder ir para onde bem entendesse sem limitar-se aos poucos dias de férias por ano. Queria que a aposentadoria chegasse logo. Aí sim, poderia desfrutar da vida e colher os frutos de anos de trabalho.

Infelizmente, o estresse do trânsito e a agonia de ir para um trabalho que detestava comprometeu sua saúde. Um dia, quando voltava para casa, outro carro lhe deu uma fechada e ele só não bateu por pouco. Foi a gota que faltava para ele transbordar de raiva.

Sua pressão foi às alturas. Seu coração começou a bater de tal maneira e com tamanha força que achou que fosse morrer. Nada aconteceu naquele momento, mas o infarto chegou poucos meses depois.

Ele sobreviveu, porém passou tempo suficiente no hospital para dar-se conta de que a vida é mais frágil do que imaginava. Foi a partir daí que começou a viver com medo.

Tinha medo de que nunca conseguisse se libertar daquela vida. Tinha medo de que não estivesse vivo para desfrutar de sua aposentadoria. Sobretudo, passou a sentia-se triste por ter construído uma vida que já não lhe parecia fazer mais sentido.

Os anos se passaram e Magno foi se tornando cada dia mais amargurado. Sua única alegria eram os filhos. Sentia-se feliz por eles. Entretanto, ao mesmo tempo, sentia-se culpado.

Carregava o peso da culpa de ter escolhido um trabalho que detestava e do qual achava que não podia sair. Culpava-se por ter se metido em uma dívida tão longa para que pudesse ter aquela casa. Por não ter se dado a chance de viver com mais liberdade e conhecer o mundo. Enfim, por ter se limitado tanto e não ter sido capaz de perceber a prisão que estava construindo para si próprio.

Magno sentia vergonha de si mesmo. Para os outros, parecia que tinha vivido uma vida bem sucedida. Para si mesmo, entretanto, a história era outra. Se pudesse voltar atrás, faria tudo diferente. Era tarde demais. A certa altura, já não tinha mais energia para sequer sonhar em se libertar.

Nas vésperas de aposentar-se, o governo mudou as regras da aposentadoria. Incrédulo, Magno descobriu que precisaria trabalhar outros dez anos para aposentar-se. Como se isso não fosse suficiente, o benefício

que receberia seria menor que o previsto. Para piorar, o país estava em crise. A arrecadação do governo estava em baixa e ele começou a atrasar os salários dos servidores públicos. Os aposentados eram os mais afetados. As perspectivas não eram animadoras para o futuro.

Piloto automático

Ninguém nasce no vácuo. Quando a gente chega nesse mundo, ele já nos espera com um roteiro. Todos têm expectativas sobre nós e sobre como será nosso futuro.

Se a gente não presta atenção, a gente entra no que chamo de **piloto automático**. Fazemos escolhas que nos levam pelo caminho que a sociedade considera normal. Elas ocorrem de maneira quase automática, como se tivéssemos delegado nosso destino a um piloto automático.

Olhe a sua volta e veja como a vida das pessoas é semelhante. Veja o quanto elas se encaixam em um roteiro que raramente muda. Ele se parece com a história de Magno com algumas diferenças aqui e ali.

É uma espécie de **efeito manada**. As pessoas fazem o que as outras fazem, pelo simples fato de que parece mais fácil, natural e seguro seguir o mesmo caminho que já foi percorrido pelos demais.

O piloto automático é sutil, difícil de ser detectado e mais poderoso do que parece. O ser humano precisa da aprovação de outras pessoas. É uma necessidade forte que leva a todo tipo de ação que pareça satisfazer quem está a sua volta.

Por isso é difícil perceber esse efeito manada e se desvencilhar dele. A maioria das pessoas prefere fazer o que os outros consideram normal e aceitável.

Para a sociedade, é normal ter um trabalho que você não gosta desde que o salário seja bom. Como se não bastasse desperdiçar a maior parte de seu tempo, o artigo mais precioso que você tem, em um trabalho que odeia, também é considerado normal jogar fora horas e horas de vida no trânsito.

Tudo em troca de um salário que vai te dar a chance de comprar coisas, a maior parte das quais você não precisa, para impressionar outras pessoas que não dão a mínima. Isso é considerado normal e é o que a maioria faz.

Tentar seguir por um caminho diferente é uma receita garantida para atrair a crítica de quase todos a sua volta. E ser criticado dói. Como todo mundo precisa de aprovação, todos tentam evitar críticas a todo custo. É

preciso ter muita consciência sobre seus atos e firmeza de propósito para fazer algo que fuja do padrão aceito pela sociedade.

Em primeiro lugar, é preciso refletir o tempo todo sobre suas ações. É preciso estar atento e pronto para questionar todas as suas decisões. Isso demanda estudo, pesquisa e dedicação a construir uma vida que sirva a você e não aos anseios da sociedade.

Acima de tudo, é preciso atenção, um artigo cada vez mais em falta. Quando você dará atenção a si próprio, a sua vida, a suas ações, se passa a maior parte do tempo em um escritório ou na escola ou na faculdade? Fora as demais, que passa no trânsito, no supermercado, nos afazeres domésticos, na frente da TV, nas redes sociais, dormindo ou distraído-se com todo tipo de inutilidade.

Você vive imerso em um mundo de distrações. Tudo a sua volta serve para te distrair e te impedir de parar para refletir. Tudo foi projetado para você seguir a multidão e não ter nem o tempo nem o espaço para perceber que sua vida segue em um piloto automático. É tanta distração, que o fato de você conseguir reservar um tempo para ler esse livro já é quase um milagre.

Esse piloto automático, esse efeito manada, é o que explica, em parte, a história de Magno. Ele não era uma pessoa estúpida. Ao contrário, era inteligente. Suas ações pareciam fazer sentido. Elas tinham motivações aparentemente coerentes. Ainda assim, criou uma prisão para si próprio, como acontece com a maioria das pessoas.

Há uma boa chance de que você tenha feito o mesmo ou esteja no processo de fazê-lo. Se esse for o caso, não se assuste, você está em boa companhia. É raro achar alguém que não tenha criado uma prisão para chamar de sua.

O importante é dar-se conta do que está acontecendo. Se sua vida estiver no piloto automático, você tem o poder de desligá-lo e assumir o controle. Basta querer, estar disposto a encarar as consequências e a conviver com as críticas.

Antes de prosseguir, é importante compreender que, na história de Magno, o problema não está no fato de ele ter ido para a faculdade, ter feito concurso público, ter comprado uma casa, ter tido filhos ou qualquer de suas decisões. Cada uma dessas ações tem seu valor e é justificável.

O detalhe fundamental é o que **motiva** cada ação. O problema é o piloto automático. É fazer as coisas porque é o que as pessoas a sua volta

consideram melhor e recomendam que você faça, mesmo que não seja o que você quer.

Toda ação que você faz é aceitável se é para o bem, se é fruto de sua própria vontade e se reflete seus anseios mais profundos. Quando você segue um caminho que está alinhado ao que você realmente quer, não há nenhum problema.

Por outro lado, quando faz coisas que não gosta, que não te fazem bem, que não estão de acordo com suas preferências, apenas porque é considerado normal, aí você tem um problema grave. Lamentavelmente, é o que acontece com um monte de gente.

Manter um emprego que você detesta não é razoável. O que te impede de buscar outro? Viver em uma cidade da qual você não gosta não é razoável. Por que não mudar para outra? Comprar uma casa e entrar em um financiamento só porque é o que todo mundo diz que é bom não é razoável. Qual é exatamente o problema do aluguel? Você chegou a fazer as contas? Perder horas no trânsito para chegar a um trabalho que você detesta não é razoável. Por que você não busca um que realmente goste perto de casa ou que possa fazer de casa? Se preciso for, por que não mudar para outra cidade para ter um trabalho melhor?

É difícil encontrar alguém que esteja em paz com as escolhas que fez na vida porque pouca gente escolhe fazer o que realmente quer. Por exemplo, um monte de gente adora viajar, mas pouquíssimas pessoas se dedicam a isso. Sim, muita gente vai à Disney nas férias. Não é disso que estou falando. Muita gente gostaria de passar a vida viajando de forma permanente. Poucos o fazem. Em parte porque não é normal. Tudo que foge da norma dá medo.

As pessoas ficam no emprego ruim porque têm medo de mudar para outro. Ficam na mesma cidade porque têm medo de mudar para outra. Ficam no curso universitário que detestam porque têm medo de mudar para outro. Mudar dá medo. Esse medo prende a gente no piloto automático.

É muito estranho, mas para a maioria das pessoas, viver em sua própria prisão é preferível porque embora seja uma prisão, é familiar, é a zona de conforto. Ninguém quer abrir mão da zona de conforto. Sabe-se lá o que a pessoa vai encontrar fora dela...

Vida. O nome do que se encontra fora da zona de conforto é **vida**. Sair da prisão é viver plenamente. É embarcar em uma aventura que tem altos e baixos, porém é a que você escolheu, é a que você queria viver. E se essa

aventura envolver viajar e conhecer o mundo, então esse é o livro para você.

Viajar é preciso

Esse livro é sobre viajar por períodos de tempo mais longos. Não é sobre tirar férias, nem sobre fazer turismo na terra do Mickey. É sobre incorporar em sua vida o ato de viajar tanto quanto possível. Com qual propósito? Por que alguém escolheria passar a vida viajando em vez de levar uma vida "normal"?

Se acordasse hoje e descobrisse que ganhou na loteria, o que você faria? Seguiria a sua rotina habitual ou começaria a mudar algumas coisas? Já que você está lendo esse livro, há uma boa chance de que você começasse a preparar as malas imediatamente e fosse viajar.

Se houvesse dinheiro sobrando, não haveria mais razões para continuar indo para a escola ou para o trabalho. Não seria mais necessário enfrentar o trânsito, nem haveria motivos para fazer o que você não quisesse. Você estaria livre para explorar o mundo e comprar o que bem entendesse. Não haveria mais desculpas para adiar a realização do sonho de viver viajando.

Se isso for verdade, se prepare. Tenho boas notícias. Você ganhou na loteria. Só falta levantar da cadeira e ir buscar o prêmio. É sério. Você não faz ideia do tamanho de sua sorte. Vou tentar te ajudar a enxergar o que já deveria ser óbvio para você.

Terra

Até onde se sabe, o universo tem bilhões de galáxias. Cada uma com bilhões de planetas. Faz as contas. É um bocado de planeta. Qual a probabilidade de você cair logo nesse aqui? Quase zero. De fato, as chances de acertar na loteria são maiores.

Ainda assim, de alguma forma, você foi colocado justamente nesse aqui, chamado Terra. Que sorte a sua. Você deveria agradecer todos os dias por ter vindo para um lugar tão legal. Quem te colocou aqui gosta muito de você.

Esse é um planeta enorme e riquíssimo. A abundância salta aos olhos. Você encontra tudo o que precisa para viver bem: ar, água, alimento, amor,

amigos, plantas, animais, música, livros, praias, cachoeiras, rios, aviões, estradas, sorvete, tapioca, aromas e tudo mais que se possa imaginar.

Como se isso não bastasse, você chegou no melhor momento da história. Se tivesse vindo lá pela década de 1940, não poderia fazer viagens para a Europa porque ela estava sendo destruída pela guerra. Qual a graça de viajar pelo mundo se você não puder visitar a Europa? Se tivesse vindo na época do homem das cavernas, não poderia tomar sorvete, porque o mesmo ainda não existia. Já pensou como seria a vida em um mundo sem sorvete?

Vivemos em uma era de paz. Se você tem dúvidas disso, dê uma olhada na história da humanidade. Raros foram os momentos em que não estivemos envolvidos em guerras ou submetidos a algum tipo de tirania. Sim, existem conflitos na atualidade, porém acredite, eles são insignificantes perto do que existia no passado. Seria um desperdício não conhecer melhor o planeta em que a gente vive e tudo o que ele tem para oferecer em um momento tão bom da história.

Há uma afirmação, atribuída a Santo Agostinho, que nos ajuda a enxergar o quanto estaríamos perdendo. Diz ele: "**o mundo é um livro e quem não viaja só lê a primeira página**". Essa frase me marcou. Como bom leitor que sou, fiquei apavorado com a perspectiva de não ler o restante desse livro incrível que é a nossa própria vida nesse planeta. Comecei a viver como nômade digital logo em seguida.

E que desperdício teria sido se não o tivesse feito. O que descobri, viajando por dezenas de países e centenas de cidades, é que existem dois mundos diferentes. O mundo da TV, do noticiário, dos jornais, das redes sociais e o mundo real.

O mundo real é um lugar lindo, repleto de pessoas boas e acolhedoras. Possui uma enorme diversidade e cada parte dele nos presenteia com novos sabores, aromas, histórias, perspectivas, paisagens, temperaturas, relevos, vegetações, pessoas e situações.

Foi viajando que compreendi o que possibilita a existência de guerras e conflitos entre nações: o isolamento entre as pessoas. Se todos tivessem a chance de viajar e conhecer um pouco melhor outros povos e outras culturas, seria impossível a existência de grandes conflitos.

Todos entenderiam que, na essência, somos muito parecidos. Queremos viver em paz e harmonia com as demais pessoas e com o planeta em que habitamos. Ainda que tenhamos costumes diferentes, no geral, queremos as mesmas coisas. Queremos o bem.

A ideia de que um povo é mau e precisa ser combatido torna-se ridícula e insustentável quanto mais a gente conhece o mundo. Quanto mais aprendemos sobre outras culturas, mais desenvolvemos nossa compreensão e a capacidade de enxergar as coisas sob diferentes pontos de vista.

É fácil criticar e julgar aquilo que não entendemos, portanto cabe a nós buscar o entendimento. Isso é possível. Basta viajar e conversar com as pessoas.

Não é apenas sobre os outros que aprendemos. É também sobre nosso próprio país, nossa cidade, nosso povo e nós mesmos. É preciso sair do seu habitat natural e ver como as coisas são em outros lugares para que possamos ter parâmetros de comparação. Como é possível saber o quão boa é a comida de um restaurante se você nunca experimentar a de outros?

Se faltam-lhe razões para viajar, lembre-se sempre: **viajar educa**. Mais que qualquer instituição de ensino que você possa sonhar em frequentar.

Desculpas

Se você sonha em viajar e ter a liberdade de conhecer o mundo com calma, o que te impede de partir agora mesmo? Se você é como a maioria das pessoas, a resposta gira em torno da falta de dinheiro. Quem disse que é preciso muita grana para viajar?

Ao longo desse livro, você conhecerá maneiras de viajar por longos períodos de tempo que se encaixam em todos os tipos de orçamento. Tem jeito de viver viajando sem gastar quase nada e ainda assim fazer atividades muito legais. Em grande parte dos casos, você pode inclusive ganhar dinheiro enquanto viaja. E é bom que faça isso, porque trabalhar é importante em viagens de longa duração. Não apenas por questões financeiras, mas também pelo aspecto psicológico. Produzir faz bem. Ser útil é uma das chaves da felicidade.

Eu e Pati estamos viajando o mundo há anos. Durante esse tempo, nossos gastos sempre foram menores do que quando morávamos em Niterói, no Brasil. Não estamos gastando mais para viajar. Não é necessário ter uma fortuna guardada, nem pais ricos, nem ganhar na Mega-Sena. Ao contrário, viajar de forma permanente é uma questão de vontade, habilidade e atitude. Não é uma questão de dinheiro.

Momento

Nunca foi tão fácil viajar na história da humanidade. Especialmente se for por longos períodos de tempo.

No geral, pode-se dizer que as passagens são mais baratas atualmente do que jamais foram. Da mesma forma, as opções de acomodação não param de crescer. Com a maior oferta de lugares, os preços diminuem e há mais opções para todos os bolsos.

Hoje, temos à disposição a internet e os dispositivos móveis. Quase todo mundo tem pelo menos um *smartphone*. Ele contém vários aplicativos úteis para quem viaja, tais como sistemas para troca de mensagens, compra de passagens, reserva de acomodação, mapas, navegação por GPS, câmera fotográfica, leitor de livros, agenda, calendário, filmadora, armazenamento de arquivos, repositório de música, acesso ao banco, consulta a cotações de moedas, consulta a opiniões de outros viajantes sobre melhores locais da cidade para comer ou se acomodar, editor de texto, planilha, gestor de despesas, tradutor, dicionário e muito mais.

Nem sempre foi assim. Viajar era bem mais difícil no passado. O próprio avião é uma invenção recente na história da humanidade. Santos Dumont voou com o 14-bis pela primeira vez em 1906. A história da aviação mal completou um século. A aviação comercial só se desenvolveu décadas depois do 14-bis. Só tornou-se economicamente acessível a uma grande quantidade de pessoas recentemente.

As coisas também melhoraram muito no que se refere à acomodação. Para quem não quer ficar em hotéis, nem pode pagar por eles, há uma infinidade de opções igualmente válidas, tais como [Airbnb](#), [Couchsurfing](#), albergues, pensões, *house sitting* e *home exchange*. Fora os sistemas de trabalho voluntário como o [WWOOF](#), o [WorkAway](#) e vários outros.

A internet, em especial, mudou tudo para melhor. Agora, é possível pesquisar tudo o que você precisa para fazer uma viagem com segurança. Todas as informações estão a sua disposição com rapidez. E você pode se comunicar com qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo, sem nenhum custo.

Isso tudo é muito recente na história da humanidade. E só reforça o que já mencionei antes: você tirou a sorte grande. Você veio para esse planeta, o que já foi uma tremenda sorte, no melhor momento possível.

E sabe qual é a melhor hora para colocar o pé na estrada? Agora.

Não há hora melhor que agora

Quando fiz minha primeira viagem para o exterior, em 1998, eu estava no meio da faculdade e o momento era delicado. Naquela época, a UFRJ, assim como outras tantas instituições federais, tinha greve de professores todos os anos. Não foi diferente em 1998. Minha viagem estava marcada para o período de férias do meio do ano, porém a greve bagunçava tudo. Alguns professores aderiam, outros não.

Quando parti, sabia que provavelmente seria reprovado em algumas matérias porque as aulas continuariam durante a viagem. Assim mesmo, decidi ir. Já explico a razão.

Julho chegou e para Londres eu fui. Adoraria ser capaz de descrever o quanto essa viagem me marcou e me transformou, mas não há palavras suficientes. Quando cheguei lá, me dei conta do quanto valeu a pena todo o esforço e entendi a importância de ir exatamente naquele momento.

Ao longo da viagem, senti uma imensa gratidão e felicidade por poder viver aquela aventura aos vinte e dois anos de idade. Desde o início, eu sabia que isso seria importante.

Sempre acreditei que ganharia dinheiro e poderia construir uma boa vida depois que terminasse a faculdade. Tinha certeza de que, em algum momento do futuro, eu ganharia o suficiente para viajar o quanto quisesse. Entretanto, também sabia que havia algo valioso que estava sendo gasto diariamente: meu tempo nesse planeta, minha juventude.

É possível viajar em qualquer idade. Você pode conhecer o mundo aos 18, 22, 30, 40, 60, 75 ou até 100 anos. Porém a viagem aos 22 não será igual à viagem aos 70, por exemplo. O nível de energia de uma pessoa de setenta não é o mesmo de uma pessoa de vinte e dois. Assim como são diferentes os compromissos, os medos, a saúde, as expectativas, o tamanho da conta bancária, a visão de mundo, a atitude e tudo mais que se possa imaginar.

Aos vinte e dois anos, eu estava começando a vida. Não tinha nada a perder. Ainda não tinha construído nada. Até por isso, me sentia completamente livre.

Estava aberto a cometer erros e passar pelos sufocos que fossem necessários para atingir meus objetivos. A única coisa que eu não estava disposto a perder era a oportunidade de fazer uma viagem daquelas aos vinte e dois anos.

Hoje, aos quarenta, olho para trás e me dou conta de que, se estivesse fazendo a mesma viagem agora, faria muitas coisas diferente. Seria outra

experiência, igualmente interessante, mas completamente diferente. Porque já não sou a mesma pessoa que era aos vinte e poucos anos.

Viver aquela experiência naquela idade não foi apenas um imenso prazer. A viagem também serviu para remodelar minha forma de pensar. Aprendi muito na Europa. Esse aprendizado serviu para guiar todas as minhas ações dali por diante. Voltei uma outra pessoa, com uma cabeça melhor e mais preparada para o mundo. Não porque fui para a Europa em particular. Poderia ter sido para qualquer lugar. O que me transformou foi **sair da bolha** e viver situações novas, desconfortáveis.

A viagem de mochilão que fiz pela Europa me ensinou a lidar com mudanças com maior naturalidade. Dali por diante, poucas mudanças seriam tão drásticas e frequentes como as que vivi naqueles dias. Adquiri maior confiança em mim mesmo e em minha capacidade de resolver qualquer problema que surgisse.

Foi útil ter passado por tudo isso aos vinte e dois anos porque todos os anos seguintes se beneficiaram do aprendizado e da transformação pela qual passei naquela viagem.

Isso me mostrou o quanto as viagens podem ser poderosas para nos tornarmos melhores. Muitas pessoas adiam o sonho de viajar e conhecer o mundo por acreditarem que ainda não chegou o momento certo, quando, na verdade, só existe um momento certo: **agora**. O melhor momento para partir é agora ou o quanto antes puder.

Você não viaja apenas para conhecer o mundo. Acima de tudo, **você viaja para se conhecer** e para se transformar em uma pessoa melhor.

Crescimento pessoal

Espero que você ainda lembre da história de Magno e da prisão que ele construiu para si próprio ao longo da vida. Agora, imagine que as coisas tivessem sido ligeiramente diferentes para ele.

Lembra que ele comprou um carro no início do curso universitário? O que teria acontecido com o restante da vida dele se, em vez disso, tivesse comprado uma passagem para Londres?

Chegando à Europa, perceberia que as pessoas por lá lidam de maneira diferente com a questão do carro. A maioria não tem nenhum veículo e usa o transporte público para tudo. Não há nenhuma vergonha nisso. Mesmo quem tem carro, no geral, deixa ele estacionado perto de casa e vai para o

trabalho de metrô ou de ônibus. Poucas casas têm garagem, diga-se de passagem.

Sim, é verdade que o sistema de transporte nas cidades européias costuma ser melhor que o das cidades brasileiras. Ainda assim, a questão do carro é cultural. Isso fica claro quando você sai do Brasil e vai passar um tempo em outros lugares nos quais ele tem um papel menos relevante.

Conversando com algumas pessoas durante a viagem, Magno descobriria que ter uma casa própria não é um sonho tão forte em outras nações, quanto é no Brasil. Ele entenderia que isso também é cultural. Em muitos lugares, por diversos motivos, considera-se normal, e até preferível, não ter a própria casa.

Se ao contrário da Europa, ele fosse para os EUA, e visitasse o Vale do Silício, talvez se convencesse a seguir o caminho do empreendedorismo. Talvez percebesse que seria melhor voltar ao Brasil e criar um negócio, em vez de fazer um concurso público. Ou talvez até preferisse ir trabalhar por um tempo em uma *startup* americana.

Em suas andanças, é possível que tivesse conhecido alguém, em algum albergue, que lhe contasse sobre a experiência de trabalhar como voluntário em comunidades carentes. Talvez ele se interessasse e decidisse fazer o mesmo por um tempo. E assim descobrisse que dá para viver com muito menos do que se imagina.

Isso poderia contribuir para que ele retornasse ao Brasil com uma visão mais crítica sobre os excessos do consumo. Daí por diante, talvez optasse por viver uma vida mais simples, ter menos posses, menos compromissos e mais liberdade para continuar viajando.

O ponto que quero transmitir é esse: quando você sai da bolha, você começa a enxergar outras possibilidades. Começa a ver que tem outras pessoas vivendo de maneira diferente e percebe que muitas dessas maneiras são legais e também poderiam funcionar para você.

Em especial, você se **desconecta do piloto automático**. Quando você se insere em outras sociedades, com outros hábitos, você entende melhor a própria sociedade em que está inserido e as forças que ela exerce sobre você.

Para dar um exemplo, peço licença para explicar o que penso sobre a questão da casa própria, que é tão importante no imaginário coletivo do brasileiro.

O sonho da casa própria

Há várias razões pelas quais nunca quis comprar uma casa e continuo não tendo interesse em ter um imóvel próprio para morar.

Do ponto de vista financeiro, ainda que você pegue um financiamento (e portanto pague um valor maior), há uma boa chance de que você tenha um ótimo retorno financeiro por ter investido em sua própria casa, no lugar de pagar um aluguel. Entretanto, há outros aspectos na vida que são igualmente relevantes. Tempo é o mais importante deles.

Não existe nenhuma garantia de que você vá estar nesse planeta amanhã. E é absolutamente certo que cada segundo que você gasta por aqui foi-se para sempre. Nunca voltará. Se você perde dinheiro, é possível trabalhar mais e recuperá-lo. Até mesmo a saúde é possível recuperar dentro de certos limites. Pode-se recuperar quase tudo nessa vida. A única coisa que não se pode recuperar é o tempo que já foi gasto. Esse é o artigo mais precioso que existe.

Sendo assim, seu sucesso nessa vida é determinado pelo que você faz com esse tempo. Em meu caso, a última coisa que eu gostaria de fazer com ele é ficar preso no mesmo lugar, independente de ser dono dele ou não.

Imagine que você já tem todo o dinheiro necessário para comprar uma casa e pagá-la à vista. Trata-se de uma quantia grande. Talvez seja toda a sua reserva financeira.

Provavelmente é dinheiro suficiente para você passar anos viajando com tranquilidade. Inclusive, você nem precisa gastar esse dinheiro todo. Pode aplicá-lo e usar os rendimentos financeiros para pagar as despesas da viagem.

Nem todo mundo gosta de viajar. Pegue o caso do Celso. Ele sempre quis ter seu próprio negócio. Em vez de usar o dinheiro para comprar uma casa, ele pode investir uma parte na criação da empresa. Outra vai sustentá-lo enquanto a companhia ainda não der lucro. E outra vai ficar como uma reserva para situações de emergência.

Luana sempre sonhou em ser pintora. Com o dinheiro da casa, ela poderia pagar por aquela escola de belas artes em que sempre quis estudar.

O que quero dizer é que o dinheiro necessário para pagar por uma casa pode ser usado, por exemplo, para realizar qualquer sonho que você tenha. Ele pode permitir que você viva experiências únicas, que têm tudo a ver com seus sonhos, independente do que qualquer pessoa pense sobre eles.

A casa própria é um sonho legítimo de milhões de pessoas, mas não significa que tenha de ser o seu. No meu caso particular, ter a liberdade para fazer o que quiser e assumir o controle de meu próprio destino sempre falou mais alto.

Por isso, sempre acreditei na importância de juntar uma boa reserva financeira, que até mesmo fosse suficiente para comprar uma casa. Porém sempre a tratei como um instrumento para ajudar a consolidar a minha liberdade e não para construir a minha prisão.

A maioria das pessoas que compra uma casa própria não tem o dinheiro para pagar por ela à vista. É preciso financiá-la e pagar prestações altas por décadas. Para tanto, é necessário trabalhar com o que quer que esteja disponível. Os compromissos mensais com as prestações da casa não deixam escolha.

Fora isso, uma vez que você já está fazendo um grande investimento em sua casa, quais as chances de você partir para outro lugar, ainda que esse seja seu sonho? Mesmo que estejamos falando de uma outra casa, na mesma cidade, quais as chances de você mudar?

Comprar uma casa, especialmente sem ter toda a grana disponível, em minha opinião, significa restringir suas opções em inúmeros aspectos. É limitar-se de maneira severa em troca da possibilidade de dizer: esse teto é meu. Até o dia que você descobre que não quer mais ficar ali e percebe que não é assim tão fácil se desfazer daquele bem.

Dinheiro pode ser usado de duas maneiras opostas: para criar mais opções para sua vida ou para restringi-las. Quando você compra um bem de valor elevado, que tem custos altos de manutenção, como é o caso de um carro, uma casa, entre outros, você reduz o número de caminhos que poderia seguir. Por outro lado, quando investe em si próprio e em experiências que te fazem crescer, você amplia o número de opções.

Eu não vim para essa vida para ficar trancado em uma casa, seja ela minha ou não. Tirei a sorte grande quando fui colocado nesse planeta. Não vou desperdiçar meu prêmio. Esse mundo é muito grande e maravilhoso para eu ficar parado em um cantinho minúsculo dele. O planeta Terra é a minha casa. É a sua também.

Capítulo 2

Cotidiano

Como funciona a vida de um nômade digital?

Existem inúmeras formas de viver como um nômade digital. Nesse capítulo, descreverei a nossa. Não por ser a única, mas para que você tenha um exemplo concreto. Ao longo do livro, também mencionarei outras, que serão exemplificadas através das histórias de outros nômades brasileiros.

Não temos casa fixa em nenhum lugar do mundo desde 2010. Nem mesmo em Niterói, de onde viemos. Há uma razão para isso.

Se você tem uma residência fixa, você sente no bolso quando tira férias e vai viajar. As despesas da viagem somam-se às contas de casa. Aluguel, condomínio, IPTU, água, luz, internet, telefone, TV a cabo, faxina e manutenção são algumas das contas que muita gente paga todo mês. Se a casa for sua, provavelmente você paga um financiamento imobiliário, embora não tenha o custo do aluguel.

Quando você viaja de férias, suas despesas com passagens e acomodação, entre outras, somam-se às de sua casa. Mesmo que você não a esteja usando, as contas continuam a vir.

Se você pudesse parar de pagar essas contas durante o período da viagem, o valor economizado possivelmente seria suficiente para pagar as despesas da viagem. Isso é o que acontece em nosso caso. Não temos nenhuma conta fixa no Brasil. Tudo o que ganhamos é usado para pagar as despesas que temos enquanto viajamos.

O mais surpreendente é que nosso gasto mensal, viajando, é inferior ao que tínhamos morando em Niterói. Vivemos de maneira plena, conhecemos muitos lugares pelo mundo e ainda gastamos menos. Parece bom demais para ser verdade, mas é o que aconteceu ao longo dos últimos sete anos.

Acomodação

Onde moramos, se não temos casa fixa? Na casa dos outros. Alugamos apartamentos por temporada em quase todos os lugares que visitamos. Raramente ficamos em hotéis, embora eles façam sentido quando as estadias são curtas (até três dias).

No Brasil, o aluguel permanente costuma ser regido por um contrato de trinta meses, mas a legislação também permite contratos menores, de até três meses. São as locações por temporada. Isso também ocorre em outras partes do mundo, onde alguns proprietários alugam seus imóveis por períodos mais curtos.

Esses imóveis costumam ser destinados a turistas. São mobiliados, oferecem roupa de cama, toalhas e outras amenidades. Quando você chega, o apartamento já está limpo e pronto para ser usado.

É semelhante ao que acontece em um hotel, porém melhor. Um apartamento por temporada tende a ser maior que um quarto de hotel. É comum que tenha sala e cozinha, além do quarto.

Ele nos dá mais privacidade. Uma das coisas que a gente não curte em hotéis é o serviço diário de limpeza do quarto. Ele é conveniente quando a estadia é curta e você passa a maior parte do tempo na rua. Para estadias longas, é inconveniente abrir a porta todos os dias para uma pessoa entrar e limpar. Torna-se uma chateação.

O valor do aluguel de um apartamento por temporada quase sempre é maior que o de uma locação permanente. O apartamento é mobiliado. Você não precisa comprar cama, mesa, cadeiras, sofá, TV, geladeira, fogão, panelas, talheres e outros itens de casa. Tampouco precisa carregar roupas de cama e toalhas em sua bagagem. As contas costumam estar incluídas no valor da locação. Portanto ele também cobre luz, água, gás, condomínio, impostos, internet e TV a cabo.

Você também paga a mais pela conveniência. O dono do imóvel, ou alguém que o represente, combina um horário para te receber e entregar as chaves. Você não perde tempo com burocracias. Não precisa nem assinar um contrato na maior parte dos casos. Tampouco precisa de fiador, reconhecimento de firma e outras chatices do gênero.

É possível achar apartamentos por temporada em quase todos os lugares do mundo com facilidade em sites especializados. O mais relevante é o [Airbnb](#). É o que mais usamos.

Quando vamos para um novo destino, fazemos uma busca no [Airbnb](#) e avaliamos os apartamentos que estão disponíveis no nosso período de estadia. Quase sempre encontramos opções de que gostamos.

Avaliamos cada detalhe do apartamento com cuidado: fotos, descrição, amenidades, preço, localização e comentários de pessoas que se hospedaram antes. Se tudo estiver em ordem, entramos em contato com o proprietário e fechamos a locação.

Achar um bom apartamento e negociar as condições de locação é uma arte que você aperfeiçoará ao longo do tempo. Há muitos detalhes envolvidos. Cobrirei todos eles ao longo do livro. Por enquanto, basta saber que você pode encontrar bons apartamentos para alugar por temporada no mundo todo. Nem sempre foi assim.

O [Airbnb](#) foi criado em 2008. Começamos a usá-lo pouco tempo depois, no início de 2010. Era possível achar apartamentos por temporada antes do [Airbnb](#), porém não era tão fácil, nem tão conveniente.

O [Airbnb](#) está transformando a forma como as pessoas viajam. É especialmente importante para quem é nômade digital. Temos sorte de ter começado essa jornada já tendo o [Airbnb](#) à disposição.

Eu e a Pati não somos mochileiros. Já fomos no passado, quando éramos mais novos. Ficávamos em albergues e não ligávamos muito para o lugar onde estivessemos hospedados. Já não fazemos mais isso. Gostamos de conforto, como todo mundo. Não buscamos luxo e não ostentamos, contudo preferimos ter o básico bem resolvido.

Quando busco um apartamento, quero um lugar limpo, que tenha boa localização, que ofereça uma cama confortável e nos permita tomar um banho quente todos os dias. Precisa ter uma boa conexão com a internet e uma cozinha minimamente equipada.

Já não somos crianças (estamos na faixa dos quarenta). Somos um casal. Buscamos um pouco de privacidade. Trabalhamos todos os dias. Ganhamos o suficiente para pagar por um mínimo de conforto. Ele é importante para que esse estilo de vida seja sustentável.

Há nômades digitais que optam por outros tipos de acomodação. Alguns ficam em albergues, por exemplo. Outros viajam de carro e dormem em barracas. Há também aqueles que se hospedam por alguns dias na casa de outras pessoas, de graça. É o caso de quem usa o [Couchsurfing](#), por exemplo. É um site onde pode-se encontrar acomodação de graça no mundo

inteiro. Em vez de alugar um apartamento inteiro, você dorme em um sofá ou em um quarto extra.

Essas outras opções frequentemente mais econômicas e igualmente válidas. Tudo depende de sua realidade e de suas preferências. Alugar um apartamento por temporada é o que melhor funciona para o nosso caso particular.

Minimalismo

Muito se fala sobre minimalismo. Afinal, precisamos de tantas coisas para viver bem? No nosso caso, a resposta é sim. Precisamos de vários itens para viver bem. Cama, lençóis, cobertores, toalhas, armários, chuveiro, mesa, cadeiras, geladeira, máquina de lavar roupa, fogão, panelas, talheres, roupas, computador, *smartphone* e outros artigos são importantes para nós. Viver sem eles seria ruim e um retrocesso. Entretanto, nem todos esses itens precisam ser nossos. Nossas posses são mínimas. A maior parte do que usamos pertence a outras pessoas.

Ter poucas coisas não significa viver com poucas coisas ou viver com menos que o necessário. Vivemos rodeados de coisas úteis. Elas apenas não são nossas, em sua maioria. Preferimos assim.

Aquilo que você tem te possui. Quanto menos posses você tem, mais livre você é. Suas preocupações diminuem, assim como seus problemas. Quando saímos do Brasil, vendemos tudo que tínhamos e encerramos todas as contas. O alívio que sentimos é indescritível. Foi a primeira vez que me senti realmente livre.

Cada coisa que tínhamos tomava tempo e representava uma pequena amarra que nos prendia ao lugar onde estávamos. Ao longo do mês, nossas posses demandavam atenção.

Além do tempo e dinheiro necessários para pagar as contas, também havia surpresas aqui e ali. Ao longo de um mês, eu precisava lidar com vários aborrecimentos causados pelo fato de ter diversas coisas e muitas contas para pagar. Um dia o ar-condicionado para de funcionar. Precisa de manutenção. Tenho de separar um tempo e buscar alguém para consertá-lo. Combino um dia e horário para o técnico fazer a visita e resolver o problema. Se tudo correr bem, o que é raro, o problema para por aí.

Em outro dia recebo a conta do telefone e descubro que veio errada. O valor cobrado é absurdo. Preciso ligar para a operadora e reclamar. Levo

horas aguardando atendimento. A ligação cai várias vezes. O atendimento é péssimo e eu só me aborreço.

A conexão com a internet para de funcionar. Os minutos passam e ela não volta. O trabalho é interrompido. Ligo para o provedor e aguardo atendimento. Ele não consegue resolver e precisa enviar um técnico. Agenda a visita para dois dias depois, porém não consegue dizer o horário em que o técnico virá. Alguém precisa estar no apartamento o dia inteiro porque ele pode chegar a qualquer momento.

Um dia, acordo e vejo uma poça no banheiro. Investigo e descubro que tem um vazamento. Preciso achar um encanador, agendar uma visita e parar o que estou fazendo para acompanhá-lo.

Passo com o carro sobre um buraco do qual não consigo desviar. Ele começa a fazer um barulho esquisito e a puxar para o lado. Sou forçado a levá-lo para um mecânico.

Esses pequenos tropeços acontecem na vida de todo mundo. Quanto mais coisas você tem, mais aborrecimentos aparecem ao longo do mês porque os itens que possuímos demandam atenção.

Talvez o problema do ar-condicionado só ocupe umas duas ou três horas. Ao longo de um ano, é pouco. Contudo não é apenas o ar-condicionado. Há todos os demais itens. Cada um pede um pouco de atenção a cada ano. Quando tudo é somado, o total surpreende, embora frequentemente não nos pareça alarmante.

Vivíamos em um apartamento grande. Tínhamos muitas contas e muitas coisas que podiam parar de funcionar. Toda semana eu tinha um ou vários problemas para resolver. Era escravo das coisas e só percebi isso quando nos livramos delas.

Agora, é diferente. As coisas que têm maior potencial de dar problema não são nossas. Elas pertencem ao dono do apartamento que alugamos. Se algo para de funcionar, a responsabilidade de resolver é dele.

Problemas continuam a acontecer, claro, porém não preciso mais resolvê-los diretamente. Quando ocorre um vazamento, por exemplo, a gente faz contato com o dono do imóvel e avisa. Ele se encarrega de achar um encanador, contratá-lo e acompanhar seu trabalho.

A internet parou de funcionar? A gente avisa ao dono do apartamento. É ele quem liga para o provedor, aguarda o atendimento, exige providências e se aborrece com a empresa.

Ele também recebe e paga as contas de luz, gás, água, aquecimento, internet, TV a cabo, condomínio e imposto predial. A gente não chega nem a vê-las.

Não temos conta de telefone. Compramos um *chip* pré-pago em cada cidade que visitamos. É suficiente e nunca temos de nos preocupar com erros na conta.

Às vezes o apartamento começa a apresentar pequenos problemas durante a estadia. Talvez a água já não desça com a mesma velocidade no *box* ou na pia da cozinha. Talvez o chuveiro já não esquite tanto assim. Talvez a conexão com a internet comece a ficar instável. Talvez a gente comece a se cansar do lugar.

Seja qual for o problema, sempre nos consola saber que logo iremos embora e esses inconvenientes ficarão para trás. No momento em que a gente sai do apartamento, nosso compromisso com ele termina. Não precisamos mais nos preocupar com ele. Nossa cabeça fica livre para pensar em outras coisas.

Quando você fecha seu apartamento para viajar de férias, ele continua em sua cabeça. Você se preocupa se está tudo bem, se ele não foi invadido e roubado, se não esqueceu de pagar nenhuma conta e assim por diante. No nosso caso, essas preocupações não existem.

O mesmo ocorre em relação ao carro. Não temos um. Quando precisamos de um, alugamos. Durante seu uso, não temos que nos preocupar com manutenção. Isso é problema da locadora. Se ele começar a puxar um pouco para o lado, eu não me preocupo. Sei que logo o devolverei e nunca mais terei de pensar nele.

Essa falta de preocupação com eventuais posses é um dos aspectos que mais aprecio nesse estilo de vida. Tem imenso valor para mim e me libera horas e horas de aborrecimento. Significa que posso manter minha cabeça vazia de problemas bobos. Posso concentrar-me no que importa e desfrutar mais de tudo o que a vida tem para oferecer.

Tempo de permanência

Ficamos até três meses em cada lugar que visitamos. Nunca mais que isso. Visitamos outros países como turistas. O passaporte brasileiro é ótimo para isso, é um dos melhores do mundo. Podemos permanecer até três

meses (noventa dias, para ser mais exato) em cada país, na maioria das nações relevantes para nômades digitais.

Há exceções, naturalmente. Alguns dão menos tempo, outros dão mais. Noventa dias é o mais usual para quem utiliza o passaporte brasileiro. Isso limita o tempo que podemos passar em cada lugar, porém simplifica a vida.

Nosso caso é diferente de quem muda-se para outra nação de forma permanente. Para fixar residência em outro país, você precisa fazer um processo de imigração. Países permitem a imigração dentro de certas condições. Ter um contrato de trabalho ou ser aceito em um curso universitário, por exemplo, são justificativas aceitas pela maioria dos países para aceitar residentes de outras nacionalidades. Há casos em que sua origem já lhe dá o direito de ser residente em determinados países. Brasileiros, por exemplo, podem morar na maioria dos países da América do Sul em função de acordos bilaterais entre os países da região. Por sua vez, alemães podem morar em qualquer país da Europa devido à existência da União Européia. Assim como cidadãos de outros países europeus podem morar na Alemanha.

Quando você faz um processo de imigração e fixa residência em outro país, você tem o direito de permanecer nele por mais tempo. Às vezes, pelo resto da vida, se assim desejar. O lado ruim é que você precisa fazer um processo de imigração que envolve burocracia, custos e uma longa espera pela análise e aprovação.

Visitar um país como turista é mais fácil. Na maior parte do tempo, não há nenhuma burocracia. Basta pegar o avião e apresentar seu passaporte brasileiro na chegada.

Às vezes, é preciso pedir um visto de turista com antecedência, como no caso de Japão, Índia, China, Austrália, EUA e outros pouco visitados por brasileiros. Embora haja uma burocracia, um custo e algum tempo envolvidos, pedir um visto de turista é simples e rápido se comparado a um processo de imigração.

A desvantagem de visitar um país como turista é o limite de tempo. Nunca ficamos em um país mais tempo que o permitido. É importante respeitar as regras de imigração para ser sempre bem-vindo de volta.

O limite de tempo não é um problema para nós. Gostamos dele, pois nos força a sair e conhecer outros lugares. Se não existisse, provavelmente ficaríamos tempo demais nos países de que mais gostamos.

Por exemplo, estou escrevendo esse trecho do livro em Sófia. É uma cidade que a gente adora. Amamos a Bulgária. A vida é fácil, barata e confortável. Se pudéssemos ficar mais de três meses, provavelmente ficaríamos. Seria uma satisfação passar mais tempo aqui, porém estaríamos abrindo mão de conhecer outros lugares igualmente encantadores. O limite de tempo nos força a sair. Isso é excelente. Para nós, é uma dádiva.

Funciona porque não buscamos trabalho em nenhum lugar fora do Brasil. Para trabalhar em outro país teríamos de fazer um processo de imigração e obter uma permissão de trabalho. Ela é difícil em muitos casos e raramente está disponível para turistas. Como não precisamos dela, visitar os países como turistas é suficiente.

Não precisamos trabalhar localmente, nos países que visitamos, porque temos nossos próprios negócios no Brasil. Trabalhamos exclusivamente para eles. Portanto, do ponto de vista burocrático, nossa vida continua no Brasil.

Sabe quem gosta de burocracia? Só os burocratas e quem ganha dinheiro com ela. O resto das pessoas odeia. É uma daquelas coisas que só servem para arruinar a alegria de viver. Viajando como turistas, evitamos o contato com a burocracia de outros países. Isso faz diferença. Quem emigra para outro país tem o infortúnio de conviver também com a burocracia da nação para onde vai, além daquela a que está exposto no Brasil. É como abrir uma nova ferida na alma.

No nosso caso, isso não acontece. Não temos contato com alguns dos piores aspectos dos outros países. Somos expostos apenas ao lado bom deles. Isso inclusive nos faz ter uma visão mais romântica de cada lugar que visitamos.

É o caso aqui de Sófia, por exemplo. Adoramos passar alguns meses na Bulgária. Gostamos das pessoas, da comida, da montanha, dos cafés, dos restaurantes, dos parques, do clima e de vários outros aspectos da cidade. São ótimos. Os nativos, entretanto, espantam-se quando falamos de nosso amor pela cidade. Eles têm inúmeras críticas. A maioria gira em torno do governo e da burocracia. Como não temos contato com essa parte, não fazemos ideia dos problemas pelos quais passam. Também reclamam muito sobre a dificuldade de achar trabalho, assim como o desafio de estabelecer negócios no país. Isso tampouco nos afeta.

Nem sempre ficamos três meses em um país. De fato, raramente ficamos mais de dois. Nem sempre ficamos apenas em uma cidade. Às vezes

dividimos a estadia no país em duas ou mais cidades, de modo que possamos conhecer outras regiões.

Rotina diária

Nossa rotina diária não é muito diferente daquela de quem trabalha em casa. Já trabalhávamos em casa quando ainda morávamos no Brasil. De fato, faz mais de uma década que não trabalhamos em um escritório.

A maior diferença é que a casa muda de tempos em tempos. Quando morávamos em Niterói, passamos anos morando e trabalhando na mesma casa. Atualmente, passamos no máximo três meses em cada apartamento. Estamos sempre mudando de ares. Isso tem consequências boas e ruins.

Sou engenheiro de software. Em 2008, desenvolvi uma plataforma para criação de sites chamada [Be on the Net](#). Ela era usada por pequenos negócios espalhados pelo Brasil. Eles pagavam uma mensalidade e eu tinha a responsabilidade de manter tudo funcionando. Além disso, também trabalho em outros projetos novos, como é o caso deste livro.

Não preciso encontrar com meus clientes presencialmente. Faço tudo pela internet usando email, [Skype](#), WhatsApp e outras ferramentas de comunicação.

O caso de Pati era diferente. Quando iniciamos essa jornada, ela era fotógrafa de casamento. Precisava ir aos eventos para fotografá-los. Voltávamos ao Brasil uma vez por ano e ficávamos de três a quatro meses. Ao longo desse período, ela tirava fotos de vários casamentos.

Quando essa temporada terminava, a gente partia para outros lugares ao redor do mundo e o trabalho continuava. Pati precisava tratar as fotos, diagramar álbuns e vender seu trabalho para o ano seguinte. Para isso, bastava seu computador e uma conexão com a internet.

As coisas funcionaram assim até o fim de 2014, quando ela decidiu aposentar-se da fotografia de casamento. Desde então, dedica-se apenas a editar as fotos e confeccionar os álbuns que ainda precisam ser entregues, além de trabalhar em novos projetos comigo.

Nós dois temos responsabilidades com nossos clientes. Precisamos trabalhar e gostamos de trabalhar. É importante enfatizar esse ponto. Viajar é fantástico, mas é só uma parte da história. Mudamos de lugar várias vezes por ano, porém não estamos em movimento todos os dias do ano. O que fazemos todos os dias é trabalhar.

Não temos que estar no escritório em um horário específico. Não temos de cumprir uma carga horária diária. Não temos nem mesmo que trabalhar todos os dias. A maioria das pessoas troca horas de trabalho por dinheiro. Em princípio, ganha mais ou menos dependendo de quantas horas trabalha a cada dia. Esse não é o nosso caso. O ganho financeiro que temos no fim do mês não está diretamente ligado à quantidade de horas que trabalhamos no mês. Assim mesmo, trabalhamos muito. Para nós, é importante produzir, ser útil e ter a sensação de que estamos dando uma contribuição para o mundo. Trabalhar em algo de que a gente gosta nos preenche da mesma forma que viajar. Precisamos de ambos.

Viajar de forma permanente é um sonho de muitos. Visitar diferentes lugares, fazer turismo e passear o ano inteiro parece perfeito. Tem gente que faz isso. Junta dinheiro e viaja por um ou dois anos. Não trabalha durante a viagem. Apenas passeia e conhece novos lugares.

Isso funciona bem para várias pessoas, mas não para nós. Por mais que a gente goste de passear, chega um momento que cansa. Isso tem a ver com nosso perfil e à natureza do que fazemos. Trabalhamos para nós mesmos, escolhemos o que vamos fazer a cada dia e adoramos o que fazemos. Então, a gente não se cansa.

A história é outra quando a pessoa tem um emprego de que não gosta. Depois de anos trabalhando em algo que detesta, ela vai adorar viajar por muito tempo sem fazer trabalho algum. É compreensível. Felizmente não é o nosso caso. O que funciona para nós é o equilíbrio. Ao longo do ano queremos trabalhar, além de conhecer novos lugares.

Na prática, isso significa que priorizamos o trabalho durante a semana e passeamos no fim de semana. Não parece muito diferente de quem vive uma vida convencional, trabalha durante a semana e se diverte no sábado e domingo. Contudo há detalhes que fazem toda a diferença.

Quando chegamos a uma nova cidade nova, em um país no qual nunca estivemos, tudo é novidade. Temos uma rotina de trabalho, mas aproveitamos as pausas para conhecer os lugares.

Nos primeiros dias, a gente sai na hora do almoço e começa a explorar o bairro. No início, o propósito é apenas descobrir um restaurante onde possamos almoçar. Chegando ao restaurante, frequentemente ficamos perdidos. Não falamos o idioma local. Não sabemos o significado dos nomes de pratos que aparecem no menu. Às vezes, não conhecemos sequer o alfabeto, portanto ficamos ainda mais perdidos.

Mesmo que a gente consiga ler o cardápio, a gente não conhece os nomes dos pratos locais. Não sabemos o que significa *Iskender*, *Shopska* (шопска), *Tarator* (таратор), *Khao Soi* (khao soi), *Wontons* (馄饨), *Baba ghanoush* (بابا غنوج) ou *Khachapuri* (ხაჭაპური). Tudo é uma surpresa.

Às vezes o menu tem fotos, o que ajuda. Nesses casos, escolhemos algo que parece bom e apontamos para a foto. Quando não tem foto, pedimos ajuda ao garçom, em inglês. Nem sempre dá certo, porque frequentemente ele não fala uma palavra em inglês. Nesses casos, o que resta é contar com a sorte. A gente aponta para algum nome de prato no menu, cujo preço esteja dentro do orçamento, e torce para ser bom.

Essa costuma ser nossa primeira experiência no restaurante de uma cidade que nunca visitamos antes. Um pouco assustadora, não é?

Isso quebra a rotina. Somos pessoas curiosas. Ter contato com coisas novas e situações diferentes, que não entendemos, é uma pequena aventura que adicionamos ao nosso cotidiano. Dá um pouco de medo, mas a gente se acostuma.

Por mais que a gente trabalhe a maior parte do tempo, tudo muda a nossa volta quando chegamos em uma nova cidade. O trabalho continua o mesmo. Ele é familiar e nos traz conforto. O resto é só desconforto. É esquisito e complicado em um primeiro momento.

Nossa vida se transforma nos primeiros dias que passamos em uma nova cidade. A gente aprende a andar por ela, aprende sobre a comida, aprende a navegar pelas prateleiras dos supermercados, começa a conhecer os cafés e visita alguns pontos turísticos. Isso tudo acontece quando a gente sai para almoçar e jantar, se for durante os dias úteis. No fim de semana, a gente passa mais tempo fora de casa e explora a cidade com maior tranquilidade.

Isso é diferente de uma viagem de turismo. De fato, fazemos pouco turismo no dia a dia. Ele costuma ficar reservado para o fim de semana. Como ficamos alguns meses na cidade, não há pressa. Podemos conhecer as atrações turísticas com calma, se tivermos interesse por elas.

Visitar museus é uma atividade turística clássica e faz sentido em vários lugares do mundo, especialmente aqui na Europa, mas é o tipo de coisa que raramente fazemos. Nossos interesses são outros. O que a gente gosta é de conhecer o novo lugar. Saber como as coisas são, como funcionam, como são as pessoas, quais são seus hábitos, como é a comida e assim por diante. Isso, para nós, é mais interessante que qualquer atração turística.

À medida que os dias vão passando, vamos entendendo melhor a cidade e a cultura em que estamos. Muito do que era um mistério no início, começa a tornar-se familiar. Aos poucos a gente vai se integrando à cidade. Em algum momento, começamos a fazer amigos. É a parte que a gente mais gosta. A única forma de conhecer um lugar minimamente é conversando com as pessoas de lá. É quando tudo começa a ficar mais interessante.

Já vimos muitos lugares bonitos no mundo inteiro. É ótimo visitá-los, porém o que mais nos marca, em qualquer lugar, é o contato com as pessoas. É delas que lembramos o tempo todo. A gente troca qualquer atração turística pela oportunidade de conhecer gente nova e fazer amigos. Empregamos algumas estratégias para isso. Falarei sobre elas em outro capítulo

Depois de algum tempo em um novo lugar, nossa vida começa a se parecer mais com a que tínhamos em Niterói, no Brasil. A cidade torna-se familiar, sabemos o que pedir nos restaurantes, sabemos onde ir, já temos nossos lugares preferidos e temos uma programação social com nossos novos amigos. Eles tornam-se uma prioridade. Como podemos trabalhar quando quisermos e não temos de cumprir uma carga horária específicas, somos flexíveis. Se um amigo quiser tomar um café, a gente vai, mesmo que seja um horário em que tipicamente estaríamos trabalhando.

Enquanto escrevo esse trecho do livro, estamos no inverno, aqui em Sófia. Fez alguns dias lindos recentemente. Em um desses, Dima e Lazi, um casal de amigos locais, ligou e perguntou se queríamos ir para a montanha na parte da tarde. Meu plano era trabalhar no livro o dia todo, mas não queria perder a chance de passar a tarde com eles. Adoro a *Vitoshka*, a montanha linda, toda nevada, que fica ao lado da cidade. Aceitamos o convite e fomos todos para lá.

Também já deixamos de trabalhar em outros momentos pelo simples desejo de explorar o lugar e fazer outras coisas. É um desejo que surge às vezes. Se não interferir nas responsabilidades que temos com nossos clientes, a gente sai e vai fazer o que quiser, sem problemas.

Para mim, essa é a característica mais importante dessa vida que escolhemos. É a liberdade de usar nosso tempo da maneira que bem entendermos. Essa autonomia é fruto dos nossos negócios e da maneira como os organizamos. No entanto, liberdade para fazer o que bem entende não é uma licença para vagabundear e ser irresponsável. Como dizem, **disciplina é liberdade.**

A única razão pela qual conquistamos essa liberdade é porque sempre tivemos disciplina e compromisso com nossos clientes. Sem isso, não teríamos chegado até aqui. O desafio é manter essa disciplina vivendo como nômade digital. Não se engane, é mais difícil do que parece.

Como já disse antes, somos curiosos. Quando chegamos a uma cidade nova, queremos sair por aí e explorá-la o quanto antes. É preciso autocontrole para segurar a ansiedade, focar no trabalho e desfrutar da cidade aos poucos. Não é fácil.

Os primeiros dias são os mais difíceis e caóticos. Por mais que a gente tente evitar, a produtividade cai. Gastamos mais tempo na rua para resolver questões triviais como almoçar e fazer compras no supermercado. Não apenas porque estamos interessados em ver como as coisas são e funcionam, mas também porque ainda estamos meio perdidos. Gastamos mais tempo procurando restaurantes e supermercados. Demoramos mais tentando descobrir o que é cada coisa no supermercado. Precisamos procurar uma casa de câmbio para trocar dinheiro. Temos de escolher uma operadora de telefonia e comprar um *chip* pré-pago.

Essas pequenas tarefas demandam mais tempo nos primeiros dias e reduzem nossa produtividade por maior que seja nossa disciplina e planejamento. Faz parte. Já nos acostumamos a isso e é parte do que sabemos que vai acontecer quando chegamos em um novo lugar. Com o tempo as coisas se estabilizam.

Exemplos de rotina diária

Nossa rotina diária vai se transformando ao longo do tempo. Ela muda um pouco de lugar para lugar. Para que você tenha uma ideia, descrevo a seguir a rotina no momento em que escrevo esse trecho do livro.

Sófia (início de 2016)

Durante os dias úteis, acordamos às 7:30 da manhã com a ajuda do despertador. Eu pulo da cama um pouco antes de Pati e vou para a cozinha. Preparo uma *galette* para Pati. É uma espécie de panqueca saudável que leva farelo de aveia, queijo *cottage* ou ricota, ovo e sal. Além disso, faço um chá de limão e outro de gengibre. Pati come a *galette* com queijo e mel,

enquanto eu fico apenas com os chás. Não como nada durante a manhã. Faço o que é chamado de jejum intermitente.

A gente sai de casa por volta das 8:30 e caminha cinco minutos até o ponto para pegar o bonde. Pati desce às 9:10 no ponto próximo a seu curso. Ela está estudando búlgaro em um curso intensivo. Eu continuo no bonde e desço no ponto final, próximo ao *Mall of Sófia*. Lá, dirijo-me inicialmente ao Costa Café onde peço um chá. É o tíquete que me dá direito a usar uma mesa por umas duas horas.

Eu me instalo à mesa, ligo o notebook e começo a trabalhar no livro. Faço isso por umas duas horas até que a natureza exige que eu vá ao banheiro esvaziar a bexiga. Fecho tudo, vou ao banheiro e parto para outro café, o Bianco. Lá eu faço a mesma coisa. Peço um chá e continuo a trabalhar no livro.

Às 12:50, fecho o notebook, faço uma última visita ao banheiro e saio para buscar Pati em seu curso. Tem dias que a gente almoça na rua e vai para outro café, onde continuo trabalhando no livro e ela fica estudando búlgaro. Em outros, a gente vai direto para casa e passa a tarde trabalhando por lá. Nesse caso, ela decide se quer estudar búlgaro ou trabalhar em suas fotos.

A gente trabalha um pouco mais na parte da noite. É quando respondo emails, faço outras atividades no computador que não têm a ver com o livro e preparo a janta. Além disso, vamos à academia na parte da noite, três ou quatro vezes por semana.

O fim de semana é outra história. Como temos vários amigos aqui, o mais comum é que passemos o fim de semana com eles. Raramente trabalhamos. No meu caso, costumo me forçar a não fazer nenhum trabalho no sábado e domingo e me divertir ao máximo.

É importante recarregar as baterias. Quando a segunda-feira chega, quero pular da cama e correr para o trabalho. Para isso, é importante que eu tenha passado o fim de semana desligado dele.

Esse é só um exemplo de nossa rotina. Em outros lugares em que estivemos antes, ela foi diferente. Isso acontece em função das atividades em que estamos mais envolvidos a cada momento e às próprias características do lugar em que estamos ficando. Por exemplo, passamos três meses em Chiang Mai no início de 2015, onde nossa rotina foi outra.

Chiang Mai (maio de 2015)

Chiang Mai, na Tailândia, é um lugar que tem uma grande oferta de cafés e espaços de *coworking*. Eles são baratos e projetados para você passar o dia neles.

Nosso apartamento, embora fosse bom, era um tanto depressivo. A luz natural entrava apenas no quarto, mas a mesa de trabalho ficava na sala, que não recebia luz de fora. A porta tinha de ficar fechada devido ao ar condicionado, o que fazia o ambiente ficar deprimente.

Nesse contexto, a gente preferia sair de casa todos os dias e trabalhar fora. No início, experimentamos diversos cafés e *coworkings*. O objetivo era descobrir qual funcionava melhor para nós.

Depois de muita procura, escolhemos o *Coffee Monster* para visitar diariamente. Tinha cadeiras de boa qualidade, como as que você encontra em um bom escritório. Isso faz toda a diferença. A conexão com a internet era rápida, o café era bom e o ambiente era aconchegante. Íamos todos os dias para lá, o que envolvia uma viagem de *scooter* sob um Sol escaldante e um calor infernal. Ao menos éramos recompensados com um lugar onde conseguíamos ser produtivos.

Visitar o *Coffee Monster* gerava um custo adicional. Trabalhar de casa seria mais barato, porém nossa produtividade seria prejudicada. Era melhor aceitar a despesa extra e trabalhar da melhor forma possível.

Ir ao café também nos dava a chance de conhecer outras pessoas e passar o dia rodeado de gente que, como nós, estava empenhada em construir algo. Isso tem valor. Tivemos muitas conversas produtivas por lá.

Gastamos tempo nos primeiros dias para buscar um local de trabalho ideal. Produzimos menos nesse período, mas aprendemos o máximo possível sobre a cidade e o que ela tinha a oferecer. Passado esse período, nos beneficiamos da pesquisa e passamos a trabalhar no lugar que melhor funcionava para nós.

Essa rotina foi completamente diferente da que tivemos em Catânia, na Itália, no fim de 2015.

Catânia, Sicília, Itália (dezembro de 2015)

Em Chiang Mai, o apartamento era funcional, porém as cadeiras machucavam as costas e o lugar era estéril. Não havia nenhum tipo de decoração. Não era um lugar aconchegante. Era uma das razões que nos

levavam a ficar fora tanto quanto possível. Em Catânia, ao contrário, o apartamento era ótimo. O ambiente era bonito, bem decorado e acolhedor. Tinha uma boa mesa para trabalhar e cadeiras confortáveis, o que é raro de achar. Era o nosso lugar favorito na cidade. Nenhum outro fazia a gente sentir-se tão bem.

A cidade não tinha uma boa oferta de cafés e espaços de *coworking* onde pudéssemos trabalhar. Os poucos disponíveis eram caros. Não fazia sentido sair para trabalhar. Era melhor fazê-lo em casa e sair apenas para outros propósitos.

A rotina que estabelecemos, portanto, foi diferente da que adotamos em Chiang Mai. Eu acordava cedo e ia para o mercado. Catânia tem um excelente mercado de peixes e verduras, que eu visitava com frequência. Tudo é fresco e os valores são acessíveis. Os restaurantes, por outro lado, são caros demais. Fazia mais sentido comer em casa.

Eu visitava a feira no início do dia, comprava o que fosse precisar para o almoço e a janta, e voltava para trabalhar. Trabalhava em casa na parte da manhã, almoçava e saía para explorar a cidade com a Pati. Voltávamos à noite e continuávamos a trabalhar.

O fuso horário nos beneficiava. Eu estava em um projeto no qual trabalhava com uma funcionária no Brasil. Eu precisava conversar com ela via [Skype](#) diversas vezes por semana. Para ela, o melhor era fazer isso na parte da tarde do Brasil, quando já era noite na Itália.

Isso funcionava bem. De manhã eu podia me concentrar no que quisesse, sem me preocupar com o Brasil porque as pessoas ainda estavam dormindo por lá. De tarde podíamos passear, se quiséssemos, porque ainda era manhã no Brasil. O dia estava começando por lá e não havia reuniões agendadas. À noite, quando já tínhamos aproveitado bem o dia, podíamos conversar com as pessoas no Brasil porque era à tarde por lá.

É preciso ser flexível. A rotina que a gente estabelece e melhor funciona depende de inúmeros fatores: cidade, apartamento, oferta de cafés e espaços de *coworking*, custo desses locais, fuso horário, entre outros.

A produtividade cai nos primeiros dias. A viagem para chegar à cidade quebra o ritmo de trabalho. Os primeiros dias em um novo lugar demandam um esforço de descoberta e aprendizado. Tudo isso atrapalha o trabalho. É um dos preços que a gente paga para desfrutar deste estilo de vida.

Produtividade anda de mãos dadas com estabilidade. Quanto mais caótica a sua rotina, mais o trabalho é prejudicado. Leve isso em conta em

seu planejamento de viagem, especialmente na hora de decidir quanto tempo ficar em cada lugar.

Se você tem muito trabalho a fazer e precisa se concentrar, passe pelo menos alguns meses em cada cidade. Você terá uma perda de produtividade na chegada, mas ela será diluída por um período de tempo maior. Isso gera menos perda.

Vida em casal

Eu e Pati viajamos juntos desde o início dessa jornada nômade. Funciona bem para nós, mas pode não dar certo para outros casais. Estamos juntos há quatorze anos. Quando começamos a viver assim, viajando, já tínhamos nove anos de vida em casal e trabalhávamos juntos em casa há bastante tempo.

Isso não é comum. A maioria dos casais não passa o dia inteiro junto. As pessoas trabalham fora. O marido faz uma coisa, a esposa faz outra. Ficam separados e encontram-se à noite. Estão juntos o dia todo só nos fins de semana. Muitos ainda dividem as atenções com os filhos.

Nossa situação é diferente. Passamos o dia inteiro juntos, todos os dias do ano. Isso só é possível porque a gente se dá muito bem. Em uma situação como essa, tudo é amplificado. Qualquer probleminha se torna maior porque você passa o tempo todo com a outra pessoa. Se não houver muito amor e companheirismo, as coisas não funcionam.

O trabalho também é importante. Estamos juntos, mas sempre engajados em alguma atividade. Se estivéssemos ociosos, apenas assistindo TV, navegando nas redes sociais e passeando, nosso relacionamento não se sustentaria.

Em 2015, Pati teve inúmeros problemas de saúde. É fácil viver com outra pessoa quando está tudo bem. As coisas se complicam quando enfermidades aparecem e se agravam ainda mais quando somos apenas nós dois. No Brasil, quando Pati tinha um problema de saúde, buscava a ajuda da mãe e das amigas. Viajando, suas opções ficam mais restritas. Temos de resolver tudo entre nós. Nem sempre é fácil.

Se você pensa em ser um nômade digital com seu marido ou esposa, é importante levar essas questões em consideração. O relacionamento de vocês vai ser afetado. Ele pode melhorar, assim como pode piorar. É difícil saber de antemão. No nosso caso, melhora a cada dia. Temos muita

afinidade, muito amor e companheirismo. Houve momentos difíceis, especialmente relacionados às questões médicas, porém serviram para a gente aprender e se fortalecer.

Demos sorte, pois funcionamos bem juntos. Antes de embarcar em uma vida de viagens longas, em casal, analise com cuidado a realidade de vocês. Se o relacionamento for frágil, ele terminará mais cedo do que você imagina.

Pati ingressou em um curso de búlgaro, enquanto estamos em Sófia. Não precisamos falar búlgaro para viver bem na Bulgária. O inglês é suficiente, especialmente aqui em Sófia. Porém estudar idiomas é algo que nós dois gostamos de fazer. Achamos um curso legal e Pati queria fazer. Eu não queria fazê-lo agora porque queria me dedicar ao livro. Além disso, queria dar a ela a oportunidade de passar uma parte do dia longe de mim e na companhia de seus colegas de curso.

Variedade é importante. A vida itinerante traz maior variedade para nosso dia a dia porque mudamos de lugar com frequência. No entanto, a vida em casal passa a ter menos variedade porque passamos o dia inteiro juntos. Esse curso está sendo a primeira vez em que ficamos separados uma parte do dia desde que começamos a viver assim. Está sendo bom em vários aspectos.

Pati está feliz com o processo de aprender algo novo. Ela se diverte com os colegas de turma e tem uma rotina diária com outras pessoas. Eu me forcei a sair de casa para levá-la ao curso e trabalhar em cafés. Isso está sendo bom porque consigo ser mais produtivo nesses ambientes.

Muitos nômades digitais começam a sofrer de solidão depois que passam tempo demais na estrada. É um assunto sério que precisa ser tratado com atenção. É fácil ficar concentrado demais no trabalho e negligenciar outros aspectos. Para que esse estilo de vida funcione bem e seja sustentável, é importante que a gente encontre uma forma de interagir com outras pessoas.

Comunicação no dia-a-dia

Raramente falamos o idioma do lugar em que estamos e muitas vezes não entendemos sequer o alfabeto. É o caso da Tailândia, por exemplo, onde passamos três meses em 2015. O idioma é difícil, completamente diferente do português, e o alfabeto parece alienígena.

O inglês ajuda por lá, assim como em grande parte do mundo. Em todos os lugares as pessoas estudam inglês como segunda língua. Isso não significa que falem bem, porém muitas vezes dá para estabelecer uma comunicação básica.

O inglês é a ferramenta mais importante que usamos no dia a dia. É possível ser nômade digital sem dominá-lo, porém é mais difícil. É uma limitação séria. Inglês é a língua que usamos todos os dias onde quer que estejamos. Também é a que usamos para fazer o planejamento da viagem. A maior parte das informações que pesquisamos em preparação para novos destinos está em inglês.

Se você pensa em ser nômade digital e ainda não domina o inglês, minha sugestão é que faça um esforço para aprimorar essa habilidade. É mais importante do que parece à primeira vista, mesmo quando você visita países em que a população não usa o inglês como idioma nativo.

Em alguns lugares, nem mesmo o inglês ajuda porque quase ninguém fala. É o tipo de dificuldade que muitos estrangeiros enfrentam quando visitam o Brasil. Não é difícil achar quem consiga comunicar-se minimamente em inglês em Copacabana, por exemplo, um dos pontos turísticos mais conhecidos do Brasil. Entretanto, em outras partes do país, menos visitadas por estrangeiros, usar inglês é um desafio. Isso também acontece em outras partes do mundo, especialmente em cidades menores, no interior. Nas capitais, é mais fácil encontrar pessoas que falem inglês.

Mesmo que ninguém fale inglês ou qualquer idioma que você domine, não se preocupe, você não morrerá de fome. Já passamos por essa situação diversas vezes e sobrevivemos. Você logo conhecerá as estratégias que adotamos.

Saúde

Ter um problema de saúde é ruim, pior ainda quando a gente viaja de forma permanente. Ficar doente e ter de buscar atendimento médico em um lugar que a gente não conhece é assustador.

O Brasil tem vários problemas na área de saúde, mas os brasileiros sabem como as coisas funcionam e podem contar com o apoio de familiares e amigos. Na estrada, é diferente. Você não está familiarizado com o sistema de saúde do lugar em que está. Às vezes é melhor que no Brasil, às vezes é pior.

A interação com os médicos também é diferente. No melhor dos casos, você e o médico sabem falar inglês, o que lhes permite estabelecer um diálogo. Assim mesmo, a conversa pode ser difícil porque nem você nem o médico estão habituados aos termos médicos em inglês.

Pense no que é descrever os detalhes do que está sentindo em outro idioma. Você sabe descrever as partes do corpo em inglês? Imagine um médico explicando o tratamento em inglês com um sotaque esquisito, que você não entende direito. Será que você entendeu a dosagem exata do remédio?

Esse é o melhor caso. Tem lugar em que você nem encontra um médico que fale inglês. Ou, ainda pior, onde a disponibilidade de hospitais é limitada e as condições são precárias.

Seja qual for o lugar em que você esteja, a melhor opção é **não ficar doente**. Ter uma vida saudável é importante para qualquer pessoa, porém é ainda mais para quem é nômade. É fundamental. Para isso, é preciso ter cuidado com algumas coisas e cultivar certa disciplina.

O melhor a fazer é estudar. Tem muita informação boa disponível na internet sobre como manter-se saudável e reduzir as chances de ficar doente. Descreverei algumas coisas que funcionam para nós, mas não sou médico. Faça suas pesquisas e consulte seus médicos antes de partir.

É fundamental dormir bem. Sua saúde depende disso. Dormir mal ou menos horas do que você precisa por noite é uma fórmula garantida para baixar a imunidade. Bastam poucos dias assim para começar a adoecer.

Cada pessoa precisa de um número diferente de horas para recompor-se e manter-se saudável. Fico bem com sete horas de sono. Pati precisa de nove.

Já fomos mais descuidados e pagamos o preço. Aprendemos com o tempo e hoje somos mais atentos. Dormir menos que o necessário uma vez ou outra, por alguma necessidade momentânea, é aceitável. Fazer disso um hábito é fatal.

É preciso ter cuidado especial com os dias de mudança de um lugar para outro. Às vezes, a gente tem de pegar um voo de madrugada ou passar longas horas viajando de trem ou de ônibus. É importante preparar-se para estas situações. Isso significa dormir bastante antes e depois da viagem. Seu corpo precisa de tempo para se recuperar.

Além de dormir o suficiente, também é importante beber água. Parece óbvio demais para ser mencionado, contudo a maioria das pessoas bebe

menos água do que deveria. Isso gera problemas chatos e desnecessários. Água é o que compõe a maior parte de seu corpo. É fundamental para todas as atividades metabólicas e para eliminar o lixo que a gente consome e que o corpo produz.

Beba água com frequência. Mulheres devem prestar atenção redobrada. Elas parecem esquecer-se de beber água com mais facilidade. Um dos efeitos negativos que muitas sentem é a prisão de ventre. Há outros ainda mais graves.

A qualidade da água é importante. Há diversos fatores que influenciam a qualidade da água, além do nível de pureza dela. O pH é particularmente importante. Quando você bebe uma água com pH muito abaixo de sete, seu corpo se torna mais ácido. O ambiente ácido reduz a imunidade e favorece a proliferação de bactérias e fungos. Em linhas gerais, quanto mais alto o pH da água, melhor. Ele faz seu corpo ficar mais alcalino. Sua imunidade se fortalece e o ambiente fica ruim para a proliferação de bactérias e fungos.

Não substitua água por refrigerante nem sucos. Sucos contêm carboidratos em excesso. Refrigerantes, além dos carboidratos, são ácidos demais. Têm o pH baixíssimo. Eles deprimem o sistema imunológico de maneira severa. Quem viaja muito jamais deveria beber refrigerante. Aprenda a beber água e a consumi-la no lugar de refrigerantes e outras bebidas do gênero. Seu bolso também agradecerá. Nós não tomamos nem uma gota de refrigerante há anos. É uma prática que já tínhamos antes de virar nômades e da qual não abrimos mão. Refrigerante e saúde não combinam.

Para se hidratar, também é útil comer frutas com grande concentração de água, tais como melão, melancia, mamão, caqui, entre outras. Comer as frutas é melhor que beber o suco porque as fibras compensam o estrago que os carboidratos fazem quando são ingeridos sem a companhia delas.

Não use adoçantes. Eles não contribuem com sua saúde. Viajando pelo mundo, você perceberá que o Brasil é o lugar com a maior cultura de uso de adoçantes do mundo. Nunca vimos, em nenhum outro país, tamanha disponibilidade de adoçante e costume de usá-lo. Tampouco vemos tantos produtos *light* e *diet*, como no Brasil. Visitando os supermercados brasileiros, eu e Pati ficamos assombrados com a proliferação de opções *diet* e *light*. Chega a ser difícil encontrar algo que seja "normal".

Adoçante, assim como produtos *light* e *diet*, parecem benéficos, mas não são. Eles são "estranhos" para o corpo humano que evoluiu por milhares de

anos sem ter contato com eles. São substâncias que atrapalham o funcionamento do metabolismo e, com frequência, criam distúrbios hormonais. Busque informações sobre o assunto. Adoçantes estão longe de ser inofensivos.

Cuidado com os carboidratos, especialmente os grãos. O excesso de carboidratos engorda e deprime o sistema imunológico. Grãos e derivados costumam ter glúten. Pesquise mais sobre o glúten e entenda os efeitos nocivos para a saúde.

O que melhor funcionou para nós, até hoje, é uma dieta mais próxima da paleolítica. Busque detalhes sobre ela na internet. Comemos poucos grãos e concentramos a maior parte da comida em carnes, ovos, vegetais e frutas. Também evitamos alimentos processados e industrializados. Além disso, a gente nunca come nada que seja *diet* ou *light*.

Também comemos besteiras, claro. Adoro comer. Para mim, é um dos maiores prazeres da vida. No entanto, sei que nem tudo posso comer à vontade.

Comemos de maneira mais consciente durante a semana e deixamos as extravagâncias para os fins de semana ou para quando estamos na companhia de amigos. Ainda assim, algumas coisas são proibidas em qualquer circunstância, como é o caso dos refrigerantes, adoçantes e alimentos *diet* ou *light*.

Não fumamos. Nunca fomos fumantes e nos custa entender o que leva alguém a ser. É desnecessário dizer que fumar e ter uma vida saudável não combinam.

O álcool também não é o melhor amigo da saúde. Ele deprime o sistema imunológico. Para muita gente, é uma parte importante da vida. Se for o seu caso, beba com moderação ou, ao menos, reserve a bebida para poucos dias por semana.

Finalmente, é preciso pegar Sol. A maioria das pessoas tem deficiência de vitamina D porque não toma tanto Sol quanto deveria e quando o faz não é no horário apropriado. Isso é particularmente grave em países do hemisfério norte, especialmente no inverno, quando o Sol aparece com menos frequência.

Muita gente morre de medo do Sol e vive usando protetor solar. Parece uma boa ideia se proteger do Sol. Isso faz sentido quando a exposição a ele é excessiva. Na atualidade, entretanto, a maioria das pessoas vive trancada em escritórios e pega menos Sol que o necessário.

Essas são as diretrizes que seguimos. São poucos princípios. É fácil de seguir e nos mantém fora de problemas. Ainda assim, cada pessoa tem um corpo diferente.

Meu corpo é muito resistente a doenças. Fiquei doente poucas vezes na vida e quase nunca viajando. O máximo que já me aconteceu na estrada foi ter um resfriado ou outro. Assim mesmo, passou rápido.

Pati adoece com mais facilidade. Precisamos estar sempre vigilantes, especialmente em função dela. Se ela dorme pouco por alguns dias, adoece fácil.

A vida de um nômade digital é exigente. Se a gente baixa a guarda com os cuidados de saúde, os problemas aparecem logo e são mais intensos que o habitual. É preciso vigilância constante. Todas as vezes em que tivemos problemas e aborrecimentos é porque baixamos a guarda.

Não é fácil manter a vigilância o tempo todo. Ela não se aplica apenas à saúde. Há vários outros aspectos aos quais precisamos estar atentos com frequência. Engana-se quem pensa que ser nômade digital é fácil e que é só curtidão. Pelo contrário. É mais difícil e exigente do que parece.

Segurança

Imagine que você seja roubado e alguém leve todas as suas coisas, incluindo dinheiro, cartões de crédito, passaporte, *smartphone* e *notebook*. Você está longe de casa, em outro país, onde talvez não conheça ninguém. Na maior parte do mundo, obter a ajuda da polícia pode ser um problema, já que a maioria dos policiais não fala inglês, a menos que essa seja a língua nativa do lugar.

Ser roubado é como ficar doente. Representa uma tragédia para quem vive viajando. Então, na medida do possível, faça o que estiver a seu alcance para não ficar doente e não ser roubado. Assim como no caso da saúde, prevenção é sua maior aliada. É preciso ter alguns cuidados.

Brasileiros são bem treinados. Violência é um problema em grande parte das cidades brasileiras. Estamos habituados a ter cuidado. Estamos sempre vigilantes e isso é parte de nosso DNA. Entretanto brasileiros transformam-se em vítimas fáceis quando estão fora do Brasil. Temos a mania de achar que os outros países são mais seguros, especialmente os desenvolvidos. Isso gera um fenômeno curioso.

O brasileiro é precavido no Brasil, porém baixa a guarda assim que coloca os pés em outros países. Respira aliviado ao se dar conta de que está em um lugar seguro. Não se engane. Por mais seguro que seja um país, por menor que seja a criminalidade, sempre há algum nível de criminalidade. Sempre existe gente disposta a roubar quando a oportunidade aparecer.

A criminalidade no Brasil e em outros países da América Latina é acima da média. Por alguma razão, que não se explica apenas pela pobreza, a América Latina é mais violenta que o resto do mundo. Os indicadores de violência de algumas cidades latino-americanas conseguem ser piores que os de locais em guerra. Assaltos e assassinatos fazem parte do dia a dia de boa parte das cidades latino-americanas. No restante do mundo, os crimes costumam girar em torno dos furtos, que é quando alguém leva suas coisas sem que você se dê conta ou sofra uma violência física.

Na Europa, por exemplo, os amigos sempre nos alertam que devemos estar atentos aos batedores de carteira. Eles são habilidosos e levam seus pertences sem que você tenha a menor suspeita. Costumo responder com humor mórbido. Explico-lhes que isso não existe no Brasil. Eles ficam admirados e não conseguem entender, já que o Brasil é conhecido internacionalmente como um país violento. Explico que no Brasil, quando o bandido quer alguma coisa, ele "pede". Às vezes, com um revólver, às vezes com um fuzil, às vezes com uma faca. Mas ele sempre "pede", porque afinal, é mais educado pedir que sair pegando as coisas dos outros, não é?

Fora do Brasil, o mais provável é que ninguém vá "pedir". Você precisa estar atento a seus pertences o tempo todo. O fato de estar em outro país não significa que você está fora de risco.

Assim como no Brasil, é preciso escolher com cuidado o que você expõe e o que carrega consigo. Quanto menos, melhor. Deixe a maior parte do que tem valor em sua acomodação.

Há uma série de medidas que você pode tomar para aumentar sua segurança na estrada e se safar caso algum problema aconteça. Falarei sobre elas em mais detalhes em outro capítulo. Por agora, comentarei o que fazemos no dia a dia.

Não andamos com nosso passaporte. Ele fica guardado no apartamento em que estivermos hospedados. O que levamos conosco é uma cópia da página que contém nossos dados pessoais e nossa carteira de identidade brasileira.

Ela não tem valor fora do Brasil (exceto nos países da América do Sul). Porém, se fomos abordados pela polícia e ela nos pedir os documentos, podemos mostrar a fotocópia junto com a identidade oficial. Isso tem maior valor que mostrar apenas a cópia do passaporte.

Alguns países exigem que o turista carregue o passaporte consigo o tempo todo, outros não. Como parte do processo de planejamento, pesquise isso e só ande com o passaporte se isso for uma exigência do país. Nunca fomos abordados pela polícia para que mostrássemos nossos documentos, porém essa possibilidade existe, especialmente em países da Europa Ocidental que são destinos visados por imigrantes ilegais.

A história muda quando alugamos um automóvel. Nesse caso, levamos o passaporte com a gente, a carteira de motorista e a carteira de motorista internacional. É o único caso em que todos esses documentos passam a andar com a gente o tempo todo. Por outro lado, nesse caso, a identidade fica no apartamento.

Na carteira, além da identidade e da fotocópia do passaporte, também levamos um cartão de débito, um cartão de crédito e dinheiro suficiente para o que vamos fazer nos próximos dias. Nunca mais que o necessário.

No meu caso, a carteira e o celular sempre ficam alojados nos bolsos da frente da calça. Os bolsos de trás jamais devem ser usados, especialmente em países europeus e outros onde o furto é mais comum que o assalto com confronto direto. Pati coloca esses itens em uma bolsa ou no bolso interno do casaco. Também carregamos o *smartphone* que vai com a gente para todos os lugares. Isso é o mínimo que a gente leva quando sai de casa, mesmo que seja para ir apenas até o outro lado da rua para jogar o lixo na caçamba.

O risco a que estamos expostos não se restringe apenas ao roubo na rua. Também existe o risco de que o apartamento seja roubado durante nossa ausência. Tomamos alguns cuidados. O primeiro é óbvio: fechamos tudo, inclusive as cortinas, sempre que saímos do apartamento. Não queremos que ninguém saiba o que tem dentro olhando pela janela.

Temos cuidado para que ninguém saiba o que estamos carregando. Às vezes, o proprietário precisa fazer uma visita para trazer toalhas novas, por exemplo. Às vezes, um técnico precisa entrar para resolver algum problema. Às vezes, alguém vem ao apartamento para fazer a limpeza. Seja qual for a situação, preparamos o apartamento para a visita.

Guardamos os *notebooks*, câmeras, *tablets*, *smartphones* e qualquer coisa que tenha valor. Dessa forma, a pessoa que nos visita não fica sabendo o que temos. Quanto menos ela souber, menor o interesse em nos roubar.

Ainda assim, um eventual roubo pode acontecer. Por isso é importante ter *backups*. Quando estamos na rua, precisamos ter itens no apartamento que resolvam a nossa vida se formos roubados. Por isso temos lá o passaporte, algum dinheiro e outros cartões de débito e de crédito.

O inverso também é importante. Se a casa for roubada e levarem tudo, a gente precisa ser capaz de se safar com o que leva na carteira. Por isso levamos algum dinheiro, uma fotocópia do passaporte, a identidade, um cartão de débito e outro de crédito, além do *smartphone*.

Esses itens são importantes para que a gente consiga se recompor. Os cartões nos permitem tirar dinheiro e comprar uma passagem de volta para o Brasil. A fotocópia do passaporte e a identidade facilitam o processo de obtenção de um novo passaporte junto ao consulado brasileiro. E o *smartphone* carrega todas as informações que precisamos para tomar providências, além de estar habilitado para o acesso ao *internet banking*.

Isso dá uma boa segurança, afinal, a chance de você ser roubado na rua e ter o apartamento roubado no mesmo dia é ínfima. O que fica no apartamento cobre a eventual falta do que você carrega na rua e vice-versa. Ainda assim, mesmo que tudo seja levado, temos outros mecanismos à disposição para que possamos nos recompor. Irei descrevê-los em mais detalhes em outro capítulo.

Quando alugamos um carro, nunca deixamos nada de valor dentro dele. Cada um de nós tem uma mochila onde carrega *notebook*, câmeras e outros itens de valor. A mochila nunca fica sozinha no carro. Sempre que saímos dele, ainda que seja apenas por dois minutos, a mochila vem com a gente.

Se o carro for levado ou arrombado, o mais importante, que está na mochila, é preservado. A gente nunca deixa o carro fechado com algo de valor dentro. Nunca mesmo. Não fazíamos isso no Brasil e nunca fizemos fora. Não faz sentido.

Já tivemos amigos que perderam todas as coisas porque as deixaram no carro. Ele foi arrombado e levaram tudo. Isso aconteceu em lugares tão diversos quanto Espanha, França e Nova Zelândia, por exemplo.

Fomos furtados uma única vez desde que começamos essa jornada. Foi em Bariloche, na Argentina. Estávamos com um carro alugado que passava

a noite na rua. Nunca deixávamos nenhum pertence nosso dentro do carro. Ainda assim, entraram nele e levaram o pneu reserva.

Foi um prejuízo pequeno. Poderia ter sido maior se não tivéssemos o cuidado de sempre remover todos os pertences do carro. Se tivermos que deixar algo, no mínimo colocamos tudo no porta mala para que não fique à vista de ninguém. Como sempre, quanto menos souberem sobre o que você tem, melhor.

Alimentação

Aprendemos a cozinhar cada vez mais e melhor ao longo desses anos de viagem. No início, almoçávamos e jantávamos fora praticamente todos os dias. Em parte porque não tínhamos habilidades na cozinha, estávamos em lugares mais baratos e era uma forma de conhecermos as comidas locais.

Com o passar do tempo, o real foi se desvalorizando e nosso poder de compra foi ficando cada vez mais limitado. Começamos a aprender a cozinhar e passamos a preparar mais refeições em casa.

O quanto a gente come fora varia de acordo com o lugar em que estamos. Tem cidades em que os restaurantes são caros. Nesses casos, a gente os visita poucas vezes por mês ou quando temos algum evento com amigos.

Aqui na Bulgária, onde escrevo esse trecho, a situação é interessante. A comida tem excelente qualidade, é variada e deliciosa. Há uma quantidade enorme de restaurantes e eles são baratos. Isso vale tanto para a comida, quanto para a bebida. Cerveja, por exemplo, costuma ser cara na maior parte do mundo. Aqui ela é barata. Então, comer e beber fora não representam um problema.

O que fazemos no dia a dia é alternar. Um dia a gente come em casa, outro a gente come na rua. O café-da-manhã, quando fazemos, é sempre em casa, assim como o jantar, na maior parte do tempo. E a gente quase sempre come fora nos fins de semana.

Finanças

Temos um orçamento que é calculado com base nos ganhos que temos com nossos negócios. Ao longo desses cinco anos, ele girou quase sempre em torno de até R\$ 6 mil por mês, para o casal.

Esse valor inclui tudo: passagens, acomodação, alimentação, diversão, seguro de saúde e assim por diante. Tem meses em que o gasto é maior. Depois é compensado em meses em que é menor.

Tentamos fazer com que esse orçamento seja sempre respeitado, mas isso depende das cidades que visitamos. Ao longo do ano, se passamos algum tempo em cidades caras, também passamos um tempo em cidades baratas para compensar.

Com base no valor mensal, sabemos o quanto podemos gastar por dia. No nosso caso, tentamos fazer com que seja até R\$ 200 por dia. Se um dia passamos desse valor, fazemos o possível para compensar nos dias seguintes. Dessa forma, a gente vai trabalhando as finanças ao longo do mês para não estourar o orçamento.

Esse valor que usamos como referência não é alto para quem tem um bom trabalho. Especialmente se você considerar que é para duas pessoas.

Ele é viável porque não visitamos a cidade da mesma forma que um turista. Raramente pagamos para visitar atrações turísticas. Também não ficamos em hotéis. Não fazemos passeios caros e não comemos fora todos os dias.

Ainda mais importante, viajamos lentamente e escolhemos os lugares em que vamos ficar de modo que caibam em nosso orçamento. Essa é a decisão mais importante na hora de encaixar as despesas no orçamento. Existe uma diferença enorme de custo de vida entre diferentes países e até mesmo entre diferentes cidades de um mesmo país. Pesquisamos isso com antecedência e procuramos passar a maior parte do tempo em cidades cujos custos caibam em nosso orçamento.

Antes de sair do Brasil a gente costuma comprar dólares ou euros e carregá-los com a gente. Eles servem como uma reserva de segurança, caso tenhamos algum problema com os cartões. Também os trocamos pela moeda local quando é conveniente.

Durante a maior parte de nossa jornada nômade, tivemos conta apenas no Brasil. Sofríamos com o IOF sobre o uso do cartão no exterior e com a desvalorização do real. Era um dos aspectos negativos aos quais estávamos expostos. Isso foi mudando com o passar do tempo, à medida que fomos descobrindo e adotando formas mais eficazes de usar o dinheiro no exterior, sobre as quais comento em outro capítulo, onde discuto a questão do câmbio.

É um assunto importante, que pode ter consequências drásticas sobre suas finanças. Antes de embarcar nessa vida, você precisa calcular com cuidado sua exposição às variações cambiais. Erramos em muitos momentos. Até o momento em que escrevo esse livro, o valor do dólar já subiu mais de 100% desde que começamos a viver como nômades no fim de 2010. É um crescimento enorme, que teve um impacto severo em nossas reservas financeiras.

Quando saímos do Brasil, no penúltimo dia de 2010, o dólar valia R\$ 1,66. Bons tempos. Hoje, enquanto escrevo essas linhas, ele vale R\$ 4,06. Um aumento de quase 150%.

O que eu deveria ter feito com nossa reserva financeira era converter o máximo possível para dólares antes de nossa saída do Brasil. Isso teria preservado nosso poder de compra. Poderia ter sido feito comprando dólares e mantendo guardado no Brasil ou aplicando em um fundo cambial atrelado ao dólar. Infelizmente não foi o que fiz. Então, perdemos muito dinheiro e estamos sofrendo as consequências como a maioria dos brasileiros.

Olhando em retrospecto, dá para ver que fui um péssimo gestor da nossa reserva financeira. Deveria tê-la convertido para dólares assim que decidimos sair do Brasil. Porém, é preciso considerar alguns fatores.

No ano de 2010, o dólar se manteve bastante estável. Inclusive, perdeu valor para o real e encerrou o ano valendo 4% menos que no ano anterior. Eram outros tempos. A subida do câmbio não era tão óbvia assim.

Entretanto, sendo o Brasil, eu deveria saber que isso seria por pouco tempo. No Brasil, sempre valeu a pena confiar mais em outras moedas, como o dólar, que na nossa própria, seja ela qual fosse. Afinal, ela sempre se desvaloriza no médio e longo prazo.

A subida do dólar não foi imediata. Nos primeiros anos de nossa jornada, ele foi subindo aos poucos e esse ritmo se intensificou nos últimos anos, até que a cotação explodiu rapidamente.

Portanto, se você pretende começar a viver como nômade e suas fontes de receita são no Brasil, olhe essa questão do câmbio com atenção e leve em conta a chance de que ele piore muito nos próximos anos. Mas não deixe de embarcar nessa aventura por causa disso. Estude, faça seus planos e ajuste o que for necessário ao longo do caminho.

Ao longo dos anos, embora o dólar estivesse subindo, eu não tomei providências mais sérias porque estava distraído com outras coisas. Não só

com as viagens, mas também com o trabalho e outras questões. O tamanho da perda que tivemos demonstra o quanto é perigoso se distrair e parar de prestar atenção quando o assunto é dinheiro. Especialmente quando você é um nômade digital. Não se engane. Esse é um assunto sério que, tem consequências severas. É preciso estar atento o tempo todo, assim como acontece no caso da saúde e da segurança.

Esperado x realizado

Viver como nômade digital é uma ideia atraente. Quem não sonha em livrar-se do escritório, viajar o mundo e poder trabalhar a hora que quiser, de onde quiser, fazendo o que quiser?

Há quem pense que ser nômade é trabalhar poucas horas por dia, na beira da praia, enquanto degusta uma caipirinha. Embora isso seja possível, raramente é o que acontece.

Conheço muitos nômades digitais e posso garantir que todos trabalham muito. É o que mais fazem enquanto estão viajando pelo Brasil ou o mundo. Inclusive, é comum que vivam de forma mais simples e em condições mais precárias do que quando estavam no Brasil. Não há tanto glamour quanto parece. Pelo contrário.

Essa é uma vida de muito trabalho. Ela não é compatível com quem tem preguiça e quer vida boa. É para gente determinada e com disposição. Trabalha-se muito e planejar a viagem também demanda esforço.

A recompensa existe, claro. A gente conhece o mundo, faz um monte de amigos e tem mais variedade em nosso dia a dia. Entretanto o ritmo de trabalho é igual ou mais intenso do que era quando estávamos no Brasil.

Digo isso para que você não se iluda achando que essa é uma vida boa e tranquila na beira da praia. Nem sei quando foi a última vez que mergulhei em uma praia. Faz alguns anos, até porque a gente prefere ficar em lugares frios.

Sim, fomos à praia algumas vezes e curtimos muitos lugares legais, mas isso não é o que acontece o tempo todo. O que realmente ocorre quase todos os dias é a necessidade de trabalhar.

Lembre-se que a vida nômade tem dois aspectos fundamentais: **mobilidade** e **trabalho**. Todo mundo se encanta com a parte da mobilidade, ou seja, da viagem, mas muitos se esquecem da parte do trabalho. É ela que

viabiliza a viagem. Até por isso, é onde todos os nômades digitais que conheço investem a maior parte do tempo e energia.

Não digo isso para lhe assustar ou dissuadir. É apenas para que tenha expectativas realistas e saiba o que lhe espera. E não para por aí. Mudar de cidade custa tempo, dinheiro e energia. Muita energia. Uma coisa é planejar uma viagem de férias todo ano. Outra, bem diferente, é fazer planejamento de viagem várias vezes por ano.

No nosso caso, sou responsável pelo planejamento das viagens. Pesquiso os destinos, decido para onde vamos, busco passagens, busco apartamentos, estudo o mapa das cidades e defino uma infinidade de detalhes. Gasto dias no planejamento do próximo destino.

Não é uma atividade que me dá prazer. Não gosto de fazê-la, mas não tenho escolha. Quero que nossa experiência seja excelente em todos os lugares que visitamos. O tempo me ensinou que a única forma de conseguir isso é fazendo o melhor planejamento possível. São os ossos do ofício.

É melhor passar três dias pesquisando e montando um ótimo plano, que passar três meses lamentando por ter feito escolhas ruins. Isso dá trabalho e demanda paciência. A vida de um nômade digital é boa, mas não é tão fácil quanto parece à primeira vista.

Há outro detalhe importante. É difícil encontrar o equilíbrio. Todo dia a gente precisa equilibrar trabalho e diversão. Quando você viaja de férias, tudo é alegria. Você pode curtir os lugares com tranquilidade sem ter de pensar no trabalho. Você relaxa e se recarrega. Quando você está trabalhando em um escritório, por sua vez, não existe escolha. Há uma carga horária para cumprir e a gente se conforma com ela.

Quando você é um nômade e está visitando um lugar legal, as coisas são mais complicadas. Você sai para curtir a cidade, mas o trabalho continua na sua cabeça. Você sabe que não pode ficar só na curtição. Às vezes você tem só algumas horas por semana em que pode sair para passear. E, com frequência, ainda faz isso com a preocupação de que precise voltar logo para o trabalho. Afinal, dependendo do que faça, cada hora gasta visitando a cidade é uma hora a menos de faturamento.

Por outro lado, quando você está em casa trabalhando, você se sente mal porque está em uma cidade legal e queria estar na rua conhecendo-a. Você fez todo o esforço de ir até aquela cidade e agora precisa passar o dia inteiro no apartamento, ou em um café, porque tem de trabalhar para pagar as contas.

É difícil aproveitar a cidade, assim como é difícil trabalhar, pensando em tudo o que o lugar tem para oferecer. Isso se resolve com planejamento e disciplina. É preciso pensar sobre essa questão diariamente e buscar um bom equilíbrio que lhe permita conhecer o lugar e produzir tanto quanto você precisa no trabalho.

Para chegar a este equilíbrio, você precisa estar sempre atento e ativo. É preciso cuidado com as escolhas que faz e com a forma como usa o próprio tempo. Isso é difícil e não é para todo mundo.

Funciona para mim porque sempre fui ativo. Preciso estar em movimento para estar bem. Nem todo mundo é assim. Tenho amigos que adoram passar horas e horas sentados diante da televisão. Eu nunca assisto televisão. Nunca mesmo. Não gosto e não tenho tempo para perder com ela. Sou uma exceção. Quem curte horas de televisão, como é o caso da maioria das pessoas, vai se sentir particularmente desafiado se quiser viver como um nômade digital. E não para por aí.

No Brasil, muita gente tem empregada doméstica em casa ou uma faxineira, no mínimo. A história é diferente em outras partes do mundo. Aqui fora, a gente precisa fazer tudo. Somos nós mesmos que cozinhamos, lavamos a louça, colocamos a roupa na máquina de lavar, colocamos a roupa para secar, limpamos a casa, passamos o aspirador de pó, fazemos as compras de supermercado, carregamos as compras para casa e assim por diante. Não tem moleza. Se a gente não arregaçar as mangas e fizer, ninguém fará por nós.

Quem teve o privilégio de viver a vida toda sob os cuidados dos pais, ou contava com a ajuda de uma empregada doméstica, passa a assumir funções que até então desconhecia. Além disso, quem estava acostumado a andar de carro precisa se habituar a usar o transporte público ou simplesmente andar. Isso é novidade para algumas pessoas.

Tudo isso ocorre em um ambiente desconhecido, em um idioma que você não fala e com padrões culturais que você desconhece. Para quem gosta de viajar e quer conhecer o mundo, é fácil superar essas questões. Quem embarca nessa vida e toma gosto por ela, se cansa com todos esses inconvenientes, mas se alegra de poder trabalhar de onde quiser, muitas vezes com o que gosta, enquanto viaja o mundo. No entanto, nada é de graça. Tudo tem um custo e isso também vale para quem quer ser nômade digital.

Parte 2
Trabalho

Capítulo 3

Emprego remoto

Dá para ser nômade digital tendo um emprego fixo. Não é o mais comum, porém é uma opção viável. Um número cada vez maior de empresas permite que seus funcionários trabalhem de casa, ao menos uma parte da semana. Isso é comum em alguns países desenvolvidos e está se tornando cada vez mais aceito no Brasil. Isso abrange diversas profissões e irá se acelerar nos próximos anos.

A maior parte dos trabalhos que são feitos em um escritório, com o uso de um computador, poderiam ser feitos de casa. Esse é um fenômeno recente na história da humanidade, possibilitado pela internet, pela aumento da velocidade de conexão e pelo desenvolvimento de ferramentas que facilitam o trabalho remoto.

Antes de poder trabalhar de qualquer lugar do mundo, você precisa pelo menos deixar de ir para o escritório. Você começa trabalhando em casa e, com o tempo, torna-se capaz de trabalhar de qualquer outro lugar.

Trabalhar de casa não é o mesmo que trabalhar no escritório. Existem consequências em sua produtividade e em outros aspectos de sua vida. Por essa razão, é importante conhecer as vantagens e desvantagens de trabalhar dessa forma. Além disso, é bom que você entenda os prós e contras de ser um nômade digital com um emprego, em vez de ter um negócio próprio.

Vantagens

Você não precisa mais encarar o trânsito diário. Dependendo da cidade em que more, isso representa uma diferença drástica de qualidade de vida. Você recebe de volta horas do dia que eram desperdiçadas em congestionamentos. A possibilidade de evitá-los é um enorme incentivo para buscar a oportunidade de trabalhar remotamente. Mesmo que você não tenha nenhum interesse em sair pelo mundo como nômade digital, sua qualidade de vida tende a aumentar.

No meu caso, as horas gastas no trânsito foram um dos principais motivos para começar a trabalhar em casa há mais de uma década. Até hoje tenho dificuldade de compreender o que leva uma pessoa a abrir mão de tantas horas do dia, em função do trânsito, e não lutar contra isso. Adoro estar em movimento, porém não acredito que humanos tenham sido criados para esse tipo de deslocamento repetitivo, estressante, cansativo e desnecessário, ao menos na maior parte do tempo.

Você ganha mais horas no seu dia. O tempo que passava no trânsito pode ser transferido para outras atividades de sua preferência. Você pode dormir até mais tarde, passar mais tempo com a família, fazer um treino funcional, estudar algo novo, jogar videogame ou simplesmente fazer as refeições com calma. Estas horas adicionais podem abrir espaço para atividades que não podiam ser feitas porque lhe restava pouco tempo para si próprio.

Flexibilidade de horário. Dependendo do arranjo que você tenha com a empresa, é possível trabalhar em horários alternativos. Estando em casa, você não precisa necessariamente trabalhar de 9h às 18h. Portanto pode agendar certas atividades para horários mais convenientes. Por exemplo, o supermercado fica cheio no início da noite porque é o horário em que todo mundo sai do escritório. Você pode visitá-lo no meio da tarde, quando está vazio e não tem filas.

Também pode concentrar a maior carga de trabalho em um horário que combine melhor com você. Tem gente que produz melhor de manhã e talvez prefira começar o expediente cedo. Outras pessoas trabalham melhor à noite e detestam acordar cedo. Se você tiver flexibilidade de horário, pode montar sua jornada da maneira que melhor combine com você.

Se estiver em outro país, pode usar o fuso horário a seu favor. Nós passamos muito tempo no Leste Europeu, onde o fuso nos beneficia porque na parte da manhã ainda estão todos dormindo no Brasil. Isso permite que eu trabalhe sossegado a manhã toda, sabendo que não terei nenhuma interrupção e nenhum compromisso com o Brasil.

Dá para fazer uma grande economia. Você deixa de ter gastos com deslocamento. É menos despesa com gasolina ou com o transporte público. Se quiser, pode almoçar em casa. Isso é viável em cidades pequenas, mesmo trabalhando em um escritório, porém é quase impensável em grandes centros urbanos. Almoçar em casa, além de ser mais barato que

comer em restaurantes, pode lhe dar a chance de comer refeições mais saudáveis.

Em alguns casos, você pode até optar por morar em outra cidade, onde o custo de vida seja mais baixo. Por exemplo, uma pessoa que antes trabalhava e morava em São Paulo, pode passar a morar em uma cidade do interior onde o ritmo é mais tranquilo e o custo de vida é menor.

Se você transformar-se em um nômade digital, pode até passar a trabalhar de países onde o custo de vida é inferior ao do Brasil. Ao longo de nossa jornada nômade, estivemos a maior parte do tempo em países assim. Inclusive, alguns eram na Europa. Vivemos com mais tranquilidade, mais segurança e gastando menos do que se estivéssemos morando e trabalhando no Brasil.

Somando todos esses aspectos, pode-se observar o tamanho da economia que é possível obter pelo simples fato de não ter mais que ir para um escritório.

É possível que sua produtividade aumente. Tem gente que precisa de concentração e silêncio para trabalhar. É o caso de desenvolvedores de software e de tantos outros profissionais. Um escritório tradicional não é um ambiente produtivo para essas pessoas. Há muito barulho e inúmeras interrupções ao longo do dia.

Se você é o tipo de pessoa que produz melhor em ambientes mais tranquilos, trabalhar em casa pode fazer sua produtividade dar um salto. Você fará mais em menos tempo e ficará mais satisfeito com os resultados.

Você tem um salário. Se você puder manter seu emprego enquanto viaja pelo mundo, não terá de se preocupar com dinheiro porque já tem a garantia de um salário no fim do mês. Quem opta por criar um negócio próprio, em contrapartida, convive com o risco de não ter receita alguma ou não ganhar o suficiente para cobrir as contas.

Você não precisa mudar muito do que já faz. Trabalhar de casa muda algumas coisas. Altera especialmente a maneira como você interage com outras pessoas. Entretanto, o trabalho que você faz tende a ser exatamente o mesmo quando você sai do escritório e passa a trabalhar em casa. Esse tipo de movimento é mais simples do que aquele feito por uma pessoa que resolve abrir um negócio próprio e precisa aprender coisas que não têm nenhuma relação direta com o trabalho que já fazia antes.

É uma das formas mais rápidas de se tornar um nômade digital. Para quem tem um emprego, deixar o escritório e começar a trabalhar de

casa é um dos caminhos mais rápidos e seguros para transformar-se em um nômade digital. Não pense que você precisa ter um negócio próprio ou fazer algo sofisticado para viver pelo mundo. Se você gosta de seu trabalho e ficaria feliz em poder continuar com ele, conquistar a chance de fazê-lo de casa é um dos melhores atalhos que você pode pegar para virar um nômade digital.

Também é bom para seu empregador. Quando tudo corre bem, é comum a produtividade do funcionário dar um salto quando ele pode trabalhar de casa. Isso é ótimo para a empresa que, além de tudo, não tem mais as despesas de escritório com aquele funcionário.

Existe um aspecto ainda mais importante para uma empresa adotar o trabalho remoto. Ela não precisa mais se limitar a contratar pessoas que morem na mesma cidade em que está localizada. Ela pode buscar os melhores profissionais, onde quer que estejam. Isso pode fazer uma enorme diferença no desempenho do negócio.

Desvantagens

Trabalhar em casa nem sempre é fácil. *Home office* é perfeito para muita gente, mas não para todo mundo. Tem gente que não se adapta.

Quando você vai para um escritório, a distinção entre trabalho e vida pessoal é mais clara. Em casa, você pode cuidar apenas de si mesmo e de sua família. No escritório, você se dedica ao trabalho.

Quando sua casa também é seu local de trabalho, as coisas começam a se misturar. Não só em sua cabeça, mas também na das demais pessoas que moram com você.

Quando está em casa, se você não estiver sozinho, existe uma boa chance de que outras pessoas te interrompam durante o horário de trabalho. Por exemplo, sua esposa te pede para dar um pulinho no supermercado porque está faltando um item para terminar de preparar a janta. Seu filho pede para brincar com você no meio da tarde. Seu cachorro passou a manhã inteira latindo porque quer sair para passear.

Quem está em sua companhia se ressentido por não receber sua atenção. E você se aborrece por não conseguir se concentrar no trabalho.

Também é mais difícil de trabalhar quando estamos perto da cama. Tem hora que dá vontade de tirar uma soneca. Às vezes, você quer jogar *videogame*. Só dez minutinhos... Às vezes, você não consegue focar e para

um pouco para assistir à TV. É fácil procrastinar quando a gente está em casa, longe do chefe e dos colegas de trabalho.

É claro que também é fácil distrair-se no escritório. Se você tem dificuldade para focar no trabalho, isso vai ser apenas exacerbado trabalhando de casa.

O início é o mais difícil. Com o passar do tempo, você se acostuma com a nova realidade. O que não se pode é assumir que trabalhar em casa vai ser a mesma coisa. Pode piorar ou melhorar. Depende das características de cada pessoa.

O ambiente de trabalho pode não ser tão confortável e produtivo quanto o do escritório. Enfrentar o trânsito para chegar ao trabalho incomoda muita gente. Entretanto, alguns escritórios são funcionais e confortáveis. Existem empresas que tentam fornecer ótimas condições de trabalho para seus funcionários. Isso inclui um ambiente legal e descontraído, cadeira confortável, um bom computador, uma boa conexão com a internet, cafezinho e outros benefícios.

Em casa, você precisa separar um lugar para trabalhar. É possível que ele não seja tão legal e descolado quanto o do escritório. Talvez sua cadeira não seja confortável, talvez a iluminação não seja a melhor e a conexão com a internet não seja tão rápida. As coisas se complicam quando você vira nômade e começa a viajar pelo mundo. Você passa a ter ainda menos controle sobre seu ambiente de trabalho.

Uma de minhas maiores queixas é com relação às cadeiras. Faço de tudo para alugar bons apartamentos ao redor do mundo. Assim mesmo, é raro encontrar algum que tenha cadeiras confortáveis, onde a gente possa trabalhar em paz. Para contornar o problema, a gente busca cafés, bibliotecas, espaços de *coworking* e outros locais que ofereçam mais conforto. Seja qual for o lugar, nem sempre a gente encontra uma conexão rápida.

Dependendo do escritório em que trabalhe atualmente, há uma boa chance de você experimentar uma piora em seu ambiente de trabalho. Infelizmente, é difícil estimar o quanto isso te afetará antes de fazer a mudança.

Você pode começar a sentir-se solitário. No escritório, você trabalha com outras pessoas. Você e seus colegas não conversam apenas sobre trabalho. As pessoas param para um cafezinho e conversam sobre a partida de futebol do dia anterior, sobre o último episódio daquela série que todo

mundo assiste e sobre todo tipo de fofoca corporativa. Pode até ser chato pegar trânsito para chegar ao escritório, mas as horas que você passa nele muitas vezes são divertidas. Especialmente no Brasil, onde as pessoas são mais sociáveis que em muitos países.

Quando você sai desse mundo e passa a trabalhar sozinho, de casa, a solidão começa a bater em sua porta. Mesmo que continue conversando com o pessoal do escritório através de ferramentas de comunicação, a ausência do restante da equipe incomoda. Algumas pessoas lidam bem com isso, outras nem tanto. Você é o tipo de pessoa que fica bem quando está sozinha ou prefere ter companhia a maior parte do tempo?

Você pode começar a sentir-se isolado. Quem fica no escritório conversa sobre uma infinidade de assuntos que nunca chegarão até você. Você ficará por fora das conversas do cafezinho, por exemplo. E as pessoas começam a se esquecer de você ou a não contar tanto assim com você. Quem não é visto, não é lembrado.

Há perdas na comunicação. Existem inúmeras ferramentas para facilitar a comunicação à distância. Muitas são gratuitas e permitem que você converse com quantas pessoas quiser usando vídeo, áudio, texto e até compartilhando sua tela. Nunca foi tão fácil conversar com outras pessoas, independente de onde estejam ao redor do mundo. No entanto, por melhores que sejam as ferramentas, nada é tão rico quanto uma conversa presencial. No momento que você sai do escritório, você e seus colegas precisam fazer um esforço para que a comunicação concentre-se em meios digitais e não mais em conversas presenciais. Isso demanda disciplina. Por maior que seja a de vocês, haverá falhas de comunicação.

Quando você vive como nômade e está em outro país, em outro fuso horário, esse problema se agrava. Você passa a ter menos horas do dia para interagir com os colegas de trabalho.

Você vai passar mais tempo com a família e isso nem sempre é bom. Se você tem problemas dentro de casa, eles vão piorar. Sua presença constante vai jogar lenha na fogueira.

Você pode acabar trabalhando mais. Se não tiver disciplina, você terá dificuldade para largar o trabalho quando terminar o expediente. Muita gente exagera na dose e trabalha mais do que deveria quando deixa o escritório e começa a trabalhar em casa. Isso prejudica as relações com a família. Sua presença em casa, que deveria ser algo positivo, transforma-se em um problema porque você não consegue se desligar do trabalho.

Você só tem uma fonte de receita. Quando você tem um emprego, você corre um risco maior do que imagina. Afinal, você só tem uma fonte de receita. Se seu empregador não precisa mais de seus serviços e te demite, sua receita é interrompida de forma abrupta. Conseguir outro trabalho nem sempre é rápido ou fácil.

Quem tem um negócio próprio, apesar de não ter a garantia de um salário no fim do mês, costuma fechar negócios com diversas pessoas e empresas. Se um cliente desiste de você, outros podem ser conquistados.

Se você conseguir a oportunidade de trabalhar de casa e eventualmente começar a trabalhar de qualquer lugar do mundo, a situação torna-se ainda mais delicada no caso de uma demissão. Quando estiver buscando um novo trabalho, você não poderá dar-se ao luxo de querer trabalhar de casa ou de qualquer lugar do mundo. Talvez tenha de voltar a trabalhar em um escritório, ao menos por um tempo.

O privilégio de trabalhar de casa pode ser revogado. Pode ser que você conquiste a oportunidade de trabalhar de casa porque seu chefe é bacana, por exemplo. Se um dia ele deixa de ser seu chefe e é substituído por outra pessoa, é possível que você tenha de voltar para o escritório. Afinal, você não tem pleno controle sobre seu destino. Quando você é empregado, é preciso submeter-se às determinações da empresa.

Você não tem controle nem sobre o horário de trabalho, nem sobre a carga de trabalho. Como empregado, você tem de trabalhar nos dias e horários que a empresa determina. Além disso, precisa trabalhar a quantidade de horas definidas pela empresa. Portanto, ainda que você consiga se mover pelo mundo, será preciso trabalhar a maior parte do dia, como qualquer funcionário. Dependendo de onde você esteja no planeta, o fuso horário pode tornar seu trabalho bastante difícil. Talvez você precise trabalhar de madrugada, por exemplo, para estar em sintonia com o horário do escritório.

A legislação brasileira atrapalha. Um dos problemas para quem deseja trabalhar em *home office* é que a legislação brasileira ainda não tem um tratamento adequado para essa questão. Isso deixa alguns gestores de empresas pouco à vontade, com medo de deixá-las expostas a riscos trabalhistas. Isso se agrava quando o funcionário passa a mover-se entre diferentes cidades, especialmente se for para fora do país.

Para que dê certo, é preciso que você e a empresa estejam preparados para o trabalho remoto. Infelizmente, não depende só de

você. A organização precisa se preparar para trabalhar com pessoas fora do escritório. Isso demanda a adaptação de sistemas, políticas e processos internos. As coisas precisam ser organizadas para viabilizar esse modo de trabalho. Alguns gestores estão dispostos a fazer esse esforço, mas muitos não estão. Se você quer ser um nômade digital e não vê espaço para a implantação do trabalho remoto em sua empresa, talvez o único jeito seja partir para outra.

Recomendações

Se você trabalha em um escritório, sabe que o trabalho poderia ser feito de casa e quer preservar seu emprego enquanto move-se pelo mundo, comece buscando a oportunidade de trabalhar de casa. Em um primeiro momento, crie uma estratégia para convencer a empresa de que você seria mais produtivo se trabalhasse em casa um dia por semana, por exemplo.

Quando conseguir essa oportunidade, esteja preparado. Trabalhar de casa não é a mesma coisa. Ser produtivo no *home office* pode ser mais desafiador do que você imagina. Estude como criar um ambiente produtivo para trabalhar em casa. Use as dicas do site [Go Home](#). Apesar do nome em inglês, o site é brasileiro e tem ótimas recomendações para você se organizar e trabalhar de casa de forma eficaz.

Quando conseguir essa oportunidade, capriche no trabalho que faz de casa. Faça seu chefe perceber que você é mais produtivo lá do que no escritório. Faça seu trabalho cada vez melhor, **cumpra todos os combinados**, especialmente os prazos, e continue a vender as vantagens de trabalhar de casa até que você possa fazê-lo todos os dias da semana.

Não é um caminho fácil nem rápido, porém vale a pena tentar se você gosta de seu emprego e deseja mantê-lo. Se precisar de uma forcinha para convencer o chefe, leia o livro [Remote](#), onde você encontrará argumentos de sobra.

Quando já estiver fora do escritório de forma permanente, será mais fácil transformar-se em um nômade digital. Já não importará se você está trabalhando em casa ou em outro lugar, desde que sua produtividade não caia e você continue a fazer um bom trabalho.

Se cumprir a carga horário combinada, trabalhar durante os horários do dia acordados e entregar o melhor resultado possível, há uma boa chance de você não ter nunca mais que dar as caras no escritório.

Quando isso acontece, há dois caminhos a seguir para quem deseja viver como nômade digital. Você pode tentar passar despercebido ou deixar claro para a empresa que não estará em casa o tempo todo.

Passar despercebido significa que você continuará a fazer seu trabalho fingindo que está em casa, embora sua casa esteja mudando de tempos em tempos. É uma estratégia válida se você acha que a empresa não gostará de saber que você está viajando pelo mundo. Entretanto, não se engane, é uma estratégia arriscada.

Se você for convocado para uma reunião no escritório, por exemplo, como explicará que está do outro lado do planeta? Se tiver problemas de conexão na cidade em que estiver visitando, como fará seu trabalho? Se isso gerar uma crise, talvez você tenha de revelar o fato de estar longe. Como a empresa receberá a notícia de que você não consegue trabalhar porque a internet está ruim em seu bangalô, em Bali?

Já contratei pessoas remotamente. Já passei por situações em que elas não conseguiam realizar o trabalho combinado porque estavam visitando um lugar onde a conexão era precária. Não foi uma experiência legal. Houve perdas para o negócio. Em especial, prejudicou minha confiança na pessoa e em sua capacidade de entregar o que foi combinado. Não é bom quando isso aconteça.

Disciplina é liberdade. Se, independente de onde estiver, você cumpre as horas de trabalho combinadas, entrega o que foi pedido e faz tudo bem feito, você é livre para fazer o que quiser de sua vida, fora do horário de trabalho. Por outro lado, se você deixa o fato de estar viajando atrapalhar o trabalho, não espere que isso seja bem recebido.

Empresas não existem para fazer caridade. **Empresas existem para gerar lucro.** Sem lucro a empresa fecha as portas. Se você prejudica a empresa e compromete a lucratividade dela, o gestor dela não só pode, como deve te demitir. Lembre-se disso e não deixe a viagem prejudicar seu trabalho e suas entregas.

Se você pensa em sair do *home office* e começar a viajar, sem contar para a empresa, existem algumas estratégias que você pode adotar para reduzir os riscos de ter algum problema. A primeira delas é a mais importante de todas. **Faça um trabalho extraordinário.**

Seja o melhor funcionário da empresa. Quanto melhor for o seu trabalho, maior a sua **credibilidade**. Maiores serão as chances de a empresa manter você e continuar a valorizar seu trabalho, mesmo se descobrir que você está

em movimento pelo mundo. Você poderá alegar que sempre cumpriu com seus compromissos apesar de ter visitado trinta países desde a última vez que colocou os pés no escritório.

Quando começar a viajar, faça um experimento indo para lugares próximos. Não comece comprando uma passagem para a Tailândia. Comece por um lugar mais perto. Isso permitirá que você volte para casa com rapidez se tiver problemas para trabalhar do lugar que está visitando. Se você for chamado ao escritório, será mais fácil aparecer por lá.

Não espere que tudo funcione bem quando sair de casa. Não espere que a conexão com a internet funcione ou seja tão estável quanto a que tinha em casa. É possível que seja pior. Se esse for o caso, avalie até que ponto consegue continuar a fazer seu trabalho. Faça os ajustes que forem necessários com rapidez.

Se tiver alugado um apartamento por temporada, talvez ele não tenha uma cadeira tão confortável quanto a que você tinha em casa. Talvez não tenha sequer uma mesa decente. As coisas serão diferentes. Portanto comece viajando para um lugar próximo e esteja pronto para voltar para casa se tudo der errado. Visite lugares mais distantes quando tiver mais confiança de que consegue continuar a trabalhar e entregar o mesmo nível de resultado a partir de outros lugares.

Se a empresa espera que você trabalhe de segunda a sexta, em um horário de trabalho típico, faça o deslocamento para a próxima cidade em um sábado. Assim você tem o fim de semana para chegar à nova cidade, instalar-se e resolver qualquer problema que possa encontrar, antes de começar a nova semana de trabalho.

Se as coisas funcionarem e você começar a viajar para outros países e lugares mais distantes, lembre-se do fuso horário. Se tiver que trabalhar em sincronia de horário com o escritório, no Brasil, você terá de adaptar-se a um horário de trabalho diferente. Isso não é necessariamente ruim.

Se estiver na Europa, por exemplo, você poderá usar a manhã para fazer passeios e conhecer a cidade. O expediente de trabalho no Brasil começa quando a tarde se inicia na Europa. Há casos, no entanto, em que as coisas se complicam. Se estiver na Califórnia, por exemplo, você terá de começar o trabalho às cinco da manhã, ou ainda mais cedo, dependendo da época do ano. Isso tudo para poder estar em sincronia com o escritório no Brasil.

Se você quer passar despercebido, cuidado com o que fala e para quem fala. Parece óbvio, mas é bom lembrar. Não comente nas redes sociais sobre

os lugares pelos quais está passando. Tampouco fale sobre eles para seus colegas de trabalho. Se quer passar incógnito, mantenha a boca fechada.

Trabalhar em *home office* e viajar sem contar nada para a empresa é possível, ao menos por um tempo, porém está longe de ser o ideal. Você está ocultando algo que, se for descoberto, pode lhe trazer problemas. É sempre melhor se você puder conversar com seu gestor e obter o consentimento dele. Se isso não lhe parece uma opção viável e você quer muito partir pelo mundo, avalie o risco, continue fazendo um excelente trabalho e peça desculpas depois, quando for descoberto. Esse dia chegará.

Se você tentou e não conseguiu obter a oportunidade de trabalhar de casa para a empresa em que trabalha atualmente, ou qualquer outra empresa brasileira, e está disposto a mudar, considere a possibilidade de trabalhar para uma empresa estrangeira. Receber seu salário em uma moeda mais forte, como o dólar, o euro, ou a libra, te dá a chance de viajar o mundo com mais tranquilidade financeira. Isso elimina as flutuações do real.

A cultura de trabalho remoto está mais desenvolvida em outros países. Por essa razão, dependendo do que você faça e de sua competência, pode ser uma ótima ideia procurar um trabalho remoto em uma empresa estrangeira.

Abaixo você encontra alguns sites onde poderá buscar empregos remotos, tipicamente para empresas estrangeiras. Em alguns casos, você deve selecionar a opção de trabalho remoto na hora de fazer a busca.

- [Remote OK](#)
- [We Work Remotely](#)
- [Authentic Jobs](#)
- [Stackoverflow](#)
- [Dribbble](#)
- [Flexjobs](#)
- [Front-end developer jobs](#)
- [Github Jobs](#)
- [Jobspresso](#)
- [Landing Jobs](#)
- [No fluff jobs](#)
- [RemoteBase](#)
- [Remotely Awesome Jobs](#)

- [Remotive](#)
- [Skip the drive](#)
- [Virtual Vocations](#)
- [WFH.io](#)
- [Working Nomads](#)
- [Work Remotely](#)
- [Krop](#)
- [Remote Working](#)
- [ProBlogger](#)

Olhe também essa [lista de empresas brasileiras que aceitam o trabalho remoto e estrangeiras que contratam brasileiros](#).

Se encontrar uma vaga de trabalho que te interesse, trate-a com carinho. Apresente-se de forma diferenciada. Por exemplo, suponha que você deseja contratar um professor particular de inglês. Você coloca um anúncio em um fórum especializado e pede que os interessados entrem em contato por email. Pouco tempo depois, você recebe vinte mensagens.

Você percebe que a maioria é genérica. O candidato lhe envia a mesma mensagem que manda para outros potenciais clientes. Tem gente que até esquece de trocar o nome do destinatário na hora que copia o texto e cola no email. Em alguns casos, as mensagens têm erros básicos de português. A pessoa nem se dá ao trabalho de reler o email.

No meio dessas mensagens você encontra a de Marcela e se impressiona. Ela escreveu uma mensagem na qual explica claramente porque gostaria de trabalhar para você. Ela pesquisou sobre você nas redes sociais, estudou o que faz e já tem uma ideia do que te motiva a aprender inglês. Você quer viajar para o exterior. Com base no que descobriu, ela descreveu as prováveis dificuldades que você vem encontrando para aprender o idioma e explicou como te ajudará a superá-las.

Independente de contratá-la, ela sugere que você dê uma olhada em um livro que considera útil em casos como o seu. Com base no nível de inglês que você diz ter, ela sugeriu que você escutasse um *podcast* que te ajudará de imediato, mesmo que você não a contrate. Marcela também apresentou suas qualificações e as razões pelas quais você deveria contratá-la. Por fim, convidou-lhe para fazer uma aula gratuita, via Skype, no horário que você

desejar. O propósito é avaliar seu nível atual e permitir que você conheça seu modo de trabalho antes de contratá-la.

No fim da mensagem, ela te convida a assistir um vídeo de três minutos que gravou especificamente para você. Nesse vídeo, ela se apresenta, fala um pouco de si mesma e dá algumas sugestões adicionais de como você pode melhorar seu nível de inglês.

Agora eu te pergunto: quem você vai contratar? Uma das pessoas que lhe enviou um email genérico ou Marcela? É claro que você vai querer, no mínimo, conversar com Marcela. Provavelmente irá contratá-la, a menos que não possa pagar seu valor.

Quando você estiver buscando um emprego que possa fazer remotamente, trate cada vaga da mesma maneira que Marcela. Estude a empresa que está contratando, entenda o que ela faz e como você poderia ajudar. Não se contente apenas em enviar seu currículo. Envie um email bem elaborado explicando porque deseja trabalhar naquela empresa e como você pode ajudar. Releia o email dez vezes e não deixe passar nenhum erro. Sobretudo, não erre a grafia do nome da empresa, de seus produtos e da pessoa que está te avaliando. Dê sugestões úteis desde o início. Se possível, faça um vídeo específico para a empresa e apresente-se. Ajude a empresa a te conhecer e a gostar de você o quanto antes.

Quando você busca um emprego, você está se vendendo. Estude vendas e aprenda a vender. Estude as melhores formas de se candidatar a um emprego. Se você quiser ver alguns exemplos, ainda que um pouco antigos, estude [esse artigo](#). Se possível, leia o livro [Como fazer amigos e influenciar pessoas](#) de [Dale Carnegie](#).

Trabalhar para uma empresa estrangeira envolve algumas burocracias, ao menos no início. Para compreender o que você precisará fazer, leia o artigo [Descomplicando o trabalho para fora](#) e o [Guia do trabalho remoto](#).

Lembre-se sempre: **disciplina é liberdade**. Quanto mais credibilidade você tiver, quanto mais você contribuir para a empresa que te emprega, quanto mais valor você gerar para ela, maiores as chances de poder viver pelo mundo e manter seu emprego.

Quem quer ser nômade digital e continuar no mesmo emprego precisa esforçar-se para ser o melhor funcionário da empresa. Isso exige disciplina e dedicação. É particularmente difícil quando você está viajando e quer aproveitar os lugares por onde passa, porém o esforço vale a pena. Você

preserva sua carreira, continua a ganhar seu salário e tem a chance de conhecer o mundo.

Capítulo 4

Empreendimento

É possível ter um emprego e viver como nômade digital, no entanto a maioria dos nômades segue o caminho do empreendedorismo. Eles têm algum tipo de negócio próprio. Até mesmo quando têm um emprego, é comum que também tenham algum negócio em paralelo.

Ter um negócio próprio pode significar prestar serviços como *freelancer* (profissional autônomo), vender produtos de terceiros, criar produtos próprios ou conduzir uma organização com inúmeros funcionários. Existem nômades digitais com negócios de todos os tipos que se possa imaginar.

Eu e Pati optamos por ter nossos próprios negócios há anos. Empreender nos dá maior autonomia para definir os rumos de nossas vidas.

Se você nunca teve um negócio próprio e deseja criar um, saiba que isso é possível, contudo não espere que seja fácil nem rápido. É um caminho difícil e os resultados levam mais tempo para aparecer do que gostaríamos. A boa notícia é que sua vida pode melhorar bastante e você pode conquistar a liberdade de fazer o que bem entender.

Se você já tem um empreendimento próprio, mas ainda não tem mobilidade para conduzi-lo de onde quiser, isso também pode ser resolvido.

Mostrarei nas próximas páginas uma análise das vantagens e desvantagens de ter um negócio próprio. Também apresentarei diversas possibilidades de empreendimentos, bem como o quanto cada uma se ajusta à vida nômade.

Vantagens

Quando deixa de ser empregado de uma empresa, você passa a ter acesso a algumas liberdades importantes.

Liberdade de trabalhar com o que quiser. Você pode escolher os projetos em que trabalhará. Não é mais necessário limitar-se a fazer apenas o que o chefe mandar. Tampouco é obrigatório fazer qualquer tipo de

trabalho que lhe for pedido. Se quiser, você pode dedicar-se a trabalhar apenas com o que realmente gosta. Você tem total liberdade de ação para buscar a realização de seus sonhos através de seu empreendimento.

Liberdade para trabalhar de onde quiser. Se você não for contratado para executar um trabalho em um local específico, você pode trabalhar de um escritório, de casa, de um café, de um espaço de *coworking*, de uma biblioteca ou de qualquer lugar do mundo que lhe pareça mais conveniente. É você quem decide onde trabalhará. Para o cliente, o que importa é que você entregue o que foi combinado.

Liberdade para trabalhar quando quiser. Você pode fazer seu próprio horário de trabalho. Não precisa necessariamente ser das 9h às 18h, de segunda à sexta. Se preferir, pode trabalhar de noite e passar as manhãs com a família ou os amigos. É você quem faz seu próprio horário.

Liberdade para trabalhar o quanto quiser. Você pode estabelecer sua carga horária de trabalho. Não existe a obrigação de trabalhar exatamente quarenta horas por semana. Você escolhe se quer trabalhar dez, quarenta ou oitenta horas por semana, assim como assume as consequências dessa escolha.

Liberdade para trabalhar com quem quiser. Você pode escolher clientes, fornecedores, parceiros e pessoas que farão parte de sua equipe. Você deixa de trabalhar para uma única empresa e passa a poder trabalhar para uma infinidade de pessoas e empresas.

Liberdade para decidir sobre todos os aspectos de seu negócio. Sabe tudo aquilo que você não gosta em seu emprego e sempre quis mudar? Como empreendedor, é você quem dá as cartas. Você pode deixar tudo de acordo com suas preferências.

Você pode diversificar suas fontes de receita. Quando você tem um emprego, você só possui uma única fonte de rendimentos. Se for demitido, perde 100% de seus ganhos de uma hora para a outra. Com um empreendimento próprio, você pode fazer projetos com diversos clientes diferentes. Se algum deles demorar para pagar ou deixar de pagar, você pode continuar a receber dos demais. Você pode vender seus produtos e serviços para uma infinidade de pessoas.

Você pode obter maior rentabilidade pelo número de horas que trabalha. No emprego, você recebe um valor fixo por hora, definido no momento de sua contratação. Por outro lado, tendo seu próprio negócio, você tem a oportunidade de definir o valor de sua hora a cada projeto que

negocia. Se fizer uma boa venda, é possível ganhar, por hora, bem mais do que ganharia em um emprego. Com o passar do tempo, você pode ajustar esse valor para cima, sempre de acordo com sua reputação e as necessidades do mercado. Ainda melhor, você pode criar produtos que lhe darão a chance de ganhar bastante dinheiro, mesmo trabalhando poucas horas por semana. Dependendo de sua habilidade, você pode ganhar, por hora, mais do que jamais imaginou ser possível. Quando você tem um negócio próprio, seu potencial de ganhar dinheiro não tem limites.

Você aprende coisas novas todos os dias. Como você está sempre se envolvendo com novos clientes e novos projetos, toda hora aparece um desafio novo. Isso te força a estudar e desenvolver novas habilidades em sua área de atuação. Isso é ótimo, já que crescer é uma necessidade fundamental de todas as pessoas. Isso torna seu trabalho mais interessante.

Você também aprende sobre assuntos que vão além da sua profissão. Como você assume o controle de seu próprio negócio, é preciso aprender sobre gestão financeira, contabilidade, aspectos legais, cobrança, *marketing*, vendas e mais uma infinidade de assuntos. Além de aprimorar-se, você se torna um profissional mais valioso por ter uma visão mais ampla de negócios em geral e do mercado.

Você pode melhorar a vida de muita gente. Com seu próprio negócio, você tem a opção de inovar. Você pode criar produtos e serviços que transformem a vida de uma grande quantidade de pessoas para melhor. Somos todos beneficiados diariamente pela visão e o empenho de empreendedores que trouxeram ao mundo o computador que usamos, a refeição que comemos no restaurante, o treinamento que nos ensinou a fazer algo importante, além de serviços que facilitam o nosso dia a dia, tais como o [Airbnb](#), o [Uber](#) e tantos outros. Você também pode transformar a vida de muitas pessoas e deixar um legado importante.

Esse é um dos aspectos mais importantes de empreender e é exatamente o que possibilita aos empreendedores ganhar muito dinheiro. O que você ganha como empreendedor é fruto direto do quanto você melhora a vida das pessoas. Por essa razão, não comece um empreendimento com o foco no dinheiro. Não pense no quanto você pode ganhar. Pense no quanto você pode melhorar a vida das pessoas. O dinheiro virá como fruto da melhoria que você causar na vida dos outros.

Focar apenas no dinheiro é o mesmo que tentar fazer um carro andar mais rápido tentando empurrar o ponteiro do velocímetro. O que faz o

velocímetro marcar uma velocidade maior é o seu pé no acelerador. Você não pode mexer no velocímetro diretamente. Da mesma forma, o que faz você ganhar mais dinheiro em um empreendimento é o quanto você melhora a vida das pessoas. Esse é o seu acelerador. Melhore a vida de muita gente e o dinheiro virá.

Não há rotina. Quanto mais você empreende, menos rotina tem. Todos os dias tem alguma coisa nova acontecendo e algum desafio para resolver. É difícil ficar entediado como empreendedor.

Realização pessoal. Como empreendedor, você pode utilizar toda a sua criatividade para alcançar os objetivos que você mesmo estabelece. Você tem total liberdade para buscar a realização de seus sonhos, sem ter de pedir autorização a ninguém.

Você pode criar novas oportunidades de trabalho. Dependendo do que faça e do estágio de seu negócio, é provável que você precise contratar pessoas. Oferecer uma oportunidade de trabalho é uma das melhores maneiras de contribuir com a economia e com a sociedade.

Você pode tirar férias quando quiser e pelo tempo que quiser. Em princípio, dependendo de sua competência e de como tiver organizado seu negócio, você pode afastar-se dele e tirar férias a hora que quiser, quantas vezes quiser. Você pode ter mais liberdade de tempo para dedicar-se a qualquer atividade que te satisfaça. Claro que, como veremos a seguir, tudo é possível quando se tem um empreendimento, mas nada é fácil. Além disso, os resultados demoram a aparecer na maioria dos casos.

Desvantagens

Um emprego tradicional te restringe de inúmeras formas. Quando você decide empreender, tudo passa a ser possível. O céu é o limite. Entretanto as coisas demoram mais e dão mais trabalho do que se imagina.

As liberdades e os benefícios que foram citados antes precisam ser conquistados. Isso significa que você terá de trilhar um caminho longo e tortuoso. Colher os frutos dessa jornada não é rápido.

Isso sempre foi assim e sempre será, independente de tecnologia e de melhorias no mercado. A essência do empreendedorismo lida com a natureza humana. Ela permanece inalterada com o passar do tempo. Não se engane, o desafio que você tem pela frente, quando torna-se um empreendedor, é enorme.

As chances de dar certo aumentam quando você cria um empreendimento em torno de algo que curte e que te motiva. A caminhada é longa. Ela torna-se excessivamente cansativa quando você se envolve em algo que não lhe interessa. Você precisa ter uma atitude positiva e querer que dê certo. Precisa acreditar em sua visão e no propósito do que está construindo. Tudo isso ajuda, mas nada disso é suficiente.

Para dar certo, é preciso muito mais. Você precisa se preparar muito. Você terá de aprender sobre uma infinidade de assuntos. Precisarás desenvolver uma estrutura emocional sólida para superar os altos e baixos. É necessário muito sangue frio e inteligência. Independente de sua preparação, o importante mesmo é acertar em suas decisões. Como isso não acontecerá sempre, você precisará aprender a lidar com perdas e terá de empregar doses gigantescas de perseverança e paciência.

Você precisa vender continuamente. Como empregado, você vende seu trabalho apenas no momento da contratação. Daí por diante, você só precisa mantê-lo fazendo um bom serviço. Como empreendedor, você tem de fazer seu trabalho e buscar novos clientes o tempo todo. Ainda mais importante, precisa fechar negócios com frequência.

Vender é o maior desafio. Não basta que você seja bom no que faz nem que tenha criado um produto excelente. É preciso que outras pessoas saibam disso e tenham interesse pelo que você oferece.

Vender não é fácil, especialmente se você não estiver habituado. Tampouco é impossível. Trata-se de uma atividade como qualquer outra, que precisa ser tratada com respeito e dedicação. Em outras palavras, você precisa estudar e aprender a vender. Acima de tudo, precisa praticar.

Vender é um processo esquisito porque é estatístico. Você precisa oferecer seus produtos e serviços para diversas pessoas e receber inúmeras negativas até que consiga fechar uma venda. Não tem outro jeito.

Nenhum vendedor oferece um produto para cem pessoas e faz cem vendas. Dependendo do produto e da habilidade do vendedor, ele pode fazer quarenta, vinte, dez, cinco, uma ou até mesmo nenhuma venda. Isso é normal e deve ser esperado.

Quando você começar a vender, logo receberá várias negativas. Isso não significa que sua proposta seja ruim ou que você não vai vender para ninguém. É apenas uma parte natural do processo e acontece no caso de toda e qualquer empresa. Faz parte do jogo e você não pode desanimar.

O começo é o mais difícil. Fechar os primeiros negócios talvez não seja tão fácil e rápido quanto você deseja, mas as coisas melhoram com o tempo. À medida que você ganha prática no processo de venda e estabelece sua reputação, vai ficando mais fácil fechar novos negócios.

Você precisa fazer um investimento inicial. Para criar um empreendimento, você terá de investir tempo e algum dinheiro. O tamanho do investimento depende do tipo de empreendimento. Criar um produto é mais custoso que começar a prestar serviços como *freelancer*, por exemplo. Empreendimentos são como plantações. É preciso preparar o terreno, semear, irrigar, remover as ervas daninhas e torcer para não ter tudo destruído por alguma catástrofe natural. Se tudo der certo, depois de algum tempo, você colhe. Não há garantias de que você vá colher o que espera, mas é certo que você não colherá nada se não plantar. O mesmo acontece com empreendimentos. Sendo que a grana e o tempo que você investir serão maiores do que você imagina. A estatística mostra que você provavelmente perderá tudo e fechará as portas antes do que imagina. É o que acontece com a maioria dos negócios, sinto informar.

Você assume grandes riscos. Não existe nenhuma garantia de que você ganhará algum dinheiro. Como acontece em qualquer negócio, se você não for capaz de vender e superar seus custos, não ganhará nada. Se você não fechar nenhum projeto, o fim do mês chegará, as contas vencerão e você não encontrará nenhum depósito na conta corrente.

É difícil manter a animação e o controle emocional quando as coisas não saem da forma que você esperava. Especialmente quando você não consegue faturar nem tanto nem tão rápido quanto gostaria.

É mais difícil controlar o fluxo de caixa. Se você tem um emprego, sabe quando haverá algum depósito na sua conta: no dia do pagamento do salário. É mais fácil agendar pagamentos e honrar compromissos quando seus recebimentos são previsíveis. Como empreendedor, você não sabe exatamente quando haverá depósitos na conta. Eles podem ocorrer em diversos momentos do mês e os valores podem variar entre um depósito e outro. Porém também é possível que não ocorra depósito algum. É mais difícil se planejar e pagar as contas no prazo quando há tanta incerteza.

É preciso cobrar. Quando você trabalha em uma empresa saudável, ela faz o pagamento de seu salário na data acordada, todo mês, sem que você precise lembrá-la. Se isso não acontece, você se demite e vai procurar outro emprego. Por outro lado, como empreendedor, você frequentemente

trabalhará com clientes novos, os quais você não sabe se pagam o que devem e se o fazem dentro do prazo acordado. Quando os pagamentos não acontecem ou atrasam, você tem de cobrar. E precisa fazê-lo com delicadeza para não perder o cliente. Não é divertido cobrar pagamentos, porém ficar sem receber é ainda pior.

É difícil saber o que fazer quando não há ninguém dando ordens. Cada projeto em que você se envolve é composto por uma infinidade de tarefas. Quando você deve fazer cada uma delas? Qual é a ordem ideal? O que é melhor fazer nesse instante? Produzir o material que o cliente pediu, fazer uma propaganda de seu trabalho no Facebook, definir a estrutura de um novo produto, preparar o almoço ou trocar a fralda do bebê? Quais são as prioridades do dia? Será que é melhor se dedicar a esse cliente hoje ou àquele outro? Quando você não tem um chefe dando as ordens, decidir o que fazer a cada dia é mais desafiador do que parece.

É difícil controlar a carga de trabalho. Como empreendedor, você tem a possibilidade de trabalhar menos horas e escolher as horas em que deseja trabalhar. Entretanto, na prática, a maioria dos empreendedores trabalha mais do que jamais trabalhou quando era empregado, sobretudo nos primeiros anos. É possível atingir um ponto no qual se possa trabalhar menos, porém isso só se conquista depois de colocar muito esforço e energia no negócio.

Se você presta serviços, por exemplo, enquanto executa o trabalho de um cliente, é possível e desejável que já tenha enviado propostas para outros potenciais clientes. Costuma levar um tempo até alguém receber a proposta, analisar e fechar o contrato. É possível que um ou mais clientes novos contratem seu serviço enquanto você ainda está trabalhando no projeto de outra pessoa. Quando isso acontece, você precisa se reorganizar rapidamente para dar conta do recado. Isso pode implicar em uma carga de trabalho excessiva, ao menos por um tempo. Em contrapartida, também podem ocorrer situações de vacas magras, em que não há muito o que fazer. É difícil agendar compromissos e ajustar a vida pessoal às variações da carga de trabalho.

Além das horas que você gastará executando os serviços ou criando seus produtos, há também uma infinidade de outras que precisarão ser investidas na condução do negócio. Não se engane, no momento em que você se transforma em empreendedor, a tendência é que você trabalhe muito mais

horas do que jamais sonhou, ao menos por um tempo, que pode ser apenas alguns meses ou chegar a alguns anos. Costuma ser mais que o previsto.

É preciso muita organização. Existe grande variação no número de projetos e atividades em que você vai se envolvendo. Como é você próprio quem decide o que fazer, é preciso aprender a se planejar e a priorizar as atividades com cuidado. Você tem de identificar e catalogar suas tarefas. Precisa armazená-las em um local seguro e de fácil acesso. Deve revisitá-las com frequência. Todo dia você precisa rever seu planejamento. Ninguém fará isso por você. Ninguém, além de você próprio, determinará o que precisa ser feito a cada dia.

Demanda muita disciplina. Para entregar seus projetos no prazo e cumprir tudo o que acordou com os clientes, você precisa fazer escolhas difíceis. Muitas vezes terá de trabalhar mais do que gostaria, possivelmente em horários nos quais desejaria fazer outra coisa. Em certos momentos, terá de abrir mão de partidas de futebol, encontros com amigos e outras atividades em que gostaria de envolver-se.

Você terá vários chefes. Se você acha ruim ter um chefe dando as ordens, pense no que é ter vários. Cada cliente passa a ser um chefe. Ele não tem tanto controle sobre sua vida e sobre detalhes de seu trabalho, porém é quem te paga. Você precisa escutá-lo e negociar com ele, querendo ou não. Se você acha difícil negociar com um chefe que conhece bem, imagine fazer isso com vários, cada um deles com suas peculiaridades.

Você também é responsável por outras funções. Quando você é empregado, você pode se concentrar apenas no trabalho que o chefe te passa. Quando você tem seu próprio negócio, você também cuida da contabilidade, da gestão financeira, da gestão da agenda, das vendas, da cobrança, das compras, do *marketing*, de seu computador, de seu site e assim por diante. Na prática, você acaba tendo mais trabalho para fazer.

E quem disse que você domina todos esses assuntos? Você precisa investir tempo para aprender a fazer várias atividades importantes para a condução de seu negócio. Ou tem de investir tempo e dinheiro para encontrar pessoas competentes que possam cuidar desses assuntos para você.

Você provavelmente terá de abrir uma empresa. Quando você deixa de ter um emprego, o mais provável é que tenha de abrir uma empresa. Ainda que você se posicione apenas como um prestador de serviços autônomo (*freelancer*), quando uma empresa te contrata, ela pede nota

fiscal para lhe pagar. Você terá de abrir sua própria empresa, ainda que seja em uma modalidade mais simples e limitada, como é o caso do [MEI \(microempreendedor individual\)](#). Você terá de encarar a burocracia e os obstáculos que fazem parte do processo de abertura e formalização de um negócio.

Você precisa se preparar muito. Um bom profissional costuma ser forjado através de anos de preparação em um curso universitário. Ainda assim, é raro que seu trabalho seja tão complexo e difícil quanto criar um empreendimento de sucesso.

Começar um negócio é relativamente simples. Torna-se mais fácil a cada dia que passa. Fazê-lo dar certo, no entanto, é difícil. A maioria dos negócios não chega a completar um ano de vida. Isto acontece em qualquer lugar do mundo porque fazer um empreendimento dar certo é uma das coisas mais difíceis que uma pessoa pode se propor a fazer.

Se decidir embarcar nessa, você terá de aprender tanto ou mais que uma pessoa em um curso universitário. Será uma infinidade de assuntos, com a diferença de que, ao contrário da universidade, não existe uma grade curricular dizendo exatamente todas as matérias que você precisa cursar para fazer sua empresa ser bem sucedida. Cabe a você mesmo descobrir quais são os tópicos importantes para seu negócio. Você não faz ideia do quanto ainda não sabe sobre o que precisa aprender.

Essa preparação não envolve apenas conhecimento técnico. Você precisará mudar a maneira de pensar. Terá de substituir sua mentalidade de empregado, por uma de empreendedor. Elas são profundamente diferentes. Fazer essa transição não é trivial.

Por exemplo, quando você está habituado a ser recompensado todo mês através do salário, é difícil conter a ansiedade e passar meses, ou até mesmo anos, sem ser recompensado financeiramente. Por maior que seja o potencial de ganhos, é difícil enfrentar longos períodos de tempo sem ganhar nada, o que acontece com mais frequência do que você imagina.

Você precisa controlar as emoções para não se desesperar diante da quantidade de responsabilidades e riscos que assumirá. É bonito dizer que você passará a ter o controle da própria vida, porém ele traz a necessidade de tomar decisões difíceis que, até então, eram tomadas por outras pessoas. Não as subestime.

O mercado não tem piedade. Por mais que você se prepare, por maior que seja sua vontade e seu empenho, quem decide seu destino é o mercado.

É ele que vai comprar ou não seus produtos e serviços. Ele não se importa com o tamanho de seu esforço e de sua vontade de dar certo. Se o que você produz não lhe interessa, se a qualidade não o satisfaz, se ele não está disposto a pagar seu preço, se os concorrentes superam sua oferta, seu negócio não vinga.

Em outras palavras, se o terreno em que você está plantando não for suficientemente fértil, não haverá colheita. E se ele for, mas ocorrer uma catástrofe natural no meio do caminho, você perde tudo. Por maior que seja seu preparo, nem tudo depende de você. Em todo caso, é certo que você falhará se não se preparar.

É difícil se preparar com tanta informação disponível. Quando eu era criança e morava em uma cidade do interior, no início dos anos 80, a computação pessoal ainda estava começando e ainda estava longe de existir a internet. O acesso à informação era limitado. Hoje em dia, é o oposto. Há uma enxurrada de informação sobre tudo o que se possa imaginar. Isto é fantástico, mas é preciso fazer escolhas. É preciso eliminar opções. Qual o melhor curso ou livro para aprender sobre esse assunto? Qual a melhor ferramenta para me ajudar nessa parte do negócio? Qual a pessoa certa para contratar? O excesso de opções gera paralisia. Você não sai do lugar porque não consegue escolher o caminho a seguir. Bem-vindo ao mundo moderno. Isso só vai se agravar daqui para a frente.

É possível que você não esteja cercado das pessoas certas. A maioria das pessoas tem um emprego. Quase todo mundo é doutrinado a buscar um emprego. É algo que começa na infância. No caso do Brasil, grande parte das pessoas aprende que, ainda melhor que um simples emprego, é fazer um concurso e trabalhar no setor público. Quando você escolhe tornar-se empreendedor, você está indo contra a corrente. Ao fazer isso, há uma grande chance de que sua família e seus amigos não aprovem sua ideia.

Criar um empreendimento de sucesso é difícil. Fazer isso enquanto lida com críticas de pessoas queridas é ainda pior. Lamentavelmente, é o que acontece no caso da maioria dos empreendedores. É necessário um esforço emocional gigantesco para superar as críticas e seguir adiante. Não é para todo mundo.

A execução é o que importa. Você pode ter uma ideia genial, com potencial de revolucionar o mundo. Ainda assim, pode ser que seu empreendimento não chegue a lugar algum. Por maior que seja o potencial, tudo depende da execução. Ninguém compra o conceito de um carro. As

peças compram um carro, ou seja, a materialização da ideia. E só o fazem se ele for bom. Tudo vai depender de sua capacidade de transformar a ideia em produto ou serviço excepcional, que seja visto como atraente pelo mercado e supere o que seus concorrentes oferecem. Se não vier acompanhada de uma execução primorosa, sua ideia não vale nada, por mais incrível que possa lhe parecer.

Se sua ideia for realmente boa e a execução for ótima, esteja certo de que os concorrentes tentarão fazer o mesmo mais rápido do que você imagina. Ninguém te dará trégua só porque você tem boas intenções e boas ideias.

Contratar gente boa é possível, mas difícil. Você pode e deve cercar-se de pessoas habilidosas. Isto é importante para o crescimento de qualquer negócio e fundamental para complementar suas habilidades. Não dá para você ser um especialista em todos os aspectos de um negócio sozinho. Entretanto, achar gente boa é mais difícil do que parece. Contratar, seja um empregado ou um prestador de serviços, demanda tempo e esforço. Muitas vezes não dá certo e você precisa começar todo o processo de novo. Isso tudo assumindo que você tenha dinheiro para contratar alguém, o que frequentemente não acontece, ao menos no início.

Sua responsabilidade aumenta quando você contrata alguém. Você precisa se garantir muito nas vendas para ter dinheiro, todo mês, para pagar os salários de seus funcionários. É uma tremenda responsabilidade. Isso gera estresse e pode te deixar muitas noites sem dormir.

Automatizar é possível, mas difícil. À medida que seu negócio avança, você pode e deve trabalhar para automatizar tudo o que puder. Nunca houve tanta disponibilidade de equipamentos e ferramentas para ajudar a executar os trabalhos de maneira melhor e mais rápida. Isso é extraordinário. Entretanto, é preciso estudar as opções para fazer escolhas acertadas. Isso toma cada vez mais tempo, já que a quantidade de opções não para de crescer. É preciso estudar cada ferramenta e adaptar seus processos para usá-las. O resultado final da automação pode melhorar muito o seu negócio, mas implementá-la é um desafio enorme.

Não é para todo mundo. Em teoria, pode-se ensinar qualquer pessoa a criar um empreendimento, porém nem todas são capazes de aprender, colocar em prática e superar os obstáculos com perseverança. É preciso ter, ou pelo menos desenvolver, algumas características importantes.

É preciso ter ambição, entusiasmo, capacidade de assumir riscos, capacidade de trabalhar em equipe, conhecimentos técnicos, autocontrole, criatividade, responsabilidade, disciplina, flexibilidade, iniciativa, otimismo, persistência, inteligência, empatia e uma dose gigantesca de paciência. Não é todo mundo que tem essas características.

Acredito que empreender é uma das melhores coisas que alguém pode fazer na vida. Sou empreendedor há décadas e não me vejo fazendo outra coisa. Incentivo e dou todo o apoio a quem queira empreender. Se esse é o seu caso, bem-vindo ao clube. Contudo quero que você saiba que não é fácil, independente do que seja dito por aí.

Empreender está tornando-se cada vez mais popular, porém isso não significa que esteja mais fácil. Continua sendo tão difícil quanto sempre foi. Se você pensa em entrar nessa, é bom que saiba no que está se metendo. Até porque, voltar atrás também é complicado. Depois que você abre uma empresa, dá trabalho e custa muito dinheiro fechá-la.

Capítulo 5

Freelancer

Ser empregado de uma empresa implica em seguir as regras impostas por ela e abrir mão de algumas liberdades. É a empresa que decide o que você faz, onde trabalha, quando trabalha e com quem trabalha. Em troca você ganha um salário fixo no fim do mês e alguns benefícios adicionais.

Se você deseja ter maior liberdade e assumir o controle sobre diversos aspectos de seu trabalho, uma alternativa é tornar-se *freelancer*, ou seja, um profissional autônomo.

Trabalhar como *freelancer* é um dos caminhos mais rápidos para quem deseja se tornar um nômade digital. Se você faz um bom trabalho, tem um emprego presencial e não consegue outro que possa fazer à distância, é possível começar a atuar como *freelancer*, mesmo que seja em paralelo a seu emprego atual, ao menos no início. Você aproveita as habilidades que já tem e não precisa aprender outras novas relativas ao trabalho em si.

Se você nunca trabalhou como *freelancer* e quer fazer essa transição, estude o assunto. Busque o máximo de informações, leia livros, veja vídeos, faça cursos e converse com pessoas que já estão fazendo o mesmo. Aprenda com elas. Se possível, faça um treinamento. O melhor curso sobre o assunto foi criado pelos nômades digitais Debbie e Felipe, cujas histórias estão aqui no livro. Depois de trabalhar durante anos como *freelancers* bem sucedidos, eles criaram o [Passaporte Freela](#). É o melhor treinamento para quem deseja dominar todas as habilidades necessárias para trabalhar como *freelancer* de qualquer lugar do mundo.

Vantagens

Além das vantagens que já mencionei, de ter um negócio próprio, a principal vantagem de ser um *freelancer* é a possibilidade de continuar fazendo o que você já fazia em seu emprego, sem grandes mudanças em relação à natureza de seu trabalho profissional.

Também é mais fácil e mais simples ser *freelancer*, em comparação a outros tipos de empreendimentos. Por essa razão, pode ser uma ótima escolha para quem deseja sair de um emprego e começar a atuar como empreendedor.

É o caminho que trilhei quando abri minha empresa. Fui *freelancer* por muitos anos até criar um produto e mudar os rumos do negócio. Muitos de meus amigos empreendedores começaram como *freelancers* e alguns continuam sendo até hoje. Tem funcionado bem para eles.

Desvantagens

Trabalhar como freelancer tem algumas desvantagens em comparação a outros tipos de empreendimento.

Seu ganho está limitado à quantidade de horas que você consegue trabalhar. Sim, é verdade que você pode definir o quanto cobra por sua hora de trabalho. Contudo, há outros competidores no mercado. Se você sobe demais o seu valor, os potenciais clientes podem preferir contratar seus concorrentes, por melhor que seja seu trabalho e reputação. Como o número de horas por mês é limitado, existe um teto do quanto você pode ganhar.

Se ficar doente, você pode atrasar as entregas dos projetos ou até mesmo não conseguir finalizá-los. Isso pode causar atrasos nos pagamentos ou cancelamento dos contratos. Dependendo da situação e da forma como você lida com ela, existe inclusive a chance de que sua reputação fique prejudicada.

Sua receita é interrompida durante as férias. Você só ganha enquanto estiver trabalhando. Se quiser tirar férias, terá de guardar dinheiro para esse propósito.

Expectativas do cliente. Quem te contrata não está no mesmo escritório que você e não tem a oportunidade de te ver trabalhando. Quem garante que você está trabalhando no projeto em vez de jogando *videogame*? A distância e a falta de visibilidade preocupa o cliente e gera insegurança. Você é responsável por comunicar-se com ele com frequência e atualizá-lo sobre o andamento dos trabalhos. Isso exige proatividade, disciplina e organização.

Atividades convenientes

É possível encontrar freelancers trabalhando remotamente em atividades das mais variadas. Entretanto algumas são particularmente convenientes, como as que apresento abaixo.

Programação

Programar é uma das atividades mais convenientes que existem para quem deseja ser nômade digital. Como programador, sei que não existe nada que me impeça de executar meu trabalho de onde quer que eu esteja, desde que o processo de desenvolvimento adotado no projeto seja adaptado ao trabalho remoto.

Há inúmeras ferramentas que permitem ao programador fazer seu trabalho de onde estiver e manter-se em sintonia com a equipe. Existem até mesmo empresas de desenvolvimento de software, onde a maior parte dos programadores trabalham remotamente.

Um caso emblemático é o da [Automatic](#), a empresa por trás do [WordPress](#). Seus funcionários podem trabalhar de onde quiserem. Eles distribuem-se por dezenas países. Você pode ver onde eles estão pelo mundo [neste mapa](#). O CEO da empresa, [Matt Mullenweg](#), raramente dá as caras no escritório. Porém, trabalha diariamente de onde estiver no mundo. Veja [como ele comanda uma empresa avaliada em mais de um bilhão de dólares de forma completamente distribuída](#).

Isso é possível porque os processos e ferramentas da empresa estão estruturados para lidar com o trabalho remoto de modo produtivo. A [Automatic](#) usa um tema do [WordPress](#), chamado [P2](#) e o [Slack](#) para conduzir boa parte da comunicação.

A maioria das empresas está longe dessa realidade, no entanto cresce o número de organizações que permite e até incentiva o trabalho remoto, especialmente para desenvolvedores. Veja essa [lista de empresas brasileiras que contratam remotamente](#) e essa de [empresas estrangeiras que costumam contratar brasileiros remotamente](#). No Brasil, vale destacar o caso da [HE:labs](#), que tem um escritório fantástico no Rio de Janeiro, porém permite que seus funcionários trabalhem de onde quiserem.

Para quem adota o [desenvolvimento ágil de software](#), um dos desafios do trabalho remoto é fazer [programação em par](#). Felizmente, várias ferramentas permitem fazer programação em par de forma remota. Por mais

estranho que pareça, essa alternativa pode ser até mais produtiva, como já pude comprovar em minha própria experiência.

Se você tem interesse nessa prática, encontre todos os recursos necessários no site <http://www.pairprogramwith.me/> e use uma ferramenta como o [Floobits](#). Se você deseja montar um portfólio de trabalhos para apresentar a seus clientes, utilize o [Github](#).

Redação

Escrever textos é igualmente perfeito para quem deseja trabalhar remotamente. É ainda mais simples que escrever código. Quem gosta de escrever pode ser contratado para produzir textos para blogs, jornais, revistas, editoras, agências, entre outros. Existe uma grande oferta de trabalho, mas a concorrência também é grande.

Ainda assim, você pode se destacar, se puder se especializar um pouco mais. Por exemplo, escrever textos técnicos de uma determinada área é mais valorizado que apenas escrever textos sobre temas gerais. Da mesma forma, é dá para sobressair concentrando-se em técnicas de escrita específicas, como redação publicitária, por exemplo.

Escrever também é o foco de grande parte dos jornalistas. Muitos já trabalham como *freelancers* para diversas publicações.

Revisão de textos

A maioria das pessoas tem um domínio limitado da língua escrita. São pessoas que sofrem para escrever artigos, peças publicitárias, *posts* de blog, livros e textos em geral. É gente que precisa de ajuda para ter certeza de que o texto está em ordem. Quem tem o português afiado pode se oferecer para fazer a revisão. É uma atividade importante para jornalistas, agências de publicidade, blogueiros, escritores e editoras, por exemplo.

Tradução de textos

Se você tem um grande domínio de um idioma estrangeiro, pode atuar na área de tradução. Assim como nos casos anteriores, você lida apenas com texto, portanto é uma atividade conveniente para fazer de onde você estiver.

Tradução é uma área onde há muito trabalho, mas a concorrência é menor que na redação de textos. Especialmente se você domina uma área do conhecimento e pode traduzir textos mais técnicos. Se você se formou em engenharia mecânica, por exemplo, e pode traduzir textos dessa área, você encontrará menos concorrentes e poderá cobrar mais por seu trabalho.

Você pode buscar oportunidades específicas de tradução nos sites abaixo:

- [Gengo](#)
- [Proz](#)
- [TranslatorsBase](#)
- [LinguistsGuide](#)
- [ProTranslating](#)
- [Traduguide](#)
- [OneHourTranslation](#)
- [Verbalizeit](#)
- [TranslatorsCafé](#)
- [TranslatorPub](#)
- [TranslationDirectory](#)

Design e ilustração

Assim como no caso de programação, um dos maiores desafios no trabalho de *design* é compreender o que o cliente deseja. Para isso, é importante conversar bastante e entender todas as sutilezas do que ele está buscando.

Felizmente, já não é mais necessário reunir-se presencialmente com o cliente para esse propósito. Há ferramentas de sobra para você e seus clientes conversarem à distância de forma rica usando áudio e vídeo.

Para executar seu trabalho, você pode buscar elementos e inspirações neste [site que reúne inúmeras ferramentas essenciais para designers](#).

Se você é *designer* ou ilustrador, é importante criar um bom portfólio para apresentar a seus potenciais clientes. Para isso, você pode utilizar alguma das ferramentas abaixo:

- [Dribbble](#)
- [Behance](#)
- [Carbonmade](#)
- [AllYou](#)
- [Format](#)
- [Fabrik](#)
- [CreativePool](#)

Edição de som, fotos e vídeo

Se você já trabalha como editor, é possível fazer seu trabalho fora de um escritório. Um dos maiores desafios é a transmissão de arquivos, especialmente no caso de quem trabalha com vídeo.

Quando o volume e o tamanho dos arquivos é muito grande, você precisa ter acesso a uma conexão rápida. Lamentavelmente, é comum as conexões terem uma velocidade de upload menor que a de download. Isso significa que, quando você precisar enviar o resultado do trabalho, isso pode levar um tempo excessivamente longo. Além disso, dependendo da parte do mundo em que você esteja, talvez não consiga encontrar conexões que sejam rápidas o suficiente.

Gestão de mídias sociais

A popularização das redes sociais vem transformando a forma como as empresas interagem com o mercado. Quem estava acostumado a fazer publicidade na TV começou a perceber que seu público migrou para o Facebook, o YouTube, o Instagram e outras redes sociais. As empresas precisam de profissionais que as ajudem a interagir com as pessoas nesses canais. Seja para promover seus produtos e serviços ou simplesmente responder a quem tem dúvidas ou reclamações. Elas buscam profissionais especializados em *marketing* de conteúdo, criação de estratégias digitais para posicionamento de marcas e produtos, especialistas em relações públicas, gestores de comunidades online e muito mais.

Serviços de TI

Tecnologia da Informação (TI) não gira apenas em torno da programação de software. Existem outros serviços que podem ser realizados por profissionais da área, de onde quer que estejam. É o caso de gestão de bancos de dados, administração de redes e sistemas, segurança da informação, mineração de dados e muitas outras atividades.

Criação de animações

Já reparou a quantidade de sites que mostram um vídeo curto com uma animação logo na primeira página? Sabe por que eles fazem isso? Porque funciona. É uma forma excelente de transformar uma história longa, sobre um produto ou serviço, em algo divertido e rápido de compreender.

Empresas como a [Chiligum](#) são especializadas em criar animações com essa. Se você sabe fazer esse tipo de vídeo, você pode oferecer esse serviço. Outra alternativa é prestar serviços remotamente para empresas que produzem filmes e jogos. Nesse caso, você pode fazer uma busca por trabalhos em ferramentas tais como:

- [Zerply](#)
- [Animation Jobs](#)
- [AnimationBase](#)
- [CreativeHeads](#)

Aconselhamento

Existem inúmeros profissionais cujo trabalho é aconselhar clientes em alguma área do conhecimento. Por exemplo, muita gente quer aprender a alimentar-se melhor e busca informações a esse respeito. Profissionais da área de nutrição podem oferecer seus serviços para estas pessoas, seja em um consultório ou através da internet.

O aspecto mais importante do trabalho é o diálogo com o cliente para compreender a situação em que se encontra e seus hábitos alimentares. Isso pode ser feito através de uma conversa em vídeo, por exemplo. Com base nas informações coletadas, o nutricionista pode propor um processo de

reeducação alimentar e fazer o acompanhamento através de reuniões semanais, sempre utilizando alguma ferramenta de vídeo conferência.

Eu mesmo já contratei os serviços de uma nutricionista, porém só voltaria a usá-lo se fosse de forma remota. Não vejo mais sentido em gastar tempo de deslocamento para visitá-la. Tudo o que conversávamos presencialmente poderia ser discutido pela internet.

Serviços de aconselhamento, como os que são oferecidos por profissionais de nutrição, são excelentes para serem executados de forma remota. Todo mundo sai ganhando. Os clientes não precisam gastar tempo com deslocamento, o profissional não precisa ter custos com um consultório e ainda pode mover-se pelo mundo, se assim desejar. Esse tipo de proposta já existe. Veja, por exemplo, o caso do site [Nutricionistas Online](#), de Portugal.

Se preferir, você pode oferecer seus serviços para empresas, montando cardápios para a cantina corporativa, por exemplo, além de oferecer seus serviços para funcionários da empresa. Inclusive, pode ser uma ótima estratégia fechar parcerias com empresas para oferecer o serviço de reeducação alimentar para os funcionários.

Nutrição é apenas uma dentre muitas áreas em que é possível fazer o aconselhamento através da internet. Ele também pode funcionar para quem trabalha com psicologia, aconselhamento de carreira, *coaching*, consultoria financeira, consultoria contábil, consultoria jurídica, mentoria, condução de grupos de *mastermind*, entre outros.

Pati fez um trabalho de *coaching* em 2016 com nosso querido amigo Caio Ledesma. Ela passou por momentos complicados em 2015 e precisava de ajuda para resolver algumas questões. Caio conduziu o processo de *coaching* de forma remota, através de encontros semanais. Os resultados foram extraordinários. Eles serviram como prova de que a distância não compromete a eficácia de processos de aconselhamento. Se seu trabalho demanda apenas que você se comunique com os clientes e os aconselhe de alguma forma, o mais provável é que você possa fazê-lo através da internet.

Ensino

Foi-se o tempo em que era preciso estar em uma sala de aula para aprender algo. Hoje em dia, é possível aprender de tudo através de cursos

online. Além disso, é possível receber atendimento individualizado usando a internet.

Isso já é comum, por exemplo, no caso do ensino de idiomas. Já existem inúmeros professores que dão aula usando ferramentas como Skype ou fazem seu trabalho através de plataformas tais como o [italki](#) e o [verbling](#).

Além disso, há uma enorme demanda de aulas particulares pela internet sobre todo tipo de assunto. O que explica o surgimento de plataformas especializadas nisso, tais como:

- [Professores de Plantão](#)
- [Superprof](#)
- [Profes](#)
- [Educare](#)
- [Tutor](#)
- [Skooli](#)

Fotografia e vídeo

Para fotografar ou filmar algo, você precisa estar presente. Não dá para fazer essas atividades à distância, porém é possível ser um nômade digital atuando como fotógrafo ou *videomaker*. Pati, com quem viajo há anos, atuou como fotógrafa de casamento durante os primeiros quatro anos dessa jornada. O que fez para viabilizar isso?

Ela dividiu o ano em duas partes. Uma em que fazia as fotos presencialmente e outra em que fazia o restante do trabalho enquanto viajava pelo mundo. Ela ia ao Brasil por três meses para fotografar vários casamentos em sequência e passava os nove meses seguintes tratando as fotos, montando os álbuns e fazendo a venda de seu trabalho para a próxima temporada no Brasil.

Esse arranjo implicou em ganhar menos do que poderia se fotografasse o ano inteiro. Esse é um fato inegável. E é algo que ela aceitou porque tinha o desejo de viajar e conhecer o mundo. Além disso, o trabalho era bem remunerado e nosso custo de vida, viajando, sempre foi inferior ao que tínhamos morando no Brasil.

Dividir o ano em duas partes é uma saída para quem deseja viver como nômade digital, mas precisa executar parte ou todo o seu trabalho de forma presencial. Especialmente no caso de profissões bem remuneradas.

Também é possível vender o serviço de foto e vídeo para clientes locais enquanto você viaja. É o que fazem Babi e Vagner, do site [Melhores Momentos da Vida](#). Eles criam vídeos promocionais para hotéis ao redor do mundo. O grande desafio, nesse caso, é vender seu trabalho em mercados nos quais você ainda não é conhecido.

Atendimento médico

Talvez seja difícil imaginar um médico como nômade digital, porém até mesmo a medicina pode se beneficiar do trabalho remoto. Existem inúmeras situações em que o paciente não precisa ser examinado. A conversa com o médico é suficiente para que o profissional indique um tratamento ou faça um pedido de exames. Já existem plataformas que conectam médicos e pacientes à distância, como é o caso do [RingMD](#).

O maior desafio de médicos e de outros profissionais que atuam em profissões regulamentadas é a regulamentação em si. Algumas ainda não se adaptaram à realidade do século XXI. Estão presas ao passado e determinam que os profissionais encontrem-se pessoalmente com seus clientes, mesmo em situações nas quais não há nenhuma necessidade disso. É lamentável que seja assim, porém é provável que a situação melhor com o passar do tempo.

Secretariado

Quem precisa dos serviços de uma secretária não precisa necessariamente que ela esteja por perto. É cada vez mais comum a contratação de assistentes virtuais. Inclusive, existem diversas empresas especializadas em prover esse serviço, tais como:

- [Prestus](#)
- [LiveNote](#)
- [Secretariado Remoto](#)
- [Secretária Virtual](#)

- [Koe Contact](#)
- [Temporis Assessoria](#)

As atividades realizadas pelos assistentes virtuais frequentemente giram em torno de atendimento a clientes, controle de agenda e uma infinidade de serviços administrativos. Todas essas funções podem ser realizadas à distância. Não faltam ferramentas para isso.

Recomendações

Se você não quer mais ser um empregado e deseja tornar-se um *freelancer*, ou seja, um profissional autônomo, as recomendações abaixo lhe ajudarão.

Concentre-se em construir uma reputação sólida. Credibilidade é o ativo mais importante que você precisa construir. Assim como acontece no caso do empregado, a melhor forma de garantir sua receita é realizar um trabalho excelente. Isso é ainda mais importante quando você torna-se *freelancer*. Quanto melhor for seu desempenho, maiores as chances de conquistar clientes.

Bons profissionais são raros. Raríssimos, para ser exato. Ser um bom profissional não se resume apenas a fazer um bom trabalho. Isso é uma obrigação de quem se propõe a prestar um serviço, seja ele qual for.

Para ser um bom profissional você precisa respeitar compromissos. Planeje-se e faça seu trabalho bem feito. Não deixe pontas soltas. Aprenda a comunicar-se com precisão e clareza. Entregue o trabalho no prazo e apresente-o de forma elegante.

Se tiver de lembrar de uma única coisa sobre trabalho *freelancer*, que seja isso: **entregue o que você promete no prazo combinado, sempre, sempre, sempre.**

[Paul Jarvis](#) construiu uma carreira sólida como *freelancer* e é um dos profissionais independentes mais respeitados do mundo. Em seu artigo [Do what you say you're going to do](#) (faça o que você diz que irá fazer), ele conta que uma das principais razões para seu sucesso é cumprir promessas, sempre. É o que o diferencia de outros *freelancers* que raramente cumprem o combinado e quase nunca entregam os trabalhos no prazo.

Seja consistente e cumpra suas promessas todas as vezes, sem exceção. Em vez de inventar desculpas quando os problemas surgirem, assuma a responsabilidade e faça as correções necessárias. Torne-se uma pessoa confiável. Todo mundo busca profissionais em que possa confiar. Seja esse tipo de profissional. As pessoas devem saber que podem contar com você.

Busque ser eficaz. Valide o que está fazendo para ter certeza de que é a coisa certa. Todo mundo quer ser eficiente, produtivo e fazer tudo de forma rápida. No entanto, ainda mais importante é ser eficaz. É assegurar que você está fazendo a coisa certa e não está perdendo tempo com atividades desnecessárias.

Atualize-se o tempo todo. Nunca pare de aprender e se aperfeiçoar. Aprender continuamente não é opcional. É uma das obrigações de seu trabalho.

Não é fácil encontrar profissionais confiáveis. Em parte porque não é fácil seguir as sugestões que apresentei aqui. É preciso dedicação e disciplina, porém lembre-se: **disciplina é liberdade**.

Se você for um excelente profissional, se aceitar responsabilidades, se cumprir promessas, se entregar no prazo, se for confiável, nunca lhe faltará trabalho. O boca a boca de seus clientes será mais que suficiente. Sempre haverá gente buscando seus serviços.

Quem é confiável e tem uma reputação sólida pode dar-se ao luxo de trabalhar de onde quiser no mundo. Seja essa pessoa. Se não acha que é possível, nem perca seu tempo.

Planeje e execute sua transição com cuidado. Se você trabalha como empregado e quer transformar-se em *freelancer*, não peça demissão para começar a oferecer seus serviços. Faça um planejamento enquanto ainda está empregado e prepare-se com cuidado. Comece a oferecer seus serviços de *freelancer* enquanto ainda está em seu emprego.

Você não sabe quando fechará os primeiros contratos e começará a ganhar o suficiente para cobrir suas despesas. Enquanto isso não ocorre, encare uma jornada dupla. Vá para o emprego durante o dia e trabalhe em sua carreira de *freelancer* na parte da noite e nos fins de semana. É o que fizeram Denny e Carol, do projeto [Na Palma do Mundo](#).

Eles trabalhavam em um banco e tinham uma jornada de trabalho tradicional, de 40 horas por semana. Em paralelo ao emprego, Carol começou a oferecer serviços de redação de conteúdo e tradução como *freelancer*. Denny, por sua vez, começou a oferecer seus serviços de

programação. Eles desenvolveram-se como *freelancers* ao longo de meses antes de pedirem demissão do emprego. Este é o caminho mais seguro e recomendável.

Faça uma reserva financeira. Comece a guardar dinheiro enquanto ainda está em seu emprego. É fundamental que você tenha uma graninha guardada quando estiver trabalhando exclusivamente como *freelancer* devido às variações no fluxo de caixa.

Se tiver de pagar uma conta hoje e só tiver previsão de receber algum depósito de cliente dentro de quinze dias, você pode utilizar o dinheiro da reserva para pagar a conta hoje. Quando receber de seus clientes, basta repor o dinheiro na reserva. Isso evita que você tenha de pegar empréstimos ou apelar para o cheque especial.

É importante que você defina claramente quanto deseja ter na reserva financeira para sentir-se confortável em trabalhar só como *freelancer*. Por exemplo, imagine que você tenha um gasto mensal equivalente a US\$ 1.000 por mês e queira fazer uma reserva financeira que te permita cobrir os gastos de pelo menos três meses. Nesse caso, o ideal para você será ter uma reserva de pelo menos US\$ 3.000.

Se você conseguir ir além desse valor, ótimo. O importante é que determine o valor mínimo que te deixa em paz. Se a reserva ficar abaixo desse mínimo em algum momento, você saberá que precisa fazer a reposição o quanto antes, até atingi-lo novamente.

Saber que você tem três, seis ou doze meses de sobrevida, mesmo quando não tiver nenhuma receita, faz uma imensa diferença na forma como você lida com o trabalho de *freelancer*. Além de reduzir seu estresse, também te dá a chance de avaliar os projetos com mais cuidado.

Você não precisa nem deve fechar qualquer projeto que apareça, muito menos trabalhar com todos os potenciais clientes que te procurem. Nem todos valem a pena. Se você não tiver uma reserva, se estiver sempre com a corda no pescoço, não será possível recusar as furadas. Você vai se desesperar e tentará fazer qualquer coisa que apareça pela frente.

Coloque um prazo. Determine com antecedência o dia de sua demissão. Pode ser dentro de alguns meses ou alguns anos. Seja qual for a opção, tenha uma data exata. Ela tem de ser precisa, tipo 12 de março de 2019, por exemplo. Quanto mais precisa, melhor. O que não tem prazo tende a não ser feito ou a demorar mais do que deveria.

Se você está cansado de seu emprego e quer tentar a vida como *freelancer*, não adianta se arrastar nele por um longo período de tempo. Ele será importante para você durante a transição, porém evite alongar-se.

Ter um prazo máximo para permanecer no emprego te ajuda de duas formas complementares, ambas importantes. Durante a transição, você trabalhará muito. Além do emprego, também terá de fazer os frilas à noite e nos fins de semana. Isso é cansativo. É mais fácil superar esse desafio quando sabemos que é por um período de tempo limitado.

Quando a gente encara um desafio particularmente difícil, saber que é apenas por um curto período de tempo é um alento. Psicologicamente, faz diferença saber quando a dor, o estresse, o esforço excessivo e a correria acabarão. Sempre que você achar que não dá, lembrará que é só mais um pouquinho, até atingir aquela data limite que você estabeleceu.

O prazo também te ajuda a manter o foco. Ele te orienta nas tantas escolhas que você precisa fazer diariamente. Não se engane, durante sua trajetória para virar um *freelancer*, surgirão inúmeras distrações e obstáculos. Se não houver foco, atenção e disciplina, você sairá do caminho muitas vezes. O prazo te ajuda a lembrar que você tem de dizer "não" para inúmeras atividades que não colaboram com a realização de seu projeto.

Escolher significa cortar opções. Implica em abrir mão de várias coisas. Representa deixar para trás atividades e experiências legais e prazerosas. Isso dói. Você precisa ter clareza de propósito e foco na realização de seu projeto. Nada é tão eficaz para criar foco que um prazo bem definido.

O ideal é você usar dois parâmetros para definir quando pedirá demissão: uma **data** e um **valor de reserva financeira**. Por exemplo, você já estabeleceu que quer ter US\$ 3.000 guardados e acredita que dá para ganhar mais que em seu emprego atual, trabalhando como *freelancer*, dentro de seis meses. Nesse caso, você pode estabelecer um limite claro sobre quando pedirá demissão do emprego. Vai ser quando terminar o prazo de seis meses ou quando você atingir o valor de US\$ 3.000 em sua reserva. A primeira coisa que acontecer será o sinal de que chegou o momento de pedir as contas e deixar o emprego no passado.

Utilize os relacionamentos que você já possui. Comece oferecendo seus serviços para pessoas conhecidas. Isso aumenta as chances de fechar os primeiros projetos rapidamente e ser bem pago. Afinal, você estará lidando com pessoas que já te conhecem e já confiam em você.

Entre em contato com seus amigos e pergunte se têm algum tipo de necessidade que você possa ajudar a solucionar. Marque almoços ou bate-papos presenciais, use as redes sociais, combine conversas por áudio ou vídeo. Bastam alguns minutos para você escutar a outra pessoa, contar que está atuando como *freelancer*, explicar os tipos de serviço que pode oferecer e verificar se a pessoa está precisando de algo. No pior dos casos, se ninguém tiver uma necessidade imediata, todos saberão que você é uma opção quando surgirem demandas que você possa atender.

Conversar com outras pessoas também te dá a chance de conhecer melhor o mercado e suas necessidades. Nessas conversas, escutar o que os outros têm a dizer é ainda mais importante que vender seus serviços. Fique calado tanto quanto possível e ouça cuidadosamente o que as pessoas estão dizendo. Quanto mais você fizer esse exercício, melhor preparado estará para fechar negócios.

Não se contente em trocar mensagens com as pessoas. Agende conversas. Você nunca conseguirá extrair de uma troca de mensagens a mesma riqueza de informações e conhecimentos que poderá obter em uma conversa.

Esse trabalho de contatar pessoas e conversar com elas é algo que você pode começar imediatamente, mesmo que ainda não esteja preparado para atuar como *freelancer*. É um esforço que pode te orientar em seu processo de preparação. Quanto mais você entender o mercado, melhor preparado estará para atendê-lo.

Aproveite o fato de que, hoje em dia, com todas as ferramentas disponíveis, não custa um centavo conversar com outras pessoas por áudio e vídeo, onde quer que estejam. Não tem desculpa. Basta ter interesse e disposição.

Vale ressaltar que, no início, o principal propósito não precisa ser necessariamente vender seu serviço. Basta escutar o outro e entender que tipo de necessidades possui. Você não quer se transformar na pessoa chata que fica ligando para vender coisas. Você deve ser a pessoa legal que está disposta a escutar e oferecer ajuda quando necessário. Não há nada que as pessoas gostem mais que ser escutadas.

Defina claramente o serviço que prestará. Utilize as conversas com pessoas conhecidas para entender qual a melhor forma de se posicionar no mercado.

- Qual o seu público alvo?
- Como você espera melhorar a vida de seus clientes?
- Que serviço você oferecerá?
- Qual o seu diferencial?
- Quais os pontos fracos de seus concorrentes?
- O que você precisa aprender para fazer um trabalho melhor e se diferenciar?
- Quanto você cobrará por sua hora de trabalho?
- Com quem você precisa se associar para conquistar clientes mais rapidamente?

Invista em sua apresentação. Quando você fizer um contato com um potencial cliente, ajude-o a tirar duas dúvidas fundamentais:

- **Como você é?**
- **Como é o seu trabalho?**

Aprimore seu currículo no [LinkedIn](#) ou em sites que sejam relevantes em sua área de atuação. Além de informar suas habilidades, explique por que alguém deveria te contratar. Qual é o seu diferencial?

Aproveite a tecnologia e faça um vídeo se apresentando. Tudo aquilo que você explicar por escrito, você também pode explicar através de um vídeo. Ele não precisa ser longo. Apenas alguns minutos para que você se apresente e explique como pode melhorar a vida de quem te contrata. Isso dá ao potencial cliente a oportunidade de te ver e escutar o que tem a dizer. Em especial, permite que ele te conheça e simpatize com você.

A gente não contrata uma pessoa com base apenas em questões racionais e objetivas. Na maior parte do tempo, o que nos leva a fechar uma compra ou contratação são questões emocionais. A gente contrata alguém, acima de tudo, porque gosta da pessoa. Ajude seu potencial cliente a gostar de você.

Quando produzir um vídeo de apresentação, coloque um link para ele em sua conta do [LinkedIn](#) e em seu site, se tiver um. Faça um cartão de visitas e coloque esse link lá também, além do link para seu currículo.

Se você nunca fez um vídeo, não sinta-se intimidado. O mais provável é que a primeira tentativa não fique tão boa. Isso é normal. Faça várias gravações. Elas vão ficando melhor a cada tentativa. O segredo de qualquer pessoa que fala bem em vídeo é a quantidade de gravações que já fez na vida. Cada uma serve como um treino. Quanto mais vezes você tentar, melhor ficará seu vídeo.

Tenha atenção com sua presença nas redes sociais. Quem tem interesse em te contratar pesquisará sobre sua vida na internet. Cuidado com o que escreve por aí e com a forma como se comporta. Faça uma análise crítica da imagem que está passando. Ela é a de uma pessoa que transmite profissionalismo e capacidade de realização? Dá para confiar nessa pessoa?

Invista na apresentação de seu trabalho. Existem diversas profissões nas quais é possível mostrar exemplares dos trabalhos que já foram feitos. É algo comum entre profissionais de *design*, por exemplo. Se sua área de atuação permite isso, crie um portfólio e coloque nele os melhores exemplares de seu trabalho. Coloque esse portfólio na internet e envie o link para seu cliente quando for necessário.

Facilite a vida de seu potencial cliente ao máximo. Na hora que ele quiser ver seu currículo, já tenha um pronto para enviar, seja no [LinkedIn](#), em seu site ou onde você preferir. Surpreenda-o enviando também um link para seu vídeo de apresentação. Quando ele quiser ver seu trabalho, tenha seu portfólio pronto e envie o link rapidamente.

Muita gente demora para fornecer essas informações por falta de preparo. Se você for o *freelancer* que já tem tudo pronto, você responderá mais rápido que os concorrentes. Quanto mais rápido você for, maiores as chances de fechar negócio.

Prepare-se para o sucesso. Vender não é fácil, mas é perfeitamente possível. Se você conversar e oferecer seus serviços para um número suficiente de pessoas, logo encontrará alguém que te contrate. Quando esse momento chegar, é importante que você esteja pronto para pegar o projeto. Para isso, existem alguns aspectos mínimos que precisam estar resolvidos: **empresa, formas de receber o pagamento e contrato.**

Abra sua empresa. Se você prestar serviço para uma empresa, ela pedirá nota fiscal quando fizer o pagamento. É bom que você esteja

preparado para emití-la. Abra uma empresa, ainda que seja tão básica quanto uma [MEI](#). Para te ajudar na parte de contabilidade, uma alternativa acessível e moderna é utilizar um serviço com o do [Contabilizei](#).

Ter uma empresa é um pré-requisito básico para que você consiga vender para uma grande parcela de potenciais clientes. Seria frustrante, e um tremendo desperdício, fechar uma venda e descobrir que o projeto não poderá ser realizado porque o cliente precisa receber uma nota fiscal e você não pode fornecê-la.

Prepare-se para receber pagamentos. Quando tiver aberto sua empresa, abra também uma conta corrente para ela. Isso permitirá que seu cliente deposite os pagamentos nessa conta, o que é ideal.

Além do depósito em conta, talvez você queira permitir o pagamento através de boleto, cartão de crédito e outras formas de sua preferência. Existem vários sistemas que podem lhe ajudar nesse sentido, tais como:

- [Paypal](#)
- [PagSeguro](#)
- [Moip](#)
- [PayU](#)
- [Cielo](#)
- [Rede](#)
- [Getnet](#)

Você pode inclusive oferecer o parcelamento do pagamento através dessas plataformas, o que pode ser um diferencial para que o cliente consiga te contratar e pagar o valor que você deseja.

Para usar essas plataformas, você precisa se cadastrar e realizar alguns procedimentos burocráticos. Se possível, faça isso antes mesmo de ter seu primeiro cliente e esteja pronto para receber o pagamento das mais diferentes formas.

Prepare-se para receber pagamentos do exterior. Se você pretende prestar serviços para pessoas ou empresas no exterior, é importante que o cliente tenha uma forma fácil de pagar e você tenha uma forma prática de receber. Existem alguns caminhos para isso.

Uma das formas mais simples é utilizar o [Paypal](#). Você pode ter uma conta do [Paypal](#) atrelada a uma conta bancária de pessoa física ou de pessoa jurídica. Nesse caso, o ideal é que você crie uma conta no [Paypal](#) e a associe à conta bancária de sua empresa.

A pessoa ou empresa que está no exterior, usará a conta dela do [Paypal](#) para transferir dinheiro para a conta do [Paypal](#) de sua empresa. Quando este chegar, você pode transferir o dinheiro para a conta corrente de sua empresa ou pode manter o valor no [Paypal](#) para fazer suas compras.

O inconveniente dessa alternativa é que você só pode sacar o dinheiro no Brasil, assumindo que tenha associado um banco brasileiro à conta do [Paypal](#). Além disso, usar o [Paypal](#) tem alguns riscos. Eles podem bloquear sua conta por alguma razão, como suspeita de fraude. Nesses casos, você pode ficar com o dinheiro preso até que a questão seja resolvida. Nem sempre é fácil ou rápido solucionar. Não é trivial conversar com o pessoal do [Paypal](#). Além disso, as tarifas são elevadas.

Se você pretende ser um nômade digital e viajar por outras partes do mundo, há alternativas que evitam que o dinheiro seja enviado para o Brasil e permitem que o valor recebido seja preservado em moeda estrangeira.

O caminho mais fácil é usar um cartão pré-pago, como o [Payoneer](#). Nesse caso, o cliente faz seu pagamento transferindo o dinheiro para a conta corrente do [Payoneer](#), nos EUA ou na Europa.

O [Payoneer](#) carrega o valor recebido em seu cartão pré-pago. Esse é um cartão de débito que você recebe em sua casa, quando se cadastra no [Payoneer](#). Com ele, você pode fazer compras em qualquer estabelecimento que aceite Mastercard, em qualquer lugar do mundo. Também pode fazer saques em qualquer caixa eletrônico que aceite Mastercard.

Como se trata de um cartão pré-pago, é preciso colocar dinheiro nele para que você faça as compras. Portanto, a ideia é que seu cliente deposite os pagamentos nele e você use o dinheiro onde bem entender.

Nessa modalidade, você não precisa sequer ter uma conta corrente ou empresa no Brasil, desde que seu cliente estrangeiro não se importe de fazer o pagamento a você como pessoa física.

O [Payoneer](#) é um dos cartões mais usados por *freelancers* para receber pagamentos de qualquer lugar do mundo. No entanto, há outra opção excelente, senão melhor. É o [Advcash](#). Ele funciona de forma semelhante, porém oferece uma gama de serviços mais ampla. No nosso caso particular,

o [AdvCash](#) é um dos instrumentos mais úteis que utilizamos no dia a dia. Vale a pena conhecê-lo e adotá-lo.

Outra alternativa é optar por [bitcoins](#) ou outras moedas virtuais caso você e seu cliente sintam-se à vontade para tal. Transferir [bitcoins](#) entre diferentes pessoas é fácil, rápido e barato, independente de onde estejam no mundo.

Atualmente, ainda são poucos os lugares que aceitam pagamentos em [bitcoins](#). Portanto, se seu cliente te pagar dessa forma, você terá de buscar uma maneira de gastá-los como se fossem dinheiro tradicional. Felizmente, é fácil fazer isso.

Você pode transferir seus [bitcoins](#) para cartões pré-pagos que estejam habilitados a recebê-los. O [AdvCash](#) é um deles. Inclusive, seu cliente pode até transferir os [bitcoins](#) diretamente para sua conta do [AdvCash](#). O cartão do [AdvCash](#) funciona de forma semelhante ao do [Payoneer](#). É um cartão Mastercard que você pode usar em qualquer estabelecimento ou caixa eletrônico que opere com a Mastercard. A diferença é que no caso do [AdvCash](#), seu cliente pode depositar dinheiro ou [bitcoins](#). Neste último caso, os [bitcoins](#) são convertidos em dinheiro dentro do [AdvCash](#) assim que os mesmos são recebidos. No dia a dia, você usa o cartão [AdvCash](#) como um cartão de crédito normal, porém as compras vão debitando do saldo que você tiver lá.

Além do [AdvCash](#), há outros cartões pré-pagos que também aceitam depósitos em [bitcoins](#), tais como:

- [WageCan](#)
- [Xapo](#)
- [Wirex](#)
- [Neteller](#)
- [CoinsBank](#)
- [SpectroCoin](#)
- [Bitnovo](#)
- [SatoshiTango](#)

É claro que você pode receber os pagamentos através de transferência internacional para sua conta corrente no Brasil, porém é trabalhoso e custoso enviar dinheiro para o país, assim como recebê-lo. É um processo burocrático que faz mais sentido quando o volume financeiro é maior e você presta serviço para o mesmo cliente diversas vezes.

Dependendo do trabalho que você fizer, do escopo do projeto e do valor dele, pode ser que o esforço burocrático não compense para o cliente. Se vender seus serviços para o exterior for seu foco, você pode facilitar a vida de seu cliente abrindo uma conta corrente no exterior.

Como brasileiro, você pode abrir uma conta corrente em qualquer outro país. Não existe nenhum impedimento nesse sentido. A vantagem é que, fazendo isso, seu cliente terá maior facilidade para enviar dinheiro para essa conta.

Uma vez que você receba pagamentos no exterior, você pode optar por transferir o dinheiro para o Brasil ou mantê-lo lá. Como nômade digital, se você estiver viajando pelo mundo, vale a pena manter seu dinheiro em sua conta do exterior, sempre em moeda estrangeira e utilizar o cartão dessa conta para fazer suas compras.

Se você não quiser criar uma conta no exterior, é possível que possa resolver tudo criando uma conta apenas no [Advcash](#). Quem tiver de pagar por seus serviços poderá fazer uma transferência para o [Advcash](#), cujo banco localiza-se na Europa. Costuma ser mais fácil transferir dinheiro para lá, especialmente no caso de clientes europeus. Quando o dinheiro estiver em sua conta do [Advcash](#), você pode transferi-lo para sua conta pessoal no Brasil. O [Advcash](#) oferece a opção de depósito em sua conta brasileira por um custo acessível.

Além dessa opção, há outros serviços que podem lhe ajudar a receber dinheiro em sua conta brasileira, sem que seu cliente tenha de enfrentar o trâmite de uma transferência bancária internacional, tais como:

- [TransferWise](#)
- [Xoom](#)
- [WorldRemit](#)
- [WesternUnion](#)
- [MoneyGram](#)
- [Uphold](#)

Elabore uma proposta padrão. Através de seus esforços de venda, você logo encontrará pessoas interessadas em seu trabalho. Para que elas te contratem, é preciso que você faça uma proposta depois de ter conversado e entendido os detalhes do projeto. Quanto mais rápido você enviar a proposta, maiores as chances de você conquistar o negócio. Por essa razão, elabore uma proposta padrão e esteja pronto para usá-la rapidamente, sempre que surgir uma oportunidade.

Até fechar uma venda, você provavelmente enviará diversas propostas, para distintas pessoas e empresas. Não reinvente a roda a cada oportunidade de projeto. Defina as perguntas que você precisa responder para elaborar uma proposta, crie um modelo de proposta com espaço para as respostas e reutilize a cada nova oportunidade de negócio.

Sempre que enviar uma proposta, coloque um lembrete em sua agenda para o dia em que você deverá fazer um *follow up* (acompanhamento) com o potencial cliente. Todo mundo é ocupado. A pessoa ou empresa que está interessada em te contratar também está resolvendo outras coisas. Ela receberá sua proposta e provavelmente não conseguirá analisá-la e respondê-la de forma imediata. As pessoas se envolvem em outros afazeres e se esquecem de sua proposta. Você precisa fazer um acompanhamento.

Entre em contato alguns dias depois de enviar a proposta. Pergunte se ela está de acordo com o que foi conversado. Verifique se as condições estão boas ou se é necessário fazer alguma modificação. É possível que você tenha de fazer esse tipo de contato algumas vezes até que o negócio seja fechado ou o cliente o recuse. Seja como for, não abandone o cliente após enviar uma proposta. Programe-se e faça um acompanhamento. Para te ajudar nisso, você pode adotar uma ferramenta de funil de vendas, como o [Pipedrive](#) ou o [Base](#).

Elabore um contrato padrão. Antes de começar um projeto, você deve combinar com o cliente exatamente o que será entregue (o **escopo do trabalho**), quando será entregue (o **prazo**) e quanto será cobrado (o **preço**). Além disso, vocês precisam decidir qual será a **forma de pagamento** e qual o **cronograma de pagamentos**. É importante que o cliente saiba exatamente quando terá de te pagar e você tenha uma ideia clara de quando irá receber, se tudo correr conforme o planejado. Também é fundamental definir quais são as suas responsabilidades e quais são as do cliente. Muitas vezes, para que você execute o trabalho, é necessário que o cliente te dê

informações e subsídios. Essa responsabilidade dele precisa estar clara. Defina também qual a maneira de comunicação que será usada ao longo do projeto.

Tendo conversado todos esses detalhes, coloque tudo no papel. Elabore um contrato onde tudo isso esteja claramente expresso. O ideal é que você utilize um contrato real, elaborado com a ajuda de um advogado, pois se houver algum problema ao longo do projeto, o contrato terá uma base jurídica sólida.

Você pode contratar um advogado para preparar um modelo de contrato padrão para você. Depois, é só reutilizá-lo em todos os seus projetos.

Se você não tem a possibilidade de elaborar um contrato dessa forma, no mínimo coloque todas essas informações de maneira organizada em um email. Envie-o para o cliente e solicite que ele responda indicando que está de acordo com os termos.

Ao longo do projeto, é fundamental que tanto você, quanto o cliente, tenham acesso a tudo o que foi combinado. Se surgir algum problema ou discordância, vocês sempre poderão recorrer ao contrato, ou pelo menos a um email, onde todo o combinado esteja registrado.

Outra coisa que você também pode fazer é gravar as conversas com os clientes. Se elas forem feitas pelo Skype, você pode usar programas como o [Call Recorder](#) (Mac) ou o [Pamela](#) (PC) para fazer a gravação. Isso serve para você não esquecer detalhes do que precisa fazer e para conferir o que o cliente disse, caso surja alguma discordância ao longo do caminho.

Tente fechar acordos de longo prazo. Isso colabora para que sua receita não sofra tantos altos e baixos. Não é bom apenas para você. Contratar dá trabalho e toma tempo. Quando uma empresa encontra um bom *freelancer* e tem necessidades frequentes, que possam ser atendidas por ele, é uma ótima ideia fechar um contrato de longa duração com esse profissional.

Você não precisa esperar que a empresa proponha isso. Se for um bom cliente, você mesmo pode e deve propor esse tipo de arranjo.

Com o tempo, se você conseguir fechar alguns acordos desse tipo, há uma boa chance de que seus rendimentos superem os que você tinha enquanto trabalhava como empregado. E você ainda terá diversificado suas fontes de receita, ao mesmo tempo em que ganha maior flexibilidade para conduzir seu trabalho nos horários e da maneira que quiser.

Cobre os pagamentos quando estiverem em atraso. Se o cliente atrasar um pagamento, você precisa entrar em contato e cobrar. Faça-o com delicadeza. Se necessário, negocie prazo e condições alternativas para o recebimento. Só não deixe passar. Cobrar é uma atividade chata, porém necessária. Em um mundo perfeito, todos os clientes honrariam seus compromissos no prazo. Não vivemos nessa realidade. É comum as pessoas não pagarem por puro esquecimento. Então, basta lembrar gentilmente e receber o pagamento em seguida.

Esclareça dúvidas. A pior coisa que pode acontecer na execução de um projeto é você investir horas em um conjunto de atividades, fazer tudo com excelente qualidade e descobrir que não era o que o cliente queria. Tudo porque você não fez algumas perguntas essenciais ao longo do caminho. Fazer a coisa errada é ainda mais sério do que fazer as coisas de forma errada.

Eficácia é fazer a coisa certa. Eficiência é fazer as coisas de forma certa. Acima de tudo, seja eficaz. Não adianta ser eficiente fazendo a coisa errada.

Para ser eficaz, você precisa manter um diálogo contínuo com seu cliente. Se for possível, realize o projeto de forma incremental e iterativa. Estude o que é isso. O meu livro [Extreme Programming](#), embora seja voltado para a área de software, aborda amplamente essa questão.

Sempre que possível, estabeleça entregas frequentes, em vez de uma única ao final do projeto. Isso ajuda a aliviar a ansiedade do cliente e permite que você descubra se está no caminho certo. Se estiver errado, você consegue corrigir o rumo mais cedo e desperdiça menos tempo fazendo a coisa errada.

Nunca assuma que entendeu tudo e jamais tenha vergonha de fazer perguntas para o cliente. Valide e revalide tudo. É o que os melhores profissionais fazem. É sua obrigação fazer isso.

Invista em sua produtividade. Trabalhando como *freelancer*, você certamente terá mais trabalho para fazer do que imagina. Para dar conta do recado, você precisa ser organizado e disciplinado. Além disso, precisa adotar ferramentas e técnicas que te ajudem a poupar tempo.

Ao longo desse capítulo, apresentarei algumas recomendações úteis para melhorar sua produtividade, além de uma série de ferramentas que podem facilitar sua vida e poupar muito tempo. Adote essas técnicas e as ferramentas que fizerem sentido para seu caso. Não pare por aí. Pesquise

continuamente técnicas e ferramentas que ajudem a aumentar sua produtividade. Isso também é parte de suas responsabilidades.

Atualizar-se é vital para qualquer pessoa. E é particularmente importante para quem vive como *freelancer*.

Escolha suas ferramentas de trabalho com cuidado. Para vender seus serviços e executar suas atividades, você terá de usar diversas ferramentas. Em primeiro lugar, precisará de um bom computador e de um *smartphone*. Também precisará de um lugar para trabalhar de forma sossegada, sem sofrer interrupções. Para completar, terá de providenciar mesa, uma cadeira confortável e conexão com a internet. Estes itens representam o mínimo. Além deles, também terá de adotar alguns sistemas, tanto para executar o trabalho, quanto para te apoiar em outras tarefas, tais como vendas, *marketing*, contabilidade, finanças, entre outras.

Escolha essas ferramentas com atenção. Por exemplo, o computador e o sistema operacional escolhidos não podem te atrapalhar. Eles têm de funcionar o tempo todo. Não se contente com algo mais ou menos. Escolha um bom computador, de preferência com um sistema operacional estável e confiável. Mantenha-o organizado e funcionando bem. Se seu computador parar de funcionar, você não conseguirá ganhar dinheiro.

Da mesma forma, invista em uma boa conexão com a internet. Se possível, tenha uma conexão alternativa para as situações em que a principal deixar de funcionar. Tenha *backup* de seu computador, especialmente de seu trabalho. Organize seu computador de modo que ele já vá fazendo *backup* de tudo automaticamente. Faça com que seu trabalho seja salvo automaticamente, à medida que você avança, em servidores na internet. Para isso, você pode utilizar o [Dropbox](#) ou uma das ferramentas que serão citadas mais à frente. Olhe a lista de ferramentas, sejam elas para *backup* ou para outros propósitos e adote aquelas que fizerem sentido em sua realidade.

Divulgue seu trabalho continuamente. Não espere ficar sem projetos para começar a buscar novos *jobs*. Esteja sempre em busca deles e fazendo propaganda de seu negócio. É preferível negar trabalho porque está com a agenda cheia do que ficar com ela vazia e ter de buscar projetos quando está no sufoco.

Há inúmeras formas de fazer marketing de seus serviços. Como dono de seu próprio destino, você é responsável por estudar essas técnicas, escolher

o que utilizar e aplicá-las continuamente. Seja como for, procure se estabelecer como uma autoridade na área em que atua.

Não seja apenas mais um *freelancer* em sua área de atuação. Torne-se a maior referência de seu segmento. Isso não acontece da noite para o dia. É um esforço de médio e longo prazo, porém vale a pena.

Uma forma simples de fazer isso é compartilhar o que você sabe. Quanto mais você ensina, quanto mais ajuda as pessoas a resolver problemas, quanto mais dá algo de útil para a sociedade, mais você colhe.

Há inúmeros meios para ensinar algo. Muita gente escreve em blogs, por exemplo. Se você não tem um, não tem problema. Você sempre pode criar um blog e existem inúmeras ferramentas para isso. Porém, talvez seja mais rápido e eficaz concentrar-se apenas em criar vídeos, por exemplo.

Determine o assunto e crie uma agenda de publicação. Pode ser um vídeo por semana, por exemplo. Crie um canal no [YouTube](#) e comece a publicar. Estude o que os canais de sucesso fizeram para alcançar uma grande audiência e utilize esse conhecimento para fazer seu canal crescer.

Faça isso continuamente em paralelo a seu trabalho de *freelancer*. Você não perceberá nenhuma diferença nos primeiros dias, nem nas primeiras semanas. Entretanto, se você der tempo suficiente e continuar focado em publicar e ajudar as pessoas, os frutos virão. Um grande número de pessoas começará a saber que você é a referência quando houver alguma demanda relativa ao tipo de serviço que você presta.

Além disso, você poderá enviar o link de seu canal para potenciais clientes e eles perceberão o quanto você entende do assunto. Quem você acha que eles vão querer contratar? Alguém que tem um canal cheio de vídeos sobre sua área de atuação ou um *freelancer* que não tem nada disso? Quem você iria preferir?

Participe também de eventos da área em que você atua. É impressionante o número de oportunidades que se pode obter pela simples participação em eventos, sejam eles presenciais ou online.

Sites de freelancers

Um caminho alternativo para conquistar trabalhos é utilizar os sites especializados em trabalho *freelancer*. Eles têm o objetivo de ajudar pessoas e empresas a contratar o serviço de profissionais autônomos nas mais diversas áreas.

Você faz um cadastro no site e cria um perfil. Lá, você explica suas qualificações, os serviços que se propõe a fazer e por que as pessoas

deveriam te contratar. Em alguns casos, informa também o valor que cobra por hora.

Por sua vez, quando alguém precisa contratar um *freelancer*, basta criar uma demanda (um *job*) dentro da plataforma. O cliente descreve tudo o que o profissional deverá fazer e o orçamento disponível.

Nessas plataformas, é comum a existência de *jobs* em áreas tão diversas quanto:

- Desenvolvimento de software
- Administração de banco de dados
- Segurança da informação
- Arquitetura
- Modelagem 3D
- Engenharia
- Animação
- Design gráfico
- Ilustração
- Fotografia
- Criação de apresentações
- Produção de vídeo
- Criação de conteúdo
- Revisão de texto
- Escrita de artigos técnicos
- Tradução
- Elaboração de contratos
- Gestão de projetos
- Transcrição de áudio para texto
- Secretária virtual
- Pesquisa na web
- Suporte técnico
- Email marketing
- [SEO](#)
- Telemarketing
- Relações públicas
- Contabilidade
- RH

- Planejamento financeiro

Há muitas outras. Esse é apenas um exemplo da diversidade de áreas em que você pode atuar como *freelancer* nestas plataformas.

Quando você usa esses sites, você pesquisa os *jobs* disponíveis, escolhe aqueles que se enquadram em seu perfil e se oferece para executá-los. Outros *freelancers* competem com você pelo trabalho.

O cliente avalia seu perfil na plataforma, assim como o de seus concorrentes. Se gostar, fará um contato para que possa te entrevistar e conhecê-lo melhor.

Se for escolhido, você discute os detalhes do trabalho com o cliente, executa as tarefas pedidas, recebe o pagamento e uma avaliação correspondente à qualidade de seu serviço. Você também avalia o cliente sobre a experiência de trabalhar para ele.

À medida que vai executando mais trabalhos, você conquista um número cada vez maior de avaliações em seu perfil. Se elas forem boas, você passa a ter uma excelente reputação na plataforma. A partir daí, torna-se fácil conquistar novos *jobs*.

A grande vantagem desses sites é que novos *jobs* são publicados a todo momento. No caso de algumas plataformas, o pagamento é feito em moeda estrangeira. Isso pode lhe dar a chance de ter um bom faturamento e se livrar das oscilações do real. Você pode inclusive receber em cartões pré-pago, como o [Payoneer](#), e manter todo o dinheiro fora do Brasil.

Por outro lado, essas plataformas costumam cobrar uma comissão sobre o valor de seu trabalho. Além disso, dependendo do que você faça, a competição com outros *freelancers* pode ser acirrada. Em certos casos, você concorre com profissionais de outros países onde o custo de vida é mais baixo. Eles cobram valores menores e, conseqüentemente, abocanham boa parte dos *jobs*.

A boa notícia, para você, é que poucos *freelancers* se esforçam para fazer um bom trabalho. Se você se empenhar e fizer um excelente trabalho, você se destacará.

Abaixo você encontra uma lista com diversas plataformas onde poderá encontrar *jobs* para *freelancers*.

- [Upwork](#)
- [Workana](#)

- [Freelancer](#)

- [Toptal](#)
- [Crossover](#)
- [Codeable](#)
- [99freelas](#)
- [Guru](#)
- [99designs](#)
- [Twago](#)
- [Peopleperhour](#)
- [Prolancer](#)
- [WeDoLogos](#)
- [Coroflot](#)
- [BloggingPro](#)
- [TextBroker](#)
- [Tutor.com](#)
- [Verbling](#)
- [Digital Nomad Job Finder](#)
- [Zerply](#)
- [VanHack](#)
- [AngelList](#)

Trabalhar como freelancer enquanto viaja pelo mundo

Trabalhar remotamente como *freelancer* te dá a possibilidade de mover-se pelo mundo enquanto realiza seu trabalho. Entretanto, assim como acontece no caso de um empregado que trabalha em *home office*, é preciso decidir se conta para seus clientes que está em movimento ou se oculta essa informação.

Existem nômades brasileiros que optam por ser claros a respeito disso desde o início, com todos os clientes. E há outros que preferem não dizer nada e ocultar o aspecto da mobilidade. Há razões coerentes em ambos os casos.

Existem atividades cujo público alvo costuma ser mais receptivo à ideia de estar em movimento e outras em que saber disso assusta potenciais clientes. Avalie cuidadosamente o seu caso.

Como *freelancer*, ocultar esse aspecto da mobilidade é menos crítico. Como não existe uma relação trabalhista, o contratante não pode exigir que o trabalho seja feito em um ou outro lugar quando trata-se de um trabalho remoto. Em grande parte dos casos, ele nem está interessado nessa informação.

Eu mesmo já contratei diversos *freelancers* e nunca me interessei em saber de onde estavam trabalhando. O que me interessava era o resultado final. Até por isso, em certos casos, talvez seja melhor não mencionar sua localização geográfica a menos que o cliente pergunte isso. Se optar por ocultar esse fato, tenha também o cuidado de não postar informações nas redes sociais sobre seu paradeiro.

Ferramentas úteis

Existem inúmeras ferramentas que podem facilitar seu trabalho de freelancer nos mais diferentes aspectos do seu negócio. Elas estão listadas abaixo, agrupadas por propósito.

CRM e funil de vendas

- [Pipedrive](#)
 - [Base](#)
 - [ClinchPad](#)
 - [Salesforce](#)
 - [Nutshell](#)
 - [PipelineDeals](#)
 - [VCita](#)
-
- **Sincronização de arquivos**

- [Dropbox](#)
- [Resilio](#)
- [Sync](#)

- [Google Drive](#)

- [MediaFire](#)
- [SugarSync](#)
- [Box](#)
- [iCloud](#)
- [Microsoft OneDrive](#)
- [Amazon Drive](#)
- [Koofr](#)
- [ShareFile](#)
- [Ftopia](#)
- [Syncplicity](#)
- [WebStorage](#)

Backup de arquivos na nuvem

- [Crashplan](#)

- [Carbonite](#)
- [Backblaze](#)

- [Spideroak](#)
- [SOS Online Backup](#)
- [Zoolz](#)
- [Arq](#)
- [Acronis True Image Cloud](#)
- [IDrive](#)
- [OpenDrive](#)
- [Backup Lizard](#)

- [Amazon Drive](#)

Envio de arquivos grandes para outras pessoas

- [Resilio](#)
- [WeTransfer](#)
- [Mailbigfile](#)

- [My Air Bridge](#)
- [Hightail](#)
- [Mega](#)

- [Dropbox](#)

- [MediaFire](#)
- [PCloud](#)
- [ShareFile](#)
- [Etopia](#)

Agendamento de compromissos

- [Google Calendar](#)
- [Doodle](#)
- [You can book me](#)
- [World Clock Meeting Planner](#)
- [Sundial](#)

Gestão Financeira

- [ContaAzul](#)
- [TagPlus](#)
- [QuickBooks](#)
- [Mint](#)

- [Xero](#)

Contabilidade

- [Contabilizei](#)

Gestão de projetos

- [Asana](#)
- [Basecamp](#)
- [Dapulse](#)
- [Runrun.it](#)
- [Insightly](#)
- [Toodledo](#)
- [Allthings](#)
- [Wrike](#)
- [Projectplace](#)
- [Redbooth](#)
- [Flow](#)
- [OmniPlan](#)
- [Teamwork Projects](#)

Gestão de projetos através de kanban virtual

- [Trello](#)
- [Casual](#)
- [MeisterTask](#)
- [Blossom](#)
- [Kanbanery](#)
- [Leankit](#)
- [KanbanFlow](#)
- [Beeze](#)

- [Matterhorn](#)

Gestão de projetos com envolvimento de clientes

- [Paymo](#)
- [Avaza](#)
- [Pancake](#)
- [Thrive](#)
- [Trigger](#)
- [Mavenlink](#)
- [Teamwork](#)
- [Magnetic](#)
- [Project Bubble](#)
- [Active.collab](#)
- [Freedcamp](#)
- [Moovia](#)

Vídeoconferência

- [Appear.in](#)
- [Zoom](#)
- [Talky](#)
- [Google Hangouts](#)
- [Skype](#)
- [Viber](#)
- [Facebook Messenger](#)
- [OoVoo](#)
- [Fring](#)
- [AnyMeeting](#)

- [Videolink2me](#)
- [Stride](#)
- [BlueJeans](#)
- [Tango](#)

Comunicação em equipe

- [Slack](#)
- [Stride](#)
- [Fleep](#)
- [Flowdock](#)
- [IRCCloud](#)
- [FreshTeam](#)

Invoice

- [Blinksale](#)

Referências para designers

- [AllTheFreeStock](#)

Capítulo 6

Negócio digital

Prestar um serviço especializado é uma maneira rápida de ganhar dinheiro. Por isso, a maior parte dos empreendedores segue esse caminho. Eu mesmo prestei serviço como *freelancer* durante anos. No entanto, esse modelo impõe uma limitação séria. Seu ganho é proporcional à quantidade de horas que você trabalha. Se você tem uma equipe, o rendimento é proporcional ao tamanho dela e à quantidade de horas que seus funcionários trabalham. A única forma de aumentar o faturamento é aumentar a equipe.

Trabalhar com produtos é uma forma de evitar essa limitação. Quando você tem um produto para comercializar, seu faturamento passa a não depender diretamente da quantidade de horas que você ou sua equipe trabalham. É uma excelente maneira de quebrar esse vínculo direto entre horas trabalhadas e faturamento.

Vantagens

Seu ganho pode ser ilimitado. Criar um produto dá trabalho, mas quando fica pronto, você pode ser pago por ele uma infinidade de vezes por um longo período de tempo. Portanto você pode obter um retorno por suas horas de trabalho que jamais poderia ter prestando serviços diretamente.

Flexibilidade de horário. Quando você tem um produto, seus esforços passam a se concentrar em promover, vender e entregar. Fica inteiramente a seu critério a decisão de quando realizar essas atividades. Dependendo do negócio, é possível automatizar todo esse processo ou grande parte dele.

Mais tempo livre. Quando você é *freelancer*, além de vender, você passa a maior parte do tempo executando atividades para seus clientes. No caso do produto, isso não acontece. Uma vez que esteja pronto, o número de atividades diminui e passa a girar apenas em torno de promover, vender e entregar. Isso libera seu tempo, especialmente se você for capaz de automatizar essas atividades.

Desvantagens

Risco é maior. Criar um produto é fazer uma aposta. Você investe tempo e dinheiro na expectativa de que o mercado tenha interesse em sua criação. Com frequência, esse interesse é menor do que você imagina. Você também aposta que será capaz de promover o produto e persuadir um grande número de pessoas a comprá-lo. Essa expectativa é frustrada na maior parte dos casos. Se tudo der certo, você pode ganhar mais do que jamais poderia prestando serviços. No entanto, se der errado você perde todo o tempo e dinheiro investido.

Demora para gerar receita. Criar um produto leva tempo e demanda dinheiro. Pode ser mais ou menos, dependendo do produto, porém você sempre precisa fazer um investimento, bem antes de ter algum retorno. É difícil vencer essa etapa de criação. É preciso sangue frio e preparo para seguir adiante e reduzir os riscos.

A maioria das pessoas está condicionada ao retorno imediato proporcionado por um salário no fim do mês. Poucos estão dispostos a esperar meses ou anos para ser recompensado, assumindo que tudo dê certo. Muitos não têm sequer a disponibilidade financeira para se manter durante o período de concepção de um produto.

Demanda muito preparo. Criar um produto e colocá-lo no mercado com sucesso não é para amadores. Seja qual for o produto, é preciso se preparar demais. Fazer o produto é difícil. Vender é ainda mais. Se você não sabe o que está fazendo, é quase garantido que perderá todo ou grande parte de seu investimento. Você terá a oportunidade de aprender muito no processo, não há dúvidas. Porém, esteja certo de que, sem preparo, sem estudar uma infinidade de assuntos, você não fará mais do que perder tempo e dinheiro. Criar produto é um jogo com alto potencial de retorno, porém arriscado. **Nunca é fácil e raramente é rápido.**

Produto físico x digital

Existe uma enorme diferença entre produtos físicos e digitais. Produtos físicos demandam investimentos maiores. Tomemos como exemplo um livro físico. Além do custo de escrever o conteúdo, há todos os custos associados ao fato de ser um artigo físico, como papel, impressão, frete,

armazenamento, entre outros. Por outro lado, quando o livro é digital, estes custos não existem ou são insignificantes. O investimento é focado na elaboração do conteúdo (que também inclui custos como diagramação, revisão e divulgação, tal como no livro impresso).

Produtos físicos têm custos maiores de armazenamento e distribuição. É preciso pagar o aluguel do lugar onde os livros são armazenados, bem como o frete para enviá-lo para livrarias ou consumidores finais. No caso do digital, o custo de armazenamento e distribuição é insignificante. Portanto produtos digitais têm uma enorme vantagem do ponto de vista de custo de manufatura, armazenamento e distribuição. O custo de concepção, por outro lado, não sofre maiores impactos. Inclusive, há produtos digitais que são mais difíceis de projetar que produtos físicos.

O que o produto digital ganha em custo, ele perde em potencial de venda. Produtos físicos, por serem mais palpáveis, são mais fáceis de vender que os digitais. As pessoas sentem-se mais à vontade pagando mil reais por um *smartphone*, por exemplo, que por um software. Portanto, quando tratamos de produtos digitais, além da complexidade de criá-los, precisamos levar em conta a dificuldade adicional de vendê-los.

À primeira vista, podemos imaginar que produtos digitais são ideais para nômades digitais. Isso tende a ser verdade no mercado brasileiro, mas não é necessariamente o caso em outros mercados. Nômades digitais norte-americanos, por exemplo, frequentemente preferem dedicar-se a produtos físicos, seja à criação ou revenda deles, porque é mais fácil trabalhar com eles nos EUA. A maioria trabalha com *ecommerce*, especialmente em uma modalidade conhecida como [drop shopping](#).

No Brasil, trabalhar com mercadorias físicas é mais complicado porque a legislação é ruim, os impostos sobre produtos físicos são elevados, a burocracia beira a insanidade e a logística de distribuição é precária. Por essas e tantas outras razões, costuma ser melhor focar em produtos digitais.

No caso de produtos digitais, há dois grandes grupos que cobrirei nas próximas páginas: **infoprodutos** e **software**.

Infoprodutos

Já parou para pensar em todos os livros que você já leu e cursos que já fez? Não importa se os livros foram físicos ou digitais. Não importa se os cursos foram presenciais ou remotos. Em todos os casos, você comprou

informação com o objetivo de adquirir um novo conhecimento e desenvolver novas habilidades.

Aprender, desenvolver-se e crescer é uma necessidade básica do ser humano. Sem conhecimentos e habilidades específicas, é difícil conseguir um trabalho, por exemplo.

Criar produtos baseados na informação é um ótimo caminho para quem deseja ser nômade digital. A seguir apresento alguns prós e contras desse caminho.

Vantagens

Você pode melhorar a vida de muita gente. Ensinar algo útil tem o poder de transformar a vida das pessoas. Quem aprende a se comunicar em inglês, por exemplo, passa a ter acesso a uma infinidade de oportunidades. Você pode melhorar a vida de muita gente compartilhando seus conhecimentos e experiências. Basta empacotá-los na forma de um produto.

Você não precisa ser uma grande autoridade. Todo mundo tem algo a ensinar. Você não precisa ter uma formação acadêmica, nem ser reconhecido como uma autoridade em uma área do conhecimento para ensinar algo.

Custo reduzido. No passado, se você quisesse escrever um livro, alguma editora teria que comprar sua ideia. Além de apostar em você, ela teria de imprimir o livro, promovê-lo, distribuí-lo e executar mais uma infinidade de atividades. Por sua vez, as livrarias teriam que comprar seu livro e colocá-lo à venda.

Você ainda pode escrever um livro assim, mas essa já não é mais a única forma. Se quiser, você pode publicá-lo apenas em formato digital. Isso permite inclusive que você não tenha uma editora. O custo de produzir um livro digital está quase todo associado a seu tempo e esforço. Não é preciso fazer grandes investimentos financeiros. Hoje em dia, para escrever um livro, basta querer fazê-lo e dedicar o esforço necessário.

Se você fizer questão de que o livro seja físico, você também não precisa mais de uma editora. Em vez disso, pode fazer um financiamento coletivo usando ferramentas como [Catarse](#) e [Klicante](#), entre outras. Isso reduz seu risco e permite que você inicie o processo de venda antes mesmo que ele exista.

No passado, se você quisesse dar um curso, era necessário conseguir alunos e colocá-los em uma sala de aula. Os cursos eram presenciais. Tanto você, quanto os alunos, teriam de estar presentes na sala de aula.

Isso tinha um custo alto e limitava o número de alunos à quantidade que coubesse na sala. Imagine que você fosse dar um curso em Curitiba e uma pessoa de Manaus se interessasse por ele. Teria que ser muito bom para justificar que alguém comprasse uma passagem de Manaus para Curitiba e ainda pagasse pelo curso.

Tudo isso mudou nos últimos anos com a popularização da banda larga. O acesso mais rápido à internet permite que as pessoas assistam vídeos de alta qualidade, incluindo cursos inteiros.

Produzi-los também ficou mais simples e barato. Qualquer *smartphone* tem uma câmera que faz foto e vídeo. Portanto, ainda que você tenha um orçamento limitado, é provável que já tenha pelo menos uma filmadora, além de acesso à internet. O maior custo de produção é seu tempo e esforço.

Demanda é alta. As pessoas estão sempre interessadas em se aprimorar. Por essa razão, se você fizer um bom produto e aprender a vendê-lo, é provável que tenha ótimos resultados.

Lucros elevados. O custo de produção é baixo e o de distribuição é insignificante. Em muitos segmentos, a procura é elevada, o que te permite cobrar valores mais altos e ter uma ótima margem de lucro. Quando o infoproduto é bom e é apresentado ao mercado da forma certa, é possível ter ganhos impressionantes.

Disponibilidade de ferramentas. Existe uma imensa quantidade de ferramentas que facilitam o processo de criação, venda e distribuição de infoprodutos.

Você pode se aperfeiçoar rapidamente. Se você acha que não conhece o suficiente sobre um assunto, a ponto de poder ensiná-lo, você pode usar toda a riqueza de informações da internet para aprender mais sobre ele.

Por exemplo, suponha que você goste de cozinhar e queira fazer um livro de receitas exóticas, com inspirações orientais. Você pode usar o [Google](#), o [YouTube](#) e o [Facebook](#) para caçar receitas. Daí você seleciona as que mais gosta, cria uma história ao redor de cada receita e organiza tudo de forma agradável, com passos claros e padronizados. Pronto, você acaba de criar um infoproduto sobre um assunto que, até então, só tinha interesse, porém não conhecia em profundidade.

Não é preciso que você seja o maior especialista do mundo. O importante é que você consiga ajudar a melhorar a vida de outras pessoas e aprenda a vender.

Existem muitas técnicas e informações úteis para você aprender a vender online. Vender é difícil, porém você pode ter acesso a inúmeros livros, tutoriais e cursos ensinando as melhores práticas para vender infoprodutos. Tudo em português. Só precisa ter tempo e disposição para estudar.

Desvantagens

Vender é o grande desafio. Isso não muda pelo fato de seu produto ser digital. Inclusive, ser digital torna a venda ainda mais difícil. Ainda que o custo e o esforço de criação sejam menores, você terá de ser muito bom em vendas para que alguém compre o produto.

Tem muita coisa para aprender. Vender através da internet é diferente de vender em uma loja tradicional. Para que seu esforço dê certo, você tem de aprender, ou contratar pessoas que te ajudem em assuntos tais como:

- Validação de ideias de produtos
- SEM (Search Engine Marketing)
- Publicidade em redes sociais

- Monitoramento de campanhas

- Afiliação
- Gatilhos mentais
- Copywriting
- Páginas de captura
- Funil de vendas
- Email marketing
- Criação de vídeos de venda
- Apresentação de webinários
- Criação de loja virtual

E isso é só uma parte da encrenca. Diante de tantas coisas que você precisa dominar, é comum que gaste mais tempo e dinheiro do que imagina. O excesso de atividades frequentemente gera paralisia e você desiste de seguir em frente. Criar infoprodutos pode ser altamente lucrativo, mas não pense que será fácil, nem rápido. Muita gente perde dinheiro na busca do dinheiro fácil e nunca mais recupera.

As pessoas não ficam por aí procurando seu produto. Elas buscam soluções para os problemas que têm. Elas querem livrar-se de uma dívida, ganhar mais dinheiro, fazer o cachorro se comportar, comer refeições saudáveis, emagrecer, viajar mais, comunicar-se em outro idioma e coisas do gênero. Seu infoproduto não é a solução. É apenas um veículo que pode ajudar a pessoa a alcançar a solução.

O produto está entre a pessoa e a solução. Ele é um obstáculo. Se fosse possível, as pessoas pulariam o produto e chegariam diretamente na solução. Você precisa fazer um tremendo esforço para convencê-las de que seu produto é o melhor veículo para elas chegarem à solução.

Não é todo mundo que sabe ensinar. Talvez você tenha domínio sobre um assunto relevante para o mercado. Entretanto isso não significa que você saiba ensiná-lo. Você mesmo já conheceu inúmeros professores que sabiam a matéria, porém não sabiam ensiná-la. Por mais que explicassem, você continuava sem entender. Isso acontece porque é preciso técnica e didática para ensinar. Nem todo mundo tem. Inclusive, arrisco dizer que a maioria não tem. Claro que é possível aprender didática e se transformar em um excelente professor. Só não assuma que você sabe ensinar, caso não tenha nenhuma experiência dando aulas.

Tem de produzir um conteúdo muito bom. Dominar as técnicas de venda vai te ajudar a vender em um primeiro momento. Porém, se o conteúdo de seu livro ou curso não for bom, ele para de vender rapidamente. A internet tanto pode ajudar a promover um produto, como pode acabar com ele. O boca a boca corre rapidamente. Quando um produto é ruim, as pessoas escrevem sobre isso e espalham a notícia. Quem está comprando quase sempre pesquisa um pouco mais. Se o produto é ruim, logo descobre que é melhor não comprar.

Precisa desenvolver credibilidade. Existem várias razões que levam alguém a comprar seu produto. Uma das mais importantes é o quanto confiam em você. Para vender, você precisa criar uma reputação. Isso não acontece da noite para o dia.

Alguns nichos de mercado vão ficando saturados. Com o passar do tempo, à medida em que cada vez mais pessoas criam infoprodutos, a competição aumenta em alguns segmentos até chegar a um ponto de saturação, em que todos os infoprodutores precisam reduzir seus preços. Isso só reforça a necessidade de escolher seu nicho de atuação com cuidado e produzir um material de alta qualidade, que destaque-se dos demais.

Recomendações

Comece nas horas vagas. Se você tem um emprego tradicional, invista na criação de um infoproduto à noite e nos fins de semana. Não peça demissão para lançar-se no mercado de produtos digitais. Isso não é necessário nem recomendável.

Crie seu infoproduto enquanto continua ganhando seu salário no emprego tradicional. O dia que estiver ganhando o suficiente com infoprodutos, saia do emprego e desfrute da liberdade de conhecer o mundo, se assim desejar.

Aprenda com os cursos que oferecem o melhor custo benefício. Existe uma infinidade de cursos no mercado brasileiro para quem deseja criar e vender um infoproduto. É fácil ficar perdido no meio de tantas opções e não saber por onde começar. Para que isso não aconteça com você, recomendarei três fontes excelentes. Uma para iniciantes, outra para quem tem um nível intermediário e a última para quem já tem experiência no mercado de infoprodutos.

Se você está começando, a melhor ferramenta a sua disposição é o [Hotmart Academy](#). A maioria dos infoprodutos brasileiros é vendida através de uma plataforma chamada [Hotmart](#). É uma empresa extraordinária, que emprega um enorme esforço para ajudar infoprodutores a venderem seus produtos para um grande número de pessoas. Além de oferecer um sistema que facilita a vida de quem vende infoprodutos, a [Hotmart](#) criou um [curso online gratuito](#) com tudo o que você precisa saber para começar a vender seu infoproduto.

Fiz todo o curso e garanto que é um dos melhores cursos online do Brasil, tanto em conteúdo, quanto em qualidade de produção, apesar de ser de graça. De verdade! Se você deseja criar um infoproduto, comece por este curso. Não custa um centavo. Você só precisa reservar um tempo para fazê-

lo. Inscreva-se agora mesmo no [Hotmart Academy](#). Garanto que você vai gostar e aprenderá muita coisa útil.

Ainda que você já conheça esse mercado e já esteja trabalhando na criação de seu infoproduto, dê uma conferida no [Hotmart Academy](#) e observe a qualidade de produção das aulas. É uma ótima fonte de inspiração para a criação de seu próprio produto.

Nesse estágio intermediário, o conteúdo do [Hotmart Academy](#) não é mais suficiente. Você deve aprofundar-se em alguns assuntos, porém não precisa gastar uma fortuna para aprender o que falta. Neste estágio, a [Escola Online 8Ps.com](#) oferece o melhor custo/benefício do Brasil. Ela foi criada por [Conrado Adolpho](#), um dos maiores especialistas em *marketing* digital do Brasil e autor do *best seller* [Os 8Ps do marketing digital](#).

Você paga uma pequena mensalidade e tem acesso ilimitado a mais de 100 cursos online sobre todos os aspectos necessários para a criação e venda de infoprodutos. Os cursos são extraordinários. Alguns estão entre os melhores do Brasil e custavam milhares de reais por unidade, antes de serem oferecidos pela escola [8Ps.com](#) com um custo acessível, até mesmo para os empreendedores mais iniciantes. No momento em que escrevo este trecho, o valor é de apenas R\$ 49,90 por mês, portanto menos do que você pagaria por uma passagem de ônibus por dia. Não tem nem o que pensar. O [8Ps.com](#) substitui um curso universitário com tranquilidade. Sou aluno de lá e não poderia estar mais satisfeito.

Conrado criou o método 8Ps, através do qual divide as etapas de aprendizado de *marketing* digital em 8 passos bem definidos, os chamados 8Ps: **pesquisa, planejamento, produção, publicação, promoção, propagação, personalização e precisão**. Dentro da [escola online](#), você pode filtrar os cursos de acordo com a etapa que melhor reflete o estágio de aprendizado em que você se encontra.

Se estiver começando no mundo dos infoprodutos e ainda tiver de decidir que produto criar, por exemplo, você pode começar pelos cursos do primeiro "P", planejamento. Por outro lado, se já tiver criado seu infoproduto, por exemplo, e quiser promovê-lo com o máximo de eficácia, você pode fazer os cursos do quinto "P", promoção. Lá, você encontrará cursos sobre como fazer anúncios no Google e no Facebook, por exemplo, além de vários outros igualmente úteis.

Quando você já tiver um bom domínio sobre o mercado de produtos digitais, passe para o próximo nível, o dos lançamentos.

Estude como fazer o lançamento de um infoproduto. Você já reparou o que acontece quando a Apple lança um novo produto ou Hollywood lança um novo filme? A Apple vende milhões de unidades nos primeiros dias, assim como milhões de pessoas assistem certos filmes logo que são lançados. Como isso é possível?

O processo de lançamento começa muito antes do que se imagina. No caso de filmes, por exemplo, o estúdio começa a distribuir informações meses antes de ele estar pronto. Às vezes, anos antes. O estúdio começa a criar uma expectativa em torno do filme e a alimentá-la tanto quanto possível. À medida que a data de lançamento se aproxima, um número cada vez maior de pessoas espera ansiosamente pelo filme. A expectativa é tão intensa e dolorosa que as pessoas não querem saber quanto custará a entrada do cinema ou que obstáculos precisarão superar para conseguir um lugar. Elas querem ver o filme a qualquer custo.

Isso é o que explica o sucesso espetacular de alguns lançamentos. A gente só vê o que acontece na semana em que o filme ou produto chega ao mercado, porém o processo de divulgação começa muito tempo antes.

É possível lançar qualquer tipo de produto usando a mesma estratégia empregada pela Apple e pelos estúdios de Hollywood. Basta aprender os detalhes sobre esta forma de promover produtos. A técnica mais poderosa nesse sentido é conhecida como [Product Launch Formula](#) (fórmula de lançamento de produtos). Foi criada pelo norteamericano [Jeff Walker](#) e você pode aprender todos os detalhes em seu livro, [Launch](#). É uma ótima leitura, que vai lhe ajudar a entender como lançar seu produto digital de modo a obter o melhor resultado possível.

Além de ler o livro, aprenda como colocar essa técnica em prática com o maior especialista em lançamentos do Brasil, [Érico Rocha](#). Ele licenciou o [Product Launch Formula](#) e o oferece no Brasil com o nome [Fórmula de Lançamento](#). Seu curso é um sucesso e é considerado um dos melhores treinamentos do país para quem busca fazer uma grande quantidade de vendas.

Usando essa técnica nos últimos anos, muitos empreendedores lançaram seus produtos e tiveram um faturamento de centenas de milhares de reais. Tenho amigos próximos que lançaram seus infoprodutos e tiveram faturamento de centenas de milhares de reais em cada lançamento. Por mais incrível que pareça, existem casos de empreendedores que faturaram mais

de um milhão de reais em cada lançamento de seus infoprodutos. Os números são impressionantes. A técnica funciona. Vale a pena estudá-la.

A internet permite que você alcance um grande número de pessoas, onde quer que estejam, com um custo reduzido. Usando as técnicas certas e colocando muito empenho, é possível alcançar resultados extraordinários.

Aprenda como as pessoas funcionam. Quanto mais você entende isso, mais fácil torna-se vender. Existem dois livros que te ajudarão a entender o comportamento das pessoas e como influenciá-las a comprar seus infoprodutos.

O primeiro é [Como fazer amigos e influenciar pessoas](#), de [Dale Carnegie](#). Foi publicado há mais de 80 anos e continua fazendo sucesso até hoje porque trata de algo que não muda, a natureza humana.

O segundo chama-se [As armas da persuasão](#), de [Robert Cialdini](#). Ele é fundamental para quem vende infoprodutos porque trata dos **gatilhos mentais** que levam à ação de comprar.

Escolha um assunto de que você goste. Criar um produto é difícil, demanda esforço e toma tempo. Vendê-lo dá mais trabalho ainda. Não há nenhuma garantia de sucesso. Como você investirá muito tempo e esforço, é importante que você não desista no meio do caminho. Quanto mais você gostar do assunto e do processo de criação do produto, melhor. Analise os nichos de mercado em que você acredita que poderia atuar, contudo não escolha um só por ser o que parece mais promissor. Seu entusiasmo pelo tópico é tão ou mais importante que apenas o potencial de mercado.

Escolha um formato que combine com você. Se você adora escrever e detesta aparecer em vídeo, talvez seja melhor começar escrevendo um *e-book*, por exemplo, em vez de produzir um curso online em vídeo. No geral, é melhor você potencializar o que já faz bem do que tentar melhorar aquilo em que você não é tão bom.

Agir é tão importante quanto estudar. Quando começar a mergulhar nesse mundo dos produtos digitais, você logo perceberá que há um monte de técnicas importantes, assim como uma infinidade de cursos para ensiná-las. Da mesma forma, existem inúmeras ferramentas que ajudam. Escolher que cursos fazer e que ferramentas adotar é um desafio. É importante aprender as técnicas e escolher ferramentas boas, porém se você tentar se tornar um especialista em tudo antes de começar a criar seu infoproduto, você não irá longe. É importante agir e começar a caminhada em direção a seu produto o quanto antes. Siga com o que você já sabe e vá ajustando o

rumo ao longo do caminho, à medida que você estuda mais em paralelo. No fim das contas, o processo de criação e promoção de seu produto é o que lhe trará mais aprendizado.

Comece criando um produto pequeno e coloque-o a venda o quanto antes. Por mais que você estude sobre vendas, o que realmente importa é vivenciar o processo de vender. Quanto antes você tiver essa experiência, melhor. Não é uma boa estratégia elaborar um produto enorme, passar meses trabalhando nele e só então começar a vender. É preferível focar em algo pequeno e já começar a vendê-lo logo. Isso não significa que você vá começar a ganhar dinheiro mais rápido. O propósito é que você comece a treinar e a desenvolver a habilidade de vender o mais rápido possível. É ela que te levará ao sucesso. Quanto antes você começar a se desenvolver nessa área, melhor.

Fazendo uma analogia, imagine que você queira ser um grande halterofilista. Você quer ir para as olimpíadas e ser campeão em levantamento de peso. Para isso, você pode começar estudando livros sobre o assunto e pode aprender sobre as mais diversas técnicas, entretanto o que fará diferença é ir para a academia e treinar. Quanto antes você começar a desenvolver sua musculatura, melhor. Você pode e deve ler quantos livros quiser em paralelo, porém não dá para abrir mão de ir para a academia e começar a levantar peso.

O mesmo acontece em relação ao processo de venda. É como desenvolver uma musculatura. Apenas estudar não leva a nada. Você tem de ir para o treino, precisa interagir com as pessoas e começar a vender para ontem. Se você não se sente em condições de sequer encarar esse treino, não siga pelo caminho dos infoprodutos. Assim como não dá para o halterofilista ir para as olimpíadas sem treinar, tampouco você terá sucesso sem treinar o processo de venda.

Busque um *coach*, um mentor ou ambos. Você é a média das cinco pessoas com as quais passa mais tempo. Essa é uma frase repetida com frequência por empreendedores de sucesso. É importante que você se cerque das pessoas certas. O apoio e o conhecimento delas pode te levar a alcançar seus objetivos com menos tempo e esforço.

Voltando ao exemplo anterior, você pode aprender halterofilismo por conta própria, mas dificilmente chegará ao nível de um atleta olímpico sem um excelente treinador. Não é por acaso que você vê os melhores atletas

cercados de um ou mais treinadores. O papel deles é fundamental no desenvolvimento de futuros campeões.

Se você quer ter sucesso, é importante buscar pessoas que possam te colocar no caminho certo. Livros e cursos são fundamentais. Entretanto, não se trata apenas de obter conhecimento. Um papel importante do treinador é te conhecer bem e identificar que aspectos você precisa corrigir, além de te cobrar e te manter na linha. Livros e cursos não fazem isso por você.

Existem vários tipos de ajuda que você pode obter. Vou destacar duas que são particularmente relevantes: **coaching** e **mentoria**. Ambos são úteis para acelerar seu desenvolvimento.

O **coach** (treinador) é um profissional que te ajuda a encontrar respostas dentro de si mesmo. Ele faz isso através de uma metodologia bem definida, em um processo que tem começo, meio e fim.

No início, ele faz um planejamento com você. Juntos, vocês definem o tipo de transformação que você deseja alcançar, bem como um conjunto de metas. A partir daí, vocês se encontram com certa frequência (semanal, por exemplo). A cada encontro, o **coach** te passa tarefas que você precisa realizar e que te ajudarão a atingir o objetivo planejado. Na sessão seguinte, ele te cobra e verifica se as tarefas foram cumpridas. É ótimo saber que tem alguém que te cobrará. Se ninguém fizer isso por você, há uma boa chance de que você nunca realize a transformação que deseja.

O **mentor** costuma ser uma pessoa mais velha ou mais experiente no tipo de atividade que você deseja realizar. No caso de criar infoprodutos, por exemplo, o mentor seria uma pessoa experiente na criação e lançamento de infoprodutos. Ele sabe exatamente o que precisa ser feito. Sendo assim, é capaz de te mostrar o caminho das pedras e corrigir suas ações.

O **coach** costuma trabalhar com uma série de perguntas para extrair respostas que já estão dentro de você. O papel dele não é dar as respostas, mas fazer você enxergar o caminho através do **autoconhecimento**. O mentor, por sua vez, sabe as respostas. Ele tem experiência no assunto e pode te mostrar exatamente o que precisa ser feito.

Tanto o **coach**, quanto o mentor, são importantes para acelerar seu desenvolvimento. Sendo assim, descubra quem poderia ser um bom **coach** ou um bom mentor para você. Contrate essa pessoa e utilize a ajuda dela. Se não achá-la, siga em frente assim mesmo. Não use esse fato como desculpa para ficar parado.

Além da ajuda de um *coach* e um mentor, você também pode fazer parte de um grupo de *mastermind*. Nessa modalidade, pessoas com objetivos semelhantes aprendem umas com as outras. É um grupo de apoio, onde você recebe sugestões de várias pessoas, assim como colabora com críticas e sugestões para as ideias delas.

Levará tempo. Você fez sua pesquisa e descobriu que tem gente ganhando muito dinheiro com produtos digitais. Isso é a mais pura verdade. Entretanto, analise cada história de sucesso e você descobrirá que todas começaram há mais tempo do que parece.

Na maior parte dos casos, a pessoa que hoje lançou um produto e faturou centenas de milhares de reais, começou a trabalhar nisso há anos. Não necessariamente no produto, mas pelo menos em sua reputação. As pessoas compram em função da reputação de quem vende e/ou cria o produto. É o que gera a confiança no produto.

Leva tempo para construir uma reputação e não dá para acelerar muito esse processo. É como ter um bebê. Nove mulheres não farão um bebê em um mês. Da mesma forma, você pode investir o quanto for em publicidade. Isso te ajuda a ser conhecido, porém não a ser **reconhecido** como uma pessoa confiável. Leva tempo para as pessoas confiarem em você. Isso é normal e é importante que você já saiba disso desde o início da jornada. Não encare essa maratona como se fosse uma corrida de cem metros. Esse é um jogo que demanda persistência, consistência e tempo.

Atenção com o suporte aos clientes. Nem todos os infoprodutos são iguais. Quem lê um livro e tem uma dúvida pode escrever para o autor para perguntar, mas não tem a expectativa de que ele seja obrigado a respondê-la. Por outro lado, quem compra um curso tem a expectativa de interagir com o professor tantas vezes quanto necessário ao longo do curso.

Produtos digitais, quando bem promovidos, podem ser vendidos para um grande número de pessoas. Cursos, por exemplo, que até então só eram vendidos para dezenas de pessoas, passam a ser comprados por centenas e até milhares de alunos. Isso é excelente, mas cria um enorme desafio. É preciso dar um suporte adequado a todos os compradores. É onde muitos infoprodutores pecam.

Eles aprendem a vender bem, mas se esquecem de que a entrega precisa ser ainda melhor, assim como a atenção ao cliente após a venda. Sem isso, a reputação do infoprodutor pode ser arruinada. Uma reputação sólida leva tempo para ser construída, mas pode ser destruída em um piscar de olhos.

Tipos de infoprodutos

E-books e cursos são alguns dos produtos digitais mais conhecidos, porém estão longe de serem os únicos. Abaixo você encontra uma lista com vários tipos de produtos. Comentarei sobre cada um deles em seguida.

- *E-books* ou livros digitais
- Cursos online
- *Audiobooks* ou audiolivros
- Congressos online
- Comunidades
- Serviços de assinatura
- Documentos
- Fotografia
- Vídeo
- Áudio
- Elementos gráficos
- Modelos para After Effects
- Plugins
- Temas para sites
- Scripts de código
- Modelos de documento
- Aplicativos
- Jogos
- SaaS
- Efeitos de vídeo
- Templates de vídeo
- Músicas
- Efeitos sonoros
- Elementos de animação

Ao escolher o produto digital que criará, lembre-se que há uma vantagem em falar português. Você pode e deve explorá-la a seu favor.

Existe um mundo de produtos digitais já existentes em inglês. Esse número supera de longe a quantidade de produtos em português. Você pode e deve inspirar-se em produtos já existentes para criar o seu. Veja o que está funcionando bem para o caso da língua inglesa e considere a possibilidade de criar algo semelhante em português. O objetivo não é copiar, naturalmente. Isso seria plágio. A ideia é partir de algo que já existe, utilizar várias fontes, combinar de uma forma inovadora e criar algo único, que tenha a sua identidade.

Por exemplo, para escrever esse livro utilizo meu editor de texto favorito, chamado [Scrivener](#). Fazendo uma busca rápida no [Udemy](#), descubro que existem 15 cursos sobre o [Scrivener](#). Todos em inglês. Isso mostra que existe interesse por cursos desse assunto.

Se eu quisesse criar um curso sobre o [Scrivener](#), o caminho mais rápido seria utilizar os já existentes, em inglês, como fonte de inspiração. Nesse caso, eu compraria os três cursos melhor avaliados sobre o [Scrivener](#) no [Udemy](#). Eu analisaria o conteúdo deles e criaria o meu com base no que eles têm de melhor e na minha experiência de uso desse editor de texto.

Mais uma vez, o objetivo não é copiar o trabalho de outras pessoas. É usá-lo para acelerar o processo e compreender o que precisa ser ensinado. Você deve agregar o seu conhecimento, a sua experiência, a sua didática e fazer um produto fantástico. Só que **não precisa começar do zero**.

Essa diferença entre o inglês e o português te dá essa oportunidade de ter uma base de onde partir (um produto já existente em inglês) e a possibilidade de ensinar sobre algo que talvez ainda não seja amplamente ensinado em português, embora exista demanda.

Se o tópico que lhe interessa já é bem coberto por produtos brasileiros, em português, isso significa que você já tem concorrentes. Pode parecer algo ruim, porém não é o caso necessariamente. Se muita gente atua em um segmento, é porque deve haver boas oportunidades no mesmo. É porque existe dinheiro ali. Aprenda com seus concorrentes, inspire-se no que fazem e supere-os.

E-books ou livros digitais

Criar um livro digital é uma boa opção para quem gosta de escrever. Tudo o que você precisa é de um editor de texto, uma ideia, interesse pelo assunto e muita disposição. No passado, o maior desafio para emplacar um

e-book era a dificuldade para fazer a leitura dele. Quem comprasse um *e-book* tinha que ler no computador ou ter um dispositivo como o [Kindle](#), da [Amazon](#). A popularização dos *smartphones* e dos *tablets* mudou esse cenário, já que eles podem ser usados para comprar e ler livros digitais com facilidade e conforto.

Um aspecto positivo sobre *e-books*, em comparação a cursos, por exemplo, é que o autor não é obrigado a dar suporte aos leitores. Por outro lado, raramente pode-se cobrar por um *e-book* tanto quanto pode-se cobrar por um curso.

Para colocar seu *e-book* no mercado, você não é obrigado a ter uma editora. Se quiser, pode publicá-lo usando uma das muitas plataformas que existem atualmente, tais como:

- [Hotmart](#)
- [Amazon Kindle Direct Publishing](#)
- [Apple iBooks Author](#)
- [Kobo](#)
- [Smashwords](#)
- [Leanpub](#)
- [Lulu](#)
- [Booktango](#)
- [Blurb](#)

Para escrever, você pode utilizar editores tais como:

- [Scrivener](#)
- [Microsoft Word](#)
- [Apple Pages](#)
- [Google Docs](#)
- [Ulysses](#)

- [Write!](#)
- [WriteRoom](#)

[Scrivener](#) é meu favorito. É o que utilizei para escrever esse livro. Ele tem uma série de vantagens em relação a um simples editor de texto, porém não há nenhum problema em começar com um editor mais básico.

Seja qual for a ferramenta que você adote, sugiro que não distribua seu *e-book* apenas no formato [PDF](#). Se possível, utilize também o formato [epub](#), que é interpretado pela maioria dos leitores de *e-books*, incluindo *smartphones* e *tablets*. Além dele, adote também o [mobi](#), que é usado pelo [Kindle](#), da [Amazon](#).

O problema do [PDF](#) é que o tamanho das letras não se ajusta de forma conveniente ao tamanho do dispositivo em que o *e-book* é lido. O mesmo material que aparece com letras legíveis em um *tablet*, por exemplo, pode ficar ilegível em um *smartphone*. Esse problema não acontece quando você usa os formatos [epub](#) e [mobi](#). A fonte se ajusta automaticamente ao tamanho do dispositivo e o leitor pode aumentá-la ou diminuí-la com facilidade. Isso torna a leitura mais confortável.

Só faz sentido usar apenas [PDF](#) quando o *e-book* é diagramado e possui inúmeros elementos gráficos que precisam estar posicionados em locais específicos de cada página. É o que acontece, por exemplo, quando você cria um *e-book* a partir de uma apresentação do [Power Point](#). Ferramentas como o [Scrivener](#) são capazes de criar *e-books* nos mais diferentes formatos, incluindo [PDF](#), [epub](#) e [mobi](#).

Audiobooks ou audiolivros

Muita gente não gosta de ler ou não encontra tempo para a leitura. Para essas pessoas, uma boa alternativa são os livros em áudio. O *audiobook* é um livro que você escuta, em vez de ler. Você o coloca em seu *smartphone*, por exemplo, e escuta o narrador fazendo a leitura. Dessa forma, você pode, por exemplo, escutar um livro sobre nutrição enquanto está no trânsito, no supermercado ou na academia.

No geral, *audiobooks* derivam de livros que já existem. Se você já tem um livro, você pode fazer a leitura dele e gravar em áudio ou pode contratar um locutor profissional.

Existem diversas plataformas onde você pode encontrar *audiobooks*, como é o caso dessas:

- [Audible](#)
- [Overdrive](#)
- [Scribd](#)
- [Hoopla](#)
- [Downpour](#)
- [Learn out loud](#)
- [Librivox](#)
- [Loyal Books](#)
- [Lit2Go](#)
- [Universidade Falada](#)
- [FreeClassicAudioBooks](#)
- [Storynory](#)

A [Amazon](#) possui uma plataforma para a criação de *audiobooks* chamada [ACX](#). Ela conecta narradores, engenheiros, estúdios de gravação e outros produtores capazes de produzir um *audiobook* de alta qualidade.

Criar um *audiobook* é mais complexo que um *e-book* e o valor do produto final costuma ser um pouco mais elevado. Entretanto, a cultura de escutar *audiobooks* ainda não é tão disseminada no Brasil quanto a de ler livros.

Para vender seu *audiobook*, um dos melhores caminhos é usar a [Hotmart](#).

Cursos online

Se você gosta de ensinar e tem didática, criar cursos online pode ser uma excelente alternativa. Costuma ser uma das formas mais rentáveis de se ganhar dinheiro pela internet. Ao contrário dos *e-books*, entretanto, cursos demandam mais suporte. Os alunos esperam que você esteja disponível para tirar dúvidas ao longo do treinamento.

Um curso tipicamente é composto de módulos, dentro dos quais existem algumas aulas. Fazendo uma comparação com um livro, é como se os

módulos fossem os capítulos e as aulas fossem trechos de cada capítulo.

Criar um curso não precisa ser complicado. Existem cursos que são nada mais que uma sequência de emails. Se isso for suficiente para transmitir o conhecimento e melhorar a vida do aluno, não há problema algum.

Apesar de isso ser possível, o mais comum é que os cursos online sejam oferecidos em formato de vídeo. Afinal, uma aula em vídeo costuma ter uma maior riqueza de informações, quando comparamos ao uso de um simples email.

O vídeo pode apresentar você falando para a câmera, você escrevendo em um quadro branco, trechos de outros vídeos, apresentações em slide, animações ou a tela do computador.

Se você não gosta de aparecer em vídeo, isso não te impede de criar um curso em vídeo. Você pode fazer o curso inteiro apresentando slides e mostrando a tela de seu computador, por exemplo.

Criar um curso tende a ser mais trabalhoso que escrever um *e-book*. Além de escrever todo o roteiro do curso, é preciso gravar as aulas, editar os vídeos, publicá-los em alguma plataforma, entre tantas outras atividades.

A boa notícia é que você pode fazer esse trabalho uma única vez e vender o curso por muito tempo. Muitos produtores, entretanto, aperfeiçoam seus cursos com o passar do tempo. Eles não se contentam apenas com a primeira versão. Essa é uma boa prática, ao menos até atingir um ponto em que o curso esteja todo bem lapidado.

Existem cursos em que se forma uma turma e os módulos vão sendo liberados gradativamente, até que todos tenham sido cobertos e a turma possa se graduar. Há outros em que não há uma turma. O aluno não tem ideia de quem são os outros estudantes. Ele apenas segue o curso, respeitando seu próprio ritmo.

Grande parte dos cursos online oferecidos no Brasil segue o primeiro caso, em que o aluno ingressa em uma turma. Isso significa que esses cursos não estão abertos para novos alunos o tempo todo. Eles abrem inscrições de tempos em tempos, quando formam novas turmas.

Nesse caso, o produtor do curso fica sem vender uma parte do ano e tenta vender tanto quanto possível quando uma nova turma é aberta. Paradoxalmente, apesar de não estar vendendo sempre, essa abordagem costuma ser mais rentável. Isso ocorre porque os interessados são forçados a tomar uma decisão, já que sabem que demora para abrir novas turmas.

As experiências no mercado brasileiro mostram que criar cursos é uma das melhores estratégias para quem quer faturar alto vendendo infoprodutos. Dá muito trabalho fazer e vender um curso, mas se você fizer as coisas de forma certa, o potencial de ganhos é bastante elevado. Em todo caso, lembre-se que costuma demorar.

Promover cursos online com sucesso envolve uma grande quantidade de habilidades e ações. Abaixo você encontra uma lista com algumas delas:

- Identificar um nicho de mercado
- Criar um site
- Adotar uma ferramenta de email marketing
- Criar recompensas digitais
- Criar [landing pages](#)
- Criar páginas de venda
- Atrair pessoas para a sua lista de email
- Manter um relacionamento com a lista
- Criar sequências de email automáticas
- Criar funil de vendas
- Criar cartas de venda
- Copywriting
- Adotar uma plataforma de vendas online
- Atrair afiliados
- Conquistar tráfego orgânico
- Comprar tráfego
- Criar uma estratégia para as redes sociais

Todas essas ações são importantes. É muita coisa para aprender. Leva tempo.

É possível encurtar esse tempo e aumentar suas chances de acerto se você aprender com quem já passou por esse caminho. Portanto, faça um ou mais dos treinamentos indicados anteriormente. Em particular, olhe o [Hotmart Academy](#) e o [8Ps.com](#).

Congressos online

O que fazer quando você é desconhecido em um mercado onde deseja atuar como infoprodutor? O que fazer para que o público não apenas te conheça, mas também te reconheça como uma autoridade sobre o tema com o qual deseja trabalhar? Uma possível solução é criar um congresso online.

Você entra em contato com algumas pessoas influentes no nicho de mercado que te interessa e as convida para dar uma palestra de uma hora em seu congresso online. Tudo o que elas precisam fazer é gravar um vídeo apresentando o assunto que escolherem.

Você agenda o congresso para ser transmitido ao longo de uma semana. A cada dia da semana você apresenta três palestras: uma de manhã, outra à tarde e outra à noite. Quem tiver interesse nos assuntos que serão apresentados pode assistir às palestras de graça nos horários agendados para elas. Terminada a apresentação, os interessados só podem assistir à gravação se pagarem para entrar em uma área fechada, onde todas as apresentações podem ser vistas a qualquer momento.

Quando você cria um congresso online, você se aproveita da reputação dos palestrantes para construir a sua. Cada palestrante costuma ter um certo número de seguidores. Quando ele avisa a seus seguidores que vai dar uma palestra em seu congresso, ele atrai pessoas para conhecer seu evento sem que você tenha de pagar nada por essa publicidade. Como você é o organizador do evento, as pessoas começam a te enxergar como uma autoridade na área. Se as palestras forem boas e você fizer uma boa venda, algumas pessoas compram o acesso à área reservada do evento.

Para assistir a qualquer palestra, o interessado precisa se inscrever colocando seu email. O congresso online também serve para criar sua lista de emails. Isso é importante para você começar a vender online.

Apesar de todos esses aspectos positivos, o congresso online tem alguns problemas sérios. Ele costuma dar muito trabalho para organizar. Bem mais do que as pessoas imaginam em um primeiro momento. Além disso, a qualidade das palestras muitas vezes é baixa, o que não te ajuda a criar uma boa reputação.

Tive a oportunidade de participar de diversos congressos desse tipo como palestrante. Em todos os casos, deparei-se com palestras mal preparadas e pude ver que os organizadores tiveram um trabalho muito maior do que estimaram. Não é fácil coordenar dezenas de palestrantes e pedir-lhes que enviem as palestras no prazo e com alta qualidade.

Especialmente porque você não está lhes pagando nada e, sejamos honestos, ainda não é visto como uma pessoa reconhecida no mercado.

Alguns congressos online dão retorno financeiro, porém são raros. Muitos não geram receita sequer para pagar os custos de infraestrutura. Tudo bem, já que o propósito principal é ganhar autoridade e montar uma lista de emails, o que costuma ser alcançado.

O pior aspecto do congresso online, em minha opinião, é que ele se baseia em um modelo antipático. Ninguém consegue assistir a todas as palestras nos horários agendados porque sempre há outros afazeres. Os interessados conseguem ver algumas apresentações e ficam frustrados por ter de pagar para ver as que já passaram, só para que elas sejam "destrancadas".

Todo mundo sabe que não custa nada manter um vídeo no ar. Qualquer pessoa pode colocar tantos vídeos quanto quiser no [YouTube](#) sem pagar nada. Quando você coloca um vídeo no ar no horário agendado e depois tira, as pessoas se ressentem. Elas sabem que você tirou de propósito, sem necessidade, com o único objetivo de fazê-las pagar por algo que poderia continuar sendo oferecido de graça, sem nenhum custo para você.

Nunca conheci alguém que tivesse acompanhado um congresso online e tivesse ficado feliz com a atitude do organizador de trancar os vídeos ao final do evento. Quem está acompanhando o congresso raramente consegue assistir as apresentações no horário agendado, o que faz com que elas sejam vistas poucas vezes. Após o encerramento do evento, pouca gente entra na área reservada. Quem fica de fora se frustra com o evento e os palestrantes mais atentos se dão conta de que fizeram um esforço para preparar uma palestra que foi assistida por pouca gente. É um desperdício de tempo do palestrante.

Sim, é verdade que o organizador do congresso passa a ser conhecido na área. Porém, devido ao modelo antipático, a imagem passada nem sempre é a melhor.

Apesar de ser uma técnica capaz de te tornar conhecido em um nicho de mercado, talvez não seja necessariamente a melhor. Acredito que o relacionamento com o público deve basear-se em fazer algo útil, de um modo simpático, onde todos saiam ganhando. Nesse modelo, não me parece que o resultado final seja esse. Ainda assim, é um formato que tornou-se bastante popular no Brasil.

Há outras formas de tornar-se uma autoridade em um nicho de mercado, de um modo que seja bom para todos. Uma delas é fazer entrevistas. Darei um exemplo a seguir.

Imagine que você fosse fazer um congresso online com vinte profissionais que são autoridades no mercado em que deseja atuar. Em vez de convidá-los para participar de um congresso, convide-os para uma entrevista ao vivo. Todo mundo adora dar entrevista. Faz bem para o ego das pessoas. Elas se sentem reconhecidas. Tanto é que você raramente encontrará alguém que se negue a dar uma entrevista.

Agende essas entrevistas para um dia e horário que seja bom para todos: para você, para o entrevistado e para o público. A parte da noite costuma ser a melhor.

Convide as pessoas para participar e faça elas se inscreverem no evento, colocando o email. Isso te ajudará a começar a criar uma lista de emails.

O entrevistado certamente anunciará o evento para seus seguidores. Você terá essa publicidade gratuita, da mesma forma que teria com um congresso online. Entretanto, o entrevistado terá maior destaque, porque o evento é dedicado apenas a ele.

Ao final da entrevista, deixe a gravação em seu canal do [YouTube](#). É fácil fazer isso se você utilizar o [Google Hangouts](#), pois as conversas já são gravadas automaticamente no canal.

Tendo a gravação liberada para o resto da vida, você permite que mais pessoas conheçam você e seu entrevistado ao longo do tempo. O público se beneficia com um material de alta qualidade, que pode consultar sempre que quiser.

O formato de entrevista te ajuda a garantir a qualidade. Você pode se preparar com perguntas que sabe que farão diferença para seu público. Isso costuma ser melhor que deixar o profissional decidir o que vai dizer em uma apresentação.

Um evento em que você entrevista uma única pessoa não costuma atrair tanta gente quanto um que envolve diversas autoridades em uma área do conhecimento. Entretanto, nesse exemplo, a ideia é fazer vinte entrevistas, ou seja, vinte eventos menores, com as vinte pessoas que fariam parte de seu congresso online.

Você divide um evento maior em muitos menores, sempre veiculados em um horário mais conveniente. Isso te dá a chance de dar mais destaque a cada entrevistado, permite que seu público assista e interaja com o

entrevistado mais facilmente e você interage com as pessoas inúmeras vezes com o passar do tempo. Essa repetição é positiva para que as pessoas te conheçam melhor e comecem a confiar em você.

O fato de você não trancar a entrevista ao final e liberá-la gratuitamente é mais simpático. As pessoas passam a se sentir gratas por seu esforço. Gratidão é um gatilho mental importante para que, mais tarde, decidam comprar algo de você.

Um aparente problema dessa abordagem é o tempo. No caso de vinte convidados, se você faz uma entrevista por semana, vai levar vinte semanas para obter um resultado que, em teoria, você poderia ter com uma semana de congresso online, porém não se iluda. Organizar um congresso online também consome meses de trabalho. O resultado final parece ser um evento de uma semana, no entanto o esforço do organizador e dos palestrantes começa meses antes.

Outro aspecto positivo de fazer entrevistas é que você pode começar rapidamente e ir evoluindo com pouco gasto de tempo semanal. Organizar uma única entrevista é mais fácil que organizar um congresso online. Você pega todo o esforço que teria para um congresso e o divide em esforços menores a cada semana. Isso é mais sustentável, o que te permite manter essa prática por anos, se assim desejar.

As pessoas que mais têm sucesso online fazem exatamente isso. Elas se relacionam com o público com regularidade e consistência, sempre dando algo útil, o que muitas vezes é feito através de entrevistas.

Você pode começar esse processo enquanto ainda está em seu emprego. Gravar uma entrevista com um convidado por semana, na parte da noite, é viável para qualquer pessoa, ainda que esteja trabalhando oito horas por dia em um emprego convencional.

No caso do congresso online, o comum é que o organizador tenha muita visibilidade durante uma semana e depois desapareça. Ele tem um relacionamento intenso com o público durante alguns dias e depois não tem mais nenhum. Isso acontece o tempo todo e, na minha opinião, é péssimo. É melhor que você tenha consistência e se encontre com seu público com regularidade.

Por melhores que sejam as técnicas de marketing digital, o que realmente importa é **relacionamento**, **conteúdo** e **vendas**. Você precisa começar gerando conteúdo útil, o que é possível através de entrevistas.

Precisa manter o relacionamento fazendo isso com regularidade e consistência. E, quando for o momento, você deve vender.

O congresso online engloba todos esses elementos, porém o mais importante, que é o relacionamento, não consegue se desenvolver tão bem quanto em outras abordagens, como a que descrevi. E essa está longe de ser a única alternativa ao modelo de congressos online.

Comunidades

O bom da internet é que você pode encontrar de tudo com facilidade. O ruim é que há um excesso de informação. Como separar o joio do trigo? Como filtrar e ter acesso apenas ao conteúdo e às pessoas que realmente podem contribuir para resolver seus problemas?

Uma forma de resolver isso é a criação de comunidades virtuais fechadas, onde só participam pessoas que estão engajadas em determinado tópico.

Um exemplo disso é o [Dynamite Circle](#), dos criadores do [Tropical MBA](#). O [DC](#) é uma comunidade fechada que só aceita a participação de pessoas que cumprem alguns pré-requisitos.

É preciso ter um negócio que não dependa de localização, ou seja, que possa ser operado de qualquer lugar do mundo. Esse negócio precisa ter um faturamento anual de pelo menos US\$ 60 mil. Além disso, deve-se pagar uma anuidade que varia de US\$ 500 a US\$ 600.

Não é fácil entrar no [DC](#). Se você possui os pré-requisitos, é preciso enviar um pedido de inscrição, que será avaliado e eventualmente aprovado pela equipe. Ela faz o possível para filtrar e assegurar que os membros sejam apenas pessoas qualificadas.

Quem está dentro da comunidade sabe que poderá se conectar com pessoas que compartilham os mesmos interesses e enfrentam os mesmos desafios, além de ter acesso a um conteúdo de alta relevância.

O [DC](#) conta com centenas de empreendedores qualificados e um excelente faturamento anual. É um negócio lucrativo.

Outro exemplo é o [Nomad List](#). Trata-se de uma ótima ferramenta gratuita criada pelo holandês [Pieter Levels](#), que tem interesse em conectar nômades digitais ao redor do mundo.

Ele também possui uma comunidade fechada que engloba um [fórum de discussão](#), um [time no Slack](#) e uma [ferramenta de planejamento de viagem](#).

Para participar, você precisa pagar uma anuidade de US\$ 75. No momento em que escrevo essas linhas, a comunidade tem mais de cinco mil membros. Faça as contas e perceba que também se trata de um negócio rentável.

Tanto o [DC](#) quanto o [Nomad List](#) servem para o mesmo propósito: **filtrar**. Eles existem para que seus membros tenham acesso outras pessoas que têm interesses semelhantes.

A parte técnica de montar uma comunidade fechada é relativamente simples. Você pode utilizar ferramentas tais como:

- [Discourse](#)
- [Vanilla](#)
- [Facebook](#)
- [Slack](#)

- [Invision Power](#)

- [bbPress](#)

- [Flarum](#)
- [WhatsApp](#)
- [Telegram](#)

Existem alguns desafios sérios nesse modelo de negócio. Como sempre, a maior dificuldade é vender. Você precisa convencer quem está de fora a entrar.

As pessoas que se interessam por comunidades pagas são as que dão imenso valor ao próprio tempo. Elas não querem perder horas pesquisando na internet. Elas querem acessar o conteúdo mais relevante e se comunicar com pessoas que realmente podem agregar.

A maioria das pessoas tem pouco respeito pelo próprio tempo. Sendo assim, o número de potenciais clientes de uma comunidade raramente é gigantesco. Mesmo quem valoriza o próprio tempo precisa se convencer de que a sua comunidade fará diferença.

É preciso que a comunidade seja realmente boa para que seus participantes queiram continuar nela e renovar a inscrição ao longo do tempo. Isso significa que você precisa ter atenção à qualidade das discussões. E precisa estimular as pessoas a participar ativamente. Como todo mundo é muito ocupado, é difícil manter o engajamento das pessoas.

Afiliação

Joana tem um blog popular sobre culinária. Ela adora experimentar receitas novas e compartilhar com seus fãs. Ao longo dos cinco anos de vida do blog, ela conseguiu atrair uma grande audiência de seguidores que acompanham suas publicações semanais, tanto pelo blog, quanto pela lista de email.

Em um caso como o de Joana, uma das formas mais simples de ganhar dinheiro é tornar-se afiliada de produtos e serviços que tenham a ver com sua audiência. Ser uma afiliada significa que ela ganha uma comissão quando faz uma recomendação e alguém efetua uma ação.

Normalmente, a recomendação é feita através de um email ou um artigo contendo um link para o produto recomendado. Esse link tem algumas características especiais, que permitem ao vendedor saber que a venda foi originada a partir da recomendação de Joana.

Ela pode trabalhar como afiliada de três maneiras principais.

Venda direta de infoprodutos. Joana conhece um excelente curso online de culinária que custa R\$ 500 e paga uma comissão de R\$ 250. Quando ela promove esse curso e faz uma venda, o infoprodutor, ou seja, a pessoa que criou o curso, recebe R\$ 250 e Joana recebe R\$ 250 de comissão. É um excelente negócio para Joana, já que ela não teve o trabalho de criar o curso, mas ganhará exatamente o mesmo que o infoprodutor, visto que a comissão é de 50%. Tudo o que precisa fazer é promover o curso para sua audiência de um modo que convença algumas pessoas a comprarem.

Esse arranjo é comum nos casos de infoprodutos brasileiros. Existem muitos cursos online, por exemplo, que custam mais de mil reais e pagam 50% de comissão. Vendê-los pode ser um excelente negócio.

A pessoa que faz uma compra a partir da recomendação de Joana não paga a mais pelo fato de Joana receber uma comissão. O comprador paga o mesmo, tendo ele comprado diretamente do infoprodutor, ou através do link

de afiliado de Joana. A diferença é que, se comprar diretamente do infoprodutor, ele receberá toda a receita.

Quando um infoproduto oferece a possibilidade de afiliação, ele costuma ser vendido através de uma plataforma de venda de produtos digitais que processa os pagamentos e controla a distribuição das comissões. Elas identificam qual foi o afiliado que gerou a venda e fazem o pagamento a ele de forma automática.

No Brasil, as principais plataformas que trabalham com essa abordagem são:

- [Hotmart](#)
- [Eduzz](#)
- [Monetizze](#)

Se você já tem uma audiência, você pode começar a ganhar dinheiro como afiliado de forma rápida. Basta cadastrar-se nessas plataformas e buscar dentro delas produtos que tenham a ver com seu público alvo. Quando encontrar produtos que façam sentido, estude-os com cuidado, avalie se são de alta qualidade e se serão bem recebidos por sua audiência. Nunca promova algo que não conhece. Você não quer estragar sua reputação e fazer as pessoas perderem a confiança no que diz.

Quando tiver certeza de que um produto é bom para seu público, solicite a afiliação. Quando o infoprodutor aprovar, você terá acesso a links e materiais promocionais que poderá enviar para todos que te acompanham. Para aprender mais sobre como trabalhar com afiliação, assista as aulas gratuitas do [Hotmart Academy](#).

Venda de produtos de grandes portais. Além de promover um curso online sobre receitas, Joana também pode promover livros físicos sobre o assunto. Para isso, ela pode se tornar afiliada de um grande portal como a [Amazon](#). Ela escolhe os produtos que deseja promover e a [Amazon](#) gera um link especial para cada um deles. Se ocorrer uma venda, a [Amazon](#) lhe paga uma comissão. Nesse caso, os produtos podem ser físicos ou digitais. Se a venda for feita com o link de Joana, ela recebe uma comissão.

Nessa modalidade, os percentuais de comissão não são tão altos quanto no caso de infoprodutos. A [Amazon](#) é uma empresa gigantesca, que já tem

um elevado poder de *marketing*. Ela não precisa tanto de sua recomendação quanto um infoprodutor independente, portanto paga comissões menores.

Existem muitos outros portais que também oferecem programas de afiliação. Por exemplo, os [bancos de imagens](#) têm seus próprios esquemas de afiliação. Quando alguém chega até eles a partir de uma indicação sua e compra uma foto, você recebe uma comissão. O mesmo acontece com *marketplaces* de temas de sites, empresas de hospedagem de sites, empresas de reserva de hotel e muitos outros segmentos.

Abaixo cito alguns exemplos:

- [Amazon](#)
- [Shutterstock](#)
- [Themeforest](#)
- [Bluehost](#)
- [LeadPages](#)
- [Booking.com](#)
- [Airbnb](#)

Levar o usuário a executar uma ação. Esse é um modelo de afiliação menos conhecido, porém interessante. As abordagens que citei antes trabalham com o conceito de *revenue sharing*, ou seja, divisão de lucro. Para que você ganhe algo como afiliado, é necessário que você leve o usuário a efetuar uma compra. O problema é que não é fácil fazer alguém colocar a mão no bolso e pagar por algo. Você precisa ter uma audiência grande e engajada para conseguir fazer um número de vendas significativo e ganhar um bom valor de comissão.

Felizmente, também é possível ganhar dinheiro como afiliado sem que a pessoa tenha de comprar nada. Existe uma abordagem de afiliação que se baseia no conceito de **CPA** (*cost per action*) ou custo por ação. Nesse caso, você ganha pelo fato de ter levado o usuário a executar uma ação desejada pelo anunciante de um produto ou serviço.

Por exemplo, no caso de Joana, imagine que exista um grande portal sobre culinária que possui uma barra de navegação que as pessoas podem instalar no navegador e usar para buscar receitas com facilidade. Esse portal paga R\$ 3 para Joana para cada pessoa que ela convencer a instalar a barra

de navegação. Quem acompanha Joana não precisa fazer nenhuma compra. Basta instalar a barra de navegação e Joana ganhará uma comissão.

É mais fácil convencer uma pessoa a instalar um software, de graça, que comprar um produto. Isso torna esse modelo de afiliação interessante. Existem inúmeros anunciantes dispostos a pagar pelos mais diferentes tipos de ação. Às vezes pagam porque um visitante preencheu um formulário com seus dados, em outros casos porque alguém solicitou uma amostra grátis do produto, em outros porque fez o download de um *e-book* e assim por diante.

Existem inúmeras plataformas de afiliação por CPA em operação ao redor do mundo. No Brasil, essas são algumas das que são utilizadas:

- [Awin](#)
- [C2 CPA Network](#)
- [ClickWise](#)
- [Lomadee](#)
- [ActionPay](#)
- [WebAfiados](#)
- [Super Afiados](#)

Ganhar dinheiro como afiliado não ocorre da noite para o dia. Assim como nos casos mencionados anteriormente, é preciso estudar o assunto e dedicar-se a ele. Demanda algum tempo e esforço para que você possa começar a ganhar dinheiro como afiliado. Entretanto, é um dos modelos mais viáveis para a maior parte das pessoas. Tem muita gente no Brasil que ganha dinheiro suficiente para se sustentar atuando apenas como afiliado.

Se você não se identificou com nenhuma das formas de ganhar dinheiro discutidas anteriormente, aprofunde-se mais no *marketing* de afiliação. Estude-o com afinco e entenda tudo o que é possível. Há uma boa chance de que você consiga seguir por esse caminho e alcançar uma receita razoável em um período de tempo não tão longo. Se você ainda não conhecia esse caminho, aprenda mais sobre ele nas aulas gratuitas do [Hotmart Academy](#).

Coprodução

No mercado de infoprodutos, além de atuar como **produtor** e **afiliado**, você também pode ser um **coprodutor**. Neste caso, você integra a equipe que cria um infoproduto e ganha uma participação nos lucros.

Construir um infoproduto e ganhar bastante com a venda dele é mais complexo do que parece. É um trabalho que não precisa ser feito por uma pessoa só, nem deve. É melhor que seja feito por uma equipe competente, onde encontram-se pessoas responsáveis por papéis dos mais diversos.

Sempre haverá pelo menos um especialista. É a pessoa responsável pelo conteúdo, seja ele um *e-book* ou um curso, por exemplo. O especialista pode ser um professor universitário, por exemplo, que tem conhecimento de sobra e experiência em dar aulas. Nem sempre essa pessoa tem as habilidades necessárias para promover o produto. Por isso, faz sentido que se associe a outras que estão mais habituadas a vender.

Além do especialista, a equipe de um infoproduto pode envolver pessoas com habilidades em *design*, compra de tráfego, [SEO](#), *email marketing* e muito mais. Dependendo de sua área de atuação, você pode participar da criação de um infoproduto como o especialista ou atuando em uma das demais atividades necessárias para o sucesso do produto.

Se você é um designer, por exemplo, você pode ganhar uma participação na venda de infoprodutos atuando como coprodutor em diversas equipes de infoprodutos. Assim, você pode concentrar-se em fazer exatamente o que já sabe. Não precisa preocupar-se em criar seu próprio infoproduto nem vender, como seria o caso de afiliados.

Coprodução é uma maneira inteligente de aumentar seu potencial de ganhos associando-se a outras pessoas para criar produtos de sucesso. Conheço muita gente que seguiu por esse caminho e teve ótimos resultados. Hoje em dia, existem empresas inteiras que se especializaram em coprodução. Elas buscam especialistas para criar infoprodutos, asseguram que eles dediquem-se apenas ao conteúdo e fazem todo o restante do trabalho. É uma ótima forma de ganhar dinheiro.

Plataformas como o [Hotmart](#) permitem, inclusive, que os infoprodutos sejam cadastrados no formato de coprodução. Dessa forma, quando o produto é vendido, os ganhos já são distribuídos de forma automática para todos os envolvidos.

Software

Software é um tipo de produto digital que tem alto potencial de retorno. Existem várias formas de vender software. Cobrirei as mais relevantes nas próximas páginas.

Aplicativos

Se você é desenvolvedor de software, você pode criar aplicativos e vender. Hoje em dia, a maior oportunidade gira em torno dos aplicativos móveis, vendidos através de grandes plataformas, tais como a [App Store da Apple](#) e o [Google Play](#).

Ao fazer um aplicativo móvel, você tem o potencial de vendê-lo para uma imensa quantidade de pessoas, entretanto a concorrência é grande. Não é fácil se destacar e vender seu aplicativo.

Seguir por esse caminho para se transformar em um nômade digital só é viável se você já trabalha nessa área e deseja aprofundar-se nela.

Plugins

Imagine que Fátima queira virar nômade e decida criar um blog para compartilhar sua trajetória. Para isso, ela escolhe o [WordPress](#), o software mais usado para criação de blogs. Ela consegue fazer tudo por conta própria e logo começa a publicar seus artigos.

A oportunidade de partir pelo mundo surge dez meses depois. Ela precisa vender tudo o que tem em casa. Várias pessoas acompanham seus artigos. Ela decide fazer as vendas através do blog.

Fátima precisa cadastrar os produtos no blog informando descrição, preço e foto. Ela gostaria de receber os pagamentos e acompanhar as vendas online. O problema é que o [WordPress](#) não oferece essas funcionalidades.

Ela poderia contratar um desenvolvedor para ajudá-la, porém não é necessário. Muita gente já passou pela mesma situação, então alguns desenvolvedores criaram soluções que podem ser compradas e utilizadas rapidamente.

O que Fátima precisa é apenas instalar um *plugin* no [WordPress](#) que o transforma em uma loja virtual. Um *plugin*, ou uma extensão, é um software que adiciona novas funcionalidades a um outro que já existe, como

um site. No caso dela, bastaria instalar um *plugin* chamado [WooCommerce](#), por exemplo.

Se você deseja ganhar dinheiro vendendo software, um caminho é criar *plugins* para plataformas populares, como o [WordPress](#). Você pode oferecer seu *plugin* para usuários que precisam fazer mais do que o básico oferecido por estas plataformas.

O [WordPress](#) é o sistema de gestão de conteúdo ([CMS](#)) mais utilizado no mundo. Pelo menos um quarto de todos os sites na internet adotam o [WordPress](#). Há também outras plataformas voltadas não apenas para a gestão de conteúdo, como também para a criação de lojas virtuais e fóruns. Abaixo você encontra uma lista com algumas das mais populares.

- [WordPress](#)
- [Joomla](#)
- [Drupal](#)
- [Magento](#)
- [Shopify](#)
- [PrestaShop](#)
- [OpenCart](#)
- [Expression Engine](#)
- [Vanilla](#)
- [Discourse](#)
- [phpBB](#)
- [vBulletin](#)

Desenvolver software é uma atividade complexa e trabalhosa, que costuma levar mais tempo que o esperado. O desenvolvimento de *plugins* é ainda mais desafiador porque precisa moldar-se às características e padrões de uma plataforma já existente. É preciso conhecer e ter bastante experiência com a plataforma escolhida. Além disso, o código precisa ser bem escrito. É fundamental que tenha alta qualidade, seja fácil de dar manutenção e seja seguro. Senão você passará o resto de seus dias corrigindo *bugs* e respondendo emails de clientes insatisfeitos.

Como acontece nos outros casos de produtos digitais, criar o produto é difícil e demorado, porém o maior desafio é vender. Mesmo criando um

software sobre uma plataforma amplamente utilizada, você terá de fazer com que as pessoas tenham contato com ele e se interessem por comprá-lo.

Ao colocar seu *plugin* no mercado, você pode vendê-lo diretamente ou pode colocá-lo à venda em um *marketplace*. Funciona como um grande supermercado. Você coloca seu *plugin* lá e torce para as pessoas encontrarem e comprarem. Existem alguns *marketplaces* especializados na venda de *plugins*, tais como:

- [Codecanyon](#)
- [MOJOMarketplace](#)
- [Codester](#)
- [CodeGrape](#)

O [Codecanyon](#) é o maior deles. É o mais acessado por potenciais compradores e um dos que tem o maior acervo de *plugins*.

Decidir entre vender diretamente ou através de um *marketplace* não é fácil. Existem diversos prós e contras que precisam ser considerados. Descreverei a seguir as principais vantagens e desvantagens de cada abordagem.

Venda através de um marketplace

Vantagens

Exposição. Os marketplaces se assemelham a grandes supermercados que todo mundo conhece e visita sempre que precisa de alguma coisa. Eles são procurados diariamente por milhares de pessoas interessadas em comprar *plugins*. Isso ocorre porque investem em publicidade, em [SEO](#) e em outras formas de *marketing* para serem amplamente conhecidos. Quem visita um *marketplace* costuma ter uma necessidade real e estar preparado para fazer uma compra, desde que encontre o *plugin* certo para resolver seus problemas. Sendo assim, você não precisa investir tanto tempo e esforço em divulgar seu *plugin*. Você pode se concentrar apenas na criação de ótimos *plugins* e deixar que o *marketplace* cuide da venda.

Afiliação. O marketplace costuma ter um programa de afiliação que serve de incentivo para que blogueiros e outros profissionais promovam os *plugins* que estão lá. Isso contribui para que um número ainda maior de pessoas fique sabendo da existência do *marketplace*.

Logística. O *marketplace* não é útil apenas para promover seu *plugin*. Ele também resolve algumas questões chatas, tais como recebimento de pagamentos, processamento de pedidos de reembolso, coleta de impostos e entrega do *plugin*. Além disso, você não precisa criar e configurar sua própria loja online.

Lançamento. Em alguns *marketplaces*, como é o caso do [Codecanyon](#), seu *plugin* é colocado em evidência, na primeira página, assim que é lançado. Muita gente toma conhecimento dele nos dias que sucedem o lançamento, o que colabora para gerar as primeiras vendas com rapidez. Seu *plugin* começa a receber pontuações e avaliações, o que ajuda a aumentar as vendas daí por diante. É difícil replicar isso vendendo de forma independente, a menos que você já tenha uma audiência estabelecida, que está sempre atenta a seu trabalho.

Revisão. Seu *plugin* passa por um processo de revisão para que possa ser vendido em um *marketplace*. Ele precisa seguir diversas normas e ter um nível de qualidade elevado para ser aceito. Parece inconveniente, mas é bom porque te força a fazer um excelente trabalho, te ajuda a melhorar como desenvolvedor e contribui para diminuir os pedidos de suporte. É uma boa forma de começar, ainda que você decida vender de forma independente em um momento futuro. Você aprende a produzir algo com o nível de qualidade exigido pelo mercado.

Desvantagens

Receita. Você não recebe o valor integral pago pelo cliente. O *marketplace* cobra uma comissão. O percentual depende do *marketplace* que você usa e de sua decisão de dar-lhe exclusividade ou não. Quando vende em um único *marketplace* com exclusividade, o percentual que você recebe é maior, contudo você fica impedido de oferecer o *plugin* até mesmo em seu próprio site. Para ganhar dinheiro, quase sempre é preciso dar exclusividade ao *marketplace*, já que a diferença nos percentuais é grande.

Apesar dessa desvantagem, é importante lembrar que vender por conta própria é difícil. Demanda muito tempo e esforço, além de custos para criar

e gerenciar seu próprio site de vendas. Usar um *marketplace* elimina tudo isso, portanto pode ser vantajoso, ainda que você receba um percentual menor sobre as vendas.

Demora para receber. Se vender uma cópia de seu *plugin* hoje, você só receberá o pagamento algum tempo depois. Em muitos casos, é necessário que você atinja um valor mínimo de vendas para que possa fazer uma retirada.

Preço. Você não tem controle sobre o preço do *plugin*. Quem o define é o *marketplace* quando faz a revisão de seu *plugin*. Na maior parte dos casos, o preço estabelecido é baixo.

Reembolso. Você também não tem controle sobre a política de reembolso. É o *marketplace* que decide se faz ou não uma devolução quando um comprador desiste do *plugin*.

Concorrência. Como o *marketplace* é uma espécie de supermercado, seu *plugin* é apenas mais um no meio de uma infinidade de outros. Muita gente visita o *marketplace*, porém não é fácil fazer seu produto se destacar dos demais.

Revisão. O processo de revisão não é apenas rigoroso, também é demorado. Todos os dias os *marketplaces* recebem diversos *plugins* para avaliar. Saber se seu *plugin* foi aprovado ou rejeitado pode levar dias.

Suporte. Dar suporte é mais complicado porque você não tem acesso à pessoa que fez a compra. O *marketplace* faz a intermediação entre você e o cliente. As ferramentas que o *marketplace* oferece para você dar suporte nem sempre são boas. Se você não consegue atender às expectativas dos clientes, em termos de suporte, eles avaliam o *plugin* de forma negativa. Isso prejudica as vendas.

Venda direta

Vantagens

Receita. Você recebe toda a receita e não precisa dividi-la com o *marketplace*. Embora tenha de pagar os impostos diretamente e cobrir as despesas, seu percentual de lucro tende a ser maior.

Preço. Você pode definir o preço do *plugin* livremente. Isso é importante, especialmente quando você cria um *plugin* sofisticado, que não

faria sentido vender por valores tão baixos quanto os que são estabelecidos pelos *marketplaces*.

Relacionamento. Você tem a oportunidade de conhecer e relacionar-se diretamente com seus clientes. Isso te ajuda a vender novos *plugins* para as mesmas pessoas no futuro. Também te permite trabalhar com modelos de assinatura, como explicarei mais adiante.

Marca. Vender de forma independente permite que você trabalhe melhor a sua marca. Com o tempo, à medida que você for produzindo mais *plugins* e promovendo a marca, ela vai ficando cada vez mais conhecida e procurada.

Suporte. Você tem maior controle sobre o processo de suporte. Inclusive, pode escolher as melhores ferramentas para te ajudar. Como o cliente não precisa passar pelo *marketplace*, você não corre o risco de prejudicar a reputação de sua marca porque o *marketplace* fez alguma besteira e comprometeu a relação com o cliente.

Desvantagens

Preço. É difícil decidir o preço. Existe a tentação de colocar um valor baixo na expectativa de que as pessoas tenham menos resistência para comprar, entretanto isso pode causar problemas sérios. Talvez você não consiga cobrir os custos com suporte, por exemplo. Depois é difícil aumentar o valor. Sua marca fica caracterizada como sendo barata, o que leva algumas pessoas a pensarem que seu produto não tem valor. Por outro lado, se o preço for muito elevado, pode ser difícil convencer as pessoas a pagar, especialmente quando há alternativas com preços mais acessíveis.

Marketing. Você precisa investir no *marketing* de seu *plugin*. Como já foi dito inúmeras vezes, vender é mais difícil do que parece. É um trabalho que consome muito tempo e esforço, cujos resultados raramente aparecerem com rapidez. Você terá de construir seu próprio site de venda e sua lista de emails. Terá de investir em anúncios e em outras iniciativas para atrair pessoas para seu site.

Logística. Você precisa investir tempo na criação e gestão de sua própria loja online. Terá de processar os pagamentos, pagar os impostos, fazer as entregas e cuidar dos reembolsos diretamente.

Recomendações

Se você sempre trabalhou prestando serviços e nunca colocou um *plugin* à venda, é necessário compreender que vender *plugins* é diferente de vender serviços de desenvolvimento de software. Você provavelmente está acostumado a vender seus serviços para poucos clientes por um valor alto. Talvez eles paguem milhares de reais por seu trabalho. Quando você vende um *plugin*, o valor é pequeno comparado a seus serviços. Isto pode lhe fazer crer que as pessoas não terão resistência em pagar, já que o valor é baixo. Entretanto, não é bem assim que as coisas funcionam.

As pessoas consideram que o valor de um *plugin* deve ser baixo porque *plugins* são soluções genéricas. É mais barato pagar por eles que pela contratação de um serviço de desenvolvimento de software personalizado. As pessoas esperam isso. Elas têm o dinheiro, mas não querem gastá-lo de forma errada. Elas agem com cautela, ainda que o valor seja pequeno, até porque muitas vezes precisam comprar diversos *plugins* para resolver seus problemas. Elas sabem que é preciso ter cuidado para o somatório não ficar alto demais.

Para te ajudar a trilhar esse caminho, apresento algumas recomendações.

Grátis. Comece com algo pequeno e focado. Defina claramente o problema que o *plugin* resolverá e faça o mínimo necessário para solucioná-lo de forma satisfatória. Não comece com algo grandioso e cheio de funcionalidades. É melhor concentrar-se em atacar um único problema de maneira eficaz. Até porque, você ainda não tem certeza se as pessoas terão interesse pela solução que seu *plugin* implementa. Oferecer uma versão gratuita é uma boa forma de validar suas ideias.

Assim que estiver pronto, publique seu *plugin* gratuitamente. Você pode e deve aprimorar-se como desenvolvedor convidando outros desenvolvedores a "quebrarem" seu código e criticá-lo. Agindo dessa forma, você começa pequeno, fazendo coisas mais simples, já que ainda não há uma preocupação com o aspecto comercial. Não há tanto em jogo quando você não está cobrando pelo *plugin*. Você pode melhorar seu software aos poucos usando o feedback que vai recebendo sem a preocupação de ter compradores insatisfeitos.

As possíveis melhorias não restringem-se apenas à qualidade do software. Acima de tudo, você deve utilizar o *feedback* de quem está usando o *plugin* para determinar que funcionalidades ele precisa ter para ser bem sucedido comercialmente. Se estiver faltando algo, as pessoas dirão. Se

for necessário alterar a forma como algo é feito, elas também informarão. Use esse feedback para criar uma versão comercial do *plugin*. Não tente adivinhar o que as pessoas desejam. Use o feedback delas.

Oferecer uma versão gratuita também é uma excelente estratégia comercial. As pessoas adoram software de graça. Se você criar uma versão gratuita, muita gente baixará e terá contato com seu trabalho. A partir daí, um grande número de pessoas pode se interessar pela versão paga.

Você pode expor seu *plugin* gratuito em locais de grande movimento, como os diretórios de *plugins* das plataformas. No caso do [WordPress](#), por exemplo, existe o [WordPress Plugin Directory](#), onde você pode publicar seu *plugin*, desde que siga [essas regras](#).

Esses diretórios são consultados milhares de vezes todos os dias pelos usuários de cada plataforma. Há uma boa chance de seu *plugin* ser encontrado muitas vezes e baixado.

Se você oferecer um *plugin* gratuito útil e bem feito, muita gente baixará e também ficará sabendo de seus *plugins* pagos. Um bom exemplo de uso dessa estratégia é o [Yoast SEO](#). A versão gratuita é excelente, razão pela qual é utilizada em grande parte dos sites que se baseiam em [WordPress](#). Entretanto, só quem compra a versão paga é que tem direito a algum tipo de suporte, além de funcionalidades extras. Por isso, parte dos usuários prefere comprar a versão paga.

Marketplace. Pode ser uma boa ideia oferecer seus primeiros *plugins* através de um *marketplace*, especialmente devido ao processo de revisão. Ele é útil para você se aprimorar como desenvolvedor porque costuma ser rigoroso. Com o passar do tempo, à medida que ganha experiência no desenvolvimento de *plugins* e cria uma audiência própria, você pode migrar para a venda independente.

Preço. Quando começar a vender seus *plugins* diretamente, será preciso definir o preço deles. Isso não é uma tarefa fácil. Uma boa estratégia é fazer exatamente o que seus clientes farão. Eles irão comparar o preço de *plugins* semelhantes. Faça o mesmo. Olhe quanto seus concorrentes estão cobrando e utilize esses valores como parâmetro para definir o preço.

Suporte. *Plugins* costumam ser oferecidos como [open source](#). O código é aberto e qualquer pessoa pode, em princípio, consultá-lo e alterá-lo. Portanto, na prática, o que você vende mesmo é suporte. Essa é uma das partes mais delicadas de se vender software. É fundamental prover um suporte de alta qualidade para os compradores.

Você tem que estar mentalmente preparado para dar suporte. Se é algo que você detesta fazer e não tem uma equipe que possa te ajudar, talvez seja melhor nem entrar nesse jogo. Suporte é importante e não pode ser tratado com desleixo.

O ideal é que você dê a seus clientes um suporte espetacular. É importante responder com rapidez, de preferência no mesmo dia. As respostas precisam ser cordiais e devem resolver os problemas. O cliente deve ter uma excelente experiência com seu suporte. Isso te ajuda a ter depoimentos positivos e gera mais vendas através do boca a boca.

Você e sua equipe precisam estar preparados, inclusive com o uso de um bom software para gestão de chamados de suporte, tais como:

- [UserVoice](#)
- [ZenDesk](#)
- [Tender Support](#)
- [Ticksy](#)

Suporte é seu maior custo, portanto você precisa ser pago por ele. No geral, não é viável dar suporte à versão gratuita de seu *plugin*. Isso deve ser comunicado claramente para quem faz o download dele. As pessoas precisam saber que só receberão suporte se comprarem a versão paga.

Qualidade do código. Tão ruim quanto não conseguir vender é vender demais e ser inundado por pedidos de suporte porque o *plugin* tem muitos *bugs*. Se isso acontecer, nem o *plugin* nem seu negócio terão futuro. Seja cuidadoso na hora de programar o *plugin*. Siga os padrões da plataforma, implemente testes automatizados, adote boas práticas de programação e só trabalhe com desenvolvedores capacitados.

Documentação. É fundamental que você prepare uma boa documentação sobre como utilizar seu *plugin*. Lembre-se que as pessoas recorrerão ao suporte se não conseguirem achar respostas para suas dificuldades na documentação. Quanto mais chamadas de suporte você tiver, maiores serão seus custos e menores os lucros.

Atualizações. Seu *plugin* precisa manter-se atualizado. Quando ocorre uma atualização na plataforma, no [WordPress](#), por exemplo, você precisa verificar se seu *plugin* também precisa ser atualizado. Também deve

atualizá-lo à medida que for descobrindo *bugs* e os corrigindo. É importante que os usuários recebam as atualizações com rapidez e que o processo de atualização seja simples e fácil.

Marca. Comece a construir uma marca desde cedo, especialmente se você fizer a venda de forma direta. Ao longo do tempo, quanto mais forte a sua marca se tornar, maiores as chances de que você consiga vender mais e com preços maiores.

Audiência. Comece também a construir uma audiência o quanto antes. Em especial, comece a montar uma lista de emails desde cedo. Mantenha um relacionamento constante com as pessoas que estão na lista. Para atraí-las, você pode oferecer a versão gratuita de seu *plugin* em seu site, desde que as pessoas coloquem o email para entrar em sua lista.

Página de venda. Seja em um *marketplace* ou vendendo diretamente, você precisa caprichar na página de venda do *plugin*. Isso significa que ela deve ser rica em informações e o texto precisa ser persuasivo. Você deve adicionar imagens do *plugin* e testemunhos de usuários satisfeitos.

Lançamento. Quando tiver uma audiência e estiver vendendo seus *plugins* diretamente, você pode oferecer descontos por um período limitado. Escassez é um gatilho mental importante que ajuda a impulsionar as vendas, o que colabora para você recuperar parte do investimento com rapidez. Várias pessoas podem começar a usar o *plugin* rapidamente. Só tome cuidado com o tamanho do desconto para não ter prejuízo com demandas de suporte excessivas.

Marketing. Para promover seu *plugin*, você pode buscar a ajuda de pessoas influentes na área. Crie um programa de afiliação para seu *plugin* e convide pessoas influentes, tais como blogueiros, a avaliá-lo. Ofereça-lhes a possibilidade de atuarem como afiliados. Isso permitirá que recebam uma comissão pelas vendas do *plugin*, o que gera interesse em promovê-lo.

Se você tiver um blog ou um canal do [YouTube](#), convide pessoas influentes para uma entrevista. É uma boa forma de começar um relacionamento com elas. A partir daí, fica mais fácil conseguir que ajudem a promover seu trabalho. Você também pode conhecer e se relacionar com essas pessoas frequentando conferências.

Educação. Eduque seus clientes. Ensine-os a extrair o máximo de valor de seu *plugin*. Alguns usuários são mais avançados que outros e costumam ser os que mais compram *plugins* e temas. Se você os ajuda a extrair mais

valor de seu *plugin*, eles provavelmente se manterão fiéis e continuarão a comprar seus *plugins*.

Nichos. Em uma plataforma amplamente usada, como o [WordPress](#), é difícil fazer seu *plugin* se destacar no meio de tantos outros. Uma estratégia interessante é criar extensões para *plugins* populares, que operem em nichos bem específicos. Um bom exemplo é o [WooCommerce](#), que resolve os aspectos básicos de uma loja, mas deixa outros de fora, para serem resolvidos por *plugins* mais específicos, construídos sobre o próprio [WooCommerce](#).

Você pode cadastrar produtos, colocar descrição, fotos e tudo mais usando o [WooCommerce](#). Porém, se quiser receber pagamentos através do [PagSeguro](#), por exemplo, será necessário comprar um *plugin* do [WooCommerce](#) específico para isso. Para entender as possibilidades, veja a [lista de plugins do WooCommerce](#).

Existem outros *plugins*, além do [WooCommerce](#), que permitem a criação de extensões. Outro bom exemplo é o [EasyDigitalDownloads](#). Ele também conta com uma grande [lista de plugins](#). Desenvolver uma extensão para um desses *plugins* pode ser uma boa forma de se destacar.

O [WordPress](#) é a plataforma mais utilizada, portanto é a que tem a maior oferta de *plugins*. É onde há mais concorrência. Uma possível estratégia de diferenciação pode ser também oferecer *plugins* para plataformas menos usadas, mas que também têm uma grande base de usuários, como é o caso do [Joomla](#), [Drupal](#) e [Shopify](#), por exemplo.

Modelos de negócio

Quando você escolhe vender seu *plugin* diretamente, é importante pensar sobre o modelo de negócio que adotará. As principais alternativas são:

- Preço único.
- *Plugin* é grátis, suporte é pago.
- *Plugin* é grátis, extensões são pagas.
- Assinatura

Preço único

O modelo de preço único é o mais conhecido. Você coloca o preço no *plugin* e o cliente paga uma única vez. É o modelo adotado nos *marketplaces*.

O desafio é o suporte. Depois que você cria um *plugin*, todo o seu custo passa a concentrar-se no suporte, como mencionei antes. Se você tiver muita demanda de suporte, você precisa ter muitas vendas acontecendo, o tempo todo, para cobrir esses custos.

Plugin é grátis, suporte é pago

Nesse caso, você não cobra nada pelo *plugin*, mas deixa claro que não haverá nenhum suporte. Quem quiser suporte precisa pagar por ele. Como seu custo, após a criação do *plugin*, é basicamente com o suporte, esse modelo é uma boa forma de cobrir seus custos enquanto permite que uma grande quantidade de pessoas utilize o *plugin*.

Plugin é grátis, extensões são pagas

Esse é o modelo adotado pelo [WooCommerce](#) e pelo o [EasyDigitalDownloads](#). Existe um núcleo principal que é distribuído gratuitamente e resolve uma necessidade real de muitas pessoas. Se elas precisam de algo mais específico, elas compram uma extensão. Ganha-se dinheiro com a venda dessas extensões. Isso colabora para que o núcleo do *plugin* não se torne gigantesco e possa ser utilizado facilmente por uma grande quantidade de pessoas. Ainda assim, você ganha dinheiro ajudando quem tem necessidades mais específicas.

Assinatura

Esse é um dos modelos mais promissores porque gera receita recorrente. Nesse caso, você cobra uma licença anual pelo uso do *plugin*. Isso dá ao comprador acesso ao *plugin* e ao suporte durante o período de validade da licença, que é renovada ao final de cada período.

Algumas empresas vão além. Elas produzem diversos *plugins* e temas e oferecem acesso a tudo através de uma única assinatura anual. É a estratégia usada pela [ElegantThemes](#), por exemplo. Pagando um valor anual acessível, o comprador tem acesso a diversos temas e *plugins*. Ele sente-se bem por receber algo valioso e a empresa recebe pagamentos anuais de uma grande quantidade de clientes.

O modelo de assinatura é meu preferido por possibilitar a criação de renda recorrente. Você não depende apenas das vendas para novos clientes. Pode continuar a ganhar dinheiro com os clientes que já conquistou.

Temas para sites

Quando Fátima criou seu blog com o [WordPress](#), ela não queria apenas ter um lugar para escrever seus artigos. Ela também queria que seu blog fosse bonito e [responsivo](#). Ou seja, ele deveria ter um *design* elegante e adaptar-se aos diferentes tamanhos de dispositivos móveis.

Ela pode atingir esse objetivo comprando um tema pronto. É como se fosse uma roupa que você coloca sobre o site e ele fica bonitão de forma instantânea.

Desenvolver temas é semelhante a desenvolver *plugins*, porém ainda mais difícil. O principal propósito de um tema é alterar a aparência de um site, enquanto o de um *plugin* é adicionar funcionalidades. O *plugin* permite que o site faça mais coisas. O tema torna o site mais bonito e, em alguns casos, também permite que ele faça mais coisas.

No caso do tema, o trabalho principal gira em torno do *design*. *Plugins*, em sua maioria, podem ser criados por uma equipe composta apenas de desenvolvedores de software. O mesmo não pode ser dito sobre temas. Eles demandam o envolvimento de *designers* qualificados. Para criar um tema, você precisará de uma equipe que tenha pelo menos um bom *designer* e um bom desenvolvedor.

Temas também podem ser vendidos através de *marketplaces*, tais como os da lista abaixo:

- [ThemeForest](#)
- [MOJOMarketplace](#)
- [CreativeMarket](#)

- [ThemeSnap](#)
- [InkThemes](#)
- [Codester](#)
- [WPEden](#)
- [Devitems](#)
- [CodeGrape](#)
- [Fantero](#)

O [ThemeForest](#) é o mais popular. Assim como acontece no caso dos *plugins*, os temas também precisam ser aprovados para serem vendidos nos *marketplaces*.

Praticamente tudo o que foi explicado sobre *plugins* aplica-se no caso de temas. As plataformas para as quais você pode desenvolver também são iguais, tais como [WordPress](#), [Joomla](#), [Drupal](#) e outras mais. Contudo, existem alguns pontos adicionais que devem ser levados em consideração.

Dificuldade. A demanda por temas é muito grande, entretanto tende a ser mais difícil vender um tema que um *plugin*. Não basta adicionar algumas funcionalidades ao site. Também é preciso que a estética seja atrativa para se diferenciar. O desenvolvimento é mais complexo e é mais difícil destacar-se.

Suporte. O suporte também tende a ser mais complicado. Alguns clientes apresentam demandas incoerentes. Por exemplo, às vezes uma pessoa adota seu tema e te diz que gostaria que o site se parecesse mais com um outro site cujo link ela te envia. O detalhe é que esse outro site não usa o seu tema e não tem nenhuma relação com ele.

Esse tipo de demanda é comum. É algo que aprendi com meu próprio software, o [Be on the Net](#). Muitos donos de pequenos negócios não têm sucesso porque não empregam nenhuma estratégia consistente de *marketing*. Eles esperam que as pessoas encontrem seus sites magicamente e comecem a comprar, o que não acontece. Então, assumem que o problema é que o site não está suficientemente bonito, sem sequer compreender que quase ninguém chega a visitá-lo. Eles dão uma atenção desproporcional ao *design* e ao esforço de diferenciação estética, enquanto negligenciam aspectos ainda mais críticos do negócio.

Design é muito importante. Ele diz muito sobre uma marca. No entanto, está longe de ser suficiente. Usuários de temas nem sempre compreendem

isso.

Eles mudam o *design* do site com frequência, como se mudar de roupa fosse suficiente para resolver todos os problemas. Isso gera demandas de suporte mais delicadas e frequentes. É bom que você saiba disso antes de entrar nesse jogo.

Derivação. A melhor forma de criar um tema é extraí-lo de um site real. Por exemplo, você cria um site fantástico para uma banda de música. Uma vez que ele está pronto e faz sucesso, você pode extrair todo o *design* e as funcionalidades para um tema que possa ser reaproveitado por outras bandas de música.

O tema passa a atender a um público específico, o que é bom. Quanto mais específico é o público, mais fácil vender para ele. Essa estratégia costuma funcionar melhor do que tentar começar o processo já criando um tema genérico. Temas que não sejam específicos e não derivem de um site real costumam ser encarados como "sem alma". São mais difíceis de vender.

No Brasil, um excelente exemplo de comercialização de tema é o [Épico](#). É um tema bem feito e oferecido comercialmente de maneira excelente, com um valor acima da média. É um bom exemplo para te inspirar a criar excelentes temas e colocá-los no mercado de forma atrativa.

Scripts de código

Se você é desenvolvedor de software, também é possível vender *scripts* de código que não têm nenhuma relação direta com plataformas como o [WordPress](#) e as demais que já foram mencionadas.

Por exemplo, suponha que você tenha desenvolvido um excelente calendário em [Javascript](#) para ser usado em formulários de sites. Você pode colocar esse código à venda em *marketplaces*, tais como:

- [Codecanyon](#)
- [Codester](#)
- [MOJOMarketplace](#)
- [CodeGrape](#)

A maior oferta de *scripts* concentra-se em torno das seguintes tecnologias:

- [PHP](#)
- [Javascript](#)
- [HTML](#)
- [CSS](#)

Se você desenvolve em alguma delas, você pode começar a vender *scripts* de código através de um dos *marketplaces* citados.

SaaS

Adriana e sua equipe estão começando a trabalhar no projeto de um desenho animado para a televisão. Os envolvidos estão espalhados pelo mundo e ela precisa de alguma ferramenta para auxiliá-la na gestão do projeto.

Fazendo uma busca rápida, ela descobre o [Basecamp](#), assina o serviço, cria um projeto na ferramenta e convida o resto da equipe para participar. Em vez de comprar o software, ela o utiliza como um serviço pelo qual paga uma mensalidade ou anuidade. Ela aluga o software, em vez de comprá-lo.

O [Basecamp](#) é um exemplo de SaaS (*software as a service*), ou seja, um [software como serviço](#). Trata-se de um modelo de licenciamento de software no qual paga-se uma assinatura para utilizar uma série de serviços que são oferecidos através da web.

Ganhar dinheiro com um SaaS é excelente. Essa é a forma como eu me sustentei a partir de 2008, quando criamos o [Be on the Net](#). A melhor parte desse modelo é o fato de gerar receita recorrente. Como trata-se de uma assinatura, todo mês um conjunto de pessoas paga pelo uso, o que gera uma receita contínua e previsível.

SaaS é um modelo de negócio bastante escalável. Se for bem feito e bem divulgado, o software pode ser utilizado por uma grande quantidade de pessoas sem que seus custos aumentem muito ao longo do tempo. É um

modelo bastante lucrativo. Criar um SaaS, no entanto, não é tarefa fácil. Vendê-lo é ainda mais difícil, como sempre.

Ao longo dos anos, vi muitos amigos tentarem seguir por esse caminho. Apenas um conseguiu fazer seu produto vingar. É um jogo lucrativo, porém muito difícil.

Se você tem muita experiência com desenvolvimento de software e muito conhecimento de como promover produtos no mercado, é uma boa ideia seguir por esse caminho. Do contrário, é melhor começar com outra coisa.

Desenvolver software é caro. Construir um SaaS tende a ser ainda mais. Se você não estiver preparado para investir muito tempo e uma boa grana, busque outra alternativa.

Quase tudo que já foi dito sobre *plugins* se aplica a um SaaS. A principal diferença é que você terá de vendê-lo diretamente, pois o modelo de *marketplace* não se aplica tanto ao caso de um SaaS. Existem também algumas outras considerações.

MVP. É essencial validar sua ideia construindo um [MVP](#) (*minimum viable product*), ou seja, um [produto viável mínimo](#). Se você não sabe o que é isso, comece lendo o livro [A Startup Enxuta](#) de [Eric Ries](#). Nem pense em começar a desenvolver um SaaS sem dominar esse conceito.

Derivação. Já falei sobre isso na parte de temas, mas é bom reforçar. Não comece criando um produto que tente atender a um monte de gente. Comece criando um software que atenda a uma única pessoa, ainda que essa única pessoa seja você próprio. Não prepare esse software desde o início para ser um produto. Apenas faça algo útil, o mais rápido possível, para resolver o problema de uma única pessoa.

Você só deve se preocupar em criar um produto depois que já tiver um software bom, que realmente resolva o problema de uma pessoa, a partir do qual você possa derivar seu SaaS. Sempre comece de algo pontual, focado e concreto. Comece por um caso particular, de uma única pessoa, depois expanda para que ele seja capaz de acomodar situações diferentes, enfrentadas por outras pessoas. Estude a história dos SaaS que você está acostumado a usar no dia a dia e você verá que todos surgem dessa forma.

Existe muito mais a ser dito sobre esse caminho, porém seria necessário um outro livro. Seja como for, volto a afirmar, esse é um caminho para poucas pessoas. É difícil e torna-se mais difícil a cada dia. Só encare essa alternativa se você tiver condições e muito preparo.

Jogos

Criar jogos não é fácil. Além de todo o desafio envolvido na criação de um software, você também precisa lidar com inúmeros aspectos ligados à estética, som, movimento, além da própria dinâmica do jogo.

Assim como acontece com o desenvolvimento de aplicativos, o desenvolvimento e a venda de jogos pode ser um caminho para você se tornar um nômade digital só se você já vem fazendo um trabalho nessa área e deseja continuar a aprofundar-se nela.

Arquivos

E-books, cursos online e software são alguns dos produtos digitais mais conhecidos e comercializados, porém estão longe de ser os únicos existentes. Além deles, também é possível comercializar arquivos que envolvem elementos textuais, visuais e sonoros. Comentarei a seguir sobre alguns dos mais relevantes.

Fotografia

Uma blogueira escreve um artigo com todas as técnicas que utiliza para ser produtiva trabalhando de casa. Ela deseja ilustrá-lo com uma bela foto. Como faz?

Esse tipo de necessidade aparece o tempo todo. Empresas precisam de fotos para ilustrar brochuras, agências precisam de fotos para ilustrar campanhas e por aí vai.

Contratar um fotógrafo sempre que surge a necessidade de ilustrar uma peça com fotos é caro. A solução é buscar a foto em [bancos de imagens](#). São sites que oferecem fotos de uma infinidade de fotógrafos, organizadas por temas que costumam ser buscados com frequência.

Se você é fotógrafo, você pode oferecer suas fotos para esses bancos de imagens. Se alguém comprar sua foto, você recebe um percentual do valor pago.

Para quem curte fotografia, essa pode ser uma boa forma de ganhar dinheiro. Sempre que você tira uma foto, você está criando algo que tem o potencial de ser vendido.

Existem muitos sites em que você pode vender suas fotos. Abaixo você encontra alguns dos mais populares:

- [Shutterstock](#)
- [GettyImages/iStock](#)
- [Fotolia](#)
- [Alamy](#)
- [Dreamstime](#)
- [EyeEm](#)
- [Pond5](#)
- [DepositPhotos](#)
- [500px](#)
- [Refe](#)
- [BigStock](#)
- [123RF](#)
- [CanStockPhoto](#)
- [PhotoStockPlus](#)
- [CreStock](#)
- [StockPhotoMedia](#)
- [FeaturePics](#)
- [StockFresh](#)
- [Photodune](#)

Cada banco de imagens funciona de um jeito ligeiramente diferente do outro. Se quiser entrar nesse mundo, estude as regras de cada um e verifique quais podem funcionar melhor para seu caso.

Colocar suas fotos em um banco de imagens te dá a oportunidade de ganhar inúmeras vezes sobre o mesmo trabalho que você já realizou.

Exatamente como ocorre quando alguém escreve um livro e o vende muitas vezes. Entretanto, como sempre, o desafio é vender.

Quando você coloca sua foto em um banco de imagens, ela passa a fazer parte de um acervo gigantesco, portanto concorre com milhares de outras. Não é fácil que ela seja encontrada e vendida.

Também há uma grande diferença de desempenho entre os sites. Uns não vendem quase nunca, enquanto outros vendem com frequência. Isso depende de uma série de fatores, incluindo o tipo de fotografia que você envia e a qualidade dela.

Os sites que mais vendem costumam ser rigorosos. Eles revisam cuidadosamente as fotos que você envia. A taxa de rejeição é alta. Assim mesmo, se sua foto for aceita, ninguém garante que haverá compradores para ela.

Devido ao processo de avaliação, é fundamental que você seja seletivo na hora de escolher que fotos enviar. Pense com cuidado no título, na categoria e nas palavras-chaves. Os compradores fazem buscas nos bancos de imagens. Se sua foto não estiver acompanhada de palavras-chave que sejam procuradas, ela não será achada.

Preparar cada foto e fazer o envio dá trabalho. Você não consegue enviar uma grande quantidade de fotos de uma vez. Se você quiser vender a mesma foto para diversos bancos de imagens, terá de fazer o envio para cada um deles, cumprindo todas as etapas necessárias, o que também toma tempo.

Quando ocorre uma venda, o valor que você recebe costuma ser baixo. O montante pago pelo comprador depende de uma série de fatores. Um deles é a resolução da foto. Se uma agência deseja uma foto em alta resolução para colocar em um *outdoor*, ela pagará mais do que pagaria para usar a mesma foto em uma resolução menor, para ilustrar um artigo de blog.

Se o cliente compra sua foto em baixa resolução, o que ocorre na maior parte dos casos, ele paga pouco por ela e você recebe ainda menos. Como se isso não fosse suficiente, você não pode sacar o dinheiro logo após fazer uma venda. É preciso que seu pagamento ultrapasse um valor mínimo. Por exemplo, em certos sites é preciso que todas as vendas de suas fotos tenham lhe rendido pelo menos cem dólares até que você possa fazer o saque da parte que lhe cabe.

Levando em conta que é difícil fazer uma venda e os valores pagos costumam ser baixos, é comum que você tenha de esperar um bom tempo

até que possa começar a receber pela venda de suas fotos. Ganhar dinheiro dessa forma, assim como acontece com a maioria dos produtos digitais, é um projeto de médio e longo prazo. Ninguém consegue se sustentar apenas fazendo isso em um curto período de tempo.

Quando chega a hora de receber, o pagamento costuma ser feito através de plataformas como o [Paypal](#), [Payoneer](#) e [Skrill](#). Nesse momento, há uma última surpresa: imposto. Os bancos de imagens são americanos, em sua maioria. Quando fazem o pagamento, são obrigados a reter um percentual que é destinado ao pagamento de impostos se o pagamento não é feito diretamente para uma empresa americana. A alíquota depende do fato de você ser uma pessoa física ou jurídica, assim como varia de acordo com seu país de residência. No caso de alguns países, existem acordos com o governo americano que permitem reduzir o imposto pago.

Apesar de todas essas questões, se você deseja investir nessa forma de ganhar dinheiro, existem algumas recomendações que você pode seguir.

Alguns sites, como o [Shutterstock](#), costumam ter um bom desempenho de vendas. Por outro lado, também têm um processo de avaliação de fotos particularmente rigoroso. Inclusive, podem até bloquear o envio de novas fotos, por um tempo, se você tiver muitas rejeitadas.

Comece com sites um pouco menos rigorosos na avaliação e que não te bloqueiem, como o [Fotolia](#). Você pode usá-los para treinar e compreender melhor que tipo de fotos são esperadas.

Os bancos de imagens dão preferência a fotos mais comerciais. Talvez você se surpreenda ao mandar uma foto deslumbrante e descobrir que ela foi rejeitada. Isso pode acontecer porque o tipo de foto não é muito procurado, por mais que lhe pareça uma obra prima.

Para entender exatamente que tipo de foto será aceita, é fundamental que você faça várias tentativas. Não desanime quando as rejeições começarem a chegar. Elas são mais que esperadas. Felizmente, é comum que venham acompanhadas de alguma explicação. Veja o que é dito sobre suas fotos e comece a entender melhor o que o banco de imagens deseja.

Encare esse processo como uma oportunidade de aprimoramento. Com o tempo, sua taxa de aceitação aumenta, em parte porque seu trabalho melhora. Isso é ótimo porque as fotos não apenas serão bem recebidas nos bancos de imagem, como também em qualquer publicação para as quais possam ser enviadas.

Se você quer realmente investir em vender suas fotos, considere a possibilidade de também fazer um bom site e fazer as vendas através dele. Ele não será tão acessado quanto um banco de imagens, porém é possível, com o tempo, torná-lo suficientemente conhecido. Quando estiver vendendo através dele, você não precisará dividir a receita das vendas com um banco de imagens.

Vídeo e animação

Assim como acontece com a fotografia, também é possível vender videoclipes e clipes de animação. Muitos bancos de imagens os vendem, além das fotografias. Alguns são especializados em oferecer apenas vídeo.

Nesse caso, um vídeo não é um filme, por exemplo. O que se vende são apenas alguns clipes que serão combinados com outros para criar um vídeo maior.

Imagine, por exemplo, que uma produtora está fazendo um comercial para promover o turismo na Tailândia. Em vez de gravar cenas em diferentes partes do país, ela pode comprar videoclipes de locais na Tailândia que já estão disponíveis em algum desses sites.

Abaixo você encontra uma lista de sites que fazem a venda de videoclipes e animações:

- [Shutterstock](#)
- [GettyImages/iStock](#)
- [Fotolia](#)
- [Alamy](#)
- [Dreamstime](#)
- [Pond5](#)
- [BigStock](#)
- [123RF](#)
- [Nimia](#)
- [VideoBlocks](#)

- [B-rollstock](#)
- [Pixta](#)
- [ArtbeatsExpress](#)
- [Motion Elements](#)
- [Fanfero](#)
- [ClipDealer](#)
- [Dissolve](#)
- [Photodune](#)

Vale mencionar que a venda de clipes de vídeo não é tão comum quanto a de fotografia. Sendo assim, a oferta é menor e talvez seja mais fácil destacar-se. Os valores pagos por videoclipes costumam ser maiores que aqueles pagos por fotos. Portanto, se você trabalha com foto e vídeo, talvez valha a pena concentrar-se inicialmente na venda de videoclipes.

Áudio

Tudo o que já foi dito sobre a venda de fotos e vídeos também se aplica à venda de áudio. Existe uma grande demanda por trilhas sonoras e efeitos sonoros. Os valores pagos costumam ser bons, inclusive tendem a ser maiores que os pagos por fotografias em bancos de imagens.

Se você produz música ou efeitos sonoros, você pode vender em sites taia como:

- [Audiojungle](#)
- [AudioMacro](#)
- [AudioBlocks](#)
- [Shutterstock](#)

- [ClipDealer](#)
- [Fanfero](#)

- [GettyImages](#)

- [iStock](#)

- [Pond5](#)
- [PremiumBeat](#)
- [ProductionTrax](#)

- [123RF](#)
- [Epidemic Sound](#)

Elementos gráficos

Se você é *designer* ou ilustrador, é possível vender suas criações e facilitar a vida de outras pessoas quando elas estiverem criando artigos e peças publicitárias, por exemplo.

Existem diversos tipos de elementos gráficos que você pode colocar à venda, tais como:

- Vetores
- Ilustrações
- Elementos 3D
- Imagens de fundo
- Modelos de brochuras, cartões de visita e cardápios
- Elementos para usar em sites, tais como botões, formulários, barras de navegação, tabelas
- Modelos de apresentações
- Modelos de infográficos
- Ícones
- Fontes
- Logotipos
- Texturas
- Elementos para jogos

Para colocá-los à venda, você pode utilizar *marketplaces* tais como:

- [VectorStock](#)
- [ClipartOf](#)

- [GraphicLeftovers](#)
- [Graphicriver](#)
- [Storyblocks](#)
- [StockFresh](#)

- [Shutterstock](#)

- [iStock](#)

- [Fotolia](#)
- [Alamy](#)

- [Dreamstime](#)

- [Pond5](#)

- [DepositPhotos](#)

- [123RF](#)
- [CreStock](#)
- [FeaturePics](#)
- [RawStockPhoto](#)

Para o caso específico de fontes, você também pode utilizar:

- [MyFonts](#)
- [Fonts.com](#)

Para venda de estampas:

- [RedBubble](#)
- [Threadless](#)

Para vender sua arte:

- [ImageKind](#)
- [SpreadShirt](#)

Modelos para After Effects

Sabe aquelas animações e vinhetas que você vê no início de filmes ou programas de TV? É comum que elas sejam criadas com a ajuda do [Adobe After Effects](#). Ele serve para criar animações e efeitos visuais.

Se você trabalha com o [After Effects](#), você pode criar modelos de animações e vendê-los em sites tais como:

- [Motion Elements](#)
- [Pond5](#)
- [Stockfuel](#)
- [VideoBlocks](#)
- [Videohive](#)

Modelos de documento

Um dia eu estava na frente de um gerente de banco tentando resolver uma daquelas questões burocráticas que não fazem nenhum sentido. A situação não evoluía, até que ele comentou de passagem que a principal dificuldade que eu estava tendo poderia ser resolvida com uma carta formal ao banco. Questionei um pouco mais e fui descobrindo o que deveria haver nessa carta.

Como eu nunca havia escrito uma carta formal daquele tipo, fiz uma busca na internet por um modelo de carta formal. Alguns minutos depois, preenchi as informações que o modelo pedia, adicionei os dados que o gerente do banco pediu e a carta estava pronta.

Situações como essa acontecem com frequência. Você quer viajar e controlar as despesas de viagem, mas não sabe a melhor forma de fazer isso em uma planilha. Basta procurar na internet e você logo encontra um [modelo de planilha de viagem](#).

Você também pode montar um negócio baseado na venda de modelos de documentos. Eles podem ser planilhas, apresentações, cartas, entre outros. Abaixo você encontra exemplos de sites que fazem isso.

- [Minhas Planilhas](#)
- [Excel Prático](#)
- [PlanilhaExcel.com](#)
- [GraphicRiver](#)
- [Creative Market](#)
- [KeynoteZone](#)
- [KeynotePro](#)

Publicidade

Marcos adora viajar. Para ganhar dinheiro enquanto estiver na estrada, ele tem a ideia de investir na criação de um blog de viagem. Quando alcançar uma grande audiência, ele acredita que poderá vender anúncios e artigos patrocinados no blog.

Jornais, revistas, estações de rádio e canais de TV ganhavam fortunas vendendo anúncios. Durante muito tempo, esse modelo de negócio foi lucrativo. As pessoas estavam sempre acompanhando uma ou várias dessas mídias. Para uma marca tornar-se conhecida, era importante anunciar nestes veículos.

A internet mudou tudo. As pessoas passaram a ter acesso a outras fontes de informação. Não demorou para blogs começarem a fazer sucesso e tornarem-se tão relevantes para as pessoas quanto jornais e revistas. Alguns cresceram tanto que puderam começar a vender anúncios caros.

Esse caminho pode funcionar, inclusive é bastante popular, especialmente no mundo das viagens. No entanto, é um dos que têm menos chance de sucesso dentre os que mencionei até o momento. Sim, existem blogs com muita audiência. Alguns dos quais ganham bem vendendo anúncios, porém são raros. É preciso ter uma audiência grande para que marcas se interessem em anunciar em um blog na atualidade.

Criar uma audiência leva tempo e custa caro. É uma tarefa difícil que pode consumir anos de muito esforço. Quando havia poucos blogs, era fácil destacar-se. Hoje em dia, existe uma infinidade de blogs sobre qualquer assunto que se possa imaginar. Isso é particularmente evidente no mundo das viagens. As chances de Marcos destacar-se e transformar seu blog em uma mídia relevante são baixas.

O comportamento das pessoas não para de mudar. Hoje, além de blogs, elas também acompanham canais do YouTube, perfis do Instagram, páginas do Facebook, *podcasts* e outras alternativas. A atenção delas nunca esteve tão fragmentada. Até por isso, meios de comunicação tradicionais perdem receita ano após ano. Eles têm encolhido de tamanho porque os anunciantes não querem mais pagar anúncios caros em poucos veículos de comunicação. Faz mais sentido distribuir a verba publicitária entre diversas publicações menores. Isso inclui blogs, o que é bom para Marcos.

A má notícia é que o número de blogs explodiu com o passar do tempo. Por que uma marca anunciaria com Marcos quando existem tantos outros blogs maiores e melhores? As pessoas também têm lido menos. Elas passam cada vez mais tempo no YouTube. Sendo assim, talvez Marcos deva concentrar-se em criar um canal no YouTube, em vez de investir em um blog.

Isso pode fazer sentido, porém o principal problema permanece o mesmo. Anunciantes se interessam por empresas e pessoas que conseguem atrair uma grande audiência. O difícil é conquistar essa audiência. Não importa se você escolhe blog, YouTube, Instagram ou o que for. Esse é um jogo difícil e demorado. É o que eu menos aconselho para quem deseja tornar-se um nômade digital. Existem inúmeras alternativas melhores que foram descritas anteriormente.

Construir uma audiência é valioso. É útil ter um blog, assim como um canal no YouTube. Da mesma forma que é fundamental criar uma lista de emails o quanto antes. No entanto, essa audiência serve para que você tenha a quem oferecer produtos e serviços. A ideia principal não é ganhar dinheiro com publicidade, embora você também possa ganhar dessa forma. O difícil é viver só de publicidade. Até mesmo pessoas que têm centenas de milhares de assinantes em seus canais do YouTube ganham valores modestos com publicidade. Bem menores do que poderiam ganhar vendendo produtos e serviços para suas respectivas audiências.

Trabalhe para criar uma audiência, seja através de blog, canal do YouTube ou o que for. Só não tente ganhar dinheiro **apenas vendendo publicidade**. Use-a apenas como uma forma de complementar a receita.

Um caminho interessante para quem desenvolve um blog ou um canal no YouTube é trabalhar também como afiliado. Você pode oferecer produtos e serviços para sua audiência e ganhar comissão pela venda deles. Suas chances de ganhar dinheiro dessa forma são maiores do que esperar que alguma marca queira fazer publicidade diretamente com você. Trabalhando como afiliado, você começará a ganhar dinheiro bem mais cedo.

Se você pensou em começar a ganhar dinheiro para ser nômade digital montando um blog, bem-vindo ao clube. A maioria das pessoas pensa em começar assim. Muitos acham até que é algo necessário, porém estão enganados. Ter um blog é divertido se você gosta muito de escrever, porém não é o caminho mais curto para viabilizar uma vida nômade. Existem nômades digitais que vivem como blogueiros, mas isso não significa que você deva fazer o mesmo. Há caminhos melhores e mais rápidos.

Diante da quantidade de blogs que existem na atualidade, se você decidir criar um blog diferenciado, o melhor exemplo a seguir é o do [Viver de blog](#). Assista à palestra [Produção de Conteúdos Memoráveis](#) de seu criador, [Henrique Carvalho](#).

Parte 3

Viagem

Capítulo 7

Próximo destino

Quando você conquista a liberdade de trabalhar de qualquer lugar do mundo e decide colocar o pé na estrada, a primeira pergunta que surge é: **para onde ir?**

Ter a liberdade de ir para onde quiser e quando quiser é fantástico. Porém, em um planeta enorme, com tantos lugares interessantes, por onde começar? Esse dilema não se restringe apenas ao primeiro destino. Ele te acompanha durante toda a vida nômade. Você sempre precisa decidir qual o próximo destino e quanto tempo passará nele.

O planejamento de qualquer viagem começa com duas questões: **para onde ir e quando?** Quem trabalha em um escritório e viaja uma vez ao ano, nas férias, responde essas perguntas com certa facilidade. O período de viagem é o das férias. O local costuma ser um destino turístico conhecido. Se há pouco tempo para viajar e só se pode fazê-lo uma vez ao ano, é melhor escolher um destino popular, que tenha grandes chances de agradar.

Para quem é nômade digital, a decisão não é tão simples. É preciso adotar alguns parâmetros para decidir por onde começar e quais serão os próximos destinos. Descreverei a seguir algumas das decisões que tomamos para você compreender a lógica que usamos.

Exemplos das escolhas que fizemos

Quando saímos do Brasil, no fim de 2010, nosso plano era apenas mudar para Buenos Aires. Não pretendíamos virar nômades digitais. Nem conhecíamos este conceito.

Tomamos contato com essa ideia em nosso primeiro mês na Argentina. Como ainda não havíamos alugado nenhum imóvel de maneira permanente e já tínhamos todos os pré-requisitos para viver de forma nômade, decidimos experimentar e nunca chegamos a nos fixar em Buenos Aires, como era o plano original.

Eu já trabalhava online e podia tocar meu negócio de onde estivesse. Pati era fotógrafa de casamento. Ela havia agendado alguns casamentos no Brasil ao longo do ano de 2011. Teríamos de ir ao Rio a cada um ou dois meses ao longo do ano.

Essa restrição foi o primeiro parâmetro que usamos para decidir os destinos que visitaríamos naquele ano. Diante de nós, tínhamos algum tempo até o primeiro casamento do ano. Era suficiente para fazer uma pequena viagem pela Europa.

Escolhemos viajar de carro pela Espanha, Sul da França e Norte da Itália. Na volta ao Brasil, para que Pati fotografasse os casamentos do ano, percebemos que seria melhor ficar pela América do Sul nos meses seguintes.

O intervalo entre um casamento e outro seria menor. Teríamos apenas um mês nos melhores casos. Tínhamos muitas milhas acumuladas na [Gol](#) e na [TAM](#) (que agora chama-se [LATAM](#)) porque nossos cartões de crédito são associados aos programas de milhagem dessas companhias.

Decidi usar as milhas da maneira que fosse mais proveitosa possível. Essas foram as questões que levantei: **para quais destinos essas companhias aéreas voam na América do Sul? Qual o destino cuja passagem seria mais cara caso pagássemos por ela?**

Naquele momento, a resposta era Bogotá, na Colômbia. Usar as milhas para esse destino fazia sentido porque geraria a maior economia possível se comparado ao que pagaríamos caso não as usássemos.

No intervalo seguinte, entre um casamento e outro, usei o mesmo raciocínio. Dessa vez, a resposta foi Caracas, na Venezuela. Ir para lá seria o melhor uso de nossas milhas.

Fazendo esse exercício, fomos gastando todas as milhas disponíveis e visitamos o Chile, o Uruguai e a própria Argentina em diferentes momentos de 2011, além da Colômbia e da Venezuela. Os parâmetros que usamos no primeiro ano, portanto, foram a limitação de um ou dois meses fora do Brasil, a cada viagem, e a melhor forma de usar as milhas.

Percebemos que não conseguiríamos viajar para destinos mais distantes nos anos seguintes se Pati mantivesse essa programação de um casamento por mês no Rio, então mudamos de estratégia. A partir de 2012, iríamos ao Brasil apenas uma vez por ano, de setembro a novembro, porque é um dos períodos menos quentes no Rio. Pati agendaria tantos casamentos quanto

pudesse nesses meses e poderíamos ficar nove meses fora do país. Isso nos daria a chance de conhecer qualquer lugar do mundo.

O problema era decidir para onde ir entre dezembro de 2011 e agosto de 2012. Era difícil porque não conhecíamos a maior parte do planeta. Sentimos a necessidade de ter uma noção básica de mundo, até mesmo para que esse conhecimento nos ajudasse a decidir onde passar mais tempo nos anos seguintes. Para resolver isso, optamos por fazer uma volta ao mundo. Compramos uma passagem de volta ao mundo que começava em Buenos Aires, no início de dezembro de 2011 e terminava no mesmo lugar, em agosto de 2012.

Precisávamos tirar o visto do Japão no Rio. Não poderíamos tirá-lo em outro lugar do mundo devido às regras consulares do país. Isso definiu o sentido da volta ao mundo. Seguiríamos sempre para oeste.

Fomos primeiro para a Oceania, onde visitamos a Austrália e a Nova Zelândia. Em seguida, fomos para a Ásia, começando pelo Japão. Visitamos também alguns dos principais destinos da Ásia, tais como China, Índia, Coreia do Sul, Taiwan, Hong Kong, Tailândia e Malásia.

Seguimos viagem para o Oriente Médio, onde começamos pelos Emirados Árabes Unidos. Fomos também para a Jordânia, Líbano, Israel e Egito. Infelizmente não pudemos visitar a Síria porque os conflitos já estavam começando por lá. Encerramos a viagem na Europa, onde fomos para Chipre, Grécia e Inglaterra.

Visitamos uma infinidade de países e cidades nessa volta ao mundo. Londres e Buenos Aires foram as únicas que já conhecíamos previamente. Todas as demais foram novidade.

Essa viagem foi vital porque nos deu uma excelente visão de mundo bem no início de nossa vida nômade. Ela nos ajudou a entender as características básicas de cada parte do mundo, o que nos levou a escolhas mais acertadas nos anos seguintes.

Durante a volta ao mundo, nosso ritmo foi intenso. Ficamos menos de um mês em cada lugar. Em alguns casos, mal chegou a uma semana. O trabalho fluiu, mas foi prejudicado pelo ritmo das viagens.

Retornamos ao Brasil, Pati trabalhou nos casamentos por três meses e as coisas funcionaram bem dessa forma. Adotamos essa estratégia para os anos seguintes. Sempre ficar nove meses fora e três ou quatro no Brasil para os trabalhos fotográficos.

Começamos a viajar mais devagar em 2013. Optamos por conhecer alguns poucos lugares novos e dedicar mais tempo ao trabalho. Fomos inicialmente para a Turquia, onde passamos três meses. Em seguida, visitamos a Geórgia rapidamente, apenas com o objetivo de ter uma visão geral. A Geórgia era um destino conveniente naquele momento. É vizinha da Turquia e havia voos baratos para lá partindo de Istambul.

Tínhamos de ir para a Alemanha para tomar o voo de volta para o Brasil. Aproveitamos a oportunidade para visitar alguns amigos em Berlim. Pati fez um casamento no Brasil e fomos para a Argentina, onde passamos os meses seguintes dedicados ao trabalho. Escolhemos ir para lá pela proximidade com o Brasil e o desejo de passar mais tempo em Buenos Aires. Afinal, foi a cidade que nos motivou a partir do Brasil. Seria a primeira vez que passaríamos uma temporada de alguns meses por lá.

Voltar a uma cidade da qual a gente gosta é um dos maiores prazeres dessa vida nômade. O retorno é sempre especial porque a gente tem a chance de matar a saudade de lugares, comidas e amigos que já não víamos há tempo.

Adoramos o período de dois meses que passamos em Istambul. A cidade tornou-se uma de nossas favoritas no mundo. Foi o que nos fez querer voltar no ano seguinte, além da decisão de rever amigos queridos e permitir que Pati fotografasse o casamento de Cenk e Anna, nossos melhores amigos em Istambul.

Começamos o ano de 2014 escolhendo uma parte do mundo para passar todo o ano. Optamos por ficar na Europa e só viajar dentro dela. Passar o ano em um único continente é vantajoso porque o esforço e o custo necessário para alcançá-lo só ocorre uma vez no ano. A partir de então, você passa a fazer deslocamentos menores entre um país e outro, o que otimiza o tempo, as finanças e o esforço.

Na Europa, queríamos retornar a lugares que já conhecíamos com o propósito de desfrutar deles e dedicar mais tempo ao trabalho. Também queríamos explorar novos lugares. Especialmente para identificar cidades que pudessem ser boas bases para nós nos anos seguintes.

Ainda não conhecíamos o Leste Europeu. Era uma parte do mundo que parecia ter muito potencial. Além disso, era suficientemente pequena para ser visitada facilmente usando transporte terrestre.

Começamos 2014 em Istambul, onde matamos as saudades e nos dedicamos ao trabalho. Em seguida, partimos para uma expedição de três

meses e meio que cobriu todos os países do Leste Europeu e duas cidades da Rússia: Moscou e São Petersburgo.

Foi um ritmo semelhante ao que tivemos durante a volta ao mundo. Passamos apenas algumas semanas ou poucos dias em cada destino. Conseguimos trabalhar, porém a produtividade ficou prejudicada.

A boa notícia é que aprendemos muito e descobrimos a parte do mundo que melhor se alinha a nossos gostos pessoais. Essa rápida viagem pelo Leste Europeu foi uma das mais importantes que já fizemos porque identificamos cidades onde provavelmente passaríamos mais tempo nos anos seguintes.

Ao final dessa viagem, equilibramos as coisas voltando mais uma vez para Buenos Aires por alguns meses. Lá, colocamos o trabalho em dia e nos preparamos para mais uma temporada de casamentos de Pati no Rio. A sua última.

No fim de 2014, saímos do Brasil sem passagem de retorno. Foi a primeira vez que saímos sem prazo para voltar, já que Pati optou por encerrar sua carreira como fotógrafa de casamento no país.

Decidimos dividir o ano de 2015 entre dois continentes: Europa e Ásia, com uma breve passagem pela África. Fomos inicialmente para Portugal, onde passamos dois meses no Porto, dedicados ao trabalho.

Enquanto estávamos lá, surgiu a oportunidade de participar de uma conferência importante em Singapura. Teríamos que encurtar nossa estadia em Portugal, que havíamos programado para três meses, e ir para a Ásia mais cedo que o esperado.

Como estávamos próximos do Marrocos e tínhamos muita curiosidade de conhecê-lo, arrumamos os planos de modo que pudéssemos passar duas semanas lá antes de ir para a Ásia. Nesse caso, o que influenciou nossa decisão foi a proximidade do destino, facilidade de alcançá-lo e até mesmo o momento do ano.

Estávamos no inverno, o que era ótimo para uma visita ao Marrocos. No verão, o calor é excessivo. Como preferimos lugares mais frios, visitar o Marrocos no inverno seria a opção ideal para nós.

Depois disso, o plano era passar sete meses no sudeste asiático. Além de Singapura, queríamos passar um tempo maior na Tailândia, que já conhecíamos, além de visitar outros lugares que são bem frequentados por nômades digitais, tais como Filipinas, Vietnã, Indonésia, Cambodia e Laos.

Em seguida, passaríamos períodos maiores nas cidades do Leste Europeu das quais mais havíamos gostado.

Depois da conferência em Singapura, fizemos uma pequena visita de negócios a Hong Kong e seguimos para Chiang Mai, na Tailândia, onde nos fixamos por três meses.

Essa foi uma má escolha, fruto de uma falha de planejamento. Desde que saímos de Portugal, tudo ficou muito corrido e mal consegui tempo para fazer a pesquisa que sempre faço sobre cada destino. O preço foi alto e teve de ser pago por mais de um ano.

Fomos para Chiang Mai no pior momento possível. Existe um período do ano que é chamado de *burning season* (estação das queimadas). É uma época em que fazendeiros do norte da Tailândia e outros países próximos fazem queimadas em suas terras para prepará-las para a lavoura seguinte.

É uma prática péssima, que compromete a qualidade do ar de vários países da região por dois a três meses. Foi justamente nesse período que fomos para Chiang Mai, onde convivemos com um ar imundo e uma realidade deprimente.

As coisas não fluíram bem por lá. Pati adoeceu e começou a enfrentar diversos problemas de saúde. Tampouco gostamos de lá. Percebemos que o sudeste asiático não é nossa cara. Mudamos de planos e retornamos para a Europa mais cedo.

Neste processo, perdemos passagens aéreas e tivemos de fazer gastos que não estavam previstos. Tivemos de fazer inúmeras visitas a hospitais, por exemplo. Foi um período difícil, que ilustrou o quanto as coisas podem dar errado nesse tipo de vida.

Voltamos para a Europa porque estávamos insatisfeitos com o Sudeste Asiático e acreditávamos que teríamos dias mais felizes no velho continente. Começamos por Sófia, na Bulgária. Visitamos a cidade no ano anterior durante nosso tour pelo Leste Europeu. Percebemos que seria uma boa base e um ótimo lugar para Pati se tratar.

Também sabíamos que era uma cidade que não sofria com temperaturas excessivas durante o verão europeu. A Europa engana. É um lugar onde faz muito frio no inverno, mas onde também faz muito calor no verão. Com o agravante de que a maioria das cidades não está preparada para altas temperaturas.

Sabíamos que Sófia era um lugar que mantinha uma temperatura razoável durante todo o verão. Por isso, preferimos ir para lá. Foi uma

decisão acertada, depois de tantos erros e atropelos nos meses anteriores.

Depois de Sófia, fomos para Bucareste, na Romênia. Nós a escolhemos pela mesma razão. A breve visita do ano anterior mostrou-nos que seria uma excelente base. E foi mesmo. Além disso, a Romênia fica ao lado da Bulgária.

Sófia e Bucareste são lugares perfeitos para trabalharmos e curtirmos a vida. De fato, são algumas de nossas cidades preferidas nessa parte do mundo. Não são particularmente atrativas para fazer turismo, se comparadas a outros lugares da Europa, porém têm uma infraestrutura excelente, que favorece nosso trabalho. Além disso, as pessoas são extraordinárias.

Depois de Bucareste, fomos para Catânia, na Sicília, às vésperas do início do inverno. Optamos pelo Sul da Itália porque imaginamos que o inverno seria menos rigoroso por lá. Também havia vários lugares interessantes para conhecer na região.

Essa também foi uma decisão ruim. Embora tenhamos acertado na escolha do apartamento, erramos na cidade, país e momento do ano.

As temperaturas eram amenas. Entretanto, justamente por isso, as pessoas não investem em infraestrutura para lidar com o inverno. O apartamento não contava com um bom isolamento térmico nem aquecedor.

Durante a noite, era comum as temperaturas ficarem bem abaixo dos dez graus. Passamos frio dentro do apartamento. Vivenciamos algo semelhante um ano antes, em Portugal, porém nos esquecemos.

Os problemas de saúde da Pati, que pareciam ter sido resolvidos na Romênia, retornaram com força total. Fomos a uma médica e a experiência foi péssima. Percebemos o problema que teríamos se Pati tivesse de continuar a buscar atendimento médico na Itália.

Depois de muitos aborrecimentos, mudamos os planos novamente e voltamos para Sófia, onde sabíamos que Pati poderia receber um tratamento apropriado, em um excelente hospital.

Durante nossa jornada, convivemos com diversos dilemas. Queremos e precisamos dedicar tempo ao trabalho, contudo também queremos conhecer melhor e desfrutar dos lugares pelos quais passamos.

Somos curiosos. Queremos visitar novas cidades e países. Porém, também queremos retornar às cidades de que mais gostamos e passar mais tempo em cada lugar, de modo que possamos nos dedicar ao trabalho.

Até por isso, você percebe em nossa história que mesclamos períodos de reconhecimento, em que visitamos vários lugares rapidamente, com outros nos quais ficamos parados por meses em um único lugar.

O período de reconhecimento nos educa sobre o mundo. O período fixo em um único lugar nos permite trabalhar de forma produtiva. Cada nômade digital precisa encontrar uma forma de **equilibrar** essas coisas.

Descrevi tudo isso para que você compreenda os tipos de decisões que tivemos de tomar pelo caminho, bem como os fatores que influenciaram tais decisões. O importante aqui é entender que você precisa estabelecer algumas **restrições** para facilitar a escolha dos destinos. Por exemplo, você pode escolher passar um ano na Ásia e outro na Oceania. Ou pode querer começar pela América do Sul para fazer um primeiro experimento mais próximo do Brasil. Ou pode querer começar por um país particularmente barato e por aí vai. Sem restrições, é difícil tomar uma decisão sobre destino.

Uma vez que você tenha estabelecido algumas restrições, passa a ser possível começar uma pesquisa mais aprofundada sobre destinos candidatos. Planejamento é vital para quem vive como nômade digital.

Critérios para a escolha do próximo destino

Esses são alguns dos parâmetros importantes na hora de escolher o próximo destino:

- Distância
- Tipos de transporte disponível
- Custo de deslocamento
- Tempo de deslocamento
- Estação do ano
- Alta ou baixa temporada
- Eventos e festivais
- Fuso horário
- Custo da acomodação
- Custo de alimentação
- Custo de transporte
- Infraestrutura para o trabalho

- Idioma
 - Pessoas
 - Interesse turístico
 - Segurança
 - Imigração
 - Destino seguinte
-
- Retorno ao Brasil
-
- Atendimento médico
 - Acessibilidade

Distância

Quanto mais distante o destino, mais tempo é necessário para alcançá-lo. E, no geral, maiores os custos para chegar até ele. Visitar um lugar distante depende de sua disponibilidade de tempo e dinheiro, além do interesse pelo lugar.

No nosso primeiro ano, tínhamos que voltar ao Brasil e passar um fim de semana no Rio a cada um ou dois meses. Era tempo suficiente para ir a qualquer lugar do mundo e voltar, porém curto se optássemos por destinos mais distantes. Essa limitação de tempo fez com que algumas opções fossem inconvenientes.

Viajar do Brasil para a Oceania, por exemplo, é caro, demorado e cansativo. Se você vai para um destino tão distante, o ideal é que passe um tempo maior. Assim, você pode conhecer vários lugares na região. Isso otimiza seu tempo e dinheiro.

Em linhas gerais, faz sentido limitar os deslocamentos entre um continente e outro ao longo de um ano. Se você escolhe um ou dois continentes e passa vários meses em cada um deles, o tempo, custo e esforço para se mover entre eles é diluído ao longo do ano.

Uma vez dentro de um continente, as distâncias com as quais você lida são menores. Isso permite que você se mova entre diferentes países e cidades com custos menores, além de lhe dar acesso a mais opções de transporte.

Tipos de transporte disponível

Para mover-se de um continente a outro, tipicamente é necessário tomar um avião. Entretanto, dentro de um continente ou país, as opções costumam ser mais amplas. Quanto mais opções você tem, maiores as chances de achar uma que se encaixe em seu orçamento e preferência de meio de transporte.

Custo e tempo de deslocamento

Esses são critérios que estão diretamente ligados à distância e ao meio de transporte a ser usado.

Estação do ano

Eu e a Pati moramos em Niterói por muito tempo. É um lugar quente. Muito quente. Cansamos de calor e passamos a detestá-lo. Ele é ótimo quando a gente quer ir à praia. No restante do tempo, só gera desconforto. Portanto buscamos lugares frios. Quem vem de lugares frios, por outro lado, quase sempre busca lugares quentes.

Essa questão é importante. É preciso se conhecer. É ruim passar um tempo em um lugar que lhe parecesse excessivamente desconfortável, seja porque é frio ou quente demais.

Em alguns lugares do mundo, a escolha da estação do ano é a diferença entre uma experiência agradável e uma desastrosa. Por exemplo, visitamos o Marrocos no inverno. Foi uma sábia decisão. O Marrocos é um destino popular entre os turistas. A maior parte deles visita no verão. É um período em que o país fica excessivamente quente e saturado de turistas. Tudo fica mais caro e desconfortável.

O inverno, por sua vez, conta com temperaturas amenas e um número menor de turistas. Isso é o que permitiu que tivéssemos uma boa experiência no país. Se tivéssemos visitado no verão, teria sido um desastre para nós. Nossas impressões seriam completamente diferentes.

A Rússia é um lugar frio na maior parte do tempo. No inverno, as temperaturas são glaciais. O excesso de neve torna o dia a dia mais complicado. Nós a visitamos no fim da primavera, quando as temperaturas

eram baixas, mas nem tanto. A experiência foi excelente. Provavelmente teria sido ruim se tivéssemos optado pelo inverno.

Não é só a temperatura que importa. Tem também as chuvas, entre outras questões. No Sudeste Asiático, por exemplo, existem lugares que contam com uma estação seca e outra chuvosa. Nessa última, chove muito, quase todos os dias. Isso compromete os passeios e atrapalha a vida de quem visita.

Em Chiang Mai, na Tailândia, existe uma estação das queimadas, como já comentei. É um período horrível, em que não vale a pena visitar a cidade.

Esses são apenas alguns exemplos de como a estação do ano pode afetar a viagem para um determinado lugar. É uma questão séria que você precisa sempre levar em consideração em seu planejamento.

Alta ou baixa temporada

Em locais turísticos, costuma existir um período de alta temporada e outro de baixa. Isso muitas vezes está ligado à estação do ano. Verão costuma ser alta temporada em quase todos os lugares. É quando as pessoas costumam tirar férias.

Em uma escala menor, também há diferença entre visitar um lugar durante a semana ou no fim de semana. A noite de sábado costuma ser a mais disputada para acomodação, já que é quando a maioria das pessoas pode ficar longe de casa sem se preocupar em ir para o trabalho no dia seguinte, ainda que não esteja de férias. A situação é ainda pior nos casos de feriados prolongados, tais como Páscoa e outros feriados de origem religiosa.

Visitar uma cidade com perfil mais turístico durante a alta temporada, ou no fim de semana, ou em um feriado prolongado, tem diversas implicações ruins. Os custos de acomodação aumentam porque a procura é maior. E, em algumas cidades, o excesso de turistas atrapalha a visita.

Nômades digitais podem escolher para onde ir e quando ir. Eles não são obrigados a viajar apenas nos fins de semana ou na época das férias. Isso lhes permite escolher o melhor momento para visitar cada lugar.

No nosso caso, tentamos sempre visitar cidades turísticas na baixa temporada. Além disso, se formos passar poucos dias, evitamos fins de semana e feriados.

Eventos e festivais

Muita gente tem o desejo de visitar o Rio durante o Carnaval. Só que é preciso ter disposição e dinheiro porque o valor da acomodação sobe demais nesse período. O mesmo acontece em outros períodos festivos, no Brasil e em outras partes do mundo.

É importante incluir em suas pesquisas uma verificação do calendário de festividades da cidade que você pretende visitar. Do ponto de vista de custos, o ideal é evitar a visita em períodos de grandes eventos, a menos que o motivo da visita seja participar deles.

Em particular, fique atento ao período de Natal e Ano Novo. É um momento do ano em que muita gente viaja no mundo inteiro. As locações costumam ficar mais caras, mesmo em cidades que não sejam turísticas. Uma forma de evitar preços mais altos é ter uma estadia mais longa que inclua, no meio dela, o Natal e o Ano Novo. Dessa forma, você consegue negociar um valor melhor de locação e o proprietário aceita que você pague um valor mais baixo no Natal e Ano Novo pelo fato de estar pagando por uma estadia mais longa.

Fuso horário

O fuso horário é um item importante para muitos nômades digitais que precisam se manter em contato com seus clientes, empregadores ou funcionários. É o caso, por exemplo, de quem precisa cumprir uma carga horária específica, atrelada ao fuso horário de uma cidade em particular.

Para entender essa questão, pense em uma pessoa que trabalha remotamente para uma empresa no Brasil e precisa estar online, para conversar com seus colegas de trabalho, entre às 9h e às 18h de Brasília. Se essa pessoa estiver passando uma temporada em Bangkok, na Tailândia, ela terá de trabalhar das 19h às 4h da manhã do dia seguinte, dependendo da época do ano. Existe variação quando o Brasil muda para o horário de verão.

Isso pode ser um problema ou uma dádiva. Depende das preferências de cada um. Para a maior parte das pessoas, trabalhar durante a noite e a madrugada é um inconveniente, já que preferiam estar relaxando e dormindo nesse horário.

Outras pessoas são mais produtivas à noite. Essas podem se beneficiar de uma diferença de fuso horário maior. Tanto do ponto de vista de trabalho, quanto de passeios. Pode-se passear durante o dia sem nenhuma preocupação com o trabalho, já que todos estarão dormindo no Brasil.

Se seu trabalho está atrelado a um fuso horário específico, você precisa ter cuidado na hora de escolher os destinos. O ideal é passar mais tempo em lugares onde o fuso favoreça seu trabalho, assim como seus passeios.

Na parte da Europa em que estou escrevendo esse trecho do livro, estamos cinco horas à frente do horário de Brasília. Isso significa que o expediente de trabalho no Brasil só começa no início da tarde daqui. Portanto, posso usar a manhã livremente para passear ou produzir sem me preocupar com nada que aconteça no Brasil. Isso é excelente para mim, já que sou mais produtivo de manhã e sei que posso trabalhar sem nenhuma interrupção.

Custo da acomodação

Acomodação é um dos maiores custos na vida nômade. Quem tem um orçamento limitado precisa ter atenção redobrada com esse item antes de optar por algum destino.

Valores de locação variam bastante em qualquer cidade do mundo. Eles dependem de localização, qualidade do imóvel, comodidades disponíveis e assim por diante. Porém o que mais afeta o valor da locação é a escolha da cidade e do país.

O custo de vida pode variar drasticamente entre um país e outro. A Inglaterra, por exemplo, é bem mais cara que a Tailândia. Por mais cuidadosa que seja sua pesquisa, uma locação na Inglaterra quase sempre será mais cara que na Tailândia, por exemplo.

O mesmo acontece dentro de cada país. O custo de vida nas capitais frequentemente é maior que em cidades menores, no interior. Portanto, o fator que mais pode lhe ajudar a economizar na acomodação é a escolha cuidadosa do destino.

Se o seu orçamento é limitado, pesquise os preços da acomodação antes mesmo de comprar a passagem para algum destino.

Custo de alimentação

Esse é outro fator que você também precisa pesquisar com antecedência. Se seu orçamento é limitado e você cozinha, é importante ter uma noção básica dos preços dos itens nos supermercados. Se você não cozinha e precisa comer fora com frequência, é preciso ter noção dos preços dos restaurantes.

Comer fora quase sempre é mais caro que comer em casa. Porém isso varia bastante de lugar para lugar. Na Itália, por exemplo, comer em restaurante todo dia é para poucos. O custo é muito alto se comparado ao dos itens nos supermercados. Na Bulgária, por outro lado, essa diferença é menor, o que torna as idas aos restaurantes mais atrativas. Já em Chiang Mai, na Tailândia, preparar a comida em casa quase sempre mais caro que comer fora, já que a comida é muito barata nas ruas, até porque a qualidade não é das melhores.

Custo de transporte

O custo do transporte urbano pode ser um problema para quem viaja com orçamento limitado. Às vezes, você até consegue encontrar uma acomodação com um valor que caiba no orçamento, porém ela fica distante do centro, o que leva à necessidade de usar o transporte público com frequência.

Em alguns lugares isso é desastroso porque o transporte público é excessivamente caro. Isso ocorre em vários lugares da Europa Ocidental, por exemplo.

Infraestrutura de trabalho

Acesso à internet é um dos itens mais importantes para quem é nômade digital. Felizmente está disponível em quase todas as partes do mundo.

O nível de dependência da internet varia de acordo com o trabalho que você faz. Por exemplo, um escritor não precisa estar conectado à internet o tempo todo, mas quem trabalha com a bolsa de valores precisa.

Quem trabalha com geração de conteúdo e tradução não precisa transferir grandes quantidades de dados. Já quem trabalha com foto e vídeo precisa.

A infraestrutura de acesso à internet varia bastante entre diferentes países e cidades. Em alguns lugares, não importa onde você esteja

acomodado, a velocidade de acesso é baixa porque a infraestrutura da cidade é precária.

Em outros, existem limites de dados. Você só pode transferir uma certa quantidade de informações por mês. Se ultrapassar, a velocidade é reduzida ou você paga algum tipo de multa para continuar acessando com a velocidade normal. Isso ocorre na Austrália e na Nova Zelândia, por exemplo. Embora sejam países desenvolvidos, a infraestrutura de acesso à internet costuma ser cara e conta com limites de dados. Descobrimos isso da pior forma possível, quando já estávamos visitando esses lugares.

Pati precisava transferir milhares de arquivos de fotos para sua funcionária, que estava na Argentina. Eram arquivos originais, cujos tamanhos individuais eram grandes. Ela logo descobriu que isso não era possível, já que as conexões tinham limites de dados relativamente baixos. Não foi um problema para mim, que preciso transferir poucas informações, mas foi uma imensa dor de cabeça para ela.

Existem países em que a internet é filtrada e o acesso a alguns sites é proibido. Isso ocorre na China, Emirados Árabes Unidos, Turquia e muitos outros. É um inconveniente que pode ser contornado com o uso de uma [VPN](#), sobre a qual falarei em mais detalhes em outra parte do livro.

Na hora de escolher seu destino, você precisa pensar em suas necessidades de acesso à internet e na infraestrutura oferecida pelo lugar. Alguns países desenvolvidos, por exemplo, oferecem condições piores do que você imaginaria.

É fundamental que você tenha acesso à internet no apartamento, albergue, hotel ou qualquer outro tipo de acomodação que tenha escolhido. Também é relevante pesquisar a disponibilidade de acesso em cafés e restaurantes da cidade, bem como através de redes móveis (3G ou 4G).

Se sua necessidade de conexão é crítica, é importante ter outras opções de acesso à internet e não ficar limitado apenas àquela oferecida em sua acomodação. Afinal, ela pode não funcionar por alguma razão e você precisa ter alternativas.

Cafés com Wi-Fi livre costumam ser importantes nesse sentido. Mesmo assim, é preciso ter alguns cuidados. Quando estivemos em Belgrado, na Sérvia e em Tbilisi, na Geórgia, descobrimos que seria impossível trabalhar a partir dos cafés, por mais que eles fossem abundantes e tivessem Wi-Fi disponível.

Nessas cidades, as pessoas fumam muito, inclusive em ambientes fechados. Não há distinção entre área de fumantes e não-fumantes. É permitido fumar em todos os lugares. Como visitamos no inverno, não dava para ficar do lado de fora porque o frio era excessivo. Tampouco era possível ficar trabalhando do lado de dentro porque a fumaça de cigarro tornava o ambiente insalubre.

Descobrir essas questões é parte do que torna a vida nômade interessante. Entretanto, quando seu trabalho está em jogo, é ruim ser surpreendido com esse tipo de problema. Melhor mesmo é pesquisar bastante, com antecedência, e assegurar que você tenha acesso a uma boa conexão com a internet.

Em alguns casos, a solução é trabalhar em espaços de *coworking*. Em outros, o que salva é a internet móvel. Vale a pena pesquisar também as condições de acesso à internet através do celular. Quanto custam os pacotes de dados nas operadoras locais? Elas permitem que seu celular compartilhe a conexão?

Quando moramos na Cracóvia, por exemplo, a Orange oferecia um chip pré-pago que não custava nem dois euros e dava acesso ao 4G com limite de 100GB de dados. Era mais do que suficiente para um mês de trabalho e a conexão podia ser compartilhada com outros dispositivos. Era até melhor que a do nosso apartamento.

Existem muitas cidades excelentes no mundo inteiro em que a infraestrutura de acesso à internet de casa é ótima e a disponibilidade de cafés com Wi-Fi é vasta. Estar conectado à internet é algo cada vez mais fácil a cada dia que passa. Assim mesmo, pesquise. Não assuma que tudo funciona bem no destino que deseja visitar.

Idioma

Você não morre de fome se não conseguir trocar uma palavra com as pessoas de uma cidade. Sempre tem alguém disposto a lhe vender comida se você fizer um pouco de mímica e apontar o que deseja comer. Entretanto, não se pode negar que tudo fica mais complicado quando você não consegue dialogar com as pessoas.

São poucos os países em que o inglês é o idioma nativo. Porém ele é estudado como segundo idioma em tudo quanto é lugar do mundo. É a ferramenta mais importante à disposição de quem viaja.

Conseguimos achar pessoas que falavam inglês, ainda que minimamente, em quase todos os lugares em que passamos pelo mundo. Em alguns casos, entretanto, foi bem difícil.

O Japão, por exemplo, foi um lugar em que dificilmente encontrávamos alguém que falasse inglês. Curiosamente, alguns países da Europa Ocidental também são um desastre nesse sentido.

Usar o inglês na França, Espanha e Itália pode ser mais desafiador do que se imagina. Assim como é difícil para estrangeiros usar o inglês quando visitam o Brasil.

Se você quer interagir com as pessoas do lugar que visitará, se quer fazer amigos e se inserir, ainda que minimamente, na sociedade local, é bom que consiga comunicar-se, mesmo que apenas em inglês.

O fato de o inglês não ser a língua nativa do lugar não é um problema em si. A grande questão é o quanto a população local está habilitada a usar o inglês como segundo idioma. Em alguns lugares, essa taxa é maior do que se imagina.

O caso da Romênia é emblemático. Em Bucareste, por exemplo, praticamente todas as pessoas com as quais interagimos falavam inglês. No geral, falam inglês muito bem, ainda que esse não seja o idioma nativo.

Além do inglês, alguns outros idiomas podem ser úteis para quem viaja com frequência. O espanhol cobre a maior parte do continente americano. Como brasileiro, você consegue se comunicar razoavelmente com alguém que só fale espanhol, sobretudo se ambos falarem devagar.

O russo é o segundo idioma que grande parte das pessoas adota no Leste Europeu e nos países da Ásia Central, que estão ao redor da Rússia. É uma parte do mundo em que os mais jovens estão estudando inglês atualmente, porém os mais velhos sempre falam russo. O árabe é útil em todos os países do oriente médio, porém é difícil de aprender. Até mais que o russo.

Se você fala algum desses idiomas, além do inglês, sua vida será mais fácil em diversos lugares. Porém, se você fala apenas português, não se assuste. Isso não te impede de viajar e viver como nômade. Tanto é que tem brasileiros que vivem dessa forma e não falam nem inglês. É mais difícil, mas não impossível.

Pessoas

Eu e Pati adoramos fazer amigos. Conhecer as pessoas do lugar que visitamos é uma de nossas maiores prioridades. Existem pessoas maravilhosas no mundo todo. No entanto, não podemos negar que a facilidade de fazer amigos varia bastante de um lugar para outro. No Brasil, as pessoas fazem amizade com facilidade. Em outros lugares, as coisas são diferentes.

Isso é o que faz alguns brasileiros acharem outros povos mais frios, especialmente os de países mais desenvolvidos. Isso não é necessariamente verdade, porém devo admitir que raros são os lugares onde fazer amigos é tão fácil quanto no Brasil. Inclusive, isso encanta os estrangeiros que visitam nosso país.

Um dos grandes desafios para fazer amigos é o idioma. Às vezes, até mais do que a simpatia dos locais. Quando estávamos em Chiang Mai, por exemplo, tivemos a chance de conhecer muita gente. Os tailandeses são simpáticos, porém têm dificuldade com o inglês. É uma língua bem distante da deles. Fizemos muitos amigos lá, mas poucos eram tailandeses. Quase todos eram estrangeiros que também estavam vivendo lá.

Além disso, a diferença cultural é enorme. Estabelecer laços de amizade envolve algum nível de afinidade. Quando as culturas são tão distantes, é mais difícil encontrar afinidade.

Se você se interessa mais por pessoas que por pontos turísticos, como é o nosso caso, vale a pena pesquisar um pouco mais sobre elas na hora que estiver escolhendo os próximos destinos.

Interesse turístico

Se o que você busca é conhecer lugares lindos e visitar locais turísticos, alguns destinos farão mais sentido que outros. A maioria das cidades não é atraente do ponto de vista turístico.

Segurança

Segurança é um fator importante para todo mundo e particularmente valorizado por quem, como nós, vem do Brasil. Felizmente, a maior parte do mundo é segura.

O nível de violência que estamos acostumados a ver em muitas cidades brasileiras e latino-americanas não encontra paralelo em outras partes do

mundo. Muitos lugares surpreendem pelo nível de segurança, embora sejam pouco conhecidos e relativamente pobres. É o caso, por exemplo, do Leste Europeu e de boa parte da Ásia.

Imigração

Sua escolha de destino também precisa levar em conta as regras de imigração. O que mais importa nesse sentido é quanto tempo você pode ficar no país como turista.

A outra questão fundamental é se você precisa aplicar para um visto de turista antes da visita. Se isso for necessário, é preciso verificar os custos e quais são os procedimentos.

Destino seguinte

Para onde você deseja ir depois do próximo destino? Se possível, é interessante que seu próximo destino seja conveniente para que você alcance o que deseja visitar em seguida.

Por exemplo, suponha que seja o mês de abril e você tenha de participar de uma conferência de trabalho em Berlim, em outubro. Você está no Brasil e quer decidir o próximo destino. Embora você possa ir para qualquer lugar do mundo, dado que você deverá estar na Alemanha seis meses depois, pode fazer sentido ir agora para outra parte da Europa, ou para lugares nas proximidades, como Marrocos, Turquia e Rússia. Isso facilitará sua vida quando tiver de ir para a tal conferência.

Retorno ao Brasil

Esse aspecto é semelhante ao anterior. Se você tem compromissos agendados no Brasil em um futuro próximo ou teme que seja necessário retornar ao país antes do previsto, é preciso considerar também o quão fácil e rápido será fazê-lo a partir do próximo destino.

Esse era um ponto que costumava influenciar nossas decisões de destinos, já que Pati tinha que estar no Brasil entre setembro e novembro para a temporada em que fotografava casamentos no Rio.

Atendimento médico

Se você sofre de algum problema de saúde ou precisa visitar médicos com frequência, é importante incluir nas pesquisas o nível de atendimento médico dos possíveis destinos que deseja visitar.

Acessibilidade

Se você tem algum tipo de deficiência física que te force a utilizar cadeira de rodas ou limite sua mobilidade, é importante estudar o quão acessível os possíveis destinos são. Lamentavelmente, a maior parte das cidades ao redor do mundo são inadequadas para quem enfrenta problemas de mobilidade. É possível contorná-los em diversos lugares, mas existem outros que são um verdadeiro pesadelo.

Pesquisa de viagem

Os jornais brasileiros publicam as mesmas manchetes todos os anos na época das provas do [ENEM](#). Fotos e histórias de estudantes que chegaram atrasados, encontraram os portões fechados e não puderam fazer a prova.

Quase sempre o motivo é o mesmo: **falta de planejamento**. Sim, imprevistos acontecem, especialmente no trânsito das grandes cidades, mas isso se resolve com planejamento.

Erros de planejamento são fatais para quem viaja, particularmente no caso de nômades digitais. Eles movem-se várias vezes por ano, estão sempre indo para lugares novos e se inserem em culturas que não conhecem. Muita coisa pode dar errado.

A falta de preparo causa desastres, tais como ter os cartões do banco bloqueados, ficar sem acesso ao internet *banking*, perder voos, ficar em acomodações precárias, alugar-se em partes ruins das cidades, ser enganado, ser roubado e tudo mais que se possa imaginar.

Cometi vários erros desde que fiz minha primeira grande viagem, em 1998. Quase todos foram causados por alguma falha de planejamento. Poderiam ser evitados se eu tivesse me esforçado um pouquinho mais antes de colocar o pé na estrada.

O tempo me ensinou que uma boa viagem começa muito antes de você sair de casa. Quanto melhor você se prepara, mais aproveita a viagem.

O planejamento começa com muita pesquisa. Quanto mais você se informa, melhores são suas decisões de viagem e mais você economiza. Essa etapa é crítica para quem tem um orçamento limitado.

A habilidade que mais contribui nas pesquisas é o domínio do inglês. É claro que existem cada vez mais informações disponíveis em outros idiomas, como o próprio português. Entretanto, a quantidade e a qualidade das informações em inglês são difíceis de superar.

Além disso, você precisará entrar em contato com diversas pessoas, especialmente proprietários de apartamentos. O inglês é a língua usada para esse tipo de diálogo em quase todos os casos.

Depois do inglês, a ferramenta mais importante é o [Google](#), naturalmente. Ele serve para todo tipo de pesquisa e será tão útil quanto for a sua capacidade de formular perguntas e interpretar resultados, especialmente os que estiverem em inglês.

Além do inglês e do [Google](#), existem outras ferramentas que são mais específicas para as pesquisas que fazemos de destinos. Antes de comprar a passagem para algum lugar, sempre começo fazendo uma pesquisa básica com o objetivo de ter uma visão geral.

Nomad List

O [Nomad List](#) é uma ferramenta gratuita criada especificamente para ajudar nômades digitais a decidir para onde ir. É um excelente ponto de partida para suas pesquisas de destinos.

O site apresenta uma lista de cidades que você pode filtrar de acordo com o que está buscando. Por exemplo, você pode filtrar por cidades com custo de vida razoável, que sejam seguras, tenham praias boas para surfar e você consiga acesso à internet com tranquilidade. Nesse caso, o [Nomad List](#) mostraria [esse resultado](#).

Por outro lado, imagine que você seja uma mulher viajando sozinha e com um orçamento reduzido. Você quer saber que cidades são uma pechincha, onde é possível achar Wi-Fi grátis com facilidade e que são particularmente seguras para mulheres. O [Nomad List](#) apresentaria [esse resultado](#).

Quando você seleciona uma cidade, ele mostra uma série de índices a respeito dela, tais como: custo de vida, qualidade do ar, segurança, facilidade para se comunicar em inglês, facilidade de acesso à internet,

entre outras. Além disso, também dá informações mais detalhadas sobre o custo de vida, trazendo o valor médio de acomodações em hotel e em [Airbnb](#), preço médio das refeições, custo médio de espaços de *coworking* e vários outros.

O site também apresenta várias [coleções](#) interessantes, tais como [melhores cidades para nômades digitais](#), [cidades mais baratas](#), [cidades mais seguras para mulheres viajando sozinhas](#), [melhores cidades para surfar que tenham acesso rápido à internet](#), [melhores cidades para criar uma família](#), [cidades onde a cerveja é mais barata](#) e várias outras.

Se você não tem a menor ideia de onde ir, esse site é um excelente ponto de partida. Ele te ajudará a identificar algumas boas opções. Comece suas buscas por ele, mas tenha alguns cuidados.

O site baseia-se em índices que, no geral, são obtidos a partir de médias. O problema é que médias enganam. Muito. Coloque dez pessoas em uma sala. Nove ganham um salário mínimo e a décima é o [Bill Gates](#). Na média, poderíamos dizer que trata-se de uma sala de bilionários, apesar de haver um único bilionário. Eis o problema de confiar em médias.

Se você analisar o custo médio de locação de um apartamento, tal como é apresentado no [Nomad List](#), talvez ele não reflita o que você é capaz de obter fazendo escolhas cuidadosas e negociando. Esse é um exemplo de como a informação pode ser distorcida.

Outra coisa é a análise sobre a violência. Eu e a Pati moramos a maior parte de nossas vidas em Niterói, que é uma cidade com alta taxa de criminalidade. Contudo nunca sofremos nenhum tipo de violência lá. Isso tem a ver com as partes da cidade em que morávamos e que frequentávamos, os horários em que saíamos, as atividades que fazíamos, os cuidados que tomávamos e assim por diante. Na média, a cidade é violenta. Na prática, se você mora em algumas partes ela é menos violenta, enquanto em outras é muito violenta. Tudo depende das escolhas que são feitas e de uma certa dose de sorte.

Comento isso porque acho útil olhar listas baseadas em índices para ter uma ideia, mas não acho aconselhável confiar cegamente nesses índices e basear suas decisões apenas neles. Use-os apenas como pontos de partida para suas análises.

Da mesma forma, não confie cegamente em listas. Se alguém escreve em um blog que essas são as dez melhores cidades para viver como nômade digital, não dê tanta atenção. Listas como essas beiram a inutilidade. O que

é melhor para uma pessoa é pior para outra. Quem constrói uma lista se baseia em suas preferências. Por exemplo, talvez goste de lugares quentes, com praia boa para surfar e longe de cidades grandes. O que torna a lista inútil para alguém como eu que gosta de cidades grandes e frias.

Acesse o [Nomad List](#) e pegue algumas ideias de lugares interessantes para visitar com base em suas preferências. Em seguida aprofunde-se na pesquisa de cada um deles.

Para ter uma ideia geral dos custos em diferentes cidades do mundo, você também pode comparar as informações do [Nomad List](#) com o [Numbeo](#).

Wikitravel

Quando já tenho uma ideia de possíveis destinos, o [Wikitravel](#) é minha ferramenta predileta para fazer uma pesquisa básica sobre eles. É uma espécie de [Wikipedia](#) especializado em viagem e lugares do mundo.

Assim como o [Wikipedia](#), seus artigos estão disponíveis em diversos idiomas. Entretanto, os que estão em inglês costumam ser os mais completos, razão pela qual sempre lhes dou preferência e sugiro que você faça o mesmo.

O [Wikitravel](#) tem pelo menos uma página dedicada a cada país. Dentro do país, há páginas dedicadas a cada região, estado e cidade.

As informações podem ser atualizadas por qualquer usuário, assim como ocorre no [Wikipedia](#). Isso faz com que sejam atualizadas com frequência. Entretanto é possível que contenham erros.

Quando quero ir para um novo país, meu primeiro passo é entrar no artigo correspondente ao país, no [Wikitravel](#). Para isso, basta fazer uma busca pelo nome do país dentro do próprio [Wikitravel](#).

A página de cada país traz informações resumidas sobre clima, relevo, história, idioma e datas festivas. Também apresenta brevemente as regiões do país, que são mostradas em um mapa. Normalmente existem links para artigos que descrevem cada região individualmente.

A página também apresenta uma lista das principais cidades e outros destinos de particular interesse para viajantes. Basta clicar nesses itens para ser levado a um novo artigo contendo mais informações sobre cada lugar.

A descrição básica do país, regiões e cidades serve para que você tenha uma visão geral. Em especial, é útil para que você identifique cidades

interessantes para visitar ou passar um período mais extenso. Esse é só o ponto de partida.

Se você quiser se aprofundar nos detalhes de uma determinada cidade, é importante usar o [Google](#) e outras ferramentas para conhecê-la melhor.

Ainda no artigo de um determinado país, o [Wikitravel](#) traz uma seção chamada "Get in", que é traduzida como "Chegar" na versão em português. Ela contém informações sobre os meios de transporte que você pode usar para alcançar o país e informações básicas sobre o processo de imigração. É lá que você descobre se precisa solicitar um visto de turista antecipado e quanto tempo pode permanecer como turista no país.

Essa seção é particularmente útil. Porém, é preciso ter cuidado. Como mencionei antes, o [Wikitravel](#) pode ser editado por qualquer pessoa, a qualquer momento. As informações que você encontra lá costumam estar certas, mas elas também podem estar erradas ou desatualizadas.

Imigração é um assunto sério. Não dá para errar nessa parte. Se um país exige visto de turista, você não pode errar nisso porque não será nem mesmo capaz de embarcar em um voo para lá. Se estiver viajando por terra, sua entrada será negada na fronteira. Se isso acontecer, não existe choro, nem súplica, nem nada que lhe faça entrar no país.

Por essa razão, é vital pesquisar e ter absoluta certeza sobre as regras de imigração. Use o [Wikitravel](#) para ter uma ideia, porém não confie nele cegamente. A melhor forma de ter absoluta certeza é procurar no [Google](#) pelo site do Ministério das Relações Exteriores do país que deseja visitar. Em inglês, ele costuma se chamar *Ministry of Foreign Affairs*.

Se você quiser visitar um país como o Myanmar, por exemplo, e deseja saber as regras de imigração, procure no [Google](#) por "[myanmar ministry of foreign affairs](#)". Encontre o **site oficial do governo** e veja quais são as regras para a sua nacionalidade e o tipo de passaporte que está portando. Nestes sites, costuma haver uma área chamada de "seção consular" ou *consulate service*, em inglês. É onde você encontra esse tipo de informação.

Os artigos do [Wikitravel](#) sobre cada país também trazem outras seções de grande utilidade. Uma delas cobre os tipos de transporte que você pode usar para circular dentro do país e quais são os mais convenientes. Outra fala sobre o idioma e a facilidade de encontrar pessoas que falem inglês. Outra menciona atrações importantes e o que fazer no país. Outra cobre o custo de vida e a moeda local. Há também uma dedicada aos tipos de comida e bebida. Uma outra cobre os tipos de acomodação disponíveis. Por

fim, uma outra cobre a parte de segurança e como se manter saudável no país.

Depois de pesquisar sobre as informações básicas de cada país, seleciono as cidades que me interessam e faço uma pesquisa detalhada sobre elas também no próprio [Wikitravel](#). Esse site é o meu ponto de partida para todas as pesquisas.

Já utilizei guias de viagem em papel, como os famosos guias do [Lonely Planet](#), mas já não os uso há anos. O [Wikitravel](#) tem se mostrado suficiente para as informações básicas de que preciso em minhas pesquisas.

Quando tenho que me aprofundar mais, a próxima ferramenta que utilizo é o [TripAdvisor](#). Ela tem informações categorizadas por país e cidade, assim como o [Wikitravel](#). Porém os usuários escrevem comentários com suas opiniões sobre todo tipo de coisas, desde restaurantes a atrações turísticas.

Ler os comentários de outros viajantes é valioso, mas lembre-se que pessoas têm opiniões diferentes. O que uma pessoa gosta, uma outra pode detestar. Assim mesmo, se você tiver atenção e ler diversos comentários, dá para ter uma boa ideia sobre aquilo que está pesquisando.

O que importa nesse caso é que as opiniões costumam ser genuínas. As pessoas não defendem ou criticam um lugar porque têm um interesse econômico nisso. Elas dizem o que pensam com o objetivo de ajudar a comunidade do [TripAdvisor](#). Isso tem imensa utilidade.

Depois de estudar as informações básicas do país e definir as cidades pelas quais tenho maior interesse, faço uma busca rápida no [Google Images](#). O objetivo é ver algumas fotos de cada uma dessas cidades para ter uma ideia superficial do que veremos por lá.

Uma vez decidida a cidade que visitaremos, os próximos passos envolvem decidir como chegar lá e escolher a acomodação.

Capítulo 8

Deslocamento

Qual a melhor forma de ir de um lugar para outro? Essa é uma das perguntas mais importantes durante o planejamento de uma viagem. A resposta depende de diversos fatores. Os principais são:

- Onde você está no momento?
- Para onde deseja ir?
- Quando deseja ir?
- Quais os meios de transporte disponíveis?
- Quanto tempo tem para fazer o deslocamento?
- Quanto pode gastar?

Quando uma pessoa planeja uma viagem, ela costuma ter como ponto de partida a cidade em que mora. No caso de um nômade digital, é diferente porque a cidade em que está "morando" muda com frequência. Portanto a primeira variável que você precisa considerar é o lugar de onde partirá. Em seguida, a pergunta principal é para onde deseja ir, naturalmente. Assim você tem as informações mais básicas para um deslocamento: a origem e o destino.

Depois de determinar essas informações, é fundamental saber quando será a viagem, se possível o dia exato. Planejamento de viagem sempre gira em torno dessas duas questões essenciais: **onde** e **quando**. O dia é importante porque afeta sua capacidade de utilizar um ou outro meio de transporte.

Por exemplo, uma opção viável em determinado trajeto é pegar um voo porque o custo é baixo na maior parte do ano. Entretanto, se a viagem for na véspera do Natal, talvez o voo seja inviável porque o preço das passagens sobe demais.

Assim que você sabe exatamente qual é o trajeto e quando é a viagem, a próxima pergunta é: **quais são os meios de transporte disponíveis** para esse trajeto na data escolhida? Cada meio de transporte tem um custo e um tempo para realizar o trajeto. É importante você conhecê-los para que possa tomar uma decisão, de acordo com o quanto pode gastar e quanto tempo tem para fazer o deslocamento.

Nunca assuma que um meio de transporte é mais rápido ou mais lento, mais barato ou mais caro, sem pesquisar com base no trajeto específico e a data específica. Em princípio, fazer um deslocamento de avião parece mais rápido do que ir de ônibus. Porém nem sempre isso é verdade. Da mesma forma, um deslocamento de ônibus costuma ser mais barato que um de avião, porém isso também não é sempre o caso. Não assuma nada até saber exatamente qual é o **trajeto** e a **data da viagem**.

Meios de transporte entre cidades

Os meios de transporte mais conhecido para te levar de uma cidade para outra são: o avião, o ônibus e o trem. Eles não são os únicos. Dependendo da parte do mundo em que esteja, do trajeto que deseja fazer e do dia em que irá fazê-lo, talvez nenhum desses três seja sequer uma opção.

Para dar um exemplo, se você estiver na Grécia e quiser ir para determinadas ilhas, não existe nem avião, nem ônibus, nem trem. A única opção é tomar um *ferry* ou um barco. Por outro lado, se você estiver em uma cidade de fronteira, a melhor opção de transporte pode ser simplesmente caminhar e entrar em outro país andando.

Para ter uma noção dos tipos de transporte disponíveis no trecho que você irá percorrer, você pode utilizar o site [Rome2rio](#). Basta informar as cidades de origem e destino para você ter uma ideia das opções de transporte disponíveis. É um bom ponto de partida para sua pesquisa.

Nas próximas páginas apresentarei mais detalhes sobre cada um dos meios de transportes que você pode usar em suas viagens.

Avião

O avião é um meio de transporte cada vez mais popular. Companhias aéreas de baixo custo operam voos com bons preços, especialmente na

Europa e na Ásia. É uma boa opção em muitas situações. Só que é preciso ter cuidado.

Passagens aéreas são complexas. É fácil se enganar com elas. Às vezes, você vê um valor que parece excelente quando faz uma busca na internet. Depois descobre que existem custos escondidos. O mais comum é o custo de levar a bagagem.

Em companhias de baixo custo, a bagagem é cobrada à parte. Com frequência, o valor da passagem que você encontra em uma busca rápida é inferior ao custo de transportar sua bagagem.

Ao fazer sua pesquisa, você precisa ter cuidado e calcular o valor final, já incluindo a bagagem. Quanto menos bagagem você levar, melhor. Mais baratos serão seus voos.

Viajar de avião também significa ficar preso a datas fixas. Passagens mais em conta raramente permitem a troca do dia da viagem ou cobram multas altas em caso de trocas.

O tempo total necessário para o deslocamento também costuma ser enganoso. É preciso chegar ao aeroporto horas antes do voo. O aeroporto costuma ficar longe do centro da cidade e leva tempo para chegar até ele. Em seu destino final, também será necessário um bom tempo de deslocamento entre o aeroporto e sua acomodação.

Dependendo da distância que tiver de percorrer, por mais que o tempo de voo seja pequeno, pode ser preferível utilizar outro meio de transporte porque o tempo total de viagem é maior com o avião.

O custo total também pode ser maior. Alguns aeroportos são mal conectados com o restante da cidade. Às vezes, a única opção de transporte é o táxi. Mesmo quando há transporte público, o horário de saída ou chegada do voo pode te forçar a usar um táxi, como ocorre em voos de madrugada.

Pegar táxi em aeroporto é um problema no mundo inteiro. Não é um "privilegio" exclusivo do Brasil. Como a distância do aeroporto costuma ser grande, a corrida é cara. Com frequência, é mais cara que a passagem aérea de uma companhia de baixo custo. Além disso, é comum que os taxistas enganem os passageiros que chegam em aeroportos. Isso é um fenômeno mundial.

Quando optar pelo avião, leve todos esses fatores em consideração. Calcule o tempo total da viagem desde a sua acomodação atual até a

seguinte. Não pense apenas no tempo de voo. Calcule também o tempo e o custo necessário para chegar e sair do aeroporto.

Estude as formas de transporte disponíveis para o aeroporto e o custo delas. Pesquise isso na internet antes de comprar a passagem. Em alguns casos, o valor é surpreendente, bem como a distância. Especialmente quando se trata de companhias de baixo custo que operam em aeroportos mais remotos.

Passamos por dois exemplos que ilustram esse ponto. No nosso voo de retorno do Marrocos para a Europa, voamos de Rabat para Bruxelas, na Bélgica, pela [Ryanair](#), que utiliza o aeroporto Bruxelas-Charleroi. Esse aeroporto não fica em Bruxelas, mas sim em Charleroi, que é uma outra cidade a setenta quilômetros de Bruxelas.

Existe um ônibus que liga o aeroporto ao centro de Bruxelas a um custo razoável. Entretanto, nosso voo chegava no meio da madrugada, quando o transporte público não funciona. O custo do táxi entre o aeroporto e o centro de Bruxelas era maior que a passagem de retorno do Marrocos. Resolvemos isso passando a noite em um hotel em Charleroi. No dia seguinte, tomamos um trem para Bruxelas, cujo valor era razoável. Se eu não tivesse descoberto tudo isso antes e me planejado, teríamos de pagar um valor altíssimo por um táxi do aeroporto até o centro de Bruxelas, onde teríamos de nos hospedar em um hotel ainda mais caro.

Outro caso aconteceu em Frankfurt. Tínhamos de tomar um voo para Sófia pela [Wizzair](#), que utiliza o aeroporto Frankfurt-Hahn. Como você já imagina, ele não fica em Frankfurt, mas sim na cidade de Hahn, que fica a 120km de distância.

Conseguimos embarcar em um ônibus concorrido que liga o aeroporto de Frankfurt ao de Hahn. Isso só foi possível porque o voo foi durante o dia. Ainda assim, o custo desse ônibus era alto. O do táxi seria impagável.

Viajar de avião engana. É a opção óbvia quando você precisa ir do Brasil para a Ásia, por exemplo. Mas não é necessariamente a melhor escolha quando as distâncias são menores, mesmo quando há farta disponibilidade de voos baratos. O tempo total e o custo total da viagem podem surpreender. É preciso pesquisar bastante.

A grande dúvida, quando o assunto é avião, é como comprar passagens pagando o mínimo possível. Existe um fórmula garantida para isso? Não. Até porque, como nômade digital, haverá trechos em que não existe sequer concorrência entre companhias aéreas, o que as leva a cobrar o que

quiserem. Muitas vezes, vale mais a pena concentrar suas pesquisas em buscar alternativas ao avião do que necessariamente tentar encontrar passagens de avião mais baratas.

A melhor forma de conseguir uma passagem aérea mais barata é aprender os detalhes que afetam o preço das passagens e pesquisar muito. Você sempre terá de pesquisar demais.

O primeiro passo é descobrir quais são as companhias aéreas que voam até o seu destino. Uma forma simples de descobrir isso é pesquisar o site do aeroporto no Google. Se você conseguir encontrá-lo, você pode consultar as companhias aéreas que operam nele.

Tendo essa informação, você pode começar suas buscas por sites tais como:

- [Google Flights](#)
- [Skyscanner](#)
- [Matrix Airfare Search](#)
- [Kayak](#)
- [Viajanet](#)
- [Decolar](#)
- [Submarino Viagens](#)
- [Zupper](#)
- [Voopter](#)
- [Lastminute](#)
- [Expedia](#)
- [Edreams](#)
- [Cheapoair](#)
- [Orbitz](#)
- [Mundi](#)
- [Momondo](#)
- [Vayama](#)
- [Trabber](#)
- [Passagenspromo](#)
- [CheapTickets](#)

Não se contente em consultar apenas um desses sites. É importante olhar o mesmo trecho em vários deles porque o valor da passagem pode ser diferente entre um e outro. Além disso, altere as datas. Às vezes, você encontra uma passagem mais barata alguns dias antes ou depois da data em que pretende viajar.

Fique de olho também nos sites que divulgam promoções de passagens aéreas, tais como o [Melhores Destinos](#) e o [Passagens Imperdíveis](#). Considere também a possibilidade de usar suas milhas ou as de outra pessoa para fazer a viagem. Aprenda a usar o [MaxMilhas](#).

Nem todas as companhias aéreas compartilham informações com sites de buscas de passagens. Companhias de baixo custo e regionais às vezes não são encontradas através desses sites. Portanto verifique as companhias aéreas que operam em seu aeroporto de destino, especialmente as de baixo custo. Se você as achar, faça suas buscas diretamente através do site delas. Conheça a [lista de todas as companhias aéreas de baixo custo organizadas por país](#).

Mesmo no caso das demais companhias, se você encontrar um bom preço nesses sites de buscas de passagens, sempre olhe também o valor que você pagaria se comprasse diretamente no site da companhia aérea.

Se estiver buscando com bastante antecedência, cadastre-se nos sites das companhias aéreas para ser informado sobre as promoções. A melhor chance de conseguir tarifas menores é através das promoções. É importante estar entre os primeiros que ficam sabendo delas. Cadastre-se também no [Melhores Destinos](#) e no [Passagens Imperdíveis](#). Baixe os aplicativos que estes sites oferecem e ative as notificações em seu *smartphone*.

Crie alertas nos sites de busca de passagens. Vários deles permitem que você coloque seu email e seja informado quando os preços das passagens baixarem no trecho e data de seu interesse.

Trem

O trem é um dos meios de transporte que a gente mais gosta de usar, entretanto só está disponível em algumas partes do mundo. Mesmo países imensos, que se beneficiariam de um sistema de transporte ferroviário, não contam com ele, como é o caso do Brasil.

Quando é possível usar o trem, ele costuma ser uma ótima opção. Ao contrário do avião, não é preciso chegar com muita antecedência, nem é

preciso fazer *check-in* ou passar por tediosas verificações de segurança. Além disso, você pode carregar suas bagagens sem nenhum custo extra.

O trem sempre conta com banheiros e é grande o suficiente para permitir que você se movimente dentro dele durante a jornada. Em muitos lugares, é confortável e extremamente rápido, como é o caso do Japão, por exemplo.

É comum as estações de trem ficarem localizadas em partes centrais das cidades. Isso é excelente quando comparamos aos aeroportos, que são afastados quase sempre. Em muitos casos, a estação de trem fica na melhor localização da cidade. Isso economiza tempo e dinheiro.

Um dos problemas do trem é o custo. Na maior parte dos lugares, as ferrovias são operadas por empresas estatais. A incompetência estatal, aliada à falta de concorrência, fazem com que os preços das passagens sejam elevados.

Na Europa ocidental, por exemplo, é comum que as passagens de trem sejam caras quando comparadas às de avião. Por isso, muita gente opta por voar em companhias de baixo custo, mesmo em trechos que poderiam ser percorridos facilmente de trem. Contudo, muitas vezes o tempo e o custo total da viagem de avião são maiores pelas razões que mencionei antes.

As estações de trem costumam ser bem conectadas ao sistema de transporte público da cidade. Assim mesmo, se você viajar com muita bagagem ou de madrugada, talvez seja inviável usar o transporte público e você tenha de recorrer ao táxi. Se isso acontecer, tome cuidado.

Os táxis que operam nas proximidades das estações de trem frequentemente enganam os visitantes. Para contornar esse problema, o que fazemos com frequência é caminhar para longe da estação de trem antes de pegar um táxi. E nunca aceitamos a oferta de táxi feita por alguém na estação de trem. Aceitar ofertas desse tipo é uma maneira garantida de ser enganado.

Ônibus

O ônibus é o meio de transporte mais universal. Está disponível em tudo quanto é lugar. Com frequência, é também o mais barato e o único disponível em certos trechos. Isso é particularmente verdade em áreas mais isoladas e distantes das capitais.

O conforto da viagem depende da qualidade do ônibus e das rodovias. Embora seja possível fazer viagens de ônibus agradáveis, não é raro que

sejam um tormento.

Rodoviárias costumam ser mais centrais que aeroportos, o que é bom. Quase sempre são bem conectadas ao sistema de transporte urbano. Ainda assim, se você tiver que pegar um táxi, muitas vezes é preferível afastar-se da rodoviária antes de buscar um, como no caso das estações de trem.

Um detalhe importante no caso dos ônibus é o banheiro. No Brasil, é comum encontrar ônibus interurbanos com banheiro. Em várias partes do mundo, isso não acontece. Tem lugares em que nenhum ônibus tem banheiro. Eles param de tempos em tempos, em estações de serviço. Se você tiver de ir ao banheiro antes do tempo, você passará um aperto. Trem e avião não têm esse problema, já que sempre contam com banheiro a bordo.

O ônibus também é o meio de transporte menos seguro. Você fica exposto a todo tipo de acidente na estrada. Seja por falha do motorista ou de outros condutores.

Embarcação

Existem partes do mundo em que a melhor forma de transporte é utilizar algum tipo de embarcação. Quando você viaja no interior da Amazônia, por exemplo, às vezes a única forma de transporte disponível é uma embarcação.

Dependendo do trajeto, isso pode significar uma simples lancha, uma balsa ou um navio imenso. Não esqueça dessa opção em seu planejamento de viagem. Nós adoramos viajar sobre as águas e fazemos isso sempre que possível.

Embarcações podem ser úteis (ou até essenciais) mesmo quando se está viajando de carro ou de trem. Por exemplo, viajamos de carro pela Nova Zelândia e fizemos a travessia entre as ilhas norte e sul em um *ferry* que também transporta os carros. Em outra ocasião, viajamos de trem entre Catânia, na Sicília e Nápoles, na parte continental da Itália. Ao deixar a Sicília, o trem inteiro embarcou em um *ferry* que o levou de Messina a Villa San Giovanni.

Carona

Talvez você nunca tenha pensado em viajar de carona, mas muita gente faz isso. Dependendo do trecho, se você tiver um orçamento limitado,

tempo disponível e um pouco de coragem, pode ser uma boa ideia pedir carona.

Quando se fala em carona, a maior preocupação é a segurança, o que é compreensível. Felizmente, o mundo é mais seguro do que parece. A maioria das pessoas que dão carona estão apenas tentando ajudar. Muitas vezes, estão viajando sozinhas e adorariam ter a companhia de alguém para conversar.

Eu já viajei de carona algumas vezes e já dei carona em outras ocasiões. Nunca tive nenhum tipo de problema. Tem pessoas que viajam apenas dessa forma. Se quiser ler um relato fascinante sobre uma viagem de carona pelo Brasil, leia o excelente livro [Para aqueles que estão fugindo](#), de Murilo Papantonio.

Se você for pedir carona, existem algumas coisas que pode fazer para aumentar as chances de conseguir uma. Em primeiro lugar, ajude aos motoristas a te ajudarem. Informe-os sobre o destino para onde deseja ir. Basta fazer uma plaquinha com o nome da cidade que quer alcançar. Se o motorista estiver indo para ela, ele já sabe que pode te ajudar, antes mesmo de parar.

Esteja apresentável. Assim como você tem medo de sofrer alguma violência por parte de um motorista, ele também teme sofrer nas mãos de alguém por tentar fazer uma boa ação. Na falta de outras informações, todo mundo julga as pessoas pela aparência. Suas chances aumentarão se você tiver uma boa aparência. A maioria dos motoristas vai te evitar se você parecer um mendigo. Capriche na apresentação.

Mulheres viajando sozinhas precisam ter mais cuidado, naturalmente. Elas têm mais facilidade de arrumar carona, porém precisam estar mais atentas com quem está oferecendo. Homens sozinhos, por outro lado, precisam caprichar mais na aparência para que sejam aceitos. Casais são uma ótima configuração porque sempre parecem mais seguros. Se puder, peça carona sempre na companhia de outra pessoa.

Nem toda carona precisa ser necessariamente de graça. Existem lugares em que faz parte da cultura local dar carona para outras pessoas porque é uma forma de ganhar dinheiro. Nesses casos, a carona é uma espécie de transporte informal utilizado regularmente pelos locais.

Também existem sites especializados em conectar motoristas a pessoas interessadas em pegar carona. Nesse caso, os motoristas cobram um valor mais baixo que uma passagem de ônibus, por exemplo. Um dos casos mais

conhecidos é o do [Blablacar](#). Você informa a origem, o destino e a data da viagem e ele mostra os motoristas que farão esse trajeto, bem como o valor que cobram pela carona.

O [Blablacar](#) é uma excelente alternativa em muitos países, sobretudo na Europa. A economia que você pode alcançar utilizando-o pode ser grande, especialmente se você estiver viajando para várias cidades e tiver outras pessoas com você.

Além do [Blablacar](#), você também pode utilizar os sites abaixo, dependendo do país em que estiver.

- [GoMore](#)
- [GoCarShare](#)
- [Drive2day](#)
- [La Route Verte](#)
- [Covoiturage Libre](#)
- [Karzoo](#)
- [Vadrouille-Covoiturage](#)

Um ponto importante sobre o [Blablacar](#) e sites semelhantes é que você tem maior segurança. Afinal, existe um sistema de avaliação para condutores e passageiros. Você pode conhecer a reputação de um condutor antes de pegar uma carona com ele.

Pegar carona te dá a oportunidade de conhecer outras pessoas. Muitas vezes, a pessoa que está te dando carona também adora viajar. Daí vocês têm a oportunidade de conversar durante o percurso sobre assuntos de que gostam. Isso vale tanto para o caso de caronas gratuitas, quanto para as que você pode pegar através de sites como o [Blablacar](#).

Carro

Viajar de carro pode ser uma boa opção, especialmente nos casos em que você deseja ir conhecendo lugares menores ao longo do caminho e deseja ter mais liberdade. Como nômade digital, o mais provável é que você não tenha um carro. Para viajar dessa forma, você terá de alugar um. Porém carro também significa algumas dores de cabeça. A principal delas é

estacionar. Se você pretende passar muito tempo dentro de cidades, lembre-se do custo de estacionar o carro, assim como a eventual dificuldade de encontrar vaga.

Existem alguns detalhes que você deve considerar ao alugar um carro. O mais importante é compreender o custo total. Viajar em um carro alugado significa que você terá de pagar pelo aluguel do carro, o seguro e o combustível. E ainda há a possibilidade de mais alguns adicionais. Sendo assim, calcule o somatório desses custos ao comparar com outras opções de transporte.

Existem dois tipos de locadoras: as internacionais e as locais. As internacionais você encontra no mundo inteiro. Essas são algumas delas:

- [Hertz](#)
- [Avis](#)
- [Alamo](#)
- [Budget](#)
- [Enterprise](#)
- [Dollar](#)
- [Europcar](#)
- [National](#)
- [Sixt](#)
- [Thrifty](#)
- [Advantage](#)

As locais costumam estar confinadas a um único país. Às vezes só existem em uma única cidade e nem sequer têm uma filial. Essa distinção é importante porque, dependendo do lugar em que você esteja, a diferença de preço entre as locadoras locais e internacionais pode ser grande.

Não pesquise preços apenas nas locadoras internacionais. Costuma ser mais fácil pesquisar o preço nelas, porém você pode economizar bastante se buscar no Google por locadoras de automóveis na cidade onde espera começar sua viagem. Quando encontrá-las, entre em contato e verifique os preços. Empresas menores também têm a vantagem de ser mais flexíveis. É mais fácil negociar descontos quando você tem a chance de conversar diretamente com o dono da empresa.

Pós pago x pré pago

Tarifas de locação de automóveis costumam ser mais complexas, assim como as de passagens aéreas. Elas podem sofrer variações significativas em função de diversos fatores.

Um aspecto que influencia é a decisão entre fazer um pagamento antecipado ou não. Muitas locadoras permitem que você faça a reserva sem compromisso, ou seja, você pode cancelar a reserva sem custo. Nesses casos, tente fazer a reserva com a maior antecedência possível, na locadora onde conseguir a melhor tarifa. Até a data da viagem, continue buscando em outras locadoras. À medida que o dia da partida se aproxima, é comum que algumas baixem o preço na tentativa de alugar os carros que ainda estão em estoque. Se você encontrar uma tarifa melhor, faça uma nova reserva e cancele a primeira que havia feito.

Isso dá trabalho, mas é uma boa forma de economizar. Se não quiser ter este trabalho, você pode utilizar o [Autoslash](#). Ele se encarrega de monitorar outras locadoras e avisa quando encontra uma tarifa menor.

Ao fazer a reserva, não procure apenas nos sites das locadoras. Olhe também em mecanismos de busca especializados, pois existe a chance de que a locadora tenha feito um acordo especial com algum deles. Você pode buscar em sites tais como:

- [Kayak](#)
- [Hotwire](#)
- [Expedia](#)
- [CheapTickets](#)
- [Priceline](#)
- [Zalyn](#)

Além das tarifas que permitem cancelamento, também existem aquelas que não permitem. Nesse caso, você deve fazer o pagamento todo antecipado. Em contrapartida, como você perde a flexibilidade de cancelar, o valor da tarifa costuma ser mais baixo.

Alguns sites costumam oferecer essa modalidade, como é o caso dos que estão abaixo e vários outros.

- [AutoEurope](#)
- [DriveBookers](#)
- [RentCars](#)

Nesses casos, ao fazer a reserva, você recebe um *voucher* contendo todos os detalhes. No dia da viagem, você leva o *voucher* até a locadora e faz a retirada do carro. Em alguns casos, o pagamento é todo feito antecipado. Em outros, você paga uma parte na reserva e outra na hora que faz a retirada do carro.

Nesses casos, é comum o *voucher* já incluir algum nível de seguro, o que pode representar uma boa economia. Apenas fique atento com um detalhe importante.

Muitos cartões de crédito oferecem seguro quando você os utiliza para alugar carros. Nesses casos, é comum que você não precise gastar mais nada com o seguro do automóvel. Também é comum que você tenha de recusar todo e qualquer seguro oferecido pela locadora para que o seguro do cartão de crédito seja válido para a locação.

Se seu cartão de crédito oferece seguro na locação de automóveis, entre em contato e informe-se sobre as regras. Em especial, descubra qual é a abrangência desse seguro, quais os limites, franquias e condições de utilização. O seguro pode aumentar muito o valor da locação. Se você já tem acesso ao seguro do cartão de crédito, entenda como ele funciona e evite os custos adicionais.

Assim como acontece no caso das passagens aéreas, vale a pena se inscrever em sites das locadoras de automóveis para receber as promoções. Algumas oferecem cupons de descontos de tempos em tempos. Além disso, antes de fechar uma locação, busque na internet por cupons de desconto da empresa que você escolheu.

Ao definir o local de onde vai retirar o carro, verifique se é possível utilizar uma agência que não esteja em um aeroporto. Como aeroportos têm um fluxo maior de pessoas interessadas em alugar veículos, é comum que

as tarifas sejam maiores. Sendo assim, costuma ser uma boa tática evitar a locação diretamente em aeroportos.

Em cidades turísticas, é comum as locadoras cobrarem um valor mais alto para locações no fim de semana. Já em cidades mais voltadas para negócios, ocorre o inverso. A locação é mais cara durante a semana. Sabendo disso, verifique antecipadamente se essas diferenças existem na cidade onde você irá fazer a locação e, se possível, ajuste as datas da viagem para pagar o menor valor.

Tenha cuidado com o tipo de carro que utilizará. Se você quer gastar menos, tente alugar carros menores e mais econômicos. Não apenas porque o valor da locação é inferior, mas também porque o gasto com combustível será menor.

Se você está viajando com mais pessoas e vocês pretendem se revezar no volante, verifique se a locadora cobra alguma taxa por cada motorista adicional. Leve isso em conta na hora de escolher por uma locadora ou outra porque às vezes você consegue um valor mais baixo em uma, mas acaba pagando um valor total maior por conta do motorista adicional. Da mesma forma, verifique também se a quilometragem é livre ou se você precisará pagar um valor adicional depois de percorrer uma certa quantidade de quilômetros.

Em relação ao combustível, é comum a locadora te entregar o carro com o tanque cheio e esperar que você o retorne da mesma forma. Se esse for o caso, tenha muita atenção antes de retornar o carro. Passe no posto e encha o tanque. Caso contrário, o mais comum é que a locadora te cobre um valor de combustível excessivamente elevado.

No momento da locação, costuma ser necessário que você forneça um cartão de crédito que a locadora utilizará para fazer um bloqueio. Ele é uma espécie de depósito de segurança, cujo valor servirá para cobrir eventuais despesas com multas e colisões. O valor fica bloqueado em seu cartão de crédito por algum tempo, mesmo depois de você retornar o carro, para dar tempo de chegar eventuais multas. Verifique com antecedência qual o valor que a locadora bloqueia e leve um cartão de crédito cujo saldo disponível seja suficiente para cobri-lo.

Além das locadoras tradicionais, você também pode utilizar serviços de locação mais recentes, cujo modelo é semelhante ao do [Airbnb](#). Em vez de alugar a casa de uma pessoa, você aluga um carro. Esses são exemplos de sites que operam dessa forma:

- [Turo](#)
- [Getaround](#)

Um dos problemas de se alugar um carro, no caso de um nômade digital, é que às vezes você só quer fazer o trajeto de ida. Você não quer retornar à cidade na qual fez a locação apenas para devolver o carro. Algumas locadoras permitem que você entregue o carro em outra filial, mas é comum que isso aumente o custo da locação. Isso também cria um problema para a locadora porque ela precisa achar uma forma de enviar o carro de volta para o local de origem.

Existe uma boa forma de resolver esse problema. Alguns sites são especializados em relocação de veículos. Eles ajudam pessoas comuns e locadoras a encontrar uma pessoa disposta a dirigir o carro de volta. Essa pessoa pode ser você.

Quando você pega um carro para levá-lo a algum lugar, a locadora pode "alugá-lo" para você com um custo muito baixo ou até mesmo de graça e você não precisa se preocupar em devolver o carro no mesmo lugar de onde partiu. É uma solução onde todo mundo sai ganhando. Para utilizar essa estratégia, basta que você encontre um carro que precise ser enviado de volta partindo da mesma cidade da qual você deseja sair e indo para a que você deseja chegar. Essa modalidade é mais comum de se encontrar nos EUA, Austrália e Nova Zelândia.

Esses são alguns dos sites que oferecem esse serviço:

- [Imoova](#)
- [Transfercar](#)
- [Auto Driveaway](#)
- [HitTheRoad](#)
- [Thrifty](#)
- [Apex](#)
- [Ace](#)
- [Cheapa Campa](#)
- [Jucy](#)

- [Go Rentals](#)
- [Vroom vroom vroom](#)
- [SelfDriveShop](#)
- [Apollo](#)
- [SpaceShip](#)

Dependendo do tamanho da viagem e do lugar em que ela ocorrerá, pode valer mais a pena comprar um carro. Esse é o caso se você decidir fazer uma viagem de carro de alguns meses pelos EUA, por exemplo. Como o preço dos carros é baixo nos EUA, pode valer mais a pena comprar um carro no início da viagem e vendê-lo no final. Dá um pouco mais de trabalho do ponto de vista burocrático, mas é possível, ainda que você não seja um cidadão americano, nem residente dos EUA. Se você planeja fazer uma viagem de carro mais longa, em outras partes do mundo, considere também essa possibilidade. Isso também se aplica ao caso de motos e *motorhomes*, naturalmente.

Capítulo 9

Airbnb

Imagine que Fernanda more em uma casa de dois quartos com seu marido e um filho que acaba de completar dezoito anos. Depois de muito esforço, ele passou na prova e foi aceito em uma das melhores universidades do país. O detalhe é que ela fica em outra cidade.

O filho de Fernanda vai embora e o quarto fica vazio. O que ela poderia fazer de útil com essa parte da casa? Suponha que ela fale inglês e queira praticar o idioma. Ela pode usar o quarto para atingir esse objetivo e ainda complementar a renda. Basta colocá-lo para alugar no [Airbnb](#). Quando uma pessoa visitar sua cidade, ela pode ficar no quarto vago. Se o alugar para um estrangeiro, Fernanda terá a oportunidade de praticar o inglês.

A ideia do [Airbnb](#) é aproveitar espaços vagos e colocá-los à disposição de viajantes. Esses espaços podem ser um quarto, como nesse caso, ou uma casa inteira. Por exemplo, em vez do quarto, Fernanda pode colocar a casa para alugar quando ela própria viajar de férias durante um mês.

Abrir a porta de casa para receber desconhecidos pode parecer arriscado, mas é o que milhares de pessoas fazem no mundo inteiro usando o [Airbnb](#) e sistemas semelhantes. Os riscos são menores do que se imagina porque o sistema é inteligente e conta com diversos mecanismos que ajudam proprietários e viajantes a se manterem em segurança.

Funcionamento

A interface inicial do [Airbnb](#) é simples. Você precisa apenas digitar o nome da cidade que deseja visitar, o período da estadia e quantas pessoas se hospedarão. O [Airbnb](#) apresenta uma lista de imóveis disponíveis.

Existem três tipos de acomodações que você pode encontrar no [Airbnb](#): casa/apartamento inteiro, quarto inteiro ou quarto compartilhado. No primeiro caso, você aluga a casa ou apartamento durante toda a estadia. Quase sempre trata-se de um imóvel mobiliado e com todas as amenidades

para você entrar e utilizar sem ter de fazer nenhum esforço adicional para equipá-lo.

No segundo caso, você aluga apenas um quarto, em vez do imóvel inteiro. Ainda assim, você tipicamente tem acesso a partes comuns da casa, como banheiro, cozinha e sala de estar.

No último caso, o proprietário tem um quarto grande com mais de uma cama. Ele o aluga para diversos hóspedes. Quando você opta por esse tipo de acomodação, existe uma chance de que divida o quarto com pessoas que não conhece. É semelhante ao que acontece no dormitório de um albergue.

Em nosso caso, quase sempre alugamos o apartamento inteiro. É mais caro que alugar apenas um quarto, naturalmente. O que ajuda é o fato de viajarmos em casal. Os custos são divididos entre duas pessoas que trabalham e têm suas próprias receitas.

Quando o [Airbnb](#) traz a lista de resultados, é possível filtrá-los de acordo com o tipo de acomodação que você deseja. Em nosso caso, marcamos a opção casa/apartamento inteiro e nos concentramos apenas nos resultados desse tipo.

Na listagem inicial, para cada imóvel, você encontra uma foto, um título, o número de estrelas que foi atribuído ao lugar pelos hóspedes anteriores, a quantidade de avaliações que o lugar recebeu até o momento e o valor cobrado pela estadia. Você também encontra um mapa contendo marcadores de acordo com a localização desses imóveis.

Se você clicar em um dos imóveis, você tem acesso a uma página completa contendo todos os detalhes sobre ele: fotos, descrição, quantas pessoas acomoda, número de quartos e banheiros, horários de *check in* e *check out*, regras da casa, comodidades, descontos para acomodação semanal ou mensal, localização no mapa, calendário de ocupação e avaliações detalhadas dos hóspedes anteriores.

A quantidade de informações por imóvel é grande. É preciso ter clareza sobre o que você procura para filtrar essa lista com facilidade.

Quem está começando nessa vida nômade e tem um orçamento limitado, costuma filtrar a lista por preço, de modo que o [Airbnb](#) mostre apenas os imóveis que a pessoa pode pagar. Isso é compreensível. Já fizemos isso no início, porém não é a estratégia que recomendo.

O tempo nos ensinou que acomodação é mais importante do que imaginávamos. Para entender o que isso significa, darei alguns exemplos.

No início do nosso segundo ano, fizemos uma volta ao mundo cujo primeiro destino foi Sydney, na Austrália. Uma cidade bastante cara.

Pesquisamos no [Airbnb](#) e não encontramos nenhum apartamento que coubesse em nosso orçamento. Não era possível alugar um lugar inteiro para nós. Então olhei as opções de quartos privados.

Encontramos um excelente quarto, em uma casa imensa e linda. O quarto era grande, confortável e tinha uma mesa ampla que poderíamos usar para trabalhar. Além disso, cabia em nosso orçamento.

Havia apenas um detalhe. Ele não ficava em uma parte central de Sydney. Ficava mais afastado. Havia uma estação de trem nas proximidades, a qual poderíamos usar para chegar até o centro da cidade.

Quando chegamos lá, descobrimos que o quarto realmente era excelente. Parecia o de um hotel cinco estrelas. A casa era enorme e os donos eram simpáticos. No entanto, a distância para o centro de Sydney era maior do que havíamos previsto.

Precisávamos andar vinte minutos para chegar à estação de trem. Não era assim tão perto da casa. O trem levava quase uma hora para alcançar o centro de Sydney. Qualquer ida até lá era uma viagem. Para completar, o preço do trem era alto. Economizamos na acomodação, mas gastamos demais no transporte. Ficamos longe e não conseguíssemos manter os custos totais dentro do orçamento.

A casa ficava em uma área bastante residencial. Não havia nenhum tipo de comércio nas redondezas. Quando precisávamos de alguma coisa, tínhamos de caminhar vinte minutos até a estação de trem, já que havia um comércio limitado nas proximidades dela, o qual fechava cedo, às 17h. Se precisássemos de algo depois disso, tínhamos de aguardar até o dia seguinte ou enfrentar a jornada completa até o centro de Sydney.

No fim das contas, a experiência foi ruim. Sydney é uma daquelas cidades que a maioria das pessoas adora. De fato, é uma boa cidade. Assim mesmo, ficamos com uma má impressão e não nos empolgamos em voltar. Isso se deve, em grande parte, ao erro que cometi na escolha da acomodação. Especialmente porque ficamos distantes, em uma área isolada onde até mesmo uma ida ao mercadinho era complicada.

Foi lá que entendemos o imenso impacto que a acomodação tem em nossas impressões a respeito da cidade que estamos visitando. Hoje em dia, costumo dizer que pelo menos 50% de suas impressões sobre o lugar serão influenciadas pela acomodação que você escolher.

Se você fica bem acomodado, é muito provável que saia da cidade com uma impressão positiva. Por outro lado, se fica mal acomodado, é quase garantido que sairá insatisfeito.

Por essa razão, considero a escolha da acomodação o aspecto mais importante no planejamento da viagem. Sei que não posso errar nessa parte. É por isso que dedico a ela tanto tempo e esforço quanto for necessário. O objetivo é encontrar o melhor apartamento possível, na melhor área da cidade.

Minha prioridade não é o preço. Não pode ser o preço porque ele não conta toda a história. O custo de ficar mal acomodado quase sempre é maior. O valor é importante, claro, porém não pode ser nem o único nem o principal parâmetro de escolha.

Hoje em dia, começo as pesquisas tentando identificar o melhor imóvel da cidade, ainda que ele esteja sendo oferecido pelo dobro do valor que posso pagar. Depois que o identifico, tento convencer o proprietário a alugá-lo para mim pelo valor que posso pagar. Sempre negocio o valor da hospedagem. Por isso, começo tentando identificar qual é a melhor acomodação disponível. Depois cuido do valor.

O que caracteriza a melhor acomodação? O imóvel precisa ser bem localizado e ter algumas comodidades mínimas.

Como saber se um imóvel está bem localizado? Como saber qual a melhor parte da cidade para se hospedar? Desenvolvi uma técnica para isso.

Como descobrir a melhor área da cidade para se hospedar

Entre no site do [Airbnb](#) e faça uma busca apenas pelo nome da cidade. Não coloque nenhum outro filtro.

Na listagem de resultados, procure aqueles que têm cinco estrelas sólidas. Elas indicam os comentários, ou seja, as avaliações que os hóspedes fizeram. Quanto mais comentários o imóvel tiver, melhor. Procure de vinte a trinta propriedades desse tipo e abra uma aba no navegador para cada uma.

Visite as abas que você abriu. No anúncio de cada propriedade, vá até o final da página onde você encontra o início da listagem de avaliações. Lá, você encontrará as estrelinhas separadas por precisão, comunicação, limpeza, localização, *check in* e valor.

O que importa nessa fase da pesquisa é apenas a localização. Olhe quantas estrelas cada propriedade tem no item **localização**. Se a propriedade tiver exatamente cinco estrelas na localização, deixe a aba aberta e passe para a próxima.

Se a localização tiver menos de cinco estrelas, feche a aba. Mesmo que seja próximo de cinco estrelas, como 4,5, feche a aba. Só interessam as propriedades que tiverem exatamente cinco estrelas na localização.

Depois que você fechar todas as abas de imóveis com localização menor que cinco estrelas, só restarão propriedades com excelente localização. Para encerrar, visite novamente cada aba que permaneceu aberta e observe onde o imóvel está localizado no mapa.

Faça esse exercício em cada uma das abas. Você verá que a localização desses imóveis provavelmente converge para uma área específica do mapa. Às vezes, quando a cidade é muito grande, você verá que tem duas ou três áreas que concentram os imóveis que recebem as melhores avaliações em termos de localização.

Se você ficar hospedado em uma dessas áreas, as chances de que você tenha uma excelente estadia crescem bastante. Identificar essas áreas, portanto, é vital.

Esse exercício leva apenas cinco minutos se você seguir os passos que acabei de descrever. Para ver o processo sendo feito, [assista esse vídeo que gravei para você](#).

Processo de escolha de um apartamento

Quando busco um apartamento no [Airbnb](#), sigo um processo bem definido. O primeiro passo é criar uma *wish list* (lista de desejos) dentro do próprio [Airbnb](#) para a cidade que visitarei. Ela funciona como uma pastinha onde coloco as propriedades que mais me agradam.

Tendo uma *wish list* criada, preciso saber qual o período da viagem e o orçamento máximo que posso gastar. Em nosso caso, esse orçamento é de até R\$ 100 por dia. Ele é viável na maior parte do mundo desde que a gente escolha o momento certo de visitar e saiba negociar.

Sabendo a data e o orçamento, faço uma busca no [Airbnb](#) informando a cidade, o número de hóspedes e as datas. Na listagem que ele retorna, posso adicionar mais filtros. Seleciono apenas casas/apartamentos inteiros, cujo valor seja **até o dobro de meu orçamento**, portanto até R\$ 200 por dia.

Além disso, peço que só mostre apartamentos com **Wi-Fi** e **máquina de lavar roupas**.

O [Airbnb](#) atualiza a listagem. Começo a selecionar os resultados que me interessam. A primeira coisa que observo em cada anúncio é se possui **avaliações**.

Ao final de uma estadia, o hóspede atribui uma nota à propriedade e escreve uma avaliação detalhada sobre o que achou de sua estadia. Por sua vez, o proprietário escreve uma avaliação sobre o hóspede. Essa avaliação de mão dupla é o que torna o [Airbnb](#) um sistema seguro desde que você o utilize de maneira cuidadosa.

Só alugamos apartamentos que têm avaliações. Quanto mais avaliações, melhor. Lemos cada uma com atenção antes de fazer uma reserva. Isso é usar o sistema de forma cuidadosa.

Começo procurando na listagem os apartamentos que possuem avaliações. Os que não possuem são descartados, por melhores que sejam as fotos e por melhor que seja o preço.

Todas as propriedades possuem fotos, as quais você pode acessar em tamanho reduzido na listagem inicial. Quando encontro um apartamento que possui avaliações, navego rapidamente pelas fotos reduzidas com um único propósito: verificar se o apartamento possui uma **mesa**.

Alguns apartamentos não possuem mesa alguma. Em nosso caso, não é viável alugá-los. Trabalhamos diariamente. Precisamos de uma mesa para colocarmos os *notebooks* e trabalharmos com um mínimo de comodidade.

Tão importante quanto ter uma mesa é ter cadeiras minimamente confortáveis. É raro achá-las. De qualquer forma, ficar sem mesa é proibitivo, portanto os apartamentos sem mesa são descartados de imediato.

Toda vez que encontro um apartamento que tem avaliações e uma mesa, eu o coloco no *wish list* que foi criado no início do processo. Em um primeiro momento, meu objetivo é apenas preencher o *wish list* com todos os apartamentos que respeitem esses critérios: ter avaliações e mesa. Faço isso até esgotar todos os resultados que o [Airbnb](#) traz na busca inicial.

O objetivo dessa primeira etapa é apenas selecionar um conjunto de propriedades candidatas. Em seguida, eu as filtro com mais atenção visitando a página de cada uma e verificando outros detalhes.

Quando chego nessa etapa, já sei quais são as partes da cidade mais convenientes para nossa estadia. Sendo assim, o que mais me interessa é

encontrar apartamentos que estejam em alguma dessas áreas. Portanto meu próximo passo é analisar a localização das propriedades candidatas.

Para isso, visito o *wish list* e abro os detalhes de cada propriedade em uma aba diferente do navegador. Visito cada aba e navego até a parte inferior onde encontro o mapa.

O [Airbnb](#) não diz a localização exata do imóvel por questões de segurança. Em vez disso, mostra um círculo ao redor da área em que o imóvel está localizado. Isso é suficiente para a gente ter uma ideia da parte da cidade em que ele está.

Para cada propriedade candidata, analiso a posição dela no mapa. Se estiver em sintonia com as áreas da cidade que já descobri que são boas, mantenho a aba aberta. Caso contrário, fecho. No final desse processo, só haverá abas abertas com propriedades candidatas que possuem uma localização aceitável.

Por fim, analiso as propriedades restantes com calma e verifico se respeitam nosso *checklist*, sobre o qual comento a seguir.

Checklist

Apresento abaixo o *checklist* que adotamos em nossas buscas. Não é necessário que um apartamento tenha todos esses itens. Eles estão na lista porque são relevantes. Preciso saber qual a situação deles no apartamento que estou avaliando. Se faltar algo, pode ser que a gente alugue assim mesmo. Às vezes, não há opções melhores.

Use nossa lista como exemplo para montar a sua. Sempre use sua *checklist* na hora de avaliar um apartamento. Caso contrário, você esquecerá de algo importante. Pode ter certeza disso.

Valor

- Até o dobro do orçamento

Sala

- Mesa
- Cadeiras

Cozinha

- Geladeira grande
- Fogão grande
- Forno
- Utensílios para cozinhar
- Máquina de lavar

Comodidades

- Internet
- Ar-condicionado ou aquecedor (dependendo do lugar)
- Vidros duplos (para isolamento térmico e acústico)
- Elevador

Quarto/banheiro

- Cama confortável (de preferência *queen* ou maior)
- Blackout ou persiana na janela
- Banheiro com box

Localização

- Proximidade do metrô ou outro transporte público
- Proximidade de parque
- Proximidade de mercados
- Proximidade de academia

Locador

- Evitar aqueles que têm discussão nas avaliações
- Só alugar de quem tem avaliações
- Não alugar de quem tem avaliação negativa
- Verificar o que o proprietário escreve sobre os hóspedes anteriores
- Evitar pessoas que alugam muitos imóveis (costumam ser administradores, em vez de proprietários)

Preço

- Abaixo de R\$ 200/dia
- Abaixo de R\$ 1.400/semana
- Abaixo de R\$ 6.000/mês
- Atenção com a taxa de limpeza
- Atenção com o depósito de segurança

Detalhes adicionais

- Dono só tem esse apartamento?
- Fotos são verificadas?
- O banheiro parece bom?
- O último comentário é recente?

Detalhes do apartamento

Para cada apartamento, começo verificando as fotos. As do banheiro são as mais importantes. É a parte da casa que mais costuma dar dor de cabeça se você fizer uma má escolha, especialmente por conta do *box*. Em alguns

apartamentos, não há divisão entre o lugar onde fica o chuveiro e o restante do banheiro. Quando você toma banho, o chão do banheiro fica todo molhado. Isso é esquisito, porém comum em diversos países, especialmente no oriente. Se possível, evite ficar em apartamentos que têm banheiros assim. É chato secar o piso ao final de cada banho ou aturá-lo molhado o tempo todo.

Analise as fotos com atenção redobrada. Existe um detalhe importante sobre as fotos do [Airbnb](#). Em algumas propriedades, o próprio dono tira as fotos que o site apresenta. Em outros, a foto é feita por um fotógrafo profissional contratado pelo [Airbnb](#).

O [Airbnb](#) oferece fotógrafos profissionais para visitar as propriedades e tirar as fotos. Isso é ótimo para os donos dos imóveis, mas não necessariamente para você. Essas fotos profissionais costumam ser caprichadas demais. Elas refletem o que está no apartamento, entretanto são editadas para fazer o lugar parecer ligeiramente melhor. Às vezes, os fotógrafos usam lentes que fazem o lugar parecer um pouco maior. Além disso, através da edição, fazem ele parecer um pouco mais luminoso. No conjunto, tem-se a impressão de que o lugar é mais espaçoso, mais novo e melhor cuidado do que é de fato.

Você consegue saber se uma foto foi tirada por um fotógrafo do [Airbnb](#) ou pelo proprietário. Quando a foto é profissional, você encontra na parte inferior esquerda dela uma mensagem discreta que diz: **foto verificada**. Isso indica que foi tirada por um fotógrafo profissional. Tenha cuidado com essas fotos. Dê um desconto.

A foto verificada também serve como um mecanismo de segurança, pois indica que o imóvel foi visitado por um representante do [Airbnb](#). Ela prova que o imóvel existe no endereço fornecido pelo proprietário e tem as comodidades informadas.

Quando as fotos são satisfatórias, leio a descrição do imóvel, bem como a lista de amenidades. Nem sempre encontro tudo o que gostaria. Não tem problema. O importante é que os pré-requisitos fundamentais sejam atendidos. Quando chego nessa etapa, sei que isso já aconteceu, portanto sou mais flexível com as amenidades.

Se a descrição, as amenidades e as fotos forem satisfatórias, leio as avaliações dos hóspedes anteriores. Alguns aspectos me interessam em particular. Vejo se alguém comentou sobre a velocidade da internet e o

conforto da cama. Sempre que possível, alugo apartamentos em que alguém disse que a cama era boa e a internet era rápida.

Se houver alguma avaliação negativa, descarto a propriedade. Se o proprietário responder a uma avaliação negativa de um modo defensivo, descarto ainda mais rápido.

Clicando no nome do proprietário, você consegue saber mais detalhes sobre ele. O mais importante é verificar a quantidade de imóveis que ele anuncia no [Airbnb](#). Os proprietários que mais me interessam são os que têm apenas um imóvel.

Quem anuncia um único imóvel costuma ser o dono dele. Prefiro conversar com proprietários. Não gosto de negociar com intermediários. Se a pessoa que anuncia o imóvel que você está analisando também anuncia outros imóveis no [Airbnb](#), ela provavelmente é uma administradora desses imóveis. Não é a proprietária. Talvez seja uma imobiliária ou um profissional independente que administra diversas propriedades no [Airbnb](#). Se possível, evite alugar os imóveis oferecidos por estas pessoas.

Como são administradoras, elas não têm total autonomia para dar descontos, os quais podem afetar a comissão que recebem, fazendo com que não tenham interesse em negociar. A existência de um intermediário já aumenta o custo da locação. Se possível, escolha imóveis que estejam sendo alugados pelo próprio dono. Quando a pessoa só anuncia um imóvel, o mais provável é que seja dona dele.

Há uma última razão. Imóveis oferecidos por administradores costumam não ser tão bem cuidados quanto aqueles oferecidos diretamente pelos próprios donos. Há exceções, porém notamos esse padrão com frequência.

Avaliações

As avaliações são muito importantes no [Airbnb](#). Tanto os proprietários, quanto os hóspedes têm a preocupação de criar e manter uma boa reputação dentro do sistema. Isso é ótimo porque faz todo mundo se comportar bem no dia a dia. Os proprietários fazem o possível para oferecer seus imóveis em boas condições e os hóspedes fazem o possível para preservá-los assim. Todos prezam pelo bom relacionamento.

Isso é fantástico e faz com que todos tenham uma boa experiência, porém também produz alguns efeitos ruins. Um deles se reflete nas avaliações.

Em minha experiência, noto que as avaliações dos imóveis costumam ser mais generosas do que deveriam. Não significa que sejam enganosas. Elas apenas concentram-se nos aspectos positivos e aliviam os negativos. Sendo assim, ao ler as avaliações, dê um desconto. Se todos falam bem, o imóvel provavelmente é bom, mas não vá com a expectativa tão alta.

Tenha cuidado sobretudo quando as avaliações fizerem muitos elogios ao proprietário. Alguns deles são pessoas maravilhosas. Quando a gente chega a uma nova cidade e conhece um proprietário legal, temos uma sensação boa, nos sentimos acolhidos e protegidos. Isso nos marca de maneira profunda. Alguns proprietários tornam-se grandes amigos.

Nesses casos, a gente tende a caprichar ainda mais na avaliação como forma de agradecimento pela acolhida, mesmo que o imóvel não seja assim tão bom. Nosso compromisso com o proprietário torna-se mais forte do que com futuros viajantes que lerão nossa avaliação. Por isso, é comum que a gente deixe de mencionar eventuais problemas que encontramos no lugar. Em vez disso, a gente se concentra em elogiar o proprietário.

Já vimos muita gente fazer isso e nós mesmos já demos avaliações assim. Hoje, a gente se policia mais e tenta escrever avaliações tão objetivas quanto possível.

Analise as avaliações com cuidado. Se a maioria delas gira em torno de elogios ao proprietário, dê um bom desconto. Tenha cautela adicional. Além disso, ao sair de um imóvel, faça um esforço para deixar uma avaliação objetiva, ainda que o proprietário seja fantástico. Se houver algum problema no lugar, tente resolver inicialmente com o proprietário, de forma privada. Se persistir, mencione-o na avaliação.

Pagamento

Quando encontrar um apartamento que pareça satisfatório, entre em contato com o dono e negocie. Já mostrarei como negociamos. Por ora, explicarei alguns detalhes sobre pagamentos no [Airbnb](#).

Em algumas propriedades, cobra-se um valor adicional a partir de uma certa quantidade de hóspedes. Por exemplo, o apartamento comporta quatro pessoas, porém cobra-se um valor adicional após o segundo hóspede. Neste caso, o valor da locação seria igual para uma ou duas pessoas, porém mais caro se houver três hóspedes ou mais.

Alguns proprietários cobram uma taxa adicional de limpeza, cujo propósito é pagar uma faxineira para limpar tudo quando você for embora.

Em alguns casos, cobra-se também um depósito de segurança. Ele pode ser usado para pagar por alguma coisa que você quebre durante a estadia. Esse valor é bloqueado em seu cartão de crédito quando você faz a reserva. É semelhante ao bloqueio que as locadoras de automóveis fazem para cobrir o pagamento de eventuais multas e danos no veículo. O bloqueio é removido de seu cartão quando sua estadia termina, você vai embora e o proprietário verifica que está tudo em ordem.

Alguns proprietários oferecem desconto semanal e/ou mensal. Por outro lado, alguns cobram valores mais altos nas noites de fim de semana, quando a demanda é maior.

O [Airbnb](#) cobra uma [taxa pelo serviço que presta](#). Ela é informada no momento em que você efetua a reserva. Pode variar de 5% a 15% do valor da locação. Quanto mais curta a estadia, maior a taxa. Quanto mais longa, menor.

Para fazer uma reserva, você precisa ter um cartão de crédito. Você paga o valor integral da hospedagem no momento da reserva, exceto quando a estadia for de alguns meses. Nesses casos, o [Airbnb](#) faz a cobrança mensal em seu cartão de crédito.

Depois que a reserva é efetuada, se você precisar cancelar, o [Airbnb](#) respeita a [política de cancelamento](#) escolhida pelo proprietário e informada na descrição do imóvel. O [Airbnb](#) disponibiliza seis tipos de políticas de cancelamento e o proprietário adota a que considerar mais conveniente.

A [política de cancelamento flexível](#), por exemplo, devolve todo o pagamento, exceto taxas, se você cancelar até um dia antes da chegada. A [rigorosa](#), por outro lado, devolve 50% caso você cancele com pelo menos uma semana de antecedência.

Quando você efetua o pagamento, o proprietário não o recebe imediatamente. O [Airbnb](#) fica com seu pagamento em um primeiro momento. Ele aguarda até a sua chegada ao imóvel e só repassa o pagamento para o proprietário um dia após sua entrada no imóvel. Isso é um mecanismo de segurança importante. Se você chegar ao imóvel e descobrir que ele não corresponde ao que foi prometido, você pode e deve entrar em contato com o [Airbnb](#). Quando você informar que não quer ficar no imóvel porque ele não corresponde ao que foi combinado, o [Airbnb](#) não fará o pagamento ao proprietário e você poderá buscar outro lugar.

Isso torna difícil para qualquer proprietário fazer uma pilantragem no [Airbnb](#). Se ele tentar, provavelmente não receberá o pagamento. Isso torna o [Airbnb](#) um sistema bastante seguro. Nós o utilizamos desde 2010 e já fizemos quase cem locações. Tomando as precauções que mencionei, nunca tivemos nenhum problema sério. O máximo que já aconteceu foi termos nos decepcionado com algum aspecto pontual de alguns poucos apartamentos, porém nada que comprometesse a estadia.

Alternativas

Além do [Airbnb](#), também existem outros sites que funcionam de forma parecida:

- [Windu](#)
- [9flats](#)
- [HomeAway](#)
- [VRBO](#)
- [HouseTrip](#)
- [StopSleepGo](#)
- [VaycayHero](#)
- [Bedycasa](#)
- [WaytoStay](#)
- [PerfectPlaces](#)
- [AlugueTemporada](#)
- [FlipKey](#)
- [Pandabed](#)
- [Tripping](#)
- [Homestay](#)

Lembre-se também que sites usados tradicionalmente para reservar hotéis, como o [Booking.com](#), também costumam oferecer apartamentos para locação. Consulte-os antes de fechar negócio pelo [Airbnb](#).

Capítulo 10

Outros tipos de acomodação

Acomodação é um dos maiores custos na vida de um nômade digital. Felizmente, há inúmeras formas de tratar essa questão. Por incrível que pareça, é possível acomodar-se em apartamentos excelentes ao redor do mundo pagando preços muito razoáveis. Inclusive, menores do que você gastaria para morar em um apartamento fixo no Brasil. Dependendo da estratégia que você utilize, é até possível não pagar nada ou quase nada.

Hotel

Hotel é a forma de acomodação mais conhecida. Todo mundo sabe como funciona. Também é uma das mais caras. Não só pelo valor alto da diária. Em um quarto de hotel, você não costuma encontrar uma cozinha, o que significa que precisa fazer as refeições fora.

Hotéis não são tão usados por nômades digitais quanto apartamentos do [Airbnb](#) e outras alternativas. Porém há momentos em que são importantes.

Utilizamos hotéis para estadias mais curtas, de até dois dias. Às vezes, isso ocorre quando estamos em um traslado maior. Por exemplo, uma vez estávamos indo do Rio para Istambul nas vésperas do *réveillon*. Em função dos tipos de passagens que conseguimos na época, tínhamos de desembarcar em Frankfurt e pegar outro voo para Istambul dois dias depois. Tivemos de ficar em um hotel para aguardar o voo seguinte.

Houve lugares em que não conseguimos encontrar boas opções de [Airbnb](#) e outros em que era mais conveniente usar um hotel, como no caso da China. Quando estivemos lá, a oferta de propriedades no [Airbnb](#) era limitada e havia hotéis com preços bons. Além disso, a recepção do hotel exercia um papel útil.

Pouca gente fala inglês lá. Pedíamos aos recepcionistas dos hotéis, que falavam inglês, para nos ajudar com o mandarim. Eles eram nossos tradutores informais. Toda vez que a gente precisava pegar um táxi, por

exemplo, a gente pedia para a recepcionista escrever o endereço em chinês em um cartão. Depois, bastava entregar o cartão para o taxista. Fizemos o mesmo em algumas partes do Japão. Ter uma recepção vinte e quatro horas também é útil quando chegamos de um voo no meio da madrugada, caso em que seria inconveniente fazer o *check in* em um apartamento do [Airbnb](#), por exemplo.

Assim como no caso do [Airbnb](#), é fundamental estudar as avaliações dos hóspedes anteriores. O número de estrelas de um hotel é pouco relevante. Existem hotéis de três estrelas que são tão bons quanto de cinco e outros de cinco que não deveriam ter mais de três. A informação mais importante na hora de decidir por um hotel é o conjunto de avaliações deixadas por hóspedes anteriores.

Quando busco um hotel, a ferramenta que uso com mais frequência, ao menos para a pesquisa inicial, é o [Booking](#). Porém nem sempre faço a reserva através dele.

A forma de usar é simples e semelhante a de tantas outras ferramentas. Você informa o destino e o período da estadia. Ele mostra uma lista de resultados e você pode ler os detalhes de cada um para saber o que o hotel oferece e como foi avaliado pelos hóspedes.

Existem alguns pontos que você deve olhar com atenção.

Ordem dos resultados. Quando você faz uma busca em um site como o [Booking](#), o resultado costuma ser apresentado de uma forma que não é conveniente para você. No caso específico do [Booking](#), ele mostra no topo das buscas hotéis que pagam para aparecer em destaque. Ignore-os e ordene os resultados de acordo com as avaliações dos hóspedes. Só elas interessam.

Avaliações. Leia as avaliações com cautela. Em particular, veja o que falam sobre o Wi-Fi do hotel. No caso do [Booking](#), você pode ver a nota que as pessoas atribuem ao Wi-Fi.

Disponibilidade de Wi-Fi grátis é um dos pontos com os quais você precisa ter mais atenção. Não confie na descrição do hotel. Verifique o que as pessoas dizem. Às vezes, a conexão existe, porém é lenta demais.

No caso de hotéis de quatro e cinco estrelas, é comum que o Wi-Fi seja cobrado. É uma afronta, considerando-se o que já cobram pelo quarto.

Se você gostar de um hotel e quiser ter mais certeza sobre ele, procure-o também no [TripAdvisor](#), onde provavelmente encontrará mais avaliações.

Mesa. Veja as fotos e verifique também se o quarto tem uma mesa em que você possa apoiar seu *notebook*.

Tamanho do hotel. Nós evitamos hotéis grandes tanto quanto possível. Eles costumam oferecer um serviço pior. Por maior que seja o número de quartos, os hotéis raramente fazem uma recepção suficientemente grande para dar vazão ao número de pessoas. Em hotéis grandes, é comum você ter de enfrentar longas filas para fazer o *check in*. Áreas comuns tendem a ficar cheias. É o caso da academia, piscina, sauna e assim por diante.

Hotéis grandes tendem a ser menos seguros também. Muita gente passa pelas áreas comuns. É difícil distinguir quem é hóspede ou não.

Se você quer evitar os eventuais problemas de um hotel grande, verifique o número de quartos antes de fazer a reserva. Algumas ferramentas, como o [Booking](#), trazem essa informação na descrição do hotel.

Café da manhã. O café da manhã costuma ser um dos atrativos oferecidos pelos hotéis, entretanto um número cada vez maior deles oferece a possibilidade de reservar um quarto sem café da manhã por um preço inferior.

Se você optar pelo café da manhã, lembre-se que ele tem um horário de término. Se você sabe que vai fazer o *check in* no meio da madrugada, quando chegará de um voo, talvez não faça sentido optar pelo café da manhã porque você acordará tarde demais.

Limpeza. Se você quer que a camareira faça a limpeza do quarto, esteja preparado para recebê-la. Não deixe nada de valor exposto no quarto. Se possível, guarde o notebook e outros aparelhos eletrônicos antes que ela entre no quarto. Se você não pretende estar no quarto, carregue seu notebook contigo e outros itens de maior valor. Não assuma que você está em segurança apenas por estar em um quarto de hotel. Roubos são comuns em quartos de hotel.

Antecedência. Qual o melhor momento para reservar um hotel? É melhor fazê-lo com bastante antecedência ou é preferível deixar o dia da viagem se aproximar? Quando você procura com antecedência, você tem mais opções. Isso te permite encontrar opções mais baratas, especialmente em cidades mais concorridas. Por outro lado, os valores oferecidos provavelmente serão de tarifa cheia porque o hotel sabe que pode esperar um pouco mais antes de fazer alguma promoção. Muitos hotéis oferecem descontos quando estão com apartamentos vagos nas vésperas de sua estadia. Isso pode te dar a chance de ir para um hotel melhor, pagando um valor que ainda caiba em seu orçamento.

Para lidar com essas duas possibilidades da melhor forma possível, você pode adotar a seguinte estratégia. Reserve com bastante antecedência um hotel que lhe permita cancelar a reserva sem nenhum custo. Quando estiver mais próximo da viagem, verifique se existem hotéis melhores oferecendo descontos substanciais. Se encontrar algum que te interesse, faça a reserva e cancele a reserva que fez no primeiro hotel.

Ferramentas de busca. Existem inúmeras ferramentas para você buscar hotéis ao redor do mundo. Algumas são mais fortes que outras em determinados lugares. É possível que um hotel esteja fazendo uma promoção em uma e não em outras. Por essa razão, recomendo que você busque sempre em mais de uma ferramenta.

Apresento abaixo algumas das mais populares.

- [Booking](#)
- [Hoteis](#)
- [TripAdvisor](#)
- [Expedia](#)
- [Agoda](#)
- [Kayak](#)
- [Priceline](#)
- [LastMinute](#)
- [HotWire](#)
- [LateRooms](#)
- [Tingo](#)
- [HotelTonight](#)
- [CheapTickets](#)
- [Ctrip](#)
- [DetectaHotel](#)
- [BudgetPlaces](#)

Além dessas, procure também no Google. Existem algumas propriedades que optam por não participar de nenhuma dessas ferramentas. Talvez você consiga encontrá-las fazendo uma busca no Google.

Como fazer a reserva. Quando você tiver definido o hotel em que deseja ficar, coloque o nome dele no Google e tente localizar o site, página

do Facebook, telefone ou alguma outra forma de contato. Se conseguir, faça um contato e verifique quanto o hotel cobra para fazer a reserva diretamente com ele.

Ferramentas como o [Booking](#) cobram dos hotéis comissões que podem chegar a 20%. O preço anunciado nessas ferramentas precisa ser ajustado para compensar a perda que o hotel terá com o pagamento da comissão. Se você entrar em contato com o hotel diretamente, há uma chance de ele te oferecer uma tarifa menor.

Bed and breakfast

O *bed and breakfast* equivale ao que chamados de pousada no Brasil. É uma acomodação mais simples que um hotel, mas funciona de maneira parecida.

Uma diferença é que, em uma pousada, às vezes a arrumação dos quartos não ocorre todos os dias. Além disso, em muitos casos a recepção não funciona vinte quatro horas por dia. Você precisa ter bastante atenção quando fizer a reserva, caso precise chegar no meio da noite.

Os sites para a busca de hotéis mencionados antes costumam trazer pousadas também. Se você prefere ficar em um *bed and breakfast*, basta selecionar a opção de mostrar apenas esse tipo de acomodação.

Hostel

Hostel, ou albergue, como é chamado em português, é uma opção clássica para mochileiros devido ao custo reduzido quando comparado ao de um hotel. O valor menor se justifica, em parte, pela forma como a acomodação é oferecida.

Você fica hospedado em um dormitório que é dividido com outros viajantes. O número de pessoas por dormitório depende do albergue. Pode ir de três ou quatro pessoas a dezenas. Você não paga por um quarto, mas sim por uma cama. O banheiro é compartilhado.

É comum que você tenha acesso a um armário onde pode trancar sua bagagem durante a estadia. Albergues também costumam oferecer uma cozinha comunitária. Em alguns casos, o café da manhã está incluído no preço. Quando a cozinha não está sendo usada para servir o café da manhã, você pode utilizá-la para preparar suas refeições.

Alguns albergues também oferecem quartos privados. Nesses casos, eles podem ser úteis até mesmo para grupos e casais que preferiram ter maior privacidade.

Albergues nem sempre são bons lugares para nômades digitais se hospedarem e trabalharem. O ambiente é um pouco mais caótico. Você não tem tanto controle sobre seu espaço. Entretanto, eles podem ser excelentes para nômades digitais que viajam sozinhos. Não apenas pela possibilidade de reduzir os custos, mas sobretudo pela facilidade de conhecer e interagir com outras pessoas.

Eu e Pati já nos hospedamos em albergues inúmeras vezes no passado, em viagens de mochilão, porém raramente os utilizamos depois que viramos nômades. Em parte porque preferimos ter mais controle sobre nosso espaço de trabalho e porque, estando juntos, sentimos menos necessidade do convívio com outras pessoas. No entanto, se eu estivesse viajando sozinho, certamente ficaria em albergues para aumentar as chances de interagir com outras pessoas.

Albergues têm alguns detalhes que é bom conhecer, caso você nunca os tenha usado.

Roupa de cama e toalhas

Ao contrário de hotéis, pousadas e propriedades do [Airbnb](#), nem sempre albergues oferecem roupa de cama e toalha. Alguns não fornecem nem uma coisa nem outra. Outros oferecem roupa de cama e talvez aluguem a toalha. Isso pode ser um problema para pessoas como a gente porque não carregamos nada disso em nossa bagagem.

Restrição de idade

Alguns albergues trabalham com restrição de idade. Por exemplo, eles não aceitam viajantes que tenham mais de trinta anos.

Curfew

Alguns albergues possuem uma política de *curfew*, que significa toque de recolher em português. Eles fecham as portas em uma parte da noite. Por exemplo, das 22h às 6h.

Durante esse período, quem está fora não pode entrar e quem está dentro não consegue sair. Em alguns casos, isso ocorre porque a recepção fecha e não fica nenhum funcionário no lugar. Em outros, isso é feito para incentivar as pessoas a irem para a cama, o que faz algum sentido. Afinal, em um quarto compartilhado, às vezes você quer dormir e outras pessoas estão em plena atividade.

Barulho e luz

Como você pode imaginar, nem sempre é fácil dormir em um albergue, especialmente devido ao barulho que outras pessoas fazem no dormitório e até mesmo à luz. Para sobreviver a uma experiência dessas, é fundamental que você leve dois itens em sua bagagem: *plug* para os ouvidos e máscara para tapar os olhos. Sem isso, dormir em um albergue pode ser um desafio e tanto.

Dormitório mixto

Alguns albergues têm dormitórios separados para homens e mulheres. Entretanto, há outros em que todos ficam juntos.

Lockout

Alguns albergues adotam um *lockout* diário. Eles expulsam todos os hóspedes do dormitório, ou do albergue inteiro, durante uma parte do dia. Isso costuma acontecer entre às 10h e às 14h com o propósito de fazer a limpeza. É algo bastante inconveniente. Se puder, evite albergues com essa política.

Laundry

Albergues costumam ter uma área de lavanderia. Eles oferecem máquinas de lavar que você opera com moedas ou paga na recepção para utilizar. Isso é ótimo para os hóspedes e pode revelar-se útil até para quem não está hospedado no albergue.

Quando estivemos na China, descobrimos que não é comum a existência de lavanderias. As pessoas costumam ter máquina de lavar em casa e

consideram pouco higiênico lavar as roupas na mesma máquina que é utilizada por outras pessoas.

Quando estava em Beijing, o único lugar em que consegui achar uma lavanderia foi na universidade. Afinal, quem mora nos dormitórios precisa lavar a roupa em algum lugar.

Além das universidades, você também pode encontrar máquinas de lavar nos albergues. Muitas vezes é possível usá-las ainda que não esteja hospedado no lugar. Portanto, a lavanderia dos albergues pode ser uma saída nos diversos lugares do mundo em que não é comum encontrar lavanderias pela rua.

Wi-Fi

A maioria dos albergues oferece Wi-Fi gratuito e a qualidade da conexão costuma ser melhor que a de muitos hotéis.

Preço

Albergue costuma ser uma das opções de acomodação mais baratas. Entretanto, nem sempre é a opção que faz mais sentido econômico. Se você estiver viajando sozinho, o albergue tende a ter a melhor relação custo/benefício, mas não se pode esquecer que também é possível alugar apenas quartos pelo [Airbnb](#), cujo valor muitas vezes pode ser menor ou igual ao de uma cama em um albergue. Quando existe mais uma pessoa, ou várias, o custo do albergue pode não fazer sentido. Isso acontece porque a cobrança costuma ser por pessoa. Quanto mais pessoas, maior o custo total.

Mesmo quando são apenas duas pessoas, existem situações em que é mais negócio alugar um apartamento no [Airbnb](#) ou um quarto em uma pousada, já que o valor é igual ou menor que o de um albergue.

Alguns albergues são bem legais e tem uma estrutura excelente. Vários deles contam com design bonito e acomodações confortáveis. Nestes casos, podem ser bem caros. Alguns são verdadeiras obras de arte, com ilustrações belíssimas nas paredes e um monte de elementos artísticos.

Hóspedes

O mais comum nos albergues é que os hóspedes sejam pessoas mais jovens. Isso não acontece em todos os lugares, porém é o que você deve esperar na maioria deles.

Alguns albergues inclusive promovem festas com frequência e são bem legais para descontrair e conhecer outras pessoas.

Ferramentas

Essas são algumas das ferramentas que você pode utilizar para encontrar albergues ao redor do mundo. O funcionamento é semelhante ao dos sites para descobrir hotéis.

Assim como acontece no caso dos hotéis, é fundamental que você ordene os resultados das buscas pelas avaliações e leia as mesmas atentamente. Não escolha um albergue apenas pelo preço. Concentre-se principalmente em encontrar locais que sejam bem avaliados.

- [Hostelworld](#)
- [Hostels.com](#)
- [Hostelz](#)
- [HostelBookers](#)
- [LonelyPlanet](#)
- [Hosteling International](#)
- [Gomio](#)
- [YHA UK](#)
- [HostelsClub](#)
- [YHA India](#)
- [Swiss Youth Hostels](#)
- [YHA Israel](#)
- [HI USA](#)
- [YHA New Zealand](#)
- [YHA Australia](#)
- [WEHostels](#)
- [HostelsCentral](#)
- [Pousadas de Juventude](#)
- [HI Iceland](#)
- [HI Brasil](#)

CouchSurfing

Por mais estranho que possa parecer, é possível viajar o mundo sem gastar nada com acomodação. Uma das formas de fazer isso é usar o [CouchSurfing](#). É um site onde pessoas do mundo inteiro oferecem um quarto vago ou simplesmente um sofá para você passar a noite.

Elas fazem isso para ajudar viajantes e conhecer pessoas de outros lugares do mundo. Nessa ferramenta, todas as hospedagens são gratuitas. Quem a utiliza não pode cobrar nada do hóspede.

Além de conectar as pessoas e viabilizar hospedagens gratuitas, o [CouchSurfing](#) também promove diversos eventos. Por exemplo, em muitas cidades do mundo existem encontros semanais do [CouchSurfing](#). Eles servem para integrar viajantes e pessoas que moram na cidade. Podem ser frequentados por qualquer pessoa, mesmo por quem não esteja hospedando pelo [CouchSurfing](#) ou sendo hospedado dessa forma. Participar de encontros do [CouchSurfing](#) é uma das estratégias que usamos regularmente para fazer amigos por onde passamos.

Assim como acontece no caso do [Airbnb](#), existe um processo de avaliação dos proprietários e dos hóspedes. Após uma estadia, os hóspedes fazem uma avaliação da experiência e os anfitriões dizem o que acharam dos hóspedes.

Para encontrar um lugar para ficar, você usa a busca da ferramenta, onde informa o destino, o período da viagem e a quantidade de pessoas. O [CouchSurfing](#) mostra a lista de proprietários que estão disponíveis e você visita o perfil deles para saber mais a respeito do que estão oferecendo. Se gostar de algum, você envia um pedido para se hospedar.

Como trata-se de acomodação gratuita, a concorrência costuma ser grande em algumas partes do mundo. Muita gente entra em contato com o mesmo anfitrião e ele precisa escolher quem hospedará.

Para que você tenha mais chances de ser aceito, existem algumas recomendações.

Frequente os eventos do CouchSurfing de sua cidade. Eles te dão a oportunidade de conhecer pessoas que já utilizam o [CouchSurfing](#) há mais tempo. Assim você pode aprender com elas e entender melhor como o sistema funciona. Isso pode te ajudar a aumentar as chances de ser aceito.

Preencha seu perfil completamente. Seu perfil é como um cartão de visita. É a primeira coisa que potenciais anfitriões avaliam. Como eles abrirão as portas de casa para você, eles querem conhecer o máximo a seu respeito. Preencha todos os detalhes da melhor forma possível. Alguns anfitriões não chegam nem a responder se você não se der ao trabalho de preencher o perfil.

Verifique a sua conta. Você pode fazer alguns processos de verificação através do site. É possível verificar o telefone e o endereço, além de fazer um pequeno pagamento. Isso ajuda o anfitrião a ter mais segurança de quem você é. Faça pelo menos alguns desses processos de verificação.

Colecione referências. Muitos anfitriões recusam-se a te receber se você não tiver nenhuma referência. Portanto, é importante que outras pessoas escrevam algo sobre você. Não é necessário que você se hospede na casa de alguém. Se você for nos encontros do [CouchSurfing](#) e fizer amizade com outras pessoas, escreva referências para elas e elas retribuirão escrevendo sobre você. Assim você começa a criar sua reputação dentro da plataforma.

Aprenda tudo sobre seu anfitrião. Antes de enviar um pedido de acomodação, leia todos os detalhes sobre o anfitrião em seu perfil. Isso é importante para você saber quais as condições da acomodação que está sendo oferecida. Ao contrário do [Airbnb](#), não há muitas fotos da acomodação no [CouchSurfing](#). Você precisa ler o perfil do anfitrião para entender melhor os detalhes do lugar em que pretende ficar.

Envie um email bem elaborado. Quando fizer um pedido de acomodação, não se contente em apenas indicar as datas e a quantidade de pessoas. Envie uma mensagem mais completa dando detalhes sobre sua viagem e os motivos pelos quais gostaria de ficar hospedado na casa daquela pessoa. Faça menção a algum aspecto interessante que você leu no perfil do anfitrião e com o qual se identificou. Quanto mais pessoal você for e mais detalhado, maiores as chances de que a pessoa te aceite. Anfitriões costumam preferir as pessoas que se dão ao trabalho de ler todos os detalhes de seus perfis.

Mantenha contato. Se você for aceito e tiver marcado data e hora de chegada, avise imediatamente caso tenha algum problema no caminho que te impeça de chegar no momento combinado. Seu anfitrião estará esperando por você. Não deixe que ele fique à deriva sem informações sobre o que está acontecendo.

Comporte-se bem. Quando você é aceito e ganha a oportunidade de passar a noite na casa de uma pessoa, é importante ter em mente que ela está te fazendo um tremendo favor. Seja educado, cordial e grato. Pergunte sobre as regras da casa e se você terá uma chave. Ofereça-se para ajudar nas tarefas de casa. Se souber cozinhar, se ofereça para cozinhar um prato de comida que você está acostumado a comer em sua cidade.

Muitos anfitriões adoram a oportunidade de saborear um prato típico de outra cultura. É uma excelente oportunidade para conversar e vocês se conhecerem melhor. Não se pode pagar pela acomodação, mas nada te impede de oferecer um presentinho, como uma garrafa de vinho ou alguma lembrancinha típica de seu país.

Deixe uma referência. Ao final da estadia, escreva uma referência para seu anfitrião. Se a experiência tiver sido legal, capriche nos elogios, naturalmente.

Alternativas

Além do [CouchSurfing](#), você também pode experimentar os sites abaixo que são alternativas semelhantes.

- [HospitalityClub](#)
- [BeWelcome](#)
- [GlobalFreeloaders](#)
- [Staydu](#)

Viabilidade do CouchSurfing para nômades digitais

Conhecemos alguns nômades digitais que utilizam o [CouchSurfing](#) de vez em quando. Entretanto a maioria dos nômades não conta com o [CouchSurfing](#), como é o nosso caso. Isso ocorre por algumas razões.

O nômade digital não se comporta como um mochileiro. Ele não está apenas visitando um lugar rapidamente para fazer turismo. Ele também precisa trabalhar.

Estadias no [CouchSurfing](#) costumam ser curtas, tipicamente de uma a três noites. Para ser produtivo no trabalho, é importante parar em algum

lugar por períodos mais longos. Embora esse modelo de acomodação seja interessante para economizar e interagir com pessoas locais, ele dificilmente colabora para que você tenha um bom desempenho no trabalho.

Além disso, ficar hospedado na casa de outra pessoa significa que você tem menos controle sobre o espaço em que se encontra e menos controle sobre o tempo disponível para o trabalho. Talvez a casa não ofereça um ambiente razoável para trabalhar. Além disso, talvez os anfitriões queiram passar mais tempo conversando com você e te conhecendo. Isso talvez te impeça de trabalhar nos momentos em que precisa e durante o tempo que você quiser. Essas são algumas das razões pelas quais nunca utilizamos o [CouchSurfing](#).

House sitting

Adriana e Eduardo moram em uma casa legal, na companhia de seus dois melhores amigos, Juca e Tuca. São dois labradores lindos que adoram brincar. O casal sempre foi apaixonado por cachorros, porém admite que eles atrapalham na hora de viajar. Nem sempre é possível levar os amiguinhos. O que fazer nestes casos? Quem cuidará deles?

O problema de Adriana e Eduardo é o mesmo de tantas outras pessoas ao redor do mundo. Quando elas precisam viajar por algum tempo, é preciso achar alguém que possa cuidar dos bichinhos de estimação. Em muitos lugares, é possível levar os bichos para um hotel de animais. Entretanto, seus donos muitas vezes preferem que eles permaneçam em casa.

Felizmente, existe uma boa maneira de resolver isso. Existem pessoas que desejam visitar a cidade onde Adriana e Eduardo moram. Se possível, adorariam pagar pouco ou nada pela acomodação. Isso abre espaço para uma troca vantajosa.

O casal pode receber um viajante em sua casa enquanto estiver fora. Em troca da estadia gratuita, o viajante se encarrega de cuidar dos animais enquanto estiver na casa. É uma solução em que todos saem ganhando. Esse conceito é chamado de [house sitting](#) e é bastante popular, especialmente em países de cultura anglo-saxã.

Para facilitar esse processo, existem sites especializados em conectar proprietários e viajantes. Esses são alguns dos mais conhecidos:

- [TrustedHousesitters](#)
- [HouseCarers](#)
- [Nomador](#)
- [HouseSit Match](#)
- [MindMyHouse](#)
- [Happy House Sitters Australia](#)
- [Aussie House Sitters](#)
- [MindAHome](#)
- [House Sitters Australia](#)
- [Australian House Sitter](#)
- [EasyHouseSitting](#)
- [Kiwi House Sitters](#)
- [House Sitters America](#)
- [House Sitters UK](#)
- [HouseM8](#)

Se você quiser experimentar essa modalidade de hospedagem, aprenda todos os detalhes com nossos amigos do site [Vida Cigana](#), através do [Guia de House Sitting](#). Larissa e Carlos já utilizaram *house sitting* em diversos lugares do mundo e compartilham toda a experiência através desse livro. Assista também o [bate-papo que fizemos com eles sobre house sitting](#).

Trabalho voluntário

Rafael é dono de um albergue com muitas camas disponíveis. Para manter o negócio em operação, um dos maiores desafios é o custo com pessoal e a dificuldade de encontrar pessoas que falem inglês. Para resolver essa questão, ele adota um modelo de trabalho voluntário.

Ele recebe voluntários interessados em trabalhar na recepção do albergue por algumas horas semanais. Em troca, os voluntários recebem acomodação no albergue, café da manhã e janta. Dessa forma, Rafael consegue formar uma equipe qualificada, com pessoas do mundo inteiro, que gostam de viajar e compreendem as necessidades de seus hóspedes. Os

voluntários têm a chance de economizar na estadia e na alimentação quando estiverem visitando a cidade.

Esse arranjo é interessante e não se aplica apenas a viajantes que desejam economizar. Viajar dessa forma também é uma excelente oportunidade de se inserir mais em outras culturas. Trabalhando em um albergue, por exemplo, você tem a chance de fazer parte de uma equipe e fazer grandes amigos.

Usei o albergue apenas como um exemplo, pois existem várias outras formas de trabalho voluntário. Também é popular o caso de fazendas orgânicas que utilizam trabalho voluntário.

Para encontrar uma oportunidade de trabalho voluntário, nesse formato que descrevi, você pode verificar os seguintes sites:

- [WWOOF](#)
- [WorkAway](#)
- [Helpx](#)
- [HelpStay](#)
- [VolunteersBase](#)
- [Worldpackers](#)
- [WorkingTraveller](#)

Capítulo 11

Burocracia

Governos adoram se meter na vida das pessoas, especialmente quando decidem viajar. Infelizmente, para ser um nômade digital, você também precisa lidar com algumas burocracias.

Documentação

Antes de sair pelo mundo, você deve providenciar alguns documentos.

Carteira de Identidade

A carteira de identidade é o documento mais básico de todos. Ela não é suficiente para você sair viajando pelo mundo. Porém é importante que esteja em ordem por algumas razões.

Se você estiver viajando dentro do Brasil, é um dos documentos que você pode utilizar para embarcar em aviões e eventuais linhas de ônibus que exigem uma identificação. Ela também pode ser utilizada em lugar do passaporte em viagens para quase todos os países da América do Sul. Os únicos que exigem passaporte são Guiana Francesa, Suriname e Guiana.

Também é importante como um documento de reserva. Se você perde o passaporte durante a viagem, você precisa ir a um consulado brasileiro para emitir um novo. Quando isso acontece, o processo fica mais simples se você tiver a sua carteira de identidade para se identificar no consulado.

Se sua carteira de identidade estiver velha e não tiver uma foto recente, renove-a e comece suas viagens com esse documento em bom estado.

Passaporte

Se você pretende viajar para fora do Brasil e da América do Sul é necessário ter um passaporte. Se ainda não tem um, providencie a emissão

no [site da Polícia Federal](#).

Não deixe para a última hora. A emissão do passaporte pode levar dias ou até meses. De vez em quando o processo de emissão é afetado por algum problema e os passaportes demoram demais para ficar prontos. Providencie o seu tão cedo quanto possível.

Se você já tem um passaporte, fique atento à data de validade dele. Para aceitar sua entrada, muitos países exigem que a validade do passaporte seja pelo menos seis meses superior à data de ingresso no país. Em alguns casos, também pedem que o passaporte tenha uma folha em branco para carimbar o visto de entrada. Se seu passaporte estiver com quase todas as folhas usadas, ou próximo do fim da validade, providencie um novo antes de partir pelo mundo.

Certificado Internacional de Vacinação

O Brasil e quase todos os países da América do Sul são considerados países onde existe risco de transmissão de febre amarela. Por essa razão, diversas nações exigem do viajante brasileiro a vacinação contra a febre amarela. É o caso, por exemplo, de quase todos os países do Sudeste Asiático, tão populares entre os nômades digitais devido às praias e ao baixo custo de vida. Eles costumam exigir que os viajantes brasileiros tenham sido vacinados.

Para comprovar a vacinação da febre amarela, é necessário que você apresente o certificado internacional de vacinação. Para obtê-lo você precisa ir a um posto de saúde e se vacinar. Em seguida, deve levar a carteira de vacinação e sua identidade a uma agência da [Anvisa](#) para que ela seja transformada em um Certificado Internacional de Vacinação.

Note que a vacina deve ser tomada pelo menos dez dias antes da viagem, portanto não deixe para a última hora. Você encontra todos os detalhes sobre como tirar o certificado no [site da Anvisa](#).

Carteira de motorista

Se você pretende dirigir durante a viagem, é necessário que sua carteira de motorista esteja dentro da validade. Se não estiver, providencie a renovação antes de partir.

Permissão Internacional para Dirigir (PID)

Além da carteira de motorista, é recomendável que você também emita a PID, ou Permissão Internacional para Dirigir. Esse é um documento aceito ao redor do mundo que contém praticamente as mesmas informações de sua carteira de motorista. Inclusive, tem a mesma validade. A diferença é que está em um formato reconhecido internacionalmente.

A PID deve sempre ser usada junto à carteira de motorista. Você não a utiliza isoladamente. Quando ela é requisitada, você precisa mostrar tanto a carteira de motorista, quanto a PID.

A forma de emissão da PID varia de um Detran para outro. Informe-se sobre como é o processo no Detran de seu estado.

Nem sempre a PID é solicitada no exterior. Quando você aluga um carro, por exemplo, a locadora sempre pede sua carteira de motorista. Porém, nem sempre exige que você também mostre a PID. De qualquer forma, recomendo que você emita esse documento. Assim você não será impedido de alugar um carro no exterior em função de um detalhe burocrático.

Além disso, polícia corrupta é um problema no mundo inteiro. Quando você tem apenas a carteira de motorista, o policial pode alegar que ela não é válida e querer te extorquir. Se você apresentar também a PID, você esvazia esse argumento porque sua documentação está em ordem.

Documentos que você não deve levar

Existem alguns documentos brasileiros que não são válidos e não têm utilidade fora do Brasil. Por essa razão, recomendo que não os leve em suas viagens para evitar o risco de perdê-los ou tê-los roubados.

Deixe no Brasil documentos tais como: CPF, título de eleitor, certificado de reservista (ou outros documentos militares), certidão de nascimento, certidão de casamento e todos os demais documentos que só tenham validade em território brasileiro.

Imigração

Quando você entra em um país do qual não é residente, nem cidadão, é preciso passar por um processo de imigração, onde você recebe um visto de

entrada. Este visto costuma ser carimbado em seu passaporte e autoriza a sua permanência no país por um período de tempo limitado. Não faz diferença o tipo de meio de transporte que você utilize. Se você entra no país por via terrestre, aquática ou aérea, você sempre passa por um processo de imigração onde deve ganhar um visto, que representa a permissão de estadia temporária.

Quando você viaja apenas com a carteira de identidade para um país da América do Sul, você também recebe um visto na entrada, apesar de a imigração não carimbá-lo em seu passaporte. Neste caso, a informação do visto fica armazenada no sistema de imigração do país e você recebe um papel onde o visto é carimbado.

Esse é o primeiro conceito importante que você deve ter em mente. No geral, ao visitar um outro país, você precisa receber um visto, o qual é válido por um período de tempo limitado. Ele pode ser de apenas alguns dias ou até mesmo de um ano. Depende do país. Frequentemente é de noventa dias para quem viaja com passaporte brasileiro.

É importante saber também que existem diferentes tipos de visto. Além do visto de turista, existe o de negócios, o de estudante, o de trânsito e outros mais. Como nômade digital, o mais comum é que você utilize o **visto de turista**, que é o mais simples de todos.

Além do visto concedido na chegada ao país, existem casos em que você é obrigado a solicitar um visto antecipado através de um consulado ou outra representação diplomática do país. Isso acontece no caso de países tais como EUA, Austrália, Canadá, Índia, China, Japão, entre outros.

Nesses casos, você tipicamente recebe um selo em seu passaporte contendo os detalhes do visto. Os mais importantes são o tipo do visto (turismo ou negócios, por exemplo) e o período de validade. No caso dos EUA, por exemplo, o visto pode ser de até dez anos. Em outros países é de apenas alguns meses.

O visto antecipado só te dá a autorização de viajar até o país. **Ele não garante que você poderá ingressar.** É importante compreender isso. O fato de você ter um visto antecipado dos EUA, por exemplo, não garante que você poderá entrar no país quando chegar lá. Ele apenas te dá o direito de chegar até a fronteira.

Em termos práticos, isso significa que a companhia aérea aceita te levar no voo. Se você não tiver o visto dos EUA, a companhia aérea nem permite que você embarque no avião. Isso vale para qualquer lugar do mundo que

exija a emissão de visto antecipado. Se você não o tiver, a companhia aérea não permite que você embarque no avião e faça a viagem.

Chegando a seu destino, ainda que você esteja em posse de um visto antecipado, você passa pelo processo de imigração. **O agente de imigração é quem decide se você pode entrar no país ou não.** Por exemplo, no caso dos EUA, ainda que você tenha recebido um visto antecipado e tenha voado até lá, a autorização de entrada só é concedida quando você chega ao aeroporto e recebe o carimbo de entrada, após conversar com o agente de imigração. Note que ele pode recusar sua entrada por diversas razões. Felizmente isso é raro.

É ruim quando um país exige um visto antecipado do viajante. Não apenas pela burocracia, mas também pelo custo. Isso complica e encarece a viagem.

Felizmente, para quem tem passaporte brasileiro, não é necessário pedir visto antecipado para a maior parte dos países que são convenientes para nômades digitais. Isso inclui quase todos os países da América Latina, quase toda a Europa, a Rússia, diversos países da Ásia, parte do Oriente Médio, da África e da Oceania.

Se você viaja com o passaporte brasileiro, sua maior preocupação será com o visto concedido na entrada do país. Em nossa experiência, notamos que muitos agentes de imigração, dos mais diversos países, apenas se preocupam em carimbar nossos passaportes. Eles não chegam a trocar uma palavra com a gente e não fazem qualquer pergunta. Em alguns lugares, contudo, eles fazem algumas perguntas. É importante preparar-se para respondê-las.

Quando um agente de imigração decide conversar com você, ele costuma querer saber se você tem onde ficar, se tem como se manter durante a estadia e se tem planos de ir embora ao final dela. O que ele quer evitar é que você entre no país e não saia mais.

Antes de chegar a um novo país, prepare-se com os itens que menciono a seguir.

Reserva da acomodação. É importante que você possa mostrar a reserva de um hotel, albergue, apartamento no [Airbnb](#) ou o que for o caso. O ideal é que essa reserva esteja em seu nome e tenha um endereço claramente visível. Em alguns casos, é necessário informar o endereço exato onde você irá se hospedar. Ele ficará armazenado no sistema da imigração.

Passagem de saída. Existem situações em que o agente de imigração pede que você apresente uma passagem de saída do país. Ela não precisa ser de volta para o país de onde você veio. Você não precisa de uma passagem de volta para o Brasil, por exemplo. Ela pode ser para qualquer outro país. O agente só quer ter a certeza de que você tem planos de deixar o país dentro do prazo do visto.

Seguro de saúde internacional. Alguns lugares exigem que você tenha um seguro de saúde válido durante o período de sua estadia. Esse é o caso da Europa, por exemplo. O agente de imigração pode pedir para ver um comprovante de que você tem um seguro de saúde válido. No caso da Europa, embora o seguro seja exigido, os agentes de imigração raramente pedem para ver o comprovante. Nunca nos pediram, por exemplo. Assim mesmo, recomendo que você tenha um.

Meios para se manter. Em alguns casos, o agente de imigração pode pedir que você comprove que é capaz de se sustentar durante a estadia. Se você estiver portando dinheiro, você pode mostrá-lo. Se estiver carregando cartões de crédito, você também pode apresentá-los. Se necessário, você também pode mostrar o saldo de aplicações financeiras. Basta que tenha se preparado com antecedência e tenha pego esses saldos antes de partir para a viagem. Não espere poder acessar o *internet banking* durante a conversa com o agente de imigração. Isso dificilmente será possível. Então, o melhor é estar preparado. É raro que peçam algum tipo de comprovação financeira, a menos que você seja muito jovem e se enquadre no perfil considerado de risco pelos agentes de imigração. De qualquer forma, é bom estar preparado.

História. É importante você ter uma história pronta. Na maior parte dos casos, o agente de imigração está mais interessado em sua história do que em qualquer papel que você possa lhe apresentar. Se a história tiver algo esquisito, aí sim ele vai querer ver os itens que mencionei antes. Sendo assim, tenha uma história pronta. Se estiver viajando com outras pessoas, combine a história entre vocês com antecedência.

Digam o que o agente de imigração quer ouvir. A ideia aqui não é mentir. Você não deve mentir para a imigração de nenhum país. Apenas organize a história para que ela seja encarada com naturalidade.

Uma das maiores preocupações do agente de imigração é se você está indo para o país dele para ficar permanentemente e buscar emprego. Sendo assim, mencionar qualquer assunto ligado a trabalho é desaconselhável.

Como nômade digital, você vai trabalhar por onde estiver passando, mas não buscará emprego local. Você trabalhará com seu notebook, em seu apartamento do [Airbnb](#), ou em um albergue, ou em um café, por exemplo. Porém você não estará "tirando o emprego de um local". Sendo assim, para efeitos burocráticos, você está apenas fazendo turismo.

A menos que você tenha feito um pedido antecipado de um visto de trabalho e esteja indo para o país com tal visto colado no passaporte, **nunca utilize a palavra trabalho na imigração**. Se você está entrando com um visto de turista, diga que está indo para fazer turismo. Em termos burocráticos, isto é exatamente o que está acontecendo. Ao mesmo tempo, **não diga que é nômade digital**. Você é apenas um turista como outro qualquer.

O agente de imigração lida com centenas de pessoas todos os dias. A maioria está entrando para fazer turismo. Esse é o padrão ao qual ele está acostumado. Se você menciona outra coisa, isso chama atenção e aumenta as chances de que ele queira saber mais detalhes sobre sua vida e sua viagem.

Da mesma forma, quando ele perguntar onde você mora, tenha uma resposta para dar. Como nômade digital, você provavelmente não terá uma casa fixa, mas precisará ter um endereço de correspondência no Brasil, que continuará a ser, para todos os efeitos, seu país de residência. Esse endereço pode ser de algum familiar ou amigo. O importante é que exista um e que você possa fornecê-lo em situações como essa. **Não diga que você não tem endereço fixo por ser nômade digital**. Isso foge do padrão e tem boas chances de te trazer problemas.

Agentes de imigração são treinados para analisar suas reações. Com frequência, estão mais interessados em suas reações às perguntas, que nas respostas em si. Quando você chega preparado, com uma história consistente, o agente sente-se mais confortável em para permitir sua entrada.

Só abra a boca para responder o que o agente perguntar. Se ele solicitar seu endereço, por exemplo, informe apenas o endereço. Não comece a contar a história de sua vida. Isso vale para qualquer tipo de autoridade e não apenas para agentes de fronteira. Só responda o que é perguntado. O que você diz pode ser usado contra você posteriormente. Portanto só diga o que é perguntado. Não fale nada além do estritamente necessário.

O propósito dessas recomendações não é que você engane os agentes de imigração. A ideia aqui é que você evite complicações desnecessárias por não estar preparado e por falar coisas que ele não quer ouvir e podem te prejudicar.

Conceitos básicos

Fazendo uma analogia, nosso planeta é como se fosse um condomínio com inúmeras casas, onde cada uma representa um país. Você reside em uma dessas casas e, naturalmente, não precisa de nenhuma autorização especial para entrar ou sair dela a hora que quiser. Se quiser entrar em outra, entretanto, precisa pedir autorização a seus donos. O fato de morar no mesmo condomínio que a Paula, por exemplo, não te dá o direito de entrar na casa dela.

No caso de países, o que acontece é semelhante. Você pode entrar ou sair do país em que nasceu ou reside a hora que quiser, porém precisa pedir permissão para entrar em outros.

Para permitir que você entre em sua casa, Paula pode levantar três questões importantes:

- Quem é você?
- O que você está carregando?
- Você está com alguma doença contagiosa?

Essas também são as principais preocupações dos países. Ao desembarcar em um aeroporto estrangeiro, você passará por um controle de pessoas (a **imigração**), um controle de bagagens (a **alfândega**) e, em alguns casos, um controle sanitário, cujo objetivo principal é evitar a entrada de pessoas com doenças contagiosas.

Para entrar em um país no qual não nasceu nem reside, você precisa pedir uma **permissão de entrada** às autoridades do país.

Em termos concretos, essa permissão costuma ser um carimbo, estampado em seu passaporte, contendo a data de entrada no país e a autorização de sua permanência por um período de tempo limitado. O **oficial de imigração** é a pessoa responsável por avaliar quem deseja ingressar no país e carimbar os passaportes dos visitantes.

O carimbo no passaporte serve para provar a quem possa interessar que você recebeu uma autorização para ingressar legalmente no país e permanecer nele pelo período de tempo estabelecido no momento da entrada.

Continuando com a analogia, se você pede para visitar a casa de outra pessoa, é natural que ela queira saber o **propósito da visita**. No caso de um país, para obter uma permissão de entrada, você também precisa explicar a razão da visita.

O motivo mais usual é fazer **turismo**, porém existem outros, tais como estudar, trabalhar, fazer um tratamento médico, visitar parentes e assim por diante. Cada país estabelece os motivos que considera aceitáveis para receber um visitante. Turismo é um propósito aceito por quase todos os países.

Quando você pede para entrar na casa de outra pessoa, ela pode aceitar seu pedido e lhe abrir as portas, ou pode negar e te mandar embora. O mesmo ocorre com países.

As autoridades de um país não são obrigadas a te receber se você não tiver nascido nele e não residir nele. Elas podem se negar a te receber se considerarem que sua presença não lhes convém. Isso ocorre, por exemplo, no caso de criminosos que tenham sido condenados. Alguns países podem se recusar a recebê-los como visitantes. Em outros casos, podem negar a entrada de alguém que pareça suspeito de querer ficar por um tempo maior que o permitido.

Caso aceitem sua entrada, as autoridades determinam por **quanto tempo** você pode ficar, **o que é permitido** que você faça e **o que é proibido**. Vai depender do motivo da visita e da legislação do país. Quando você recebe uma permissão de entrada para fazer turismo, por exemplo, é comum que possa mover-se livremente dentro do país, mas não possa buscar emprego nele. Além disso, o tempo máximo de estadia costuma ser curto, tipicamente de um, três ou seis meses.

Ao longo de sua estadia, se não quiserem mais a sua presença por alguma razão, as autoridades podem solicitar que você se retire. Em alguns casos, podem até proibir seu retorno no futuro, especialmente se você cometer algum crime durante sua permanência.

Obter a permissão para ingressar em um país como turista costuma ser fácil. Basta viajar até ele e passar pela imigração (do aeroporto, por exemplo), onde um oficial irá carimbar a permissão em seu passaporte.

Entretanto, alguns países exigem que você solicite uma permissão com antecedência. É o que se chama de **visto** ou *visa*, em inglês.

A necessidade ou não de solicitar um visto com antecedência depende de sua nacionalidade, do tempo que deseja ficar no país e dos tipos de atividades que deseja fazer. Quando se trata apenas de turismo, por um tempo relativamente curto (menos de três meses), o mais comum é que você não tenha de pedir visto com antecedência se estiver viajando com o passaporte brasileiro.

Tipos de visto por propósito

A legislação de cada país estabelece os motivos aceitos para receber um visitante. Cada um corresponde a uma ou mais categorias de vistos que podem ser solicitados.

Vistos de curta duração (ou de visitante)

São vistos que podem ser obtidos por pessoas que desejam passar pouco tempo no país. Abaixo estão alguns dos tipos mais comuns de visto de curta duração.

- **Turismo** - Permite fazer passeios apenas. Não permite que seu portador trabalhe, estude, frequente conferências ou realize negócios no país.
- **Visita privada** - É usado para visitar uma pessoa específica, que pode ser um amigo ou familiar. Para obter esse tipo de visto, costuma ser necessário que a pessoa a ser visitada escreva uma carta convidando o visitante.
- **Tratamento médico** - Usado para quem deseja visitar clínicas ou hospitais no país de destino com o objetivo de se consultar com especialistas, fazer exames médicos e até mesmo cirurgias.
- **Negócios** - Utilizado por representantes de empresas que desejam oferecer seus produtos ou serviços em outro país, estabelecer parcerias, visitar clientes e fornecedores, participar de convenções, assinar contratos e assim por diante.

- **Esportivo ou artístico** - Destinado a atletas ou artistas que estejam visitando um país com o propósito de participar de competições ou fazer apresentações. Normalmente, pode ser utilizado também pelo pessoal de apoio que viaja com atletas e artistas.

Vistos de longa duração

São vistos que permitem a seus portadores permanecer no país por um período de tempo mais longo, embora limitado. Eles não permitem que a pessoa se mude para o país em caráter permanente. Abaixo estão alguns exemplos típicos.

- **Estudante** - Destinado àqueles que desejam estudar em uma universidade ou instituição que ofereça cursos de longa duração, como os de idiomas. É comum que os países também ofereçam um visto para que os cônjuges dos estudantes possam acompanhá-los.
- **Trabalho temporário** - Alguns países permitem que empresas locais contratem trabalhadores estrangeiros, especialmente quando não são capazes de encontrar profissionais qualificados no mercado local. Vistos de trabalho temporário costumam ser válidos enquanto o contrato de trabalho estiver em vigor. Em alguns países, uma pessoa com visto de trabalho temporário pode até mesmo solicitar uma residência permanente ou a naturalização, depois de passar alguns anos trabalhando no país.
- **Residência temporária e permanente** - Alguns países permitem que determinados estrangeiros residam neles. Um exemplo disso ocorre entre diversos países da América do Sul, como explicarei mais adiante.

Para ser um nômade digital, você não precisa se preocupar com a maioria desses vistos. Eles são apresentados aqui para que você tenha uma ideia geral dos tipos de vistos que podem ser emitidos pelos países que irá visitar.

Na qualidade de nômade digital, o tipo de visto que mais interessa é o de **turismo** porque você não buscará emprego nos países que visitará. Você trabalhará pela internet para uma empresa localizada em outra nação, diferente daquela que você está visitando. Quando você não está buscando um emprego local no país visitado, você não precisa pedir um visto especial de trabalho. Basta fazer a visita com um visto de turismo, que é o mais simples de todos. É o que nós fazemos desde que começamos a viver como nômades.

Para analisar seu pedido de ingresso no país, as autoridades imigratórias consultam a legislação para saber que critérios você deve atender para ser aceito. Quando o propósito da visita é apenas fazer turismo, o que mais importa para as autoridades é sua nacionalidade. Se você vem de determinados países, elas te recebem de braços abertos. Se vem de outros, que consideram menos confiáveis, elas impõem exigências mais rigorosas.

Na prática, a facilidade de ingressar em outros países depende de sua origem. Quem nasce no Brasil tem sorte. A maioria dos países considera os portadores de passaporte brasileiro suficientemente confiáveis e os recebe para turismo sem grandes exigências. Por outro lado, uma pessoa que nasce na Turquia, por exemplo, costuma receber um tratamento mais exigente por parte da maioria dos países, o que dificulta seu trânsito pelo mundo.

Infelizmente, a possibilidade de tornar-se um nômade digital começa por sua nacionalidade. Ter um passaporte como o brasileiro, que é bem recebido em quase todo o mundo, é um imenso privilégio, como mostra o [The Henley & Partners Visa Restrictions Index 2016](#). Esse é um índice, elaborado pela consultoria internacional [Henley & Partners](#), que classifica os países de acordo com o número de países que seus cidadãos podem visitar sem necessidade de solicitar visto antecipado.

O mundo tem aproximadamente 200 países e o Brasil está na posição 21. O passaporte brasileiro dá acesso a 153 países sem necessidade de visto prévio. Esse número cresce a cada ano, à medida que a diplomacia brasileira vai estabelecendo novos acordos com outras nações. Você pode conferir a lista completa dos países e saber para quais deles os cidadãos brasileiros precisam de visto no artigo [Visa requirements for Brazilian citizens](#).

Para efeito de comparação, o país que está no topo dessa lista é a Alemanha, cujo passaporte dá acesso a 177 países. Não são tantos assim a mais e, de qualquer forma, muitos desses não são atrativos para nômades

digitais devido à infraestrutura precária. Por sua vez, um cidadão com passaporte alemão, ou de outros países europeus, precisa de visto para Rússia e Bielorrússia, por exemplo, dois países relevantes para nômades. O brasileiro não precisa e também leva vantagem em locais muito procurados por nômades digitais, como é o caso da Tailândia, onde pode permanecer por 90 dias sem necessidade de pedir visto prévio, enquanto os europeus só podem ficar por 30 dias. No caso da Tailândia, só existem 5 nacionalidades que podem ingressar e ficar por 90 dias e a brasileira é uma delas.

Explico isso para que você, como brasileiro, compreenda a imensa sorte que é ter um passaporte brasileiro. Ele abre muitas portas e torna a vida mais fácil para quem deseja ser nômade digital. Trate-o com carinho.

Tipos de visto por método de emissão

Existem três formas principais de emissão de vistos: através de um consulado (ou outra representação diplomática), através de um formulário eletrônico e na chegada ao país.

Visto através de um consulado

Quando você precisa solicitar um visto para visitar outro país, a maneira mais usual é através de um consulado local ou outra representação diplomática do país a ser visitado. Por exemplo, se um morador do Rio de Janeiro deseja solicitar um visto para os Estados Unidos, ele deve fazê-lo junto ao Consulado Geral dos EUA no Rio de Janeiro.

Cada país define os documentos e informações que precisam ser fornecidas pelo solicitante para a emissão de um visto. Elas variam de acordo com o país e o tipo de visto que está sendo solicitado. Por exemplo, para solicitar um visto de estudante, frequentemente é necessário fornecer mais informações do que no caso de um visto de turista.

Existem três documentos que precisam ser fornecidos em qualquer pedido de visto: **passaporte, formulário de pedido do visto e comprovante de pagamento da taxa de emissão do visto**. Infelizmente, solicitar um visto não implica apenas em realizar um trâmite burocrático. Também é preciso pagar por ele. Em alguns casos, o valor é elevado.

Além destes, dependendo do tipo de visto e do país, outros documentos podem ser solicitados, tais como:

- Certidão de nascimento
- Certidão de casamento
- Carteira de identidade
- Comprovantes financeiros (imposto de renda, extrato bancário ou contracheque)
- Comprovante de residência
- Comprovante de que está matriculado em um curso universitário
- Carta convite de alguém no país que deseja visitar
- Roteiro da viagem
- Seguro de viagem
- Passagens
- Reservas de hotéis

A necessidade de pedir um visto antecipado é uma dor de cabeça para quem viaja pelo mundo. É um balde de água fria que frequentemente faz as pessoas desistirem de viajar para certos países. Para entender o problema, vale a pena começar por dois conceitos importantes: **embaixada** e **consulado**.

A embaixada representa o governo de uma nação estrangeira. Ela protege os interesses do país que representa, negocia com o governo da nação em que está localizada, promove relações amistosas e desenvolve relações econômicas, culturais e científicas entre os dois países. Cada país tem apenas uma embaixada em uma nação estrangeira, tipicamente na capital. Por exemplo, no caso do Brasil, as embaixadas de outros países estão localizadas em Brasília.

Enquanto a embaixada trata da relação entre governos de dois países (o que ela representa e aquele em que está localizada), o consulado trata da relação com as pessoas de ambos os países, sejam elas físicas ou jurídicas. Sendo assim, o consulado é responsável por emitir vistos para estrangeiros interessados em visitar o país que representa, emitir passaporte para cidadãos do país que representa e outros assuntos administrativos que dizem respeito à vida dos particulares de cada nação.

Embora só possa existir uma embaixada de outro país em uma dada nação, é possível haver vários consulados. Por exemplo, os EUA têm

apenas uma embaixada no Brasil, porém contam também com três consulados: em São Paulo, no Rio de Janeiro e no Recife. Além disso, a embaixada também conta com uma seção consular, que presta serviços consulares em Brasília. É comum que as embaixadas também tenham uma seção consular.

É nessa parte que começa a dor de cabeça. Para obter um visto americano, o cidadão brasileiro precisa comparecer a um consulado dos EUA para uma entrevista presencial. Para quem mora em Brasília, Recife, Rio ou São Paulo, isso não é tão trabalhoso, porém imagine a complicação e o custo para quem mora em outras cidades brasileiras.

Para facilitar o processo, os consulados de algumas nações permitem que a documentação seja enviada pelos Correios. O passaporte tem de estar incluído na maior parte das vezes, já que o visto é colado nele quando concedido. O visto quase sempre é um selo que ocupa uma das páginas do documento de viagem.

O processo de solicitar um visto a um consulado também costuma ser demorado. Em alguns casos, pode levar dias. Em outros, pode chegar a semanas. Depois de toda a trabalheira e custo envolvidos, ainda existe a possibilidade de que o visto seja negado.

Quando isso ocorre, todo o investimento é perdido. O consultado não devolve as taxas pagas quando o visto é recusado. Nesses casos, além de não poder fazer a viagem para o país que deseja, você também fica com um prejuízo financeiro.

É importante saber também que o visto não é uma permissão de entrada no país que você deseja visitar. Por exemplo, se você tem um visto para os EUA, isso não significa que obterá a permissão de entrada quando chegar aos EUA. Repito, **visto antecipado não é uma garantia de que você será admitido no país.**

Quem determina se você entra ou não é o oficial de imigração em sua chegada ao país. A permissão de entrada é o carimbo no passaporte, fornecido por este oficial. Ele tem liberdade para mandar você de volta, mesmo que você tenha um visto válido, obtido previamente. Isso não acontece com frequência, mas pode ocorrer.

Se é assim, para que serve o visto antecipado? Depende de cada país. Em alguns casos, o país solicita o visto antecipado para que possa coletar mais informações sobre você e fazer uma investigação prévia, antes de sua viagem, para determinar se você representa um risco para a segurança do

país. Em outros, francamente, é apenas uma forma de ganhar dinheiro às custas dos visitantes.

Felizmente, como nômade digital, se você tiver um passaporte brasileiro, raramente terá de passar pelo inconveniente de solicitar um visto antecipado através de um consulado. Os países mais relevantes para quem é nômade não exigem que brasileiros solicitem visto de turismo com antecedência. Por outro lado, pedidos de visto para outros propósitos que não sejam turismo precisam ser sempre efetuados através de um consulado. Isso vale para brasileiros e praticamente todas as demais nacionalidades.

Se você tem um passaporte brasileiro, você pode viajar para uma grande quantidade de países, como turista, sem ter a exigência de pedir um visto antecipado. Ou, quando o mesmo é exigido, não é necessário fazer a solicitação em um consulado. Pode-se obter o visto de forma eletrônica ou na chegada ao país.

Todos os países oferecem algo interessante e merecem ser visitados. Entretanto, nômades digitais trabalham enquanto viajam e precisam de uma infraestrutura básica para possibilitar que o trabalho seja feito com a ajuda da internet. Nem todos os países oferecem uma boa estrutura. Por essa razão, alguns não são tão procurados por quem vive como nômade digital.

Isso ocorre no caso de alguns países da África e da Ásia, por exemplo. São lugares onde a infraestrutura é precária. Curiosamente, esses são os países mais burocráticos do ponto de vista de imigração. Eles demandam vistos antecipados e o processo de solicitação é trabalhoso, caro e confuso. Em outras palavras, os países que você menos teria interesse de visitar, como nômade digital, são os que te dariam mais trabalho.

Com um passaporte brasileiro, você pode visitar, sem ter que pedir um visto antecipado em um consulado, praticamente todos os países da América Latina e da Europa, alguns países da África e da Ásia, a maior parte dos países da Oceania e boa parte dos países do Sudeste Asiático, que são particularmente relevantes devido ao baixo custo de vida.

Existem alguns poucos países que são relevantes para nômades e exigem a emissão de um visto antecipado para brasileiros, ainda que o propósito seja apenas turismo. É o caso dos EUA, Austrália, Japão, China e Canadá (para quem não tem o visto dos EUA).

O visto Chinês pode ser obtido através de agências de turismo e não é difícil de tirar. Eu e Pati usamos essa estratégia quando visitamos Hong

Kong há alguns anos. Solicitamos o visto em uma agência, no aeroporto de Hong Kong, e ele ficou pronto no dia seguinte.

O visto americano pode durar até 10 anos. Então, apesar de ser um visto caro e trabalhoso de solicitar, sua validade longa compensa a dor de cabeça. Se você obtiver o visto americano, não precisará pedir um para o Canadá.

O visto japonês é um dos mais chatinhos para nômades digitais brasileiros porque é difícil obtê-lo em um consulado japonês fora do Brasil. Se você estiver fora do Brasil há muito tempo e quiser obter o visto japonês, será necessário regressar ao Brasil para solicitá-lo.

Visto eletrônico (*e-visa*)

Alguns países que exigem visto antecipado para turistas, permitem que o mesmo seja solicitado de forma eletrônica. Isso é um avanço, pois reduz o esforço e o tempo necessários para solicitar e receber o visto. Austrália, Índia, Cambódia e Myanmar são alguns dos países que adotam o visto eletrônico, também conhecido como *e-visa*.

O visto eletrônico não é afixado ao passaporte como aqueles solicitados através de um consulado. Em vez disso, é um arquivo que você recebe por email, imprime e leva junto ao passaporte. Você o apresenta aos funcionários da companhia aérea quando estiver embarcando no voo e para o oficial de imigração quando chegar ao destino.

Em alguns casos, o visto fica registrado em um sistema eletrônico que as companhias aéreas podem verificar, não sendo necessário que você imprima e leve consigo.

Uma desvantagem do visto eletrônico é que, às vezes, ele só permite estadias mais curtas. Você poderia passar mais tempo no país se optasse por um visto emitido através de um consulado. Além disso, em alguns casos o *e-visa* só permite a entrada no país através de alguns locais específicos. Isso acontece, por exemplo, no Myanmar, onde você pode usar o *e-visa* para entrar no país por alguns aeroportos, porém não pode usá-lo para entrar por terra.

Visto na chegada (*visa on arrival*)

Alguns países permitem que o visto seja emitido em sua chegada. Nesses casos, ao chegar a um aeroporto, por exemplo, você não se dirige

inicialmente para a imigração. Antes disso, passa em outro setor do aeroporto onde apresenta seu passaporte, preenche um formulário com a solicitação de visto e faz o pagamento da taxa. O visto é emitido na hora e costuma se materializar na forma de uma etiqueta que é colada ao passaporte.

Após obter o visto, você dirige-se ao setor de imigração onde o agente de imigração revisa seu passaporte, verifica se o mesmo contém o visto, faz as perguntas usuais e carimba seu passaporte com a permissão de entrada.

É difícil compreender a exigência de um visto emitido dessa forma. Como você já chegou ao país, não há tempo para que as autoridades façam uma investigação sobre você. O máximo que conseguem é obter informações adicionais através do formulário que você preenche.

Na prática, vistos emitidos dessa forma só servem para os governos ganharem dinheiro às custas dos viajantes. Na maior parte dos casos, o pagamento só pode ser realizado em espécie e em moeda forte (dólar ou euro). Se estiver indo para uma país que tenha esse tipo de exigência, leve o valor exato para o pagamento do visto na moeda aceita pelas autoridades para essa finalidade.

São exemplos de países que oferecem essa forma de emissão de vistos para brasileiros: Cabo Verde, Egito, Irã, Jordânia, Laos, Líbano, Nepal e vários outros.

Um caso peculiar é o do Vietnã, que oferece a possibilidade de emitir o visto na chegada, porém é necessário solicitar uma carta de pré-aprovação antes da viagem. Existem inúmeras agências de viagem que podem obter esse tipo de carta para você. Basta que você faça a solicitação e o pagamento através da internet. Uma vez que esteja em posse dessa carta, você pode fazer a viagem até o Vietnã e obter o visto na chegada, desde que chegue através de um dos aeroportos em que tais vistos podem ser emitidos. O detalhe é que, dessa forma, você paga duas vezes: primeiro para a agência de viagem e depois para o governo do Vietnã.

Duração de vistos e estadias

Todo visto é emitido com uma validade que indica o período dentro do qual você pode viajar até o país. Ele não determina necessariamente o tempo que você pode passar lá. É importante compreender essa distinção.

Por exemplo, um visto dos EUA pode ter validade de até 10 anos. Entretanto isso não significa que você possa viajar até lá e passar dez anos. Essa validade apenas indica que, ao longo desses 10 anos, você pode viajar até os EUA diversas vezes. Cada vez que chegar, você receberá um carimbo do agente de imigração e poderá ficar no país durante o tempo estabelecido por ele, que costuma ser de alguns meses.

Um visto pode permitir uma única entrada ou múltiplas. No primeiro caso, você pode ingressar no país uma única vez. Depois que sair dele, não poderá retornar, mesmo que o visto ainda esteja dentro do período de validade. Para viajar novamente ao país, é preciso obter um novo visto. O visto de uma única entrada é invalidado assim que você conclui a visita.

Vistos de múltiplas entradas, por sua vez, permitem que você ingresse no país mais de uma vez, desde que seja dentro do período de validade dele. Isso pode ser importante em algumas situações. Por exemplo, imagine que você queira visitar o sudeste asiático e tenha conseguido uma passagem com ótimo valor para Hanói, no Vietnã. Você também deseja visitar o Cambódia, a Tailândia e o Laos. Em seguida, irá retornar ao Vietnã para pegar o voo de retorno. Essa é uma situação na qual é preferível obter um visto de múltiplas entradas para o Vietnã, o qual costuma ser mais caro que o de apenas uma entrada.

O período de permanência no país não está necessariamente ligado à validade do visto, pois ele só costuma indicar até quando você pode ingressar no país. Por exemplo, imagine um país que te dê a possibilidade de permanecer 90 dias após receber o carimbo do oficial da imigração. Suponha também que você tenha obtido um visto de 180 dias. Você ingressa no país no dia 170. Há casos em que você poderá permanecer 90 dias, embora isso signifique sair do país após o visto vencer. E há outros em que você só poderá ficar 10 dias, porque o período de permanência não pode ser além daquele definido pelo visto.

Extensão do visto

Quando um oficial de imigração carimba seu passaporte e lhe dá a permissão de entrar em um país, existe um tempo máximo que você pode permanecer nele. Você é obrigado a deixá-lo antes que esse período chegue ao fim. Se não o fizer, você passa a ser considerado um imigrante ilegal.

Como tal, pode ser multado, detido, processado, deportado e até mesmo impedido de retornar ao país por algum tempo.

A gravidade desse ato varia de um país para outro. Há casos em que o oficial de imigração apenas lhe dá uma bronca e deixa passar. Há outros em que você paga uma multa pequena e está tudo resolvido. Também há aqueles em que você pode ir preso. Tudo depende do país, da quantidade de dias que você ficou além do permitido, das circunstâncias que causaram o atraso de sua saída e até mesmo do humor e boa vontade do oficial de imigração.

Recomendo que você jamais fique em um país por um período de tempo superior ao permitido. Não vale a pena, especialmente porque você pode ser impedido de retornar no futuro. Quando o assunto é imigração, siga as regras para ser sempre bem-vindo de volta.

Se você quiser estender a estadia, é possível fazê-lo de forma legal em muitos casos. Vários países permitem que você entre com um pedido de extensão junto aos órgãos de imigração. Se a vontade de ficar for irresistível, utilize esse caminho.

Visa run

Uma forma alternativa de passar mais tempo em um país é utilizar um artifício conhecido como [visa run](#). Significa sair do país pouco antes do final do período legal de permanência e retornar poucos dias depois. Ao retornar, o contador é zerado.

Por exemplo, você vai para a Argentina como turista e pode ficar 90 dias no país. Ao final desse período, pode embarcar em um ferry, em Buenos Aires e fazer uma visita a Colônia de Sacramento, no Uruguai. Ao retornar a Buenos Aires, no fim do dia, você recebe mais 90 dias.

Isso pode funcionar, ao menos até certo ponto, no caso de alguns países. Se você fizer mais de um *visa run*, o mais provável é que isso comece a levantar suspeitas, o que pode fazer os oficiais de imigração impedirem sua entrada. É uma estratégia que precisa ser usada com cautela.

Nem sempre é possível utilizar esse método. Alguns países adotam práticas que impedem seu uso. Por exemplo, a Turquia permite que turistas brasileiros ingressem no país por um período de 90 dias, dentro de um período de 180 dias. Isso significa que, se você passar 90 dias seguidos no país, terá de sair e só poderá retornar depois de outros 90 dias porque em

um período de 180 dias, o máximo que você pode permanecer no país é 90 dias. Se você fizesse um *visa run*, ainda que permanecesse menos de 90 dias na segunda visita, você estaria infringindo a lei por estar passando mais de 90 dias dentro do período de 180. Diversos países adotam essa prática. Sendo assim, se você quiser fazer um *visa run*, é necessário verificar se isso seria viável no país em questão.

Continentes especiais

Existem duas partes do mundo que são particularmente relevantes para nômades digitais brasileiros em se tratando de imigração: **Europa** e **América do Sul**. A Europa porque os países se comportam, no geral, como se fossem apenas um quando se trata de imigração. A América do Sul pela proximidade dos países (quase todos vizinhos do Brasil) e a possibilidade de ficar em cada um deles por períodos de tempo mais longos.

Europa

A Europa é um continente que possui quase 50 países, embora tenha um tamanho semelhante ao do Brasil. Muitos desses países são minúsculos e contam com populações pequenas. Apesar disso, costumam ter línguas e culturas distintas.

Imagine o que deve ser nascer e morar na Eslovênia, uma nação ao norte dos Balcãs, cuja área é menor que a do estado de Sergipe (o menor estado brasileiro) e cuja população não chega aos dois milhões de habitantes (também menor que a do estado de Sergipe).

É um desafio desenvolver uma economia e melhorar os padrões de vida em uma área tão pequena, onde mora tão pouca gente. Além disso, quem vive em um lugar assim pode cansar-se do espaço limitado e querer conhecer outros países nas redondezas.

Por essas e tantas outras razões, os países europeus foram se unificando ao longo das últimas décadas do século passado. Muitos deles participam de uma união econômica e política, chamada [União Europeia](#). Ela estabelece um conjunto de leis padronizadas, de modo a criar um mercado comum entre seus países membros. Diversos países participam também da união monetária que deu origem ao [Euro](#). E muitos participam também do [Acordo](#)

[de Schengen](#), que estabelece uma política de abertura das fronteiras e livre circulação de pessoas.

Como a Eslovênia faz parte do [Acordo de Schengen](#), seus cidadãos podem circular livremente por todos os demais países da Europa que também assinaram tal acordo. Isso inclui a maioria dos países da Europa Ocidental e Central, além de alguns do Leste Europeu. Dessa forma, o cidadão de um país minúsculo tem a oportunidade de circular livremente e até residir onde quiser, em uma área maior. Para todos os efeitos, é como se ele fosse cidadão de uma país grande como o Brasil.

Isso tem implicações importantes. Se um esloveno quiser estudar em uma universidade francesa, isso não será um problema. Ao final, se quiser trabalhar em uma empresa na Alemanha, ele pode. Se quiser passar férias na Itália, nada irá lhe impedir. Ele pode circular livremente e morar em uma grande variedade de lugares sem ter de enfrentar grandes burocracias.

O [Acordo de Schengen](#) não apenas estabelece a livre circulação de cidadãos europeus, como também afeta quem visita os países que fazem parte do acordo. Para todos os efeitos, quando você ingressa em um país que faz parte do Schengen, é como se estivesse entrando em um país maior.

Por exemplo, imagine que você faça um voo de São Paulo para Lisboa, em Portugal. Quando você passa pela imigração portuguesa, você não está entrando apenas em Portugal, um país pequeno, cuja área é semelhante à do estado do Rio. Na prática, você está entrando no Espaço Schengen, cuja área é bem maior e mais próxima a do Brasil.

Uma vez em Portugal, você pode, por exemplo, ir de trem para a Espanha, França, Alemanha, Polônia, República Tcheca, Áustria e Itália sem ter mais a necessidade de passar por qualquer posto de imigração. Do ponto de vista migratório, não existem fronteiras dentro do Espaço Schengen. Você vai de um país para outro da mesma forma que vai de um estado brasileiro para outro sem ter de apresentar o passaporte ou pedir permissão para entrar.

Isso é bom para turistas, pois facilita a vida deles. Se um turista brasileiro obteve a permissão de entrar em Portugal e pretende visitar os demais países que citei no exemplo anterior, ele não precisa se preocupar mais com a permissão de entrada na Espanha, França, Alemanha, Polônia, República Tcheca, Áustria e Itália. Ele já está automaticamente aprovado para circular por todos esses lugares.

Por outro lado, o tempo de permanência fica prejudicado. A regra geral do Espaço Schengen é que um visitante, que não precisa pedir visto antecipado, como é o caso do brasileiro, pode permanecer por até 90 dias em um período de 180 dias. Isso vale para o espaço como um todo.

Suponha que você entre na Europa por Portugal e fique 30 dias lá. Se você sair de Portugal e entrar na Espanha, o tempo que você pode ficar na Espanha é reduzido pelo fato de você já ter passado um mês em Portugal. Isso não acontece com outros países ao redor do mundo. Por exemplo, se você passar 90 dias no Uruguai, você pode ir para a vizinha Argentina e passar outros 90 dias lá.

Antes da existência do Espaço Schengen, o tempo que você passava em Portugal não afetava o quanto você poderia ficar na Espanha, na França, na Itália e assim por diante. Portanto, no que se refere ao tempo de permanência, o [Acordo de Schengen](#) é prejudicial aos visitantes. Isso não afeta a maioria dos turistas, pois eles fazem viagens de curta duração. Porém interfere na vida dos nômades digitais, que costumam optar por estadias mais longas.

Felizmente, nem todos os países da Europa fazem parte do [Acordo de Schengen](#). Inclusive, alguns dos países mais convenientes para nômades digitais estão fora do Espaço Schengen.

Na parte mais ocidental da Europa, encontram-se a Irlanda e o Reino Unido. Eles não fazem parte do Schengen e possuem regras próprias de imigração. O Reino Unido, por exemplo, permite que brasileiros fiquem no país por até seis meses sem necessidade de visto prévio.

No leste, encontram-se diversos países que fazem parte da Europa porém estão fora do Schengen, tais como: Romênia, Bulgária, Croácia, Chipre, Turquia, Sérvia, Macedônia, Albânia, Montenegro, Bósnia e Herzegovina, Kosovo, Moldávia, Ucrânia, Bielorrússia, Rússia, Georgia, Armênia e Azerbaijão.

Com exceção da Moldávia e Azerbaijão, todos os demais países dessa lista permitem a entrada de brasileiros sem a necessidade de pedir visto antecipado. Além disso, no geral, a permanência pode ser de até 90 dias em cada um desses lugares (na Georgia, pode ser de até um ano). O tempo de permanência em cada um desses países não interfere no dos demais.

Isso significa que um nômade digital brasileiro pode passar longos períodos de tempo no continente Europeu, com baixo custo de vida, se escolher circular por alguns desses países algumas vezes por ano. Por

exemplo, se quiser limitar-se a apenas três países com baixo custo de vida, ele pode passar alguns meses na Bulgária, depois na Romênia e finalmente na Sérvia. Em seguida, pode começar tudo de novo: Bulgária, Romênia e Sérvia.

Se quiser optar por incluir um país que faz parte do [Acordo de Schengen](#) e que também tem custo de vida baixo, pode circular entre Hungria, Romênia e Sérvia, por exemplo. Há inúmeros arranjos que podem ser feitos dessa forma, de modo a permitir que um nômade digital brasileiro passe um período de tempo mais longo na Europa. Fazendo isso, Pati e eu já passamos mais de um ano no continente europeu sem nenhum tipo de problema e sem infringir nenhuma lei imigratória.

Se você quiser ficar por longos períodos de tempo na Europa, a maneira mais simples é alternar períodos dentro e fora do Espaço Schengen ou optar por países que estão fora dele.

Calcular o tempo que você pode passar dentro do Espaço Schengen pode ser confuso quando você entra e sai diversas vezes. Em qualquer dia que você esteja dentro do Espaço Schengen, você deve ser capaz de olhar para os 180 dias anteriores e confirmar que não esteve no Espaço Schengen por mais de 90 dias, dentro desses 180, incluindo dias de chegada e saída.

Se ficar em dúvida, busque no Google por "schengen visa calculator". Existem diversas ferramentas que te ajudam a fazer o cálculo. Você informa os países que irá visitar, bem como as datas de entrada e saída de cada um. A ferramenta faz os cálculos e informa se você está respeitando as regras ou se irá extrapolar o tempo que pode ficar dentro do Espaço Schengen.

América do Sul

Os países da América do Sul também são particularmente relevantes para nômades digitais brasileiros devido à proximidade com o Brasil, ao custo de vida relativamente baixo e à facilidade de obter residência.

A América do Sul não possui algo como o [Acordo de Schengen](#). Sendo assim, não é possível transitar livremente entre os países. É preciso atravessar fronteiras e obter uma permissão de estadia em cada país que você visita. Entretanto existem algumas facilidades importantes.

Com exceção da Guiana, Suriname e Guiana Francesa, os demais países da América do Sul não exigem o passaporte de cidadãos brasileiros. Se

quiser, você pode visitar todos os demais países da América do Sul levando apenas sua carteira de identidade.

Além disso, o que torna a América do Sul especial para nômades digitais brasileiros é a possibilidade de passar períodos de tempo mais longos em diversos países da área com facilidade. Em função de acordos vigentes, o brasileiro pode solicitar residência nos seguintes países da América do Sul: Argentina, Paraguai, Uruguai, Bolívia, Chile, Peru, Colômbia e Equador.

Se você for brasileiro e quiser morar no Chile, por exemplo, você pode. Também pode trabalhar, estudar e fazer praticamente tudo o que os chilenos podem fazer. Tudo de forma legal e sem grandes complicações.

Você terá de dar entrada em um pedido de visto de residência temporário, que cobre os dois primeiros anos de sua estadia. Ao final, é possível convertê-lo em residência permanente. Depois de alguns anos, você pode inclusive naturalizar-se e, portanto, obter um passaporte de lá.

Brasileiros podem obter a permissão de residir em outros países fora da América do Sul. Tanto é que muitos vivem espalhados pelo mundo em locais tais como Estados Unidos, Canadá, Austrália, Europa e onde mais se possa imaginar. Entretanto, costuma ser trabalhoso obter esse tipo de permissão.

Por exemplo, muitos se mudam para o Canadá todos os anos, mas eles precisam cumprir uma infinidade de requisitos. É preciso ter um nível mínimo de qualificação universitária, existe uma lista de profissões que são aceitas e assim por diante. Outra alternativa é ser contratado por uma empresa canadense que se proponha a patrocinar seu visto de residência. E por aí vai. Como Brasileiro, você não pode simplesmente arrumar as malas, ir para o Canadá e pedir para ficar morando lá. É preciso lutar para que o governo de lá te aceite.

No caso da maioria dos países da América do Sul você pode arrumar as malas e se mudar para um deles. O governo aceita recebê-lo, sem que você precise se qualificar. Basta que você seja cidadão brasileiro, não tenha antecedentes criminais e formalize o pedido de residência apresentando os documentos necessários.

Preparação para a imigração

Em nossa experiência, notamos que os agentes de imigração, em sua maioria, apenas se preocupam em carimbar nossos passaportes. Eles

raramente nos fazem perguntas ou trocam qualquer palavra com a gente. Acho que não temos cara de pessoas suspeitas.

Isso provavelmente ocorre porque não nos enquadramos no perfil de passageiros considerados de maior risco. Pessoas jovens, especialmente as que têm baixa escolaridade e estão desempregadas, portando passaportes de países pobres ou em conflito, estão entre as que mais geram preocupação para os agentes de imigração. Eles temem que tais pessoas ingressem no país e não saiam mais.

No nosso caso, somos mais velhos (acima dos quarenta) e utilizamos o passaporte brasileiro que costuma ser bem recebido na maioria dos países. Isso ajuda bastante. Além disso, estou sempre de barba feita e ambos estamos bem vestidos quando passamos pela imigração. Nada exagerado. Apenas o suficiente para produzir uma boa apresentação visual.

Existem lugares em que os agentes nos fazem algumas perguntas. É preciso estar preparado para respondê-las.

O agente de imigração está particularmente interessado em avaliar se você tem onde ficar, se tem condições de manter-se durante a estadia e se tem planos de ir embora ao final dela. O que ele quer evitar é que você fique no país de forma permanente e busque um emprego no mesmo.

Antes de chegar a um novo país, prepare-se com os itens que menciono a seguir.

Passagem de saída. É possível que o agente de imigração peça que você apresente uma passagem de saída do país. Ela não precisa ser de volta para o país de onde você veio. Você não precisa de uma passagem de volta para o Brasil, por exemplo. Ela pode ser para qualquer outro país. O agente só quer ter a certeza de que você tem planos de deixar o país dele após a sua visita.

O Espaço Schengen é um caso especial. Quando você ingressa nele através de um dos países membros, o agente de imigração tem interesse em saber se você tem planos de deixar o Espaço Schengen como um todo após a estadia. Por exemplo, se você chega em Portugal, ele não fica satisfeito sabendo que você irá para a Espanha ao final de 90 dias. Ele quer ter certeza de que você irá para um país fora do Espaço Schengen, como o Marrocos, a Irlanda ou a Romênia, por exemplo.

Em nossa experiência, é raro que um agente de imigração peça para ver a passagem de saída. Além disso, existem casos em que é perfeitamente justificável que você não a tenha.

Por exemplo, imagine que você tenha planejado uma viagem com o seguinte roteiro: Sófia (Bulgária), Bucareste (Romênia), Belgrado (Sérvia) e Budapeste (Hungria). Chegando ao aeroporto de Sófia, se o oficial de imigração pedir para ver sua passagem de saída, você pode argumentar que irá para a Romênia em seguida, por terra, porque trata-se de um trajeto coerente.

Para surpresa de muitos, quem pode demonstrar grande interesse em verificar se você tem uma passagem de saída do país que irá visitar são as companhias aéreas. Quando você é barrado na imigração de um país por não ter uma passagem de volta, a companhia aérea que te transportou tem de arcar com os custos de levar você de volta para o lugar de onde veio. Em função disso, é comum que elas vendam passagens só de ida com preços exorbitantes para que você se veja forçado a comprar a de ida e volta. Se você só tiver a de ida, em alguns casos, é possível que o funcionário da companhia aérea peça para ver sua passagem de saída do país que irá visitar. Se você não a tiver, ele pode até impedir que você ingresse no voo. [Veja um exemplo em que isso ocorreu.](#)

Se não fizer sentido que você compre uma passagem de saída no planejamento de sua viagem, mas você quiser levar uma para se resguardar, é possível criar uma que não é exatamente verdadeira. Isso é algo que não aconselho, em nenhuma hipótese. Entretanto, é uma alternativa que algumas pessoas adotam. Inclusive existem sistemas como o [FlyOnward](#) que te ajudam nesse sentido.

Reserva da acomodação. É importante que você possa mostrar a reserva de um hotel, albergue, apartamento no [Airbnb](#) ou o que for o caso. O ideal é que essa reserva esteja em seu nome e tenha um endereço claramente visível. Em alguns casos, é necessário informar o endereço exato onde você se hospedará. Ele ficará armazenado no sistema da imigração.

Seguro de saúde. Alguns lugares exigem que você tenha um seguro de saúde válido durante o período de sua estadia. Esse é o caso da Europa, por exemplo. Sendo assim, o agente de imigração pode pedir para ver um comprovante de que você tem um seguro de saúde válido. No caso da Europa, embora o seguro seja exigido, os agentes de imigração raramente pedem para ver o comprovante dele. Nunca nos pediram, por exemplo.

Meios para se manter. Em alguns casos o agente de imigração pode pedir que você comprove que é capaz de se sustentar durante a estadia. Se

você estiver portando dinheiro, você pode mostrá-lo. Se estiver carregando cartões de crédito, você também pode apresentá-los. Você também pode mostrar o saldo de aplicações financeiras. Para isso, basta que tenha se preparado com antecedência e tenha pego esses saldos antes de partir para a viagem. Não espere poder acessar o *internet banking* durante a conversa com o agente de imigração. Isso provavelmente não será permitido. Então, é melhor estar preparado. Na prática, entretanto, não é assim tão comum que lhe seja pedido algum tipo de comprovação financeira.

Hoje em dia, o mais provável é que você faça todas as reservas de acomodação e passagens pela internet. Talvez você nunca chegue a imprimir estas informações. No entanto, quando você se prepara para passar pela imigração de um país, o ideal é imprimir tudo o que você acredita que possa ter de mostrar para um agente de imigração.

Imprima passagem de saída, reserva da acomodação, apólice do seguro de saúde, extratos bancários e o que mais você considerar necessário. Coloque tudo em uma pastinha e esteja com ela nas mãos na hora de passar pela imigração.

Agentes de imigração são burocratas como outros funcionários governamentais. São pessoas que adoram papéis. Papel é a língua que elas entendem, portanto facilite as coisas e mostre papel. Pode parecer que estou brincando, mas não é o caso. Minha recomendação é séria. Imprima tudo o que você acha que precisará mostrar para os agentes de imigração. É chato buscar locais para imprimir ao redor do mundo, porém é pior ainda ter problemas desnecessários na imigração.

História. É importante você ter uma história pronta. Na maior parte dos casos, o agente de imigração está mais interessado em sua história do que em qualquer papel que você possa lhe apresentar. Se sua história tiver algo esquisito, aí sim ele vai querer ver os itens que mencionei antes. Sendo assim, tenha uma história pronta. Se estiver viajando com outras pessoas, combinem a história entre vocês com antecedência. E digam o que o agente de imigração quer ouvir. A ideia aqui não é mentir. Você não deve mentir para eles. Apenas organize a narrativa de uma forma que eles encarem com naturalidade.

Uma das maiores preocupações do agente de imigração é se você está indo para o país dele para buscar emprego. Sendo assim, mencionar qualquer coisa ligada a trabalho é desaconselhável. Como nômade digital, você trabalhará de onde estiver, mas não buscará emprego nos países que

visitará. Você trabalhará com seu *notebook*, em seu apartamento do [Airbnb](#), ou em um albergue, ou em um café, por exemplo. Porém você não estará "tirando o emprego de um local". Portanto, para efeitos burocráticos, você estará apenas fazendo turismo.

A menos que você tenha feito um pedido antecipado de um visto de trabalho e esteja indo para o país com tal visto colado ao passaporte, **nunca utilize a palavra trabalho na imigração**. Se você está entrando com um visto de turista, diga que está indo para fazer turismo. Em termos burocráticos, esse é o seu propósito. Ao mesmo tempo, **não fale que é um nômade digital**. Você é apenas um turista como outro qualquer.

O agente de imigração lida com centenas de pessoas todos os dias. A maioria delas está entrando para fazer turismo. Esse é o padrão ao qual ele está acostumado. Se você menciona outra coisa, isso chama atenção e aumenta as chances de que ele queira saber mais detalhes sobre sua vida e sua viagem.

Da mesma forma, quando ele perguntar onde você mora, tenha uma resposta para dar. Como nômade digital brasileiro, você provavelmente precisará ter um endereço de correspondência no Brasil, que continuará a ser, para todos os efeitos, seu país de residência. Esse endereço pode ser de algum familiar ou amigo. O importante é que exista um e que você possa fornecê-lo em situações como essa. **Não diga que você não tem endereço fixo por ser nômade digital**. De novo, isso foge do padrão e tem boas chances de te trazer problemas.

Agentes de imigração são treinados para analisar suas reações. Muitas vezes eles estão mais interessados na sua reação às perguntas que nas próprias respostas que você dá. Se você chega preparado, com uma história consistente, ele fica mais tranquilo em permitir sua entrada.

Finalmente, só abra a boca para responder o que o agente perguntar. Se ele solicitar seu endereço, por exemplo, informe apenas o endereço. Não comece a contar a história de sua vida. Isso vale para qualquer tipo de autoridade e não apenas para agentes de fronteira. Só responda o que é perguntado. O que você diz pode ser usado contra você posteriormente. Sendo assim, responda apenas o que é perguntado. Não diga uma palavra além do estritamente necessário.

O propósito dessas recomendações não é que você engane os agentes de imigração. A ideia aqui é que você evite complicações desnecessárias por

não estar preparado e por falar coisas que ele não quer ouvir e podem te prejudicar.

Visitante x residente x cidadão

Voltando à analogia do condomínio, depois de visitar outra casa, talvez você goste tanto dela que queria passar um tempo maior que aquele originalmente permitido. Talvez você queira mudar-se para ela.

Se você quiser ficar mais tempo em outra casa, você pode pedir para mudar-se para ela. E seus moradores talvez decidam te aceitar como um dos residentes, se isso lhes parecer conveniente.

Isso também ocorre com países. Tem país que aceita que você se mude para ele por um período de tempo maior. Nesse caso, em vez de um simples visitante, você se torna um **residente**. Isso frequentemente significa que você passa a desfrutar de quase todos os direitos das demais pessoas que moram lá.

Depois de um tempo residindo nesse novo país, é possível que ele aceite te adotar em definitivo como um dos seus. Nesse caso, você faz um processo de naturalização, se transforma em um **cidadão** do país e passa a ter acesso a todos os direitos das pessoas que nasceram no mesmo. Incluindo o direito de votar (nos casos de países democráticos) e ter um passaporte do país.

Preciso solicitar um visto de turista antecipado?

Nômades digitais utilizam o visto de turista a maior parte do tempo, como expliquei antes. Como saber se você precisa solicitar um visto de turista antecipado ou se basta apresentar-se na imigração do país com o passaporte brasileiro?

Para fazer uma pesquisa rápida, você pode consultar o artigo [Visa requirements for Brazilian citizens](#). Também pode utilizar o site [Wikitravel](#), de preferência na versão em inglês. Basta fazer uma busca pelo país que deseja visitar e acessar a seção "Get in". Ela descreve os requisitos necessários para a entrada no país. Veja, por exemplo, se você, como brasileiro, pode visitar os países a seguir sem solicitar um visto de turista de forma antecipada: [Reino Unido](#), [Rússia](#) e [Indonésia](#).

Apesar de ser um bom ponto de partida, não podemos confiar cegamente nem no [Wikipedia](#) nem no [Wikitravel](#). São sites que podem ser alterados por qualquer pessoa. Não existem garantias de que a informação esteja correta. Você pode começar suas buscas por essas ferramentas, mas não deve limitar-se a elas. Existem alternativas mais confiáveis, como mostrarei a seguir.

Quando você está prestes a embarcar em um voo internacional, os funcionários da companhia aérea são obrigados a verificar se você precisa de visto. Se for necessário, eles pedem que você o apresente. Por exemplo, se estiver embarcando em um voo para os EUA, o funcionário que estiver realizando seu *check in* deverá conferir seu passaporte para assegurar que você possui o visto americano.

Para saber se você precisa de visto para o país que irá visitar, as companhias aéreas consultam um sistema que é atualizado frequentemente com as informações mais recentes e confiáveis sobre vistos em todo o mundo. Esse sistema chama-se [Timatic](#), que significa [Travel Information Manual Automatic](#). Ele é gerenciado pela [International Air Transport Association \(IATA\)](#) e contém informações sobre exigências relacionadas a passaporte, visto, vacinação, entre outras.

Existem duas formas práticas e gratuitas de consultar o [Timatic](#). A primeira é o site [Travel Centre](#) da [IATA](#). Lá você encontra um formulário onde pode informar todos os detalhes de sua viagem para que os mesmos sejam verificados pelo [Timatic](#).

No formulário, você insere sua nacionalidade, o país que deseja visitar, data da viagem, companhia aérea, duração da viagem e mais uma série de detalhes. Com esses dados, ele informa se está tudo em ordem para sua viagem ou se você precisa solicitar um visto ou tomar uma vacina.

Outra forma de consultar o [Timatic](#) é através do [site da Olympic Air](#). Este é meu método de pesquisa predileto. Sugiro que você o adote. Por conveniência, você pode adicionar o link dessa ferramenta aos favoritos de seu navegador:

<http://cms.olympicair.com/timatic/webdocsI/spdbmainv.html>.

O funcionamento é semelhante ao do [Travel Centre](#) da [IATA](#), porém você precisa inserir menos informações sobre a viagem. Basta indicar o país de destino e sua nacionalidade. A forma de mostrar os resultados é diferente. A ferramenta mostra todas as regras aplicáveis a seu caso. É o mesmo texto apresentado aos funcionários das companhias aéreas.

Faça uma simulação de viagem com as duas ferramentas e veja as diferenças na forma de apresentar os resultados. Tanto o [Travel Centre](#) quanto o [site da Olympic Air](#) consultam a mesma base de dados e geram o mesmo resultado, com igual nível de confiabilidade. O que muda é a forma de apresentação dos resultados. Há mais detalhes no [site da Olympic Air](#), o que justifica minha preferência.

Outra forma de buscar informações sobre a necessidade de visto é procurar no [Google](#) pelo site do Ministério das Relações Exteriores do país que deseja visitar. Em inglês, ele costuma chamar-se *Ministry of Foreign Affairs*.

Se você quer visitar um país como o Myanmar, por exemplo, e deseja saber as regras de imigração, procure no [Google](#) por "[myanmar ministry of foreign affairs](#)". Encontre o **site oficial do governo** e veja quais são as regras para a sua nacionalidade e o tipo de passaporte que está portando. Nestes sites, costuma haver uma área chamada de "seção consular" ou *consulate services*. É nela que você encontra esse tipo de informação.

Toda fonte de informação sobre vistos tem o potencial de estar desatualizada ou errada, ainda que seja oficial. Você também pode errar na interpretação das regras de imigração. Sendo assim, cruze as informações de diferentes fontes. Pesquise no artigo [Visa requirements for Brazilian citizens](#), no [Wikitravel](#), no [Timatic](#) e no site oficial do governo. Assegure-se que as informações sejam consistentes. Se houver discrepâncias, entre em contato com um consulado do país que deseja visitar e esclareça as dúvidas.

Se você constatar que precisa pedir visto, peça-o logo. Não deixe para a última hora. O processo de emissão pode demorar mais do que você imagina.

Como ficar mais tempo na Europa

A Europa é um dos lugares mais convenientes do mundo para nômades digitais por diversas razões. Existe uma infinidade de lugares bonitos e interessantes para visitar. Há uma grande riqueza histórica e cultural. Há muita gente qualificada e bem educada. A infraestrutura varia de boa a excelente. É um lugar seguro. Além de tudo isso, existem cidades lindas onde o custo de vida é baixo.

Por essas e tantas outras razões, pessoas do mundo inteiro adorariam ir para a Europa para passar períodos de tempo mais longos ou até mesmo

morar em definitivo. É possível fazer isso? Em muitos casos sim.

Cidadania de uma país europeu

Se você tem direito à cidadania de um país europeu em função da origem de sua família, faça o processo necessário para obter tal cidadania. Ter um passaporte europeu é a melhor forma de poder circular livremente pela Europa.

Se você não tiver essa possibilidade, não se assuste. Alguns nômades digitais brasileiros possuem passaporte europeu, porém a maioria não. Eu e Pati, por exemplo, não temos passaporte europeu e isso não nos impede de passar tempos mais longos na Europa.

É ótimo se você tiver um passaporte europeu, mas a ausência dele está longe de ser um impedimento para você viver muito bem como nômade digital.

Mudar de lugar de tempos em tempos

Como mencionei antes, nem todos os países da Europa fazem parte do [Acordo de Schengen](#). Sendo assim, como nômade digital, a forma mais simples de permanecer na Europa por mais tempo é ficar como turista e alternar momentos dentro e fora do Espaço Schengen. Essa é a nossa estratégia favorita, até porque gostamos de mudar com frequência e é fácil ir de um país para outro na Europa. O limite de 90 dias nos força a mudar de lugar e isso está alinhado as nossas preferências.

Prorrogar o visto de turista

Se você já estiver em um país europeu por quase 90 dias, às vezes é possível fazer um pedido de prorrogação da estadia. Você precisa fazer um trâmite junto à autoridade imigratória no país em que estiver e existe uma chance de que o pedido seja aceito e você possa ficar por mais 90 dias.

Extrapolar o tempo legal de permanência

A pior maneira de ficar mais tempo no Espaço Schengen é extrapolar o tempo legal de permanência. Você pode ter problemas na hora de sair e

pode ter dificuldades para retornar em uma viagem futura.

Apesar de ser uma má ideia, tem gente que segue esse caminho e consegue se safar. As consequências dependem, em princípio, do país através do qual você sai do Espaço Schengen e do bom humor do oficial de imigração.

Os oficiais de imigração de alguns países costumam ser bastante rígidos. Eles talvez aceitem que você extrapole sua estadia em alguns dias, dependendo de suas justificativas, porém não conte com isso. É o caso de Alemanha, Holanda, Polônia, Suíça e dos países escandinavos.

Por outro lado, existem relatos de que os oficiais de imigração são menos rigorosos em outros países, tais como Espanha, Itália e Grécia. Nestes, é possível que o oficial não verifique o passaporte de forma mais detalhada e carimbe sua saída sem fazer as contas dos dias que você passou no Espaço Schengen.

Apesar de não ser uma boa ideia e de ter uma grande chance de lhe trazer problemas, se você decidir extrapolar sua estadia, provavelmente é melhor sair do Espaço Schengen através de um país onde os oficiais de imigração tendem a ser menos exigentes.

Visto de estudante

Praticamente todos os países europeus oferecem vistos de estudante. É possível obtê-los se você se matricular em um curso universitário ou, em casos como o da Espanha, em um curso de idiomas.

Dependendo do país em que você deseja passar mais tempo e de seus interesses acadêmicos, esse pode ser um bom caminho a trilhar. Porém é importante compreender os custos envolvidos. Você terá de pagar pelo curso, fazer o trâmite burocrático para solicitar o visto de estudante e arcar com os custos do visto, assim como o de traduções juramentadas, reconhecimento de firmas, entre outros.

Durante a validade do visto de estudante você pode circular livremente por toda a Europa. Em alguns casos, o visto de estudante lhe dá o direito de trabalhar e de ser acompanhado por seu cônjuge.

Visto de residência para quem tem rendimentos

Por que a maioria dos países facilita a entrada de turistas enquanto dificulta a vida de quem busca emprego? O turista é um visitante que não compete com os locais na hora de buscar emprego. Durante a visita, ele gasta o dinheiro que ganhou em seu país de origem, o que movimenta a economia do país que está visitando, contribui para a geração de empregos e aumenta a arrecadação de impostos.

É por isso que a maioria dos países tem interesse em receber turistas. Alguns vão além. Eles também oferecem residência para cidadãos estrangeiros que tenham rendimentos elevados em seus países de origem.

Se você possui bens, dinheiro guardado ou rendimentos mensais, que possam ser preservados mesmo estando fora de seu país, é possível obter residência em inúmeras nações. Isso é comum no caso de aposentados, mas também se aplica a nômades digitais, desde que possam comprovar que possuem uma receita estável, acima de determinados patamares.

Esse tipo de visto costuma lhe dar apenas o direito de morar em um determinado país com sua família. O mais comum é que você não possa buscar emprego no país em que irá residir. Seja como for, trata-se de uma opção válida para quem ganha dinheiro de forma digital.

Portugal, por exemplo, oferece o visto D7 que é destinado a aposentados e outras pessoas que possam comprovar rendimentos regulares. Conhecemos pelo menos um casal de nômades digitais brasileiros que obteve esse visto em 2016 e está residindo em Portugal. Você pode consultar mais detalhes no [site do Consulado Geral de Portugal em São Paulo](#).

Os requisitos para utilizar esse tipo de visto variam de um país para outro. No caso de Portugal, o processo é iniciado em um consulado português, no Brasil, e espera-se que o solicitante tenha rendimentos mensais superiores ao salário mínimo português, que é de 530 euros (em 2016).

Portugal não é o único país europeu que oferece essa possibilidade, porém é particularmente relevante para brasileiros devido à facilidade do idioma e porque o rendimento mínimo necessário é relativamente baixo. Além disso, o trâmite não é dos mais complexos.

Além de Portugal, também temos contato com pessoas que usaram vistos semelhantes para residir em outros países ao redor da Europa e de todo o planeta. Se você deseja fixar residência em outro país e possui

rendimentos elevados, o mais provável é que não encontre dificuldades além da necessidade de passar por toda a burocracia de emissão do visto.

Se você obtiver um visto de residência em qualquer país europeu, você poderá circular livremente por toda a Europa. Além disso, se ficar residindo por um número de anos suficientes, você pode até mesmo se naturalizar e passar a ter acesso a um passaporte europeu. No caso de Portugal, por exemplo, você pode obter a naturalização se morar no país por pelo menos seis anos.

Quando você torna-se residente de um país, é comum que tenha de pagar impostos neste país, ainda que seus rendimentos sejam auferidos em outro. Portanto, fique atento.

Visto para empreendedores e freelancers

Diversos países europeus oferecem vistos de residência para cidadãos estrangeiros interessados em abrir empresas ou apenas trabalhar como *freelancers*. Isso acontece no caso da República Tcheca, Alemanha, entre outros. A Alemanha, por exemplo, oferece um visto específico para quem deseja trabalhar como *freelancer*, enquanto reside lá, além de outro para quem quer abrir um negócio próprio no país. Você pode obter mais informações sobre esses vistos no site [Make it in Germany](#).

Portugal e Espanha também são exemplos de países que oferecem residência a empreendedores interessados em iniciar empresas e possivelmente contratar funcionários localmente. Esse tipo de visto demanda investimentos mais elevados que os mencionados até o momento, mas também representam uma oportunidade importante para todos que desejam obter residência em um país europeu.

Casamento

Você também pode obter residência em um país europeu se casar-se com um cidadão europeu.

É preciso obter um visto de residência para ficar mais tempo na Europa?

De forma alguma. Como mencionei antes, é possível ficar na Europa por tempo indeterminado como turista, desde que você alterne entre os países que fazem parte do [Acordo de Schengen](#) e aqueles que estão de fora. Essa é a estratégia mais natural para quem é nômade digital e gosta de mover-se de um lugar para outro de tempos em tempos. É também a forma menos burocrática e pode até ser uma das mais econômicas. Afinal, você não precisa, por exemplo, submeter-se às elevadas cargas tributárias dos países europeus.

De qualquer forma, se a vontade de passar mais tempo em um país for maior que a de mover-se, é possível obter uma residência. Basta pesquisar maiores detalhes e seguir um dos caminhos que mencionei.

Working Holiday Visa da Nova Zelândia

A Nova Zelândia é um país muito procurado pelos brasileiros. Possui cenários belíssimos com praias, florestas, vulcões, montanhas cobertas de neve, geleiras e inúmeras oportunidades de praticar esportes radicais.

Se você deseja visitar a Nova Zelândia e ficar por lá um longo período de tempo, é possível utilizar um visto especial chamado [Working Holiday Visa](#). Ele permite que brasileiros viagem e trabalhem legalmente por um ano na Nova Zelândia.

Para saber todos os detalhes sobre esse visto, recomendo que você consulte o artigo [Working Holiday Visa: Viaje e trabalhe por um ano na Nova Zelândia](#) dos nossos amigos do site [Vida Cigana](#).

Alfândega

Ao chegar a um aeroporto estrangeiro, você passa pela imigração e alcança a área de restituição de bagagens onde encontra suas malas. Ao dirigir-se à saída, você passa por um último controle que é a alfândega, também conhecida como aduana. Em inglês, chama-se *customs*.

Os oficiais da alfândega verificam as bagagens dos passageiros para assegurar que não estejam trazendo itens proibidos pela legislação local, tais como drogas, armas, munição, explosivos, entre outros. A lista de itens proibidos varia de um país para outro. Por exemplo, é possível ingressar em muitos países portando bebidas alcoólicas na bagagem. Contudo elas são

proibidas em países muçulmanos. Em alguns deles, até mesmo certos livros e revistas são proibidos.

A alfândega também verifica se você está trazendo itens passíveis de taxaço. Se este for o caso, os agentes farão o cálculo do imposto devido. Se você não o pagar, o item taxado poderá ser apreendido.

A legislação de cada país determina os impostos que devem ser pagos para importação e exportação de mercadorias. Quando uma empresa importa 500 pares de sapatos para vender no mercado local, há uma alíquota de imposto a ser paga sobre o valor total da mercadoria. Em teoria, a empresa que está importando esses calçados irá auferir lucros com eles e o governo quer abocanhar uma parcela desses ganhos.

Quando você está viajando, os itens que carrega em sua bagagem costumam ser de uso pessoal. Você não os está levando para serem revendidos. Sendo assim, é habitual que não sejam tratados como mercadorias passíveis de pagamento de impostos, a menos que você esteja carregando grandes quantidades de um mesmo item. Ter alguns pares de sapatos na mala é considerado normal, porém ter centenas deles configura um objetivo de revenda, o que é passível de tributação.

Quando ingressa em outro país, entende-se que você sairá dele em pouco tempo, tipicamente para retornar a seu país de origem. Portanto, os itens de uso pessoal que você leva consigo não são considerados mercadorias para importação porque sairão do país em pouco tempo. Trata-se apenas de uma importação temporária, o que é razão adicional para que não sejam cobrados impostos.

Dinheiro em espécie, metais preciosos e joias também despertam interesse especial nos oficiais aduaneiros. Alguns países impõem restrições sobre a quantidade de dinheiro em espécie (ou na forma de metais preciosos e joias) que pode ser trazida, seja em moeda local ou estrangeira.

Quando o valor é muito elevado, a maioria dos países exige que o viajante utilize um formulário especial para fazer uma declaração da quantia que está trazendo para o país.

A alfândega também faz o controle sobre a entrada de animais. Se quiser viajar com seu bichinho de estimação, é necessário consultar as regras aduaneiras do país que irá visitar e atender às exigências específicas para a entrada de animais.

Como saber as regras alfandegárias de cada país?

A ferramenta [Travel Centre](#), da [IATA](#), é uma das mais simples para consultar as regras alfandegárias de cada país. Basta selecionar o país que deseja visitar na seção do site chamada *Customs, Currency & Airport information*.

Se você selecionar a Tailândia, por exemplo, a ferramenta apresentará [esta página](#) com o resumo das regras, dentro da qual existe uma seção intitulada *Customs Rules*. Quando clica em qualquer link dentro dessa seção, você é levado à [página completa com as regras alfandegárias](#).

Se quiser, você também pode fazer uma busca no Google contendo o nome do país e a palavra *customs*. Por exemplo, busque por [Germany customs](#) e você chegará ao site da [Central Customs Authority](#), dentro do qual existe a página [Travellers' allowances](#) com as informações detalhadas sobre o que pode ser levado para o país.

Canais verde e vermelho

Em muitos aeroportos, os procedimentos de alfândega são separados em dois canais distintos: verde e vermelho. O canal vermelho deve ser usado por quem deseja declarar itens que está levando. Uma pessoa carregando diversas câmeras fotográficas, por exemplo, com o propósito de revendê-las legalmente, faz a opção pelo canal vermelho para que possa pagar as taxas de importação e legalizar a entrada dos equipamentos.

O canal vermelho deve ser usado sempre que você está levando itens acima dos limites permitidos ou quando está carregando algo cuja entrada é restrita, como certos tipos de medicamentos, por exemplo.

Por sua vez, passageiros carregando itens dentro das cotas permitidas, sobre os quais não existam proibições, podem optar pelo canal verde.

No caso do canal vermelho, as mercadorias são inspecionadas e os agentes aduaneiros fazem o cálculo do imposto devido. Já no canal verde, o mais comum é que não exista nenhuma inspeção e o passageiro passe com sua bagagem sem que a mesma seja verificada. Contudo, oficiais da aduana podem solicitar que as bagagens sejam inspecionadas mesmo quando você opta pelo canal verde. Eles fazem essas verificações por amostragem ou selecionam pessoas que lhes pareçam suspeitas.

Passar pelo canal verde é o equivalente a declarar, legalmente, que você não está portando nenhum item proibido ou acima dos limites

alfandegários. Sendo assim, se você estiver levando algo que seja passível de taxaço ou proibido e for pego no canal verde, as consequências podem ser sérias. Você pode ser obrigado a pagar uma multa sobre os impostos que serão recolhidos. Dependendo do caso, pode até ser processado.

Nem todos os aeroportos adotam essa distinção entre canal verde e vermelho. Existem casos em que todos os passageiros são obrigados a passar as bagagens em uma máquina de raio X. Se houver algo suspeito, um oficial da alfândega pedirá para abrir a mala e inspecionar os itens.

Cuidados com certos itens

A entrada de bebidas alcoólicas é expressamente proibida em certos países muçulmanos e a presença delas na bagagem pode ser considerada crime sério, passível de prisão e multa pesada. Um caso que ilustra essa questão ocorreu com o Xixo, do site [Nossa Grande Viagem](#). Ele estava fazendo uma volta ao mundo a bordo de uma Land Rover, quando foi detido na entrada do Irã porque havia garrafas de bebida no carro. Ele as carregava há tempos e não se recordava.

Quando os policiais encontraram a bebida, ele argumentou que se tratava de um presente que havia recebido e que os policiais podiam jogá-lo fora. Entretanto, como logo ficou claro, a situação era mais complicada. Depois de horas de espera, ele foi levado a um batalhão policial em outra cidade, a 60 quilômetros de distância, para se apresentar a um tribunal, onde seu crime seria julgado. O juiz fez dezenas de perguntas com a ajuda de um intérprete, passou-lhe um sermão caprichado e o absolveu, por entender que ele não conhecia as leis do país.

Tudo acabou bem, mas foram horas de angústia. Ele poderia ter sido preso e condenado a pagar uma multa pesada. Leia o [relato completo](#).

Entrar em um país muçulmano com bebida alcóolica é um erro fácil de evitar, porém existem outros mais sutis, como o próprio Xixo descobriu ao deixar o Irã e ingressar na Geórgia. Dessa vez, foi um remédio de dor de cabeça que causou uma tremenda encrenca, a qual se estendeu por quase uma semana e fez a do Irã parecer uma banalidade, como disse o próprio Xixo depois que tudo foi resolvido.

Quando ainda estavam no Irã, Xixo e Ricardo compraram uma cartela de comprimidos para dor de cabeça, os quais foram encontrados pelos policiais da alfândega da Geórgia. Os tais comprimidos continham uma dose mínima

de "codeína", princípio ativo do ibuprofeno, que está presente em diversos remédios.

Ele é proibido na Geórgia. Mais uma vez, não adiantou pedir que os policiais jogassem o remédio fora. Xixo e Ricardo passaram o dia inteiro na alfândega, tiveram de prestar depoimento na delegacia de polícia, o passaporte de Ricardo foi retido e eles tiveram de passar dias esperando que o processo chegasse ao promotor e fosse arquivado. Tudo por conta de uma cartela de comprimidos de dor de cabeça, comprada em um país ainda mais restritivo, onde tanta coisa é proibida. Leia o [relato completo](#). Vale à pena.

Estes dois casos mostram o quanto é importante pesquisar sobre as restrições alfandegárias do país que se deseja visitar. O que aconteceu com Xixo é raro. O mais habitual é que você passe pela alfândega sem nenhum problema, especialmente se tomar alguns cuidados.

Como evitar problemas com a alfândega

No caso de Xixo é importante notar que ele estava viajando de carro, o que costuma atrair inspeções mais rigorosas por parte dos oficiais da aduana. Quando você viaja de avião, trem ou ônibus, você leva menos bagagem e muita gente chega ao país junto com você. Isso contribui para que os oficiais da alfândega agilizem os processos e sejam menos criteriosos na revista das bagagens, o que reduz o risco de você passar por problemas desnecessários como os relatados antes.

A melhor forma de não ter problemas é não chamar atenção e evitar que sua bagagem seja inspecionada. Um fator que contribui para chamar atenção é a quantidade de bagagem. Se você estiver viajando com muitas malas, a probabilidade de ser parado na alfândega é maior. Afinal, isso representa uma chance maior de que você esteja levando itens para serem revendidos. Viajar de mochilão, por outro lado, também pode chamar atenção porque alguns oficiais de imigração associam o perfil mochileiro a potenciais usuários de drogas.

Eu e Pati viajamos por seis anos portando, cada um, uma mochila de *notebook* e uma mala minúscula, dessas que podem ser levadas dentro do avião tranquilamente. Nós sempre escolhemos o canal verde nos aeroportos e notamos que essa configuração de bagagem não chama atenção. Além de serem poucos itens, não existe um mochilão e o estereótipo que ele carrega. Talvez por essa razão a gente raramente é parado em alfândegas. Apenas

passamos a bagagem pelo raio X nas alfândegas onde todas as bagagens passam pelo aparelho, mas nunca nos pedem para abrir nada.

Se quiser evitar problemas com a alfândega e vários outros desconfortos, recomendo que você leve pouca bagagem. Acredite, você precisará de menos do que imagina. Se faltar algo, provavelmente será mais fácil e barato de comprar do que no Brasil.

Além de carregar pouca bagagem, você pode influenciar a percepção dos agente de alfândega e fazê-los achar sua bagagem ainda menor. Antes de passar pela alfândega, observe os demais passageiros e procure passar próximo a alguém que esteja carregando muita bagagem. Isso fará com que a sua pareça ainda menor, o que aumenta a chance de a outra pessoa ser parada e você não.

A ideia aqui não é enganar os oficiais da aduana, de modo que você possa passar com itens proibidos. Se algo é proibido, o melhor a fazer é não carregá-lo com você. Quando sugiro que você passe despercebido, o propósito é apenas evitar o infortúnio de esbarrar com alguma burocracia sem sentido, tal como o porte ilegal de um comprimido de dor de cabeça, que possa estragar sua viagem.

Alfândega brasileira

Muitas vezes me perguntam qual o maior medo que tenho nessa vida nômade. Só de pensar na resposta já sinto calafrios. O que mais me apavora é justamente retornar ao Brasil e enfrentar a alfândega brasileira.

Bens de consumo são astronomicamente caros no Brasil, o que leva muita gente a comprá-los nas viagens ao exterior. Em certos casos, o custo de um aparelho eletrônico no Brasil é suficiente para pagar por uma viagem aos EUA, pela compra do aparelho em questão e por alguns dias de diversão na Disney. Sendo assim, não é de estranhar que tantos viajantes tragam as malas cheias de compras na volta do exterior.

Quando chegam ao Brasil, precisam rezar para não serem parados na alfândega, onde o imposto a ser pago pode, dependendo das circunstâncias, chegar a 100% do valor pago pelo produto. Como se isso não fosse suficientemente ruim, você pode sair do Brasil carregando um bem usado e, ao regressar, ter de pagar imposto por ele. Tudo vai depender da vontade do fiscal da alfândega.

Como Pati era fotógrafa de casamento, ela fazia questão de viajar com pelo menos uma de suas câmeras fotográficas profissionais e inúmeras lentes, já que às vezes surgia a oportunidade de fotografar casamentos no exterior. Também carregávamos nossos MacBooks, iPhones e iPads.

Todos estes equipamentos eram de uso profissional. Eles eram o nosso ganha-pão. Nenhum deles era para revenda. Todos foram comprados com muito esforço. Ao retornar ao Brasil, poderiam ser taxados de maneira absurda, como se fossem produtos para revenda, caso fôssemos parados pela alfândega e o fiscal tivesse uma interpretação equivocada.

Essa é a grande questão da alfândega brasileira. A única forma de garantir que você não terá nenhum problema ao passar com seus equipamentos é tendo um documento que comprove que impostos já foram recolhidos sobre ele no Brasil. Isso pode ser comprovado através da apresentação da nota fiscal ou documento de importação.

No nosso caso, tínhamos equipamentos que compramos usados, por exemplo, dos quais não tínhamos notas fiscais. Portanto ficávamos à mercê da interpretação do fiscal.

O [site da Receita Federal](#) informa as regras que devem ser seguidas pelo viajante ao passar pela alfândega brasileira, entretanto o texto é ambíguo. Ele dá margem às mais diversas interpretações.

Na prática, se você estiver entrando com o seu *notebook* de trabalho, que você utiliza há anos e não tem nenhum propósito de revenda, o fiscal da alfândega pode interpretar a lei de modo a fazer você pagar imposto se ele considerar conveniente ou se estiver de mal humor. A menos que você tenha uma nota fiscal ou documento de importação, a entrada no Brasil é uma incógnita.

Pati fotografou um casamento na Argentina em 2011. Para tanto, levou todo o seu equipamento fotográfico. Na volta ao Brasil, a fiscal da alfândega quis apreender tudo, incluindo nossos *notebooks*. O detalhe é que Pati teria de fotografar outro casamento, no Rio, alguns dias depois. Se o equipamento dela tivesse sido apreendido, além do prejuízo, ela não conseguiria fazer as fotos desse outro casamento.

Depois de muitas súplicas e infinitas tentativas de fazer a fiscal compreender que Pati tinha ido fazer fotos de um casamento na Argentina e que tudo era extremamente usado, a fiscal permitiu que ela passasse.

Aquele foi o pior momento pelo que passamos em todos os anos de vida nômade. Em nenhum lugar do mundo sofremos um aperto tão grande

quanto aquele. Se a Receita Federal tivesse tomado nossos equipamentos, tanto o meu negócio, quanto o de Pati teriam sido afetados de forma grave. Talvez tivéssemos até de encerrá-los.

Por tudo isso, recomendo mais uma vez que você tenha cautela. Leve a menor bagagem possível. Para viver como nômade digital, você precisará de menos do que imagina. Pode acreditar. Andar com pouca bagagem será mais fácil e você não atrairá a atenção dos fiscais da alfândega, seja no Brasil ou no exterior.

Seja como for, antes de sair do Brasil, informe-se no [site da Receita Federal](#) sobre as regras da alfândega e evite ser pego de surpresa quando regressar.

Capítulo 12

Bagagem

Leve o mínimo possível. Se você tiver de guardar apenas uma lição desse livro, que seja essa: **viaje leve**.

Já mencionei isso antes e repito: você vai precisar de menos do que imagina, muito menos. Se faltar algo, será mais fácil e mais barato comprar em qualquer lugar em que você esteja fora do Brasil.

Na qualidade de nômade digital, o mais provável é que você queira viajar com frequência. Isso não significa pegar a estrada todos os dias ou toda semana. Pode ser que você fique um, dois ou até três meses em um lugar antes de pular para outro. Seja como for, quando chegar a hora de partir, você não quer que a mudança seja traumática.

Quando você carrega mais do que precisa, quando você se move com muito peso, qualquer mudança é um sacrifício. Aquilo que era para ser agradável, torna-se um fardo. E o que é pior, sem necessidade.

Nômades digitais costumam se hospedar em apartamentos por temporada que já são mobiliados. Eles oferecem roupa de cama, toalhas, utensílios para cozinhar e por aí vai. Isso diminui a quantidade de itens que você precisa carregar.

Quanto menos volume, menor o risco de ser parado para inspeção nas alfândegas. Você ganha tempo e evita a chance de passar por sufocos como os que descrevi quando tratei da alfândega.

Viajar com menos também sai mais barato. Muitas companhias aéreas cobram a bagagem separadamente. As *low costs*, tais como [Ryanair](#), [EasyJet](#), [JetBlue](#) e [AirAsia](#), vendem passagens baratas, porém cobram caro por cada mala despachada. Com frequência, o valor que se paga pela mala é superior ao da passagem. Se você estiver carregando muitas malas, seus deslocamentos serão mais caros que o necessário.

Viajar com pouco permite que você use o transporte público para fazer seus deslocamentos de e para aeroportos, rodoviárias, portos e estações de trem. Quem viaja com muitas malas pode ver-se obrigado a apelar para o

taxi, o Uber ou alternativas semelhantes, mais caras que o transporte público.

A quantidade de bagagem influencia até mesmo na hora de alugar um carro. Se estiver carregando muita coisa, é possível que precise pagar por um carro maior e mais caro, de modo que possa acomodar toda a tralha.

Existem diversas cidades nas quais as calçadas são estreitas ou inexistentes. Quando existem, é comum que estejam ocupadas por carros estacionados. Se você fica escandalizado com a falta de educação de alguns motoristas nas cidades brasileiras, espere até visitar outras partes do mundo onde eles não têm o menor pudor de estacionar em todas as calçadas.

Às vezes, o jeito é andar pelas ruas. Nem sempre elas são de asfalto liso. Você passará por muitas de paralelepípedo ou sem calçamento. Também haverá poças d'água pelo caminho. Não se esqueça das ladeiras e das escadas. Existem cidades extraordinárias, como Istambul, na Turquia, cheias de altos e baixos. São inúmeras subidas, muitas calçadas estreitas e ruas lotadas de carros.

Nas cidades européias, o mais comum é que os prédios sejam baixos (até cinco andares) e não tenham elevadores. Além disso, os apartamentos mais em conta costumam ser os do último andar. É irritante subir cinco andares de escadas, muitas vezes estreitas, carregando malas pesadas. Faça isso com frequência e você logo desistirá da vida nômade.

O que levar?

Vestuário

Roupa para dez dias costuma ser suficiente. A ideia é que você possa lavar suas roupas uma vez por semana e ainda sobre alguma peça para usar enquanto as demais estiverem lavando.

Quando você alugar um apartamento por temporada, o ideal é escolher um que tenha máquina de lavar roupas. Isso é fácil de encontrar em várias partes do mundo. Alguns lugares, por outro lado, não têm uma boa oferta de apartamentos com máquina de lavar, porém contam com muitas lavanderias. É o caso da Argentina e da Tailândia, por exemplo.

Na Europa também costuma ser fácil encontrar lavanderias pelas cidades. As máquinas operam com moedas e às vezes você precisa comprar o sabão em pó e levar separadamente. Se tiver de usar essas lavanderias, vá guardando as moedinhas com carinho.

Dos lugares pelos quais passamos, houve alguns poucos onde foi difícil encontrar lavanderias. Foi o caso, por exemplo, da Índia e da China. Nesses casos, você pode recorrer aos albergues. Eles frequentemente possuem lavanderias para uso dos hóspedes. Porém, nada impede que você peça ao pessoal da recepção para usar a máquina de lavar, mesmo não sendo hóspede.

Como nômade digital, você não pode ter a expectativa de que viajará com roupas suficientes para não ter de lavá-las na estrada. Você terá de lavar roupa por onde for passando. Então, leve poucas e lave-as com frequência. Roupa básica para dez dias é suficiente. Pode acreditar.

Como exemplo, coloco abaixo a lista de itens de vestuário que carrego comigo. Eu até levo mais do que deveria. Nunca chego a usar tudo.

- 10 camisas de malha de manga curta
- 3 camisas de botão de manga curta
- 1 calça jeans
- 3 shorts (para ficar à vontade em casa)
- 1 bermuda
- 3 pares de meias
- 12 cuecas
- 1 sunga
- 1 cinto
- 1 casaco leve
- 1 casaco pesado
- 1 par de tênis
- 1 par de Havaianas

E esses são os itens que a Pati leva com ela:

- 15 camisas de malha de manga curta

- 3 camisas de malha de manga comprida
- 2 camisas de botão de manga comprida
- 1 calça jeans
- 1 calça legging
- 1 calça térmica
- 12 calcinhas
- 2 tops (para usar no lugar de sutiã)
- 1 sutiã
- 1 biquini
- 1 casaco leve
- 1 casaco pesado

- 3 pares de meias
- 1 par de botas
- 1 par de tênis
- 1 par de Havaianas
- 1 lenço

Nós viajamos com frequência para lugares frios, muitas vezes no inverno, com temperaturas abaixo de zero. Isso implica na necessidade de roupas de frio que são sempre volumosas. Isso não significa que a gente precise carregar uma bagagem grande.

O item mais crítico é o casaco. Para suportar temperaturas negativas, é preciso adotar um casaco bom, com grande capacidade de isolamento térmico.

Esqueça essa ideia de usar várias camadas de roupas. Isso não funciona em lugares tão frios porque os ambientes fechados contam com aquecimento. Quando está na rua, você precisa estar bem agasalhado, porém, assim que entra em algum lugar, é preciso se adaptar a um ambiente quente. Se você usar várias camadas de roupa, será um transtorno toda vez que entrar ou sair de algum lugar.

Na prática, o que melhor funciona é usar uma camisa de manga comprida, que não precisa ser muito quente, e um casaco bom, que te aqueça bastante. Dessa forma, ao entrar em algum lugar fechado, basta tirar o casaco. É útil que a camisa seja de manga comprida porque se o ambiente

interno não estiver tão aquecido, ao menos você não fica com os braços expostos.

Nos casos de inverno muito rigoroso, com temperaturas abaixo de zero, é necessário usar também luva, cachecol e gorro. Onde há neve é preciso usar botas. Isso não significa que você precisa carregar essa tralha o ano todo. O casaco, por ser o item mais caro, é o único que vale à pena manter de forma permanente. O resto você pode comprar em seu destino e descartar quando o período de frio terminar.

Isso é o que fazemos há anos porque nos permite reduzir o volume da bagagem e faz sentido financeiramente. O casaco, que é o item mais volumoso, a gente leva na mão. Ele não ocupa nenhum espaço na bagagem.

Comprar os acessórios de inverno em seu destino faz mais sentido não apenas porque te ajuda a reduzir a bagagem, mas também porque sai barato. Nos lugares onde faz muito frio, existe uma oferta enorme de roupas de inverno, o que leva os preços para baixo. Além disso, as lojas fazem inúmeras promoções, o que torna os itens ainda mais baratos.

No momento em que escrevo este trecho, estamos na Cracóvia, na Polônia. Estamos no meio do outono e as temperaturas já giram em torno de zero. Chegamos aqui trazendo apenas nossos casacos de inverno e acabamos de comprar os demais itens.

Coloco abaixo o valor médio que pagamos por cada um deles, por pessoa:

- Gorro - €2,75
- Luva - €4,20
- Cachecol - €4,10
- Camisa de manga comprida - €9,90
- Bota - €29

O item mais caro, como seria de se esperar, foi o par de botas. Entretanto, esse é um item que a gente às vezes acaba usando por mais tempo. Quando a gente gosta muito da bota, a gente a adota e fica usando o ano todo. Nesses casos, a gente calça a bota para viajar, em vez de colocá-la na bagagem.

Os valores que mencionei são bastante razoáveis. Entretanto, dependendo de onde e quando você fizer as compras, pode ser que pague menos ainda. Nós compramos na véspera do inverno, quando a procura é maior e as promoções ainda não começaram. Se comprássemos no meio do inverno, pagaríamos bem menos em função das queimas de estoque.

Não vale à pena aumentar o volume da bagagem com esses itens e pagar mais caro nas passagens aéreas. Se você carregar sempre um bom casaco, é melhor deixar o restante para comprar à medida que a necessidade surgir.

Quanto aos demais itens de vestuário, o que vale é reciclar. Sempre que você comprar um item novo, descarte um outro que vinha carregando. Não dá para acumular nada vivendo como nômade. Você precisa aprender a fazer escolhas e desapegar. Toda vez que você compra uma roupa nova, tem de descartar uma antiga. É um hábito saudável, que te permite viver de forma mais leve.

Itens de banheiro

Leve apenas os itens de uso contínuo e que você possa precisar usar mesmo durante a viagem. Por exemplo, esses são os que eu carrego:

- Escova de dente
- Pasta de dente
- Fio dental
- Escova de cabelo
- Cortador de unha
- Aparelho de barba
- Estojo para lentes de contato
- Solução líquida para lentes de contato
- Desodorante

E esses são os que Pati leva:

- Escova de dente
- Pasta de dente

- Fio dental
- Pente
- Pinça
- Tesourinha
- Desodorante
- Perfume
- Estojo com itens de maquiagem
- Lixa de pé

Não há necessidade de carregar sabonete, shampoo, condicionador, creme de barba e itens do gênero. É fácil achá-los em qualquer lugar do mundo. Eles não precisam ocupar espaço na bagagem.

Equipamentos

Trabalhar de onde estiver é parte da vida de um nômade digital. Isso significa que a gente precisa levar os equipamentos e acessórios que sejam relevantes para executar o trabalho.

O mínimo que você precisa carregar é um *notebook*, seu carregador e um adaptador de tomada universal, já que os conectores são diferentes entre um país e outro. Não faz diferença se seu *notebook* é um PC ou um Mac. O importante é que seja um computador que funcione bem para você e com o qual você possa trabalhar de forma produtiva. Melhor ainda se ele for compacto e leve.

Também é fundamental que você tenha um *smartphone*. Não precisa ser o mais sofisticado do mundo. Basta que você consiga se comunicar facilmente através dele, usando os mais diversos tipos de aplicativos.

Com um *notebook* e um *smartphone*, você pode viver e trabalhar de qualquer lugar do mundo com facilidade. Claro que a lista de equipamentos pode ser maior dependendo do tipo de trabalho que você faça.

Em nosso caso, como Pati trabalhava como fotógrafa de casamento, ela também carregava a câmera profissional, *flash*, diversas lentes e até mesmo um LED para iluminar as pessoas. Também portava diversos HDs externos com as fotos de casamentos passados, que ela ia tratando enquanto viajava.

De um modo geral, em função das características d nosso trabalho, sempre levamos muitos equipamentos, que ocupavam metade de nossa

bagagem. Dependendo do que você faça, isso é desnecessário e você pode se limitar apenas a um *notebook* e a um *smartphone*.

A título de exemplo, citarei a lista de equipamentos que levamos na atualidade, os quais já não incluem mais os equipamentos de fotografia que Pati levava no passado. Esses são os que carrego:

- MacBook Pro 15"
- Apple Magic Mouse
- 2 HDs externos de 2 TB
- iPhone
- iPad mini
- Kindle
- Câmera Sony RX100 Mark IV
- Carregador da câmera
- 2 baterias extras para a câmera
- Gravador Zoom H1
- Gravador Zoom H2n
- Pilhas recarregáveis (para o *mouse* e os gravadores)

- Carregador de pilhas

- Tripé pequeno para mesa
- *Pendrives* diversos
- Cartões de memória SD (para câmera e gravadores)
- 2 microfones de lapela
- Bateria externa (para recarregar o iPhone)
- Adaptador do Mac para conectar a monitores externos
- Adaptador do Mac para conectar a cabos de rede
- Cabo de rede
- Cadeados com combinação numérica
- Canetas e bloquinho de notas

Esses são os que Pati leva:

- MacBook Pro 15"

- Apple Magic Mouse
 - 3 HDs externos de 2 TB
 - iPhone
 - iPad mini
 - Câmera Sony A6300
 - Lente Zeiss 16-70 mm
 - Carregador da câmera
 - 2 baterias extras para a câmera
 - Microfone Rode
 - Tripé pequeno para mesa
 - *Pendrives* diversos
 - Cartões de memória SD (para a câmera)
-
- Adaptador do Mac para conectar a cabos de rede
 - Cabo de rede
 - Cadeados com combinação numérica
 - Canetas e bloquinho de notas
 - Secador de cabelo portátil

Remédios

Eu e Pati não utilizamos nenhum remédio de uso contínuo. Se você usa, é importante levar um estoque dele, além da receita médica. Existem países que restringem a entrada de certos medicamentos, como foi explicado na parte sobre alfândega. Em alguns casos, a tentativa de ingressar com medicamentos proibidos pela legislação local pode até ser tratada como crime. Levar a receita médica é uma forma de comprovar a necessidade do medicamento e pode evitar que você tenha maiores problemas com a alfândega. Além disso, pode ser necessário para comprar mais quando seu estoque acabar.

Além de eventuais medicamentos de uso contínuo, leve aqueles que você acredita que terá mais chances de necessitar. Em nosso caso, por exemplo, levamos uma bolsinha com remédios para dor de cabeça, cólicas, febre, gripe e enjôo, além de um termômetro.

Não é preciso levar grandes quantidades de remédios como esses. Eles são encontrados facilmente em qualquer lugar do mundo.

Outros itens

Além dos itens mencionados, você provavelmente levará também:

- Documentos (passaporte, identidade, carteira de motorista, PID, certificado de vacinação internacional)
- Cartões de crédito e cartões bancários
- *Token* para acesso ao *internet banking*

Em nosso caso particular, também levamos alguns itens adicionais que se revelam úteis com frequência. Utilizamos um porta documentos de pescoço, no qual colocamos passaporte, dinheiro e cartões na hora da viagem. Dessa forma, esses itens ficam pendurados sob a roupa e isso torna mais difícil furtá-los. Também temos um cabo de aço que usamos para amarrar nossa malinha em algumas circunstâncias.

Levamos máscara para os olhos e espuminha para colocar nos ouvidos, que ajudam na hora de dormir no avião.

Para a cozinha, levamos um amolador de facas porque as facas dos apartamentos que alugamos quase sempre precisam ser amoladas. Levamos também um ralador porque ralamos gengibre todos os dias de manhã e nem sempre os apartamentos têm um ralador à disposição.

Às vezes sentimos falta de alguns itens na cozinha e os adquirimos no mercado local. Os casos mais frequentes até hoje foram: tábua para cortar carnes e legumes, peneira, faca de boa qualidade e tigela para lavar e temperar saladas.

Não levar

Existem alguns itens que nunca levamos. Seja por falta de necessidade ou porque quase nunca precisamos deles.

Toalhas, roupas de cama e travesseiros não precisam ser carregados porque quando você aluga apartamentos por temporada eles já oferecem estes itens.

Para quem se hospeda em albergues, existem casos em que é necessário levar a própria toalha e roupa de cama. Se você não pretende se hospedar neles, não há razão para levar essa carga adicional.

Também não levamos nem guarda-chuva nem capa de chuva porque são desnecessários a maior parte do tempo. Quando estamos em um lugar onde chove muito, a gente compra um guarda-chuva e o descarta quando vai embora.

Como nós cozinhamos diariamente, seria útil carregar uma boa faca. Contudo preferimos não fazê-lo para evitar qualquer possibilidade de problema com a alfândega. Facas também podem ser usadas como armas. A última coisa que queremos é atrair a atenção da polícia e a preocupação dela de que estejamos interessados em cometer algum tipo de violência.

Mala ou mochila?

Mochilas são mais versáteis porque é possível usá-las nas cidades e em áreas remotas. Entretanto nômades digitais costumam passar a maior parte do tempo em cidades. Eles raramente carregam suas bagagens para locais remotos, em áreas montanhosas e de difícil acesso. Sendo assim, tanto mochilas, quanto malas podem ser usadas.

O fator mais importante a ser considerado é o tamanho. Como expliquei antes, o ideal é carregar o mínimo possível com você. A melhor forma de lhe forçar a eliminar itens desnecessários é adotar uma mala ou mochila pequena.

Existe uma lei universal que se aplica às viagens. Seus pertences se expandem até ocupar toda o volume disponível, seja na mala ou na mochila. Portanto, se for grande, esteja certo de que você carregará mais do que deveria.

Se possível, carregue apenas um volume de bagagem, que tenha um tamanho suficientemente pequeno para ser levado dentro da cabine do avião. Uma configuração como essa te ajuda a economizar, já que não é necessário pagar por malas despachadas. Também te faz ganhar tempo na chegada aos aeroportos porque você não precisa ficar esperando sua mala aparecer na esteira. Além disso, você elimina a possibilidade de sua bagagem ser extraviada ou furtada.

Se quiser trilhar esse caminho, recomendo que adote uma mochila. Os funcionários das companhias aéreas *low cost*, fiscalizam os passageiros na

hora do embarque para assegurar que não estejam levando mais bagagem que o permitido para dentro da cabine do avião. Eles frequentemente criam caso com as bagagens para que você seja obrigado a despachá-las e pagar as taxas correspondentes.

Na minha experiência, isso acontece sobretudo com quem tenta embarcar no avião levando mala. Mesmo que você tenha comprado uma mala, cujo tamanho seja permitido na cabine, é possível que ela esteja estufada e isso chame a atenção dos funcionários da companhia aérea. Daí eles podem querer medir ou pesar, o que pode lhe render problemas.

Por outro lado, percebo que eles não dão atenção para as mochilas, mesmo quando estão cheias. Nós mesmos já tivemos problemas no passado quando tentamos embarcar com malas dentro do avião. Porém nunca tivemos problemas com mochilas, por mais cheias e pesadas que estivessem. Sendo assim, minha recomendação é que você sempre adote uma mochila para a bagagem que irá lhe acompanhar na cabine do avião.

O desafio é conseguir levar tudo em uma única mochila que possa ser levada na cabine. Existem algumas estratégias que ajudam a solucionar esse impasse.

Se você vai para lugares frios, como nós fazemos frequentemente, é preciso levar um casaco grande, desses que te aquecem até mesmo em temperaturas abaixo de zero. Colocar um casaco desses dentro da bagagem é inviável. Ele ocuparia todo o espaço disponível. Felizmente, existe uma solução.

Quando for embarcar em um voo, você pode carregar o casaco no braço ou pode vesti-lo na hora de embarcar no avião. As companhias aéreas restringem a quantidade de bolsas, mochilas e malas que você leva para dentro do avião, mas não podem te impedir de entrar vestindo um casaco. Se você tiver outros itens de frio, tais como cachecol, gorro e luvas, leve-os na mão ou vista-os também para não ter de colocá-los na bagagem.

Fazendo isso, você ganha espaço na bagagem e a oportunidade de levar alguns itens adicionais nos bolsos do casaco. Por exemplo, você pode colocar HDs externos, lentes, carregadores, cabos e outros itens pequenos nos bolsos do casaco. Isso ajuda a liberar mais espaço na bagagem. Até por isso, na hora de comprar um casaco, de preferência ao que tiver bolsos grandes.

Outro item que pode ocupar espaço excessivo é calçado. Se tiver uma bota e um tênis, por exemplo, calce a bota durante a viagem e coloque o

tênis na bagagem por ser mais leve e ocupar menos espaço.

Para as roupas que irão na bagagem, recomendo a utilização de sacos organizadores a vácuo. É um item que adotamos recentemente e fez uma enorme diferença.

Fazemos rolinhos com as roupas e as colocamos nesses sacos a vácuo. Em seguida, removemos o ar com um aspirador de pó ou manualmente, ajoelhando sobre as roupas. Dessa forma, conseguimos reduzir muito o volume delas. Faça um experimento e você verá que é possível ganhar muito espaço dessa forma.

O que nós levamos

Até 2015, cada um de nós carregava uma mochila de *notebook* e uma mala pequena, que raramente pesava mais de 12 quilos. A mala levava as roupas, calçados e itens de banheiro. A mochila levava o *notebook*, câmeras fotográficas, lentes, *flash*, HDs externos, adaptadores e uma pastinha com documentos (reserva da acomodação, cartão de embarque e apólice do seguro de saúde).

Essa mala é tão pequena que, quando está de pé, não alcança sequer o joelho. Ela pode ser carregada tranquilamente dentro da cabine do avião. Entretanto, sempre tínhamos de despachá-la porque as companhias aéreas só costumam permitir um volume dentro da cabine. Então, levávamos apenas a mochila para dentro do avião.

No total, tínhamos quatro volumes. Além deles, Pati também tem uma bolsa esportiva da Adidas, dessas do tamanho de uma bolsa de mulher. Quando permitido, ela também embarcava no avião com essa bolsa. Se não fosse permitido, ela a guardava dentro da mala.

Atualmente, carregamos menos equipamentos fotográficos. Assim conseguimos eliminar uma das malas. Agora, cada um de nós tem a mesma mochila de antes e compartilhamos uma das malas que já usávamos. Eu levo minha câmera no bolso do casaco e Pati embarca no avião com a dela pendurada no pescoço. Assim não ocupa espaço na mochila.

Começamos a usar um saco organizador a vácuo e isso nos permite levar todas as roupas dentro da mochila de *notebook*, além do próprio *notebook*, iPad, carregadores, remédios e pastinha de documentos. Colocamos na mala os nossos tênis, Havaianas, itens de banheiro e itens que não possam ser levados na cabine, tais como tesourinha e outros.

Com essa configuração, ainda temos de despachar uma mala, porém os itens mais importantes estão na mochila e não saem de perto de nós nem por um minuto. Se a mala for extraviada, nossa perda é mínima. Vale lembrar que eletrônicos e outros itens caros não devem nunca ser colocados em bagagem despachada. Eles devem sempre ir com você dentro da cabine do avião.

A nossa mala tem menos de 13 quilos. Isso é importante porque algumas companhias aéreas têm preços diferentes na hora de despachar as malas. A [Ryanair](#), por exemplo, cobra uma taxa para bagagens despachadas de até 15 quilos e outra, bem maior, para as de até 20 quilos. Sendo assim, mesmo que você tenha de despachar uma mala, procure fazer com que o peso dela seja o menor possível.

Mochilas adequadas para nômades digitais

Como já comentei, nômades digitais são seres urbanos, em sua maioria. Mochilas usadas tradicionalmente por mochileiros, que se metem em áreas remotas, não são as mais convenientes para nômades. Especialmente porque nômades precisam ter acesso rápido a *notebooks* e outros eletrônicos. Mochilas que só abrem pelo topo, por exemplo, não são práticas nesse contexto. É melhor usar algo que tenha um compartimento específico para o notebook e demais eletrônicos. Além disso, mochilas associadas a mochileiros tendem a atrair maior atenção da alfândega devido à preocupação com o porte de drogas.

Existem ótimas opções de mochilas que foram projetadas para uso nas cidades. O tamanho delas permite que sejam levadas dentro da cabine do avião. Com um pouco de estratégia, é possível acomodar tudo o que você precisa carregar, de modo a evitar que você despache qualquer bagagem e tenha de pagar mais caro por isso.

Você encontra abaixo uma lista com algumas das melhores mochilas para nômades disponíveis na atualidade:

- [Tortuga](#)
- [GORUCK](#)
- [Standard Luggage](#)
- [Minaal](#)

Robson Cadore e Natalie Deduck, nossos amigos do blog [Love and Road](#), fizeram um [excelente artigo](#) explicando a opção deles pela [Standard Luggage](#). Natalie inclusive gravou um [vídeo mostrando como arrumar tudo nessa mochila](#). Vale à pena assistir.

Capítulo 13

Telefonia

Uma das primeiras providências que você deve tomar assim que chegar a um novo país é adquirir um chip telefônico pré-pago, um *prepaid SIM card*, como é conhecido em inglês. Muita gente se ilude, achando que não é necessário. Entretanto, a experiência me provou inúmeras vezes a importância de portar um telefone que funcione localmente.

A disponibilidade de WiFi aumenta a cada dia em todo o mundo. Cafés, restaurantes, trens, ônibus, aviões, aeroportos, estações de trem, rodoviárias e até áreas inteiras de algumas cidades oferecem WiFi gratuito. Contudo ainda existem muitos lugares e situações em que você precisa fazer uma ligação ou acessar a internet de qualquer lugar em que esteja, mesmo que não haja WiFi por perto.

Ter um telefone funcionando localmente é uma espécie de seguro ao qual você recorre em momentos de emergência. São situações sempre inesperadas. Você não sabe quando algo dará errado e você precisará pedir ajuda. Então, o melhor a fazer é estar preparado.

Um caso que ilustra esse ponto é o de nosso amigo nômade Hêlvio Gregorio. Ele sofreu um acidente de moto no Vietnã e se machucou bastante. O telefone celular foi essencial para acionar o seguro rapidamente e ser direcionado para o hospital certo, onde ele foi operado. Se você precisar de atendimento médico, será mais fácil entrar em contato com o seguro de saúde se o telefone estiver funcionando.

Se você é furtado e utiliza aplicativos de localização do telefone, tais como o [Find my iPhone](#) ou outros do gênero, seu telefone possivelmente continuará conectado à internet, mesmo após o furto. Isso pode colaborar para que ele seja localizado logo, seja por você ou pela polícia.

Não é apenas em emergências como essas que um número local ajuda. No dia-a-dia, ter acesso à internet de qualquer lugar nos ajuda a superar os desafios de cidades que não conhecemos bem.

Quando visitamos o supermercado de um novo país, temos dúvidas das mais diversas porque não dominamos o idioma local. Às vezes, queremos entender o significado do que está escrito em um rótulo. Por exemplo, essa carne moída é bovina ou suína? Às vezes estamos buscando um item específico e não sabemos como ele é chamado no idioma local. Em todas essas situações, o acesso à internet nos ajuda a utilizar sites ou aplicativos de tradução. Quando isso não é suficiente, podemos recorrer ao Google de qualquer lugar em que estejamos.

Andar pela cidade também torna-se mais fácil porque podemos montar rotas com o [Google Maps](#), descobrir como chegar a qualquer lugar com o transporte público, usando aplicativos como o [Moovit](#), e até mesmo navegar pelo trânsito usando o [Waze](#).

Acessar a internet de qualquer lugar também permite que você se comunique a qualquer momento com clientes e amigos usando a própria rede telefônica ou aplicativos tais como [WhatsApp](#), [Skype](#), [Viber](#) e tantos outros. Se você precisar de ajuda, é fácil obtê-la. Se alguém precisar de você, é fácil te contatar.

Quanto mais tempo você passa em uma cidade, maior a probabilidade de fazer amigos e começar a ter uma vida social. Quando você marca de encontrar com outras pessoas, um telefone funcionando é uma excelente ajuda para casos de atrasos, avisos de última hora ou dúvidas sobre o local do encontro.

Muitas operadoras permitem que você compartilhe a conexão do telefone com outros dispositivos, incluindo seu computador. Portanto, se o WiFi parar de funcionar no local onde você estiver acomodado, a conexão do celular te salvará e permitirá que você faça seu trabalho normalmente. Quem trabalha remotamente precisa ter uma conexão de backup e o celular pode exercer esse papel.

Chips locais

Se você comprou seu telefone ou *smartphone* na loja de uma operadora de telefonia, seja ela brasileira ou de qualquer outro lugar, a primeira coisa que você precisa verificar é se o telefone está desbloqueado. Telefones bloqueados só podem usar *chips* da operadora que vendeu o aparelho. Eles não servem para você viajar pelo mundo e utilizar *chips* locais.

Se seu telefone estiver bloqueado, a primeira providência que você deve tomar é tentar desbloqueá-lo junto à operadora. Se isso não for possível, recomendo que você compre um telefone desbloqueado para levar na viagem. Compre ao menos um telefone simples, que te permita fazer ligações. Mesmo que ele não seja um *smartphone* e não te permita acessar a internet, o simples fato de poder fazer ligações locais já será de grande ajuda.

Antes de ir para um novo país, pesquise quais são as operadoras locais. Veja quais oferecem chips telefônicos pré-pagos (chamados *prepaid SIM cards* em inglês), quanto custam e quais os planos de dados disponíveis.

Para ter uma ideia inicial de quais são as operadoras do país que visitará, faça uma pesquisa no site [OpenSignal](#). Você pode olhar também no [PrePaidGSM.net](#). Neste último, escolha o país e veja a lista de operadoras locais. O site tenta fornecer dados adicionais, tais como preço do *chip*, validade e valores dos pacotes de dados. No entanto, essas informações mudam com frequência e provavelmente estão desatualizadas no site. Ainda assim, ele é útil para dar início às pesquisas. Você também pode fazer uma pesquisa sobre o país no [Wikitravel](#). Os artigos de cada país costumam informar as operadoras de telefonia locais.

Sabendo quais são as operadoras, você pode acessar os sites delas e tentar descobrir detalhes sobre preços e planos de dados. Se necessário, traduza o site com o [Google Translate](#).

Essa pesquisa antes da viagem pode lhe render uma boa economia. Existem lugares onde a variação de preços é grande. Em diversos países da Europa, por exemplo, as operadoras mais conhecidas cobram caro pelo *chip* e pelos planos de dados. Nesses casos, pode fazer mais sentido adquirir um *chip* da [Lycamobile](#), uma operadora menos conhecida que oferece preços melhores. Nós usamos essa alternativa várias vezes e sempre funcionou.

Pesquise também onde os *chips* pré-pagos são vendidos. Em alguns países, você pode entrar na loja da operadora e comprar o *chip*, mas em outros tais lojas só vendem *chips* para quem deseja adquirir uma assinatura mensal. Nesses casos, os *chips* são vendidos em bancas de jornal, quiosques, tabacarias, supermercados e lojas de conveniência. Isso acontece, por exemplo, no Brasil, na França e em outros lugares.

Existe uma chance de que você não consiga se comunicar em inglês com a pessoa que vende o *chip* telefônico. Porém, em nossa experiência, quase sempre existe um funcionário que fala inglês suficientemente para fazer a

venda do *chip*. Esse é o caso, sobretudo, dos mais jovens. Se você não tiver sorte com os funcionários de uma loja, procure outra e faça uma nova tentativa.

Ativação do chip

Na maioria dos lugares, não basta comprar o *chip* e começar a usá-lo. Também é preciso ativá-lo. Na prática, isso significa associar o número telefônico a sua identificação. No caso do Brasil, por exemplo, quando você compra o *chip* pré-pago, é preciso ligar para um número especial da operadora e informar seu CPF. O *chip* só começa a funcionar depois disso.

Em muitos lugares, você precisa ir a uma loja da operadora e pedir para um funcionário fazer a ativação para você. Isso é mais fácil e conveniente quando a própria loja da operadora vende o *chip* também. Nesse caso, você pode fazer a compra e a ativação de uma vez só.

Para ativar um *chip* no exterior, você precisa apresentar seu passaporte quase sempre. O funcionário da operadora faz uma cópia do passaporte e o associa ao número da linha. Em alguns casos, você também precisa fornecer um endereço local, mas não precisa comprová-lo. Quando for comprar o *chip*, leve o endereço de sua acomodação e forneça-o se houver necessidade.

No momento da ativação, esteja com seu telefone, para que já possa colocar o *chip* nele e verificar se a ativação funcionou.

Créditos e pacotes de dados

Além de comprar o *chip* e ativá-lo, você também precisa comprar créditos para usá-lo. O que mais interessa para a maioria das pessoas é o uso de dados. As operadoras costumam oferecer alguns pacotes de dados que tornam esse tipo de uso mais econômico. Escolha um e coloque uma quantidade de créditos suficiente para pagar por ele e algumas ligações locais. Para o caso de surgir a necessidade de fazer algumas chamadas locais durante sua estadia.

Depois de ativar o *chip*, você deve ativar um plano de dados. Se estiver na loja da operadora, peça ao funcionário para já fazer tudo para você. Quando isso não é possível, você coloca créditos no celular e depois liga para um número da operadora para ativar o plano de dados desejado.

Pergunte ao funcionário qual o melhor plano de dados para seu caso e que número você precisa discar para ativá-lo.

Acessar a internet sem um plano de dados é caro e consome seus créditos rapidamente. Antes de inserir o novo *chip* no telefone, desabilite o uso de dados móveis. Isso impede que aplicativos do *smartphone* tentem acessar a internet em segundo plano assim que você insere o *chip*. Só habilite o uso de dados móveis depois de ativar um plano de dados.

Números importantes da operadora

Sempre que comprar um *chip* pré-pago, descubra que número você disca para consultar seu saldo de créditos. Se comprar o *chip* na loja de uma operadora, pergunte ao funcionário qual o número para consulta do saldo. Grave-o na agenda do telefone. Você precisará dele de tempos em tempos.

Se não for possível ativar o plano de dados imediatamente após ativar o *chip*, pergunte ao funcionário da operadora qual o melhor plano de dados pré-pago e qual o número que você deve discar para ativá-lo.

Roaming nacional

O *chip* que você comprar em uma cidade tipicamente funcionará no país inteiro. Entretanto, se você for para outras cidades, é possível que tenha de pagar *roaming* na hora de fazer chamadas telefônicas.

Felizmente, não costuma haver acréscimos para o uso de dados. Sendo assim, se você utilizar sempre aplicativos de troca de mensagens (como o [WhatsApp](#)), em vez da rede telefônica, não terá custos adicionais ao mover-se por diferentes cidades do país.

Casos especiais

A compra e uso de chips locais por estrangeiros sofre algumas limitações em determinados países. Nas vezes em que estivemos na Turquia, por exemplo, não era possível colocar um *chip* local em nossos aparelhos celulares. Era preciso comprar um telefone local ou pagar uma taxa elevada para ativar o *chip* em nosso aparelho celular estrangeiro. A solução foi comprar um telefone local, bem simples, só para fazer e receber ligações locais.

No caso da Colômbia, mudanças recentes introduziram uma complicação. É fácil comprar um *chip* pré-pago, mas é necessário registrá-lo em até duas semanas após começar a usá-lo. Para isso, é necessário informar um número de identidade colombiano. O que significa que você talvez tenha de pedir ajuda a algum amigo.

Se não fizer o registro a tempo, o [IMEI](#) de seu telefone é bloqueado e você não pode mais usá-lo em nenhuma operadora do país. O [IMEI](#), ou [International Mobile Equipment Identity](#), é um número de identificação global único para cada telefone celular.

No Japão, existem restrições legais que impedem a venda de *chips* pré-pagos de voz para estrangeiros. Apenas residentes podem comprá-los. Entretanto, é possível comprar *chips* pré-pagos que funcionam apenas com dados. Também é comum o aluguel de roteadores WiFi portáteis.

Você paga uma diária para usar o roteador WiFi e pode conectar-se a ele através de seu *smartphone*, *tablet* ou *notebook*. Pode ser uma boa opção, especialmente se você estiver na companhia de outras pessoas. A velocidade de acesso é alta e não há limite de dados, ou tal limite é generoso.

A conexão à internet é rápida no Japão e é fácil encontrar WiFi por todos os lados. Porém, na maioria dos casos, é preciso ter um plano mensal de uma operadora telefônica local para ter acesso ao WiFi. Isso significa que frequentemente é difícil ter acesso a WiFi na rua, sendo um estrangeiro e não-residente. Isso é uma razão adicional para optar por um roteador WiFi portátil.

Para mais informações sobre *chips* pré-pagos e locação de roteadores WiFi no Japão, consulte esse artigo do [TokyoCheapo](#).

Estes são apenas alguns exemplos de países onde adquirir e utilizar um *chip* pré-pago é mais complicado do que deveria. Existem outros. Felizmente, na maioria dos países, o procedimento é simples e sai mais barato que usar *roaming* internacional ou *chips* pré-pagos internacionais.

Retorno ao Brasil

Se você fizer como a gente, acabará cancelando todas as contas que tinha no Brasil quando pegar a estrada e começar a viver como nômade digital. Portanto não terá mais um número de telefone pós-pago no Brasil. Você também usará um número pré-pago quando visitar o país.

Chips pré-pago têm algumas limitações importantes. Eles são cancelados depois de alguns meses sem uso ou sem recarga. A implicação disso é que o número que você utilizar no Brasil dificilmente estará funcionando quando você retornar ao país depois de uma temporada viajando pelo mundo.

Eu e Pati já passamos vários sufocos no retorno ao Brasil porque não tínhamos um *chip* que funcionasse. Isso complicava a saída do aeroporto porque tornava difícil chamar um taxi de nossa confiança ou solicitar o [Uber](#). Às vezes conseguíamos encontrar um *chip* à venda no aeroporto, mas o preço era muito alto.

Para não ficar desconectado em seu retorno ao Brasil, compre um *chip* pré-pago da operadora de sua preferência, mas não o ative. Leve-o com você para a viagem. Quando retornar ao Brasil, basta ativá-lo assim que pousar no país. Dessa forma, você consegue ter acesso à internet no *smartphone* assim que chega e pode usá-lo para chamar o Uber, Cabify ou taxi de sua preferência.

Chips internacionais

Usar um *chip* telefônico brasileiro no exterior é desaconselhável. As tarifas de *roaming* internacional são proibitivas. Seja para fazer ligações ou para usar a internet, o valor a pagar é exorbitante. Comprar um *chip* local é bem mais barato.

Ainda assim, se você quiser fazer tal uso, talvez seja necessário ativar o *roaming* internacional junto a sua operadora. Talvez ela ofereça planos internacionais com valores menos elevados.

Também existem *chips* telefônicos especializados, voltados para viajantes, que se propõem a funcionar em qualquer lugar do mundo, com valores mais razoáveis. Em teoria, você pode ter apenas um *chip* desses e seria capaz de se comunicar por telefone, enviar mensagens ou acessar a internet, em inúmeros países.

Usando esse tipo de *chip*, o gasto com ligações e dados é inferior ao que você teria com seu *chip* do Brasil, por exemplo, sendo usado em *roaming* internacional. Porém o custo desse *chip* internacional ainda é maior que o de um *chip* local, comprado no país que você está visitando.

Quando você passa pelo menos algumas semanas em um país (o que é comum no caso de nômades digitais), vale à pena investir um tempinho para comprar um *chip* local, como venho sugerindo. Entretanto quando

você viaja rapidamente por diversos países e passa poucos dias em cada um, pode fazer mais sentido usar um desses *chips* internacionais.

Quando a estadia em cada país é curta, gastar tempo indo a uma loja para comprar um *chip* é um desperdício. Além disso, passando por vários países rapidamente, o custo total de todos os *chips* que você comprar provavelmente será maior que o de um *chip* internacional. Se você pretende fazer uma viagem que envolve vários países e curtas estadias em cada um, adote um *chip* internacional.

Abaixo você encontra uma lista com alguns dos mais populares.

- [Knowroaming](#)
- [GigSky](#)
- [OneSimCard](#)
- [Worldsim](#)
- [Keepgo](#)
- [TravelSim](#)
- [SIMsmartprepaid](#)
- [Maxroam](#)
- [GeoSIM](#)
- [ChatSim](#)
- [GO-SIM](#)
- [EasySIM4U](#)

A chegada a um lugar novo é um dos momentos mais delicados para um nômade digital. É quando muita coisa pode dar errado porque a gente ainda tem um conhecimento limitado sobre a cidade. É fácil se perder, ter dificuldade para encontrar a acomodação, se atrapalhar com o transporte público, ter dificuldade para se comunicar com os locais, ser enganado, ter dificuldade para trocar dinheiro, ter dificuldade para sacar dinheiro e por aí vai.

Um exemplo clássico é a dificuldade de encontrar o local exato da acomodação. Outro caso é a dificuldade de entrar no prédio. Existem lugares, por exemplo, em que a porta de entrada do prédio é aberta digitando-se uma senha. Nesses casos, seu anfitrião pode ter lhe enviado a senha de antemão. Pode ser que ela não funcione e você não consiga entrar.

Em casos como esses, que muitas vezes acontecem tarde da noite, quando você já está cansado, é ótimo poder ligar para o anfitrião para pedir ajuda. É a diferença entre uma chegada tranquila e uma traumática.

Nesses momentos, ter acesso a um telefone funcionando, com acesso à internet, pode nos livrar de grandes roubadas. Também por isso, adquirir um *chip* telefônico local é uma das primeiras providências que você deve tomar assim que colocar os pés em um novo país. Se possível, o ideal é que você já saia do aeroporto, estação de trem, porto ou rodoviária com um *chip* local ativado.

Ainda que você não viaje rapidamente por vários países, pode ser interessante comprar um chip pré-pago internacional. Você pode usá-lo quando estiver em movimento de um país para outro. Dessa forma, você mantém o telefone funcionando até que consiga comprar um *chip* local no país que está visitando.

Assim que fizer isso, guarde o *chip* internacional para quando você se mudar para o próximo país e use apenas o *chip* local. Se seu telefone permite usar dois *chips*, você pode manter o *chip* internacional nele, o tempo todo, e apenas substituir o *chip* local de um país para o de outro.

Se quiser adquirir um *chip* internacional, para não correr o risco de ficar sem cobertura telefônica na chegada a um novo país, a melhor opção dentre os chips mencionados antes parece ser o da [Knowroaming](#). Especialmente por oferecer o uso gratuito do [WhatsApp](#) nos países em que possui cobertura. Esse é o caso enquanto escrevo esse trecho do livro, no final de 2016.

Recebendo chamadas no exterior

Suponha que você precise manter um número de telefone no Brasil para que seus clientes possam entrar em contato com facilidade. Além disso, você deseja ser capaz de atender essas chamadas de qualquer lugar do mundo.

Isso é possível utilizando algumas soluções de [VoIP](#) ([Voice over Internet Protocol](#)). O [Skype](#), por exemplo, permite que você compre um número de telefone brasileiro. Seus clientes, familiares e amigos podem ligar para esse número e você atende através do aplicativo do [Skype](#), onde quer que esteja ao redor do mundo.

Aplicativos úteis

Aplicativos para troca de mensagens

O [WhatsApp](#) é o aplicativo preferido dos brasileiros para troca de mensagens e chamadas de voz. Entretanto, em lugares como os EUA, por exemplo, sua adoção é restrita e usa-se mais o [Facebook Messenger](#).

Pela nossa experiência, notamos que cada parte do mundo adota um aplicativo como sendo o queridinho da maioria das pessoas. Na maior parte dos países, a preferência é pelo [WhatsApp](#), mas é bom estar preparado para outras possibilidades.

Diversos países do Leste Europeu preferem o [Viber](#). Japão e Tailândia preferem o [Line](#), a China usa o [WeChat](#), Iran usa o [Telegram](#), Vietnã usa o [Zalo](#). Veja [os aplicativos de troca de mensagens mais populares em cada país](#).

Ir para um novo país e esperar que as pessoas utilizem seu aplicativo de mensagens preferido não é razoável. É você que precisa se adaptar à cultura local. Sendo assim, descubra qual o aplicativo mais utilizado no país que você visitará e adote-o também.

Capítulo 14

Mudança para o próximo destino

Tem dias em que tudo parece dar errado. Foi em um desses que chegamos a Rosário, na Argentina, em meados de 2016. Pegamos um voo tarde da noite e chegamos ao minúsculo aeroporto de Rosário no meio da madrugada.

Assim que terminamos os trâmites de imigração e alfândega, fomos procurar uma casa de câmbio. Se havia alguma naquele aeroporto, ela estava fechada àquela hora da noite. Com muito custo conseguimos localizar um único caixa eletrônico, porém a tentativa de sacar dinheiro não funcionou com nenhum de nossos cartões. Se tivesse funcionado, teria saído caro, já que a máquina avisava que qualquer saque teria o custo de US\$ 6, além do que nosso banco cobrasse de taxas.

Começamos a ficar apreensivos. Sabíamos que, àquela hora da madrugada, a única forma de chegar à cidade seria pegando um taxi. Mas como pagar por ele sem ter um único peso argentino?

Saímos do saguão e encontramos um único taxi estacionado em frente ao aeroporto. Perguntamos quanto custava a corrida até a cidade e explicamos que não havíamos conseguido trocar dinheiro. Felizmente ele aceitou receber em reais. Se tivesse aceito apenas dólares, teríamos problemas, pois só tínhamos notas altas.

O *check in* no apartamento ocorreu sem problemas e logo fomos deitar, exaustos. Só conseguimos despertar às 14h do dia seguinte. Como ainda não tínhamos pesos argentinos, saímos para procurar uma casa de câmbio.

Embora estivéssemos hospedados no centro, achar uma casa de câmbio foi mais difícil que o esperado. Não conseguíamos achar nenhuma. Lembramos que poderíamos tentar fazer o câmbio em algum banco. Esses sim, nós já tínhamos visto. Entretanto, àquela altura da tarde, já estavam fechando as portas. De qualquer forma, lendo as tabelas de conversão afixadas nas vitrines, dava para ver que eles ofereciam as piores taxas de câmbio.

Incapazes de achar uma casa de câmbio e já preocupados, vimos uma agência de turismo e fomos lá pedir uma indicação. A sugestão que recebemos foi ótima. Achamos uma das melhores casas de câmbio da cidade. Problema resolvido, assim pensamos. Estávamos enganados.

Entramos, fomos para a fila e esperamos um bom tempo até o atendimento. Quando chegamos ao caixa e tentamos fazer a troca, fomos impedidos porque estávamos apenas com a identidade. O passaporte estava guardado no apartamento por questões de segurança.

Eram 16h e a casa de câmbio fecharia às 16:30h. O único jeito era correr para casa, buscar o passaporte, voltar e fazer o câmbio, se conseguíssemos chegar a tempo. Felizmente, deu certo.

Sáímos da casa de câmbio triunfantes e fomos buscar algum lugar para almoçar. Não encontramos nenhum restaurante oferecendo refeições. Já era tarde demais para um almoço e cedo demais para a janta. Acabamos nos rendendo a um sanduíche. Foi a primeira refeição do dia às 17h. Depois fomos fazer as primeiras compras de supermercado.

Conto essa história, que não é das piores, para você ter uma ideia do que pode acontecer na chegada a uma nova cidade. As dificuldades que enfrentamos são bobas, porém, no calor do momento, quando você está com sono, cansado ou com fome, os efeitos são amplificados. Nós ainda tivemos a sorte de chegar em um dia de semana. Se tivéssemos pousado em Rosário em um sábado, só conseguiríamos fazer câmbio e colocar a vida em ordem na segunda-feira. Passaríamos o domingo inteiro sem conseguir obter dinheiro na moeda local, a menos que tentássemos fazer um saque, o que sairia caro demais na Argentina.

À primeira vista, pode parecer difícil e arriscado viver como nômade digital. Entretanto as coisas são mais simples e seguras do que parecem na maior parte do tempo. Existem apenas algumas situações que demandam atenção redobrada. A principal é quando você muda de um destino para outro, como exemplifiquei.

O dia da mudança é um dos mais críticos na vida de um nômade. É quando você tem a maior chance de passar por um sufoco, mesmo quando está retornando a um país que já conhece bem, como era o nosso caso na Argentina.

O pior é quando você muda para uma cidade em que nunca esteve, localizada em um país que está visitando pela primeira vez, onde se fala um idioma que você não domina e se utiliza um alfabeto que você não

compreende. Isso ocorre com frequência na vida de muitos nômades digitais. Ainda que a mudança seja para uma cidade que você já conheça, inúmeros cuidados são necessários.

Quando você chega a um novo lugar, sua falta de domínio da cidade e da cultura local representam uma vulnerabilidade. Você se atrapalha com as coisas mais banais e se torna presa fácil para todo tipo de golpe. É mais fácil errar do que se imagina. Já cometemos muitos erros no passado e não queremos que você passe por eles. Por essa razão, leia as próximas páginas com atenção e as consulte sempre que estiver de partida para um novo destino.

Para que tudo corra bem, é preciso se planejar e executar diversas ações antes, durante e depois da chegada ao novo destino. Existem tarefas específicas para:

- A semana anterior à viagem
- O dia anterior à viagem
- O dia da viagem
- A chegada à nova cidade
- A chegada à acomodação
- Os primeiros dias na nova cidades

Parece exagero, mas você verá que existem questões importantes a serem resolvidas em cada um desse momentos. A parte mais trabalhosa começa dias antes da viagem. Ela envolve pesquisa, planejamento e preparação. A boa notícia é que o restante é fácil se você se preparar da forma certa. Você evitará os problemas mais sérios e não terá uma chegada traumática.

Semana anterior à viagem

A [Lei de Murphy](#) assegura que "qualquer coisa que possa dar errado, dará. No pior momento possível". A chegada a uma nova cidade é esse "pior momento possível" e a lista do que pode dar errado é longa demais para ser apresentada aqui. Contudo alguns itens podem ser mencionados, por acontecerem com frequência:

- Você descobrirá que precisa de algumas informações adicionais.
- Você não conseguirá pedir tais informações aos locais devido à barreira da língua.
- Você não conseguirá acesso à internet para sanar suas dúvidas.
- Você terá dificuldades para trocar ou sacar dinheiro na moeda local.
- Você estará com fome ou com sede e não encontrará nenhum estabelecimento aberto porque é tarde da noite.
- Estará chovendo.
- Você não conseguirá usar o transporte público.
- O GPS não funcionará.
- O *smartphone* estará descarregado.
- Você será enganado por um taxista.
- A acomodação não corresponderá ao que você esperava.

Não se assuste. Essa lista não representa o que acontece normalmente. Ela apenas dá uma pista do que pode acontecer. Assim mesmo, lembre-se da [Lei de Murphy](#). Se pode dar errado, assuma que dará. Especialmente se você estiver mal preparado.

Se [Murphy](#) é uma entidade real, ele está sempre atendo a viajantes despreparados, pelos quais demonstra clara preferência. Se quiser um pequeno exemplo de seus poderes, leia o artigo "[O dia que tinha tudo para dar errado... e deu!](#)", dos nossos amigos Paula e Renan, do [Outsiders Brazil](#).

A preparação para uma viagem pode começar meses antes quando você providencia eventuais vistos, compra passagens e faz a reserva da acomodação. Porém muito mais precisa ser feito quando a viagem se aproxima.

Descreverei a seguir uma série de ações que você deve começar a executar pelo menos uma semana antes da viagem. Esse tempo de antecedência é importante, tanto pela quantidade de ações, quanto pela importância delas, o que demanda que sejam bem feitas.

Translado até o local de partida

Se você não estiver viajando de carro, como é o caso da maioria dos nômades digitais, a saída da cidade atual provavelmente será a partir de uma rodoviária, estação de trem, porto ou aeroporto. Você precisa pesquisar qual a forma mais barata e conveniente de fazer o traslado entre sua acomodação atual e o local de partida do veículo que fará a viagem.

Se for possível utilizar o transporte público e essa for a alternativa mais conveniente para seu caso, pesquise os horários de funcionamento das linhas que usará para ter certeza de que estarão em operação no dia e horário em que você precisará delas. Quando a viagem é no meio da noite ou em um domingo ou em um feriado, há uma chance maior de que o transporte urbano não esteja funcionando ou de que os horários sejam limitados. Verifique se o dia e horário de sua partida caem em algum desses casos. Lembre-se de pesquisar os feriados da cidade onde está.

Ir para o aeroporto costuma ser o pior caso. É comum que os aeroportos estejam localizados em áreas remotas e distantes das cidades. Isso implica em um gasto de tempo elevado para chegar ou sair deles. O que, por sua vez, colabora para que o traslado seja caro se for feito de taxi.

O ideal é utilizar o sistema de transporte urbano, caso o aeroporto esteja conectado a ele. Se não estiver, verifique se há algum tipo de transporte especial que possa te levar de algum ponto estratégico da cidade até o aeroporto. Para descobrir tais informações, tente achar o site oficial do aeroporto usando o Google. Além disso, acesse o [Wikitravel](#) e busque o artigo referente à cidade em que você se encontra. Vá até a seção *Get in* e veja se há alguma informação sobre o aeroporto e formas de alcançá-lo a partir da cidade.

Comentei em outro capítulo o caso dos aeroportos menores, usados por companhias aéreas *low cost*, tal como o [Paris Beauvais](#). Ele não é coberto pelo sistema de transporte urbano de Paris. Entretanto existe um [ônibus especial](#) (chamado *shuttle bus*, em inglês) que te leva de uma determinada área da cidade até o aeroporto. Ainda que seu preço seja superior ao do transporte urbano, ele é inferior ao de uma corrida de taxi.

Também é possível utilizar o serviço de traslado de uma [van especial](#) (chamada de *shuttle van*, em inglês), que você agenda para te buscar em sua acomodação em um horário pré-estabelecido. Ela funciona como um grande taxi compartilhado. Vai pegando passageiros em diversos locais da cidade antes de seguir para o aeroporto. É mais caro que o ônibus mencionado antes, porém mais barato que um taxi.

Infelizmente, existem aeroportos para os quais só se pode ir de taxi, especialmente se o trajeto for feito no meio da noite. Nesses casos, você deve pesquisar os seguintes detalhes:

- O preço da corrida até o aeroporto é tabelado? Se for, qual o valor? Se não for, qual é o custo médio da corrida no taxímetro?
- É preferível combinar o valor da corrida antecipadamente ou pagar o valor do taxímetro?
- Qual a cooperativa de taxi mais indicada para te levar? Qual o telefone dela? Quando você ligar, a operadora será capaz de se comunicar com você em inglês? É possível pedir o taxi através de um aplicativo da cooperativa? É possível agendar um taxi para o dia e horário de sua saída?
- Que cooperativas de taxi você deve evitar a todo custo?
- Os taxistas cobram um adicional por bagagem? Qual o valor dele?
- Existe algum adicional se o trajeto for feito na parte da noite?
- É preciso ou recomendável barganhar o valor da corrida com o taxista?

Pegar taxi preocupa muita gente, tanto pelo preço, quanto pelo potencial de aborrecimentos. Muitos taxistas tiram vantagens de viajantes no mundo inteiro. Eles se aproveitam da falta de conhecimento dos forasteiros e cobram mais do que deveriam.

Felizmente, estão perdendo espaço em inúmeras cidades para o [Uber](#), o [Lyft](#), o [Cabify](#), entre outros. Pesquise se é possível usar algum desses serviços na cidade em que você se encontra. Se for, evite o taxi. Assim mesmo, faça a pesquisa sobre o uso do taxi para o caso de ter de usá-lo se outras alternativas não funcionarem. Se o [Uber](#), por exemplo, não tiver carros disponíveis no momento de sua saída, talvez você precise apelar para um taxi. Verifique se há aplicativos de taxis na cidade.

Lembre-se também que é preciso conexão à internet para usar aplicativos como o [Uber](#). A [Lei de Murphy](#) é suficientemente poderosa para interromper a conexão com a internet justamente na hora em que você precisar solicitar o [Uber](#). O que também pode te impedir de chamar um taxi. Não subestime [Murphy](#).

Identifique também o ponto de taxi mais próximo de sua acomodação. Se todos os meios de comunicação falharem, você pode ir até o ponto de taxi e tentar a sorte com os motoristas que estiverem por lá.

Quanto mais informado você estiver, melhor preparado estará para lidar com taxistas. Por exemplo, se você sabe que o valor médio da corrida até o aeroporto é 50 e um taxista tenta combinar com você um valor de 200, você pode recusar e pedir para ele usar o taxímetro. Ou pode lhe dar as costas e buscar outro taxi, com o alívio de ter se livrado de um pilantra.

Sempre que você for pegar um voo, programe-se para chegar ao aeroporto com pelo menos três horas de antecedência. Não importa se o voo é nacional ou internacional. Sempre chegue cedo ao aeroporto. Lembre-se novamente da [Lei de Murphy](#). Imprevistos acontecem.

Você pode ter dificuldade para pegar um taxi, pode gastar mais tempo no trânsito do que havia previsto, pode se deparar com um acidente que fechou o trânsito por um tempo, pode encontrar uma fila excessivamente longa para passar pela segurança e por aí vai.

Se for possível fazer o traslado para o local de partida usando o transporte urbano, há uma chance de que você já saiba utilizá-lo porque já passou algum tempo na cidade. Por essa razão, deixarei essa discussão para mais adiante, quando trato do traslado na chegada à nova cidade.

Checkout

Sabendo o horário de partida do veículo que te levará a outra cidade (avião, trem, ônibus, barco ou o que for) e tendo planejado o traslado da acomodação atual até o ponto de partida (aeroporto, estação de trem, rodoviária ou porto), você consegue saber o horário em que deixará sua acomodação atual.

Se estiver em um hotel ou albergue, é necessário fazer o *check out* na recepção. Dependendo do tamanho do lugar e do movimento que recebe, isso pode demorar mais do que você imaginaria. Se você avalia que seu horário de saída pode ser o mesmo de uma grande quantidade de hóspedes, procure antecipar o *check out*. Alguns hotéis permitem que você acerte as contas e faça os procedimentos de *check out* no dia anterior. Se possível, use essa alternativa.

Acima de tudo, inclua esse tempo de checkout em seu planejamento do horário de saída. Se você tiver que pegar um taxi para o aeroporto às

10:00h, por exemplo, não deixe para fazer o checkout às 9:55h. Esteja na recepção bem antes disso, para que você esteja pronto para entrar no taxi às 10:00h.

Como nômade digital, o mais provável é que você alugue apartamentos por temporada usando sistemas como o [Airbnb](#). Na hora do *check out*, você terá de devolver a chave ao dono do imóvel em um horário combinado com ele.

Quando você tiver planejado todo o traslado, entre em contato com o proprietário e combine esse horário. Assim como no caso do hotel, não marque o encontro exatamente para o horário em que você precisa iniciar o traslado para o ponto de partida da viagem. Marque algum tempo antes, pois seu anfitrião pode ter algum atraso. Além disso, na hora de devolver as chaves, é comum que vocês conversem um pouco. Talvez ele peça para você comentar sobre sua experiência, sobre o que poderia melhorar no apartamento e assim por diante. Isso é saudável e é importante que você possa dedicar esses minutos a seu anfitrião. Costumo marcar com o dono uma hora antes do horário em que precisamos começar a fazer o traslado.

Dinheiro na partida

Suponha que você tenha passado um mês na Hungria e esteja se preparando para passar dois meses na Sérvia. Durante sua estadia na Hungria, você usou dinheiro local, o florim, o qual obteve em uma casa de câmbio ou em um caixa eletrônico. À medida que sua estadia se aproxima do fim, você percebe que ainda está portando uma grande quantidade de florins.

Este tipo de coisa acontece com frequência. Ao final de uma estadia, a gente precisa fazer as contas e decidir se precisa trocar o dinheiro local de volta para uma moeda amplamente aceita, como dólar ou euro. O ideal é que você identifique isso na semana anterior à viagem para que tenha tempo de ir a uma boa casa de câmbio e fazer a troca.

Evite trocar na última hora. Em especial, evite fazê-la no aeroporto, na estação de trem, na rodoviário ou no porto, já que a cotação costuma ser pior nesses lugares. Se você já conhece uma boa casa de câmbio, faça os cálculos dias antes e faça uma visita a ela.

Se considerar necessário, você também poderá fazer a compra de algumas notas da moeda do próximo país que irá visitar. Isso raramente é

necessário. Nós nunca o fazemos, por exemplo. Porém, se você considerar conveniente, poderá fazê-lo também na casa de câmbio de sua preferência, desde que não deixe tudo para a última hora.

Algumas moedas são difíceis de encontrar fora dos países em que são usadas. No exemplo que dei acima, se você quisesse se adiantar e já comprar um pouco de dinar sérvio, talvez não fosse tão fácil encontrá-lo, mesmo na Hungria, que é um país vizinho. Isso poderia exigir que você procurasse por algumas casas de câmbio, o que seria uma razão adicional para você tomar tal providência dias antes da viagem.

Tenha atenção especial com cidades pequenas. Uma vez fizemos uma viagem de Timisoara, na Romênia, para Belgrado, na Sérvia. O trajeto inicial envolvia um trem de Timisoara para Vršac, na Sérvia. Lá, tínhamos de trocar de trem e seguir para Belgrado, mas fomos surpreendidos com a dificuldade de obter dinheiro local.

Para seguir viagem, precisávamos comprar uma passagem de Vršac para Belgrado. O funcionário da bilheteria nos informou que só podia aceitar dinares sérvios. Não podia receber o pagamento em dólar, euro ou qualquer outra moeda. O detalhe é que a minúscula estação não tinha nem casa de câmbio, nem caixa eletrônico. Se perdêssemos o trem, não teríamos para onde ir naquele fim de mundo. O próximo trem só sairia no dia seguinte.

Perguntando um pouco mais, descobri que havia um supermercado grande, a uns setecentos metros de distância, onde havia uma agência dos correios que fazia câmbio. O trem sairia em poucos minutos. Eu não sabia se daria tempo para ir até lá, mas decidi tentar.

Nunca corri tanto em minha vida. Cheguei na agência dos correios esbaforido. Havia uma fila. Cada minuto que passava parecia uma hora. Estava morrendo de medo que o trem saísse e nos deixasse. Finalmente consegui fazer o câmbio e voltei mais rápido ainda. Foi o tempo exato de conseguir comprar o bilhete e o trem partir.

Por conta de situações como essa, quando seu ponto de chegada no país for uma cidade pequena, assumo que será difícil trocar dinheiro. Então, nesses casos, tente obter um pouco da nova moeda com antecedência. Além disso, procure sempre ter um pouco de dinheiro em notas pequenas de dólar ou euro.

Em uma emergência, se você precisar pagar um taxi, por exemplo, é possível que ele aceite dólar ou euro, desde que a nota não seja grande e ele não tenha que lhe dar troco.

Outra situação que pode trazer dificuldades é chegar em uma cidade em um domingo ou feriado. Pode ser que você tenha de esperar pelo próximo dia útil para fazer o câmbio.

O que levar na viagem

No início do outono de 2015, estávamos terminando uma temporada de alguns meses em Sófia, na Bulgária, quando decidimos partir para Bucareste, na Romênia. Depois de pesquisar as opções de transporte, optamos pelo trem.

Quando fomos comprar a passagem, a simpática atendente fez questão de nos alertar: a viagem dura dez horas. Tem banheiro no trem, mas não tem restaurante nem WiFi. Levem algo para comer, beber e passar o tempo.

Agradecemos à gentileza da atendente e nos preparamos de acordo. No dia anterior à viagem, fizemos comida, preparamos algumas coisinhas para beliscar, cortamos frutas para levar de sobremesa, preparamos chá e colocamos em uma garrafa, enchemos algumas garrafas d'água, baixamos alguns *podcasts* e carregamos alguns livros no Kindle. Também levamos papel higiênico, pois dificilmente o encontraríamos no banheiro do trem.

A viagem foi longa, porém agradável. Lanchamos algumas vezes, almoçamos muito bem, com direito a sobremesa, bebemos chá, lemos, escutamos *podcast*, conversamos, fizemos planos para o futuro e apreciamos a linda paisagem. Se não estivéssemos preparados, a história teria sido diferente.

Quando estiver se preparando para mudar de cidade, avalie o que é preciso levar para consumir durante a viagem e nas primeiras horas após a chegada. Para tomar essa decisão, é preciso levar em conta algumas questões.

Qual o meio de transporte utilizado? Se for avião, será servida alguma refeição? Sua passagem dá direito a ela? Se for trem, existe vagão restaurante ou alguém que vá passando pelos vagões vendendo comida e bebidas? Se for ônibus, ele vai direto ou faz paradas de tempos em tempos, em locais nos quais se possa comprar algo?

Se for uma viagem longa, lembre-se de carregar seu *smartphone*, *tablet* ou *notebook* com músicas, *podcasts*, livros, filmes, séries ou o que mais você gostar.

Em se tratando de comida e bebida, temos o hábito de preparar um pequeno farnel. Raramente comemos em restaurantes ou lanchonetes de aeroportos, rodoviárias ou estações de trem. Além de cara, a comida costuma ser de má qualidade e pouco saudável. Sempre comemos melhor quando levamos nossa própria comida ou coisinhas para beliscar.

Se for uma viagem curta, a gente se limita a frutas secas, tais como castanha-do-pará, nozes, amêndoas, damascos, tâmaras, entre outras. Elas saciam a fome, são nutritivas, saudáveis e ocupam pouco espaço. Se for uma viagem mais longa, a gente adiciona frutas frescas ou até mesmo potinhos com comida.

Um cuidado importante que você deve ter é com a chegada à nova cidade. Se chegar tarde da noite, por exemplo, há uma boa chance de não encontrar nenhum comércio aberto, nem mesmo um lugar para comprar uma garrafa d'água.

Se você estiver indo para um apartamento do [Airbnb](#), por exemplo, onde não espera encontrar nenhuma comida na chegada, nem mesmo água, é importante aproveitar o momento de chegada para se abastecer.

Aeroportos, rodoviárias e estações de trem costumam ter alguma loja de conveniência, lanchonete ou restaurante abertos, mesmo durante a madrugada, domingos e feriados. Assim que chegar, aproveite o estabelecimento que encontrar aberto, compre o mínimo necessário para passar o restante da noite e algo para o café da manhã. Só então vá para sua acomodação.

Isso não costuma ser necessário quando você chega no meio do dia, durante um dia útil, quando todo o comércio está aberto. Ainda assim, é preciso ter alguns cuidados. Se a acomodação for distante de áreas comerciais, talvez seja melhor comprar algo no local de sua chegada.

Na semana anterior a viagem, é recomendável que você pesquise na internet informações, tais como:

- Quais os feriados previstos para o período de sua estadia?
- Tem feriado no dia de sua chegada?
- Qual o horário de funcionamento do comércio durante os dias úteis e fins de semana?
- Tem [sesta](#), que possa atrapalhar eventuais compras no meio da tarde?

- Pode-se beber água diretamente da torneira ou é preciso comprar água mineral engarrafada?
- Tem supermercado, padaria, lojas de conveniência, mercadinhos, farmácia ou outros comércios do gênero nas proximidades de sua acomodação?
- Esses lugares estarão abertos no dia e horário de sua chegada?
- Se sua chegada atrasar um pouco, é possível que você encontre todo o comércio fechado?

As respostas a essas perguntas te ajudarão a decidir o que levar na viagem e o que comprar imediatamente, assim que você chegar na cidade, enquanto ainda estiver no aeroporto, rodoviária ou estação de trem.

Esses são itens que você talvez queira levar na viagem e/ou comprar assim que chegar à nova cidade:

- Água
- Comida
- Frutas
- Frutas secas
- Café ou chá
- Papel higiênico
- Livros
- Podcasts
- Filmes
- Revistas

Preparação do smartphone

Existem alguns aplicativos que podem te ajudar muito quando você chegar a uma nova cidade. Então, antes de partir, é importante que você os instale e os configure corretamente.

Mapas e navegação

Mapas e navegação

Para navegar pelo trânsito, baixe o [Waze](#). Mesmo que você não esteja viajando de carro, se você pegar um taxi, poderá montar o trajeto no [Waze](#) para verificar se o taxista está seguindo a melhor rota ou tentando aplicar um golpe.

A desvantagem do [Waze](#) é que você precisa estar conectado à internet. Talvez você não consiga ativar um *chip* telefônico imediatamente na chegada à nova cidade e isso te impeça de usar o [Waze](#).

Felizmente, nem tudo está perdido. Alguns aplicativos permitem que você faça o download do mapa e o utilize mesmo quando não há acesso à internet. Nosso preferido é o [Maps.me](#).

O [Maps.me](#) permite que você baixe o mapa de todo o país, de um estado ou apenas de uma cidade. Ele também monta trajetos de carro e à pé.

O aplicativo do [Google Maps](#) também funciona sem conexão, desde que você o prepare para isso. Ele tem uma funcionalidade chamada "áreas offline", que corresponde ao que o [Maps.me](#) faz. Entretanto é incapaz de traçar rotas à pé, o que torna seu uso limitado se você estiver desconectado da internet. Ainda assim, é relevante tê-lo preparado como backup.

Tanto no caso do [Maps.me](#), quanto no do [Google Maps](#), é fundamental que você faça o download dos mapas na semana que antecede sua viagem. De nada adianta ter esses aplicativos instalados se você não tiver baixado os mapas antes da viagem.

Após fazer o download dos mapas no [Maps.me](#), use o aplicativo para buscar a localização exata de sua acomodação. Em seguida, coloque esse local nos favoritos do [Maps.me](#). Quando você chegar ao novo destino, terá apenas de tocar nesse local que já está no favoritos e o [Maps.me](#) montará uma rota para você rapidamente.

Também vale à pena buscar aplicativos que sejam especializados no país que você visitará. Por exemplo, no caso da Rússia, o [Yandex](#) é uma espécie de Google local. É bastante especializado na Rússia e em países próximos, tais como Ucrânia, Casaquistão e Bielorrússia. Se for para esses lugares, baixe também o [Yandex Maps](#). Caso planeje dirigir um carro nestes lugares, baixe o [Yandex Navigator](#).

Você também pode experimentar o [HERE WeGo](#). Ele faz o mesmo trabalho que o [Maps.me](#) e [Google Maps](#), mas tem resultados melhores em

algumas cidades. Se seu *smartphone* permitir, tenha os três e use o que lhe parecer melhor em cada cidade que visitar.

Transporte urbano

Aplicativos de mapa e navegação são fundamentais para os momentos em que você anda a pé ou de carro. Na hora de usar o transporte público, é preciso considerar outras opções.

Os aplicativos abaixo permitem que você monte rotas usando o transporte urbano em centenas de cidades ao redor do mundo.

- [Moovit](#)
- [Trafí](#)
- [Citymapper](#)
- [Transit](#)
- [HERE WeGo](#)
- [Roadify](#)

Você configura a cidade em que está e eles te ajudam a montar rotas usando qualquer transporte urbano disponível. Eles sabem até os horários de cada linha.

Antes de ir para uma nova cidade, verifique se ela está coberta por um desses aplicativos. No caso do [Trafí](#), por exemplo, você pode até traçar rotas sem estar conectado à internet. Para isso, basta configurá-lo antecipadamente para a cidade que você visitará. Ele baixa as informações de rotas automaticamente. Quando chegar a seu destino, você poderá pesquisar pelas rotas, ainda que esteja *offline*.

Se a cidade que você visitará não estiver presente em nenhum desses aplicativos, é possível que existam outros específicos para ela. Por exemplo, suponha que você esteja vindo para a Cracóvia, onde estou escrevendo esse trecho do livro. O nome da cidade em inglês é Krakow. Então, você pode fazer uma busca no Google com a seguinte expressão: *app for public*

transport in krakow. Você logo descobrirá o [Jakdojade](#), cujo aplicativo serve para diversas cidades da Polônia, incluindo a Cracóvia.

O [EasyWay](#) atende a diversas cidades nos países do Leste Europeu. O [Yandex Metro](#) cobre o metrô das maiores cidades da Rússia e Ucrânia. No caso de grandes cidades, é comum que existam vários aplicativos à disposição, como acontece no caso de Londres, Paris e outras.

O importante é que, antes da viagem, você pesquise e encontre um aplicativo que possa lhe ajudar na cidade que irá visitar. Dê preferência aos que permitem traçar rotas sem que você esteja conectado à internet. Faça o download do aplicativo antes da viagem e você estará preparado, quando chegar, para ir a qualquer lugar usando o transporte público.

Taxi

Se você concluir que terá de pegar taxi quando chegar à próxima cidade, é fundamental se preparar. Se você procurar pela cidade no [Wikitravel](#) e for até a seção *Get around*, há uma boa chance de você encontrar informações básicas sobre o funcionamento dos taxis e possíveis cuidados.

Nas cidades brasileiras, é comum a tarifa do taxi ser tabelada. Sendo assim, o valor que você paga pela corrida não muda muito entre um taxi e outro, desde que se adote o mesmo trajeto. Em alguns lugares do mundo, as tarifas de taxi não são tabeladas. Pode haver uma diferença de preço acentuada entre um carro e outro.

Saber se isso ocorre na cidade que você visitará é essencial. Quando existe variação, o valor da tarifa costuma estar visível na porta do veículo, no lado do passageiro.

Antes da viagem, pesquise qual o valor de tarifa cobrado pela maioria dos taxistas. Tendo essa informação, você pode olhar o valor na porta do passageiro antes de entrar no veículo e avaliar se trata-se de um taxi normal ou de um que cobra preços exorbitantes.

Há outras cidades pelo mundo onde os taxis não têm taxímetro. É preciso negociar cada corrida. Para esses casos, ajuda muito se você tiver uma ideia do preço médio das corridas dentro da cidade. É algo que você também precisa pesquisar com antecedência.

Em outras cidades, há taxímetro, mas muitos taxistas se recusam a usá-lo. Nesses casos, você também precisa ter uma ideia de valores médios para corridas dentro da cidade e quão realista seria insistir no uso do taxímetro.

Em algumas cidades, onde se usa taxímetro, é comum os taxistas usarem um dispositivo para elevar o valor da corrida quando você se distrai. Nesses lugares, você não pode tirar os olhos do taxímetro nem por um minuto. Se houver um salto na tarifa, peça para o motorista parar o carro imediatamente e saia.

É importante estudar esse e outros golpes que sejam cometidos com frequência pelos taxistas da cidade que você visitará. Descubra também quais as empresas de taxi confiáveis e quais as que você deve evitar.

No caso das confiáveis, descubra os telefones delas e coloque-os na agenda de seu *smartphone*. Se elas oferecerem aplicativos para solicitar o taxi, instale-os também. O uso de um aplicativo frequentemente é preferível, já que não há garantias de que você conseguirá se comunicar com a central de atendimento em inglês, se tentar pedir um taxi por telefone.

Uber e semelhantes

Verifique se é possível usar o [Uber](#), [Cabify](#), [Lyft](#) ou outros aplicativos do gênero na cidade para onde está indo. Se forem opções viáveis, faça o download do aplicativo e o respectivo cadastro, antes de chegar à nova cidade.

Em algumas cidades, também há aplicativos para chamar taxis, semelhantes aos que temos no Brasil ([99taxis](#) e [Easy](#)). Na Ucrânia, por exemplo, existem ótimas opções, tais como [Uklon](#) e [Hopin](#).

Cada país tem um conjunto de aplicativos de taxis que funcionam bem. Às vezes até melhor que o Uber. Pesquise sobre eles e instale-os no *smartphone* antes da viagem.

Tradução

Tradução

Aplicativos de tradução também são vitais para quem vive como nômade digital. Se você estiver de partida para um país diferente, cuja língua não fala, é importante estar preparado com os aplicativos de tradução que mais possam te ajudar.

Existem inúmeras opções. Os aplicativos diferem no que são capazes de fazer, na qualidade das traduções, na possibilidade de usar sem acesso à internet, na capacidade de reconhecimento de fala, na habilidade de reconhecer e traduzir imagens e muito mais.

Abaixo estão alguns dos mais úteis:

- [Google Translate](#)
- [Say Hi Translate](#)
- [Microsoft Translator](#)

- [Waygo](#)

O [Google Translate](#) é um aplicativo que você sempre deve ter instalado em seu *smartphone*. É gratuito e traduz uma grande variedade de idiomas. Também permite que a informação a ser traduzida seja inserida de diversas formas diferentes.

Você pode fornecer palavras ou um texto inteiro para ele traduzir. Ou pode apontar a câmera para um texto (um menu de restaurante, por exemplo) e ver a tradução imediata. Também pode falar no microfone. Ele reconhece o que você diz e produz uma tradução em texto. Em diversos casos, vai além e também apresenta a tradução em áudio.

Isso é muito útil se você estiver conversando com outra pessoa. Basta segurar o *smartphone* entre vocês. Ambos podem falar naturalmente, enquanto o [Google Translate](#) reconhece a fala de cada um e produz o áudio com a tradução correspondente.

O [Google Translate](#) também permite que você baixe traduções para o *smartphone*, para que possa usá-las sem conexão com a internet. Isso é importante, especialmente quando você está mudando de uma cidade para outra. Na chegada à nova cidade, talvez você não consiga ativar um cartão telefônico de imediato e fique desconectado nas primeiras horas.

Com as traduções *offline* do [Google Translate](#), você fica sempre coberto, desde que baixe as traduções antes de iniciar a viagem. Faça isso alguns dias antes porque as traduções são grandes. Se você estiver em um lugar onde a conexão com a internet for lenta, levará algum tempo para as traduções chegarem. Não deixe para a última hora.

No caso do [Google Translate](#), as traduções de voz não funcionam sem conexão com a internet, mas as demais funcionalidades sim.

O [Microsoft Translator](#) cobre as mesmas funcionalidades do [Google Translate](#), também oferece traduções *offline* e a qualidade das traduções frequentemente é superior. Ele também tem outra funcionalidade útil.

Ele vem com um *phrasebook*, isto é, uma relação de frases prontas que são usadas com frequência em viagens. São frases como essas:

- Onde é o restaurante?
- Posso ver o menu?
- Gostaria de um copo d'água.
- Onde é o banheiro?
- Eu não como carne.
- Gostaria de comprar uma passagem.

Você procura a frase que deseja, toca nela e ele mostra a tradução. Isso te ajuda a ganhar tempo.

O [Say Hi Translate](#) é especializado em tradução de voz. O reconhecimento de fala é excelente. Você pode inclusive calibrá-lo, de modo que seja capaz de reconhecer uma fala mais lenta ou mais rápida. A qualidade da tradução é muito elevada.

Se você estiver indo para países que falam chinês, coreano ou japonês, faça o download do [Waygo](#). É um dos melhores aplicativos para traduzir imagens de cardápios, placas e o que mais estiver escrito em um desses idiomas orientais.

Procure também aplicativos de tradução especializados no idioma do país que você visitará. Por exemplo, se for para países em que o russo seja falado, pode ser útil baixar o [Yandex Translate](#), onde você pode baixar traduções *offline* envolvendo o russo com elevada qualidade.

Lembre-se também que diversos idiomas utilizam alfabetos diferentes do latino. Se você está indo para a Bulgária, por exemplo, que utiliza o [alfabeto cirílico](#), é importante instalar o teclado desse alfabeto no celular. Isso permitirá que você, ou um local, escreva palavras nesse alfabeto, de modo que possam ser fornecidas para o tradutor. Se for necessário instalar

um teclado de outro alfabeto em seu *smartphone*, faça-o também antes de iniciar a viagem.

Quando você está em uma cidade em que muita gente fala inglês, a necessidade desses aplicativos é reduzida. Ainda assim, é bom estar preparado. Em nossa experiência, notamos que é mais fácil encontrar pessoas que falem inglês em cidades grandes, especialmente nas capitais dos países. A comunicação tende a ser sempre mais difícil nas cidades menores. De qualquer forma, existem países nos quais há uma imensa dificuldade de achar quem fale inglês, independente de você estar em uma cidade grande ou pequena. Portanto, esteja sempre preparado com um bom aplicativo de tradução.

Medidor de velocidade

Acesso à internet, de preferência em alta velocidade, é vital para nômades digitais. Sendo assim, você deve priorizar acomodações que ofereçam conexão rápida. Porém o que você obtém nem sempre corresponde ao que foi prometido.

Já houve casos em que reservamos um apartamento com conexão à internet, mas ela não funcionava. Em outros a velocidade era baixa demais. Em outros havia limite de uso de dados. E por aí vai.

Hotéis e albergues costumam ser particularmente problemáticos. A conexão é compartilhada por todos os hóspedes e nem sempre a infraestrutura está preparada para atender a uma grande quantidade de pessoas.

Por tudo isso, aprendemos a importância de testar a conexão assim que fazemos o *check in* em uma nova acomodação. Para isso, usamos o aplicativo [Speedtest](#). Instale-o em seu *smartphone* e faça um teste de velocidade assim que chegar à nova acomodação.

Se houver algum problema, é preferível que você informe no ato. Quanto antes você souber do problema e notificar seu anfitrião, melhor.

Conversor de moedas

Mudar de lugar frequentemente significa mudar também de moeda. Se você tem seus rendimentos em real, vai querer saber qual o valor dos produtos e serviços locais em reais. Se ganha em dólar, vai querer convertê-

los para dólar. E por aí vai. Por isso, é bom instalar e configurar um aplicativo para conversão de moedas.

O aplicativo que usamos e recomendamos é o [XE](#). Instale-lo e configure-o com as moedas que te interessam antes de partir para o próximo destino.

Agenda telefônica

Prepare a agenda telefônica de seu *smartphone*. Coloque nela todos os dados referentes à acomodação, tais como:

- Nome
- Telefones
- Endereço
- Email
- WhatsApp, Skype, Viber, Facebook e outros

Se estiver indo para um apartamento alugado, peça todos os contatos possíveis de seu anfitrião e coloque-os na agenda do *smartphone*.

Horário

Se você tem um aplicativo no celular com horário de diversas partes do mundo, adicione nele a cidade para a qual está indo.

Previsão do tempo

Instale um aplicativo de previsão do tempo se não tiver um. Adicione a ele a cidade para qual está indo.

Guias locais

Pesquise aplicativos dedicados à cidade para a qual está indo. É comum existirem aplicativos com guias, passeios, dicas, sugestões de restaurantes,

cafés, entre outros. Descubra quais são os melhores, instale em seu *smartphone* e faça o download das informações antes da partida.

Informações básicas sobre a nova cidade

Free Walking Tour

Pesquise se existem opções de *Free Walking Tour* na cidade.

CouchSurfing

Pesquise se existem eventos do [CouchSurfing](#) na cidade.

Chip telefônico pré-pago

Pesquise qual é a melhor operadora de telefonia para comprar um *chip* pré-pago.

Porto de chegada

Pesquise informações sobre seu porto de chegada (rodoviária, estação de trem, aeroporto ou porto). Em especial, verifique se é possível comprar e ativar um *chip* pré-pago logo na chegada.

Verifique se dispõe de casa de câmbio, caixa eletrônico, supermercado, lanchonete ou restaurante. Se tiver, pesquise se ficam abertos 24h ou se estarão abertos no momento previsto de sua chegada.

Perigos e armadilhas

Pesquise os "alertas e perigos" (*warnings and dangers*) e as "armadilhas para turistas" (*tourist traps*) em seu destino. Use o Google para isso. Alguns problemas podem estar relacionados à chegada na cidade.

Fuso horário

Verifique se haverá mudança de fuso horário e prepare-se de acordo.

Atividades básicas

Roupas

Lave as roupas antes da partida, especialmente se sua acomodação atual tiver máquina de lavar. Ainda que exista a promessa de máquina de lavar na próxima acomodação, você só terá certeza de que ela funciona quando chegar. Pode ser que a máquina de lá esteja quebrada ou você não consiga usá-la por alguma razão.

Se você chegar com todas as roupas sujas e a máquina de lavar não funcionar, você terá de procurar algum lugar para lavar em uma cidade que ainda não conhece bem. Esse é o tipo de coisa boba que pode gerar um enorme incômodo em sua chegada sem necessidade.

Check in do voo

As companhias aéreas permitem que você faça o *check in* do voo alguns dias antes da partida. Algumas até mesmo semanas antes. Se você for tomar um voo, faça o *check in* na semana anterior.

Impressão de documentos

Se o seu voo for através de uma companhia aérea *low cost*, o mais provável é que ela cobre até mesmo pela impressão do bilhete de embarque. Se quiser evitar esse custo, faça o download do arquivo que contém o bilhete de embarque e imprima-o.

Como você não estará viajando com uma impressora e dificilmente terá acesso a uma em sua acomodação, será preciso buscar algum lugar na cidade que ofereça serviços de impressão. Não se pode esperar o dia da viagem para fazer isso. É preciso resolver essa questão alguns dias antes.

Se estiver mudando de país, pode ser uma boa ideia imprimir também os documentos abaixo, para o caso de serem solicitados na imigração:

- Passagem de saída do país (quando aplicável)
- Reserva da acomodação
- Seguro de saúde

Ainda que você esteja carregando tais informações em um *smartphone* ou *tablet*, não espere que os agentes de imigração aceitem consultá-las nestes dispositivos. Tais pessoas estão habituadas a papel e burocracia, especialmente em países menos desenvolvidos. Portanto imprima essas informações.

Check in

Se você tiver reservado um apartamento, é necessário combinar o horário de chegada com o anfitrião. Lembre-se que podem ocorrer atrasos por conta de algum imprevisto e que talvez você não consiga comunicar esse fato ao anfitrião durante o percurso por falta de conexão telefônica ou falta de acesso à internet. Diga isso a ele de forma clara, para que não fique transtornado se você não chegar no horário exato que foi agendado.

Se ocorrer algum atraso, faça o possível para comunicar-se com o anfitrião o quanto antes. Se houver WiFi disponível no aeroporto de chegada, estação de trem ou rodoviária, envie uma mensagem para o anfitrião assim que possível.

Se você estiver indo para um hotel, pensão, albergue ou qualquer tipo de acomodação que tenha uma recepção, verifique se ela fica aberta 24h por dia e, sobretudo, se estará aberta no horário previsto de sua chegada.

Quando estivemos no Marrocos, por exemplo, ficamos acomodados em pensões, cujas recepções não funcionavam 24h por dia. Em alguns casos, tivemos de combinar o horário exato de nossa chegada para que houvesse alguém na recepção. Verifique essa questão com antecedência para não ser surpreendido na chegada.

Acomodação alternativa

Uma vez fizemos uma viagem de carro pela Bulgária e tivemos uma surpresa desagradável quando chegamos ao hotel que reservamos em Varna. Fomos informados que todos os quartos estavam ocupados e que não poderiam honrar nossa reserva. Segundo eles, foi feita uma tentativa de contato conosco, mas não funcionou. Para complicar, como é de se esperar em casos como esse, já era noite, estávamos cansados da viagem, com

fome, com sede e com vontade de usar o banheiro. Não sabíamos para onde ir.

O dono do pequeno hotel fez uma reserva em outro lugar, relativamente próximo, e nos enviou para lá. Como você já pode imaginar, o outro lugar era péssimo, embora o preço fosse semelhante. O quarto tinha um cheiro de fumaça de cigarro tão forte que não imaginávamos que fosse possível suportar. Era o tipo de lugar para o qual não iríamos em nenhuma hipótese, mas foi o que tivemos de aceitar naquelas circunstâncias porque não tínhamos um plano B.

Isso não acontece com frequência, mas quando acontece tem efeitos danosos. Por essa razão, antes da viagem, é uma boa pesquisar uma acomodação alternativa. Não precisa ser para todo o período que você pretende passar na nova cidade. Basta que seja para a primeira noite.

Procure um hotel ou uma pensão que ofereça um bom custo benefício e que tenha disponibilidade de quartos na data de sua chegada. Se esse lugar oferecer a opção de reserva sem necessidade de garantia, faça uma reserva para a primeira noite. Se tudo correr bem na acomodação de sua escolha, basta não usar a reserva da acomodação alternativa. Por outro lado, se algo der errado, você já terá um local para ir.

Avisar clientes e parceiros

Se você tem seu próprio negócio e precisa se reunir de forma virtual com clientes ou parceiros, evite marcar reuniões para o dia de sua chegada a uma nova cidade ou para o dia seguinte. Se possível, marque apenas para alguns dias após a chegada. Não assuma que a conexão à internet funcionará perfeitamente em sua acomodação.

Se você marcar as primeiras reuniões para alguns dias após sua chegada, haverá tempo suficiente para resolver os eventuais problemas de conexão ou buscar uma alternativa.

Se você já tiver alguma reunião marcada para logo depois de sua chegada e ela não puder ser alterada, avise os envolvidos que existe a chance de você não conseguir se conectar.

Imigração

Se você estiver indo para um novo país e não tiver uma passagem de saída, decida com antecedência que história contará para se justificar. Não espere para resolver isso na hora de chegar à imigração. Pense nisso com calma, com antecedência.

Cortar e/ou pintar os cabelos

Se você precisa cortar ou pintar os cabelos, talvez seja uma boa fazê-lo antes da partida, especialmente se você já estiver na cidade atual há algum tempo e já conhecer um bom lugar para isso.

Translado até a acomodação

A primeira vez que fomos para Istambul, estudei as formas de traslado do aeroporto até a nossa acomodação e descobri que havia um ônibus que levava os passageiros do aeroporto até a Praça Taksim, que ficava próxima ao apartamento que alugamos. Achei que isso seria suficiente para garantir nossa chegada à nova acomodação, mas estava enganado.

Quando chegamos à Praça Taksim, percebemos que era enorme e muitas ruas convergiam nela. Além disso, havia diversas obras na área. Já estava de noite e, por mais que tentássemos, não conseguíamos descobrir como caminhar até o apartamento. Por fim, desistimos e aceitamos a oferta de um taxista para percorrer os 700 metros que nos separavam do apartamento.

Ele não aceitou usar o taxímetro e não tínhamos ideia dos valores. Aceitamos o valor que ele propôs. O trajeto levou cinco minutos. Depois descobrimos que ele cobrou cinco vezes mais caro do que deveria.

Esse é apenas um exemplo dentre tantos outros em que tivemos problemas para chegar a nossa acomodação. A primeira vez em um novo lugar costuma ser mais difícil que o esperado.

Translado do aeroporto

Como mencionei antes, chegar e sair de um aeroporto às vezes revela-se um problema. Isso é particularmente verdade nos aeroportos pequenos que atendem às companhias aéreas *low cost*. Quando se trata da chegada a uma nova cidade, a situação é ainda mais grave devido a sua falta de

conhecimento da cidade e dos detalhes de funcionamento do sistema de transporte urbano.

Procure o site do aeroporto com antecedência ou sites que tragam informações sobre ele. Estude todas as formas de sair dele, incluindo ônibus, metrô, trem, *shuttle bus*, van compartilhada (*shuttle van*), [Uber](#), [Lyft](#), [Cabify](#) e taxi.

Ainda que existam outras opções disponíveis, leia as informações sobre os taxis. Sempre há um risco de que você não consiga usar outro meio de transporte para sair do aeroporto. Se chegar de madrugada, por exemplo, é possível que o transporte urbano já não esteja funcionando.

Existem aeroportos em que os taxis são tabelados. Descubra de antemão qual é o valor padrão cobrado. Tem aeroporto no qual diversas empresas de taxi estão autorizadas a operar. Descubra se tem alguma mais confiável. Tem aeroporto em que não vale à pena usar os taxis da fila oficial de desembarque, como acontece com os aeroportos do Rio de Janeiro. Nesses casos, você precisa saber que é melhor se dirigir ao embarque e tentar embarcar em um taxi que acabou de deixar um passageiro no aeroporto ou solicitar o de uma cooperativa confiável.

Em certos aeroportos, existem cabines de empresas de taxi na área de desembarque. Não vale à pena contratar um taxi em uma dessas cabines. Na maioria dos aeroportos, é melhor ignorá-las e pegar um taxi na porta de saída do aeroporto, bem depois de passar pelo desembarque.

Existem lugares em que é comum os passageiros serem assaltados ao optarem por um taxi oficial do aeroporto. Isso era tão comum em Caracas, na Venezuela, que quando a visitamos, contratamos um traslado especial do aeroporto, só para evitar o contato com os taxistas de lá. É algo raro, naturalmente, mas é bom ficar sabendo com antecedência.

Na saída do desembarque de muitos aeroportos, incluindo grande parte dos brasileiros, é comum você ser abordado por taxistas, ainda dentro do saguão do aeroporto, oferecendo seus serviços. Via de regra, se um taxista te abordar, recuse a oferta. Jamais aceite esse tipo de oferta. A chance de você ser enganado é de quase 100%. É preferível ir até um taxi, já no pátio e solicitar seu serviço, depois de discutir as condições.

Em alguns casos, como acontece no Rio, é preferível ligar para uma cooperativa confiável ou usar um bom aplicativo de taxi para solicitar o veículo. Melhor ainda é usar o [Uber](#) ou o [Cabify](#).

Translado da rodoviária, estação de trem ou porto

Esses são locais que costumam estar posicionados em áreas mais centrais. Quase sempre possuem boa integração com o sistema de transporte urbano da cidade, o que reduz a necessidade de pegar taxis. Ainda assim, se você realmente tiver de pegar um taxi, evite a fila oficial, não aceite nenhuma oferta e não pegue taxis que ficam rondando o local. Afaste-se dois ou três quarteirões e tente pegar um taxi que esteja passando na rua.

Os taxis que rondam rodoviárias, estações de trem e portos costumam ser os mais pilantras da cidade. Afaste-se um pouco desses locais e a chance de conseguir encontrar um taxista confiável aumenta.

Transporte urbano

Se for possível fazer o traslado utilizando transporte urbano, é preciso compreender como ele funciona, especialmente no que se refere ao pagamento e utilização da passagem. Isso varia bastante de uma cidade para outra.

Por exemplo, em muitas cidades brasileiras, a passagem cobre apenas um trecho, usando o veículo em que você embarcou. Você pode pagar pela passagem para o motorista ou um trocador, usando notas ou moedas. Em outras cidades ao redor do mundo, isso não é possível de nenhuma forma.

Na Europa, por exemplo, é comum a utilização de bilhetes baseados em tempo. Você compra uma passagem que dá direito a uma hora, por exemplo, e você pode utilizar diferentes meios de locomoção durante esse período sem precisar de outras passagens. Entretanto, é preciso validar o bilhete assim que você ingressa no primeiro veículo. Isso é feito introduzindo-o em uma maquininha que imprime no bilhete o dia e horário da validação. Não existem roletas. Fiscais entram de tempos em tempos nos veículos e verificam os bilhetes dos passageiros. Se você tiver um bilhete e tiver esquecido de validá-lo, você recebe uma multa.

Isso é diferente daquilo a que estamos acostumados na maioria das cidades brasileiras. Não para por aí. Em muitos lugares, você não pode comprar o bilhete dentro da condução. É preciso comprá-lo antes de entrar no veículo. Tem lugares em que eles são vendidos em máquinas. Às vezes, elas só aceitam moedas ou cartão de crédito, por exemplo. Algumas também aceitam certas notas, mas talvez não forneçam troco. Tem outros

lugares em que os bilhetes são vendidos em bancas de jornal, tabacarias e outros lugares que você talvez não suspeite.

Se for possível fazer o traslado até a sua acomodação utilizando transporte público, não assuma que você conseguirá usá-lo com facilidade, especialmente quando estiver chegando a um novo país e ainda não tiver disponibilidade de dinheiro local. O maior desafio sempre é entender como é feito o pagamento e ter os meios para pagar. Mesmo quando você consegue trocar dinheiro, às vezes o pagamento só pode ser feito com moedas e você não tem nenhuma.

Parece exagero tratar desse tema de forma tão alongada, mas a experiência tem nos mostrado que usar o transporte público de uma nova cidade, pela primeira vez, pode ser um desafio maior do que se imagina. Por isso é importante estudar esse ponto com a devida antecedência.

Essas são algumas das questões importantes que você precisa responder antes de chegar à nova cidade:

- Qual o horário de funcionamento do metrô, dos ônibus, do tram e demais meios de transporte disponíveis?
- O transporte público estará em operação no horário de sua chegada?
- Como funciona o pagamento do meio de transporte?
 - É por veículo usado?
 - É por tempo?
 - Precisa validar?
 - Quanto custa?
 - Que meio de pagamento é aceito? Moedas, cédulas, cartão de crédito?
 - Precisa comprar o bilhete antes de entrar no veículo?
 - Onde compra o bilhete?
 - Como faz para comprar o bilhete dentro do veículo? É com o motorista? É com um cobrador? É em uma máquina?
 - É preciso comprar um cartão magnético do sistema de transporte público com antecedência? Onde ele é vendido?

Além de tudo isso, é preciso cuidado com outros detalhes. Se você estiver carregando uma mala grande, é preciso comprar um bilhete também para a mala no caso de algumas cidades. Se um fiscal te pegar usando o veículo sem um bilhete adicional para a mala, você levará uma multa. Existem lugares em que os fiscais se aproveitam da falta de conhecimento dos turistas para multá-los tanto quanto possível.

Tem lugares em que o sistema de transporte urbano é dividido em zonas. No caso do metrô, por exemplo, se seu trajeto envolver apenas o centro, o valor da passagem é menor. Porém, se você tiver de alcançar um destino em outra zona, é preciso pagar uma passagem mais cara para incluí-la.

Tem lugares em que praticamente não há um sistema de transporte urbano. É o caso de [Chiang Mai](#), por exemplo. Na tão famosa cidade dos nômades digitais, a maioria das pessoas se locomove usando motos e *scooters*. Quem prefere evitar o risco de andar sobre duas rodas tem que apelar para o taxi ou os famosos *red trucks*. São caminhonetes adaptadas que funcionam como taxis compartilhados.

Os motoristas frequentemente exploram os turistas cobrando valores superiores àqueles pagos pelos locais. Na prática, existe um valor padrão, que os locais conhecem bem. Se você o pesquisar com antecedência, pode pagá-lo também.

Não espere chegar à nova cidade para tentar entender como é o funcionamento do transporte urbano. Sempre pesquise todos os detalhes com antecedência, de preferência dias antes da viagem. Para isso, você pode começar buscando a cidade no [Wikitravel](#). Olhe na seção *get around* do artigo correspondente à cidade que visitará.

Locação de automóvel

Se você pretende alugar um automóvel na chegada à nova cidade, pesquise a melhor agência e as melhores condições com antecedência. Se possível, já faça a reserva do veículo bem antes de sua chegada. Evite fazer a locação no balcão de uma locadora no momento de sua chegada, pois as taxas tendem a ser mais altas e você corre o risco de não encontrar nenhum veículo disponível.

Mapas

Quando estivemos em Tóquio, pegamos um trem do aeroporto de Narita até uma estação no meio da cidade. De lá, seguimos de metrô até a estação mais próxima do apartamento em que ficaríamos. Por fim, pegamos um taxi para nos levar diretamente até o apartamento. Ele bem que tentou, mas não conseguiu.

Por mais que buscasse no mapa e tentasse encontrar a localização no GPS, alguma coisa estava errada e ele não conseguia chegar ao local. Por fim, demos o telefone de nossa anfitriã para o taxista. Ele ligou, conversou com ela em japonês e marcou um ponto de encontro nas proximidades. Ela foi nos buscar e nos guiou até o apartamento.

Conto essa história para ilustrar um fato importante: nem todos os endereços são iguais. Muitos são fáceis de achar, outros são quase impossíveis e nem sequer aparecem corretamente no mapa de um aparelho de GPS.

Para evitar surpresas, procure o endereço da acomodação no [Google Maps](#). Em seguida, salve a localização, envie-a para seu anfitrião ou para a recepção de sua acomodação, e pergunte se o local corresponde exatamente ao que é mostrado no [Google Maps](#). Se for diferente, peça para a pessoa lhe enviar um link do [Google Maps](#) com a localização correta.

Quando você tiver a localização correta no [Google Maps](#), monte um trajeto do ponto em que irá descer do transporte urbano até a acomodação. Se você for andar diretamente da rodoviária ou estação de trem até a acomodação, utilize o [Google Maps](#) para montar um trajeto equivalente.

Tendo o trajeto montado, faça uma captura da tela contendo esse mapa. Em seguida, aproxime o mapa tanto quanto possível, especialmente na área do trajeto mais próxima ao local exato de sua acomodação. Faça outra captura de tela com essa visualização.

A ideia aqui é que você capture várias visualizações desse trajeto que te permitam chegar a sua acomodação sem erros e sem a necessidade de pedir ajuda a ninguém. Até porque, com frequência será difícil conversar com as pessoas na rua devido à barreira do idioma.

Se você tiver seguido minhas sugestões anteriores, você já terá instalado o [Maps.me](#) em seu *smartphone*. Ele poderá lhe ajudar a chegar até a sua acomodação, se ele funcionar corretamente, o que costuma acontecer. Entretanto, mesmo ele, pode deixar de funcionar às vezes, especialmente quando você ainda não tem um *chip* telefônico ativado. Então, o ideal é ter

essas capturas de tela do mapa, de modo que você possa recorrer a elas se nada mais funcionar.

Email com instruções consolidadas

Depois que você tiver feito todas as pesquisas necessárias, recomendo que você escreva um email para si mesmo contendo todas as informações importantes e o passo a passo para ir de seu ponto de chegada (aeroporto, rodoviária, estação de trem ou outros) até a sua acomodação.

Nesse email você irá colocar as seguintes informações:

- Nome de seu anfitrião (se estiver indo para um apartamento), pensão, albergue ou hotel.
- Telefones de contato da acomodação.
- Email da acomodação.
- Outras formas de contato, tais como WhatsApp, Skype, Viber, entre outros.
- Endereço completo da acomodação.
- Link do Google Maps apontando para o endereço.
- Arquivo com a passagem.
- Arquivo com o cartão de embarque, se for um voo.
- Arquivo com a reserva da acomodação.
- Arquivo com os detalhes da apólice do seguro de saúde.
- Instruções detalhadas de como ir até o seu ponto de partida (aeroporto, rodoviária, estação de trem ou porto) usando o transporte público ou taxi (se necessário). Inclua os números de telefone das empresas de taxi mais confiáveis.
- Instruções detalhadas de como ir do ponto de chegada até a acomodação usando o transporte público ou o taxi. Inclua os números de telefone das empresas de taxi mais confiáveis de seu destino.
- Nome, telefone, endereço e demais contatos da acomodação alternativa, caso você tenha reservado uma.
- Lembrete das tarefas que você precisa executar imediatamente após a chega, tais como: enviar uma mensagem para seu anfitrião, trocar dinheiro, comprar *chip* telefônico, comprar água, comida e assim por diante.

Esse email será a sua principal fonte de informações durante a viagem. Por isso é importante que você inclua nele tudo aquilo que possa ajudar a te guiar.

Quando esse email estiver pronto, envie-o para si mesmo e para as demais pessoas que estiverem viajando com você. Em seguida, baixe esse email em seu *smartphone* e assegure que todos os anexos tenham sido baixados também.

Assuma que você não conseguirá acesso à internet no momento de sua chegada e que, portanto, é preciso ter todos os dados já carregados no *smartphone*. Para ter certeza, coloque o telefone em modo avião, portanto *offline*, e verifique se você consegue ler todo o email e seus respectivos anexos. Se tiver um *tablet*, baixe o email nele também e leve-o como backup.

Dia anterior à viagem

O dia anterior à viagem reserva inúmeras tarefas importantes.

Dispositivos eletrônicos

Passagem, cartão de embarque, reserva da acomodação, apólice do seguro de saúde e captura de tela dos mapas são alguns dos arquivos que você deve carregar em seu *smartphone* (e *tablet*, se tiver), antes da partida. Além de enviar um email para si mesmo com essas informações, transfira esses arquivos para seus dispositivos móveis de modo que possam ser acessados também fora do email.

No meu caso, coloco todos os arquivos relativos à viagem em um diretório do [Dropbox](#). Em seguida, sincronizo esses arquivos com o aplicativo do [Dropbox](#) do *smartphone*. Além disso, utilizo a opção *offline* para esses arquivos, de modo que eles possam ser acessados no aplicativo do [Dropbox](#) mesmo se eu estiver sem conexão à internet. Como redundância adicional, também coloco esses arquivos em um diretório do computador que é sincronizado com meus dispositivos móveis usando o [Resilio Sync](#).

Certifique-se novamente de que colocou nos dispositivos eletrônicos o email contendo todas as informações e instruções para chegar à nova acomodação.

Baterias

Durante a viagem, é provável que você não consiga conectar seus dispositivos a nenhuma fonte de energia. Sendo assim, carregue todas as baterias antes da partida. Isso vale para *notebook*, *tablet*, *smartphone*, Kindle (ou outros leitores de livros eletrônicos), baterias de câmeras fotográficas, pilhas recarregáveis e quaisquer outros dispositivos eletrônicos que você carregue.

Preparação para devolver o apartamento

Se você estiver em um apartamento alugado, é importante limpá-lo completamente antes de devolvê-lo. Faça isso no dia anterior à partida, ainda que não vá viajar cedo no dia seguinte. Evite deixar comida na geladeira. Limpe tudo e tire o lixo.

Farnel

Se decidir levar algum tipo de bebida ou comida para a viagem, providencie tudo no dia anterior à partida.

Bagagem

Prepare sua bagagem no dia anterior para não ter atropelos nas vésperas da partida.

Despertador

Se você tiver de acordar cedo, configure o despertador para o horário que precisa despertar.

Voo

Se for viajar de avião, entre no site da companhia aérea e verifique se houve alguma alteração de última hora em seu voo. Nós já chegamos ao aeroporto algumas vezes e descobrimos que nosso voo havia sido cancelado

por alguma razão. Se tivéssemos feito essa conferência antes, não teríamos sequer perdido o tempo de ir ao aeroporto.

Documentos

Confira os documentos de viagem para assegurar que está tudo em ordem e você tem tudo o que precisa.

Dinheiro

Se você ainda precisa fazer algum saque no caixa eletrônico ou trocar dinheiro para a viagem, essa é a hora. Não espere para fazer isso minutos antes da viagem.

Transporte urbano

Se você usará o transporte urbano para chegar até o porto de partida e for necessário comprar o bilhete antes de entrar no veículo, compre-o no dia anterior e evite esse gasto de tempo no dia da partida.

Previsão do tempo

Verifique a previsão do tempo para a cidade em que está e para seu destino. Prepare-se de acordo.

Check out

Se você estiver em um apartamento e já tiver combinado o horário de saída com o anfitrião, envie uma mensagem para ele confirmando tal horário. Isso servirá para lembrá-lo. Se ele esquecer de encontrar com você para buscar a chave, isso atrasará sua saída.

Se estiver indo embora de um hotel, verifique a possibilidade de fechar a conta no dia anterior para evitar esse gasto de tempo na hora da partida.

Próxima acomodação

Se estiver indo para um apartamento, envie uma mensagem para seu anfitrião para confirmar seu horário de chegada e assegurar que ele não esqueça de você.

Se estiver indo para um hotel, albergue ou pensão, ligue ou envie uma mensagem perguntando se está tudo em ordem com sua reserva.

Anotação

Ainda que você tenha enviado todas as informações importantes para seus dispositivos móveis, anote em um caderninho ou em uma folha de papel, as seguintes informações:

- Nome de seu anfitrião ou do hotel, pensão ou albergue que tiver reservado.
- Telefone, email e endereço de sua acomodação.

Guarde esse papel de maneira protegida, de preferência fora de sua carteira. Se você for roubado ou não conseguir usar seus dispositivos eletrônicos por alguma razão, você ainda poderá usar esse papel para alcançar sua acomodação.

Higiene

Tome um bom banho antes da viagem, lave os cabelos, faça a barba, corte as unhas e saia de casa tão limpo quanto possível. Toda viagem tem o potencial de levar mais tempo que o planejado. Quanto mais limpo você começar a viagem, menor o desconforto caso ela se estenda demais.

Sono

Pela mesma razão descrita acima, programe-se para dormir o máximo possível na noite anterior à viagem. Já existe uma boa chance de você se cansar durante a jornada. Não comece-a cansado.

Se você dormir menos do que deveria antes e durante a viagem, seu sistema imunológico é prejudicado e você corre o risco de adoecer logo nos

primeiros dias após a chegada ao novo destino. Evite que isso aconteça dormindo o suficiente.

Dia da viagem

Se você estiver saindo de um apartamento, faça uma verificação geral para garantir que está tudo limpo. Todas as louças precisam estar lavadas e guardadas. A casa tem de estar varrida. O banheiro precisa ser deixado limpo. Não pode mais haver lixo dentro da casa. O ideal é que você deixe o apartamento melhor que o encontrou, especialmente se estiver utilizando um sistema como o [Airbnb](#). Isso é fundamental para você conquistar boas avaliações.

Verifique também se você está levando todos os seus pertences e não está esquecendo nada em gavetas e armários.

Se estiver indo para outro apartamento, aproveite a internet do atual e envie uma mensagem para seu novo anfitrião avisando que está começando a jornada. Ao longo da viagem, à medida que for cumprindo as etapas mais importantes, vá atualizando seu novo anfitrião, se você tiver conexão com a internet ou com a rede telefônica.

Se estiver indo para outro país, com um fuso horário diferente, altere a hora de seu relógio durante a viagem. É importante que ele já esteja configurado corretamente quando você chegar para não gerar nenhum tipo de confusão. Faça essa alteração também em todos os seus dispositivos eletrônicos, especialmente no *smartphone*.

Chegada à nova cidade

Quando você chega ao aeroporto, rodoviária, estação de trem ou porto de uma nova cidade, especialmente se for de um novo país, essas são algumas das primeiras providências que você precisa tomar:

- Sacar dinheiro ou trocar um pouco, que seja suficiente para você pagar pelo deslocamento até sua acomodação.
- Comprar um *chip* telefônico local e ativá-lo, se isso for possível já no porto de chegada.

- Comprar água, comida ou algum tipo de lanche se estiver chegando tarde ou em algum dia da semana em que o comércio esteja fechado e você corra o risco de ficar desprovido em sua acomodação. Comprar água é particularmente importante, especialmente quando você chega a uma cidade onde não se pode beber a água da pia.
- Enviar uma mensagem para seu anfitrião e avisar que já está na cidade.

A partir daí, siga as instruções que enviou para si mesmo antes da partida e vá para sua acomodação o mais rapidamente possível.

Chegada à acomodação

Quando você aluga um apartamento, é comum que o anfitrião esteja te esperando para te receber, entregar as chaves e dar algumas explicações básicas sobre o lugar. Você deve aproveitar esse encontro para verificar se o lugar corresponde ao que foi prometido e para esclarecer eventuais dúvidas.

WiFi

Logo após encontrar com seu anfitrião, peça a senha do WiFi. Configure-a em seu *smartphone* e utilize o aplicativo [Speedtest](#) para verificar a velocidade da conexão. Se ela não estiver funcionando bem ou a velocidade for muito baixa, converse sobre isso com seu anfitrião.

Também é bom perguntar onde fica o roteador e o que você deve fazer se a internet parar de funcionar. Verifique se o sinal do WiFi é suficientemente forte na área da casa onde você trabalhará a maior parte do tempo.

Lixo

Algo que muda muito de uma cidade para outra é a forma de descartar o lixo. Existem prédios em que você coloca o lixo em uma lixeira grande na área da escada, outros que têm uma espécie de escotilha, na parede do hall de cada andar, por onde o saco de lixo deve ser jogado, outros em que o lixo deve ser levado até lixeiras grandes que ficam no térreo, outros em que há grandes caçambas em cada quarteirão e por aí vai. Além disso, há lugares

onde se faz reciclagem e é preciso entender como descartar o lixo corretamente.

Aproveite a presença do anfitrião para lhe perguntar como você deve descartar o lixo. Em alguns lugares, você precisa ter uma chave especial para entrar na área do prédio onde estão as lixeiras maiores. Se esse for o caso, lembre-se de pedir essa chave ao anfitrião.

Chaves

Peça para o anfitrião explicar o propósito de cada chave que ele te der. Qual abre a porta do prédio? Qual abre a porta do apartamento? Qual dá acesso à área onde ficam as caçambas de lixo?

Água quente

Vá até o banheiro e verifique se a água quente está funcionando. Pergunte a seu anfitrião se é preciso fazer alguma ação especial para acioná-la. Existem apartamentos em que a água só esquenta quando você aciona um interruptor próximo ao interruptor de luz, por exemplo.

Toalhas e roupas de cama

Verifique se você está recebendo as toalhas e roupas de cama necessárias. Se for um local em que faça frio, pergunte onde você encontra os cobertores.

Se sua estadia for longa, assegure-se também de que existam roupa de cama e toalhas extras.

Máquina de lavar

Se o apartamento tiver máquina de lavar e for um modelo que você nunca tenha operado antes, peça ao anfitrião para explicar como funciona. Lembre-se que as instruções provavelmente estarão escritas em um idioma que você não compreende. É melhor aproveitar a presença do anfitrião e perguntar como faz para usar.

Sugestões de estabelecimentos

Peça ao anfitrião para lhe indicar alguns estabelecimentos estratégicos nas proximidades, tais como:

- Supermercado
- Padaria
- Lavanderia
- Casa de câmbio
- Restaurante com bom preço para o dia a dia
- Quitanda
- Café de onde possa trabalhar

Passaporte

Se sua acomodação for um hotel ou albergue, onde seja necessário fazer uma cópia de seu passaporte, nunca deixe-o na recepção para buscar depois. Exija que a cópia seja feita no ato e aguarde o tempo que for necessário. Não se separe de seu passaporte em nenhum momento. Se possível, já leve cópias da página de identificação de seu passaporte e as forneça sempre que for necessário.

Primeiros dias na nova cidade

Feito o *check in*, assumindo que você tenha alugado um apartamento, desempacote a bagagem e veja se existem itens que precisem de reposição, especialmente os de banheiro, tais como:

- Papel higiênico
- Sabonete
- Shampoo
- Pasta de dente

Com base no que estiver faltando, comece a montar uma lista para a primeira compra de supermercado, com os itens mais urgentes.

No caso da cozinha, estes são alguns dos itens que costumamos ter de comprar assim que chegamos a um novo apartamento:

- Sal
- Detergente
- Papel toalha
- Água engarrafada (quando não se pode beber da torneira)

Adicione à lista tudo aquilo que você imagina que será necessário comprar para os primeiros dias.

Se você tiver chegado durante o dia e ainda estiver com disposição, saia do apartamento para fazer um reconhecimento das redondezas e efetuar as primeiras compras no supermercado.

Nessa volta inicial, procure localizar os lugares que seu anfitrião lhe indicou. Esses estão entre os mais relevantes:

- Cafés de onde possa trabalhar
- Supermercados
- Padarias
- Restaurantes
- Casas de câmbio
- Lavanderia
- Quitanda

Abasteça a casa com o que você precisará o mais rapidamente possível. Quanto antes você a deixar pronta, com tudo o que precisa, mais cedo poderá se concentrar no trabalho ou sair para passear e conhecer a cidade.

Nos dias que se sucederem, saia para conhecer o bairro e os principais pontos de interesse da cidade, à medida que o tempo permitir. Veja se existe um [free walking tour](#) para você aprender o básico da cidade. E verifique se há encontros do [CouchSurfing](#) que você possa ir para começar a fazer novos amigos.

Parte 4
Segurança

Capítulo 15

Digital

Senhas

Você já pensou na quantidade de sites e serviços em que tem cadastro? É possível que você tenha conta em locais tão diversos quanto Gmail, Facebook, Instagram, Dropbox, Pinterest, LinkedIn, Twitter, Airbnb, Uber, Amazon, PayPal, Skype, entre outros. Para cada um deles é necessário ter um login e uma senha. Como lembrar de tantas senhas?

Muita gente resolve isso da pior forma possível e talvez você faça o mesmo. Por acaso você criou uma senha em sua cabeça e a utiliza em todos os lugares? Se tiver feito isso, bem-vindo ao clube dos que terão suas contas invadidas mais cedo do que imaginam.

Bandidos virtuais descobrem senhas com surpreendente facilidade. Eles usam inúmeros artifícios. Um deles chama-se [ataque de força bruta](#).

O bandido tenta inúmeras combinações de senha até descobrir a que dá acesso ao serviço. Isso parece demorado, mas há alguns atalhos. Ele não senta diante do computador e tenta várias senhas. Em vez disso, utiliza um programa que preenche a senha, verifica o resultado e faz uma nova tentativa, com outra senha, se estiver incorreta. Isso é muito rápido. Programas como [Hydra](#), [hashcat](#), [Cryptohaze](#) e [John the Ripper](#) são capazes de fazer milhares de tentativas por segundo.

Além disso, em vez de experimentar senhas criadas com caracteres aleatórios, o programa consulta uma tabela com senhas que são utilizadas com frequência por usuários desavisados, tais como:

- 123456
- 12345678
- abc123

- qwerty
- 111111
- futebol
- 555555
- jesusristo
- 123123123
- 654321
- maria
- jose

Consultando as tabelas de senhas usadas com frequência, esses programas descobrem sua senha com uma velocidade assustadora. Em muitos casos, são necessários apenas alguns segundos.

Isso é ruim, mas não é o pior. Se você usa a mesma senha em todos os serviços, basta descobrir a de um deles para ter acesso a todas as suas contas. Imagine que você use no Facebook a mesma senha do internet banking. Se alguém descobrir sua senha do Facebook, também conseguirá acessar sua conta bancária. Percebeu o tamanho da encrenca?

Empresas como Google e Facebook investem em mecanismos cada vez mais sofisticados para evitar que os dados de seus usuários sejam acessados de forma indevida. Entretanto, as pessoas colocam tudo a perder escolhendo senhas fracas e usando-as em todos os sites.

O problema é delicado. Uma senha precisa ter muitos caracteres para ser forte e eles precisam ser aleatórios. Ela deve combinar letras, números e símbolos especiais, tais como vírgula, ponto de interrogação, cifrão e outros. Senhas longas e mais complexas são difíceis de lembrar.

Ter várias senhas longas e difíceis de lembrar, uma para cada serviço, é uma forma garantida de esquecer-las. Por outro lado, anotar as senhas em pedacinhos de papel também é arriscado, já que outras pessoas podem vê-las.

A melhor forma de resolver esse impasse é adotar um sistema de gestão de senhas, tal como:

- [1password](#)
- [LastPass](#)

- [Keeper](#)

Um sistema de gestão de senhas é como se fosse um cofre. Você coloca todas as suas senhas dentro dele.

Esse cofre também é aberto com uma senha. Ela tem de ser forte e você precisa memorizá-la com cuidado. A boa notícia é que, usando esse tipo de software, você só precisa memorizar uma única senha: a que é usada para acessá-lo, também chamada de *master key* ou chave mestre. Para todos os outros sites e serviços online, você não precisa saber a senha de cabeça. Basta consultá-la dentro do "cofre".

À primeira vista, pode parecer complicado e demorado usar esse tipo de solução. Na prática é simples. Esses softwares fornecem extensões para todos os navegadores. Quando você entra em um site que pede senha, basta acionar uma combinação de teclas para o gerenciador de senhas entrar em ação.

Ele reconhece o site e preenche o login e a senha para você. É até mais rápido que digitar a senha diretamente.

Usando um sistema desses, você não precisa mais memorizar as senhas de cada site, o que te permite adotar senhas diferentes para cada um dos sites e serviços em que você tem conta. E não para por aí.

Esses gerenciadores de senha também te ajudam a criar senhas seguras. Você não precisa mais criar senhas da própria cabeça. Em vez disso, toda vez que se cadastrar em um novo serviço, você pede ao aplicativo para gerar uma senha segura.

Ele não usará palavras fáceis de descobrir. Usará caracteres aleatórios incluindo letras, números e símbolos especiais. São combinações que dificilmente estarão presentes nos bancos de dados dos bandidos. E você pode criar senhas grandes. O [1password](#), por exemplo, permite criar senhas de até 64 caracteres. Você não será capaz de lembrá-las e nem precisa. Elas ficarão guardadas com segurança dentro do software e você poderá usá-las sempre que precisar.

Essas senhas grandes, criadas de forma aleatória, também são possíveis de quebrar, em teoria. O problema é que até mesmo as melhores ferramentas, sendo usadas nos computadores mais rápidos, levariam bilhões de anos para conseguir quebrar tais senhas. Portanto, na prática, quando

você usa uma senha forte, passa a ser virtualmente impossível descobri-la usando força bruta.

Quando a senha é forte, ela ainda pode cair nas mãos erradas se o site onde é usada for invadido. Se um bandido invadir a base de dados de senhas do site, ele também vai ter acesso a sua senha. Infelizmente, isso acontece com frequência, inclusive com grandes empresas.

A base de dados de senhas do [LinkedIn](#), por exemplo, foi roubada em 2012. Mais de [160 milhões de contas foram expostas](#). Pouco tempo depois, foi a vez da [Adobe](#) ser invadida. O resultado foi [150 milhões de contas roubadas](#). O [Dropbox](#) também foi roubado por volta de 2012 e [60 milhões de contas foram expostas](#).

O caso da [Adobe](#) foi particularmente útil para ilustrar o quanto as pessoas se expõem usando senhas fracas. Você pode ver as senhas que eram mais usadas na [Adobe nessa lista](#). Havia quase dois milhões de pessoas usando a senha "123456", outras 400 mil usando "123456789" e pelo menos 300 mil usando "password". Esses tipos de senhas são descobertos em uma fração de um segundo, por qualquer programa de quebra de senhas.

Para complicar, [existem outros sites que foram invadidos e ainda não sabem disso](#). Quando alguém rouba as senhas de um site, é comum esse fato ser mantido em segredo por anos antes que as informações comecem a ser vendidas no mercado negro. Durante esse tempo, os invasores podem acessar as contas das pessoas sem que elas tenham ideia desse fato. Nem mesmo a empresa invadida sabe que seus dados foram roubados.

Senhas fortes ajudam muito, mesmo em casos de invasão. Geralmente as senhas não são guardadas nos bancos de dados de forma aberta. Elas passam por uma transformação antes de serem armazenadas. Justamente para evitar que invasores possam ler as senhas com facilidade.

Ter acesso à base de senhas torna mais fácil deduzi-las. Especialmente quando as senhas são fracas. Se você usar senhas fortes, é provável que elas nunca sejam deduzidas, mesmo que a base de dados do serviço seja roubada.

Esses roubos também ilustram a importância de usar senhas únicas para cada site. Para proteger sua vida digital, você precisa adotar senhas fortes e cada senha precisa ser diferente da outra. A única forma prática de fazer isso é usar um gerenciador de senhas.

Se você ainda não usa, adote um imediatamente. Essa é a providência mais importante que você deve tomar para preservar sua segurança digital.

Eu e Pati usamos o [1password](#) há anos e estamos satisfeitos. Porém todos funcionam de forma semelhante. Não importa muito qual deles você usa. O importante é adotar um.

Cadastre todos os sites e serviços que utiliza no gerenciador de senhas. Troque todas as suas senhas por senhas únicas, geradas pelo aplicativo. Você pode começar pelos serviços mais críticos e ir trocando os demais aos poucos. Emails e redes sociais são particularmente importantes. Comece por eles.

Senha mestre

Como expliquei antes, você só terá de lembrar a senha do próprio gerenciador de senhas. Ela será a chave de seu "cofre virtual". É fundamental que essa senha seja forte para que ninguém consiga acesso indevido às demais senhas.

Para ser forte, uma senha não pode ser pequena. Ela precisa ser grande. Entretanto, senhas grandes são esquecidas com facilidade. Se você esquecer a senha mestre do gerenciador de senhas, você perde o acesso a todos os sites e serviços em que está cadastrado. Isso é tão ruim, do ponto de vista de segurança, quanto ter uma conta invadida, portanto é preciso encontrar um equilíbrio.

Além disso, tamanho da senha não é tudo. Se o conteúdo dela for fácil de deduzir, ela será fraca. Por exemplo, se você usa partes de seu nome na senha, data de aniversário, e outras informações óbvias, a senha será descoberta com facilidade.

A senha mestre é importante e o ideal é que você nunca a altere. É uma senha que precisa ser pensada com cuidado, para que você a acerte de primeira, de preferência.

Se você quiser detalhes de como criar uma senha forte, leia o artigo [Toward better master passwords](#). Vale à pena ler e entender como criar uma boa senha mestre.

Programas de quebra de senha também são usados para tentar abrir esses cofres virtuais. Porém, se a senha que você utilizar for forte, torna-se praticamente impossível abri-los fazendo um ataque de força bruta.

Renovação das senhas

Ainda que você utilize senhas fortes, criadas por um gerenciador de senhas, é importante alterá-las com certa periodicidade. Se possível, altere as senhas dos serviços mais críticos que utiliza a cada três meses. As demais, entre seis meses e um ano.

Ainda que ninguém quebre sua senha, é possível que a base de dados do site ou serviço na internet tenha sido roubada e sua senha tenha sido exposta. Se você trocar as senhas com frequência, você aumenta as chances de que ninguém tenha acesso a seus dados.

Em alguns gerenciadores de senhas, como o [1password](#), é possível filtrar os registros para descobrir quais senhas foram alteradas há mais tempo. Isso te ajuda a identificar aquelas que precisam ser trocadas logo.

O [1password](#) também tem um serviço de monitoramento chamado [Torre de vigia](#). Ele mostra os cadastros de senhas que você tem em sites que sofreram com algum tipo de vulnerabilidade, a qual possa ter exposto suas senhas. Você pode ver esses cadastros e tomar providências rápidas para trocar as senhas dos serviços afetados.

Salvar senhas no navegador

Os navegadores atuais se oferecem para guardar as senhas para facilitar sua vida. Você já deve ter visto isso e talvez até use essa funcionalidade. Quando você adotar um gerenciador de senhas, pare de usar o navegador para armazená-las. Além disso, remova todas as senhas que foram guardadas no navegador.

Os navegadores não protegem suas senhas de forma tão segura quanto um gerenciador de senhas. Normalmente, qualquer pessoa com acesso ao navegador é capaz de usar as senhas gravadas nele para se logar nos sites e serviços que você utiliza. Se um ladrão roubar seu *notebook*, ele poderá acessar suas contas online com facilidade, pelo fato de você tê-las guardado no navegador. Nunca use essa funcionalidade. É mais seguro adotar um gerenciador de senhas e jamais permitir que o navegador guarde suas senhas.

Senhas nos dispositivos

Seu *notebook* é sua principal ferramenta de trabalho. Ele contém informações confidenciais sobre você, sua família, seu trabalho, seus

clientes, seus parceiros comerciais e muito mais.

Você não pode permitir que qualquer pessoa tenha acesso indevido a ele. É fundamental protegê-lo com uma senha forte.

Se você usar um gerenciador de senhas, como sugeri antes, você deverá memorizar a senha que dá acesso a ele e não precisará lembrar das demais. A única senha adicional que você precisará lembrar é a de seu *notebook*.

Crie uma senha forte para o *notebook* e outra para o gerenciador de senhas. **Elas devem ser distintas.** Se uma pessoa descobrir a senha do computador, ela não conseguirá ter acesso às demais senhas que estão em seu gerenciador de senhas.

No caso de um assalto, por exemplo, o bandido pode te forçar a dizer a senha do *notebook*, antes de levá-lo. O que ele não sabe é que as informações mais sigilosas estão escondidas dentro do gerenciador de senhas, ao qual ele não terá acesso.

Além de colocar uma senha forte no computador, também é importante que ele a solicite nos momentos apropriados. Sempre que você se distanciar do computador por mais do que alguns minutos, é importante que a tela se apague ou um protetor de tela seja ativado. Quando você ou outra pessoa tocarem no teclado, o computador deve pedir a senha novamente. Configure-o para fazer isso.

É muito importante que seu computador não fique aberto e exposto quando você estiver longe dele. Além de configurar o protetor e o descanso de tela para entrar em ação rapidamente, aprenda a usar a combinação de teclas que aciona o protetor de tela (ou o descanso) e trava o acesso ao computador.

Acione essa combinação de teclas e trave o acesso ao computador sempre que sair da frente dele. Isso é particularmente crítico quando você estiver em locais públicos, como cafés e espaços de *coworking*. Mesmo em casa, quando você for sair ou for dormir, trave o computador. Se alguém invadir a casa e levá-lo, não conseguirá ter acesso aos dados.

Dispositivos móveis

Coloque uma senha também em seu *smartphone* e *tablet*. Não deixe nenhum de seus dispositivos sem senha.

Alguns *smartphones* usam senhas curtas por padrão. O iPhone, por exemplo, usa senhas de 4 dígitos, que não são tão difíceis de quebrar.

Felizmente, é possível alterar a configuração para usar senhas maiores. Sugiro que você adote uma senha de pelo menos 6 dígitos em seu *smartphone* e *tablet*.

Assim como no caso do computador, adote uma senha que seja difícil de adivinhar. Não use aberrações, tais como 1234, 0000 e coisas do gênero.

Quando você para de usar um dispositivo móvel, a tela se apaga automaticamente depois de alguns segundos. Configure seus dispositivos para solicitar a senha novamente sempre após ele ter ficado inativo por um tempo. Ou seja, se a tela apagar, será necessário colocar a senha da próxima vez que for usar.

Se você esquecer o telefone sobre a mesa de um café, por exemplo, e voltar para buscá-lo alguns minutos depois, ninguém conseguirá acessar o conteúdo dele. Depois que a tela apaga, ele pede a senha na tentativa de acesso que vier em seguida. Esse é o comportamento que ele deve ter.

Alguns dispositivos móveis também podem ser configurados para apagar todos os dados automaticamente caso o usuário erre a senha um certo número de vezes. Habilite essa opção. Se alguém roubar seu telefone e tentar descobrir a senha fazendo várias tentativas, logo chegará a um ponto em que o telefone apagará tudo automaticamente e o ladrão não terá acesso a nenhuma informação confidencial.

Criptografia

Romeu e Julieta, os famosos personagens de Shakespeare, não tinham acesso à internet. Quando queriam se comunicar à distância, não podiam usar o WhatsApp. Precisavam recorrer a mecanismos mais primitivos, tais como cartas.

Como você deve saber, a família de Romeu não se entendia com a de Julieta. Romeu queria lhe escrever, mas temia que a família dela lesse o conteúdo da carta. Para solucionar esse impasse, eles fizeram um trato em um de seus encontros secretos.

Toda vez que escrevessem um para o outro, trocariam as letras do texto por outra, três casas adiante no alfabeto. Por exemplo, a letra A seria escrita como D, o B seria o E, o C seria o F e assim por diante.

Se alguém abri-se a carta, não entenderia seu conteúdo. Só eles dois saberiam decifrá-lo. Bastaria fazer o processo inverso e substituir cada letra por outra três casas antes no alfabeto.

[Criptografia](#) é transformar um texto em algo ilegível, de modo que possa ser lido apenas por quem conhece a forma de codificação. O método que eles usaram nesse exemplo fictício chama-se [Cifra de César](#). Júlio César o usava para se comunicar com seus generais.

[Criptografia](#) é vital no mundo em que vivemos atualmente. Você a utiliza diversas vezes por dia, ainda que nem se dê conta disso. Por exemplo, quando entra no Facebook, seu navegador se comunica com os servidores do Facebook de maneira criptografada.

Isso é automático, sempre que você acessa um site cujo endereço começa com **https**. O "s", no final, significa seguro. A conexão com o site é criptografada. Se alguém interceptá-la e tentar ver o que você está escrevendo no Facebook, não conseguirá.

O mesmo acontece quando você acessa o *internet banking*. Mesmo que alguém consiga capturar os dados que seu computador está transmitindo para o banco, não conseguirá compreendê-los. Portanto não será capaz de ver sua senha nem saber quanto tem na sua conta.

A forma de criptografar mensagens atualmente é bem mais sofisticada que a descrita no exemplo. Você não precisa conhecer estas técnicas. Para se proteger, o mais importante é saber que algumas coisas precisam ser transmitidas ou armazenadas de forma criptografada, usando um programa apropriado para isso.

Criptografia é sua melhor amiga. Ela impede que suas informações mais preciosas sejam acessadas por outras pessoas. Isso não se aplica apenas a mensagens transmitidas pela internet. Você também pode e deve criptografar o HD de seu *notebook*, HDs externos e *pendrives*.

Se seu computador for roubado, ainda que a pessoa não tenha a senha de acesso, ela pode remover o disco, conectá-lo a outro computador e ler as informações que estão nele. Para se proteger, você deve habilitar a criptografia do disco. No caso dos computadores da Apple, basta habilitar o [FileVault](#). No caso de PCs usando o Windows, você pode habilitar o [BitLocker](#).

Se você também armazena informações em HDs externos e pendrives, trate de criptografá-los. No caso do Mac, você pode utilizar o Utilitário de Disco. No Windows, pode ser o próprio [BitLocker](#). Se preferir, você pode usar softwares livres como o [VeraCrypt](#).

Quando você criptografa um disco externo, é preciso cadastrar uma senha que você deverá usar sempre que conectar esse disco. Você pode

memorizar essa senha ou guardá-la em seu gerenciador de senhas.

Além de criptografar HDs e *pendrives*, você também pode criar pastas criptografadas, contendo arquivos confidenciais. Imagine, por exemplo, que você precisa enviar alguns arquivos de trabalho, cujo conteúdo é confidencial, para outra pessoa que está participando de um mesmo projeto com você.

Você irá enviar os arquivos por email e não quer que ninguém seja capaz de abrir os arquivos no meio do caminho. Você utiliza um dos programas citados anteriormente e cria um diretório especial no computador, que é criptografado e protegido por uma senha que tanto você, quanto seu colega conhecem.

Daí você coloca os arquivos confidenciais nesse diretório, fecha e o anexa no email. Se alguém interceptar a mensagem, não vai conseguir acessar o conteúdo do diretório.

O seu gerenciador de senhas também guarda todas as senhas de forma criptografada. Elas ficam guardadas em um arquivo especial, protegido com uma criptografia forte. Ele só pode ser aberto com a sua senha. Nem mesmo a empresa que cria o gerenciador de senhas é capaz de abrir esse arquivo e capturar suas senhas.

Backup de arquivos

Como fica sua vida se seu *notebook* quebrar ou for roubado? Você perde todos os dados que estão nele? Se esse for o caso, é preciso tomar providências urgentes.

Fazer backup de todos os seus dados regularmente é vital. Porém, quem se lembra disso? A forma mais simples de garantir que você sempre tenha uma cópia de seus dados é adotar um aplicativo como o [Dropbox](#).

Ele mantém uma cópia de seus arquivos em seus servidores. Tudo de forma automática, sem que você precise fazer nada. Você pode esquecer o assunto e confiar que seus arquivos importantes estejam sempre copiados.

Existem inúmeros aplicativos que funcionam de forma semelhante ao [Dropbox](#). Para guardar todos os seus arquivos importantes, o mais provável é que você precise pagar uma assinatura anual. Faça isso e mantenha-se protegido.

Como nômade digital, você depende de seu *notebook* para muita coisa. O risco de perder todos os dados por um descuido ou por um roubo não é

aceitável. Você precisa garantir que todos os dados estejam sendo copiados para a nuvem, o tempo todo. Isso tem um custo. Não tomar essa providência pode ter um custo ainda maior.

Se não quiser usar o [Dropbox](#), essas são algumas das alternativas:

- [Sync](#)
- [Backblaze](#)
- [Crashplan](#)
- [Carbonite](#)
- [Spideroak One](#)
- [OwnCloud](#)
- [Mega](#)
- [Tresorit](#)
- [SOS Online Backup](#)
- [Zoolz](#)
- [Arq](#)
- [Acronis True Image Cloud](#)
- [OpenDrive](#)
- [Backup Lizard](#)
- [Amazon Drive](#)

O [Sync](#) é o meu preferido por ter uma boa relação custo/benefício, excelente segurança e compromisso com sua privacidade. Assim como os demais aplicativos dessa lista, seus arquivos são criptografados localmente, antes de serem enviados para os servidores do [Sync](#).

Se você não quiser que seus arquivos sejam copiados para a nuvem e preferir utilizar um servidor próprio para as cópias, adote o [Resilio](#). Nós o usamos o tempo todo. É uma de nossas ferramentas favoritas. Tem também o [AeroFS](#).

As senhas que ficam armazenadas no gerenciador de senhas estão entre os itens mais importantes que precisam sofrer backup sempre. A necessidade de manter uma cópia segura dessas senhas é uma razão adicional para você usar um desses aplicativos.

No caso de gerenciadores de senha como o [1password](#), é possível utilizar o [Dropbox](#) para uma função adicional bastante conveniente. Ele é usado para manter as senhas sincronizadas com seus dispositivos móveis.

Você deve ter o gerenciador de senhas instalado no *notebook*, no *smartphone* e no *tablet*. E deve mantê-los em sincronia usando um aplicativo como o [Dropbox](#). Isso te permite acessar as senhas em qualquer lugar, mesmo que esteja sem o *notebook*. Basta ter o *smartphone* a seu alcance.

O mesmo vale para os demais arquivos que você tiver armazenado no [Dropbox](#). Você também pode acessá-los no *smartphone* e no *tablet*. Isso é importante não apenas pela praticidade de acessar os arquivos de qualquer lugar, mas também porque, no caso de falha do *notebook*, você pode acessar os arquivos que precisar, enquanto providencia um *notebook* substituto.

Se você instalar o [Dropbox](#) no *smartphone*, habilite o uso de senha para ele. Isso permite que você cadastre uma senha numérica para ter acesso aos arquivos do [Dropbox](#). Dessa forma, se alguém tiver acesso indevido ao seu *smartphone*, não conseguirá acessar os arquivos que estão no [Dropbox](#) porque o aplicativo pedirá a senha. Não utilize no [Dropbox](#) a mesma senha que adotou para o próprio *smartphone*.

Alguns profissionais trabalham com arquivos muito grandes. É o caso de quem faz edição de vídeos, por exemplo. Esses arquivos ocupam muito espaço e precisam de backup, naturalmente. Entretanto, ao final de um projeto, o uso dos arquivos diminui. Eles podem ser copiados para um local externo onde raramente serão acessados.

Em casos como esse, faz sentido adotar também uma solução como o [Amazon Glacier](#). O envio e recebimento dos arquivos não é tão simples quanto as demais alternativas que mencionei, porém é mais econômico quando você precisa fazer cópia de um grande volume de dados.

Documentos importantes

Como expliquei antes, o gerenciador de senhas é uma espécie de cofre virtual. Tudo o que você coloca lá dentro fica criptografado e protegido

atrás da senha que dá acesso ao cofre. O que você coloca lá não precisa se restringir apenas as suas senhas. Você pode armazenar anotações, números de cartões de crédito, números de documentos e outras informações confidenciais. Também pode anexar arquivos.

Se alguém rouba seu cartão de crédito, você precisa ligar para a operadora e pedir o cancelamento dele, mas qual é o número do cartão? Ele precisa estar anotado em algum lugar. O ideal é que você não o deixe em um arquivo qualquer dentro do computador. É melhor que essa anotação esteja em seu cofre virtual, ou seja, em um aplicativo de gerenciamento de senhas, como o [1password](#).

Se seu passaporte for roubado, você terá de ir a um consulado brasileiro para solicitar a emissão de um novo. Para isso, precisará se identificar lá. Tudo fica mais fácil se você tiver a cópia dos documentos que são exigidos para emitir um passaporte, tais como carteira de identidade, CPF, título de eleitor, entre outros.

Recomendo que você digitalize o passaporte, bem como todos os documentos que mencionei antes e armazene os arquivos correspondentes no gerenciador de senhas. Isso permitirá que você se identifique com facilidade, perante qualquer autoridade, se houver um roubo e você perder tudo. Mesmo se levarem seu *notebook* e dispositivos móveis, você pode acessar o gerenciador de senhas no [Dropbox](#) e acessar as cópias dos documentos.

O mesmo se aplica a outros documentos que possam ser relevantes em seu dia a dia. Por exemplo, se você tiver uma empresa, o contrato social é um documento relevante, que precisa ser enviado a terceiros (bancos, contadores, parceiros comerciais, entre outros) com alguma frequência. Digitalize-o e armazene-o também no gerenciador de senhas.

Antes de sair pelo mundo, digitalize todo tipo de documento que possa ser necessário ao longo da viagem. Coloque tudo no gerenciador de senhas e fique tranquilo, com a consciência de que poderá ter acesso a eles de onde estiver.

Estes são exemplos de itens relevantes que você deve colocar no gerenciador de senhas:

- Cartões de crédito
- Passaporte

- Identidade
- CPF
- Título de eleitor
- Certificado de reservista
- Cópia de um comprovante de residência
- Certidão de nascimento
- Certidão de casamento
- Carteira de motorista
- Certificado de vacinação internacional
- Contrato social
- [Chaves privadas](#) para acesso a servidores via [SSH](#)

Softwares maliciosos

Você adotou uma boa senha para o computador. Você utiliza um gerenciador de senhas. Suas senhas são fortes. Você usa senhas diferentes para todos os sites. Você acha que está fazendo tudo certo. Ainda assim, alguém invadiu sua conta bancária. Como isso foi possível?

Seu computador foi infectado por um vírus, que é um tipo de *malware* (software malicioso). Um *malware* pode roubar informações sigilosas (como números de cartão de crédito e senhas de *internet banking*), controlar seu computador secretamente, apagar arquivos, rastrear sua localização, monitorar suas atividades e muito mais.

Alguns, chamados *criptors*, bloqueiam arquivos de seu computador, de tal modo que você não consiga mais ter acesso a eles. Outros, chamados *lockers*, bloqueiam o computador inteiro. Em ambos os casos, o objetivo dos criadores do *malware* é que você pague um resgate para fazer o desbloqueio. Saiba mais [nesse infográfico](#).

A possibilidade de perder o acesso aos arquivos devido à infecções por vírus é uma razão adicional para você fazer backup automático de seus arquivos usando soluções como o [Dropbox](#) e outros aplicativos do gênero.

A melhor forma de se proteger contra *malwares* é educar-se e adotar algumas práticas para elevar a segurança de seu computador e dispositivos móveis.

Atualização do sistema operacional

É comum que vírus e outros programas maliciosos (*malware*) se aproveitem de falhas do sistema operacional, tanto no computador, quanto nos dispositivos móveis. As empresas que fabricam tais sistemas (Windows, MacOS, Android, iOS, Linux) descobrem e corrigem eventuais falhas de segurança com frequência.

Essas correções são importantes para manter seu computador livre de softwares maliciosos. Por essa razão, você deve sempre instalar as atualizações de sistema operacional, tão logo sejam lançadas. Isso vale tanto para computadores, quanto *smartphones* e *tablets*.

Atualização dos navegadores

O navegador é um dos aplicativos que mais usamos diariamente, já que nos dá acesso a sites e serviços na internet. Justamente por ser tão usado, bandidos virtuais vivem tentando explorar suas falhas para infectar seu computador com softwares maliciosos. Felizmente, eventuais falhas também são corrigidas com frequência.

Mantenha seu navegador atualizado. Se possível, configure-o para baixar atualizações automaticamente, tão logo estejam disponíveis.

Antivírus

O sistema operacional e os navegadores são softwares básicos de seu computador e dispositivos móveis. Por isso é tão importante que estejam sempre atualizados. Mas isso não basta. Também é preciso ter um bom antivírus, que deve ser atualizado periodicamente, de forma automática.

Existem inúmeros programas antivírus de alta qualidade. Esses são alguns deles:

- [Bitdefender](#)
- [Kaspersky](#)
- [Eset](#)
- [Norton](#)

- [Avira](#)
- [Avast](#)
- [Trend Micro](#)
- [McAfee](#)
- [Webroot](#)
- [Emsisoft](#)
- [F-secure](#)
- [Panda](#)

Se você optar por um antivírus pago, [Bitdefender](#) e [Kaspersky](#) costumam estar entre os melhores, segundo o [AV-Test](#), que faz avaliações frequentes de softwares de segurança. A assinatura anual custa pouco e pode te proteger de grandes estragos. Se não quiser gastar nada, soluções gratuitas como o [Avast](#) também ajudam a aumentar sua proteção.

O antivírus é uma peça importante em seu arsenal de segurança, porém as práticas que você adota no dia a dia são ainda mais. Tenha cuidado com os arquivos que você baixa ou recebe pela internet. Eles são a principal porta de entrada de softwares maliciosos.

Tenha atenção com os emails que você recebe e seus anexos. Veja quem enviou o arquivo. É alguém que você conhece? Você confia nessa pessoa?

Tenha cuidado especial com arquivos que tiverem as seguintes extensões:

- exe
- doc ou docx
- xls ou xlsx
- ppt ou pptx
- vbs
- js
- lnk
- scr

Arquivos com essas extensões também podem ficar escondidos em arquivos comprimidos com extensão .zip e .rar, por exemplo.

Cuidado também com os arquivos que você baixa da internet. O site de onde ele vem é confiável? Se estiver baixando um aplicativo, ele é bem conhecido? É confiável? Pesquise um pouco sobre ele antes de instalá-lo em seu computador ou dispositivo móvel.

Windows x Mac

A maioria dos vírus tem como alvo os computadores que utilizam Windows. Isso ocorre porque o Windows é o sistema operacional mais utilizado ao redor do mundo. O esforço de criar um vírus para essa plataforma compensa mais porque existe o potencial de infectar um número maior de computadores.

Por sua vez, o sistema operacional do Mac tem um funcionamento interno diferente do Windows. Algumas características dele tornam mais difícil a criação e a proliferação de vírus. Porém, o fato de ter menos pessoas usando Macs é o que mais contribui para o número reduzido de vírus nessa plataforma.

Ainda que você seja usuário de um Mac, adote um antivírus. Não assuma que está protegido apenas por estar usando um Mac.

Android x iOS

Nos dispositivos móveis, o Android e o iOS são os sistemas operacionais mais usados. O Android é o mais utilizado, disparado.

Assim como acontece no caso dos computadores, a maior fatia de mercado atrai o interesse dos criadores de *malwares*. Portanto, a maioria dos *malwares* criados para dispositivos móveis tem o Android como alvo.

Um dos maiores riscos, no Android, é instalar aplicativos maliciosos. É preciso ter atenção especial com a origem do aplicativo.

Se você só instala aplicativo da loja oficial do Google, a [Google Play](#), você raramente encontrará aplicativos infectados com malware. O maior problema é quando você baixa aplicativos de outras fontes, menos confiáveis.

Em todo caso, como existe grande produção de malware para dispositivos Android, recomendo que você adote um aplicativo de

segurança. Esses são alguns dos melhores:

- [360 Security](#)
- [Avast](#)
- [ESET](#)
- [Avira](#)
- [AVL](#)

A situação é diferente no caso de dispositivos iOS (iPhone e iPad). Quando a Apple projetou o iOS, ela introduziu uma série de limitações propositais, que dificultam a criação de malwares. A comunicação entre aplicativos é limitada, bem como a possibilidade de executá-los em segundo plano. Tudo isso, aliado à menor fatia de mercado, contribuem para a quase inexistência de vírus para iPhone e iPad.

Além disso, em princípio, os aplicativos só podem ser baixados da App Store, da própria Apple. Ela revisa todos os aplicativos para ter certeza de que não contêm nenhum tipo de malware.

Se você usa um iPhone ou um iPad, a chance de esbarrar em um aplicativo malicioso é pequena. Entretanto, a história é diferente se você opta por fazer um [jailbreaking](#).

Trata-se de um procedimento para remover as restrições impostas pela Apple e poder instalar aplicativos de outras fontes. Existem inúmeros aplicativos que são reprovados pela Apple e, portanto, não aparecem na App Store oficial. Dispositivos que tenham feito o [jailbreaking](#) podem instalá-los sem maiores problemas. É aí que mora o perigo.

Existem relatos de malwares para iOS. Não são tantos assim, mas quase todos se aplicam apenas a dispositivos com [jailbreaking](#). Se você tiver feito um [jailbreaking](#), tome cuidado com os aplicativos que instala em seu dispositivo.

Leia mais sobre as [diferenças entre a segurança do Android e o iOS](#).

Ad Blocker

Muitos sites se sustentam através da venda de espaço publicitário. É o caso, por exemplo, de grande parte dos sites de notícias. Em troca de

acessar o site de forma gratuita, você tem de aturar uma infinidade de anúncios.

Esses anúncios fazem com que as páginas demorem mais para carregar. Em muitos casos, isso pode significar esperar até quatro vezes mais tempo. Como se isso não fosse suficiente, tem anúncio que é usado para espalhar [malware](#). É o chamado [malvertising](#) ([malicious advertising](#)).

Em muitos casos, esses anúncios tentam te convencer da necessidade de atualizar sua versão do [Adobe Flash Player](#) ou do [Java](#). Quando você clica naquilo que parece ser um aviso legítimo do sistema operacional, você é levado a baixar um [software malicioso](#). Você foi enganado.

Para não correr o risco de cair em armadilhas como essa, recomendo que você instale um [ad blocker](#) (bloqueador de anúncios) em seu navegador. Isso evita que os anúncios sejam carregados e impede que esses [malvertisings](#) sejam oferecidos para você.

O *ad blocker* mais conhecido e que nós usamos é o [Ghostery](#). Você pode instalá-lo em qualquer navegador, assim como pode usá-lo também em seus dispositivos móveis.

Ao impedir que os anúncios sejam mostrados, o [Ghostery](#) também contribui para que as páginas carreguem mais rapidamente. Além disso, protege sua privacidade, já que impede que as empresas de publicidade monitorem seus passos pela internet.

Aplicativo para localizar o smartphone

O *smartphone* é um dos itens mais importantes em sua vida nômade. Também é um dos mais fáceis de ser perdido ou roubado. Se isso ocorrer, sua chance de recuperá-lo são maiores se você adotar um aplicativo que ajude a localizar o aparelho.

O iPhone, por exemplo, vem com um aplicativo chamado [Find My iPhone](#). Se ele estiver habilitado, você pode usar o notebook para visualizar um mapa no qual aparece a posição exata dele.

Se você o tiver perdido, saberá onde ir para recuperá-lo. Se ele tiver sido roubado, essa informação pode ajudar a polícia a encontrar o bandido e recuperar o aparelho.

Além de mostrar o aparelho em um mapa, você pode usar o [Find My iPhone](#), a partir de seu *notebook*, para realizar algumas ações adicionais.

Se tiver apenas perdido o aparelho, você pode escrever uma mensagem informando seus detalhes de contato para quem o achar. Essa mensagem vai aparecer na tela do iPhone. Você também pode trancar o iPhone com uma senha, caso ele não tenha uma. Se preferir, pode apagar todo o conteúdo dele.

Isso tudo só funciona se o aparelho estiver ligado, naturalmente. Também é preciso que ele esteja conectado à internet, o que costuma ser o caso, já que normalmente os *smartphones* estão ligados à rede 3G ou 4G o tempo todo.

Além do [Find My iPhone](#), existem outros aplicativos que servem tanto para dispositivos iOS, quanto Android. Alguns deles tiram fotos, na tentativa de identificar um possível ladrão. Essas são algumas das alternativas ao [Find My iPhone](#):

- [Prey](#)
- [Cerberus](#)
- [AndroidLost](#)
- [Android Device Manager](#)
- [Lookout](#)
- [Device locator](#)
- [Avast](#)
- [Avira](#)

Alguns desses aplicativos também podem ajudar a encontrar seu próprio *notebook*, se ele for perdido ou roubado. Isso é extraordinário. Avalie essas alternativas e adote uma que possa te ajudar a recuperar seus dispositivos eletrônicos se eles forem perdidos ou roubados. Se não quiser avaliar todas, adote o [Prey](#), cuja versão gratuita provavelmente será suficiente para cobrir todos os seus dispositivos.

WiFi

Você decidiu passar a tarde trabalhando em um lindo café. O inverno ainda nem começou em Berlim e a neve já cai do lado de fora. Por sorte, você logo embarcará para a Indonésia, onde desfrutará de muito Sol e calor.

A última etapa é concluída no momento em que você envia o email para seu agente de viagem.

Ele encontrou uma promoção e conseguiu parcelamento da passagem no cartão de crédito. Você lhe enviou o número do cartão por email e espera que ele te envie a passagem no dia seguinte, mas isso não acontecerá.

Na manhã seguinte, ele te envia uma mensagem perguntando se você tem outro cartão. A compra foi recusada. Empresas de cartão de crédito se confundem. A operadora deve ter cometido um erro. Você liga para averiguar e descobre que todo o limite já foi usado.

Impossível, você pensa. A atendente se oferece para conferir com você as compras feitas nas últimas 24h. Você recusa, já que não fez nenhuma. Ela te corrige, explicando que houve quatro compras.

Seu coração gela. A única tentativa de usar o cartão foi para comprar a passagem. Que quatro compras são essas? A atendente lê as informações. Cada compra mais cara que a outra. Nenhuma delas feita por você. Então você percebe que seu cartão foi usado por outra pessoa.

Ainda que não saiba, tudo começou no momento em que você enviou o número do cartão por email. Ele foi interceptado ali mesmo, no café. Três mesas atrás de você havia um rapaz sentado. Diante dele, um *notebook* tão inocente quanto os demais. Exceto pelo fato de estar coletando informações de todos que estavam usando a rede.

A rede WiFi do café é aberta e insegura. Os dados são transmitidos sem qualquer proteção. Por isso ele foi capaz de ler seu email com facilidade. Ainda que ele não entenda uma palavra de português, seu "faro" para números de cartões de crédito é apurado. Assim que capturou o seu, já o passou para seus comparsas, em outra parte do mundo. Esses, por sua vez, fizeram tantas compras caras quanto possível, até que seu limite fosse alcançado.

Toda vez que você se conecta a uma rede WiFi, que você não administra diretamente, há uma chance de que ela seja insegura e seu conteúdo esteja sendo visualizado por bandidos. Eles conseguem ver muito do que você escreve e escutar suas conversas. Com frequência, conseguem até acessar os arquivos de seu computador. E nem precisam ser tão habilidosos assim. Pessoas com pouca ou nenhuma qualificação, precisam apenas assistir a alguns tutoriais no YouTube para aprender a roubar dados em redes WiFi desprotegidas.

Como nômade digital, você sempre se conecta a redes WiFi que não administra. Isso ocorre quando você está em um café, em um apartamento alugado, em um hotel, em um albergue ou onde mais estiver. Você nunca tem controle sobre a rede à qual está conectado.

Isso te expõe a grandes riscos, especialmente quando você usa aplicativos inseguros como o email. Aliás, nunca envie o número de um cartão de crédito por email, nem qualquer outra informação sigilosa. Emails são fáceis de interceptar. Eles são inseguros por natureza, a menos que você adote soluções sofisticadas como [PGP](#).

Para utilizar redes WiFi de forma segura, você deve adotar algumas práticas de segurança.

Firewall

Proteger os arquivos de seu computador é a primeira providência que você deve tomar quando está em uma rede WiFi ou conectado a uma rede local através de um cabo de dados. Se o *notebook* estiver configurado para permitir o compartilhamento de arquivos através da rede, há uma boa chance de que bandidos consigam ter acesso a eles, mesmo que você tenha colocado uma proteção por senha. O ideal é desabilitar o compartilhamento de arquivos por completo.

Outra funcionalidade arriscada é o compartilhamento de tela. Quando você está em uma rede local, é possível habilitar o compartilhamento de tela para que outra pessoa entre em seu computador, veja o que você está fazendo e até mesmo execute comandos em seu lugar. Isso é útil, por exemplo, quando um técnico tenta te ajudar a resolver algum problema no computador.

No dia a dia, entretanto, é fundamental desabilitar o compartilhamento de tela. Imagine estar em uma rede WiFi, em um café, e correr o risco de alguém entrar em seu computador, ver tudo o que você está fazendo, e você não ter nem ideia do que está acontecendo. Isso pode acontecer se o compartilhamento de tela estiver habilitado.

Funcionalidades como o compartilhamento de arquivos e de tela são relevantes em casos específicos, porém é melhor desabilitá-las no dia a dia. Não pare por aí. Veja todas as opções de compartilhamento disponíveis no painel de controle de seu sistema operacional e desative todas elas.

Você deverá encontrar itens tais como:

- Compartilhamento de arquivos
- Compartilhamento de tela
- Compartilhamento de impressora
- Acesso remoto
- Gerenciamento remoto
- Compartilhamento de internet
- Compartilhamento de Bluetooth

Desabilite todos esses serviços. Além disso, ative o [firewall](#) do sistema operacional. Ele é uma camada adicional de proteção que impede conexões ao seu computador.

Tomando essas providências, você impedirá que outras pessoas na mesma rede consigam acessar seu computador e verificar o conteúdo dele. Além disso, também é preciso assegurar que eventuais bandidos não consigam ver as informações que você está transmitindo e recebendo pela rede.

Você está se conectando ao site certo?

Quando não existia celular, as pessoas tinham telefones em casa. Eram aparelhos primitivos, que tinham apenas um teclado (ou um disco), para você inserir o número da pessoa com quem queria falar. Se você quisesse ligar para Marcos, teria de procurar o número dele em uma agenda telefônica e discar no telefone. Não dava para pedir ao telefone para ligar para Marcos porque ele só sabia lidar com números. Você tinha de consultar o número na agenda e discar no telefone.

Quando você abre o navegador e digita o endereço [facebook.com](https://www.facebook.com), o computador não sabe como acessar o Facebook porque ele não compreende endereços na forma de palavras. Internamente, ele só sabe lidar com números, assim como o telefone de antigamente.

O Facebook tem um endereço numérico, chamado [endereço IP](#). Todo site tem um. É parecido com o número de telefone, no exemplo anterior. Seu computador precisa descobrir esse endereço numérico para conectar-se

ao Facebook. Portanto, ele precisa ter acesso a uma agenda de endereços que saiba converter o domínio [facebook.com](https://www.facebook.com) no [endereço IP](https://www.iana.org/domains/reserved) 31.13.92.36.

[DNS \(Domain Name System\)](https://www.iana.org/domains/reserved) é o nome do serviço que seu computador consulta quando precisa descobrir o [endereço IP](https://www.iana.org/domains/reserved) de um servidor na internet. É a "agenda telefônica" que os computadores usam internamente. Durante o dia, seu computador faz centenas de consultas ao serviço de [DNS](https://www.iana.org/domains/reserved).

Já pensou no que aconteceria se essas consultas trouxessem resultados falsos? Por exemplo, imagine que você escreva [facebook.com](https://www.facebook.com) em seu navegador e a consulta ao DNS retorne um endereço que não é do Facebook, mas sim de um impostor, tentando passar-se pelo Facebook.

Se você digita [facebook.com](https://www.facebook.com) e entra em um site que é idêntico ao Facebook, você colocará seu login e senha sem pensar duas vezes. Se o bandido criar uma página idêntica a do Facebook, não há nenhuma forma de você perceber que está no lugar errado.

Quando você se conecta a uma rede WiFi, seu computador recebe instruções de como conectar-se ao serviço de DNS. Ele recebe o endereço IP do servidor de DNS mais próximo. Com frequência, é um servidor do seu provedor de acesso. Infelizmente, servidores de DNS são invadidos por bandidos com frequência. Eles alteram os resultados para que você seja levado a sites maliciosos, que têm o único objetivo de roubar seus dados.

A situação é ainda mais grave quando você vai a um café ou quando se conecta a uma rede WiFi aberta. Nos dois casos, é possível que o dono do WiFi tenha configurado o servidor de DNS para comportar-se de forma maliciosa. O WiFi é apenas uma armadilha. Você se conecta, achando que vai poder desfrutar de tudo que a internet oferece, mas logo começa a cair em sites fraudulentos porque o DNS está dando respostas falsas.

Alguns bandidos visitam cafés que oferecem WiFi de graça e aplicam um truque bastante comum. Eles levam um roteador portátil e criam uma rede WiFi com nome semelhante ao do estabelecimento. Por exemplo, imagine que você esteja em um Starbucks e o WiFi de lá se chame exatamente Starbucks. O bandido entra no estabelecimento e cria uma outra rede chamada **Starbucks gratis** com seu roteador portátil.

Diversas pessoas entram e se conectam a essa outra rede. Para evitar isso, sempre pergunte o nome exato da rede WiFi do café que estiver visitando. Essa rede paralela é uma armadilha. Ela te dá acesso à internet, porém de forma maliciosa. Toda informação que passa por essa rede é capturada pelo bandido. Além disso, essa rede sugere que seu computador

utilize um servidor de DNS malicioso, que gera respostas incorretas. Quando você tentar se conectar com o Facebook, por exemplo, você verá uma página idêntica a do Facebook, porém falsa. Você colocará seu login e senha achando que está no lugar certo.

Para resolver essa questão, algumas empresas idôneas oferecem serviços de DNS gratuitos e seguros, que você pode utilizar no lugar do DNS oferecido pela sua rede WiFi ou por seu provedor de acesso. Um dos exemplos mais conhecidos é o do Google.

O [Google Public DNS](#) é um serviço de DNS robusto, que você pode utilizar de forma permanente em seu computador. Ele é mais confiável que o DNS de um provedor de acesso ou de uma rede WiFi. O Google trabalha ativamente para garantir que esse serviço só retorne endereços corretos.

Existem outras empresas igualmente respeitáveis que oferecem serviços gratuitos de DNS, tais como:

- [Verisign](#)
- [DNS.WATCH](#)
- [FreeDNS](#)
- [Dyn](#)
- [Nic](#)
- [OpenDNS](#)

Para aumentar sua segurança adote o [Google Public DNS](#) ou algum dos serviços mencionados antes, ou um dos encontrados [nessa lista](#). Altere a configuração do DNS em seu computador, *smartphone* e *tablet*. Isso evita que você seja levado a sites maliciosos em função de falhas nos servidores de DNS.

Além de maior proteção, a adoção de um DNS mais seguro também ajuda a aumentar a velocidade de navegação na internet. O computador precisa fazer diversas consultas ao serviço de DNS quando você acessa um site. Isso toma tempo. O [Google Public DNS](#), assim como os demais serviços citados, são projetados para dar respostas rápidas. Eles costumam ser mais velozes que o servidor de DNS oferecido por seu provedor de acesso.

Os dados trafegam de forma segura nessa rede?

Mesmo quando você se conecta a uma rede WiFi legítima, frequentemente é fácil bisbilhotar os dados que está enviando ou recebendo. Se eles não estiverem criptografados, você pode assumir que outras pessoas irão vê-los.

Felizmente, muitos serviços que você utiliza no dia a dia são fornecidos por sites que adotam o [Transport Layer Security \(TLS\) ou Secure Sockets Layer \(SSL\)](#). São sites cujo endereço começa com "https". O "s" vem de seguro. Ele significa que todas as informações trocadas com o site são criptografadas. Ainda que uma pessoa monitore a rede WiFi, ela não conseguirá compreender o que está sendo transmitido.

Isso diminui o risco de usar redes WiFi inseguras, mas não elimina, já que ferramentas amplamente usadas, como o email, transmitem informações de forma aberta, sem nenhuma criptografia.

Felizmente, é possível resolver essa questão e usar redes WiFi inseguras, sem que ninguém consiga ver o que está sendo transmitido.

Transporte de valores em ambientes inseguros

Um supermercado precisa transportar grandes quantidades de dinheiro em espécie para o banco, todos os dias. O caminho até o banco é inseguro. Diante de tanto dinheiro, a chance de roubo é grande.

O supermercado supera esse problema contratando os serviços de uma empresa de carros-forte. Em vez de transportar o dinheiro de forma aberta, ele segue fechado, em um veículo difícil de ser roubado. O supermercado tem um gasto para usar esse serviço, mas ele é menor que o potencial de perda por conta de um roubo.

A internet é um ambiente inseguro. Entretanto, quando você se conecta com um site, cujo endereço começa com "https", é como se um tubo blindado fosse criado entre seu computador e o site. As informações que você troca com o site transitam por dentro desse tubo.

Ainda que esse "tubo virtual" seja construído sobre a internet, ninguém consegue ver o que está passando dentro dele. Apenas você e o site sabem o que está trafegando nesse tubo "blindado".

Emails e outras informações transitam sem esse tipo de proteção. Por isso, transmitir o número de um cartão de crédito por email é como levar

todo o dinheiro de um dia de supermercado em uma mochila, no transporte público da cidade.

Para o caso de emails e outras informações transmitidas sem proteção, é possível criar um "tubo virtual blindado" que vá do seu computador até um servidor na internet. Quando suas informações trafegam por esse tubo, outras pessoas na mesma rede WiFi ficam impedidas de vê-las. Neste caso, o tubo não vai do seu computador até o computador da outra pessoa que receberá seu email. Porém, ele vai até um servidor da internet, fora da área mais crítica, que é a rede WiFi à qual você está conectado.

Fazendo uma comparação com o transporte de dinheiro, imagine uma cidade onde apenas algumas áreas são inseguras. Um supermercado localizado em uma dessas áreas usa o serviço de carro forte para levar o dinheiro até um centro de distribuição que fica localizado em uma área segura da cidade. A partir de lá, um carro normal leva o dinheiro até o banco, já que o mesmo também se encontra fora da área de risco.

Esse tipo de configuração é uma boa representação de como funciona uma [Virtual Private Network \(VPN\)](#). Quando você utiliza uma VPN, sua conexão passa a ser inteiramente criptografia até um servidor, localizado fora da rede WiFi que você está usando. A partir deste servidor, a conexão é insegura até o local que você está tentando acessar. O fato relevante é que você passa a ter um "tubo blindado" que leva suas informações com segurança para fora da rede WiFi em que você se encontra.

Isso te dá maior proteção. Se você estivesse usando uma VPN, o rapaz de aparência inocente não teria sido capaz de roubar o número de seu cartão de crédito, só pelo fato de estar conectado à mesma rede WiFi. O uso de uma VPN impede isso. É claro que, mesmo usando uma VPN, você não deve enviar informações sigilosas por email. A VPN apenas te protege no local em que é mais fácil roubar seus dados: na rede WiFi que você não controla.

O que é uma VPN

Uma VPN, como diz o próprio nome em inglês, é uma rede privada virtual. Redes privadas existem aos montes. Por exemplo, a rede de dados de uma empresa é uma rede privada. Só os funcionários da empresa e as pessoas que estão dentro dos escritórios da empresa têm acesso a essa rede. O mesmo acontece com redes de universidades, por exemplo. São redes de

comunicação fechadas. A internet, por outro lado, é uma rede aberta para todas as pessoas que quiserem se conectar a ela.

No caso da rede de uma empresa, imagine o caso de um funcionário que tenha de trabalhar de casa. Ele precisará ter acesso à rede privada da empresa. Como fazer isso se ele estiver fora dos escritórios da empresa. É aí que entra a parte "virtual" da história.

Para que esse funcionário possa se conectar de casa, a rede privada da empresa é estendida usando a infraestrutura da internet.

Dentro dos escritórios da empresa, a rede é mantida fechada através de uma série de cabos que só interligam os computadores que estão na empresa. Quando alguém precisa acessar essa rede de fora da empresa, o que se faz é criar um "tubo virtual blindado", que liga o computador do funcionário a um servidor dentro da rede da empresa. A partir do momento que esse "tubo virtual" é criado, é como se o funcionário estivesse usando um computador dentro do escritório da empresa, embora esse "tubo virtual" tenha sido criado sobre a infraestrutura da internet.

Outros usos para uma VPN

Se você não trabalha para uma empresa, nem tem o hábito de trabalhar a partir de redes WiFi abertas, é possível pensar que VPN não é algo importante para você como nômade digital. Não se iluda, você precisará de uma VPN por outras razões.

Viver como nômade digital te dá a liberdade de viajar pelo mundo. Nem todos os países são iguais quando o assunto é acesso à internet. Alguns deles restringem o acesso a diversos sites. Enquanto estiver visitando a China, por exemplo, não espere ser capaz de entrar no Facebook. Enquanto estiver em Dubai, não espere conseguir conversar pelo Skype.

Em muitos países, você se surpreenderá com a quantidade de sites relevantes que estarão fora de seu alcance, a menos que você utilize uma VPN. Com uma VPN, você consegue se conectar a um servidor localizado fora do país em que você se encontra. A partir desse servidor, você pode acessar qualquer outro site, sem problemas.

Por exemplo, se você estiver na China, pode configurar sua VPN para acessar a internet através de um servidor da Suíça. Dessa forma, será criado um "tubo virtual blindado" entre a China e a Suíça. A partir daí, para todos os efeitos, é como se você estivesse acessando a internet sentado em um

café em algum lugar da Suíça. Portanto, não terá nenhum tipo de restrição e poderá acessar o Facebook e qualquer outro site que quiser.

Se você é fã de serviços como o Netflix, logo terá uma surpresa ao mover-se pelo mundo. O conteúdo que ele apresenta varia de acordo com o país a partir do qual você o acessa. Por exemplo, aqui na Polônia, onde escrevo nesse momento, o Netflix não apresenta legenda em português na maioria dos filmes. Algumas séries não são nem mostradas aqui. O mesmo vale para outros serviços que mudam o conteúdo apresentado de acordo com o lugar em que você está.

Para resolver isso, você pode utilizar uma VPN e se conectar a um servidor no Brasil, por exemplo. Assim, para todos os efeitos, será como se você estivesse fazendo o acesso a partir de algum lugar do Brasil. Serviços como o Netflix se comportarão como se você estivesse no Brasil.

Se você tem o hábito de baixar arquivos usando protocolos [peer-to-peer](#), como o [BitTorrent](#), fique atento. Alguns países monitoram as comunicações e aplicam multas quando você transfere arquivos protegidos por direitos autorais, como músicas e filmes. Isso é comum na Alemanha, por exemplo. Nesses casos, é fundamental usar uma VPN quando estiver fazendo transferências de arquivos via [BitTorrent](#).

Usar uma VPN também ajuda a manter sua privacidade. Quando você conversa com outras pessoas usando serviços de [VoIP](#), como o [Skype](#), é fácil interceptar e escutar a conversar. Usando uma VPN, você pode evitar que isso ocorra.

Usar a VPN também pode trazer economias em suas compras online. Quando um site faz a venda de um produto pela internet, frequentemente ele precisa calcular o imposto a ser aplicado à compra. Se você está no Brasil e faz uma compra online, nenhum valor adicional lhe é cobrado para efeitos de imposto. Por outro lado, se estiver na Europa, por exemplo, a compra será taxada com o IVA (Imposto de Valor Agregado), que varia de acordo com o país. Aqui na Polônia, por exemplo, o valor é de 23%. É um acréscimo pesado.

Muitos sites definem o valor do imposto de acordo com o local de onde vem o acesso. Se você está na Europa e faz uma compra online, você será penalizado com o pagamento do imposto, a menos que tenha uma VPN. Usando a VPN, você pode se conectar a um servidor do Brasil, por exemplo, e fazer a compra sem a necessidade de pagar o imposto. Para

todos os efeitos, o site entenderá que você está fazendo o acesso a partir do Brasil e não cobrará o IVA.

Como nômade digital, é importante que você adote uma solução de VPN. Você passará por inúmeras situações que demandam seu uso.

Como funciona um serviço de VPN

Existem inúmeras empresas que oferecem serviços de VPN. Elas têm servidores espalhados por vários países e te fornecem um aplicativo para que você se conecte a eles. Se você quiser acessar algo que só está disponível nos EUA, por exemplo, basta escolher o servidor dos EUA e se conectar a ele. Feito isso, é como se você estivesse usando um computador nos EUA, o que te dá acesso a qualquer serviço que esteja disponível para quem mora lá.

A hora que estiver na China, você pode se conectar a um servidor localizado na Suíça, por exemplo. Dessa forma, vai se livrar de todas as restrições impostas pelo governo chinês.

Existem serviços de VPN gratuitos, mas o normal é que sejam pagos e não sejam caros. Evite os gratuitos. Lembre-se que todas as suas informações passarão pelo servidor da empresa que está fornecendo a VPN. Se ela o faz de graça, o mais provável é que esteja coletando seus dados e os esteja repassando para quem tenha interesse em pagar por eles. É preferível investir um pouco em um serviço pago que tenha uma boa reputação.

Escolha empresas que não guardem nenhum registro de suas atividades (*logs* de acesso). Isso ajuda a manter sua privacidade e te protege contra possíveis represálias por parte dos governos. Quando você baixa uma música ou filme usando [BitTorrent](#), por exemplo, o governo não ficará sabendo disso, mesmo se solicitar os dados de acesso ao serviço de VPN, desde que o mesmo não guarde registros de acesso.

Para ter esse nível adicional de privacidade, evite fornecedores de VPN que estejam localizados em países cujos governos tenham um histórico de monitorar as comunicações. Isso vale para EUA, Inglaterra, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, a maior parte da União Européia, entre outros. A Suíça, que não faz parte da União Européia, é apontada como uma boa alternativa, assim como Hong Kong e alguns outros países.

A solução que eu utilizo, por exemplo, chama-se [PureVPN](#). A empresa fica em Hong Kong e o serviço sempre me atendeu. Ela me dá acesso a mais de 500 servidores, espalhados por mais de 140 países. Há muitos serviços de VPN. Faça uma pesquisa cuidadosa e adote uma solução que atenda as suas necessidades.

Autenticação de dois fatores

Você mal acorda e já alonga o braço para pegar o *smartphone* ao lado da cama. Ainda deitado, lê os emails que chegaram durante a noite. Sua preguiça se transforma em pavor quando você vê um email de seu banco, informando que houve um acesso suspeito a sua conta. Ele solicita que você clique no botão que se encontra no final da mensagem e acesse o site do banco para trocar a senha.

Apavorado, você corre para o computador, clica no tal botão e vai até uma página do banco que, primeiro, pede para você se identificar colocando a agência, a conta e a senha atual. Você o faz na esperança de resolver logo essa questão. A seguir, o banco apresenta uma tela onde informa que está tudo em ordem com sua conta. Foi apenas um alarme falso. Tenha um bom dia.

Seu acesso ao internet banking acaba de ser roubado usando uma técnica de [engenharia social](#) chamada de [phishing](#). O email que você recebeu era falso. Foi elaborado cuidadosamente para se parecer com uma mensagem autêntica de seu banco. O link que você clicou também levou a uma página praticamente idêntica a do banco. O que você não percebeu é que o endereço dela estava errado.

[Phishing](#) é uma técnica através da qual um bandido tenta te fazer crer que está acessando um site verdadeiro, especialmente de uma instituição bancária. Por achar que se trata de seu banco, você se sente à vontade para colocar seus dados de login no formulário falso. Só que os dados de acesso são enviados para os bandidos e não para o banco.

O uso dessa técnica e diversas variantes é comum. Inúmeras pessoas caem nessa armadilha todos os dias e perdem muito dinheiro. Essa é uma das razões pelas quais devemos ter cuidado com links e anexos em emails.

Muitas vezes, os anexos instalam algum tipo de [malware](#). São programas que ficam rodando em seu computador sem que você saiba. Quando você acessa o internet banking, o [malware](#) captura os dados de acesso e os envia

para seus criadores. É por essa razão que os bancos frequentemente exigem que você instale uma extensão em seu navegador, para que possa ter acesso ao *internet banking*. Ela tenta impedir o funcionamento desses programas maliciosos, porém nem sempre consegue.

Na situação que descrevi, você pode ter criado a melhor senha do mundo e, ainda assim, seu acesso ao *internet banking* seria comprometido. Afinal, você mesmo entregaria a senha aos ladrões.

Senhas fortes são fundamentais para aumentar sua segurança digital, mas não são suficientes. Por essa razão, diversos sites e serviços online também permitem (ou exigem) que você utilize um segundo fator de autenticação. Isso é chamado de autenticação de dois fatores ou [two-factor authentication \(2FA\)](#).

É algo que você já usa fora da internet. Quando faz um saque em um caixa eletrônico, por exemplo, você usa o conceito de autenticação de dois fatores. Você precisa inserir o cartão do banco, que é uma forma que o banco tem de identificar que o acesso vem de você, e a senha do cartão. Portanto, você usa dois fatores distintos: algo que você tem (o cartão) e algo que você sabe (a senha). Atualmente, isso está indo além, já que alguns bancos passaram a pedir também a sua impressão digital, como mais uma forma de identificar que o acesso está sendo feito por você.

No caso da internet, a combinação login/senha é um fator de autenticação que está sempre presente. Além dele, alguns sites e serviços online utilizam outros, tais como mensagens SMS. Nesses casos, após informar o login e a senha, o site envia um SMS para seu telefone contendo um código numérico e pede que você o informe. Você só consegue fazer o acesso se inserir no site o código correto que foi enviado para o telefone.

Dessa forma, o acesso depende de dois fatores: algo que você sabe (a combinação de login e senha) e algo que você possui (o telefone). Isso diminui drasticamente a chance de um bandido acessar sua conta de forma indevida. Ainda que ele seja capaz de roubar sua senha, se ele não tiver seu telefone, ele não conseguirá acesso a sua conta.

O uso da autenticação de dois fatores é fundamental, especialmente se considerarmos que 95% dos ataques se baseiam no roubo de credenciais (login e senha) em computadores e dispositivos móveis, segundo dados do [2016 Data Breach Investigations Report](#), da [Verizon](#).

Muitos serviços permitem que você habilite a autenticação de dois fatores. A maioria não exige que você o faça. Entretanto, recomendo

fortemente que habilite essa opção, especialmente para o acesso a:

- Bancos
- Plataformas de pagamento
- Sites de compra online (como a Amazon)
- Serviços de email (Gmail, Yahoo, Hotmail)
- Serviços de armazenamento de arquivos na nuvem (Dropbox, Sync, Box)
- Contas em redes sociais (Facebook, Twitter, LinkedIn)
- Ferramentas de produtividade (Evernote, Trello)
- Ferramentas de comunicação (Slack, Skype, MailChimp)

Tipos de autenticação de dois fatores

O envio de SMS é uma das formas mais conhecidas de implementar autenticação de dois fatores, porém existem alternativas melhores.

Ligação

A empresa liga para seu telefone e informa o código de autenticação por voz. Em alguns casos, basta atender à ligação para o acesso ser concedido.

Push notification

Esse método exige que você instale um aplicativo em seu *smartphone*. Quando tenta acessar o site, ele envia um pedido de confirmação para o aplicativo no *smartphone*. Você recebe uma notificação e precisa tocar em um botão de confirmação no *smartphone* para que o acesso ao serviço seja liberado.

Código temporário

Esse método pode ser usado com um aplicativo, em seu *smartphone*, ou com um dispositivo eletrônico externo, como um *token*, desses que os bancos disponibilizam para seus clientes. O aplicativo, ou o *token*, gera um

código numérico que dura até um minuto, por exemplo. Para ter acesso ao serviço, você coloca o login e a senha. Em seguida, consulta o código numérico que é mostrado no aplicativo do *smartphone*, ou no *token*. Você o digita no site e o acesso é liberado.

Dispositivo USB

Existem dispositivos, como o [Yubikey](#), que podem ser usados como um fator de autenticação. Você registra o dispositivo junto ao site ou serviço que deseja usar. Quando quiser acessar, informa o login e senha. Em seguida, insere o dispositivo na porta USB e toca nele. O próprio dispositivo gera um código de autenticação e envia para o site, que libera seu acesso.

Nesse caso, em vez de se basear no uso de seu *smartphone*, utiliza-se esse dispositivo USB, que costuma ser tão pequeno ou menor que um *pendrive*. O bandido que quiser ter acesso a sua conta não conseguirá, a menos que tenha conseguido roubar o dispositivo de você.

Riscos de adotar autenticação de dois fatores

Ter acesso a seus dados quando precisa deles é tão importante quanto protegê-los. Além de dificultar o acesso aos dados, por criar um passo adicional, a autenticação de dois fatores aumenta as chances de que você mesmo não consiga acessar os sites e serviços em que possui cadastro.

Para funcionar, ela depende de dispositivos, tais como *smartphones*, dispositivos USB, *tokens*, entre outros. Em princípio, se você perde o dispositivo ou é roubado, você fica impedido de acessar os sites e serviços em que habilitou a autenticação de dois fatores.

Esse é um risco sério e as consequências podem ser graves. Já aconteceu comigo. Precisei apagar os dados de meu *smartphone* e não notei que perderia o acesso aos serviços em que habilitei a autenticação de dois fatores.

Felizmente, na época, eram poucos os serviços em que eu havia habilitado essa forma de autenticação. Todos ofereciam uma forma de desabilitar a autenticação de dois fatores, desde que eu me identificasse enviando cópias de documentos e fornecendo algumas informações adicionais.

Como tudo na vida, o uso da autenticação de dois fatores tem prós e contras. O maior contra é o risco de perder o acesso a seus dados se ocorrer um problema com o dispositivo usado na autenticação. Felizmente, é possível mitigar tais riscos tomando as providências que explicarei a seguir.

Como adotar autenticação de dois fatores

Como já foi explicado, existem várias maneiras de implementar autenticação de dois fatores. Cada site ou serviço decide que mecanismos seus usuários poderão usar como fatores adicionais de autenticação. Alguns, como é o caso do Google, oferecem diversas alternativas. Começarei citando o exemplo dele, para que você tenha uma ideia das possibilidades.

Em primeiro lugar, você pode ativar a autenticação de dois fatores informando um número de telefone para o Google. Quando você tentar acessar sua conta, ele enviará um SMS ou fará uma ligação para esse número, na qual informará um código. Você deve digitá-lo na tela para concluir o login.

É possível cadastrar um ou vários números de telefone. Isso é bom, especialmente se você tem um companheiro ou uma companheira. Você pode cadastrar o telefone da outra pessoa também. Assim, se houver algum problema com o seu, você poderá receber o código no dela.

Na prática, usar um número de telefone como segundo fator de autenticação costuma ser uma má ideia para nômades digitais. Como nós mudamos de país e de número de telefone com frequência, essa alternativa não é sustentável. Existem formas melhores.

Uma maneira mais prática é instalar o aplicativo do Google em seu *smartphone*. Depois de fazer o login nesse aplicativo, você pode configurar sua conta para usá-lo como um segundo fator de autenticação. Quando você tentar acessar sua conta no Google, o aplicativo do *smartphone* te mostrará uma notificação, pedindo que você confirme o acesso. Basta tocar no botão de confirmação para ter acesso a sua conta.

Mais uma vez, se você vive com outra pessoa, é possível usar o aplicativo do Google tanto em seu *smartphone*, quanto no da outra pessoa. Isso é bom para diminuir a chance de você ficar trancado do lado de fora.

O Google também te fornece o que chama de códigos alternativos. Trata-se de uma tabela contendo dez códigos pré-configurados. Você pode usar cada um deles uma única vez para acessar sua conta se estiver sem o

smartphone. Eles são particularmente úteis quando você perde o *smartphone* ou é roubado.

Esses códigos devem ser guardados com segurança, em seu gerenciador de senhas, juntamente com o login e a senha de acesso ao Google. Eles são um backup importante para evitar que você fique de fora se algo acontecer com seu *smartphone*.

Se você tiver um dispositivo USB, como o [Yubikey](#), você também pode habilitá-lo para ser usado como um fator de autenticação no Gmail.

Por fim, é possível usar o [Google Authenticator](#) em seu *smartphone* para gerar códigos únicos, que têm validade de alguns segundos. Para usar essa alternativa, você precisa instalar o aplicativo [Google Authenticator](#) em seu *smartphone* e configurá-lo para ser usado em conjunto com sua conta do Google. Na hora de acessar o Google, você coloca o login e a senha. Em seguida, consulta o código corrente no [Google Authenticator](#) e o informa na tela de acesso.

Esse método é semelhante a receber um SMS porque você recebe um código no *smartphone* para digitar na tela de login. No entanto, o uso do [Google Authenticator](#) é preferível quando seu número de telefone muda com frequência porque seu funcionamento não é afetado pela troca do número.

O Google faz um ótimo trabalho e oferece diversas formas de autenticação de dois fatores. A maioria dos sites e serviços oferece apenas uma maneira. Na maior parte dos casos, é preciso informar um código gerado a partir do [Google Authenticator](#) ou aplicativos equivalentes.

Existem vários aplicativos que fazem o mesmo trabalho do [Google Authenticator](#), mas com algumas vantagens. O gerenciador de senhas [1password](#) possui seu próprio gerador de códigos únicos, equivalente ao [Google Authenticator](#), portanto pode substituí-lo.

Quando você for habilitar a autenticação de dois fatores em um site, você pode usar o próprio [1password](#) como "dispositivo" para gerar o código adicional para acesso ao site ou serviço. Você habilita essa funcionalidade no mesmo registro do [1password](#) onde cadastra o login e a senha de um site.

Quando você acessa o site, você usa o [1password](#) para preencher o login e a senha automaticamente. Em seguida, copia o código único que ele gera (segundo fator de autenticação) e cola no campo equivalente do site.

Isso permite que você utilize a autenticação de dois fatores de maneira segura, sem depender de seu *smartphone*. Você precisa apenas de ter acesso

a seu gerenciador de senhas, que é uma dependência que você já tinha, de um jeito ou de outro, antes de começar a usar a autenticação de dois fatores.

Se você não quiser adotar o [1password](#) e preferir usar um *smartphone*, recomendo que adote o [Authy](#) em vez do [Google Authenticator](#). Ele faz a mesma coisa, porém permite fazer um backup de suas configurações de autenticação. Dessa forma, se o *smartphone* for roubado ou você o perder, é possível restaurar o backup do [Authy](#) em outro dispositivo. Inclusive, você pode até mesmo restaurá-lo em um *tablet* ou em um computador. De fato, você pode usar o [Authy](#) em seu próprio computador, de forma semelhante ao que pode fazer com o [1password](#). Essa é outra maneira de evitar o uso do *smartphone* e ainda ter a chance de habilitar a autenticação de dois fatores onde quiser.

Com as ferramentas que existem hoje, especialmente com [1password](#) e o [Authy](#), é fácil usar autenticação de dois fatores e o risco de ficar impedido de acessar seus dados é baixo. Você não precisa nem mesmo usar um *smartphone*, se assim preferir.

Não há desculpa. Proteja o acesso aos sites e serviços mais importantes que você usa no dia a dia habilitando a autenticação de dois fatores. É um dos passos mais importantes que você pode dar para impedir o acesso indevido a seus dados online. Você pode conferir a lista de serviços populares que oferecem autenticação de dois fatores em <https://twofactorauth.org/>.

Email

Seu computador está ligado há semanas. Em seu navegador, uma aba fica aberta o tempo todo com o Facebook. Além de distração, é a ferramenta que você usa para trocar informações com outras pessoas que trabalham com você.

Hoje você vai trocar de cidade. Finalmente o computador é desligado e pode descansar por algumas horas. Chegando à nova cidade, o Facebook pede que você faça o login novamente. Infelizmente você ainda não usa um gerenciador de senhas e esqueceu a senha do Facebook. Fazia tempo que você não precisava usá-la. E agora?

Você escolhe a opção "Esqueci minha conta" no Facebook. Coloca seu endereço de email e ele envia uma mensagem para você, com um link para cadastrar uma senha nova.

Seu endereço de email é o seu identificador no Facebook, assim como o local para onde será enviado este link de recuperação, caso você perca a senha. Isso também acontece em vários outros sites. Na maioria deles, o email serve como identificador e mecanismo para recuperação do acesso, quando a senha é esquecida.

Fora da internet, se você não consegue lembrar a senha do cartão do banco, por exemplo, você pode ir pessoalmente até uma agência, identificar-se com sua carteira de identidade, ou outro documento, e pedir para criar uma nova senha. A carteira de identidade, a carteira de motorista e outros documentos do gênero, são formas aceitas pelo banco de provar que você é o dono da conta corrente.

Na internet, seu email frequentemente funciona como se fosse sua carteira de identidade. Ele é usado para te identificar na maioria dos sites. Quando ocorre algum problema, é para ele que os sites enviam uma forma de recuperação de acesso.

Entenda isso com atenção. Seu email não é apenas uma ferramenta de comunicação. É também um instrumento de identificação dos mais usados na internet.

Perder o acesso a seu email pode significar ficar sem acesso a diversos serviços importantes. Se alguém obtém acesso indevido a seu email, essa pessoa pode se passar por você com facilidade. É como se ela tivesse pego a sua carteira de identidade e passasse a usá-la para se identificar como você.

No exemplo do Facebook, se um ladrão tiver acesso a seu email, ele pode obter acesso ao Facebook facilmente. Basta solicitar que o Facebook envie uma nova senha para seu email. O ladrão vai recebê-la e entrar em seu Facebook. Ele não se contentará apenas com o Facebook. Se tiver acesso a seu email, ele pode entrar em todos os serviços que você utiliza usando a estratégia de recuperar a senha "esquecida".

Por tudo isso, é vital que você proteja seu email com o maior cuidado possível.

Gmail

Muita gente tem conta de email no [Gmail](#). É provável que você também tenha. Por essa razão, descrevo abaixo alguns cuidados que você deve ter com sua conta do [Gmail](#). Se você não o utiliza, aplique os mesmos cuidados ao serviço de email que usa.

Cadastre uma senha forte em seu email. De preferência, use um gerenciador de senhas para criar uma senha forte e armazená-la. O Gmail permite que as senhas tenham até 100 caracteres. Use todos eles.

Para recuperar o acesso à conta se você perder a senha, o Gmail permite que você cadastre um endereço de email alternativo e um telefone. Cadastre essas duas informações em sua conta e as armazene cuidadosamente em seu gerenciador de senhas, no mesmo registro em que colocou a senha de sua conta do Gmail. Isso é muito importante para quem é nômade digital.

Como estamos sempre mudando de número de telefone, se você não guardar o número do telefone de recuperação, o mais provável é que não consiga lembrar-se dele. E ele é usado com mais frequência do que se imagina.

Para te proteger de acessos indevidos, o Gmail monitora seu padrão de utilização. Quando você troca de país e faz o primeiro acesso ao Gmail, ele percebe que há algo fora do padrão. Para ter certeza de que é você mesmo que está tentando acessá-lo, ele não libera seu acesso apenas com o login e a senha. Ele pede para enviar um SMS para seu número de telefone de recuperação, com um código numérico.

Em seu caso, como nômade, é provável que esse número não esteja mais funcionando, o que te impede de receber este SMS. Felizmente, o Gmail também te dá a opção de confirmar seu número de telefone de recuperação. Basta digitá-lo para que o acesso seja autorizado. Por essa razão, é fundamental que você guarde esse número com cuidado em seu gerenciador de senhas. Perdê-lo pode ser tão grave quanto perder a própria senha.

O Gmail oferece a opção de enviar um email para você toda vez que for feita uma tentativa de login em sua conta. É bom habilitar essa opção. Dessa forma, se alguém tentar fazer um acesso ou até mesmo conseguir, você receberá uma mensagem no email alternativo. Isso permite que você fique sabendo do problema com maior rapidez e tome as providências necessárias.

O Gmail também oferece diversas alternativas para autenticação de dois fatores, como expliquei antes. Em função da importância de sua conta de email, é vital ativar a autenticação de dois fatores.

Se você cadastrar uma senha forte e habilitar a autenticação de dois fatores, a chance de ter sua conta de email roubada é mínima.

Como enviar mensagens de email seguras

Nos tempos de Romeu e Julieta, as pessoas se comunicavam à distância usando cartas. Elas são usadas há séculos no mundo inteiro.

A carta é um instrumento de comunicação simples e fácil de usar, porém inseguro. Qualquer pessoa pode abrir uma correspondência.

Quando o email foi criado, o principal objetivo era permitir que as pessoas passassem a enviar "cartas" de forma eletrônica. Ele imita as mesmas características de uma carta física. É muito simples de usar e igualmente fácil de ser aberto por qualquer pessoa.

O email deixa rastros. Uma cópia dele fica em seu provedor de email. Outra fica no provedor de email da pessoa com quem você está se comunicando. E é possível que uma cópia também fique em vários outros servidores no meio do caminho, os quais você nem imagina que existam. Em todos esses lugares, existe o potencial de pessoas abrirem o email e obterem informações sigilosas. Além disso, o conteúdo do email trafega aberto pelas mais diferentes redes e pode ser visto com facilidade.

Por todas essas razões, você nunca deve enviar informações confidenciais por email, a menos que adote a ferramenta que descrevo a seguir. Existem alternativas ao email que são igualmente fáceis de usar e permitem trocar informações de forma sigilosa.

O [WhatsApp](#), por exemplo, implementa o que é chamado de [criptografia de ponta a ponta](#). Quando você conversa com alguém através dele, a mensagem é criptografada em seu *smartphone* e só pode ser aberta no *smartphone* da pessoa com quem você está conversando.

Mesmo que alguém intercepte a comunicação, não conseguirá saber o que está sendo discutido. Se você tiver de transmitir uma informação confidencial, é preferível usar o [WhatsApp](#), [Signal](#), [iMessage](#) ou outros aplicativos que implementem criptografia de ponta a ponta.

Se você realmente precisa usar o email, é possível fazê-lo de forma segura, porém o processo é um pouco trabalhoso. Você consegue implementar criptografia de ponta a ponta no email usando o [OpenPGP](#). Ele faz o seu email funcionar de forma semelhante ao [WhatsApp](#). Toda mensagem que você envia para uma pessoa só pode ser aberta por ela e mais ninguém.

O [OpenPGP](#) também permite assinar mensagens. Assim você pode ter certeza que uma mensagem veio de Joana, por exemplo, e não de alguém tentando se passar por ela. Saber que você está trocando informações

sigilosas com a pessoa certa é tão importante, em se tratando de segurança, quanto criptografar a informação. O [OpenPGP](#) permite fazer as duas coisas.

O [OpenPGP](#) se baseia em [criptografia de chave pública](#). Cada pessoa envolvida na comunicação possui uma chave pública e uma privada. Joana envia a chave pública dela para você. Toda vez que você escreve para ela, você utiliza a chave pública dela para "trancar" o conteúdo da mensagem. A partir daí, só a própria Joana, com a chave privada dela, será capaz de ler a mensagem. Nem mesmo você, que "trancou" a mensagem, é capaz de abri-la usando a chave pública. Ela só pode ser usada para trancar. Ela não serve para destrancar.

Para o [OpenPGP](#) funcionar, é preciso que você crie um par de chaves (pública e privada) para si mesmo. A outra pessoa, com quem você irá conversar, também precisa criar um par de chaves para ela.

Essa configuração inicial dificulta a adoção do [OpenPGP](#). Mesmo que você se dê ao trabalho de fazê-la, a maioria das pessoas com as quais irá conversar não terá ou estará disposta a criar um par de chaves para se comunicar com você.

Em termos práticos, o [OpenPGP](#) é útil na comunicação com pessoas com as quais você troca informações periodicamente. Pessoas que trabalham na mesma organização ou no mesmo projeto que você, por exemplo.

Se você precisa trocar informações confidenciais com frequência e precisa usar o email para tal, adote o [OpenPGP](#). Não envie informações sigilosas por email sem usá-lo.

Cartão de crédito

Que estranho! Essa foi a reação de Pati ao olhar a fatura do cartão de crédito. Ela notou que havia três compras que não tinha feito e me perguntou se eu sabia o que poderia ser. Logo percebemos que outra pessoa havia usado o cartão.

Tínhamos retornado de uma viagem aos Estados Unidos algumas semanas antes. O cartão foi clonado lá. Por sorte, foram apenas três compras, de valores relativamente baixos. Ainda assim, foi trabalhoso convencer a emissora do cartão. Foram necessárias várias ligações e correspondências, além de bloquear o cartão. O trâmite tomou tanto tempo e foi tão burocrático, que Pati cancelou o cartão e desistiu dele.

Ela teve sorte. Poderia ter sido muito pior. E o prejuízo talvez fosse irreversível.

O uso de cartões de crédito é uma comodidade que faz parte da vida de todos nós. É particularmente importante para nômades digitais. Quando compramos passagens aéreas, por exemplo, a forma mais simples de pagar é usando cartão de crédito.

Essa comodidade tem um preço. Precisamos ser cuidadosos na hora de usar o cartão. Especialmente quando fazemos compras online.

Cuidado com quem você se relaciona

Nem todos os sites são iguais. Alguns são picaretas. Outros são legítimos, porém inseguros. Poucos são legítimos, seguros e confiáveis.

Evitar sites picaretas é a principal forma de impedir que o número de seu cartão caia nas mãos erradas. Na medida do possível, compre apenas em sites de empresas que você conhece ou que têm uma boa reputação no mercado. Se você, ou alguém que conhece, já comprou no site e não teve problemas, siga em frente.

Tenha cuidado com sites que oferecem preços e condições excessivamente atraentes. Quando a oferta é boa demais, há uma grande chance de ser fraude.

Cuidado com sites mal desenvolvidos, com textos escritos de forma errada, imagens de baixa qualidade e design mal acabado. Empresas idôneas tentam construir uma reputação sólida. Criar uma boa apresentação visual é parte desse esforço. Quando o site é feito com desleixo, ele muitas vezes é apenas uma fachada para organizações fraudulentas.

Se o site for brasileiro e você não tiver conhecimento da reputação dele, veja se há queixas no [ReclameAqui](#) e se ele encontra-se na lista negra do [Procon SP](#). Para sites fora do Brasil, faça uma busca no Google para verificar se existem relatos de fraude relacionadas ao site.

Além de verificar a idoneidade da empresa, você também precisa ter certeza de que realmente está entrando no site dela. Cuidado com links recebidos por email ou redes sociais. É possível que eles levem você a um site falso, porém parecido ao de uma empresa idônea. Você acha que está dando o número do cartão para uma empresa boa, quando na verdade o está passando para ladrões.

Na hora de fazer a compra online, ative a navegação privada de seu navegador e digite o endereço do site. É mais seguro fazer isso que clicar em um link que alguém tenha lhe passado, especialmente se for de alguma suposta promoção.

No momento de colocar o cartão de crédito, olhe atentamente para o endereço no navegador. Ele é o endereço correto da empresa? Por exemplo, você quer comprar um item na Amazon Brasileira, cujo endereço correto é amazon.com.br. Entretanto, o endereço que está no navegador é amazonbr.com.br. Percebeu a diferença?

Vou enfatizar o erro para ficar mais fácil. O endereço amazonBR.com.br é diferente de amazon.com.br. Essa pequena diferença é crucial, mas costuma passar despercebida.

Difícilmente você vai entrar em um endereço como amazonBR.com.br se digitá-lo diretamente no navegador. Porém é fácil cair nele se você seguir um link de um email, por exemplo. Então, digite o endereço e analise com cuidado o endereço que aparece no navegador no momento de fazer o pagamento.

Não forneça o cartão de crédito apenas para fazer o cadastro em um site. Só o informe na hora de fazer um pagamento, ou seja, ao final de um ciclo de compra. Se o site insiste que você insira o número do cartão antes de poder fazer qualquer coisa, isso é um mau sinal. É melhor não prosseguir.

Alguns sites se oferecem para guardar o número de seu cartão, de modo a facilitar sua vida quando você fizer outra compra no futuro. Recuse essa oferta e não permita que o site guarde o número de seu cartão, a menos que você esteja assinando um serviço, cuja cobrança ocorrerá periodicamente.

Utilize um dispositivo seguro

Só use seu próprio computador, *smartphone* ou *tablet* quando fizer uma compra online com cartão de crédito. Nunca use o computador de outra pessoa. Sobretudo, não use computadores públicos em *lan houses*, bibliotecas, albergues e hotéis. Você não tem como saber se esses equipamentos estão infectados com algum tipo de vírus ou *malware*.

Como já mencionei antes, tenha cuidado com seu computador e dispositivos. Tenha atenção com os aplicativos que instala. Use apenas aplicativos que sejam bem avaliados e baixe-os de fontes confiáveis.

Adote um bom antivírus, com capacidade para te proteger contra *malwares* em geral. Se estiver utilizando *smartphone* ou *tablet* Android, use um aplicativo de segurança para protegê-lo.

Mantenha o sistema operacional atualizado, tanto no computador, quanto nos dispositivos móveis. O mesmo vale para os navegadores. Atualize-os sempre. As atualizações do sistema e dos navegadores costumam corrigir eventuais falhas de segurança.

Os navegadores oferecem a possibilidade de armazenar senhas e números de cartões de crédito. Desabilite essa funcionalidade em todos os navegadores que utiliza. Tanto no computador, quanto nos dispositivos móveis. Se já houver alguma senha ou número de cartão salvos, remova-os do navegador. Essas informações só devem ficar guardadas em seu gerenciador de senhas. Só ele é seguro para guardar informações tão confidenciais.

Utilize uma conexão segura

Evite fazer compras online quando estiver conectado ao WiFi de locais públicos como cafés, restaurantes e bibliotecas. Só siga em frente, nesses locais, se estiver usando uma VPN confiável. Se estiver usando um *smartphone*, desconecte do WiFi e faça a compra usando o 3G ou 4G. E, claro, tenha cuidado na hora de digitar o número do cartão para que outras pessoas não o vejam.

Só faça a compra se o site oferecer uma conexão segura. O endereço da página em que você coloca o número do cartão tem de começar com "https://" . O "s" precisa estar presente. Ele indica que a conexão é segura. Além disso, você deverá ver o **símbolo de um cadeado** do lado esquerdo do endereço. Isso confirma que a conexão é segura.

Jamais coloque o número de seu cartão de crédito em uma página cujo endereço comece apenas com "http://" (sem o s) e na qual não apareça o cadeado do lado do endereço.

A presença do "https://" e do cadeado indicam que a conexão é segura. Ninguém será capaz de interceptar o número do cartão no caminho entre seu computador e o site. Entretanto, se a empresa for picareta, de nada adianta. Por isso o primeiro passo é sempre garantir que você esteja se relacionando com uma empresa idônea.

Código de confirmação

Algumas emissoras de cartões de crédito oferecem camadas adicionais de proteção para impedir fraudes nas compras online. Elas costumam fazer isso enviando um código de confirmação para seu celular ou para um aplicativo em seu *smartphone* quando você faz uma compra online. Trata-se de um mecanismo de autenticação de dois fatores, semelhante ao que já foi explicado antes para a proteção do acesso a sites.

Se seu cartão de crédito oferece esse tipo de proteção, é aconselhável habilitá-la e usá-la. Porém, para o caso de nômades digitais, é preciso estar atento a um detalhe crucial. Nós trocamos de número de celular com frequência. Isso torna complicado o uso de mensagens SMS para confirmação das compras.

Se o banco só permite a confirmação por SMS, não vai adiantar cadastrar o número de seu telefone no Brasil, porque ele provavelmente deixará de funcionar quando você estiver viajando pelo mundo. Se você tiver um plano pós-pago, pode ser que ele funcione em outros países. Mas se for um pré-pago, é certo que deixará de funcionar.

Nesse caso, uma saída é cadastrar o número do telefone de um familiar, com o qual você mantenha contato frequente pelo WhatsApp, por exemplo. Quando precisar usar o cartão online, comunique-se com a pessoa e peça para ela receber o código e te passar pelo WhatsApp.

Se for possível cadastrar mais de um telefone para receber o SMS, faça-o. Cadastre o número de diversas pessoas de sua confiança. Isso contribui para você sempre ter acesso a alguém que possa receber o código.

Monitoramento das compras

Algumas emissoras permitem configurar o cartão de tal modo que uma notificação seja enviada para você toda vez que uma compra for feita. Ela pode ser por SMS, email ou pelo aplicativo do cartão no *smartphone*. Essa funcionalidade costuma ser gratuita.

Verifique se a emissora de seu cartão oferece essa funcionalidade. Vale a pena utilizá-la. Se a notificação for feita apenas com SMS, você não os receberá quando estiver fora do Brasil. O ideal é receber as notificações por um aplicativo, como acontece no caso do [Nubank](#), por exemplo.

Verifique a fatura de seu cartão com frequência. Se for possível acessá-la pela internet, consulte-a uma vez por semana. Isso te ajuda a identificar compras fraudulentas com rapidez.

Se você perceber que seu cartão foi usado sem sua autorização, ligue imediatamente para a emissora e peça o bloqueio dele. É importante você bloqueá-lo rapidamente para impedir que continue a ser usado pelos bandidos.

Durante a ligação, consulte os procedimentos necessários para a emissora fazer o estorno das compras fraudulentas. Anote o número do protocolo, a data e o horário da ligação. Pode ser uma boa ideia registrar um boletim de ocorrência na delegacia.

Em caso de roubo, você também deve ligar para a emissora e pedir o bloqueio do cartão. Para que possa informar o número do cartão roubado, você precisa tê-lo anotado em algum lugar seguro. Cadastre todos os dados do cartão (número, data de validade, código de segurança, nome no cartão), bem como todos os telefones de contato da emissora, em seu gerenciador de senhas. Assim você terá acesso aos dados do cartão para que possa solicitar o bloqueio dele.

Nubank

[Nubank](#) é um cartão de crédito brasileiro que possui algumas características úteis para proteger seus pagamentos pela internet. Ele não trabalha com códigos de autorização para confirmar as compras. Entretanto, possui notificação através de seu aplicativo, o que o torna atraente para quem muda de número de telefone com frequência.

Além disso, pode-se usar o aplicativo para ajustar o limite de crédito. Por exemplo, imagine que você tenha um limite de R\$ 20 mil, mas costume gastar bem menos que isso. Suponha que você não gaste mais de R\$ 500 reais por mês no cartão. Você pode reduzir o limite para R\$ 500 através do aplicativo. A qualquer momento, se precisar, você pode elevar esse limite até o valor máximo de R\$ 20 mil reais. Reduzindo o limite pelo aplicativo, se o cartão ou o número dele forem roubados, o estrago que o ladrão poderá fazer será de, no máximo, R\$ 500.

Na primeira compra que o ladrão fizer, você já receberá uma notificação pelo aplicativo. Ao notar que a compra é inválida, você também pode fazer

o bloqueio imediato pelo próprio aplicativo. Tanto a redução do limite, quanto o bloqueio também podem ser realizados através do site do [Nubank](#).

Essas características tornam o [Nubank](#) um ótimo cartão para ser usado no dia a dia. Sempre que possível, use cartões que tenham as mesmas características do [Nubank](#) ou superiores.

Cartões de crédito virtuais

Você está na Ásia e recebe uma mensagem do banco informando que precisa ir à agência para resolver algumas pendências cadastrais. O assunto é sério e precisa ser resolvido até o fim da semana.

Não há a menor chance de você voltar ao Brasil apenas para resolver essa questão. Felizmente, você fez uma procuração para um familiar. Você concedeu a seu procurador alguns poderes para te representar junto ao banco. De acordo com a procuração, ele não pode sacar, transferir dinheiro nem movimentar sua conta, mas pode resolver essas questões cadastrais.

Para todos os efeitos, o procurador é como se fosse você. Ele atua em seu nome e pode fazer diversas operações no banco, embora não tenha o poder de fazer todas. O exemplo do procurador ajuda a entender o que é um cartão virtual e como ele pode ajudar a preservar a segurança de seu cartão de crédito real.

O risco de usar cartões de crédito na internet é o número dele cair nas mãos erradas. A melhor forma de eliminar esse problema seria nunca fornecer o número do cartão. Isso é possível usando **cartões virtuais**, que são oferecidos por algumas emissoras de cartão de crédito.

O cartão virtual é como se fosse um procurador de um cartão de crédito real. Ele representa um cartão de crédito real.

Um cartão virtual fica vinculado a um cartão de crédito real e tem as mesmas características de um cartão real. Tem um número, nome do titular, data de validade e código de verificação. Esses números são diferentes daqueles que aparecem no cartão real, ao qual ele está vinculado.

Você pode usar essa numeração para fazer compras pela internet. Em vez de colocar o número do cartão real, você insere o do virtual. Qual a vantagem disso?

Quando você cria um cartão virtual e o vincula a um real, você pode estabelecer alguns limites para ele. Da mesma forma que pode entregar uma

procuração para uma pessoa, na qual constam certos limites do que ela pode fazer em seu nome.

Você pode atribuir um limite de crédito menor para seu cartão virtual, assim como no caso do [Nubank](#). A diferença é que, no [Nubank](#), esse limite menor aplica-se ao cartão real. No caso do cartão virtual, o limite afeta apenas o virtual, enquanto o cartão real continuará com o limite inalterado.

As emissoras que oferecem cartões virtuais muitas vezes permitem que você crie diversos deles para um mesmo cartão físico. Se você faz compras na Amazon, por exemplo, você pode criar um cartão virtual apenas para ela, com um limite menor, que faça sentido para seus gastos. Pode criar um outro para o Uber, outro para o Netflix, um para o Spotify e por aí vai.

Se houver um roubo da base de dados de cartões de um desses sites, o estrago será contigo ao limite que você atribuiu ao cartão virtual correspondente. E tem mais. Cartões virtuais também costumam ser fáceis de bloquear. Você bloqueia e libera o uso por um aplicativo.

No caso do roubo do número de um cartão de crédito real, você precisa fazer o bloqueio dele e esperar alguns dias até que a emissora enviar um novo para você. No caso do virtual, essa espera não existe. Basta bloqueá-lo e criar um novo em seu lugar usando um aplicativo. Seu cartão real não é afetado e pode continuar a ser usado normalmente.

Em alguns casos, você também pode configurar o cartão virtual para que seja bloqueado automaticamente após a primeira compra. Isso é útil quando você está fazendo uma compra pontual. Você pode criar um cartão virtual apenas para ela. Uma vez feita a compra, o número do cartão virtual para de funcionar. Dessa forma, se ele for roubado, ninguém conseguirá usá-lo.

Diversos bancos brasileiros oferecem cartões virtuais para seus clientes. O Banco do Brasil, por exemplo, oferece o [aplicativo Ourocard](#) onde pode-se criar cartões virtuais, a Caixa oferece o [Virtual Caixa MasterCard](#), o Itaú oferece cartão virtual através de seu [aplicativo](#).

Verifique se o emissor de seu cartão oferece essa funcionalidade. Ainda que ele permita criar apenas um cartão virtual, isso já é válido para que você possa usá-lo na internet, em vez de colocar o número de seu cartão real nos sites.

Usar cartões virtuais com limites bem definidos é uma das melhores formas de evitar dores de cabeça com eventuais roubos de números de cartão na internet. Se sua emissora oferecer essa possibilidade, utilize-a.

Cartão de crédito pré-pago

Existem cartões de crédito nos quais você faz uma carga inicial e a partir daí vai gastando o que foi colocado no cartão. Eles funcionam exatamente da mesma forma que um cartão de crédito tradicional, porém os fundos precisam ser carregados de forma antecipada.

Alguns exemplos são:

- [EBANX Dollar Card](#)
- [Acesso](#)
- [Pagseguro](#)
- [Itaú Pré-pago Recarregável Visa](#)
- [Ourocard pré-pago recarregável](#)
- [Caixa pré-pago](#)
- [Brasil Pré-Pagos](#)
- [Zencard](#)
- [Payoneer](#)

Para ter um cartão pré-pago, você não precisa ter uma conta bancária. Tampouco precisa passar por uma análise de crédito. Basta pagar a tarifa de emissão do cartão e carregá-lo com o valor que desejar.

Esse tipo de cartão é particularmente útil para quem tem medo de fazer pagamentos na internet usando cartão de crédito ou não tem a possibilidade de criar cartões virtuais. O cartão de crédito pré-pago limita o tamanho do estrago que um ladrão pode causar se roubar o cartão ou o seu número.

Pagseguro e PayPal

Uma forma de reduzir as chances de roubo do número de seu cartão é limitar a utilização direta dele. Cartões virtuais são a melhor forma de fazer isso, entretanto, se você não puder usá-los, uma alternativa pode ser os serviços do [Pagseguro](#) e do [PayPal](#).

Ao criar uma conta nesses serviços, você cadastra seu cartão de crédito. Daí por diante, sempre que fizer uma compra, pode efetuar o pagamento

utilizando o [Pagseguro](#) ou o [PayPal](#). Ambos são amplamente aceitos.

Dessa forma, você só precisa informar o número do cartão para o [Pagseguro](#) ou o [PayPal](#). Os outros sites não terão nenhum contato com ele.

Usando essa estratégia, você só teria de informar o número real de seu cartão nos serviços que não aceitassem nem o [Pagseguro](#) nem o [PayPal](#).

No caso de sites brasileiros, se realmente não for possível usá-los, você quase sempre pode optar pelo pagamento com boleto bancário. O uso do boleto impede que seu número de cartão seja conhecido.

Fraudes por email ou por telefone

Tenha atenção com emails que pareçam originar-se da emissora de seu cartão de crédito. Especialmente se ele pedir para você clicar um link para atualizar a senha ou resolver algum problema cadastral. Esse tipo de mensagem é fraude quase sempre. O objetivo dela é levar você a digitar os dados do cartão em um site malicioso, tentando se passar pelo da emissora do cartão.

Cuidado também com ligações de pessoas que dizem ser da emissora do seu cartão. Alguém te liga e diz que é um funcionário da emissora. A pessoa informa que há um problema em seu cartão e precisa resolver com você. Para isso, é necessário que você confirme algumas informações, que incluem o próprio número do cartão, data de validade e por aí vai. Isso é um golpe comum.

Quando você faz uma compra de valor elevado, possivelmente fora de seu padrão de consumo habitual, é possível que uma pessoa da área de segurança do banco ligue para confirmá-la. Porém, tal pessoa nunca pode te pedir o número inteiro do cartão, a data de validade e o código de segurança.

Na dúvida, o melhor a fazer é ligar para a emissora utilizando o número de telefone que ela informa no verso do cartão ou em seu site. Não ligue para nenhum número que tenha sido passado para você por email ou por uma ligação telefônica.

Se você já colocou o número de seu cartão em muitos sites e tem a preocupação de que ele tenha caído nas mãos erradas, peça para a emissora fazer o bloqueio dele e lhe enviar um novo imediatamente. Dessa forma, ainda que o número do cartão esteja nas mãos de ladrões, ele não poderá

mais ser usado. Quando o novo cartão chegar, adote as providências apresentadas aqui e preserve a segurança dele.

Cuidados adicionais

É inacreditável, mas tem gente que tira foto do cartão de crédito e coloca nas redes sociais. Às vezes, empolgado com o novo "brinquedo", o cidadão tira uma foto e coloca no Facebook, por exemplo. Mal sabe ele que um monte de gente tomará conhecimento do número do cartão e começará a fazer compras no nome dele. Por mais surreal que pareça, isso acontece. Você não faria uma coisa dessas, né?

O número de seu cartão não deve ser visto por ninguém além de você. Inclusive, não o empreste para outras pessoas, nem mesmo familiares. Depois de tudo o que aprendeu aqui, você sabe como proteger seu cartão de crédito. Porém as demais pessoas provavelmente não sabem. Elas dificilmente terão o mesmo cuidado que você.

Internet banking

Acessar o internet banking é uma das operações mais arriscadas que você pode executar em um computador. Se alguém roubar seus dados de acesso, o estrago pode ser enorme.

Sabendo disso, os bancos fazem o possível para aumentar a segurança do acesso, especialmente quando você deseja fazê-lo do exterior. Muitos exigem que você instale algum tipo de software de segurança para poder acessar o internet banking. Esses programas são importantes. Eles tentam evitar que você seja levado a sites falsos ([phishing](#)), impedem a execução de softwares maliciosos que roubam as senhas, inibem a execução de determinados vírus e muito mais. Porém não são perfeitos.

Para aumentar a segurança, os bancos também costumam exigir que o computador seja cadastrado previamente para acessar o *internet banking*. Isso é uma boa prática. Se alguém roubar seus dados de acesso, mas não tiver a posse de seu computador, não conseguirá entrar na conta.

Os bancos também adotam autenticação de dois fatores cada vez mais. Isso é feito através do uso de *tokens*, envio de SMS ou utilização de aplicativos no *smartphone* para autorizar as transações.

Além de tudo isso, alguns bancos impõem limites baixos para transações efetuadas pelo *internet banking*, especialmente transferência de valores para outras contas e pagamentos.

Ainda que tenha muito em jogo quando você acessa o *internet banking*, as políticas de segurança impostas pelos bancos contribuem para que os riscos sejam cada vez menores. Se você aplicar os demais cuidados de segurança que expliquei até aqui, dificilmente terá problemas.

Na prática, como nômade digital, um dos maiores riscos que você corre é o de ficar impedido de acessar o *internet banking* porque o banco acredita que tem algo errado com seu acesso. Como expliquei antes, os bancos costumam exigir que você cadastre seu computador para acessar o *internet banking*. Se você estiver fora do Brasil e o *notebook* for roubado, você não conseguirá mais se conectar ao *internet banking*. Ele não aceitará o acesso de um outro *notebook*, a menos que você o cadastre na agência ou no caixa eletrônico.

Perder o acesso ao *internet banking* é uma das piores catástrofes que pode acontecer na vida de um nômade digital. O risco disso ocorrer é maior do que se imagina. Tanto assim, que já aconteceu com diversos nômades digitais e vive ocorrendo com um monte de gente quando sai de viagem. Nem sempre é causado apenas pela perda do equipamento.

Se o *notebook* for infectado com um software malicioso e você tentar fazer um acesso ao *internet banking*, o software de proteção criado pelo banco pode detectar a presença do *malware* e bloquear sua conta para evitar maiores estragos. Portanto, basta ter um vírus ou outro tipo de *malware* na máquina para você perder o acesso ao *internet banking*.

Se alguém souber o número de sua agência e conta e quiser infernizar sua vida, ela pode fazer algumas tentativas de acessar sua conta, colocando senhas incorretas, até que o banco bloqueie o acesso à conta por medida de segurança.

Quando isso acontece, dependendo do banco, a única forma de restabelecer o acesso é indo a uma agência e cadastrado uma nova senha. Imagine a catástrofe que seria isso. Você está tocando a vida numa boa, em uma ilha, na Tailândia, quando descobre que só pode acessar o *internet banking* de novo se der um pulinho no Brasil para visitar uma agência bancária.

Essa é uma das piores dores de cabeça que você pode ter como nômade digital. E ela é muito real. Basta dar bobeira em suas práticas de segurança

para isso acontecer.

Felizmente existem formas de minimizar as chances de isto ocorrer e formas de restabelecer o acesso ao *internet banking* mesmo estando fora do Brasil.

Máquina virtual

Suponha que seu *notebook*, *smartphone* e *tablet* estejam todos cadastrados e autorizados para acessar o *internet banking*, mas tenham sido roubados. O que fazer em uma situação como essa?

É possível continuar a ter acesso ao banco se você também autorizar o uso do *internet banking* em uma [máquina virtual](#). Trata-se de uma espécie de computador que funciona dentro de seu *notebook*, porém não é um computador físico.

Você pode usar uma máquina virtual para fazer praticamente tudo o que poderia fazer com uma máquina real. Inclusive acessar o *internet banking* com algumas vantagens.

Uma máquina virtual é completamente isolada do computador sobre a qual executa. Os programas e arquivos de seu *notebook* não têm acesso direto aos programas e arquivos que você colocou na máquina virtual. Se houver um *malware* em seu *notebook*, por exemplo, ele não afetará a máquina virtual.

Você pode criar uma máquina virtual cujo único propósito seja acessar o *internet banking*. Você instala um sistema operacional nela, do zero. Em seguida, instala o software de proteção fornecido pelo banco. Finalmente, cadastra essa máquina virtual para acessar o *internet banking*, como se fosse um outro computador seu.

Agora você tem uma máquina virtual segura, que pode acessar o *internet banking* a qualquer momento. Como você só a utiliza para acessar o banco, não faz download de arquivos, nem instala programas que possam infectar a máquina com softwares maliciosos, as chances de sua senha ser roubada são mínimas e o banco dificilmente bloqueará seu acesso.

Além disso, você pode fazer um backup dessa máquina virtual em um serviço como o Dropbox. Não apenas pode, como deve.

Dessa forma, se o *notebook* e demais dispositivos forem roubados, você pode fazer o download da máquina virtual a partir do Dropbox e fazer a instalação dela em outro computador. Você terá o transtorno de ficar sem

seus equipamentos, porém não ficará impedido de acessar o banco. Quando comprar um *notebook* novo, bastará instalar a máquina virtual nele e tocar a vida normalmente.

Dispositivos móveis

Além do *notebook*, você também pode usar seu *smartphone* e *tablet* para acessar o *internet banking*. Como expliquei antes, um iPhone ou um iPad que não tenha passado por um processo de [jailbreaking](#) são muito seguros. A chance de serem infectados com um vírus ou *malware* é mínima.

Isso significa que costuma ser mais seguro acessar o *internet banking* a partir destes dispositivos. Sempre que possível, prefira esse caminho e evite fazer o acesso diretamente através de seu *notebook*.

Antes de sair do Brasil

Lembre-se de autorizar o uso do cartão do banco no exterior. Além disso, revise os limites das transações e avalie se é preciso aumentá-los. Costuma ser necessário fazer essa operação em um caixa eletrônico ou diretamente na agência. Por isso é importante que você o faça antes de sair do Brasil.

Apesar de todos os seus esforços, sempre existe a chance de você perder todos os dispositivos cadastrados para acessar o *internet banking*, incluindo sua máquina virtual. Se isso acontecer, a única forma de cadastrar um novo dispositivo talvez seja indo a um caixa eletrônico para autorizá-lo.

Por essa razão, se for possível, recomendo que você deixe um cartão extra, de sua conta, com uma pessoa de sua confiança no Brasil. Não lhe informe a senha. Apenas deixe o cartão com ela. Se tudo der errado e não houver outras saída, você pode pedir a ela para ir a um caixa eletrônico e fazer o cadastramento de um novo computador para você.

Atenção apenas com um detalhe. Alguns bancos começaram a introduzir o uso de biometria nos caixas eletrônicos para operações mais críticas. Se seu banco tiver feito isso e você habilitar a biometria, de nada adiantará deixar um cartão com alguém no Brasil.

A biometria aumenta a segurança de sua conta. No entanto, torna-se um problema quando você está fora do país. Para muitos nômades digitais,

talvez a melhor opção seja solicitar ao gerente que desabilite a biometria de sua conta, se isso for permitido pelo banco.

Faça também uma procuração para permitir que uma pessoa de sua confiança desbloqueie ou cadastre uma nova senha no *internet banking*. Se sua senha for bloqueada, essa pessoa poderá ir ao banco e criar uma nova senha em seu lugar.

Ajustar os limites, desabilitar a biometria, deixar um cartão de acesso ao banco e uma procuração para alguém de sua confiança são atividades importantes que você deve executar antes de sair do Brasil. Ter um bom relacionamento com o gerente do banco também é recomendável.

Site

A maioria dos nômades digitais tem algum tipo de site ou blog, quase sempre criado com a ajuda do [WordPress](#). Em diversos casos, o site é o local onde a pessoa oferece seus produtos e serviços. Portanto é um instrumento essencial para o sustento dela.

Se você tem um site, você precisa aprender a mantê-lo seguro. Especialmente se ele for sua fonte principal de receita.

O primeiro passo é adotar senhas fortes. Como já foi explicado antes, existem softwares especializados em descobrir senhas usando força bruta. Eles são capazes de experimentar milhares, ou até milhões, de combinações por segundo. A única forma de impedir que sua senha seja descoberta é usando senhas grandes e fortes, de preferência criadas por gerenciadores de senha, como o 1password.

Você deve ter atenção com a senha do servidor, a senha do banco de dados e a senha da área administrativa de seu site ou blog.

Você também deve habilitar o [Transport Layer Security \(TLS\)](#) ou [Secure Sockets Layer \(SSL\)](#) em seu site. Dessa forma, você poderá acessar a tela de login usando uma conexão segura. Se você não fizer isso e acessar a área administrativa de seu site em uma rede WiFi desprotegida, por exemplo, a chance de suas credenciais de acesso serem roubadas são altas.

Mantenha todos os softwares atualizados em seu site. Desde o sistema operacional, até o Wordpress, passando pelo banco de dados e demais software críticos. Manter tais softwares atualizados impede que bandidos virtuais utilizem falhas de segurança para invadir seu site.

Roubo de identidade

Viajar pelo mundo nos permite apreciar as diferenças entre lugares e culturas, além de identificar o que é universal e se mantém constante em todas as partes. Depois de conhecer dezenas de países, detectei alguns aspectos que estão presentes em todos eles. Um dos mais notáveis é a enorme quantidade de locais com promessa de dinheiro fácil. Casas lotéricas, casas de apostas, bingos e cassinos são algumas das instituições mais fáceis de achar em praticamente qualquer lugar do mundo. De pequenos vilarejos a grandes cidades, não faltam lugares onde você possa ir para tentar enriquecer rapidamente.

Todo mundo quer dinheiro fácil. Infelizmente, tem gente que opta por consegui-lo através do roubo. Assaltar um banco é arriscado. Roubar um carro forte é trabalhoso. Invadir sistemas bancários é difícil.

Qual a forma mais fácil de conseguir dinheiro? Que tipo de delito pode render o maior retorno, com o menor risco e esforço? Esses são os tipos de perguntas que os bandidos fazem o tempo todo. Cada vez mais eles concluem que o melhor caminho é o **roubo de identidade**. Roubar pessoas na internet é fácil, tem baixo risco e o potencial de retorno é enorme.

É fácil porque pouca gente tem ideia do quão exposta está e do que precisa fazer para se proteger. Tem pouco risco porque não existe contato físico entre o ladrão e a vítima. Ele pode estar na praia, em algum lugar do mundo, pegando um bronzeado, enquanto rouba suas vítimas. Ainda que ele seja identificado, o fato de estar em outra jurisdição o protege, em certa medida, da ação de policiais. Não é fácil descobrir onde ele está. O potencial de retorno é astronômico porque ele pode esvaziar contas bancárias inteiras e saquear as economias de inúmeras famílias movendo apenas as pontas dos dedos.

Que estragos um bandido pode fazer na internet?

Quando um bandido virtual rouba sua identidade e consegue se passar por você, ele tem o potencial de executar algumas ações catastróficas, tais como:

- Saquear suas economias.

- Fazer compras usando seu cartão de crédito.
- Abrir contas bancárias em seu nome.
- Emitir cartões de crédito em seu nome.
- Contratar planos de telefonia e TV por assinatura em seu nome.
- Pegar empréstimos em seu nome.
- Financiar carros em seu nome.
- Abrir empresas fantasmas em seu nome.
- Cadastrar-se em lojas e fazer compras parceladas como se fosse você.
- Enviar mensagens como se fosse você.
- Assumir a sua identidade em redes sociais e arruinar sua reputação.

Essa é uma pequena amostra do estrago que ele pode fazer. No Brasil, há uma tentativa de fraude por roubo de identidade a cada 17 segundos, de acordo com [informações do Serasa](#). A situação se agrava a cada dia. Ainda que você nunca mais toque em um computador, você corre o risco de ter sua identidade roubada e sofrer consequências severas.

Consequências do roubo de identidade

Quando sua identidade é roubada, é comum que você não se dê conta rapidamente. Podem se passar meses ou anos até que você note algo errado. Durante esse tempo, os bandidos executam inúmeras ações que, cedo ou tarde, te trarão transtornos enormes.

Um dia você decide fazer uma compra parcelada e a loja te informa que sua análise de crédito foi reprovada. Seu nome está sujo na praça porque você tem dívidas não pagas, as quais foram contraídas por bandidos.

Você consegue um emprego naquela empresa que tanto queria. Entretanto, na hora de fechar o contrato de trabalho, ela cancela a contratação porque fez uma pesquisa e descobriu que você tem antecedentes criminais. É a mesma razão que te impede de alugar o apartamento que você queria.

Um dia você é parado em uma blitz. A polícia apreende o carro e sua carteira de motorista porque você cometeu inúmeras infrações de trânsito e não pagou nenhuma das multas. O IPVA do carro também não consta como pago, embora você saiba que o pagou.

Você tem um negócio online e trabalhou duro para conquistar milhares de seguidores no Facebook. É essa audiência quem mais compra de você. Um dia você descobre que não consegue mais acessar sua conta na rede social. Ficar impedido de vender para sua audiência é o menor dos problemas. O bandido que roubou sua conta pode arruinar sua reputação e acabar com seu negócio, a menos que você lhe pague um "resgate" para obter o acesso novamente.

Seu filho cresceu e chegou a hora de abrir uma conta bancária para ele. Nenhum banco o aceita porque o nome dele está sujo há anos, desde que era criança, quando sua identidade foi roubada.

Você começa a receber notificações judiciais por conta das dívidas em aberto com inúmeras empresas. Dívidas que você não contraiu, naturalmente.

Seu plano de saúde começa a recusar seu atendimento, devido ao excesso de consultas e exames que você supostamente vem fazendo.

Um carro aparece diante de sua porta às seis da manhã. Não é o Uber. É um carro da polícia que vai te levar para a delegacia. Você está sendo acusado de um crime que não cometeu. Além de ficar com a ficha suja, você talvez tenha de passar um tempo atrás das grades.

Pode parecer exagero, mas tudo isso acontece e afeta milhares de pessoas no mundo inteiro. É cada vez mais raro que uma pessoa não tenha sido vítima de algum roubo de identidade ou não possua um familiar que tenha passado por isto.

Quando sua identidade é roubada, sua vida se transforma em um inferno. Corrigir os estragos consome muitos meses de trabalho árduo. Pode inclusive chegar a anos de esforço. Você precisa perder horas em contato com instituições governamentais, instituições financeiras e outras organizações.

Em muito casos, você precisa desembolsar grandes somas de dinheiro para pagar eventuais dívidas e limpar o nome. Pode até mesmo ser necessário vender alguns bens para solucionar a questão.

É um assunto sério. É mais fácil ser vítima de roubo de identidade do que se imagina. Fácil até demais. Para se defender, você precisa se educar e adotar práticas de segurança. Colocar em prática as ações que são explicadas nesse capítulo reduz drasticamente as chances de você sofrer um roubo de identidade. Portanto execute as ações indicadas para se proteger.

Como acontece o roubo de identidade?

Já descrevi diversas formas de roubo de identidade na internet. Agora é hora de explicar mais algumas formas e dar detalhes adicionais sobre outras que já mencionei.

A forma mais simples de roubar sua identidade é obter acesso físico a seus documentos e informações pessoais, especialmente quando alguém tem acesso a sua casa.

Nos EUA, parentes e familiares são responsáveis por 30% dos roubos de identidade. Outros 18% são conduzidos por amigos ou vizinhos. Veja os detalhes [nesse artigo](#). É algo inacreditável, mas acontece. Sabemos disso porque já presenciamos casos como esse bem próximos de nós.

Parentes, familiares, amigos, vizinhos e funcionários são pessoas que muitas vezes têm acesso a nossa casa. Elas podem, por exemplo, tirar fotos de seus documentos e cartões de crédito ou tomá-los de você.

Fora de casa, você também corre o risco de ter a carteira ou a bolsa roubada. Se você anda com muitos documentos e cartões, o potencial de estrago é enorme.

Na internet, o roubo de identidade quase sempre começa com uma mensagem recebida por email ou alguma rede social. O [Centro de Estudos, Resposta e Tratamento de Incidentes de Segurança no Brasil \(cert.br\)](#), disponibiliza a [Cartilha de Segurança para a Internet](#), onde descreve os golpes mais comuns que afetam as pessoas na internet. Recomendo fortemente que você leia a [cartilha](#) com atenção e se familiarize com os golpes. Consulte também as informações no site [InternetSegura.br](#) e no [guia da McAfee](#), que é objetivo e fácil de ler.

Os golpistas se baseiam, quase sempre, em nosso desejo de ganhar dinheiro fácil ou obter vantagens com pouco esforço. O desejo de levar vantagem não é uma característica exclusiva do brasileiro. É universal. A maioria das pessoas está atrás de recompensas fáceis e rápidas. Por isso, é tão fácil cair em golpes na internet.

Você recebe um email informando solenemente que você foi sorteado em uma loteria internacional. O prêmio é substancial e está a sua disposição. Você só precisa informar os dados de sua conta bancária, bem como o CPF, para que seja feita a transferência.

Você recebe uma "dica" de uma "amiga" sobre uma promoção imperdível de um produto que você deseja. A mensagem chega pelo

WhatsApp com um link para a promoção. A "amiga" diz que já comprou e que a promoção só vale para hoje. Você precisa correr para aproveitá-la.

O detalhe é que não foi sua amiga que te escreveu. Foi uma pessoa que roubou a conta dela no WhatsApp e está explorando sua confiança nela para recomendar um site fraudulento. Quando você fizer a compra, o site não entregará a mercadoria e passará a ter o número de seu cartão de crédito.

Em outro caso, você recebe a mensagem de um amigo que está no exterior. Ele diz que foi roubado e precisa de sua ajuda para conseguir voltar ao Brasil. Pede que você e outros amigos depositem algum dinheiro em uma conta do PayPal que ele está usando para receber doações. Você precisa agir rapidamente porque o pobrezinho já não tem mais o que comer.

De fato, seu amigo foi roubado. Alguém entrou em seu perfil e está enviando mensagens falsas para os amigos. Você, como bom amigo que é, faz um depósito.

Você está precisando de dinheiro e recebe uma mensagem oferecendo crédito fácil, com uma taxa de juros bem abaixo do mercado. Tudo o que você precisa fazer é preencher seus dados em um formulário e pagar uma pequena taxa para cobrir as despesas da análise de crédito.

Ao preencher o formulário, seus dados pessoais são roubados. E o valor que você pagou de taxas apenas serviu para alimentar os ladrões.

Você é abordado no Facebook por uma "menina linda" que diz ser da Rússia. Ela começa a conversar com você e se mostra cada vez mais interessada. Ela está se derretendo por seus encantos e não vê a hora de te conhecer pessoalmente. O único detalhe é que ela não tem como pagar pela viagem. Então ela te pede para fazer um depósito, para que ela possa comprar uma passagem aérea e encontrar o grande amor da vida dela.

Em todos esses casos, o ladrão não chega a roubar seu dinheiro diretamente. É você mesmo quem lhe dá o dinheiro de forma voluntária, ludibriado com falsas promessas.

Mensagens de golpe costumam apresentar algumas dessas características:

- Oferecem muito dinheiro.
- Oferecem dinheiro fácil.
- Oferecem descontos substanciais.
- Oferecem crédito com juros baixos.

- Pedem sigilo na transação (palavra "confidencial" no assunto).
- Pressionam para que você responda rapidamente (palavra "urgente" no assunto).
- Apresentam erros de português (porque foram criadas usando tradutores automáticos).

Diante de tais mensagens, basta ter um pouquinho de senso crítico para fazer algumas perguntas, tais como:

- Por que a pessoa escolheu justamente você para receber esse dinheiro?
- Por que é preciso fazer esse pagamento antecipado?
- Por que essa pessoa precisa de tantos dados pessoais?
- Por que ela precisa de sua senha do banco? Você a conhece mesmo? Mesmo se conhecesse, faria sentido lhe dar sua senha?

Nessas horas, mais do que nunca, os ditados populares demonstram que estão certos. Lembre-se deles:

- Quando a esmola é demais, o santo desconfia.
- Tudo que vem fácil, vai fácil.

Alguns golpes são mais explícitos e tentam extorquir dinheiro através de ameaças. Um caso clássico no Brasil é o suposto sequestro de parentes.

Há alguns anos, eu e Pati estávamos almoçando em nosso restaurante favorito, em Buenos Aires, quando recebemos uma ligação da mãe dela. Aflita, ela queria saber se estava tudo bem com a gente. Confirmamos que estava tudo em ordem e que estávamos almoçando.

Aliviada, a mãe de Pati nos explicou que um bandido tinha ligado para ela e estava ameaçando nos matar. Ele dizia que tinha nos sequestrado em Buenos Aires e que acabaria com a nossa vida se ela não colaborasse.

É óbvio que o bandido nos encontrou nas redes sociais e usou o conhecimento de que estávamos em Buenos Aires para tornar a ameaça mais legítima. Isso mostra que não basta ter cuidado com os contatos que

recebemos pela internet. Também precisamos ter atenção com os que são feitos por telefone, carta e quaisquer outros meios de comunicação.

Golpes mais sofisticados

Tentar te ludibriar é apenas uma das tantas formas que os ladrões virtuais utilizam para te lesar. Existem várias outras. Algumas já foram mencionadas e serão lembradas a seguir com mais detalhes.

Phishing

Você recebe uma mensagem de seu banco solicitando que altere a senha imediatamente, porque houve uma tentativa de invasão em sua conta. Você clica no link do email, que supostamente vai para o site do banco. Entretanto, ele te leva para uma página falsa, semelhante àquela em que você faz login no banco.

Chegando nessa página, você preenche o formulário de login com sua agência, conta e senha. Agora os bandidos podem acessar sua conta com tranquilidade. Você acabou de lhes dar todos os dados.

Como regra geral, você pode assumir que seu banco nunca envia links para sua conta corrente em um email. Nenhum banco faz isso porque fere as políticas de segurança mais básicas. O mesmo vale para empresas de cartão de crédito.

Se tiver de acessar o site do banco, digite o endereço dele no navegador. Nunca acesse-o através de um link recebido por mensagem.

Pharming

É semelhante ao que foi descrito acima, porém pior, porque você não precisa seguir um link malicioso. Ao digitar o site do banco, você é redirecionado automaticamente para uma página falsa. Isso acontece porque a configuração de DNS de seu computador está apontando para um servidor de DNS malicioso. Seu provedor de acesso pode ter sido comprometido ou o seu roteador ou o próprio computador. Se for em seu computador, talvez você tenha instalado um software malicioso (malware), sem perceber.

SPAM

Mensagens de [SPAM](#) frequentemente contêm links maliciosos ou anexos infectados com [malware](#). Elas também estão entre as principais fontes de golpes na internet. Por essa razão, é muito importante marcar mensagens indesejadas como [SPAM](#) e removê-las do computador.

Você nunca deve responder uma mensagem de [SPAM](#) porque isso confirma que seu email é válido. É preferível que o bandido assuma que o endereço de email é inválido. Em algum momento ele pode decidir parar de usá-lo.

[SPIM](#)

Com a popularização dos aplicativos de mensagens instantâneas, eles têm sido cada vez mais usados para enviar mensagens indesejadas e transmitir [malware](#). [SPIM](#) é o mesmo que [SPAM](#), porém utilizando-se mensagens instantâneas.

[Spyware](#)

Um dos objetivos das mensagens de [SPAM](#) é fazer você instalar um [spyware](#) em seu computador. Trata-se de um programa que coleta informações pessoais sem que você tenha conhecimento de que ele está operando.

Esse tipo de programa costuma ser instalado quando você abre o anexo de um email malicioso ou quando você instala um software que baixou da internet. Mesmo que tal software funcione corretamente e faça o que se propõe a fazer, é possível que ele também instale um [spyware](#) em seu computador. Nesse caso, ele atua como um [cavalo de troia](#). Parece útil, mas infecta seu computador silenciosamente.

Por isso é tão importante ter cuidado com o que você baixa na internet e com os anexos dos emails que recebe. Nunca abra anexos de mensagens de [SPAM](#).

[Keylogger](#)

É um tipo de [spyware](#) cujo objetivo é capturar o que você está digitando. Ele costuma ser ativado quando você acessa determinadas páginas, como as

de *internet banking*. Quando você digita os dados de acesso, ele captura as informações e as envia para os bandidos.

Os softwares de proteção que os bancos exigem que sejam instalados para o acesso ao *internet banking* procuram impedir o funcionamento de [keyloggers](#) e outros tipos de [spyware](#).

Outros tipos de [spyware](#) vão além e fazem capturas de tela quando você está acessando a página de login do *internet banking*.

Cavalo de troia

É um software que parece inofensivo. Entretanto faz mais do que parece à primeira vista. Em muitos casos, pode instalar um [backdoor](#) em sua máquina. Isso permite que bandidos tenham acesso direto a ela.

Com tal acesso, eles podem acessar seus arquivos (e apagá-los), visualizar tudo o que você está fazendo no computador, acionar o microfone para ouvir o que você está falando e até mesmo ativar a câmera para filmar você.

Toda vez que você abre um arquivo anexado em uma mensagem ou baixa um software pela internet, você corre o risco de instalar um [cavalo de troia](#) em seu computador. Se um bandido tiver acesso a sua máquina, da forma que foi descrita antes, sua vida inteira passa a ficar exposta.

Existem várias estratégias adicionais que os bandidos virtuais usam para ter acesso a seus dados, porém essas são algumas das mais comuns.

O que você precisa proteger?

Apresento a seguir uma lista com os itens que um bandido pode usar para se passar por você. É importante que você os guarde com a maior segurança possível.

- CPF
- Carteira de identidade
- Carteira de motorista
- PID (Permissão Internacional para Dirigir)
- Passaporte
- Carteira de trabalho

- Carteira de identidade funcional
- Certidão de nascimento
- Certidão de casamento
- Título de eleitor
- Certificado de reservista
- Cartões de crédito
- Cartões bancários
- *Token* de acesso ao *internet banking*
- Talões de cheque
- Extratos bancários
- Extratos de cartão de crédito
- Correspondências que possam conter dados pessoais
- Contratos em que constem seus dados pessoais

Você também deve assegurar que o menor número de pessoas tenha conhecimento das seguintes informações a seu respeito:

- Data de nascimento
- Local de nascimento
- Endereço
- Nome dos pais
- Número de telefone
- Números de conta corrente
- Instituições bancárias com as quais possui relacionamento

Como se proteger?

Todas as ações que recomendei antes são importantes e devem ser colocadas em prática. Elas reduzem muito as chances de você ter sua identidade roubada. Existem algumas mais que você deve adotar.

Lixo

Sempre que você for jogar papéis no lixo, verifique primeiro se eles contêm algum tipo de informação pessoal. Isso acontece, por exemplo, quando você se livra de extratos bancários, extratos do cartão de crédito e contas em geral.

Quando houver alguma informação pessoal, por menor que seja, picote o papel antes de jogar fora. Faça o mesmo com cartões de crédito antigos, talões de cheque não usados, fotocópias de documentos e assim por diante.

Uma das maneiras mais fáceis de roubar dados pessoais é vasculhar o lixo. Os ladrões sabem disso e estão sempre em busca de informações comprometedoras nas latas de lixo.

Armazenamento físico

Guarde com cuidado os itens mencionados antes. Não deixe seus cartões de crédito, cartões bancários, documentos e correspondências espalhadas pela casa. Especialmente quando você receber visitas ou houver pessoas trabalhando na casa. Guarde tudo em local seguro e protegido. De preferência, coloque em um local que possa ser trancado com chave.

Armazenamento digital

Números de documentos, cartões e demais informações citadas antes, bem como arquivos digitalizados dos mesmos só devem ser armazenados em seu gerenciador de senhas. Não deixe que essas informações fiquem espalhadas pelo computador.

Não forneça dados pessoais facilmente

Algumas lojas e sites oferecem descontos e vantagens especiais se você estiver disposto a fazer um cadastro. O problema é que muitas vezes eles pedem mais informações do que deveriam. Por exemplo, pedir seu CPF é absurdo quando você não está fazendo uma compra ou alguma operação para a qual ele é essencial.

Não dê seu CPF facilmente por aí, assim como quaisquer outros dados pessoais. Eles são preciosos. Não os distribua por aí, a menos que você esteja lidando com uma empresa em que realmente confie e fazendo uma operação na qual eles são absolutamente necessários.

Ladrões também roubam bases de dados de lojas e prestadores de serviço. Eles sabem que essa é uma forma fácil de obter acesso aos dados pessoais de milhares de pessoas. Quanto menos empresas tiverem acesso a seus dados pessoais, menor a sua exposição ao risco de ter sua identidade roubada.

Limite a exposição nas redes sociais

Cuidado com as informações que você coloca em seu perfil das redes sociais. Limite-se ao estritamente necessário. Não escreva posts que revelem informações pessoais em excesso.

Sobretudo, cuidado com quem você se relaciona nas redes sociais. Tanto quanto possível, tente restringir-se apenas a pessoas que você realmente conhece.

As redes sociais se tornaram uma das ferramentas mais úteis para os bandidos virtuais. Eles buscam usuários desatentos e tentam conquistar a amizade deles, para obter dados pessoais em seguida.

Carteira ou bolsa

Limite o número de cartões e documentos que carrega na bolsa ou na carteira. Leve apenas o mínimo necessário. Leve cheques apenas quando souber que os usará. Assim mesmo, não leve o talão inteiro. Leve apenas as folhas das quais precisará.

Quando sair do Brasil, não leve talões de cheque. Eles são inúteis no exterior. Tampouco deixe talões de cheque no Brasil. Picote-os e jogue fora para evitar o risco de que sejam roubados em sua ausência.

Ambiente

Tenha atenção com o ambiente em que se encontra, especialmente na hora de digitar senhas do banco ou do cartão de crédito. Proteja o teclado da máquina de cartão de crédito sempre que for introduzir a senha. Faça o mesmo sempre que for usar um caixa eletrônico. Sempre assuma que tem alguém tentando ver a senha.

Se você estiver acessando o internet banking em um espaço público, como um café, por exemplo, olhe a sua volta antes de colocar a senha e

tente proteger o teclado o máximo possível.

Descarte

Apague completamente os dados do *notebook*, *smartphone* ou *tablet* antes de se desfazer deles. Não importa se o dispositivo vai para o lixo, se será vendido ou doado. Sempre apague todo o conteúdo antes.

Como saber se sua identidade foi roubada?

Nem sempre é fácil descobrir que sua identidade foi roubada. Podem se passar meses ou anos até que os problemas comecem a aparecer.

Fraudes com a conta corrente e cartão de crédito são particularmente graves, porém relativamente simples de detectar. Monitore a conta e o cartão periodicamente.

Consulte os extratos de ambos com frequência. Se necessário, programe sua agenda para te lembrar de acessá-los. Verifique todas as transações com cuidado. Se houver alguma coisa estranha, investigue mais a fundo. Não deixe passar.

Para outras ocorrências de roubo de identidade, existem indícios que podem te ajudar a detectar.

Você começa a ter problemas com órgãos de proteção ao crédito. Por exemplo, não consegue parcelar uma compra ou tomar um empréstimo, ainda que o valor seja baixo.

Você começa a receber respostas de emails que não enviou. Sinal de que alguém andou enviando emails como se fosse você. Isso é mais fácil do que se imagina. Qualquer pessoa consegue enviar um email como se fosse outra. Da mesma forma que você pode escrever uma carta para alguém e assinar como se fosse outra pessoa.

Você recebe uma notificação de seu provedor de email ou de uma rede social informando que você fez um login em um horário e local que não fazem sentido.

Você recebe ligações telefônicas, emails ou correspondências tratando de assuntos sobre os quais você não tem conhecimento. Pode ser, por exemplo, sobre uma conta bancária ou cartão que não te pertencem, ou sobre uma compra que você não fez.

Em muitos casos, você só fica sabendo quando a situação já é grave. Por exemplo, você recebe uma intimação judicial em função de uma dívida que está sendo protestada.

Existem alguns serviços que podem te ajudar a detectar problemas com maior rapidez. O [Serasa Experian](#) oferece um serviço de [consulta gratuita do CPF](#). Através dele, você pode saber se existe alguma pendência e se seu nome foi negativado.

Se quiser monitorar seu CPF de forma periódica, você pode cadastrar um lembrete em sua agenda para fazer uma consulta uma vez por mês, por exemplo. Também pode contratar o serviço de monitoramento de CPF do [Serasa](#) ou o do [SPC](#).

O [Serasa AntiFraude](#) te avisa quando alguma empresa consulta seu CPF, quando você está prestes a ser negativado, quando contraem alguma dívida em seu nome e quando registraram alguma empresa em seu nome. Você é notificado automaticamente, por email ou SMS, quando ocorre algum evento importante associado a seu CPF. O [SPC Avisa](#) também oferece este serviço.

Contratar um desses serviços pode ser uma boa ideia para te dar maior tranquilidade. Nenhum deles impede que você seja vítima de uma fraude virtual. Porém ambos ajudam a detectar o problema mais cedo. Isso te dá a chance de limitar o estrago porque ele cresce à medida que o tempo vai passando. Quanto mais rápido você age, menor o transtorno, a perda de tempo e os custos.

O que fazer quando sua identidade é roubada?

O roubo de identidade pode ocorrer por maior que sejam os seus cuidados. Informações sobre você podem ter sido roubadas de familiares e amigos, que talvez não tenham tanto cuidado com a segurança quanto você. Ou podem ter sido obtidas em bases de dados roubadas de empresas e órgãos públicos.

Se você perceber que sua identidade foi roubada, você precisa agir rapidamente. O Serasa oferece um [serviço gratuito de alerta de roubo ou perda de documentos](#). Use-o para evitar a propagação da fraude e uso indevido de seus documentos.

Se estiver no Brasil, vá a uma delegacia e faça um Boletim de Ocorrência. É importante registrar, de maneira formal, que você foi vítima

de um crime relacionado ao uso indevido de sua identidade. Se estiver fora do Brasil, procure o consulado brasileiro mais próximo.

Se seu cartão de crédito tiver sido usado indevidamente ou você suspeita que bandidos possam ter acesso aos dados dele, notifique a emissora do cartão e cancele-o imediatamente.

Se sua carteira ou bolsa tiverem sido roubadas, com um talão de cheques dentro, entre em contato com o banco para sustar as folhas do talão.

Se sua conta corrente tiver sido comprometida, notifique o banco imediatamente e altere as senhas de acesso ao *internet banking*. Se você estiver fora do Brasil, isso pode lhe causar um imenso transtorno porque você precisa ir ao banco para cadastrar novas senhas e continuar usando o *internet banking* de onde estiver.

Para evitar esse inconveniente, antes de sair do Brasil, deixe uma procuração com uma pessoa de confiança, que lhe permita alterar as senhas de sua conta. Peça ao gerente do banco para te informar qual é o procedimento para criar essa procuração. Ele precisa te dar o texto exato que deve constar nela e informar se há outros procedimentos que precisam ser feitos para a procuração ser aceita pelo banco.

Em alguns casos, a pessoa de sua confiança precisa ir ao banco para ser cadastrado lá como um procurador de sua conta. Ou seja, não basta apenas a procuração. Por isso é tão importante se informar com o gerente de sua conta para fazer o procedimento correto. De nada adiantará a procuração se o banco não aceitá-la no momento de uma eventual necessidade.

Identifique as transações fraudulentas em sua conta corrente e cartões de crédito. Entre em contato com o banco e emissora de cartão de crédito e informe por escrito todas essas transações. Avise também as empresas nas quais as compras foram efetuadas. Guarde todos os protocolos e documentos que comprovem a sua comunicação com essas instituições.

Se as cobranças não forem removidas da sua conta corrente ou cartão de crédito, pode ser necessário pedir o cancelamento definitivo e o encerramento da conta.

Se você tiver um documento roubado, entre em contato com o órgão emissor e faça os procedimentos necessários para comunicar o roubo. É importante que o órgão atualize sua base de dados para indicar que o documento foi roubado.

No caso de roubo, perda ou extravio do passaporte, notifique a [Polícia Federal](#) imediatamente. Se estiver fora do Brasil, procure o consulado

brasileiro mais próximo para comunicar a ocorrência e solicitar a emissão de um novo passaporte.

Se seu perfil tiver sido roubado em uma rede social, você também deve agir. Tanto para recuperá-lo, quanto para impedir que outras pessoas sejam iludidas, achando que estão se comunicando com você.

O primeiro passo é fazer uma denúncia diretamente ao site onde está seu perfil. Verifique os termos de uso e descubra que procedimento deve usar para fazer denúncias, remover perfis falsos e conteúdos ilícitos ou não autorizados.

Quando alguém se passa por você ou rouba sua senha, você deve procurar uma delegacia e fazer um Boletim de Ocorrência. Além disso, sugiro que siga os passos indicados [nesse artigo](#).

Capítulo 16

Física

Foi difícil acreditar no que estava diante de meus olhos. Quem seria aquele louco que estava dormindo na grama com a bolsa jogada ao lado?

Essa foi minha reação a primeira vez que fui àquele parque. No século passado, no distante ano de 1998, fui a Londres pela primeira vez, onde frequentei uma escola de inglês.

Na hora do almoço, o máximo que dava para pagar era um sanduíche gelado. Eu e outros colegas de curso levávamos nossas iguarias para um parque nas proximidades da escola. Sentávamos na grama e saboreávamos as "delícias" da culinária britânica.

Outras pessoas faziam o mesmo. Cada uma com um sanduba pior que a outra. Algumas aproveitavam para tirar uma soneca e, quem sabe, apagar da memória o que tinham acabado de ingerir. O que me pareceu estranho é como algumas dessas pessoas tratavam seus pertences.

Um cidadão, deitado a poucos metros de mim, tinha uma uma pasta de couro a seu lado. Ele não estava com a cabeça sobre ela, não estava abraçando-a, não estava sequer tocando-a. A pasta estava afastada dele, enquanto ele dormia na maior tranquilidade.

Aquilo me pareceu uma afronta pessoal. Como é possível que alguém se sinta tão tranquilo, em um lugar público, ao ponto de ficar tão despreocupado com seus pertences? Isso seria impensável no Brasil.

Nos dias que se seguiram, vi aquela cena se repetir várias vezes, protagonizada por diversas pessoas. Assim descobri que nem todo mundo vive com medo de ser roubado, como nós, brasileiros. Para aquelas pessoas que estavam ali dormindo, é como se a possibilidade de ter seus pertences levados nunca tivesse lhes passado pela cabeça.

O golpe de misericórdia viria alguns dias depois. Levei as roupas para lavar em uma lavanderia. Enquanto aguardava, peguei um jornal que estava em um dos bancos. Quando vi a notícia da capa, caí na gargalhada. Aquilo era surreal demais.

A capa trazia a foto de uma velhinha. Letras garrafais anunciavam, com espanto, o que aconteceu com a pobrezinha. Um ladrão lhe deu um empurrão e levou sua bolsa. Não ri pelo infortúnio da senhora, naturalmente, mas por ter encontrado uma notícia dessas na capa do jornal. No Rio de Janeiro, um crime desses jamais apareceria em um jornal, muito menos na capa. Que tipo de sociedade era aquela, onde algo tão corriqueiro para nós, era tratado com o maior dos espantos?

Foi assim que me dei conta do quanto nós, brasileiros, somos paranóicos e morremos de medo de sofrer algum tipo de violência. Percebi que muitos londrinos não tinham a menor preocupação de ser assaltados, enquanto nós vivíamos em estado de alerta permanente. Assim continuamos até hoje.

O brasileiro costuma ter a percepção de que o Brasil é pior que filme de faroeste e países desenvolvidos, por outro lado, são extremamente seguros. A história não é bem assim.

A taxa de criminalidade no Brasil é uma das mais altas do mundo. É um caso singular. A América Latina, como um todo, parece ser mais violenta que o restante do mundo. Porém engana-se quem pensa que esse é um problema exclusivo de países em desenvolvimento. Tem bandido em todo lugar. O que muda é a quantidade e a forma de atuação.

Ser brasileiro é uma vantagem para quem é nômade digital. Quando o assunto é insegurança, nós já estamos acostumados a conviver com o pior caso. Se a gente sobrevive no Brasil, o mais provável é que consiga passar ileso por outros lugares. Basta manter o mesmo nível de vigilância e fazer algumas adaptações.

O mundo tem aproximadamente duzentos países. Entretanto a maioria dos brasileiros, quando viaja para o exterior, só visita alguns poucos lugares. Segundo o [Portal Brasil](#), eles costumam ir para Estados Unidos, Argentina, França, Portugal, Espanha, Chile, Itália, Reino Unido e México. Os demais lugares são evitados, seja por falta de interesse ou medo, embora sejam mais seguros que o Brasil.

Tenho amigos que se assustam quando digo que visitei a Bulgária, por exemplo. Isso é curioso, especialmente se considerarmos que a Bulgária é um país muito seguro. O que assusta é o fato de ser desconhecido.

Tudo o que é familiar parece mais seguro. De forma instintiva, as pessoas temem o que é desconhecido. Isso é o que explica o frio na barriga quando a gente está indo para um novo país. Ainda que as estatísticas

confirmem o quanto ele é seguro, a falta de familiaridade nos deixa apreensivos.

Isso é um mecanismo importante que a natureza nos deu. De fato, é importante ficar atento diante daquilo que não é habitual.

Como seres humanos, temos uma sofisticada capacidade de identificar padrões e reagir de acordo ao que observamos. Quando você vive em uma cidade por muito tempo, você se habitua a inúmeros padrões. A forma como as pessoas se vestem, como elas se tratam, como os motoristas dirigem, como os garçons atendem, que áreas são mais seguras e assim por diante.

Quando alguma coisa foge do padrão, a gente consegue identificar com facilidade. Em particular, ficamos melhor equipados para identificar situações de risco. É por isso que, quanto melhor você conhece uma cidade, maior a sua capacidade de manter-se seguro nela.

Quando você vai para um lugar desconhecido, sua capacidade de identificar riscos cai drasticamente. Você ainda não conhece os padrões do lugar. Não tem como saber quando algo está fora do normal. Questões relativamente bobas podem te colocar em grandes enrascadas.

Felizmente, é possível se manter em segurança, mesmo sem jamais ter colocado os pés em um lugar. Basta se preparar e adotar algumas boas práticas.

A maior parte das pessoas que você encontrará pelo caminho são boas. Até mesmo em lugares com muita criminalidade, como o Brasil, bandidos são exceção. Não permita que o medo da violência e o medo do desconhecido te impeçam de viajar. Você se surpreenderá com a quantidade de pessoas maravilhosas que encontrará pelo caminho. Elas querem o mesmo que você: estudar, trabalhar, divertir-se, desenvolver-se, cuidar da família e viver em paz.

O problema é que as poucas pessoas ruins são capazes de causar grandes estragos. Bandidos existem e não dão aviso prévio. Para manter-se em segurança, em qualquer lugar do mundo, você precisa cultivar alguns hábitos e colocar algumas ações em prática. Não apenas quando você pensa que está em uma situação de risco, mas o tempo todo. Ataques acontecem quando você menos espera.

Para onde você vai?

Em sua cidade, é provável que existam alguns bairros considerados inseguros. Por saber quais são, você os evita. Isso não impede que você sofra algum tipo de violência, mas reduz a probabilidade.

Evitar áreas de alto risco é uma ação estratégica para se proteger. Se não quiser se molhar, não saia na chuva.

Assim como cidades têm áreas inseguras, o mundo também tem países inseguros. A melhor forma de diminuir seus riscos é ficar fora deles. Alguns casos são críticos e é melhor que você os evite a todo custo. São poucos lugares assim, mas eles existem. Com frequência, são países que estão passando ou passaram recentemente por algum tipo de conflito armado, como é o caso da Síria, Iraque, Líbia, Paquistão, Afeganistão, Somália, entre outros.

Existem países que são grandes e possuem condições de segurança bastante distintas, dependendo da área do país. Nesses casos, você não precisa evitar o país como um todo. Basta evitar cidades que estejam nas áreas de maior risco.

Para ter uma ideia de como isso funciona, imagine que exista um conflito sério, com episódios de violência cada vez mais graves, em Roraima, na fronteira com a Venezuela. Por pior que seja a situação, isso não aumenta o risco de uma pessoa que esteja visitando Búzios, no interior do estado do Rio. Afinal, milhares de quilômetros separam os dois lugares.

É importante entender isso para que você não exclua de suas viagens países inteiros, em função de problemas pontuais.

Grande parte dos países possui um risco moderado. São lugares em que você precisa apenas tomar algumas precauções, como já faz no Brasil. Você não precisa evitar esses países para estar em segurança.

Finalmente, existem países onde a criminalidade existe, mas é muito baixa. Se você preservar os cuidados que já tem no Brasil, dificilmente terá algum problema. Só não pode baixar a guarda e achar que é impossível passar por algum problema nesses lugares.

Para saber como os países são avaliados em termos de risco para viajantes, consulte os informativos fornecidos por alguns governos com o objetivo de orientar seus cidadãos. Um dos melhores é o site [Smart Traveller](#) do Governo Australiano.

Você escolhe o país e o site informa a avaliação de risco conduzida pelo governo australiano com as devidas justificativas. Quando existem áreas de

maior risco, ele as apresenta no mapa. Isso é útil porque você pode verificar se a cidade que deseja visitar encontra-se em uma área mais problemática.

Além do informativo australiano, você também pode consultar os dos seguintes governos:

- [Hong Kong](#)
- [Estados Unidos](#)
- [Canadá](#)
- [Reino Unido](#)
- [Singapura](#)
- [Irlanda](#)
- [Nova Zelândia](#)

Você pode se surpreender ao consultar esses sites. Se você perguntar a um cidadão francês, por exemplo, quais os países mais perigosos da Europa, ele possivelmente citará a Albânia, a Sérvia e a Romênia, por exemplo. Entretanto, no momento em que escrevo esse trecho do livro, esses três países são considerados seguros para viajar (e nossa experiência neles confirma que são mesmo), enquanto a França é considerada um destino de risco elevado, assim como a Bélgica. Ambas possuem a mesma classificação de risco que o Brasil, embora por razões diferentes (risco de ataques terroristas).

Outra fonte útil é o [Numbeo](#). Você pode usá-lo para ver o [ranking dos países](#), bem como o [ranking das cidades](#), de acordo com as taxas de criminalidade. E também pode fazer [comparações entre cidades](#).

Antes de assumir que um lugar é seguro ou arriscado, consulte esses sites e informe-se sobre seu destino. Os informativos dos governos costumam pecar por excesso de zelo e tendem a abranger áreas grandes com alertas de segurança. Isso significa que tais sites são uma boa referência, mas não devem ser seguidos cegamente.

Além de consultá-los, tente conversar com pessoas que se encontram nas cidades que você deseja visitar. Você pode encontrá-las e contatá-las através de grupos locais, em redes sociais, em fóruns de viajantes ou através de sites como o [Couchsurfing](#).

Faça uma busca pela cidade que deseja visitar, veja quais são os membros que vivem no lugar, entre em contato com eles diretamente e tire suas dúvidas. Se todos indicarem que é seguro visitar, apesar de informações em contrário por parte desses informativos governamentais, provavelmente você não terá maiores problemas. Avalie todas as informações e decida com cuidado.

Lembre-se que a escolha do destino é uma das decisões que têm maior impacto sobre sua segurança. Apesar de nosso interesse em conhecer o mundo inteiro, escolhemos passar a maior parte do tempo em países mais seguros. Ser nômade digital, apesar de parecer arriscado à primeira vista, é mais seguro que ter uma vida convencional em algumas partes do Brasil, desde que tenhamos cuidado na hora de escolher os destinos.

Como agem os bandidos?

Para proteger-se dos bandidos, é preciso aprender a reconhecê-los e entender como agem na maior parte do tempo. Esqueça o estereótipo que você tem em sua mente. Ele não se aplica ao Brasil tão bem quanto você imagina e é ainda menos útil em outros países.

Qualquer um pode ser bandido. Não importa se é homem ou mulher, se é criança ou idoso, se está bem vestido ou não, se é educado ou não. Tampouco importa a cor da pele ou a orientação sexual. Qualquer pessoa a sua volta pode te fazer mal.

É raro que alguém queira lhe fazer mal. Porém, qualquer pessoa tem o potencial de fazê-lo. Tenha isso claro em sua mente e mantenha-se vigilante. A paranóia em que vivemos no Brasil é incômoda, porém útil. Carregue-a com você ao redor do mundo. Ela não deve te impedir de conhecer lugares e pessoas novas. Apenas mantenha-se alerta.

Bandidos são oportunistas. A única lei que respeitam é a do menor esforço. Eles não tentam criar oportunidades, nem se envolvem em procedimentos complicados na maioria das vezes. Apenas se aproveitam de situações que surgem diante deles. Eles avaliam as opções e descartam as mais difíceis.

Isso significa que sua segurança depende, em grande medida, de você. Sua missão é não chamar atenção e não criar oportunidades que atraiam os bandidos. Você não precisa andar por aí com um guarda costas. Basta

restringir as oportunidades e dificultar a vida dos meliantes. Eles mesmos vão olhar para os lados e buscar alternativas mais fáceis.

Se você tem um carro, vale a pena colocar alarme, usar tranca e estacioná-lo em um local bem iluminado. Não porque isso o impeça de ser roubado, mas porque torna o processo mais trabalhoso e arriscado. Se houver outro carro estacionado ao lado, com menos itens de segurança, o ladrão provavelmente o levará, em vez do seu. É o que basta para que você continue a ter seu veículo intacto.

No Brasil, é comum a ocorrência de assaltos. A pessoa é abordada pelo assaltante, que frequentemente está portando uma arma e pede que a vítima entregue seus pertences. Isso é raro no restante do mundo, onde o furto é mais usual.

Tanto quanto possível, bandidos evitam o confronto direto com suas vítimas, especialmente fora do Brasil. Eles fazem tudo para levar seus bens sem que você e nenhuma outra pessoa se dêem conta.

Roubar é uma ação de alto risco. O bandido não sabe como a vítima reagirá. Ele tem medo de ser pego ou identificado. Ele não quer ir para a cadeia nem levar um tiro da polícia. O caminho mais seguro é agir na surdina, com discrição.

Muitos deles preferem identificar alvos fáceis e aperfeiçoar suas técnicas de batedores de carteiras. Alguns são tão habilidosos, que você ficaria em choque com o que são capazes de fazer em uma fração de segundos, sem que ninguém se dê conta.

Para que um bandido te ataque, ele precisa, primeiro, ter sido atraído por algo. Em seguida, precisa se aproximar de você. Sua defesa começa em não atraí-lo. Além disso, tanto quanto possível, evite que outras pessoas se aproximem demais de você. Nenhum bandido vai te roubar ou assaltar à distância.

Existem ladrões que preferem invadir casas, desde que tenham a percepção de que estão vazias. Eles raramente tentam arrombar uma casa onde pareça haver alguém. Portanto, uma ação útil para proteger sua casa é passar a impressão de que ela está ocupada, mesmo quando esse não é o caso.

Tente pensar como um bandido por alguns instantes. Você precisa escolher seu alvo. Para isso, avalia o potencial de retorno de suas ações e a facilidade de ter sucesso.

O que lhe parece mais atrativo?

- Uma pessoa carregando duas malas grandes ou uma carregando uma mochila pequena?
- Uma pessoa com pinta de turista, olhando para cima, como se estivesse perdida ou alguém que pareça um local, caminhando com propósito?
- Uma pessoa coberta de joias ou alguém que não tem sequer um relógio no pulso?
- Uma pessoa que acabou de abrir a carteira, cheia de cartões, ou outra que não lhe dá a menor ideia do que está carregando?

O que você precisa proteger?

Quanto mais coisas você carrega, maior o seu risco. Carregar um número maior de volumes, te torna um alvo mais atrativo. O potencial de retorno é maior, você se move mais devagar, se distrai com mais facilidade, é mais difícil tomar conta de tudo e é mais fácil te atacar.

Preservar sua segurança e a de seus pertences é uma razão adicional para viajar com o mínimo possível. Quanto menor for o número de itens, menos você atrai bandidos e menor é o seu risco.

Sua primeira linha de defesa consiste em escolher sabiamente os lugares que irá visitar. A segunda é escolher com cuidado o que levará. Leve pouco.

Os itens que você levará têm graus diferentes de importância. Alguns podem ser roubados sem que isso afete sua viagem. Outros podem te impedir de seguir adiante se forem tomados de você.

Listo abaixo os principais itens que você carrega, em ordem de importância:

- Sua vida.
- Passaporte.
- Cartões bancários, cartões de crédito e *tokens* de acesso ao *internet banking*.
- Carteira de motorista.
- *Notebook*.
- *Smartphone*.

- Câmeras e outros equipamentos eletrônicos.
- Dinheiro em espécie e joias.
- Roupas, sapatos e demais itens pessoais.

Para compreender essa ordem, é preciso se perguntar: que impacto a perda desse item terá no restante da viagem?

Sua vida

Nada é tão valioso quanto sua própria vida. Lembre-se sempre disso. Não tente defender seus pertences se isso colocar sua vida em risco. Não tente reagir a um assalto, por exemplo. Tudo o que está na lista abaixo pode ser recuperado. Sua vida não.

Passaporte

Se você estiver fora do Brasil, a pior perda material que você pode sofrer é ficar sem o passaporte. Qualquer problema que possa ser resolvido apenas com dinheiro é barato. No caso da perda do passaporte, dinheiro é necessário para resolver, mas não é suficiente.

Se alguém levar seu passaporte, você terá uma tremenda dor de cabeça. Terá de comunicar o roubo às autoridades policiais locais e à Polícia Federal do Brasil. Em ambos os casos, isso envolve procedimentos burocráticos e desagradáveis.

O passaporte é um documento valioso, especialmente o brasileiro. Não só porque dá acesso a uma grande quantidade de países sem necessidade de pedir visto prévio, mas também porque qualquer pessoa pode se passar por brasileiro.

Imagine alguém, com traços ocidentais, tentando viajar por aí com um passaporte japonês. Isso chamaria a atenção de qualquer oficial de imigração. Por outro lado, uma pessoa com cara de japonês, africano, europeu ou o que for pode se passar por brasileiro porque o Brasil tem gente de todo tipo.

Se seu passaporte cair nas mãos erradas, ele provavelmente será vendido no mercado negro e utilizado de forma indevida. Alguém pode cometer um

crime usando seu passaporte e isso pode te trazer graves consequências. Por todas essas razões, é fundamental comunicar a perda do passaporte às autoridades locais e brasileiras com rapidez.

Você precisará fazer um novo passaporte. Se o país onde você se encontra possui um consulado brasileiro, você pode dirigir-se a ele e solicitar a emissão de um novo. Entretanto, não existem consulados brasileiros em todos os países. Nos casos em que ele existe, o mais comum é que esteja localizado em apenas uma cidade ou algumas poucas. Há uma chance de você ter de viajar para outra cidade com a única finalidade de visitar o consulado brasileiro.

No melhor dos casos, você terá de fazer um trâmite burocrático, esperar algum tempo e pagar um valor elevado para obter um novo documento de viagem. No pior dos casos, não haverá um consulado brasileiro e você terá uma tremenda encrenca para sair do país.

Você também perderá eventuais vistos que estejam em seu passaporte, dentre os quais pode estar até mesmo o visto que lhe dá permissão de estadia no país em que você se encontra no momento do roubo. Isso pode gerar complicações com as autoridades locais.

A perda ou roubo do passaporte significa dor de cabeça, burocracia, a chance de ter a viagem interrompida ou alterada e um custo alto. De todos os itens que você carrega, esse é o que você deve proteger com o maior cuidado possível.

No dia a dia, decidir entre levar o passaporte com você para todos os lugares ou deixá-lo na acomodação não é tão trivial quanto parece. Na maior parte dos casos, o ideal é não andar com ele o tempo todo e deixá-lo na acomodação. Contudo, existem acomodações que não são tão seguras assim. Por sua vez, há países em que é obrigatório portar o passaporte o tempo todo.

Se tiver de levar o passaporte para a rua, evite levá-lo no bolso da calça ou em uma bolsa de mão. É preferível usar um *money belt*, também conhecido em português como "doleira", que você amarra na cintura e utiliza por baixo da camisa. Ou um *neck stash*, também conhecido como *neck pouch*. É semelhante a uma "doleira", porém fica pendurado no pescoço, sob a camisa. Você o utiliza como se fosse um colar. Nesse caso, o passaporte e outros valores ficam apoiados sobre seu tronco, pendurados pelo pescoço. Essa é a opção que nós utilizamos a maior parte do tempo.

Se você deixar o passaporte na acomodação, leve para a rua uma fotocópia dele, de preferência colorida e sua carteira de identidade original. A menos que você esteja em um país da América do Sul, a carteira de identidade não servirá como documento de viagem. Porém, se o passaporte for roubado em sua acomodação, a carteira de identidade e a cópia do passaporte serão úteis para você se identificar no consulado, quando for solicitar a emissão de um novo passaporte.

Se você for para a rua com o passaporte, a carteira de identidade e a fotocópia do passaporte devem ficar na acomodação, naturalmente.

Cartões bancários, cartões de crédito e tokens de acesso ao internet banking

Ficar sem seus cartões implica em não conseguir sacar dinheiro e a impossibilidade de usar estes instrumentos financeiros para fazer compras. Por sua vez, ficar sem o *token* de acesso ao *internet banking* pode significar ficar totalmente sem acesso a sua conta bancária enquanto estiver viajando pelo mundo.

Para solucionar a perda desses itens, você terá de fazer algum tipo de trâmite burocrático com seu banco. Terá de cancelar os cartões que foram perdidos ou roubados. E precisará solicitar a reposição dos mesmos.

Em alguns casos, é possível resolver tudo sem retornar ao Brasil. Porém, no pior caso, você terá de interromper a viagem. Afinal, alguns bancos são tão burocráticos quanto repartições públicas.

Todo problema se torna mais caro de se resolver quando envolve algum tipo de burocracia. Burocratas têm o poder desproporcional de criar entraves e te forçar a retornar ao Brasil apenas para assinar um documento. Isso é caro. Não apenas porque você terá de comprar uma passagem, mas sobretudo porque deverá mudar planos de viagem que já havia feito. Terá de cancelar eventuais reservas, perder passagens e assim por diante. Até mesmo seu trabalho remoto pode ser prejudicado devido à necessidade de retornar abruptamente ao Brasil.

Felizmente, no caso de cartões, é possível trabalhar com backups. O ideal é que você tenha mais de um cartão para acessar sua conta bancária (para fazer saques) e mais de um cartão de crédito.

Redundância é essencial para aumentar sua segurança. Os sistemas que compõem um avião não são perfeitos. Eles falham. Porém, cada um deles

possui algum tipo de redundância. Se uma turbina falhar, por exemplo, a outra consegue levar o avião normalmente.

Para se proteger de consequências mais graves, você deve introduzir redundância em tudo o que for possível. Isso é especialmente válido para o caso de cartões bancários e cartões de crédito.

Assumindo que você tenha pelo menos dois cartões bancários e dois cartões de crédito, você pode adotar sempre a seguinte configuração. Saia de casa com um cartão bancário e um cartão de crédito. Deixe na acomodação pelo menos um cartão bancário e um cartão de crédito.

Se um ladrão te rouba na rua e você fica sem os cartões, será possível continuar a viagem com aqueles que você deixou na acomodação. Por sua vez, se houver um roubo na acomodação e os cartões forem roubados, você poderá continuar a viagem com aqueles que havia levado para a rua. Da mesma maneira que é raro duas turbinas falharem ao mesmo tempo em um avião, é improvável que você seja roubado na rua e sua acomodação também seja roubada no mesmo dia.

A premissa básica é essa: você deve ser capaz de seguir viagem se for deixado apenas com o que está levando na rua ou apenas com o que está na acomodação.

O *token* do banco talvez seja único. Nesse caso, assim como acontece com o passaporte, você precisará avaliar, caso a caso, o que é mais arriscado: levar com você para a rua ou deixar na acomodação.

A situação mais arriscada que você enfrentará é o momento em que estiver viajando de uma cidade para outra. Você está carregando tudo e não tem redundância.

Nesse caso, espalhe os itens valiosos pelo corpo. Coloque o passaporte, alguns cartões bancários e de crédito na "doleira" ou no *neck stash*. Coloque a identidade, outro cartão bancário e de crédito em um bolso, e a cópia do passaporte em outro bolso. Isso pode te ajudar a preservar alguma coisa no caso de um assalto.

Carteira de motorista

Se você está viajando de carro ou pretende alugar carro com frequência, a perda ou roubo da carteira de motorista será um problema grave. Obter uma segunda via provavelmente implicará na necessidade de retornar ao

Brasil ou, no mínimo, ir ao consultado brasileiro mais próximo e fazer um trâmite burocrático.

Notebook

O que aconteceria se um dia você acordasse e não conseguisse mais fazer seu trabalho, nem acessar seus arquivos e nem acessar o *internet banking*? Perder o *notebook* teria todas essas implicações e outras mais.

Se você não tiver os cuidados apropriados, que foram mencionados na parte de segurança digital, um eventual roubo do *notebook* te fará perder informações importantes do trabalho e pessoais, além de permitir que bandidos tenham acesso a dados pessoais e se passem por você em fraudes virtuais.

No pior dos casos, sua identidade digital é roubada, seu trabalho é arruinado e sua viagem é interrompida. No melhor dos casos, você tem apenas o custo de comprar um *notebook* novo.

Notebook atrai ladrões. Isso é especialmente verdade quando é da Apple. Você precisa ter cuidado para ele não ser roubado, porém deve assumir que um dia isso ocorrerá. Ou ele simplesmente irá quebrar e parar de funcionar.

Lembrando o que foi explicado na parte de segurança digital, use uma senha forte para o acesso ao *notebook*, criptografe o disco e faça backup regularmente. Utilize soluções como Dropbox ou Amazon Cloud Drive para armazenar seus arquivos de trabalho na nuvem à medida que os cria e utiliza.

Organize tudo de tal forma que, no caso de ficar sem o *notebook*, você possa comprar um novo, se conectar com a solução de backup e recuperar todos os arquivos rapidamente. Quanto mais rápido você conseguir retomar sua vida digital e seu trabalho, melhor.

Assumindo que você esteja em uma acomodação segura, o risco de roubo é maior quando você leva o *notebook* para a rua. Só o leve para locais que lhe pareçam realmente seguros. Não assuma que você pode usar o *notebook* em qualquer lugar, sem riscos, só porque está fora do Brasil.

Smartphone

Quantas vezes você utiliza seu *smartphone* por dia? Ele tem uma importância semelhante a do *notebook*.

Ficar sem o *smartphone* não te impede de trabalhar, porém atrapalha. Você pode perder fotos e vídeos, ficar sem GPS, ficar impedido de chamar o Uber, não conseguir traduzir o menu do restaurante, não conseguir se comunicar com a família e amigos pelo WhatsApp e por aí vai.

Ao contrário do *notebook*, não dá para deixar o *smartphone* na acomodação. Ele precisa te acompanhar em todos os lugares. E ele atrai ladrões, da mesma forma que um *notebook*.

Por ser pequeno, é fácil de ser esquecido e de ser roubado. Se você não tomar os cuidados apresentados na parte de segurança digital, o bandido ainda consegue acessar seus dados pessoais e roubar sua identidade.

Assim como o *notebook*, assumo que o *smartphone* será perdido ou roubado algum dia. Para evitar maiores estragos, coloque uma senha forte e configure-o para apagar todos os dados automaticamente após um certo número de tentativas erradas de colocar a senha. E use um aplicativo que permita localizá-lo e apagá-lo remotamente.

Outros dispositivos eletrônicos

Tablets, câmeras fotográficas, filmadoras, lentes e outros dispositivos eletrônicos são caros. Eles também atraem bandidos. Felizmente, a perda desses dispositivos dificilmente é tão catastrófica ao ponto de comprometer sua viagem. O principal prejuízo é financeiro.

Dinheiro em espécie

É possível pagar quase tudo com cartão na maioria dos lugares que você visitará. Entretanto, faz sentido levar dinheiro em espécie e utilizá-lo em inúmeras situações.

A melhor forma de carregá-lo na rua é usando uma "doleira" ou *neck stach*. Ainda assim, é válido espalhar o dinheiro pelo corpo. Só nunca use o bolso de trás da calça. Ele não deve ser usado para nada de valor.

Se sua acomodação for segura, deixe a maior parte do dinheiro nela e leve para a rua apenas o que for usar durante o dia.

O roubo de dinheiro é o menos grave quando comparado aos itens mencionados anteriormente. Ninguém gosta de perder dinheiro, porém

sempre é possível fazer a reposição dele.

Demais itens

Roupas, calçados, artigos de higiene e demais itens que você carrega são fáceis de repor. Você os encontra no mundo inteiro e não são tão caros quanto equipamentos eletrônicos, por exemplo.

Eles merecem ser protegidos, mas a perda deles não é motivo de desespero. Você conseguirá seguir em frente e sua viagem não será interrompida.

Concentre-se em proteger os itens mais valiosos e não se deixe abalar pela eventual perda de objetos de fácil reposição.

Na sua acomodação

Como você já sabe, sua segurança começa antes de chegar a seu destino, no momento do planejamento. Escolha a acomodação com cuidado. Leia os comentários de hóspedes anteriores para ter certeza de que não existem relatos de roubos e outros problemas que comprometam sua segurança.

Apresento a seguir recomendações específicas por tipo de acomodação.

Em hotéis

Saguão de hotel é um lugar pelo qual circula muita gente. É comum que esteja cheio. Nem todo mundo que passa pelo *lobby* é hóspede. Tem gente que está ali para se aproveitar da confusão e eventuais distrações.

Fique atento a seus pertences na hora do *check in* e do *check out*. Enquanto você está distraído, preenchendo o cadastro do hotel ou pagando a fatura, um bandido pode pegar sua mala e levá-la sem que você perceba.

Coloque a mochila e a mala junto de você. Fique de olho nelas durante todo o tempo que estiver no saguão. É mais fácil se você estiver carregando pouca coisa.

Não deixe o cartão de crédito sobre o balcão enquanto preenche o cadastro ou revisa a fatura. Tire-o da carteira apenas quando chegar o momento de fazer o pagamento e fique de olho nele durante todo o processo. Assegure-se que o funcionário da recepção lhe devolva o cartão e verifique se está recebendo o cartão certo de volta.

Quando receber a chave ou cartão de acesso ao quarto, não mencione o número dele em voz alta. Ninguém precisa ficar sabendo dessa informação além de você.

Aproveite o momento do *check in* para pegar um cartão de visita do hotel para você, um para cada pessoa que estiver com você e mais um para deixar no próprio quarto do hotel. É importante que você e seus companheiros de viagem levem sempre o cartão do hotel no bolso. Isso facilita o retorno da rua.

Deixe um outro cartão de visita no quarto, próximo ao telefone. No caso de uma emergência, você terá o endereço do hotel a mão para informar para a polícia, bombeiros ou ambulância.

Quarto de hotel é um lugar frequentado por outras pessoas além de você. Todo dia ele é visitado por camareiras. Isso é ruim para a segurança de seus pertences.

Por mais idôneos que sejam os funcionários de um hotel, sempre existe a chance de que algum deles furete seus pertences. O fato de terem acesso a seu quarto é suficiente para a ocorrência de roubos. O bandido, nesse caso, não é necessariamente a pessoa que está arrumando o quarto. Se a porta ficar aberta por alguns instantes, como acontece com frequência, alguém pode entrar no quarto rapidamente e levar algo enquanto a arrumadeira está limpando o banheiro, por exemplo.

Para evitar que uma pessoa seja atraída por seus pertences, não deixe nada de valor exposto no quarto do hotel. Se houver um cofre, utilize-o para guardar o que for mais importante. Especialmente o passaporte, cartões e dinheiro. Entretanto, avalie até que ponto você pode confiar nele.

O cofre do hotel pode ser aberto por alguns funcionários. Idealmente, apenas a gerência tem como abri-lo, mas você não tem como se certificar disso. Dependendo da cidade em que esteja e do seu sentimento sobre a segurança do hotel, pode fazer mais sentido levar o passaporte e cartões com você quando for para a rua, em vez de deixá-los no cofre do hotel.

Outra alternativa é esconder o que for importante em um local obscuro do quarto e trancar o cofre para dar a impressão de que pertences de maior valor estão dentro dele.

Na medida do possível, deixe os demais itens dentro da mala e tranque-a sempre que estiver fora do quarto. Faça isso mesmo que vá sair rapidamente apenas para jantar no próprio restaurante do hotel.

Quanto menos informações os funcionários do hotel tiverem sobre seus pertences, menores as chances de que sejam atraídos por eles. Não deixe documentos expostos, nem papéis que tenham informações sobre seus planos de viagem.

Nós temos um cabo de aço que carregamos conosco. Quando ficamos em hotéis, amarramos mala e mochilas com o cabo de aço. Sempre que possível, também prendemos o cabo de aço no aquecedor, nas ferragens que ficam atrás do frigobar ou em qualquer outro lugar do qual seja difícil removê-lo.

Cadeados e cabos de aço não tornam um roubo impossível. Basta um bom alicate para cortá-los. O objetivo de amarrar tudo e usar cadeados é desestimular o roubo, tornando-o mais trabalhoso. Eles evitam a ação de oportunistas que se aproveitam de situações fáceis para agir. Complique as coisas e isso será suficiente para eles procurarem outras vítimas.

Se sua estadia for curta (uma a três noites), não utilize o serviço de arrumação do quarto. Pendure o sinal de "não perturbe" na porta e mantenha-o lá durante toda a estadia. Sempre que sair, deixe uma luz acesa e a televisão ligada em um volume razoável. Suficientemente alto para que seja escutada da porta, mas não tão alto que possa incomodar os quartos vizinhos. Passe a impressão de que sempre há alguém no quarto e isso evitará que arrumadeiras e outras pessoas tentem entrar.

Antes de dormir e de sair, certifique-se de que as janelas e portas estão trancadas. Às vezes a arrumadeira entra, abre a janela durante a arrumação e não fecha ao sair. Atenção especial com portas de interligação para outros quartos. Se possível, evite quartos que tenham tais portas. Feche as cortinas do quarto para impedir que seja possível analisar seu interior de fora.

Se alguém bater na porta do quarto sem que você esteja esperando uma visita, não abra. Ligue para a recepção e pergunte quem foi autorizado a ir até o quarto.

Se você tiver de receber uma visita de uma pessoa que não conhece ou tiver de receber uma entrega, não permita que a pessoa vá até o quarto. Encontre com ela na recepção. Tampouco aceite receber pacotes inesperados em seu quarto. Se tiver de recebê-los, faça-o na recepção.

Tenha cuidado com a chave ou cartão magnético da porta do quarto. Se perder, solicite a troca imediata da fechadura ou do código. Se necessário, troque de quarto.

Hotel não é um tipo de acomodação tão segura quanto parece à primeira vista. Os funcionários do hotel têm acesso a seu quarto. São pessoas que você não conhece e nas quais não sabe se pode confiar. Ainda assim, algumas delas visitam seu quarto diariamente. O que expõe seus pertences a um risco constante de furto.

Se possível, evite hospedar-se em hotéis, por melhores que pareçam ser.

Em hostels (albergues)

Ficar em um *hostel* normalmente significa ter acesso a uma cama em um dormitório, um armário, um banheiro compartilhado e uma cozinha compartilhada. Quase sempre existe um armário que você pode trancar usando seu próprio cadeado. Esse é o único local reservado de que você dispõe para armazenar seus pertences.

Em termos de segurança, o albergue é pior que um hotel. Também existe uma grande circulação de pessoas e você não tem privacidade nem mesmo em seu dormitório. Se você usa o *notebook* no quarto, por exemplo, outras pessoas ficam sabendo da existência dele. O mesmo vale para outros itens de valor que você carregue. Você não tem nenhuma informação sobre a idoneidade das pessoas com as quais está dividindo o quarto.

Apesar disso, é possível ficar em um albergue com segurança. Dividir o dormitório com outras pessoas é útil para te lembrar que você precisa ter cuidado com suas coisas. É fácil esquecer disso em um hotel porque há uma falsa sensação de segurança. Em um albergue, a necessidade de atenção é mais evidente.

Antes de ir para um albergue, providencie um cadeado reforçado, de alta qualidade, que não possa ser rompido com facilidade. Você precisará usá-lo no armário do albergue. Se for de código, evite usar uma combinação óbvia, tipo "123" ou "000". Prefira cadeados onde seja possível configurar senhas de pelo menos quatro dígitos. Impeça que outras pessoas vejam você abrindo o cadeado e descubram a senha.

Viaje com pouco. Nem sempre o armário do albergue é suficientemente grande para acomodar uma mala ou mochila grande. Quanto menor for a bagagem, maiores as chances de conseguir acomodar tudo no armário.

Se você estiver usando o *notebook* e for ao banheiro, tranque-o no armário. Não o deixe sobre a cama. Não deixe nada de valor sobre a cama se você não estiver por perto.

Se você não considerar o armário suficientemente seguro, leve o passaporte e os cartões com você, em uma bolsa ou *neck stash*, sempre que for para a rua.

Em apartamentos

Apartamento ou casa alugada costuma ser a opção de acomodação mais segura. Ao contrário de hotéis e albergues, não há grande circulação de pessoas nesse tipo de acomodação. Muita gente pode frequentar o edifício em que o apartamento está localizado, mas pouca gente tem acesso ao apartamento em si.

Além de você, apenas o dono do imóvel tem a chave dele. Em alguns casos, existe também uma pessoa que faz a limpeza quando o proprietário solicita. Talvez ela também tenha a chave.

O proprietário não tem nenhum interesse que você seja roubado no imóvel dele. Isso lhe traria uma avaliação negativa e poderia arruinar seu negócio.

Em um imóvel alugado, o risco é que ele seja arrombado. Isso pode ocorrer em qualquer lugar do mundo, mas é raro. Mesmo em um lugar com taxa de criminalidade alta, como o Brasil, a chance de ter a residência invadida e roubada é menor que sofrer um roubo na rua.

Imóveis que pareçam desocupados são os que têm maior chance de serem invadidos. É raro que um ladrão tente entrar quando acredita que existe alguém em casa. Para simular a presença de alguém, deixe uma luz acesa e a TV ligada sempre que for para a rua. Nós fazemos isso com frequência.

Também guardamos na mala tudo que temos de maior valor e a deixamos trancada dentro do apartamento. Usamos o cabo de aço para conectá-la a um aquecedor ou qualquer outro objeto do qual não seja fácil desconectar.

Se o proprietário ou a pessoa responsável pela faxina entrarem no apartamento, não saberão o que temos de maior valor, nem conseguirão acessar tais itens com facilidade.

Quando existe um quarto no apartamento e temos a chave dele, nós colocamos a mala dentro dele e o trancamos sempre que vamos para a rua. Isso cria uma dificuldade adicional para eventuais invasores.

Por sua vez, quando estamos em casa, nunca atendemos o interfone ou a campainha, a menos que estejamos esperando a visita de alguém, o que é raro. Se você não conhece ninguém no lugar, por que abriria a porta para estranhos?

Cuidados dentro da cidade

Antes de colocar os pés na rua, pense sobre como você se vestirá e o que levará. Andar pela rua com roupas caras, bolsa de grife, câmera fotográfica pendurada no pescoço e com o último modelo do iPhone na mão é uma ótima forma de atrair a atenção de bandidos. Se você não deseja fomentar o encontro com esse tipo de gente, faça uma reflexão antes de colocar os pés na rua.

Tanto quanto possível, tente vestir-se como os locais. Estude como eles se vestem, observe-os na rua. Trajar bermuda e camiseta, por exemplo, é habitual no Brasil, porém raro em outros lugares. Se você se vestir assim na Índia, por exemplo, vai atrair atenção indesejada. Para manter-se em segurança, a última coisa que você deseja é atrair atenção.

Não leve grandes quantias de dinheiro. Carregue apenas a quantia de que precisará e um pouco a mais para o caso de alguma necessidade imprevista.

Não leve todos os cartões de crédito para a rua. Como já expliquei, é importante levar um cartão bancário (que permita saque de sua conta) e um cartão de crédito para a rua, para o caso de roubo dos bens que você deixou na acomodação. Porém não faz sentido levar mais que o estritamente necessário.

Pesquise quais são as áreas inseguras da cidade e não as visite. Leia a seção *Stay Safe* do [Wikitravel](#) da cidade. Evite áreas desertas e áreas mal iluminadas à noite.

Forma de andar

Ainda que você esteja em uma cidade nova, caminhe com propósito. Para isso, estude o caminho que precisa percorrer antes de sair da acomodação ou trace uma rota com o GPS do *smartphone*. Caminhar como se estivesse perdido é um convite para a ação de ladrões.

Se você realmente estiver perdido, continue caminhando com propósito até encontrar uma loja, café, restaurante ou qualquer estabelecimento onde

possa entrar. Deixe para pedir informação ou consultar um mapa dentro do estabelecimento.

Evite distrair-se e tome cuidado para que outras pessoas não se aproximem demais de você. Bandidos não buscam necessariamente pessoas frágeis. Eles estão mais interessados em vítimas desatentas, que lhes permitam aproximar-se sem serem notados.

Se achar que alguém está te seguindo, atravesse a rua e veja se a pessoa te acompanha. Se necessário, entre em uma loja, supermercado ou qualquer lugar com grande movimentação de pessoas. Lugares cheios atraem bandidos interessados em furtar, porém inibem a ação de assaltantes. Não vale à pena criar uma situação de confronto na presença de tantas testemunhas.

Forma de carregar a bolsa

Se estiver levando uma bolsa, assegure-se de que esteja fechada. Leve-a na frente do corpo e segure-a com firmeza. Se estiver caminhando sobre a calçada, a bolsa tem que ser levada ao lado do corpo, do lado oposto ao da rua. Em muitos lugares, é comum a ação de bandidos em motos que se aproximam da calçada, agarram a bolsa que está próxima à rua e fogem rapidamente.

Se estiver de mochila, feche-a com cadeado. Quando houver muita gente por perto, coloque-a na frente do corpo. Só a leve nas costas quando não houver outras pessoas por perto.

Companhia de outras pessoas

Andar na companhia de outras pessoas afeta sua segurança. A presença de outra pessoa pode colaborar para inibir a ação de um assaltante. Por outro lado, pode favorecer a ação de quem deseja furtar. Andar na rua de forma distraída, conversando com outra pessoa, torna mais fácil o furto.

Se vocês estiverem falando alto, bandidos podem escutar e descobrir que são estrangeiros. Isso é um convite para muitos ladrões.

Na hora de tirar foto

Quando você encontrar uma cena bonita e quiser tirar uma foto, planeje-a em sua cabeça antes de tirar a máquina da bolsa ou da mochila. Exponha a máquina fotográfica apenas durante o tempo necessário para fazer a foto e guarde-a logo em seguida. Se quiser usá-la por mais tempo, cruze a alça pelo corpo. Não a deixe pendurada apenas no pescoço.

Se você estiver na companhia de outra pessoa, peça para ela lhe dar cobertura. Ela deve prestar atenção em você para assegurar-se que ninguém se aproxime enquanto você está fazendo a foto.

Em cafés e restaurantes

Se você tiver uma bolsa, não a pendure no encosto da cadeira. É fácil furtar objetos dela nessas condições. Tente colocá-la em um local onde fique sempre visível ou coloque-a em seu colo.

Se tiver uma mochila, coloque-a em uma cadeira, na sua frente ou no chão, entre suas pernas. Amarre-a à cadeira ou à mesa, para que não seja possível alguém passar e levá-la sem chamar atenção.

Se estiver trabalhando com um notebook e precisar ir ao banheiro, não peça para um estranho dar uma olhadinha nele. Coloque o *notebook*, *smartphone* e o que mais tiver de valor dentro da mochila e vá para o banheiro com ela.

O *notebook* e o *smartphone* estão entre os itens mais preciosos que você carrega. Nunca os confie à guarda de pessoas que você não conhece, por mais simpáticas e confiáveis que pareçam ser.

Na hora de pagar a conta, se for utilizar cartão de crédito, fique atento para que o garçom não o leve para longe de você. Se ele tiver de passar o cartão no balcão, acompanhe-o até lá e fique de olho no cartão durante toda a operação.

Em lojas, supermercados e outros estabelecimentos

Tenha cuidado na hora de abrir a bolsa ou a carteira para fazer o pagamento. Observe quem está a sua volta e não faça o pagamento imediatamente se houver pessoas suspeitas.

Se fizer o pagamento com cartão, mantenha-o sempre à vista. Não deixe que nenhum funcionário o leve para longe de você. Só digite a senha se o valor estiver correto no mostrador da máquina. Proteja o teclado na hora de

digitá-la. Lembre-se de pegar o cartão de volta e conferir se realmente é o seu.

Na praia

Leve o mínimo necessário e, se possível, vá com uma companhia. É ótimo ter alguém que possa ficar de olho em seus pertences enquanto você cai na água. A pessoa também poderá te ajudar se você tiver algum problema.

Se possível, não deixe objetos na areia, desacompanhados, enquanto entra na água. Não peça para estranhos olharem seus objetos, a menos que eles tenham pouco valor.

No transporte público

Ônibus, metrô e tram, especialmente quando estão cheios, são locais perfeitos para a atuação de ladrões. As pessoas ficam muito próximas umas das outras e há inúmeras fontes de distração.

Coloque a carteira sempre no bolso da frente da calça. Se estiver carregando o passaporte e cartões, leve-os em uma "doleira" ou *neck stash*.

Se estiver carregando uma bolsa, feche-a completamente, mantenha o braço sobre ela e coloque-a em sua frente. Nunca deixe a bolsa exposta nas proximidades da porta do veículo. Alguém pode sair dele e levar a bolsa rapidamente, alguns instantes antes de a porta fechar.

Se estiver carregando uma mochila, coloque-a em sua frente. Nunca a leve nas costas quando estiver no transporte público, mesmo que esteja usando cadeados. Alguns ladrões usam estiletes ou navalhas para cortar o fundo e pegar seus pertences rapidamente.

Evite usar fones de ouvido para escutar música no transporte público. Especialmente se ele estiver cheio. Fica mais difícil detectar movimentos suspeitos a seu redor.

Taxi

Evite usar taxi. Esse é o melhor conselho de segurança quando o assunto é taxi. Sempre que possível, utilize uma alternativa como o Uber ou o transporte urbano. Só ande de taxi em último caso.

Andar de taxi aumenta seu risco de ser roubado ou, no mínimo, extorquido. Além de ser um meio de transporte caro, muitos taxistas tiram vantagens dos passageiros.

Em seis anos de vida nômade, poucas vezes sofremos alguma tentativa de golpe. Em quase todos os casos o problema foi com taxistas.

Quando o assunto é taxi, sua melhor defesa é a preparação. Estude a cidade que você visitará para entender como é o funcionamento dos taxis e os golpes mais comuns. Você pode começar consultando o [Wikitravel](#) e o Google.

Veja se existem cooperativas consideradas picaretas que você deva evitar a todo custo. Descubra quais são as mais confiáveis. Anote o telefone delas na agenda ou baixe os aplicativos delas. Não pegue taxi na rua que não seja de uma cooperativa com boa reputação. Acima de tudo, não entre em taxi clandestino.

Quando você pedir um taxi, anote o número da empresa e o número do veículo. Isso será útil se você esquecer algo no carro ou tiver de fazer uma reclamação.

A tarifa do taxi costuma ser tabelada nas cidades brasileiras. Isso não ocorre em outras partes do mundo, onde cada taxista adota uma tarifa. Ela costuma ser mostrada claramente na porta do carona. Estude qual é a tarifa mais habitual cobrada na cidade e não pegue taxis que cobrem valores mais altos. Fique atento a eventuais diferenças entre tarifa diurna e noturna.

Não pegue taxi em rodoviárias e estações de trem. Os taxistas que rondam esses lugares costumam ser os piores. Sobre tudo, nunca aceite ofertas de taxis no saguão de rodoviárias, estações de trem e aeroportos. Como premissa básica, compreenda que você deve buscar o taxi. Se ele lhe for oferecido, você provavelmente terá problemas.

No caso de rodoviárias e estações de trem, se você não conseguir pedir um taxi por telefone, muitas vezes é melhor se afastar do lugar. Caminhe dois ou três quarteirões e pegue um taxi que esteja passando pela rua. Isso vai te tirar da região com maior concentração de taxistas picaretas.

Se você estiver carregando algo que precise colocar no porta malas, espere que o motorista saia do carro e abra o porta malas para você. Não coloque a mala lá com o motorista dentro do carro. Ele pode arrancar com a mala. Por sua vez, quando chegar ao destino, antes de descer do veículo, espere que o motorista desça do carro para abrir o porta malas.

O que for mais valioso deve estar sempre em uma mochila ou bolsa. Ela nunca deve ser colocada no porta malas. Deve ficar com você, dentro do taxi, o tempo todo. Coloque-a no piso do veículo para evitar que bandidos passando a pé ou de moto a vejam. Feche as janelas e tranque as portas.

Se você estiver sozinho e tiver de sair do taxi para pedir uma informação, tal como perguntar se há vaga em um hotel, não deixe a mochila e nada de maior valor dentro do veículo. Se estiver com mala no porta malas, ao menos assegure-se de que a mochila com os itens mais valiosos esteja dentro do carro com você. Saia do carro com ela.

Fique de olho no taxímetro. Em alguns lugares, é comum os taxistas usarem dispositivos que fazem o valor da corrida subir de forma abrupta. Se você perceber que isso ocorreu, peça para o motorista parar e saia do veículo imediatamente. Faça uma denúncia para a cooperativa e a prefeitura.

Aglomerações

Aglomerações são um problema do ponto de vista de segurança. Elas atraem bandidos porque as pessoas ficam distraídas e cometem erros. A proximidade de tanta gente também torna fácil a ação dos ladrões. Tenha muito cuidado quando estiver em áreas com grande concentração de pessoas.

Proteja seus bolsos. Se estiver carregando alguma bolsa ou mochila, assegure-se que esteja completamente fechada e coloque-a na frente do corpo, com o braço por cima.

Tenha cuidado particular com aglomerações que envolvam eventos esportivos. Em diversas partes do mundo, brigas de torcida representam um problema grave de segurança pública, assim como pessoas bêbadas.

Tenha cuidado também com manifestações e protestos políticos. Não participe destes eventos, especialmente quando estiver em outro país.

Golpes

Se estiver visitando um local turístico, fique atento. É o tipo de lugar que atrai golpistas. Cuidado com pessoas que te abordem nessas áreas.

Quase sempre a conversa começa da mesma forma: *where are you from?* De onde você é? A pergunta é inocente, mas as consequências não.

Quando estávamos visitando Jerusalém, um senhor com cara de bonachão puxou assunto com a gente, seguindo essa estratégia clássica. Ele se mostrou entusiasmado quando dissemos que éramos do Brasil e foi muito simpático.

Perguntou se conhecíamos um certo lugar onde tinha ocorrido um importante evento bíblico. Nós dissemos que não e ele insistiu que precisávamos conhecer e era ali perto. Se prontificou a nos levar lá e a contar a história do lugar.

Fomos iludidos pelo semblante inocente do senhorzinho e o acompanhamos. Chegando ao local, que não parecia nada demais, o senhor continuou a explicar e nós começamos a suspeitar que aquilo não acabaria bem. Percebi que um pedido de pagamento logo surgiria e já comecei a fazer o cálculo mental do valor que lhe pagaria.

Dito e feito, bastaram mais uns dois minutos para ele estender a mão, explicar que era guia e que tinha feito um tour com a gente, o qual não havíamos contratado, diga-se de passagem. É uma situação constrangedora e estávamos em um local isolado. Tirei uma nota pequena da carteira e lhe dei. Ele protestou, explicando que aquele trabalho valia pelo menos dez vezes mais do que o paguei. Nós o mandamos catar coquinho em bom português e saímos dali o mais rápido possível.

Esse e tantos outros golpes abundam em locais turísticos. Para defender-se deles, o melhor remédio é o conhecimento. Estude-os antes de chegar a seu destino. Busque no Google por *tourist traps* e *Warnings and Dangers* na cidade que você visitará.

Como regra geral, suspeite de qualquer pessoa que puxe assunto com você em áreas excessivamente turísticas. Em muitos casos, é golpe.

Se alguém lhe abordar, convidando para entrar em um determinado restaurante, recuse. Bons restaurantes não precisam de funcionários tentando fisgar clientes. Em especial, fique alerta quando a oferta for boa demais.

Quando estávamos em Meknès, no Marrocos, um cidadão se aproximou e nos convidou para almoçar em um restaurante que ele estava promovendo. Ele mostrou o cardápio e provou que os preços eram bons. Dizia ele que a comida era ótima. De fato, os preços eram inferiores aos outros que já havíamos visto. Logo descobrimos a razão.

Quando a conta chegou, ela trazia um adicional de 20% por taxa de serviço. Isso não estava escrito no cardápio e foi uma surpresa para nós.

Argumentamos com ele e dissemos que não iríamos pagar. Ele insistiu, nós resistimos e a discussão esquentou, até que Pati deu um soco na mesa e disse que não pagaria.

O barulho foi tão alto que todo mundo parou de comer no restaurante e olhou para ela. O dono do lugar veio correndo e logo disse que estava tudo certo. Podíamos ir embora sem problemas. A situação foi desagradável e poderia ter sido evitada se não tivéssemos aceito o convite do rapaz "tão simpático" para começo de conversa.

Não forneça informações pessoais a estranhos, por mais simpáticos, educados e bem vestidos que sejam.

Artistas de rua frequentemente atraem nossa atenção, porém fique esperto. Enquanto você se distrai com a apresentação, bandidos levam seus pertences com facilidade, sem que você suspeite. Se parar para assistir uma apresentação, redobre a atenção com a bolsa, mochila, carteira e qualquer outro pertence que esteja carregando. Se estiver carregando seu *notebook*, nunca pare para assistir uma apresentação de rua.

Cuidado com pessoas que se ofereçam para tirar sua foto ou atuar como guia. Não aceite convites de estranhos para passeios ou festas. Se quiser passear com um local, procure alguém no [CouchSurfing](#). Ao menos lá você poderá ler as avaliações que escreveram sobre a pessoa.

Se você é homem e está viajando sozinho, muito cuidado ao ser abordado por moças bonitas, excessivamente simpáticas, te convidando para tomar um bebida. Esse é um dos golpes mais clássicos que existem.

A menina leva você até um bar e você compra uma bebida para ela. Algum tempo depois, quando a conta chega, você se depara com um valor astronômico. Dezenas ou centenas de milhares de dólares. O valor é ridiculamente alto, mas você não tem espaço para discussão.

Um segurança do tamanho do *king kong*, com cara de poucos amigos, deixa claro que dali você não sai sem pagar a conta. Chamar a polícia é inútil, já que ela quase sempre faz parte do esquema.

Nós conhecemos pessoas que passaram por essa situação e nos garantiram que não é uma experiência agradável. Se você for "apenas" extorquido em um caso desses, considere-se sortudo. Às vezes, a bebida é adulterada. Você é drogado, dorme e acorda algum tempo depois, jogado em algum lugar, sem nenhum de seus pertences.

As mulheres precisam ser especialmente cuidadosas para não ingerirem bebidas "batizadas". No caso delas, o risco de estupro é alto.

Seja homem ou mulher, fique de olho no que bebe. Se pedir um drink, acompanhe a preparação dele. Se você for ao banheiro e deixar a bebida sobre a mesa, descarte-a quando voltar.

Quando for para a balada, lembre-se que ficar bêbado é uma excelente maneira de arruinar sua segurança. Mantenha-se sóbrio.

Caixa eletrônico

Usar o caixa eletrônico exige alguns cuidados, mesmo quando você está no exterior. Se você saca dinheiro diretamente de sua conta no Brasil, é comum que seja cobrada uma taxa por saque. Muitas vezes ela é alta. Então, faz sentido sacar quantias maiores para evitar que você pague essa taxa diversas vezes. Isso aumenta seu prejuízo caso você seja roubado após a visita ao caixa eletrônico. Por essa razão, tenha os mesmos cuidados que teria no Brasil, ainda que esteja em um país considerado seguro.

Quando for escolher um caixa eletrônico, prefira os que ficam dentro de bancos, *shopping centers* ou outros locais movimentados e monitorados com câmeras de segurança. Evite fazer saques à noite ou em locais desertos.

Observe o local onde se encontra o caixa eletrônico. Se houver pessoas que lhe pareçam suspeitas, saia sem realizar a operação.

Observe a máquina com atenção. Verifique se existem fios expostos ou qualquer indicação de que ela possa ter sido violada. Às vezes, bandidos instalam um dispositivo que captura os dados do cartão. É o chamado "chupa cabra". Se estiver difícil inserir o cartão, pode ser que tal dispositivo esteja instalado na máquina. Se suspeitar de algo nesse sentido, use outra. Não insista.

Se seu cartão ficar preso ou você não conseguir operar a máquina, não aceite a ajuda de estranhos. O ideal é procurar a ajuda de um funcionário do banco.

Quando for digitar a senha, proteja o teclado. Sempre assuma que pode haver alguém por perto tentando ver sua senha.

Se possível, faça o saque na companhia de outra pessoa para que ela lhe dê cobertura. E fique atento para não esquecer o cartão na máquina. Isso seria desastroso para sua viagem.

Em movimento para outra cidade

O momento de maior risco para sua segurança é quando você está em trânsito de uma cidade para outra. Você está carregando todos os seus pertences. Não existe nada que esteja na segurança de uma acomodação enquanto você está na rua. Um bandido pode levar tudo o que você tem. Com frequência, você está indo para um lugar desconhecido, o que complica as coisas ainda mais.

Na ida para outra cidade, seus pertences precisam ser divididos em três grupos: os que vão **no corpo**, os que vão **na mochila** e os que vão **na mala**. Os mais importantes vão no corpo. Os que são importantes, porém maiores, vão na mochila. Os que não têm tanta importância vão na mala.

No corpo

Passaporte, cartões bancários, cartões de crédito, *tokens* de acesso ao internet banking, identidade, carteira de motorista, *smartphone* e dinheiro em espécie devem viajar colados a seu corpo. Coloque os mais importantes (passaporte e cartões) em uma "doleira" ou *neck stash*. Os demais podem ser espalhados pelos bolsos da frente da calça. Evite levar esses itens no casaco ou em uma bolsa de mão.

Na mochila

A mochila a que me refiro aqui **nunca é despachada**. Ela não precisa ser colocada no bagageiro do avião ou do ônibus, nem no porta malas de um taxi. Ela é suficientemente pequena para viajar com você dentro da cabine do avião, no interior do ônibus ou em seu colo quando você estiver sentado no assento de um taxi.

É possível viver como nômade levando apenas uma mochila e nenhuma mala. Porém ela precisa ser pequena para atender aos requisitos mencionados acima.

Durante o trajeto para outra cidade, essa mochila não pode sair de perto de você nem por um instante. Ela é uma extensão de seu corpo. Ela leva seu *notebook*, outros equipamentos eletrônicos e o que mais você tiver transportando de valor.

Medicamentos de uso contínuo (e respectiva prescrição), bem como remédios que possam ser necessários durante a viagem também devem ir na mochila.

Use um cadeado e mantenha a mochila trancada durante todo o trajeto. Se precisar de algo, abra o cadeado, pegue na mochila e tranque-o logo em seguida.

Na mala

Tudo que pode ser perdido sem lhe causar grandes estragos deve ir na mala, caso você tenha uma. Isso inclui roupas, calçados e demais itens de menor valor. Por outro lado, jamais coloque passaporte, documentos, cartões, joias, eletrônicos, dinheiro e outros itens de valor na mala.

A mala é o único item que poderá ser despachado. Ela viajará no bagageiro do avião ou do ônibus. Portanto, tem um maior risco de ser extraviada, perdida ou roubada. Quanto menor for e menos itens transportar, melhor.

O único transtorno que o roubo da mala deve causar é financeiro. A menos que você só use roupas de grife, a perda da mala não lhe causará grandes prejuízos, nem lhe impedirá de seguir com a vida. Você apenas terá de comprar roupas novas.

Tranque a mala com um cadeado que seja aprovado pelo [TSA \(Transportation Security Administration\)](#). Essa é a agência americana que cuida da segurança do transporte dentro dos EUA. Cadeados [TSA approved](#) podem ser abertos pelos agentes do [TSA](#) para inspeção, quando necessário, usando uma chave mestre padronizada para esse propósito. Eles podem verificar o conteúdo de sua mala e trancá-la novamente, sem que haja a necessidade de destruir seu cadeado.

Identifique a mala na parte de dentro e na parte de fora. Coloque seu nome e informações básicas de contato (especialmente o email).

Jamais carregue os pertences de outra pessoa em sua mala, especialmente quando estiver viajando para outro país. Por mais que alguém lhe peça para levar algo, recuse. A pessoa pode estar tentando te usar como "mula" para transportar itens ilegais, como drogas.

Fique de olho na mala o tempo todo. Não apenas para evitar que seja roubada, mas também para impedir que outras pessoas coloquem algo dentro dela.

Não peça a pessoas desconhecidas que tomem conta de sua mala. Não crie uma oportunidade de roubo sem necessidade. Da mesma forma, não aceite tomar conta da mala de outra pessoa.

É fácil abrir o zíper de malas e mochilas usando uma simples caneta. É o chamado golpe da cesárea. Veja como ele funciona [nesse vídeo](#). Esse método permite abrir e fechar a mala, sem deixar nenhum rastro. Ele é usado pelos próprios funcionários de alguns aeroportos para furtar itens dos passageiros.

Para evitar esse tipo de problema, você pode colocar um plástico protetor ao redor da mala. Muitos aeroportos oferecem esse tipo de serviço. O melhor a fazer, entretanto, é não transportar nada de valor na mala.

Se você estiver viajando em grupo, evite deixar todas as malas com uma única pessoa enquanto os demais saírem de perto por alguns instantes. Uma pessoa tomando conta de várias malas torna-se alvo fácil. É difícil defender todas as malas em caso de um ataque.

Comento a seguir os cuidados que você deve ter nos meios de transporte mais comuns.

Avião

Aeroporto é um ambiente por onde passa muita gente. É confuso e barulhento. Os passageiros frequentemente estão cansados, se distraem com facilidade e não prestam atenção a seus pertences. Oportunidades de roubo surgem a todo instante e os bandidos sabem disso.

Não é fácil identificar ladrões que operam em aeroportos. Eles costumam estar bem vestidos e raramente levantam suspeitas.

Eles podem levar ou trocar sua bagagem durante o *check in*, enquanto você conversa com o funcionário da companhia aérea. Podem levá-la enquanto você toma um café distraidamente. Ou podem esbarrar em você e levar sua carteira sem que você perceba.

Como sempre, é bom não chamar atenção e atrair os bandidos. Evite vestir-se de um modo que dê aos outros a impressão de que você tem muito dinheiro. Evite trocar dinheiro no aeroporto. As taxas de câmbio costumam ser ruins e bandidos podem estar de olho. Eles saberão que você está transportando dinheiro e você se transformará em um alvo.

Faça o *check in* da mala assim que chegar ao aeroporto. Quanto mais tempo você passa com ela nas áreas públicas, maiores as chances de roubo. Durante o *check in*, tenha atenção redobrada com seus pertences.

Feito o *check in*, dirija-se logo para os portões de embarque e passe pela inspeção de segurança. A chance de roubo é menor na área de embarque.

Não se aproxime de pacotes ou bagagens que pareçam abandonados. Eles podem conter explosivos, especialmente em países onde há casos de ataques terroristas.

Se você for a um café ou restaurante, coloque a mochila no chão, na sua frente, entre seus pés. Se for viável, amarre-a na cadeira ou na mesa. Não assuma que ela está segura só porque você já passou pela inspeção de segurança.

Dentro do avião, sua mochila deve estar sempre trancada com cadeado. De preferência, coloque-a embaixo do assento a sua frente, em vez do bagageiro sobre sua cabeça. Assim você pode ficar de olho nela o tempo todo.

Mantenha o cinto de segurança afivelado durante todo o voo. Nem sempre o piloto consegue identificar áreas de turbulência e acender o aviso de afivelar o cinto. Dependendo da turbulência, se você estiver sem cinto, você pode se machucar bastante.

Quando chegar a seu destino, dirija-se rapidamente para a esteira das bagagens. Fique atento para que sua mala não seja roubada ou levada por engano. É mais fácil localizá-la se você utilizar uma fita colorida ou algum outro tipo de identificação que chame sua atenção.

Tenha cuidado com as compras do *duty free*. Se você tiver comprado muitos itens, tente acomodá-los em alguma bolsa ou mala, onde possam ficar menos visíveis quando você sair da área de desembarque.

Ônibus

Rodoviárias apresentam os mesmos riscos dos aeroportos. Além disso, é comum estarem localizadas em áreas afastadas e de maior risco. As redondezas muitas vezes são frequentadas por pessoas de índole duvidosa. Tenha atenção redobrada.

A mala vai para o bagageiro e a mochila tem que ir com você para dentro do ônibus. Ela deve ficar trancada com cadeado e, de preferência, no piso do ônibus, entre seus pés.

Se o ônibus parar no caminho e você descer para fazer um lanche ou ir ao banheiro, leve a mochila com você. Jamais a deixe sozinha dentro do ônibus. Lembre-se: ela é uma extensão de seu corpo e nunca pode se separar de você, ainda que seja por apenas dois minutos.

Se o ônibus parar em uma rodoviária intermediária, onde alguns passageiros desembarcarão e outros embarcarão, saia do ônibus e fique de olho no bagageiro para evitar que sua mala seja levada.

Quando você viaja de ônibus no Brasil, sua mala recebe uma etiqueta de identificação e você fica com um tíquete para apresentar ao funcionário da empresa de ônibus no momento de retirá-la. Isso não ocorre em diversos lugares do mundo. Qualquer pessoa pode colocar ou remover malas do bagageiro livremente.

Durante toda a viagem de ônibus, use o cinto de segurança se ele estiver disponível. O risco de um acidente em um viagem de ônibus é maior que o de roubo.

No trem

Estações de trem são tão arriscadas quanto rodoviárias. Tenha muita atenção nelas.

Ao contrário do avião e do ônibus, toda a sua bagagem pode ficar próxima quando você está viajando de trem. Não é necessário fazer *check in* nem colocar parte da bagagem em um bagageiro afastado de você. Isso é bom porque te permite ficar de olho em seus pertences durante a viagem.

Evite pegar trens noturnos. O risco de roubo aumenta bastante. Se for inevitável, tente amarrar a sua mala com um cabo de aço e procure se manter acordado. Se for dormir, abrace a mochila ou durma sobre ela.

Se você estiver dividindo a cabine com outras pessoas e alguém lhe parecer suspeito, saia e vá para outro lugar do trem. Isso é especialmente importante se você for uma mulher viajando sozinha. Se seus instintos mandarem você sair da cabine, não insista em ficar. Confie em seus instintos.

Guarda-volumes

Usar o guarda-volumes pode ser útil quando você chega na rodoviária ou estação de trem de uma cidade e quer dar uma volta pelo lugar enquanto espera outro ônibus ou trem para continuar a viagem. Nós já fizemos isso inúmeras vezes.

Se for usar o guarda-volumes, lembre-se que ele só servirá para guardar sua mala. Os itens que viajam em seu corpo, assim como sua mochila, não

podem se separar de você em nenhum momento. Portanto, não podem ficar no guarda-volumes.

Por mais que a mochila esteja pesada, se você não quiser assumir o risco de arruinar o restante de sua viagem, leve a mochila com você e não a deixe no guarda-volumes. Repito: **nunca deixe sua mochila no guarda-volumes**. Nunca se separe dela.

Antes de colocar a mala no guarda-volumes, observe atentamente as suas redondezas. Se houver pessoas suspeitas, não use o guarda-volumes.

Carro

Ladrões assumem riscos na expectativa de obter ganhos altos. O tamanho do retorno é proporcional ao valor do que é roubado. Quanto mais caro o item, mais atraente ele é. Por isso ladrões adoram carros. São caros, possuem partes caras e podem ser levados com facilidade.

Se você quer atrair a atenção de bandidos, viaje de carro. Poucos itens são tão eficazes quanto um carro para atrair atenção indesejada e aumentar o risco de sua viagem.

Não me entenda mal. Adoro viajar de carro. Mas não posso negar os fatos. Carros atraem bandidos e te expõem a um risco maior de roubo ou assalto.

De fato, em todos esses anos vivendo como nômades, a única vez em que fomos roubados, foi quando estávamos com um carro alugado. Furtaram o pneu reserva de um carro alugado em Bariloche, na Argentina. Outros amigos relatam o mesmo. Nas únicas vezes em que foram roubados no exterior, foi o carro que atraiu os bandidos.

Roubo não é o único risco que o carro traz. Andar de carro te expõe a um risco maior de acidente, onde você pode se machucar ou pode machucar (e até matar) outras pessoas. Carro também atrai multas e a atenção indesejada da polícia, que muitas vezes está buscando uma oportunidade de ganhar dinheiro fácil, às custas de turistas.

Apesar de tudo isso, existem momentos em que o carro é a melhor opção. Se você decidir por ele, siga as recomendações abaixo para minimizar as chances de ter algum problema.

Quando for alugar um carro, evite modelos extravagantes, que sejam difíceis de ver pelas ruas. Você chamará menos atenção se adotar um modelo que seja visto nas ruas com frequência.

Prefira modelos com ar condicionado. Assim você poderá manter portas e janelas fechadas o tempo todo. Se possível, alugue um carro que tenha travas e vidros elétricos.

Antes de sair da locadora, certifique-se de que o carro está em bom estado. Os pneus estão excessivamente gastos ou são novos? Os freios funcionam bem? O limpador de parabrisa está bom? As luzes de sinalização estão todas funcionando? Se houver algum problema, informe ao funcionário da locadora e só saia com o carro quando tudo estiver resolvido.

Se houver algum adesivo nos vidros que identifique o carro como alugado, peça ao funcionário da locadora que o remova.

É óbvio, mas não custa lembrar. Faça um seguro para o automóvel. De preferência, faça um seguro que tenha cobertura contra terceiros.

Insira um novo registro em sua agenda telefônica e coloque:

- O telefone local da polícia.
- O telefone do serviço de ambulância.
- O telefone do corpo de bombeiros.
- O telefone da locadora.
- Os telefones de assistência fornecidos pela locadora.
- O telefone da seguradora.
- O número da placa do carro.
- O modelo do veículo.

É fundamental que você tenha todos esses dados à mão para ser capaz de acionar rapidamente a locadora, seguradora e autoridades locais em caso de necessidade. Para tanto, você precisará ter habilitado um número de telefone local.

Já expliquei anteriormente a importância de adquirir um *chip* telefônico local em todo país que você visitar. Isso é importante em sua vida nômade, porém é vital quando você está de carro. Em nenhuma hipótese você deve alugar um carro e se aventurar em outro país sem ter um número de telefone local funcionando.

Informe-se com antecedência sobre sinais de trânsito especiais e práticas de trânsito comuns no local que você irá visitar. Por exemplo, algumas

idades contam com uma rede de trams que dividem as ruas com os carros. É necessário aprender como dirigir na presença deles.

Dirija sempre com velocidade moderada e redobre a atenção. Você não está habituado às práticas de trânsito dos motoristas locais. Seu risco de envolver-se em um acidente é mais alto por você estar em uma área que não conhece bem.

Envolver-se em uma colisão é ruim em sua cidade de origem e é ainda pior quando você está em outro país. O mais provável é que você não fale a língua local. É possível que os outros envolvidos não falem inglês. É quase certo que a polícia não fala inglês, se a língua do país não for o inglês. Imagine a dificuldade que você terá para comunicar sua versão dos fatos.

Em função do tamanho da encrenca, a única estratégia razoável é fazer tudo que estiver a seu alcance para minimizar o risco de acidentes. Você não pode fazer nada em relação à forma como outras pessoas dirigem. A única coisa que está a seu alcance é dirigir com a máxima cautela, de maneira defensiva, respeitando a sinalização e os limites de velocidade.

Tenha muito cuidado com as travessias de pedestres. Em muitas cidades brasileiras, é comum os motoristas não pararem para os pedestres atravessarem na faixa, a menos que haja um sinal. Em outras cidades, ao redor do mundo, isso é impensável. Quando o pedestre põe o pé na faixa, o motorista tem de parar.

Quando você chega a uma cidade nova, você precisa descobrir rapidamente se é esperado que você pare para os pedestres atravessarem na faixa ou não. Parar diante da faixa quando os demais motoristas não têm esse hábito é tão grave quanto passar direto nos casos em que os motoristas param. Em um caso você se arrisca a ganhar uma colisão traseira. Em outro você pode atropelar um pedestre.

O ideal é fazer o mesmo que os outros motoristas do lugar. Adapte-se ao estilo deles, sempre tentando respeitar as regras de trânsito rigorosamente.

Toda vez que for sair com o carro, tenha um roteiro bem definido. Utilize um GPS. Assegure-se que ele esteja carregado com o mapa do local que você irá visitar, que a bateria esteja carregada e que você esteja levando o carregador dele.

Evite dirigir à noite. Sobretudo, não pegue a estrada à noite. Os riscos aumentam demais.

Fique de olho no nível do combustível. Abasteça antes de chegar a 1/3 do tanque. Evite circular com o tanque excessivamente vazio.

Tenha muita atenção na hora de estacionar o carro. Tanto quanto possível, evite estacionar na rua e prefira estacionamentos fechados, mesmo que sejam mais caros. Às vezes é difícil compreender as normas de estacionamento em outros idiomas, assim como as marcações de zonas de cada cidade e suas regras.

Estacionar na rua expõe o carro a um risco maior de roubo. Ele também pode ser multado ou rebocado. Mesmo quando você acha que está fazendo tudo certo, às vezes se surpreende com particularidades do lugar que jamais suspeitaria existir.

Tenha atenção ainda maior com o local onde estaciona o carro para ele passar a noite. Se não for viável colocá-lo em um estacionamento fechado, ao menos coloque em uma área bem iluminada.

Não deixe nada à vista dentro do carro quando estacioná-lo. Nada mesmo. Objetos de valor, carregadores, mapas, bolsas, roupas, casacos e quaisquer outros itens devem ser removidos do carro quando o mesmo for estacionado. Não deixe nem mesmo um papel de bala. Você deve minimizar as informações que podem ser obtidas de fora do carro sobre você e seus pertences.

Se for necessário deixar algo dentro do carro, coloque no porta malas, no porta luvas, ou embaixo dos assentos. Nunca deixe nada aparente sobre os assentos. Isso é particularmente crítico no caso de malas, mochilas e bolsas.

Não deixe o documento do carro dentro dele. Leve-o sempre com você, junto a sua carteira de motorista.

Nada de valor pode ficar dentro do carro quando ele for deixado estacionado. Nada mesmo. Não importa se o carro ficará parado por apenas alguns minutos ou alguns dias. Sendo específico, não deixe dentro do carro, em nenhuma hipótese:

- Passaportes
- Outros documentos
- Cartões bancários, cartões de crédito e *tokens* de acesso ao *internet banking*
- *Notebook*
- *Smartphone*
- Câmeras e outros equipamentos eletrônicos
- Dinheiro

- Joias

Nada de valor pode ficar dentro do carro quando ele for deixado estacionado. Nada mesmo. Se for preciso deixar sua mala de roupas no porta malas, por um curto período de tempo, tudo bem. Desde que ela não tenha nada de valor e nenhum dos itens mencionados acima.

Só pode ficar dentro do carro estacionado aquilo que você sabe que pode perder sem te causar grandes transtornos.

Quando estacionar o carro, acione alarme, coloque tranca e use quaisquer outros mecanismos de segurança que estejam disponíveis. Dificulte a vida do ladrão para que ele prefira roubar outro carro.

Se houver pessoas suspeitas nas proximidades do local em que você estacionou o carro, seja em um estacionamento fechado ou na rua, vá para outro lugar. Não insista. Não se coloque em uma situação de risco. Especialmente se seu instinto não estiver confortável.

Quando retornar ao carro, aproxime-se com as chaves na mão para que possa abri-lo e sair do local rapidamente. Minimize o tempo que você leva para armazenar itens no porta malas.

Se o pneu furar, não pare onde estiver. Analise as redondezas e só pare o veículo quando encontrar um local que lhe pareça seguro. Se possível, pare em um posto de gasolina.

Sair com um roteiro bem definido e um GPS reduz a necessidade de pedir informações. Entretanto, se for necessário, não pare para pedir informações em locais desertos. Tente encontrar um posto de gasolina ou algum outro estabelecimento comercial.

Evite parar para ajudar estranhos. Existem casos em que uma pessoa te distrai enquanto outra furta seus pertences sem que você suspeite. Só pare para prestar socorro em casos de emergência.

Se o pior acontecer e você se envolver em um acidente ou for roubado, notifique a polícia, a locadora e a seguradora.

Câmbio

Estávamos no caixa de um supermercado em Buenos Aires, quando a mocinha apontou para uma cédula de 50 pesos e disse: "eso es trucha". Ela quis dizer que a nota era falsa.

Foi a primeira e única vez que enfrentamos um problema desses. E não foi exatamente por nossa culpa.

Dias antes, encontramos com um casal de brasileiros e passeamos com eles. A certa altura, eles ficaram sem dinheiro em moeda local. Como fomos juntos a um restaurante, paguei para todos nós. Eles insistiram em devolver o dinheiro no dia seguinte, depois de passarem em uma casa de câmbio.

O problema foi a casa de câmbio que eles usaram. Eles foram na Calle Florida e caíram nas graças de um rapaz que estava no calçadão, anunciando câmbio "favorável". A taxa era boa porque algumas das notas eram falsas. Uma dessas foi parar em nossas mãos.

Esse exemplo serve para lembrar que nem todas as casas de câmbio são iguais. Algumas são verdadeiras armadilhas.

Para evitar notas falsas, aprenda antecipadamente sobre as cédulas usadas no país e seus atributos de segurança. Informe-se sobre as casas de câmbio. Prefira aquelas que tenham sido recomendadas a você ou faça o câmbio em bancos. Não seja atraído por pessoas nas ruas anunciando câmbio "favorável". É golpe com frequência.

Outro problema comum é a diferença entre o que você espera e o que você recebe. Você está em Budapeste, por exemplo, e faz o câmbio de uma nota de 100 euros. Segundo a taxa que você viu anunciada no mostrador, você deveria receber 30.500 florins. Entretanto, você recebe apenas 28.000. O que aconteceu?

Você não reparou que embaixo do mostrador, com letras minúsculas, estava escrito: comissão fixa de 2500 florins. Isso é um "assalto" de 8 euros. E não tem como voltar atrás. Quando você recebe o dinheiro trocado, não dá mais para chorar, espernear ou xingar a casa de câmbio.

A maioria das casas de câmbio não cobra comissão. Essa é uma prática mal vista em qualquer lugar do mundo. Entretanto, ela existe em alguns lugares. Por isso você sempre deve validar essa questão antes de entregar seu dinheiro para ser trocado.

Só troque dinheiro nas casas de câmbio que anunciam claramente que não cobram comissão. Ainda assim, sempre pergunte ao atendente se a casa cobra comissão. Só faça o câmbio se ele assegurar que não haverá comissão.

Antes de entregar o dinheiro ao atendente, use seu *smartphone* e calcule exatamente quanto deverá receber, de acordo com a cotação informada no

mostrador. Para eliminar qualquer dúvida, informe ao atendente a quantia que deseja trocar e peça para ele te informar o valor exato que você receberá. Verifique se está de acordo com o cálculo que você fez. Se houver alguma discrepância, procure outro lugar.

Se você estiver inseguro com a idoneidade da casa de câmbio, troque um valor pequeno inicialmente. Se tudo correr bem, faça o câmbio do restante.

Quando receber as notas, confira cada uma delas com atenção. Se houver alguma rasgada ou reparada com durex, devolva-a e solicite a substituição por uma cédula em bom estado.

Em nossa experiência, as casas de câmbio que têm maior potencial de te prejudicar são aquelas que mais te atraem. Elas ficam bem localizadas nas áreas turísticas, são muito luminosas, têm identidade visual bonita e bem trabalhada. São projetadas para serem atraentes e ficam posicionadas em áreas com grande fluxo de turistas. Apesar da aparência profissional, são picaretas. Cuidado com esses lugares.

O tempo tem nos mostrado que as melhores casas de câmbio, que inclusive oferecem as taxas de câmbio mais baixas, são aquelas mais discretas, que passam despercebidas. Às vezes é apenas uma portinha, sem nenhum glamour. Elas não se localizam em áreas privilegiadas nem tão movimentadas por turistas. É comum que seus clientes mais habituais sejam os locais e não os turistas.

Em alguns países, onde há muita presença de imigrantes, é comum que os próprios imigrantes sejam os principais clientes. As casas de câmbio que atendem aos imigrantes costumam ser as melhores. Elas precisam se destacar fazendo um bom serviço porque seus clientes são recorrentes. Não são turistas que serão lesados e nunca mais retornarão.

Você deve ter cuidado especial com as casas de câmbio em aeroportos, estações de trem e rodoviárias. Quase sempre oferecem taxas de câmbio ruins. Às vezes, cobram comissões altas. Exemplo disso é o que ocorre em alguns aeroportos brasileiros, onde as casas de câmbio cobram comissões escandalosas.

Via de regra, tanto quanto possível, evite fazer câmbio nesses locais de grande movimentação de viajantes. Quase sempre é preferível usar uma casa de câmbio no centro da cidade. Não se preocupe. Toda cidade tem casas de câmbio espalhadas pelo centro. Não é difícil encontrá-las.

Fique atento às proximidades da casa de câmbio. Evite usá-la se houver pessoas suspeitas por perto. E tome cuidado para não ser assaltado depois

de trocar o dinheiro.

Terrorismo

Independente do que você veja nos noticiários, a chance de você ser atingido por um ataque terrorista é ínfima. É quase como ser atingido por um raio ou um avião. Não é impossível, mas é improvável.

O que é habitual não passa na TV.

O mundo tem bilhões de pessoas. Todo os dias essa gente acorda, toma café da manhã, vai para a escola ou para o trabalho, almoça, volta aos estudos ou ao trabalho, volta para casa, dorme e o ciclo recomeça.

Nenhum jornal mostra uma família tomando café da manhã. A menos que alguém seja assassinado enquanto bebe um gole de chá.

Um eventual assassinato durante o café da manhã é um evento raro. Por isso atrai a curiosidade das pessoas, chama atenção e aparece no noticiário.

Entendi isso quando fui morar no Rio de Janeiro. Nasci em Campos dos Goytacazes, no norte do estado do Rio. Aos 18 anos me mudei para o Rio para ingressar na UFRJ. Foi nessa época que compreendi a enorme diferença entre nossa percepção da realidade, criada pelos noticiários, e o mundo real.

Quando eu morava em Campos, havia notícias ruins sobre o Rio diariamente. Assaltos, assassinatos, arrastões e todo tipo de violência. Todo dia eu me perguntava como as pessoas podiam viver no meio daquela barbárie. A impressão que tinha é de que o cidadão saia de casa de manhã e antes de virar a esquina já tinham levado sua carteira. Teria sorte se chegasse vivo ao trabalho.

A "realidade" que eu conhecia era aquela mostrada na TV. Qual foi a minha surpresa quando, chegando ao Rio, não vi nenhum assalto. Não vi ninguém sendo assassinado na minha frente. Tampouco vi qualquer tipo de violência. E assim foi durante os primeiros anos. A certa altura, vi uma coisa esquisita aqui, outra ali, mas nada tão sério quanto o que eu via nos noticiários.

Isso não quer dizer que a cidade não era violenta. Ela era. Porém não da maneira como eu imaginava.

Descobri que o Rio, assim como outras cidades, tem problemas sérios de violência. No entanto, eu quase nunca estava por perto para presenciá-la. Eu sabia que coisas ruins aconteciam porque ouvia uma história que havia se passado com um amigo e outra que ocorreu com a prima de um amigo e por aí vai.

Por que a TV só mostrava notícias ruins? Elas eram fabricadas? Não. Elas eram reais. Só que o noticiário seleciona o que vai mostrar e tem a capacidade de amplificar as coisas.

Milhões de pessoas vivem no Rio de Janeiro, porém bastam uns cinco casos de violência em toda a cidade para preencher o noticiário noturno. Poucos casos de violência em um lugar onde moram milhões de pessoas não é um escândalo do ponto de vista estatístico. Entretanto, quando aparecem no noticiário toda noite, temos a impressão de que a cidade é um caos.

Se está no noticiário, é porque é raro. Se fosse habitual, como tomar café da manhã, não estaria lá. O que nos leva ao tema do terrorismo.

Terrorismo é como o problema da violência em uma grande cidade. Ele existe. O risco de ser atingido existe. Entretanto, as ocorrências são mais raras do que você imagina. Com o agravante de que atos de terrorismo são ainda mais noticiados.

Todo ato de violência chama atenção porque a maioria das pessoas não age com violência e tem medo de sofrer alguma. A maioria das pessoas jamais atacaria outros seres humanos de forma violenta. Ao contrário do que parece, violentar outras pessoas não é tão comum assim. Tampouco é normal.

Terrorismo é um ato de violência contra pessoas aleatórias, que nada fizeram para atrair tamanha barbárie. Isso chama muita atenção. Esse é o propósito dos terroristas.

O maior aliado dos terroristas é a curiosidade mórbida e o vício que as pessoas têm por tragédias. A imprensa é o mecanismo de entrega dessa droga. Ela amplifica a ação dos terroristas e faz o evento tomar uma proporção maior do que de fato tem.

Quando um ataque terrorista acontece, a impressão que você tem é que a cidade foi tomada por um ataque zumbi. Você acha que toda a cidade está prestes a explodir, porém isso está longe de ser verdade. Parece pior do que é porque a imprensa passa semanas falando sobre o assunto. Você não para de ler e discutir o tema.

Dessa forma, algo que é ruim, mas não tem uma dimensão tão grande, torna-se um monstro impossível de vencer. Todo ato terrorista é amplificado pela imprensa. O problema é real. A brutalidade é real. A violência gratuita é real, porém ela é rara. Muito rara. Só que faz muito barulho.

Esse é o aprendizado mais importante quando o assunto é violência, no geral, e terrorismo, em particular. Se apareceu na TV, não se assuste. Trata-se de algo raro, ainda que seja horrível.

Existe outro ponto que é igualmente importante compreender. Violência existe no mundo inteiro. Terrorismo não.

O número de países que sofrem com ataques terroristas é pequeno. Existem países onde atos de terrorismo são raros ou inexistentes. O Brasil é um exemplo. Apesar de ser um país violento, não é comum a ocorrência de atos de terrorismo.

São poucos os países que sofrem com atos frequentes de terrorismo. Em 2015, sete de cada dez mortes por terrorismo ocorreram em apenas cinco países: Iraque, Afeganistão, Nigéria, Paquistão e Síria. Apesar de haver algumas centenas de grupos terroristas conhecidos, apenas quatro são responsáveis por sete de cada dez mortes: Estado Islâmico, Boko Haram, Talibã e Al Qaeda).

Os países que mais sofrem com o terrorismo são aqueles consumidos por guerras civis e outros tipos de conflitos armados. Nove de cada dez mortes causadas por terrorismo em 2015 ocorreram em países envolvidos em conflitos armados. Os dez países mais afetados por ataques terroristas estão localizados no Oriente Médio, Ásia ou África. Além dos já citados, os demais são Yemen, Índia, Somália, Egito e Líbia. Você pode ver todos os detalhes e números na matéria [The ten countries most affected by terrorism](#) da [Forbes](#).

Olhando para o globo terrestre, é fácil observar que poucos países são seriamente afetados por atos terroristas. Tais lugares não são exatamente boas opções para você viver como nômade digital.

Em função de problemas de infraestrutura e tantos outros, o mais provável é que você não vá querer visitar ou passar muito tempo nos países que mais são afetados pelo terrorismo. Isso, sozinho, já reduz drasticamente as chances de você ser atingido por um ataque.

É difícil prever onde um ataque terrorista ocorrerá. Mas é fácil compreender que o objetivo dos terroristas é fazer o maior número de vítimas possível. Sendo assim, quando estiver em um país onde exista

histórico de atos terroristas, tenha cuidado com locais onde haja grande concentração de pessoas. Em particular, cuidado ao participar de grandes eventos.

Se você evitar os países mais afetados por atos terroristas, o mais provável é que nunca seja afetado por esse tipo de problema. Não se assuste com o noticiário e atos isolados de terrorismo em países que você deseja visitar. A chance de você ter algum problema é menor do que você imagina.

Seguros

Adotar um seguro pode ser útil em diversas situações. Entretanto, ter um seguro não aumenta sua segurança. É importante compreender isso e não cultivar uma falsa sensação de segurança pelo fato de ter comprado um seguro. O que traz segurança é adotar boas práticas e fazer boas escolhas.

Ter um seguro pode te ajudar a reduzir o prejuízo quando ocorre um roubo ou outro tipo de incidente. Ele não impede o problema de ocorrer. Apenas alivia as consequências.

Quando você utiliza um carro, é sempre recomendável adotar um seguro. O carro é um item caro. Quando você o utiliza, você está exposto ao risco de que ele seja danificado ou roubado. Além disso, existe o risco de que você se machuque ou machuque outras pessoas.

Os riscos são elevados e as consequências podem ser caras. Nesse cenário, o custo de um seguro se justifica. Além disso, seguro de automóvel é algo corriqueiro. As seguradoras estão habituadas a lidar com uma infinidade de sinistros e, no geral, cumprem seus compromissos de forma adequada.

A história muda de figura quando analisamos outros tipos de seguro. Quando tratamos de viagem, uma dúvida comum é sobre a necessidade de seguro para equipamentos, por exemplo. Vale à pena fazer seguro do *notebook*, câmeras fotográficas e outros equipamentos?

O eventual roubo de um equipamento representa um prejuízo razoável. Dependendo dos equipamentos que você está carregando e da quantidade deles, o prejuízo pode ser grande. Entretanto, o seguro de equipamentos envolve uma questão delicada: fraude.

Em teoria, você pode fazer um seguro para uma câmera fotográfica e, algum tempo depois, alegar que ela foi roubada, embora isso não tenha acontecido. Como provar para a seguradora que o roubo realmente

aconteceu? Como a segura saberá, com total certeza, que você não está mentindo? É mais fácil esconder uma câmera que um carro.

É fácil fazer o seguro de um equipamento. A pergunta que você precisa responder é: quão fácil será receber a indenização se você for roubado? Até que ponto a seguradora aceitará fazer o pagamento? Que providências você deve tomar para cumprir com os procedimentos da seguradora? Quanto tempo levará até que ela faça o pagamento da indenização?

Quando você faz o seguro de um equipamento, é preciso estudar com atenção todas as cláusulas e os procedimentos que você deve tomar quando um sinistro ocorrer. E é preciso fazer uma análise do custo benefício.

Dependendo do valor que você tenha de pagar pelo seguro, pode ser que contratá-lo não faça sentido econômico. A situação torna-se ainda pior quando você, por ter um seguro, sente-se mais tranquilo e baixa a guarda.

Repito: seguro não traz maior segurança. Ele não evita que você seja roubado. Você precisa manter boas práticas e fazer escolhas sábias ainda que tenha adotado um seguro. Ele só servirá para aliviar as consequências de um eventual sinistro.

Se você gosta da ideia de adotar um seguro para seus equipamentos, estude com cuidado as propostas de cada seguradora. Veja com seus amigos se tem alguém que já utilizou esse tipo de seguro e recebeu a indenização. Descubra como foi o processo e como a seguradora se comportou. Informe-se tanto quanto possível e tome uma decisão consciente.

A única situação em que não cabe discussão é quando você vai andar de carro. Nesses casos, é sempre aconselhável adotar um seguro.

Mulheres

Por mais que as mulheres insistam em se igualar aos homens, a verdade é que são diferentes. Elas não são como os homens. São melhores. Não há privilégio maior para um homem que a oportunidade de dividir a vida com uma mulher.

Encontrar um homem a sua altura não é tarefa fácil para uma mulher. Às vezes leva tempo. Nenhuma mulher deveria esperar a companhia de um homem para viajar e conhecer o mundo. Até porque, às vezes é na viagem que ela encontra seu parceiro ideal.

De um modo geral, é mais seguro viajar com uma companhia. Isso vale tanto para homens, quanto para mulheres. Quando existem duas pessoas,

uma pode dar cobertura para a outra. Se acontece algo com uma pessoa, a outra pode prestar socorro e ajudar imediatamente.

Isso se aplica até mesmo aos agentes de segurança. Observe o comportamento da polícia ao redor do Brasil. Os policiais quase sempre andam em duplas. Quando estão em um viatura, fazendo um patrulhamento, raramente estão sozinhos. Quando estão fazendo a ronda, caminhando pelo bairro, são sempre dois policiais ou mais.

Um bandido, agindo sozinho, tem um desafio maior quando precisa lidar com mais de uma pessoa. Sua atenção precisa se dividir, seus cuidados precisam se multiplicar e os riscos são maiores. Estar em dupla, por si só, já diminui o interesse de muitos bandidos.

A falta de uma companhia te coloca em uma situação de maior vulnerabilidade. Isso se agrava quando você é uma mulher viajando sozinha.

Se você é mulher, isso não significa que você não possa ou não deva viajar por falta de companhia. Longe disso. Você só precisa ser particularmente cuidadosa. A começar pela escolha do destino.

Não há dúvida de que alguns destinos são mais seguros que outros para mulheres viajando sozinhas. Isso não diz respeito apenas ao risco de roubos ou assaltos.

Infelizmente, existem partes do mundo onde o risco de agressões sexuais é mais elevado. Especialmente para mulheres que estejam sozinhas. O que leva à necessidade de uma pesquisa mais intensiva e à adoção de medidas de segurança adicionais.

Todo nômade digital deve seguir à risca as recomendações de segurança apresentadas aqui no livro. Isso é especialmente crítico para mulheres viajando sozinhas. Se esse é o seu caso, por favor, revise todas as sugestões de segurança e adote cada uma delas, além das que serão expostas a seguir.

Forma de vestir-se

Um dos modos mais eficazes de proteger-se é não atrair atenção indevida. O uso excessivo de joias, bolsas caras e roupas de grife pode atrair a atenção de bandidos. Por sua vez, em determinados países, o uso de roupas excessivamente reveladoras, atrai a ação de agressores sexuais.

Uma das melhores defesas que você pode adotar é vestir-se, tanto quanto possível, de maneira parecida às mulheres locais.

Se você estiver em uma cidade considerada segura, com baixa criminalidade, e notar que as mulheres usam joias livremente, vestem roupas de grife e carregam bolsas caras, sintase à vontade para fazer o mesmo.

Se você estiver em um país, onde as mulheres usam roupas mais reveladoras, onde a cultura local não lhes penalize por usar roupas curtas, onde mostrar o corpo não atraia a ação de criminosos sexuais, não há problema que você também se vista com pouca roupa.

Por outro lado, tenha cuidado com alguns países, especialmente da África e da Ásia, onde a cultura local exige que as mulheres se vistam de forma mais conservadora. Em especial, tenha atenção nos países de cultura islâmica.

Ao contrário do que muitos pensam, as mulheres não são obrigadas a usar um lenço na cabeça nos países de cultura islâmica. Apenas alguns deles fazem esse tipo de exigência. Tampouco é necessário que você, como visitante, se vista com roupas típicas do lugar ou da cultura muçulmana. Porém em todos os países islâmicos, é preferível que você se vista de maneira mais conservadora e não revele tanto o corpo. Quando você se veste assim, os locais entendem que você os respeita e, em troca, eles também te tratam com mais respeito.

Como mulher, você deveria ter o direito de vestir-se como bem entender. Trata-se do seu corpo e você deveria poder mostrá-lo ou não, de acordo com sua vontade. Ninguém deveria se meter nessa questão. No Brasil, de um modo geral, você pode vestir-se como bem entender. Até porque, é o seu país e você conhece a cultura local.

A história é diferente quando estamos no país dos outros. Como visitante, não nos cabe julgar se determinados hábitos são bons ou ruins. Estamos na casa dos outros, somos hóspedes. Não podemos agir como se estivéssemos em nossa própria casa. Isso seria desrespeitoso.

Antes de ir para um novo país, estude a cultura de lá. Se for um lugar onde as mulheres se vestem de forma conservadora, prepare-se para vestir-se de forma conservadora. Não brigue com a cultura local. Aceite-a e tente adaptar-se a ela durante sua estadia. Você não ficará lá para sempre. Além disso, como estrangeira, não lhe cabe o direito de questionar as práticas do lugar. Adapte-se e fique em harmonia com os locais. Não se trata de subjugar-se a padrões machistas. É apenas uma questão de respeito por estar na casa de outra pessoa.

Pequenos detalhes podem fazer uma imensa diferença. Se você visitar a Índia no verão, por exemplo, vai enfrentar um calor insuportável. Acostumada ao Brasil, você pode querer usar um short, por exemplo. Entretanto, se olhar a sua volta, dificilmente você verá uma mulher indiana vestindo um short. Você atrairá muita atenção e todo tipo de olhar, apenas por usar uma roupa que seria natural no Brasil e em tantos outros lugares do mundo. Isso pode te colocar em uma situação de risco, portanto evite fazê-lo.

Companhia

Alguns países oferecem riscos elevados para mulheres andando sozinhas, ainda que estejam vestidas de forma conservadora. A falta de uma companhia, seja ela masculina ou feminina, é encarada de maneira ruim pela população local e você corre o risco de receber um tratamento inadequado ou atrair a ação de agressores sexuais. Nesses lugares, o ideal é ter alguma companhia, ainda que seja de uma outra mulher.

Antes de visitar um país assim, tente fazer contato com algumas mulheres ou famílias do lugar. Para isso, você pode usar o site do [CouchSurfing](#), por exemplo, mesmo que sua intenção não seja de hospedar-se na casa dos outros. É válido chegar ao país já tendo os contatos de algumas pessoas. Você pode visitá-las, conhecê-las pessoalmente e, quem sabe, fazer alguns passeios juntas.

É mais divertido e enriquecedor conhecer um lugar na companhia dos locais. Eles podem lhe mostrar muito mais do que você poderia ver sozinha. De quebra, você estará mais segura por estar acompanhada e porque sua companhia conhece as sutilezas da cultura local.

Romance na estrada

Viajar sozinha pode te trazer inúmeras surpresas agradáveis. Encontrar uma pessoa legal e viver um romance é uma delas. Entretanto, é preciso ter alguns cuidados.

Mulheres e homens, quando estão sozinhos, frequentemente se tornam carentes. Tem gente que se aproveita disso.

É fácil ludibriar uma pessoa carente e atrain-la para uma armadilha. Mulheres, em particular, são presas fáceis de pessoas mal intencionadas que

jogam com seus sentimentos e usam as palavras certas para convencê-las de todo tipo de falcatura.

Como mulher, solteira e desimpedida, você pode e deve viver tantos romances quanto desejar. Entretanto, faça-o com algumas precauções.

Se você conhecer uma pessoa online, pesquise a vida dela na internet tanto quanto possível. Levante tudo o que você conseguir: telefone, endereço, email, perfis nas redes sociais e assim por diante. Veja como essa pessoa se comporta nas redes. O que ela diz é razoável ou lhe dá a impressão de uma pessoa que não teria a ver com você?

Não lhe forneça informações que possam colocar em risco a sua segurança. Não lhe diga onde está ficando. Não lhe dê o endereço de sua acomodação.

Quando marcar um primeiro encontro, escolha o local com cautela. Prefira um local público, bem frequentado, bem iluminado, em uma área segura da cidade.

Se for um restaurante, não peça nenhuma bebida alcoólica para você. Você poderá beber o que quiser em encontros posteriores, porém é importante que esteja sóbria, com todos os sentidos funcionando bem, nesse primeiro encontro.

Tenha cuidado com seu copo para não cair no golpe "boa noite Cinderela", onde o agressor coloca uma substância na bebida da vítima para que ela fique inconsciente e ele possa atacá-la com facilidade.

Se você pedir água ou refrigerante, assegure-se de que a garrafa seja aberta na sua frente. Se você for ao banheiro e ainda houver bebida no copo, não a beba mais quando retornar. Descarte o conteúdo do copo. Ele pode ter sido alterado enquanto você estava fora.

Ter o primeiro encontro em um ambiente seguro, como um restaurante bem frequentado, e manter-se consciente é fundamental para sua segurança. Por isso é importante evitar bebidas alcoólicas em um primeiro momento. Ficar embriagada seria péssimo para a sua integridade física.

Vá para o primeiro encontro com a confiança de que fez uma boa escolha e com a expectativa de que dê tudo certo. Porém esteja preparada para o pior.

Escolha uma pessoa de sua família ou uma amizade próxima para atuar como seu anjo da guarda. Antes do encontro, envie para essa pessoa todas as informações que você conseguiu levantar sobre seu pretendente e todos os detalhes do encontro. Informe o nome de quem você conhecerá, telefone,

endereço, email, perfil nas redes sociais, local do encontro, horário e assim por diante.

Combine com seu anjo da guarda o que deverá ser feito caso você não dê notícias ou fique incomunicável logo depois do encontro ou até um determinado horário, durante o próprio encontro. Se seu anjo da guarda precisar acionar a polícia, ela terá maior facilidade de te encontrar e te ajudar.

Durante o encontro, siga seu instinto. Se houver algo que te gere desconforto, saia rapidamente. Se necessário, deixe as gentilezas de lado e seja rude. Sua segurança é mais importante.

Tenha cuidado com as diferenças culturais, especialmente quando estiver em países de cultura islâmica. Tem lugares em que aceitar uma bebida de um homem é interpretado como consentimento para uma relação sexual. Algo tão banal, que seria considerado normal no Brasil, como aceitar uma bebida, tem um significado totalmente diferente em outros lugares.

Como já foi mencionado, o risco de estupro é maior em alguns lugares. Como se tal agressão não fosse suficientemente horrível, existem países, como os Emirados Árabes Unidos, onde ser estuprada é crime. Não, a frase não está errada. Ser estuprada é crime. Se você for vítima de uma estupro, é você que vai para a cadeia e não seu agressor. E isso já aconteceu com diversas mulheres por lá.

Como regra geral, não faça na estrada o que não faria em casa. Esteja aberta à possibilidade de viver um romance, porém tenha cuidado redobrado. Ter uma companhia é ótimo, mas só se for a de uma boa pessoa.

Autoridades policiais

No momento em que escrevo essa parte do livro, estamos em Minsk, na Bielorrússia. É um país que nos surpreendeu positivamente, mas que tem algumas peculiaridades.

Existem muitas leis e algumas delas cobrem questões que não parecem graves para nós. Também existe uma grande quantidade de policiais e eles são rigorosos com a aplicação das leis. Pequenos incidentes podem ter repercussões graves.

Um dia, estávamos no metrô e chegamos a uma estação nova, que não tínhamos visitado ainda. Notamos que havia um mural na parede com temas soviéticos. A Bielorrússia ainda tem uma forte herança dos tempos

comunistas. Pati sacou a câmera para tirar uma foto do mural e apontou para ele. Eu estava ao lado dela e notei que um cidadão passou, a viu apontando a câmera, e ficou escandalizado. Ele continuou em seu rumo, mas toda hora olhava para trás e encarava Pati com ar de reprovação. Logo suspeitei que Pati estivesse fazendo algo errado, mas não tinha certeza.

Dias depois, conversando com um canadense que vive em Minsk há um ano, ele comentou sobre diversas ações que são consideradas infrações da lei na Bielorrússia. Uma delas é tirar fotos no metrô. Não sabíamos disso.

Pati poderia ter sido presa e deportada se a polícia tivesse presenciado sua ação. E o pior é que essa não foi a única vez que ela tirou fotos ou filmou o metrô daqui.

Aparentemente, é proibido tirar fotos ou filmar qualquer prédio governamental, instalações militares, embaixadas, áreas de fronteira e policiais. Não pode fotografar estações de metrô, estações de trem, palácios do governo e assim por diante. E não é só isso.

Atravessar fora da faixa ou quando o sinal está vermelho para pedestres é uma ofensa grave. Em teoria, um estrangeiro pode ser deportado por fazer isso. Tem mais. Como também ocorre em outros lugares, é proibido consumir bebidas alcóolicas em público. Agora o mais bizarro, quem tem menos de 18 anos de idade não pode ficar na rua depois das 23:00h.

Pior é o caso de Singapura, onde é proibido mascar chiclete. Ou da Índia, onde é proibido beijar na boca em público. Para eles, é um escândalo. É como ficar pelado e fazer sexo no meio da rua.

Nada disso é considerado um problema ou um crime no Brasil. Porém pode lhe causar grandes complicações em outros lugares.

Isso tudo significa que, além de preocupar-se com bandidos, você também deve ter cuidado com as autoridades policiais. Elas têm o potencial de atrapalhar sua viagem em função de problemas bobos, porém tratados como graves pela legislação local.

Tanto quanto possível, pesquise sobre as peculiaridades da legislação do país que você visitará e não faça o que é considerado fora da lei. Além disso, se possível, mantenha-se afastado de policiais. Como é difícil ter certeza de que você não está fazendo algo errado, é preferível ficar longe deles.

Em particular, evite pedir informações a policiais e outros oficiais. Eles não falam inglês na maioria dos lugares, portanto há uma boa chance de que não consigam te ajudar. O policial pode querer te fazer perguntas ou

verificar seus documentos pelo simples fato de você ser estrangeiro e ter falado com ele.

Polícia é importante. A presença dela nas ruas é fundamental para manter a segurança de qualquer lugar, entretanto policiais têm um poder desproporcional. Além de portarem armas, eles têm autoridade para te deter. Às vezes, podem fazer isso alegando razões que você jamais imaginaria, sejam elas válidas ou não.

Corrupção policial não é um problema exclusivo do Brasil. Existe policial corrupto no mundo inteiro. Quando você interage com um policial, você nunca sabe se está diante de um corrupto ou não. A única coisa que você sabe é que tal pessoa tem autoridade e um poder desproporcional. Por essa razão, se não houver necessidade, é preferível evitar qualquer interação com policiais.

Se você tiver a infelicidade de ser parado por um policial e ele alegar que você está fazendo algo errado, não tente livrar-se da situação subornando-o. Resolva o problema de outra forma. Se necessário, simplesmente aceite a eventual penalidade que o policial indicar.

Mesmo que o policial peça propina, não pague. Se você realmente fez algo fora da lei, é possível que tenha sido uma pequena besteira. Entretanto, no momento em que você oferece suborno, você está cometendo um crime grave em qualquer lugar do mundo. Isso pode voltar-se contra você. É preferível não trilhar esse caminho.

Se o policial pedir propina, finja que não está entendendo. Aceite o infortúnio de encontrar com ele e o tempo que tiver de perder, só não lhe dê razão nem dinheiro.

Tenha cuidado especial se estiver viajando de carro. Encontrar com policiais é quase certo quando se viaja de carro, especialmente se for por longos períodos de tempo. Mais cedo ou mais tarde, você será parado por algum policial. Carro atrai polícia.

Viaje com a documentação e o carro em ordem. Não corra. Respeite a legislação de trânsito. Faça o que estiver a seu alcance para que a polícia não tenha razão para te autuar. Esteja preparado, de tal modo que ela não tenha o que alegar contra você.

Finalmente, se você tem o hábito de usar algum tipo de droga, pense duas vezes antes de viajar com ela. Usar drogas é considerado um problema sério na legislação de quase todos os países. Em alguns casos, as penalidades são severas.

Se você for pego com drogas, não é apenas a sua viagem que será arruinada. Isso pode arruinar a sua vida e, em alguns casos, acabar com ela. Especialmente onde há pena de morte para esse tipo de infração, como acontece em diversos países.

Viajar com drogas é uma das coisas menos inteligentes que você pode fazer. Não faça isso. Não vale o risco.

Quando o pior acontece

Apesar de todos os cuidados, um dia o pior pode acontecer. Vai doer menos se você assumir que isso é inevitável e se preparar. Adotando o sistema que descreverei a seguir, você será capaz de recuperar-se rapidamente e poderá seguir com a vida sem maiores atropelos.

As providências que descreverei te ajudarão a minimizar as consequências de um eventual roubo. Desde um roubo pontual, até o roubo de tudo o que você carrega.

O principal objetivo dessas providências é assegurar que um ladrão cause o menor estrago possível e que o mesmo seja apenas monetário. O roubo não deverá arruinar sua vida.

Existem três cenários principais em que você pode ser roubado: **na rua, na acomodação e em trânsito.**

Na rua é quando você está fora de "casa", fora da acomodação em que está ficando no momento. Pode estar no metrô, em um restaurante, em um café, no supermercado ou em qualquer outro lugar que não seja sua hospedagem.

Na acomodação é quando roubam seus pertences no apartamento, *hostel*, hotel ou qualquer outro tipo de hospedagem em que esteja ficando. Na maioria dos casos, esse tipo de roubo ocorrerá sem que você esteja por perto.

Em trânsito é quando você está indo para uma nova cidade. Você está na rua e está levando consigo todos os seus pertences. Esse é o momento de maior risco na vida nômade, por ser uma das raras situações em que um bandido pode levar todos os seus pertences de uma vez só.

A divisão entre rua e acomodação é importante. Se você escolher a acomodação de forma cuidadosa, o mais provável é que ela seja seu local de maior segurança. A chance de roubo em um apartamento alugado, por exemplo, costuma ser menor que na rua.

Essa divisão entre rua e acomodação deve ser usada para criar **redundância**. Um avião 737, por exemplo, possui duas turbinas. Se uma delas falhar, o avião pode seguir viagem com apenas uma, sem problemas. A chance de falha nas duas, ao mesmo tempo, é quase zero.

Da mesma forma, com as providências que você tomará, será possível continuar com a sua vida nômade se roubarem tudo o que você carrega na rua ou tudo o que está em sua acomodação. Se você ficar sem o que está carregando na rua, encontrará na acomodação o suficiente para seguir com a vida. Por sua vez, se ficar sem o que está na acomodação, também será capaz de "sobreviver" apenas com o que está levando na rua. Ainda que levem tudo o que você tem na rua e na acomodação, você conseguirá se recuperar rapidamente.

Antes de discutir as práticas de segurança que você deverá adotar, é preciso compreender alguns cenários e suas consequências.

Roubo da carteira

Você está no metrô, a caminho de um café, onde pretende passar a tarde trabalhando. Tudo vai bem até você chegar ao café, tentar pagar o *cappuccino* e dar-se conta de que a carteira não está no bolso. Alguém a furtou no metrô. Você entra em pânico diante das consequências.

Não havia muito dinheiro na carteira, mas todos os seus cartões bancários e de crédito estavam lá. Você não tem nenhum dinheiro guardado na acomodação nem tem mais qualquer cartão que possa usar para fazer saques.

Imagine-se em uma situação como essa. Pense nas consequências de estar em um país distante com pouco dinheiro e incapaz de fazer novos saques. Não porque você não tenha dinheiro no banco, mas porque tornou possível que um ladrão levasse todos os seus cartões de uma vez.

O maior erro, nesse cenário, é não ter redundância na acomodação. O problema seria mínimo se você tivesse dividido os cartões, de modo que tivesse outros na acomodação. Além disso, também ajudaria se você tivesse algum dinheiro lá.

O inverso também seria grave. Você poderia ter deixado todos os cartões na acomodação e levar apenas dinheiro para a rua. Se roubassem o que você deixou na acomodação, você também estaria em apuros.

Roubo do notebook

Você está sozinho e trabalhando com seu *notebook* em um lindo café. O lugar parece seguro e bem frequentado. Chega o momento de fazer uma visitinha ao banheiro e você avalia se pode deixar o *notebook* na mesa enquanto sai por alguns instantes.

A mesa é boa. Está perto de uma tomada e você não quer perdê-la. É compreensível. Você deixa o *notebook* lá e, ao voltar, descobre que ele se foi. Que novidade, né?

Você se desespera porque todo o trabalho de sua vida estava no *notebook*. Havia informações confidenciais e o disco rígido não está criptografado. Para piorar, você não tem cópia de nada. Sempre dizia que faria backup, mas nunca encontrava tempo.

Não demora para você se dar conta de que não foi só o trabalho que perdeu. Junto com o *notebook*, também se foi sua capacidade de acessar o *internet banking*. Como você nunca encontrava tempo para configurá-lo no *smartphone*, você não conseguirá mais acesso ao banco.

Pode parecer que o principal erro foi deixar o *notebook* sozinho enquanto você foi ao banheiro. De fato, esse foi um erro brutal. Jamais faça isso. Porém pior foi não ter backup de seu trabalho e uma solução alternativa para acesso ao *internet banking*.

Roubo não é a única forma de ficar sem um *notebook*. Ele pode parar de funcionar a qualquer momento. Máquinas quebram. Mais cedo ou mais tarde ele vai quebrar ou ser roubado. Você deve contar com isso e estar preparado.

Ter backup de seu trabalho é vital. O ideal é que seja feito automaticamente, o tempo todo, sem que você tenha de pensar no assunto. Isso é possível se você usar soluções de backup na nuvem. Você deve adotá-las o quanto antes.

Além disso, você precisa ter uma forma alternativa de acessar o *internet banking*. A maioria dos bancos (senão todos) exigem que você cadastre o *notebook* para ter acesso ao *internet banking*. Dependendo do banco, se você perder seu *notebook* e tentar acessar o *internet banking* através do computador de um amigo, isso não será possível.

Roubo de sua câmera

Sua câmera é roubada. Além do prejuízo financeiro, você terá de conviver com a perda de todas as suas fotos. O cartão de memória da câmera é grande e demora para encher. Você se esqueceu de copiar as fotos para o computador. Não tem backup de nada. Agora elas se foram para sempre.

Mais uma vez, o principal problema desse cenário é a falta de backup. Pode ser mais grave que a perda monetária com o roubo da câmera.

Roubo de tudo o que você está levando na rua

Você sai de casa levando a carteira, o *smartphone* e as chaves do apartamento que alugou. Você é abordado por um assaltante que leva todos esses itens. Leva até as chaves, apesar de seus insistentes protestos.

Na carteira havia um pouco de dinheiro e alguns cartões, porém não todos. Você foi prudente e deixou outros na acomodação. O problema é que você não tem mais as chaves. Como entrará no apartamento?

A solução é entrar em contato com o proprietário do apartamento. Ele certamente tem uma chave reserva e poderá te ajudar.

Isso seria possível se o ladrão não tivesse levado também o seu *smartphone*. É lá que estão os números de contato do proprietário do apartamento. Sem ele, você fica perdido e não tem como ligar para a pessoa que pode te ajudar.

Quando você é roubado e está em apuros, a primeira reação é tentar entrar em contato com algumas pessoas chaves para pedir ajuda e compartilhar sua dor. Dentre elas estão seus familiares e amigos mais próximos, bem como amizades locais e o proprietário de seu apartamento. Para isso, você precisa ter acesso aos números de telefone dessas pessoas, a qualquer momento, onde estiver, ainda que não tenha seu *smartphone* ou sua agenda telefônica.

Identificar pessoas chaves e colocar o telefone delas em um local de fácil acesso é um dos passos essenciais na preparação para o pior. Quando o problema vier, a primeira coisa que você vai tentar fazer é contatar essas pessoas.

Roubo do passaporte

Você vai para a rua carregando seu passaporte e ele é roubado. Nesse momento você se dá conta de que não tem informações básicas sobre ele. Você não sabe o número dele, não tem nenhuma cópia dele e não sabe nem por onde começar para obter um novo documento de viagem.

Como se isso não fosse suficiente, você não tem nenhum outro documento de identificação com você. Como espera ser capaz de identificar-se no consulado para solicitar a emissão de um novo passaporte?

Roubo do passaporte é um dos piores problemas que você pode enfrentar enquanto viaja. Porém é possível resolvê-lo sem grandes atropelos se você tiver acesso a todos os dados do passaporte, tiver uma cópia dele e tiver um documento de identificação alternativo (ou cópia autenticada do mesmo).

Roubo de tudo o que você tem

Você está em trânsito e é assaltado. Levam tudo o que você tem: passaporte, cartões bancários, *notebook*, *smartphone*, câmera fotográfica, dinheiro, roupas e tudo mais. Você encontra-se em algum lugar do mundo onde não conhece ninguém. Está sem dinheiro, sem cartões, sem telefone, sem *notebook*, sem equipamento algum, sem nada.

É uma situação ruim, que pode se tornar pior se você não estiver preparado para ela. Quando o pior acontece, o mais importante é ter acesso aos telefones de contato de pessoas que possam te ajudar.

Além disso, você deverá ter acesso a algumas informações importantes, tais como: números dos cartões de crédito que precisam ser cancelados, números de telefone das operadoras de cartão de crédito, número do passaporte, números de telefone do consulado brasileiro mais próximo e por aí vai.

Sistema de redundância

Aqui começam as recomendações que você deve seguir para estruturar a vida de tal modo que um eventual roubo não lhe cause maiores problemas.

Sempre que for para a rua, você precisa decidir com cuidado o que deixará na acomodação e o que levará com você.

Passaporte

Na maior parte do tempo, é mais seguro deixar o passaporte na acomodação. Entretanto alguns países exigem que você sempre carregue o passaporte consigo. Nesses casos ou quando você não tiver confiança na acomodação, leve o passaporte para a rua com você.

Quando o passaporte estiver na rua com você, ele só deve ser levado em um *money belt* (na cintura) ou em um *neck stash* (pendurado no pescoço). Nos dois casos, ele deverá estar escondido sob sua camisa.

Evite levar o passaporte no bolso da calça. Se não tiver outro jeito, leve-o no bolso da frente. Jamais no bolso de trás da calça.

Em lugares frios, evite levar o passaporte no casaco. É comum você tirar o casaco quando entra em lugares aquecidos e pendurá-lo em um cabide, muitas vezes longe de você. O passaporte deve ficar colado a seu corpo o tempo todo.

Quando o passaporte está na rua com você, é necessário ter uma forma de identificação alternativa na acomodação, para que você possa usá-la se o passaporte for roubado. Mantenha na acomodação a sua carteira de identidade ou cópia autenticada dela. Não saia de casa com o passaporte e a carteira de identidade juntos.

A única situação em que eles poderão estar juntos na rua é quando você estiver em trânsito para outro destino. Fora isso, sempre que você estiver na rua com o passaporte, a identidade deve ficar na acomodação.

Se você tiver carteira de motorista e não estiver dirigindo, deixe-a também na acomodação. A carteira de motorista só deve te acompanhar na rua quando você estiver dirigindo. Se esse não for o caso, ela deve ficar na acomodação.

Se você estiver dirigindo, a opção de deixar o passaporte na acomodação não se aplica. Ele tem de estar com você. Quando estiver de carro, sempre vá para a rua com passaporte, carteira de motorista e PID. Deixe a identidade na acomodação.

Se você deixar o passaporte na acomodação, leve a carteira de identidade para a rua com você. Ainda que ela não tenha validade em outro país, ela é importante para te identificar em um consulado brasileiro. Se a acomodação for roubada e seu passaporte for levado, você poderá se identificar em um consulado com sua carteira de identidade.

Carregue sempre uma cópia do passaporte com você e deixe outra na acomodação. A cópia do passaporte é útil para quando você precisa

consultar os dados rapidamente. Ela também poderá lhe ajudar no caso de identificação em um consulado brasileiro.

Toda vez que você for para a rua, tome essa decisão: vai levar o passaporte ou não? Se levar, deixe a identidade na acomodação. Se não levar, carregue a identidade para a rua.

Se o passaporte ficar na acomodação, deixe-o trancado com outros itens de valor se isso for possível. Tranque-o para dificultar a vida de eventuais curiosos que possam entrar na acomodação, tais como pessoal de limpeza, proprietário, entre outros.

Cartões

Sempre que você for para a rua, você deve levar pelo menos um cartão de saque e um cartão de crédito. Pode ser um só, se ele puder ser usado para as duas funções. Mesmo que você não tenha a intenção de usar esses cartões, leve-os para a rua com você.

Na acomodação, por sua vez, é fundamental que fique pelo menos um cartão de saque e um cartão de crédito. A menos que você tenha um cartão que faça as duas coisas.

Quando você é roubado na rua e levam seus cartões, é importante que você possa continuar a viagem com os cartões que ficaram na acomodação e vice-versa. Se roubaram a acomodação e levarem os cartões, você deve ser capaz de tocar a vida com os cartões que tiver levado para a rua.

É fundamental que você verifique essa configuração de cartões sempre que for para a rua. Faça essas duas perguntas:

1. Seria possível tocar a vida apenas com os cartões que estou levando para a rua?
2. Seria possível tocar a vida apenas com os cartões que estou deixando na acomodação?

Lembre-se: as chances de você ser roubado na rua e na acomodação no mesmo dia são mínimas. Por isso, é útil estabelecer essa redundância. O que você carrega na rua deve ser suficiente para você seguir com a vida se perder o que está na acomodação e vice-versa.

Dinheiro

Poder pagar pelas compras com cartão é fantástico, assim como é ótimo poder fazer saques de sua conta em qualquer lugar do mundo. Levar dinheiro em espécie torna-se cada dia menos necessário em quase todos os lugares. Entretanto, é importante lembrar que cartões e máquinas falham.

Seu cartão de crédito pode deixar de funcionar de uma hora para outra por ter sido danificado ou por falha nos sistemas de seu banco ou operadora de cartão de crédito. Por sua vez, caixas eletrônicos também podem estar fora de operação ou sem conexão com seu banco. Por essas e outras razões, é sempre bom ter algum dinheiro com você.

Procure ter sempre uma quantia razoável de dinheiro em moeda forte (dólar ou euro) em sua acomodação. Se possível, tenha pelo menos o suficiente para pagar uma passagem de volta para o Brasil para uma eventual emergência.

Por sua vez, sempre que for para a rua, leve com você uma pequena quantia de dinheiro em moeda forte. Ela será útil para você se recuperar de um eventual roubo em sua acomodação.

Pendrives de recuperação

Seu *notebook*, assim como seu *smartphone*, carregam alguns dados preciosos. Se você tiver seguido as sugestões da parte desse livro que cobre segurança digital, a essa altura você já estará usando um sistema de gestão de senhas como o [1password](#). Se você ainda não fez isso, é fundamental que o faça o quanto antes.

Proteger o acesso aos sites e serviços online que você utiliza com senhas fortes e únicas é vital para sua segurança digital. Também é preciso garantir que você sempre tenha acesso à base de dados do gerenciador de senhas. Perder o acesso a essa base significa ficar trancado de fora de todos os serviços online que você utiliza.

Por isso, é importante ter diversos backups de sua base de dados de senhas. Se você utiliza o [1password](#) em conjunto com o [Dropbox](#), você já tem um backup habitual de sua base de senhas no [Dropbox](#). O mais provável é que também a tenha em seu *smartphone*. Isso é um bom começo, mas não é suficiente.

Recomendo que você adquira pelo menos dois *pendrives* para reforçar sua segurança com as instruções que darei a seguir. O tamanho desses *pendrives* vai depender da quantidade de informações críticas que você colocará neles. Um *pendrive* de pelo menos 16 GB é um bom começo.

Os dois *pendrives* terão o mesmo conteúdo. Um deles será deixado em sua acomodação o tempo todo, de preferência em um local escondido. Quando você estiver em trânsito, esse *pendrive* deverá estar em sua mala.

O outro *pendrive* estará sempre com você, onde quer que você esteja. Sempre que você for para a rua, ele irá com você. Ele pode ser colocado em sua carteira, no bolso da calça, no bolso do casaco ou onde você achar melhor. O importante é que ele esteja sempre com você quando você estiver na rua.

Daqui por diante, farei referência apenas a um *pendrive* para facilitar a explicação. Porém, assim que você tiver preenchido um *pendrive* com as informações que citarei, faça uma cópia exata para o segundo *pendrive*.

A primeira providência é criptografar o *pendrive*. Para isso, você pode utilizar o pacote oferecido por seu próprio sistema operacional. Pesquise como criar um *pendrive* criptografado em seu sistema operacional e criptografe-o.

Isso é necessário porque as informações que estarão no *pendrive* são sigilosas. Só você deverá ser capaz de acessá-las quando houver necessidade. Se o *pendrive* cair em mãos erradas, ninguém deverá ser capaz de ler seu conteúdo. A única forma de assegurar essa proteção é criptografando-o.

Dentro do *pendrive*, você deverá colocar uma cópia dos seguintes itens:

- Base de dados do gerenciador de senhas.
- Instalador do gerenciador de senhas e número de série.
- Agenda de contatos.

- Lista de contatos que mais poderiam te ajudar em uma emergência.

- Passaporte, identidade, CPF, carteira de motorista, PID e certificado internacional de vacinação digitalizados.

- Máquina virtual com acesso ao *internet banking*.
- Instalador do gerenciador de máquinas virtuais e número de série.

- Reserva de sua acomodação atual.
- Apólice de seguro de viagem.
- Arquivos mais importantes para seu trabalho.

A seguir, explicarei cada um desses itens e a razão de estarem nesse *pendrive*.

Base de dados do gerenciador de senhas

Esse é o item mais importante que você colocará no *pendrive*. Ter acesso à base de dados do gerenciador de senhas é fundamental para que você consiga acessar todos os serviços online em que se encontra cadastrado.

Uma das piores tragédias que pode acontecer em sua vida é perder acesso a essa base de dados. Isso significaria perder acesso a suas contas de email, contas nas redes sociais, conta no Airbnb, CouchSurfing e mais uma infinidade de serviços.

Se você for roubado na rua e levarem até mesmo o seu *pendrive*, você poderá recuperar a base de dados a partir do *pendrive* que ficou na acomodação e vice-versa. Quando estiver em trânsito, ainda que você seja roubado e levem tudo, é possível que você consiga salvar ao menos um *pendrive*.

Por ser tão pequeno, você pode escondê-lo e transportá-lo dentro do sapato, por exemplo. Basta colocá-lo dentro de um saquinho plástico e posicioná-lo na ponta dos pés, onde costuma ficar um espaço vazio, na ponta do sapato. Se um assaltante quiser levar tudo, o mais provável é que não chegue ao ponto de levar os sapatos.

Instalador do gerenciador de senhas e número de série

Para que você possa acessar o conteúdo da base de dados de senhas, você precisará instalar o gerenciador de senhas em algum computador. Se roubarem tudo, inclusive seu *notebook*, você terá dificuldade para instalar o gerenciador de senhas. Porém não será impossível.

Existe gente ruim no mundo, capaz de te roubar e violentar, mas também há muita gente boa. É o caso da maioria das pessoas.

Se você for roubado, você pode pedir ajuda das pessoas na rua ou da própria polícia. Conte sua história, explique o que aconteceu e peça ajuda para utilizar um computador. A maioria das pessoas tem um computador atualmente.

Quando alguém te der acesso a um computador, você poderá instalar o gerenciador de senhas e ter acesso a todos os seus dados confidenciais. Para isso, é preciso que você tenha esse *pendrive* preparado.

Além da base de dados de senhas, o *pendrive* também deve conter o arquivo de instalação do gerenciador de senhas, na versão para Windows e Mac. Afinal, você não tem como saber que tipo de sistema operacional é usado no computador da pessoa que concordar em te ajudar. O mais provável é que seja um Windows ou Mac.

Se você utilizar uma solução como o [1password](#), basta baixar a versão para Windows e Mac e colocar ambas no *pendrive*. Junto delas, coloque também um arquivo .txt contendo o número de série que você recebeu quando comprou o gerenciador de senha.

Tendo tudo isso no *pendrive*, assim que você tiver acesso a um computador, você poderá instalar o gerenciador de senhas e abrir seu cofre de senhas. A partir daí, fica fácil ter acesso a toda a sua vida virtual.

Agenda de contatos

Quando o pior acontece, você logo se lembra da família e dos amigos. Sua primeira reação será tentar contato com eles para lhes pedir ajuda. Isso só é possível se você tiver os contatos deles, naturalmente.

Hoje em dia, endereços de email e telefones ficam cadastrados em nossas agendas e a gente já não decora mais nada. Há uma boa chance de que você não saiba de cabeça o telefone ou qualquer outra informação de contato de seus familiares e amigos mais próximos. Sua agenda telefônica é vital para que você possa estabelecer contato com eles.

Exporte todos os contatos de sua agenda telefônica para um formato de arquivo que possa ser aberto facilmente no Windows ou no Mac. Mais uma vez, a ideia é que você consiga convencer alguém a lhe emprestar um computador, no qual você poderá acessar o *pendrive* e ter acesso a todos os dados que estão na agenda telefônica.

Lista de contatos que mais poderiam te ajudar em uma emergência

As informações da agenda de contatos são importantes. Entretanto, para que possam ser usadas, é necessário que você as importe em algum programa de agenda, no computador que você conseguir utilizar. Dependendo do computador e das circunstâncias, isso pode demorar mais que o desejável.

Para simplificar as coisas é útil ter um arquivo .txt no *pendrive* que possa ser aberto facilmente por um aplicativo tão simples quanto o Bloco de Notas do Windows. Nele, coloque o nome e telefone das pessoas que teriam mais condições de te ajudar rapidamente.

O ideal é que esse arquivo contenha nomes e telefones de pessoas que estão na mesma cidade em que você se encontra. Se você estiver acomodado em um apartamento alugado do Airbnb, por exemplo, coloque nesse arquivo o nome, telefone e demais contatos de seu anfitrião (o proprietário do apartamento). Se você tiver conhecido algumas pessoas em um encontro do CouchSurfing, por exemplo, coloque os nomes e telefones delas.

Quanto mais contatos você tiver de pessoas que estão na mesma cidade que você, melhor. Essas são pessoas que poderiam te prestar uma ajuda inicial, te acomodar, te alimentar e te emprestar um computador para que você tenha acesso a sua vida digital.

Quanto mais pessoas você conhece na cidade em que se encontra, quanto mais pessoas você coloca nessa lista, mais fácil se recuperar de algum problema grave.

Além de pessoas locais, você também deve colocar nessa lista os telefones dos parentes e amigos mais próximos no Brasil. Afinal, eles também podem te ajudar em assuntos que precisem ser resolvidos no Brasil, tais como a comunicação com bancos, empresas de cartões de crédito, entre outros.

Coloque também nessa lista os telefones de contato e endereço do consulado brasileiro mais próximo.

Essa listinha é tão importante que, com frequência, nós também a fazemos em um pedaço de papel. Dessa forma, a gente não precisa ter acesso a um computador para acessar a lista no *pendrive*. Basta ler o que está no papel.

A gente leva essa listinha na carteira, no casaco e até mesmo dentro do sapato.

Passaporte e identidade digitalizados

Você sempre deve ter todos os seus documentos digitalizados devidamente armazenados no gerenciador de senhas. Lembre-se que tal aplicativo não serve apenas para armazenar senhas. Ele pode e deve armazenar todo tipo de informação confidencial, incluindo arquivos dos mais diversos.

Se o seu passaporte for roubado, é possível que você consiga agilizar os trâmites no consulado brasileiro se tiver uma cópia dele e de sua identidade. Embora seja possível obtê-los em seu gerenciador de senhas, sempre existe a chance de que você não consiga encontrar um computador facilmente onde possa instalá-lo. Por via das dúvidas, mantenha uma cópia do arquivo digital do passaporte e da identidade diretamente no *pendrive*. Isso facilitará o acesso a eles em um momento de emergência. Como o *pendrive* está criptografado, não tem problema deixar esses arquivos fora do gerenciador de senhas, diretamente no *pendrive*.

Máquina virtual com acesso ao internet banking

A capacidade de acessar o *internet banking* é vital para que você possa continuar sua jornada. Você deve cadastrar seu computador para acessar o *internet banking*. Isso é bom, mas não é suficiente. Se o seu computador for roubado ou parar de funcionar, você precisa ter uma forma alternativa de acessar o *internet banking*. É claro que você também deve ter habilitado seu uso no *smartphone*, entretanto ele também pode ser roubado.

Se você ficar sem seu *notebook* e seu *smartphone*, é possível continuar a ter acesso ao *internet banking* se você adotar uma máquina virtual.

A máquina virtual "finge" que é uma máquina física e permite que você instale um sistema operacional de sua preferência.

Os principais gerenciadores de máquinas virtuais são:

- [VMware](#)
- [VirtualBox](#)
- [Parallels](#)

Você pode e deve preparar uma máquina virtual com o único propósito de acessar o *internet banking*. Para o seu banco, será como se você estivesse fazendo o acesso através de um computador normal.

O grande benefício de usar uma máquina virtual é que, uma vez que ela esteja cadastrada para acessar o banco, você pode fazer diversas cópias dela. Se você usar qualquer dessas cópias, seja em que computador físico você tiver, você sempre conseguirá acessar o seu *internet banking*.

Por essa razão, prepare uma máquina virtual para acesso a seu *internet banking*. Depois que você tiver testado tudo e tiver a certeza de que está funcionando, crie um arquivo comprimido dessa máquina virtual e coloque-o no *pendrive*. Tal arquivo ocupará alguns gigabytes. Afinal, trata-se de um "computador inteiro". Por essa razão, você precisará de um *pendrive* de tamanho razoável. Possivelmente maior ou igual a 16 GB.

Instalador do gerenciador de máquinas virtuais

Para que você possa instalar a máquina virtual em um novo computador, você precisará ter o arquivo de instalação do gerenciador de máquinas virtuais. Coloque-o no *pendrive*. Crie também um arquivo .txt e coloque nele o número de série do software.

Reserva de sua acomodação atual

Quando você fez a reserva de sua acomodação atual, você provavelmente recebeu um arquivo contendo o endereço dela, bem como o nome do anfitrião, telefone e email de contato. Coloque uma cópia dessa reserva no *pendrive*.

Nós já passamos por algumas situações nas quais tivemos de contar com a ajuda de uma pessoa local. Nesses casos, quase sempre, quem nos auxiliou foi o proprietário do apartamento em que estávamos hospedados.

Isso nos mostrou a importância de ter o contato dessas pessoas sempre à mão. Como você mudará de lugar de tempos em tempos, você precisará atualizar essa informação no *pendrive* sempre que se mudar. De fato, é importante que você revise o conteúdo do *pendrive* e o atualize antes de toda mudança que fizer. É especialmente importante atualizar os contatos de quem te hospedará, assim como os contatos de emergência.

Apólice do seguro de viagem

É aconselhável que você viaje com seguro de viagem ou um seguro de saúde internacional. É importante que você tenha acesso à cópia da apólice a qualquer momento. Ela contém seu número de segurado, os telefones de contato e os termos do seguro. Coloque uma cópia da apólice no *pendrive*.

Arquivos mais importantes para seu trabalho

Ser nômade digital significa que você trabalha com a ajuda da internet e precisará continuar a executar seu trabalho, ainda que seu *notebook* seja roubado. Idealmente, você deverá ter backup de tudo o que possui no *notebook*. De preferência, tal backup deverá existir também em alguma solução na nuvem. Depois de um roubo, quando você comprar um novo *notebook*, deverá ser capaz de fazer o download de todo o seu backup. Esse processo nem sempre é rápido.

Faça uma análise dos arquivos mais importantes em seu *notebook* para a realização de seu trabalho. Isso inclui ferramentas, bases de dados, chaves SSH para acesso a servidores, documentos relacionados aos projetos em que está trabalhando no momento e assim por diante.

Coloque esses arquivos no *pendrive*. No caso de ferramentas, lembre-se de colocar os números de série, além dos próprios arquivos de instalação.

Você conseguirá retomar o trabalho mais rapidamente, ou ao menos resolver as questões mais urgentes, se tiver uma cópia desses arquivos em seu *pendrive*.

Email para emergências

Ter um *pendrive* com você e outro em sua acomodação, ambos contendo as informações que foram descritas anteriormente, permite que você se recupere rapidamente no caso de um roubo parcial, em que quase tudo seja levado, mas ainda lhe reste ao menos um dos *pendrives*.

A situação se complica se você perder tudo, inclusive os *pendrives*. A única forma de superar esse cenário é ter uma cópia do conteúdo do *pendrive* em algum lugar da internet. Isso é fácil de resolver.

Crie uma conta no Gmail. Ela será usada apenas para armazenar informações que te ajudarão a recuperar-se de um eventual roubo. Sua conta de email habitual não serve. É preciso que seja uma outra, exclusiva para te ajudar a superar um roubo. Logo explicarei a razão.

Uma conta no Gmail lhe dá acesso ao Google Drive, onde você pode armazenar uma grande quantidade de informações. No momento em que escrevo essa parte do livro, o Google fornece 15 GB de espaço sem nenhum custo.

Copie para o Google Drive, associado a essa nova conta do Gmail, todo o conteúdo que você colocou no *pendrive*. Dessa forma, se você ficar sem nenhum *pendrive*, você poderá acessar as informações no Google Drive.

Em teoria, você poderia ter apenas o Google Drive e dispensar o uso dos *pendrives*, porém isso não seria prudente. Para reforçar sua segurança, é fundamental que você tenha redundância.

É ótimo ter a informação na nuvem. Entretanto, você pode ficar incapacitado de acessá-la. Seja porque está sem acesso à internet ou porque ocorreu algum problema no servidor. A disponibilidade de acesso à internet e o funcionamento do servidor do Gmail estão fora de seu controle. Por essa razão, é válido ter as informações também em um *pendrive*.

Além disso, ainda que você consiga acessar as informações na nuvem, é possível que a conexão à internet seja lenta. Imagine se você tiver acabado de comprar um *notebook* para substituir o que foi roubado e tiver de instalar todos os programas necessários para seu trabalho. Baixá-los da nuvem pode ser demorado demais. É mais rápido se você puder copiá-los de um *pendrive*. O backup do *pendrive* na nuvem serve como último recurso, para o caso em que você fique sem acesso inclusive a ele.

Essa conta do Gmail também poderá ser usada para outros propósitos. Lembra dos contatos de emergência que você colocou em um arquivo .txt? O Gmail também disponibiliza uma agenda de contatos. Você pode cadastrar esses contatos de emergência nessa agenda. Se surgir a necessidade de entrar em contato com alguém e for mais fácil buscar os dados de contato na internet, bastará se logar nessa conta do Gmail e acessar as informações.

Em uma situação de emergência absoluta, você pode pedir ajuda a uma pessoa na rua. Ela não precisa ter um computador para te ajudar. Basta um *smartphone*. Através dele, você poderá logar-se nessa conta do Gmail e acessar os contatos que necessitar.

Essa conta também pode ser útil para outros propósitos. Sempre que você fizer uma reserva em uma acomodação, encaminhe o email da reserva para essa conta. O mesmo vale para emails de passagens aéreas, por exemplo. Você pode encaminhar para essa conta todo tipo de informação que possa ser relevante para sua viagem.

Se você ficar sem acesso a seu email principal, você sempre poderá recorrer a essa conta especial, para acessar as informações pertinentes a sua viagem.

Se você estiver seguindo as recomendações da parte de segurança digital, todas as suas senhas estarão armazenadas em um gerenciador de senhas. Você não as conhecerá de cabeça. Não é possível memorizá-las.

A conta do Gmail que descrevi aqui, criada para te ajudar em uma situação de emergência, é uma exceção. É fundamental que você memorize a senha dessa conta especial do Gmail. Ela existe justamente para te ajudar quando você não tiver acesso a seu gerenciador de senhas e demais informações de sua vida digital.

Quando você criar essa conta, o Gmail provavelmente lhe pedirá um número de telefone e um email secundário. É fundamental que você também memorize o número de telefone associado a essa conta e o email secundário.

Quando você acessa uma conta do Gmail a partir de um novo computador, é comum que ele não se contente apenas com o login e a senha. Às vezes ele pede para você confirmar o número do telefone associado à conta ou o email secundário. Memorize essas informações para que você sempre consiga acessar essa conta.

Essa é uma conta do Gmail na qual você não habilitará a autenticação de dois fatores. Esse mecanismo de segurança deve ser usado em todas as demais contas do Gmail, porém nessa não. Essa é uma conta especial, que precisa ser fácil de acessar por você.

Ela raramente será acessada. Entretanto, se e quando a necessidade surgir, você tem de conseguir acesso sem dificuldades.

Atualização das informações

O trânsito para outra cidade é o momento de maior risco para você. É um dos raros momentos em que um ladrão tem chances de te atacar e levar

todos os seus pertences de uma vez. Portanto é quando você deve estar melhor preparado.

Antes de partir para o próximo destino, faça uma revisão do conteúdo dos *pendrives* e do Google Drive. Atualize o conteúdo da base de dados de senhas, os contatos de emergência, a agenda telefônica, os arquivos importantes de trabalho e assim por diante.

Se você carrega os telefones de contato mais importantes em um pedaço de papel, atualize-o também.

E se você desaparecer?

Se você passar muitos dias sem dar notícias, é provável que seus amigos e familiares comecem a notar. Isso pode acontecer por diversas razões. Você pode estar seriamente doente, pode ter sofrido um acidente, pode ter sido sequestrado e por aí vai.

As pessoas começarão a te procurar e isso provavelmente é o que você deseja que aconteça. Você pode ajudá-los a te achar desde que utilize um sistema adequado para esse propósito.

Crie uma outra conta do Gmail (essa é a última, prometo) especificamente para servir de apoio a todos que queiram buscar por você. Você dará acesso a essa conta para seus parentes e amigos mais próximos. Eles não precisam acessar essa conta com frequência. Na verdade, só devem acessá-la quando não conseguirem falar com você e suspeitarem que você está em apuros.

Envie para essa conta de email toda e qualquer informação que possa servir de apoio para que outras pessoas te encontrem.

Quando você for para uma nova cidade, por exemplo, envie um email para essa conta contendo o itinerário que percorrerá. Inclua informações sobre o transporte, tais como nome da companhia aérea (se for um voo), número do voo, dia e horário.

Envie a reserva de sua acomodação, com o endereço exato e informações para contato com o anfitrião (nome, email e telefone).

No caso de uma emergência, as pessoas mais próximas poderão consultar essa conta de email e saber exatamente onde você está hospedado, assim como a pessoa que está te hospedando.

Quando você sair para um bar, envie o endereço para essa conta de email. Se estiver indo com outras pessoas, envie os nomes e contatos dessas

pessoas.

Se você desaparecer, seus familiares poderão acessar essa conta e saber quais foram suas últimas ações. É mais fácil te achar se eles souberem onde você está ficando, onde esteve por último, com quem esteve e assim por diante.

Ajude as pessoas que querem te ajudar. Forneça-lhes todas as informações que possam lhe ser úteis para que sejam capazes de te localizar com facilidade.

Você poderia sempre enviar um email para as pessoas mais próximas com informações sobre seus passos, porém isso seria uma chateação para elas. É preferível que elas não fiquem recebendo tais informações o tempo todo, até para que não se alarmem sem necessidade.

Se você parar de dar notícias, as pessoas notarão. Nesse momento, basta que saibam exatamente onde ir para obter informações sobre seu paradeiro.

Como essa conta de email será acessada por algumas pessoas, é importante que elas compreendam a importância desse mecanismo e saibam que a senha não deve ser trocada.

Usar essa estratégia é uma forma eficaz de ajudar as pessoas que te buscarão sem importuná-las quando não houver necessidade.

Se você é mulher e estiver viajando sozinha, esse sistema é particularmente importante. Se você for sair com alguém, por exemplo, envie para essa conta do Gmail o nome da pessoa, o email, a página dela no Facebook e tudo o mais que você souber sobre ela. Se essa pessoa lhe fizer algum mal, seus familiares saberão exatamente com quem você esteve. Isso facilitará o trabalho da polícia e você poderá ser salva com maior rapidez.

E se você sofrer um acidente?

O medo de sofrer algum tipo de violência sempre nos acompanha, entretanto, na maior parte do tempo, o risco de sofrer um acidente é maior que o de ser roubado. É um risco que a maioria das pessoas negligencia.

Imagine que você se acidentou, está inconsciente e alguém corre para te ajudar. Você pode colaborar com essa pessoa se lhe fornecer algumas informações básicas sobre si mesmo.

Crie um cartão, no qual colocará uma série de informações básicas a seu respeito, bem como contatos de pessoas que deverão ser avisadas de seu acidente.

Coloque os seguintes dados nesse cartão:

- Nome completo
- Nacionalidade
- Data de nascimento
- Número do passaporte
- Tipo sanguíneo
- Medicamentos que te causam reações alérgicas
- Informações sobre o seguro de viagem: nome da seguradora, telefone e email. Número da apólice de seguros, área de cobertura e validade.
- Lista de pessoas que podem ser contatadas em caso de emergência, com respectivos telefones e emails. Indicar os idiomas que essas pessoas falam. De preferência, coloque nessa lista pessoas que falem inglês, pelo menos.

Faça pelo menos duas cópias desse cartão. No total, você terá três cartões idênticos. Plastifique-os. Coloque um em sua carteira e ande sempre com ele. Coloque outro em um bolso de sua mochila e o último em um bolso de sua mala.

A pessoa que te acudir poderá te prestar um socorro melhor tendo acesso a esse cartão. Ela conseguirá te identificar perante as autoridades, poderá entrar em contato com sua seguradora e conseguirá avisar seus familiares com facilidade.

Segurança para valer

O sistema que foi descrito aqui foi desenvolvido e aperfeiçoado por mim ao longo de anos. Ele é robusto e eficaz.

Acidentes, roubos e outros atos de violência não mandam aviso. Eles ocorrem quando a gente menos espera. A única forma de lidar com eles é estar preparado 100% do tempo. Se você der bobeira um único dia, o problema ocorrerá neste dia.

Para usar o sistema que descrevi aqui, você terá de fazer um esforço inicial, assim como terá um pequeno esforço adicional, de tempos em tempos, para atualizar as informações de recuperação. Apesar disso,

recomendo que você siga esse sistema. Ele pode te salvar em um momento traumático.

Acidentes e episódios de violência podem mudar a nossa vida por completo de uma hora para outra. Os efeitos são imprevisíveis e podem ser mais sérios do que jamais poderíamos imaginar. Felizmente, podem ser atenuados se adotarmos um sistema eficaz como esse.

Quando o pior acontecer, se você não tiver adotado esse sistema, ou tiver deixado de fazer as atualizações necessárias, por preguiça, e aquilo fizer falta, você se sentirá ainda pior. Além do trauma pelo ocorrido, também terá de digerir a raiva de si mesmo por ter deixado de fazer algo simples, que faria toda a diferença para você se recuperar.

A essa altura, é importante compreendermos o que exatamente torna uma pessoa segura. Para estar sempre seguro, você precisa se basear em algo que não possa ser roubado, que ninguém possa nunca tirar de você.

Sua segurança deve estar sempre apoiada em três pilares: suas **habilidades**, seus **hábitos** e seus **relacionamentos**.

Quanto mais conhecimento útil você acumula, quanto mais habilidades você desenvolve, mais seguro você se torna. Você fica preparado para contornar adversidades e reconstruir seu patrimônio caso o perca de alguma forma. Uma pessoa bem preparada pode perder tudo. Ela conseguirá conquistar tudo de novo.

Quanto mais habilidoso você é, mais útil você é para a sociedade. Isso significa que, mesmo se tudo lhe for roubado, você sempre pode oferecer seus serviços à sociedade e ser remunerado por isso. Não há o que temer quando você sabe que tem algo útil a oferecer.

Hábitos nos definem. Eles refletem aquilo que fazemos diariamente. Quando tais hábitos são bons, quando eles colaboram com nossa segurança, a chance de passarmos por algum problema é baixa. Você não precisa temer, nem ficar preocupado quando mantém bons hábitos. A segurança é um resultado natural.

Finalmente, se o pior acontece, tudo se torna mais fácil quando podemos contar com nossos familiares e nossos amigos. Ainda melhor se tivermos amigos espalhados pelo mundo.

Cultivar boas amizades é uma das melhores formas de estabelecer uma excelente rede de proteção. Significa que não ficaremos desamparados, mesmo quando o pior acontecer.

Se você deseja viver com segurança ao redor do mundo, lembre-se desses três pilares: **conhecimento** (e respectivas habilidades), **hábitos** e **relacionamentos**. Estude sempre e nunca pare de aprender. Cultive bons hábitos e não se afaste deles. Conheça pessoas e faça amizades por onde passar.

Transforme o sistema que descrevi aqui em um hábito. Dá um pouco de trabalho no início, porém é simples de manter e fazer as atualizações. Você adotará alguns hábitos saudáveis e deverá preservá-los para a vida toda. Isso é bom porque você passará a contar com proteção permanente. Dificilmente você será roubado, mas se for, sempre conseguirá reestruturar sua vida com rapidez, ainda que levem tudo.

Parte 5
Dinheiro

Capítulo 17

Conceitos básicos

Introdução

Dinheiro não traz felicidade, é o que diz o ditado popular. De tanto escutá-lo, é provável que você acredite nele, embora seja equivocado. Dinheiro e felicidade têm uma forte relação, por razões que talvez não sejam tão óbvias à primeira vista.

Para entender o que está errado com o ditado, é preciso discutir o que é felicidade. Morar em uma mansão, ter um carro luxuoso, usar roupas de marca e poder comprar tudo o que você quiser é ótimo, mas não equivale a ser feliz.

Uma das melhores definições de felicidade que conheço vem do livro [The Millionaire Fastlane](#), de MJ DeMarco. Segundo ele, felicidade é fruto de **liberdade, saúde e relacionamentos saudáveis**.

Liberdade de usar seu tempo da maneira que quiser. Não ser obrigado a ir todos os dias para um trabalho de que não gosta e se submeter a um chefe que detesta. Liberdade para investir na realização de seus sonhos. Saúde para desfrutar de tudo o que a vida pode lhe oferecer. Relacionamentos fortes, com os quais você possa compartilhar os melhores momentos da vida.

Você pode ter tantos bens quanto se possa comprar e, ainda assim, ser infeliz. Se você não tiver liberdade, dificilmente terá felicidade. Se não tiver saúde, de nada adiantarão os bens materiais. Se não tiver pessoas queridas a sua volta, sua vida será vazia e infeliz.

Dinheiro não traz felicidade quando é usado apenas para consumir porque bens materiais não trazem liberdade, nem saúde e muito menos relacionamentos fortes. Porém dinheiro também pode ser usado para comprar liberdade.

Quem tem dinheiro pode dar-se ao luxo de fazer o que bem entender. Pode parar de trabalhar ou dedicar-se a trabalhar apenas fazendo o que gosta, ainda que não seja uma atividade bem remunerada. Tendo dinheiro suficiente, você pode separar mais tempo para cuidar de sua saúde. Sobretudo, pode dedicar tanto tempo quanto desejar às pessoas mais queridas de sua vida.

A liberdade de usar seu tempo da maneira que bem entender te dá, por exemplo, a possibilidade de estar onde você quiser, na companhia de quem escolher. Essa liberdade custa. Ela precisa ser comprada. Para isso é necessário dinheiro.

Dinheiro traz felicidade quando usado para comprar sua liberdade. Quando você o investe para realizar seus sonhos e comprar de volta seu tempo.

Isso significa que é importante lutar para acumular tanto dinheiro quanto possível, o mais cedo possível. Se você conseguir enriquecer nos primeiros anos de sua vida adulta, por exemplo, terá os melhores anos diante de si e a possibilidade de desfrutá-los como bem entender.

Para enriquecer e preservar seu patrimônio, você precisa passar por uma alfabetização financeira. Precisa compreender diversos conceitos associados à forma como o dinheiro funciona e responsabilizar-se por suas finanças, da mesma forma que se responsabiliza por sua saúde.

Não se preocupe. Enriquecer não te tornará uma pessoa ruim, nem fará de você um pecador. Não existe nada errado em ser rico. Ainda mais importante, ninguém precisa ficar pobre para que você enriqueça.

Riqueza

Riqueza e dinheiro não são a mesma coisa. Riqueza, em termos materiais, é todo tipo de coisa que a gente possa vir a querer: comida, roupas, casa, carro, viagem e assim por diante. Você pode ter riqueza, ainda que não tenha dinheiro.

Dinheiro é apenas um instrumento de troca. É mais conveniente utilizá-lo do que trocar coisas diretamente.

No fundo, riqueza é o que importa e não dinheiro. Porém todo mundo fala de dinheiro porque ele é um instrumento para movimentar e trocar riqueza. No geral, dinheiro equivale a riqueza porque é o que você usa para comprar o que deseja.

A maioria das pessoas acha que existe uma quantidade limitada de riqueza no mundo. É como se fosse um bolo, de tamanho fixo, que precisa ser dividido entre todas as pessoas. Se isso fosse verdade, uma pessoa rica estaria abocanhando um pedaço excessivamente grande do bolo e deixando muitas outras com pouco ou quase nada. Em outras palavras, para uma pessoa ser rica, ela precisaria tirar de outras. Ela precisaria causar a pobreza de outras.

Felizmente, a riqueza do mundo não é finita. Ela cresce o tempo todo. Não existe um bolo de tamanho fixo. Isso é uma falácia. O tamanho do bolo não para de aumentar a cada dia que passa. Para entender como, leia [esse artigo](#).

Ao longo do tempo, a humanidade cria e destrói riqueza. Em particular, tempos de paz criam riqueza, enquanto momentos de guerra destroem. Apesar delas, o saldo é positivo. A riqueza cresce cada vez mais em todo o mundo. Há cada vez mais bens e itens úteis disponíveis. O número de pessoas que tem acesso a eles não para de crescer.

Pense em um terreno vazio. Ele tem um valor, como todo pedaço de terra. Imagine que alguém construa um prédio residencial nele, onde haverá quarenta apartamentos. Quando isso acontece, o mundo fica mais rico. Ele passa a ter quarenta moradias a mais. Aquele mundo onde o terreno estava vazio não era tão rico quanto o novo, no qual existe um prédio sobre o terreno. O mundo fica mais rico toda vez que surge um prédio novo. Para construir um prédio, é preciso investir um pouco da riqueza existente no mundo. Entretanto, cria-se uma riqueza ainda maior no processo. O saldo é positivo.

Da mesma forma, estou criando riqueza toda vez que sento para escrever esse livro. Ensinar algo relevante tem valor porque é capaz de transformar e aprimorar a vida das pessoas. Quem lê esse livro fica mais rico, pois adquire novos conhecimentos.

Construir um prédio é uma forma de criar riqueza, mas só pode ser feito por quem já tem alguma riqueza material para investir no projeto. Escrever um livro, por outro lado, não demanda nenhum dinheiro nem qualquer bem material. Tudo o que você precisa é de conhecimento e tempo. Em ambos os casos cria-se riqueza.

Você pode criar riqueza a qualquer momento. Não precisa necessariamente investir dinheiro. Você cria riqueza quando atende à necessidade de alguém, quando presta um serviço, quando planta algo,

quando conserta algo, quando escreve um programa, quando faz um vídeo para o YouTube ou quando grava um *podcast*. Sempre que você deixa de ser um mero consumidor (de bens, entretenimento, notícias e serviços) e passa a produzir algo útil, você está criando riqueza e melhorando o mundo em que vive.

No processo, você também se torna um pouco mais rico. Se você criou algo útil, você será remunerado por isso, seja com dinheiro, troca de serviços ou de outras formas. Você não precisa tirar de ninguém para enriquecer.

A ideia de que o bolo tem um tamanho fixo é estapafúrdia. Ele está sempre crescendo. O fato de uma pessoa ser rica, por maior que seja sua fortuna material, não tem problema algum. Ela não teve de roubar de ninguém, nem impedir outras pessoas de enriquecer. Em princípio, se todo mundo criar algo de valor, se todo mundo produzir coisas úteis e desejadas, todos podem ser ricos. Não há limite para o quanto a humanidade pode enriquecer.

Faça as pazes com o dinheiro

Tudo isso que expliquei foi para te ajudar a olhar o dinheiro com outros olhos. Muita gente acha que dinheiro é ruim, que as pessoas ricas são malvadas e que não devemos ter ambição. Isso está errado.

Dinheiro é apenas um instrumento que serve para trocar riqueza. Ele é útil e facilita a vida de todo mundo. Acumular riqueza material, por sua vez, é um caminho necessário para que possamos comprar nossa liberdade. E liberdade é fundamental para viver uma vida feliz e, de quebra, poder viajar pelo mundo.

Portanto, tenha ambição sim. Aprenda a amar o dinheiro e compreender sua natureza. Trabalhe com afinco para acumulá-lo e desfrute da liberdade que ele pode comprar.

Planejamento financeiro

Ao contrário do que se imagina, não é preciso muito dinheiro para ser nômade digital. Basta fazer um bom planejamento financeiro, viajar devagar e escolher destinos com sabedoria.

A quantia depende de suas preferências. É possível ser nômade gastando pouco ou muito. Só depende das decisões que você tomar.

O mais provável é que você passe a ter um custo mensal inferior ao que tem atualmente, morando no Brasil. Isso é o que aconteceu com a gente e com outros nômades digitais brasileiros. Se você é capaz de sustentar uma casa em uma cidade grande brasileira, provavelmente conseguirá bancar uma vida nômade e gastará menos ao redor do mundo.

O nômade digital raramente tem uma residência fixa. Quando sai para explorar o mundo, deixa de ter uma casa e para de pagar contas no Brasil. O valor poupado costuma ser suficiente para cobrir as despesas que terá vivendo em outras partes do mundo.

Essa troca contribui para viabilizar a vida nômade. Você não precisa ganhar mais. Basta parar de pagar as contas fixas no Brasil e ter a liberdade de trabalhar de onde quiser.

Para descobrir os destinos mais em conta, utilize o [Nomadlist](#) e o [Numbeo](#). Ambos são gratuitos e ajudam a decidir para onde ir.

O [Numbeo](#) permite fazer análises sobre os custos de vida ao redor do mundo. Você pode começar consultando o [ranking do custo de vida por país](#) e o [ranking do custo de vida por cidade](#). Eles dão uma ideia rápida sobre os lugares onde você poderá gastar menos.

Se você escolher um continente específico para passar um período de tempo maior, é possível filtrar esses rankings, de modo que eles apresentem apenas informações de países e cidades do continente escolhido.

Não confie cegamente nos valores que você encontrará nestas ferramentas. Existem diferenças entre o que elas informam e a realidade. Além disso, suas escolhas e seus padrões de gastos são únicos. Uma ferramenta genérica não os reflete.

Ainda assim, esses sites te ajudam a ter uma ideia de cada lugar. Sobretudo, permitem fazer comparações. Comparando as cidades, você consegue saber quais são as mais baratas em termos relativos. Isso é útil na hora de tomar uma decisão.

No caso do [Numbeo](#), você pode [comparar duas cidades](#). Ele apresenta os números lado a lado e você consegue ver as diferenças com facilidade. Isso não é útil apenas para avaliar os custos em diferentes países, mas também para decidir a cidade para onde irá dentro de um dado país.

Dê atenção especial à média salarial. O [Numbeo](#) mostra o salário líquido de cada lugar e fornece um [ranking por país](#) e um [ranking por cidade](#). As

idades com menor média salarial são aqueles onde você provavelmente gastará menos.

Além de comparar, você também pode obter uma [estimativa do custo de vida](#). Informe a cidade, responda algumas perguntas sobre seus padrões de consumo e receba uma estimativa do quanto gastará por mês.

Orçamento mensal

Os itens que mais pesam no orçamento mensal de um nômade digital são:

- Custos de deslocamento
- Acomodação
- Seguro de saúde
- Alimentação
- Lazer
- Transporte urbano

Eles não diferem muito do caso de alguém que tenha uma residência fixa. A semelhança ocorre porque você terá uma vida "normal" na cidade em que estiver visitando. Vai viver nela por um tempo, provavelmente em um apartamento, onde trabalhará, fará sua própria comida e sairá de vez em quando. Você não se comportará como um turista, mas sim como um local.

Existem outros gastos, porém são esporádicos e costumam pesar menos no orçamento:

- Médicos e dentistas
- Farmácia
- Academia
- Telefonia

- Cafés e espaços de *coworking*
- Locação de veículos
- Vistos

Comento a seguir cada um desses itens, bem como as estratégias que você pode utilizar para reduzir as despesas com eles.

Acomodação

O gasto com acomodação quase sempre é o maior que você terá. Isso não é diferente do que ocorre com a maioria das pessoas. Uma família típica gasta grande parte de seu orçamento, senão a maior, pagando aluguel ou o financiamento da casa em que mora.

Como nômade digital, você tem mais escolhas de acomodação. É possível pagar nada, pouco ou muito.

Começando pelas acomodações que não cobram pagamento em dinheiro, é possível se hospedar sem pagar nada usando o [CouchSurfing](#), fazendo *house sitting* ou optando por um trabalho voluntário em troca de hospedagem (*work exchange*).

[CouchSurfing](#) pode ser uma opção para estadias curtas, porém talvez não seja ideal para conciliar com seu trabalho. Para períodos mais longos, *house sitting* é uma opção mais conveniente, ao menos nos países onde essa prática é popular. Você não terá maiores dificuldades para trabalhar remotamente.

Trabalho voluntário (*work exchange*) também pode funcionar para estadias mais longas e não atrapalhar seu trabalho online, desde que você tenha cuidado na hora de escolher o lugar. Se a carga de trabalho voluntário for limitada e os horários não interferirem nos períodos em que você precisa se dedicar ao trabalho remoto, não haverá problema.

Dá para viver como nômade digital sem pagar por acomodação. Larissa e Carlos, do [Vida Cigana](#), usaram *house sitting* por muito tempo e provaram que é possível. Entretanto, mesmo no caso deles, a experiência limitou-se a países onde há uma cultura forte de *house sitting*, como Nova Zelândia e Austrália, por exemplo.

Na prática, é provável que você tenha de pagar pela acomodação. Para reduzir essa despesa, a principal estratégia é escolher com cuidado o lugar que você visitará e passar alguns meses lá.

O custo de acomodação varia bastante de um país para outro. Dentro de um país, também existem diferenças entre as cidades. Capitais quase sempre são mais caras que cidades menores, localizadas no interior.

O destino de sua visita é a variável mais importante que você pode manipular para gastar menos com hospedagem quando ela é paga. O tempo de permanência também é relevante porque é mais fácil obter descontos nas acomodações quando passamos mais tempo no lugar.

Estamos em Minsk, na Bielorrússia, no momento em que escrevo essa parte do livro. Estamos hospedados em um apartamento excelente. Ele é novo, completamente mobiliado e bem equipado. Tem tudo o que precisamos e fica em uma localização conveniente. O metrô está a poucos passos da entrada do edifício e há um supermercado enorme do outro lado da rua.

Alugamos por dois meses, ao valor de 400 euros por mês. Todas as contas estão incluídas nessa quantia: aluguel, condomínio, imposto, água, luz, aquecimento, mobiliário e conexão rápida com a internet.

Esse valor é baixo, especialmente se comparado ao que teríamos de pagar em Niterói, no Brasil, onde morávamos antes. Entretanto é alto para a realidade do lugar. Os locais pagam menos. Dificilmente pagam mais de 250 euros por um apartamento equivalente na cidade. Veja o [custo de vida em Minsk](#). Esse valor cai para 150 euros nas cidades do interior.

Os aluguéis são baixos porque a média salarial é baixa. Em Minsk, ela gira em torno de 300 euros e tem muita gente que ganha apenas 200 euros. Não dá para cobrar aluguéis mais altos dos locais porque pouca gente poderia pagar.

Como somos estrangeiros e estamos alugando por um período curto, o valor é mais alto. Isso é normal e ocorre em qualquer lugar do mundo. Locações curtas de apartamentos mobiliados, sobretudo para estrangeiros, são sempre mais caras. Ainda assim, podem ser relativamente baratas, especialmente se você comparar ao custo de algo equivalente no Brasil.

Basta olhar os números oferecidos pelo próprio [Numbeo](#). Quando estávamos no Brasil, morávamos em Niterói. Veja a [comparação entre o custo de vida em Minsk x Niterói](#). Em especial, observe a imensa diferença entre a média salarial. Em teoria, seria possível pagar 400 euros por um

apartamento em Niterói. Porém esse valor cobriria apenas o aluguel de um apartamento não mobiliado, em uma localização ruim e possivelmente perigosa. Ainda seria preciso pagar água, luz, condomínio, IPTU, internet, além de mobiliá-lo. Condomínio é um item caríssimo na cidade e em outras partes do Brasil.

Veja também o caso de Lisboa. Nos últimos dias, estive conversando com Bruna Caricati, que também é nômade digital e está buscando apartamento em Lisboa. Ela gostaria de pagar menos de 500 euros por um apartamento, porém não consegue achar nada. Por esse valor, está difícil de achar até mesmo um quarto. E olha que Portugal é um dos países com custo de vida mais razoável na Europa Ocidental. Veja o [custo de vida em Lisboa](#).

Um português, fazendo uma locação permanente, talvez encontre um apartamento afastado do centro por 500 euros. Entretanto, como estrangeira, alugando por temporada, Bruna paga mais caro. Como os salários portugueses são mais altos que os daqui da Bielorrússia, os aluguéis também são mais caros. A situação seria ainda pior em países como França e Alemanha, por exemplo.

O ponto fundamental é: escolha seu destino com sabedoria. Use o [Numbeo](#) para iniciar suas pesquisas e ter uma base de referência. Se quiser ter uma ideia de quanto pagará por um apartamento de um quarto, no centro, por exemplo, você pode consultar o [ranking dos aluguéis por país](#) e o [ranking dos aluguéis por cidade](#).

Definido o destino, procure uma acomodação que esteja dentro de seu orçamento e tenha a infraestrutura necessária para você trabalhar de maneira produtiva. Não adianta alugar o apartamento mais barato do lugar se ele for uma porcaria, a conexão com a internet for ruim e não tiver sequer uma cadeira decente para você se sentar e trabalhar. Um apartamento que prejudique seu trabalho sempre sai caro.

Busque apartamentos bons, bem localizados e com boa infraestrutura. Depois tente reduzir o valor através de negociação.

Alimentação

Depois da acomodação, sua maior despesa provavelmente será com alimentação. Assim como no caso da hospedagem, a escolha do destino influencia o quanto você gasta com alimentação, entretanto a maneira como você se alimenta pode ter um impacto ainda maior.

Comer em restaurantes é mais caro que em casa na maioria das vezes. Existem exceções, na Tailândia, por exemplo, é mais barato comer na rua.

Se cozinhar não for uma opção para você, converse com os locais e se informe sobre restaurantes que tenham uma boa relação custo/benefício. Quando estávamos na Cracóvia, achamos diversos restaurantes com preços que nos pareceram bons. Até que uma amiga nos levou a um que oferecia uma refeição enorme, deliciosa, por um valor bem inferior ao que vínhamos pagando. Isso ilustra a importância de fazer amizades com locais e pegar dicas de restaurantes e cafés com eles.

Uma tática para reduzir a conta nos restaurantes é não pedir bebida. Muitos estabelecimentos tentam manter o valor da refeição dentro de um patamar razoável, enquanto cobram demais pela bebida. É uma estratégia para atrair clientes. Eles avaliam o valor dos pratos e se esquecem de verificar o custo das bebidas.

Você chega ao restaurante e, antes mesmo de ter a oportunidade de consultar o cardápio, o garçom já pergunta o que você deseja beber. Isso não ocorre por acaso. O restaurante tenta garantir que você sempre peça uma ou várias bebidas porque é onde consegue obter as maiores margens de lucro.

Você pode reduzir a conta se optar por não beber nada. Talvez não lhe pareça uma diferença significativa em uma única refeição, mas se você sempre come fora, a economia é boa no fim do mês. No Brasil, no estado do Rio, os restaurantes são obrigados a fornecer "água da casa" de graça. É o que nós pedimos quando estamos lá. Em outros lugares do mundo, essa prática também é comum. Verifique se também é possível pedir água de graça no local em que você se encontra.

Em nosso caso, não tomamos refrigerante e raramente ingerimos bebidas alcoólicas. Tampouco bebemos durante as refeições, por hábito. Quando bebemos algo, é água, na maioria das vezes. Sempre que saímos de casa, enchemos algumas garrafinhas d'água e levamos com a gente. Depois de uma refeição em um restaurante, podemos beber a água que estamos levando e não precisamos pagar por nenhuma bebida no lugar. Isso gera uma boa economia.

Nós não sabíamos cozinhar quando começamos a viver como nômades digitais. Sempre almoçávamos em restaurantes. Também jantávamos fora com frequência. Isso não era bom nem para o bolso nem para a saúde. Ela começou a sofrer e decidimos aprender a cozinhar.

Levou um tempo até dominarmos o fogão, mas foi um tempo bem investido. Aprendemos quase tudo assistindo vídeos no YouTube. Agora comemos bem todos os dias, cuidamos melhor da saúde e gastamos menos.

Adaptar-se aos ingredientes locais também ajuda a economizar. No Brasil, temos o hábito de comer arroz, feijão, carne e outros alimentos que nem sempre encontramos com facilidade em outros países. Ou, quando encontramos, são caros demais.

A disponibilidade de alimentos e ingredientes varia de um lugar para outro, assim como muda com as estações do ano. É fácil achar uma grande variedade de frutas no Brasil, por exemplo. Em outros lugares, talvez você fique limitado a poucas opções, especialmente no inverno. Se você adora mamão, por exemplo, e quiser comê-lo por onde passar, vai gastar uma fortuna porque é difícil achá-lo e custa caro em muitos lugares.

Tanto quanto possível, a gente tenta se adaptar aos ingredientes locais. Não comemos a mesma coisa em todos os destinos que visitamos. As refeições vão mudando de acordo com a disponibilidade e preço dos ingredientes. Isso também contribui para diminuir a conta da alimentação.

Lazer

Nem só de trabalho vive um nômade digital. A gente também sai e se diverte, mas não é preciso gastar muito. É provável que você gaste menos que no Brasil.

Sua vida social tende a ser mais limitada como nômade digital. Se você se empenhar, poderá fazer amigos pelo caminho. Porém, quando chega a um novo destino, leva tempo até começar a fazer amizades locais. Isso significa menos gastos com saídas e lazer.

Quando tiver amigos, você provavelmente os encontrará em restaurantes, bares e cafés. Se você escolher cidades com custo de vida baixo, seus gastos serão reduzidos nesses estabelecimentos, mesmo que você saia com frequência.

Enquanto viajamos, nos ausentamos de inúmeras datas comemorativas do Brasil, que envolvem socialização e despesas. Estamos longe no *réveillon*, Carnaval, Páscoa, dia das mães, dia dos namorados, festas juninas, dia dos pais, dia das crianças, Natal, aniversários, casamentos, batizados e em outros momentos de socialização.

Adoramos estar com amigos e familiares nesses momentos. Só nos ausentamos porque estamos fora do país. Entretanto, não podemos negar que isso gera uma economia. O pouco tempo que passamos no Brasil, a cada ano, já é suficiente para turbinar os gastos com lazer em função desses eventos.

Estando fora, você tem licença para se ausentar sem magoar ninguém. É fácil compreender que você não participará de uma reunião em família porque está do outro lado do mundo.

Transporte

A despesa com transporte envolve o transporte urbano e o deslocamento de uma cidade para outra.

Como nômade digital, você trabalha em casa a maior parte do tempo. Não precisa se deslocar todos os dias para um escritório. Isso limita seus gastos com transporte.

A situação fica ainda melhor se você optar por apartamentos em áreas centrais. Quando você os utiliza, é possível caminhar a maior parte do tempo e eliminar os gastos com ônibus, metrô e outros meios de transporte urbano.

Assim como nos casos anteriores, optar por uma cidade com custo de vida mais baixo também diminui os gastos.

Aqui em Minsk, por exemplo, paga-se apenas 29 centavos de euro pelo transporte urbano. Estamos hospedados em uma área que não é central, mas nosso orçamento é pouco afetado pelo transporte porque ele é barato e passamos a maioria dos dias em casa, trabalhando.

Se estivéssemos em uma cidade como Berlim, por exemplo, a história seria outra. Ficar hospedado em uma área afastada do centro poderia nos custar até 3,40 euros por utilização do metrô. Isso significa um custo 1000% maior que o daqui. O valor de uma única passagem de metrô em Berlim é suficiente para pagar 11 viagens de metrô aqui.

No caso de Berlim, faria sentido buscar um apartamento central, ainda que custasse um pouco mais caro. Em alguns lugares, a economia com transporte compensa o gasto com um apartamento central. É importante fazer essa conta. Não esqueça de colocar o transporte em seus cálculos antes de decidir em que apartamento ficará.

O deslocamento de uma cidade para outra, por sua vez, é um item que pode variar drasticamente dependendo de suas opções. Passar um tempo maior em cada cidade reduz o gasto anual com deslocamentos entre cidades. Se você passar um mês em cada cidade, por exemplo, terá 12 deslocamentos interurbanos por ano. Se ficar três meses em cada lugar, o número despenca para 4 por ano. É uma diferença substancial.

Visitar cidades em continentes diferentes, várias vezes ao ano, implica na compra de muitas passagens aéreas caras. Por outro lado, passar um tempo longo em um único continente e visitar países próximos uns dos outros é mais econômico.

Usamos essas duas estratégias com frequência. Costumamos ficar pelo menos dois meses em cada cidade e escolhemos apenas um ou dois continentes para visitar por ano.

Passagens aéreas internacionais são caras, porém tornam-se razoáveis se você diluir o custo ao longo de um ano inteiro. Por exemplo, suponha que você decida sair do Brasil e passar um ano viajando dentro do continente europeu. Você conseguiu uma passagem de ida e volta por 600 euros. É uma quantia elevada. Entretanto, se você dividir pelos 12 meses do ano, verá que corresponde a 50 euros por mês, que é um valor razoável.

Uma vez na Europa, você pode mudar de país gastando pouco, já que as distâncias são menores e há abundante oferta de meios de transporte. A despesa pode ser ainda menor se você passar mais tempo em cada país e, portanto, diminuir o número de trocas de países.

Não é aceitável gastar 600 euros de passagem aérea por mês, porém 50 euros é razoável. Não se assuste com o valor das passagens aéreas internacionais. Ele não terá um peso tão grande em seu orçamento anual desde que você passe mais tempo em cada continente e em cada cidade que visitar. Dilua o valor de cada passagem aérea internacional ao longo de vários meses usando essa estratégia.

Seguro de saúde

Você precisa de um seguro de saúde internacional. A menos que queira correr o risco de gastar uma pequena fortuna se ficar doente ou sofrer um acidente.

Para economizar nesse item, você tem de pesquisar. Em muitos casos, é possível reduzir o gasto mensal se contratar uma apólice que cubra um

período de tempo grande.

Quando você contrata uma apólice de seis meses, por exemplo, o valor mensal que você paga é menor do que o de uma apólice de apenas um mês. Essa é uma vantagem de ser nômade digital e passar um tempo grande viajando. Você consegue reduzir o custo mensal do seguro de saúde utilizando apólices mais longas.

Acomodação, alimentação, lazer, transporte e seguro de saúde têm o maior peso no orçamento de qualquer nômade digital. Porém existem outros custos esporádicos, que precisam ser analisados.

Médicos e dentistas

Mesmo tendo um seguro de saúde, é possível que você tenha de pagar por uma consulta médica ou dentária. Algumas seguradoras trabalham com franquias. Só faz sentido acioná-los quando a despesa médica supera o valor da franquia.

Usamos o [World Nomads](#) algumas vezes. Ele tem uma franquia de US\$ 100. Se tivermos um evento médico que custe US\$ 500, por exemplo, o [World Nomads](#) reembolsa US\$ 400. Ele desconta os US\$ 100 da franquia. Sendo assim, se a gente passa mal e consegue resolver tudo com uma única consulta médica de US\$ 25, por exemplo, não faz sentido acionar o seguro. É melhor pagar do próprio bolso.

A quantia que você gasta com médicos e dentistas depende de sua saúde. Se você se alimenta bem, se exercita e não cultiva hábitos que prejudiquem a saúde, o mais provável é que consiga gastar pouco com médicos e dentistas enquanto viaja. Eu mesmo nunca tive de buscar atendimento médico para mim fora do Brasil, embora viaje para o exterior, com frequência, há vinte anos.

Analise seu histórico de visitas a profissionais de saúde. Se você é o tipo de pessoa que está sempre no médico, é possível que continue a fazê-lo enquanto estiver viajando. Então separe um valor coerente para esse item em seu orçamento.

Farmácia

Seu gasto com farmácia pode envolver a compra de remédios de uso contínuo, suplementos alimentares, produtos naturais e tudo aquilo que

possa contribuir para manter sua saúde em dia.

Ao contrário do atendimento médico, farmácia pode ter um custo alto, ainda que você seja uma pessoa saudável. No nosso caso, por exemplo, fazemos uso de alguns suplementos alimentares que ajudam a manter a saúde em ordem. Nossas visitas a farmácias ocorrem com certa frequência, embora idas a médicos sejam raras.

Academia

Se você frequenta academia, coloque esse item em seu orçamento. O valor varia de um lugar para outro, de acordo com o custo de vida local. Como regra geral, se optar por um país com custo de vida baixo, a despesa com academia será reduzida.

No nosso caso, frequentamos academias em diversos lugares do mundo. Em alguns casos, o próprio prédio em que estávamos hospedados oferecia academia. Em outros, encontramos boas opções perto de casa, com preços atrativos.

Se quiser economizar com esse item, a melhor estratégia é não ir a academia alguma e fazer seus exercícios em casa e na rua. É possível caminhar e correr, por exemplo, na maioria das cidades. E dá para malhar em casa, mesmo sem aparelhos, seguindo programas como o [FitnessBlender](#), o [BTFIT](#) e tantos outros.

Telefonia

Você sempre terá um custo para comprar um *chip* pré-pago e mantê-lo durante sua estadia. O valor costuma ser pequeno. Tende a ser uma fração do que você gastaria no Brasil com um plano pós-pago.

Para economizar, pesquise. Só não vale ficar sem *chip* em seu *smartphone*. Por razões que já foram explicadas em outras partes do livro, você deve ativar um *chip* pré-pago assim que chegar a um novo destino.

Cafés e espaços de coworking

Tem dia que a gente quer variar e sente a necessidade de trabalhar fora de casa. Tem outros em que não há opção. Se a conexão com a internet

falha, se a cadeira está maltratando as costas, se tem uma obra fazendo barulho, a gente parte para um café ou um espaço de *coworking*.

A quantidade de vezes que fazemos isso depende da cidade em que estamos e do apartamento. Quando estávamos em Chiang Mai, por exemplo, íamos a um café todos os dias. Nosso apartamento era bom, porém depressivo. Conseguíamos produzir melhor em um café. Além disso, lá a conexão era melhor e o custo era baixo.

Quando estávamos em Budapeste, nosso apartamento era ótimo, mas a cadeira nem tanto. Quando nossas costas começavam a doer, colocávamos os *notebooks* na mochila e partíamos para um café.

Na maior parte do tempo, entretanto, trabalhamos de casa e não temos nenhum gasto com cafés e espaços de *coworking*. Se você não quiser gastar com eles, escolha o apartamento com cuidado.

Quando for para um café, você terá de consumir algo, ainda que seja apenas um cafezinho. Se você passar muito tempo, em algum momento precisará beber água. Para economizar, leve algumas garrafinhas d'água. Faz diferença.

Locação de veículos

Para viver como nômade digital, você não precisa ter um carro ou qualquer outro tipo de veículo. Porém é natural que queira ou precise alugar um de tempos em tempos. Isso depende do lugar que está visitando e do que você deseja fazer.

Voltando ao caso de Chiang Mai, quando estávamos lá, sentimos a necessidade de alugar uma *scooter* para aproveitar melhor o que a cidade tinha para oferecer. Contribuiu com essa decisão a abundante oferta de *scooters* com preços baixos.

Quando rodamos pela Nova Zelândia, alugamos um veículo porque não era prático viajar pelo país de outra forma. O mesmo aconteceu quando passamos alguns meses nos EUA. O carro era uma opção conveniente e fazia sentido para o que desejávamos fazer.

Na maior parte do tempo, minha sugestão é que você evite alugar veículos se quiser economizar. O custo é sempre maior do que a gente imagina em um primeiro momento. Só alugue quando for a opção mais razoável ou quando o objetivo for desfrutar de uma viagem de carro.

Vistos

Viajando com um passaporte brasileiro, você raramente precisará solicitar a emissão de um visto. Entretanto, nos raros casos em que eles são necessários, o valor pode ser alto e não dá para negociar. A única coisa que você pode fazer para economizar é evitar os países que exigem visto.

Geoarbitragem

Ter mobilidade e viver como nômade digital te dá acesso a algo que está fora do alcance da maioria das pessoas: geoarbitragem. Você pode aproveitar a diferença de custo de vida em diferentes localidades.

Ainda que sua receita financeira seja constante, você pode alterar drasticamente seu poder de compra quando muda de localidade geográfica. Ele pode dobrar, triplicar ou ir ainda mais longe, dependendo de onde você estiver. Você pode viver com mais conforto em apartamentos bem equipados, em cidades seguras, cercado de amigos, gastando menos do que jamais imaginaria.

Esse é o poder de não ter de ficar preso a uma única localização. É algo espetacular, que está à disposição de todo nômade digital. Em certa medida, é o que explica o fato de sempre termos gasto menos viajando pelo mundo e vivendo essa vida nômade.

O único cuidado que você precisa ter é encontrar um equilíbrio adequado. Existem diversos lugares mais baratos que o Brasil. Entretanto, alguns têm infraestrutura precária. Você precisa cuidar bem de seu trabalho remoto e preservar sua produtividade. Ir para um destino barato, porém ser incapaz de trabalhar porque a conexão com a internet é lenta, ou é quente demais, ou a cadeira do apartamento é ruim, não é razoável.

Felizmente, existem inúmeros lugares excelentes, com custo de vida baixo e boa infraestrutura. Você só precisa pesquisar e escolher com sabedoria.

Planilha de estimativa de gastos mensais

Para ajudar a estimar os custos que você terá em um determinado destino, criei [essa planilha online](#). Para cada tipo de despesa que apresentei aqui, você pode indicar o valor mínimo que espera gastar, o provável e o

máximo. As informações são apresentadas na moeda local de seu destino, em dólares e em reais.

Para alimentar a planilha, utilize informações coletadas no [Numbeo](#) e em suas pesquisas na internet. Por exemplo, no item acomodação, você pode colocar o menor e maior valor mensal que conseguiu encontrar no [Airbnb](#) nas colunas mínimo e máximo, assim como o valor que espera conseguir pagar, na coluna provável.

É importante trabalhar com valor mínimo, provável e máximo para você ter uma ideia mais realista das despesas. A soma dos valores máximos te ajuda a compreender o pior caso. Se ele estiver dentro de suas possibilidades mensais, siga em frente, sem preocupação.

O valor mínimo te ajuda a compreender a oportunidade que o destino representa. Ele informa o quanto você pode economizar, em teoria, se visitá-lo.

A utilidade da planilha depende de sua capacidade de obter informações precisas sobre os gastos locais. As informações que o [Numbeo](#) apresenta sobre cada cidade não são 100% precisas. Felizmente, ele também mostra valores mínimos e máximos que você pode utilizar para alimentar a planilha.

Para ter uma ideia melhor do valor provável que gastará, busque outras fontes de informações, além do [Numbeo](#). Se necessário, faça algumas consultas em comunidades online que congreguem pessoas do destino que irá visitar.

Sempre que estiver planejando a mudança para um novo destino, utilize a [planilha de estimativa de custos](#). Ela te ajudará a decidir por um lugar que caiba em seu orçamento.

A planilha te dá uma estimativa, não uma certeza. Não assuma que seu gasto será exatamente o mesmo que o estimado. Prepare-se para variações. Elas sempre ocorrem.

Capítulo 18

Dinheiro convencional

Cartões de crédito

Dá para comprar quase tudo com dinheiro. Contudo é mais fácil usar o cartão de crédito quando você precisa pagar por passagens aéreas, locações de automóveis, assim como reservas de hotéis e apartamentos. No caso de automóveis, por exemplo, o uso do cartão permite que a locadora bloqueie um valor no cartão como forma de garantia. Se houver um incidente, ela consegue usar esse valor para pagar por eventuais danos. O mesmo ocorre quando você reserva apartamentos pelo [Airbnb](#). O sistema também usa esse tipo de bloqueio para ressarcir o proprietário do apartamento por eventuais danos no apartamento.

Estes exemplos mostram a importância de ter um cartão de crédito. Seria difícil viver como nômade digital sem ter um. O ideal é ter alguns.

A maioria dos cartões de crédito cobra algum tipo de anuidade. Faz parte. Você pode ter custos maiores em sua vida nômade se não tiver um cartão de crédito. Por exemplo, já passei por situações em que tentei comprar uma passagem aérea com o cartão, mas não funcionou. Fui obrigado a comprar através de uma agência de viagem, pagando em dinheiro. Por consequência, perdi o desconto que era dado apenas a quem fazia a compra pelo site da companhia aérea.

Companhias aéreas costumam ser um desafio para o uso de cartões de crédito. Quase todas implementam mecanismos de segurança excessivamente rigorosos. A tal ponto que grande parte das transações são negadas incorretamente. Isso é um dos fatores que reforçam a importância de ter vários cartões de crédito.

Outra razão importante é o acesso a diferentes linhas de financiamento. O cartão de crédito, como o próprio nome diz, é um instrumento de crédito. É uma forma de pegar dinheiro emprestado por um curto período de tempo.

Muitas vezes, é mau negócio pegar dinheiro emprestado, especialmente quando você precisa devolvê-lo com juros. Porém não é tão ruim quando a dívida é por pouco tempo e você pode pagá-la sem juros. É o que acontece quando você paga a fatura inteira do cartão até a data de vencimento. Nenhum juro é cobrado.

Usado dessa forma, o cartão é um ótimo instrumento de crédito. É particularmente importante para nômades digitais porque imprevistos acontecem. Se houver algum tipo de emergência, o crédito disponível em seu cartão de crédito pode ser útil para cobrir as despesas imediatas. Além disso, você ganha tempo para levantar o dinheiro necessário para pagar a fatura do cartão.

Cartões de crédito que não cobram anuidade são particularmente úteis. Um caso emblemático é o do [Nubank](#). O cartão roxinho vem conquistando um número cada vez maior de brasileiros. Ele não cobra anuidade e funciona muito bem, inclusive para compras de passagens aéreas. Toda vez que tenho dificuldade para pagar por uma passagem com algum de meus cartões, faço uma tentativa com o [Nubank](#) e funciona. A empresa também tem a fama de oferecer um ótimo atendimento.

Infelizmente não é fácil ter um [Nubank](#). É preciso ser convidado e entrar em uma lista de espera. Algumas pessoas recebem aprovação imediata, enquanto outras estão na lista de espera há tempos. Se você ainda não tem um, sugiro que tente obtê-lo. É um cartão muito útil para nômades digitais. Mesmo que você já tenha outros cartões, tente obter um [Nubank](#), no mínimo para servir como um backup. Até porque não tem custo nenhum de anuidade.

No momento do fechamento desta edição do livro, os cartões [Digio](#) e [Pag!](#) eram os únicos que concorriam com o [Nubank](#). Eles também oferecem cartões de crédito sem anuidade. Recomendo que você tente obtê-los também. Quanto mais backup você tiver, melhor. Sobretudo se não houver nenhum custo.

Outra razão para utilizar cartões de crédito é a oportunidade de acumular milhas em função de suas compras. Se possível, adote cartões de crédito que sejam associados à programas de milhagem ou que acumulem pontos que possam ser convertidos em milhas. Fazemos uso de cartões desse tipo há anos. Já voamos muitas vezes com as milhas que acumulamos dessa forma. Elas raramente são suficiente para cobrir as despesas com passagens

internacionais, porém são suficientes para fazermos viagens dentro do Brasil sempre que visitamos o país. Vale à pena.

Preparação da conta corrente

Antes de sair do Brasil, você abastece sua conta com dinheiro suficiente para usar durante a viagem e leva seu cartão de débito na expectativa de sacar dinheiro, em moeda local, por onde passar. Na chegada a seu destino, tenta fazer um saque no primeiro caixa eletrônico que encontra. Não funciona. Intrigado, você imagina que seja um problema com a máquina. Faz uma tentativa em outra e obtém o mesmo resultado. Preocupado, você liga para o banco no Brasil.

O sangue gela quando o atendente explica que seu cartão foi bloqueado porque alguém tentou usá-lo no exterior. "Mas fui eu mesmo", você argumenta. O funcionário responde que não pode fazer nada. Você tem de ir a sua agência para desbloquear o cartão. Seria fácil, se você não estivesse a milhares de quilômetros de distância do Brasil. A situação é absurda, porém usual.

Muita gente se surpreende no exterior quando tenta usar o cartão ou acessar o *internet banking*. Nem todo mundo sabe que é preciso preparar o terreno, para poder usar esses recursos fora do Brasil.

Praticamente todos os bancos brasileiros limitam o uso dos cartões ao território nacional por padrão. Isso pode ser corrigido, desde que você siga os procedimentos determinados pelo banco. No meu caso, por exemplo, utilizo o Banco do Brasil. Explicarei os procedimentos que são necessários por lá, para você ter uma ideia do que pode encontrar em seu próprio banco. Se você tivesse acabado de abrir uma conta no BB, teria de executar as instruções a seguir para utilizar o *internet banking* e os cartões de qualquer lugar do mundo. É uma verdadeira novela.

Visite o gerente de sua conta e solicite a criação de uma senha de acesso ao *internet banking*. Peça também para ele cadastrar seu número de celular na conta. Isso será importante mais adiante.

Voltando para casa, faça o primeiro acesso ao *internet banking* a partir do *notebook* que você levará na viagem. Se tudo correr bem, você será capaz de ver seu saldo e extrato, porém não conseguirá fazer nenhuma movimentação financeira. Isso é inesperado e confunde muita gente, com razão.

Você tenta fazer uma transferência, por exemplo, e recebe um erro, informando que essa operação não está autorizada. Sim, o dinheiro é seu, mas o banco não permite que você o movimento. É frustrante, mas tem solução.

Ainda no *internet banking*, você vai para o menu "Segurança" e clica na opção "Solicitar código de liberação". Nessa tela, aparece seu número de telefone. Selecione-o e solicite o envio do código de liberação. Ele tem esse nome porque libera as movimentações financeiras. O banco te enviará um SMS contendo um código alfanumérico. Após recebê-lo, você o informa no campo que está na tela. Isso libera todas as funções do *internet banking*, inclusive pagamentos e transferências.

A necessidade de fazer esse passo adicional não é óbvia e muitos gerentes deixam de mencioná-lo. Você acha que está tudo certo com o acesso ao *internet banking*, faz a viagem e descobre, já no exterior, que não consegue pagar uma única fatura. Para piorar, o número de telefone que foi cadastrado não funciona fora do Brasil e você não consegue receber o código de liberação em seu celular. Pense no tamanho da tragédia.

O Banco do Brasil, apesar do procedimento confuso para configurar o *internet banking*, tem um aspecto positivo. Você pode cadastrar quantos números de telefone desejar em sua conta. Isso é importante para quem é nômade digital porque você pode e deve incluir telefones de parentes e amigos próximos que estão no Brasil.

Se o banco tiver de lhe enviar um código por SMS para liberar o acesso ao *internet banking* ou aprovar uma compra no cartão de crédito, você pode solicitar que ele o envie para o telefone de sua mãe, por exemplo. Ela pode repassá-lo para você através do WhatsApp. Basta que o número de telefone dela esteja previamente cadastrado em sua conta. Portanto, antes de sair do Brasil, vá a um caixa eletrônico do Banco do Brasil e cadastre em sua conta os números de telefones de familiares e amigos próximos que poderiam receber um SMS do banco em caso de necessidade.

Esse procedimento é vital, já que seu número de telefone brasileiro provavelmente deixará de funcionar quando você estiver no exterior. Se você tem um plano pós-pago no Brasil, é provável que o cancele quando virar nômade e começar a viajar pelo mundo. Afinal, por que você manteria essa conta sem necessidade? Você passaria a usar um número pré-pago toda vez que visitasse o Brasil, como nós fazemos. Infelizmente, esses números pré-pagos não costumam funcionar no exterior. Por isso você precisa contar

com a ajuda de familiares e amigos próximos para receber eventuais códigos do banco por SMS.

Agora que o *internet banking* está configurado no *notebook*, é preciso preparar o acesso através do *smartphone*. O processo é semelhante, porém ainda mais obscuro. Faça um primeiro acesso ao *internet banking* pelo *smartphone*. Você verá seu saldo e extrato, porém não será capaz de pagar nenhuma conta ou fazer qualquer movimentação financeira até que faça a liberação dele. Para isso, você precisa fingir que fará uma transferência ou pagamento.

Selecione a opção de fazer um TED (transferência para conta de outro banco), por exemplo. Comece a preencher os dados e vá avançando nas telas. Em certo momento, você receberá uma mensagem informando que precisa fazer a liberação do acesso no *smartphone*. A partir daí, tudo parece mais familiar. Você escolhe o número de telefone e ele envia um link para seu *smartphone*, via SMS. Quando você clica nesse link, ele retorna para o aplicativo do banco e faz a liberação.

Curiosamente, para criar ainda mais confusão, da última vez que fiz isso, o aplicativo mostrou uma mensagem de erro no final do processo, apesar de ter dado tudo certo. Fechei o aplicativo, abri novamente, fiz o login no *internet banking*, tentei fazer o TED e tudo funcionou. O *smartphone* foi liberado corretamente, apesar da mensagem de erro.

Depois que o *smartphone* é liberado, você consegue fazer todas as transações sem nenhum problema. Se você trocar o *chip* do celular quando trocar de país, isso não afetará o funcionamento do *internet banking*. O Banco do Brasil consegue reconhecer o *smartphone* que você cadastrou independente do *chip* que está nele.

Todos os procedimentos que foram descritos até aqui são fáceis de realizar desde que você os conheça, mas pouca gente os conhece nesse nível de detalhe. Como nômade digital, você precisa compreender o funcionamento do *internet banking* de seu banco, seja ele qual for, no nível do detalhe. Você não pode correr o risco de perder o acesso ao *internet banking* quando estiver fora do Brasil.

Assim como você, também acho banco um saco. Não gosto de contato com bancos, porém gosto menos ainda de ficar sem acesso à conta quando estou viajando pelo mundo. Para o bem de seu precioso sono, entenda como seu banco funciona antes de sair pelo mundo.

Continuando com o exemplo do Banco do Brasil, existem outros procedimentos que você também deve fazer. É preciso autorizar o uso dos cartões no exterior. Ainda que você tenha vários cartões em sua conta, seja de débito ou crédito, basta fazer uma única autorização para que todos funcionem fora do Brasil. Essa autorização é feita no caixa eletrônico, onde você informa até quando ela será válida. O limite é de dois anos e sugiro que você o utilize. Sempre que for ao Brasil, autorize o uso dos cartões no exterior por mais dois anos. É o que eu faço para ter certeza de que os cartões funcionarão, sempre que eu estiver no exterior.

O modelo usado pelo Banco do Brasil nessa parte é bom. Existem bancos que trabalham com limites de tempo excessivamente curtos. Em alguns casos, de apenas um mês. Você precisa entrar em contato com o banco todo mês para liberar o uso do cartão no exterior, uma tremenda chateação.

Agora que o *internet banking* está funcionando plenamente e você consegue usar seus cartões no exterior. Só falta um detalhe, que talvez seja o mais desconhecido. É preciso analisar os limites da conta.

O banco impõe limites aos valores das operações que você pode realizar. Sua conta é configurada para permitir pagamentos, transferências, saques e outras operações até um determinado valor máximo. Com frequência esses valores são baixos. Por exemplo, o banco permite fazer saques diários de até R\$ 4000,00, porém sua conta está configurada para limitá-los a R\$ 1000,00. O mesmo acontece com transferências e pagamentos. Um dia você tenta pagar uma fatura do cartão, no valor de R\$ 3.000, e percebe que não consegue porque o banco limitou esse tipo de operação a R\$ 1.500.

Os bancos impõem esses limites para reduzir os estragos no caso de fraude. O Brasil é recordista em fraudes bancárias. Roubos de identidade e acessos indevidos a contas alheias são frequentes. Você pode evitá-los seguindo os passos que apresentei na parte de segurança digital. Como pouca gente sabe se proteger, os bancos limitam os valores das operações por padrão. Isso também pode ser corrigido.

No caso do Banco do Brasil, você pode alterar os limites das transações através do *internet banking* e confirmar as alterações usando o caixa eletrônico. É um processo confuso, porém funciona. Usando o *internet banking* em seu *notebook*, selecione a opção "Meus limites". Em seguida clique na opção "Personalização". Você verá os limites que estão em vigor

para diversos tipos de operação, tais como saque, pagamento e transferência. Altere-os para valores que façam sentido para sua realidade.

Quando você submeter as alterações, o banco informará que é preciso confirmá-las no caixa eletrônico. Assim que você acessar o caixa eletrônico, ele informará que você tem personalizações de limites pendentes. Ele te apresentará todas as mudanças e você poderá confirmá-las.

Como a personalização de limites envolve uma visita ao caixa eletrônico, é fundamental que você a realize enquanto estiver no Brasil. Você não encontrará um caixa eletrônico do Banco do Brasil no exterior.

Configurar o *internet banking*, autorizar o uso dos cartões no exterior e personalizar os limites das transações são ações essenciais, que você deve realizar enquanto estiver no Brasil. Além delas, há outras três que são recomendáveis.

Solicite mais de um cartão a seu banco. No caso do BB, por exemplo, você pode ter cartão Mastercard, Visa e Elo associados à conta. Eles podem servir apenas para débito ou serem também autorizados para operações de crédito.

Ter diversos cartões é importante para que você tenha redundância. Seguindo as recomendações da parte de segurança física do livro, você deve sempre sair com um cartão e deixar outro em sua acomodação. Por isso é fundamental contar com pelo menos dois cartões.

O cartão Elo não tem utilidade no exterior, porém recomendo que você faça um e o deixe com um parente de sua confiança, sem informar a senha. Quando estiver no exterior, se houver a necessidade de fazer alguma operação, que só possa ser executada no caixa eletrônico, você poderá pedir a seu familiar para realizá-la. Isso pode te salvar.

Cadastrar o número do celular de familiares próximos em sua conta e deixar um cartão com a família te ajudam a superar eventuais problemas com a conta. Se o acesso ao *internet banking* falhar, você conseguirá configurá-lo novamente. Se os limites estiverem inadequados, você conseguirá ajustá-los com a ajuda de seus familiares. Isso só é possível se eles tiverem um cartão de sua conta.

Um detalhe importante é que o Banco do Brasil, assim como outras instituições, adota a autorização por biometria para algumas operações. Nesses casos, você precisa colocar seu polegar no caixa eletrônico. Isso impede que um familiar utilize seu cartão, quando você estiver no exterior.

Felizmente, é possível contornar essa questão. Ao menos no caso do Banco do Brasil, você pode pedir a seu gerente que desabilite a biometria.

Apesar de todos esses cuidados, pode ser que ocorra algum problema em sua conta. Uma vez, quando estávamos na Argentina, o banco bloqueou o acesso ao *internet banking* de Pati e não houve conversa. O problema só foi resolvido quando voltamos ao Brasil e Pati foi ao banco pessoalmente para cadastrar uma nova senha.

Por precaução, recomendo que você faça uma procuração para alguém de sua confiança, autorizando essa pessoa a configurar as senhas de acesso ao *internet banking*, em caso de necessidade. O problema de Pati poderia ter sido resolvido, quando ainda estávamos na Argentina, se ela tivesse nomeado um procurador para a conta.

No caso do Banco do Brasil, além de fazer a procuração e reconhecer firma, você precisa ir à agência com seu procurador, que deve levar um documento de identificação e um comprovante de residência. O gerente o cadastrará em sua conta e coletará as assinaturas dele. Sim, é um procedimento burocrático e desagradável, porém vital. Se o pior acontecer, você ficará grato por não ter de voltar ao Brasil para resolver um problema com o banco.

Talvez você não tenha conta no Banco do Brasil. Assim mesmo, fiz questão de explicar todos os detalhes de lá porque seu banco certamente adota políticas semelhantes, ainda que os procedimentos de configuração da conta sejam diferentes. Conhecendo o exemplo de um banco, fica mais fácil compreender o que você precisa fazer em seu próprio banco.

Assim como você, também não gosto de banco. Quase todos prestam um serviço ruim e excessivamente caro, mas precisamos deles. O Banco do Brasil é um banco público, o que já seria motivo suficiente para querer evitá-lo a todo custo. Entretanto devo admitir que nunca tive problemas com ele quando estava no exterior. Viajo para fora do Brasil há vinte anos e o acesso a minha conta do Banco do Brasil nunca falhou. Sempre fiz as preparações necessárias e meus cartões nunca falharam em nenhum lugar do mundo. Tampouco tive problemas com o acesso ao *internet banking*. A história seria diferente se eu não soubesse configurar a conta e prepará-la para quando estou viajando.

Seja qual for o seu banco, estude os procedimentos e prepare-se para quando estiver fora do Brasil. Ter um cartão bloqueado ou ficar sem acesso ao *internet banking* podem arruinar sua viagem. Não permita que isso

aconteça por falta de preparo. Portanto, execute as ações a seguir enquanto ainda estiver no Brasil:

- Configure o acesso ao *internet banking* no *notebook*, *tablet* e *smartphone*.
- Libere todas as movimentações financeiras no *internet banking*.
- Ajustar os limites de operações.
- Autorize o uso dos cartões no exterior pelo maior prazo possível.
- Cadastre na conta os telefones de familiares e amigos próximos que estejam no Brasil.
- Emita pelo menos dois cartões e, se possível, um terceiro para deixar com familiares no Brasil.
- Faça uma procuração para que um familiar possa alterar as senhas de sua conta em caso de necessidade.

Para ter ainda mais segurança de que conseguirá movimentar seu dinheiro de qualquer lugar, a melhor saída é ter uma conta de backup, em outro banco. Se quiser evitar taxas e complicações, abra uma conta em um banco virtual. Existem algumas opções disponíveis no Brasil:

- [Banco Neon](#)
- [Banco Original](#)
- [Banco Inter](#)

Câmbio

Visitar países com custo de vida baixo é uma oportunidade de economizar, mas o câmbio pode estragar tudo. O dólar custava R\$ 1,66 quando partimos do Brasil, em dezembro de 2010. Cinco anos depois, em dezembro de 2015, este valor saltou para R\$ 3,90, um aumento de 134%.

Para entender as consequências, imagine que você esteja visitando outro país e encontre um apartamento para alugar ao preço de US\$ 1.000 por mês. Em dezembro de 2010, você desembolsaria R\$ 1.660 para pagar este aluguel. Já em dezembro de 2015, este valor saltaria para R\$ 3.900. Mesmo

que o apartamento continuasse a custar US\$ 1.000, você pagaria R\$ 2.240 a mais, por mês, devido à variação cambial.

Imagine que você ganhasse em reais e seu salário fosse de R\$ 3.320 em 2010, o que correspondia a US\$ 2.000. Digamos que ele não sofresse alteração ao longo dos anos. No final de 2015, ele corresponderia a apenas US\$ 850. Com este valor, você teria de achar uma forma de pagar por um apartamento e as demais despesas de sua vida nômade. Uma façanha possível, em alguns lugares do mundo, porém difícil. Ao longo de 5 anos, o poder de compra de seu salário, em dólares, sofreu uma redução de US\$ 1.150. Você passou a ter menos US\$ 1.150 a cada mês. No ano, você passou a ter menos US\$ 13.800 para gastar em suas viagens. São quase catorze mil dólares a menos.

Olhando esses exemplos, pode parecer que nós, brasileiros, somos as únicas vítimas das variações cambiais. Não é bem assim. Não importa se você ganha em real, dólar, euro ou libras. Você sempre pode ser afetado por diferenças cambiais por ganhar em uma moeda e gastar em outra.

Imagine um britânico, por exemplo, que tenha planos de visitar o Brasil. Em janeiro de 2016, cada uma de suas preciosas libras seria convertida para R\$ 5,65. Um ano depois, em janeiro de 2017, a mesma libra valeria apenas R\$ 3,92. Ela caiu 30% em apenas um ano em relação ao real. Isto mostra que até mesmo os súditos da rainha podem sofrer com variações cambiais.

Isso não é ficção. Todos esses números são verdadeiros. Em 5 anos, quem ganhava em real, assim como a gente, viu seu poder de compra ser dilapidado no exterior. Lugares que eram mais baratos que o Brasil passaram a ter um custo de vida equivalente, enquanto outros tornaram-se mais caros. Foi um momento difícil, que ilustra um desafio permanente para os nômades digitais: o câmbio.

Nós vivemos essa turbulência cambial e perdemos com ela, na exata proporção que descrevi no texto. Poderíamos ter perdido menos, ou nada, se eu tivesse um melhor entendimento do que estava acontecendo e das opções disponíveis para proteger nosso patrimônio das variações cambiais. Felizmente, você não precisa cometer os mesmos erros que eu. Basta aprender a lidar com o câmbio. Esse aprendizado é mais importante do que você imagina.

Lidar com câmbio é difícil, especialmente em momentos conturbados da economia. Em 2015, por exemplo, a cotação do dólar saiu de controle. A

moeda americana avançou 50% em relação ao real em apenas um ano. Foi difícil conter o estrago, mas não impossível.

Câmbio é uma aposta. Ninguém sabe qual será o valor de uma moeda no dia seguinte. Às vezes, basta um comentário de um presidente ou a notícia do início de um conflito armado para a cotação de uma moeda cair ou subir.

Para tentar se proteger da variação cambial, é preciso fazer apostas, como fiz no fim de 2014. Quando Dilma foi reeleita, no fim daquele ano, apostei que o dólar subiria. Preocupado com as implicações, corri para comprar uma grande quantidade de dólares, que fosse suficiente para usarmos ao longo do ano seguinte. Consegui comprá-los por R\$ 2,70 e os usei ao longo de 2015. Ao final daquele ano, quando o dólar já valia R\$ 3,90, ainda estávamos usando dólares que havíamos comprado por R\$ 2,70. Fizemos uma boa economia, mas logo coloquei tudo a perder.

Quando lidamos com eventos aleatórios, resultados passados não definem desempenhos futuros. Acertei a aposta em 2014, porém errei em 2016. Quando o ano começou, a impressão que tínhamos é que o dólar subiria ainda mais. O *impeachment* de Dilma vinha sendo discutido há meses, mas era difícil crer que aconteceria. As coisas se arrastavam e não se via nenhum avanço concreto.

Diante disso, apostei que o dólar subiria ainda mais. A maior parte de nossas reservas financeiras ainda estavam em reais. Temendo o pior, converti quase tudo para dólar, o que deveria ter feito muito tempo antes. Dois dias depois, uma notícia no jornal mudou tudo. O processo de *impeachment* avançou e o resto é história. O dólar caiu rapidamente, assim como a presidente.

Não pude acreditar no que estava acontecendo. A situação se inverteu. Eu, que sempre torcia para o dólar cair, olhava para a cotação e rezava para ele voltar a subir. Aquilo não podia estar acontecendo. Era impossível. Só que aconteceu.

Dias depois, quando me convenci que o dólar continuaria a cair, o estrago estava feito. Assumi o prejuízo, converti tudo de volta para real e amarguei a dor da perda. Menos mal. Se tivesse mantido o dinheiro em dólar, o prejuízo teria sido ainda maior, já que ele continuou a cair.

Alguns meses tiveram de passar até que eu pudesse olhar para esse episódio e rir do que aconteceu. Foi um dos piores momentos dessa vida nômade e um dos que trouxe um dos maiores aprendizados.

Eu não teria de amargar essa perda se não tivesse apostado que o dólar subiria. Se tivesse mantido o dinheiro em sua aplicação original, em reais, a variação cambial não teria me afetado. O erro, ao que parece, foi ter feito uma aposta desnecessária. Engana-se quem pensa assim.

Quando o assunto é câmbio, você está sempre fazendo uma aposta, mesmo quando não faz nada. Deixar o dinheiro na aplicação original também seria uma aposta, embora no sentido oposto. Refletiria minha crença de que o dólar não subiria mais. Se ele subisse, minha aposta seria invalidada e eu perderia dinheiro.

Quando se trata de câmbio, você sempre está fazendo uma aposta. Sempre! Não adianta se iludir achando que não precisa se preocupar com ele. Quando você é nômade digital e viaja pelo mundo, câmbio é uma preocupação constante.

Quem vive no Brasil, gasta no Brasil e ganha em reais pode dar-se ao luxo de ignorar as variações cambiais. Não há necessidade de fazer câmbio. A pessoa ganha na mesma moeda que gasta. Você, nômade digital que viaja pelo mundo, ganha em uma moeda e gasta em outra. Não importa em qual moeda você ganha. A partir do momento que gasta em outra, é preciso preocupar-se com o câmbio, é preciso fazer apostas e aceitar eventuais perdas.

Não fui só eu que apostei errado. Outros amigos nômades fizeram o mesmo movimento e também perderam dinheiro. Faz parte. Felizmente, há momentos em que o câmbio é mais estável e a chance de perdas é menor.

Maneiras de fazer câmbios

Sair do Brasil com reais e tentar trocá-los por onde você for passando pode parecer uma forma natural de fazer câmbio, porém é uma má ideia quase sempre. Você já entenderá a razão.

Existem diversas formas de fazer câmbio e cada uma tem sua função. As mais tradicionais são trocar dinheiro em espécie, sacar dinheiro diretamente de sua conta bancário no Brasil, usar cartão de crédito, usar cartão de débito e usar cartões pré-pagos. Além dessas, há outras menos conhecidas (e mais vantajosas), que apresentarei mais adiante.

Dinheiro em espécie

Você conhece alguém ou algum estabelecimento que não aceite pagamento em dinheiro? É raro. Quase todo mundo gosta de receber aquele pedacinho de papel (ou plástico, em alguns países). É o instrumento de troca mais universal que existe. Isso lhe confere uma função importante.

Você pode mover-se pelo mundo pagando a maior parte de suas despesas com instrumentos eletrônicos, como cartões de crédito. Porém deve sempre ter algum dinheiro na mão. Tem lugar que não aceita pagamento em cartão. Nos que aceitam, pode ser que ele não funcione por algum problema técnico.

Dinheiro é simples. Não precisa de maquininha, nem de rede de comunicação, nem de senha, nem de eletricidade. Ele sempre funciona. Dinheiro em espécie serve, portanto, como um porto seguro. Porém nem todas as moedas são iguais.

Um dinar jordaniano, por exemplo, vale mais de R\$ 4 no momento em que escrevo, no entanto, se alguém te devesse dinheiro, você aceitaria receber o pagamento na moeda da Jordânia? Provavelmente não. Você não teria o que fazer com ela no Brasil. Ela só preserva seu poder de compra dentro da Jordânia.

O mesmo ocorre com o real e com a maioria das moedas. Elas só são úteis dentro dos países em que são utilizadas pela população local. Elas não servem como instrumento de troca ao redor do mundo. Poucas são as moedas que preservam seu valor no mundo inteiro. As principais são o dólar e o euro.

Sempre que você sair do Brasil, compre dólares ou euros. Se for para os EUA ou países próximos de lá, leve dólar. Se for para a Europa ou países próximos de lá, leve euro. Se for para outro lugar do mundo, pesquise para saber que moeda é mais apreciada para trocas no país.

Na Argentina, por exemplo, o dólar reina absoluto. Ele é mais apreciado que qualquer outra moeda. Aliás, a Argentina é um dos raros casos em que o real também tem algum valor. Ele é aceito nas casas de câmbio e, às vezes, faz sentido levá-lo em lugar de comprar dólares para levar.

O que você não deve fazer, por sua vez, é comprar pesos argentinos no Brasil e levá-los para a Argentina. Além de ser desnecessário, o mais provável é que você pague demais por eles.

De um modo geral, você nunca deve comprar com antecedência a moeda do país que irá visitar, a menos que se trate do dólar e do euro. Compre

dólar ou euro e faça o câmbio pela moeda local quando chegar a seu destino.

Casas de câmbio funcionam com as mesmas regras do mercado: oferta x demanda. Pouca gente guarda pesos argentinos no Brasil. Portanto a oferta é pequena. Toda vez que você tenta comprar algo cuja oferta é reduzida, você paga um valor maior. Por sua vez, o peso argentino é abundante na Argentina. Por isso, quando você chega lá, consegue pagar menos por ele do que teria de pagar no Brasil.

A cotação que você encontra na casa de câmbio não é igual àquela que você vê em sites especializados, como o [XE](#). A casa de câmbio também leva em conta a oferta e demanda. Por isso que, se você estiver no Brasil, com viagem marcada para a Jordânia, provavelmente fará mais sentido trocar seus reais por dólares e, chegando lá, trocá-los por dinares. Se alguma casa de câmbio brasileira tiver dinar jordaniano para te vender, ela cobrará caro demais.

Dólar e euro, por serem amplamente usados para trocas internacionais, costumam ser abundantes em qualquer casa de câmbio. Por essa razão, a cotação é mais razoável.

Existem países onde o uso do dinheiro em espécie pode gerar grandes economias. Esse foi o caso da Argentina, durante alguns anos do Governo de Cristina Kirchner. Inspirada em ação semelhante do governo venezuelano, de Hugo Chaves, ela congelou a cotação oficial do dólar. Ele não poderia mais variar livremente, de acordo com as flutuações naturais do mercado.

Ato contínuo, formou-se um mercado negro, no qual o dólar passou a ser chamado de "blue", sabe-se lá por que motivo. O "dólar blue" refletia a realidade do mercado. À medida que a Argentina afundava, sob as políticas esquizofrênicas de Cristina, o dólar oficial permanecia inalterado, enquanto o "blue" subia quase diariamente. Exatamente o mesmo que aconteceu na Venezuela e que sempre acontece em qualquer país onde tal medida é adotada. Que diferente seria o mundo se os governantes estudassem um pouco de economia e história. Com alguma sorte, conseguiram até propor medidas inteligentes.

A diferença entre o oficial e o "blue" atingiu proporções substanciais. Houve uma época em que você receberia em torno de 4 pesos se trocasse um dólar pela cotação oficial, porém embolsaria 12 pesos se fizesse o

câmbio pelo "blue". Seu dólar valia três vezes mais quando você fazia o câmbio no mercado negro.

Visitamos a Argentina diversas vezes nessa época e fomos beneficiados por essa diferença. Fazíamos o câmbio no "blue" e todos os preços nos pareciam baratos. Se fizéssemos no oficial, por outro lado, tudo seria caro. O detalhe é que não dava para usar meios eletrônicos de pagamento, já que eles sempre faziam o câmbio pela cotação oficial, portanto não podíamos usar cartões de débito e crédito. Tínhamos de sair do Brasil com dólares suficientes para todo o período que fôssemos passar na Argentina.

A situação na Venezuela é ainda mais surreal. Pelo câmbio oficial, um dólar corresponde a pouco mais de 4 bolívares. Entretanto, no mundo real, nas ruas, ele é trocado por 3600 bolívares, no início de 2017. Assim como no caso da Argentina, não dá para usar meios eletrônicos de pagamento. É preciso levar dinheiro em espécie para o país. A situação da Venezuela demonstra que a ficção não consegue competir com a realidade. Nem mesmo o escritor mais criativo conseguiria imaginar que a Venezuela afundaria em tamanha desgraça por obra da incompetência governamental.

Casos como os da Argentina e da Venezuela são aberrações, porém a história mostra que sempre podemos contar com a estupidez dos governantes. Cedo ou tarde, ideias estapafúrdias, como o congelamento do câmbio, são adotadas em outros países.

Estude sobre seu destino antes de decidir o quanto levará em dinheiro, em dólar ou euro. Em algumas situações, ele não servirá apenas como um backup. Ele terá de ser o único instrumento a sua disposição para trocas comerciais.

Levar dólar ou euro também é útil quando você aposta que o real irá se desvalorizar. Se estiver certo, como aconteceu no nosso caso, em 2014, você pode economizar muito por fazer o câmbio antes do início da viagem.

Sempre que levar dinheiro em espécie, prefira notas altas, tais como as de 100 dólares, 100 euros ou 500 euros. Além de diminuir o volume, em alguns lugares do mundo a cotação é melhor quando você utiliza cédulas com valores mais elevados.

Saque internacional

O cartão de débito de seu banco provavelmente é capaz de fazer saques no exterior, desde que você o autorize para tanto. Quando você usa um

caixa eletrônico em outro país e faz o saque diretamente de sua conta corrente brasileira, o caixa eletrônico te fornece dinheiro na moeda local. Se você faz um saque em Amã, por exemplo, você recebe dinares jordanianos. Se estiver indo para lá e não quiser levar nenhum dinheiro em espécie, você pode levar seu cartão de débito e sacar na moeda local assim que chegar na Jordânia. Porém é sempre bom levar algum dinheiro.

Quando você realiza um saque internacional, o banco faz o câmbio internamente, de forma automática, e desconta a quantia correspondente, em reais, de sua conta corrente. Como veremos adiante, isso tem um custo elevado, o que diminui sua atratividade. É útil quando você não tem mais dinheiro em espécie para trocar e quando o real está se valorizando frente ao dólar e ao euro. Se a cotação dessas moedas estiver em queda e a tendência for cair mais, pode fazer sentido não comprá-las para levar e utilizar o cartão de débito. Dessa forma, você adia o momento do câmbio e pode obter quantias maiores da moeda local.

Em vez de fazer um saque, você também pode usar o cartão de débito para pagar por suas compras diretamente. Nesse caso, tudo ocorre de forma semelhante ao saque. Porém, de modo geral, o banco não cobra uma taxa pela operação. É um pouco melhor que fazer um saque, embora continue sendo uma operação custosa.

Cartão de crédito

Usar o cartão de crédito internacional tem os mesmos custos de usar o cartão de saque para pagar por uma compra, entretanto o câmbio não é imediato. Ele é feito no dia do fechamento da fatura do cartão. Isso pode ser bom ou ruim, dependendo das turbulências da taxa de câmbio.

Quando o dólar está em queda, você se beneficia pela demora para fechar o câmbio. É a situação em que mais vale à pena usar o cartão de crédito. Especialmente quando a queda da taxa cambial é acentuada. Por outro lado, quando o dólar está com tendência de alta, o uso do cartão de crédito se torna arriscado. Afinal, ele pode subir bastante até o dia do fechamento da fatura. Nesses casos, é mais prudente usar o cartão de débito ou dinheiro vivo e evitar o cartão de crédito.

Cartões pré-pagos para uso em viagens

Digamos que você vá passar seis meses fora do Brasil. Você fez os cálculos e concluiu que precisará de US\$ 10 mil. Hoje o dólar vale R\$ 3,00. Portanto você gastará R\$ 30 mil. Você teme que a cotação do dólar aumente durante a viagem, mas não quer levar todo esse dinheiro em espécie e correr o risco de ser roubado. Você se pergunta o que poderia fazer para manter o dinheiro no banco sem correr o risco de perdas com a variação cambial.

Em alguns países, é fácil resolver essa questão. Um exemplo é Hong Kong. Quem tem conta em um banco de lá pode fazer depósitos na conta em diferentes moedas. O depósito pode ser em dólar de Hong Kong, em dólar americano, euro, libra, dólar australiano, dólar neozelandês, entre outros. É como ter várias contas correntes em uma só, uma para cada moeda. Se você tem 50 mil dólares de Hong Kong e quer converter para dólares americanos, basta entrar no internet banking e converter o dinheiro de uma moeda para outra. O banco usa sua taxa de câmbio interna, mas não cobra nenhuma tarifa nessa operação. Tampouco paga-se qualquer imposto. A operação é imediata.

Se você vivesse em Hong Kong, portanto, você pegaria seu dinheiro hoje, converteria para dólares dos Estados Unidos e o manteria dentro de sua própria conta corrente. Seria uma operação trivial, quase sem perda alguma e não lhe custaria mais que alguns minutos.

Infelizmente não é possível fazer isso em sua conta corrente brasileira. Você não pode depositar valores em dólar nela. Tampouco pode ter uma conta corrente em dólares, porém pode fazer algo que se aproxima disso.

Você pode emitir um cartão pré-pago, como o [Visa Travel Money](#) (VTM), que pode ser destinado ao uso com dólares ou euros. Se escolher dólares, por exemplo, você pode armazenar dólares nele, como se fosse uma conta corrente nessa moeda.

Quando estiver viajando, você pode usar o VTM para fazer saques ou compras na modalidade de débito. Porém, ao contrário de seu cartão de débito habitual, o dinheiro não virá de sua conta corrente em reais. Ele virá do depósito que você fez em dólares. Portanto a conversão cambial só existe no dia em que você faz a carga de dólares no cartão. Isso te protege de variações cambiais durante a viagem.

A grande vantagem desse arranjo é a oportunidade de armazenar dinheiro em moeda estrangeira, em seu banco, de modo que você não tenha de transportá-lo em espécie. Se o real estiver em processo desvalorização,

you can avoid losses with the deterioration of the exchange rate using this type of instrument.

We used it in 2014, when we bet that the dollar would rise. We bought dollars in cash and also stored dollars in a [Visa Travel Money](#) card. Using these two strategies together, we managed to pass the year of 2015 using a more favorable quote.

Despesas com câmbio

Over time, the exchange rate varies and you can have losses or gains. Independent of that, you always have an expense when you convert one currency to another. Even if the exchange rate is fixed over the years, every time you buy a dollar, for example, you have a loss. It has nothing to do with the exchange rate variation, it's just the cost of making the transaction.

Imagine you find a commercial property in a good spot and decide to open a currency exchange. You rent it, do the works, install the security equipment, get the necessary authorizations and start functioning. At first, you yourself stand behind the counter and do all the operations. How do you expect to be remunerated for your effort and investment?

You can't charge a commission. No one likes to pay a commission in currency exchange houses. The way is to appeal to the *spread* in the exchange rate. Imagine the official quote of the dollar is R\$ 3,00 on a certain day. When I visit your currency exchange house to buy a dollar, you sell me each one for R\$ 3,10. You charge 10 cents more, for each dollar. For your part, if I arrive from abroad with dollars and want to convert them to real, you buy my dollars paying me only R\$ 2,90 for each dollar. You lose 10 cents in all the operations. It doesn't matter if you are buying or selling. You always gain those R\$ 0,10 for each dollar. This is the *spread* in the exchange rate. It's the difference between the official quote and the quote actually used to make the exchange.

At first glance, it seems little. However, imagine that on a certain day, you receive a visit from ten clients in your currency exchange house. All of them returned from a trip to the USA and need to get rid of their dollars. Each one trades US\$ 1.000 with you and receives R\$ 2900. A

cotação oficial é de R\$ 3,00. Portanto, em princípio, cada cliente deveria receber R\$ 3000, mas recebe R\$ 100 a menos, que serão usados para te remunerar. No final da manhã, depois de comprar US\$ 10 mil dólares, pagando R\$ 2,90 por cada um (em vez de R\$ 3,00), você embolsa uma remuneração de R\$ 1000 (mil reais). Graças àqueles 10 centavos, você vai para o almoço com mil reais adicionais no bolso.

Na parte da tarde, você recebe a visita de outros dez clientes, que estão às vésperas de uma viagem para os EUA. Cada um quer comprar US\$ 1000. Cada um vai te pagar R\$ 3100, em vez de apenas R\$ 3000, referente à cotação oficial. Cada cliente está lhe pagando R\$ 100 de remuneração. No fim da tarde, você ganhou, outros R\$ 1000. Você encerra o expediente com um sorriso no rosto, depois de ganhar, no total, R\$ 2 mil em um único dia de trabalho. Você se felicita pela brilhante ideia de abrir uma casa de câmbio. A vida é boa.

Claro que nem tudo é lucro. Afinal, você fez um investimento e tem custos para manter a casa de câmbio aberta. Porém o potencial de ganho é atrativo. Esses 10 centavos que você cobra correspondem a pouco mais de 3% de cada operação. Eles parecem inocentes, mas têm um efeito cumulativo notável.

Infelizmente, nem eu nem você temos uma casa de câmbio, portanto estamos na infeliz posição de quem perde dinheiro a cada conversão cambial. No exemplo citado, o dono da casa de câmbio faturou R\$ 2 mil, depois de trocar um total de US\$ 20 mil. Você provavelmente não trocará US\$ 20 mil de uma vez em uma casa de câmbio, contudo, ao longo de um ano viajando como nômade, é provável que gaste essa quantia ou mais. Se você conseguir um *spread* cambial de apenas 3% em todas as suas conversões cambiais, você terá, em um ano, R\$ 2 mil de despesas só com câmbio. Não é pouco.

Na prática, entretanto, a situação é pior. O *spread* cambial não é o único custo que você pode ter na hora de fazer o câmbio. Tampouco é necessariamente o maior, especialmente se for feito no Brasil.

Quando você faz câmbio de dinheiro em espécie, é preciso pagar 1,1% de IOF. Sim, eu sei. É moralmente inaceitável que o governo cobre imposto sobre esse tipo de operação. Dificilmente você verá esse tipo de abuso em outros países. Porém, no Brasil, a gente sabe que abundam absurdos. Dê-se por satisfeito porque ainda fica pior.

Quando você faz uma compra no exterior, com cartão de crédito ou de débito, quando faz um saque em outro país e quando faz a carga de um cartão pré-pago, como o Visa Travel Money, existe uma conversão cambial feita pelo banco ou pela operadora de cartão de crédito. Como em toda operação de câmbio, existe uma despesa com *spread* cambial. Além dela, você também tem de pagar um IOF escandaloso de 6,38%.

Suponha que o banco adote um *spread* de apenas 3%, o que é raro, como você pode ver nesse [ranking](#). A sua despesa, apenas com câmbio, quando você utiliza qualquer tipo de cartão, sobe para 9,57% (3% x 6,38% ou 1,03 x 1,0638). É quase um dízimo. É como se, em todos os seus gastos, como nômade, você sempre tivesse de incluir os 10% de gorjeta. Quem disse que esse estilo de vida não teria seus contras?

Se você ganha em reais, mas gasta US\$ 20 mil por ano no exterior utilizando algum tipo de cartão e assumindo uma cotação oficial de R\$ 3,00 por cada dólar, bem como um *spread* cambial de apenas 3%, sua despesa total com câmbio, já incluindo o IOF seria de R\$ 5742 por ano.

Respire fundo e recomponha-se do susto. Nem tudo está perdido. Existem formas de reduzir esse valor e você já as conhecerá. Antes, algumas más notícias adicionais para você ficar plenamente anestesiado.

Os bancos também cobram tarifas sobre determinadas operações que envolvem câmbio. Quando você faz um saque no exterior usando seu cartão de débito, o banco cobra uma tarifa pela operação de saque, além do *spread* cambial e do IOF de 6,38%. Quando você faz a carga de uma cartão pré-pago, como o Visa Travel Money, o banco também cobra uma tarifa, além do *spread* e do IOF.

Aliás, esse é um caso interessante, onde você pode vir a pagar tarifa sobre tarifa. O banco cobra uma tarifa quando você faz a carga do cartão pré-pago e outra quando você o utiliza para realizar um saque. Em um caso desses, seu custo de câmbio passa a envolver duas tarifas bancárias, além do *spread* e do IOF. Não é exatamente a melhor forma de usar seu dinheiro suado no exterior.

Se você apelar para levar dinheiro, a despesa de câmbio envolverá pelo menos o *spread*, praticamente sempre. No Brasil, terá também o IOF de 1,1%. Em alguns casos, seja no Brasil ou no exterior, pode ser que a casa de câmbio também cobre uma comissão. Quando isso ocorre, é comum que ela tente esconder essa informação em letras miúdas. Você faz o câmbio contando com uma taxa que está vendo no painel, porém recebe menos

dinheiro que o esperado. É porque você pagou uma comissão sem perceber. Quando se dá conta, é tarde demais. A casa de câmbio considera a operação efetivada e não aceita cancelar.

No Brasil, é comum as casas de câmbio cobrarem comissão em aeroportos. Nesses locais, além de aplicarem um *spread* elevado devido à alta demanda e baixa concorrência, elas também embutem a comissão. Por isso, raramente compensa fazer câmbio em aeroportos.

Em qualquer lugar que você esteja, prefira as casas de câmbio que anunciem claramente que não cobram comissão. Se essa informação não estiver exposta, pergunte se há comissão antes de fazer a operação.

Como o IOF do câmbio de dinheiro em espécie é menor, a impressão inicial é que esse tipo de operação é mais vantajosa. Isso frequentemente é verdade, porém seu risco aumenta por carregar dinheiro em espécie. O custo nem sempre compensa o risco. Inclusive, existem casos em que ele não é assim tão menor.

Imagine que você tenha comprado euros para uma viagem à Europa. Suponha que você pagou um *spread* de 3%. Se você for para um país como a Espanha, por exemplo, onde se usa o euro, sua despesa total com o câmbio será de 3% de *spread*, mais 1,1% de IOF, portanto, 4,13%. Entretanto, se você der um pulinho na Hungria, onde o euro não é usado, será necessário fazer a conversão de euro para florim, a moeda local. Suponha que a casa de câmbio de lá te cobre 4% de *spread*. Sua despesa total com o câmbio, salta para 8,3% ($1,03 \times 1,011 \times 1,04$). Ela já começa a ficar mais próxima da despesa de usar algum tipo de cartão. Já não compensa o risco de levar dinheiro em espécie.

Isso ilustra que, nos casos de países que não usam o dólar nem o euro (as melhores moedas para levar em uma viagem), você pode acabar fazendo câmbio duas vezes. Seu custo aumenta porque você paga pelo *spread* cambial duas vezes. Nesses casos, pode fazer mais sentido simplificar e usar o cartão de débito ou de crédito. Quando você faz uma compra em florim, o banco a converte primeiro para dólares. Em seguida, converte para reais. Ele também aplica um *spread* em cada uma dessas conversões, porém costuma ser menor que o cobrado pelas casas de câmbio.

VET - Valor efetivo total

A essa altura, você já percebeu que fazer câmbio envolve custos que não são tão óbvios assim. Existe *spread* cambial, imposto, tarifas bancárias e comissões. Porém, no fim das contas, o que você sempre quer saber é: quantos reais são efetivamente necessários para comprar um dólar? Ou, quantos reais posso obter se eu vender um dólar? O mesmo vale para qualquer outra moeda estrangeira.

Essa quantia é chamada de [VET](#) ou [valor efetivo total](#). É um termo usado pelo [Banco Central do Brasil](#) e pelas instituições financeiras para indicar o quando você paga ou recebe, de fato, em uma operação de câmbio.

Imagine que você queira comprar US\$ 1.000. A casa de câmbio oferece uma cotação de R\$ 3,10 e cobra uma comissão de R\$ 50 por operação. Será necessário pagar IOF de 1,1%, já que trata-se de câmbio de dinheiro em espécie.

Para calcular o VET, você soma tudo o que terá de desembolsar e divide pela quantidade de moeda estrangeira que deseja comprar ou vender. Nesse exemplo, você esperaria desembolsar R\$ 3.100 (R\$ 3,10 x US\$ 1.000). Entretanto pagará R\$ 3.184 (R\$ 3,10 x US\$ 1.000 x 1,011 + R\$ 50). O VET será, então, R\$ 3184 / US\$ 1000 = R\$ 3,18.

Embora a casa de câmbio te apresente uma cotação de R\$ 3,10 para cada dólar, o que você realmente terá de desembolsar é R\$ 3,18 por dólar. Esse valor é o que importa e é chamado de [VET](#).

As empresas que operam no mercado de câmbio brasileiro são obrigadas a informar o [VET](#) antes de efetivar a operação. Além disso, o [VET](#) tem que ser impresso no contrato de câmbio ou no recibo da operação.

O [Banco Central](#) disponibiliza o [ranking do VET](#), onde classifica as instituições de acordo com a média do [VET](#) que elas utilizam em negócios de características semelhantes. Se você quiser comprar US\$ 1.000 em espécie, por exemplo, você pode consultar o [ranking do VET](#) para descobrir em que instituição teria a menor despesa.

A taxa cambial varia com o passar do tempo e pode afetar seu poder de compra nos países que estiver visitando. Por essa razão, você precisa aprender a se proteger das variações cambiais.

Cada operação de câmbio envolve um conjunto de despesas. Ao longo de um ano, o gasto total com as operações de câmbio costuma ser maior do que se imagina. Para reduzir o prejuízo, você precisa aprender sobre formas alternativas de fazer câmbio que tenham taxas mais razoáveis.

Transferências internacionais

Quando você passa muito tempo fora do Brasil, as formas tradicionais de acessar seu dinheiro começam a pesar no bolso. Fazer câmbio de dinheiro em espécie é mais barato que usar os cartões porque o IOF é menor. Assim mesmo, o custo é alto e você não pode sair do Brasil carregando uma mala de dinheiro, assim como não pode entrar com ela em outros países. A alfândega de praticamente todos os países impõe limites sobre a movimentação de dinheiro em espécie. Sacar da conta, usar cartão de débito, de crédito ou pré-pago é ainda mais caro. Será que não existe uma forma mais racional e econômica de levar dinheiro para outro país?

Imigrantes convivem com esse problema o tempo todo. Caminhe pelas ruas de Atenas, por exemplo, e você verá imigrantes da Albânia, Filipinas, Índia, Paquistão e de tantas outras nações. Todos enfrentam o desafio de enviar dinheiro para suas famílias sem gastar uma fortuna com impostos e taxas. Nessas mesmas ruas, você encontrará uma abundância de filiais do [Western Union](#) e do [MoneyGram](#).

Essas empresas estão presentes em todos os lugares onde há grande concentração de imigrantes. Elas são especializadas em enviar dinheiro de um país para outro. Você poderia utilizá-las, mas não valeria à pena. As taxas são excessivamente elevadas.

O que torna mais caro acessar seu dinheiro do exterior, de forma eletrônica, é o IOF abusivo de 6,38%. Entretanto, é possível evitá-lo, ou pelo menos reduzi-lo a um patamar aceitável, de 0,38% (17 vezes menor).

Quando você faz uma transferência bancária de uma conta no Brasil para uma conta no exterior, o IOF cai para 0,38%. Portanto, se você tiver uma conta corrente em um banco fora do Brasil, você pode enviar seu dinheiro para ela gastando 17 vezes menos com IOF. Ao longo de um ano, se você gastar US\$ 20 mil no exterior, por exemplo, o custo de IOF cai de US\$ 1.276 para US\$ 76. Supondo uma cotação de R\$ 3,00, isso significa pagar R\$ 228 em vez de R\$ 3.828. E isso refere-se apenas ao IOF.

Ter uma conta no exterior é mais viável do que se imagina. É possível abrir uma conta bancária em inúmeros países, mesmo sem ser residente ou cidadão destes lugares. Você pode abrir uma conta corrente nos EUA, por exemplo, mesmo sendo brasileiro e não morando lá. Assim como pode abrir em diversos bancos europeus. Para quem passa muito tempo fora do Brasil,

a melhor estratégia é abrir uma conta no exterior, de preferência em um banco que não te cobre nenhuma taxa para manter a conta aberta e te forneça um cartão de débito que funcione no mundo inteiro. Você pagará alguma taxa do banco quando fizer um saque, porém se livrará do IOF escandaloso de 6,38%.

Livrar-se do IOF ajuda, mas é apenas uma parte da equação. Quando o banco brasileiro faz uma transferência internacional, ele cobra um *spread* cambial que raramente é baixo. Você pode conferir o [ranking do VET](#) para ter uma ideia. No tipo de operação, escolha transferências pessoais.

Além do *spread* cambial, eles costumam cobrar tarifas indecentes para realizar a operação. Você economiza no IOF, porém as tarifas eliminam parte dessa economia. Isso é particularmente verdade quando você utiliza os grandes bancos comerciais. A situação é um pouco melhor se você optar por bancos menores, mais especializados em operações de câmbio. Eles cobram um *spread* cambial menor e tarifas menos abusivas. Além disso, estão habituados a fazer transferências internacionais. Tente fazer uma dessas em um grande banco comercial e o mais provável é que o funcionário não tenha ideia de como realizá-la.

Felizmente, também é possível evitar o uso dos bancos e ainda ter um gasto menor. Basta usar o [TransferWise](#). Ele utiliza o câmbio oficial na hora de fazer a transferência internacional, portanto não cobra nenhum *spread* cambial. O único custo é a tarifa fixa, de 2,5% (no momento em que escrevo). Ela já inclui o IOF de 0,38%, portanto quando você usa o [TransferWise](#) para transferir dinheiro do Brasil, você tem um custo fixo de 2,5% e acabou. Não há nenhuma taxa escondida.

Isso gera uma tremenda economia. Para entender, façamos uma comparação. Se você não tiver uma conta no exterior, o uso do cartão, seja de débito, crédito, ou pré-pago, acarreta um custo total que gira próximo de 10% (incluindo *spread* cambial, IOF e tarifas bancárias). Tendo uma conta no exterior e usando o [TransferWise](#), você gasta 2,5%. Isso é um custo 4 vezes menor. Voltando ao exemplo anterior, supondo uma cotação de R\$ 3,00 por dólar, se você gastar US\$ 20 mil por ano usando cartões no exterior, o custo cambial será de aproximadamente US\$ 2 mil (R\$ 6 mil). Usando o [TransferWise](#), esse valor cai para US\$ 500 (R\$ 1500). É uma economia de R\$ 4.500. Valor suficiente para, por exemplo, pagar por passagens de ida e volta para duas pessoas em muitos voos intercontinentais.

O [TransferWise](#) pode ser usado, mesmo que você não tenha uma conta no exterior nem tenha a intenção de abrir uma. Basta que você tenha um amigo, em seu destino, que aceite receber a transferência e sacar o dinheiro para você.

Dependendo do volume de dinheiro que você envie para o exterior, vale à pena abrir uma conta bancária em outro país, mesmo que o banco te cobre alguma taxa para mantê-la aberta. Se decidir seguir por esse caminho, prefira um banco que opere diretamente com dólares ou euros. Isso diminuirá as conversões cambiais e os custos com elas.

Para abrir uma conta em outro país, você precisará do passaporte e de um comprovante de residência original e recente. Antes de sair do Brasil, junte todos os comprovantes de residência que conseguir e leve-os com você. Todo banco pede esse tipo de comprovante na atualidade. E só servem os originais. Não adianta levar cópias nem versões digitalizadas.

Uma das poucas exceções é o banco alemão [N26](#). É um desses bancos novos em que tudo é feito através de um aplicativo no *smartphone*. Você pode abrir uma conta no [N26](#) sem sair do Brasil e sem apresentar um comprovante de residência. Basta seu passaporte e um endereço na Europa para o banco enviar seu cartão Mastercard. Esse endereço pode ser de um familiar ou amigo. No momento em que escrevo, o [N26](#) oferece um cartão sem tarifas e outro com tarifa e algumas vantagens adicionais. Informe-se sobre os detalhes de cada um no [site do N26](#).

Para abrir uma conta no banco, você deve baixar o aplicativo em seu *smartphone*. Em seguida, inicie o cadastro por ele ou pelo site do banco. Informe como país de residência aquele onde seu amigo ou familiar mora, para o qual você solicitará que seja enviado seu cartão.

Informe a mesma nacionalidade daquela que se encontra no passaporte que você usará para se identificar. Durante o processo de cadastro, dentro do próprio aplicativo, você terá de conversar por video conferência com um funcionário do banco que te fará algumas perguntas em inglês. Portanto, você precisa saber falar inglês sem a ajuda de outras pessoas.

O funcionário solicitará que você tire algumas fotos de partes específicas do passaporte, assim como pedirá que você coloque algumas partes do passaporte próximo à câmera do *smartphone* para ele verificar os itens de segurança do mesmo. Esse processo leva alguns minutos e a única dificuldade é posicionar o passaporte de forma adequada diante da câmera.

Concluída essa etapa, você deverá informar seu número de telefone celular para que o banco envie um código de segurança por SMS. O número do celular pode ser do Brasil, ainda que o endereço informado para receber o cartão seja na Europa.

Quando o cadastro é finalizado, você recebe um aviso de que seu cartão está sendo produzido e logo será enviado para o endereço informado. Em nosso caso, ele levou duas semanas para chegar à casa de nossos amigos na Europa.

O [N26](#) funciona como um cartão pré-pago. Você coloca dinheiro na conta, usando o [TransferWise](#), por exemplo, e usa seu cartão Mastercard em qualquer lugar do mundo, sempre debitando do valor que estiver na conta. Para cada compra, você recebe uma notificação imediata em seu *smartphone*, assim como acontece no caso do [Nubank](#), no Brasil.

Existem outras plataformas que operam de modo semelhante ao [TransferWise](#), como é o caso do [Xoom](#), que cobra uma tarifa fixa de US\$ 4,99 para transferências de até US\$ 2.999. Parece bom demais para ser verdade, não é? De fato, tem uma pegadinha.

O [TransferWise](#) utiliza a cotação oficial das moedas. Ele não aplica nenhum *spread* cambial. A receita vem apenas da cobrança da taxa, cujo valor é apresentado com clareza. Se for uma transferência a partir do Brasil, esse valor é de 2,5% e ponto final. Não há outros custos escondidos. O processo é transparente.

Com o [Xoom](#), a história é outra. O foco é ganhar com o *spread cambial* utilizando uma taxa de conversão que pode girar em torno de 2% acima da taxa de câmbio oficial. Dependendo do valor da transferência, o custo final fica semelhante ao do [TransferWise](#) ou até maior. De qualquer forma, é útil saber que você pode enviar dinheiro para o exterior com menos despesas cambiais se utilizar o [TransferWise](#) ou o [Xoom](#). Faça uma simulação nos dois utilizando o valor exato que você deseja enviar e veja qual é mais vantajoso. Avalie também o tempo que leva para o dinheiro chegar a seu destino.

O [TransferWise](#) é um instrumento fantástico para quem vive no exterior. No entanto, tem algumas limitações. Você só poderá transferir [até R\\$ 9 mil por mês](#) por CPF. Além disso, caso queira transferir mais de R\$ 25 mil por ano, será necessário enviar [alguns documentos adicionais](#). O valor de R\$ 9 mil por mês pode parecer baixo para algumas pessoas e alto para outras. Se parecer baixo para você, lembre-se que eu e Pati estamos vivendo como

nômades digitais há sete anos e raramente gastamos mais de R\$ 6 mil por mês (total para o casal). Se você estiver viajando com um cônjuge, cada um de vocês poderá enviar até R\$ 9 mil por mês, portanto, juntos, vocês poderão enviar até R\$ 18 mil por mês. É um valor bastante razoável.

Capítulo 19

Dinheiro digital

Quando morávamos no Brasil, eu tinha uma biblioteca com algumas centenas de livros. Sempre gostei de ler. Quase tudo que alcancei na vida foi fruto de leitura e execução das ideias que encontrei nos livros. Quando decidimos sair do Brasil, precisei desapegar dos livros que foram meus amigos e mentores por tanto tempo. Não teria como carregá-los na bagagem. Confesso que o apego me fez levar alguns. Porém, mesmo esses, foram ficando para trás ao longo do caminho. Para meu consolo, sabia que podia montar uma nova biblioteca e não teria problemas para carregá-la pelo mundo.

A solução foi trocar os livros físicos por digitais. São inúmeras as vantagens. Eles não pesam uma única grama, posso carregar em meu *smartphone* um número de livros maior do que jamais conseguiria ler ao longo de minha existência e o acesso a eles é instantâneo.

No passado, quando encomendava um livro físico, ele levava dias para chegar. Se vinha do exterior, a espera saltava para algumas semanas. E ainda havia o risco de ficar retido na alfândega. O digital, por outro lado, chega imediatamente. Não importa de onde vem. Pode vir do outro lado do mundo, ou do outro quarteirão. Ele chega rápido, não pesa nada e não corre o risco de ser confiscado no caminho.

Essa é a beleza do mundo digital. Tudo que é físico dá mais trabalho. Transforme em digital e você ganhará agilidade, leveza e a habilidade de atravessar fronteiras sem dificuldades.

Se houvesse um raio digitalizador, que pudesse transformar qualquer artigo físico em digital, o que você escolheria digitalizar? No meu caso, seria feijoada. Vivo sonhando com uma. Não seria má ideia poder recebê-la pelo WhatsApp. Infelizmente, por enquanto, é apenas um sonho. Porém, existem outros itens, quase tão preciosos quanto feijoada, que já foram atingidos pelo raio digitalizador.

Dinheiro em espécie é um deles. Sim, existe dinheiro digital e ele pode aliviar seus problemas com câmbio, além de resolver outros males que afligem a humanidade.

Suponha que eu queira levar o equivalente a US\$ 50 mil para o exterior, para usar ao longo de alguns anos de viagem. Tenho um amigo que acaba de retornar de uma longa temporada nos EUA e precisa converter exatamente US\$ 50 mil para reais. A gente faz a troca um com o outro, da maneira mais vantajosa para ambos, usando a cotação oficial. Assim, ninguém perde dinheiro com *spread* cambial, nem com tarifas, nem com imposto. Essa seria a forma mais econômica de obter moeda estrangeira e transportá-la comigo. No entanto, haveria alguns problemas.

Seria complicado levar US\$ 50 mil dólares pelo mundo. Eles ocupariam um certo volume. Não seria tão pesado quanto uma biblioteca de livros, mas seria difícil colocar tudo no bolso ou na cueca, como preferem alguns políticos. Os quais, preferem que dinheiro em espécie seja usado apenas por eles. Quando estão no governo e criam políticas, fazem de tudo para restringir a circulação de dinheiro em espécie. Não permitem, por exemplo, que você atravesse fronteiras com grandes quantidades de seu próprio dinheiro. Toda alfândega impõe restrições sobre a quantidade de dinheiro que você pode carregar. Independente disso, andar por aí com muito dinheiro seria arriscado. Alguém poderia roubá-lo.

Nenhum desses problemas existiria se fosse possível transformar seus US\$ 50 mil em dinheiro digital. Não confunda. Dinheiro digital não é o mesmo que dinheiro no banco. Quando você faz um pagamento usando algum tipo de cartão, a operação é eletrônica, ela ocorre em um meio digital, entretanto, cartões não têm as mesmas características de dinheiro em espécie.

Dinheiro digital, do tipo que estou tratando aqui, possui praticamente as mesmas características de uma cédula de papel de dinheiro físico. Quando você usa dinheiro em espécie para pagar por um cacho de bananas, a transação é feita sem o envolvimento de um banco (ao contrário do uso de cartões). O governo, por sua vez, só pode cobrar imposto se você ou o feirante decidirem informá-lo sobre a transação. Quando o pagamento é feito em dinheiro, o governo não tem como saber que a transação ocorreu e nem quem foram os envolvidos.

O uso do dinheiro em espécie confere privacidade aos envolvidos. A transação é ao portador. Quando você usa um cartão, por outro lado, a

transação passa por um banco. Tudo fica registrado. Sabe-se quem são os envolvidos e é fácil cobrar impostos deles. Governos odeiam dinheiro em espécie porque ele confere privacidade. Eles preferem que todas as transações sejam eletrônicas, feitas através de instituições bancárias, de modo que todos possam ser identificados.

Receber em dinheiro também é mais seguro para o feirante. Quando ele recebe um pagamento por cartão, o banco não deposita o dinheiro em sua conta imediatamente. Além de cobrar uma taxa, o banco também pode "segurar" o pagamento por uma infinidade de razões. E, o que é pior, pode fazê-lo depois que o cliente já foi embora levando as preciosas bananas.

Com dinheiro, não existe esse problema. Quando as notinhas saem da mão do cliente e passam para a mão do feirante, a operação é irreversível. Elas só voltam para a mão do cliente se o feirante quiser. Não existe o risco de o freguês levar as bananas e o feirante não receber por elas.

Dinheiro digital funciona da mesma forma. Ele tem um valor bem definido, existe um nível aceitável de privacidade nas transações, seu uso não envolve bancos, o governo não tem como se meter nas transações e tampouco tem como confiscar o dinheiro de alguém. Além disso, as operações são irreversíveis. Tudo o que foi descrito para a compra das bananas usando dinheiro em espécie se aplica de forma idêntica quando você usa dinheiro digital.

Parece bom demais para ser verdade, porém já é uma realidade. Só não é tão conhecido ainda porque se baseia em uma tecnologia relativamente nova. Assim mesmo, dinheiro digital é o futuro. É o que todo mundo vai usar dentro de algumas décadas. Felizmente, não é preciso esperar. Já é possível usá-lo no presente para solucionar diversos problemas.

Moedas digitais existem em várias formas. As mais conhecidas e utilizadas são as chamadas [cryptocurrencies](#) ou criptomoedas. Eles usam criptografia para criar novas unidades da moeda e garantir a segurança das transações. Assim como existem inúmeras moedas físicas (dólar, euro, real, rublo), também existem diversas [cryptocurrencies](#). A mais conhecida delas, assim como uma das primeiras, é o [bitcoin](#), lançado em 2009. Se bem usado, ele pode diminuir seus custos com câmbio e trazer outros benefícios.

Bitcoin

Voltando ao exemplo das bananas, suponha que o feirante aceite o pagamento em bitcoins. O dinheiro físico você carrega no bolso, em sua carteira. O bitcoin você também leva no bolso, porém em uma carteira virtual. Ela é um aplicativo, dentro de seu *smartphone*. Na hora de pagar, o feirante te informa o valor das bananas em bitcoins. Você coloca a mão no bolso e pega o celular. O feirante faz o mesmo. Ele acessa a carteira virtual dele e digita o valor que deseja receber de você. O aplicativo, que é a carteira virtual dele, gera a imagem de um código ([QR code](#)). Por sua vez, você pega seu celular, acessa sua carteira virtual e escaneia a imagem do código que está no celular do feirante. Ao fazer isso, sua carteira mostra o endereço do feirante e o valor a ser pago. Tudo o que te resta é confirmar o envio de seus bitcoins.

Cada pessoa que usa bitcoins tem um endereço público, como se fosse um endereço de email. Quando você faz uma transferência de bitcoin para outra pessoa ou um pagamento, você indica o endereço para onde irá mandá-los. E você só consegue fazer o envio porque possui uma chave privada, que protege seus bitcoins.

Voltando ao exemplo, o feirante recebe seus bitcoins quase instantaneamente. A transação ocorre em poucos segundos. Pronto, as bananas estão pagas.

A transação é feita através da internet e envolve apenas vocês dois. Ela é [ponto-a-ponto](#), portanto não passa por nenhum servidor central. Não existe um banco intermediando essa troca entre vocês. Não existe a cobrança de tarifas elevadas. Você paga uma tarifa quando transfere bitcoin para outra pessoa, mas seu valor é pequeno. Ele é fixo e não aumenta de acordo com o montante que está sendo transferido.

Por baixo dos panos, o bitcoin utiliza um banco de dados distribuído conhecido como [blockchain](#). É uma espécie de livro contábil onde ficam registradas todas as transações feitas com bitcoin. É um livro público que pode ser lido a qualquer momento por qualquer pessoa sem necessidade de nenhuma autorização especial. Como você pode imaginar, é um livro bem grande. Ele não fica armazenado em um único computador. Existem cópias dele em milhares de computadores. E elas são atualizadas a todo momento.

A rede bitcoin utiliza um conjunto de mecanismos complexos que envolvem uso intensivo de criptografia para manter a segurança do [blockchain](#) e assegurar que as transações são válidas. Inserir transações

inválidas ou fraudulentas é difícil ou quase impossível devido à forma como o bitcoin utiliza criptografia.

Por outro lado, assim como no caso do dinheiro em espécie, também existe a possibilidade de roubo de bitcoins. Da mesma maneira que um ladrão pode roubar sua carteira física, ele também pode roubar sua carteira virtual se você não tomar cuidados como os que apresentei na parte de segurança digital. Neste caso, o ladrão terá acesso aos bitcoins que estiverem em sua carteira virtual. Portanto, você precisa protegê-la com o mesmo cuidado que protegeria sua carteira física.

O bitcoin é a primeira moeda digital descentralizada. Foi criado em 2009 por um suposto desenvolvedor anônimo que utilizava o pseudônimo [Satoshi Nakamoto](#). Ninguém sabe ao certo se foi obra de uma única pessoa ou de várias utilizando esse pseudônimo. Independente disso, o bitcoin é um software de código aberto. Muitos desenvolvedores começaram a aprimorá-lo desde a sua criação e continuam a fazê-lo até os dias de hoje.

Outros desenvolvedores preferiram criar moedas semelhantes, tais como [Ethereum](#), [Litecoin](#), [Dash](#), [Ripple](#), entre outras. Veja a [lista de criptocurrencies](#). Bitcoin é a moeda digital mais utilizada e uma das mais interessantes para quem é nômade digital. [Ethereum](#) também é uma excelente opção.

Bitcoins têm valor no mundo real e podem ser convertidos facilmente para outras moedas. No momento em que escrevo, um bitcoin corresponde a aproximadamente mil dólares (esse valor subiu para mais de US\$ 16 mil no fechamento da primeira edição do livro). Entretanto, as transações usam frações de bitcoins. Cada unidade de bitcoin pode ser dividida em até oito casas decimais. A menor unidade é chamada de satoshi, em homenagem ao criador do bitcoin, e equivale a 0,00000001 bitcoins.

Talvez você esteja se perguntando como bitcoins são criados e como é possível que um bitcoin tenha um valor tão elevado se não existe nenhum tipo de lastro como ouro ou prata. Explicar os detalhes técnicos de funcionamento do bitcoin e suas bases econômicas fogem do escopo desse livro, mas você pode aprender tudo no [FAQ do bitcoin](#).

Como engenheiro de software, compreendo o funcionamento das engrenagens do bitcoin e posso garantir que trata-se de uma tecnologia sólida. Ele consegue trazer para o mundo digital praticamente todas as propriedades do dinheiro físico. É uma tecnologia que revolucionará a humanidade de forma semelhante ao que ocorreu com a internet.

Você pode utilizar o bitcoin para comprar moeda estrangeira, pagar por mercadorias e serviços, receber pagamentos por seus serviços, assim como investir parte de suas economias. Apesar da imensa valorização que já teve, alguns acreditam que as criptomoedas estão em um momento semelhante ao início da internet, na década de 90. Também acredito nisso. As razões você encontra [neste artigo](#) (em inglês). Ele defende a ideia de que as criptomoedas terão um crescimento explosivo nos próximos anos, assim como a internet teve da década de 90 para cá.

Como usar bitcoin para comprar moeda estrangeira

Por enquanto, bitcoin não é aceito como meio de pagamento pela maior parte das pessoas e empresas com as quais você interage. Isso mudará nos próximos anos. Por enquanto, é possível usá-lo para comprar moeda estrangeira com menos despesas, embora você deva verificar a legislação para assegurar-se de que a está respeitando.

Como você já sabe, usar qualquer tipo de cartão no exterior gera uma despesa com câmbio que totaliza aproximadamente 10%. Ela inclui IOF, *spread* cambial e tarifas bancárias. É possível reduzi-la com a ajuda do bitcoin.

Uma forma de fazer isso é utilizando um cartão de crédito pré-pago que possa ser carregado com bitcoins, como é o caso dos cartões do [Advcash](#). Suponha que você esteja indo passar alguns meses na Europa e você vá circular por diversos países que usam o euro. O [Advcash](#) oferece dois tipos de cartões pré-pagos. Um que pode ser carregado com dólares e outro com euros. Digamos que você tenha adquirido o cartão para euros.

Você pode comprar bitcoins no Brasil com pessoas que queiram vendê-los diretamente ou através de [bitcoin exchanges](#), tais como [Foxbit](#), [MercadoBitcoin](#) ou [Bitcointoyou](#), por exemplo. Elas funcionam como se fossem casas de câmbio que trocam reais, dólares, euros e outras moedas para bitcoins e vice-versa. Assim que tiver comprado bitcoins, você pode transferi-los para o [Advcash](#). Essa transação leva apenas alguns minutos.

Quando os bitcoins são recebidos em sua conta do [Advcash](#), você pode carregá-los em seu cartão pré-pago. O [Advcash](#) fará a conversão dos bitcoins para euros e você poderá gastá-los em qualquer lugar da Europa ou do mundo onde cartões Mastercard sejam aceitos. Na prática, essa operação

equivale a trocar reais por euros. A rede bitcoin é usada apenas como um meio através do qual o dinheiro é transferido.

Para entender isso, podemos recorrer a uma analogia. Se você está em Londres e precisa falar com um amigo em São Paulo, você pode usar um telefone e fazer uma ligação internacional. É a maneira mais direta de conectar vocês dois, porém também a mais cara. A alternativa é usar a internet com a ajuda de ferramentas como Skype e WhatsApp. Nesse caso, o caminho não é tão direto assim. Sua conversa passa por inúmeros servidores espalhados pela rede, mas sai de graça.

Quando você vai a uma casa de câmbio e troca seus reais por euros ou quando usa seu cartão brasileiro no exterior, é como se estivesse fazendo uma ligação telefônica internacional. É simples e fácil, porém caro. Por outro lado, quando você usa bitcoin para comprar moeda estrangeira, a rede bitcoin funciona como a internet que viabiliza as ligações gratuitas do Skype e do WhatsApp. Sendo que, nesse caso, em vez de transportar sua conversa gratuitamente, a rede bitcoin "transportará" seu dinheiro quase sem custo algum.

Todo mundo sabe usar um telefone. Skype e WhatsApp são um pouco mais complicados. Assim mesmo, tornaram-se tão populares quanto o telefone. As pessoas se esforçam para aprender essas tecnologias porque elas trazem enormes economias. Casa de câmbio é fácil de usar, no entanto cada vez mais pessoas aprenderão a usar bitcoins devido à economia que ele pode trazer.

Não existe pagamento de IOF quando você compra bitcoin (ao menos até o momento da publicação desse livro). Portanto, usando o bitcoin como meio de transferência de valores, você consegue carregar euros em um cartão pré-pago sem ter de gastar 6,38% de IOF nem pagar uma tarifa elevada para seu banco brasileiro. Você terá apenas a despesa com *spread* cambial.

A [bitcoin exchange](#) que você utiliza no Brasil pode cobrar um *spread* cambial, como qualquer outra casa de câmbio. O valor exato varia de acordo com a [exchange](#) que você adota. Algumas, como a [Foxbit](#), oferecem a funcionalidade de Livro de Ofertas, onde usuários indicam quanto estão dispostos a pagar para comprar bitcoins e outros o quanto desejam receber para vendê-los. Funciona de forma semelhante à compra e venda de ações na bolsa de valores. O uso dessa ferramenta pode reduzir ou eliminar o *spread* cambial, dependendo da oferta e demanda de bitcoins no momento

em que você os comprar. O [Advcash](#), por sua vez, não cobra nenhuma tarifa para receber seus bitcoins, porém cobra um *spread* cambial quando você transforma seus bitcoins em euros.

Se a soma do *spread* cambial cobrado pela [bitcoin exchange](#) brasileira e o [Advcash](#) for menor que 10%, como tende a ser o caso, faz sentido usar bitcoin para carregar o cartão pré-pago do [Advcash](#). E você pode economizar ainda mais se conseguir comprar bitcoins diretamente, sem o intermédio de uma [bitcoin exchange](#).

Quando bem usada, a combinação de bitcoin com [Advcash](#) é uma forma econômica de converter reais em dólares ou euros. Eles podem ser usados em qualquer lugar do mundo através dos cartões Mastercard do Advcash. Para isso funcionar, seu dinheiro não precisa ser transformado em bitcoins por muito tempo. Ele pode ficar assim apenas por alguns minutos. Tempo suficiente para você fazer o envio para o [Advcash](#).

Por outro lado, se quiser explorar a variação da cotação do bitcoin, você pode comprar bitcoins e mantê-los por alguns dias ou semanas, na esperança de que se valorizem com o passar do tempo. Se isso acontecer, você conseguirá convertê-los em uma quantidade maior de moeda estrangeira.

O problema dessa estratégia é que não há garantias de que o valor do bitcoin subirá, embora ele venha subindo de maneira vertiginosa ao longo do tempo. Em 2017, por exemplo, um bitcoin valia mil dólares no primeiro dia do ano. Esse valor saltou para mais de US\$ 14 mil no início de dezembro, quando este livro foi publicado. Portanto teve uma valorização de 1.300% em apenas onze meses.

Um exemplo do efeito que isso pode ter na compra de moeda estrangeira me foi relatado por um dos nômades que entrevistei para o livro. Ele contou que comprou bitcoin em março de 2017 pagando um valor médio de R\$ 3.750 por bitcoin. Dois meses depois, em maio, ele transferiu seus bitcoins para o [Advcash](#) e os converteu em euros. A essa altura, o valor do bitcoin já havia saltado para R\$ 6.576, uma valorização de 75% em apenas dois meses.

Em março, se ele não tivesse comprado bitcoins e tivesse comprado euros diretamente usando a cotação oficial (sem considerar IOF, *spread* cambial e tarifas bancárias), ele conseguiria comprar 1.116 euros pela cotação da época (1 euro = R\$ 3,36). Ao optar pelo uso dos bitcoins e aguardar apenas dois meses, ele conseguiu obter uma quantidade maior de

euros. Quando transferiu os bitcoins para o [Advcash](#), ele obteve um total de 1.754 euros.

Além de eliminar qualquer custo com o processo de câmbio, ele conseguiu obter 638 euros a mais do que teria conseguido em março. É um valor substancial. Suficiente para pagar por um mês de acomodação em um ótimo apartamento em diversos lugares da Europa. No fim das contas, em vez de comprar cada euro por R\$ 3,36, como teria sido o caso em março, ele pagou apenas R\$ 2,36.

Ele fez um ótimo negócio. Assim mesmo, ficou arrasado nos meses seguintes por ter vendido os bitcoins tão cedo. Se tivesse aguardado até o início de dezembro, por exemplo, seu investimento inicial de R\$ 3.750 por bitcoin teria saltado para um valor acima de R\$ 50 mil. Isso mostra o potencial dessa nova moeda e a oportunidade que ela reserva para aqueles que se interessem em estudá-la e utilizá-la.

Agora que você já sabe o que é possível fazer com essa estratégia, vejamos os passos que você teria de seguir em um exemplo concreto. Imagine que você tivesse R\$ 1.000 e quisesse transformá-los em euros a serem depositados em seu cartão [Advcash](#). Esses são os passos que você seguiria.

1. Faça login em sua conta da [Foxbit](#).
2. Selecione a opção de depósito. Você pode fazer uma transferência bancária de qualquer banco.
3. Entre em seu *internet banking* e faça a transferência para a conta informada pela [Foxbit](#). Em seguida, envie o comprovante para a [Foxbit](#), conforme indicado nas instruções. A [Foxbit](#) reconhece sua transferência bancária pouco tempo depois. Quando estiver confirmada, você verá os R\$ 1.000 no saldo de sua conta da [Foxbit](#).
4. Selecione a funcionalidade Livro de Ofertas. Informe que você deseja comprar R\$ 1.000 em bitcoins e indique o valor que está disposto a pagar por cada bitcoin. Sua ordem de compra entra no sistema e fica lá até que apareça alguém disposto a vender bitcoins pelo valor que você deseja comprar. Assim que isso ocorre, seus R\$ 1.000 são transferidos para essa pessoa e você recebe os bitcoins correspondentes. Para realizar essa operação, a [Foxbit](#) cobra uma comissão minúscula, de

- aproximadamente 0,25%. Portanto, nesse exemplo, você pagaria R\$ 2,50 de comissão.
5. Agora que você já tem bitcoins, é hora de transferi-los para o [Advcash](#). Faça login em sua conta do [Advcash](#) e selecione a opção de depositar fundos. Inicialmente, informe o valor de 1 euro e escolha a opção de depósito via bitcoin.
 6. O [Advcash](#) informa a quantidade de bitcoins necessárias para comprar 1 euro. Esse valor embute um *spread* cambial que varia de 2% a 3%. É o custo de usar o [Advcash](#). Para saber quantos euros poderá comprar, divida a quantidade de bitcoins que possui na [Foxbit](#), pela quantidade de bitcoins necessária para comprar 1 euro no [Advcash](#). Suponha que você consiga comprar 300 euros com a quantidade de bitcoins que possui. Ainda no [Advcash](#), retorne para a tela de depósito de fundos. Agora, em vez de 1 euro, insira 300 euros. O [Advcash](#) informa a quantidade exata de bitcoins que você deve transferir.
 7. Confirme que fará o depósito e o [Advcash](#) apresentará um endereço bitcoin para o qual você deverá transferir seus bitcoins. Copie esse endereço.
 8. De volta à [Foxbit](#), selecione a opção de sacar bitcoins. Informe a quantidade de bitcoins solicitada pelo [Advcash](#) e cole o endereço bitcoin que lhe foi fornecido.
 9. Confirme a operação e seus bitcoins serão transferidos quase instantaneamente. A [Foxbit](#) cobra uma taxa fixa de 0,0005 bitcoins para fazer a transferência, o que equivale a aproximadamente R\$ 1,50 no momento em que escrevo.
 10. De volta ao [Advcash](#), confirme que a transferência foi feita. Ela será marcada como pendente. O [Advcash](#) mostra que recebeu seus bitcoins depois que a rede bitcoin emite 6 confirmações, o que costuma ocorrer em até uma hora. Entenda o [significado das confirmações na rede bitcoin](#).
 11. Confirmada a transferência, você pode usar seus euros para carregar seu cartão pré-pago (ao custo de 1 euro por carga) ou pode apenas deixá-los em sua conta do [Advcash](#). Nesse caso, é como se os tivesse depositado em uma conta corrente de um banco estrangeiro para usar em um momento futuro.

Esse processo não é tão simples quanto ir a uma casa de câmbio, porém é mais barato. Ao longo de um ano de viagem, a economia com câmbio compensa o caminho mais trabalhoso.

Na prática, o que dá mais trabalho é o início. Você precisa fazer um cadastro na [Foxbit](#) e no [Advcash](#). Isso envolve preencher alguns formulários e enviar alguns documentos de identificação em formato digital. Além disso, no caso do [Advcash](#), você precisa adquirir os cartões pré-pagos e aguardar a chegada deles em "seu endereço". Até outubro de 2017, você podia receber estes cartões em um endereço no Brasil. No entanto, problemas com a fornecedora de cartões de crédito que o [Advcash](#) usava forçaram a suspensão desse serviço para quem reside em países fora da Europa.

No momento da publicação deste livro, o [Advcash](#) estava em processo de integração com outra fornecedora de cartões, na esperança de poder voltar a oferecê-los para clientes do mundo inteiro. Quando você estiver lendo, é possível que isso já esteja equacionado. Verifique diretamente com o [Advcash](#).

A conta do [Advcash](#) pode receber recursos com o uso de bitcoins, contudo os cartões são carregados especificamente com dólares ou euros. A conversão para dólar ou euro ocorre no momento em que você faz a transferência dos bitcoins. Seu saldo, a partir de então, fica armazenado em uma dessas duas moedas, o que te isola de variações na cotação do bitcoin.

Existem outros cartões que guardam bitcoins diretamente, como o [Xapo](#). Nesse caso, a conversão de bitcoin para uma moeda tradicional (como dólar ou euro) só ocorre no momento de uma compra ou um saque. E você fica exposto às variações na cotação do bitcoin. Isso não é necessariamente ruim. Se o bitcoin se valorizar ao longo do tempo, você sai ganhando.

Existem muitos outros cartões pré-pagos que você pode carregar com a ajuda de bitcoins, tais como [SpectroCoin](#), [Cryptopay](#), [Bitwala](#), [ANXPRO](#), [CoinsBank](#), [WageCan](#), [Wirex](#), [Uquid](#), [Bitnovo](#), [SatoshiTango](#), entre outros. Citei o caso do [Advcash](#) especificamente por oferecer uma boa relação custo/benefício e porque tenho experiência com ele.

Se você tiver uma conta corrente em outro país, você também pode usar bitcoin para carregá-la. Nesse caso, em vez de usar o [Advcash](#), você usaria uma bitcoin *exchange* no país onde tem sua conta corrente estrangeira. Você pode buscar por uma *exchange* no Google ou no site [Buy Bitcoin Worldwide](#).

Imagine que você tenha uma conta corrente nos EUA, por exemplo. Você pode se cadastrar em uma bitcoin *exchange* de lá, como a [Coinbase](#), por exemplo, e informar os dados de sua conta corrente americana. Feito isso, você pode comprar bitcoins no Brasil usando a [Foxbit](#) e transferi-los para a Coinbase, onde serão convertidos em dólares e depositados em sua conta corrente americana. Essa estratégia pode ser vantajosa se o custo total for inferior ao de soluções que não envolvem bitcoin, tais como o [Transferwise](#) e o [Xoom](#).

Por sua vez, para comprar bitcoins no Brasil, além de usar uma bitcoin exchange, você também pode optar por um sistema como o [LocalBitcoins](#). Ele te ajuda a encontrar pessoas dispostas a vender e comprar bitcoins.

Antes de utilizar bitcoin das formas que foram mencionadas aqui, estude a legislação em vigor. Ela muda com frequência, especialmente em um caso como esse, que envolve tecnologias novas. Quando você estiver lendo o livro, é possível que existam restrições legais para a realização dessas operações, ainda que elas funcionem perfeitamente do ponto de vista técnico. Informe-se para não ter problemas.

Como usar bitcoin para pagar por mercadorias e serviços

Usar um cartão pré-pago é apenas uma das maneiras de usar bitcoins para pagar por produtos e serviços, quando o estabelecimento não aceita bitcoins diretamente. No Brasil, você também pode pagar boletos ou recarregar celulares pré-pagos usando o serviço [Pague com Bitcoin](#).

Para saber onde você pode usar bitcoins para fazer pagamentos em outras partes do mundo, você pode usar o site [Usebitcoins.info](#), dentro do qual você pode ver um [mapa com locais que aceitam bitcoins](#) no mundo inteiro.

Você também pode usar bitcoins para comprar *gift card* (vale presente). Basta usar sites como o [Gyft](#) e o [eGifter](#). Os *gift cards*, por sua vez, podem ser usados para pagar por compras em locais tais como [Amazon](#), [Sephora](#), [Victoria's Secret](#), [Hotels.com](#), [Southwest](#), [Starbucks](#), [Target](#), [Uber](#), [Wholefoods](#), [AmericanAirlines](#), [Burger King](#), [Chipotle](#), [Domino's](#), [The Cheesecake Factory](#), entre outros.

Como receber pagamentos em bitcoins

Se você trabalha remotamente para uma empresa nos EUA ou na Europa, por exemplo, você pode usar bitcoins para receber seus pagamentos. É uma forma de evitar os custos com transferências bancárias internacionais.

A forma mais básica de fazer isso é solicitar que a empresa que te emprega converta seu salário em bitcoins e os transfira para sua carteira de bitcoins. A empresa abre uma conta em uma bitcoin exchange, transfere o dinheiro para lá e, em seguida, transfere os bitcoins para sua carteira virtual.

Embora isso possa funcionar, tal solução não é prática para a maioria das empresas. Muitas nunca ouviram falar de bitcoins. É provável que não aceitem alterar seus processos internos para resolver seu problema particular. Empresas estão habituadas a fazer pagamentos através de transferências bancárias, então o ideal é que elas possam usar esse método com você. Felizmente, isso é possível.

A empresa pode fazer uma transferência bancária nacional e você pode receber seu dinheiro em bitcoins ou em sua conta corrente brasileira com a ajuda da rede bitcoin. Isso é possível através de um serviço chamado [Bitwage](#). Ele fornece uma conta corrente local, nos EUA ou na Europa, para que seu empregador deposite seu salário. Daí você escolhe se deseja receber o valor em sua conta corrente brasileira ou transferir a quantidade correspondente de bitcoins para sua carteira virtual ou para um cartão pré-pago.

Usando o [Bitwage](#), a empresa não precisa mudar os procedimentos que está acostumada a usar. Por sua vez, você recebe o pagamento com maior agilidade e paga uma tarifa menor que a de uma transferência bancária internacional.

Se você tem um negócio online, em vez de um emprego, você também pode receber pagamentos em bitcoins. A forma mais simples é usar o [Bitpay](#). Ele oferece inúmeras formas de integração com seu site. Usando o [Bitpay](#), seus clientes podem pagar com facilidade pelos produtos e serviços que você fornece.

Bitcoin como forma de investimento

Investir parte das economias em bitcoin é uma estratégia que vem sendo adotada por algumas pessoas. Não é difícil entender a razão. Durante o ano de 2015, o bitcoin teve uma valorização de 37%. Já em 2016, esse número

saltou para 132%. Portanto, quem investiu em bitcoin em 2016 viu seu dinheiro mais que dobrar. Em 2017, o bitcoin valorizou-se em 1.300%. Um desempenho para lá de extraordinário.

Entretanto, é preciso ter cautela. Bitcoin é uma tecnologia nova que ainda está em fase experimental. Existe muita volatilidade, especialmente porque ainda há pouca liquidez. Um indivíduo que seja dono de muitos bitcoins pode gerar grandes flutuações no mercado bitcoin com esforço relativamente pequeno.

Bitcoin pode gerar grandes retornos, porém é um investimento de risco. Você só deve investir neles uma quantia que possa perder sem problemas.

Desvantagens de usar bitcoin

Bitcoin é uma ferramenta que pode te ajudar a reduzir despesas e a ganhar dinheiro, porém tem seus problemas. Por enquanto, sua aceitação é baixa. Muita gente acredita que bitcoin e outras *cryptocurrencies* serão as moedas do futuro. Se elas forem amplamente adotadas, haverá mudanças positivas na economia e espaço para grandes inovações. No entanto, é impossível saber se uma adoção ampla ocorrerá e quando.

Existem obstáculos sérios pelo caminho. É provável que os governos comecem a reprimir o uso do bitcoin nos próximos anos. Muitos já o fazem, proibindo completamente sua utilização. Isso deve se agravar com o passar do tempo. Eles alegarão que bitcoins podem ser usados para financiar operações terroristas, tráfico de drogas, tráfico de armas e outras ações criminosas, além do risco de lavagem de dinheiro. Como se dinheiro em espécie e bancos já não fossem amplamente usados para esses propósitos. Os governos que ainda não reprimem o uso do bitcoin provavelmente o farão quando compreenderem as implicações desse tipo de tecnologia.

Assim como a internet, a adoção de *cryptocurrencies* é irreversível. Elas avançarão, porém esbarrarão em dificuldades. Se você investir nelas, você pode passar por altos e baixos.

Como já foi mencionado, existe muita volatilidade no valor do bitcoin. Ele pode subir ou cair muito em curtos espaços de tempo. Já houve momentos de quedas drásticas, assim como outros de grandes subidas. Por essa razão, é preciso usá-lo com cautela.

Como ainda é novo, existem funcionalidades incompletas ou em fase de desenvolvimento. As empresas que trabalham com bitcoin, incluindo as

bitcoin *exchanges*, ainda são relativamente novas. Muitas são legítimas e tentam oferecer um bom serviço, mas ainda operam em fase experimental. De fato, tudo que gira em torno do bitcoin ainda está em fase experimental.

A segurança é uma questão séria. Para usar bitcoins, é preciso estudar como a tecnologia funciona e entender que procedimentos devem ser tomados para garantir a segurança de seus bitcoins. Essa não é uma tarefa trivial. É algo que demanda muito estudo.

A rede bitcoin é segura. Ela se baseia em princípios matemáticos sólidos. Até onde se sabe, nunca houve nenhuma brecha de segurança nela. Entretanto, se você não tiver cuidado, seus bitcoins podem ser roubados, da mesma forma que alguém pode roubar sua carteira com dinheiro em espécie. Bitcoin *exchanges* também podem ser roubadas.

Quando isso ocorre, os bitcoins de seus usuários são levados e não é possível recuperá-los. Isso já aconteceu diversas vezes no passado. O caso mais sério foi o da [Mt. Gox](#), em 2014, que resultou na perda de quase um milhão de bitcoins, ou o equivalente a 14 bilhões de dólares, no momento em que escrevo. Esse evento abalou a confiança no bitcoin e levou a uma expressiva queda na cotação da moeda na época.

Se você quiser utilizar bitcoin, estude o assunto com afinco. Da forma como existe hoje, bitcoin não é uma tecnologia para leigos. Você precisa se aprofundar e entender o que está fazendo. Vale a pena fazer esse exercício. Você pode colher ótimos frutos. Só não invista seu dinheiro suado sem entender no que está se metendo.

Um bom lugar para começar seus estudos é o site [Bitcoin.org](#). Você também pode acompanhar os muitos canais do YouTube que abordam o tema. Um bom ponto de partida é o [canal de Fernando Ulrich](#). Você também pode assistir a [essa série de vídeos](#) que explica o funcionamento de outra moeda virtual, chamada [Dash](#). Ela é semelhante ao bitcoin e os vídeos são fáceis de entender. Se quiser compreender o funcionamento do [blockchain](#), que é a base do bitcoin, assista [esse vídeo](#). Finalmente, leia todo o [FAQ do Bitcoin.org](#). Se restarem dúvidas, você sempre pode recorrer ao [StackExchange](#).

Bitcoin não é apenas uma moeda virtual. O [blockchain](#) é uma tecnologia que possibilita uma infinidade de inovações. Se você é da área de computação, vale à pena estudar e aprofundar-se no [blockchain](#). Como mencionei antes, quando o assunto é *cryptocurrencies*, estamos agora em um momento semelhante ao que a década de 90 foi para a internet. Estamos

apenas no início de uma grande revolução que mudará a forma como lidamos com dinheiro. Existe muito espaço para inovação e inúmeras oportunidades para quem decidir mergulhar a fundo nessa área.

Capítulo 20

Riqueza

Como enriquecer

Existe um restaurante muito frequentado em Minsk, chamado Lido. Funciona como um buffet, semelhante aos estabelecimentos de comida a quilo no Brasil. A parte das panquecas é habitada por uma criatura que sempre chama minha atenção. Ao que tudo indica, está morta, mas esqueceram de avisá-la. Seus movimentos são mecânicos, seus olhos não têm vida, sua expressão é de profunda apatia. Fico triste ao vê-la. É como estar diante de uma prisioneira fazendo um trabalho forçado, com o agravante de saber que ela própria se colocou naquela prisão.

Quando alguém diz que dinheiro não traz felicidade, lembro dela. Tudo o que ela mais queria era não ter de voltar para aquele emprego. Se não precisasse dele para pagar as contas, poderia comprar o item mais valioso que existe: liberdade.

Falta de dinheiro causa uma infinidade de problemas e conflitos. O maior deles é tornar-se escravo e ter de fazer coisas que não suporta para conseguir dinheiro para sobreviver.

Riqueza, por outro lado, quando bem usada, contribui para a felicidade de qualquer pessoa. Ao contrário do que muitos acham, não é preciso ganhar na loteria nem se envolver em alguma atividade criminosa para enriquecer. Tampouco é preciso estar metido em algum tipo de maracutaia.

Qualquer pessoa pode enriquecer. Inclusive, pode fazê-lo com certa rapidez. Para isso, é preciso estudar e dominar um conjunto de habilidades específicas. Fácil não é, porém possível sim.

Ser nômade digital te dá a oportunidade de vivenciar o mundo de forma plena. E tudo fica ainda melhor quando você tem dinheiro suficiente para fazer o que bem entender. O nomadismo também facilita o processo de enriquecimento por algumas razões que mencionarei adiante.

Sempre tive interesse em estudar sobre finanças pessoais, enriquecimento, economia, empreendedorismo e tudo aquilo que pudesse me colocar no caminho da riqueza. Os livros foram meus melhores amigos. Eles me ajudaram a evitar os erros que quase todo mundo comete e contribuíram para eu criar o [Be on the Net](#), o produto que garantiu meu sustento ao longo dos primeiros seis anos de vida nômade, demandando poucas horas de trabalho por dia.

Apesar disso, só recentemente tive contato com o melhor livro sobre enriquecimento que já li. No início de 2015, estávamos em Chiang Mai, na Tailândia, onde tivemos a oportunidade de conhecer pessoalmente o [Marcus Lucas](#), que transformou-se em um querido amigo nômade. Na época, ele nos contou que estava começando a traduzir o livro [The Millionaire Fastlane](#), de [MJ DeMarco](#).

Seguindo sua recomendação, comprei um exemplar do original em inglês e fiz o download para o Kindle. Entretanto, passaram-se quase dois anos até que eu finalmente completasse a leitura de outros livros e chegasse neste. Uma pena. O ideal seria tê-lo lido há mais tempo. É o livro que gostaria de ter lido antes mesmo de entrar na faculdade.

O autor, [MJ DeMarco](#), é um milionário, apesar de suas origens humildes. Esse é um ponto importante. Quando um livro aborda dinheiro e enriquecimento, minha primeira pergunta é se o autor é rico. Uma pessoa que não é rica, que nunca foi capaz de acumular uma fortuna pessoal, não tem autoridade para falar do assunto. Felizmente, no caso desse livro, [MJ DeMarco](#) tem autoridade de sobra.

Ele escreveu o livro baseado em uma metáfora poderosa. Imagine uma avenida, onde exista uma calçada, uma via lenta e uma via expressa. Suponha que essa seja a avenida que leva até a riqueza. Quem chega ao final torna-se milionário.

Tem gente que segue caminhando pela calçada, tem quem vai de carro pela via lenta e os que atingem a riqueza rapidamente pela via expressa. A diferença é a velocidade. Ela é mais importante do que parece à primeira vista.

Ficar rico aos noventa anos é bom, porém aos trinta é melhor. Nessa idade, sua saúde e vitalidade estão no auge. O que significa que você pode utilizar sua riqueza para viver os melhores anos de sua vida da forma mais plena imaginável. Por essa razão, faz sentido tentar enriquecer o mais rápido possível.

Todos nós fazemos uma escolha, mesmo que não seja consciente. Decidimos se iremos pela calçada, pela via lenta ou pela via expressa. A maioria das pessoas escolhe a calçada ou a via lenta, pois não sabe como embarcar na via expressa.

Essa metáfora, embora simples, revela-se poderosa ao longo do livro e nos ajuda a enxergar o que leva a maioria das pessoas a nunca acumular riqueza suficiente para viver como gostaria.

Ao longo de minha vida, tive a oportunidade de colocar em prática a maior parte das lições deste livro. Elas contribuíram para eu alcançar riqueza suficiente para viver como nômade digital, com relativa tranquilidade. Entretanto, não fui tão longe quanto poderia. Intuitivamente, tinha uma boa ideia de quais foram meus erros e omissões. Felizmente, os pontos que ainda precisavam ser corrigidos ficaram claros depois de ler esse livro.

Acho importante falar sobre enriquecimento em um livro sobre nomadismo digital, embora eu não seja um milionário. Avancei muito, mas ainda não cheguei lá. Por essa razão, tudo o que mencionarei daqui por diante sobre enriquecimento, é baseado na obra do milionário [MJ DeMarco](#).

Leia o que vem a seguir e, sobretudo, leia o livro [The Millionaire Fastlane](#). Não se limite apenas aos aspectos do livro que comentarei a seguir.

Antes de embarcarmos nessa jornada sobre riqueza, é importante compreender o que é riqueza. Ser rico não significa apenas ter dinheiro. [MJ DeMarco](#) sugere que riqueza é uma combinação de três elementos: **saúde**, **relacionamentos** e **liberdade**. Você pode ter todo o dinheiro do mundo. Se não tiver saúde, não poderá aproveitá-lo. Se não puder compartilhar sua vida com pessoas queridas, ela será vazia. A felicidade está intimamente ligada à companhia de outras pessoas. Riqueza é ter liberdade para usar seu tempo como bem entender. É ter a liberdade de buscar seus sonhos, viver onde quiser, trabalhar com o que quiser e com as pessoas que quiser, viajar, criar seus filhos como lhe parecer melhor e tomar as rédeas de todos os aspectos de sua vida. Riqueza verdadeira envolve todos esses elementos.

Liberdade é o mais importante deles. Quem tem liberdade para usar o tempo como quiser consegue cuidar melhor da saúde e dos relacionamentos. Liberdade é a base da felicidade. A falta dela é receita garantida para a infelicidade, como exemplificado pela funcionária do restaurante que mencionei no início.

Dinheiro, quando usado apenas para comprar bens, te traz alegria passageira, mas não te torna mais feliz. Por outro lado, quando usado para comprar liberdade, dinheiro traz felicidade.

Essa é a importância de enriquecer. Quanto mais rico, mais livre você é. Rico é quem tem total domínio sobre seu tempo, o bem mais precioso que existe. Quando nascemos, é como se estivéssemos partindo em uma jornada com o tanque cheio. O detalhe é que não existe nenhum posto pelo caminho. O tanque só esvazia, até que chegamos ao fim da vida. Assim é o tempo. A gente só consegue gastar, não consegue repor. Dinheiro pode ser repostado, tempo de vida não. Esse é o bem mais precioso e o que precisa ser protegido com maior cuidado. Para preservá-lo, é fundamental ser livre. Senão, outras pessoas ditam como você deve gastar seu tempo.

Daqui por diante, comento os aspectos mais importantes apresentados por [MJ DeMarco](#) sobre cada uma das vias mencionadas em seu livro, o qual recomendo que leia assim que possível.

A calçada

Na avenida que conduz à riqueza, muita gente prefere seguir caminhando pela calçada. É lá que você encontra Plínio, um camarada gente boa, que tem sempre um sorriso para compartilhar e uma dívida para pagar.

Plínio busca a felicidade, o que, para ele, significa entregar-se aos prazeres da vida. Afinal, ela é curta. A gente não sabe se estará aqui no dia seguinte. É melhor aproveitar o dia de hoje, como se não houvesse amanhã. Essa é sua filosofia.

Plínio tem um emprego que detesta, mas paga bem. O momento mais feliz da semana é a sexta-feira, quando ganha alforria e sai para beber com os amigos. No fim-de-semana, para recuperar as energias e compensar a semana difícil, Plínio vai para restaurantes com os amigos e aproveita para fazer umas comprinhas no shopping. Ele merece ganhar uns mimos depois de passar a semana aturando o chefe chato e o trabalho insuportável.

Ele não tem noção do quanto gasta no mês. Só sabe que o salário, embora alto, nunca é suficiente. Felizmente, pode contar com seus amigos prediletos, os cartões de crédito. Como bons camaradas, estão sempre prontos para satisfazer seus desejos. Quando não são suficientes, o cheque especial faz o serviço.

Seu carro é imponente. Foi financiado em sessenta prestações, um detalhe que não importa. O fato é que consegue impressionar as meninas. Ele prefere gastar rios de dinheiro com o carro a usar o transporte público, que é coisa de pobre.

Não são só as meninas que tenta impressionar. Plínio vive de aparências e faz o que pode para parecer rico. Só usa roupas de marca, compra sapatos caros, ostenta uma coleção de relógios e sempre pede um bom vinho para acompanhar as refeições.

Seu plano de enriquecimento é simples: subir na empresa e fazer o salário crescer. Dentro de alguns anos, espera tornar-se sócio. Basta continuar a sair com as pessoas certas, frequentar os locais certos e se comportar como se fosse rico. Por via das dúvidas, também joga na megasena. Já quase ganhou algumas vezes. Sente que o prêmio está cada vez mais perto.

Plínio se acha esperto, porém é escravo de seu estilo de vida. Compra o que não precisa, com o dinheiro que não tem, para agradar ou impressionar pessoas de quem não gosta. No processo, desperdiça o item mais precioso que existe: tempo.

Dedica cinco dias por semana a um emprego que detesta, onde não aprende nada e não cresce, para que possa ter a liberdade de viver, de verdade, dois dias no fim de semana. Ele troca 5 por 2 e, portanto, consegue obter um retorno de -60% sobre seu investimento de tempo. Deve ser o pior investimento do mundo.

Seus gastos excessivos têm dois custos, um dos quais ele não percebe. Há o custo que aparece na etiqueta do que compra e o custo em tempo, que precisa dedicar ao emprego, para que possa pagar pelo item. Quanto mais consome, mais precisa trabalhar e mais se torna escravo do emprego que detesta.

Plínio não tem um problema de falta de dinheiro. Ele sofre é de falta de responsabilidade financeira. Ele não sabe lidar com dinheiro. Se ganhasse mais, seus problemas só aumentariam. Ele caminha a passos largos para a pobreza. A melhor forma de empobrecer é gastar mais do que se pode, que é justamente o que ele faz.

Ele pode quebrar a qualquer momento. Com a quantidade de dívidas que tem, basta ficar sem o salário de um mês para a banca quebrar. Se for demitido, perderá tudo o que tem mais rápido do que imagina.

Decisões ruins são a maior causa da pobreza. As escolhas que fazemos são um reflexo da nossa mentalidade, da maneira como enxergamos o mundo. Nossa percepção nos leva às decisões, as quais nos levam às ações. Quando nossa percepção de mundo é equivocada, especialmente em se tratando de dinheiro, a gente mete os pés pelas mãos e faz tudo errado.

A maioria das pessoas tem percepções incorretas sobre dinheiro. Os brasileiros, em particular, acreditam em diversos mitos, que são retratados com perfeição no livro [Os Mitos do Dinheiro](#), de nosso amigo [Gabriel Torres](#). Ele faz uma análise precisa dos equívocos que levam tantos brasileiros à pobreza ou, no mínimo, a deixar de acumular dinheiro. Vale à pena ler o livro de Gabriel e compreender o que está errado na maneira como lidamos com dinheiro. Ele também é um milionário e sabe do que está falando.

Os mitos do dinheiro são aprendidos em casa. Os pais não sabem lidar com dinheiro e ensinam aos filhos lições financeiras que não têm o menor sentido. Amigos e familiares complementam o estrago. Todos têm boas intenções, porém poucos têm ideia do que estão falando. Se todas as pessoas que falam sobre dinheiro entendessem como ele funciona, elas seriam ricas. Infelizmente, este está longe de ser o caso. A maioria das pessoas tem problemas com dinheiro, por isso é preciso filtrar e escutar apenas quem chegou lá.

Pessoas como Plínio não vão longe na avenida que leva à riqueza. Com frequência, caminham na contramão e não fazem mais que alcançar a pobreza. Porém são incapazes de reconhecer e assumir a responsabilidade por seus próprios erros. Se comportam como vítimas das circunstâncias quando, na verdade, as circunstâncias apenas refletem o acumulado de ações equivocadas.

Se você quiser enriquecer, você não pode agir como o Plínio. Você precisa aprender o que está errado em sua forma de pensar sobre dinheiro. Precisa educar-se sobre o assunto e compreender que é preciso gastar menos do que se ganha, para começo de conversa. Para isso, um dos primeiros passos é tomar pé da situação. É preciso anotar todos os gastos (todos mesmo) e começar a enxergar o tamanho do problema.

Note que isso não se aplica apenas a quem tem um salário baixo. Plínio, por exemplo, tinha um salário alto. O mundo está cheio de pessoas que ganham bem, porém estão a um passo de quebrar. Afinal, mesmo com um

salário alto, conseguem gastar mais do que ganham. Responsabilidade financeira é importante para qualquer pessoa, independente da faixa salarial.

Via lenta

Tobias é o oposto de Plínio. É responsável e gasta menos do que ganha. Bem menos. É um poupador disciplinado, que anota todos os gastos. Em vez da calçada, segue de carro, pela via lenta, na companhia de tantos outros veículos aglomerados em um longo engarrafamento. Ele avança no sentido da riqueza, mas seus passos são de tartaruga.

Escolheu a receita que parece mais segura e é composta de dois ingredientes: emprego e juros compostos. Para conseguir um emprego que pagasse bem, Tobias investiu anos estudando em uma boa universidade. Não satisfeito, fez diversas especializações e sempre está em busca de alguma certificação que possa usar para lustrar seu currículo. A julgar pelo salário que recebe, pode-se dizer que tal estratégia vem dando certo.

A contrapartida do salário alto é o imposto exorbitante. Todo mês o governo devora uma fatia avantajada de seus rendimentos, antes mesmo que Tobias os receba. A solução é viver uma vida frugal. Seus amigos sabem que não adianta convidá-lo para restaurantes e programas que envolvam algum tipo de gasto. Não conhecem pessoa mais pão-dura que ele. Tobias anota todas as parcas despesas e separa tanto dinheiro quanto possível para colocar em sua aplicação financeira predileta. É lá que seu precioso capital cresce, lentamente, graças à mágica dos juros compostos.

Como [Gabriel Torres](#) exemplifica, em seu livro [Os Mitos do Dinheiro](#), se você investir R\$ 500 por mês, todos os meses, por 30 anos, em um investimento que dê um retorno de 1% ao mês, ao final desses trinta anos, você terá acumulado um patrimônio de R\$ 1,7 milhão. Tobias sabe disso. Essa é a mágica dos juros compostos (juros sobre juros), que fazem seu dinheiro crescer exponencialmente ao longo de extensos períodos de tempo.

O problema dessa estratégia são os tais trinta anos. Supondo que ele comece a ganhar bem aos 25, depois de investir anos em uma formação universitária sólida, ele terá R\$ 1,7 milhão quando celebrar o aniversário de 55. Não é tão tarde assim, porém tampouco é cedo. Dentro desses trinta anos, encontram-se os melhores anos da vida. É quando se tem mais saúde,

energia e vitalidade. Abrir mão dos prazeres da vida ao longo desses anos é tão incoerente quanto gastar mais do que se ganha. É preciso ter equilíbrio.

É arriscado sacrificar a chance de viver uma vida plena durante a fase adulta, na esperança de tornar-se milionário em um futuro distante. A vida não é previsível e ela prega peças, especialmente em quem desperdiça tempo. Contar com o futuro e deixar de viver o presente é um mau negócio. E existe outro agravante: a inflação.

A quantia de R\$ 1,7 milhão pode parecer alta em um primeiro momento, contudo, em trinta anos o poder de compra desse montante será menor devido à inflação. O mais provável é que não seja suficiente para comprar a tão desejada liberdade.

Tobias pode trabalhar com mais afinco e dedicar mais horas da semana ao trabalho. Pode pleitear um salário mais alto, que lhe permita investir mais a cada mês e, portanto, encurtar o tempo necessário para enriquecer. Porém, existe um limite intransponível: o próprio tempo. Só existem 24 horas em um dia. Por mais valorizada que seja a hora, não dá para trabalhar mais de 24 horas por dia. De fato, seria difícil sustentar até mesmo 12 horas de trabalho diário ao longo de anos. Da mesma forma, existe um limite para o salário. O mercado dita este valor e não há muito o que se possa fazer a respeito. Por melhor que seja a formação, por mais competente que a pessoa seja, por mais que se esforce, as empresas só pagam até um certo limite.

Tobias não tem controle sobre seu salário. Não é ele que decide o quanto receberá. Tampouco tem controle sobre os rendimentos de sua aplicação. Assim como não consegue exigir que seu salário seja aumentado em cinco vezes, tampouco pode demandar que a aplicação dê um retorno cinco vezes maior. A falta de controle sobre seus ganhos e o limite de horas que consegue trabalhar por dia o levam a enriquecer lentamente.

O pior aspecto desse plano é que ele consome tempo, muito tempo. Afinal, troca-se horas de trabalho (tempo), por dinheiro. Não é razoável tentar enriquecer gastando tempo, se tempo é justamente uma das principais formas de riqueza. É como tentar encher uma banheira sem tampar o ralo. Quanto mais tempo você passa trabalhando, mais envelhece e, portanto, menos rico se torna. A conta não fecha.

A falta de controle também representa um imenso risco. Tobias pode ser demitido a qualquer momento, o que poderia arruinar seus planos de enriquecimento. Se isso acontecer, conseguir um emprego novo pode ser mais difícil que o esperado devido à experiência limitada.

O emprego limita o aprendizado a algumas especialidades. Ao buscar um novo emprego, pode ser que elas não sejam tão importantes e a falta de outras habilidades dificulta a recolocação.

Isso também vale para funcionários públicos, cujas habilidades costumam deteriorar-se ainda mais rapidamente frente às necessidades do mercado. Eles também não estão tão protegidos pela tal "estabilidade" quanto imaginam. Empresas públicas são privatizadas e criam planos de demissão "voluntária". O governo muda as regras da aposentadoria quando lhe convém.

Aliás, como ele é o empregador e é quem cria as leis, pode mudar as regras do jogo a hora que quiser. Inclusive, pode eliminar a tal "estabilidade" se assim desejar. Também pode atrasar os pagamentos se a economia estiver ruim e ele não conseguir arrecadar impostos suficientes. Quem vive no estado do Rio, por exemplo, sofreu bastante com esse problema nos últimos anos. O funcionário público sofre com a falta de controle como qualquer outro.

Voltando à questão dos investimentos, flutuações no mercado podem reduzir os rendimentos ou até mesmo consumir parte do que foi acumulado. Crises bancárias podem até implicar no confisco de parte ou todo o capital, como aconteceu no Brasil, na época de Collor, e na Argentina, uma década depois.

Seguir pela via lenta é contentar-se com uma vida medíocre, onde também se troca cinco dias de trabalho por dois de liberdade. O retorno desse investimento continua sendo -60%. A maior riqueza que existe, o tempo, é desperdiçado em algo que não faz mais que suprir as necessidades básicas e permitir uma sobrevida mediana. Em vez de viver, em toda a sua plenitude, a luta é para não morrer.

Trabalho tanto que não tenho tempo para ganhar dinheiro. Já escutei essa expressão muitas vezes como uma forma bem humorada de reclamar do trabalho. Porém não trata-se apenas de sarcasmo. Essa frase resume o problema da via lenta. Não dá tempo para ganhar dinheiro de verdade quando você desperdiça tanto tempo em um emprego ou em um negócio próprio que se alimenta de seu tempo.

Quanto aos juros compostos, eles são importantes, mas pouco eficazes para o acúmulo de dinheiro, pois também se alimentam de tempo. A única forma de torná-los úteis de forma rápida é começar investindo uma quantia alta, como é feito por quem segue pela via expressa.

A via lenta é pior do que parece. Quem trafega nessa faixa não é como Tobias. No geral, não são pessoas assim tão econômicas. Mesmo as que são, raramente conseguem conter os gastos por tanto tempo. A sociedade envia mensagens constantes que incentivam as pessoas a consumir. Compre a casa própria, compre um carro zero, compre o último modelo de *smartphone*, compre as roupas dessa marca. Você merece, afinal trabalha tanto...

De certa forma, a via lenta é pior que a calçada. Plínio, com seu estilo de vida extravagante e sua irresponsabilidade financeira, não tem noção do que está fazendo. Ao menos por um tempo, consegue desfrutar dos prazeres da vida. Tobias, por sua vez, acha que controla a situação e acredita tanto em seu plano que aceita viver uma vida medíocre, na esperança de um futuro melhor. Sua disciplina mal empregada o priva dos prazeres que o dinheiro pode comprar. Sua existência limita-se a trabalhar e esperar pelo futuro que nunca chega.

Alguns conseguem alcançar a riqueza dessa forma, porém quase sempre estão velhos e cansados depois de tantos anos de trabalho pesado. Felizmente, existe uma estratégia melhor e chegou a hora de conhecê-la.

A via expressa

Foi difícil encontrar um lugar no auditório. Quando Juliana chegou, viu o último assento ser ocupado. Teria de assistir em pé. Aceitou resignada. Tinha 17 anos, estava terminando o ensino médio e não queria perder a oportunidade de assistir à apresentação daquele empresário bem sucedido. Mal sabia ela o quanto seria recompensada por aqueles minutos em pé.

O empresário começou mostrando a foto de um pequeno vilarejo, palco de uma história preciosa. Chamava-se Águas Santas por ironia do destino, já que água não havia por lá. Nenhuma casa tinha acesso a água corrente. Para abastecer-se de água, os moradores precisavam caminhar com seus baldes até um açude afastado.

Cansado de ver aquela penúria, o prefeito teve a ideia de construir um tanque na praça central, onde os moradores poderiam buscar a água. Algumas pessoas seriam contratadas para trazer a água do açude até o tanque. Duas pessoas se candidataram para abastecer o tanque diariamente em troca de uma remuneração. Marcos e Pedro, dois empreendedores

locais, tornaram-se responsáveis por trazer água do açude e abastecer o tanque central do vilarejo.

Marcos começou a trabalhar imediatamente. Comprou um balde grande e começou a caminhar para o açude diversas vezes por dia. A cada retorno, enchia o tanque com água e ganhava uma pequena remuneração quando a despejava no tanque. Ao fim do terceiro dia, já tinha ganho dinheiro suficiente para comprar outro balde. Visionário que era, não perdeu tempo, investiu tudo no negócio. Comprou um segundo balde. Dessa forma, duplicou seus ganhos. O esforço também cresceu, mas o retorno compensou.

Depois de dois meses trabalhando dessa forma, Marcos percebeu que poderia ganhar mais se contratasse um ajudante para carregar mais dois baldes. Assim o fez e seus ganhos cresceram ainda mais.

Diversos moradores passaram a usar a água do tanque e deixaram de fazer as frequentes visitas ao açude. As pessoas estavam satisfeitas e começavam a se perguntar o que teria acontecido com Pedro. Desde a construção do tanque, ele sumiu do vilarejo. A família dizia que tinha viajado para a cidade.

Um ano se passou e Marcos prosperou. Tinha cinco ajudantes e fornecia cada vez mais água para o vilarejo. Sua carteira de clientes não parava de crescer e ele já tinha até reformado a casa. Seu corpo sentia o peso do cansaço. Não era fácil transportar tantos baldes d'água por dia. Porém o esforço estava rendendo frutos.

Um belo dia, quando estava retornando do açude na companhia dos ajudantes, viu um grupo de pessoas se aglomerando ao redor do tanque na praça central. À medida que chegava perto, via que outras pessoas corriam para a praça. O que as estava atraindo?

Chegando ao tanque, ficou surpreso ao ver Pedro, equilibrando-se sobre um banco. Diante dele, os habitantes se amontoavam para escutar a novidade. Pedro tinha acabado de chegar da cidade, mais de um ano após sua partida. As pessoas perguntavam o que tinha acontecido. Pedindo silêncio, ele explicou: saí porque queria resolver o problema da água de uma vez por todas. Para mim, não fazia sentido continuar a trazer água do açude em baldes. O que a gente precisa aqui é de água encanada.

Pedro contou que foi para a cidade, onde dedicou-se a estudar dia e noite sobre como criar um sistema de encanamento eficiente, que pudesse trazer a água do açude e abastecer todo o vilarejo. Quando começou, não entendia

nada do assunto. Pesquisou muito, consultou especialistas e, com o tempo, tornou-se um *expert* em abastecimento de água.

Levantou todos os custos, montou um plano financeiro e conseguiu um empréstimo para tocar a obra. Como contrapartida, prometeu ao banco que pagaria as prestações do financiamento com o dinheiro que ganharia distribuindo água na cidade. A obra levou mais tempo que o esperado, porém, quando terminou, permitiu levar água encanada a qualquer casa do vilarejo.

A novidade causou alvoroço em Águas Santas. Todo mundo queria ser cliente de Pedro e receber água encanada em casa. Em pouco tempo, Pedro começou a colher os frutos de seu investimento. Ao final de cada mês, recebia uma infinidade de pagamentos. Eles cresciam, à medida que mais casas eram conectadas a sua rede de distribuição de água. Parte do que recebia era usado para pagar o empréstimo, outra pagava os funcionários que faziam as novas instalações, outra pagava os impostos e uma boa sobria para seu bolso, na forma de lucro.

Pedro trabalhou muito durante três anos. Primeiro precisou quebrar a cabeça para criar o sistema de distribuição de água. Depois, batalhou para vender sua ideia no vilarejo, conquistar clientes e fazer as instalações com sua equipe. O esforço valeu à pena. Depois de três anos, Pedro já não tinha muito o que fazer, exceto receber os pagamentos e curtir a vida, usando o dinheiro que caía na conta todo mês, sem que ele nunca tivesse carregado um balde d'água.

Marcos, por outro lado, apesar de todo o esforço físico, viu seu negócio morrer quando Pedro chegou com a novidade. Todo mundo queria o conforto de receber água encanada em casa.

Juliana ficou fascinada com essa história e com a explicação que o empresário deu na sequência. Ele mostrou que a diferença entre a abordagem de Marcos e Pedro é **quem fazia o trabalho**. No caso de Marcos, era ele próprio quem ia buscar os baldes d'água, além de seus ajudantes. No caso de Pedro, **quem trabalhava para gerar a receita era o sistema que ele criou**. Ele não precisava buscar os baldes d'água diretamente.

Marcos trocava horas de trabalho por dinheiro. Pedro, ao contrário, podia ficar sem fazer nada a maior parte do tempo, depois dos anos de investimento inicial, porque o sistema de encanamento fazia o trabalho por ele. Entender essa distinção é fundamental. É preciso liberar suas horas para

que você tenha tempo de ganhar dinheiro em vez de desperdiçar tempo em um emprego ou em um negócio próprio que consome todas as suas horas.

Impressionada com tudo o que aprendeu, Juliana voltou para casa e começou a refletir sobre o que queria para sua vida. Logo entendeu que não queria viver como Marcos. Não queria ser uma escrava do trabalho. Queria criar um sistema, como Pedro, que fizesse o trabalho pesado por ela. Levou algumas semanas para identificar um rumo. Ficou em dúvida se ingressaria ou não em um curso universitário. Por fim, decidiu estudar química, por achar que isso poderia colaborar com seus planos futuros. Em paralelo, dedicou-se a algo pelo qual era apaixonada: beleza e maquiagem.

Juliana tinha um *smartphone* com uma câmera de vídeo simples, porém suficientemente boa. Não tinha o hábito de aparecer em vídeos, mas era bem articulada. Como sempre gostou de maquiagem e sabia maquiarse bem, criou um canal no YouTube para ensinar automaquiagem para outras meninas.

Ao final da primeira semana, depois de postar três vídeos, o número de assinantes do canal deu um salto. Foi de zero para cinco! Sua mãe, sua irmã mais nova e três amigas da escola tornaram-se assinantes. Frustrada Juliana ficou. Tanto trabalho para conseguir apenas cinco assinantes. Contudo, lembrou-se da história do vilarejo e pensou em como Pedro deve ter se sentido nas primeiras semanas, quando foi para a cidade para trabalhar em seu projeto sem conhecimento nem acesso a especialistas.

Decidiu seguir adiante e encarar o canal do YouTube como uma maratona. Compreendeu que talvez ele começasse a dar resultados dentro de dois ou três anos, como aconteceu com Pedro. Ingressou na faculdade e continuou gravando vídeos para o canal em paralelo aos estudos. Seus esforços começaram a gerar frutos com o passar do tempo. O número de seguidores cresceu para alguns milhares e algumas marcas de cosméticos começaram a entrar em contato.

Enviavam produtos e pediam que ela os avaliasse em seus vídeos. Não demorou para que ela começasse a cobrar para falar deles. Na mesma época, começou a receber os primeiros pagamentos do YouTube. Cada vídeo que fazia trazia mais visualizações e essas traziam mais receita de publicidade.

Entre as aulas da faculdade e as gravações dos vídeos, Juliana encontrou tempo para criar seu primeiro infoproduto: um manual completo de automaquiagem. Passou meses escrevendo, editando e arrumando as fotos,

até que, aos dezenove anos, lançou seu primeiro infoproduto. A essa altura, já sendo seguida por algumas milhares de meninas, não foi difícil vender um bom número de exemplares no momento do lançamento.

Ela surpreendeu-se com o quanto conseguiu ganhar, aos dezenove anos, no meio da faculdade, graças a seu esforço pessoal, sem ter nenhum emprego. Entretanto, o que mais a impressionou foi o que aconteceu cinco dias depois do lançamento, quando as vendas já tinham esfriado. Era um sábado de manhã, quando ela acordou, olhou o *smartphone* e viu duas notificações de vendas. Foi a primeira vez que sentiu o gostinho de ganhar dinheiro enquanto estava dormindo. Algo que passou a se repetir, com frequência, daí por diante. À medida que mais pessoas tinham acesso a seu manual, mais vendas ela fazia. Fruto do boca a boca.

Alguém lhe sugeriu criar um curso online de automaquiagem, já que algumas meninas preferiam ver seus vídeos a ler o manual. Juliana gostou da ideia. Usou o dinheiro que havia ganho para comprar uma câmera melhor e criou o curso com base em seu manual.

O lançamento foi um sucesso. Aos vinte anos, Juliana já estava ganhando quase tanto quanto seus pais, sendo que eles passavam o dia inteiro fora, em seus respectivos empregos, enquanto ela ganhava dinheiro até quando estava dormindo. Sobretudo agora, que tinha dois produtos.

Ao longo dos três anos seguintes, Juliana criou mais uma série de manuais e cursos online. Ganhou dinheiro com publicidade em seu canal, fez parceria com inúmeras marcas de cosméticos e tornou-se uma empresária bem sucedida antes mesmo de terminar a faculdade. Quando a concluiu, já bem capitalizada e com experiência de mercado, Juliana embarcou em um projeto mais ousado: criar sua própria marca de cosméticos.

O conhecimento de química foi útil. Não para que ela mesma trabalhasse na manufatura dos cosméticos, mas para que estivesse mais preparada para contratar outros químicos e profissionais que cuidariam da manufatura. Começou com uma linha de esmaltes, que fez sucesso imediato entre suas milhares de seguidoras. Logo expandiu sua gama de produtos e passou a fornecer batom, base, sombra, rímel e outros itens que foram bem recebidos pelas meninas.

Aos 24 anos, a frente de um negócio de sucesso, que começou do zero, Juliana foi procurada por uma grande empresa de cosméticos. A corporação que queria comprar sua marca. Ela já havia atingido sua independência

financeira e agora tinha a chance de ficar milionária. O processo de venda de seu negócio demorou quase um ano para ser concretizado. Ao final, nas vésperas de seu aniversário de 25 anos, Juliana embolsou uma soma milionária. E, o que é melhor, seu tempo foi liberado para que ela pudesse curtir os melhores anos de sua vida, que estavam só começando.

Foram oito anos de trabalho árduo. Não é pouco. Entretanto, foram coroados com um resultado excepcional e uma aposentadoria precoce. Valeu à pena. Dali por diante, Juliana estava livre para fazer o que bem entendesse da vida. Nunca mais teria de se preocupar com dinheiro.

É assim que as pessoas ficam ricas na via expressa dos milionários. Elas criam sistemas lucrativos que trabalham por elas e os transformam em marcas, que se valorizam e podem ser vendidas por somas milionárias.

O que mais diferencia a via expressa da calçada e da via lenta é quem faz o trabalho que dá origem aos rendimentos. Quem segue pela calçada e quem se mete no engarrafamento da via lenta faz o trabalho pesado diretamente, trocando horas trabalhadas por dinheiro. Quem segue pela via expressa, por outro lado, cria um sistema que faz todo o trabalho pesado. Dessa forma, consegue separar as receitas da quantidade de horas trabalhadas. Isto é crucial porque remove o limite que mencionei antes.

Só existem 24 horas em um dia. Quando seu rendimento é proporcional ao número de horas trabalhadas, ele é limitado pelas 24 horas de cada dia. Por outro lado, quando os rendimentos não estão associados ao número de horas trabalhadas, porque é o sistema quem faz o trabalho, os ganhos podem crescer de forma ilimitada.

Posso testemunhar que isto é a coisa mais linda que existe porque esse foi o caminho que segui ao longo dos últimos oito anos. Durante este período, meus rendimentos não tiveram nenhuma relação direta com a quantidade de horas que trabalhei por dia, graças ao meu sistema, o [Be on the Net](#).

O [Be on the Net](#), criado em 2008 e aposentado em 2016, me enriqueceu de duas formas. Ele gerou receita mensal suficiente para pagar minhas contas. Dessa forma, permitiu que eu usasse meu tempo para fazer o que bem entendesse. O [Be on the Net](#) me comprou oito anos de vida. Além disso, com o excedente das receitas, que não cheguei a usar para cobrir os gastos mensais, pude reforçar minha reserva financeira. A qual também me permite viver por mais alguns anos, mesmo que não tenha nenhum outro rendimento.

O esforço para construir o [Be on the Net](#) consumiu menos de um ano de trabalho, depois de muitos anos de experiência em computação, naturalmente. Contudo, o retorno foi extraordinário. Ele me comprou mais de uma década de tempo livre. Isso mostra que sim, é possível enriquecer rápido. Só não é fácil. Nunca é fácil. De qualquer forma, trabalhar em um emprego ruim, ainda que bem pago, tampouco é fácil. Se é para fazer algo desafiador, melhor que tenha grande potencial de retorno.

Minha história não é tão gloriosa quanto a de Juliana. Afinal, eu não vendi o [Be on the Net](#) e não me tornei milionário. Assim mesmo, senti na pele a importância de separar meus rendimentos da quantidade de horas que trabalho por dia. Aprendi isso com tanta força que, a essa altura, considero impensável ter um emprego ou me envolver em qualquer iniciativa em que eu troque minhas horas por dinheiro de forma direta. Na minha cabeça, a única forma aceitável de ganhar dinheiro é através de um sistema que trabalhe por mim. O livro que você está lendo é mais uma manifestação concreta dessa crença.

A essa altura, é impossível saber qual será o desempenho desse livro no mercado. Porém, sei que ele pode se transformar em um instrumento tão poderoso quanto foi o [Be on the Net](#). Escrever um livro demanda um esforço colossal. É uma tarefa solitária e demorada. Enquanto escrevo, não ganho um centavo e tampouco tenho a certeza de que algum dia alguém pagará pelo livro. É um risco que corro com prazer, porque quando ele estiver concluído, se for bem sucedido nas vendas, poderá me gerar receita por anos. Livros sobrevivem à passagem do tempo. Meu esforço de hoje se transforma em uma máquina que passa a trabalhar por mim. Sei disso porque meu primeiro livro, chamado [Extreme Programming](#), foi publicado em 2004 e continuo ganhando dinheiro com ele, mais de uma década depois. Provavelmente continuarei a ganhar por muitos anos ainda.

Criar um sistema permite que você obtenha o maior retorno possível pelo esforço que emprega. Dá muito trabalho, é solitário, é arriscado, é demorado, exige foco e um tremendo comprometimento, mas a recompensa, quando vem, vale à pena.

Seguir pela via expressa significa criar algum tipo de negócio que tenha potencial ilimitado de rendimento e que, ao mesmo tempo, não consuma todo o seu tempo, como um emprego. Nem todos os negócios servem para a via expressa. Uma pizzaria, que atenda a um pequeno bairro, por exemplo, onde o dono faz as pizzas com um ajudante, é um emprego disfarçado. Ela

não consegue vender para um número ilimitado de pessoas e tampouco libera as horas de seu dono.

É importante compreender isso. Não se trata de ter um negócio, em vez de um emprego. É preciso escolher o tipo certo de negócio e vender para um mercado suficientemente grande. Acima de tudo, é fundamental resolver um problema real desse mercado. Problemas são oportunidades. Onde existem problemas, é possível ganhar dinheiro vendendo soluções.

Lembre-se do caso de Pedro na história do vilarejo. O que ele mais gostava de fazer na vida, e que não cheguei a mencionar antes, era pintar e fazer música. Entretanto, em vez de tentar ganhar dinheiro com seus amores, ele desenvolveu uma paixão ardente por resolver um problema real de sua comunidade.

Não adianta criar um negócio para satisfazer suas necessidades pessoais. O importante é satisfazer as de outras pessoas. De preferência, um grande número de pessoas. Ninguém se importa com o que você quer. As pessoas só se importam com elas querem. Você precisa resolver os problemas delas.

Tampouco trata-se de ter uma ideia brilhante e particularmente inovadora. Na maior parte do tempo, basta olhar problemas que já têm soluções e criar uma solução melhor. No vilarejo, já existia uma solução para o problema da água, mas ela era ruim. Tudo o que Pedro fez foi implantar uma solução melhor, que é amplamente conhecida. Não há nada de novo na ideia de criar um sistema de distribuição de água. Cidades fazem isso há séculos.

Crie uma solução melhor para um problema real e prove para o mercado que faz mais sentido comprar a sua solução. Para ganhar muito dinheiro, você precisa resolver um problema real de uma grande quantidade de pessoas. Quanto mais gente você atinge, mais dinheiro você ganha. Seu foco precisa ser nas necessidades dos outros e não em ganhar dinheiro. Ele vem como consequência natural de sua capacidade de melhorar a vida dos outros.

Ideias não valem quase nada. O que importa é execução. Uma ideia boa apenas potencializa uma execução primorosa. Você pode ter sucesso com um negócio que não é baseado em uma ideia inovadora, mas tem uma excelente execução. Porém nunca terá sucesso com um negócio baseado em uma ideia revolucionária mal executada. Não preocupe-se em ser inovador na ideia. Inove na solução. Crie um sistema de encanamento, em vez de trazer água com balde. Execute bem a ideia, seja ela antiga ou nova.

O processo de enriquecimento da via expressa segue uma receita de bolo composta por diversos ingredientes. Todos eles são importantes e precisam estar presentes na mistura. Basta um ficar ausente para que o bolo desande. Assim como um número de telefone. Basta esquecer de digitar um dos números para que você não consiga falar com a pessoa desejada.

Identifique um problema na sociedade que afeta uma grande quantidade de pessoas e que poderia ser solucionado de maneira melhor. A melhoria pode ser no processo (usar um encanamento em vez de baldes d'água), na forma de atrair clientes, no atendimento ou em qualquer outro aspecto do negócio.

Crie um negócio para solucionar o problema escolhido, que faça o trabalho pesado por você e permita que você não troque horas trabalhadas por dinheiro. Esse negócio precisa ser lucrativo e resolver o problema de uma grande quantidade de pessoas. Além disso, assegure-se que não seja um negócio qualquer. Crie uma marca e invista nessa marca. É importante valorizar sua marca ao longo do tempo para que seu produto não se transforme em uma *commodity*, que só consegue se destacar pelo baixo preço.

A equação de riqueza da via expressa é a soma do lucro do negócio com a valorização de sua marca. Você pode ficar rico apenas com o lucro do negócio. Contudo pode ficar ainda mais rico se conseguir vendê-lo depois de alguns anos por um valor elevado. Quanto mais lucrativo o negócio, mais você enriquece e valoriza sua marca. Maiores as chances de ganhar ainda mais na hora de vender seu negócio.

Na via lenta, a pessoa tenta enriquecer gastando menos do que ganha no trabalho e investindo a sobra em aplicações financeiras, na esperança de que os juros compostos façam o dinheiro crescer. Na via expressa, o foco é enriquecer através de um negócio com potencial de ganho ilimitado. Os investimentos financeiros são usados depois, quando a pessoa já tem muito dinheiro. Imagine, por exemplo, que você consiga acumular R\$ 2 milhões de reais, em poucos anos, através de seu negócio. Suponha que você coloque essa quantia na pior aplicação possível, a poupança. Ela te garantirá um rendimento de pelo menos 0,5% ao mês, no pior dos casos. Isso equivale a R\$ 10 mil mensais (em relação aos R\$ 2 milhões investidos). Se suas contas mensais se mantiverem abaixo desse valor, você nunca mais precisará trabalhar porque seu dinheiro estará trabalhando para você. Se

você utilizar uma aplicação melhor, que te dê um retorno de 1% ao mês, o que é perfeitamente plausível, o rendimento mensal passa para R\$ 20 mil.

Essa é a melhor forma de usar os juros das aplicações financeiras. É o que a turma da via expressa faz. Usa os rendimentos das aplicações para pagar as contas mensais, o que remove a necessidade de trocar horas de trabalho por dinheiro. Sei disso, porque também vivo dos rendimentos das minhas aplicações financeiras.

Dinheiro aplicado é a melhor máquina de fazer dinheiro que você pode ter. Não dá trabalho e não consome seu tempo. Negócios dão dinheiro, porém também dão trabalho para administrar e operar. Dinheiro aplicado não.

Nômades digitais costumam gastar menos que pessoas normais por várias razões que foram apresentadas ao longo do livro. Portanto conseguem viver com uma receita mensal inferior a de outras pessoas. Isso significa que talvez você não precise chegar ao ponto de acumular uma cifra milionária, o que torna o processo um pouco mais fácil. Além disso, nômades digitais, por não terem uma residência fixa em nenhum lugar, também podem pagar menos impostos, dependendo de como e onde estruturam seus negócios. Eles não são obrigados a criar suas empresas no Brasil, por exemplo. Dependendo do que fizerem, podem buscar jurisdições mais amigáveis e com taxas de impostos menos elevadas. Tudo dentro da legalidade.

Criar um negócio lucrativo, que gere um retorno elevado em um período de apenas cinco a dez anos é uma tarefa difícil, porém viável. As oportunidades crescem a cada dia. Veja o caso de Juliana, que usou o YouTube para dar início a seu negócio. Há poucos anos atrás, não existia YouTube. Aliás, não existia sequer a internet. Ela, que serviu de terreno fértil onde brotaram inúmeros empreendimentos milionários (e muitos bilionários) ao longo das últimas décadas. Cada avanço tecnológico cria novas oportunidades de enriquecimento.

Empreender sempre foi difícil e esse continua sendo o caso, contudo nunca foi tão fácil aprender e começar um negócio próprio. O mais importante nessa jornada é investir em si mesmo através de um processo permanente de aprendizado. Você não precisa frequentar faculdades ou cursos caros. Basta ter curiosidade e interesse. Você pode aprender o que quiser através de livros, vídeos, *podcasts*, cursos online, tutoriais e todo tipo de informação que está amplamente disponível na internet.

Todo empreendedor bem sucedido é um estudante voraz. Não para de estudar quando termina a faculdade. Pelo contrário. A graduação é encarada apenas como o início da jornada. O processo de aprendizado segue ao longo de toda a vida porque o investimento mais importante que o empreendedor pode fazer é em si mesmo. Quanto mais ele aprende, quanto mais habilidades domina, quanto mais tempo reserva para si próprio, melhor consegue resolver os problemas de outras pessoas e, conseqüentemente, enriquecer.

Nômades digitais têm uma vantagem importante. Eles são forçados a aprender o tempo todo pela natureza do que fazem. Mudar de lugar com frequência exige estudo, planejamento e disciplina. Quem opta por essa vida não tem outra escolha a não ser aprender eternamente. Quem está sempre aprendendo para viver como nômade também pode aprender sobre como montar um negócio bem sucedido.

Outra vantagem importante dos nômades digitais é a possibilidade de afastar-se de ambientes e pessoas tóxicas. Existe uma expressão muito usada entre empreendedores: **você é a média das cinco pessoas com as quais passa mais tempo**. Em outras palavras, é preciso escolher com cuidado quem são as pessoas que te cercam e te influenciam. Tem gente que pode prejudicar seu desenvolvimento, por melhores que sejam as intenções. Familiares, amigos próximos, colegas de trabalho, televisão, todos têm opiniões sobre como você deve se comportar e viver sua vida. Poucos enriqueceram e sabem o que é preciso para enriquecer. O que não lhes impede de dar todo tipo de conselho equivocado. Receber uma orientação ruim, que te coloca no caminho errado, é pior que não receber orientação alguma. E não se trata apenas de conselhos e orientações. As pessoas a sua volta fazem pressão para que você viva a vida do jeito que a maioria vive. Nada poderia ser mais perigoso.

Pense por um instante. Quantas pessoas são ricas? Poucas. A maioria está longe disso. Portanto, ter uma vida normal e fazer o que a maioria faz não vai te colocar no caminho da riqueza. Longe disso. Apenas te levará a ter o mesmo resultado que os demais. Assim mesmo, as pessoas se ressentem quando você faz algo fora da normalidade. Tentar criar um empreendimento de sucesso é pedir para ser criticado, já que todo mundo acha melhor ter um emprego, de preferência público. Todo mundo busca a tal "estabilidade", como se tal coisa existisse. Todo mundo busca segurança profissional em um emprego, como se tivesse controle sobre o empregador

e o mercado. Todo mundo prefere se iludir seguindo por um caminho que parece seguro, embora seja justamente o oposto.

Para vencer os obstáculos que aparecem no caminho, o empreendedor precisa se isolar de influências tóxicas que prejudicam seu projeto. É importante se afastar de pessoas negativas que não compreendem o que você está tentando construir. Na maior parte do tempo, é inútil tentar explicá-las e convencê-las de que você está no caminho certo. Repito, é **inútil**. Existem formas melhores de usar seu tempo.

Como nômade digital, você tem a oportunidade de mover-se pelo mundo e, portanto, passar menos tempo na companhia de pessoas que não colaboram com seu projeto. Isso vale também para familiares. Ao mesmo tempo, você pode manter contato permanente, pela internet, com as pessoas que você acredita que possam contribuir com seu projeto porque compreendem e aceitam o que você está buscando.

Criar um empreendimento de sucesso também exige um comprometimento inabalável, semelhante ao que os pais têm com seus filhos. Criar um negócio é como criar um filho. Você nunca para de pensar nele. Você vai dormir pensando nele, sonha com ele, acorda pensando nele e passa o dia trabalhando nele. É uma obsessão e não tem como ser diferente disso.

A ideia não é que você se comporte assim para a vida toda. Você só precisa ter esse nível de envolvimento nos primeiros anos, enquanto trabalha para fazer o negócio dar certo. Se fizer tudo certo e o empreendimento der retorno, você pode relaxar e colher os frutos. É importante mencionar isso aqui, especialmente devido à influência que o livro [The 4-Hour Workweek](#), de [Tim Ferris](#), tem sobre os nômades digitais.

A proposta do livro é que você crie um empreendimento que pague suas contas e te permita trabalhar poucas horas por semana, como também proponho aqui. Entretanto, o que muita gente não entende é que, nos anos em que você trabalha para criar tal negócio, o mais provável é que você trabalhe muitas e muitas horas por dia. Trabalhar quatro horas por semana, ou menos, não é a forma de construir um empreendimento de sucesso. É o resultado de ter trabalhado muito, durante alguns anos, para criar um sistema que faça o trabalho pesado por você.

Quem embarca na via expressa não desperdiça as lições úteis da via lenta. Economizar dinheiro e viver abaixo de suas possibilidades também é importante na via expressa, ao menos por um tempo, enquanto você

constrói seu empreendimento. Quem começa do nada muitas vezes precisa passar primeiro pela via lenta, para que possa acumular dinheiro suficiente para iniciar seu negócio da via expressa. É o que aconteceu comigo.

Tive um único emprego na vida, logo depois que me graduei em computação. Ele durou dois anos. Ao longo desse tempo, me dediquei tanto à empresa que consegui fazê-la me pagar um salário muito acima da média. Era suficiente para comprar um veículo e bancar um estilo de vida caro. Em vez disso, optei por guardar a maior parte do salário e viver abaixo de minhas possibilidades. Minha prioridade era criar uma reserva financeira sólida. Quando já tinha juntado o suficiente para bancar um ano de minha vida, tirei férias e desfrutei do alto salário. Viajei para a Europa. Pouco tempo depois de retornar, a bolha da internet estourou e meu emprego se foi.

A reserva financeira foi o que permitiu que eu montasse a minha empresa e passasse um ano inteiro estruturando-a, sem ganhar nada. Consegui pagar as contas e sobreviver com o dinheiro da reserva, até que a empresa começasse a gerar lucro.

Sempre quis montar um negócio como o [Be on the Net](#). Porém, sabia que precisaria de capital para bancar o desenvolvimento dele. Foram necessários sete anos, trabalhando com consultoria, vendendo minhas horas de trabalho, juntando dinheiro e acumulando experiência, para que eu pudesse encerrar todas as atividades de consultoria e me dedicar integralmente ao desenvolvimento do [Be on the Net](#). Ao longo desses anos, sempre vivi abaixo de minhas posses e juntei dinheiro para poder dar o próximo passo.

Deu certo. A reserva financeira me deu a oportunidade de trabalhar no [Be on the Net](#) sem a preocupação de trocar horas de trabalho por dinheiro.

Isso mostra a importância de viver abaixo de suas possibilidades e juntar dinheiro, ao menos enquanto você trabalha para criar e desenvolver o empreendimento que te tornará rico. Durante esse período, tente aproveitar a vida de forma plena, mas opte por programas que consumam menos dinheiro. Você não precisa viver como Tobias, que tinha um escorpião no bolso e não queria pagar por nada. Basta ser comedido e ter em mente a importância de acumular para poder viver de forma mais plena em um futuro próximo. O consumo é importante, só que precisa ser dosado. É como o sal. Se você abusar dele, estraga a comida. Se não colocá-lo, a

comida fica insossa. Se usado com equilíbrio, ela fica deliciosa. Da mesma forma, consumir é importante, desde que haja equilíbrio.

Para seguir na via expressa, você precisa se comportar mais como um produtor do que como um consumidor. Você precisa produzir algo útil para a sociedade para atrair clientes e, conseqüentemente, dinheiro. Ele é ilimitado e está ao alcance de quem tem soluções para problemas reais. Felizmente, nômades digitais consomem menos que as pessoas normais. Afinal, não têm casa e não têm espaço na bagagem para levar tralhas desnecessárias. Eu e Pati deixamos de comprar coisas o tempo todo porque sabemos que não teremos como carregá-las. Isso é ótimo e ainda contribui para que você, como nômade, não se meta em dívidas.

Dívidas são boas apenas quando colaboram com seu projeto de empreendimento e te ajudam a comprar tempo livre mais a frente. Como no caso do empréstimo que Pedro pegou para montar seu sistema de encanamento. Essa foi uma dívida saudável, sem a qual ele não conseguiria criar sua máquina de fazer dinheiro.

Pessoas como o Plínio, por outro lado, que seguem pela calçada, se endividam para comprar carro e outros itens que diminuem de valor ao longo do tempo e consomem dinheiro todos os meses. Dívidas desse tipo escravizam e te forçam a trocar suas horas por dinheiro. Evite-as a todo custo.

O que apresentei aqui é um pequeno resumo do que você encontrará no livro [The Millionaire Fastlane](#). Ele entra em mais detalhes sobre todos esses aspectos, além de indicar claramente que tipos de negócios são mais apropriados para a via expressa e como eles devem ser operados. Se você quiser seguir pela via expressa dos milionários, você precisa começar lendo este livro. Ele será o primeiro de muitos que você deverá ler. Porém, não deixe de lê-lo em nenhuma hipótese.

Todo mundo busca estabilidade e segurança financeira. Como diz o clichê, mudança é a única constante no mundo. Portanto, estabilidade não existe. Buscar estabilidade através de um emprego, ainda que seja público, é querer se iludir. Se você não controla seu plano financeiro, não só não existe estabilidade, como também não existe segurança alguma.

Por outro lado, se você assume o controle de sua vida financeira, é perfeitamente possível conquistar segurança financeira. Ainda assim, é importante compreender o que realmente pode te trazer segurança. Se você quer eliminar o risco de ficar pobre ou se ver na rua da amargura, entenda

que a real segurança está dentro de você e não tem tanto a ver com dinheiro. Tem tudo a ver com o que ninguém pode tirar de você. Dinheiro e bens podem ser tirados de você a qualquer momento, porém existem três itens que ninguém pode levar:

1. Seu corpo.
2. Suas habilidades.
3. Seus relacionamentos.

Você controla seu corpo. Ele é a sua verdadeira casa. Sendo assim, você deve cuidar bem dele. Deve manter-se em forma e saudável. Se você cair doente, isso prejudica a sua capacidade de trabalhar, resolver problemas e manter-se seguro.

Suas habilidades permitem que você seja útil para o mundo. Quanto mais habilidoso você se torna, quanto mais conhecimento adquire, quanto mais experiência conquista, mais valioso se torna. Ainda que levem todos os seus bens e todo o seu dinheiro, você pode reconstruir tudo se tiver sempre estudado e se aprimorado.

Se você cultivar relacionamentos saudáveis ao longo da vida, se construir grandes amizades, essas pessoas poderão te ajudar caso você fique na pior e perca tudo.

Quando você tem saúde, habilidades úteis e bons amigos, você pode se recuperar de qualquer problema. Podem tirar todos os seus bens, podem levar todo seu dinheiro e você será capaz de reconstruir tudo, com seu corpo, suas habilidades e seus amigos.

Pense no caso de uma pessoa que busca estabilidade através de um emprego público, por exemplo. Ela se coloca nas mãos do empregador menos confiável que existe, o governo. Muitas vezes sua saúde se deteriora, pelo desgosto de desperdiçar tanto tempo em um trabalho que detesta. Suas habilidades se atrofiam rapidamente. E seu ciclo de amizades tende a ser limitado. Essa pessoa se torna mais frágil a cada dia que passa. Se ela perder tudo, por algum problema na economia ou no governo, ela terá muita dificuldade de se recuperar.

Agora, pense no caso de um nômade digital, que está habituado a conviver com incertezas e adaptar-se. Que cuida do corpo e da saúde com

cuidado, por compreender que ficar doente é um problema sério. Que estuda, aprende e se desenvolve permanentemente e que faz amigos no mundo inteiro.

Quem você acha que está mais preparado para superar as eventuais adversidades da vida? Garanto que não é o funcionário público, do alto de sua fragilidade.

Aposentadoria para nômades digitais

Como fica a questão da aposentadoria para nômades digitais? É uma pergunta que recebemos com frequência. Sempre enxerguei a aposentadoria da mesma forma e ela não mudou depois que viramos nômades.

Para se aposentar, você precisa separar parte dos rendimentos mensais e destiná-lo ao uso futuro, quando estiver aposentado. Portanto, é preciso gastar menos do que se ganha e investir a sobra para a aposentadoria.

O que você pode fazer com essa sobra? Há duas opções. Administrá-la diretamente ou entregá-la a uma pessoa ou entidade, para que a administre por você. O pessoal da via expressa se encarrega de administrar o próprio dinheiro e fazê-lo crescer para a aposentadoria. A multidão que segue pela calçada e pela via lenta, por outro lado, entrega seus recursos para outros administrarem. Começemos por eles.

No Brasil, assim como em muitos outros países, existe o conceito de [previdência social](#). Há um órgão do governo, que no Brasil é o [INSS](#), cujo objetivo é administrar os recursos de seus cidadãos, chamados de contribuintes, em um eufemismo típico dos governos. Contribuir implica em fazer algo de forma voluntária. A participação na previdência social não é voluntária, é obrigatória. O governo confisca parte do salário de todos os trabalhadores, obrigatoriamente, através de um imposto (imposição), destinado a custear a previdência. O trabalhador, assim como seu empregador, pagam uma parcela do salário bruto para a previdência, quer queiram ou não.

A maioria das pessoas acredita que esse dinheiro do trabalhador será colocado em uma espécie de poupança, para que ele possa sacá-lo mais tarde quando se aposentar. Isso é feito para "protegê-lo" de si mesmo. Se ele não fosse forçado a separar esse dinheiro, jamais conseguiria juntar dinheiro algum. Então, o governo protetor precisa cuidar do trabalhador.

Entretanto, não é bem assim que as coisas funcionam. Quando o governo confisca seu dinheiro e o coloca na previdência, ele não está fazendo uma poupança em seu nome. Longe disso. Ele usa seu dinheiro imediatamente para pagar as aposentadorias das pessoas que já estão inativas. O governo tira o dinheiro de você com uma mão e, com a outra, o entrega a alguém que já não está mais trabalhando. Portanto, os trabalhadores ativos são os que pagam as aposentadorias dos inativos.

Para esse arranjo funcionar, é necessário ter mais trabalhadores ativos que inativos. Imagine, por exemplo, que todo trabalhador destine 25% de seu salário à previdência social e que todo mundo ganhe exatamente o mesmo salário (tanto ativos e quanto inativos). Neste caso, para pagar a pensão de um aposentado, são necessárias quatro pessoas na ativa, "contribuindo" para a previdência.

Por sua vez, quando essas quatro pessoas se aposentarem, serão necessárias outras quatro pessoas, para cada uma delas, trabalhando ativamente e "contribuindo" para pagar suas aposentadorias. Onde antes eram necessários apenas quatro ativos para bancar a previdência, agora são precisos dezesseis. A cada nova geração de aposentados, o número de trabalhadores ativos, necessários para pagar por esse arranjo, cresce exponencialmente.

Isso te parece algo sustentável? Pois não é mesmo. E existe um nome para esse arranjo: [esquema em pirâmide](#). Você certamente já ouviu falar de [pirâmides financeiras](#) e sabe que são esquemas fraudulentos, onde algumas pessoas ganham dinheiro por um tempo e muitas perdem, mais a frente, quando já não há novas pessoas entrando para "contribuir" com recursos para a pirâmide. A previdência social nada mais é que uma grande pirâmide financeira, como bem explicado [neste artigo](#).

A previdência brasileira e as de outros países quebrarão em um futuro não muito distante. Por um problema de demografia, como explicado no artigo [Uma proposta para a reforma definitiva da previdência](#). A taxa de natalidade nos países já não é mais capaz de sustentar essa pirâmide financeira. Se você começar a "contribuir" para a previdência hoje, há uma chance elevada de que ela quebre antes de chegar a sua idade de aposentadoria. A outra possibilidade é você receber menos do que te foi prometido, ou ser forçado a trabalhar por um período de tempo maior que o previamente acordado. As duas coisas já vêm acontecendo de forma rotineira. Milhões de brasileiros se aposentaram recebendo menos que o

esperado. E outros tantos vão precisar trabalhar mais que o acordado. Isso só tende a se agravar nos próximos anos enquanto a previdência não quebrar de vez.

Independente de como a previdência funcione, o maior problema de delegar sua aposentadoria a terceiros é a perda de controle. Quando se trata de dinheiro, você precisa ter controle total sobre suas finanças e seu plano financeiro. Ninguém terá tanto cuidado com seu dinheiro quanto você.

Por que os governos aplicam tão mal os recursos que saqueiam da população? Por que os burocratas estatais administram dinheiro dos outros. Não é o salário deles que está na reta. As pessoas são egoístas por natureza. Elas pensam em seus próprios interesses antes dos demais. Isto não é tão ruim quanto parece e não comento isso em tom de crítica. Pelo contrário. Há inúmeras razões importantes para que seja assim. Comento apenas como uma constatação.

Os burocratas têm muito cuidado com o próprio dinheiro, mas não tanto com o dos outros. É da natureza humana. Você provavelmente se comportaria de forma igual se estivesse no lugar deles. Imagine que uma pessoa na rua, que você nunca viu, te abordasse, te presenteasse uma nota de R\$ 100 e fosse embora desejando-lhe bom dia. O que você faria com esses R\$ 100 inesperados? Você não trabalhou para conquistá-lo, não se esforçou, não o mereceu. Ele caiu do céu. Você o trata com o mesmo cuidado que tem com o dinheirinho suado, fruto de seu trabalho? Provavelmente não. É por isso que talvez o usasse para algum gasto desnecessário. É o mesmo que acontece com os burocratas. Com a diferença de que eles manipulam cifras bilionárias e tentadoras.

Na imensa confusão que é a previdência social, rios de dinheiro são desviados o tempo todo. O que compromete ainda mais sua chance de receber uma aposentadoria digna em um distante futuro.

A situação seria um pouco melhor em uma previdência privada, porém não muito. A empresa que administra uma previdência privada também está gerindo dinheiro alheio. Talvez ela seja um pouco menos corrupta e inepta, porém dificilmente terá tanto interesse em ver seu dinheiro crescer quanto você próprio.

Falando em gestão, é público e notório que o governo é o pior gestor de recursos que existe. Não me refiro exclusivamente ao governo brasileiro. Todos os governos disputam entre si para ver qual consegue desperdiçar melhor o dinheiro saqueado na forma de impostos. Portanto entregar a

gestão da aposentadoria para o governo me parece uma das maiores irresponsabilidades que uma pessoa pode cometer.

Ainda que a previdência não tivesse todos esses problemas, não é razoável que você tenha de ser forçado a aguardar décadas para ter o direito de tocar no dinheiro que reservou para a aposentadoria. O dinheiro é seu. Você deveria ter o direito de fazer o que bem quisesse com ele, a qualquer hora.

A alternativa para esse delírio coletivo chamado previdência social é tomar as rédeas de seu próprio plano de aposentadoria. Nem todos os países têm previdência social. Hong Kong, por exemplo, não tem. Lá, as pessoas têm descontos mínimos em seus salários. Não existe desconto algum para bancar a previdência. Todo mundo sabe que precisa se preparar para o futuro. As pessoas compreendem que precisam acumular e juntar uma reserva financeira destinada à aposentadoria. Ou batalham para criar ativos que gerem receita para pagar as contas no futuro.

Essa política tem inúmeras consequências positivas. Ela cria uma nação de poupadores. Quando o governo não se coloca no papel de babá, as pessoas entendem que precisam ser responsáveis com o próprio dinheiro e passam a poupar. Como as aplicações financeiras rendem juros insignificantes em Hong Kong, as pessoas percebem que a única forma de fazer o dinheiro crescer é através da criação de negócios e investimentos em ativos que tenham grande chance de valorização. A burocracia para criar empresas é mínima e o mercado é pouco regulado. Isso cria um incentivo adicional para a criação de negócios e muita gente opta por esse caminho. Quanto mais negócios brotam, mais empregos são criados e mais a sociedade enriquece como um todo. Aqueles que não criam suas próprias empresas, investem em propriedades e outros ativos que têm uma tendência natural de valorização. A economia, como um todo, gira melhor e o governo pode se manter pequeno porque não se propõe a resolver problemas gigantescos, como administrar a previdência de toda a população.

Quem segue pela via expressa dos milionários entende tudo isso e sabe que precisa se responsabilizar pela própria aposentadoria. Isso é o que eu e a Pati sempre fizemos. Nós cultivamos nossa própria reserva financeira e trabalhamos para construir ativos, os quais possam pagar nossas contas no futuro, quando estivermos aposentados. E esse é o caminho que

acreditamos que todas as pessoas deveriam seguir. É arriscado demais delegar seu plano de aposentadoria a quem quer que seja.

É claro que administrar o próprio dinheiro exige aprendizado e disciplina. Todo mundo deveria aprender sobre educação financeira. Dinheiro é um elemento importante na vida de todos. Dá trabalho aprender sobre finanças, contudo as consequências de não fazê-lo costumam dar ainda mais trabalho.

Construir ativos ao longo da vida, que possam financiar a aposentadoria, não é algo recomendável apenas para nômades digitais. Vale para qualquer pessoa. Por essa razão, quando nós viramos nômades digitais, nada mudou em se tratando de aposentadoria. Continuamos seguindo o mesmo caminho no qual sempre acreditamos: juntar dinheiro e construir ativos que gerem receita quando estivermos aposentados. Recomendo que você faça o mesmo.

Impostos

Existe um ditado popular que não poderia ser mais fiel à realidade. Ele afirma que só existem duas certezas na vida: morte e imposto. Não dá para escapar nem de um nem de outro.

Como o próprio nome diz, o pagamento de imposto não é fruto de uma troca voluntária, como acontece na maioria das transações comerciais. Trata-se de uma imposição, da qual não se pode escapar.

Governos têm uma criatividade ilimitada para justificar a cobrança de impostos. Tem de tudo. Imposto para financiar a educação, a saúde, as ruas, a iluminação pública, a polícia e por aí vai. Não faltam desculpas e sobram formas de pagá-los. Paga-se imposto sobre os salários, sobre o faturamento das empresas, sobre operações financeiras, sobre a manufatura, sobre a importação e sobre o que mais se possa imaginar. Aqui na Bielorrússia, onde escrevo no momento, paga-se imposto até mesmo por estar desempregado. Sei que parece absurdo, mas é verdade. Se essa moda pega no Brasil...

Como imposto é uma realidade, você precisa se lembrar de considerá-lo em seu planejamento financeiro. Existem duas formas fundamentais de pagar imposto: diretamente e indiretamente. Você paga diretamente quando é descontado em seu salário, quando paga os impostos da empresa e quando paga o imposto de renda anual, por exemplo. Porém também paga

indiretamente quando consome algo. Praticamente todos os produtos e serviços têm algum tipo de imposto embutido. No caso do Brasil, costumam ser vários.

O governo brasileiro gosta tanto do conceito de juros compostos que o adaptou para impostos. A produção de qualquer coisa implica em pagamento de uma cascata de impostos, um sobre o outro. Isso é parte do que torna o Brasil um país tão caro. Com frequência, quando se compra um artigo, a maior parte do custo é de impostos. O fabricante muitas vezes obtém um lucro ínfimo, enquanto o governo embolsa mais de 50% do valor do produto em impostos recolhidos ao longo das diversas fases da cadeia produtiva.

É difícil evitar o pagamento dos impostos embutidos nos produtos, porém é possível pagar menos. Quando você viaja pelo mundo, há uma grande variação nas alíquotas de impostos que incidem sobre os produtos. Em alguns países, produtos e serviços sairão mais baratos porque os impostos sobre o consumo são menores. Portanto, como nômade digital, você tem a oportunidade de pagar menos impostos sobre o consumo do que pagaria no Brasil por passar tempo em outros lugares onde, no geral, a taxa é menor.

Também existem grandes diferenças quando avaliamos o imposto de renda da pessoa física e os impostos pagos pelas empresas. Imposto de renda normalmente é cobrado das pessoas que residem em um determinado país. Quase todos os países operam dessa forma. Se você mora no país, você tem de pagar imposto de renda nele.

Os EUA são a principal exceção. É um dos poucos países no mundo que tributam com base na cidadania. Em outras palavras, nasceu nos EUA, tem de pagar imposto de renda lá, independente de onde você more no planeta. Um americano que more a vida inteira na Espanha, por exemplo, é obrigado a relatar seus rendimentos e posses para o governo americano todo ano e, dependendo de seus ganhos, pagar imposto nos EUA, além de na Espanha. Se isso parece absurdo, é porque é mesmo. Serve para você perceber que tudo que é ruim pode ficar pior e talvez o seu caso não seja tão ruim quanto parece. A única forma que o cidadão norteamericano tem de se livrar do apetite insaciável de seu governo é renunciar a cidadania americana, o que não é nem fácil nem barato.

Felizmente, os demais países não funcionam assim. Paga-se imposto de renda com base na residência com a justificativa de que você utiliza

serviços públicos no local onde reside, portanto precisa pagar por eles. Aqui entra um ponto importante: o que significa residir em um país?

Embora a legislação varie de um país para outro, uma pessoa costuma ser considerada residente se passar um determinado número de meses no país ao longo de um ano. O tempo costuma variar de 6 a 12 meses. Isto cria uma situação conveniente para nômades digitais.

Se você nunca passa muitos meses em nenhum país, você não é residente em lugar nenhum e, portanto, em teoria, talvez não precise pagar imposto de renda em nenhum país. Isso tudo dentro da legalidade.

No caso do Brasil, quando você sai para viver em outro país, ou para viajar pelo mundo por um longo período, você deve fazer a [Comunicação de Saída Definitiva do País](#), com o propósito de avisar à [Receita Federal](#) que você não é mais residente. Isso te libera da obrigação de fazer a [DIRPF \(Declaração de Imposto sobre a Renda da Pessoa Física\)](#) e te isenta de alguns impostos. Infelizmente, a explicação sobre esse tópico no site da Receita Federal deixa muito a desejar. É um assunto confuso, mas você pode encontrar uma explicação mais detalhada [neste artigo](#).

Com relação a empresas, se quiser montar algum tipo de negócio que possa ser operado de qualquer lugar, como uma empresa que vende software ou infoprodutos, por exemplo, não existe nenhuma obrigação de que tal empresa seja constituída no Brasil. Você tem liberdade para buscar uma jurisdição mais favorável. Empresas grandes fazem isso o tempo todo e você também pode trilhar esse caminho.

Em muitos países, ainda que você não seja cidadão ou residente, você terá mais facilidade para montar a empresa que no Brasil. E se tiver feito a declaração de saída, não terá de pagar impostos no Brasil sobre os lucros que tiver obtido através dela. Quanto aos impostos sobre os ganhos da empresa, há uma boa chance de que eles sejam menores que os cobrados no Brasil, desde que você pesquise e encontre jurisdições mais favoráveis. Países como Hong Kong e Singapura, por exemplo, possuem a reputação de serem favoráveis para a criação e operação de negócios online.

Essa é uma vantagem adicional de ser nômade digital. Você pode "votar com os pés". Ou seja, pode mover-se para países que te tratem melhor e pode inclusive criar seus negócios a partir deles.

Seja como for, é importante notar que as informações contidas aqui são meramente informativas e não devem ser consideradas como uma forma de

aconselhamento tributário. Para ter informações precisas sobre seu caso particular, procure um profissional especializado em tributação.

Parte 6
Final

Capítulo 21

Relacionamentos

Quando moramos em Rosário, conhecemos um argentino que trabalhava como cabeleireiro e adorava o Brasil. Já tinha visitado nosso país diversas vezes. A cada visita, passava alguns meses e aproveitava para trabalhar em salões de Santa Catarina. Ele disse que sentia-se sempre muito acolhido pela hospitalidade brasileira, embora tenha ficado desconfortável, no início, devido a comportamentos que lhe pareciam "tribais". Como assim?

Ele deu o exemplo de um salão onde trabalhou, no qual também havia outros cabeleireiros, além da própria dona. Na hora do almoço, os funcionários sempre saíam para comer juntos e, claro, o convidavam para ir também. Ele estava acostumado a almoçar sozinho e estranhou aquilo. Porém sucumbiu e passou a acompanhar o restante do grupo. Quando outros funcionários do salão ou a dona faziam uma festa de aniversário para um filho, ele e todos os demais eram sempre convidados.

Quem é do Brasil não vê nada de estranho no relato do argentino. No entanto, para ele, aquilo era uma novidade porque na Argentina este comportamento grupal não é tão acentuado. É comum as pessoas ficarem mais sozinhas, almoçarem sozinhas e fazerem programas restritos aos amigos mais íntimos. No Brasil, sempre fazemos parte de várias tribos. Temos dificuldade de ficar sozinhos. É como se não fôssemos ninguém fora de nossas tribos.

Fazer parte de uma tribo é ótimo e divertido, mas tem algumas consequências negativas. Os membros da tribo costumam ter afinidades e pensar de forma semelhante sobre inúmeros assuntos. Nós, que fazemos parte da tribo, frequentemente adotamos a visão do grupo, em detrimento de nossa opinião pessoal, talvez como parte de um esforço natural de aceitação. Ir contra a opinião do grupo é difícil porque as demais pessoas tentam te convencer do quanto você está errado, em vez de apenas aceitar sua opinião e conviver com a diferença.

Tolerar opiniões diferentes, especialmente sobre assuntos polêmicos, é um desafio para pessoas do mundo inteiro. Entretanto, no Brasil, devido a este comportamento grupal e outros fatores, é comum as pessoas não aceitarem opiniões diferentes e tentarem fazer tudo para mudá-la. Não é fácil pensar por conta própria no Brasil. A dificuldade de aceitar um ponto de vista diferente é comum no mundo inteiro, porém a enorme pressão para você "corrigi-lo" é uma característica bem brasileira. O brasileiro é um povo maravilhoso, entretanto, pelo que pudemos observar em outros lugares, não é tão tolerante quanto imagina.

Um exemplo que ilustra isso é a questão dos filhos. Eu e Pati estamos juntos há muito tempo. Desde o início, optamos por não ter filhos por uma razão simples: não sentíamos vontade de tê-los. Não tinha nada a ver com carreira, liberdade, viagem ou qualquer outra razão. Apenas ponderamos que, para ter um filho, o mínimo que precisávamos era um forte desejo, o qual nunca tivemos. Sim, é normal ter filhos. É o mais natural e é ótimo que seja assim. Adoro crianças e acho que elas trazem muita alegria para qualquer lar. Não temos nenhuma crítica a quem opta por ter filhos. Apenas não queremos tê-los.

Isso deveria ser suficiente para encerrar qualquer discussão sobre o assunto. Entretanto, dizer que não quer filhos no Brasil é uma heresia inaceitável. A reação das pessoas não se resume a espanto. Elas vão além e despejam sobre você todos os argumentos imagináveis para te convencer a mudar de opinião. Mesmo em um assunto tão íntimo quanto ter filhos, as pessoas não apenas se metem, como o fazem com paixão. É como se fosse uma cruzada. Agora que elas sabem que você está no caminho errado, precisam te ajudar e te fazer enxergar a luz. Precisam te salvar a todo custo. Por melhor intencionado que seja, tal comportamento revela intolerância e desrespeito às opiniões alheias. O que se espera de uma pessoa que aceita diferenças é que ela apenas aceite e respeite sua decisão. Trata-se de sua vida, não da dela.

Essa história serve para você se preparar para o que vem pela frente. No processo de mudar de vida e tornar-se nômade digital, o que mais você encontrará são pessoas tentando te convencer a não fazer isso, em nenhuma hipótese. Sua ideia brilhante será recebida como uma insanidade quando não for tratada como pura irresponsabilidade. Isto vai acontecer com a família, amigos, colegas de faculdade, colegas de trabalho e com quem mais você encontrar pelo caminho.

Não é fácil conviver com este tipo de resistência, que frequentemente parte das pessoas mais queridas. Elas querem seu bem e estão tentando te proteger de um caminho que lhes parece excessivamente arriscado. Portanto, tente não se magoar quando discordarem de sua decisão. As pessoas temem que você embarque em um caminho errado e sem volta.

Elas não estão erradas em se preocupar com você. Infelizmente, existem pessoas que "largaram tudo", venderam o que tinham e foram viver como "nômades digitais" em algum lugar supostamente barato, como [Chiang Mai](#) ou [Bali](#), porém sem nenhum preparo. São pessoas que mal conseguem ganhar o suficiente para pagar por um quarto ruim e algumas refeições esquálidas. São os chamados [digital losers](#) (perdedores digitais). Gente que largou uma vida bem encaminhada para viver uma vida miserável do outro lado do mundo.

É claro que você não quer acabar como eles. Por isso mesmo, está lendo este livro, aprendendo e se preparando. A melhor forma de se imunizar contra os efeitos das reações em contrário é se preparar bem e ganhar dinheiro de verdade. Se você partir com um entendimento sólido do que está fazendo, uma fonte de renda consistente e uma reserva financeira adequada, dificilmente terá de voltar com o rabo entre as pernas.

Além do medo de que algo ruim possa acontecer com você, as pessoas também não querem ficar longe de você. Tem um monte de gente que gosta de você de forma genuína. Essas pessoas te querem por perto e isso é maravilhoso. Não fique triste com elas se não entenderem seu projeto. Tampouco deixe de fazer o que deseja por conta delas. Lembre-se sempre da sabedoria da aeromoça. Ela ensina que, em caso de turbulência, máscaras de oxigênio cairão. Se houver uma criança a seu lado, coloque a máscara primeiro em você e depois na criança. Ou seja, olhe para seu umbigo primeiro, senão você não consegue ajudar ninguém. Não tente fazer os outros felizes em detrimento de sua felicidade. Isso jamais funciona. É uma receita garantida para a infelicidade.

Sobre as críticas, minha sugestão é que você as escute com paciência. Análise o que fizer sentido e ignore o restante. Não tente discutir ou convencer a outra pessoa de que você está no caminho certo. Sei que é um esforço imenso aceitar críticas calado, mas é recompensador. Perde-se menos tempo e energia, preserva-se a amizade.

O caminho para virar um nômade digital é um tanto solitário, assim como o de quem cria um empreendimento. Tratam-se de caminhos que

pouca gente está disposta a seguir. Portanto, é natural que seja solitário. Aprenda a ficar sozinho ou na companhia dos poucos que te entendem. Não tente fazer todo mundo te compreender e te apoiar. É inútil.

Cônjuges

Contrariar a todos e sair pelo mundo dá trabalho, mas é possível. A história muda quando a maior resistência vem do cônjuge. Mudar de vida sem o apoio da pessoa amada é um dos maiores obstáculos que você pode enfrentar. Não é fácil superá-lo.

Existem inúmeros motivos para a outra pessoa não querer embarcar nessa jornada: trabalho, não prejudicar a carreira, medo do desconhecido, dificuldade para falar outro idioma, não querer contrariar a família e os amigos, preocupações com familiares mais idosos, a necessidade de cuidar de familiares doentes, desinteresse por conhecer outros lugares, medo de gastar todas as economias, apego à casa e às coisas que possui, medo de perder o status social que conquistou, medo de quebrar a cara e receber um sermão de familiares e amigos, preocupação com a educação dos filhos e por aí vai.

Se você quer que a pessoa mais importante da sua vida embarque nessa, a primeira providência é não menosprezar nem minimizar suas preocupações. Não as reconhecê-las como legítimas é uma forma garantida de perder qualquer apoio possível. Portanto, tenha paciência e compreensão. Você precisará de doses elevadas de ambas.

Forçar a barra nunca funciona. A reação é proporcional ao tamanho da força que você aplica. Então, é melhor comer pelas beiradas. Em vez de propor uma mudança radical, você pode começar sugerindo viagens mais frequentes, por períodos de tempo mais longos. Manter a casa e as coisas diminui as resistências. Intensificar as viagens permite que a outra pessoa experimente os prazeres dessa vida. Muitas vezes isso é suficiente para que ela mesma te convide a ser nômade.

Se for seguir por este caminho, você precisa estar bem preparado para que possa proporcionar uma boa experiência. Não adianta fazer viagens mal organizadas, que criem estresse e conflitos. Se você quer seduzir a outra pessoa para embarcar em uma vida de viagens, trate de caprichar. Isso não significa pagar caro, nem ter luxos desnecessários. Trata-se apenas de

estudar para escolher lugares que tenham a ver com vocês, selecionar hospedagens que ofereçam conforto, organizar programas que agradem os dois e não se meter em roubadas.

Em resumo, você precisa proporcionar uma experiência tão legal, que a outra pessoa queira repetir o quanto antes. Se é você que está promovendo a ideia de virar nômade, é você que tem que se responsabilizar por fazer essas viagens experimentais funcionarem bem. Não dê trabalho para a outra pessoa. Lembre-se que o propósito é encantá-la.

Fazer viagens experimentais funciona algumas vezes. Conheço gente que começou assim, teve paciência e conseguiu convencer a cara-metade. Porém nem sempre dá certo. Às vezes as resistências se originam em problemas graves. Felizmente, na maioria dos casos, eles podem ser aliviados se houver dinheiro sobrando.

Grande parte dos medos que as pessoas nutrem têm origem em alguma preocupação financeira. Se isto se aplica ao seu caso, o melhor a fazer é cortar o mal pela raiz. Batalhe para ganhar dinheiro e elimine a preocupação financeira. Falar é fácil, conseguir é que são elas. Eu bem sei, mas vale à pena tentar.

Quando a resistência é muito grande, faz sentido adiar a ideia de virar nômade digital e se concentrar em criar um sistema sólido, que possa trabalhar e ganhar dinheiro por você. Trata-se de uma tarefa de anos e muito comprometimento, sem nenhuma garantia de que dará certo. A boa notícia é que, se der certo, você resolve diversos problemas de uma vez. Consegue liberar seu tempo porque não precisa mais trocá-lo por um salário. Consegue reforçar seu caixa, pode criar uma alternativa melhor para a aposentadoria, pode eliminar as resistências apresentadas pela outra pessoa e, se conseguir sair para o mundo, poderá desfrutá-lo com maior tranquilidade.

Durante o livro, venho insistindo nessa questão do dinheiro porque sei o quanto ele é poderoso. Você pode ser nômade digital com um orçamento apertado e usar estratégias das mais diversas para economizar, como *house sitting*, pegar caronas e tantas outras. Mas, convenhamos, bom mesmo é ter dinheiro no bolso e ser livre para fazer o que bem entender.

Além disso, coloque-se no lugar da outra pessoa, que está insegura sobre diversos aspectos dessa vida nômade. O que ela enxerga quando olha para você? Uma pessoa que se garante, que consegue se sustentar com facilidade, que consegue ganhar bem, que não vai fazê-la passar por

apertos, ou não? Ganhe muito dinheiro e a outra pessoa não terá do que duvidar. Você conquistará a plena confiança dela.

Ter muito dinheiro também te dá a oportunidade de viajar sem ter de abandonar tudo o que já possui. Com dinheiro sobrando, você pode simplesmente fechar a casa e viajar, sabendo que pode retornar a ela a hora que quiser. Pagar as contas dela, ainda que não a esteja usando, deixa de ser um problema. Tampouco faltará dinheiro para pagar uma passagem de volta. Seu cônjuge fica mais confortável sabendo que tem dinheiro no banco para voltar a hora que quiser. E sabe que a casinha estará esperando com todas as suas coisas.

Ser nômade digital não é o propósito em si. Viver uma vida plena, na companhia da pessoa que você ama e ter a oportunidade de experimentar tudo o que o mundo tem a oferecer é o que importa. Se isso significa sair e retornar ao Brasil inúmeras vezes ao longo do ano, que assim seja. Se isso significa fazer apenas duas viagens legais a cada ano, tudo bem. Não maltrate nem fique triste com a pessoa que você ama se ela não quiser virar nômade. Não há necessidade disso.

Mudanças na relação com a família e os amigos

Quando você parte, o relacionamento com a família e os amigos muda. Por mais que vocês mantenham contato pela internet, a falta de convivência afeta as relações. Você estará viajando pelo mundo e tendo novas experiências. Quem fica, por outro lado, continua com a mesma vida, porém já não pode mais contar com sua presença no dia a dia e nas datas especiais. Isso é doloroso.

As pessoas sentirão saudade de você. Se estiver levando filhos, os familiares se ressentirão ainda mais por perderem a chance de vê-los com frequência. E você sentirá saudade dos parentes e amigos, especialmente nos momentos de dificuldade. Faz parte. Infelizmente, se você quer conhecer o mundo e vivenciar tudo o que ele tem para oferecer, é preciso se distanciar de pessoas queridas por alguns períodos de tempo. Você pode atenuar a situação fazendo contatos frequentes e visitando o Brasil sempre que possível.

Nestas ocasiões, é provável que você se surpreenda com algo inesperado. Talvez a família e os amigos não demonstrem interesse em saber o que aconteceu enquanto você esteve fora. Você retorna cheio de

novidades e empolgado para contar todas as suas aventuras, porém descobre que ninguém está a fim de escutá-las. Essa sempre foi nossa experiência.

Quando voltamos ao Brasil, não conseguimos contar praticamente nada do que aconteceu enquanto estávamos fora, especialmente para as pessoas mais próximas. Ninguém pergunta e se a gente começa a contar algo, a pessoa logo desvia para outros assuntos, de seu próprio interesse. As raras situações em que conseguimos conversar sobre o que acontece fora do Brasil são quando encontramos com outros viajantes ou pessoas completamente desconhecidas.

Acho que isso ocorre devido à lacuna que se forma entre as experiências diárias de quem fica e as de quem parte para o mundo. O que acontece na sua vida nômade é tão fora da realidade de todo mundo, que é difícil estabelecer um assunto em comum. Ao mesmo tempo, quem fica gostaria de partir também, então, talvez seja um assunto delicado de conversar.

Comento isso para que você esteja preparado e não se surpreenda quando voltar. Além da dificuldade de conversar sobre o que aconteceu na viagem, você também terá dificuldade de se conectar com os assuntos de quem ficou. Não se surpreenda se você se sentir um estranho em sua própria casa. Isso acontece com a gente o tempo todo.

Convívio é uma parte importante da amizade. A falta dele esfria o relacionamento. Como diz o ditado popular, "longe dos olhos, longe do coração". Saiba disso antes de partir e vá preparado. Não espere que as amizades continuem tão fortes quando você retornar.

Para minimizar este problema, você pode agendar conversas frequentes com os amigos usando a internet. Quanto mais disciplina tiver para fazer isso, menos suas amizades sofrerão em decorrência de sua ausência.

Como fazer amigos na estrada

Viver como nômade digital pode ser uma experiência solitária se você não tomar alguns cuidados. Como você estará longe dos amigos e familiares, precisará fazer novos amigos nos lugares por onde passar. Mesmo que você tenha de trabalhar e tenha um dia a dia corrido, você precisa priorizar um tempo para fazer novos amigos.

Nos primeiros dois anos de nossa vida nômade, não sabíamos exatamente como fazer amigos. Ainda assim, conhecemos algumas pessoas pelo caminho. Algumas eram brasileiras e estavam morando nos lugares por

onde passamos. No início do terceiro ano, descobrimos o [Couchsurfing](#) e seus eventos ao redor do mundo. Começamos a frequentá-los e isso transformou a nossa forma de viajar.

Os membros do [Couchsurfing](#) promovem eventos de integração no mundo todo. Nas principais cidades, é possível encontrar ao menos um encontro semanal do [Couchsurfing](#). Em algumas, você encontra inúmeros eventos todas as semanas. São ótimas oportunidades para conhecer pessoas novas, sejam elas locais ou visitantes, como você. Como se trata de uma comunidade internacional, as pessoas costumam se comunicar bem em inglês.

Não dá para criar uma amizade em apenas uma visita a um encontro desses. Porém, se você passar mais tempo na cidade e for aos encontros toda semana, é possível fazer bons amigos. No momento em que escrevo, estamos em Minsk, onde já passamos tempo suficiente para visitar seis encontros semanais do [Couchsurfing](#). Os encontros são excelentes e a maioria dos frequentadores é daqui mesmo. São pessoais amáveis e muito acolhedoras. Em pouco mais de um mês, fizemos diversos amigos e estabelecemos algumas amizades fortes, que carregaremos para o resto da vida.

Mesmo com todos os compromissos que temos, sempre reservamos pelo menos um dia por semana para ir ao encontro do [Couchsurfing](#), custe o que custar. Essa disciplina é fundamental. Sem ela, seríamos apenas nós dois. Por mais que a gente se ame, é preciso conviver também com outras pessoas.

Se a cidade que você estiver visitando não tiver eventos frequentes do [Couchsurfing](#), você pode pesquisar no site por pessoas que morem na cidade e entrar em contato com elas, convidando para um café. Porém o [Couchsurfing](#) não é a única ferramenta útil para fazer amigos pelo mundo. Há muitas outras, como por exemplo o [InterNations](#). O próprio Facebook pode ajudar. Sempre que chegar a uma nova cidade, você pode buscar grupos no Facebook que reúnam pessoas que moram na cidade. Um exemplo é o [Foreigners in Sofia & Friends](#). Quando estivemos em Sófia, esse grupo promovia encontros frequentes, que eram mais movimentados que os do [Couchsurfing](#).

Outra ferramenta legal é o site [Meetup](#), onde pode-se encontrar grupos e eventos relacionados a temas específicos. Basta fazer uma busca pela cidade, verificar os grupos existentes e se juntar aos que lhe parecerem mais

interessantes. Tais grupos costumam se formar em torno de tecnologias, idiomas e todo tipo de assunto que se possa imaginar. É uma ferramenta excelente para fazer amigos e, de quebra, aprimorar seus conhecimentos trocando figurinhas com pessoas que possuem interesses afins.

Se estiver viajando sozinho, você pode usar aplicativos como o [Tinder](#) para encontrar uma companhia. Também vale à pena optar por albergues, ao menos de vez em quando, para ter uma interação mais frequente com outras pessoas. Fazer trabalhos voluntários e cursos locais também ajuda a fazer amigos. O mesmo vale para aplicativos que organizam jantares com locais, tais como o [EatWith](#), [Dinneer](#) e [BonAppetour](#).

A verdade é que só fica sozinho e sem amigos quem quer ou tem preguiça demais. Ferramentas para se conectar com locais ou outros viajantes existem aos montes. Tudo o que você precisa fazer é priorizar essa questão. E é importante que o faça porque solidão é um problema real entre nômades digitais, o qual já levou diversas pessoas a desistirem deste estilo de vida.

Capítulo 22

Saúde

Ter saúde é parte do que significa ter riqueza, especialmente no caso de nômades digitais. Além de ser um desperdício ficar doente na estrada, é assustador contrair uma enfermidade longe de casa e da família. Precisamos estar sempre bem e com energia suficiente para trabalhar de forma produtiva e aproveitar tudo que o mundo tem para oferecer. Como não sou um profissional de saúde, não posso e não irei te dizer o que fazer para ficar saudável. O máximo que posso fazer é compartilhar com você o que fazemos para preservar a saúde. Entretanto, não interprete como sendo um aconselhamento médico. Cabe a você estudar e decidir o que fazer para cuidar de sua saúde na estrada. Além disso, procure a orientação de um bom médico.

Prevenir é melhor que remediar, como diz o ditado popular. Sendo assim, nosso foco principal é cultivar bons hábitos, que contribuam naturalmente para manter a saúde em dia. Dizem que você é o que você come. Acreditamos nisso. Por essa razão, somos seletivos em relação ao que comemos.

Existem alimentos que evitamos por completo e tipos de alimentos que priorizamos em detrimento de outros. Não somos perfeitos. Cometemos erros com frequência, mas, no geral, seguimos uma dieta alimentar que tem nos mantido afastados de qualquer doença.

O corpo humano não foi projetado para ficar parado. Ele precisa de movimento. Sem estímulos, os músculos se atrofiam, os ossos se deterioram, nossa mobilidade se reduz e até o nosso estado de espírito é afetado. Por isso é importante incluir exercícios frequentes na vida nômade, sejam eles feitos em casa, na rua ou em uma academia. O que não dá é para ficar parado o tempo todo.

Mente e corpo são inseparáveis. Um afeta o outro com mais intensidade do que se imagina. Quando a cabeça não está bem, o corpo adoce. A maneira como a gente alimenta a mente é tão importante quanto a forma

como alimentamos o corpo. Consumir notícias ruins e informações que nos deprimem reduz nossas defesas naturais, assim como conviver com pessoas tóxicas e ficar exposto a níveis excessivos de estresse.

Corpo e mente precisam de descanso regular e de boa qualidade. Dormir bem, por uma quantidade suficiente de horas, é fundamental para manter a saúde. De fato, percebemos em nosso caso que a falta de repouso adequado reduz drasticamente a nossa imunidade e nos faz adoecer com facilidade.

Sabemos que as plantas fazem fotossíntese e precisam de Sol, porém não apenas elas. Nós também precisamos pegar Sol para manter a saúde. Ele é importante para estimular determinadas reações químicas do corpo e a produção de vitaminas importantes.

Sabendo de tudo isso, tentamos comer alimentos nutritivos, mover o corpo, manter a mente em paz, dormir bem e pegar Sol. Criamos hábitos que cubram todas esses aspectos de forma natural para que possamos manter a saúde sem ter de pensar muito nela.

Alimentação

A alimentação afeta nossa saúde, não há dúvidas sobre isso. Por outro lado, será que existe uma maneira certa de comer, que funcione bem para todo mundo? Acredito que não. Cada pessoa tem um corpo e uma história diferente. O que funciona para um monte de gente, não necessariamente funciona para você. O corpo é uma engrenagem complexa demais para que possamos fazer generalizações a respeito da alimentação.

Ao longo de nossa vida nômade, estudamos bastante sobre nutrição e experimentamos diversas abordagens. Algumas funcionaram, outras não. Com o tempo, fomos descartando o que não dava certo e preservando o que nos fazia bem. Sugiro que também siga esta abordagem. Estude continuamente sobre nutrição, faça experimentos e observe como seu corpo reage. Mantenha a mente aberta e não assuma verdades absolutas. Seu corpo é uma engrenagem única.

Quando começamos, não sabíamos cozinhar quase nada. Comíamos fora o tempo todo. Isso não é bom porque a forma de preparo dos alimentos nos restaurantes muitas vezes é ruim. Com o tempo, fomos aprendendo a cozinhar em casa e passamos a frequentar restaurantes com menos frequência. Nossa saúde melhorou e passamos a gastar menos. Cozinhar em casa te dá a chance de controlar melhor o que você ingere.

Estes são os itens que não consumimos há alguns anos:

- Refrigerante
- Sucos prontos
- Bebidas feitas com soja
- Bebidas dietéticas

- Adoçante
- Leite
- Molhos prontos para salada
- Margarina
- Maionese

- Temperos prontos em caixinha

- Cigarro (nunca fumamos)
- Verduras cruas fora de casa (com raras exceções)

Estes são os que evitamos, porém consumimos esporadicamente:

- Bebidas alcóolicas
- Café
- Óleos vegetais (exceto óleo de coco e azeite)
- Biscoitos
- Açúcar
- Doces
- Sorvetes
- Alimentos que utilizam grãos em sua composição, especialmente trigo, tais como, pães e massas em geral
- Laticínios (exceto queijos e iogurtes naturais de lugares como Bulgária e Grécia)
- Alimentos processados em geral (lasanhas congeladas, por exemplo)

Muitos grãos contém glúten, como é o caso do trigo. O glúten é considerado um agente inflamatório por muitos estudiosos. Acredita-se que seu consumo em excesso colabore para o desenvolvimento de disfunções hormonais e inúmeras doenças. Embora não tenhamos intolerância a ele, preferimos consumi-lo com moderação porque é o que funciona melhor em nosso caso particular.

A principal razão para evitarmos alimentos processados é que eles ainda não passaram pelo teste do tempo. Os alimentos que encontramos prontos na natureza são resultado de um processo evolutivo de milhões de anos. São consumidos por animais e humanos desde tempos remotos. O corpo está habituado a estes alimentos e sabe o que fazer com eles.

Alimentos processados, tais como comidas prontas, biscoitos, refrigerantes, alimentos dietéticos e tantos outros que trazem praticidade para a vida moderna, são relativamente novos e utilizam combinações de ingredientes que não são prontamente encontradas na natureza. Refrigerantes não brotam em árvores, biscoitos não são cultivados e lasanhas em caixinha não podem ser colhidas em nenhuma fazenda. É difícil provar que eles são inofensivos para o corpo humano.

Em alguns casos, os efeitos danosos podem existir, porém talvez se manifestem apenas depois de décadas. A ausência de evidência que refrigerante faz mal, por exemplo, não prova que ele faz bem. É cedo para que se possa ter certeza sobre qualquer alimento processado. Eles ainda não passaram pelo teste do tempo, como os alimentos que podem ser encontrados na natureza.

É por essa razão que, tanto quanto possível, tentamos nos restringir a alimentos que sejam facilmente encontrados na natureza ou derivados que sejam usados por seres humanos há milhares de anos. Destes, os que costumamos consumir são:

- Carnes de todo tipo
- Ovos

- Queijo
- Presunto
- Bacon

- Hortaliças
- Verduras
- Legumes
- Vegetais congelados (quando não achamos frescos)
- Arroz
- Quinoa
- Alguns tipos de sementes (castanha-do-pará, nozes, amêndoas)
- Frutas frescas
- Frutas secas (tâmara, damasco, ameixa e figo seco)
- Temperos que não tenham adição de componentes químicos, tais como, pimenta do reino, tomilho, orégano, noz-moscada, cúrcuma, louro e páprica)
- Farelo de aveia (de vez em quando)
- Sal marinho
- Óleo de coco
- Azeite
- Manteiga
- Chás de ervas, de menta, de rooibos e de gengibre
- Vinho e cerveja (nos países que produzem exemplares de alta qualidade)
- Mel

É uma lista um tanto restrita levando-se em conta o que a maioria das pessoas come, mas dá para preparar uma infinidade de refeições diferentes e todos os itens podem ser achados ao redor do mundo. Todos são antigos e usados pela humanidade há milênios. Chegamos a esta configuração aos poucos, removendo um item de cada vez. Ainda estamos trabalhando para remover ou reduzir outros, tais como chocolates e sorvetes. Esses são mais difíceis...

Também adotamos o que é chamado de [jejum intermitente](#). Passamos a maior parte das horas do dia sem ingerir nenhum alimento sólido. Apenas água e chás. Na prática, fazemos isso pulando o café da manhã. Nossa primeira refeição é o almoço. A segunda e última é o jantar. Entre um e outro, às vezes comemos uma fruta.

Ao acordar, a única coisa que ingerimos é água quente com limão (sem açúcar), chá de gengibre (sem açúcar) e água em temperatura ambiente.

Não tentarei explicar o que nos levou a optar por esse protocolo alimentar. Você pode fazer suas próprias pesquisas sobre os elementos citados. A razão pela qual os utilizamos é porque tem funcionado para nós.

Além desses, também usamos alguns suplementos alimentares: óleo de peixe, vitamina D3, vitamina K2 e magnésio. De tempos em tempos, usamos também [chlorella](#) e [spirulina](#).

Não somos santos. Temos nossos momentos de fraqueza e comemos o que não devemos de vez em quando. Para evitar cair em tentação, a gente não traz para casa o que sabe que não deve comer, com exceção de chocolate e pão, que pulam no carrinho do supermercado de vez em quando. Deixamos as escapadas para os momentos em que estamos com amigos e comemos fora.

Como última observação sobre alimentação, vale mencionar que eu era ovolactovegetariano quando começamos a viver como nômades e continuei assim até o segundo ano. No total, passei mais de cinco anos sem comer nenhum tipo de carne. No meu caso particular, decidi abandonar esse protocolo alimentar porque sentia que já não me fazia bem e estava tornando a viagem mais complicada.

Na época, não cozinhávamos em casa e eu tinha dificuldade de achar pratos vegetarianos por onde andávamos ao redor do mundo. Com frequência, apelava para massas e outros tipos de alimentos ricos em carboidratos. Isso contribuiu para eu engordar demais. Em meados de 2012, quando voltei a comer carne e reduzi a ingestão de carboidratos, meu peso caiu rapidamente.

Hoje nós cozinhamos a maior parte do tempo. Isso muda tudo. Se eu voltasse a ser vegetariano, provavelmente não teria problemas com ganho de peso porque poderia preparar refeições mais apropriadas.

Exercícios

Nós costumamos caminhar muito. A exceção é quando estamos no meio do inverno, em locais onde as temperaturas ficam abaixo de zero. No restante do tempo, a gente anda muito e essa é a nossa principal forma de mexer o corpo. Além disso, tentamos fazer exercícios em casa. Nestes casos, fazemos exercícios básicos de fortalecimento, tais como: flexão, agachadinha, lunge, pranchinha, abdominal, bem como exercícios de bíceps e tríceps usando o peso de uma mochila ou uma bolsa de supermercado

cheia. Às vezes seguimos alguma aula online, usando sites com o [Exercícios em Casa](#), [BTFIT](#) ou [FitnessBlender](#).

Não é fácil manter a disciplina de fazer exercícios em casa. A gente faz um tempo, fica parado um tempo, volta depois e assim vai. É uma novela. Então, sempre que possível, a gente tenta entrar em uma academia.

Já fizemos academia em diversos lugares do mundo. É o ideal, mas nem sempre é possível. Felizmente, dá para se exercitar bem em casa, mesmo sem nenhum tipo de equipamento. Se você nunca tentou, experimente seguir as aulas dos sites que citei antes. Você vai se surpreender com o quão puxadas elas podem ser. Correr e pedalar também são opções viáveis em muitos lugares.

Seja qual for a sua preferência, movimente o corpo. Caminhar não tem contraindicação. Porém, tanto quanto possível, faça também exercícios que fortaleçam os músculos. Quem trabalha sentado por muitas horas, como é o caso da maioria dos nômades digitais, precisa movimentar o corpo tanto quanto possível.

Vacinas

Além de se manter saudável, também é importante avaliar se você precisa se vacinar contra doenças graves que possam ser comuns nos países que pretende visitar. A vacinação prévia contra a febre amarela é obrigatória para entrar em alguns países que exigem a comprovação através do certificado internacional de vacinação. Dependendo do destino, pode ser recomendável tomar algumas vacinas adicionais.

Para saber que vacinas tomar, você deve buscar um aconselhamento médico especializado. Quem é de São Paulo, por exemplo, pode recorrer ao **Ambulatório dos Viajantes no Hospital das Clínicas de São Paulo**, como explicado neste [artigo de Nini Ferrari](#).

É importante fazer isso com bastante antecedência porque algumas vacinas só fazem efeito depois de alguns dias. Outras demandam que você tome algumas doses com um espaço de alguns dias entre elas. Se você deixar para a última hora, não conseguirá resolver tudo a tempo.

Seguro de saúde

Por mais que você tente se prevenir, sempre existe a chance de adoecer na estrada ou sofrer algum tipo de acidente. Por isso é fundamental viajar com um seguro de saúde internacional. No caso de alguns destinos, é obrigatório ter um seguro de saúde. Isso se aplica ao caso da Europa, por exemplo, onde exige-se que os visitantes tenham uma [apólice de seguros com cobertura de pelo menos 30 mil euros](#).

Há uma infinidade de opções de seguros. Pesquise as ofertas de cada seguradora e avalie itens tais como: preço, formas de pagamento, o que é coberto, até que valor máximo você é coberto por cada item da cobertura, quais são os procedimentos em caso de urgência, como são tratadas doenças pré-existentes, países incluídos, o que não é coberto e qual o valor da franquia, caso ela exista. Alguns seguros cobrem consultas e exames esporádicos, além de atendimentos emergenciais. Verifique se o seguro que você está avaliando cobre os dois casos.

Sobre o pagamento das consultas e procedimentos médicos, existem casos em que o seguro se ocupa de tudo e outros em que você tem que fazer o pagamento e depois pedir o reembolso. E tem seguro que cobra uma franquia quando você faz um pedido de reembolso. Um exemplo é o [World Nomads](#), que já usamos diversas vezes. Ele cobra 100 dólares por evento médico.

O que representa um "evento médico"? Pegando um exemplo da Pati, quando estávamos em Sófia, ela começou a apresentar sintomas de uma infecção urinária. Por isso, fez diversas consultas e vários exames. Todas essas ações representaram um único evento médico que, neste caso, era a infecção urinária. Portanto, o [World Nomads](#) recebeu as contas de tudo isso e as reembolsou, porém deduziu 100 dólares, que é a franquia por evento médico.

Quando você encontrar um seguro de saúde que atenda suas preferências, pesquise que valor é cobrado se você fizer a aquisição através de uma agência de seguros, como a [Real Seguro Viagem](#), por exemplo, que vende apólices de diversas seguradoras. Com frequência, o valor que você paga dessa forma é menor do que pagaria diretamente para a seguradora.

Um detalhe importante que você precisa verificar é a possibilidade de renovar o seguro quando já estiver na estrada. As seguradoras costumam limitar o número máximo de meses de uma apólice. Se sua viagem for além deste período, você precisará renovar a apólice. Nem sempre as seguradoras permitem que você faça isso quando ainda está no meio da viagem.

Tampouco aceitam que você adquira uma nova apólice se estiver fora do Brasil. Portanto, verifique esta questão antes de comprar a apólice.

Em alguns casos, quando você compra a passagem internacional usando o cartão de crédito, você ganha o seguro de saúde oferecido pela operadora do cartão. Você pode entrar em contato com a operadora de seu cartão de crédito e se informar sobre isso. Em alguns casos, é possível fazer uma boa economia. Entretanto, converse com a operadora do cartão e verifique cuidadosamente todos os detalhes da apólice. Trate-a com o mesmo cuidado que dedicaria a uma apólice contratada diretamente de uma seguradora.

Não adianta ganhar o seguro se ele não cobrir o que você precisa ou tiver regras que não lhe pareçam razoáveis. Ainda que seu cartão de crédito anuncie que você tem direito ao seguro de saúde, não assuma que este é o caso e que você pode partir tranquilo. É vital que você faça contato com a operadora e pergunte tudo que perguntaria para qualquer seguradora.

Escolher uma seguradora que ofereça uma boa relação custo/benefício dá trabalho. No nosso caso, frequentemente optamos pelo [World Nomads](#) porque muitas vezes foi o que ofereceu as melhores condições, pelos valores mais razoáveis. Eles permitem fazer apólices de até seis meses, que podem ser renovadas durante a viagem. E sempre fizeram os pagamentos de pedidos de reembolso de forma satisfatória.

Nos últimos anos, passamos a usar a [IMG Global](#). Ela oferece planos satisfatórios e valores competitivos, além de permitir que a gente renove a apólice quando está fora do país de residência. Além disso, ela nos dá mais flexibilidade para decidir sobre o valor da franquia. Ao contrário do [World Nomads](#), podemos contratar o seguro sem franquia alguma pagando um valor um pouco maior pela apólice. Ou podemos pagar uma apólice mais barata aumentando o valor da franquia. Portanto temos mais flexibilidade sobre essa questão de acordo com nossa percepção de risco.

Para o caso de viagens para a Europa, o ideal é usar a [IMG Europe](#) e selecionar a opção de viagem apenas para a Europa. Isso reduz bastante o preço da apólice em comparação com a da [IMG Global](#), mas você só poderá utilizá-la em países da Europa, naturalmente.

Nas vezes em que contratamos a [IMG Global](#) e a [IMG Europe](#), não tivemos nenhum problema de saúde, portanto não temos a experiência de pedir reembolso dessas seguradoras. No entanto, outros amigos nômades já tiveram de fazê-lo e relataram que tudo funcionou sem aborrecimentos.

Vale notar que em casos emergenciais, como acidentes, é comum que o hospital entre em contato diretamente com a seguradora e que ela assuma os custos desde o início. Por outro lado, quando você procura um médico para uma situação não emergencial, é habitual que você faça o pagamento diretamente e peça o reembolso em seguida.

Inclua as seguradoras que mencionei em sua pesquisa, mas não as contrate apenas porque eu as citei. Sua realidade e suas necessidades são diferentes das nossas. Além disso, as seguradoras vivem mudando os preços e condições das apólices ao longo do tempo. Quando você estiver lendo, pode ser que elas não ofereçam condições tão boas quanto as de outras. Tem que pesquisar sempre.

Um detalhe final que você precisa considerar é se manterá o plano de saúde no Brasil. Se você ficar muito tempo sem retornar ao país, manter o plano significará pagá-lo e não usá-lo. Por outro lado, cancelar o plano significa que se você precisar retornar antes do tempo para resolver algum problema, não terá um plano de saúde e só poderá se valer da rede pública ou pagar os atendimentos diretamente.

Em nosso caso, mantivemos o plano por alguns anos. Depois, percebendo a falta de uso e sabendo que passaríamos quase dois anos sem visitar o Brasil, o cancelamos. Quando voltamos a visitar o país, fizemos um novo plano com coberturas mais simples e um custo menor.

Em princípio, é possível cancelar o plano de saúde no Brasil, partir e reativá-lo quando retornar ao país. No entanto, isso provavelmente implicará em prazos de carência. Portanto, se quiser optar por este caminho, pesquise com atenção as carências na hora da ativação de um novo plano de saúde no Brasil.

Nossas experiências médicas fora do Brasil

Estávamos em um voo de Phuket (Tailândia) para Kuala Lumpur (Malásia), quando Pati começou a se queixar de uma forte dor de cabeça. Ela sacou um comprimido de sua bolsinha de remédios e o engoliu com vontade, na esperança de conseguir um alívio rápido. Em vez disso, a dor só aumentou e ela percebeu que devia estar com febre.

Quando chegamos em Kuala Lumpur, ela estava cansada, sem forças e com uma dor de cabeça insuportável. Fomos rapidamente para o hotel, onde ela tomou mais um remédio para dor de cabeça e foi dormir. Horas depois,

quando já se sentia um pouco melhor, fomos para o [Suria KLCC](#), um shopping center que fica abaixo das famosas [Petronas Twin Towers](#). A ideia era achar um lugar para jantar e comprar uns mantimentos.

Enquanto estávamos lá, notei que havia um clínica no shopping. Como Pati estava se sentindo melhor, não recorremos a ela imediatamente. No dia seguinte, entretanto, ela acordou com mais febre e uma dor de cabeça que nunca tinha visto igual. Foi quando começou a suspeitar que estivesse com dengue. Já não dava mais para tentar resolver o problema por conta própria. A situação estava saindo do controle. Voltamos para o shopping e seguimos rapidamente para o [Twin Towers Medical Centre KLCC](#).

Na recepção, tivemos a primeira boa notícia. A atendente falava inglês perfeitamente. Ela nos entregou um formulário de cadastro, também em inglês, o qual preenchemos logo. Aguardamos não mais que dez minutos e fomos chamados para o consultório da médica. Ela também falava inglês com naturalidade e usava um lenço para cobrir a cabeça, como é o caso de tantas outras mulheres na Malásia, que seguem o Islã. Examinou Pati e concordou que os sintomas indicavam a possibilidade de dengue. Preencheu um pedido de exame e pediu que voltássemos para o saguão, onde um enfermeiro chamaria Pati para fazer a coleta de sangue. Mal se passaram cinco minutos até que ele fosse buscá-la e levá-la para outra sala, onde coletou o material necessário.

De volta ao saguão de espera, aguardamos por uns vinte minutos até o enfermeiro voltar e anunciar que trazia notícias não tão boas. Ele estava levando os resultados para a médica e ela iria nos chamar em seguida. Pouco tempo depois, ela nos contou que Pati realmente estava com dengue. Explicou o que precisava ser feito e desejou melhoras.

De volta à recepção, fomos pagar a conta, já preocupados com o valor, pois a clínica era bonita, moderna, eficiente e localizada em um dos *shopping centers* mais caros da cidade. Para nossa surpresa, o valor foi baixo. Todo o procedimento, incluindo o exame, custou menos do que teria sido uma simples consulta médica no Brasil.

O que chamou ainda mais atenção foi a rapidez. Entre o momento que chegamos à clínica e nossa partida, não se passaram nem cinquenta minutos, dos quais a maior parte foi a espera pelo resultado do exame. O que também nos surpreendeu é que não havia quase mais ninguém se consultando, o que colaborou para reduzir o tempo que passamos lá.

Essa experiência foi diferente do que estávamos acostumados a enfrentar em Niterói, quando precisávamos de algum atendimento médico. Mesmo com consultas marcadas, raramente esperávamos menos de uma hora para ter a chance de conversar com o médico por alguns minutos. Os consultórios estavam sempre lotados.

Nas eventuais visitas a hospitais para alguma situação de emergência, era comum esperar duas horas ou mais para receber atendimento. O Brasil tem ótimos médicos, porém a demanda é enorme e os processos frequentemente são ineficientes. As esperas são longas e a experiência raramente é satisfatória. Foi uma grata surpresa saber que podíamos contar com atendimento eficiente, rápido e com custo reduzido do outro lado do mundo.

Tivemos sorte. A Malásia conta com ótimas clínicas privadas e fomos parar em uma delas. A situação seria diferente se estivéssemos em outro país, com infraestrutura precária, ou tivéssemos optado por uma clínica pior. Uma das preocupações, quando precisamos buscar atendimento médico pelo mundo, é justamente descobrir para onde ir. Que médico devemos procurar? Que clínica? Que hospital? Nessas horas, é útil ter amigos e outros contatos no local. Eles podem te indicar um profissional ou os melhores estabelecimentos.

Ainda no caso de Pati, ela teve de retornar à clínica algumas vezes para verificar a contagem de plaquetas. Como elas estavam caindo, a médica recomendou que fôssemos para o hospital [Gleneagles](#), pois talvez Pati precisasse ser internada. Chegando lá, ficamos impressionados com o lugar, que mais parecia um hotel cinco estrelas. Fomos ao hospital diversas vezes nos dias que se seguiram para o monitoramento das plaquetas. Em todas as visitas, o atendimento foi rápido e os valores baixos.

Ficar doente na viagem foi uma experiência desagradável. Felizmente, não foi agravada por um atendimento médico precário. Pelo contrário, ficamos positivamente impressionados com a rapidez, a qualidade e os valores cobrados. E não somos os únicos a ter essa impressão. As clínicas e hospitais da Malásia são bastante procuradas por quem deseja fazer turismo médico. São pessoas que querem se consultar, fazer exames, cirurgias e outros procedimentos médicos, porém buscam atendimento melhor e preços menores que os cobrados em seus países de origem. É possível ter uma ideia das cidades e países que oferecem bom atendimento médico no site [Numbeo](#).

O fato de ser nômade digital te dá essa opção. Você não precisa necessariamente se consultar no Brasil. Em vez disso, pode pesquisar quais são os melhores lugares do mundo para obter o tratamento específico que deseja.

O ano de 2015 foi o mais conturbado de nossa vida nômade. Pati começou a sentir diversos tipos de sintomas e embarcamos em uma longa jornada para descobrir o que os estava causando. Isso envolveu visitas a médicos em diversos países por onde passamos. Começou em Chiang Mai, na Tailândia, onde visitamos a [Health Care Medical Clinic](#) e o [Chiangmai Ram Hospital](#). Nos dois casos, o atendimento foi satisfatório e os valores cobrados foram razoáveis. Médicos e enfermeiros falavam inglês, porém com menos fluência que na Malásia.

Em Sófia, na Bulgária, fomos muitas vezes ao [Tokuda Hospital Sofia](#). É um hospital internacional, que conta com equipamentos modernos, um sistema eficiente e uma equipe médica que fala inglês. Os valores que pagamos pelas consultas e exames foram alguns dos mais baixos que já encontramos.

Em Bucareste, na Romênia, Pati visitou algumas vezes a clínica [Bio-medica](#). Além do ótimo atendimento, foi o local onde encontramos os profissionais com melhor domínio do inglês. Os valores cobrados também foram razoáveis e o tempo de atendimento quase sempre foi curto.

A única experiência ruim que tivemos ocorreu na Itália, quando moramos em Catânia, na Sicília. Quando soube que Pati estava doente, a proprietária de nosso apartamento fez a gentileza de entrar em contato com sua médica e marcar uma consulta para algumas horas depois. Isso nos fez ganhar tempo, mas de pouco adiantou.

A clínica era uma zona. A sala de espera estava apinhada de gente e ninguém tinha muita disposição para aguardar a vez. A secretária não falava uma única palavra em inglês, assim como a médica. Se eu não falasse italiano, a comunicação seria difícil. A sala da médica era tão bagunçada, que havia caixas sobre a maca, indicando que ela raramente colocava os pacientes sobre ela para examiná-los. De fato, Pati não foi examinada. A médica apenas escutou nossa descrição dos sintomas, inferiu qual deveria ser o problema, receitou alguns remédios e despachou Pati dali o mais rápido que pôde.

Os remédios receitados não só foram inúteis, como parecem ter colaborado para o problema piorar. Curiosamente, a secretária não cobrou a

consulta e recusou-se a receber qualquer pagamento. Menos mal.

Diante do ocorrido e com medo de passar por experiências semelhantes, retornamos para Sófia, onde Pati recebeu o tratamento adequado no [Tokuda](#). Ou seja, fizemos turismo médico. Fomos buscar tratamento em outra cidade, em outro país, que já sabíamos que podia oferecer um atendimento melhor e com ótimo custo/benefício.

A essa altura, a perspectiva de ir a um médico fora do Brasil já não nos assusta. Sabemos que temos a chance de encontrar um bom atendimento em muitos lugares, embora a experiência não seja idêntica a de ir a uma consulta no Brasil.

A diferença de idioma atrapalha. Nem sempre temos vocabulário suficiente para explicar determinados sintomas em inglês, assim como muitos médicos também têm dificuldades com o idioma. Além disso, existem diferenças de abordagem, o que causa estranheza em alguns momentos. Às vezes, surpreendem positivamente.

Que remédios levar

Antes de sair por aí estocando um monte de remédios para levar em sua viagem, lembre-se que pessoas ficam doentes no mundo inteiro. Portanto tem farmácia em tudo quanto é lugar. Mesmo em lugares onde você imaginaria ter dificuldades para achar algo, há uma chance grande de que você encontre o remédio que precisa. Você não está indo para uma viagem de férias. O mais provável é que vá passar um longo período de tempo fora do Brasil. Cedo ou tarde você vai acabar tendo de comprar um remédio em uma farmácia de algum lugar cuja língua não fala. Dá trabalho, mas é perfeitamente possível.

Escreva em um papel o que deseja e use um aplicativo de tradução para ajudar na comunicação se necessário. Com o tempo você vai se acostumar a visitar as farmácias e vai perceber que dá para achar de tudo, em praticamente qualquer lugar do mundo. Às vezes até com mais facilidade que no Brasil.

Se você utiliza medicamentos de uso contínuo, você deve levá-los, de preferência nas embalagens originais, acompanhados das respectivas receitas. Lembre-se que as alfândegas de alguns países não permitem o ingresso de diversos tipos de medicamentos. Se necessário, consulte o consulado do país que irá visitar para verificar se há algum impedimento.

Leve também o nome genérico e o princípio ativo de cada remédio que precisar.

Tirando os remédios de uso contínuo, é difícil prever o que você pode vir a precisar. Levar remédios demais, com medo de não achá-los em caso de necessidade, não só faz crescer sua bagagem, como também aumenta seu risco de ter problemas nas alfândegas. Portanto, use seu julgamento e sua experiência pessoal para escolher o que levará, mas não exagere na dose. Nós já levamos muitos remédios no passado, mas hoje em dia não carregamos mais que alguns comprimidos para dor de cabeça. O resto a gente busca onde estiver, se precisar.

Saiba também que é possível viajar por muitos anos e nunca ter de buscar atendimento médico no exterior. Eu mesmo, embora viaje para fora do Brasil, com frequência, há vinte anos, nunca precisei buscar um médico no exterior. Entretanto, sei que isso pode mudar a qualquer momento, por maior que sejam nossas precauções, como ilustra o caso da Pati. O melhor a fazer é adotar práticas saudáveis que te ajudem a manter a saúde sempre em dia.

Capítulo 23

Transição

Como faço para virar nômade digital? O nômade digital desfruta de uma liberdade que poucas pessoas têm. Isso é valioso. A sensação que tenho, depois de viver desta forma por tantos anos, é que somos milionários, pois vivemos uma realidade distante da maioria das pessoas. O que me faz perceber que perguntar como faz para virar nômade digital é quase o mesmo que perguntar como faz para virar milionário. Não há uma resposta curta.

Como já vimos na parte que trata de dinheiro, é perfeitamente possível virar milionário. Acumular uma grande fortuna é o resultado final de um processo que, com frequência, leva alguns anos, embora não tenha de ser muitos anos. Ninguém vira milionário da noite para o dia, a menos que ganhe na Mega-Sena. Da mesma forma, ser nômade digital é resultado de um processo que envolve uma infinidade de passos, mudanças pessoais e um certo tempo. O que precisa ser mudado depende da realidade específica de cada pessoa.

Quem tem menos de dezoito anos costuma ter pouco conhecimento, experiência e dinheiro. Por outro lado, tem tempo, energia de sobra e poucas amarras. Quem está próximo dos trinta frequentemente tem algum conhecimento e experiência profissional. Às vezes, tem algum dinheiro guardado e costuma ter algumas amarras. Pode estar casado, com filhos e envolvido em algum tipo de financiamento imobiliário, por exemplo. Quem passa dos quarenta costuma ter dinheiro, experiência, muitas amarras e menos tempo.

É inútil indicar um caminho sem levar em conta as circunstâncias de cada pessoa. Mas dá para indicar um rumo tomando como ponto de partida a faixa etária de quem pergunta.

Até os 18

Você ainda está em idade escolar e acredita que existe um caminho melhor na vida que ficar trancado em um escritório cinco dias por semana para ter a liberdade de sair com os amigos no sábado e domingo. Entendo perfeitamente e concordo que esse arranjo faz pouco sentido.

No ponto em que está, o grande desafio é dinheiro. No caso, a falta dele. Pela sua idade, você talvez ainda não ganhe dinheiro algum ou pelo menos não tenha tido tempo ainda para montar uma reserva financeira. Você vai precisar das duas coisas para ser nômade digital. Pedir para os pais bancarem sua vida nômade não é uma boa ideia, ainda que eles tenham dinheiro para tal, pois isso te tornaria mais frágil.

Para se desenvolver como uma pessoa autossuficiente, você precisa superar desafios, aprender competências úteis, trabalhar, ganhar experiência, ganhar seu próprio dinheiro e assumir a responsabilidade por todos os aspectos de sua vida. Você não pode delegar isso a outras pessoas. Fazê-lo seria o equivalente a pedir que alguém fosse à academia malhar por você. Dá menos trabalho, porém não traz resultado algum.

Que carreira deseja seguir? Esta é a decisão mais importante que você tem pela frente. Para responder essa pergunta, você precisa pensar sobre o que mais gosta. É importante escolher uma carreira com a qual tenha afinidade, porém isto não basta. Você precisa de dinheiro. Então, se possível, tente conciliar suas preferências com algo que tenha boas chances de dar retorno financeiro. Pesquise a fundo as carreiras existentes para descobrir quais podem ser as mais adequadas para você.

Decidir por uma carreira é fundamental para que você saiba o que precisará estudar. A forma que você usará para estudar fica a seu critério. Um assunto que deve estar na sua mente é a faculdade. Que faculdade fazer?

Terminar o ensino secundário e ingressar imediatamente em um curso universitário é o caminho normal que a maioria das pessoas acha recomendável. Porém já sabemos que aquilo que é normal não é necessariamente o melhor. Por exemplo, é normal as pessoas terem empregos e, como vimos na parte que trata de dinheiro, quem tem emprego costuma não ter tempo para ganhar dinheiro

Construir uma carreira não implica necessariamente em fazer faculdade. Nessa faixa etária, seu maior problema é descobrir a carreira que seguirá e não a faculdade que cursará. São duas coisas completamente diferentes.

Construir uma carreira é fundamental, mas cursar uma faculdade é opcional.

Ingressar em um curso universitário pode fazer sentido ou não, dependendo do que você esteja buscando. Com frequência, os cursos universitários tentam preparar as pessoas para empregos. Se você não pretende viver como um empregado, talvez a faculdade não seja necessária e possa até atrapalhar.

Ingressar em um curso universitário tem pelo menos cinco custos: **dinheiro, tempo, oportunidade, rigidez e doutrinação**. Vejamos cada um deles.

Dinheiro. Fazer uma faculdade não é barato. Se for uma particular, você ou seus pais terão de pagar as mensalidades. Se você não puder pagar, pode tentar obter um financiamento, usando um instrumento como o [FIES \(Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior\)](#). Se o fizer, irá contrair uma dívida que deverá ser paga ao longo de anos após a conclusão do curso.

Como já foi discutido antes, dívidas escravizam. Quando terminar a faculdade, você entrará no mercado de trabalho devendo. Terá de buscar algum emprego tão rapidamente quanto possível, não apenas para se sustentar, mas também para pagar a dívida. É triste começar a vida adulta com uma dívida. É como passar os melhores anos da vida arrastando uma bola de ferro acorrentada ao tornozelo.

A situação melhora se você ingressar em uma universidade pública. Contudo, não pense que ela sai de graça. Para frequentá-la, você precisará gastar com livros, materiais acadêmicos, transporte, alimentação, entre outros. E esses serão os menores custos.

Tempo. O gasto de tempo é o mais grave. Um curso universitário consome quatro anos ou mais, na maioria dos casos. Dependendo do que você esteja buscando, isto é muito tempo. É preciso lembrar que tempo é o único item de sua vida que não é possível repor. Você começa a vida com o tanque cheio e ele só vai esvaziando com o passar dos anos. Não existe nenhum posto para reabastecer. Portanto, é preciso escolher com cuidado.

Com frequência, esse tempo gasto na universidade ocorre entre os 17 e 24 anos. São os primeiros anos como adulto e alguns dos melhores da vida. É uma fase em que temos uma vitalidade incrível. Nossa saúde está no auge, nossa energia está no topo e ainda cultivamos uma certa inocência, que é importante para quem deseja criar algo novo. Somos flexíveis e

adaptáveis. Acreditamos que tudo é possível (o que é verdade). Ainda não há nada que nos prenda. É um momento precioso da vida. É lamentável desperdiçar anos em um curso universitário quando ele não é necessário, especialmente nessa fase da vida, que é tão importante para moldar nosso futuro.

Quatro anos é muito tempo. Dá para aprender e fazer muita coisa neste período. A universidade é apenas um caminho dentre tantos outros. Nunca foi tão fácil aprender. Quando entrei na faculdade, em 1995, a internet estava no início. Não havia Google, nem YouTube, nem blogs, nem livros eletrônicos, nem banda larga, nem *smartphones*, nem *tablets*, nem kindles, nem Amazon, nem [Khan Academy](#), nem [Coursera](#), nem [Udemy](#), nem [Tuts+](#), nem uma infinidade de outras ferramentas que estão à disposição de qualquer pessoa na atualidade. Até cursos universitários inteiros estão disponíveis de graça na internet. Tudo o que é preciso para aprender é tempo, interesse e disciplina.

A maioria das pessoas vai para a universidade porque está no piloto automático e não faz uma análise crítica sobre as escolhas que tem pela frente. Vai para a faculdade porque é o que a sociedade espera que se faça. É o que a manada faz. É o que todo mundo diz que é certo. É o normal.

Oportunidade. Conheço pessoas com menos de vinte anos, que começaram a trabalhar por conta própria lá pelos dezesseis e já ganham bem, podendo até trabalhar de qualquer lugar que queiram. Gente que ganha até mais que os pais. São pessoas que, com vinte anos, já podem viver como nômades digitais e viajar pelo mundo, com tranquilidade financeira, sem jamais terem feito um curso universitário.

Custo de oportunidade tem a ver com aquilo de que você abre mão em função de uma escolha que faz. Quando você escolhe ir para a faculdade, o tempo que passa lá te impede, por exemplo, de montar um negócio próprio. Há uma infinidade de outras coisas que você poderia estar fazendo em vez de estar na faculdade. Isso vale para tudo na vida.

Sempre que você escolhe um caminho, você abre mão de muitos outros que poderia ter seguido. Tudo bem, porque não dá para seguir todos ao mesmo tempo. Justamente por isso, é importante escolher o que possa te trazer o maior retorno. É tolice não fazer esse tipo de avaliação. Enquanto você está na universidade, você perde a oportunidade de fazer outras coisas que poderiam te aproximar de seus objetivos, inclusive o de ser nômade digital.

O caso de Pati ilustra bem este ponto. Ela se graduou em computação e teve uma carreira nesta área por anos, quando decidiu virar fotógrafa de casamento. Na época, ela pensou que o caminho natural seria ingressar em algum tipo de faculdade que tivesse relação com fotografia. Em Niterói, onde morávamos, havia o [curso de cinema](#), na [UFF](#) e ela pensou em fazer vestibular para frequentá-lo. Conversando com ela, percebi que isso seria um desperdício. Ela possivelmente teria algumas matérias de fotografia ao longo do curso, porém a maioria não teria relação alguma com fotografia. Elas poderiam ser úteis, mas havia o risco de ela gastar tempo demais e, ao final, sair sem saber o suficiente de fotografia de casamento, que era o que desejava aprender.

Em vez de voltar para a faculdade, ela optou por fazer um [curso básico de fotografia](#), na [Sociedade Fluminense de Fotografia](#). O curso era aos sábados e durou apenas dois meses. Além disso, buscou fotógrafos na cidade e se ofereceu para trabalhar de graça, como aprendiz, o que fez ao longo de um ano. Além dessas duas ações, estudou muito com a ajuda da internet e começou a fotografar freneticamente. Praticou tanto quanto possível e se aperfeiçoou rapidamente. Ao final de um ano, ela já começou a ter seus próprios clientes. Depois de dois anos, já se sustentava com a fotografia. Em quatro anos, já era conhecida e as noivas disputavam as datas de sua agenda.

Quatro anos foram mais que suficientes para ela começar uma carreira nova, se tornar uma profissional talentosa e ganhar muito dinheiro. Se tivesse seguido o caminho da universidade, ao final do mesmo período de tempo, não teria nem começado sua carreira. Seria uma perda de tempo inaceitável.

O potencial de desperdício de um curso universitário é ainda maior do que se imagina. Muitas pessoas que ingressam em um curso superior optam por trabalhar com outra coisa depois, como o próprio caso de Pati também ilustra. Ela passou anos estudando computação, o que foi útil para sua primeira carreira, porém desnecessário quando tornou-se fotógrafa. E ela ainda deu sorte. Uma quantidade imensa de pessoas passa a vida trabalhando em carreiras que não têm relação direta com o curso universitário que fizeram.

Quando você estiver refletindo se ingressará em uma faculdade, lembre-se que os quatro anos que você passará lá poderiam ter sido suficientes para montar um negócio próprio e já estar ganhando dinheiro com ele. Você não

deve embarcar na universidade sem fazer este tipo de reflexão, como acontece com a maioria das pessoas. Seria pouco inteligente de sua parte.

Rigidez. Se você quiser construir uma vida plena e rica, se quiser ganhar dinheiro de verdade, se quiser ter liberdade, em suma, se quiser viver como poucos têm a chance de viver, vai ter de aprender sobre muitos assuntos. Poucos deles são ensinados ao longo de um curso universitário. Pessoas bem sucedidas não estudam apenas as matérias da faculdade. Elas estudam sobre os mais diversos aspectos que afetam a vida. Tópicos como: economia, finanças, psicologia, marketing, história, geografia, nutrição, educação física, artes, empreendedorismo, filosofia, informática, vendas, contabilidade, direito, matemática, física, política, história, design, relacionamentos, atendimento, recursos humanos, língua portuguesa, idiomas estrangeiros, publicidade, redação publicitária e muito mais.

Quando você ingressa em um curso universitário, você embarca em um processo de especialização. Você passa a estudar tudo o que tem a ver com uma carreira em particular, o que não é um problema em si. É importante especializar-se e tornar-se proficiente em algum assunto. O problema é que você tipicamente negligencia outras áreas do conhecimento humano, que são tão ou mais importantes para seu desenvolvimento pessoal. A universidade consome tanto tempo e energia, que não sobra muito para estudar sobre tópicos essenciais que ela não cobre. Isso te engessa. Em vez de se tornar uma pessoa flexível, capaz de se adaptar às mudanças, você se torna mais rígido. Quanto mais rígido, mais fácil de quebrar.

A situação piora ainda mais à medida que você avança pelos estágios da vida acadêmica, ingressando no mestrado e doutorado. Você vai aprendendo cada vez mais, sobre cada vez menos assuntos. Sua utilidade passa a restringir-se a uma área excessivamente limitada do conhecimento humano.

Doutrinação. A universidade também funciona, com frequência, como um instrumento de doutrinação. Dentro dela, você convive com um grupo de pessoas que compartilha visões de mundo e objetivos semelhantes. Todos querem terminar a faculdade, arrumar um bom emprego, comprar um carro, dar entrada na casa própria, casar, consumir, ter filhos e perpetuar o ciclo normal da sociedade.

Ninguém se incomoda de fazer o que é considerado normal, mas deveria. Porque o que é normal é viver como escravo. O normal é ter um emprego e seguir pela calçada ou pela via lenta rumo a uma riqueza que nunca chega. O normal é consumir mais que o necessário e não prestar

atenção para aspectos fundamentais da vida. O normal é assistir televisão, a novela, seriados e o jogo de futebol. O normal é chegar ao fim do mês apertado de grana. O normal é trabalhar em um emprego que detesta. O normal é ser saqueado pelo governo que cobra impostos pesadíssimos dos empregados. O normal é não ter tempo nem para o cônjuge, nem para os filhos, por passar horas no trânsito diariamente. O normal é desperdiçar cinco dias por semana, para ganhar a alforria no fim de semana. O normal é viver sonhando em viajar, sem poder fazê-lo, por estar preso a um emprego e inúmeras obrigações.

Tudo isso é normal, assim como é normalmente reforçado como natural, ao longo dos muitos anos de ensino universitário. E, dependendo dos professores que você encontre pela frente, ainda terá de aturar a doutrinação política, frequentemente baseada em ideias estapafúrdias, por melhor intencionadas que sejam. Pouca gente entende o mínimo que seja de economia, incluindo, sobretudo, políticos, governantes e muitos professores. O que não lhes impede de usar suas posições para propagar todo tipo de aberração ideológica.

Adquirir uma visão política e uma compreensão do que se passa na sociedade é fundamental para você decidir a melhor forma de se comportar nela. Entretanto, é importante que você escute e pondere sobre os mais diversos pontos de vista. Um problema cada vez mais sério, que aflige as universidades, é a falta de pluralidade de pontos de vista. Quando se trata de ideologia, existe uma que se sobrepõe e é amplamente divulgada para os alunos. Estes, com frequência, não têm tempo ou interesse em investigar o que é dito. Consomem besteiras ideológicas como se fossem verdades absolutas.

Em teoria, é possível atravessar um curso universitário e passar imune a todos estes problemas, mas não é fácil. Precisa estar muito preparado.

Algumas carreiras exigem a passagem por uma instituição de ensino superior, seja pela natureza do que é ensinado ou pela legislação em vigor. Carreiras médicas são um bom exemplo. É difícil se preparar para uma carreira em medicina, odontologia, enfermagem e farmácia, por exemplo, sem passar por uma universidade. Além das aulas, é importante a prática em laboratórios e o treino direto com profissionais da área e pacientes. Certamente é possível aprender muito sobre essas carreiras através de livros e cursos de especialização, porém seria complicado não passar por uma faculdade. Além disso, tais profissões estão submetidas a órgãos que as

regulamentam. Não é possível exercer a profissão de médico, por exemplo, sem ter um diploma de uma faculdade de medicina e ser credenciado ao Conselho Regional de Medicina. O mesmo também acontece com advogados, engenheiros, contadores, entre outros.

Se você pretende seguir carreiras como essas, que estão submetidas a conselhos de classe, você terá de fazer um curso universitário, querendo ou não. Porém há muitas outras que não possuem este tipo de restrição e podem ser aprendidas sem que você ingresse em uma universidade. A falta de um diploma é um impeditivo em determinadas profissões, porém não traz problemas na maioria das carreiras, especialmente se você tiver seu próprio negócio. Meu exemplo ilustra isso.

Só precisei mostrar meu diploma do bacharelado uma única vez na vida, quando fui contratado para o único emprego que tive. O do mestrado eu nunca precisei mostrar a ninguém. Isso porque passei a maior parte da vida adulta trabalhando em minha própria empresa. Ainda que trabalhasse para outras, no caso de computação, bastaria ser competente. Tenho inúmeros amigos que nunca se formaram em nenhuma universidade de computação e têm carreiras bem sucedidas na área.

Apesar de toda a crítica apresentada aqui, não estou sugerindo que você deixe de fazer uma faculdade. Estou apenas recomendando que você faça uma avaliação crítica. Não embarque nessa porque é o que todo mundo faz. Siga por este caminho apenas se concluir que é o mais indicado para você depois de analisar todas as alternativas.

Fiz faculdade. Passei um total de oito anos na [UFRJ](#), contando a graduação e mestrado em computação. Foi uma experiência útil e colhi frutos dela. Não posso reclamar e não estou aqui para cuspir no prato que comi. Longe disso. Sou profundamente grato pela oportunidade de fazer estes cursos. Parte do que sou hoje devo a eles. Entretanto, não posso negar que foi tempo demais. Além disso, em diversos pontos, foi um tempo mal usado.

O que eu poderia ter construído se tivesse investido estes mesmos oito anos de forma diferente? Será que eu me tornaria um desenvolvedor de software melhor? Será que eu teria conseguido criar um negócio melhor? Será que eu teria atingido minha independência financeira mais cedo? A essa altura, é impossível saber. Além disso, como já mencionei, os tempos eram outros. A internet estava só começando. Ainda não havia tantas

oportunidades quanto existem hoje para quem quer aprender por conta própria.

Por outro lado, se eu estivesse começando hoje, eu não ingressaria em uma faculdade de computação. Apostaria em outros caminhos para desenvolver minhas habilidades de forma mais rápida e com menos desperdício de tempo. E o que não faltaram foram desperdícios de tempo no meu curso universitário.

A faculdade adota o modelo de ensino *push* (de empurrar). Ela te empurra um monte de matérias, cujos conteúdos você pode vir a precisar ao longo da vida profissional. Se eles nunca forem requeridos, como ocorre na maior parte do tempo, você não fez mais que perder tempo. Quando você estuda por conta própria, você pode adotar o modelo *pull* (de puxar). Você vai puxando as matérias e assuntos que precisa aprender para resolver os problemas que vai enfrentando pelo caminho. Neste caso, você investe em projetos pessoais e se vira para aprender especificamente o que precisa para tocar tais projetos. Por exemplo, se você quiser criar um aplicativo para o iPhone, você sente a necessidade de aprender uma determinada linguagem. Essa necessidade é o que puxa seu processo de aprendizado. E isso é extraordinário, porque você sempre aprende mais rápido e com mais intensidade quando está tentando resolver um problema real.

Outro enorme desperdício eram as aulas no modelo tradicional, do "cuspe e giz". Os assuntos técnicos ensinados em uma sala de aula podem, em sua maioria, ser aprendidos com maior facilidade em um dos inúmeros tutoriais que você encontra pela internet. O que um professor leva duas horas para explicar, e muitas vezes ninguém consegue entender, uma pessoa interessada aprende em poucos minutos assistindo um vídeo bem produzido na internet. Basta saber procurar.

Ter uma necessidade real, na forma de um projeto, e tamanha abundância de aulas espalhadas pela internet, muda o jogo por completo. É por isso que, no meu caso particular, de computação, eu não faria uma faculdade de novo. Especialmente se o objetivo fosse montar meu próprio negócio. Não é à toa que tantos empreendedores de sucesso em computação abandonam seus cursos universitários.

Voltando a seu caso, digamos que você queira muito fazer uma faculdade ou tenha de fazê-lo pela natureza do assunto que deseja estudar. Existe um caminho alternativo, que consiste em adiá-la um pouco.

Aos dezessete anos, em vez de ingressar imediatamente na universidade, imagine que você escolha iniciar seu próprio negócio enquanto ainda mora com os pais e não precisa se preocupar em pagar as contas de casa. Tendo concluído a escola, você não perde mais tempo com ela. Portanto, pode dedicar todas as horas do dia a montar e fazer funcionar o seu negócio. Você tem energia de sobra, tempo e nenhuma preocupação financeira. Essa é uma combinação poderosa e única.

Você se dedica, estuda tudo o que precisa para montar seu empreendimento, faz tentativas, falha aqui, acerta ali, sofre, se frustra, se alegra, se preocupa, supera todos os altos e baixos, e, eventualmente, encontra o caminho e começa a ganhar dinheiro. É pouco no início, mas vai crescendo, à medida que suas ações vão ficando mais certeiras.

Ao final de quatro anos, você tem um negócio sólido e está ganhando mais dinheiro do que jamais imaginou. Talvez você até alcance sua independência financeira. Fácil não é, porém é possível, desde que você tenha propósito, foco e empregue muito esforço.

Do alto de seus 21 anos, tendo vivido como empreendedor por quatro anos, você adquire um conhecimento de vida e uma experiência que seus colegas, que estão se formando na faculdade, não têm e talvez nunca venham a ter ao longo da vida. Você está começando a vida adulta com uma bagagem que poucas pessoas têm.

A essa altura, com toda essa bagagem, você enxerga o mundo com novos olhos. Eles te permitem tomar decisões melhores. É um ótimo momento para você reavaliar seu desejo de ingressar em uma universidade. Pode ser que você adquira uma convicção ainda mais forte de que este é o caminho certo ou perceba que seria algo desnecessário. Sua capacidade de tomar esta decisão aos 21, depois de ter vivido quatro anos como empreendedor, é maior que aos 17. Você é outra pessoa, com outro nível de maturidade e melhor capacitado para escolher.

Supondo que você decida mesmo ir para a faculdade, resta saber que curso fará. Talvez seja o mesmo que você já tinha em mente quando estava com 17 anos. Porém há uma boa chance de que você faça a opção por outro tópico, cuja necessidade lhe parece mais urgente. Viver como empreendedor é útil para você compreender seus interesses e quais deles podem lhe trazer maior retorno ao longo da vida.

Finalmente, imagine que você, aos 21 anos, tem dinheiro, um negócio funcionando que gera mais dinheiro a cada dia, convicção de que precisa ir

para a faculdade, a certeza de qual curso vai fazer e muita experiência acumulada. De posse de tudo isso, você tem condições de ir para qualquer universidade que quiser. Você pode descobrir qual é o melhor curso do mundo sobre a carreira que deseja seguir e ir fazê-lo. Não importa se ele está no Brasil ou do outro lado do planeta. Você tem dinheiro e um negócio que continua produzindo dinheiro. Portanto, você tem liberdade de ir para onde quiser e fazer o curso que quiser, na universidade que lhe parecer melhor.

Agindo dessa forma, você supera com facilidade os custos que mencionei antes de ir para uma universidade. Você tem dinheiro para pagar por ela, portanto não precisa se endividar nem gerar gastos para seus pais. Seu negócio gera receita suficiente para pagar a mensalidade do curso e suas despesas mensais. O tempo que você gasta na universidade não te impede de ganhar dinheiro porque seu negócio está gerando receita para você.

Neste estágio, já tendo um negócio lucrativo e bem automatizado, você pode administrá-lo gastando poucas horas por semana, o que é fácil de fazer em paralelo com a universidade. O custo de oportunidade não é alto, porque você fez uma escolha de curso mais acertada. Além disso, se ela tiver relação direta com seu negócio, você já pode ir aplicando nele o que for aprendendo no curso. Você pode aprimorar seu negócio enquanto ainda está no curso. O processo de especialização não te engessa tanto porque você já expandiu seu conhecimento de mundo no processo de criar sua empresa. Este mesmo conhecimento, assim como a experiência que você carrega, te imunizam da doutrinação que você encontrará na universidade. Enquanto seus colegas estarão sonhando com um emprego bem pago, você estará seguindo pela via expressa, com a confiança de que está fazendo a coisa certa. Doutrinação não funciona tão bem quando você já não é mais tão ingênuo.

Assumindo que seu curso demore quatro anos, você terá seu diploma aos 25. Enquanto seus amigos de escola, que se graduaram aos 21 anos, estarão em empregos, em início de carreira, encarcerados no escritório cinco dias por semana, possivelmente ganhando salários baixos, você terá 8 anos de experiência como empreendedor, um negócio sólido gerando dinheiro para você, um diploma e a o resto da vida para fazer o que bem entender.

Adiar quatro anos para entrar na universidade parece assustador quando a gente tem 17 anos de idade, porém, quando você tiver 30, 40, 50 anos,

isso parecerá insignificante. E você poderá olhar para trás com orgulho por ter ingressado na via expressa dos milionários tão cedo. Talvez nem sejam necessários quatro anos. É possível que você consiga estabelecer um negócio lucrativo em menos tempo.

E se der tudo errado? Ainda assim, terá dado certo. Ganhar dinheiro com seu empreendimento não é garantido, mas ganhar conhecimento e experiência é. Eles valem ouro. Mesmo que você não ganhe um único centavo em seu negócio, seu esforço será amplamente recompensado com uma melhor compreensão do mundo em que habita. Você chegará à universidade um pouco mais tarde que seus amigos, porém melhor preparado para tomar decisões e aproveitá-la.

Os resultados que a gente alcança na vida dependem de nossas decisões. E as decisões que a gente toma mais cedo, quando ainda somos novos, são as que produzem os maiores impactos. Os caminhos que a gente escolhe seguir não têm volta, com frequência. É preciso muita atenção a cada encruzilhada. Nessa faixa etária, antes dos 18 anos, você tem algumas das decisões mais importantes da vida diante de si. Não siga a manada sem refletir cuidadosamente sobre o que está fazendo. Pode ser mais perigoso do que você imagina.

A essa altura, você deve estar se queixando porque ainda não respondi como você faz para ser nômade digital, para ontem. De fato, não comecei respondendo esta pergunta diretamente porque, se você ainda não tem nem 18 anos, esta é a pergunta errada. É como querer ser milionário sem nunca ter trabalhado e produzido algo útil. A Mega-Sena está aí para mostrar que não é impossível, mas as chances são ínfimas.

Neste estágio da vida, a forma mais rápida e garantida de virar um nômade digital é estudar e trabalhar muito para se tornar uma pessoa valiosa. Alguém com conhecimento, experiência e dinheiro. A capacidade de viver como nômade digital, ou da forma que você quiser, é consequência.

Existem atalhos. Se você quiser criar um negócio de sucesso, tente se cercar de empreendedores de sucesso. Quanto mais tempo você passar na companhia deles, mais rápido aprenderá o que é preciso fazer para sua empresa dar certo. Há vários caminhos para isso. Suponha que você admire um empreendedor em particular e queira se aproximar dele. Você pode entrar em contato, oferecer seus serviços sem cobrar nenhuma remuneração e atuar como um aprendiz para ter a oportunidade de acompanhá-lo de

perto. O caminho do aprendiz é o que Pati trilhou quando começou a estudar fotografia de casamento. Deu certo e a ajudou a atingir o sucesso com rapidez.

Você também pode entrar em contato com empreendedores e pedir conselhos específicos relativos a seu negócio. Não há nenhuma garantia de que receberá uma resposta, mas não custa tentar. Se fizer isso, lembre-se apenas de um detalhe fundamental. Jamais peça dicas genéricas. Se tem uma coisa que uma pessoa bem sucedida odeia é um pedido de dicas genérico. Nunca peça, por exemplo, dicas para sua empresa bombar.

Não dá para responder uma pergunta dessas porque falta contexto e porque o assunto é excessivamente amplo. Sua chance de obter uma resposta útil aumenta se você tiver uma dúvida específica. Por exemplo, você está em dúvida sobre que ferramenta utilizar em suas campanhas de email marketing. Depois de avaliar todas elas, você está indeciso entre duas específicas. Ambas parecem ótimas, mas você não consegue se decidir. O empreendedor que você está procurando usa uma dessas ferramentas e você lhe pergunta porque ele a escolheu, em detrimento da outra. Isto é um tipo de dúvida específica. E mais, ela mostra que você não é uma pessoa preguiçosa. Você fez a pesquisa, você tentou solucionar o problema por conta própria e o que falta é só um pouquinho, que você ainda não conseguiu resolver sozinho e a outra pessoa provavelmente tem a resposta.

Você também pode se cercar de empreendedores de forma virtual, através de livros, *podcasts* e vídeos. Quanto mais você consumir informação sobre o que outros empreendedores fazem, mais você terá a chance de aprender com eles. Você não imagina o quanto isso pode acelerar seu aprendizado e te aproximar de seus objetivos.

Outra coisa que você também pode fazer é, por incrível que pareça, arrumar um emprego ou fazer trabalhos *freelance*, sempre que eles possam te ajudar a ganhar conhecimento e experiência para o empreendimento que você deseja montar. Empregos e trabalhos *freelance* são passos legítimos na caminhada de um empreender se forem usados apenas por um tempo, tanto para fazer um caixa, quanto para obter conhecimento. Se for um trabalho que você possa fazer de forma remota, você já pode até começar a viajar pelo mundo. Entretanto, trata-se de uma estratégia que precisa ser avaliada com cuidado.

Não sou grande fã de empregos remotos e trabalhos *freelance* porque não gosto de carregar baldes. A ideia de trocar horas de trabalho por

dinheiro me assusta. Prefiro construir um sistema que trabalhe por mim e libere meu tempo, em vez de fazer o trabalho diretamente. Então, não acho que viver de empregos remotos e trabalhos *freelance* seja a melhor estratégia para quem deseja ser nômade digital. Em todo caso, você pode usá-la se estiver com pressa e, especialmente, se puder adquirir conhecimentos e experiências úteis para seu futuro empreendimento.

Uma grande vantagem de sair logo é se livrar do campo gravitacional que te atraia para a vida "normal". Passar um tempo longe dos amigos e da família pode te ajudar a concentrar-se em seu empreendimento e te afastar das pressões sociais para ir para a faculdade ou arrumar um emprego tradicional.

É perfeitamente possível montar seu negócio, sua máquina de fazer dinheiro, depois que você já estiver na estrada. Pode até ser mais fácil, como acontece no meu caso, já que tenho dificuldade de concentrar-me quando visito o Brasil. Para isso, o emprego ou freela remoto não pode ocupar todo o seu tempo. Tem que sobrar algo para você investir em seu negócio. E é importante que você gaste o mínimo possível para que também sobre dinheiro para investir em seu empreendimento.

Para viajar gastando pouco, é vital estudar essa vida nômade e tudo o que pode ser feito para economizar no transporte, acomodação e no dia a dia. Quanto mais você domina as habilidades de um nômade digital, menos você gasta.

Além de tudo o que foi explicado aqui, você precisa estudar inglês e dominá-lo. Para ser um empreendedor de sucesso e um nômade digital, é vital ter intimidade com inglês. Você precisa ser capaz de ler livros, escutar *podcasts*, assistir vídeos, ler artigos e interagir com pessoas em inglês. É importante que você tenha a mesma intimidade com ele que possui com o português. Portanto, seja qual for o caminho que você escolha, reserve uma parte do seu tempo diário para estudar ou aperfeiçoar seu domínio do inglês. Garanto que este será um dos investimentos que trará mais retorno em sua vida.

Dos 19 aos 34 anos

Os primeiros anos da vida adulta trazem grandes transformações e as primeiras decepções com o curso normal da vida. Você está na faculdade ou em seu primeiro emprego. Já não mora na casa dos pais ou está preparando-

se para sair dela e ir morar por conta própria. Já comprou um carro ou está em vias de comprar um. Está namorando com o intuito de casar em breve ou já está casado. Está estudando a hipótese de entrar em um financiamento da casa própria ou já embarcou nessa.

Antes dos dezenove, a grande decisão era sobre a carreira e você ainda não tinha ingressado em nenhum caminho sem volta. Agora, dos 19 aos 29, além de conviver com as consequências desta decisão, você se depara com outras, igualmente importantes relacionadas aos primeiros empregos, grandes aquisições, como carro e casa, casamento, filhos e assim por diante. Este início da vida adulta vem acompanhado de transformações profundas.

Também começam a surgir as primeiras decepções. A universidade te frustra com matérias que parecem ter pouca utilidade para sua vida futura (o que muitas vezes é verdade), carga horária excessiva, custo elevado e incerteza sobre seus reais benefícios. Ao ingressar no primeiro emprego, você descobre que não está tão preparado quanto deveria. Apesar de tantos anos na universidade, você ainda precisa aprender muito para executar as atividades exigidas pela empresa. O salário é aquém do que gostaria, o trabalho não é assim tão interessante e você perde horas do dia no trânsito. A vida se espreme nos finais de semana, se lhe sobrar energia para fazer uso dela.

Você deixa a casa dos pais e vai morar por conta própria. Liberdade, finalmente. Agora as regras são suas e as contas também. Não é fácil pagá-las. Quando olha para elas, você percebe que a casa dos pais até que não era assim tão ruim.

Morar sozinho é difícil. Você sente falta de companhia e deseja encontrar uma pessoa especial. Gasta o que pode e o que não pode para ter um bom visual, sair com os amigos e tentar encontrar a cara-metade.

Na esperança de facilitar a vida, você compra um carro. Ele representa mais conforto e rapidez para ir ao trabalho. Você também pode usá-lo para sair com os amigos. A vida fica melhor com seu companheiro inseparável.

Você encontra a pessoa amada. Juntos, começam a traçar planos para o casamento. A renda conjunta é maior e vocês concluem que seria bom dar entrada em um imóvel próprio. Afinal, todos dizem que pagar aluguel é um desperdício de dinheiro.

A boa notícia é que, a esta altura, você provavelmente já possui um conjunto de habilidades úteis. Portanto, pode começar a ganhar dinheiro ou já está ganhando, o que é fundamental para ser um nômade digital. A má

notícia é que, se você é como a maioria das pessoas, já está começando a ser acorrentado. Compromissos com a universidade, emprego, namorado ou namorada, casamento, financiamento e talvez até mesmo filhos, podem tornar difícil a opção por uma vida nômade.

Para fazer essa transição, você tem o desafio de se liberar dos compromissos que já assumiu, achar uma forma de ganhar dinheiro online e montar uma reserva financeira. Isso não acontece da noite para o dia. É preciso traçar um plano de ação.

Nesta faixa etária, por mais que você já tenha algumas amarras, é provável que elas sejam reversíveis. Ter um emprego público é uma das amarras mais difíceis de remover. Você pode pedir demissão, mas é preciso coragem diante da enorme pressão que a sociedade faz para você nem sequer pensar em uma loucura dessas. Assim mesmo, tenho amigos que tomaram essa decisão e não se arrependem.

Ter filhos torna seu projeto mais desafiador, porém talvez mais gostoso. A possibilidade de lhes apresentar o mundo pode servir de incentivo adicional. E, nesta faixa etária, é provável que eles ainda sejam pequenos e não estejam em idade escolar, o que facilita um pouco.

Talvez você não tenha nem emprego público nem filhos, porém tenha uma ou mais dívidas. Antes de partir, você deve quitá-las. Dívidas aprisionam. É importante se livrar delas e substituí-las por uma reserva financeira saudável.

Livrar-se das amarras exige que você faça escolhas, muitas vezes difíceis. O desafio de escolher não se resume a decidir o que irá adicionar a sua vida. O mais difícil é abrir mão do que possui. Desapegar do carro, por exemplo, pode ser mais doloroso do que se imagina, especialmente se você mora em uma cidade com transporte público precário. Tudo aquilo que você tiver de deixar vai doer. Contudo, lembre-se que, como diz o ditado chinês, para experimentar novos chás, é preciso esvaziar a xícara.

O momento certo de se desfazer de cada amarra vai depender de seu plano. Por exemplo, se você planeja partir dentro de dois anos e vive em um lugar onde precisa do carro todos os dias, talvez não faça sentido começar o processo se desfazendo dele. A ordem das etapas de seu plano precisa fazer sentido. É importante pensar sobre elas com antecedência e colocar as ideias no papel.

Você pode e deve atualizar seu plano quantas vezes forem necessárias. O que não dá é para deixar de ter um plano. Você precisará de um e é

importante que ele tenha uma data final, quando você espera partir. Ter uma data cria uma linha de chegada imaginária. Visualizá-la te ajuda a estabelecer prioridades e a ajustar a rota ao longo do caminho.

O que é melhor? Continuar no emprego atual, porém fazê-lo à distância? Buscar um emprego remoto? Começar a oferecer seus serviços como *freelancer*? Ou montar um negócio com alto potencial de retorno? Não existe uma resposta certa, genérica, que eu possa te oferecer. Porque ela depende de fatores que só você conhece.

Para algumas pessoas, começar a trabalhar de forma online é trivial porque suas profissões se adaptam bem a esta modalidade de trabalho. Outras talvez precisem aprender uma profissão nova. Algumas já tiveram experiências empreendedoras e sentem que podem começar um novo negócio com rapidez. Outras nunca se arriscaram em qualquer empreendimento e se sentem mais seguras buscando um emprego.

O que você precisa fazer é pesquisar e pesar as alternativas. Leia atentamente a parte do livro que aborda trabalho. Estude todas as opções apresentadas lá e avalie qual poderia funcionar melhor para seu caso particular. Como você já deve ter percebido, não sou fã de carregar baldes, ou seja, ter um emprego, trabalhar como *freelancer* ou fazer qualquer atividade em que troque horas de trabalho por dinheiro. Prefiro construir sistemas que trabalhem por mim. Entretanto, mesmo no meu caso, percorri um longo caminho até criar um produto e um negócio que pudesse fazer o trabalho pesado por mim. É perfeitamente válido começar essa vida nômade trocando horas por dinheiro e migrar para um negócio que te gere receita passiva mais adiante. Este é o caminho natural que muitos empreendedores trilham.

Uma vez que você tenha escolhido um caminho, não jogue tudo para o alto e faça uma mudança radical. O ideal é dar passinhos de bebê. Siga com calma e segurança. Identifique o que precisa mudar em sua vida e faça uma mudança de cada vez. Mudar dá trabalho, consome energia e dói. Tentar mudar tudo de uma vez é ineficaz. Gera estresse demais e contribui para você desistir. Controle a ansiedade e faça as mudanças de forma gradual.

Aproveite a jornada para estudar todos os detalhes dessa vida nômade. Quanto mais você se cercar de conhecimento útil, menos precisará gastar na estrada e, portanto, mais rápido conseguirá partir. Esse livro apresenta inúmeras formas de economizar e reduzir os riscos de problemas ao longo

do caminho. É importante digeri-lo por completo e adaptar seu plano à medida que vai aprendendo o que pode fazer para economizar.

Felizmente, não é preciso muito dinheiro para viver como nômade digital. Você provavelmente poderá viver com menos do que gasta na atualidade. Entretanto, isso só acontecerá se você souber economizar na estrada, o que reforça a necessidade de estudar o assunto com atenção antes de sair pelo mundo.

Quando você conseguir um trabalho que possa fazer de forma remota, não jogue tudo para o ar e se lance ao mundo imediatamente. Faça alguns experimentos primeiro. Comece viajando para perto de casa por alguns dias. Faça seu trabalho de onde estiver e veja se consegue se adaptar bem. Gostou da experiência? Então faça outra viagem, para mais longe e por um período de tempo maior. Avalie novamente se gosta da experiência e se deseja continuar.

Você não é obrigado a mergulhar de cabeça na vida nômade. Pode começar colocando o dedinho do pé na água e ir entrando aos pouquinhos. Viver como nômade é maravilhoso para quem realmente gosta. Contudo pode se revelar uma experiência ruim para outras pessoas. Você não sabe como será no seu caso antes de tentar. Por essa razão, não queime as pontes imediatamente. Assuma que existe a chance de você não gostar ou de a experiência não dar certo. Se isso ocorrer, você pode retomar a vida habitual sem maiores traumas.

Por outro lado, se tudo der certo, basta subir a âncora e zarpar de vez, com a confiança de que está fazendo a coisa certa. Neste caso, se você mora em um imóvel alugado, o ideal é encerrar a locação. Eliminar as contas de casa muitas vezes já te permite fazer uma economia suficiente para viabilizar a vida nômade, assumindo que você tenha encontrado uma forma de ganhar dinheiro enquanto viaja, naturalmente. Se possível, venda tudo que há dentro de sua casa. O dinheiro arrecadado ajudará a reforçar sua reserva financeira.

Você provavelmente retornará de tempos em tempos para visitar a família e os amigos. Se houver algum item de casa que você acredita que possa ser útil em seu retorno, deixe com um familiar. Em nosso caso, por exemplo, não vendemos nossa cama. Em vez disso, a transferimos para o quarto que era de Pati na casa da mãe dela. Isso foi ótimo, já que nos hospedamos lá diversas vezes aos longos dos anos e pudemos matar as

saudades de nosso colchão. Só fique atento para não guardar o que é desnecessário, ou seja, a maioria das coisas que você tem hoje.

Dos 35 em diante

A partir dos 35, é normal que sua carreira esteja bem consolidada e você tenha um salário satisfatório. Entretanto, quanto mais velho vai ficando, mais compromissos costuma acumular. A principal diferença em relação à faixa etária anterior é que seu maior desafio possivelmente não será dinheiro, mas sim livrar-se das amarras que acumulou ao longo do tempo e superar o medo das mudanças.

Quanto mais velho você fica, quanto mais tralhas acumula, mais desenvolve a percepção de que tem muito a perder. E quanto mais você acha que pode perder, menos você quer mudar o que vem dando certo, ainda que não esteja dando tão certo assim. É difícil mudar de estilo de vida, de forma tão radical, à medida que você envelhece. Ainda que você queria mudar, às vezes é impossível convencer o cônjuge ou complicado levar os filhos, por já estarem mais velhos. Fora as eventuais dívidas e pilhas de compromissos financeiros.

Do ponto de vista de carreira, mudar para um emprego que possa ser feito remotamente ou um trabalho *freelancer* pode implicar em menores rendimentos, o que só colabora para aumentar suas preocupações. Em vez disso, acredito que, a esta altura da vida, a melhor opção seria buscar voos mais altos.

Quase todos os obstáculos que você encontra podem ser resolvidos se você tiver muito dinheiro. Até mesmo convencer o cônjuge e os filhos fica mais fácil quando existe dinheiro sobrando. Por essa razão, uma das melhores alternativas é investir na criação de uma negócio online com elevado potencial de retorno. É criar um sistema que possa trabalhar por você e te ajudar a enriquecer rapidamente.

Não é fácil, mas se você conseguir enriquecer em poucos anos, dificilmente terá problemas para se desvencilhar das amarras. E pode até manter algumas coisas como estão. Se conseguir gerar uma renda passiva elevada, por exemplo, você pode manter sua casa no Brasil. Não precisa se livrar dela. Manter a casa torna mais fácil convencer o restante da família a te acompanhar pelo mundo. De fato, você nem precisa lhes propor uma vida

nômade. Pode simplesmente convidá-los a fazer diversas viagens com você, sempre retornando ao Brasil para recarregar as energias.

Dinheiro em excesso tem uma tremenda capacidade de remover obstáculos. Ele é capaz de comprar a liberdade, mesmo da pessoa mais enrolada.

A boa notícia é que, a esta altura da vida, você tem muito conhecimento e experiência. Sua capacidade de resolver problemas é elevada, o que aumenta sua chance de criar algo que faça a diferença na vida de um grande número de pessoas.

Você não precisa abandonar o que está fazendo para criar um negócio online. Pode começar em paralelo ao seu trabalho atual, estudando e preparando seu negócio nas noites e finais de semana. Trata-se de um tremendo desafio e não há garantias de sucesso. Porém, se você realmente quiser se libertar e vivenciar tudo o que mundo tem para oferecer, vale a pena tentar.

De quebra, se após alguns anos você conseguir criar um negócio tão lucrativo que te enriqueça, não apenas você poderá começar a viajar com tranquilidade, como também terá criado uma forma adicional de aposentadoria. Isso resolve dois problemas importantes de uma vez só.

Leve em consideração tudo o que já foi dito sobre as faixas etárias anteriores e crie um plano para você. Ele provavelmente tomará alguns anos. Tenha paciência e siga em frente. Faça algo que vale a pena e tenha a possibilidade de trazer retornos financeiros elevados. Crie um sistema que trabalhe por você.